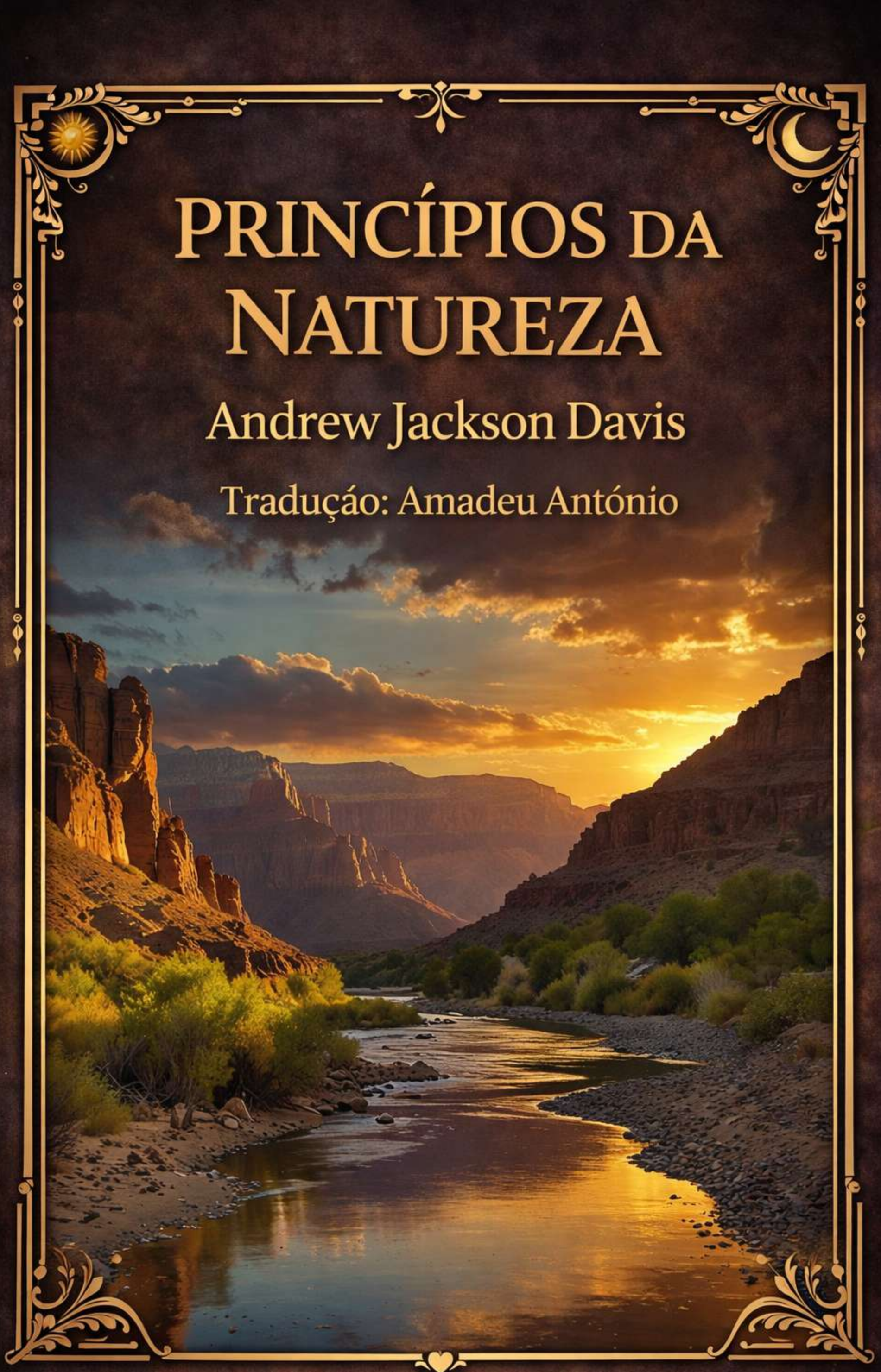
PRINCÍPIOS DA NATUREZA

Andrew Jackson Davis

Tradução: Amadeu António



OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA, AS SUAS DIVINAS REVELAÇÕES E UMA VOZ PARA A HUMANIDADE

POR E ATRAVÉS DE ANDREW JACKSON DAVIS, O "VIDENTE DE POUGHKEEPSIE" E "CLARIVIDENTE" EM TRÊS PARTES

PRIMEIRA PARTE

Qualquer teoria, hipótese, filosofia, seita, credo ou instituição que tema a investigação, manifesta abertamente o seu próprio erro.

SEGUNDA PARTE

A razão é uma flor do espírito, e o seu perfume é liberdade e conhecimento.

TERCEIRA PARTE

Quando a justiça distributiva penetrar o mundo social, a virtude e a moralidade florescerão com uma beleza imortal; enquanto o Sol da Retidão surgirá no horizonte da indústria universal, e derramará os seus raios benéficos sobre todos os campos da paz, abundância e felicidade humana!

TERCEIRA EDIÇÃO
1847

INTRODUÇÃO DO ESCRIBA

ESBOÇO BIOGRÁFICO DO AUTOR E HISTÓRIA DA PRODUÇÃO DESTE VOLUME

Uma obra de carácter sem precedentes é aqui apresentada ao mundo. Consiste nos raciocínios consecutivos e revelações de um espírito libertado, por um certo processo físico — cuja filosofia é explicada — da influência obstrutiva da organização material, e exaltado a uma posição que lhe deu acesso ao conhecimento da estrutura e das leis de todo o Universo material e espiritual.

Trata de assuntos do mais profundo interesse e da mais indizível importância para a raça humana; e, sendo as suas pretensões assumidamente de carácter espantoso, e as suas supostas revelações, com os fenómenos que as acompanham, em certos aspetos sem paralelo na história da psicologia, é certamente mais do que justo que o mundo seja provido com um relato simples, conciso, mas circunstanciado do autor do livro, com uma história da sua origem e produção, e com os meios de verificar ou refutar o que é dito acerca da fonte de onde provém e dos meios utilizados na sua produção. No entanto, consideram-se apropriadas algumas observações preliminares como introdução às declarações aqui a apresentar.

É óbvio para qualquer mente inteligente que a condição da raça humana — socialmente, nacionalmente, mentalmente e espiritualmente — está em constante mudança. Não existe atualmente nenhuma nação civilizada no globo que não apresente um aspeto totalmente diferente, em termos de costumes, estruturas sociais, ciência, arte, religião e todos os convencionalismos da vida, de qualquer nação existente há quatro mil anos. Cada período da história humana revela, no geral, um progresso distinto na condição da humanidade em relação aos períodos anteriores.

Exemplos de aparente retrocesso, como nos casos das várias catástrofes que ocorreram em diferentes períodos da história geológica da Terra, apenas demonstram a aparente desordem própria de uma transição de um estado inferior para um mais elevado de desenvolvimento. Ao passar pelo rude semi-barbarismo das eras antigas até às refinadas conquistas intelectuais e artísticas do século XIX, a humanidade percorreu, como é natural, todos os estágios intermédios de cultivo; e uma observação e análise atentas demonstrarão que cada etapa decisiva do progresso humano foi acompanhada por novas e distintas necessidades mentais e sociais; e, para que estas fossem devidamente supridas, novos recursos foram invariavelmente abertos, e novos instrumentos instituídos.

Seria, portanto, necessário pouco argumento, além do facto de que a mudança é perpétua, para provar que as necessidades mentais e sociais do presente diferem essencialmente das de qualquer geração anterior. Talvez em nenhum outro período da história mundial tão pouco caracterizado por violência revolucionária, tenha a condição mental e social geral da humanidade sofrido mudanças tão marcadas e notórias como no último século. Especialmente no que respeita a todas as questões de ciência, verificou-se um enorme desdobramento; e as artes mecânicas e económicas foram melhoradas de forma correspondente.

Os sete selos do grande livro geológico foram rompidos, e as suas folhas rochosas revelaram a história física da Terra ao longo de milhões de anos. Telescópios poderosos penetraram os abismos do espaço, e a grandeza e harmonia do Universo foram desveladas a um grau que transcende largamente toda conceção anterior; e as investigações nos domínios da química, fisiologia e anatomia comparada estão a provar, de forma cada vez mais evidente, que todas as coisas são partes inseparavelmente ligadas num único grande Sistema. Todos estes sublimes resultados da ciência tendem a expandir a mente para além do círculo estreito de que o eu é o centro, e a unir a alma às coisas que contempla, observa e admira. O homem torna-se assim profundamente consciente de que é um mero átomo no espaço infinito, rodeado por seres e criações incomensuravelmente mais importantes do que ele próprio; e, ao contemplar os vastos campos da criação, repletos de sinais de favor imparcial, uma chama de filantropia acende-se na sua alma, que consome todos os

preconceitos estreitos e inclinações egoístas, e ele simpatiza com o Homem universal como o grande Corpo de que é apenas um órgão.

Tais são as tendências morais e sociais da ciência da época, mesmo considerando-a sob um ponto de vista mais abstrato. Mas da mesma fonte surgem, indiretamente, influências ainda mais importantes. A partir dos materiais da ciência, a mão laboriosa da mecânica está a formar filamentos que unem os extremos de cada nação, desenvolvendo os recursos, trocando as mercadorias e harmonizando os interesses de todos os climas. Corcéis de ferro, estimulados pela força do vapor em expansão, lançam-se pelos oceanos, medindo a distância entre os dois hemisférios pelo simples decorrer de alguns dias, ou galopam por entre a terra, facilitando trocas e promovendo o convívio amistoso entre todas as comunidades e povos.

Os elementos imponderáveis foram postos ao serviço do homem e, através da subtil agência do fluido elétrico, este comunica com o seu semelhante a mil milhas de distância com a mesma facilidade com que dois conversariam a poucos passos um do outro. As veias, artérias e nervos do grande Corpo da humanidade estão, assim, a ser desenvolvidos sob a forma de paquetes a vapor, caminhos-de-ferro e telégrafos magnéticos; e os seus músculos e tendões estão a ser desdobrados na forma de maquinaria produtiva e poupadora de trabalho. E toda a ciência e arte tendem fortemente a estender as fibras e canais de comunicação assim desdobrados por toda a Terra, formando assim de toda a raça um Corpo harmonioso, possuindo uma fonte comum de ação, um sistema social e teológico comum, e unido por uma única cadeia de simpatia que atravessa todas as suas partes diversificadas.

Tais são, dizemos nós, as tendências evidentes e poderosas de todas as conquistas científicas e artísticas da época. Mas a estas tendências opõem-se os mais poderosos obstáculos, que até agora desafiaram todos os esforços de filantropos e reformadores para os remover. Estes obstáculos consistem nos preconceitos locais e nos antagonismos sociais, nacionais, comerciais e teológicos que prevalecem em todo o mundo. Todos os homens e comunidades anseiam pelo estabelecimento de uma unidade mais íntima da raça, mas cada um deseja que essa unidade se funde sobre a base do seu próprio sistema peculiar. O calvinista desejaria que todo o mundo formasse uma única fraternidade harmoniosa, possuindo uma só fé, uma só esperança e um só batismo — mas que todos fossem calvinistas; o arminiano deseja a mesma união, mas apenas com base no seu próprio sistema teológico. O católico deseja que todos se tornem católicos, e só com essa condição aceitará uma união com os outros. Os judeus desejam uma unidade da raça, mas desejam primeiro ser restaurados à terra da Palestina, e que todas as nações gentias se unam como seus subordinados sob o reinado do seu esperado Messias.

O muçulmano esclarecido deseja o estabelecimento e aperfeiçoamento da fraternidade universal, mas exige que cada homem exclame devotamente: “Alá é

Deus, e Maomé é o seu profeta." E as mesmas observações poderiam ser feitas, com igual propriedade, a todas as partes, seitas, denominações e religiosos de todo o mundo. Todos são igualmente sinceros nas suas opiniões e igualmente zelosos na sua proclamação, acreditando cada um que o seu próprio sistema é sancionado pela Divindade; embora, como os devotos de todos os sistemas sociais, nacionais e especialmente teológicos derivam as suas opiniões das circunstâncias fortuitas do nascimento e da educação inicial, é impossível que mais de um em cada mil esteja certo, sendo extremamente provável que todos estejam errados.

E, enquanto os seguidores de cada sistema oram fervorosamente e trabalham diligentemente pela conversão do mundo inteiro, todos estão, mutuamente e intencionalmente, a obstruir os esforços uns dos outros; e essa obstrução gera impaciência, ciúme, fanatismo, intolerância e toda a espécie de hostilidade e perseguição que agora tão infeliz e intensamente dividem a raça humana, opondo irmão contra irmão e comunidade contra comunidade, levando a alma verdadeiramente filantrópica a chorar num desespero sem esperança.

É evidente para qualquer mente que, enquanto estes antagonismos diversificados existirem na sociedade em todo o mundo, a paz universal, o amor fraterno, e a unidade social e nacional — tão devotamente desejadas — não poderão jamais ocorrer. O desejo ardente do filantropo esclarecido é, portanto, que estes antagonismos sejam removidos mediante a instituição de algum Sistema grandioso e universal de pensamento e ação, baseado na natureza das coisas e nas verdadeiras relações dos homens entre si. Isto deve, pois, ser considerado como a verdadeira e principal necessidade da mente humana no presente, mais ainda do que em qualquer outra era anterior do mundo; e quem poderá julgar, a priori, que nas leis imutáveis do Ser Todo-Sábio não possam ter sido feitas provisões para suprir esta, assim como todas as reais necessidades da raça humana em todas as épocas passadas?

E quando às observações anteriores se acrescenta a consideração de que nem a razão nem qualquer revelação anterior autorizam a crença de que os canais de comunicação espiritual com este mundo inferior tenham sido encerrados permanentemente, não poderemos esperar uma atenção respeitosa às declarações e observações seguintes, e também uma leitura tão sincera quanto possível do volume aqui apresentado, que permita ao leitor julgar devidamente qual a relação (se é que há alguma) entre o mesmo e essas exigências da época que, de todas, são as mais prementes?

Andrew Jackson Davis, o jovem autor deste livro, é, no seu estado normal, desprovido de quaisquer características mentais ou físicas que possam atrair particularmente a atenção de um observador superficial. É de estatura comum, com uma compleição física bem proporcionada, possuindo um temperamento bilioso-sanguíneo-nervoso. Os seus traços são marcantes, e a sua cabeça é de tamanho

médio, muito suavemente desenvolvida, especialmente nas regiões frontal e coronal. A base do cérebro é pequena, exceto na região dos percetivos, que são proeminentes. A cabeça é coberta por uma profusão de cabelo negro como azeviche. A expressão do seu rosto é meiga, plácida, e indicativa de um grau peculiar de franqueza e benevolência; e dos seus olhos irradia um brilho peculiar que nunca observámos em nenhuma outra pessoa. Tal é especialmente notório nos seus momentos de meditação interior e expansão mental.

As suas paixões inferiores estão apenas moderadamente desenvolvidas e completamente sob o controlo da razão e dos sentimentos morais. Durante o convívio diário com ele por dezoito meses, nunca o vimos manifestar o menor grau de ira ou impaciência, mesmo em momentos de grande provação. Gosta muito de sociedade afim, embora seja particularmente sensível àquilo que no seu livro chama de "esferas" de certos indivíduos — ou seja, à influência ou atmosfera que deles emana. Assim, sente-se instintivamente atraído ou repelido por alguém ao entrar na sua presença pela primeira vez, e, pela mesma razão, forma geralmente um julgamento imediato do carácter humano que, em termos de precisão, raramente — ou nunca — observámos falhar.

Essa sensibilidade às esferas forma um traço marcante no seu carácter. Tem um apego extremamente ardente e devotado aos seus amigos. Não reconhece inimigos, embora a presença de certas pessoas — especialmente daquelas que são vaidosas, fanáticas ou dogmáticas — pareça causar-lhe sofrimento; e tais pessoas evita-as, em conformidade. Com espíritos afins, é inclinado à comunicação; e o seu trato é natural e simples, embora desprovido de qualquer artificialismo. O seu temperamento é caracterizado por uma equanimidade e jovialidade que nenhuma circunstância, por mais deprimente que seja, parece conseguir perturbar. A sua mente atua com vivacidade, e inclina-se fortemente para a jovialidade, embora nos informe que esta última característica é muitas vezes assumida como forma de contrariar uma tendência natural da mente para a abstração, o que constitui outro traço marcante da sua personalidade. As suas faculdades imaginativas estão bem desenvolvidas, embora não ao ponto de constituírem um traço proeminente.

Um amor supremo pela verdade é o ponto central em torno do qual gravitam todas as suas faculdades morais. Por isso, mantém-se inteiramente aberto à convicção proveniente de todas as fontes de informação, e está sempre pronto a abandonar opiniões previamente formadas, por mais queridas que lhe sejam, no momento em que percebe que estão erradas. É por essa razão que manifesta a mais completa indiferença quando as suas pretensões são atacadas. A sua benevolência é muito ativa e constante, não se restringindo a amigos, associados, partidos ou seitas, mas estendendo-se a todas as classes da humanidade.

Assim, retira enorme prazer em aliviar o sofrimento e em conceder favores sempre que a oportunidade surge, embora os seus dons sejam sempre graduados por uma acutilante discriminação das capacidades dos indivíduos em os apreciar e aplicar de forma proveitosa. As suas faculdades percetivas e reflexivas estão bem e harmoniosamente desenvolvidas; e o ponto mais proeminente do seu carácter intelectual é a facilidade e instintiva compreensão dos grandes princípios e leis que regem a Natureza e a Humanidade.

O seu intelecto harmoniza-se com as suas faculdades morais para formar um carácter perfeitamente equilibrado; e como todas as suas faculdades se encontram num estado quase igual de desenvolvimento, é notavelmente livre de exageros ou "formas angulosas de pensamento", sendo inclinado a atribuir a cada assunto que compreende toda a importância que lhe pertence realmente — mas nada mais. Por isso, o seu juízo é maduro num grau raramente testemunhado mesmo em pessoas de idade mais avançada; e talvez o mais notável de tudo seja que todas as suas principais operações mentais e ações exteriores parecem ser governadas por uma espécie de impulso interior. No seu conjunto, portanto, pode ser considerado um jovem extremamente amável, de coração simples, amante da verdade e não sofisticado, desligado de todas as seitas, partidos, credos e denominações, sendo governado unicamente pelas suas próprias intuições.

Tal é uma descrição do seu carácter no seu estado normal, tal como nos apareceu ao longo do convívio diário durante os últimos dezoito meses. E é devido à sua peculiar constituição física e mental que ele tem conseguido, com a ajuda do magnetismo, abstrair-se das tangibilidades grosseiras do mundo exterior e entrar num estado de extrema exaltação espiritual e expansão mental, que lhe permitiu ditar o livro agora submetido ao mundo.

Mas a mente dada principalmente a processos sensoriais de raciocínio, para se sentir justificada em depositar plena confiança na autenticidade deste livro, exigirá algum relato (que possa verificar ou refutar) da história passada do Sr. Davis, das suas aquisições por meios comuns de educação e disciplina mental, e da origem e produção deste livro. Esta exigência razoável será satisfeita na medida das nossas atuais possibilidades; e os factos principais serão corroborados pelo testemunho de pessoas desinteressadas.

Um exemplo curioso da indiferença do Sr. Davis para com coisas sem importância prática consiste no facto de que, até há pouco tempo, ele não sabia onde tinha nascido. No mais remoto período de que tem memória, vivia com os seus pais na localidade de Hyde Park, no condado de Dutchess, Estado de Nova Iorque; e durante dois verões da sua estadia naquela localidade, trabalhou também para o Sr. W. W. Woodworth como guardador de gado. Mas o seu pai informou-nos recentemente de que nasceu em Bloominggrove, condado de Orange, Nova Iorque, e que no dia 11

de Agosto de 1847 completaria vinte e um anos de idade — pelo que se conclui que nasceu a 11 de Agosto de 1826. De Hyde Park mudou-se com o pai para Poughkeepsie, a 1 de Setembro de 1838, após o que trabalhou com o pai na sua profissão durante cerca de dezoito meses. Imediatamente após isso, foi empregado na mercearia do Sr. Nicholas Lawrence, loja que o seu pai viria posteriormente a adquirir, e na qual permaneceu até à primavera de 1841, quando se comprometeu como aprendiz do Sr. Ira Armstrong.

O seu pai é um homem simples e sincero, que exerce a respeitável ocupação de sapateiro; e, no que diz respeito a bens materiais, sempre foi muito pobre. A sua mãe (falecida há muito tempo), segundo nos informaram, era uma daquelas criaturas gentis cujo maior prazer reside em se envolver em cenários de doença e sofrimento, e em prestar auxílio à humanidade em aflição. Nem o pai nem a mãe eram particularmente inclinados para os estudos intelectuais e, por isso, não sentiram qualquer ansiedade em proporcionar ao filho uma educação para além dos mais simples rudimentos que se podem adquirir numa escola comum. Devido a este facto, em conjunto com a apertada situação financeira dos pais, a educação escolar do rapaz limitou-se a cerca de cinco meses, durante os quais aprendeu a ler de forma imperfeita, a escrever com letra razoável e a resolver contas simples de aritmética.

Desde tenra idade, portanto, até ao momento em que iniciou a sua carreira como clarividente, esteve quase sempre ocupado em tarefas manuais apropriadas à sua idade, durante as quais os seus modestos rendimentos e as suas atenções afetuosas contribuíram grandemente para o sustento da sua família mais próxima. Com tais deveres e responsabilidades a pressionarem constantemente a sua mente, não teve nem o desejo nem a oportunidade de estudar ou informar-se, nem sequer sobre os ramos mais simples da ciência, história ou literatura geral.

Durante os intervalos das suas horas de trabalho, nunca foi visto a frequentar bibliotecas públicas, e raramente pegava num livro; e a sua leitura, muito limitada, confinava-se a algumas produções juvenis, ensaios dispersos e romances ligeiros, não ultrapassando, talvez, as quatrocentas ou quinhentas páginas no total; e mesmo esta pequena leitura foi realizada de forma extremamente dispersa. A franqueza, a abertura e a sinceridade que o caracterizaram desde a infância até ao presente momento, juntamente com as probabilidades derivadas da sua juventude e inexperiência nas artimanhas do mundo, excluem totalmente a suspeita de que pudesse ter andado secretamente a tramar qualquer desígnio malicioso para explorar a credulidade do público; e as limitações que a pobreza impôs ao seu desenvolvimento mental, bem como os inúmeros incidentes de um convívio diário e constante com uma ou mais pessoas, tornam absolutamente impossível que tenha levado a cabo em segredo um plano deste género — mesmo que fosse moralmente capaz de uma fraude tão evidente.

Os factos acima referidos foram recolhidos através de conversas informais e livres com diferentes pessoas que conheceram intimamente o jovem desde a juventude até à altura em que estabeleceu ligação com o Dr. Lyon e se mudou para Nova Iorque, em Agosto de 1845. A estas declarações acrescentaremos os seguintes testemunhos de cidadãos respeitáveis — o primeiro de Hyde Park, os três seguintes de Poughkeepsie, e o último do Rev. A. R. Bartlett, atualmente em Chicago:

Hyde Park, 2 de Janeiro de 1847

Caro Senhor: Em resposta à sua carta de 30 de Dezembro último, solicitando algumas informações sobre A. J. Davis, posso apenas dizer que nasceu nesta vila*, de pais pobres mas respeitáveis. O seu pai esteve ao meu serviço durante cerca de três ou quatro anos, na altura da juventude de A. J., e durante esse tempo vi o rapaz quase todos os dias. Nada havia de notável nele, a não ser talvez uma disposição curiosa, a qual, no entanto, não era marcadamente extraordinária. Tinha um bom carácter moral. As suas únicas oportunidades para obter educação foram as que uma escola distrital pode oferecer — e ele não demonstrava muita inclinação para as frequentar. Quanto às suas capacidades naturais, nunca vi nada que me levasse a crer que fossem acima ou abaixo da média. Em resumo, era o que se poderia chamar um rapaz comum, civilizado e bem-disposto.

Com os melhores cumprimentos,
JOHN HINCHMAN

Poughkeepsie, 2 de Janeiro de 1847

Amigo Wm. Fishbough: A tua carta de 30 do mês passado foi recebida, solicitando-me informações sobre o carácter, hábitos, etc., de A. J. Davis enquanto residente na nossa vila.

Conheci-o pela primeira vez quando tinha cerca de dezasseis anos, enquanto era aprendiz no ofício de sapateiro; e a partir de então vi-o frequentemente até deixar o local, o que terá ocorrido dois ou três anos depois, creio eu. Quanto ao seu carácter e hábitos, sempre os considerei bons; e as suas oportunidades de instrução, se é que teve alguma, foram muito limitadas. Acredito que seja um jovem sem educação formal, e de origens muito humildes.

Com todo o respeito, teu amigo,
E. C. SOUTHWICK

- Nota: trata-se de um erro, segundo a declaração anterior do seu pai, já mencionada.

Poughkeepsie, 21 de Janeiro de 1847

Caro Senhor: Ao satisfazer o seu pedido para lhe escrever um relato — favorável ou não — sobre o carácter, hábitos, educação, etc., do Sr. A. J. Davis, permita-me expressar a minha satisfação por poder apresentar um testemunho favorável. Mantive um conhecimento pessoal com o Sr. Davis durante três anos, em circunstâncias favoráveis à obtenção de um conhecimento correto do seu carácter, etc.; e estou tão convencido do seu valor moral e integridade que não hesitaria em depositar nele plena confiança, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Pelo facto de o ver e conversar com ele quase diariamente durante o primeiro ano do nosso convívio, e pela frequente relação que mantivemos posteriormente, considero que o conheço tão bem quanto qualquer outra pessoa; e esta é a opinião que formei dele.

A sua honestidade, franqueza, veracidade, sensibilidade — em suma, a sua virtude, no sentido mais pleno da palavra — são dignas de todo o elogio. Quanto à sua educação (refiro-me à adquirida na escola ou através de livros), sou forçado a dizer que é muito limitada, não tendo ele recebido, segundo frequentemente me afirmou, mais do que cerca de cinco meses de escolaridade; declaração essa corroborada pelo testemunho daqueles que o conhecem desde a infância. A sua leitura também foi limitada e de carácter pouco proveitoso. Serviu apenas como passatempo — uma mera gratificação momentânea. Na verdade, parecia não ter outro fim que não o entretenimento do momento.

Com os melhores cumprimentos,
S. S. LAPHAM

A carta seguinte, do Sr. Armstrong, a quem o jovem Davis serviu como aprendiz durante cerca de dois anos, merece especial atenção:

Poughkeepsie, 9 de Janeiro de 1847

Caro Senhor: A sua carta foi recebida há alguns dias, mas só agora consegui responder. O mundo, diz, poderá ainda perguntar: Quem é A. J. Davis? A esta pergunta, na medida do meu conhecimento, darei uma resposta franca e verdadeira. Da vida precoce de A. J. Davis nada sei, a não ser pelo seu próprio relato, corroborado pelo testemunho de outros. O seu pai vivia em circunstâncias extremamente difíceis; tão difíceis que Jackson, desde muito jovem — muito antes de eu o conhecer — foi obrigado ao trabalho e à vigilância para ajudar no sustento da família. Penso frequentemente que foi esta circunstância, mais do que qualquer outra, que lhe incutiu hábitos de responsabilidade e sobriedade muito acima da sua idade. Tinha, creio eu, perto de quinze anos quando o conheci. Precisava dos serviços de um rapaz com alguma experiência na área da sapataria e contratei-o por quinze dias para me ajudar. Durante esse tempo, fiquei tão impressionado com o seu

bom senso e diligência que, a seu pedido e com o desejo do pai, aceitei-o como aprendiz.

A sua educação resumia-se apenas ao conhecimento da leitura, da escrita e dos rudimentos de aritmética. A sua leitura era extremamente limitada e restrita a obras ligeiras e juvenis. Durante os seus dois anos de aprendizagem, construiu uma reputação de fidelidade e integridade que dificilmente poderia ser superada, e que raramente é igualada. Não havia qualquer expectativa de que nos separássemos antes do término da sua aprendizagem, pois estávamos mutuamente satisfeitos. Mas o mesmerismo surgiu entre nós; e, sendo Jackson considerado um prodígio na arte de prescrever e curar doenças, separámo-nos com o entendimento de que a separação seria apenas temporária. No entanto, as circunstâncias tornaram-na permanente, pelo menos no que diz respeito à sua condição de aprendiz.

Vosso, IRA ARMSTRONG

O Rev. A. R. Bartlett, atualmente em Chicago e autor da carta seguinte, foi outrora um pastor estabelecido e estimado em Poughkeepsie:

Chicago, 31 de Março de 1847

Sr. Fishbough: Solicita-me uma declaração franca daquilo que sei acerca do carácter mental e moral, oportunidades, aquisições, etc., de A. J. Davis, durante o período da minha convivência e conhecimento com ele. Em resposta, permita-me dizer que conheci A. J. Davis pela primeira vez em Poughkeepsie, Nova Iorque, no início do ano de 1842. Naquela altura, e até que os seus serviços foram totalmente absorvidos pela arte mesmérica, encontrava-se envolvido no ofício de sapateiro. Já não tinha mãe viva; o pai era muito trabalhador, mas pobre. Assim, desde tenra idade, o sujeito desta descrição viu-se, em grande parte, senão totalmente, entregue ao esforço próprio para obter os meios de subsistência e progresso. Esta era, pelo menos, a sua condição quando iniciei o meu convívio com ele.

Quanto às suas primeiras oportunidades, não posso testemunhar por conhecimento pessoal. Mas à data da nossa intimidade, ninguém podia resistir à convicção de que as suas vantagens não tinham sido suficientes para lhe proporcionar sequer uma proficiência comum nos elementos mais simples da língua inglesa. Estava rodeado de claras desvantagens, e assim continuou, no que diz respeito à obtenção de educação; pois durante todo o meu convívio com ele, que foi bastante íntimo entre 1842 e 1845 (e continuado por correspondência até há pouco tempo), ele não teve uma única hora de ensino escolar, nem poderia tê-lo feito sem prejudicar as suas circunstâncias.

Ainda assim, possuía uma mente curiosa — gostava de livros, especialmente de obras religiosas controversas, que sempre preferia sempre que pudesse pedi-las emprestadas e encontrar tempo para as ler. Assim, deve-se ao seu próprio esforço individual alguns progressos louváveis que fez no conhecimento. Tornou-se um bom pensador. Ainda assim, o seu modo natural de se expressar tendia, por vezes, a obscurecer os seus pensamentos, devido ao uso incorreto das palavras. A sua ortografia e sintaxe eram muitas vezes defeituosas.

Os poderes singulares que se atribuíram ao Sr. Davis foram inicialmente trazidos à atenção pública com a assistência experimental do Sr. William Levingston, por quem continuou a ser magnetizado durante muitos meses. Isso ocorreu por volta de Outubro de 1843. No seu aspeto natural, comportamento ou oportunidades, não se notava qualquer alteração — nem nessa altura nem em qualquer outra durante o tempo em que o conheci. Nada havia no seu comportamento geral ou carácter que atraísse a atenção de quem não o conhecesse bem, a não ser, talvez, o facto de ter poucos companheiros da sua idade, preferindo a companhia de homens mais experientes; embora poucos companheiros lhe agradassem mais do que muitos. Gostava sempre de fazer perguntas, mas não possuía a habilidade de esconder o objetivo ao propô-las; era muito comunicativo com aqueles que considerava amigos — moderadamente com os demais.

A sua veracidade, tanto quanto pude observar — e observei-o com atenção — era digna de confiança. Sei que preferia sofrer bastante inconveniente a descer ao nível da mentira. Era sempre alegre e agradável, e por vezes inclinado à leviandade, fruto da exuberância natural do seu espírito. Sobre esta última, no entanto, exercia forte controlo. Era um homem de sentimentos devocionais, com fortes simpatias pelos que sofrem e lutam; um ardente defensor da temperança; e o seu carácter moral era digno da mais ampla aprovação. Acredito sinceramente que procurava ser guiado por princípios elevados e sagrados. Quanto à minha qualificação para fazer estas afirmações, pode julgá-lo facilmente, sabendo que, enquanto as circunstâncias o permitiram, mantivemos uma relação íntima quase sem reservas, sendo mutuamente confidentes.

A. R. BARTLETT

Muitos mais testemunhos de teor semelhante ao acima poderiam ser recolhidos, mas estes são considerados suficientes, pelo menos por ora.

Passamos agora a apresentar uma breve história da carreira de Davis na clarividência, incluindo uma descrição da origem e produção deste livro.

No outono de 1843, um certo Sr. Grimes proferiu em Poughkeepsie uma série de palestras sobre Magnetismo Animal, realizando durante o seu curso vários

experimentos ilustrativos. Entre as pessoas sobre as quais o Sr. Grimes tentou operar encontrava-se o jovem Davis; mas, neste caso, os seus esforços mais vigorosos falharam em produzir qualquer efeito visível. No entanto, as suas palestras e os experimentos bem-sucedidos que as acompanharam criaram grande agitação na vila relativamente a este importante ramo da ciência psicológica; e entre outros que foram levados a testar as suas próprias capacidades para produzir o fenómeno magnético, estava o Sr. William Levingston.

O jovem Davis, ao acaso, entrou na alfaiataria do Sr. Levingston durante a efervescência geral, e este propôs experimentar magnetizá-lo. O experimento que se seguiu teve sucesso; e o rapaz demonstrou poderes de clarividência verdadeiramente surpreendentes. Uma grande variedade de testes foi realizada — tais como pedir-lhe para visitar e descrever locais que nunca tinha visto, ler de um volume fechado com os olhos vendados, etc. — e o resultado foi o estabelecimento incontestável do seu poder de visão interior. Este experimento teve lugar por volta do dia 1 de Dezembro de 1843.

Desde então, o rapaz foi frequentemente induzido ao estado anormal, e a casa do Sr. Levingston tornou-se, durante meses, local comum de visita para os curiosos, que eram convidados indiscriminadamente a assistir aos experimentos. Mas, após se submeter durante dois ou três meses a todo o tipo de testes, apenas para satisfazer a curiosidade e demonstrar a realidade do estado clarividente, o rapaz, estando nesse estado, protestou contra ser submetido a mais testes, exceto aqueles que envolvessem questões de utilidade prática — informando o Sr. Levingston de que o grande objetivo dos seus poderes, no estágio de desenvolvimento em que se encontravam, era permitir-lhe examinar e prescrever tratamentos para os doentes.

Pouco depois disso, deixou o Sr. Armstrong, a quem servia como aprendiz, e passou, com o seu magnetizador Sr. L., ao exercício exclusivo da cura de doentes — atividade na qual, de acordo com todos os testemunhos que recebemos, foi surpreendentemente bem-sucedido. Não muito depois disso, e por estágios progressivos, os seus poderes científicos desenvolveram-se imensamente; e não havia ciência cujos princípios gerais — e até muitos pormenores — não parecesse compreender no seu estado anormal. Apresentava também, de tempos a tempos, muitas ideias novas e altamente interessantes sobre a natureza e os poderes da alma humana, parecendo demonstrar uma ligação íntima entre o mundo presente e o mundo espiritual.

No dia 7 de Março de 1844, entrou, sem a assistência do processo magnético, num estado anormal estranho, durante o qual ocorreram fenómenos de carácter extremamente surpreendente. Durante a maior parte de dois dias, parecia estar completamente insensível a tudo o que era externo, vivendo inteiramente no mundo interior. Possuía, contudo, um poder aumentado sobre o seu sistema físico, tendo

percorrido uma longa distância durante esse tempo sem demonstrar qualquer sinal de fadiga. Foi durante esse estado extraordinário da sua mente e do seu corpo que recebeu informações de carácter muito geral sobre a sua futura e peculiar missão no mundo.

O processo pelo qual essa informação lhe foi comunicada, juntamente com muitos outros elementos de intenso interesse, será tornado público depois de questões que permitam racionalizar os fenómenos serem mais amplamente discutidas com base independente. Mentes devidamente preparadas poderão já compreender isso ao lerem a parte deste volume que trata das Esferas Espirituais.

Solicita-se agora ao leitor que observe que, de acordo com as declarações anteriores (as quais poderão ser refutadas se forem falsas), o primeiro experimento magnético realizado sobre o Sr. Davis pelo Sr. Levingston foi manifestamente sugerido pela excitação reinante gerada pelas palestras e experiências do Sr. Grimes — foi, aparentemente, o impulso casual de um pensamento momentâneo, e não o resultado de um plano engenhosamente preparado e premeditado. Observe-se também que, logo após a realização desse primeiro experimento, o jovem Davis tornou-se, de forma repentina, um objeto de interesse geral como nunca fora antes, sendo amplamente visitado e testado por numerosas pessoas enquanto se encontrava (pelo menos supostamente) sob a influência do magnetismo.

Ora, a menos que se admita a realidade de uma condição anormal e estranha, deveria então apresentar-se uma explicação mais racional para o facto de um jovem sem educação e sem sofisticação ter sido assim, subitamente e aparentemente por acaso, retirado da obscuridade e transformado numa maravilha pública devido aos seus estranhos e inexplicáveis poderes. Mas, se se admitir uma condição anormal e inexplicável como real, o leitor deverá refletir antes de rejeitar a possibilidade de qualquer coisa que se reclame como consequência do desenvolvimento dessa condição.

Se, desde o momento em que foi magnetizado até deixar o Sr. Armstrong (o que se deu cerca de três meses depois ou mais), o jovem tivesse feito qualquer esforço considerável para se instruir sobre temas de anatomia, fisiologia, astronomia, geologia ou psicologia através da leitura, o último teria certamente descoberto tal facto e o teria mencionado na carta que acima inserimos. Além disso, os progressos que poderiam ter sido feitos nesses assuntos, nas circunstâncias então vigentes, seriam mínimos — mesmo com o maior esforço.

Até essa altura, portanto, a sua educação, segundo palavras do Sr. Armstrong, “mal chegava ao conhecimento da leitura, escrita e rudimentos de aritmética” — e “a sua leitura era extremamente limitada e confinada a obras ligeiras e juvenis.” Ainda assim, encontramo-lo nessa época (Março de 1844) a iniciar uma carreira na prática

médica, na qual se sustentou com a maior satisfação de todos os pacientes que lhe deram uma oportunidade justa, até **10 de Abril de 1847**, data após a qual deixou de ser magnetizado por tempo indefinido.

Durante a ligação exclusiva do Sr. Davis com o Sr. Levingston (de Março de 1844 a Agosto de 1845), as suas oportunidades para adquirir conhecimento por meios externos foram pouco ou nada superiores às anteriores. O Sr. L., tendo passado grande parte da sua vida anterior na respeitável profissão de alfaiate, não possuía os conhecimentos científicos e filosóficos que o capacitassem a transmitir qualquer instrução importante ao jovem. Nem sequer compreendia muitos dos termos técnicos de anatomia e medicina que o clarividente utilizava frequentemente nas suas análises e prescrições. O Sr. L. também não possuía uma biblioteca da qual o jovem pudesse retirar qualquer apoio significativo para desenvolver a mente ao ponto necessário para compor este livro. Assim, o Reverendo Sr. Bartlett, na carta anteriormente citada, cuja relação íntima com o Sr. Davis, segundo afirma, se estendeu de 1842 a 1845, afirma sobre este, ao referir-se aos primeiros meses da sua carreira clarividente: “No seu aspeto natural, comportamento ou oportunidades, não se observava qualquer mudança — nem nesse, nem em qualquer outro período do meu conhecimento com ele.”

A ligação entre o Sr. Davis e o Sr. Levingston durou cerca de dezoito meses, durante os quais, na primeira fase, os seus esforços conjuntos limitaram-se principalmente a Poughkeepsie; mas, na fase final, realizaram frequentes excursões a Danbury e Bridgeport, no estado do Connecticut, onde também tinham pacientes. Em todos estes locais, Davis era um objeto de intensa curiosidade, sendo os seus movimentos atentamente observados — não apenas enquanto se encontrava no estado anormal, mas também no estado ordinário. Em cada um desses locais, era amplamente conhecido por várias pessoas; e ninguém jamais observou qualquer sinal fiável de que tivesse hábitos de estudo — ou, se tal aconteceu, apresentará não meras suposições vagas, mas factos concretos, passíveis de prova; e, nesse caso, a nossa afirmação será considerada refutada.

Na verdade, a vida dispersa que levava durante esse período era extremamente desfavorável ao estudo — especialmente àquele tipo de estudo que poderia ter contribuído para a produção do livro que o leitor tem agora diante de si. Quando não estava a viajar, era, em média, induzido ao estado anormal duas vezes por dia para tratar doentes; e a maior parte do tempo que passava no estado ordinário era dedicado a tarefas manuais ligeiras, caminhadas ou visitas a amigos; e pouco ou nenhum tempo passava em solidão.

O autor deste relato conheceu o Sr. Davis pela primeira vez em Julho de 1844, estando na altura em visita profissional a Poughkeepsie. Tinha então quase dezoito anos, parecia ter uma constituição algo frágil e apresentava sinais de saúde delicada.

Tivemos então uma longa conversa com ele, durante a qual se mostrou muito comunicativo, desabafando com grande simplicidade; e, pelas mil pequenas indicações ligadas ao seu modo de ser, pronúncia, uso da linguagem, forma e carácter do pensamento, etc., ficámos irresistivelmente convencidos de que era um jovem com muito pouca instrução escolar, quase sem familiaridade com livros e totalmente alheio às artes e convenções do mundo. A sua mente, no entanto, revelava uma delicada suscetibilidade às impressões e uma capacidade para compreender princípios naturais que raramente encontrámos em alguém da sua idade. Ainda assim, o seu estilo único de expressão provava, de forma inequívoca, que o seu próprio coração interior, e as indicações constantes da Natureza exterior, eram praticamente os únicos "livros" que tinha lido.

Também nessa ocasião, ouvimo-lo examinar vários pacientes no estado clarividente. Nesse estado, parecia ter-se metamorfoseado num ser totalmente diferente. O corpo humano parecia-lhe inteiramente transparente e, para nosso absoluto espanto, utilizava os termos técnicos de anatomia, fisiologia e matéria médica com a mesma familiaridade com que se usam palavras do quotidiano! O nosso assombro foi igualmente provocado pela extraordinária clareza com que descrevia e raciocinava sobre a natureza, origem e desenvolvimento de uma doença, e sobre os meios apropriados para a curar. Pelos indícios infalíveis apresentados, vimos que não podia haver qualquer colusão ou engano, nem qualquer possibilidade de estar a receber impressões simpaticamente da mente do magnetizador. Desde então, não voltámos a ver nem ouvir nada mais de Davis até ao mês de Maio seguinte.

Em **Fevereiro de 1845**, estando o Sr. Davis (com o seu magnetizador) em *Bridgeport*, Connecticut, tratando dos pacientes que requeriam os seus serviços, conheceu o Dr. **S. S. Lyon**, o magnetizador que esteve associado a ele durante a transmissão deste livro e que, na época, era um médico bem-sucedido em Bridgeport. O Dr. Lyon era anteriormente um descrente na clarividência, mas a evidência da sua veracidade, tal como apresentada no caso do jovem Davis, revelou-se demasiado poderosa para ser resistida; e, sob um profundo sentimento da sua importância, não hesitou em oferecer-lhe o seu apoio aberto e em aproveitar o conselho do clarividente no tratamento de alguns casos difíceis de doença que então tinha a seu cargo.

Em Maio seguinte, o autor deste relato, estando por acaso em Bridgeport, encontrou-se acidentalmente com o Sr. Davis e o Sr. Levingston, que se encontravam no local em negócios relacionados com a sua atividade. Durante uma consulta extremamente interessante que tivemos então, na companhia do Rev. S. B. Brittan e de vários outros senhores, com o clarividente, sobre diversos assuntos científicos e espirituais, soubemos pela primeira vez que ele iria em breve iniciar

uma série de palestras e revelações sobre temas como os que se encontram incluídos neste livro. Mas só cerca de **trinta horas antes** do início dessas palestras é que tivemos qualquer expectativa de estar ligados a ele como seu escriba.

Por volta do início de Agosto seguinte, o Sr. Davis, enquanto se encontrava no estado clarividente, escolheu voluntariamente o Dr. Lyon como seu magnetizador durante a transmissão deste livro — escolha essa que não foi de forma alguma solicitada nem sequer prevista pelo Dr. L., até que lhe foi anunciada. Em obediência à instrução do clarividente, o Dr. Lyon renunciou de imediato a uma prática médica rentável e em crescimento em Bridgeport, mudando-se para Nova Iorque, cidade na qual o clarividente decidiu que as revelações deviam ser transmitidas. O objetivo de uma mudança tão precoce para aquela cidade era estabelecer, antes do início das palestras, uma prática médica que pudesse, de algum modo, ajudar a sustentá-las enquanto decorressem.

Durante os três meses que o Sr. Davis passou em Nova Iorque antes do início deste livro, foi lançado no estado anormal em média duas vezes por dia, consumindo-se pelo menos quatro horas diárias nas obrigações da sua atividade. Sendo, como habitualmente, objeto de grande curiosidade, recebeu a visita de muitas pessoas que desejavam conhecê-lo, tanto no estado normal como no anormal; e os intervalos entre as suas sessões de tratamento eram ocupados principalmente com conversas, correspondência com amigos, tocar o seu acordeão ou passear; e tudo indicava que não possuía qualquer inclinação habitual para os livros.

Permaneceu, pois, até ao início das suas palestras, o jovem não instruído, não sofisticado, filho da Natureza, totalmente livre dos credos, teorias e filosofias do mundo: e até hoje, nunca demonstrou inclinação para procurar a companhia de homens de ciência, antes os evitando. Se a história algo circunstanciada da sua vida, aqui apresentada, for falsa em qualquer ponto essencial ao seu objetivo, será — tendo em conta os enormes interesses em causa — seguramente refutada; pois expusemos abertamente o assunto à investigação de todo o mundo.

No dia 27 de Novembro de 1845, residindo então em *New Haven*, Connecticut, recebemos pelo correio uma nota do Dr. Lyon informando que tínhamos sido designados por Mr. Davis, enquanto este se encontrava no estado clarividente, como escriba para registar e preparar para a imprensa as suas palestras, que iriam começar de imediato. Esta nomeação foi completamente **não solicitada** (embora não possamos dizer que não tenha sido desejada); e, longe de a anteciparmos como honra, encontrávamo-nos então ocupados a preparar uma mudança para Massachusetts. No dia seguinte, no entanto, partimos para Nova Iorque e, nessa mesma noite, redigimos a **primeira palestra** de Mr. Davis, sob sua ditação — tendo posteriormente concordado em escrever e preparar **todo o conteúdo para publicação**.

Antes de iniciar as suas palestras, o Sr. Davis escolheu voluntariamente, enquanto se encontrava no estado anormal, três testemunhas, mencionadas no seu endereço ao mundo, para estarem presentes, consoante as suas circunstâncias permitissem, durante a entrega das palestras, de forma a poderem testemunhar o meio pelo qual foram dadas. O Rev. J. N. Parker mudou-se desde então para Boston; Theron R. Lapham reside atualmente em Poughkeepsie, Nova Iorque; e T. Lea Smith, M.D., está nas Bermudas. As vinte e três testemunhas incidentais mencionadas na nota da página 2 do referido endereço ainda se encontram todas vivas, com exceção de James Victor Wilson, que, no entanto, deixou o seu testemunho por escrito.

Alguns dias antes do falecimento deste jovem estimado e altamente digno, ele publicou um folheto interessante intitulado "Magnetismo e Clarividência explicados, ensinados e aplicados", no qual afirma:

"O mundo será em breve informado de um triunfo da Clarividência através do celebrado Sr. Davis, para o qual milhões estarão totalmente desprevenidos. Durante o último ano, este jovem não instruído, simples e amável tem vindo a proferir verbalmente, dia após dia, um Livro abrangente, bem planeado e extraordinário — abordando todas as grandes questões da época, as ciências físicas, a Natureza nas suas infinitas ramificações, o Homem nas suas inumeráveis formas de existência, e Deus nos insondáveis abismos do seu Amor, Poder e Sabedoria. Nenhum autor humano, em qualquer ramo da literatura ou da ciência, jamais eletrificou a humanidade no grau em que os raciocínios eloquentes mas simples, e as sublimes revelações que compõem este grande compêndio de filosofia universal, o farão. Mais de quatro mil pessoas que testemunharam as suas análises médicas ou as suas revelações científicas vivem para atestar a espantosa elevação de espírito que Mr. Davis manifesta no estado anormal. Os dois novos planetas do nosso sistema, recentemente conjeturados, foram descritos nos manuscritos de Davis há catorze meses [15 e 16 de Março de 1846]. Vi-o discursar de forma quase angélica durante mais de quatro horas seguidas."

O número de testemunhas cujos nomes foram mencionados foi considerado suficiente: se o seu testemunho não for aceite, especialmente depois de se confirmar que são (ou pelo menos os que conhecemos pessoalmente) homens de carácter irrepreensível, não é provável que o de mil outros venha a ter destino essencialmente diferente. Durante a transmissão de cada palestra, o clarividente exigia que se mantivesse **a mais absoluta tranquilidade**, tanto mental como física, na sala. Enquanto se encontrava na *esfera do corpo* (expressão que será posteriormente explicada), qualquer espécie de excitação perturbava-o, assim como a presença de pessoas cujas "esferas" lhe eram descongeniais. Por essa razão, uma admissão indiscriminada de pessoas às palestras teria sido tão impraticável quanto

desnecessária. Ainda assim, candidatos motivados por um **supremo desejo de conhecer a verdade**, independentemente das suas opiniões anteriores, eram geralmente admitidos — num número que variava entre um e seis — fossem eles crentes ou descrentes na Clarividência; e essas pessoas eram sempre **imediatamente distinguidas** pelo orador, enquanto se encontrava no seu estado superior.

Pouco depois do início das palestras, e por várias vezes durante o seu decurso, foram publicadas, em diversos jornais, descrições das mesmas e da natureza de alguns dos desenvolvimentos, sendo convidada a investigação por parte de todos quantos estivessem dispostos a inquirir sobre os factos declarados. As nossas salas, quando o clarividente não se encontrava a palestrar, estavam livremente acessíveis a todas as pessoas, desde as sete da manhã até às dez da noite, incluindo as horas dedicadas às consultas médicas. Todas as perguntas eram prontamente e com franqueza respondidas, e os manuscritos do clarividente estavam sempre abertos à inspeção dos curiosos; e se algum indivíduo responsável, entre os milhares que nos visitaram de todas as partes dos Estados Unidos durante os quinze meses em que o livro esteve a ser elaborado, alguma vez descobriu os vastos volumes e aparatos próprios de um profundo estudioso dos mistérios de todo o Universo material e espiritual; ou se o Sr. Davis foi alguma vez apanhado a receber instrução científica ou filosófica de alguém capaz de apresentar metade da amplitude de pensamento e consistência argumentativa exibidas neste livro, então, naturalmente, deverá apresentar tal informação ao mundo com provas nas quais o público possa confiar, tendo sempre o cuidado de distinguir adequadamente entre meras suposições e factos tangíveis.

E mesmo que se admita que um jovem de vinte anos, com apenas cinco meses de instrução escolar, e que ao longo da vida foi sujeito às mais desfavoráveis circunstâncias, possa, sem o conhecimento dos seus associados mais íntimos, ter familiarizado a sua mente, por qualquer processo externo, com todos os escritos importantes existentes em todas as línguas sobre cosmogonia, astronomia, geologia, etnologia, arqueologia, mitologia, teologia, psicologia, história, metafísica, etc., etc. — a sabedoria com que se fizeram recolhas de todas estas áreas, a capacidade demonstrada na sua classificação, a crítica ousada e esclarecida feita a cada uma, e especialmente os voos da mente rumo a regiões até então inexploradas por qualquer ser terreno, constituirão ainda assim um fenómeno que exige explicação.

A verdade é, porém, que é **moralmente certo**, para os que melhor conhecem Mr. Davis, que ele, enquanto no estado normal, era **totalmente alheio** a todos os grandes temas abordados no seu livro — **até ter lido os manuscritos das suas próprias palestras.**

A questão de saber se o Sr. Davis poderá ter recebido grande parte do conteúdo deste livro por influxo simpático das mentes daqueles que com ele colaboraram é

algo que preferiríamos ver discutido por outros — se é que uma tal questão pode sequer surgir. Bastará dizer que, por razões fundadas, **sabemos que tal coisa não poderia ter acontecido**. Muitos dos factos, princípios e teorias apresentados neste volume eram totalmente inconcebíveis e inacreditáveis para qualquer dos associados de Mr. Davis — especialmente nos temas cosmológicos, teológicos e espirituais. Pelo menos um dos seus associados foi justamente descrito como estando num simples "estado rudimentar" (ver página 3 do "Apelo do autor ao mundo"); e presumimos que o outro não terá dificuldades em demonstrar que a sua mente nunca foi sobrecarregada com conhecimento nos assuntos aqui tratados. Caso seja necessário, as provas relativas a este ponto serão apresentadas mais adiante, embora isso possa não ser o mais gratificante para a vaidade pessoal de quem tiver a tarefa de o declarar ao mundo.

Contudo, se a chamada lei do influxo simpático for admitida, ela deverá primeiro ser devidamente explicada e definida antes de se concluir que não poderá, em certas circunstâncias, ser o meio através do qual **espíritos do mundo superior** transmitam o seu conhecimento à humanidade na Terra. Certamente, a transmissão simpática de pensamento de uma pessoa para outra, enquanto ambas estão no corpo, é tão inexplicável como seria a transmissão dos pensamentos de um espírito desencarnado para uma pessoa devidamente suscetível ao influxo simpático. Sobre este tema, veja-se as observações do autor sobre **Magnetismo Animal**, **Clarividência**, e a **fonte das suas impressões**, nas páginas iniciais deste volume, nas quais são devidamente expostos a natureza e o fundamento das suas afirmações.

Se as declarações anteriores sobre a vida passada, oportunidades e aquisições de Mr. Davis forem corretas, segue-se, de forma irresistível, que **este livro terá sido ditado por alguma outra fonte superior de informação que não aquela acessível aos sentidos físicos.** Reivindicamos que essa fonte é o **Mundo Espiritual**. A evidência disso tornar-se-á clara ao longo da leitura do volume inteiro, especialmente na secção compreendida entre as páginas **33 e 57.**

Procedamos agora à descrição do processo de produção deste livro e dos fenómenos a ele associados:

Em primeiro lugar, o magnetizador e o magnetizado sentam-se em posições confortáveis, frente a frente. Seguem-se as manipulações habituais, sendo necessários de três a cinco minutos para a conclusão do processo. Uma súbita convulsão dos músculos, semelhante à produzida por um choque elétrico, indica que o sujeito está devidamente magnetizado; imediatamente após, os seus olhos são vendados para protegê-los da luz. Permanece então sem falar por quatro ou cinco minutos, imóvel, salvo por ocasionais convulsões musculares repentinas. Uma dessas convulsões fá-lo entrar num estado de consciência exterior e dá-lhe pleno controlo sobre os músculos e órgãos da fala.

A seguir, assume uma posição inclinada, ora para a direita, ora para a esquerda, e torna-se frio, rígido, imóvel e insensível a tudo o que é exterior. As pulsações tornam-se débeis, a respiração parece quase suspensa, e todos os sentidos estão completamente fechados ao mundo exterior. Este estado, segundo sua própria explicação, corresponde quase exatamente ao da morte física. As débeis forças vitais que ainda permanecem no seu sistema são sustentadas apenas simpateticamente pela presença do magnetizador, cujo sistema está, por um meio etéreo, fundido e unido ao seu. Se, enquanto se encontra neste estado, o magnetizador perder o contacto com ele por qualquer motivo, os movimentos vitais cessariam e o espírito seria incapaz de regressar ao corpo, segundo ele próprio nos informou. Neste aspeto, distingue-se de qualquer outra pessoa que tenhamos observado sob influência magnética.

A sua mente encontra-se agora totalmente liberta da esfera do corpo, e, consequentemente, de todas as ideias preconcebidas, de todos os sistemas teológicos e das influências da educação e das circunstâncias locais, recebendo todas as suas impressões do mundo interior ou espiritual. As suas faculdades de perceção, conceção e raciocínio encontram-se agora imensamente ampliadas.

A sua visão espiritual, libertada dos obstáculos materiais, estende-se agora a mundos e sistemas inumeráveis, e sente que deixou quase de ser membro da família humana na Terra, sendo apenas membro daquela grande Família de seres inteligentes que habitam o espaço universal. Encontra-se assim elevado acima de todos os preconceitos estreitos, locais e sectários que dominam a Terra. A sua filosofia é apenas aquela que está envolvida nas leis e princípios que regem infalivelmente o Universo e a humanidade, e a sua teologia é apenas aquela que está escrita no vasto pergaminho dos céus, onde cada estrela é uma palavra e cada constelação uma frase.

Associa-se familiarmente com os habitantes do mundo espiritual, e o conhecimento diversificado por eles cultivado torna-se acessível à sua mente. Os espíritos e anjos associados da "Segunda Esfera" comunicam com ele em simpatia, como se fossem um único Grande Homem, para transmitir conhecimento à humanidade na Terra, que percebem estar, pela primeira vez, preparada para o receber. Assim exaltado, transmite as suas impressões da verdade tal como ela realmente lhe aparece, sem referência a quaisquer crenças, filosofias, teorias ou preconceitos sectários existentes no mundo.

Tendo, assim, acesso a todo o conhecimento da Segunda Esfera, combinado com o da primeira, as verdades apropriadas a serem comunicadas fluem espontaneamente para a sua mente, estando ao mesmo tempo organizadas segundo uma ordem natural de sequência. Logo que uma impressão distinta é recebida, fá-la, naturalmente, conhecida ao mundo, com provas nas quais o público pode confiar, sendo sempre cuidadoso em distinguir devidamente entre imaginações vagas e factos tangíveis. E

mesmo que se admita que um jovem de vinte anos, com apenas cinco meses de ensino escolar, e tendo sido submetido, ao longo da vida, às circunstâncias mais desfavoráveis, pudesse, sem o conhecimento dos seus companheiros mais íntimos, ter-se familiarizado, por qualquer processo externo, com todos os escritos importantes existentes, em todas as línguas, sobre cosmogonia, astronomia, geologia, etnologia, arqueologia, mitologia, teologia, psicologia, história, metafísica, etc., etc., etc. — a sabedoria com que foram colhidos elementos de todas essas áreas, a capacidade demonstrada na sua classificação, a crítica ousada e familiar feita a todos eles, e especialmente os voos sublimes da mente por regiões até então inexploradas por qualquer ser terreno, constituirão um fenómeno que continua a exigir explicação.

O facto é, no entanto, que é conhecido com absoluta certeza moral pelos conhecidos mais íntimos do Sr. Davis que, no seu estado normal, ele estava totalmente desinformado sobre todos os grandes temas tratados no seu livro, até que leu os manuscritos das suas próprias palestras.

A questão de saber se o Sr. Davis poderá ter recebido grande parte do conteúdo deste livro por influxo simpático das mentes dos que com ele conviviam, preferimos deixá-la ao debate de outros, se é que tal questão pode sequer surgir. Basta dizer que, por razões mais que suficientes, sabemos que tal coisa não poderia ter ocorrido. Muitos factos, princípios e teorias apresentados neste volume eram até então totalmente inconcebidos e desacreditados por qualquer dos associados do Sr. Davis, especialmente nos temas cosmológicos, teológicos e espirituais. Um dos associados do Sr. Davis foi, pelo menos, verdadeiramente descrito como estando num mero "estado rudimentar" (ver página 3 do discurso do autor ao mundo); e presumimos que o outro teria igual facilidade em demonstrar que a sua mente não se encontrava excessivamente sobrecarregada de conhecimento sobre os temas aqui discutidos. Caso seja necessário, serão posteriormente apresentadas provas relativas a este ponto — embora tal possa não ser o mais gratificante para a vaidade pessoal daquele a quem possa caber a tarefa de o dar a conhecer ao mundo.

Se, contudo, esta lei do influxo simpático for admitida, deve ser devidamente explicada e definida antes de se concluir que ela não possa, sob circunstâncias favoráveis, ser um meio através do qual espíritos de esferas superiores transmitam o seu conhecimento à humanidade terrena. Certamente, a transmissão simpática de um pensamento de uma pessoa para outra, enquanto ambas estão em corpo físico, é tão inexplicável quanto o seria a transmissão dos pensamentos de um espírito desencarnado para uma pessoa tornada devidamente suscetível ao influxo simpático. Sobre este tema, contudo, veja-se as observações do autor sobre Magnetismo Animal, Clarividência e a origem das suas impressões, nas páginas iniciais deste

volume, onde a natureza e fundamento das suas pretensões são devidamente expostos.

Se as declarações acima sobre a vida passada do Sr. Davis, as suas oportunidades, aquisições, etc., forem corretas, então segue-se irresistivelmente que este livro deve ter sido ditado por uma fonte de informação diferente e mais elevada do que aquela acessível aos sentidos físicos. Reivindicamos como sendo essa fonte o Mundo Espiritual. A evidência disto tornar-se-á aparente com a leitura de todo o volume, especialmente da parte compreendida entre as páginas 33 e 57.

Passamos agora a descrever o processo de produção deste livro e os fenómenos a ele associados:

Em primeiro lugar, o magnetizador e o magnetizado sentam-se em posições confortáveis, um defronte do outro. Realizam-se então as manipulações habituais, demorando entre três a cinco minutos a completar o processo. Uma súbita convulsão dos músculos, semelhante à produzida por um choque elétrico, indica que o sujeito está devidamente magnetizado, após o que os seus olhos são vendados para os proteger da luz. Permanece então em silêncio durante cerca de quatro ou cinco minutos, imóvel, exceto por uma ou outra súbita convulsão muscular. Uma dessas convulsões acaba por o conduzir a um estado de consciência exterior, dando-lhe controlo total sobre os músculos do corpo e os órgãos da fala.

Em seguida, assume uma posição inclinada, ora para a direita, ora para a esquerda, tornando-se frio, rígido, imóvel e insensível a todas as coisas exteriores. As pulsações tornam-se débeis, a respiração parece quase suspensa, e todos os sentidos se fecham completamente ao mundo externo. Esta condição, segundo a sua própria explicação, corresponde quase precisamente à da morte física. As débeis forças vitais que ainda restam no seu corpo são sustentadas apenas de forma simpática pela presença do magnetizador, cujo sistema, por meio de um elo etéreo, se encontra unido ao seu.

Se, durante esta condição, o magnetizador perdesse a ligação com ele por qualquer meio, os movimentos vitais do corpo cessariam, e o espírito tornar-se-ia incapaz de a ele regressar — conforme ele próprio nos informou.

A sua visão espiritual, liberta dos seus obstáculos materiais, estende-se agora a mundos e sistemas inumeráveis, e sente que quase deixou de ser membro da família humana na Terra, sendo apenas membro daquela grande Família de seres inteligentes que habitam o espaço universal. Encontra-se assim elevado acima de todos os preconceitos estreitos, locais e sectários que dominam a Terra. A sua filosofia é apenas aquela que está contida nas leis e princípios que regem, de forma infalível, o Universo e a humanidade, e a sua teologia é apenas aquela que está

escrita no vasto pergaminho dos céus, no qual cada estrela é uma palavra e cada constelação uma frase.

Associa-se familiarmente com os habitantes do mundo espiritual, e o conhecimento diversificado por eles cultivado torna-se acessível à sua mente. Os espíritos e anjos associados da "Segunda Esfera" comunicam com ele em simpatia, como se fossem um único Grande Homem, com o intuito de transmitir conhecimento à humanidade na Terra, que percebem estar, pela primeira vez, preparada para o receber. Assim exaltado, transmite as suas impressões da verdade tal como ela realmente lhe aparece, sem referência a quaisquer crenças, filosofias, teorias ou preconceitos sectários existentes no mundo.

Tendo assim acesso a todo o conhecimento da Segunda Esfera, combinado com o da primeira, as verdades apropriadas a serem comunicadas fluem espontaneamente para a sua mente, estando simultaneamente organizadas segundo uma ordem natural de sequência. Logo que uma impressão distinta é recebida, o espírito retorna novamente à sua habitação material e utiliza os órgãos da fala para a comunicar aos presentes. São pronunciadas apenas algumas palavras de cada vez, que o clarividente requer que sejam repetidas pelo Dr. Lyon, para que saiba que está a ser compreendido. Segue-se então uma pausa até que o que foi dito seja escrito, após o que prossegue novamente; e a passagem de e para o estado espiritual ocorre, em média, uma vez por frase.

A sua dicção é das mais diretas e simples, e as suas ideias parecem estar geralmente vestidas com as palavras que primeiro lhe surgem à mente. A sua fraseologia não é objeto de direção interior, exceto quando é necessário estabelecer distinções subtis e grande precisão na expressão. O seu estilo é muito semelhante ao que usaria no seu estado normal, caso lhe fosse transmitido conhecimento sobre os assuntos que aborda no seu estado elevado. A sua gramática, portanto, é deficiente; e embora, quando necessário para exprimir adequadamente uma ideia, empregue termos técnicos e até palavras e frases estrangeiras com grande facilidade, por vezes pronuncia-as incorretamente, mas não de forma a obscurecer o seu significado.

A correção poderia ter sido atingida em todos esses pormenores, mas o esforço requerido da sua parte seria imensamente aumentado, tornando cada uma dessas minúcias objeto de investigação interior. O seu grande objetivo era simplesmente apresentar a ideia, deixando os pormenores da sua formulação verbal ao meu encargo, com a restrição de que as correções não deveriam destruir as peculiaridades do estilo e modo de expressão gerais.

A sua enunciação era caracterizada por uma solenidade respirada, como se cada palavra brotasse das profundezas da alma; e o seu modo simples, puro e despretensioso era profundamente impressionante. Se disséssemos que parecia que a

própria atmosfera do céu o envolvia, e que anjos inspiravam continuamente os seus pensamentos através dos seus órgãos da fala, tal expressão poderia parecer motivada por um entusiasmo exacerbado; contudo, qualquer frase menos expressiva falharia em transmitir uma ideia adequada. Esta observação aplica-se igualmente a todas as suas conversas filosóficas e espirituais no estado anómalo.

O tempo ocupado na exposição de uma palestra variava entre quarenta minutos e cerca de quatro horas, e a quantidade de matéria transmitida por sessão variava entre três e quinze páginas de papel de formato largo, escritas de forma densa. No total, foram cento e cinquenta e sete palestras, sendo a primeira proferida a 28 de novembro de 1845 e a última (ou seja, o "discurso ao mundo", que aparece em primeiro lugar no livro) a 25 de janeiro de 1847.

Ao concluir o discurso ao mundo, o autor passou imediatamente a dar instruções gerais quanto à correção dos manuscritos e à preparação da obra para publicação. Essas instruções (preservadas por escrito e subscritas por uma testemunha) foram seguidas por mim com o máximo rigor, dentro das minhas possibilidades. Com exceção de algumas frases que foram suprimidas ou substituídas de acordo com instrução, limitei-me a corrigir a gramática, eliminar redundâncias verbais e esclarecer frases que pudessem parecer obscuras ao leitor comum. Todas as ideias foram preservadas com o maior rigor, e foi tido grande cuidado em apresentá-las ao leitor no mesmo formato em que foram recebidas do orador.

Abstivemo-nos conscienciosamente de acrescentar qualquer ideia da nossa autoria. Todos os símiles, termos técnicos e estrangeiros, bem como todas as peculiaridades de expressão, são exclusivamente do orador. Quando foi necessário reconstruir frases, utilizámos, tanto quanto possível, apenas o material verbal existente na frase original, preservando as suas peculiaridades estilísticas. A organização da obra mantém-se tal como foi proferida, com exceção de três casos em que parágrafos contíguos foram transpostos para garantir maior coerência. Com estas qualificações mínimas, a obra pode ser considerada, parágrafo por parágrafo, frase por frase, e palavra por palavra, tal como foi dita pelo autor. As notas intercaladas no livro, com exceção da que se encontra na página 593, foram redigidas por mim.

Mais ainda, a obra foi originalmente proposta pelo próprio clarividente; o momento da sua iniciação foi escolhido por ele próprio; e todos os instrumentos envolvidos na sua produção estiveram sempre sob a sua direção autoritária. Falou apenas quando impelido pelas suas perceções interiores, e nenhuma parte da obra foi provocada por perguntas ou sugestões alheias. Quando falava, fazia-o espontaneamente; e, sempre que as suas perceções interiores não estavam devidamente expandidas, recusava-se a prosseguir com as suas ditações. Todas as pessoas ao seu redor, ligadas de algum modo à produção da obra, foram por ele movidas; ele, em absoluto, não foi movido ou influenciado por nenhuma delas; e é exclusivamente devido às influências do

mundo interior que atuaram sobre a sua mente, que o livro agora se apresenta ao público.

Em ligação com o exposto, deve ser declarado um facto que a todas as mentes racionais parecerá de grande significado: imediatamente após ter dado instruções gerais sobre a correção e publicação da obra, renunciou voluntariamente, na presença de uma testemunha, e contra a expectativa de todos, a qualquer direito, direto ou indireto, sobre qualquer parte dos direitos de autor ou sobre os lucros provenientes da venda da obra, reclamando apenas uma compensação razoável pelo tempo que dedicou à sua exposição.

Quanto ao carácter do livro, não oferecemos qualquer comentário além do que já se encontra expresso no que foi anteriormente dito. Ele fala por si mesmo, sendo o seu próprio intérprete. Abstemo-nos também (pelo menos por agora) de toda e qualquer defesa do seu conteúdo, por uma profunda convicção de que este não necessita de defesa. Observar-se-á, contudo, que à medida que a obra avança, do início para o fim, o estilo e a dicção melhoram gradualmente — facto que se explica pela lei do hábito, aplicável à mente em qualquer condição em que esta possa ser colocada.

Surgirá, talvez, na mente de muitos, a questão: "Será esta obra, que se apresenta como uma nova revelação, para ser considerada infalível?" A resposta encontra-se nas próprias doutrinas da obra: reconhece-se a infalibilidade, no sentido irrestrito do termo, como pertencente unicamente à Divindade. Se esta ou qualquer outra obra, expressa em linguagem humana, reclamasse para si a infalibilidade, a mente, ainda assim, só poderia receber os seus ensinamentos na medida em que o raciocínio fosse capaz de os digerir e assimilar; e isso a razão faria com mais facilidade se tais pretensões não fossem formuladas.

Mas no momento em que quaisquer ensinamentos, artificialmente expressos, são impostos à mente sob o pretexto de infalibilidade, nesse instante a Razão e a Natureza são postas de parte, e o critério da crença torna-se inteiramente arbitrário. A crença, neste caso, nada mais é do que superstição; e aqueles que sejam suficientemente francos e dignos para declarar a rejeição do "padrão infalível", pela incoerência dos seus ensinamentos com os ditames da razão esclarecida, tornam-se alvo da indignação dos "fiéis", que exigem uma crença incondicional naquilo que julgam ter mais autoridade do que toda a razão e coerência natural, e que, se a mente acolher, não poderá nem compreender nem aplicar na prática. Assim surgiram toda a superstição, intolerância e hostilidade sectária que têm afligido a humanidade; e é impossível que a Divindade alguma vez tenha desejado o estabelecimento de um "padrão infalível" que conduzisse a tais resultados.

Leitor, não consideres este livro como um padrão tão infalível que te dispense do exercício da tua própria razão. Lembra-te de que, embora seja a produção de uma

mente imensamente exaltada e com acesso ao conhecimento de um mundo superior, continua a ser uma produção de uma mente humana; e, se a obra não se sustentar pelo seu mérito intrínseco, que seja rejeitada. Se, no entanto, o seu conteúdo, após cuidadosa análise, merecer a aprovação do teu ser interior, que seja considerado verdadeiro — mesmo infalivelmente, ao menos até que se prove o contrário. E a este respeito importa observar que a obra, quanto a todos os seus princípios essenciais, é fruto de grande cuidado por parte do seu autor. Em cada entrada no estado anómalo com o propósito de proferir palestras, era-lhe possível, com um esforço de poucos momentos, rever todos os manuscritos das suas palestras anteriores.

Assim, não é provável que qualquer erro grave pudesse ter passado despercebido durante muito tempo, mesmo que, por inadvertência, tivesse ocorrido. E pode ainda acrescentar-se que o clarividente nunca proferiu uma palestra quando, por causas fisiológicas ou circunstâncias exteriores, se encontrava incapaz de alcançar aquela perfeita dissociação das influências obscurecedoras do mundo material, necessária ao pleno desenvolvimento das suas faculdades mentais. Contudo, dado que o autor estabelece o princípio de que "os pormenores e minúcias não podem ser tomados como absolutamente fiáveis no contexto de qualquer grande princípio geral", dificilmente se poderá esperar que os inúmeros detalhes e minúcias presentes nesta obra de oitocentas páginas sejam, em todos os casos, rigorosamente exatos. Mas quaisquer imprecisões desse tipo — reais ou aparentes — que possam ser descobertas (sendo que as reais serão, se existirem, muito poucas), não poderão afetar os grandes princípios e verdades gerais que esta obra visa estabelecer, e sobre os quais, exclusivamente, deverá assentar ou cair.

Este livro não é apresentado ao mundo sem uma clara consciência dos obstáculos que terá de enfrentar, nem das influências que lhe serão favoráveis à disseminação dos seus princípios. Há três classes gerais de mentes às quais dirige o seu apelo. A primeira dessas classes é composta por aqueles que estão fortemente apegados a costumes hereditários e modos de pensamento tradicionais, e que se opõem à revelação de quaisquer verdades nos domínios da ciência e da teologia que entrem em conflito com aquilo que aprenderam a considerar sagrado. Estes opor-se-ão à obra não com argumentação digna e honesta, oferecendo uma representação justa e imparcial do seu conteúdo, mas sim através da mais absoluta condenação, chamando-lhe todo o tipo de nomes injuriosos; apresentando-a como repugnante nos seus ensinamentos e perigosa nas suas tendências; advertindo todos a absterem-se de a ler, para que não sejam desviados do caminho; procurando lançar desprezo e desconfiança sobre a fonte de onde provém; e clamando por toda a parte: "Grande é Diana dos Efésios!"

Mas a veracidade do lema do autor não pode deixar de se tornar evidente a qualquer mente refletida: "Qualquer teoria, hipótese, filosofia, seita, credo ou

instituição que tema a investigação, revela abertamente o seu próprio erro.” Há vinte anos, a influência obstrutiva desta classe teria sido eficaz, e por isso esta obra não foi então revelada. Mas agora, os tempos são outros. A nova verdade começa a ser considerada mais sagrada do que o antigo erro; e a impressão hereditária, que desde os primórdios da humanidade tem desviado quase todo o mundo, começa a ser abandonada como fundamento instável. Tudo indica a aproximação de uma poderosa revolução no domínio social e religioso; e a influência dos antigos e venerados costumes e formas de pensamento, na obstrução do progresso de quaisquer princípios verdadeiros que esta obra possa conter, só poderá durar por um breve momento.

A segunda classe de mentes à qual esta obra se dirige é composta por aqueles que não possuem qualquer afeto firme nem por costumes estabelecidos, nem por instituições existentes, nem por modos de fé prevalecentes, estando dispostos a servir ou opor-se a qualquer um deles conforme ditarem os seus interesses sociais ou financeiros. Muitos, entre estes, sendo movidos pela corrente popular, lerão este volume não com o intuito de compreender verdadeiramente os seus ensinamentos e adotá-los na medida em que se revelem verdadeiros, mas sim com o objetivo de os criticar, avaliar e obstruir a sua influência. Estes distorcerão passagens do seu contexto, atribuir-lhes-ão significados que o autor nunca pretendeu, e assim exporão a obra ao ridículo e à reprovação do mundo. Mas como estas mentes não possuem princípios fixos, a verdade nada tem a temer da sua influência a longo prazo, embora possam conseguir, por algum tempo, retardar o seu progresso.

A terceira classe é composta por aqueles que são guiados pelo supremo amor à verdade e pelos resultados práticos a que ela conduz. Estes não favorecem nem se opõem a qualquer instituição, credo ou filosofia, seja por ser antiga ou recente. Consideram tudo segundo os seus méritos intrínsecos, independentemente de todas as circunstâncias colaterais que lhe estejam associadas. Estão abertos à convicção vinda de todas as fontes, mas não aceitam nem rejeitam nada sem antes o examinarem. Navegam no vasto oceano da investigação universal, contentando-se em ser movidos apenas pelos ventos e marés da evidência, confiando na eficácia destes para os conduzir ao porto seguro de algum grande sistema de verdade e justiça, fundado na natureza das coisas e de aplicação universal. Milhares de mentes deste tipo já se encontram em plena ação, e o seu número aumenta diariamente; e há dezenas de milhares que pertencem naturalmente a esta classe, entre todos os partidos, seitas e denominações espalhados pelo país. São estas as mentes que estão a ascender ao trono do mundo, e por elas todas as classes inferiores deverão ser guiadas e elevadas. É a estas que este livro se dirige de modo mais particular; e é destas que se pode esperar a máxima imparcialidade na investigação do seu conteúdo. Dessa parte, portanto, se a obra for verdadeira, nada tem a temer, e tudo tem a esperar.

Com as declarações e considerações anteriores, este livro é submetido ao mundo com a mais plena confiança de que é tudo aquilo que afirma ser, e com a mais inteira confiança no seu poder intrínseco para cumprir o propósito a que se propõe. Pela sua moralidade pura e elevada, pelos seus princípios nobres e sagrados, pelas suas verdades de uma sublimidade e consolo indizíveis, estamos dispostos, se a necessidade absoluta assim o exigir, a sacrificar todas as coisas terrenas — e até a própria vida. E rejubilamo-nos por saber que não estamos sós nesse sentimento. Pedimos apenas que este volume seja lido com a candura e a seriedade que a natureza do seu conteúdo exige; que se profira decisão a seu favor ou contra ele segundo o peso da evidência, e que a ação correspondente seja pronta, firme e enérgica. Aguardamos o resultado com as mais animadoras expectativas.

WILLIAM FISHBOUGH
Williamsburgh, N.Y., Julho de 1847

ÍNDICE GERAL*

PARTE I — A CHAVE
Considerações gerais sobre a condição da sociedade no passado e no presente — As causas dos males não são visíveis na aparência externa das coisas, mas encontram-se ocultas na alma das instituições existentes. O interior de todas as coisas é a única "Realidade real" — o exterior é apenas a expressão transitória. Fundamentação do Magnetismo Animal, da Clarividência e da origem das impressões do autor. Provas da existência espiritual. Generalizações e raciocínios sobre várias leis e princípios do Universo. Movimento universal e eterno. Progressão eterna de todas as coisas através de linhas circulares ou espirais de desenvolvimento. Correspondência ou analogia universal. "A Grande Mente Positiva como Causa, a Natureza como Efeito, e o Espírito como Finalidade", etc., etc.

PARTE II — A REVELAÇÃO
A condição original de toda a matéria como fogo líquido. O grande Sol do "Univercuelum" como Trono ou "Vórtice" do Poder e Inteligência Infinitos. Evolução de uma atmosfera ígnea a partir do Grande Centro, e formação de zonas nebulosas sucessivas, envolvendo quase a imensidão do espaço. Formação de milhões incontáveis de sóis a partir destas zonas, com os seus respetivos planetas. A imensidão da criação. Leis do movimento planetário. Origem e explicação da Gravitação Universal. O nosso sistema solar. Origem do sol e dos planetas — habitantes destes últimos. História geológica da Terra minuciosamente traçada. Desenvolvimento dos reinos mineral, vegetal e animal, e do Homem. Colonização original das nações. Antigos habitantes da América Central, etc. Origem das línguas — dos hieróglifos — da teologia mitológica — dos credos e instituições que não têm fundamento na Natureza. Revelações anteriores. O que é o homem fisicamente? O que é o homem espiritualmente? Análise das faculdades humanas — leis do seu

governo. O processo da morte. A Segunda Esfera, ou mundo da existência humana. A 3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª Esfera. O grande Sol Espiritual do Universo e Trono do Amor e Sabedoria Divina.

PARTE III — A APLICAÇÃO

Análise da sociedade. Doenças do grande Corpo social. Corrupção das instituições — desuniões — conflitos universais de interesses e consequente vício. O Remédio. A lei da associação, afinidade ou gravitação universal, aplicável ao Homem como a todas as outras coisas no Universo. Uma situação natural adaptada a cada pessoa, e uma pessoa adaptada a cada situação natural. A humanidade organizada de forma a corresponder ao sistema planetário, ou ao Universo; ou seja, cada um gravitante para o seu próprio trabalho, clima, associação, etc., e laborando na esfera para a qual está qualificado. O processo de transição para a reorganização social, e os primeiros e subsequentes passos a dar por agricultores, mecânicos, fabricantes, advogados, médicos e clérigos. A sociedade como será em breve. Os novos céus e a nova terra.

O nosso índice de conteúdos é, por ora, deliberadamente breve e muito geral. Esperamos que o que aqui é apresentado não desvie a atenção do leitor para partes específicas, de forma a impedir aquela leitura progressiva e consecutiva de todo o volume, que é a única forma de garantir uma compreensão apropriada das partes.

Irmãos:

Não temais, pois o Erro é mortal e não pode viver,
e a Verdade é imortal e não pode morrer!
O dever exige análise séria e investigação de todos os temas relevantes.
A Verdade pode ser encontrada na Revelação que se segue:
se assim for, a Natureza deve ser o padrão
pelo qual todos os homens julgarão se as verdades nela contidas são
puras, práticas e elevadoras.
Nenhum padrão arbitrário ou externo deverá ser reconhecido
como adequado para testar a verdade do que aqui se apresenta,
nem o carácter das verdades aqui contidas.
Exige-se o veredito da Natureza, e não dos homens.
Na medida em que todas as criações terrestres
são produções espontâneas da Mente Divina,
nenhuma verdade se diminui pela descrença —
nenhum erro se torna verdadeiro
porque os eruditos o aceitam como tal.
Nada pode ser mudado que seja imutável,
nem pelo homem nem pelas suas ações.
Avançai, pois!
Exercitai o vosso dom mais precioso — a Razão —

e não temais a corrupção da verdade, ainda que nova;
nem espereis qualquer bem do erro, por mais antigo que seja.

Fui impelido a revelar o que se encontra nas páginas seguintes,
não por a verdade nunca ter sido descoberta,
mas para lhe dar uma forma nova e atraente,
e um poder capaz de instruir, purificar e elevar a raça.

A Primeira Parte, ou Chave, apresenta uma visão geral das teorias existentes
e expõe os fundamentos da filosofia desenvolvida na Segunda Parte,
que é a alma ou base de toda a estrutura.
A Terceira Parte, ou Aplicação, consiste numa análise da sociedade humana
e numa aplicação dos princípios previamente revelados,
de modo a que uma reforma semelhante a um novo céu e uma nova terra
possa fluir legitimamente daí.

A organização física e mental do homem impõe a conclusão
de que não há limites possíveis ao progresso social
nem à elevação espiritual:
pois o homem é um microcosmo,
uma expressão combinada de todas as perfeições
contidas na essência Divina
que anima e preserva a harmonia do Universo.
Sobre a constituição do homem,
que é um modelo da sabedoria Divina,
assentam os princípios importantes que,
quando devidamente compreendidos,
irão tornar o mundo inteiro uma só Irmandade.

Além disso, fui impressionado a escolher três testemunhas,
que deveriam estar presentes nas palestras,
para que o mundo, através delas, pudesse saber
de onde fluem estas revelações.*
O número corresponde a uma trindade,
manifestada por toda a parte na Natureza e nas suas produções;
e foi escolhido com o propósito de garantir
diferentes graus específicos de perceção e qualificação.
E também era necessário um escriba,
para preservar estes ensinamentos,
e prepará-los e apresentá-los à mente pública.
E era impossível, sem um manipulador qualificado,
entrar na esfera da sabedoria
necessária para me permitir relatar estas coisas.

A primeira testemunha escolhida foi o Rev. J. N. Parker,
cuja constituição física e mental o predispunha à observação e investigação exteriores.
Tinha tendência para perceber e compreender a natureza
e qualidades de todos os movimentos exteriores —
tinha capacidade para compreender as coisas relatadas —
mas a sua inclinação era para o exterior e o geral.

*Para além das testemunhas escolhidas especificamente, as seguintes pessoas assistiram a um maior ou menor número de palestras: —

Joseph Haight, New York.
Rev. S. B. Brittan, Albany, N. Y.
S. W. Britton, Troy, N. Y.
Benajah Mallory, Bridgeport, Conn.
James Victor Wilson, New Orleans.
Isaac S. Smith, M. D., Detroit, Mich.
Dr. Thomas Loweree, Newark, N. J.
Joseph H. Goldsmith, Southold, N. Y.
John Landon, Factory Point, Vt.
Abner Howe, Syracuse, N. Y.
Hervey K. Haight, Bridgeport, Conn.
Israel Kinsman, New York.
H. G. Cox, " "
J. H. Bailey, " "
C. C. Wright, « "
B. S. Horner, « "
Henry J. Horn, « «
Pendleton Lapham, " "
Dr. A. Johnson, « "
Albert Brisbane, " "
Rev. T. L. Harris, " "
James Taylor, " "
William L. Burdict, " "

Foram, no total, cento e cinquenta e sete palestras. Nos manuscritos originais, escritos a lápis, de cento e quarenta destas palestras, encontro anexadas duzentas e sessenta e sete assinaturas de testemunhas — estando subscrito, em cada palestra, um ou mais dos nomes das pessoas acima mencionadas, incluindo os testemunhos especialmente escolhidos. O número de palestras testemunhadas por um mesmo indivíduo varia entre uma e setenta e três. Há, aqui e ali, uma palestra (num total de dezassete) que não contém qualquer assinatura de testemunha; mas a identidade da

sua origem com a das restantes não será posta em causa por ninguém que investigue devidamente.

Algumas pessoas, não mencionadas anteriormente, estiveram presentes em determinadas palestras; mas como os seus nomes não constam dos documentos, é desnecessário referi-las.

O primeiro testemunho escolhido foi o do Rev. J. N. Parker, cuja constituição física e mental o predispunha à observação e investigação exteriores. Estava inclinado a perceber e compreender a natureza e qualidades de todos os fenómenos físicos — possuía a capacidade de apreender as matérias relatadas — mas tinha uma inclinação para o exterior e o geral. Por isso, estava qualificado para observar cada fenómeno físico — e, assim, corresponde ao princípio do **amor**, que será definido posteriormente.

O segundo testemunho escolhido foi o de Theron R. Lapham, fisicamente e mentalmente qualificado para perceber manifestações externas e penetrar profundamente no interior dos assuntos revelados. Está naturalmente inclinado à investigação crítica de vários temas que conduzem ao desenvolvimento da mente e à elevação da humanidade. Está qualificado, por uma combinação de experiências, para compreender a verdade e a viabilidade de cada assunto tratado. Consegue sentir a aplicabilidade desses princípios à sociedade, estando pessoalmente consciente da sua veracidade, e desejoso — ainda que silenciosamente — de ver a sua plena realização. Por isso, foi escolhido por corresponder ao princípio da **vontade**, ou poder executivo, que também será definido mais adiante.

O terceiro testemunho escolhido foi o do Dr. T. Lea Smith, que se encontrava num estado de transição entre as doutrinas e filosofias artificiais do mundo, e aquelas verdades elevadas e mais importantes que só a Mente é capaz de perceber e integrar. Está naturalmente inclinado à meditação interior, e é capaz de sentir a força de qualquer verdade elevada e interior quando lhe é apresentada. Tem uma tendência para a associação espiritual, revelando em todo o momento uma pureza de intenção e uma sincera devoção. Por isso, corresponde ao princípio da **sabedoria**, que também será revelado mais adiante.

O escriba escolhido foi William Fishbough, fisicamente e mentalmente constituído de modo a manter harmonia e dignidade no exterior, e pureza e bondade no seu ser interior. Está, por natureza, inclinado a associar-se com aquelas verdades elevadas e sublimes cujo conhecimento emana das manifestações da Natureza e da Mente Divina. Possui um desejo interior de pesquisar e compreender todas as verdades úteis, naturais e espirituais. Mentalmente, tende a buscar as esferas superiores e a confiar nas suas revelações infalíveis. Está geralmente capacitado para preservar a harmonia nos movimentos da vida natural, e a pureza no que diz respeito aos

ensinamentos das coisas divinas; e possui um sentido de justiça que não pode ser comprado por interesses materiais. Por isso, foi escolhido para desempenhar esta função, por corresponder à combinação de **amor, vontade e sabedoria**. Embora estas qualidades ainda se encontrem num estado rudimentar, estão já suficientemente desenvolvidas para produzir os seus resultados naturais, cuja natureza será descrita posteriormente.

O manipulador, Dr. Silas Smith Lyon, é fisicamente constituído de forma a ser capaz de transmitir uma influência afim ao sistema do orador, tornando possível a transição das faculdades naturais para a esfera espiritual. Mentalmente, é inclinado a perceber e compreender princípios elevados, e a aplicá-los à sua vida e ações. Está profundamente empenhado em cumprir, a todo o momento, aquilo que tais princípios exigem, desejando justiça e o bem comum; e, assim, encontra-se mentalmente capacitado para compreender todas as verdades espirituais que são objeto de meditação interior. Por esse motivo, opõe-se naturalmente a toda a dissimulação, e expressa aquilo que faz parte da sua mente não através de palavras, mas do seu comportamento e ação geral. Por isso, fui impressionado a procurar essa associação exterior como meio primário de auxiliar a mente a obter e revelar estas coisas.

Estando, pois, rodeado de testemunhas sinceras, desejosas e qualificadas para receber a verdade; com um escriba espiritualmente absorvido nas matérias relatadas; e com um manipulador que governa a ação durante a sua exposição, fui impressionado, sem obstrução, a apresentar estas revelações.

Quanto à constituição física e mental do orador, o mundo virá a conhecê-la por um processo diferente — um que será sugerido ao escriba, por meio do qual todas as informações úteis sobre estes assuntos serão apresentadas ao público.

Tal foi, irmãos, o meio exterior pelo qual esta obra veio a público. O vosso dever é o de procurar; e, depois de procurar, perguntar à Natureza e ao vosso juízo superior quanto de verdade prática aqui se encontra revelado. Ao fazerem isto, manifestarão a dignidade das vossas naturezas, cumprirão o vosso mais elevado dever, receberão a mais profunda aprovação interior e alcançarão a felicidade mental!

PARTE I

A CHAVE, OU OS PRINCÍPIOS DA NATUREZA

§ 1. A razão é um princípio que pertence apenas ao homem. A função da mente é investigar, procurar e explorar os princípios da Natureza, e rastrear as manifestações físicas nas suas múltiplas e variadas ramificações. O pensamento, na sua verdadeira essência, é incontrolável — ilimitado. É livre para investigar e para se elevar em

aspirações sublimes. E a única esperança de melhoria do mundo reside no pensamento livre e na investigação irrestrita. Tudo o que se opõe ou tende a obstruir este princípio nobre e elevado está errado.

A mente não pode ser acorrentada! Ela deixará o seu lugar de repouso e explorará os campos da ciência; e, não se satisfazendo com a investigação das coisas terrenas, ascendeu aos céus e contou as estrelas. Familiarizou-se com os movimentos dos planetas, deu nomes às leis que regem o universo e provou a existência e as qualidades dessas leis através da análise e demonstração matemática. A mente é, por natureza, livre nas suas ações e pensamentos — liberta de todas as amarras e grilhões do mundo exterior. Contudo, o homem não tem sido autorizado a exprimir os sentimentos que jorram irresistivelmente na sua mente. A ignorância, a superstição e o fanatismo têm brandido um cetro tirânico, e o sectarismo usurpou o domínio sobre a alma humana!

O homem tem direitos fundamentados nos princípios da Natureza. Esses direitos foram pervertidos, esmagados e prostrados. A loucura reinou no lugar da razão; a imbecilidade reinou em vez do pensamento; o vício reinou em vez da virtude; a ignorância reinou em vez do conhecimento, e o fanatismo reinou em vez da benevolência! Assim, os mais altos, santos e sublimes poderes do homem foram reprimidos e distorcidos pelas grilhetas degradantes da superstição e da falsa imaginação.

A função da mente é dominar onde os males acima mencionados têm reinado. É tornar-se livre e liberta da prisão da obscuridade sectária, e ser conduzida à luz da verdade e à atmosfera da liberdade. Os altos monumentos da ignorância que têm existido poderão ser interpelados por gerações ainda por nascer.

O homem não tem sido autorizado a usufruir do exercício livre e irrestrito das suas capacidades e faculdades intelectuais. Não teve liberdade para exprimir os pensamentos que brotam das profundezas da sua mente, mas foi compelido a contê-los e reprimi-los por falta de uma atmosfera de luz e liberdade. Os poucos que ousaram expressar-se livremente, fizeram-no sob o risco iminente da sua destruição física. Verdades eternas foram concebidas, mas sufocadas pela mão de uma Ignorância dominante e tirânica.

Essa ignorância ainda existe; esse fanatismo e essa superstição ainda persistem; e onde repousa a responsabilidade pela sua existência? A usurpação sectária deve arcar com tal responsabilidade. Ao longo da sua história, esmagou e impediu o exercício livre do progresso moral e intelectual. Obstruiu o avanço do conhecimento humano. Ofuscou os principais contornos e manifestações da verdade, e lançou um manto de ignorância e fanatismo sobre o mundo. Encobriu e escondeu da mente

humana o verdadeiro e único princípio que constitui a sua dignidade especial. Esgotou os alicerces da felicidade humana.

Produziu uma cisão na raça, e uma perversa prostituição de poderes humanos ainda não corrigidos nem controlados. Os verdadeiros interesses da humanidade foram assim pervertidos em prol do vício e da miséria. A sabedoria não existiu — a loucura usurpou o seu trono. O conhecimento foi limitado, enquanto a ignorância se tornou universal. A felicidade foi esmagada por terra, enquanto a miséria por toda a parte ergueu a sua cabeça hedionda. A perseguição, incitada e sustentada pela ignorância e pelo preconceito partidário, destruiu milhares de seres humanos. A mente do homem foi assim escravizada, e nenhum princípio ou força de verdade e virtude conseguiu quebrar as suas cadeias!

Deploráveis foram os resultados da ignorância e do vício. Com mão impiedosa, agarraram e dominaram os interesses, afetos e associações mentais dos homens, até que a voz da Natureza perdeu a força para falar e revelar o destino das suas vítimas! Assim, profundamente melancólica foi a condição das gerações passadas. A causa está vividamente refletida nas nossas mentes; e tal reflexão conduz à conclusão de que tais condições não deverão voltar a existir. A reflexão sobre o passado e o presente mostra à mente que investiga que as instituições que existiram estiveram em direta oposição aos interesses, sentimentos e afetos da natureza humana. Essas instituições já não poderão subsistir como o fizeram, porque a mente do homem está quase libertada das suas amarras, livre para agir, investigar e exprimir com coragem as suas convicções mais sérias e sinceras. E estas investigações removerão os alicerces de instituições iliberais, que assentam em motivos impuros e não em princípios verdadeiros — que são sustentadas por interesses pessoais e não pelo bem comum da humanidade.

O mundo assenta em fundamentos errados. Os interesses de uma pessoa estão em oposição direta aos de outra; e o que é vantajoso para um resulta em desgraça para outro. Os interesses individuais concentram-se em princípios e objetivos isolados e distintos; e a condição corrompida da sociedade e do mundo deve-se ao elevado grau de absorção individual, em detrimento dos direitos comuns da humanidade. É por esta razão que o mundo, em vez de harmonizar em todas as suas partes e ramificações, se encontra num estado de desorganização; e, pelo facto de cada parte estar impedida, de múltiplas formas, de comunicar e harmonizar com as outras, o conjunto tornou-se desunido e confuso.

Tal como está organizado, os elementos que estão unidos funcionam como absorventes daqueles que não estão; e, por isso, em vez de um estado harmoniosamente organizado do mundo, uma parte torna-se excrescente e alheia a outra. Em vez de unidade, o mundo está desunido; e em vez de harmonia, reina a confusão. Em vez de paz e boa vontade universais, prevaleceram a guerra e a

devastação; e, em vez de os interesses e a felicidade de um homem consistirem nos do conjunto, os interesses de cada um estão em oposição direta aos dos outros. Isto não pode — e não deve — continuar a existir por muito mais tempo. As suas causas estão a ser reveladas; e essa revelação desperta os sentimentos, os interesses e os afetos oprimidos do homem, para uma vasta rebelião contra os domínios do vício e da miséria. A Verdade, com o seu poder grandioso, triunfará sobre a ignorância; e todos os seus inimigos serão esmagados para jamais se levantarem! Um só princípio, um só fundamento, uma só fé, um só interesse, um só asilo universal e eterno existirá para todo o mundo da humanidade! Tal resultado transcende as mais elevadas conceções da mente; e será ele que fará surgir a luz há tanto tempo escondida do mundo. Essa luz é a felicidade e a paz; e essa é também a luz que, uma vez expandida, não pode mais ser contraída. Esta é a ressurreição da degradação moral e intelectual!

§2 Os princípios gerais da Natureza e dos direitos humanos exigem esta melhoria. Os interesses, sob a forma de desejos sectários, prostraram as energias da mente nascida livre, e os princípios morais foram escravizados e aprisionados na escuridão do fanatismo que envolveu os intelectos dos homens. Não apenas os verdadeiros princípios da natureza do homem se tornaram obscuros e vagos, como também as suas legítimas manifestações foram deturpadas. Disposições, sentimentos e afetos que o homem jamais possuiu foram tidos como constituindo a sua essência; e esta ideia errada levou à conclusão de que o homem pode ocupar posições contrárias aos seus próprios interesses.

Mas encontra-se imoralmente posicionado o homem cujo interesse lhe dita uma coisa, enquanto a sua consciência e o dever lhe apontam outra. Está imoralmente situado aquele cujo interesse é reter conhecimento, quando a sua razão lhe diz que esse conhecimento deveria ser amplamente disseminado. Está imoralmente situado quem é forçado a esconder do mundo os seus sentimentos e afetos, e a reprimir os princípios gerais da sua natureza para preservar os seus interesses pessoais. É assim que os verdadeiros princípios da natureza humana e a verdadeira fonte da felicidade se tornam ocultos; e quando a sua manifestação correta se dá, passa diante dos olhos do mundo como uma mera aparição — parecendo fugaz e efémera como os pensamentos da última geração.

Pensa-se que as circunstâncias controlam irresistivelmente o mundo, tanto no plano coletivo como no individual; e, sob esta impressão, o homem consentiu em ser dominado por elas. Mas o homem possui o poder de destruir as circunstâncias que são desfavoráveis à sua felicidade e paz; e ao exercer esse poder, apoiará e cooperará com os princípios da Natureza. Uma vez destruídas essas circunstâncias passageiras, o homem será governado apenas pelas operações da lei geral. Contudo, isso ainda não foi feito, porque o homem isoladamente não o pode fazer.

Nenhum princípio de governo, invariável na sua natureza, pode manifestar os seus resultados adequados quando aplicado a uma comunidade isolada e desconectada. Aqueles que fundaram e tentaram sustentar comunidades foram pessoas que procuraram adaptar as leis que as governavam aos seus próprios sentimentos e afetos. A condição da sociedade e do mundo tornou-se repulsiva aos seus sentimentos e convicções; e os seus movimentos não são mais do que o extravasar e jorrar de desejos há muito tempo reprimidos.

O conhecimento das leis naturais que regem a sociedade já deveria ter sido compreendido; mas as fontes de conhecimento existentes no mundo foram desviadas do seu verdadeiro propósito e uso. As instituições criadas para a difusão do saber assentam numa base artificial. O interesse de cada uma delas é manter esse conhecimento confinado em si própria; quando, pelo contrário, o princípio e interesse de todas deveriam ser tornar esse conhecimento universal. Além disso, as pessoas que não têm capacidade para compreender as ciências não deveriam ser educadas para ocupar, nem forçadas a manter, posições onde tal conhecimento seja absolutamente necessário.

As posições dos profissionais são extremamente corruptoras e degradantes. Aqueles que desejariam agir com honestidade, não o podem fazer, pois os seus interesses opõem-se a isso. A condição dessas e de outras pessoas da sociedade representa artificialmente as circunstâncias pelas quais o mundo é governado. As gerações passadas negligenciaram a grande luz do conhecimento destas verdades. Empenharam-se na edificação de castas sectárias e denominacionais; e para proteger essas castas, nações guerrearam contra nações. Destruição e devastação foram os seus resultados naturais; e, ao negligenciar o bem geral e pessoal, o homem perdeu a sua felicidade através de tais procedimentos desumanos. Nenhum homem podia expressar um pensamento ou manifestar-se de forma contrária ao sentimento dominante.

Este vício, esta miséria, esta iliberalidade e falta de caridade, com todos os seus legítimos resultados morais e intelectuais, ainda existem; e o homem perdeu grande parte da luz e do conhecimento que agora possuiria se o real tivesse ocupado o lugar do artificial.

A investigação livre e irrestrita é essencial ao progresso moral e intelectual, e por isso deve ser encorajada. A verdade é um princípio eterno; e qualquer instituição, credo, denominação ou influência de caráter sectário que se oponha, de qualquer forma, à investigação livre e irrestrita da verdade, deve evidentemente assentar na ignorância, superstição e fanatismo. Além disso, tudo aquilo que tenda a restringir o espírito de investigação manifesta abertamente o seu próprio erro. Todo o princípio contrário à investigação livre e desimpedida revela claramente o medo da luz e do conhecimento. A luz, em qualquer assunto de natureza moral, deve ser recebida

livremente, sem interesses ou preconceitos locais; e se a investigação livre ou o exercício mais ilimitado da mente humana for impedido, essa obstrução denuncia a condenação do seu próprio autor: pois esta é a condenação — que a luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas dos tempos passados à luz, porque as suas instituições e ações são más.

Apela-se agora aos sentimentos, desejos e entendimento:
É compatível com os verdadeiros princípios morais que os interesses da humanidade sejam distintos e conflituosos, ou que os interesses do homem entrem em oposição direta com o seu sentido de justiça e retidão?
É justo que o homem suprima o pensamento, em vez de o deixar fluir livremente?
É justo que o homem confunda o que existe com o que não existe?
É justo que o homem esteja colocado em situações onde o seu interesse entre em conflito com o seu dever?
É justo que a usurpação sectária domine a mente humana, em vez de o homem poder raciocinar com entendimento?
É justo que a moral do homem seja suplantada pelo domínio do vício e da miséria?
É justo que uma única ideia constitua todo o alcance mental de uma classe ou comunidade, em vez de existir pensamento e ação livres e universais?
É justo que a verdade e os seus frutos sejam esmagados e vencidos pelo erro?
É justo que a felicidade e a paz sejam expulsas do mundo, para dar lugar à miséria e à imperfeição?
É justo que a atmosfera livre e pura da luz, da verdade e da liberdade seja contaminada pelos elementos impuros da ignorância e da loucura?
A linguagem é insuficiente para expressar a importância destas questões — e das suas respostas!

A associação, quando baseada em princípios verdadeiros e naturais, é adequada e extremamente benéfica; mas quando pervertida e formada arbitrariamente, torna-se extremamente prejudicial e corruptora. É da natureza do homem procurar uma associação na qual possa respirar uma atmosfera de luz e liberdade; e é da sua natureza valorizar as associações que forma a partir dos impulsos espontâneos dos seus afetos e inclinações. Mas, embora seja natural que o homem forme ligações, estas, para serem genuínas, devem ser regidas totalmente pelas suas sensibilidades e afetos internos. A esfera de um homem só pode aproximar-se da de outro de acordo com as leis de uma congenialidade natural; e as impressões sobre o homem interior, embora recebidas através dos sentidos, são reguladas e sancionadas por uma lei universal da Natureza.

Pois o homem possui uma forma visível, que serve como meio de ligação com as coisas invisíveis e eternas. Assim, o homem tem poder para compreender e analisar os elementos essenciais da verdade, que é invisível e eterna; e se tivesse usado

corretamente esse poder, não sentiria que vive entre circunstâncias incontroláveis e predestinadas, mas revelaria a sua verdadeira natureza e dignidade ao investigar e eliminar as causas das quais tais circunstâncias são apenas efeitos. E, uma vez eliminadas essas causas, os efeitos cessariam.

Mas uma política de proteção tem prevalecido em todo o mundo, destruindo o poder e a disposição para mudar essas circunstâncias. A causa de tudo isto tem sido a ignorância universal; e o homem só poderá mudar essa causa tornando-se livre e inteligente.

§3 Na medida em que o homem é governado pelo interesse, este é, na realidade, o seu princípio; e o objetivo geral a alcançar é o de transformar os seus interesses nos interesses do todo. Ele deve sentir que o que constitui o seu bem é também o bem de todos; que aquilo que governa e orienta as suas ações deve igualmente governar e orientar as ações do mundo; e que aquilo que constitui a sua felicidade e paz deve igualmente constituir a felicidade e paz de toda a humanidade.

Deve sentir que aquilo que é do seu interesse investigar e explorar, deve igualmente estar relacionado com os interesses de todos; e deve sentir que aquilo que contribui para o seu conforto e progresso deve também servir ao conforto e progresso da espécie humana. E deve sentir que o bem mais elevado — e único — da sua própria natureza é compatível com, e conduz ao, bem mais elevado — e único — de toda a sua espécie. Este princípio será reconhecido, mas apenas quando forem quebradas as correntes da usurpação sectária e a mente do homem se tornar livre para pensar, exprimir-se e agir em conformidade com aquilo que ele próprio, e o mundo inteiro, reconhecem como justo.

Então o homem manifestará a sua verdadeira natureza e dignidade, e então revelará o seu valor intrínseco. Então será guiado pelos grandes princípios morais que foram concebidos para reger o seu ser. Então será plena a beleza da virtude; então o homem será governado pelas leis imutáveis da bondade e da afeição; e então ele será verdadeiramente homem — no sentido mais elevado e sagrado da palavra. Então, a retidão, a justiça e a equidade serão características inevitáveis dos seus pensamentos e ações. Então, a paciência, a perseverança e a orientação da sua natureza mental manifestar-se-ão em todas as suas empreitadas morais e intelectuais. O homem tem a promessa de que todos estes resultados serão alcançados. O sol da luz moral surgirá por entre as nuvens da sua história passada; e, com a ajuda da experiência adquirida, luz, calor e virtude espalhar-se-ão com uma difusão universal!

Mas é necessário expor de forma mais clara os vícios e a miséria experimentados pelas gerações passadas; pois a experiência é o único verdadeiro mestre, que, ao recordar ao homem os erros anteriores, o pode conduzir aos caminhos da justiça. E é

dever do homem aprender através da experiência — mesmo que cara — e, ao reconhecer os erros do passado, praticar a retidão.

As instituições fundadas sobre as exigências artificiais de uma ignorância dominante lançam ainda hoje um manto sobre o mundo, que impede a investigação livre e desimpedida. Para defender essas instituições, o homem tem sido forçado — contra a sua natureza e dever, e em completo sacrifício da justiça, dos sentimentos e da consciência — a empunhar a espada contra o seu irmão. Guerra, perseguição, vício e miséria têm assim reinado. A natureza moral, social e intelectual do homem foi esmagada e prostrada! O islamismo empunhou o seu cetro tirânico e, na sua marcha, esmagou milhares por terra. As lágrimas da compaixão e os afetos e sentimentos espontâneos do homem foram reprimidos na loucura de um fanatismo tomado por religião.

Nessa época, o homem não era homem nos seus sentimentos, desejos ou ações; pois as características distintivas da sua natureza estavam sufocadas pela mão inexorável da perseguição e do sofrimento. A legislação, então, não era restringida por qualquer princípio de direitos humanos. Os princípios sociais já não eram valorizados por aqueles que fundavam instituições. Irrefletidamente e sem temor, perpetuou-se essa destruição deliberada da moral e da paz do mundo. O homem, nesse tempo, era oprimido por todos os poderes temporais e exteriores, e não tinha liberdade sequer para expressar o desejo de se libertar da sua condição degradante.

Os seus direitos morais, intelectuais, civis e sociais estavam completamente esmagados. Os seus maiores esforços eram insuficientes para promover uma revolução na condição da humanidade. Uma reorganização que lhe permitisse desenvolver as suas faculdades era impossível. A restituição dos seus direitos esmagados estava para além das suas próprias conceções; pois a sua mente não era livre para se expandir, mesmo que assim o desejasse — nem sequer podia acalentar a esperança de uma ressurreição.

Instituições inquisitoriais, sem qualquer controlo ou restrição, espalharam-se pelas nações como um grande dilúvio; e, então como agora, a mente não era livre para pensar e revelar as suas convicções interiores. Nenhum princípio de justiça ou de natureza era mais reconhecido como força impulsionadora para motivar o homem nas suas ações. Todos esses princípios foram pervertidos, e o homem foi forçado a permanecer na fogueira — onde, em meio às chamas ardentes, os princípios instintivos da sua natureza irrompiam — e ali permanecia firme e inabalável! Mas o mundo não foi tão corrompido que destruísse os princípios de alguns nobres caracteres que viveram.

Os homens tornaram-se degradados, não apenas pela escuridão e pela ignorância, mas ainda mais pela tortura e martírio das suas naturezas físicas e mentais. Muitos

passaram pelas provas de fogo que a ignorância, o vício e as inquisições lhes impuseram, e sofreram não apenas a perda da sua liberdade física e mental, mas sacrificaram as suas próprias vidas. Toda esta escravidão mental tem como causa uma perversão das inclinações naturais do homem e dos princípios da Natureza.

E existem hoje seres tão perfeitos quanto quaisquer outros em estatura, simetria e constituição fisiológica; governados pelos mesmos sentimentos, afetos e associações naturais; manifestando os mesmos afetos e desejos instintivos e autênticos pela sua liberdade física — seres que fazem parte da humanidade, ainda que não apresentem exatamente o mesmo tom de pele que os demais — e sobre estes assumistes um controlo que não vos compete exercer. E ao abandonardes todo o senso de justiça e retidão, escravizastes esses vossos semelhantes, mantendo parte da vossa própria espécie em servidão física e legal! A escravidão mental das gerações passadas tem semelhança com a escravidão física do presente.

A única esperança para a melhoria física e mental da humanidade reside num progresso mental lento, mas constante; e este deve resultar de uma investigação firme, paciente e decidida das causas que estão na origem dos males presentes. E a experiência dos erros dos séculos passados servirá como guia para as nossas ações futuras.

A condição da sociedade atual impede o exercício de verdadeiros princípios morais e de ações humanas justas. É objetivo e interesse das instituições manter o conhecimento confinado aos seus próprios limites, e reter o pouco que possuem da mente coletiva; pois, se o conhecimento se tornasse universal, essas instituições tornar-se-iam inúteis. Os profissionais também sentem que é do seu interesse reter conhecimento relativo às suas áreas específicas. O médico sente que é do seu interesse que pouco se saiba sobre a estrutura fisiológica e anatómica do corpo humano; pois se o conhecimento desta ciência e das leis que regem a organização física fosse amplamente difundido no mundo, cada pessoa compreenderia as consequências das violações orgânicas — e passaria a evitá-las.

E os homens estariam informados moral e intelectualmente; e, assim, não só preveniriam a doença, como se absteriam, individualmente, de violar as leis da sociedade. E à medida que o conhecimento desta ciência se disseminasse pela comunidade ou pelo mundo, os interesses individuais do homem seriam absorvidos pelo bem geral. O médico, portanto, percebe que o seu interesse reside na existência da ignorância, do vício e da consequente doença. Enquanto médico, assim o confessará; enquanto homem, repudiará e condenará completamente tal estado de coisas. Situação semelhante é a de qualquer outro homem na sociedade.

Outro vício pode ainda ser mencionado: o interesse do destilador reside na quantidade de embriaguez que prevalece no mundo; e a degradação do homem pela

ignorância aumenta os seus lucros ao promover a indulgência desenfreada em gratificações bestiais. Daí a embriaguez ter prevalecido de forma alarmante. E este estado de coisas é também sancionado pelas mais altas leis civis dos estados e das nações; e cada corpo legislativo deu a sua aprovação, embora os seus melhores sentimentos, o sentido de justiça e a consciência do dever abominassem o ato.

§4 A sociedade, assim, existe sobre fundamentos errados — está baseada num erro e num equívoco quanto ao verdadeiro princípio que move o homem. Procura o bem isolado em vez do bem geral; e disso resultou uma destruição da moral e da paz da sociedade e do mundo.

Existe, então, liberdade para o exercício irrestrito do pensamento e da expressão? Estará o homem irremediavelmente perdido para a sua verdadeira natureza, devido às circunstâncias e condições que o colocaram onde está? Haverá alguém que se oponha à investigação livre dos princípios que regem o seu ser? Existirá alguém no mundo que não aplicaria de boa vontade toda a sua força mental e energia para produzir uma revolução e reorganização da sociedade? E, em vez de a sociedade e o mundo existirem num estado desunido e desorganizado, dependentes exclusivamente de circunstâncias externas e sujeitos ao domínio imediato de leis artificiais, não seria melhor compreender e reconhecer a lei que rege a Natureza e o homem com um governo constante e imutável?

Não seria preferível que essas leis fossem compreendidas, cujos resultados são em todos os momentos previsíveis, de modo a que, em conformidade com as suas exigências, todas as ações e interesses da humanidade possam tornar-se reciprocamente ligados, e que o interesse individual de cada um esteja em harmonia com o interesse e a felicidade da raça?

Não seria, repetimos, melhor que o mundo existisse segundo essas leis imutáveis? Então a existência seria o símbolo do brilho e da beleza do Éden! Então, aquela grande Árvore, que há tanto tempo tem estado oculta da visão mental, mas cujas raízes sempre existiram — fundadas unicamente nesse grande sistema da Natureza de que somos sujeitos e efeitos — cresceria e progrediria em glória, beleza e perfeição. Assumiria a forma verdadeira e manifestaria as qualidades nobres que legitimamente lhe pertencem. Floresceria e frutificaria com esplendor, e os seus frutos seriam os interesses unidos da humanidade. Espalharia a fragrância de uma benevolência generalizada, de bondade fraterna e de caridade. Os seus ramos ondulariam sobre o mundo, e gerações ainda por nascer repousariam na sua sombra revigorante. Tais seriam os frutos deliciosos da grande Árvore do Conhecimento!

O seu oposto, no entanto, tem existido. Foi-lhe permitido crescer sobre as mentes equivocadas e mal orientadas dos homens, e sobre supostos princípios que nunca fizeram parte da verdadeira natureza da humanidade. Em todas essas

superficialidades germinaram as raízes da árvore do mal. E agora que compreendemos o fundamento sobre o qual essa árvore foi autorizada a crescer, torna-se vosso dever, vosso interesse, o vosso bem maior e mais elevado, derrubá-la e destruí-la; e então estabelecer a humanidade, tanto social como mentalmente, nas diversas esferas e organizações naturais da existência. E então será visível, elevando-se acima de tudo e transcendendo por completo as mais altas conceções humanas, aquela grande Árvore cujo fundamento está na Natureza, e cujo crescimento dependerá da fertilidade das vossas mentes e das vossas ações justas.

O seu efeito legítimo será espalhar pelo mundo uma fragrância universal de afeição, que unirá os interesses, os sentimentos e as associações dos homens num só corpo unido; e a raça humana será perfeita, tal como foi o seu representante — o homem Adão! Então esta Terra será um jardim grandioso e universal, o verdadeiro Éden da existência; e a humanidade, como uma única nação, será como o seu representante — de pé nesse jardim, perfeita, sem mácula nem mancha. E essa grande Árvore, cujo crescimento foi por tanto tempo sufocado e retardado, germinará e espalhará os seus ramos sobre as nações do mundo, cujos interesses serão um só interesse; cujos valores morais formarão um vasto e universal rio de luz e retidão. Todas as partes estarão unidas para formar um todo vasto e harmonioso; e então virá o verdadeiro milénio! Então, também, as vozes unidas de cada geração vindoura repetirão aquela grande e sagrada exclamação que hoje ainda se encontra abafada, mas não esquecida:

"Paz na Terra, boa vontade entre os homens!"

Estas reflexões proféticas não são meros produtos de uma imaginação exaltada; são conclusões derivadas de uma análise direta das causas e efeitos — induções retiradas da comparação entre as gerações passadas e presentes. Um resumo desse raciocínio é o seguinte:

A Verdade é um princípio positivo; o Erro é um princípio negativo. E sendo a Verdade positiva e eterna, ela deve, inevitavelmente, submeter o Erro, que é apenas temporal e artificial. E como o conhecimento é um resultado direto e invariável da Verdade, ele há de dominar e vencer o seu oposto — a ignorância, a superstição, o vício e a miséria. O primeiro é eterno; o segundo, temporal. Um assenta nas leis imutáveis que regem o Universo e todos os seres orgânicos; o outro, no entendimento desviado, esmagado e pervertido. E como aquilo que é eterno há de e deve prevalecer, aquilo que é temporal e terrestre não pode prevalecer: a Verdade triunfará.

A ignorância — que tem sido e ainda parece ser inexorável nas suas influências — será destruída pela mão aniquiladora da Verdade e da Sabedoria, que são omnipotentes.

O homem, que já alcançou certo grau de conhecimento, sente-se amparado por seres à sua volta que se admiram da sua condescendência. Torna-se altivo, arrogante e vaidoso. Assume um espírito de arrogância e, com ar pomposo, toma o lugar do crítico tolo. Queixa-se das grandes leis que compõem e regem o Universo, e atreve-se a sugerir alterações e melhorias no seu funcionamento. Ri-se das aparências que o mundo manifesta e assume posições que apenas a ignorância o poderia levar a sustentar — ousando escarnecer das grandes leis que regem este e outros mundos, quando, na realidade, não tem sequer capacidade para compreender as partes componentes de um único átomo que constitui o Universo!

Há, no entanto, alguns espíritos elevados e nobres no mundo. Eles não hesitam em sacrificar o seu interesse individual pelo interesse que nutrem pela Verdade. Possuindo um elevado sentido de consciência moral e uma profunda e solene reverência, os próprios elementos da filantropia moral compõem a sua natureza e desejos; e estes, com intensa e paciente deliberação, procuram profundamente as causas dos efeitos sociais visivelmente manifestos.

O seu interesse reside em explorar, investigar e revelar a causa que origina a desunião e desorganização que espalham a perseguição pelo mundo, e que geram o vício, a miséria e, como consequência, a desgraça pessoal e nacional. Um tal indivíduo, movido pelos melhores sentimentos e pelos motivos mais elevados, ousa erguer a sua voz contra as causas dos males predominantes na sociedade. Fá-lo com firmeza, mas também com um espírito de filantropia e benevolência. Dirige-se ao mundo com a linguagem mais branda. Expõe a verdade com simplicidade, mas sem receio; e os seus pensamentos não se limitam a uma sociedade ou estado em particular — ele expressa as suas convicções irresistíveis ao mundo inteiro.

O mundo opõe-se-lhe com os seus variados interesses — individuais, sectários, denominacionais e políticos. Essas armas são lançadas contra ele com fúria, e o fogo da indignação e da ira é aceso contra os seus esforços; e acaba por ser forçado a abandonar o campo como reformador, retirando-se em desânimo e profunda angústia. Deixa de sentir a vida como uma bênção, ansiando pela dissolução dos elementos que compõem o seu ser. Desencantado com a experiência desta vida, busca um futuro. Chega, por via da analogia, à conclusão que procurava, detém-se, sem fôlego e estupefacto — e desaparece, para nunca mais ser reconhecido! E será isto pensamento livre e investigação irrestrita?

O homem que presume ter conhecimento apenas superficial é elogiado e aprovado. Sustenta os ideais das instituições que dominam a terra. Entra nelas livremente e respira o seu ar, mesmo tendo uma consciência interior e uma convicção irresistível de que tal ambiente é prejudicial ao mundo.
Não só o faz, como é apoiado nas suas presunções pelas instituições denominacionais fortemente consolidadas às quais adere pessoalmente.

E, ao mesmo tempo, existe o reformador humilde e sereno, que sente as convicções morais da sua natureza e reclama um ambiente de luz e liberdade para as expressar — e a sua voz é silenciada; a sua influência é travada por denúncias públicas e privadas! Será isto pensamento livre? Se a verdade existe, porque está ela vedada à análise de uma mente livre? Se alguém possui a verdade, porque há-de temer a investigação? Se alguém encontrou a verdade, porque não poderá partilhá-la com o mundo?
Se deve existir um interesse pela verdade — mais forte que qualquer motivação egoísta — porque não apoiar todo o novo reformador? Se o conhecimento é desejável, porque não o tornar universal? Se esta geração se encontra aberta à livre investigação, porque não acolhe as verdades que, ainda que obscurecidas, se manifestam todos os dias?

E aqui pode repetir-se uma declaração anteriormente proferida: Tudo aquilo que tende a opor-se ou a atrasar, de qualquer modo, o progresso do mais elevado e sagrado princípio do homem — a Razão — traz consigo, por essa oposição, a íntima convicção, para todos os que possuem inteligência e discernimento, de que se trata de algo erróneo e profundamente imperfeito.

§5 Para contemplar mais profundamente as causas que têm impedido o progresso do conhecimento e da moralidade, é necessário refletir de novo sobre o quadro sombrio e lamentável da história primitiva do homem. Reinos guerrearam contra reinos; e nações foram perseguidas, divididas e destruídas. Dos escombros de cada uma, formaram-se novos reinos e novas nações, cada qual a reivindicar os seus direitos exclusivos. Cada uma instituiu organizações bárbaras e sectárias, e estabeleceu padrões, definindo os limites do pensamento. E aqueles que ousaram ir além do limite traçado pelos seus “pastores espirituais” foram torturados e mortos com o aval da nação ou da igreja.

Máquinas horríveis e aterradoras foram inventadas para obrigar os homens a acreditar naquilo que era sancionado pela opinião pública; e assim foram forçados a curvar-se fisicamente, mas não mentalmente. Podiam ser compelidos a dobrar o corpo em submissão humilde diante dessas torturas desumanas, mas a mente não podia ser forçada a vacilar ou mudar. Ergueram-se prisões para confinar, entre as suas paredes, os oprimidos e aflitos que reclamavam o direito ao pensamento e expressão livres. Asilos e hospitais foram construídos para acolher os emaciados e

os insanos, enlouquecidos pelas instituições existentes; e ali foram obrigados a arrastar uma existência longa e penosa.
Ali, foram acorrentados e mergulhados numa escuridão absoluta e inimaginável!

Nenhuma combinação de palavras bastaria para expressar o número de orações que foram feitas pedindo a sua libertação pela morte. Outros, por seu lado, ajoelhavam-se com fé e submissão perante essas instituições tirânicas — com os olhos fechados e as suas mentes limitadas ao estreito círculo traçado pelos seus líderes.

Revoluções e rebeliões contra reis e reinos, seitas e instituições, causaram sacrifícios incalculáveis de vidas e de bens: pois quando o homem já não podia suportar a sua condição infeliz, as suas energias mentais e físicas eram despertadas para uma vasta rebelião contra as suas causas; e assim, de tempos em tempos, foram sendo vencidas e derrubadas as leis e instituições inexoráveis dos reinos.

A guilhotina não foi menos um instrumento de destruição do que o é, hoje, a forca moderna.
Pensava-se então que seria um meio de grande bem, promovendo a moral do mundo; mas hoje é considerada um vestígio da ignorância e degradação das gerações passadas. Continua a existir como máquina de destruição — tal como as prisões e os asilos, que servem de depósitos para seres humanos perturbados ou enlouquecidos. Todos estes são sustentados pelas leis das nações — e todos têm origem nos males decorrentes do equívoco sobre os direitos humanos e sobre as leis da Natureza.

Instituições livres (assim chamadas), para a difusão geral da ciência e do saber, são mantidas e sancionadas pela nação e pela igreja, que reclamam para si o direito e privilégio exclusivos de impor os seus próprios dogmas e opiniões, e de impedir a introdução de quaisquer novos. Mas seria prudente que o mundo refletisse e respondesse às seguintes questões:

Não existem, por vezes, inúmeras opiniões sobre uma mesma ciência? Não há grande número de médicos cujas teorias e práticas estão em total oposição? Pode haver mais do que uma verdadeira religião? Não existirá apenas um único fundamento para cada ciência? Não terá de existir uma única e verdadeira teoria e prática médica universal? Nem todas essas correntes são verdadeiras — mas, então, qual é a que o é?

O progresso da luz e do conhecimento no mundo revelará a verdadeira relação entre a Natureza e a ciência, e entre a ciência e o Homem. O caminho do Homem é sempre avante. O pensamento é como um vasto oceano, cuja maré está continuamente a subir; mas, ao contrário das águas da Terra, não voltará a baixar. A Verdade é uma imensa Montanha, erguendo-se com dignidade sublime. Permanece imóvel e não se curva perante os caprichos do Homem; mas o Homem há de

progredir até alcançar os seus cumes. A ignorância e o erro não podem remover os seus alicerces, nem impedir o avanço do conhecimento moral e intelectual.

Xerxes, marchando com o seu poderoso exército para invadir a Grécia, viu-se impedido pela grandiosa presença do monte Athos. Com a pompa assumida da ignorância e da autossuficiência, sentindo-se detentor de todo o poder, ergueu a mão e ordenou, em tons imperiosos, que a montanha cedesse passagem. Ameaçou destruí-la caso não recuasse perante a sua voz. Mas, ao ver que esta não se movia, deu início à fatigante tarefa de perfurar o seu caminho através dela. Grandes e maciças rochas barravam-lhe o progresso. E, então, a sua imensa ponte sobre o Helesponto desfez-se em pedaços e foi destruída. Perante tal visão, ordenou que, com grandes pedras e correntes, as ondas fossem amarradas e subjugadas. Mas as águas não o atenderam; continuaram a fluir com firmeza e desdém, como se zombassem do seu fraco e derrotado poder.

E assim sucede com o oceano do progresso moral e intelectual. Impulsionado pelo ímpeto da procura pela Verdade, fluirá até submergir tudo o que lhe seja oposto, e o mundo será purificado e renovado, e o Homem permanecerá na luz e beleza da sua verdadeira natureza. Dessa fonte grandiosa irradiará um bem universal, constituindo um só Princípio, um único pensamento e ação, uma grande e elevada aspiração pela perfeição. Então, todos formarão um só Corpo — cujos órgãos se auxiliarão e promoverão mutuamente o bem comum. Não haverá mais absorventes, nem excrescências, nem partes supérfluas ou imperfeitas. Não existirá miséria individual ou geral, nem angústia; mas todos agirão segundo os princípios da sua natureza — os mesmos que serão apresentados na Revelação que se segue.

§6 O objetivo das reflexões anteriores foi expor à mente a condição passada e presente do mundo, no seu aspeto intelectual e moral; demonstrar que o privilégio da investigação irrestrita ainda se encontra limitado, e identificar especificamente as causas dessa limitação mental. Procurou-se tornar estas causas claras para o entendimento, olhando retrospetivamente para a situação das gerações anteriores — para "provar todas as coisas e reter apenas o que é justo e bom".

Deste modo, compreende-se que a ignorância tem sido a causa de toda a aflição, vício, miséria e desgraça que têm assolado o mundo. E a causa atual dessa ignorância são os preconceitos individuais, locais e nacionais — que fecham as mentes dos homens e as suas instituições a qualquer nova revelação de verdade.

Os corpos eclesiásticos têm contribuído mais do que ninguém para este estado de coisas. Qualquer progresso ou revelação de novas verdades em matéria teológica tem sido desencorajado e tratado com intolerância. Ensinaram — e ainda ensinam — que tais coisas são ímpias e pecaminosas. O resultado tem sido o estabelecimento dos preconceitos mais enraizados e profundos. Assim, homens que evoluíram no

conhecimento e quiseram oferecer as suas descobertas ao mundo foram repelidos por muros fortificados de preconceito, e classificados como místicos ou céticos. E muitos, de facto, tornaram-se céticos por causa disto.

Mas, libertos dos convencionalismos do mundo, examinaram livremente todos os fenómenos e manifestações exteriores, e por esse meio alcançaram, sem preconceitos, a verdade — e abraçaram-na por amor à mesma. Tais pessoas possuem elevado sentido de honra, justiça e consciência, e praticam o bem por amor ao bem.

E este é, então, o século XIX? E terá a ignorância prevalecido a tal ponto que o princípio espiritual e interno do homem se tornou oculto e obscurecido? Será este um tempo em que tal princípio deva ser posto em dúvida?

Sete vezes fui instado a explicar a natureza e composição do Espírito. Que época é esta, para que tal pergunta ainda seja feita! Mas foi colocada por homens de mente livre e expansiva, dispostos a acolher a verdade se esta se manifestasse com evidência — mas que não podiam crer sem que se lhes mostrasse uma causa adequada a produzir o efeito a ser aceite. Este ceticismo é honesto; esta honestidade é virtude; e esta virtude é o princípio que deve reger o homem em todas as suas ações morais e intelectuais.

Mas estive também em contacto com pessoas que são céticas desonestas, ocultando tal condição sob a capa elegante da hipocrisia. Desses espero críticas, revisões e obstrução. Desses virão as maiores manifestações de medo do engano e da impostura. Esses depreciarão, retardarão e se oporão; a esses nada tenho a oferecer.

Mas ao honesto buscador da verdade, esta Revelação é apresentada, para que por meio dela se possa convencer e familiarizar com as leis imutáveis que regem a Natureza e o Homem.
E a este digo: "Segue-me nesta investigação e decide por ti mesmo, a favor ou contra as conclusões aqui alcançadas, conforme o peso das evidências que recebes."

É dever e interesse do mundo submeter estes desenvolvimentos à investigação; e tal é a exigência positiva e destemida do assunto. E ao revelar e tornar claras ao homem — através da sua organização ou sentidos — os ensinamentos da Natureza, e os verdadeiros princípios do raciocínio de causa para efeito, a raça humana poderá ser elevada, unida e tornada feliz.

§7 A busca exterior pela verdade, e as deduções extraídas das aparências das substâncias exteriores, têm sido consideradas o único método pelo qual o homem pode demonstrar realidades tangíveis. Os homens, de modo geral, procedem assim para se convencerem da realidade das coisas — e só se dão por satisfeitos na medida

em que a evidência apela aos seus sentidos, em relação a formas visíveis, considerando esta a única prova de verdade e realidade.

Tais homens fundamentam a sua crença ou incredulidade nas provas dos seus sentidos, tornando o exterior passivo e o interior ativo. Tomam os objetos e manifestações observadas como prova de verdade; e as coisas invisíveis e impercetíveis, duvidam-nas ou concluem que a sua existência é imaginária e ilusória. Por isso, têm sido empregues muitos talentos na formulação de teorias baseadas em factos e aparências visíveis; e é provável que a próxima geração venha a experimentar e testemunhar fenómenos relacionados com esta ciência,* que contrariarão diretamente as teorias hoje aceites.

Teorias fundadas em factos visíveis têm sido laboriosamente reduzidas à ciência pelos homens. Acreditando que o facto existente se devia a alguma causa invisível, procedeu-se à investigação, e a causa real foi evidentemente demonstrada. A partir disso, os homens raciocinaram até ao efeito, que era visível e manifesto. Este raciocínio é o verdadeiro raciocínio — provar efeitos visíveis por causas impercetíveis e invisíveis. As ciências têm sido fundadas com base neste princípio, que não pode ser refutado: ou seja, as suas causas são verdadeiras, e os seus efeitos também, sendo confiáveis como regra geral. Mas aqueles que esperam que os efeitos se manifestem aos sentidos como imutáveis, serão inevitavelmente enganados no que respeita aos seus pormenores e minúcias. Existem causas gerais para produzir efeitos gerais; mas não existe tal coisa como uma causa geral que se manifeste invariavelmente em efeitos tanto gerais como minuciosos, especialmente quando se espera que esses efeitos se revelem sob formas específicas.

Sobre o Homem, por exemplo, muitas ciências úteis e corretas foram estabelecidas. O homem observou fenómenos corpóreos como provenientes do seu organismo, apresentando manifestações variadas e misteriosas. Sobre a sua forma foi estabelecida a ciência da Anatomia. Foram dadas ao mundo teorias e livros quase sem conta, com descrições extensas e minuciosas da sua estrutura anatómica. Muitos destes foram aceites como verdadeiros em todas as suas descrições, tanto gerais como particulares, da estrutura humana. Supõe-se geralmente que o estudo extensivo dedicado à ciência da Anatomia torna impossível que esta contenha qualquer erro ou incompreensão em particular.

A prática foi estabelecida; e esta ciência tem sido um mapa e um guia para o praticante. No entanto, cada praticante relata experiências diferentes das dos outros, em muitos pormenores. Todos dependem da estrutura do sistema humano, que encontraram ser invariavelmente a mesma; mas, nas minúcias da prática, diferem imensamente. Assim, a base da prática (ou a teoria da anatomia do corpo humano) é provada como invariavelmente verdadeira pela experiência e observação unidas de todos os homens; mas os pormenores e minúcias foram encontrados como

irregulares nas suas manifestações. E isto prova que os pormenores, quando observados pelos sentidos externos, não são fiáveis.

A ciência da Fisiologia também foi provada nos seus aspetos gerais, mas não nos particulares. A ciência da Frenologia foi demonstrada de forma evidente a todo o erudito homem de ciência, sendo aceite como verdadeira no que diz respeito aos seus fundamentos e fenómenos gerais. Compreende a estrutura do órgão da mente, incluindo as suas ondulações e desenvolvimentos, tal como indicados na superfície externa do crânio. E os praticantes desta ciência conhecem a sua veracidade pelas suas muitas manifestações em forma, tamanho e aparência geral. Estes mantêm-se como indicações gerais; mas, quando se procuram os seus efeitos particulares e minuciosos, observam-se variações extremas.

Assim, esta ciência é verdadeira nos seus aspetos gerais e é invariavelmente digna de confiança; mas as suas minúcias variam grandemente nas suas manifestações. Todas as ciências relativas ao homem e à sua organização física e mental são verdadeiras e fiáveis, como é demonstrado pela experiência geral e unida de toda a humanidade. Mas os efeitos últimos e minúcias são mutáveis — sendo a constituição anatómica, fisiológica e frenológica do homem as bases sobre as quais estas ciências se fundam. E os efeitos e minúcias finais também são observados de forma diferente por cada pessoa, mesmo quando são invariáveis.

Assim, o homem, fazendo do externo o teste da verdade e da realidade, acaba por ser invariavelmente e inevitavelmente enganado. Raciocinar da causa para o efeito é o único guia seguro para a verdade; e então a analogia e a associação podem seguir-se, trazendo evidência direta à mente daquilo que está para além do alcance dos sentidos. Se as aparências externas e visíveis fossem o teste correto da verdade e da realidade, de onde viriam as inúmeras teorias apresentadas para explicar qualquer uma das ciências? Todos concordam, sem disputa, quanto à base e à causa; mas cada um difere amplamente dos outros na explicação dos diversos efeitos e manifestações. Não será esta uma prova conclusiva contra fazer das aparências externas o teste da verdade e realidade absolutas?

A título de ilustração: suponha que fixa o olhar num fruto belo. É agradável e apelativo ao olhar; é agradável ao paladar; é satisfatório na sua ação sobre o gosto e o estômago. Viu-o: isso convenceu-o da sua realidade. Mas teve alguma prova das suas minúcias e efeitos? O geral era conhecido: o particular, não; pois em poucas horas, num dado caso, esse mesmo fruto provocou um efeito altamente deletério e destrutivo. Que prova teve então da verdadeira realidade, por saber que o fruto existia com base na visão?

Mas em toda a investigação e pesquisa psicológica, o que é externo e manifesto tem sido tomado como teste da realidade interior. Raciocinando a partir dos efeitos,

de forma retrógrada, os homens chegaram ao nada, e firmaram-se na descrença de qualquer coisa além do que os sentidos reconhecem como existente. Não está convencido, pela natureza flutuante das coisas externas, temporais e transitórias — fugidias e efémeras como as folhas das árvores — de que estas são meros efeitos, e não realidades? Que o real, ou a causa, é invisível, e o efeito é apenas uma expressão transitória? Pois a matéria e a forma não podem ser tidas como produtoras das mesmas aparências imutáveis. Existe uma exalação e inalação perpétuas em toda a Natureza, de forma impercetível — um fluxo e refluxo constante de matéria, diariamente, de hora a hora, de segundo a segundo, alterando formas e aparências.

Não está convencido de que as causas dessa constante mudança em toda a Natureza são invisíveis, inaudíveis, e, no entanto, reais? A partir disto, aprenderá a fazer do teste da verdade a quantidade de evidência que recebe através da organização, e não aquela que se origina na organização. Faça do corpo, dos órgãos, o meio pelo qual testa a realidade. Seja passivo interiormente; ativo exteriormente. O exterior é um instrumento, um agente, um meio pelo qual podem ser testadas as coisas externas.

§ 8. Para que o meu sentido seja mais distintamente compreendido, observe-se que o corpo é uma forma, é transitório, é mutável: o interior não é mutável. O homem é o interior: o efeito ou forma é o exterior. A mente não é afetada pelo corpo, mas atua sobre ele. Aquilo que é interior é a realidade: aquilo sobre o qual atua é visível e mortal. E todas as aparências exteriores são compostas dos mesmos ingredientes mortais — mortais no sentido restrito do termo.

Ora, sendo provado que o visível não é o real, mas que o invisível é o eterno, segue-se que deve fazer do teste da verdade um princípio impercetível, mas imutável e eterno. Admitindo isto, poderá avançar um passo mais no conhecimento das possibilidades prováveis. Os efeitos são testemunhados: são rastreados até uma causa imediata, demonstrada por uma análise rigorosa e exata. Esta causa, produzindo este efeito, mostra que o efeito não existe sem uma causa. Este efeito, por sua vez, produz outro, e esse ainda outro; e assim, por analogia, pode perceber que existe uma quantidade interminável e incalculável de causas e efeitos.

E rastrear efeitos até causas, e causas até efeitos, é o processo correto de raciocínio: e é isso que faz na sua imaginação até chegar a um caos de existência — e então para, sem fôlego, e pergunta: qual foi a causa da primeira causa? Não teria embarcado nestas peregrinações sem rumo se tivesse considerado todas as formas e externos como não causas, mas efeitos. No decurso desta Chave para a Revelação que se seguirá, receberá ainda mais evidências diretamente a favor desta forma de raciocínio.

Indicarei aqui a ordem de raciocínio e investigação a seguir. Em primeiro lugar, devemos começar na Causa Primeira e seguir as causas até aos seus efeitos, até alcançarmos o corpo humano, que é um efeito último da Grande Causa. Para evitar que esta sequência de observações seja considerada como baseada em hipóteses infundadas, traçaremos também o efeito último através de causa e efeito, até chegarmos novamente à Causa Primeira.

Aproximando-nos com profunda reverência da Causa Primeira, começaremos na Grande Cabeça de toda a existência e, através da formação e operação de todas as esferas celestes, traçaremos a cadeia da existência até à esfera terrestre, até alcançarmos o último efeito, ou o último grau — considerando que é uma eternidade que produz e reproduz esferas, existências e formas, até haver uma expansão infinita de últimos efeitos. Este processo será compreendido pela seguinte ilustração familiar: o gérmen, as raízes, o tronco, os ramos, os galhos, os botões, as flores, a beleza. Ou esta: água, vapor, éter, imaterial. Ou ainda: outono, inverno, primavera, e o verão na sua plenitude e beleza. O grande percurso de investigação que se seguirá está baseado nos princípios de raciocínio já estabelecidos e ilustrados.

Imaginemos agora um gérmen oculto debaixo da superfície desta terra dura. Suponhamos que se esqueceu da sua existência. Passam-se alguns anos, e ao olhar para o local onde estava enterrado, vê uma árvore alta e bela, erguida com toda a majestade e dignidade da sua natureza. E não seria tão absurdo e impossível negar a existência da árvore como seria duvidar, por um instante, do gérmen que lhe deu origem? A árvore está de pé e é visível como um último efeito; o homem também está de pé, sendo ele próprio um efeito último. O gérmen da árvore — sabia da sua existência; mas o gérmen do mundo — desconhece a sua existência. Contudo, não é evidente que este último é pelo menos possível, visto que o primeiro é conhecido e demonstrado? Ao admitir tal possibilidade, está preparado para dar mais um passo cuidadoso nesta investigação.

O passo seguinte consiste na aceitação do processo aqui indicado como sendo o único modo correto de raciocinar. Mas antes de o dar, torna-se altamente necessário ilustrar ainda mais a veracidade desta regra: seguir de forma sintética os efeitos visíveis até às suas causas, e de forma analítica as causas até aos seus efeitos. A transição do modo habitual de raciocínio para este seria demasiado abrupta para ser aceite pela mente, sem que fosse ainda mais claramente apoiada por razões deduzidas a partir de verdades gerais, tais como são indiscutivelmente e amplamente conhecidas. As ilustrações e representações feitas até aqui são diretas, mas demasiado abrangentes para serem compreendidas de forma familiar, como prova de que as coisas visíveis e externas são apenas efeitos tangíveis e últimos de causas invisíveis. O que se segue servirá para tornar ainda mais clara a razão deste tipo de raciocínio:

Todas as coisas externas, em formas, séries e graus*, apresentam manifestações diferentes a pessoas diferentes. Suponhamos um homem doente: médicos examinam o seu caso, guiando-se tanto pelas manifestações fisiológicas da doença como pelas sensações que esta produz, as quais não lhes são percetíveis por qualquer processo de observação externa. O paciente comunica os seus sentimentos, e os médicos tomam-nos como certos; com base neles e nos sintomas manifestos, determinam o nome da doença. Cada um desses médicos, com base nas evidências que recebeu pelos sentidos, difere dos outros quanto ao carácter da doença. Não é isto uma prova de que o que é externo e manifesto é apenas um efeito e não pode ser tido como confiável, enquanto a causa permanece oculta? — E não dispõe de meios diretos para investigar essa causa.

** Por "formas, séries e graus" entende-se os desdobramentos dos vários e sucessivos estágios ou reinos da criação, como será ilustrado posteriormente.*

Mais um exemplo: um homem tem um dente cariado; diz-lhe que sente uma dor intensa, mas duvida das suas palavras e pede uma prova. Ele aponta-lhe o dente, que é o objeto tangível. Mas será que a evidência admitida pelos seus sentidos o convence de que ele está com dor? O dente é o exterior, o último efeito; a dor é invisível, mas é a realidade. Nos dois casos acima, não se sente interiormente convencido de que tem de adotar outro processo de raciocínio e investigação para encontrar a verdadeira causa dos objetos manifestos? Conclusões tiradas a partir de coisas visíveis, que são efeitos e últimos resultados, não são tão confiáveis como inferências tiradas de causas internas quanto aos seus efeitos legítimos.

Mais uma ilustração: tem uma base de crença a que chama evidência dos seus sentidos, na qual confia implicitamente como prova de verdade e realidade. Mas, apesar da evidência que possa receber através dos sentidos — em particular a visão — a seguinte ilustração ajudá-lo-á a conceber a possibilidade de verdades internas: o mundo inteiro da humanidade pode testemunhar, unânime e com absoluta certeza, que vê o sol nascer no oriente e pôr-se no ocidente. Não existe aqui evidência interna de que o aspeto externo e manifesto desta realidade é, na verdade, falso? A busca interior pela verdade estabeleceu a causa deste fenómeno e provou que o sol não se move. Mas é o visível e externo que o engana, e não o invisível, que é a realidade.

A verdadeira filosofia abrange ambos os processos de raciocínio — sintético, do efeito para a causa, e analítico, da causa para o efeito. O filósofo que apenas segue um destes processos não é um verdadeiro filósofo; mas aquele que adota ambos é um verdadeiro filósofo, e possui verdadeira filosofia. Ao admitir isto como o caminho correto, torna-se um pensador que raciocina a partir das realidades internas até aos efeitos visíveis e externos.

§ 9. E agora, liberte a mente de todas as coisas presentes e olhe retrospetivamente para o passado: não foi já inúmeras vezes perfeitamente enganado por manifestações visíveis? Não estiveram as aparências muitas vezes em oposição direta à realidade? A aparência de uma pessoa não o enganou quando menos esperava? Não lhe sucedeu que os pormenores — as minúcias de tudo o que lhe é familiar aos sentidos — se apresentaram de forma irregular, revelando manifestações diferentes e até opostas? Não esteve errado quase sempre que confiou neste método para alcançar a verdade?

Desiludido pelas falsidades resultantes de uma confiança nas coisas externas e manifestas, não terá isso levado muitos a rejeitarem tudo e a duvidarem das aparências, chegando a descrer por completo no invisível? Se assim for, quão indizível será a alegria do homem ao saber que o visível não é o real? Uma pessoa pode ter uma paixão ou uma emoção; pode ter sentimentos e pensamentos que ninguém mais sabe que existem; pois um pensamento é invisível. O único processo pelo qual o mundo pode ser convencido da sua existência é a sua manifestação no corpo — sendo o exterior o efeito ou último resultado; a causa, interna e real.

Assim acontece com toda a forma e manifestação, tangível e externa. Vês a luz: és, assim, convencido pela evidência da visão de que essa luz existe. Pode provir de diversos estados da matéria, do fogo ou de uma vela. Mas será que a sua visão te convence quanto à natureza da sua origem? Se não tivesses previamente a convicção de que queimaria, então, ao aproximares qualquer parte do corpo da sua fonte, descobririas a realidade do fogo; mas disso nada saberias até que fosse provado por um processo diferente do da observação externa e tangível.

Isto constitui uma prova conclusiva de que o interno é a causa e a realidade; o externo, o efeito e o último resultado. Porque não julgais vós mesmos o que é justo? Tem-se confiado excessivamente nas representações externas como prova da realidade. O exterior do copo estava limpo; mas o interior — o invisível — estava cheio de rapina e excesso. Chegando a estas verdades (as quais serão universalmente reconhecidas), não vistes já razão suficiente para não continuar por este caminho?

Vê-se agora claramente, e está provado, que as coisas que constituem causas são invisíveis, e que os seus efeitos se manifestam em todas as formas externas. Logo, estas últimas não podem ser realidades, pois tal suposição envolveria uma auto-contradição.

O processo de raciocínio a adotar assenta numa visão integral do universo. E ao assentar em princípios positivos, e não em particularidades — confiando nos fenómenos gerais, e não nas minúcias das manifestações externas — as tuas expectativas realizar-se-ão nas manifestações gerais. Associar causa e efeito com analogia e correspondência, observando formas, séries, graus, associações e esferas,

será o método pelo qual se demonstrará que o seu estado futuro está em analogia com as coisas aqui visíveis. Mas isto não deverá começar antes de se dar o passo cuidadoso: e esse passo é provar o visível através do invisível.

E, estando estabelecido o fundamento do verdadeiro raciocínio, traz consigo, de forma irresistível, a convicção deste estado*, o qual te será evidentemente demonstrado como interno. A prova deste estado, e da fonte de onde recebi estas impressões, deverá ser evidente e clara antes que sintas estar compelido a admitir o conteúdo da Revelação que se segue. Para que o verdadeiro fundamento das minhas impressões seja estabelecido, é necessário explicar primeiro a ciência reconhecida como Magnetismo Animal — sobre a qual prosseguirei para explicar este estado, cuja verdadeira importância só é externamente evidenciada de forma muito limitada.

Compreender um tema tão vasto e extenso como o magnetismo animal ou humano, e familiarizar a mente com os seus vários e misteriosos fenómenos, com as principais características da sua manifestação e com os fundamentos sobre os quais assenta, torna-se altamente necessário. Para isso, devemos recorrer a ilustrações relativas às provas a serem introduzidas. Um homem que tencione viajar para um país estrangeiro, sendo um viajante sensato, familiarizar-se-á com a sua geografia, consultará mapas e cartas dos vários caminhos que poderá seguir para atingir o seu destino. Conhecê-los-á para não se enganar quanto à direção a tomar e aos meios para lá chegar. Da existência desse lugar não tem prova direta através da sua organização, mas convence-se da mesma pelos relatos prévios de outros homens e pela aceitação uniforme de todos. Assim é também com esta ciência: o seu fundamento e base devem ser aceites pelas evidências de pesquisas e investigações anteriores, realizadas por homens eruditos, tanto nesta como em gerações passadas. Mas os muitos caminhos que conduzem aos seus fenómenos específicos devem ser bem compreendidos para que se atinja os seus atributos legítimos. A direção para os seus resultados conhecidos pode ser dada na explicação seguinte; e o guia para esses caminhos será fornecido pelos factos isolados apresentados nas observações sobre a experiência individual e universal.

* *Refere-se ao estado anormal no qual esta obra foi ditada.*

O fundamento desta ciência não pode ser posto em dúvida: pois é aceite que existem dois fluidos, que aqui denominamos Magnetismo e Eletricidade. Para tornar o assunto acessível à compreensão, é apropriado dar uma breve descrição dos órgãos dos sentidos.

O órgão da visão é considerado o único meio pelo qual o homem pode comunicar-se com o mundo exterior, de modo a adquirir conhecimento de formas e substâncias fora do seu alcance. A retina funciona como meio de receção das coisas visíveis,

refletindo o que com ela entra em contacto; e daí, a impressão segue pelo nervo ótico até ao cérebro, ou sede da perceção.

O ouvido é tido como o único meio de receção das vibrações causadas por distúrbios externos; pensa-se que a audição não pode existir sem o funcionamento perfeito deste órgão. O tímpano, a sua membrana, ossículos e estribo são considerados indispensáveis para esta função. Contudo, os fisiologistas sabem, por inúmeros experimentos, que a membrana timpânica e os pequenos ossos, com exceção do estribo, podem ser completamente destruídos sem prejuízo significativo para esse sentido. Logo, deverá haver um meio diferente pelo qual essa sensação pode ser produzida.

O órgão do olfato também pode perder algumas das suas partes e continuar a desempenhar a sua função. As várias partes convolutas do órgão nasal não se desenvolvem até a criança estar bastante crescida; contudo, a sensação do olfato manifesta-se já nas fases iniciais do desenvolvimento.

O órgão da fala também pode funcionar mesmo sem todas as partes da sua estrutura atual. O nervo lingual pode ser seccionado, e ainda assim continuarão a ocorrer movimentos musculares da língua e o exercício contínuo da fala.

O sentido do tato pode ser parcialmente comprometido por alguma ligação externa ou acidental, como uma paralisia parcial da sua ação; e mesmo assim, continuará a existir uma acuidade sensorial notável.

§ 10. Cada um destes sentidos pode e efetivamente exerce influência sobre a mente **de forma indireta**, sem qualquer ligação direta com algo externo. Isto é demonstrado pela experiência de todas as pessoas durante as horas de sono. Supõe-se geralmente que os pensamentos não se ativam em relação a realidades tangíveis sem uma ligação direta entre os órgãos e essas realidades; e também se supõe que os nervos da sensação, ativos na transmissão das impressões orgânicas à mente, só podem ser excitados pela ação do exterior sobre eles, para gerar a emoção necessária à produção do pensamento.

Mas isso não é inteiramente correto; — e o verdadeiro estado das coisas pode ser reconhecido ao recorrer à vossa própria experiência, tanto na existência normal como na anormal. Durante o repouso físico, enquanto o corpo se recompõe e regenera força e energia, e enquanto os órgãos dos sentidos estão fechados a todas as impressões externas, a mente, livre de influências intrusivas e perturbadoras, empreende excursões imaginativas a diferentes lugares e contempla diversas realidades. Supõe que vê ou ouve; por vezes é interrompida por sons de música encantadora, ou por cenas agradáveis que parece desfrutar. Por vezes, imagina que caminha, sente, saboreia ou sofre dores atrozes. Também parece estar,

irresistivelmente, em muitos locais onde nunca teve intenção ou desejo de estar. Em todas essas peregrinações, o som, a visão, a sensação do tato, o prazer do gosto — tudo isso parece ser experimentado. Isto não pode ser o Espírito; pois se o fosse, seria identificado pela perfeição de todas as suas qualidades durante o seu estado desligado do corpo. Isto é a Mente, ligada ao corpo; e é a impressão que recebe devido à condição alterada dos nervos da sensação. Isto prova que há um meio interno de sensação pelo qual a mente exerce as suas capacidades como se estivesse em contacto com o mundo externo. Prova também que há um meio — que ainda não nomeei — que atua sobre os nervos da sensação, independente tanto de causas excitadoras internas como externas.

Tendo assim estabelecido a existência de um meio independente e consciente, passo agora a explicar a sua existência. E o seu fundamento é universalmente conhecido e aceite, pelo que não é necessário referir-se particularmente à sua existência. Esse fundamento são os nervos musculares e simpáticos. Um resumo da teoria é o seguinte: o homem possui dois revestimentos, que se classificam como superfícies **serosas** e **mucosas**. As superfícies serosas cobrem cada órgão, nervo e fáscia muscular, incluindo toda a superfície destes. As superfícies mucosas constituem o interior de cada órgão, nervo e músculo. As superfícies serosas e mucosas geram e sustentam um fluido **positivo** e **negativo**. Estes fluidos controlam a circulação.

O fluido negativo expande os ventrículos, atraindo o sangue para os seus reservatórios. O fluido positivo contrai os ventrículos, impulsionando o sangue por todo o sistema. Existe, portanto, uma constante expansão e atração, contração e repulsão — o que ilustra de forma simples a função destas forças. As superfícies serosas são suscetíveis à sensação, enquanto as mucosas não o são. Os nervos musculares são controlados pela mente, enquanto os simpáticos, ou nervos da sensação, são o meio de atuação da mente, cujo movimento produz o pensamento.

O cérebro é composto por uma estrutura sensível e complexa de fibras, à qual nenhuma outra parte do corpo tem analogia. Sendo sensível, é **atrativo** ou **positivo** relativamente a tudo o que existe no meio nervoso: por isso, recebe impressões de forma irresistível. Possui em si mesmo os polos positivo e negativo, ou partes maior e menor: uma com função de controlo, a outra de sujeição; uma que recebe poder, a outra que transmite e exerce poder. A substância etérea que serve como meio pode ser chamada de Magnetismo. O movimento muscular do sistema é realizado através da substância que pode ser chamada Eletricidade.

Quando há um exercício pleno e ininterrupto de todos os poderes e órgãos do corpo; quando há harmonia em todo o sistema físico, há saúde perfeita e bem-estar; porque as suas forças (positiva e negativa, ou magnética e elétrica) estão a desempenhar as suas funções de forma regular: o que indica uma condição perfeita

do meio magnético ou nervoso. No entanto, quando o corpo se desorganiza em qualquer das suas partes, é a perda do poder positivo ou negativo que compromete a saúde e ação harmoniosa. Quando todas as partes estão em perfeita sintonia, o sistema encontra-se plenamente magnetizado. Para o desmagnetizar, é necessário romper esse equilíbrio, extraindo o poder positivo através de uma força ainda mais positiva — o que gera o estado de inconsciência conhecido como estado magnético.

O meio anteriormente explicado existe entre todos os seres orgânicos. O magnetismo compõe a esfera — ou melhor, a atmosfera — com a qual cada pessoa está individualmente rodeada. Além disso, existe um meio que se estende por todas as coisas, colocando o homem acima da criação animal inferior. Os animais estão sujeitos ao controlo humano devido ao poder positivo e dominador que o homem possui; e recebem esse poder nas suas mentes através do mesmo meio que liga um órgão ao cérebro. O homem, sendo positivo, e tudo o resto negativo, faz com que este último se submeta ao seu controlo. Eis aqui, mais uma vez, a prova de que o interno e invisível é a verdadeira causa de todas as manifestações externas e últimas.

§ 11. O estado denominado magnético pode ser produzido através do seguinte processo (que não contradiz, de forma alguma, as leis da Natureza, mas desenvolve os seus poderes e atributos, até aqui desconhecidos no âmbito da criação animal ou física): quando um sistema entra em contacto com outro de poder menos positivo, será atrativo (a atração depende do meio universalmente estabelecido), e atrairá o poder positivo do paciente ou sujeito com o qual está em contacto. A força positiva ou magnética que é extraída do sistema do sujeito é aquela que existe nos nervos da sensação, que terminam nas superfícies serosas.

Ao ser este fluido retirado, o paciente torna-se insensível às impressões externas, simplesmente porque o meio pelo qual estas são transmitidas está ausente. Fica então desmagnetizado, restando apenas sensação nas superfícies internas ou mucosas, que produzem a ação vital. O poder negativo permanece; o positivo não. A ação vital torna-se lenta e enfraquecida, de acordo com a perda da força que anteriormente a controlava. Este é o estado magnético; e nesta condição peculiar, o paciente entra em simpatia com, ou submete-se à vontade ou poder magnético positivo do operador. Este é o primeiro estado.

O sujeito, neste primeiro estado, obedece à vontade ou desejo do operador, através de um equilíbrio estabelecido entre as duas forças, que devem existir em todas as coisas para produzir movimento. O sujeito é negativo; o operador é positivo. Assim, os fenómenos negativos observados no sistema do paciente são análogos ao movimento muscular ou às manifestações negativas num homem. Sujeito e operador formam um só sistema de poder. Existe uma desunião visível, mas uma união invisível. Um é positivo, o outro negativo; e um executa negativamente aquilo que o outro realiza positivamente.

E esta representação ilustra bem a condição: o homem, quando não interrompido nas suas capacidades funcionais, está magnetizado; uma parte do seu sistema é positiva, a outra negativa, e ambas unidas por um equilíbrio que (embora invisível) existe; e todos os fenómenos produzidos pela sua mente (como positivo) sobre o seu corpo (como negativo) são paralelos ao que acontece entre paciente e operador. Não é necessário descrever minuciosamente as várias mudanças e modificações por que passam estes fluidos potentes. Mas o facto é visível, manifesto — produzido pelo que é real, invisível, porém a causa primária de todas as aparências externas.

Para convencer a mente racional das induções anteriores, declararei agora a posição ocupada pelo verdadeiro pensador: existe uma constante oposição entre fé e dúvida. O verdadeiro pensador coloca-se como mediador entre ambas. O homem não pode crer nem descrer — não há tal coisa como crença ou descrença — sem evidência que o leve a tomar uma decisão ou outra. Para ser descrente, o homem necessita, na realidade, da mesma quantidade de evidência que o levaria a ser crente. A mera expressão de crença ou descrença nada significa, a menos que seja determinada por uma quantidade suficiente e razoável de evidência.

Supondo que te colocas como mediador entre a crença e a descrença, e que exiges o mesmo grau de evidência para tomar qualquer um dos lados, coloco-te agora esta questão em relação à explicação deste tema: não recebeste já uma quantidade suficiente de evidência interna e consciente para te colocares do lado do crente? Se não, então a tua evidência deve ser suficientemente forte e poderosa para te fazer descrer; e é teu dever torná-la conhecida tão amplamente quanto possível, a fim de resolver a oposição existente entre fé e dúvida sobre este assunto em particular.

Assim, o fenómeno conhecido como magnético não contraria nem subverte as leis da Natureza; mas deve ser encarado como uma progressão e desenvolvimento adicional das leis que regem os seres orgânicos. Colocar uma pessoa em estado magnético — sendo ela o negativo, e o operador o positivo — permite aplicar a lei que governa um sistema nas suas várias partes ao controlo de dois seres, considerados como um só, com todas as forças magnéticas necessárias.

Não seria aqui desadequado introduzir algumas reflexões sobre a utilidade desta influência no alívio dos sofrimentos da humanidade. Existem várias classes de doenças que excitam fortemente os nervos e superfícies onde o meio magnético existe; e essa excitação leva à geração de uma quantidade excessiva desse meio magnético, ou fluido positivo. Isto frequentemente provoca febres intensas. Quando muito aguda, essa excitação afeta o cérebro, originando por vezes paroxismos violentos e perturbações — as quais poderiam ser todas aliviadas pelo contacto com uma pessoa fortemente positiva. Assim se extrairia o excesso de calor ou éter magnético, cuja acumulação produz os efeitos acima descritos. Em todos os casos onde haja excesso de poder positivo, este pode ser aliviado pela aplicação de uma

quantidade adequada e superior de poder positivo. Todo o excesso de calor, ou febre — causado por inúmeras desordens do sistema — pode ser invariavelmente reduzido a um estado de equilíbrio através do emprego deste novo desenvolvimento.

Existem, adequadamente classificados, quatro estados magnéticos. No primeiro, não se testemunham fenómenos particulares, apenas se observa que, estando os órgãos externos parcialmente desprovidos da sua quantidade habitual de magnetismo, um sentimento de apatia invade o sistema. As pessoas neste estado não perdem nenhum dos sentidos, mas continuam suscetíveis a todas as impressões externas. Mantêm também pleno controlo da ação muscular; e, se se encontram num ponto intermédio entre o primeiro e o segundo estados, tendem a sentir-se felizes. Todos os fenómenos testemunhados neste estado são apenas de natureza física; mas nos estados mais elevados, os fenómenos consistem no desenvolvimento das faculdades mentais.

O segundo estado manifesta-se através da organização mental. O paciente continua a demonstrar as suas faculdades intelectuais, mas está privado de toda a ação muscular. A pupila do olho dilata-se, e o órgão recusa-se a agir sobre o cérebro. A membrana timpânica e a cavidade do ouvido expandem-se, cessando de exercer a sua função habitual. As extremidades tornam-se ligeiramente frias. Na fase final deste estado, todas as sensações e perceções são eliminadas, possibilitando a realização de qualquer operação cirúrgica sem provocar dor.

O paciente, nesta condição, aparenta estar mentalmente associado ao operador. Estando todos os órgãos externos encerrados, não há qualquer meio de receber impressões do exterior; todos os fenómenos são produzidos através do meio existente entre o operador e o paciente. Assim surgem relatos mentais simpáticos, incoerentes e indefinidos por parte do paciente, semelhantes às impressões daquele homem, já anteriormente mencionado, que reconhecia aparentemente realidades externas durante os seus sonhos. Estes fenómenos são, portanto, de natureza mental, e surgem como uma produção natural da mente em tal estado.

§ 12. O ouvido não está totalmente fechado ao som no início do terceiro estado. O paciente pode ouvir indistintamente, conserva a capacidade da fala e, em parte, da ação muscular. Aproximadamente a meio deste estado, o ouvido fecha-se por completo, e todas as impressões do mundo exterior sobre o cérebro cessam. O paciente entra, assim, num estado de inconsciência no que diz respeito ao mundo exterior. Desprovido da sua quantidade habitual de magnetismo, conserva apenas o necessário para manter a ação vital.

Neste estado, existe uma forte ligação de simpatia entre o operador e o paciente. A cadeia de simpatia que une a mente de um ao outro é a eletricidade animal — o mesmo fluido que é agente de todo o movimento muscular. É através deste fluido

que se induz o sono magnético. O operador senta-se com a determinação de adormecer o sujeito: toda a força da sua mente está concentrada nesse objetivo. Exercendo a sua vontade, o fluido elétrico passa do seu cérebro e sistema nervoso para o cérebro e sistema do paciente, formando entre ambos uma cadeia de simpatia. Um torna-se então completamente sujeito ao controlo do outro; e é assim que se explicam facilmente os fenómenos observados no sonâmbulo simpático.

Neste estado, o paciente está totalmente insensível a qualquer ligação tangível ou física — não existe sensação nas superfícies. O meio magnético está muito menos ativo do que nos estados anteriores; mas as forças negativas, ou forças musculares, ainda se mantêm. Neste ponto, a mente mostra-se extremamente sensível aos meios externos que ligam mente à matéria. Por isso, o sujeito parece ver, ouvir e realizar muitos feitos maravilhosos e misteriosos durante este estado das faculdades mentais. Este é um estado de desenvolvimento mental ainda mais elevado, de consciência e perceção dos meios. Muitas vezes é tomado como sendo o estado clarividente; mas não é. Está em analogia com o sonambulismo natural; apenas que um é um fenómeno induzido pelo magnetismo, e o outro um estado mental semelhante, mas produzido naturalmente pela inatividade do meio magnético ou da sensação. O sujeito magnético progrediu, na sua capacidade mental, em direção ao estado conhecido como morte: pois o poder positivo já não permanece, enquanto o negativo — o muscular — ainda subsiste. E o aumento da perceção mental ocorre através do meio da sua própria associação.

Ao passar do terceiro para o quarto estado, observa-se uma manifestação mental ainda mais intensa e elevada. Cerca de meio caminho entre estas duas condições, a mente perde quase toda a simpatia que a liga ao corpo. Nesse momento, a cadeia de simpatia entre o positivo e o negativo encontra-se quase totalmente rompida. A mente liberta-se de todas as inclinações que o corpo lhe impunha, mantendo apenas uma ligação por um meio muito subtil e raro — o mesmo que liga um pensamento a outro. Nesta condição, o paciente progride até ao quarto estado. A mente torna-se então livre da organização física, exceto por esse fino meio já referido; e é nesse estado que adquire a capacidade de receber impressões de objetos próximos ou distantes, conforme o meio com que particularmente se associa. O corpo, neste momento, encontra-se dormente e inativo em todas as suas partes, exceto na ação negativa — muscular e vital — que é mantida e controlada pelas forças unidas do operador sobre o sujeito.

Este estado está em analogia com aquela condição natural de separação física conhecida como morte. A morte ocorre pela perda de ambas as forças; mas o estado clarividente surge pela fusão das forças de duas pessoas, tornando-as fisicamente equivalentes a uma só. No primeiro caso, a mente perde todo o meio que a ligava ao corpo; no segundo, o estado mental é idêntico ao primeiro, com exceção desse meio

de ligação. Todos estes fenómenos são reais e observáveis em cada ser. O estado de saúde é o estado magnético, e os vários estados e desenvolvimentos da mente durante o sono, até à morte, são análogos aos diferentes fenómenos induzidos pelo magnetismo — sendo uns manifestações ordinárias, e os outros um desenvolvimento mais avançado dos mesmos princípios e leis que constituem e regem a organização animal.

A ciência encontra-se assim explicada; e os fenómenos e aparências que se podem esperar invariavelmente podem, deste modo, ser generalizados. No entanto, os pormenores e minúcias variam consideravelmente, conforme as diversas disposições e organizações sobre as quais o estado magnético é induzido. Particularizar exigiria uma extensão indefinida de observações, compostas de experiências individuais e induções isoladas.

Surge agora uma grande questão a ser investigada: existirá algo como a clarividência independente? Respondo: sim, existe. Pedes provas. Essas serão apresentadas nas investigações que se seguem.

Contudo, é importante compreender o sentido aplicado à palavra “independente”. Se com ela se pretende significar existe por si só, abstrato, indefinido e sem qualquer conexão, então a expressão não tem significado; pois, nesse sentido, não existe tal coisa como independência. Mas se a palavra se destina a significar livre de estimulação direta, então adquire sentido — e é com essa aceção que deve ser compreendida. Sinto-me agora compelido a explicar e revelar o fenómeno mental tal como o experiencio; e o raciocínio que o torna familiar à mente será fornecido posteriormente.

Foi anteriormente admitido que o corpo está em sujeição negativa ao seu operador — e também que a ação muscular e vital continua, embora com menor atividade do que durante a autodomínio das forças motoras. O corpo, assim situado, depende de uma única fonte para a sua atividade, enquanto a mente, ou faculdade intelectual, depende de outra. Enquanto estou a examinar*, dependo diretamente da estreita ligação com o físico e da atenção mental constante e intensa. Mas quando se produz a condição ou crise independente, o corpo assume uma posição inclinada. Torna-se frio, rígido e insensível; a audição e todos os órgãos físicos entram em torpor e inatividade. Contudo, ao retomar a posição natural, a audição retorna, o movimento muscular reinicia-se e entra em atividade, e o órgão da fala volta a funcionar plenamente. Cada uma destas faculdades deve estar em operação para que haja comunicação externa daquilo que os órgãos naturais aparentemente percebem. Esta dependência não é aquilo a que vulgarmente se chama “simpática”, embora a palavra o possa descrever de modo figurado. O meio existente entre pensamento e pensamento, entre mente e mente, entre tempo e eternidade, é o único meio ativo e penetrante do qual dependo para a conceção do pensamento, e para a perceção de

tudo quanto tenha uma constituição subtil, etérea ou espiritual. Isto ocorre enquanto a atividade do corpo e da mente aparenta ser simpática ou dependente. Não sou impulsionado nem influenciado pelos pensamentos ou sentimentos de outra pessoa, embora esteja ciente deles através do meio anteriormente denominado etéreo. O estado independente ocorre quando o corpo manifesta externamente a rigidez acima descrita; e é apenas nessa situação que o termo "independência" se aplica com propriedade.

§ 13. Irei agora ilustrar a **ligação entre o interno, através da organização, e o externo**; ou seja, aquilo de que a mente depende para gerar ideias. As **formas de todas as coisas** deixam uma impressão — ou melhor, projetam um **reflexo** sobre a mente, e esse reflexo é a **ideia**. O **som** de qualquer natureza transmite à mente uma vibração peculiar — uma ondulação impercetível, mas irresistível, que atinge a porção da mente com que entra em contacto. **Essa vibração é a ideia.** Vibração e ideia são simultâneas — e perfeitas.

* *Isto é, examinando um doente com vista à aplicação de um tratamento.*

As palavras (ou os sons a que chamamos palavras) são agentes de ideias. Da mesma forma, quando uma pessoa encontra ou observa uma forma ou substância, necessariamente recebe uma ideia acerca dela. E uma vez criada a ideia, esta torna-se irrevogável; a associação da mente com a forma externa excita e desenvolve a ideia previamente estabelecida. O mesmo acontece com o som ou com as palavras. Por isso, no processo de aprendizagem, é necessária uma repetição frequente da associação de ideias; e uma vez estabelecida a ideia, o mesmo som ou palavra — mesmo que repetido de forma irregular ou indefinida — renova essa ideia e, assim, consolida o conhecimento, através da faculdade ou meio designado por associação ou imitação.

Todos os pensamentos ou ideias dependem de causas excitantes, cujo meio é pouco conhecido. Contudo, cada pensamento é uma produção não-restringida de uma mente atuada por formas, reflexos, sons, associações ou imitação. Todos os pensamentos, numa só palavra, podem ser designados como impressões irresistíveis. A causa de todos eles é invisível. Não é a forma, substância, som ou palavra que produz o pensamento; mas sim a impressão irresistível que estas causam na mente. Primeiro, existe a causa; depois, o efeito produzido; e por fim, o pensamento, ideia ou resultado final. O pensamento é dependente; a mente é independente, não existindo no corpo como parte da sua constituição, mas sim como um resultado último da organização; e o pensamento é um resultado último de ambos.

Deve ainda considerar-se que não há manifestação física sem que o pensamento, como causa ou estímulo, exista previamente. Deve também considerar-se que nenhuma ideia ou pensamento pode ser gerado sem que a mente exista previamente.

E deve ainda reconhecer-se que a mente não poderia ser individualizada sem a existência prévia da organização física; e mais ainda, que a organização não poderia ser constituída sem a existência prévia e eterna dos seus elementos fundamentais; e que tudo isso não poderia existir sem um Princípio existe por si só, imutável e eterno. Aqui, mais uma vez, é reafirmado o princípio previamente estabelecido: que o visível e o externo são efeitos e resultados últimos de causas invisíveis, mas reais.

Ao analisar a mente, torna-se necessário admitir aquilo que à partida poderias duvidar. Se disseres que a mente é um princípio pertencente e produzido pela ação da organização, estarás ao mesmo tempo a admitir a sua produção e existência; mas se apenas admitires e aprovares isso, então estarás virtualmente a aceitar e sancionar uma teoria engenhosa: que todas as formas que possuem em si uma força motora são nada menos do que princípios pensantes! Assim, para seres coerente na tentativa de analisar a tua própria mente, deves admitir a existência de um poder além da atual capacidade de investigação do ser humano. E se tal princípio de facto existe (e és irresistivelmente compelido a admiti-lo), podes chamá-lo espírito, ou substituir essa palavra por qualquer outro nome que alivie o ceticismo interior quanto à continuidade da identidade desse princípio.

E, ao admitires a existência de um Princípio anterior, com poder e sabedoria suficientes para produzir organizações e disseminar universalmente a vida e a vitalidade, negas positivamente a crença na aniquilação da mais diminuta substância existente. E ao derrubares os fundamentos de tal crença — artificialmente sustentada — estabelece-se, no seu lugar, a existência de um Princípio invisível, porém imutável, cuja possibilidade já foi previamente admitida como mais do que provável. E, não tendo tu qualquer meio possível de refutação, sossega a mente, até que eu revele a situação em que o meu espírito se encontra enquanto observa e recebe impressões às quais tu, neste momento, não tens qualquer forma de aceder.

Quando a mente se liberta da organização física e se desprende do seu estado limitado, entra numa nova esfera de existência. Impressões de verdade, de virtude, de princípios que governam, controlam e atuam sobre substâncias físicas e tangíveis — convergem todas para um só Foco. A este Foco eu chamo a Fonte, o Sol, o Grande Iluminador, a Mente Positiva Eterna e Imutável! Esta enche todas as substâncias negativas. Mundos, forças, existências físicas, com as suas vidas e energias — tudo é negativo em relação a esta Mente Positiva. Esta é o Grande Poder Positivo; toda a existência subordinada é negativa. O positivo e o negativo existem unidos, como um Princípio imutável e uno de toda a ação.

Para ilustrar, imagina uma roda, uma esfera, ou um círculo. Concentra-te no seu centro, e verás que existe uma expansão de círculos a partir do centro para a periferia — ou que uma roda não pode existir sem outra. Assim é com o Grande

Positivo e o Negativo, que compõem uma única e total Esfera de Existência. Se estas duas forças produzem toda a existência, não se expandem elas desde o centro até à circunferência, passando por formas minuciosas e modificadas, até impregnarem o Universo e constituírem os poderes de todas as coisas? É deste Foco que recebo as impressões dos muitos e variados princípios e meios que existem entre a mente e os objetos a que ela aspira. Quando passo para essa esfera, associo-me às esferas das pessoas ou formas com as quais desejei previamente associar-me. Não me desloco ao Foco de toda a existência, mas sim ao foco desta existência — o qual é análogo à expansão e centro de cada roda da existência.

* *Qualquer obscuridade que possa parecer associada aos dois parágrafos anteriores será amplamente esclarecida na Revelação.*

Quando me desprendo do corpo, não é a distância — o espaço indefinido que a mente percorre — que me permite obter a informação; mas sim a transição ou metamorfose do princípio mental para a segunda esfera da existência.

§ 14. Numa roda, há apenas um centro; assim também neste Foco, há um só Princípio, uma única união de Bondade e Verdade. Se fosse possível a um círculo ter vários centros, então seria possível que diversos princípios e verdades, tanto bons como maus, emanassem dessa Fonte. Mas, como a primeira hipótese é impossível num sentido concreto, assim também a segunda é positivamente impossível num sentido universal. Assim como o Sol é símbolo desta grande verdade, não podes deixar de sentir a força da sua analogia. O Sol produz luz — não pode produzir escuridão. É um foco de difusão universal de luz, que emana até aos limites extremos da sua existência. Assim também, este Centro é um Foco de difusão universal do Conhecimento, da Verdade, e de um Princípio imutável, que se estende até à esfera mais extrema do seu poder ou existência positiva. O foco desta existência é apenas uma expansão indefinida do Grande Foco, passando da existência positivamente geral para a existência negativamente geral — sendo este o poder controlador desta existência, tal como o Grande Foco governa todas as existências.

A este centro — a este foco — a este grande poder positivo desta esfera (que é um efeito ou resultado último) — a este grande motor e impulsionador, composto de um único princípio, Bondade sem distinção, é para onde me dirijo para receber informação! E, tal como a mente gera pensamento ao entrar em contacto com causas excitantes externas, no corpo natural, assim esta Mente* gera, na minha mente, ideias paralelas, que chamo de impressões. E através do meio, minucioso mas existente, entre a mente e o corpo, regresso para transmitir essas impressões através da organização natural.

** Todos os habitantes da Segunda Esfera ou Mundo da existência humana são considerados como unidos, formando um só. A "Mente" aqui referida é, portanto, a Mente Geral da Segunda Esfera.*

Quão insignificante, então, é a evidência da realidade nas manifestações corporais! Pois, embora o fenómeno denominado clarividência seja visível como um resultado último, a causa real é invisível, e apenas tenuemente percetível pelos sentidos.

A perfeição última de todas as substâncias, as existências etéreas das esferas espirituais, e os meios pelos quais recebo impressões, são evidentes para mim; mas tão diferentes de tudo quanto é familiar à mente natural, que age através da organização física, que me é impossível neste momento torná-las evidentes aos teus sentidos. No entanto, devo revelar estas coisas à medida que as impressões me são transmitidas: os factos paralelos e conclusões indutivas tornar-se-ão claros para a tua mente posteriormente. E devo prosseguir, descrevendo as aparências de todas as segundas esferas, tal como me são manifestadas.

A organização humana surge-me como uma perfeição e combinação de todas as substâncias abaixo da sua composição exaltada. É controlada por forças químicas e mecânicas, sendo um invólucro, uma estrutura destinada a conter as suas propriedades interiores. Existe outro princípio distinto, que me aparece e se torna evidente como Espírito. E há ainda um mediador, ou meio que liga o espírito ao corpo. Esse mediador conheço-o como sensação. E quando esse meio se desliga, ocorre uma dissolução física e uma elevação espiritual para uma esfera diferente de existência; e a mente torna-se então conectada com essa esfera por meio de um canal semelhante àquele que a ligava ao corpo físico. A mente identifica-se então com uma esfera pessoal própria, tal como as esferas são específicas para diferentes organizações.

O homem é o interior do corpo, utilizando os órgãos como instrumentos de comunicação externa; e, quando transferido, mantém todos os sentidos, agora num estado espiritual. Os seus meios de comunicação tornam-se então espirituais, e ele mostra-se recetivo a todas as propriedades e elementos que compõem a existência de todas as coisas. Recebe impressões através destes como causas excitantes — impercetíveis aos sentidos naturais, mas extremamente evidentes e manifestas aos sentidos espirituais. E enquanto a organização natural percebe substâncias e aparências como artificiais e externas, a organização espiritual percebe o real e o invisível — e é suscetível à ação de todas as propriedades existentes, através de uma sensação peculiar à sua natureza.

Aqui tens a tradução para português de Portugal deste segmento, mantendo a fidelidade ao conteúdo e o tom filosófico e reflexivo do original:

Quando entro no estado independente de clarividência para receber impressões, recebo-as como o conhecimento da realidade (ou essência) da substância que previamente desejei investigar. E, sendo uma lei da Natureza — que não pode ser invertida — que o positivo é atrativo para substâncias subordinadas ou negativas, devo então passar para a esfera positiva desta existência. Lá, não tenho conselheiro nem informador: recebo simplesmente a realidade daquilo que procuro. Não observo entidades como naturalmente são conhecidas; mas compreendo a ligação peculiar existente entre todas as esferas últimas do homem.

Ao sair da organização física, todas as formas e substâncias naturais aparecem ocultas à minha vista por uma espécie de véu ou manto, enquanto tudo aquilo que está acima surge como uma luz ampla e extensa, que atravessa todas as segundas esferas de existência. Essa luz é o meio de perceção e de associação, que permeia e une essas segundas esferas, assim como as esferas naturais estão interligadas.

E quando foi dito que "todos conhecerão a verdade", tal foi referido relativamente ao fim último desta vida, ou seja, à segunda esfera da existência futura, pois é aí que a verdade é conhecida. A realidade, o invisível, a causa real de todos os efeitos, tornam-se então conhecidos — e esse conhecimento torna-nos livres.

§ 15. As leis que governam a Natureza seguem uma progressão constante e imutável. Nunca são retardadas ou aceleradas. Nada pode impedir os resultados naturais dessas leis. Elas foram estabelecidas por um grande Poder Positivo e Mente Suprema, equilibrado por um Equilíbrio negativo ou final. Daí que as suas forças continuadas e unidas, pela sua influência, ativem, governem e desenvolvam todas as coisas, avançando num processo constante de evolução.

Cada partícula de matéria possui o mesmo poder que governa o Universo inteiro; e em cada partícula pode ver-se um reflexo e uma evidência dessas leis divinas. Assim, na pedra podes ver as propriedades do solo; no solo, as da planta; na planta, as do animal; no animal, vês o Homem; — e no Homem, não podes ver, mas podes sentir o princípio imortal.

O espírito livre e desimpedido, portanto, deve ser considerado como o princípio essencial pertencente à organização, o qual, com uma única cadeia de simpatia envolvendo todas as esferas desta existência, é capaz de receber instantaneamente impressões de tudo quanto deseje, — e com os seus sentidos espirituais, comunicar com substâncias espirituais.

E como todas essas substâncias estão numa esfera necessariamente ligada a esta, é lá que recebo as minhas impressões. Não as recebo da Grande Mente Suprema, mas sim desta segunda esfera, foco ou meio, que pertence legitimamente apenas a este globo. Quando me colocas uma pergunta, estou então presente na esfera ou meio do

corpo; mas, ao investigar e procurar a resposta, passo à esfera onde posso associar-me à verdade e à realidade.

É impossível expressar com palavras uma conceção plena e adequada da forma como chego à verdade. Só posso utilizar palavras que transmitam tanto quanto for possível do significado desse processo. A minha informação não provém de qualquer entidade existente na esfera a que a minha mente acede, mas é o resultado de uma Lei da Verdade, que emana da Grande Mente Positiva e permeia todas as esferas da existência. Através dela, a verdade é atraída e recebida pela mente.

É impossível a qualquer pessoa entrar voluntariamente num estado em que possa ver com clareza as coisas pertencentes a uma esfera superior à do mundo natural. Se tal acontecesse, a morte ocorreria inevitável e imediatamente. Pois esse estado não pode ser acedido sem que uma das forças controladoras do sistema se perca; e se essa força não for suprida por outro sistema, as funções naturais cessariam, e o espírito não poderia regressar ao corpo após a sua partida. A clarividência independente, portanto, deve ser induzida pela ação de outro sistema, através do qual o poder positivo é extraído do sujeito. Para sustentar a vida, esse poder é fornecido simpaticamente pelo sistema do operador; e enquanto isso se mantiver, há um meio subtil e raro de simpatia entre a mente e o corpo, pelo qual a primeira encontra o caminho de volta ao segundo após uma ausência temporária. Se esse meio fosse destruído, a mente não poderia regressar; e é por isso impossível entrar voluntariamente no estado independente de clarividência sem destruir esse meio.

Contudo, para alguns, é possível entrar voluntariamente num estado em que a mente se encontra altamente desenvolvida e consciente de princípios e verdades relativas a esta esfera terrena. Isto aconteceu ocasionalmente com um filósofo grego bem conhecido.*

Durante o seu sono, ele recebia impressões que o conduziam a generalizações vastas — e foi essa a origem das excelências das suas obras, que durante tanto tempo têm sido admiradas pelo mundo.

Aristóteles.

Tinha o hábito de usar certos tipos de pedras no corpo, acreditando que tinham a virtude de induzir esse estado mental.

Um célebre orador da mesma nação entrava frequentemente nesse mesmo estado. Algumas das suas melhores ideias foram recebidas durante o sono. Mais tarde, sistematizava-as e desenvolvia-as até às suas conclusões naturais — e a capacidade que o distinguiu pode ser amplamente atribuída a esta fonte.

Um distinto médico da Antiguidade também recebia impressões dessa forma, as quais o conduziram à análise das propriedades das plantas e à descoberta das suas aplicações medicinais, que até então permaneciam ocultas, e que poderiam ter permanecido desconhecidas sem essa fonte de descoberta.

Um fenómeno mental semelhante ocorreu, ainda mais perfeitamente, com um filósofo e psicólogo sueco notável, que viveu no século passado. As suas impressões foram mais extensas e distintas do que as de qualquer um dos outros já mencionados; e através delas, foi levado a grandes generalizações sobre o reino animal, que são verdadeiras. Teve também visões do estado futuro; mas, não estando em clarividência independente, essas visões não foram em todos os aspetos perfeitas. Ainda assim, em certo grau foram verdadeiras, e valiosas por serem o melhor que poderia ter sido recebido nas circunstâncias.

Além destes, vários pensadores chineses, alemães e outros autores que mais influenciaram o mundo, receberam as ideias principais das suas obras do mesmo modo. Essas impressões pertencem à mesma espécie das que eu recebo, embora as deles tenham sido obtidas por um meio diferente, e parcialmente obscurecidas pela organização física.

Sobre o futuro estado, muitas pessoas imaginam que a mente tem de afastar-se para uma distância indefinida do corpo e assumir uma localização específica. Mas isso não é verdade. Falando matematicamente, dois metros a partir de onde estou sentado já pertencem tanto ao estado futuro como qualquer outro ponto no universo. Trata-se apenas da condição que a mente assume, e não necessariamente de qualquer mudança de localização.

Aqui está a tradução para português de Portugal, preservando o estilo filosófico, reflexivo e técnico do texto original:

As informações relativas às coisas de que falo nestes discursos são recebidas enquanto me encontro neste estado mental. Por exemplo, não sei agora o que direi no momento seguinte, sendo necessário que primeiro me eleve em busca dos pensamentos e verdades que serão apresentados a seguir.

1 Demóstenes. 2 Galeno. 3 Swedenborg.

Além disso, a forma como obtenho a minha informação pode ser comparada a um processo de análise química. Ao analisar um corpo, o químico separa os seus constituintes até encontrar os seus elementos simples. Estes são a Verdade. É por um processo de análise espiritual que eu obtenho a verdade. Saio do corpo com o desejo de um tipo particular de informação. Esse desejo atrai o tipo específico de verdade que procuro, separa-a de todas as outras coisas e faz com que ela flua para a mente.

E, quando assim obtenho a verdade que busco, regresso para a comunicar através da organização física.

§ 16. Assim, embora a transição da minha vida interior para a sua segunda esfera apresente pouca evidência sensível da sua realidade, para mim é uma metamorfose análoga à morte. Enquanto os sentidos observam a cessação da vida e a dissolução do corpo natural, não possuem qualquer prova tangível da mudança real por que passa o ser interior. Mas o próprio ser interior tem consciência dessa mudança.

Tal como a lagarta, no estado de pupa, passa por mudanças sucessivas até atingir a forma adulta, nós podemos ver uma metamorfose posterior — embora a lagarta não a reconheça. A borboleta, porém, tem consciência do seu antigo invólucro. As aparências visíveis constituem um tipo de evidência; já a consciência da transformação vivida pela criatura constitui outra forma de prova. Para os sentidos naturais, apenas o efeito ou fenómeno está presente; a causa é estrangeira e parece desconectada. Para mim, estão presentes tanto a causa como o efeito.

As formas e substâncias externas são objeto de associação exterior; mas a sua realidade interior, rarefação ou refinamento, é com o que eu me associo. Os sentidos naturais percebem o invólucro corpóreo e formal; mas quando essas coisas evoluem e progridem, deixam de ser percecionadas.

Tal como a água — que, enquanto permanece visível, é percecionada pelos sentidos, mas, ao transformar-se em vapor, ar ou éter luminífero, se torna rara e subtil, deixando de ser detetável pela mente e pelos sentidos naturais, passando a ser chamada de “espírito”, por falta de um termo mais preciso que defina a sua condição. Para mim, esse ar é matéria — matéria rarefeita e não-particulada — o último estado da matéria, a que é dado o nome de espírito.

Existe uma tendência natural da mente para sentir a convicção da sua própria continuidade e progressão. Isso constitui uma crença, mas não um conhecimento absoluto. Pois nenhuma coleção de partículas ou substâncias possui a capacidade de autoanálise. Assim, tudo o que excede o poder da mente pode ser aceite como convicção desejável, mas não como realidade palpável.

Para mim, essa realidade é tornada perfeita. As minhas perceções e impressões gerais são oriundas do último ou perfeito estado de todas as substâncias materiais. A abrangência dessas perceções compreende a substância da Segunda Esfera num sentido particular, tanto quanto compreende tudo num sentido geral. E, como o resultado das coisas presentes constitui a substância da Segunda Esfera, nesta esfera sou capaz de perceber as coisas previamente impressas na mente para investigação. Coisas que estão para além do alcance da organização natural parecem-me reais — uma organização que nada conhece além da matéria e da forma.

Para mim, a matéria grosseira impele a matéria subtil e refinada; ao passo que esta última perpassa e influencia a matéria grosseira. Ou seja, as formas e aparências são efeitos da matéria em transição para o seu estado futuro de perfeição, enquanto o seu estado perfeito ou último atua sobre essas formas e substâncias, aperfeiçoando-as.

Isto é ilustrado pelo facto de que o ar se purifica através da intervenção de um éter ou vapor. A água, ao passar a vapor, purifica o ar de uma sala, tal como essa rareza da água purifica o ar em termos gerais.

Todos os últimos estados (ultimates), para mim, continuam a ser matéria; mas para vós, são espírito. Estes pertencem à Segunda Esfera, ou ao estado último, com o qual me associo. Assim como os sentidos naturais percebem formas, os sentidos espirituais percebem os seus últimos estados.

Logo, uma partícula de matéria, no seu estado perfeito, não pode associar-se com uma partícula grosseira; mas, quando esta última progride até ao seu último estado, torna-se associável com outros "últimos". O mais subtil atua sobre o inferior; mas o inferior não pode atuar sobre o mais subtil.

O mesmo se aplica à mente e aos sentidos: estes podem progredir internamente até ao seu estado não-particulado ou último; mas esse último estado não pode associar-se diretamente com os sentidos. Assim, as teorias psicológicas são baseadas apenas nos desejos da mente e nas convicções recebidas através dos sentidos exteriores.

No estado em que me encontro, todas as coisas estão numa condição elevada — e tenho consciência disso por também ter alcançado essa mesma esfera última. E, ao associar-me com essas realidades, por meio de indagação e análise de qualquer assunto, percebo a realidade ou o estado último das coisas visíveis aos sentidos naturais; e com essa impressão, regresso para me associar à esfera orgânica, podendo assim transmitir as minhas impressões por meio de palavras, que as acompanham instintivamente.

Isto explica a distinção — e a aparente contradição — entre dependente e independente, tal como se manifesta no meu caso. Pois, quando estou fora, sou independente dos objetos e formas exteriores, mas dependente das coisas interiores para a informação que recebo.

A impressão é feita sobre o meu princípio último ou interno; essa impressão gera pensamento; esse pensamento, ao regressar ao corpo, traz consigo uma associação de palavras para o expressar, das quais, portanto, sou dependente.

As palavras são para mim sinais ou sons pelos quais as impressões são transmitidas aos outros. Todas as palavras, manifestações físicas, ações musculares, órgãos do

corpo e afins, são instrumentos ou meios de comunicação externa; mas as coisas comunicadas, percebo-as através de um agente ou meio diferente.

Enquanto recebo impressões, sou uma representação e expressão da Segunda Esfera — a esfera futura do homem e da matéria, ou o seu estado último ou aperfeiçoado. Não tenho meios diretos de convencer o entendimento desta condição, pois, como já foi dito, a matéria grosseira não pode associar-se à mais refinada; mas a matéria refinada e aperfeiçoada pode e de facto associa-se à mais grosseira.

Assim, embora não possais associar as vossas impressões às minhas, eu posso associar as minhas impressões às vossas — ainda que não de forma distinta, evidente ou consciente para vós — tal como a matéria grosseira não tem consciência da matéria subtil que a permeia, nem do princípio que a move.

Para que o entendimento se convença analogicamente da ultimidade da matéria — designada espírito, é necessário começar pelo início de todas as coisas formais e rudimentares, e seguir-lhes o curso evidente e natural até à sua perfeição última.

As minhas impressões sobre as esferas, ou sobre a matéria no seu segundo ou último estágio de progressão, são recebidas de forma análoga à natural, mas por virtude de uma perceção muito mais elevada! Porém, os últimos estados (ultimates) não são, para mim, mais do que finitos — tal como eles vos parecem finitos num sentido particular, mas infinitos num sentido geral. Assim como as ideias naturais estão associadas à matéria no seu estado grosseiro e aperfeiçoado, ela vos parece limitada; ao passo que, para mim, **o todo se apresenta como ilimitado, evidente, e presente com todas as suas características e representações de causa e efeito**.

Assim, o corpo humano mostra tanto a grosseria como a perfeição da matéria. A parte mais grosseira forma os ossos; a sua progressão dá origem aos nervos e a todas as formações secundárias de carne e filamentos; enquanto o último estado produz a pele e o cabelo. O mesmo sucede com o sangue: este passa do estado grosseiro de coagulação ao estado refinado, tornando-se apto para deposição e reprodução; e continua a rarefazer-se até escapar do corpo sob a forma de transpiração insensível.

O mesmo ocorre com o poder motor, ou volição: enquanto o aspeto mais grosseiro move a fibra muscular, o seu refinamento e perfeição constitui o princípio pensante — que se torna tão subtil que escapa constantemente sob a forma de pensamentos ou de últimos estados, dos quais a mente é a originadora.

Assim, o mais fino permeia o mais grosseiro; mas o mais grosseiro não pode permear, apenas aproximar-se do mais fino; e, ao atingir o seu estado último, torna-se um associado do que já antes havia atingido essa condição geral.

O mesmo se aplica à minha vida interior ou esfera última: ela associa-se com os últimos estados ou realidades de todas as substâncias grosseiras; e, por meio dessa conexão, rastreia os assuntos analiticamente e de forma instantânea, da causa ao efeito. E é isto que me fornece o conhecimento que, ao vosso entendimento, traz o selo de ter origem em um intercâmbio espiritual ou sobrenatural — enquanto para mim a palavra "sobrenatural" não tem significado. Nada que seja natural pode produzir algo sobrenatural; tal termo é apenas aplicado a efeitos cujas causas não são evidentes.

Através de tais impressões, tudo o que é procurado aparece como presente. O conhecimento do modus operandi do Universo, do geral ao particular, é-me presente. Tudo isto me surge instintivamente através de uma ligação impressionante com a matéria e os seus estados últimos.

Estes princípios, percebidos instintivamente, são para mim realidades, e tudo o mais parece-me superficial.* Essa perceção instintiva da verdade permite-me comunicar o conhecimento da Segunda Esfera através do corpo à realidade exterior. Podeis chamar a isso expansão da mente, rapidez de perceção, ou condição exaltada da imaginação. Podeis duvidar da sua verdade real, ou questionar a existência do princípio de que falo; mas não o fareis se considerardes a posição que o verdadeiro filósofo e pensador ocupa.

- O termo "superficial", que aparece com frequência daqui em diante, é usado pelo autor para designar aquilo que é incidental, externo, contrário ao que é interno ou à "real realidade", e que flutua, por assim dizer, sobre a superfície da causalidade geral. O termo "irreal" também é frequentemente usado nesse sentido.

Mas aqueles que duvidam são céticos por natureza e por profissão. Uma disposição assim não está em estado de receber a verdade, nem de progredir no conhecimento; e quando ocorrer a transição ou metamorfose desta esfera para uma futura, tal mente não terá sido refinada nem progredido até ao seu estado último. Será como o segundo grau de refinamento da matéria, e portanto levará muito tempo a atingir o seu legítimo estado último — e então associar-se-á nas esferas daqueles que já chegaram a esse estado de perfeição.

A mente que se exalta antes de assumir o seu segundo corpo ou esfera, está assim mais avançada no seu caminho rumo ao estado último, e associar-se-á com conhecimentos que mentes menos refinadas não podem apreciar nem desfrutar.

§ 17. Assim, a matéria grosseira ou os seres rudimentares e a sua progressão até atingirem a perfeição última, estão em correspondência com a mente e o seu progresso até à sua esfera última. As múltiplas esferas e associações são apenas marcas do refinamento natural de todas as coisas. O progresso intelectual começa no

corpo, ou na primeira individualização: daí, a mente prossegue por vários estágios de conhecimento, correspondentes aos diversos estágios do seu progresso até ao estado último.

É uma lei da Matéria produzir o seu último estado, a Mente. É uma lei da Mente produzir o seu princípio correspondente, o Espírito. É da natureza do Espírito progredir em conhecimento e entendimento, em relação à Causa de que todas as outras coisas são efeito. O conhecimento, na sua essência, corresponde à Verdade; e a Verdade representa luz e paz; e a aquisição destas duas produz a alegria que o amante da verdade aprecia neste mundo, e que antevê e receberá no futuro.

Todas as coisas, em forma e revestimento corpóreo, que existem à face da Terra, como manifestação de vida, correspondem ao seu princípio interior de vida — o qual, além de as impulsionar ao crescimento, está a operar, por uma lei inalterável, o refinamento de todas as substâncias subordinadas.

Estas manifestações visíveis e corpóreas também se encontram em analogia com o estado último do seu princípio interior e vivo, que, por influxo, produz sensação rudimentar no sistema orgânico, e torna-se parte da existência animal. Assim, trazendo o refinamento da matéria do reino vegetal para o animal (a vida ou alma das plantas sendo aperfeiçoada para se tornar sensação animal), e o refinamento e perfeição de ambos para se tornar a substância da mente, e a progressão da sua natureza para a segunda esfera e investidura, chegamos natural e razoavelmente a uma ideia das propriedades futuras e do estado individualizado da mente, no seu primeiro estado último de progressão.*

* Ao admitir isto, alcançais o estado de existência em que a minha mente se encontra.

Admitindo a existência da mente e da sua identidade futura, podeis então conceber que o pensamento é irrevogável, e que existe em repetição e associação com a forma ou causa que o originou. A perceção individual estabelece esta verdade: um pensamento, uma vez produzido, nunca precisa de ser recriado — basta associar a mente à causa da sua primeira manifestação, para renovar ou reanimar a sua ação.

A mente, portanto, corresponde a um fulcro, sobre o qual opera a alavanca da produção do pensamento, que faz girar, na sua ação, os princípios e associações de ideias que o pensamento busca conceber. Assim, a repetição de pensamentos anteriormente produzidos cria, como último efeito, novos pensamentos que os acompanham.

Cada uma destas leis da matéria e da mente representa aquilo que está por vir; e a admissão do exposto conduz a mente, como conclusão irresistível, à probabilidade da sua progressão natural e eterna.

Factos foram aqui apresentados para ilustrar a condição e esfera da minha vida interior, de modo a torná-la evidente aos sentidos como correspondente à esfera em que agora vos encontrais, e permitir-vos receber a verdade por analogia. Sendo compelidos a admitir os factos visíveis, estais igualmente constrangidos a admitir como provável uma Esfera correspondente ou última.

Conclusões obtidas por processos independentes são uma prova da sua realidade; embora nenhum processo de investigação atualmente conhecido vos permita provar demonstrativamente a esfera com a qual estou neste momento associado.

Portanto, recebei impressões favoráveis à sua verdade; pois tais impressões servem de guia ao vosso progresso futuro no conhecimento e na verdade.

Sou agora compelido por uma exigência razoável do sujeito a explicar a causa de vários fenómenos particulares que por vezes se manifestam no estado do sistema físico induzido pelo magnetismo, e o seu estado último, conhecido como clarividência.

Há momentos em que, aparentemente para os sentidos, não recebo visão nem impressões. Este, sendo um fenómeno ou efeito particular, requer uma explicação adequada. Quando se progride até ao estado conhecido como completamente desmagnetizado (o que é invariavelmente induzido), causas físicas incidentais ao sistema externo interferem, por vezes de forma indireta, com o meio de sensibilidade.

1 Numa parte subsequente desta obra, este tema é desenvolvido e ilustrado de forma a garantir uma compreensão completa e correta.
2 O orador observou aqui que usava a palavra “eterno” na sua plena força.

Este meio, estando desqualificado para ligar de forma particular e interna a mente ao corpo, impede ocasionalmente a livre expansão ou transição da mente, e a sua íntima ligação e necessária associação à organização. Quando tal ocorre (e não pode ser percebido pelos sentidos), as impressões não podem ser recebidas, porque a mente não se tornou totalmente independente.

Mais ainda: a expressão "eu vejo", que uso frequentemente em conversas familiares durante exames de diversas descrições, se entendida literalmente, transmite uma impressão errada. Se usasse qualquer outro termo, não compreenderiam o seu significado. Esta expressão transmite naturalmente a ideia de

visão — de um conhecimento ótico de uma substância exterior. Na realidade, a expressão transmite apenas a ideia de saber por um processo peculiar; pois o conhecimento de uma substância exterior é obtido através da reflexão impercetível que a substância lança sobre a retina. Assim, trata-se de conhecimento, sendo a visão apenas um processo para transmitir internamente a existência do exterior. Por conseguinte, se a expressão "eu sei" fosse usada (o que seria correto), eu usá-la-ia para transmitir a impressão do que sei, independentemente de processos óticos ou outros de perceção rudimentar. Assim, "eu vejo" significa, simplesmente, "eu sei". Sei das coisas pelo processo explicado nas observações anteriores; e toda a fraseologia que caracteriza a minha conversa está adaptada e corresponde à vossa presente esfera de perceção e entendimento.

Estes últimos fenómenos, que por vezes se manifestam e são ocasiões de conclusões erradas, são explicados como sendo particularidades nas quais não se pode confiar. As particularidades e minúcias correspondem a incidentais; e, naturalmente, não depositais confiança na repetição invariável destas coisas. Os aspetos gerais estão sempre manifestos, correspondendo à verdade e à realidade interior. Daí que seja novamente necessário reforçar a conclusão de que os aspetos gerais podem ser tidos como manifestações inevitáveis da verdade interior e das causas correspondentes invisíveis. Mas os particulares e as minúcias não podem ser considerados como produzindo os mesmos efeitos imutáveis: pois estão em correspondência com circunstâncias incidentais intervenientes que são sempre, necessariamente, de carácter subordinado.

§18. Ao concluir as minhas observações sobre o Magnetismo Animal e a Clarividência, não seria impróprio recapitular os argumentos apresentados para provar os fenómenos. Tudo o que disse sobre este assunto foi dito sem referência a quaisquer axiomas específicos, ou factos presumidos como admitidos, ou dependência de qualquer forma ou modo de crença que possa existir.

Primeiro: foi provado que o estado magnético é um desenvolvimento e extensão adicionais das forças motoras da vida orgânica; e foi demonstrado que as forças propulsoras que controlam um sistema na sensação, vida, saúde e prazer, podiam ser unidas a outro sistema, e ambos se tornarem um só — que, de acordo com as leis que regem as existências animais de natureza positiva em relação às suas negativas, o estado magnético poderia ser produzido por uma transferência das forças de ambos.

Segundo: foi demonstrado que todos os estados entre o primeiro estado magnético e a visão perfeita são análogos aos fenómenos testemunhados nas várias condições do sono natural e do sonambulismo; que a transição do princípio interior para a Segunda Esfera corresponde à metamorfose dolorosa denominada morte; e que a ligação existente entre a vida interior, ou mente, e a organização, é um meio análogo

ao que existe entre um pensamento e outro, geralmente compreendido como poder de concentração.

Terceiro: que a fonte das impressões que recebo existe e corresponde à Segunda Esfera, ou ao derradeiro desta esfera, e que lhe corresponde; e que o conhecimento que recebo é obtido ao associar-me com as causas que conduzem a mente instantaneamente aos seus efeitos. Causa e efeito, apresentando-se quase simultaneamente, dão-me o poder de análise desde os gerais até aos particulares.

Portanto, o que foi dito relativamente a estas coisas, e as razões para nelas acreditar, não se baseia em hipóteses nem em factos admitidos, mas é um traçar de verdades gerais até aos seus correspondentes últimos; provando de forma evidente e cuidadosa que estes fenómenos não são uma perversão das leis da Natureza. Tudo isto é, assim, demasiado evidente para requerer a palavra "sobrenatural"; demasiado razoável e manifestamente verdadeiro para ser, por uma mente amante da verdade, posto em dúvida! Ainda assim, tudo é submetido à análise das mentes que tem analisado. E como foi admitido que nenhum princípio possui o poder de autoanálise, chegareis, sem dúvida, ao ponto geralmente estabelecido de que a Verdade é Verdade em toda a lei, desde a que governa o mais ínfimo átomo existente, até à que impulsiona e move o sistema planetário. — E não deveis admitir que algumas das premissas são evidentes e verdadeiras, considerando o restante como exigindo uma maior extensão de credulidade do que aquela que vos sentis responsáveis por exercer.

Mas admitis uma verdade que está na base de todas estas — o poder motor da vida e da vontade. Nisto está estabelecida a vossa fé: o restante, então, não pode ser descrido por falta da quantidade de prova necessária para o tornar falso. Mas se duvidardes ou sancionardes a veracidade desta explicação sem antes e seriamente ponderardes os argumentos a favor e contra, nem a vossa aprovação nem desaprovação podem ser consideradas legítimas.

O Magnetismo e a Clarividência e os seus vários fenómenos, sendo rastreados, por factos evidentes, até ao seu efeito último, que é uma abertura da Segunda Esfera, ali foram deixados; e a ciência das correspondências foi apresentada em seu favor. O primeiro encadeamento de raciocínio consistiu em investigar factos e analisar realidades para obter conclusões. O segundo consistiu em apresentar verdades análogas, concordantes com o visível e o terrestre, ascendendo até ao invisível e celestial. Um terceiro conjunto de provas é aquele que, para distinção, pode ser chamado de representação; demonstrando que os factos representam a Verdade, e que a verdade é representante do conhecimento e do progresso intelectual: e que todos estes são representações uns dos outros, incluindo o próprio tema a estabelecer.*

Primeiro: A Matéria corresponde à Vida, ou à lei da atividade. Matéria e vida correspondem à produção e reprodução. Estas correspondem e representam a existência das plantas. A pequena planta ou erva representa a maior das árvores; e todas estas correspondem aos animais. A mais pequena espécie da existência animal representa a organização animal mais perfeita. O mais ínfimo átomo que compõe esta existência é um representante e uma significação do maior globo ou esfera existente no Universo.

Mais uma vez: A inalação do Reino Vegetal, e a vida que este possui — a sua Alma — corresponde e representa o influxo e refluxo do mesmo princípio na existência animal. A vida no Reino Vegetal representa a vida e a sensação no Reino Animal.

Quando o autor fala de uma coisa como "representando" ou "correspondendo" a outra, quer geralmente dizer que uma indica, aponta para, ou prenuncia a existência da outra. A distinção que o autor faz entre verdade e facto, nesta e noutras passagens, é a mesma que existe entre causa e efeito, ou entre lei e a sua manifestação.

Na menor das existências animais observa-se uma lei que as governa na reprodução, atividade e sustentação da própria existência. E há ainda outra manifestação peculiar dessa lei, a que se chama instinto. Esse instinto representa e corresponde à mente do homem. As forças que atuam sobre a mais pequena partícula de matéria, apresentando manifestações positivas e negativas, são representativas daquele grande Princípio eterno Positivo e Negativo que governa toda a matéria. A mente do homem representa a Grande Mente. Assim, os factos apresentados anteriormente são um passo além do argumento das correspondências.

Não será admitido o primeiro raciocínio? Não será o segundo também verdadeiro, por harmonizar com os factos primeiro estabelecidos? Não será o terceiro igualmente admissível? Considerando as suas relações, desde os primeiros factos até às realidades últimas, não explica o primeiro adequadamente o segundo? O segundo não confirma o primeiro? E o terceiro não corresponde a ambos, representando a Verdade?
Se assim é, deixareis que a Verdade represente o vosso progresso intelectual?

§ 19. Estando assim desenvolvida e estabelecida a ciência dos representantes, por meio da consideração das verdades gerais e das realidades visíveis, a aplicação dessa ciência será necessária para confirmar ainda mais as provas deduzidas anteriormente sobre uma transferência de esferas, ou transição da vida interior.

Primeiro: O homem saudável e vigoroso, equilibrado em todas as forças do corpo, representa a ligação de dois corpos, ou a unidade das suas forças positivas e negativas, fazendo com que os dois correspondam a um só.

Segundo: A extrema sensibilidade e acuidade dos poderes de perceção, ou o meio que inconscientemente existe sobre os nervos e que, independentemente de causas externas perturbadoras, excita o pensamento na mente, corresponde ao fenómeno do sonho, ou às peregrinações feitas pela mente durante as horas de repouso.

Terceiro: A extensão, transferência ou transição da mente desta para outra esfera representa a separação da mente do corpo no momento da dissolução física. O momento de independência, que ocorre durante o estado aparentemente rígido do corpo, a sua posição inclinada e aparência de sono, representa a morte. O meio que liga a mente, ou segunda esfera, ao corpo, ou esta esfera, representa o meio que existe entre pensamento e pensamento, entre causa e efeito, entre verdades gerais e particulares, causas invisíveis e efeitos visíveis. É o mesmo que existe entre todas as coisas particulares relativas à matéria e à mente, sendo impercetível à vista, audição, gosto e olfato, mas percetível ao tato.

Mais uma vez: Primeiro, foram apresentados factos; segundo, verdades estabelecidas que correspondem a esses factos; e terceiro, a representação — sustentando os dois primeiros por meio de apelos às verdades visíveis e externas, independentes de crença ou descrença. Tornando-se manifestos, estes não só estabelecem os factos como correspondentes entre si, como os dois primeiros confirmam o último, e este representa e confirma todos. Tudo isto sustenta de forma positiva a verdade que foi inicialmente presumida como existente no fenómeno denominado Clarividência.

A quantidade de provas está agora diante de vós, sobre as quais pode ser baseada a vossa fé, ou melhor, a confiança no que está por vir. Mas se estas não forem suficientemente avassaladoras para vossas mentes como evidência para estabelecer a fé, deveis pelo menos admitir o seguinte ao afirmar as questões propostas:

Se o que foi dito não corresponde às vossas opiniões preconcebidas e teorias admitidas, ou não é de acordo com os vossos desejos e sentimentos atuais — não corresponderá ainda assim à Verdade?
Se o que foi dito sobre os fundamentos do verdadeiro raciocínio não se associa com o vosso modo atual de raciocinar, não corresponde contudo à verdade e às realidades invisíveis manifestadas em efeitos externos, explicando assim teorias que tendes há muito como verdadeiras?
Se o que foi desenvolvido sobre a ciência do Magnetismo e a sua conclusão, a Clarividência, não vos parecer razoável de acreditar, não será ainda mais irrazoável deixardes de acreditar nela?

Se o que afirmei acerca da Segunda Esfera, ou da origem das minhas impressões, não corresponder ao que considerais como verdades evidentes aos sentidos, não recomenda ainda assim tudo o que revelei — com sinceridade, sequência lógica e liberdade de expressão — favoravelmente às vossas mentes?

Mesmo que as proposições apresentadas pareçam à partida opostas à verdade, não revela a investigação — o desenvolvimento detalhado das formas, séries, associações, correspondências, representações, sim, a análise rigorosa de tudo isso — uma verdade e sinceridade que correspondem a esse Grande Foco da Verdade Positiva, ao qual todas as outras coisas são subordinadas?

§ 20. No progresso desta *Chave para a Revelação*, e ao familiarizar as verdades e princípios a serem desvendados com a esfera atual de raciocínio, de modo a tornar claro e demonstrativamente evidente tudo o que é invisível, como estando associado e em correspondência com o que se sabe existir — torna-se extremamente importante investigar os atributos principais e os diversos desenvolvimentos da matéria.

Sendo esta conhecida em formas, desde o animal e vegetal até ao mineral e ao terreno, e nas muitas modificações que assume, acredita-se geralmente estar totalmente desligada de todos os princípios de intelecto, ou de vida espiritual e interior.

Muitas opiniões têm existido sobre o movimento da matéria, e a sua "vis inertiae" (força de inércia). É evidente que a base sobre a qual se assentam as teorias e hipóteses predominantes foi construída com base numa má compreensão do verdadeiro modo de raciocinar — tomando algumas formas visíveis e manifestações da Natureza como estando em movimento, e outras como imóveis; tomando uma como princípio estabelecido de verdade e a outra como realidade provável; ou assumindo que a inércia era uma lei da matéria, quando o contrário poderia ter sido claramente demonstrado de várias maneiras.

A Natureza e as suas formas apresentam mais provas a favor de um movimento incessante e imutável na matéria do que o contrário. Não existe tal coisa como inércia positiva na matéria. Não importa de que forma a matéria se desenvolve; não importa se a atividade em qualquer forma de matéria é diretamente manifesta aos sentidos ou não — a atividade nela existe, sem dúvida; pois o movimento universal pode ser Demonstrado como uma lei geral e positiva da Natureza. Então, por que razão tomar particularidades e minúcias como evidência do contrário?

A matéria possui em si mesma o movimento positivo e negativo, bem como a essência específica da Vida e da Sensação. Alguns filósofos supuseram que a matéria contém em si os princípios do Movimento, da Vida, da Sensação e do

Intelecto — independentemente de qualquer distinção nos organismos ou nos modos desses vários princípios. Os seus raciocínios baseiam-se no princípio conhecido e existente na matéria: a Sensação; e procuraram provar, com base neste desenvolvimento, que um aperfeiçoamento e refinamento adicionais da matéria produziriam Mente ou Espírito, sem necessidade de qualquer mudança absoluta ou distinção na organização do Movimento inerente. Contudo, será demonstrado que tal não é o caso. A grande distinção entre Vida e Sensação nunca foi nomeada nem compreendida corretamente nas dissertações filosóficas e psicológicas. Mas como este refinamento da matéria, a que se chama espírito, não é o tema apropriado para abordar neste momento, prosseguirei falando do Movimento e das Leis que regem o Universo material.

Se existir um princípio de inércia na Matéria, então o homem possui o poder de criar; mas se tal coisa não existir, então o homem possui apenas o poder de desenvolver. Uma ou outra das afirmações acima tem de ser verdadeira. A preponderância da evidência, associada à experiência individual e externa, deve decidir qual delas é.

A substância aparentemente mais imóvel conhecida na criação é a pedra; e a pergunta tem sido muitas vezes colocada: “Será que a pedra se forma e se desenvolve tal como outras formas na Natureza?” Para responder a esta pergunta, é necessário compreender a relação e distinção existentes entre a forma e a composição da matéria na pedra, e a natureza e composição da forma que interroga. Pois se a pedra fosse composta dos mesmos princípios e possuísse os mesmos movimentos do sujeito que investiga as suas propriedades, a resposta seria imediatamente evidente. Mas em vez disso, embora a composição da pedra seja por si só ativa, essa ação é tão lenta e impercetível, em comparação com a atividade rápida e mutável do homem, que este chega à conclusão de que a pedra é inativa, enquanto o seu corpo é ativo.

Que existe um princípio vivo e em movimento mesmo nas pedras torna-se evidente aos sentidos pela aparência de decomposição e deterioração na sua superfície. Onde ocorre decomposição, deve igualmente ocorrer recomposição; pois a matéria é indestrutível. Portanto, as rochas e pedras cedem partículas a, e recebem-nas de, outros corpos. Além disso, quando as minas são encontradas menos desenvolvidas do que os geólogos ou mineiros esperavam, estes muitas vezes deixam-nas para “crescer”, “germinar” ou “amadurecer”, como costumam dizer. Isto não constitui uma evidência externa da atividade da matéria?

E poderá o homem unir-se constantemente, através do corpo, a substâncias e matéria que não sejam ativas, ou que não possuam um princípio vital? O alimento é constantemente ingerido; atua sobre o corpo; torna-se parte da textura e substância do sistema — é submetido às operações fisiológicas e é regido pelas mesmas forças

motoras mútuas que permeiam todas as coisas. Se a matéria fosse inativa, poderia ela associar-se à atividade? Poderão o movimento e o repouso existir em simultâneo?

Os químicos que têm conduzido investigações sobre a matéria e o movimento dir-vos-ão que uma substância se une a outra de afinidade semelhante; mas não vão mais além. Porém, se uma matéria só se associa a outra com afinidade semelhante, como é possível que quatro ou cinco elementos frequentemente coexistam numa mesma composição? A verdade é que existe uma afinidade mútua entre todas as formas e substâncias em toda a Natureza, incluindo os reinos mineral, vegetal e animal. Existe uma constante flutuação entre todas elas, de, para, e através umas das outras, atuando de forma mais rápida ou mais lenta consoante o grau de desenvolvimento da matéria que sustenta essas ações mútuas.

Há um movimento constante e imutável em toda a Natureza, produzido pelo último grau da matéria, ou pelo que agora se conhece como as suas propriedades inerentes de vida e sensação. Há uma ação constante, inflexível, que produz e reproduz todas as formas visíveis e externas. Composição, decomposição, recomposição — visíveis e invisíveis — estão evidentemente a realizar o seu trabalho natural e incessante, de acordo com leis estabelecidas. Terra e atmosfera formam e compõem a existência vegetal; e estes três, nas suas forças unidas e enérgicas, compõem os seus últimos graus — os graus superiores da matéria conhecidos como existência animal. E esta última cede e recebe constantemente elementos de tudo o que está abaixo da sua existência. Daí resulta uma cadeia incessante e interminável de formação e reprodução; perda e ganho; acumulação e dispersão — ocorrendo anualmente, a cada hora e a cada segundo, por todo o Universo.

Se existir um local infetado no corpo, como uma ferida ou chaga, podeis ver, no seu processo de cicatrização, uma representação de toda a Natureza. Podeis aí observar o funcionamento perfeito dos dois princípios ou forças do sistema anatómico e material. O que está decomposto será gradualmente repelido da ferida; o que se formou de modo puro e saudável, através de uma nova ultimação e composição de partículas, é gradualmente e cuidadosamente depositado no local onde é necessário. Não há uma partícula a mais nem a menos; mas tudo sustenta uma ação harmoniosa e unida na reformação das partes e na expulsão das substâncias estranhas e decompostas, até que tudo esteja novamente unido como antes!

Assim acontece com toda a Natureza: cada partícula de matéria, sendo regida por estas leis e forças, produz harmonia e união em todas as partes da existência. Com uma tendência inflexível, cada partícula na Natureza segue para o seu destino, ali formando o que é requerido, ou tornando-se mais refinada para produzir os seus grandes efeitos e sublimes ultimos!

Deste modo, todas as coisas possuem afinidades mútuas, embora nem sempre percetíveis; pois algumas substâncias e elementos já progrediram demasiado para se associarem visivelmente àquilo que ainda não atingiu condição semelhante. A análise e o conhecimento dos verdadeiros princípios (que são invisíveis), que regem mesmo os átomos da existência, ensinariam uma lição de verdade quanto às leis e movimentos de todas as coisas. Pois a menor substância existente contém em si as forças e essências específicas que existem na esfera mais remota da imensidão. A matéria, no seu estado presente, não apenas representa a matéria no seu estado último, mas é também um símbolo da Inteligência, ou da ultimação espiritual, através da eternidade.

§ 21. Ao falar da origem e Causa primitiva de toda a vida, é necessário sustentar a posição a ser assumida, por induções extraídas da Natureza e das suas leis.

Primeiro: Se o homem é um ser animado, e a terra inanimada, como podem coexistir? Se o homem é formado como uma substância estranha, separada da grande massa, como pode ele retirar dos elementos que compõem a sua existência, e a de outras, e também a eles dar? Se o movimento ou a vida existissem numa parte da Natureza, e o repouso noutra, poderiam essas duas características definir um Universo? Ou podem atividade e repouso coexistir numa só substância? Se, pelo contrário, o movimento se manifesta nas regiões gerais do Universo, não será mais do que provável que todas as coisas são ativas, de modo visível ou invisível? O poder motor de toda a vida e atividade na Natureza deve ser parte da própria Natureza. Deve existir com ela, pois não pode agir sobre ela de forma separada. O movimento é, então, coexistente, coessencial e coeterno com a Natureza. Atua sobre toda a matéria com um grau maior ou menor de perfeição; e, consequentemente, não existe uma única partícula ou substância na Natureza em estado inativo — todas as coisas estão plenas de vida e energia.

Não é necessário, neste momento, explicar a formação desta esfera, mas apenas investigar a matéria e o movimento tal como se manifestam claramente aos sentidos. O Poder Motor, existente com a Matéria de forma indivisível, é a causa da Vida; e para distinguir Movimento, Vida e Sensação da Inteligência, deve ser demonstrada uma correspondência existente universalmente, representando estes princípios como Movimento num grau maior ou menor de perfeição. Aquilo que é conhecido como Movimento, não é propriamente Vida; pois o Movimento existe onde a Vida não existe.

As substâncias mais duras, como os minerais e as pedras, são aparentemente imóveis; mas, mesmo assim, estão em constante crescimento ou diminuição, conforme os seus estados particulares de perfeição. Pois os corpos minerais são formados pela associação e ação dos elementos que entram na sua composição. Quando começam a formar-se, estão num estado bruto e não refinado; mas pela

atividade e movimento que os caracterizam, extraem constantemente de outras substâncias partículas para a sua própria composição. E, tal como aquilo que progrediu até um estado capaz de entrar em tal formação se associa ao mineral e se torna parte dele, também tudo aquilo que ainda não progrediu até ao estado apropriado para tal associação é repelido e separado como escória e matéria estranha; e esta associa-se a outras de afinidade semelhante, tal como aconteceu com a anterior.

Partículas podem acumular-se a partir dos elementos combinados no interior da terra, para formar aquilo a que se chama minério. E isto não pode permanecer inativo uma vez formado, mas progride até se tornar metal. Neste ponto, não possui movimento ou atividade visível. Mas o tempo revelará a sua ação lenta, embora perfeita: pois ver-se-á ferrugem a acumular-se na sua superfície, e finalmente todo ele se dissolve e desagrega, passando para outras substâncias de afinidades semelhantes. Vê-se, portanto, nisto uma ilustração perfeita do movimento constante existente como uma realidade invisível.

A aparência das formas e substâncias quase leva à impressão de que existem independentemente da terra e da atmosfera; pois a pergunta poderia ser colocada com propriedade: Se as existências animal e vegetal pertencem à terra e são parte dela, por que razão não são todas como a terra? Ou, por que razão a terra não é como elas?

A distinção não é feita adequadamente entre as substâncias que estão constantemente a progredir para estados específicos de perfeição e associação. Um tipo peculiar de terra é aperfeiçoado e possui a propriedade essencial de se associar e formar mineral; enquanto, por um progresso longo e impercetível, a terra e os minerais se associam e formam a existência vegetal. Por progressão e refinamento graduais, partículas dos reinos mineral e vegetal tornam-se capazes de se converterem na substância da organização animal. E existe, entre a terra e a existência animal, uma correspondência geral e particular — e há associações intermédias de matéria, mais grosseiras ou mais refinadas, que produzem as várias substâncias e formas existentes entre cada um destes reinos.

Na terra e nos minerais, e em toda a matéria que se diz vulgarmente estar em repouso, existe o princípio primitivo e original que pertence inseparavelmente a todo o Universo e o caracteriza. Há movimento nestas matérias, desenvolvendo poder na sua ação, de forma que o homem não é capaz de compreender; pois o homem, com todos os seus poderes de inteligência combinados, não é competente para investigar e compreender devidamente a força e o poder motor da sua própria existência. Ainda assim, na matéria mais grosseira, está contido o princípio primitivo e essencial do Movimento; e este é o primeiro de todos os poderes existentes na Matéria em todo o Universo. A Vida não existe em tais formas, e contudo esta é uma qualidade

específica e essencial pertencente ao Movimento; mas uma que ainda não pode ser desenvolvida, pela falta de um estado mais elevado e perfeito de existência material.

§ 22. Para ilustrar, imagina esta esfera a existir, e nada daquilo que hoje se conhece como formas vegetais e animais. — Que a matéria esteja destituída de qualquer estado superior de perfeição além das substâncias grosseiras que apenas compõem esta esfera. Então, se estivesses numa condição de estar ciente de todo o movimento que incessantemente ocorre entre os vários átomos e partículas, terias o princípio do Movimento como existente de forma primitiva. Não terias conhecimento de um princípio de Vida ou de Sensação. A tua mente não se estenderia à criação vegetal ou animal, pois pensarias que tal seria totalmente impossível. Mas, suponhamos que continuas nessa condição de perceção constante do progresso e movimento contínuo existentes universalmente: verias então a formação dos minerais. Considerá-los-ias como formados pelo progresso e refinação última da matéria grosseira. Ainda assim, nenhum número, por maior que fosse, poderia expressar o tempo que decorre entre os primeiros estágios rudimentares da Matéria e a formação dos minerais.

Em seguida, verias plantas a germinar e a brotar, de tamanho diminuto, sobre a face da criação. Aqui, novamente, manifesta-se uma substância que não conhecias como existente antes da sua formação. Mas, com uma perceção constante, verias claramente que foi evidentemente o progresso da matéria que produziu tal acumulação de partículas para formar um Reino Vegetal. Haveria também um novo desenvolvimento da lei do Movimento. Verias aqui Vida em cada partícula da existência vegetal — um princípio que não conhecias como existente antes da formação das substâncias nas quais é agora desenvolvido. E ainda assim, seria evidente que essa Vida é uma qualidade essencial e um desenvolvimento do primeiro princípio do Movimento.

Formações intermédias seriam gradualmente produzidas; e um longo período de anos passaria entre a formação do último Reino e a produção e desenvolvimento de outro. Verias então animais a existir em formas minúsculas e delicadas, correspondentes às formas igualmente delicadas das plantas. A partir destas, seriam gradualmente criadas formas superiores de organização animal, correspondentes às existências vegetais mais elevadas, até que observasses (com as qualidades e partículas tornadas tão perfeitas a partir da ultimidade da matéria grosseira) a formação e produção da magnífica e maravilhosa maquinaria da forma humana, contendo em si as propriedades últimas de toda a matéria anteriormente existente, e que se apresenta como a expressão última e a combinação de tudo o que existia antes da sua criação!

Assim, viste a matéria passar da sua condição mais grosseira, através dos seus muitos estágios e esferas de progresso, até que chega, consequentemente, à organização animal!

Outro princípio é também desenvolvido, correspondente à perfeição da matéria. Primeiro viste Matéria e Movimento; em segundo lugar, o seu progresso gradual até formar substâncias capazes de desenvolver um novo princípio de movimento. Esse foi a Vida, correspondendo em perfeição às formas que a continham. Depois, não conhecias outro princípio além do Movimento e da Vida: mas, a seu tempo, novas formas foram produzidas pelas mesmas leis imutáveis de progressão e associação, correspondentes e capazes de desenvolver um novo princípio de Movimento e Vida, que foi a Sensação. Então viste que a Sensação era um desenvolvimento adicional das propriedades essenciais do Movimento — que a Sensação continha o Movimento, mas não o podia manifestar sem formas correspondentes de matéria evoluída, capazes de produzir tal desenvolvimento.

Claro! Aqui tens a tradução fiel para português de **Portugal**, respeitando o estilo, o tom e a estrutura do original o mais ao pé da letra possível:

Estás agora convencido de que a organização física do Homem é um termo último da matéria, e um efeito produzido por uma Causa interna, invisível, mas eterna; e estás ainda convencido de que a Sensação, a Vida e o Movimento são qualificações consequentes da constituição orgânica.

Observaste o progresso gradual de todas as coisas até que o Homem foi formado. Podes agora ser removido da posição que ocupavas — estando elevado acima desta esfera para fins de observação — para dirigires a tua atenção aos seres cuja formação observaste pacientemente. E agora, existindo e movendo-te entre outras formas e seres semelhantes a ti próprio, és capaz de compreender e explicar o que evidentemente viste como manifesto aos teus sentidos enquanto estavas assim situado? Não és: pois agora habitas numa esfera inferior àquela que anteriormente ocupavas, e por isso não podes associar-te com ela. Nem podes associar-te completamente com esta esfera; pois és apenas um entre milhões de formas, e estás aparentemente existe por si só, isolado da grande massa da produção universal.

Vês agora que o homem possui algo além da Vida e da Sensação. E é pela falta de capacidade de fazer uma distinção adequada que confundes Movimento, Vida, Sensação e Inteligência numa só forma, e sancionas a teoria de que a Inteligência é um resultado da organização. A causa, então, da tua crença, está evidentemente demonstrada. — Deve-se à falta de uma esfera superior que te permita associar-te com aquilo que pertence à tua esfera presente. Mas, ao confundir-te ao investigar a tua própria composição, chegas à conclusão de que o princípio da mente é eterno, mas não individualizado, nem associando-se de forma idêntica com esferas de progressão última, como aquelas que demonstraste aos teus sentidos nos reinos terrestre, mineral, vegetal e animal, com as suas minúcias e intermediariedades — e em Movimento primitivo, Vida, Sensação e Inteligência.

E aqui torna-se necessário reiterar a proposição de que nenhuma substância ou poder de qualquer natureza, seja físico ou intelectual, possui em si mesmo o poder de auto-investigação ou compreensão. Assim, podes compreender e traçar, de forma analógica e correta, substâncias mais grosseiras até à formação de ti próprio; mas quando chegas à Mente, à Inteligência, ao Espírito — e embora seja este o princípio que te permite explorar e compreender tudo o que está abaixo — descobres que esse mesmo princípio é, necessariamente, vago e indefinido para ti. E, por isso, ou se acredita em demasia neste princípio e na sua composição, ou se descrê em excesso; e ambas as atitudes são consequências naturais de um princípio a tentar investigar-se a si próprio.

Não tendo meios de alcançar, de forma distinta e evidente, o conhecimento da essência e do princípio da Inteligência, és forçado a permitir-me ocupar a posição que supostamente sustentavas, para assim revelar-te o que receberias de boa vontade e com alegria, como correspondente aos teus anseios naturais e em resposta ao teu desejo por uma compreensão mais elevada, nobre e digna da tua natureza, das suas funções legítimas e do seu destino último.

§ 22. A classificação das Séries, Graus e Representações deve ser devidamente compreendida, para que a Natureza e as suas leis coexistentes e essenciais possam ser corretamente apreendidas. Um foco formado por matéria nebulosa, ou, por outras palavras, um Centro produzido por uma aglomeração de partículas, deve, por necessidade, ser um corpo bruto, heterogéneo, mas ainda assim uma causa. As suas forças inerentes produzem espontaneamente efeitos, e esses efeitos produzem, por necessidade, termos últimos. Revela também o princípio inerente à matéria conhecido como Movimento, que se admite coexistir com a própria matéria — produzindo efeitos, os quais, por sua vez, produzem fins ou termos últimos. Tal formação incipiente é a única base sobre a qual pode assentar uma compreensão adequada da potência da matéria e da excelência dos termos últimos.

O raciocínio correspondente a ser instituído baseia-se em elementos gerais e universais — ou na Causa que perpetuamente produz efeitos e fins. Divisões intermédias e isoladas não são essenciais a uma investigação adequada das leis terrestres.

Há uma Causa invisível que produz espontaneamente Efeitos externos; e estes podem ser divididos em séries, graus e representações. Inicialmente, existiam a Matéria e o Movimento: e esses formam uma série. A produção vegetal, os seus desenvolvimentos essenciais e a vida que a acompanha, constituem uma segunda forma e grau. A organização animal é um terceiro desenvolvimento, ou um termo último da Causa interna ou primeira: e o seu reino é uma terceira forma e grau — o todo formando três séries. Primeiro, a Matéria, produzindo e reproduzindo espontaneamente Fins ou Termos Últimos. Segundo, o Movimento, graduado e

desenvolvido segundo a perfeição e a utilização da matéria em formas, adequadas como agentes, e perfeitas como termos últimos, para desenvolver o seu princípio interior para a esfera exterior.

Mais uma vez (para uma distinção mais específica), primeiro, Matéria; segundo, grau perfeito de existência vegetal; e terceiro, matéria em organização animal como seu estado mais elevado. Estas são três séries ou graus. Em segundo lugar, Movimento como princípio coexistente com a Matéria, Vida como efeito, e Sensação como termo último ou fim: constituindo três séries ou graus da progressão da matéria e do seu movimento inerente — ou do desenvolvimento da grande Causa interna, que progride até, e produz, formas externas e visíveis. Estas classificações devem ser compreendidas, para que se possa alcançar os princípios correspondentes que ainda são invisíveis, mas que criam fins e termos últimos infinitos, a partir de leis eternas, invisíveis e potentes de causação.

Para compreender os raciocínios que podem ser corretamente baseados nestas classificações, segundo a ciência das correspondências, podem ser apresentadas ilustrações familiares e fisiológicas. Estas servirão como um mapa para investigação universal; pois os efeitos são mapas pelos quais se pode chegar às causas internas. As formas e os efeitos são representações, num grau superior, do que existe num grau inferior ou primeiro; e a substância dos termos últimos é um desenvolvimento e progressão de tudo o que está abaixo da sua esfera de existência, e é um composto de todas as substâncias, refinadas e rarefeitas até uma esfera de perfeição última. Consequentemente, envolve todas as ordens inferiores de esferas e existências.

Assim, atua sobre, e subsiste a partir de, substâncias e partículas que compõem os elementos originais da sua natureza. Tudo o que está abaixo de um termo último, ou de um efeito, fornece esse efeito e termo último; e, por isso, os termos últimos ou efeitos correspondem e representam todas as coisas num grau e esfera inferior de perfeição. Assim, o corpo humano é uma composição de tudo o mais: — mas, para o tornar mais acessível à compreensão como correspondente aos universais na Natureza, será necessário examinar as suas leis e funções em geral, e classificá-las em séries e graus: e isso manifestará as doutrinas que é necessário expor.

Primeiro, a forma é representativa da Matéria originalmente existente: pois o sistema é formado por leis não claramente compreendidas, tal como o grande sistema do Universo. Existe uma causa invisível, interna, na forma humana; e existe uma causa externa, um termo último, um fim também. Estas duas são gerais; mas há outras qualidades e essências específicas, produzindo resultados distintos; — e uma classificação destas é necessária para as familiarizar com a mente, como correspondentes a departamentos distintos da Natureza.

Primeiro, a cabeça; segundo, o peito; e terceiro, o abdómen. Estes são as três ordens de graus na mesma forma, surgindo a partir do geral, como base original. A cabeça é a causa, o peito, o efeito, o abdómen, o fim, ou termo último. Ou seja, a cabeça, como causa, envolve, atua sobre, e produz tudo o que o organismo normalmente manifesta.

Ainda mais claramente é este princípio ilustrado e representado nas operações funcionais das vísceras, na formação daquela essência da vida orgânica: o sangue. Primeiro, a boca, a língua e as suas superfícies mucosas; em segundo lugar, o estômago; e, em terceiro lugar, o término dos mesmos no intestino delgado e no intestino grosso. Ou seja, a saliva, o suco gástrico, os sucos pancreático e hepático, ou bílis. A saliva é a causa e desempenha a função essencial de preparar os alimentos para o estômago. A saliva produz um efeito ou resultado imediato, chamado suco gástrico, que é o mesmo suco desenvolvido e potencializado para realizar o seu grande fim ou termo último. A sua conclusão são os fluidos ativos e finamente segregados do intestino delgado e grosso, terminando no reto.

Deste modo, o elemento conhecido como sangue começa na boca, e com a língua a dissolver e preparar as substâncias que o irão formar; e, para o desenvolvimento posterior das mesmas partículas e substâncias, passa ao estômago, onde é submetido ao princípio gástrico, é coagulado — e o termo último desta operação forma o sangue; — o qual é absorvido pelos vasos de absorção, sendo conduzido à circulação venosa e arterial. As partículas grosseiras e impuras, que não são capazes de se associar à parte refinada e evoluída, passam para a substância conhecida como fezes ou excremento — enquanto, segundo a lei da vida universal, da atividade e da progressão, o sangue se torna ainda mais refinado. Forma um soro ou linfa, que é o próximo estágio da sua progressão; e o termo último deste é a transpiração insensível.

Ou, para outra ilustração: há um quilo da boca e da língua, uma substância original — uma causa que produz um segundo quilo, o do estômago e do pâncreas, sendo este um desenvolvimento ainda mais refinado do mesmo princípio. E então um quilo é produzido pelo intestino delgado e grosso, como um efeito ou termo último das operações funcionais na formação do sangue.

§ 23. Agora, para reunir o que foi dito recentemente numa forma compreensível, faremos uma recapitulação: Primeiro, a cabeça, o tórax e o abdómen. Segundo, o poder que estes exercem sobre o sistema, como uma força interna que produz manifestações externas. Terceiro, a boca, o estômago e os intestinos. Quarto, a saliva, os sucos gástrico, hepático e pancreático. Quinto, quilo da boca, quilo do estômago, coagulação, sangue, soro, transpiração insensível.

Cada um é uma causa para produzir o seu termo último. Todos estes são séries — correspondendo às séries da existência material. E tal como a formação e o desenvolvimento do sangue ocorrem através da operação funcional do sistema, também a Vida e a Sensação são produzidas pelos desenvolvimentos do sistema material. O Universo continha originalmente em si todas as propriedades e substâncias essenciais que agora se conhecem como desenvolvidas: da mesma forma, os alimentos que entram na boca contêm em si todas as propriedades e essências do sangue, mas necessitam de forma e condição, de séries e graus, para que tal desenvolvimento ocorra.

E cada força, órgão ou função que é necessariamente ativado para produzir sangue, deve possuir em si o poder de causar tudo aquilo que é, em última instância, desenvolvido. Cada um possui uma série composta por três elementos — correspondendo às séries e graus da criação universal. E o homem, por isso, apresenta-se como um representante do Universo — contendo em si mesmo as propriedades últimas de todas as substâncias subordinadas; — e, consequentemente, está envolvido em todas as coisas, as quais agem sobre ele e para ele como um termo último.

É, portanto, apropriado investigar profunda e seriamente a estrutura original e o poder motor do homem, juntamente com as muitas partes complexas que se manifestam exteriormente de forma uniforme: e, ao compreender as formas e forças, e a perfeição consequente que se manifesta no organismo humano, percebes uma correspondência com tudo o mais, seja superior ou subordinado, que existe na Natureza universal e nas suas leis. Conhece uma coisa, e consequentemente conhecerás a outra; e, ao investigares e explorares tudo o que está abaixo do poder da mente — que constitui a tua própria natureza — chegas, por analogia, aos poderes relativos das leis originais do movimento, que governam desde o princípio, e que continuam a manifestar uma tendência constante para a progressão universal e eterna.

Tal como o movimento está perpetuamente a alterar e trocar partículas, também existem sequestros e desenvolvimentos proeminentes das mesmas em formas, ocorrendo em toda a existência; e as formas, forças e movimentos são refinados através de estágios sucessivos, desde o mais minúsculo átomo existente, até à forma mais perfeita e simétrica revelada na organização física do Homem.

A lei ou poder da procriação e reprodução (no sentido em que estas palavras são aplicáveis) é universal e eterna. **Não existe algo como criação absoluta**; o que assim se denomina é apenas o desenvolvimento de princípios inerentes, que são eternamente estabelecidos e sustentados. Novas formas e propriedades, novos desenvolvimentos, e estados refinados e elevados da matéria, são apenas os termos últimos visíveis dos princípios grosseiros, mas essenciais, da Matéria e do

Movimento. São, portanto, produzidos — ou melhor, manifestados — pela lei da progressão perpétua.

A forma mais elevada e perfeita conhecida como existente e manifesta aos sentidos é um elo da grande cadeia de correspondências, com a qual todas as partículas se ligam, imediata ou remotamente; e é representante de cada elo sucessivo. Admitindo esta proposição, és compelido, por essa admissão, a depositar fé num único e Grande Poder que governa e controla todas as coisas, e que estabeleceu uma Lei igual à sua própria compreensão — pela qual não existe uma única coisa que não seja uniformemente desenvolvida em formas, séries, graus e associações, de acordo com a força e poder que com ela coexistem, de forma indivisível e eterna!

A contemplação é necessária; reverência deliberada e uma disposição submissa são absolutamente requeridas, para se compreender e usufruir do privilégio de associar-se às conceções e argumentos aqui apresentados!

Para uma ilustração adicional e mais familiar das forças motoras da existência interna, falaremos dos diferentes movimentos que são desenvolvidos na Natureza, os quais atuam segundo princípios geométricos e mecânicos. Estes são pormenores e minúcias, e variam enormemente de acordo com as formas e circunstâncias da sua manifestação exterior; ainda assim, todos eles estão compreendidos e contidos na Primeira e única Grande Lei do Movimento, conhecida como Forças positiva e negativa.

Existe um movimento denominado retilíneo. Este contém o que ainda não está desenvolvido, e progride até ao movimento espiral, que é um termo último do mesmo princípio. O primeiro movimento não poderia existir até que houvesse formas capazes de o manifestar: e, quando tal movimento foi estabelecido, o movimento curvilíneo foi então desenvolvido. E outros movimentos seguiram legitimamente, tais como o vibratório, ondulatório, excêntrico e o espiral ou movimento último. As muitas modificações pelas quais estes movimentos ou forças se manifestam em processos de impulso, só foram exibidas quando houve desenvolvimentos na Natureza de partículas, formas e substâncias capazes de manifestar tais princípios essenciais.

Primeiro, existia a Grande Lei do Movimento; e, por fim, como desenvolvimento último, o movimento espiral foi revelado; e entre ambos, movimentos intermédios foram desenvolvidos e tornaram-se visíveis: e só então, e apenas então, tais movimentos puderam ser aceites ou acreditados como existentes.

Não conteria o primeiro movimento as propriedades e forças específicas de todos os outros? Ou foram eles produzidos ou criados individual e independentemente? Não será provável que tenham sido produzidos por, e de acordo com, a lei da energia

e desenvolvimento universais, e que guardem semelhança com todos os outros progressos, em formas, graus, e forças consequentes, como demonstram Matéria, Mineral, Vegetal, Animal, Homem, e as suas respetivas propriedades e essências de Movimento, Vida e Sensação? Não constituirá o todo uma sucessão de elos unidos e correspondentes na grande cadeia do desenvolvimento material?

O primeiro Poder do Movimento continha todas as forças que agora se conhecem como existentes. Da mesma forma, a Matéria continha as essências e propriedades específicas para produzir o Homem. Assim, as forças e leis originais da Matéria grosseira e do Movimento compreendiam tudo o que hoje pode ser chamado de efeitos e termos últimos purificados e rarefeitos; e o todo correspondia, num sentido geral, à lei do positivo e do negativo, ou de causa e efeito, grosseiro e último, interno e externo; e todos os intermédios, e efeitos ou manifestações superabundantes, pertencem legitimamente e indivisivelmente, e são parte integrante, da Grande Causa, Efeito e Fim.

Acumularam-se assim factos, os quais se colocam no lugar de meras afirmações. São demonstravelmente evidentes como sustentação da proposição inicialmente estabelecida, quanto à existência de uma Lei universal e eterna de Movimento inerente à Matéria, e das suas poderosas e enérgicas produções, que existem visivelmente como seus efeitos e termos últimos grandiosos. E tudo isto foi demonstrado em realidades visíveis e conhecidas, para que as correspondências e leis de associação possam ser reconhecidas e devidamente compreendidas, permitindo que a grande questão em causa seja decidida.

§ 24. Assim, pode considerar-se como estabelecido que a Matéria contém em si uma Lei eterna de atividade progressiva. — E o que foi dito sobre o Movimento, e as várias formas pelas quais ele se desenvolve, prova também uma lei correspondente de vida e ação, como existindo indivisivelmente e coessencialmente com a Matéria; contendo o todo forças e materiais para produzir, em desenvolvimentos futuros, todas as formas e substâncias da existência. Mostra-se, assim, que o Todo é composto por partes, e que as partes são necessárias à constituição do Todo; e que o Todo é uma vasta Máquina, operando incessantemente por um princípio inerente de ação perpétua. Ela gera Efeitos, que são os resultados causados por essa ação. O Todo é uma operação mecânica, desenvolvendo cada princípio e força, cada objeto e forma que se sabe existirem através dos sentidos. O Todo é regido pelo princípio conhecido como Lei da Natureza.

As investigações científicas conduzem a estas conclusões, mas não podem deter-se neste ponto: olham ainda mais além, na busca da Primeira Causa. A mente indutiva observará claramente os sinais que toda a Natureza apresenta, apontando para a **Grande Primeira Causa, ou Mente Positiva**. E sobre tal base, a mente repousará

satisfeita, sentindo que a busca de uma causa ainda mais remota é absurda e até para além das suas capacidades de conceção.

Mas, ao assentar sobre o alicerce de uma conclusão assim irresistivelmente estabelecida, a mente não pode deixar de considerar toda a Natureza como produtora de grandes efeitos num processo infinito de progressão; e observar a **adaptação de meios aos fins**, como evidência externa de um desígnio. Não pode deixar de perceber que cada parte é necessária à composição e estrutura do Todo; e que o Todo, por necessidade, deve ser composto por partes; e que cada parte desempenha a sua função específica na produção e desenvolvimento de novos efeitos e termos últimos.

Tudo isto prova que Matéria e Movimento são princípios coeternos existentes na Natureza; que é impossível que as leis gerais e estabelecidas desses princípios sejam alteradas ou subvertidas; e que estas leis são eternamente progressivas e, consequentemente, estão eternamente a produzir estados sucessivos de perfeição — e que, por isso, formam graus, séries e associações, como etapas sucessivas de desenvolvimento, desde o germe da existência até ao ponto mais elevado de perfeição material.

E tudo o que aparente ou manifeste operações contrárias às leis da Natureza deve, nessas manifestações, ser positivamente incorreto. Tais coisas não revelam a realidade interior. E todas as investigações científicas provam que as manifestações externas não são fonte fiável para se compreender a verdadeira causa produtora; mas que a Realidade — a Causa de todas as coisas — reside profundamente para lá de todas as aparências externas.

Assim acontece com a Natureza. O Interior, a Realidade Infinita, a Grande Mente Positiva, está a produzir, como Negativo, efeitos e termos últimos infinitos, começando do interior, expandindo-se e desenvolvendo-se até ao exterior. O Interior é infinito; e assim também o é o Exterior. O Todo pode ser compreendido através da compreensão dos princípios e leis de causa e efeito; pois a Causa é o princípio; o Efeito é o termo último. O Todo, considerado como universal e eterno, compõe uma mente inteligente, pensante, Positiva. Tal é uma generalização de todas as coisas, expondo os movimentos e forças correspondentes que regem esta existência material, e provando demonstrativamente que o Movimento e a Matéria existem essencialmente juntos, e possuem as propriedades e essência de todas as coisas, orgânicas e inorgânicas, bem como as forças de Vida e Sensação pelas quais tais coisas são regidas.

E com o estabelecimento deste princípio, tens uma base segura e firme sobre a qual podes repousar as tuas esperanças e expectativas quanto ao futuro — não dependendo de qualquer teoria anterior sobre uma existência futura. Prova-se

evidentemente uma vida futura, sem margem para dúvida, tornando-a tão segura e eterna quanto as leis que governam o Universo. A existência deve ser idêntica e progressiva, pois é assim que ela é conhecida no presente. E o todo decorre segundo princípios imutáveis e eternos na sua natureza, que não podem ser de forma alguma confundidos ou desorganizados; e assim todas as coisas, desde o princípio, progridem com passo enérgico para a sua perfeição última.

O objetivo não é agora provar como (ou em que estado) será essa existência, mas sim provar que ela será. E ao admitires a base sobre a qual o argumento assenta (Movimento, Vida e Sensação), todo o resto se manifesta claramente: de modo que, mesmo uma disposição para descrer na identidade futura, não afeta minimamente o argumento baseado na progressão passada e presente, e na individualização. Além disso, uma generalização destas verdades torna a existência evidente como pertencente a um movimento universal. Mas, se fossem observados os detalhes e pormenores, muitos factos visíveis pareceriam antes contrariar a proposição; pois, ao particularizar, a conexão com os elementos gerais e universais parece romper-se. Por isso, como única via verdadeira, és forçado a generalizar, para obter um vislumbre correto de uma eternidade futura e sem limites.

Estando já estabelecido como indiscutível (ainda que como ideia demasiado vasta para a compreensão comum) que a Matéria possui Movimento inerente, e que o Todo contém a substância e propriedades para produzir todas as coisas, ao admitires isto, estás a aceitar a crença na possibilidade de progressão futura; e ao admitires tal possibilidade, és forçado (por coerência) a permanecer em silêncio, até que eu trace, de forma geral e particular, a partir da Grande Mente Positiva, a Causa, o Efeito e o Termo Último de todas as coisas: e isso mostrará a progressão infinita de todas as partículas da existência, revelando que essa progressão desenvolve o princípio há muito envolto em obscuridade, a saber, o Espírito.

§ 25. Os dois grandes pontos, então, que se pretendem estabelecer, são: a Causa original de todas as coisas e o termo último do homem, que é o Espírito.

O ponto de partida é a coexistência e ação universal da Matéria e do Movimento. — Isto estabelece a existência de uma Causa original, sendo esta o objeto de contemplação, para que, a partir dela, ao traçar causas e efeitos secundários através da Natureza, possa ser provada a existência e perpetuidade idêntica do princípio do Espírito. A Natureza é o fulcro sobre o qual a primeira (causa) se estabelece por necessidade; e a segunda (espírito) como consequência, não apenas comprovada pela lei da progressão e associação, mas também pela ciência das correspondências, à luz da qual todas as ciências combinadas devem ser entendidas. Pois é através da investigação por correspondência que somos conduzidos a verdades universais e afins.

Assim, se a Natureza manifesta movimento universal, tal como se observa em todas as substâncias e formas conhecidas como existentes, não prova isto a existência de progressão? E a progressão desenvolve as várias esferas pelas quais cada substância e partícula passa. Se existe associação universal (como está provado), não existirá também um princípio futuro invisível e correspondente? Este deve necessariamente existir, como resultado do movimento e da progressão. E o conjunto forma uma cadeia de provas eterna, estabelecendo as verdades que são vistas — e aquelas que não são.

A Natureza representa, portanto, as coisas que existem numa condição original, e aquilo que há de existir numa Esfera última; e todas são estabelecidas pelas suas leis eternas. O princípio e o fim formam um círculo infinito de movimento, desenvolvimento e progressão. Representações deste grande princípio são visíveis nos movimentos da Natureza, cuja totalidade é composta por círculos concêntricos, desde as mais pequenas partículas da existência até à forma unida e perfeita de todas as coisas.

É função das ciências paleetiológicas expor verdades gerais nos domínios da astronomia, geologia, anatomia, fisiologia, etc., todas em perfeita harmonia entre si, e formando uma prova geral e incontestável da cadeia unida das existências, ligando o todo como um grande livro, tratando de todos os assuntos próprios de investigação, contemplação e aspiração — o único Livro autêntico e eterno de verdades, inspirado pelo Desenhador Original, a Primeira Causa! Deste Livro, devidamente interpretado, deveria derivar o texto de cada sermão. Nele, a verdadeira teologia encontra a sua fundação; e os seus ensinamentos deveriam constituir o único estudo do teólogo.

Recolhendo, pois, factos paleetiológicos, estas coisas são gradualmente desenvolvidas; e assim se desdobra a demonstração real do desígnio original, da uniformidade do movimento e da progressão, e da consequente adaptação de meios (que são efeitos de causas ulteriores) para produzir termos últimos. — E assim se revela o princípio de Causa, Efeito e Fim, começando na base da Natureza e operando através dela.

Paleetiológico: do grego παλαιός (palaios), antigo; αἰτία (aitia), causa; e λόγος (logos), discurso. As ciências paleetiológicas são, portanto, aquelas estabelecidas anteriormente, que concorrem para a formação de uma causa ou base a partir da qual outras conclusões podem ser desenvolvidas.

No processo de desenvolvimento natural, cada partícula, substância e forma entra na composição do vegetal, do animal e de tudo o que existe, por cujo processo a substância ou princípio essencial torna-se individualizada — mas apenas quando o Homem é feito instrumento. E por tal individualização, torna-se o princípio futuro e

correspondente, o Espírito — representando, numa segunda condição, o instrumento da sua individualização.

E assim como a Matéria contém a essência e propriedades para produzir o Homem como um termo último progressivo, também o Movimento contém as propriedades para produzir Vida e Sensação. Estes, juntos e perfeitamente organizados, desenvolvem o princípio do Espírito. Este não é um produto consequente da organização, mas o resultado de uma combinação de todos os elementos e propriedades que compõem a organização; e a organização serve apenas como instrumento para desenvolver o princípio do Espírito. Mas tal princípio deve ter existido eternamente — como emanando da Grande Fonte e Manancial da Inteligência; mas não poderia ser individualizado nem manifestado sem um vaso semelhante ao homem.

O tema de que agora tratamos abarca demasiado para ser facilmente e distintamente apreendido, e pela sua obscuridade poderá causar-te uma impressão desfavorável; mas tal não acontecerá se fores recordado da proposição anteriormente estabelecida: Que nenhuma substância ou princípio contém em si próprio o poder de autocompreensão e auto-investigação. Mas para analisar o princípio do espírito, seria necessária autocompreensão da tua parte. Tal coisa não pode existir enquanto toda a investigação e pesquisa depender da organização material. Portanto, quando estiveres numa esfera mais elevada do que esta, poderás compreender a existência composta desta esfera. Ao ocupares a segunda esfera, compreenderás tudo o que está abaixo, mas não poderás, no mesmo sentido, compreender o que está acima de ti. Um embrião humano, se possuísse inteligência, necessitaria de tanto argumento para provar a sua futura existência como é necessário para provar a futura existência e identidade do Espírito.

O embrião não progrediria até se tornar um ser perfeito, se não fosse pelos instrumentos e vasos adequados ao seu desenvolvimento. Do mesmo modo, o Espírito não poderia ser se não tivesse um instrumento correspondente adaptado ao seu desenvolvimento. Mas, quando o feto está perfeitamente formado, há uma simetria e beleza de desígnio manifestadas em todas as partes da sua formação. Cada órgão deve existir para produzir uma forma perfeita; e o todo deve atuar sobre cada parte, e cada parte deve necessariamente trocar partículas com o todo. Assim, cada parte tem a sua função específica a cumprir, para que o todo forme uma série unida de círculos concêntricos de causa e efeito. Tal é a sua primeira esfera de existência, correspondendo à primeira da existência espiritual.

O corpo progride em tamanho e simetria até atingir o termo último da sua progressão, segundo as propriedades inerentes que o germe continha; e da infância à juventude, da juventude à idade adulta, e desta à velhice, são portanto esferas pelas quais a organização passa. A estas várias esferas da organização acompanham-se

esferas correspondentes de conhecimento e experiência. Daí haver uma acumulação de essências e propriedades intelectuais que pertencem legitimamente ao indivíduo. Isto corresponde à progressão espiritual. Assim como é desenvolvida na forma visível e material, é também desenvolvida de forma invisível e futura a vida espiritual.

O todo forma uma cadeia de correspondências progressivas: tal como o embrião humano contém um princípio essencial e uma qualidade para produzir a organização perfeita do homem, também o germe em toda a existência possui a essência e qualidade para produzir o seu correspondente resultado e termo último, que é o Espírito. Isto forma um Círculo infinito e eterno. Círculos finitos são correspondências daqueles que são eternos; e há um começo e um fim para cada partícula, visível ou invisível; e cada uma possui o mesmo poder essencial e movimento que o todo contém.

§ 26. Portanto, o Todo é composto por partes, e as partes compõem o Todo; e todas estas combinações na Natureza estão a produzir, intencionalmente, aquele princípio que é tão vago e indefinido para a mente — que é objeto de muita contemplação, mas não uma substância que possa ser provada por investigação externa; embora se saiba que existe como termo último eterno, do qual a prova — uma demonstração matemática — existe na Natureza. E só é necessário compreender leis gerais e universais, pois estas apontam para esse princípio espiritual e intelectual, que não pode ser conhecido pela existência por nenhum outro processo de investigação, externa ou interna. Mas é demonstrado por essas leis conhecidas, que estão constantemente a produzir e desenvolver princípios correspondentes, ascendendo nos seus graus de perfeição.

Pois essas leis exibem uma cadeia infinita de progressão: e como o todo forma um grande círculo, compreende e combina todos os outros círculos ou movimentos e desenvolvimentos correspondentes que existem em esferas subordinadas. Assim, a Causa original utiliza a Natureza como instrumento — um meio — um vaso adequado em todas as suas partes e complexidades, para produzir o seu termo último, que é o Espírito.

O OBJETIVO: A INDIVIDUAÇÃO

O objetivo, então, é que o espírito seja individualizado. O propósito de tal individualização é estabelecer uma comunhão e simpatia entre o Criador e a coisa criada. Pois o Espírito progride até à Fonte de onde veio, e só então se torna apto para novas esferas da sua existência eterna.

As provas de tal desígnio encontram-se nas indicações fisiológicas — também nas aparências astronómicas e geológicas, e nas verdades evidentes que cada uma destas

revela separadamente. E o conjunto forma a prova da adaptação original das partes para produzir resultados correspondentes. Mas tal desígnio só pode ser conhecido ou compreendido por indução. E ao descobrir que cada um destes departamentos sucessivos da Natureza forma um círculo, que é eterno, a conclusão impõe-se irresistivelmente de que o seu resultado combinado (o homem individual) também o é. Assim, a Base, ou Causa original, usa a Natureza como instrumento, que pode ser denominado Efeito, para produzir o Espírito como Fim ou Termo Último. A Fundação, o Efeito e o Termo Último são todos eternos.

Para obter provas naturais e externas que demonstrem os grandes pontos em causa, deve recorrer-se mais particularmente às ciências paleetiológicas recebidas, pois estas evidenciam uma ligação geral entre todas as ciências, e entre causa, meios e fins.

Os factos externos e visíveis da Natureza, relativos ao círculo completo das formas e às leis que estas observam, são produções necessárias e naturais dos Princípios originais estabelecidos. E a apresentação dos círculos, ou dos movimentos unidos e progressivos de todas as coisas, servirá como um índice para direcionar a mente para a Causa original e para conclusões relativas ao grande resultado e termo último.

Pois há factos inegáveis que provam o movimento circular e a progressão perpétua de cada partícula e substância. Cada ciência fornece, igualmente, factos que provam a conexão inseparável que todas as partículas, formas e substâncias observam entre si.

É uma verdade familiar, universalmente conhecida mas pouco compreendida, que o germe da planta contém em si, ainda que de forma não percetível, todas as qualidades essenciais do seu ser futuro. Pois, pouco depois de ser depositado na terra, dá-se, de acordo com as leis que a Natureza estabeleceu, o início da sua germinação. Pouco tempo depois, manifesta-se, assumindo um corpo, uma forma, uma esfera peculiar. Torna-se visível: progride até à sua estatura fisiológica, e é plenamente desenvolvido em tamanho e simetria. As folhas desdobram-se gradualmente. E assim, desde o germe até ao termo último, existem e desenvolvem-se os poderes originalmente incorporados.

Logo, o germe era a Causa; a forma, o efeito; a semente, o termo último individualizado. Isto não só estabelece a lei da progressão, como prova que há um círculo nessa progressão; pois a planta termina exatamente onde começou. Apenas aperfeiçoa aquilo que a essência original continha de forma imperfeita. Isto representa toda a germinação em toda a Natureza. Prova, por analogia, desenvolvimentos paralelos em todas as outras coisas. E tal como cada vegetal reproduz o seu semelhante, assim se reformula continuamente, e produz novas

identidades. Uma única lei rege tudo; ainda que cada um se manifeste de forma minuciosa e desenvolva-se de modo geral segundo o seu próprio modo particular.

O Universo material é um Vórtice, do qual todas as formas, materiais e imateriais, são desdobradas e desenvolvidas até à superfície externa. As formas assumem a força e a forma do Vórtice; enquanto o Vórtice possui a forma e a força do Todo; e dele emanam, constante e sucessivamente, novas partículas e desenvolvimentos. E cada um está em imediata justaposição com cada parte ou partícula correspondente. Consequentemente, a Natureza também forma um arco — e, como tal, para se sustentar, requer partes que formem o Todo. E se alguma parte se tornasse desunida, o todo tornar-se-ia prostrado e desorganizado. Mas, em vez disso, cada parte cumpre a sua função específica, como um fim, no grande Arco composto por todas elas. É mesmo necessário um termo último para unir a grande cadeia ou círculo de movimento unido, assim como a pedra angular é necessária para unir e completar o arco de toda a existência.

Portanto, cada parte deve necessariamente constituir uma substância essencial e cumprir um objetivo particular; e assim o arco é tornado perfeito. Se alguma parte não se unisse perfeitamente às restantes e à formação geral, o todo estaria, interna e externamente, confuso e desorganizado. Consequentemente, forma, como um todo, uma Estrutura perfeita; e nos seus pormenores, é constituída pelas várias partículas e substâncias, como meios, efeitos e instrumentos, para desenvolver e unir o todo, de modo que um sistema perfeito seja formado, a fim de cumprir o desígnio último do Contemplador original!

§ 27. Os fisiologistas, ao dissecarem e analisarem as várias partes do sistema humano, descobrirão princípios correspondentes aos da Natureza. A anatomia é uma estrutura que não contém partes inúteis. É complexa, mas não tem partes em excesso para produzir as manifestações necessárias e cumprir as funções para as quais foi concebida. Cada parte é necessária à perfeição do todo; e o todo é necessário às partes.

O sistema é composto por órgãos, cada um dos quais dá e recebe de todas as partes que o compõem. Há uma constante inspiração e expiração — uma troca constante de partículas em toda a organização; e assim, o todo constantemente produz e reproduz novas partículas, adequadas à sua formação progressiva.

Mais ainda, o todo é composto por partes minuciosas e particulares; e o todo depende delas para os resultados harmoniosos que ocorrem constantemente. Não constitui apenas um sistema análogo ao da Natureza, mas contém as forças específicas e leis da procriação. Por isso, o Homem é um representante de todo o Universo material; e as leis que desenvolve constantemente correspondem aos movimentos da matéria e aos seus efeitos reprodutivos, segundo a lei da Natureza.

O homem germina primeiro, até que, finalmente, a Causa original desenvolve na sua condição madura o princípio da vida espiritual; enquanto ele, novamente, como substância material, reproduz o seu semelhante. Consequentemente, forma um grande círculo de ação unida. Naturalistas, anatomistas e fisiologistas sabem que estes princípios gerais estão estabelecidos como verdades irresistíveis; e como tal, são utilizados para o fim aqui proposto.

Mais ainda: o geólogo forma as suas especulações acerca da estrutura interior da terra a partir da aparência geral da superfície externa. Observando os estratos superiores, conclui que existem camadas correspondentes. E pela pesquisa e investigação da formação primitiva, penetra profundamente nas causas e na condição primitiva de toda a matéria; e então, invertendo a ordem do pensamento, traça a formação primitiva até à superfície, que é o desenvolvimento e progressão últimos do princípio interior que aquela contém.

Assim, ao observar os diversos estratos e camadas da formação terrestre, juntamente com os fósseis de moluscos, radiados, articulados e vertebrados (formas e animais existentes, que foram desenvolvidos gradual e sucessivamente, acompanhando as formações rochosas nas quais são encontrados), percebe-se que cada um constitui um elo sucessivo, revelando desde o centro até ao exterior as várias formas que a terra produziu. E em cada época geológica, há também produções correspondentes dos reinos vegetal e animal. As investigações geológicas, portanto, correspondem às investigações fisiológicas.

Além disso, a atmosfera que envolve o globo possui estratos correspondentes de formação, cada um ocupando uma posição em relação à terra segundo a sua raridade específica. A terra exerce sobre ela um poder atrativo, cuja influência contraria a força expansiva e impede a formação de uma ligação atmosférica com os outros planetas existentes. Consequentemente, a atmosfera termina a poucos quilómetros da superfície terrestre. Forma-se, portanto, em estratos ou camadas; e cada um exerce pressão sobre o inferior: e o conjunto produz um peso que confina cada partícula ou substância na superfície terrestre.

Assim, a geologia da atmosfera corresponde à geologia da terra; pois cada uma contém estratos proporcionais à sua força primitiva de desenvolvimento sucessivo. O todo forma, portanto, círculos concêntricos de formação atmosférica e material.

A progressão desde os estágios inferiores dos radiados até aos vertebrados forma também um círculo correspondente de desenvolvimento. E desde os estágios mais baixos dos vertebrados (ou seja, os que possuem crânio e apêndices laterais) até à organização perfeita do Homem, forma-se outro círculo de progressão física. O Movimento da matéria original em direção à Vida nas esferas inferiores da existência vegetal e animal, e à Sensação no Homem, produz outro círculo ou cadeia

de desenvolvimento, do interior ao exterior. Movimento, Vida e Sensação, combinados e aperfeiçoados no Homem, e a purificação da matéria ao unir-se a estes, formam um composto apto a produzir o espírito individualizado.

Isto é a embelezamento de tudo o que está abaixo e é inferior à sua esfera de existência; e, consequentemente, completa uma cadeia ou círculo unificado de progressão, desde o germe da existência vegetal até ao seu próprio desenvolvimento. Assim, trata-se de uma expansão — uma abertura dos princípios e propriedades invisíveis da existência — até ao seu estado último e perfeito.

Então, a Natureza também deve, por necessidade, conter e formar aquilo que é análogo ao que as partículas mínimas contêm e formam. E se a Natureza manifesta um princípio único de Movimento, Vida e Sensação; uma única lei de desenvolvimento progressivo e reprodutivo — deve, por necessidade, segundo uma lei eterna, operar como um efeito ou causa secundária, para produzir esferas superiores e mais perfeitas de existência material.

O objetivo foi, então, que a Terra progredisse gradualmente na sua perfeição material para produzir plantas, animais e o Homem. E é também objetivo que o Movimento, a Vida e a Sensação se combinem com essa perfeição da forma, para desenvolver o princípio da vida interior. Cada forma e substância existente, portanto, opera constantemente como causa, efeito e fim; e o objetivo de cada uma é produzir resultados superiores e correspondentes. Assim, a Primeira ou Grande Mente Positiva opera como Causa, através da Natureza como Efeito, para produzir o Espírito como Termo Último.

Cada ciência paleetiológica, portanto, acrescenta provas ao grande tema em contemplação. Se a Natureza, num sentido particular, manifesta produções imutáveis, com tantas e tão diversas formas, complicações e correspondências — não constitui isto uma demonstração absoluta das suas operações inerentes e eternas num processo geral de desenvolvimento? E assim como o germe da erva produz o corpo como efeito, e a semente como termo último; da mesma forma, a Grande Essência e Fonte Espiritual de toda a existência produz a Natureza como Efeito e o Espírito como Termo Último.

Não existem provas internas e externas disto, que transcendem a força das palavras para expressar o pensamento? Não existem convicções interiores a habitar na mente, correspondentes aos seus desejos por um estado futuro e eterno? O interno não constitui a substância do externo? A Natureza, como Efeito externo, não aponta profunda e diretamente para o Interior, ou Fonte da sua produção original? Não é ela um mapa cujas várias linhas conduzem diretamente, e com quase certeza matemática, a um estado futuro e superior? As verdades inseparáveis que cada ciência revela não constituem caminhos que convergem num único Foco comum?

E o Homem contém toda essa evidência combinada dentro da sua própria constituição física. No entanto, seria impossível, na sua presente esfera de existência, que o tema de uma vida futura lhe fosse demonstrado aos sentidos. Por conseguinte, contempla a Natureza e as suas leis como produzindo invisivelmente e eternamente resultados de acordo com as suas qualidades e forças inerentes. E, ainda assim, o tema mais elevado e importante — e o mais desejado de compreender — é o princípio, a substância, a realidade interior que constitui a existência última daquele que contempla.

§ 28. Os factos e fenómenos de todas as ciências físicas — a história geológica da Terra até à formação fisiológica do homem — bem como o movimento, a atividade e a progressão manifestos em todas as coisas, oferecem provas abundantes das proposições estabelecidas. As particularidades e minúcias dessas diversas ciências, e as discrepâncias nas opiniões e hipóteses dos filósofos que daí resultaram, não anulam de forma alguma a força dos princípios gerais. Conclusões baseadas nas aparentes indicações de minúcias e fenómenos isolados da Natureza não podem contrariar, nem ser inconciliáveis com as leis universais e estabelecidas.

Mesmo que a investigação nos pormenores da geologia tenha dado origem a várias opiniões; mesmo que cada tipo de rocha ou formação terrestre contenha diferentes espécies de animais, suscitando dúvidas quanto à uniformidade original do desenvolvimento orgânico — desde as esferas mais baixas até às mais elevadas — e mesmo que os vestígios de seres organizados apenas se encontrem em certas partes da Natureza — isso altera, de algum modo, o grande facto de que todos, em termos gerais, podem ser demonstrados como tendo existido em diferentes períodos de tempo, conforme as proposições previamente estabelecidas?

Tal é a chamada teoria uniformitarista, e há provas internas e externas que demonstram a sua veracidade.

Em várias partes da Terra, devem ter sido depositados estratos que faltam noutras partes. Não manifesta a Natureza, num sentido particular, evidências de eventos catastróficos? E não manifesta também, num sentido geral, uma formação constante e universal dos diversos sistemas de estratos? Se, portanto, certas formações forem encontradas mais profundas em alguns lugares do que noutros, não prova isso a ação de alguma circunstância ou ocorrência particular e modificadora?

Estes factos, considerados de forma isolada, podem parecer refutar algumas opiniões de geólogos; mas a generalização estabelece o princípio de um desenvolvimento geológico uniforme e progressivo. Por conseguinte, a ciência da geologia deve ser aceite como verdadeira; mas as suas manifestações particulares devem ser vistas como resultantes de causas locais.

Assim como as condições particulares da Terra diferem do seu aspeto geral, também as formações zoológicas apresentam variações correspondentes. Mas a zoologia generalizada estabelece o princípio da uniformidade no desenvolvimento. As formações geológicas apresentam uma correspondência com as zoológicas. Cada uma fornece provas para as grandes doutrinas do movimento universal e eterno, da ordem, das formas, das espécies, das associações e das correspondências — e confirma ainda mais a lei inerente da progressão. Cada uma estabelece também um grande círculo de verdade inerente e evidência externa.

O conhecimento da fisiologia das plantas e vegetais existentes ajuda imensamente a mente a compreender corretamente as suas relações com formas anteriores da existência, e a conceber as esferas que, por natureza, estão destinadas a ocupar. Ao observar o reino vegetal, notarás partes particulares que, aparentemente, refutam a ideia geral de progressão. Nem todas as plantas têm o mesmo modo de progressão e reprodução. E mesmo que a forma vegetal mais pequena apresente uma correspondência, de certo modo, com o imponente e maciço carvalho, perderias a representação numa perspetiva geral e universal.

Assim, ao investigar a anatomia e a fisiologia do reino vegetal, a base sobre a qual a mente deve assentar para alcançar corretamente a verdade é a dos princípios conhecidos e universais — não as contradições particulares e aparentes que as complexidades deste reino podem ocasionalmente apresentar ao contemplador.

Portanto, se como um todo este reino apresenta aparências regulares e correspondentes, a conexão não deve ser quebrada por factos isolados e aparentemente contraditórios. Mas, se as tuas contemplações forem suficientemente profundas, rigorosas e universais — e se as tuas conclusões forem legitimamente induzidas a partir do conjunto de factos físicos — as deduções anteriores das ciências apenas servirão para confirmá-las. E se essas manifestações forem corretamente e filosoficamente rastreadas, produzirão um corpo harmonioso e unido de evidências, conduzindo a verdades relativas ao futuro, das quais o todo é uma representação externa.

*Nenhuma teoria morfológica pode surgir de uma análise geral e unificada de todo o arcano da Natureza.** As teorias morfológicas surgiram de discrepâncias aparentes entre factos detalhados, e da observação destes sem referência ao todo. A planta mais pequena e a maior árvore apresentam, à mente que generaliza, uma única reflexão e uma única impressão; enquanto que à mente incapaz de receber universais ou de perceber as relações de causa e efeito, o pequeno e o grande apresentam o aspeto de desunião, sem sequer manifestarem correspondência. Consequentemente, a primeira mente compreende a Natureza na sua ação unida; a segunda mantém opiniões morfológicas, e por isso observa na Natureza produções aparentemente ilegítimas. Assim, não vê qualquer lei firme, mas apenas repouso e impulso, inércia

e atividade, e produções catastróficas e irregulares. Daí que a mente que não possui o poder de individualização e generalização veja apenas um caos de confusão universal e desenvolvimento.

*A palavra "morfológica" (se é ou não uma criação totalmente nova, não o posso afirmar) refere-se aqui a uma sucessão heterogénea e irregular de formas.

Será, pois, estranho que tenham surgido teorias baseadas na ideia de acaso? É de admirar que homens cujos intelectos não se encontrem numa condição ou esfera de compreensão geral e unificada, não recebam impressões de verdades gerais e eternas? Será justo condenar tais mentes por haverem formulado tais teorias quanto à Natureza e à sua origem? Pois a causa de tais teorias está claramente à vista: é a falta de uma organização perfeita, e deve-se ao estado ou esfera inferior em que o seu autor se encontra.

Não será de esperar que uma pessoa cuja organização seja perfeita em todas as suas partes, cujo intelecto seja expansivo e inquisitivo, cujas aspirações sejam elevadas e refinadas — produza teorias mais próximas da verdade do que aquelas que surgem de um estado inferior de associação esférica?

§ 29. Novamente: a anatomia do Homem, tal como se relaciona com a de todo o reino animal, reforça a cadeia das nossas induções circulares. O anatomista, como o geólogo, observa várias formas e adaptações. A forma de cada articulação revela desígnio original, e a formação interna e externa dos ossos demonstra a intenção de combinar força, leveza e beleza. Ele vê, na equidade e na forma cilíndrica de vários ossos, um propósito: obter o máximo de força com o mínimo de material.

Ao passar aos ossos do sacro, observa aí uma base e apoio para os apêndices laterais, e percebe que a sua forma não poderia ser dispensada sem perder a força e a ação concentradas num espaço tão reduzido. E ao prosseguir do osso cóccix até à coluna vertebral, observa vinte e quatro partes distintas unidas numa só coluna, combinando força com elegância. A reflexão revela a finalidade de tal estrutura. Entre cada parte ou osso há espaços ou substâncias intervertebrais, cujo objetivo é conferir elasticidade à coluna inteira, e adaptá-la para sustentar com facilidade e conforto o crânio, juntamente com outras partes conectadas. Mais ainda: se a coluna fosse reta e imóvel, o corpo não poderia executar os movimentos necessários. Nem poderia suportar o mesmo peso; pois a mais leve inclinação incidental bastaria para desunir a coluna.

A adaptação mostra-se de forma manifestamente perfeita: toda a coluna possui vinte e quatro molas distintas. Consequentemente, todas as partes se unem para realizar um único movimento, e são necessárias ao grande conjunto, que se caracteriza por força, elasticidade, beleza e utilidade.

Enfim, a anatomia do corpo humano, e também das espécies inferiores do reino animal, ensina esta verdade grandiosa e importante: desígnio original e eterno! Estas estruturas são inimitáveis pela perícia humana! Nenhum meio foi ainda concebido pela mente humana capaz de combinar, num espaço tão pequeno, a mesma força e variedade de movimento que a estrutura anatómica do homem e das espécies inferiores claramente manifesta. Daí o grande contentamento que o verdadeiro anatomista, com compreensão abrangente, retira dos seus estudos. Nesta ciência, contempla todas as coisas anteriormente existentes — e mais ainda, a Causa original e o Desenhador perfeito de todas as existências materiais e físicas!

Uma convicção interior forma-se na sua mente: de que existe um Princípio inerente e necessariamente inteligente; porque, desde o ponto mais baixo da Natureza não desenvolvida até à estrutura anatómica do reino animal e do homem, ele percebe uma cadeia unida de desenvolvimento harmonioso, revelando os princípios de ordem e progressão, e exibindo a adaptação de todas as partes para produzir um sistema perfeito. E o seu campo de reflexão é demasiado vasto e profundo para não o conduzir à conclusão de que haverá uma perfeição correspondente e última dos mesmos princípios, que ele, na esfera da anatomia, contempla como produção original da Grande Mente Positiva!

Portanto, o verdadeiro anatomista não detalhará nem particularizará as partes do todo, se o seu desejo for alcançar princípios gerais; mas investigará as partes como componentes do todo, e o todo como constituído pelas várias partes — e observará os verdadeiros e principais princípios exemplificados, como correspondentes aos que regem a grande estrutura da Natureza.

O fisiologista,* se investigar corretamente as leis do sistema humano e do reino animal, observará a mesma troca e transmutação de todas as partículas vivas em todo o organismo animal — uma absorção e exalação constantes e universais, uma ordem e harmonia universais a impregnar os órgãos do corpo.

*O orador observou aqui, em tom parentético:
“Sou forçado a empregar circunlocuções ao examinar as várias ciências; para induzir diferentes conclusões com vista a formar uma única conclusão, e para apresentar claramente o assunto a uma mente por um processo de raciocínio, e à outra por um processo diferente — de modo que as verdades possam ser confirmadas nos diversos tipos de organização mental que possam ler o conteúdo desta obra.”

O mais ínfimo movimento na Natureza não é a regra pela qual se possam harmonizar as verdades gerais. A consideração de que todo o Movimento, Vida e Sensação subsistem como dependentes de cada parte conduz a princípios universais — e assim à ideia de harmonia existente. O verdadeiro fisiologista observa que a forma mais baixa de vida passa da sua esfera, em outras formas, por cada estágio da

existência animal, até se tornar apta para nutrir a forma humana. Ele observa e contempla isto como uma flutuação progressiva da vida animal em direção a esferas superiores de perfeição. Isto forma também um círculo unido de assimilação das substâncias inferiores com as superiores, e assim contribui para a massa unida de espécies e seres vivos universalmente existentes, dependendo todos eles do intercâmbio destas partículas, tanto para sustentar as suas formas originais, como para reproduzir constantemente novos sistemas, em diferentes épocas, conforme a perfeição, o influxo e refluxo da matéria animal o determinam.

Assim, o Todo, numa aceção ampla e abrangente, é necessário à ação mútua e perpétua de todas as partículas, conduzindo à perfeição da matéria e tornando-a apta a sustentar a estrutura fisiológica, a simetria e a beleza de todo o reino animal. Isto representa a Natureza em todas as esferas de produção e procriação anteriores. Corresponde aos ensinamentos de todas as outras ciências — e aponta distintamente para o Foco original e Fonte de Inteligência Espiritual, que assim se manifesta universalmente.

Cada ciência paleotiológica, portanto, na sua aplicação geral, confirma a harmonia e unidade interna e externa dos movimentos da Natureza, conduzindo à perfeição em todas as suas partes; e, desde o mais pequeno e interior círculo, e desde o período mais remoto da existência primitiva, observa-se constantemente uma progressão e desenvolvimento perpétuos. A partir dos pontos mínimos, a Natureza expande-se na compreensão dos seres e das substâncias, até que haja uma expansão infinita de todas as partículas, e de círculos unidos de vida e atividade. Pois, sendo o todo um Vórtice de causas reprodutivas, o último deve corresponder à Fonte eterna, ou vórtice interior do desenvolvimento exterior!

§ 30. Entre os muitos estudiosos dos princípios da Natureza, não há nenhum que ocupe lugar **mais** proeminente, nem cuja experiência seja mais útil, do que o verdadeiro mecânico. A ele se devem as muitas invenções que, ao longo do tempo, foram produzidas, bem como o desenvolvimento das maravilhosas forças encontradas em substâncias outrora tidas como quase imateriais. As forças elétricas e magnéticas têm estado constantemente a produzir e a reproduzir as mais pequenas partículas, que são claramente vistas em mudança constante. Estas forças não só produzem vida e movimento em todas as formas, como também são responsáveis pela ação poderosa das fibras musculares na criação animal. Por seu intermédio, certos animais conseguem erguer imensos pesos e arrastar muitas toneladas; sem estas forças, não poderiam manifestar força muscular alguma. O movimento existente entre todas as formas, esferas e planetas, pode ser legitimamente atribuído ao poder omnipotente contido nestes princípios.

A água, também, tem sido observada a passar a um estado rarefeito e sem partículas. Na gota de orvalho e no vasto oceano, há evaporação e refinamento

constantes deste elemento. Mas só recentemente foi descoberta a força energética existente na expansão do vapor de água. Hoje, este poder é usado para fins práticos, ainda que não esteja plenamente desenvolvido. O progresso do conhecimento sobre estes princípios tem acompanhado as suas manifestações físicas externas. O poder do vapor foi outrora desconhecido e desacreditado; e aqueles que, através de investigação incansável, se convenceram internamente da existência de tal poder e o expressaram abertamente, foram acusados de fanatismo. No entanto, demonstrações visíveis e concretas acabaram por convencer os céticos e o mundo de que há um poder inerente na água rarefeita — embora ainda não se saiba quão grande é esse poder, nem a extensão da sua aplicação.

Não terá sido necessário, inicialmente, o mesmo esforço argumentativo para convencer o entendimento da existência deste princípio e poder, tal como agora o é para convencer da existência de um princípio semelhante em outra matéria rarefeita e sem partículas? O primeiro admite prova evidente; o segundo não permite o mesmo. Pois este último representa a condição mais elevada e perfeita de tudo quanto existe; enquanto o primeiro é apenas um desenvolvimento mecânico e subordinado — ainda que corresponda ao princípio inerente que constitui a realidade de todas as coisas.

As invenções, então, são meras imitações da Natureza, e aplicações dos princípios nela contidos. A Natureza, sob um ponto de vista mecânico, atua de forma perfeita; enquanto as invenções humanas são apenas representações imperfeitas dos mesmos princípios. Consequentemente, não há invenção — não há criação de princípios — não há formação original do que não tenha existido primitivamente.

O mais perfeito telescópio, que agora se encontra em construção e com o qual outros planetas e esferas se tornarão ainda mais visíveis, com as suas condições físicas mais nitidamente aparentes, é — com toda a sua perfeição de fabrico e os milhões de partículas que o compõem — apenas uma imitação dos princípios envolvidos no olho humano! E, ainda assim, este último, na sua construção e nos princípios que o regem, é por si só um símbolo de Desígnio original e eterno. O conjunto constitui um instrumento que combina beleza e utilidade. Ainda não foi devidamente imitado por esse grande e maravilhoso telescópio, que agora está prestes a ser desenvolvido com princípios semelhantes.

O verdadeiro mecânico recebe as suas lições da Natureza, em cada uma das quais descobre a sua própria incapacidade de imitar mais do que parcialmente os princípios aí manifestos. E quando as forças são combinadas e desenvolvidas nas várias máquinas que constrói, constata apenas serem uma imitação de um grande princípio originalmente e eternamente contido na Natureza. E se as suas indagações forem, primeiro, para conhecer as leis e os princípios existentes na Natureza, a sua

ação posterior será aplicá-los mecanicamente, apenas num grau inferior de magnitude — e assim beneficiar-se da utilidade dessas aparentes invenções.

E, observando a Natureza como um Todo, a operar nas suas várias partes segundo princípios mecânicos, todos os seus raciocínios e invenções serão de carácter correspondente. E, se não se apressasse demasiado em elevar-se acima das manifestações circundantes e visíveis destes poderosos princípios, até ao centro de origem do movimento no sistema planetário, receberia mais verdade e luz sobre estes temas, compreendendo devidamente o que o rodeia.

Mas, desejando libertar-se das intrusões e interrupções externas, impostas pela sua ligação ao mundo, tenta em vão fechar todos os sentidos que o ligam a tais coisas — e, nesse estado de abstração, enquanto o princípio interno assume, por assim dizer, sentidos semelhantes, esforça-se por associar-se a uma esfera mais elevada de existência material. Não se contentando com as representações gerais e minuciosas da Natureza que o rodeiam, ele, com o princípio interno, volta-se para esferas superiores, com o intuito de investigar as leis que regem o seu movimento perpétuo e atividade.

Daí que tenham surgido inúmeras teorias e hipóteses, apenas porque o raciocínio abstrato não pode ser perfeito enquanto o intelecto estiver ainda ligado ao seu invólucro original, e porque os homens não têm raciocinado por correspondência a partir dos princípios abundantemente existentes à sua volta, acima e dentro de si próprios.

O fenómeno conhecido por gravitação é universalmente observado. Por que razão, então, não investigar a causa da gravitação? E, compreendendo-a corretamente, estabelecer-se-ia a verdadeira teoria de todas as outras manifestações correspondentes no sistema planetário. Muitos escritos já foram apresentados ao mundo sobre o facto da gravitação, mas nenhum explicando particularmente a sua causa. É conveniente, portanto, não se passar para além das manifestações imediatamente circundantes, até se estar plenamente convencido das propriedades e princípios inerentes que as causam.

§ 31. Os princípios mecânicos, portanto, constituem a ação e força unidas da Natureza; e é por meio deles que o verdadeiro mecânico recebe as suas instruções imutáveis. E, ao segui-las como o tem feito, vai gradualmente desenvolvendo os princípios nelas contidos, como sendo invisíveis e universais. Além disso, cada movimento, desde o curvilíneo até ao espiral (os únicos movimentos que ele reconhece como existentes — embora estes tenham existido eternamente na Natureza), foi isoladamente manifestado nas várias máquinas que aparentemente inventou.

E, tendo concentrado as diversas forças e movimentos num pequeno espaço, perde momentaneamente a noção de que a sua invenção é mera imitação das leis originais da Natureza, e sente uma elevação de si próprio ao contemplar a grande e inimitável criação da qual sente ter sido o autor. Mas, ao refletir, reconhece que a Natureza e os seus princípios inerentes são apenas desenvolvidos e manifestados no seu engenho. E, ao estender as suas contemplações por entre as várias partes da Criação, em relação ao Todo como um reflexo de cada parte, aplaca o princípio da ambição dentro de si, com o sentimento consolador de que aquilo que aparentemente criou, foi estabelecido pelo desígnio eterno da Primeira Causa, ou Mente Positiva!

Como estes princípios estão todos indelével e eternamente impressos na Natureza, ele sente que um conhecimento correto dos mesmos conduz a verdades correspondentes; e a primeira ideia de um desígnio original imprime na mente a noção de uma Causa Final. E se existem numa única partícula da Natureza, ou se estão, como se reconhece, espalhados por toda ela, e se manifestam em todos os seus movimentos, então devem, por necessidade, ser princípios eternos; e, quando desenvolvidos, correspondem à progressão intelectual, e essa progressão à convicção da existência eterna da mente — convicção esta que, quando devidamente desenvolvida, conduz a todas as verdades correspondentes.

Uma lei não pode ser diferente em diferentes partes do Universo; e quando se compreende devidamente a causa da gravitação numa pequena substância ou partícula visível, compreende-se que a mesma causa produz efeitos correspondentes em todo e qualquer estado de existência material.

Os princípios da Natureza (tal como agora se manifestam), e as leis e forças da mecânica, são uma progressão das propriedades e essências inerentes primitivamente contidas em todas as coisas. O verdadeiro mecânico olha através da Natureza, e obtém a convicção do seu estado original e primitivo; e também da Natureza avança e eleva-se, pelas Esferas da futura e eterna progressão, e do desenvolvimento espiritual. Ainda que não possua compreensão plena, carrega consigo uma convicção irresistível destas coisas. Observa causa, efeito e fim, em tudo.

Consegue contemplar o estado para o qual tende o progresso natural de todas as coisas. Um desígnio original não se manifesta sem os meios para produzir um fim. E assim chega à conclusão de que não pode haver excesso de atividade nem de repouso; que não podem existir produções ilegítimas ou catastróficas, resultantes da lei e movimentos gerais da Natureza. Não tomará os detalhes e minúcias como sendo verdades universais e gerais.

A contemplação, a reflexão, e a experiência que o mecânico racional retira da Natureza, acrescentam mais um elo à nossa cadeia de ciências paleotiológicas, e ao grande círculo da verdade universal.

Assim, instrumentos matemáticos e mecânicos foram sendo produzidos, e estes proporcionaram os meios através dos quais novas verdades puderam ser desenvolvidas. Os princípios da Natureza oferecem lições de imenso valor ao investigador atento aos seus constituintes essenciais. E existem instrumentos que permitiram descobrir princípios até então desconhecidos.

Nota 1: Observou aqui o orador que, embora o movimento perpétuo seja um princípio inerente à Natureza, o homem não poderia reproduzi-lo através de qualquer construção ou processo mecânico. Já fora mencionado que "nenhum princípio contém em si o poder de investigação de si" — o espírito, por exemplo, não pode compreender o espírito. Ora, o homem é, em si mesmo, um movimento perpétuo; é ele que investiga. Produzir o movimento perpétuo envolveria o princípio da compreensão de si — algo inviável.

Nota 2: Observou-se ainda que alguns atribuem à ação de catástrofes naturais a origem do homem e de outros seres vivos; mas que isto não pode ser verdade, de acordo com os princípios previamente estabelecidos. A harmonia existente entre as várias partes dos reinos orgânicos, e o seu desenvolvimento segundo uma ordem precisa e progressiva, exclui a ideia de quaisquer impulsos irregulares ou paroxísticos da Natureza na sua produção. Os aspetos gerais deste tema compreender-se-ão ao ler a teoria da criação apresentada e desenvolvida na continuação desta obra.

Estes instrumentos foram úteis na investigação das propriedades inerentes da Matéria e do Movimento, além de contribuírem para o desenvolvimento das leis mecânicas. E assim, a Natureza e os seus princípios gerais são feitos para oferecer ao homem a evidência interna da verdade externa. Ele pode ver uma manifestação absoluta das leis da Natureza em cada forma e partícula da existência material. Pode observar a íntima conexão e simpatia inerente existente entre todas as partículas que compõem a estrutura do universo. Nenhum ser está num estado ou esfera de associação com mais verdade inerente do que o verdadeiro mecânico. Ele vê as propriedades inerentes de cada produção das suas mãos refletidas na Natureza; e ao refletir que a sua invenção não é mais do que uma cópia fiel da Natureza, regozija-se na convicção interior de que a Fonte da Natureza está repleta de verdades, que gradualmente assumem novas formas, segundo o seu carácter específico, a fim de se apresentarem num estado mais perfeito de existência progressiva.

Sente a convicção interior, a partir das evidências externas, de que a Natureza é inesgotável; e que o que dela se exige é a continuação da sua investigação precisa e

incansável, não com ideias pré-concebidas, mas com liberdade para aceitar quaisquer conclusões que um grau razoável de evidência venha a estabelecer. Não impõe limites à expansão do pensamento. Não estabelece crenças até ser compelido pela preponderância da evidência impressa no entendimento interior. Observa todas as leis como tendentes a um estado de perfeição final; e, por essas mesmas leis, reflete retrospetivamente e contempla o Organizador original e inteligente do Universo!

§ 32. Cada forma, portanto, passa constantemente por uma sucessão infinita de esferas, a fim de se associar e corresponder com as partículas e essências que compõem a sua natureza original. E quando o mecânico observa todas estas manifestações, que se desenvolvem constantemente acompanhadas dos princípios de vida e atividade, tem a consolação de saber que todas operam segundo uma lei mecânica eterna. E, à medida que os desenvolvimentos da Natureza se tornam visíveis, observa que todos os princípios evoluídos gradualmente do interior se manifestam proporcionalmente à perfeição da substância, da forma e do instrumento através dos quais cada movimento e cada lei se tornam visíveis.

A sua experiência corresponde às verdades estabelecidas em outras ciências, e o conjunto confirma as proposições já estabelecidas: que há um movimento constante e universal existente na matéria, como propriedade essencial da sua natureza; que este é continuamente (e por necessidade deve ser) progressivo; e que também reproduz formas por virtude das propriedades inerentes da sua constituição. Cada forma assume, então, um grau e uma espécie, e consequentemente uma associação peculiar. Estas são a produção da Matéria, e a Vida e a Sensação, a produção do Movimento. A continuação e perfeição destes dois princípios unidos compõem o Homem como um Último, e o homem é composto de partículas e essências de todas as outras coisas existentes.

Consequentemente, tudo o que está abaixo do homem deve, por necessidade, entrar na composição do seu ser. A perfeição da sua organização material (incluindo todas as essências que se tornaram originalmente refinadas para se associarem com essas mesmas partes da matéria) produz, como um último específico, o princípio da Inteligência. O último disto, correspondendo a todo o outro processo progressivo, compõe o Espírito individualizado. E, de acordo com o impulso eterno que este recebeu no princípio, ascende por novas esferas de existência, correspondentes àquelas que ocupava anteriormente; e representa também a perfeição universal e o refinamento de todas as partes à medida que se tornam não-particuladas — e que, tal como o espírito, formam um contraponto à progressão material.

Assim, o todo desenvolve a ciência das correspondências. Prova os movimentos concêntricos de toda a Natureza; estabelece o facto de que a realidade de todas as coisas externas existe num estado invisível, e que as formas não são senão

manifestações constantes da sua realidade interior. E o mecânico sente estas leis associadas à sua mente, tal como a Verdade se associa à Natureza. Consequentemente, pode também compreender e interiorizar a verdade interna que a Natureza abertamente manifesta.

Tudo isto recorda à mente a sublime e estabelecida verdade:
Que a Causa utiliza a Natureza como Efeito, para produzir o Espírito como Último!

A Causa Original de todas as coisas deve produzir Últimos que correspondam à sua própria natureza. Se o Primeiro é perfeito, o Fim também o deve ser. Se a Essência primeira é, por natureza, progressiva, o seu Último deve igualmente sê-lo. Se a Fonte Original foi Inteligência Suprema, deve produzir inteligência como resultado legítimo. Se o Primeiro foi divinamente puro, o Último deve sê-lo também, em todas as suas qualidades específicas. Se o Primeiro foi eterno, o Último deve ser igualmente eterno. Se a Mente Positiva Original — o Germe — o Organizador inteligente da Natureza material e universal — contém em si toda a perfeição de beleza e inteligência, infinitamente além da compreensão dos seres finitos, não deverá então o Último, o espírito do homem, estar necessariamente em harmonia com essa Causa, em todas as suas essências e qualidades específicas? Não deverá, como descendência legítima do Grande Produtor Omnipotente, ser igualmente puro e divino?

Se a Natureza, em alguma das suas cadeias de produção visível, contradiz qualquer princípio geral desta conclusão, então a mente não é chamada a responder aos ensinamentos das suas leis imutáveis, que produzem efeitos externos a partir do interior. Se o germe de uma planta, de um animal, ou de qualquer forma ou esfera reprodutiva da Natureza, produz um último que é distinto de si, então poder-se-ia, com razão, concluir que a semente ou o último foi corrompido no processo de transição do interior para o exterior. Mas é evidente que a semente (ou último do germe original) apenas assumiu uma esfera de existência mais perfeita. Não se tornou mais pura ou refinada nas suas qualidades e essências; mas elevou-se a uma esfera última de natureza correspondente à sua primeira, e existe na beleza e frescura da sua condição recentemente assumida. Portanto, ainda que não seja intrinsecamente mais perfeita, é mais bela e reprodutiva.

Consequentemente, o espírito, individualizado a partir do Germe de uma existência eterna, através da instrumentalidade da Natureza e do Homem, tornou-se semelhante à Essência Primitiva, apenas progredida pela frescura interior da sua beleza e refinamento. Daí, traz o selo e contém todas as propriedades essenciais da Fonte Original! É divino, puro, inteligente: necessariamente tem de o ser, pois é uma Terminação legítima, um Último, uma entidade composta da substância, das partículas, das qualidades inerentes que estavam contidas na Grande Fonte Espiritual. Assim sendo, a sua natureza é inesgotável, perfeita e refinada, geradora

de inteligência de natureza progressiva e idêntica, igual às suas essências combinadas, tal como originalmente contidas no Vórtice onde existia a Grande Mente Positiva e Omnipotente!

O Espírito pode ser considerado como um resultado negativo, mas não é por isso menos puro, nem menos perfeito. É o que o Primeiro foi: será o que o Primeiro é. E, mais uma vez, a mente é internamente impressionada com a veracidade dessa cadeia eterna de causa e efeito!

§ 33. As meditações e experiências do verdadeiro artista são demasiado valiosas e convincentes para serem aqui ignoradas. A sua inclusão é tão frutífera quanto uma apelação direta à sua reflexão interior, pois serve como confirmação íntima dos princípios até agora expostos. Tendo ele como constante companhia a Natureza e as suas manifestações, é inevitável que profundas e verídicas impressões se firmem no seu espírito. Mesmo as leis da arte encontram-se em perfeita harmonia com as da Natureza, coincidindo com todos os princípios gerais que são corretos e infalivelmente verdadeiros. Tais leis conduzem-no à contemplação da grandeza e beleza das manifestações naturais, tanto em seu aspeto geral quanto nos detalhes mais subtis.

As suas associações com a Natureza valem mais do que muitos supõem, sobretudo entre os investigadores dos diversos domínios científicos anteriormente referidos. Para ele, as manifestações naturais destinam-se a ser impressas no entendimento como símbolos e arquétipos que revelam, à mente sensível, as causas internas e invisíveis que lhes dão origem. Assim como toda investigação científica parte das aparências exteriores das coisas, também a profunda meditação do verdadeiro artista assenta nessas mesmas aparências.

As inúmeras vias e processos através dos quais explora os caminhos da Natureza conduzem-no a convicções que correspondem às conclusões retiradas de todas as ciências palaetiológicas. E como tais convicções brotam da Fonte de toda verdade genuína, elas devem — e de facto são — acolhidas no íntimo do seu ser.

Não é meramente pelo facto de a sua arte suavizar e refinar os sentimentos, nem pela influência comovente que exerce sobre os seus atos e desejos interiores, que aqui se convoca a sua experiência. Fá-lo, sim, por esta dizer respeito à própria fonte e manifestação de tudo quanto existe na paisagem material da existência. A sua comunhão com o mundo natural transmite verdades ao mesmo tempo elevadas e transformadoras — verdades essas que escapam à compreensão de qualquer outro grupo humano que não partilhe da sua íntima ligação com os elementos que o rodeiam.

O seu principal desejo é copiar ou imitar a aparência geral daquilo que se lhe apresenta diante dos olhos. E sente que, ao fazê-lo, cumpre um trabalho de grande significado, justamente porque esse trabalho tem por base algo inesgotável. Reconhece que a Natureza contém todos os cenários e variações que aspira compreender e reproduzir. Está profundamente consciente de que todo o seu esforço visa exteriorizar aquilo que já lhe é internamente e externamente percetível. Ao recordar o efeito causado por obras anteriores, sente que estas são para si o que a máquina é para o mecânico: uma imitação, uma exteriorização de uma realidade interiormente existente.

Ao analisar as leis da cor, chega por via legítima à conclusão de que as cinco ou sete cores primitivas derivam de uma única — uma matriz contendo, em si, as propriedades e qualidades de todas as demais tonalidades que dela se desdobram. Está igualmente consciente de que estas cores se manifestam ou reaparecem sempre que existam instrumentos, agentes ou substâncias adequadas à sua revelação. É devido ao constante processo de desenvolvimento e reprodução da Natureza que essas cores se revelam. A luz, tal como originalmente e universalmente existe, contém em si as essências e atributos específicos que mais tarde se desdobram nas diversas cores que agora distinguimos e classificamos.

Cada uma destas cores torna-se visível à medida que se desenvolvem instrumentos externos apropriados. E tudo isto lhe ensina uma verdade inegável e de extrema importância: que o Original continha, ainda não desenvolvido, aquilo que atualmente se expressa nas formas visíveis — e que tudo o que assim existe resulta de um princípio progressivo, inerente e eterno.

Dessas convicções profundas e solenes, nasce no artista a perceção da ligação íntima que mantém com todos os demais seres. E sente, com força renovada, que a Natureza e as suas manifestações o conduzem a uma esfera mais elevada e correspondente, à qual constantemente aspira. Para ele, estas correspondências servem como mediadoras — um ponto de apoio sobre o qual a sua experiência e conhecimento acumulado realizam as suas diversas operações. Elas não apenas se baseiam no que é sensivelmente demonstrável, mas fornecem igualmente prova profunda e convincente da Realidade invisível.

Para além da Natureza, contempla silenciosamente a Causa que deu origem a este teatro da existência humana. E com a mais elevada reverência por essas verdades, quase se sente em comunhão com o primeiro Princípio de Vida e Atividade. As suas aspirações são puramente intelectuais e morais, e todas as suas criações visam ser expressões familiares daquilo que a Natureza manifesta de forma tão vívida.

E, ao contemplar a obra que criou, surge-lhe um pensamento exaltado e entusiasmado — ainda que apenas imaginado — de que talvez tenha criado algo que

não existia na Natureza. No entanto, ao voltar-se novamente para as inúmeras formas e substâncias que continuamente se desenvolvem e lhe refletem novas verdades, reconhece algo infinitamente superior àquilo que, por momentos, pensara haver criado por sua própria habilidade.

Mais ainda: ao confrontar a sua obra com os traços de Natureza que a inspiraram, sugere-se-lhe que esta contém verdades intrínsecas que ele apenas roçou. E, à medida que observa a sua criação, surge-lhe a impressão de que a Natureza não lhe oferece paralelo. Assim, numa reflexão posterior, a sua imagem perde parte do seu esplendor intrínseco, e a imaginação que a concebeu revela-se tão efémera quanto as cores da aurora, tingidas pelas múltiplas reflexões do horizonte. Pois, à medida que o pensamento se desloca para além da obra criada, esta muda, também, ao sabor das suas ideias. A Natureza, com nova luz, imprime no seu espírito verdades mais puras e profundas do que aquelas expressas na sua imitação, por demais fugaz e transitória.

§ 35. Todas as imitações ou representações das aparências e substâncias que cercam o artista são, na verdade, apenas formas familiares de desenvolver verdades originais. Por meio delas, ele se aproxima cada vez mais daquilo que sempre desejou e buscou reproduzir. Consciente dessa verdade, ele não força suas capacidades mentais e físicas no intuito de superar ou distorcer o que está diante de si, mas se contenta em criar uma obra que seja um reflexo fiel daquilo que continuamente se manifesta aos sentidos. Sua prática artística o leva a compreender que apenas os princípios gerais e universais podem servir como base confiável para contemplar a vastidão do cenário natural. Ele percebe que, ao se prender aos detalhes e particularidades, destrói o efeito grandioso e sublime que desejava expressar. A visão geral revela beleza e perfeição; a atenção ao detalhe fragmenta e desorganiza os traços fundamentais do todo.

A experiência ensina-lhe que particularizar é desintegrar a verdade que se pretende transmitir, ao passo que generalizar revela uma cadeia contínua de beleza, magnificência e perfeição. Acima de todas as suas aspirações, está o anseio de que sua produção cause exatamente o efeito que se alinhe com a Verdade original e eterna. Ele reconhece que as partes — as luzes e sombras, as distâncias e perspetivas — compõem o todo, e que o todo é necessário para a existência das partes. Essa totalidade unida gera nele a convicção íntima de que o efeito deve, em qualidade e princípio, assemelhar-se àquilo que o produziu.

Assim, suas meditações se tornam impactantes e, como tudo o que aqui já se referiu, profundamente convincentes. Cada representação conecta sua mente àquilo que ela simboliza; e por esse vínculo, a verdade necessariamente se revela ao entendimento. Ele observa, desde o invisível até o visível, e deste até o último desdobramento, um ciclo — ou uma série de círculos concêntricos — de verdades

correspondentes e infindas. E enquanto seus pensamentos e sentimentos se elevam pela contemplação das belezas reveladas pela Natureza, é também tocado por uma impressão interna que reafirma o princípio anteriormente estabelecido: que o Organizador original de todos os círculos progressivos e materiais deve, por sua própria essência, produzir resultados semelhantes.

Se o Princípio Primeiro é positivo, o Último é negativo. Se o Primeiro é interior, o Fim é exterior; se o Primeiro é eterno, o Último também o será. E se o Primeiro — o Espírito Onipotente e Positivo — contém todos os atributos essenciais de pureza, refinamento e perfeição, então o Resultado legítimo e grandioso desse Princípio não pode ser de natureza inferior.

Dessa forma, a experiência e convicção do verdadeiro artista, as lições profundas que recolhe dos símbolos e tipos da beleza e perfeição internas, o efeito apaziguador e regulador que tudo isso exerce sobre o seu caráter, e a união indestrutível que percebe entre todas as partículas do mundo material — tudo isso reforça as principais verdades e conclusões aqui defendidas. Suas ideias e afetos estão naturalmente associados à verdade. Seus desejos e interesses não são menos puros do que as lições que os inspiram. Sua razão, guiada por encadeamentos lógicos, condu-lo a concluir, como anteriormente se demonstrou, sobre o Princípio Primeiro e o Último da existência.

Mas, quando se afasta das manifestações da Natureza e se vê envolvido pelos pensamentos e sentimentos do mundo exterior — com seus interesses impuros e desordenados que perturbam sua paz e desviam sua mente do curso natural de contemplação e criação — e quando se vê compelido à luta pela subsistência e pela preservação da vida, ele sente com intensidade o abismo entre a serenidade da Natureza e a inquietação da humanidade. É então que compreende que a verdade não vem do homem, mas da Natureza; e que as verdades extraídas dela são absolutas e eternas.

Essa confrontação entre os extremos o leva à convicção de que as incontáveis capacidades humanas, os diversos modos de perceber e as infinitas esferas de associação entre os homens, não têm raiz verdadeira nas leis da Natureza. Ele percebe claramente o descompasso entre as leis naturais — imutáveis e harmoniosas — e a ignorância, a imperfeição e a materialidade grosseira que ainda reinam entre os seres humanos. Enquanto nas leis naturais ele contempla uma ordem constante e manifesta, no mundo humano observa conceções distorcidas dos princípios da vida orgânica e uma ainda mais grave distorção das faculdades afetivas, intelectuais e espirituais que compõem o ser.

A beleza e a perfeição das aparências externas do mundo material impõem, por si sós, a certeza de uma vida interior com igual beleza e perfeição. Entre os extremos

do pensamento e da imaginação — entre os desejos mais baixos e as conceções mais elevadas do espírito — há sempre um ponto médio, um centro, um foco que representa a culminação e o equilíbrio entre esses polos opostos. É nesse ponto médio que a verdade se manifesta, pois os extremos só podem existir com base em um ponto de equilíbrio, que representa a realidade invisível correspondente a tudo o que se vê, sente, deseja ou conhece. Cada objeto sensível tem uma causa invisível que lhe dá origem; da mesma forma, os anseios intelectuais e espirituais da humanidade são símbolos de verdades que correspondem ao funcionamento da mente.

Assim, entre o Grande Espírito Positivo e a alma humana, deve haver um intermediário — um símbolo, uma forma — por meio do qual se revelem tanto o Desígnio Original quanto a Perfeição Final. Para aquele que observa atentamente as manifestações externas, o Universo inteiro se torna um símbolo daquilo que foi, é e será. Natureza, enquanto expressão de verdade, carrega em si todas essas convicções já mencionadas. E, como todo verdadeiro intermediário, se é um meio, é também uma expressão da Verdade. Ela serve de guia para a meditação interior e de objeto para a contemplação exterior. Assim, o Princípio Primeiro e o Último de todas as coisas se revelam como induções racionais e irresistíveis, que fluem da experiência fecunda, profunda e verdadeira daquele que vive em comunhão com as belezas incomparáveis da Natureza.

O tema do Espírito — ou da futura individualização das faculdades intelectuais do ser humano — jamais foi devidamente demonstrado às diversas mentes às quais este trabalho será submetido. Ao longo do tempo, formaram-se opiniões, teorias e hipóteses sobre esse assunto, bem como sobre o Organizador Supremo do Universo material. E embora esses dois temas — o Espírito e o Princípio Organizador — sejam de natureza semelhante, sua conexão parece extremamente remota à mente humana. Por isso, diferentes ideias foram comunicadas ao mundo sobre a origem da Matéria e do Movimento, sobre a formação e organização dos reinos vegetal e animal, e também sobre as três forças combinadas que constituem a vitalidade. Muitos autores, ao abordarem esses assuntos de acordo com suas perceções e convicções individuais, apresentaram verdades valiosas — mas, ao mesmo tempo, incorreram em equívocos de igual proporção.

Essas pessoas expuseram suas impressões sob circunstâncias profundamente desfavoráveis à comunicação clara e coesa da verdade. Embora Natureza e intuição lhes tenham concedido algumas convicções profundas, essas não puderam ser expressas com clareza suficiente para que fossem facilmente compreendidas. O ambiente em que viviam era igualmente impróprio para a perceção aguda e correta da realidade. Envoltos nas agitações e distrações do mundo exterior, seus sentidos estavam demasiadamente imersos no que é superficial, e sua impossibilidade de

ascender intelectualmente além da primeira esfera de existência os impediu de alcançar a plena comunicação de verdades eternas e imperecíveis. Por isso, não é surpreendente que suas ideias tenham chegado ao mundo contaminadas por sofismas e imprecisões — conceções que, ainda que nascessem de convicções autênticas, não deixavam de ser distorções dos princípios internos e últimos que regem os planos sobre os quais suas teorias se basearam.

De fato, não é estranho que aqueles que se guiam apenas pelas aparências irregulares da Natureza acabem por formular conclusões errôneas — conclusões que, embora não sejam condenáveis, tampouco são justificáveis. Deve-se recordar, mais uma vez, que a Natureza é o resultado de uma Causa anterior, e que esta Causa Primeira — ou Organizador — organizou, por sua natureza eterna, as múltiplas esferas da existência material espalhadas pelo infinito espaço. Essas leis, divinamente instituídas, agindo sobre a massa nebulosa original, produziram e reproduziram progressivamente novas formas, até originar os mundos como hoje os conhecemos.

Portanto, por que tratar a Natureza — ou melhor, as minúsculas partículas do Universo, das quais nosso mundo é apenas uma — como causa primária da organização animal? Por que supor que, por mero acaso e mudanças aleatórias nos elementos da matéria, essas partículas evoluíram até compor a complexa e harmônica estrutura do ser humano, como se em algum momento tivessem, de forma filosófica e misteriosa, "concordado" em executar todas as funções que compõem nossa organização? Tudo isso enquanto cada função do corpo é perfeita e genuinamente reproduzida por um único impulso vital que, iniciado uma vez, permanece em constante movimento? Pois, no instante em que o coração se contrai e impulsiona o sangue pelas vias do corpo, os pulmões, o cérebro, todo o sistema entra em atividade — e essa atividade gera inteligência!

A conceção do surgimento do homem é igualmente falha quando aplicada ao princípio intelectual que o constitui. Ao assumir que a Natureza contém em si as leis de sua existência, de forma independente de qualquer Poder coexistente, muitos tentaram em vão explicar a origem da Mente. Assim surgiram ideias de que a primeira entidade foi a Matéria, e de que o homem é fruto de um esforço energético e violento da Natureza e de suas partículas — existindo, portanto, por puro acaso.

Ora, se o Princípio Primeiro é a Mente Positiva, Onipotente e Original, e o Terceiro é o Espírito, individualizado e não-particulado, aproximando-se progressivamente de esferas superiores de perfeição intelectual, essas teorias nascem de um erro fundamental: tomar o Efeito (a Natureza) como a Causa. Assim, obscurecem a perceção de planos futuros de existência intelectual. Seus defensores consideram a Natureza como causa, o Homem como efeito, e a Mente como mero produto da organização física. O que é visível torna-se, para eles, a única realidade;

e, ao confiarem apenas nas aparências externas como fonte única de verdade, perdem a ligação entre realidade interna e substâncias temporais, entre corpo e espírito.

Essa desconexão os impede de unificar, em suas mentes, o vínculo entre os planos espiritual e material. Como resultado, surgem teorias mal concebidas e mal estruturadas. No entanto, ao observar — por meio da análise — a realidade invisível de todas as coisas, e adotá-la como base de raciocínio, concentrando a mente nesse estudo e aplicando uma analogia progressiva, genérica e universal, chega-se inevitavelmente à conclusão de que o Espírito é uma consequência absolutamente necessária da natureza, da essência e da composição do Supremo e Onipotente Criador.

Não expus aqui as teorias anteriores com a intenção de refutá-las ou criticá-las, tampouco com o intuito de desvalorizar aqueles que as formularam com sinceridade. Mencionei-as brevemente apenas para fundamentar três conclusões: (1) que o homem, estando imerso nas inquietações do mundo externo, não pode, sob nenhuma circunstância, compreender plenamente a verdade universal; (2) que as teorias mencionadas não se baseiam em induções legítimas, mas em suposições injustificáveis; e (3) que o Organizador Original do Universo foi, muitas vezes, esquecido ou mal interpretado por mentes que, embora bem-intencionadas, se apegaram a aparências externas, apagando da razão a ideia de Espírito — que assim se tornou ausente das conclusões admitidas, e os conceitos do Princípio e do Fim ficaram, por isso, obscurecidos em uma névoa impenetrável.

§ 36. Essas três são as conclusões que se pretendia extrair da análise geral do raciocínio mal direcionado. Não se tratou aqui de refutar ou debater diretamente qualquer princípio mencionado, tampouco de apresentar um contraponto teórico. A intenção foi, antes, compreender os equívocos desses pensadores e incentivá-los a buscar mais profundamente as causas verdadeiramente produtoras. É também um esforço para justificar suas impressões, naquilo em que contêm verdade, e para destacar a diferença entre a verdade interior e o erro que frequentemente é transmitido pelas aparências externas — por mais que estas ainda sejam consideradas como demonstrações visuais de verdades imutáveis.

O objetivo é mostrar que tais teorias não podem ser verdadeiras, não por orgulho ou desejo de autoafirmação, mas para guiar os seus crentes a uma base mais profunda e indestrutível, da qual emana constantemente, através das veias e caminhos da Natureza, a Verdade infinita. Não se propõe que a mente abandone sua racionalidade em favor do que é miraculoso ou supersticioso, mas sim que o pensador atue como um químico: que não se contente com a aparência visível das substâncias, mas que as analise, buscando seus elementos e realidades invisíveis.

Com base nesses princípios internos, os argumentos conduzirão logicamente a conclusões irresistíveis, independentemente das formas exteriores. E então, quando a verdade se manifestar, ela será reconhecida como tal, e deverá ser recebida com o mais profundo afeto interior e verdadeira reverência. Só então será possível compreender plenamente a força da máxima — tão verdadeira quanto as leis da própria Natureza — de que "as coisas que se veem são temporais, mas as que não se veem são eternas."

Independentemente das circunstâncias ou da pessoa por meio da qual a Verdade seja concebida, encontrada ou registrada, ela deve sempre ser devidamente valorizada. Nenhuma linha de raciocínio é totalmente desprovida de conclusões verdadeiras, mesmo quando estas estejam mescladas com erros. Investigações de caráter científico ou teológico sempre conduziram a descobertas relevantes, ainda que entre elas se encontrem deduções equivocadas. Para alcançar a verdade, é necessário que a mente siga um encadeamento de induções coerentes; sem essa concentração, dificilmente se atingirão impressões corretas.

Muito já se pensou e discutiu, com intenções sinceras, sobre os temas do Princípio e do Fim, tal como são revelados pela Natureza. Ao longo das inúmeras produções humanas sobre esses assuntos, diversas verdades valiosas foram expressas. No entanto, a verdade plena ainda não pôde ser concebida por falta de uma esfera mais elevada de associação. Até o momento, nenhuma pesquisa metafísica conseguiu estabelecer ou demonstrar de forma satisfatória o princípio do Espírito — ou da vida interior. E se algumas decisões oriundas de mentes parcialmente obscurecidas por suas circunstâncias externas se mostraram, em certa medida, corretas, uma confirmação dessas verdades será encontrada na Revelação. Da mesma forma, o que não for verdadeiro — e tenha sido resultado de raciocínios inválidos — também será colocado em seu devido lugar por essa Revelação. Aquilo que for genuinamente verdadeiro se refletirá de modo claro, trazendo satisfação interna, e será um consolo saber que as impurezas dos sistemas e teorias humanas são repelidas pela presença da Verdade, que é positiva e eterna.

As conclusões aqui apresentadas reivindicam valor por terem sido alcançadas de modo correto e instintivo, por meio da associação com esferas diversas de desenvolvimento e progresso intelectual. Essa posição me permite comunicar aquilo que se encontra num estado de existência inferior àquele em que me situo — como já mencionei antes — e o leitor é convidado a respeitar essa Verdade à medida que ela for se tornando clara à sua compreensão. E essa reverência deve ser a mesma, independentemente da forma pela qual a verdade foi concebida ou transmitida.

Ao abordar teorias fundamentadas exclusivamente nas leis naturais, e ao explicar por que essas teorias surgem, não foi meu objetivo demonstrar a substância ou produção do Espírito, mas sim provar sua existência. A partir disso, estabeleceu-se a

ideia de um Produtor eterno e onipotente, correspondente e necessário. Essa comprovação foi realizada tanto por argumentos indiretos quanto por apelos diretos às manifestações universais da Natureza e às leis que nela operam. Uma vez estabelecida a conexão ininterrupta entre todas as partes que compõem o Universo — e seu progresso — a mente é naturalmente levada de volta às leis causais fundamentais e, ao mesmo tempo, conduzida em direção ao resultado lógico e positivo da perfeição material.

Um entendimento mais claro desses dois temas — o Espírito e o Produtor — só poderá ocorrer à medida que eles forem sendo desenvolvidos e desdobrados no decorrer da Revelação. Ainda assim, o Primeiro Princípio, ou Mente Positiva, e o Último — o Espírito do homem, como resultado negativo e final — já são conclusões que se impõem de forma irresistível, confirmadas pelas investigações da Natureza e pelas experiências daqueles que vivem em associação com suas leis. Os princípios essenciais da Natureza, revelados pelas ciências paleontológicas e suas implicações, foram aqui organizados com o intuito de convencer a mente da possibilidade da existência espiritual. E, para tornar esse argumento ainda mais sólido e impactante, mostrou-se que tal existência não é apenas possível, mas necessária, segundo a natureza de seu Produtor e as leis eternas que regem tudo o que existe.

Durante muito tempo, matéria e espírito foram considerados substâncias distintas e independentes, sendo o espírito visto como algo sem qualquer origem material. Por não compreenderem essa divisão, muitas mentes acabaram conduzidas a conclusões extremas e infundadas. Essa conceção contribuiu para minar a crença na unidade de ação da Natureza. Ao invés de separar completamente o mundo material do espiritual, a proposta aqui foi demonstrar, a partir de leis reconhecidas da matéria, a produção da inteligência — cujo ápice e refinamento é o Espírito — e unificar todas as operações da Natureza, desde suas propriedades fundamentais de Movimento, Vida e Sensação até a sua expressão final em forma de ser humano. Em Manifesta, o princípio eterno da Natureza espiritual se individualiza. Assim, o Primeiro Princípio atua por meio da Natureza — que é o Segundo — para gerar o Espírito como Terceiro e último resultado.

Esse raciocínio, portanto, pode ser repetido para reforçar a ideia central: o Organizador e a Mente Positiva usam a Natureza e tudo o que nela há como um Efeito, com o propósito de produzir o Espírito como um Fim — um Resultado intencional e último.

§ 37. Para compreender verdadeiramente as qualidades e atributos contidos na Grande Fonte da Causalidade — e que se revelam nos vários estágios do progresso material — é legítimo recorrer tanto aos fatos visíveis quanto aos invisíveis da Natureza e da experiência. Ao receber uma visão quase completa da Verdade em

relação à Causa Primeira e suas características, a mente se prepara para alcançar estágios mais elevados da Revelação. Isso também a capacita, quando bem orientada, a perceber a ordem precisa e contínua de desenvolvimento que conecta o Princípio ao Fim de todas as coisas.

Esse entendimento não pode ser requisitado às emoções, desejos, paixões ou sentimentos passageiros do ser humano. Ele deve ser alcançado através da Razão e da luz interna gerada pelo amor à Verdade. E essa Razão — quando devidamente desenvolvida e livre das distrações e interesses superficiais do mundo externo — certamente responderá ao chamado da Verdade, reconhecendo-a como tal, e compreendendo seu lugar no vasto encadeamento das coisas.

Pensamentos, sentimentos, desejos e paixões presentes na mente humana não são os elementos convocados a responder ao que aqui se apresenta. O que é tratado só pode ser adequadamente concebido e compreendido por meio da Razão e da luz interior alimentada pelo amor à Verdade. E a Razão — se bem desenvolvida e livre de interesses impróprios ou de influências externas perturbadoras — responderá a isso de maneira clara e direta.

A mente racional e bem estruturada carrega em si uma sede insaciável de buscar e investigar a Causa Primeira. E essa busca se dá pela observação das causas e efeitos que continuamente se manifestam em cada partícula que compõe o Universo. Todo efeito que se apresenta à mente implica uma causa proporcional que o originou e, para quem possui um espírito generalizador, a cadeia de causas e efeitos em ação por toda a Natureza é ininterrupta. Toda a filosofia indutiva, assim como as conclusões das pesquisas paleontológicas, convergem para um único ponto: a Causa Primeira de todas as coisas. A Natureza, com seus movimentos poderosos e cheios de energia, operando segundo princípios que não permitem má interpretação, anuncia à mente a verdade da existência de uma Mente Positiva, Grande e Onipotente.

A mente precisa, por necessidade, de um alicerce sobre o qual possa repousar e do qual parta sua investigação. E as indicações da Natureza são, por si só, suficientes para sugerir a existência dessa Causa Primeira, da qual derivam todas as formas subordinadas de existência. Partindo do axioma estabelecido de que tudo o que existe deve ter um início, uma origem, uma causa anterior, chega-se à inevitável conclusão de que ou a Matéria sempre existiu, ou existiu, desde a eternidade, a essência de uma Causa Primeira inteligente. Uma dessas alternativas precisa ser aceita diante das evidências oferecidas pelas substâncias e formas que compõem o mundo visível. É inegável que algo teve de existir originalmente para que tudo o que existe agora pudesse ser gerado. Assim, ou Matéria e Movimento existem de forma independente desde sempre, ou houve uma Causa Primária que os produziu. A mente, então, é naturalmente levada de volta do efeito à causa, até ser levada — ou melhor, forçada — a admitir a existência da Causa Primeira.

Esse raciocínio conduz a uma conclusão inevitável, pois as indicações da Natureza conduzem constantemente a mente, através de suas cadeias de progressão, a uma conceção real de uma Existência Primeira, bem como do que dela se origina. É necessário reconhecer que há um Princípio e também um Fim — e isso é demonstrado por tudo o que existe.

As forças mecânicas em constante desenvolvimento, as propriedades e afinidades químicas presentes em todas as coisas, os impulsos vitais dos reinos vegetal e animal, o equilíbrio e a renovação contínua de suas partes, o surgimento das faculdades de perceção e vontade, as propriedades contidas no fluido sutil que provoca esses fenômenos, e por fim, a beleza, perfeição e potência do corpo humano — junto à consciência de que a mente pode conceber ideias e pensamentos que nem mesmo consegue expressar — tudo isso inspira na mente uma profunda reverência pelo que existiu primeiro.

Além disso, os ossos, a carne, os tecidos, nervos, pele, unhas e cabelos são compostos por elementos que ainda não foram totalmente revelados por nenhum processo químico conhecido. Há uma sutileza e refinamento nesses componentes que os torna inalcançáveis pelas técnicas analíticas atuais, o que demonstra que verdades mais profundas sobre suas essências internas só podem ser acedidas por meios ainda não compreendidos pelas ciências vigentes. Assim, desde a matéria original e suas forças mecânicas até as partículas que compõem o corpo humano, apresenta-se diante da mente um vasto campo de ação e movimento unificado, que opera com base na lógica de causa e efeito — até que os efeitos se tornam tão distantes da Causa Original que a mente se vê sem base, sem direção, sem limites para suas conceções. Como resultado, ela tende a aceitar ou rejeitar ideias de forma precipitada, sem a ponderação necessária. É por isso que no mundo intelectual há tamanha imposição de crenças e descrenças sobre tudo aquilo que diz respeito a uma Causa invisível, mas essencial, por trás de tudo que existe.

São reflexões como essas que forçam a mente do investigador a reconhecer a existência da Causa Primeira. Diante disso, ele raciocina da seguinte forma: algo — algum princípio, alguma substância — teve de existir anteriormente, caso contrário, nada do que existe agora poderia existir. Ele não pode conceber que algo tenha surgido do nada, nem que o que hoje se manifesta à sua perceção tenha sido organizado espontaneamente sem qualquer causa prévia. O efeito não pode existir sem uma causa. Porém, ao tentar avançar além dessa verdade fundamental, ele se depara com um véu de mistério que parece intransponível. Por isso, decide não ir além. Reconhece a inutilidade de indagar à Natureza — ou à sua própria mente — sobre o que foi o início, qual forma assumiu a Causa Primeira, ou que desejo ou propósito moveu a Mente Eterna a agir.

Todas as coisas são efeitos, fins e instrumentos — ou seja, são meios para expressar, externamente, aquilo que carregam em seu interior. O exercício mental de contemplar a Causa Primeira em si já mergulha o pensamento num caos. Por isso, parte-se agora da aceitação do axioma estabelecido e universalmente admitido da existência dessa Causa, e passa-se a falar sobre os atributos que dela emanam constantemente — e que fluem por entre os corpos estelares e solares, a Terra, os reinos vegetal e animal, a humanidade e a própria inteligência.

Esses atributos são nitidamente revelados em todos os aspetos da Natureza e em todas as coisas que ela contém. E ao se unirem, como fazem todos os princípios invariáveis e constantes, formam os elos sucessivos da grande cadeia de progresso e desenvolvimento universal. Assim, ao contemplar a Causa Primeira, a mente adquire uma ideia verdadeira de sua essência: uma Mente Eterna.

§ 38. Nenhuma combinação possível de números seria suficiente para dar à mente humana uma noção clara da quantidade de esferas contidas no imenso oceano do sistema estelar. Mesmo que fosse possível numerar cada partícula de matéria que compõe este mundo, o total ainda não expressaria, com precisão, o número de mundos existentes no espaço infinito. Há uma constante formação em curso em todas as regiões do Universo: tudo muda e se transforma. Partículas são lançadas de esferas já existentes e se agregam a outras, ou então se unem para formar novas. Há uma condensação e consolidação contínua da matéria, impulsionada pela dispersão ou rejeição do calor e do éter que ela continha em seu estado fluido; e, com isso, ocorre incessantemente uma troca — uma receção e rejeição — de partículas entre todos os corpos do Universo.

Essa criação constante — ou, mais precisamente, essa reprodução permanente — é fruto de uma lei original que, desde sempre, cumpre seu papel com perfeição. Nada, nesse sistema unificado, é incapaz de produzir resultados essenciais e específicos. O movimento universal e a atividade criativa do Todo decorrem da mesma lei progressiva que gera as transformações e os refinamentos que observamos nas partes, e por isso o conjunto se torna cada vez mais apto a associar-se com esferas diferentes de existência.

Assim se organizam orbes, planetas e esferas, e é possível perceber, no plano inteiro do sistema solar, formações análogas que refletem uma ação constante, imutável e ascendente de todas as coisas. Esse movimento revela um poder grandioso que atua eternamente através do Todo. Há centros em torno dos quais incontáveis planetas giram; e esses planetas, por sua vez, giram em torno de outros centros, desenvolvendo círculo após círculo. Como o Sol e seus planetas, forma-se uma esfera de ação central, ao redor da qual se movem esferas subordinadas com precisão matemática, irradiando círculos concêntricos até alcançar os limites da influência gravitacional e energética daquele centro.

Ao contemplar o Sol, seus planetas e satélites — suas composições e funções —, e aplicando a analogia como ferramenta de compreensão, podemos conceber o movimento do espaço infinito e imaginar os incontáveis sóis e centros que se movem e atuam de maneira semelhante. É preciso meditar sobre um poder tão vasto, tão eterno e tão absoluto que, ao instituir uma única Lei na matéria, gerou tudo o que hoje se conhece por existência. É necessário elevar o pensamento para além do mundo efêmero onde vivemos e imaginar as esferas superiores, inferiores e adjacentes, que compõem um universo repleto de forças e poderes em atividade. E então contemplar a potência incomensurável que essas esferas manifestam, em seus movimentos coordenados e harmoniosos!

Temos, diante de nós, um sistema material perfeito, sustentado por uma Força e uma Lei invisíveis, mas plenamente eficazes e observáveis em todas as suas ações e manifestações. Não há pensamento capaz de abarcar por completo a vastidão dessa ideia: o conceito de um Poder Infinito. Mas esse poder, que é visível no sistema solar, também se manifesta, com a mesma perfeição, em todos os reinos e sistemas que existem na Terra e em tudo que nela habita. Ele se revela nas divisões da matéria, nos reinos que se desenvolveram progressivamente e no processo contínuo e inalterável de formação e transformação das coisas.

Em cada reino da formação física e orgânica da Terra, encontra-se a prova de uma força incansável, incompreensível e onipotente, atuando sobre tudo e em tudo. Tão perfeita é essa força, tão harmoniosa e bela é sua ação, que nada é destruído ou aniquilado: tudo cumpre o propósito para o qual foi originalmente destinado. Seja na observação detalhada ou abrangente, essa mesma força pode ser reconhecida — purificando partículas, associando-as conforme sua afinidade natural, e conduzindo o desenvolvimento da sensação até que ela se transforme em inteligência. E a inteligência, sendo o mais alto grau de refinamento, busca naturalmente se unir a outras inteligências que lhe sejam afins. Por isso, a mente sente prazer ao se associar com outras de natureza intelectual — porque, assim, reconhece a presença da Inteligência no próprio seio da Onipotência.

A Terra, com tudo que ela contém, e o sistema que se estende acima, abaixo e ao redor de nós em todas as direções do espaço, se unem em suas manifestações sublimes para impressionar profundamente a mente com a verdade fundamental que sustenta todas as outras: a de que a Grande Causa Primeira possui como atributo essencial uma Força eterna, inimaginável e incompreensível. Essa verdade não pode ser plenamente expressa pelas palavras humanas, mas suas manifestações são irresistivelmente convincentes — penetrantes como uma voz que ecoa do âmago da própria Natureza.

§ 39. Com isso, todo o raciocínio anterior serve para afirmar o atributo eterno da Onipotência. E ao se observar os movimentos poderosos que ocorrem em todas as

esferas, tanto terrestres quanto celestes, a mente não pode deixar de intuir, junto dessa Força Suprema, a presença de uma Sabedoria Divina. As inumeráveis estrelas e centros que compõem o sistema estelar, os múltiplos sóis com seus planetas e satélites, a exatidão dos movimentos gerais desses corpos celestes, sua sintonia, equilíbrio e perfeita harmonia de forças e trajetórias — tudo isso revela uma ordem grandiosa, bela e indescritível.

As inclinações regulares dos eixos e órbitas, as distâncias calculadas entre os corpos celestes, a uniformidade de seus movimentos, o aparente "diálogo" entre as esferas e atmosferas desses astros — cada detalhe dessa vasta sinfonia do cosmos revela uma precisão tão inacreditavelmente exata que força a mente a admitir: os movimentos conjuntos do Universo seguem leis matemáticas e mecânicas de uma perfeição inatingível ao intelecto humano. Tudo indica que essas leis são guiadas por uma essência — a da Onipotente Sabedoria.

Desde a estrutura e a origem dos corpos celestes, até os menores componentes das suas partículas e elementos constitutivos, tudo manifesta ordem, inteligência e intenção. E a quantidade infinita de esferas, com suas formas tão diversas de desenvolvimento, ultrapassa completamente os limites da razão humana. Nenhuma ferramenta matemática, nenhum cálculo baseado em analogia foi capaz — até hoje — de determinar com precisão as distâncias que separam tais corpos, o espaço imenso que ocupam, ou a magnitude da harmonia universal em que estão inseridos, e a harmonia do Todo!

A análise anterior permite reconhecer, com clareza, o atributo eterno da Onipotência. E, ao se observar os movimentos grandiosos que ocorrem tanto nas esferas terrestres quanto nas celestes, o pensamento é conduzido naturalmente à perceção de um atributo igualmente essencial: a Sabedoria Divina. As inumeráveis estrelas e centros que formam o sistema estelar, os incontáveis sóis com seus planetas e satélites, e a precisão perfeita dos movimentos desses corpos — todos em harmonia, interligados por forças e leis que operam com constância e equilíbrio — revelam uma organização de grandeza, beleza e ordem além da compreensão. As inclinações exatas dos eixos, as distâncias regulares entre os globos, o movimento uniforme de cada um, e a reciprocidade aparente entre suas atmosferas e esferas reforçam a ideia de que todo o Universo se movimenta obedecendo a leis mecânicas e matemáticas de perfeição inconcebível. Cada uma dessas leis carrega em si a marca da Sabedoria onipotente.

Desde a formação até a composição de cada corpo celeste, desde as partículas elementares até a disposição geral dos sistemas, tudo revela uma inteligência sublime. E os números colossais envolvidos — a extensão das órbitas, os espaços siderais, e os ritmos sinfônicos de todo o sistema — ultrapassam qualquer capacidade humana de cálculo. Nenhum raciocínio analógico ou processo

matemático conseguiu alcançar o ponto onde essas magnitudes possam ser medidas ou demonstradas. Ainda assim, o pensamento atento, guiado pela razão, intui — e compreende em parte — a presença dessa Sabedoria infinita.

§ 40. À medida que se contempla a sabedoria presente em tudo que existe ao nosso redor e acima de nós, o espírito é levado a perceber, com ainda mais clareza, um terceiro atributo: a Bondade. Os incontáveis mundos que foram previamente concebidos pelo pensamento — com seu movimento ordenado e suas funções bem definidas — expressam não apenas sabedoria e força, mas também um profundo senso de propósito benevolente. A Bondade se revela na própria estrutura das leis naturais, pois cada lei positiva gera efeitos complementares de natureza oposta, e o equilíbrio entre essas forças opostas torna possível a harmonia do Todo. E quando se analisam as ciências que tratam da origem e desenvolvimento da Terra — como a geologia e a fisiologia — percebe-se que há, em todas elas, uma sucessão de causas e efeitos, sempre adaptados para a produção de novos fins, até que toda a cadeia da criação, culminando no ser humano, se manifeste como um sistema de círculos concêntricos de desenvolvimento. O conjunto dessa progressão revela beleza, propósito e intenção.

Cada novo estágio dessa cadeia expressa um grau mais elevado de poder, sabedoria e bondade, até que todos se unam na criação do homem, como um ser último e completo. E como o ser humano reúne em si as substâncias mais puras e refinadas de tudo o que o precede, ele se torna a representação viva desse grande atributo. Por meio da bondade que o anima, o homem exerce sua inteligência e governa, com sabedoria e justiça, tudo o que lhe é inferior, seja no reino vegetal ou no animal. Para que a Terra fosse útil, e para que plantas e animais pudessem contribuir com essa utilidade, era necessário — e, portanto, bom — que existisse um ser superior, capaz de governá-los. Sem o homem, a vida das plantas e a sensibilidade dos animais representariam os estágios finais da criação, e não haveria um ponto mais alto de desenvolvimento para a própria natureza.

Assim, pelas leis da sabedoria e da bondade, o ser humano, com suas faculdades físicas e mentais, compreende — por meio da ação de seu princípio interior — a harmonia que rege todas as coisas. Ele percebe que o universo, e tudo que nele há, está perfeitamente ajustado à sua existência, e também entende que seu próprio corpo e espírito foram moldados para corresponder, refinar e interagir com tudo o que existe ao seu redor. Ele vive sustentado pela constante produção e transformação dos elementos que compõem os reinos inferiores, e, por isso, se torna um criador, um controlador e um agente de expressão consciente da ordem e da beleza do Todo.

Essa adaptação perfeita e harmoniosa de todas as coisas proclama, em toda a extensão do Universo, a realidade imutável e eterna dos atributos divinos: Poder, Sabedoria e Bondade. E o faz de maneira tão profunda e comovedora, que as

palavras humanas não conseguem expressar, com exatidão, a magnitude dos pensamentos e sentimentos que essas revelações despertam no espírito.

§ 41. Em todo este vasto oceano da vida orgânica, todas as leis, forças e movimentos — tanto nos céus quanto na Terra — são reconhecidos por cumprirem suas funções com perfeita justiça e equidade, salvo quando acidentalmente obstruídos. Como os elementos materiais de todas as coisas estão reunidos na constituição do ser humano, este pode exemplificar esse princípio, e assim obter uma conceção clara da Justiça em sua forma mais pura. As leis que regem a constituição orgânica e mental operam segundo sua natureza, com constância e harmonia. Mas, se por alguma razão — seja acidental, seja intencional — essas leis forem violadas, surgirão inevitavelmente consequências naturais proporcionais à infração. Se as exigências da lei fisiológica não forem atendidas de maneira justa e apropriada, o organismo experimentará os efeitos negativos dessa desobediência. O mesmo ocorre com a lei mental: sua violação gera igualmente efeitos correspondentes, revelando o funcionamento exato e justo das forças naturais.

Portanto, a obediência às leis da Natureza conduz inevitavelmente a resultados puros e felizes, enquanto sua desobediência leva à impureza e à desordem. Em cada caso, o princípio do Bem está sempre operante, buscando produzir efeitos justos e harmoniosos, e sua interrupção inevitavelmente gera desequilíbrio. Assim, entre o bem e o mal, entre a harmonia e o caos, pode-se discernir com ainda mais nitidez o atributo infinito e eterno da Justiça.

Dessa forma, poder, sabedoria e bondade estão combinados em todas as formas de existência, desde as mais simples até o próprio ser humano. Esses atributos apontam para a Fonte una e infinita da qual emanam e revelam, ao mesmo tempo, a presença contínua da Justiça eterna, manifestada em todas as classes e espécies da criação. Essa harmonia também sugere atributos ainda mais elevados, que se revelarão aos poucos ao longo desta Revelação.

Todos os corpos e esferas que preenchem o espaço seguem a poderosa lei que os criou e os governa, com uma precisão inconcebível, em movimentos regulares e reciprocamente influenciados. As revoluções e interações dos corpos celestes, a exatidão de suas forças e movimentos, a beleza com que giram ao redor de seus centros, atraindo e repelindo partículas de forma constante e ordenada — tudo manifesta uma simpatia universal que expressa, além da justiça, os atributos divinos da brandura, da compaixão e da misericórdia. Cada movimento no sistema planetário é, assim, um reflexo verdadeiro e visível dessa Justiça distributiva e Misericórdia infinitas.

Mesmo as observações mais particulares e aparentemente desconectadas da lei universal do movimento reforçam ainda mais essa conclusão inevitável. E ao descer

da contemplação geral para os aspetos mais específicos e individuais dessa realidade, é essencial manter viva a consciência de que tudo isso está inserido em uma grande e reveladora Lei Natural.

As evidências oriundas das tradições do mundo, das investigações científicas, e das leis bem estabelecidas que a Natureza e a Arte revelam, confirmam de forma incontestável esse atributo inquebrantável. A evolução natural da Terra, desde seus estados mais brutos até o surgimento da vida animal, mostra uma cadeia contínua e harmoniosa de progresso. E os princípios de Vida, Sensação e Inteligência seguiram essa ordem ascendente como resultados legítimos de leis eternas e imanentes.

No reino vegetal, observa-se uma constante troca e doação de partículas entre os seres, sustentando-se uns aos outros e garantindo a continuidade do todo. Isso revela o princípio universal de reciprocidade, gentileza e misericórdia. Essa harmonia e benevolência, que perpassa toda a Natureza, reflete a infinita Compaixão divina e acompanha, necessariamente, todos os outros atributos eternos que emanam da Grande Fonte de toda a existência.

Mesmo os animais, muitas vezes, demonstram mais compaixão, justiça instintiva e ternura do que os próprios seres humanos, cujos princípios morais podem se encontrar pervertidos ou desviados. Do mais simples ao mais elevado animal, há uma cadeia visível de simpatia e benevolência, em correspondência direta com os padrões de reciprocidade encontrados no reino vegetal e com a moralidade ideal da humanidade.

Assim, as formas vegetais e animais manifestam uma compaixão que também pode ser observada nos movimentos dos corpos celestes. O ser humano, enquanto síntese refinada e apurada de tudo o que o precede — aquele que governa a si mesmo e tudo o que está ao seu redor — carrega em si a mais pura manifestação da Justiça, da Misericórdia e da Benevolência, através de sua faculdade suprema: a Razão. Por meio dela, ele pode compreender a Verdade, dominar suas paixões e desejos artificiais, e se tornar um verdadeiro padrão de Justiça distributiva, Compaixão universal e Misericórdia.

Este é o mais alto propósito do ser humano: viver em harmonia com os princípios eternos, aplicando o julgamento justo e imparcial. E assim, do homem aos animais, com os seus constantes desenvolvimentos mentais; e destes às plantas, com a sua simpatia e igualdade de ação; e destas à esfera material que contém todos estes seres; e daí, por toda a imensidão do espaço universal, — há uma impressão indestrutível de reciprocidade, harmonia, beleza e magnificência; justiça, misericórdia, simpatia e benevolência eterna!

§ 42. A meditação profunda sobre a infinitude do Espaço induz, naturalmente, à conceção paralela de um Tempo igualmente infinito. Espaço e Tempo são, em essência, paralelos e até sinônimos em significado; no entanto, como a mente humana costuma distingui-los, essa distinção será mantida, sem prejuízo da continuidade das ideias aqui desenvolvidas.

A superfície da Terra pode ser comparada à vastidão do espaço e do tempo, como são concebidos pelo intelecto humano. Os diversos corpos, planetas e formas que preenchem o espaço podem ser comparados às formas e organismos que aqui existem. Pois cada esfera celeste nada mais é do que uma forma assumida pela matéria, obedecendo à sua lei de progressão. Os corpos existentes neste mundo são modificações e manifestações dos mesmos elementos materiais que compõem todo o Universo. Cada ser sobre a Terra é sustentado por leis que operam em harmonia com o princípio universal de Causa, Efeito e Finalidade. A atmosfera da Terra, por exemplo, sustenta todos os seres vivos sobre sua superfície, assim como cada outra esfera possui sua própria atmosfera correspondente, governada pelas mesmas leis de atração e repulsão, inspiração e exalação, influxo e refluxo — em um constante dar e receber. E todo esse sistema opera com base em leis que correspondem àquelas dos mais elevados e refinados níveis de existência nos reinos infinitos.

Dessa maneira, é possível reconhecer uma correspondência e uma analogia positiva entre todas as coisas emanadas da Grande Esfera ou Foco da Mente Positiva Original. Existe uma gradação perfeita, uma ordenação precisa entre todas as formas e entidades — visíveis e invisíveis, terrestres e celestiais — todas submetidas à ação constante e uniforme dos atributos já abordados: Poder, Sabedoria e Bondade. E a essas, associam-se, como consequências naturais, a Justiça e a Misericórdia, compondo, todas juntas, a manifestação suprema de um princípio eterno e absoluto: a Verdade.

Assim, primeiro existiu o Poder. À medida que esse poder se desenvolveu, revelou-se a infinita Sabedoria. Com mais desenvolvimento, emergiu a Bondade. E, à medida que o movimento se refinou em Sensação e Vida — vida esta que corresponde à das esferas celestes — surgiu a Justiça como lei e atributo universal. Através da constante e invisível troca de partículas entre todas as coisas, pela benevolência e simpatia expressas nos menores detalhes da Natureza, manifesta-se a eterna e imparcial Misericórdia.

A contemplação do espaço e do tempo infinitos, bem como o reconhecimento da analogia perfeita entre o espaço sideral e a superfície terrestre, entre as formas existentes no cosmos e aquelas aqui presentes, proporciona à mente uma noção clara — na medida do possível — da criação e da formação universal de todas as esferas, como espelhos das que existem neste mundo. Ao comparar mundo com mundo, espaço com tempo, forma com forma, partícula com totalidade, causa com efeito, e

este com seu fim e propósito, revela-se, por fim, o grande Desígnio. E, se ao longo dessa contemplação se mantiver presente a imagem da Mente Original — a Causa de todas as coisas visíveis e invisíveis — a mente será levada a uma perceção serena e sublime: a de que a mais elevada forma de todos esses atributos é a Verdade — imutável e eterna.

Nada na Natureza se apresenta ao olhar humano sem carregar o selo de sua origem divina. Isso pode ser percebido em todos os planetas, em cada estrutura mineral ou vegetal, em cada anatomia da planta ou organismo. A criação animal também traz esse selo indestrutível, revelado na sua harmonia constante, nas suas formas em perpétua reorganização, até culminar no ser humano. E a constituição física e mental do homem, com todas as suas faculdades e capacidades, segue adiante, em uma trajetória contínua de progresso rumo a resultados sublimes.

Tudo isso são expressões da Verdade imutável, da Perfeição divina, e de um Princípio eterno de Inteligência suprema. Assim, poder, sabedoria, bondade, justiça, misericórdia e verdade são revelações sucessivas e encadeadas de um mesmo Princípio interno e eterno, que constitui a Essência divina original.

Estão, portanto, estabelecidos os fundamentos da lei do progresso, do desenvolvimento, da ciência das correspondências, da doutrina dos círculos concêntricos, e da ideia de uma cadeia infinita de ação, movimento e evolução por toda a Natureza. Afirma-se também a imortalidade de todas as coisas em estado de purificação e perfeição, a unidade e a harmonia de tudo o que existe, e a impossibilidade da existência de um oposto verdadeiro e absoluto dentro da Natureza ou de qualquer um de seus reinos e esferas de movimento ordenado e progressivo.

§ 43. A Essência que permeia toda a Natureza é, por si só, um Princípio eterno e imortal. Cada partícula de matéria, ao longo dos tempos, acaba por passar — em algum momento — por formas de vida animal, tornando-se parte dessa existência. As substâncias mais duras presentes na Terra, o próprio planeta, tudo o que está acima, abaixo ou dentro dele, inevitavelmente se integrará, em diferentes momentos, à composição de alguma forma de vida. À medida que cada elemento progride, associa-se com outros de afinidade semelhante. Assim, a matéria da Terra avança até formar corpos minerais e cristalinos; esses, por sua vez, evoluem para a substância vegetal, que se transforma em matéria animal; até que, purificada e elevada por todos os estágios anteriores, essa matéria é finalmente aperfeiçoada para compor a organização do ser humano. A partir daí, continua sua jornada rumo a estados ainda mais refinados — à matéria rarefeita e não particulada.

Esse processo contínuo e progressivo revela, ao investigador atento e profundo das qualidades inerentes da Natureza e de suas leis específicas, que toda matéria — seja

dos orbes e planetas, seja das entidades do sistema planetário — em algum ponto de sua trajetória, inevitavelmente se tornará parte da vida animal.

Esse movimento de refinamento e aperfeiçoamento é invisível aos sentidos, pois é gradual e eterno, ao passo que os sentidos humanos são transitórios e limitados — existem por um breve instante se comparados à longevidade do todo. Por isso, os sentidos não são capazes de perceber as ações internas e silenciosas do Universo. Para a mente, o finito e o infinito parecem extremos desconectados — o que impede a compreensão plena da marcha interna das coisas.

As formas e entidades que conhecemos são apenas modificações da matéria original, que assume diferentes estados e composições conforme progride. São, portanto, manifestações externas e finitas — passageiras, efêmeras — diante do movimento impercetível da matéria bruta. Todos os elementos estão constantemente assumindo novas formas, não apenas como consequência natural, mas como meios de revelar novas verdades e princípios, e para dar origem a formas de vida mais elevadas e organizadas.

O ser humano é especialmente belo por conter, em estado purificado, todos os elementos da Natureza. Como os demais resultados da criação, ele é um instrumento com propósito: uma expressão útil destinada a desenvolver um Último ainda mais sublime.

Todas as formas, assim, são efeitos externos e mortais. Elas não podem ser usadas como prova da imortalidade, nem mesmo como garantia da possibilidade de uma vida futura. No entanto, há dentro de tudo uma Qualidade e uma Essência invisíveis — que, quando buscadas com profundidade e análise, revelam-se como a Verdade das verdades, a Realidade das realidades: o Princípio interno da Mente Positiva Eterna!

O Primeiro e o Último — a Causa e o Final — têm sido o objeto principal de demonstração racional ao longo deste trabalho. A existência e realidade de uma Causa Inteligente Original foram confirmadas através de todas as ciências paleontológicas e das induções filosóficas da Natureza. Da mesma forma, a individualização positiva da vida interior — o princípio espiritual — também foi comprovada, não apenas como uma possibilidade plausível, mas como uma realidade concreta e demonstrável, um resultado natural (ainda que perfeito e eterno) da própria organização material.

Dessa maneira, com o Primeiro e o Último agora firmemente estabelecidos, esta *Chave* cumpriu seu papel: preparar a mente para contemplar algo ainda mais elevado, embora sempre conectado a tudo o que existe em graus inferiores. Natureza, sendo o efeito combinado da Causa Original, e o Espírito, sendo o seu

Último, tornam-se polos de um mesmo processo. Natureza, portanto, atua como mediadora entre a incredulidade e a convicção; e sobre ela — compreendida em todos os seus aspetos e leis, e vista como representante de todos os mundos espalhados pelo espaço universal — será edificada a *Revelação*, que progressivamente exporá todas as existências visíveis e invisíveis, até alcançar o mais alto Esfera de Perfeição, e então retrocederá, elo por elo, até a Causa Original de todas as coisas.

Durante a entrega desta *Chave*, minha consciência ocupou uma Esfera secundária em relação a esta, quanto à sua perfeição e refinamento mental. Para revelar essa Segunda Esfera, subirei à Terceira; e, desta, à Quarta; e assim sucessivamente à Quinta, Sexta, e finalmente à Sétima — Esfera essa na qual será possível compreender todas as demais. A partir daí, retornarei à posição que ora ocupo. E todo esse percurso seguirá as leis da Verdade Universal, pois a Verdade é a expressão mais elevada e perfeita de todos os atributos do Grande Espírito Positivo!

FIM DA PRIMEIRA PARTE, OU CHAVE

§ 43 A Essência que tudo permeia, contida na Natureza, é, por si só, um Princípio eterno e imortal. Cada partícula de matéria, em algum momento ao longo dos séculos, atravessa e torna-se parte da vida animal! A substância mais dura que existe na Terra — a própria Terra e todas as coisas nela contidas, abaixo e acima — acabará, em diferentes períodos, por compor partes ou partículas da existência animal. De acordo com a progressão de cada parte, há uma associação proporcional da mesma com aquilo que lhe é afim.

Pois a substância da Terra progride até formar corpos minerais e cristalizados; depois torna-se tal; e estes progridem até à substância do vegetal, tornando-se então matéria vegetal; esta, por sua vez, para a animal, entrando assim na composição da existência animal; e então, purificada de todos os estados inferiores que antes ocupou, o todo é aperfeiçoado para se associar e compor a organização do Homem. E daí segue-se para outros estados de matéria refinada e não particulada.

Isto demonstra de forma conclusiva, para o investigador e buscador profundo das qualidades inerentes e leis específicas da Natureza, que toda a matéria que compõe os orbes e planetas — todos os entes, desde o mais elevado no sistema planetário até este —, que cada partícula de tudo isto deve, necessariamente, em algum momento, tornar-se associada, qualificada e composta pela vida animal!

Este movimento, esta constante purificação e aperfeiçoamento, é impercetível aos sentidos, porque é gradual e eterno, enquanto os sentidos são finitos e passageiros — existindo apenas um momento em comparação com outras existências, e portanto incapazes de alcançar convicção palpável ou consciente. Pois finito e infinito são

extremos aparentemente desconectados para a mente; por isso, o Homem não pode estar consciente dos movimentos internos do Universo.

Formas e entidades são meras modificações da matéria original, que assume estados de associação e composição material de acordo com o seu grau de progressão. As formas são, portanto, finitas e externas — são fugazes e transitórias em comparação com o movimento impercetível da matéria bruta. Pois tudo assume formas, não apenas como resultados necessários, mas como usos para desenvolver novas verdades e princípios, e para purificação e organização de formas de vida mais elevadas e perfeitas.

O Homem é preeminentemente belo, pois contém em si todas as outras coisas num estado de pureza; e ele, como os restantes resultados da Natureza, é um instrumento concebido — um uso — para desenvolver um Último mais sublime.

Todas as formas, portanto, são efeitos externos e mortais. Não podem ser consideradas como prova da imortalidade, nem como demonstração sequer da probabilidade de uma vida futura. Mas há uma Qualidade e Essência interna e invisível que pode ser descoberta através da busca e análise como sendo a Verdade das verdades, e a Realidade das realidades — o Princípio interno da Mente Positiva Eterna!

O Primeiro e o Último — ou a Causa e o Último Resultado — que se procurou provar e demonstrar à mente racional, são a existência, a realidade, a verdadeira conceção de uma Causa Primeira inteligente (e isto foi provado por todas as ciências paleontológicas e pelas induções filosóficas da Natureza), e a individualização positiva da vida interior ou princípio espiritual. — E este último foi demonstrado, pelas conclusões irresistíveis extraídas das ciências físicas, juntamente com a filosofia, a razão e as aprovações de uma inteligência abrangente, como sendo mais do que uma possibilidade provável — mas de facto demonstrado como uma realidade verdadeira — como o resultado natural, mas ainda assim perfeito e eterno, da organização material.

Portanto, sendo o Primeiro e o Último positivamente provados, a Chave cumpriu agora a sua função específica, tendo preparado a mente para contemplar aquilo que é ainda mais elevado, mas que está ligado a todas as coisas existentes num grau inferior. E sendo a Natureza provada como um Efeito combinado da Causa Primeira, e o Espírito como um Último, a Natureza é assim o mediador entre a descrença e a convicção presente; e sobre ela e as suas leis, como fundamento (falando correspondentemente de todas as esferas no espaço universal), será baseada a Revelação — que revelará progressivamente toda existência visível e invisível, até atingir a mais elevada Esfera de perfeição; e depois retrilhará os elos do desenvolvimento até à Causa e Fundamento original de todas as coisas.

Durante a transmissão desta Chave, ocupei uma Esfera imediatamente superior a esta em refinamento e perfeição mental. E para revelar a Segunda Esfera, progresso ou ascendo à Terceira; depois à Quarta; e daí em diante até à Quinta, Sexta, e, por fim, como um Último, à Sétima — na qual Esfera poderei compreender todas as outras. E a partir desta, desço novamente à que agora ocupo. E tudo isto em conformidade com as leis da Verdade Universal, como sendo a Perfeição e o Último de todos os outros atributos pertencentes à Grande Mente Positiva!

PARTE II

OU, A REVELAÇÃO DIVINA DA NATUREZA

§ 1 No princípio, o Univercœlum era um vasto, indefinível e inimaginável oceano de fogo líquido! A mais vigorosa e ambiciosa imaginação não é capaz de formar uma conceção adequada da sua altura, profundidade, comprimento e largura. Havia uma vasta imensidão de substância líquida. Era sem limites — inconcebível — e com qualidades e essências incompreensíveis. Esta era a condição original da Matéria.

Não tinha formas, pois era uma só Forma. Não tinha movimentos, pois era uma eternidade de Movimento. Não tinha partes, pois era um Todo. Partículas não existiam, pois o Todo era como uma única Partícula. Não havia sóis, pois era um Sol Eterno. Não teve princípio, e era sem fim. Não tinha comprimento, pois era um Vórtice de uma só Eternidade. Não tinha círculos, pois era um Círculo infinito. Não tinha poder desconectado; era a própria essência de todo o Poder. A sua inconcebível magnitude e constituição não desenvolviam forças — eram o Poder Omnipotente!

A Matéria e o Poder existiam como um Todo, inseparáveis. A Matéria continha a substância para produzir todos os sóis, todos os mundos e sistemas de mundos, através da imensidão do espaço. Continha as qualidades para produzir todas as coisas que existem sobre cada um destes mundos.
O Poder continha Sabedoria e Bondade, — Justiça, Misericórdia e Verdade. Continha o Princípio original e essencial que se manifesta através da imensidão do espaço, controlando mundos e sistemas de mundos, e produzindo Movimento, Vida,

Sensação e Inteligência, para ser imparcialmente disseminado sobre as suas superfícies como Fins Últimos!

Este Grande Centro de mundos — este Grande Poder de Inteligência — este Grande Germe de todas as existências — era Um Mundo! — correspondendo a um globo visível: pois era apenas Um — contendo os materiais e o Poder para produzir todos os outros. Tinha Sabedoria igual à Matéria, para os planear e dirigir os seus movimentos infinitos. Tinha Bondade igual à extensão da sua substância, para conceder harmonia perfeita e utilidade distributiva a todas as partes desta Infinitude. Tinha Justiça; mas apenas para ser manifestada na proporção dos desenvolvimentos de meios adequados sobre estas esferas subordinadas, ou formas da Grande Esfera. Tinha Misericórdia, Lenidade e Tolerância, a ser desenvolvidas em correspondência com semelhantes desenvolvimentos em seres sensíveis e inteligentes. Continha a Verdade eternizada, como a sua própria natureza. Assim, o conjunto destes princípios estavam unidos num vasto Vórtice de Inteligência Pura!

Assim, Matéria e Movimento são princípios co-eternos, estabelecidos em virtude da sua própria natureza; e eram o Germe, contendo todas as propriedades, todas as essências, todos os princípios, para produzir todas as outras formas e esferas que agora se sabe existirem. A grande Massa original era uma substância contendo em si o embrião da sua própria perfeição. Tornou-se fecundada em virtude das suas próprias leis, e foi controlada, guiada e aperfeiçoada em virtude do seu próprio Poder omnipotente!

Sendo a cristalização e a vida orgânica os dois desenvolvimentos gerais pertencentes ao Mundos das esferas, não existia nada como agora se conhece que exista: pois era uma Esfera, uma Substância, um Germe, uma Causa, contendo o poder para produzir todos os sistemas que agora nadam no vácuo de um espaço indefinível. Continha o poder da progressão, mas ainda não tinha progredido.

Portanto, Matéria e Poder eram os únicos Princípios desenvolvidos; e não havia outras esferas de progressão. Esta grande Massa de Matéria abundava em calor e fogo imenso, de tal modo que cada aparente partícula não o era realmente, mas o Todo era uma massa de lava líquida. Os elementos então desenvolvidos eram a Luz e o Calor. O Poder contido neste grande Vórtice era a Grande Mente Positiva! — e o seu desenvolvimento era Movimento Eterno! E assim, Matéria e Movimento constituíram a condição original de todas as coisas!

A Matéria continha todos os atributos, características, qualidades essenciais e combinações peculiares, que o todo do Univercuelum manifesta. Nenhum limite podia ser atribuído à sua extensão inconcebível, nenhuma combinação de números podia representar o seu diâmetro, e nenhuma conceção de forma podia ser propriamente aplicada à sua aparência! Pois Causa e Efeito estavam envolvidos num

único Movimento universal, ondulando quase a sua própria imensidão! Nenhuma parte atuava sobre outra parte, mas o Todo atuava por virtude do seu próprio poder interno, que era de grandeza inconcebível. Nenhum nome ou qualidade pode propriamente representar a sua substância original: pois o todo flamejava com calor interno, que evoluía, como efeito, o princípio da Luz.

Assim, Matéria, Calor e Luz, constituíam a condição primitiva da Substância material e eterna.
Possuindo todas estas qualidades essenciais, características e compostos, era adequada para produzir todas as coisas que foram produzidas, e para ser a Causa e o Efeito para produzir Fins Últimos indetermináveis. A sua purificação última produziria necessariamente a essência peculiar da vida animal e da Inteligência. A própria essência que continha, inevitavelmente exalaria as qualidades incríveis e indescritíveis que caracterizam todos os reinos orgânicos! A Terra e o Término estavam ambos combinados neste grande Oceano de substância não-particulada. Este continha as partes para produzir todas as coisas subsequentemente criadas. Era a Causa de um sistema eternizado de esferas concêntricas dos céus que foram e são o próprio Fundamento e Causa de tudo o que é terrestre e corpóreo, e que ainda assim desenvolve aquilo que é celestial e divino.

A forma original era angular. Esta continha o princípio e a natureza de todas as outras formas: de modo que, desde as formas mais baixas e intermédias até às mais elevadas, poderiam ser constantemente produzidas outras formas, acompanhadas, controladas e atuadas pelo Grande Poder Positivo. A progressão do angular evoluiu o circular. Este assumiu, não uma constituição esférica, mas era uma combinação de plano angular e retilíneo. Portanto, a continuação do angular para o circular era apenas uma forma perpetuamente progressiva, ascendendo em direção ao espiralado. E isto desenvolveu diâmetros, eixos e polos, contendo o angular perpétuo, e progrediu até uma forma ainda mais elevada e perfeita, a do vórtice, propriamente a celestial.

Assim, do mais baixo até esta esfera de progressão, houve um desenvolvimento constante de princípios e leis inerentes, o inferior contendo o superior, e o aperfeiçoado compreendendo tudo o que estava abaixo. O vórtice perpétuo ou celestial, era o Espiritual; no qual não há senão o que é refinado, puro e eternamente infinito, contendo glória, brilho e grandeza celestiais e indizíveis.
É o Vórtice, a substância inconcebivelmente perfeita e espontânea da Grande Mente Positiva!

O maior compreende o menor, ainda que aquilo que foi primeiro não se desenvolva senão por ordem e virtude de progressão em graus. E assim cada estado assumiu novas qualidades e envolveu novos desenvolvimentos, até que o mais elevado irrompeu na sua luz eterna, um índice da sua própria origem!

§ 2. Matéria e Movimento reinaram através das regiões da infinitude ilimitada. Não havia outras formas e nenhum outro atributo evoluído a partir do Poder; pois todos existiam não desenvolvidos em conjunto. A Matéria e as suas combinações peculiares existiam desde um tempo inimaginável, como veículo de Fins Últimos mais sublimes, a serem eternamente desenvolvidos pelo Desígnio e Poder que eram constantemente emanados do grande Vórtice do Poder Positivo!

Era impossível à Matéria existir sem um princípio de produção inerente e eterna. Era impossível a este Poder Positivo, interno e invisível, existir sem a Matéria como seu acompanhante e Veículo.
Para que esta Matéria assumisse formas, a ação do Grande Poder Positivo era necessária para impeli-la a estados mais elevados de progressão. Assim, a Matéria, sendo atuada, foi desenvolvida até se tornar um Equilíbrio externo ou Negativo do Grande Poder Positivo agindo internamente sobre ela. E assim Positivo e Negativo foram eternamente estabelecidos na Matéria. E a Matéria foi assim obrigada a obedecer a cada impulso ou força que lhe fosse dada pelos Princípios internos, emanando da Grande Mente Positiva.

A Grande Causa Primeira, ou o Vórtice de pura Inteligência, era o Primeiro, ou Causa Interna.
A Matéria, com as suas propriedades e combinações inconcebíveis, era um acompanhamento ou contraparte que pode ser chamada um Segundo ou Efeito. E a força externa ou contraposta desenvolvida pela ação do Interno, era um Terceiro ou Último. Assim foi estabelecida a Lei do Movimento universal e eterno. No princípio Deus criou — ou a Grande Mente Positiva causou — as existências e formas que agora se manifestam universalmente.

Tendo-se chegado a este estado e ordem da formação material, a verdadeira conceção da Matéria e do Movimento, da sua combinação original, do auto-estabelecimento de leis e princípios adequados para desenvolver resultados últimos, e do ajustamento dessas leis para os produzir, apresenta-se agora à mente. Esta era, pois, a condição desses elementos e princípios no princípio; e estavam assim preparados para desenvolver formas correspondentes à virtude dos princípios internos envolvidos na Grande Massa, e ao Poder inerente emanado do Grande Vórtice no qual nada existe senão a perfeição eterna. Nele está envolvido tudo o que é perpétuo, eterno e infinito, e nele se encontram estabelecidas as leis que hão de reger o vasto Univercoelum e tudo o que ele contém. Neste ponto e estado da constituição infinita e original, todas as leis, elementos e combinações de elementos estavam envolvidas na Grande Massa, para serem subsequentemente desenvolvidas em ordem e sucessão de graus, através de todas as avenidas indefiníveis do movimento eterno, da vida e da atividade.

A Causa, Lei e Realidade universais estão agora estabelecidas e organizadas. Interno e Externo, Causa e Efeito, Positivo e Negativo, assumiram agora os seus lugares próprios para produzir um desenvolvimento constante dos atributos que lhes são inerentes. As formas envolvidas neste grande Todo serão também desenvolvidas e tornadas visíveis sucessivamente, com os desenvolvimentos consequentes. A constituição e as leis da Matéria, com todas as suas qualidades e essências sublimes, hão de ser desveladas, mas apenas por um processo graduado, proporcional aos desenvolvimentos do Grande Poder Positivo e Causa energética.

Estando agora esta vasta organização geral eternamente estabelecida, novos desenvolvimentos surgirão, como consequência inevitável. Cada um destes desenvolvimentos conduz apenas à perfeição que reside no Vórtice da Inteligência interna e eterna. Mas antes de se contemplarem os desenvolvimentos espontâneos deste grande e inimaginável Oceano de Matéria e Movimento, é oportuno considerar as substâncias que ele contém ainda não desenvolvidas.

(O orador observou aqui que, ao falar da condição original das coisas, usava Matéria e Fogo como sinónimos.)

As qualidades grosseiras e inferiores contidas nesta grande Massa, a quase total dessemelhança entre as partículas que a constituem e qualquer outra que a mente possa conceber, e a imensidão e incompreensibilidade da substância original, lançam alguma obscuridade sobre as partículas inferiores e mais aperfeiçoadas que compõem este grande Veículo do Poder Positivo. A magnitude colossal desta terra-material, a duração da Eternidade, as substâncias e partículas grandiosas destinadas a produzir esferas ainda mais grandiosas de beleza e perfeição, a inconcebível vastidão desta grande extensão que desenvolve perpetuamente esferas e Esferas de esferas, e formas que são indícios de formas ainda mais elevadas e grandiosas nos seus muitos e sucessivos graus de progressão perpétua — tudo isso é demasiado vasto para a conceção humana. Contudo, uma contemplação geral será útil, pois transmite alguma ténue ideia da sua natureza e finalidade — embora o quase vácuo do pensamento indefinido apenas possa irradiar e reverberar aquilo que se pretende ser objeto da conceção.

Em primeiro lugar, contém as combinações peculiares que formam um Sol tão vasto que este, por sua vez, forma outros semelhantes, correspondentes ao grande Sol ou Mundo que foi primeiro expulso do grande Corpo ou Centro Infinito. E isso é um indício — um símbolo — de uma eternidade de mundos semelhantes ao primeiro lançado do grande Centro até à extremidade do seu próprio círculo atmosférico. E cada um desses mundos possui mundos subordinados, e estes, por sua vez, satélites; e todos giram em ordem uns em torno dos outros, e o conjunto gira em torno do Centro ou Sol que os produziu. E este, com todos os sóis e constelações correspondentes, acompanhados pelos seus muitos planetas e satélites,

gira em torno do Grande Centro ou Sol do qual tudo emanou. E assim se estabelece o primeiro movimento dos mundos planetários. E, desenvolvendo-se segundo princípios geométricos — angular, circular e espiral — este estabelecimento eterno torna-se o primeiro sistema de círculos concêntricos.

Depois de a grande Fonte ter produzido, da sua própria substância inerente, um número infinito de mundos, esses mundos, ou as composições que neles se encontram, progridem perpetuamente para estados mais elevados de perfeição. O desenvolvimento seguinte é a cristalização das partículas internas, produzindo as várias substâncias terrestres e minerais. O estado mais elevado do mineral, por ordem de graus e progressão de partículas, dá origem à grande substância de todo o Reino Vegetal. O mais inferior deste reino (que inclui, no entanto, o mais elevado) produz a planta mais delicada. Este reino, por sua vez, constitui, em ordem e grau, a composição animal. E esta, ascendendo a ordens e graus mais altos e perfeitos, gera as essências e qualidades que compõem a organização do Homem. E todas as substâncias intermédias desenvolvidas são os Usos adaptados às necessidades e exigências de cada desenvolvimento material sucessivo. Assim, todas as substâncias, que estão constantemente a assumir formas pela ação da Grande Primeira Forma e da sua ascensão perpétua aos Fins Últimos, ascendem de forma semelhante através de estágios sucessivos e correspondentes de desenvolvimento.

A Massa que foi primeiramente expulsa do Grande Centro dos mundos continha as propriedades e essências não só para se compor a si própria, mas também para produzir e desenvolver as mais minuciosas e sublimadas complexidades que se poderiam formar a partir dos materiais mais finos — fornece materiais e produz o cérebro e o olho humano, com todas as suas inimitáveis delicadezas de matéria.

Assim, este grande Oceano de Matéria Eterna não é apenas um Mundo imenso e infinito em si mesmo, mas contém também a matéria para produzir o mais inconcebível Mundo correspondente; e este, formando outros de natureza semelhante, progride a partir de qualidades inerentes até ao desenvolvimento exterior de um órgão de visão, e até à substância e formação da organização mental. Assim, o Mais Baixo ou Primeiro contém tudo o mais; enquanto o mais elevado estado de perfeição atua sobre o inferior. E assim, embora o Primeiro contenha o Último, é o Último que atua sobre todas as coisas abaixo de si — coisas essas que, embora menos perfeitas, são ainda símbolos de essências eternas destinadas a expandir-se e a desenvolver-se em formas e esferas visíveis dos mais altos graus de magnificência.

A contemplação dos atributos contidos e pertencentes ao Grande Poder Positivo levará igualmente a mente a compreender devidamente o que está contido no Grande Vórtice de Perfeição infinita ainda não desenvolvida. O Poder manifesta-se na orientação e no controlo do grande Mundo evoluído a partir de um ainda maior. E

este Poder é ilimitado e incontrolado, ainda que desenvolvendo Sabedoria na expansão e extensão universal das produções planetárias. A adaptação perfeita e inimitável de cada constelação, planeta e satélite ao grande Sol do seu movimento central revela uma Bondade infinita, pois Bondade é a adaptação adequada das coisas aos fins, com vista à realização de algum fim último grandioso e sublime.

A adesão e obediência adequadas de todos estes mundos planetários à Lei Positiva de Causa e Efeito, cada um deles obedecendo ao impulso original que lhes foi dado quando esta lei eterna foi estabelecida, revela uma Justiça infinita e universal. Pois Justiça e Equidade consistem numa obediência às leis de Causa e Efeito.

A concretização do fim desejado pelo Premeditador original manifesta o mais alto e perfeito atributo da Misericórdia. Pois da luz que é evoluída do grande Centro estabelecido desenvolvem-se os elementos adequados, distribui-se o ar de modo universal, suficiente para sustentar a vida e equilibrar as partes que compõem o grande Todo — tudo para preparar habitações adequadas para as existências vegetal e animal. E este é o cumprimento do Último fim pretendido. É desta forma que se manifesta o atributo elevado e essencial da Misericórdia eterna, pois Misericórdia consiste na adaptação das partes ao Todo e na disseminação e sustentação dos seres sensíveis.

O desenvolvimento gradual e progressivo de cada forma, a partir da condição primordial das coisas; as manifestações constantes e inevitáveis que ocorrem em cada época ou estágio do Movimento; a adaptação mútua de todas as coisas, visível de forma evidente, e a realização perfeita e absoluta do fim pretendido revelam a perfeição de todos os atributos — o Último da Grande Mente Positiva: a Verdade Eterna. Pois a Verdade é esse princípio inerente da Lei divina que determina o cumprimento certo e adequado de qualquer fim bom e glorioso que tenha sido contemplado.

Assim, o Poder e o seu Veículo constituem a Fonte de onde flui tudo o que tende à perfeição última. A massa de fogo inconcebível da Matéria, na sua magnitude e nos seus elementos constituintes, ultrapassa toda a compreensão. E o Poder, exercendo a sua influência vigorosa e energética, co-eterno com a substância da Matéria, é de tal forma grandioso que não pode ser imaginado nem concebido. E esta era a condição das coisas no princípio.

A massa infinita de Matéria desenvolveu calor e luz pela força do fogo inerente. E sendo o Poder positivo, desenvolveu um Negativo — a lei eterna da Gravitação. Assim, o Movimento ficou eternamente estabelecido em e através da vasta composição material.

A extensão da atmosfera a partir do Grande Corpo era também infinita. E o Grande Centro ou Sol emitia constantemente calor e luz, sendo cada um desses fenómenos um desenvolvimento da Matéria, expelido pelo seu poder de repulsão. Esta combinação superior, tal como evoluída do Centro, era apropriada à formação de mundos imensos. A substância, ou matéria não-particulada, que era constantemente expelida do Centro, tornou-se finalmente numa Zona nebulosa, envolvendo a imensidão do espaço. Pela ação constante e desenvolvimento das partículas sujeitas ao movimento de atração, repulsão e às leis de condensação — pela repulsão daquilo que era avesso ao processo de consolidação, e pela atração daquilo que tinha afinidade e era adequado a tornar-se parte da mesma massa — foi instituída a formação dos mundos, segundo a lei da progressão e desenvolvimento a partir do Grande Centro, até que a matéria evoluída estivesse apta a produzir um Mundo e outros que correspondessem à grande Fonte original. Os mundos assim formados eram propriamente Sóis, produzidos a partir de uma massa inconcebível de matéria não-particulada, existente antes do início do processo de consolidação.

Deste modo, um número incompreensível e incalculável de Centros ou Sóis foi produzido pelo desenvolvimento do calor e da luz e pela sua condensação gradual. E desses foram criados sistemas de planetas, cada qual girando em torno do seu Centro controlador, segundo o desenvolvimento dos movimentos circulares e espiralados, e sob a influência da atração e da repulsão — ou das forças centrípeta e centrífuga. Assim teve início e foi completado o primeiro grande Anel de formações convergentes.

Após um intervalo inimaginável de tempo — quase a aniquilação do próprio tempo para a mente, se se tentar calcular a imensidão da sua duração — o fluxo constante de luz, cada vez mais aperfeiçoada, a partir do Grande Centro, produziu milhões incontáveis de sóis, que ocuparam uma outra órbita ou círculo em relação ao Grande Progenitor da sua formação. Após uma organização correspondente das suas partes, estes, por atração, condensação, repulsão e evolução das suas próprias atmosferas, produziram planetas e satélites de forma correspondente às formações infinitas do primeiro Círculo.

O calor extremo — cuja intensidade transcende toda a conceção possível e é milhões de graus superior ao mais quente fogo artificial, como este o é em relação ao calor do corpo humano — gerando uma luz de tal intensidade que a sua força teria repelido quaisquer planetas que estivessem demasiado próximos da sua fonte (caso isso fosse possível), formou, por essa radiação, outro Círculo de Sóis. E cada um deles desenvolve constantemente as suas leis, forças e movimentos, expandindo em poder e contraindo em volume segundo a lei dos magnitudes iguais. Cada um destes sóis possui matéria ainda mais refinada e não-particulada do que os do sistema anterior, e os seus planetas foram formados de matéria igualmente mais

refinada, evoluída dos seus próprios centros. E assim formou-se um círculo interminável de sóis e formações correspondentes a outros círculos, sendo cada círculo um Sistema de sistemas eternos, um índice e símbolo do Grande Sol ou Foco de magnitude indefinível de onde tudo emanou.

Um quarto Círculo de Sóis foi correspondemente formado, com acompanhamentos semelhantes aos produzidos pelos anteriores.

Um quinto Círculo de Sóis foi igualmente evoluído segundo a ordem do desenvolvimento material progressivo. E de cada um destes sóis, tal como nos anteriores, uma atmosfera estendeu-se até à circunferência da sua influência, e a matéria dessa atmosfera formou constelações, planetas e satélites, todos obedecendo às mesmas leis estabelecidas desde o princípio, cada um girando sobre o seu eixo e mantendo praticamente o mesmo plano nas suas revoluções em torno do Centro ou Sol que os originou. E assim foi formado um quinto Círculo de Sóis e sistemas de mundos.

Um sexto Círculo de formações foi também produzido, e estes são apenas Sóis. Como ainda não se consolidaram devidamente, a sua atmosfera ainda não gerou outras formações; por isso, neste momento, percorrem as suas órbitas indefiníveis sob a forma e composição de Cometas flamejantes.

O tempo que decorreu, em anos, desde o Princípio até à conclusão dos seis círculos de sóis, não poderia ser representado à mente humana, ainda que cada partícula que compõe este globo passasse separadamente diante da visão humana, e milhões de anos decorressem entre a passagem de cada uma! Mesmo que essa duração pudesse ser concebida, a mente ainda assim seria incapaz de compreender o tempo que se passou desde o Princípio até à sexta formação.

(Numa nota adicional, o autor observa que, tratando-se de um tema de magnitude tão imensa, as ideias humanas, sobretudo neste plano de existência, têm forçosamente de ser de carácter muito geral e indefinido. Qualquer ilustração oferecida parecerá diminuta e indigna do assunto. Mas, partindo do princípio de que um único átomo representa o Universo inteiro, o leitor deve imaginar que o átomo comparativo — o máximo que a imaginação pode conceber ao tentar formar uma ideia do Grande Sol do Univercoelum — está imóvel no centro do espaço infinito. Flamejando com o calor mais inconcebível, os seus materiais vaporizados estendem-se a partir do núcleo muito além dos limites da imaginação humana. Por virtude da associação química entre partículas de afinidade semelhante, ou da gravitação — que o autor considera sinónimos — esta atmosfera ígnea do grande Corpo, num processo de tempo inimaginável, foi-se dividindo gradualmente em seis anéis concêntricos, cujo único análogo que temos são os agora condensados anéis de Saturno. Enquanto o grande Núcleo permanecesse imóvel, seria o ponto focal

comum de todos os anéis concêntricos, equidistante de todas as partes das suas circunferências.

Mas um movimento rápido do grande Corpo — que, segundo o autor, possuía desde o princípio — produziria um alongamento desses anéis, algo análogo à cauda de um cometa, deixando atrás de si a grande massa de materiais. Supondo que esse movimento fosse numa órbita elíptica, a súbita curva e o impulso centrífugo da cauda projetada, ocorrendo em cada passagem do grande Corpo pelos focos da elipse, acabariam por, quando a condensação estivesse suficientemente avançada, causar o destacamento dessa cauda vaporosa, que posteriormente assumiria uma forma esferoidal e se tornaria num Sol correspondente à sua origem. Deste modo, as seis "zonas nebulosas" formaram um número correspondente de sóis centrais, de onde emanaram um número correspondente de Universos. O autor chama-lhes "círculos de sóis" — ou seja, planos circulares de sóis — e todos eles, com os seus incontáveis milhões de apêndices, descrevem silenciosamente as suas órbitas infinitas em torno do grande Centro de todos os centros.)

O nosso sol e sistema, e todas as estrelas que o telescópio pode revelar, pertencem, segundo o autor, ao quinto grande Círculo ou plano de formações.

O autor pede que se diga que, sendo esta obra destinada apenas ao estabelecimento de princípios gerais, o tema é aqui tratado com brevidade, e que descrições mais específicas — especialmente cálculos de distâncias e magnitudes — serão apresentados numa obra futura. A teoria nebular da criação, conforme apresentada nesta escala magnífica, não depende de quaisquer aparências nebulosas atuais no céu, pois o autor afirma claramente que, com um instrumento suficientemente poderoso, todas essas nebulosas poderiam ser resolvidas em estrelas.

O Grande Centro de onde emanaram todos estes sistemas e Sistemas de sistemas é ainda uma Fonte inesgotável de materiais eternos. É um Sol magnífico e glorioso — um Centro em torno do qual giram todos os sóis e Sóis de sóis. É um Vórtice que exala um sistema de círculos concêntricos de sóis e sistemas de sóis. É um Pai eterno e imutável de todas as coisas. Continua a ser um Oceano de fogo ondulante e indefinível — o sagrado emblema da Perfeição. Com uma espontaneidade eterna, exala mundos inumeráveis e uma expansão infinita correspondente de Poder co-eterno e imutável. Revela, por toda a imensidão do espaço, correspondências da sua própria natureza inerente. É um Germe no qual nada existe senão aquilo que é eterno e infinito, e desenvolve esses atributos inexprimíveis em graus e ordens sucessivos de formação, por todo o vasto Univercoelum e pela duração ilimitada da Eternidade.

§ 4. A magnífica Zona nebulosa, formada num tempo inimaginável pela emissão incessante de luz e calor do Grande Sol Eterno, não só se aproximou do seu

Produtor, como também se expandiu através das regiões do espaço infinito, muito além do sexto círculo de sóis.

A grande massa de Matéria ou Fogo continha calor, sendo este último uma produção da primeira. O calor continha luz, que por sua vez se espalhou por toda a extensão do infinito. E esta luz era a composição peculiar, adaptada e destinada à produção de uma infinidade de mundos e sistemas de mundos, em ordens e graus de desenvolvimento, e em formas semelhantes à primeira Grande Forma. Assim, a luz é uma perfeição e um desenvolvimento da composição original. E a luz formou, dessa forma, o Anel ou Círculo nebuloso, que rodeia o espaço indefinível.

O Positivo e o Negativo atuavam constantemente sobre a massa de partículas nebulosas associadas, produzindo movimento eterno. O Positivo, ou Atrativo, atraía para um grande centro as partículas de afinidade semelhante e adequadas à combinação. A força Negativa, ou Repulsiva, afastava do grande corpo as partículas que não eram adequadas às suas combinações interiores. Assim foram formados, em períodos regulares, os sóis do Primeiro Círculo.

Esses sóis (especialmente os seus centros) eram ainda fogo inconcebível, e também emitiam calor e luz. Esta luz, ou as partículas que a compunham, da mesma forma que os próprios sóis se haviam formado, produziu planetas e satélites. Como os sóis eram demasiado leves e não-particulados, não podiam consolidar-se de forma semelhante à condensação da sua luz em outros centros ou mundos. Mas a luz projetada por eles era capaz de se tornar menos rarefeita do que a sua própria composição; e assim, a absorção constante dos raios de luz produziu, em cada um dos seus planetas, uma combinação de partículas mais endurecida ou consolidada.

O número de planetas e outras formações emanadas destes sóis é tão incalculável como o número de sóis produzidos pelo Sol Eterno. Cada um desses sóis tem o seu sistema planetário estabelecido, com cada planeta a mover-se em ordem, seguindo o mesmo plano e a mesma direção em torno do sol ou centro que o formou — e o conjunto gira em torno do Centro Eterno ou Germe da sua existência.

Esses planetas não podem propriamente ser chamados assim, pois a sua composição é demasiado rarefeita para formar substâncias minerais. São antes uma adesão de partículas causada pela lei da condensação e pela atração mútua, ou gravitação. Ainda assim, são corpos com uma constituição quase inteiramente ígnea. Na realidade, são aquilo a que se poderia chamar corpos cometários, cada um dos quais segue a órbita da sua primeira formação, de acordo com o volume e densidade dos seus elementos peculiares. Tal é a condição do primeiro Círculo infinito de sóis e dos mundos por eles produzidos.

Um acumular ainda maior de partículas emitidas pelo Grande Sol produziu outro círculo, semelhante ao primeiro, com um número correspondente de planetas e satélites. Os sóis deste círculo, sendo ainda mais rarefeitos do que os do primeiro, possuem menos fogo, mas contêm mais calor, e são capazes de expandir-se e emitir luz ainda mais não-particulada em relação aos anteriores. As mesmas leis continuam a exercer a sua poderosa influência por todo o círculo formado por estes sóis; e, através da constante emissão de matéria nebulosa, planetas estão, a intervalos irregulares, em processo contínuo de formação. Pela atração desses sóis, todas as partículas negativas à sua própria composição voltavam a gravitar para eles; e outras, por força do movimento inerente e do seu grau de refinamento, eram repelidas ou lançadas com velocidade inconcebível, em busca de substâncias de afinidade semelhante entre outras formações do sistema que o sol havia emitido.

A condensação dos materiais em planetas pertencentes a este sistema foi produzida por uma constante atração ou absorção de luz, sendo que as partículas raras que os compunham gravitavam ou eram atraídas pelo sol. Estes podem, de facto, ser propriamente chamados planetas, pois foram-se condensando gradualmente em partículas de composição terrena. O mais próximo do sol é mais duro do que o segundo; o terceiro é ainda mais denso que o anterior; e, alternadamente, seguem-se uns aos outros, em ordem de densidade e rarefação, os mundos que compõem um destes sistemas.

As partículas condensadas e a sua progressão, formando a substância a que chamamos terra, são totalmente diferentes de quaisquer composições de natureza terrestre conhecidas pela mente humana. É impossível calcular a imensidão das suas circunferências ou diâmetros, pois são infinitamente maiores do que vários milhões dos sóis pertencentes ao quinto Círculo. E os sóis do segundo Círculo transcendem os maiores poderes da conceção ou imaginação. E os sóis do primeiro Círculo, bem como os seus planetas, são ainda mais inconcebíveis — totalmente para além da compreensão, tal como é o Sol inimaginável e imutável que lhes deu origem.

§ 5. Os sóis que formam o terceiro Sistema de círculos concêntricos têm menos calor e mais luz do que os anteriores, e estão mais próximos do estado de condensação. Contudo, ainda não estão condensados, pois contêm um calor inconcebível. A sua luz, ao associar-se a átomos de natureza semelhante, tornou-se adequada à produção de corpos ainda mais densos do que aqueles produzidos pela luz dos sóis do círculo anterior; assim, estes sóis estavam destinados a produzir planetas com uma constituição ainda mais condensada e consolidada. A troca constante de partículas — o afastamento dos átomos não associáveis e a receção de outros com afinidade — produziu gradualmente um sistema de planetas e satélites, correspondendo a outras criações de natureza semelhante.

As partículas que progrediram até à formação terra-material destes planetas são ainda de tal natureza peculiar e refinada que nenhuma substância conhecida na Terra se lhes assemelha. O primeiro planeta, durante o processo de condensação, assumiu uma superfície endurecida com duas camadas: a primeira consiste numa formação imaginável de partículas de areia, algo semelhante à aparência do carbonato de cálcio misturado com substâncias de coral, embora em nada contenha as qualidades ou essências de qualquer um deles. É mais refinado do que seria possível conceber com base em qualquer substância conhecida na Terra.

Tal é a composição e constituição dos primeiros e segundos planetas do terceiro círculo de sóis. E a aparência dos mesmos diminui gradualmente à medida que aumentam as suas distâncias, sendo que muitos dos planetas que sustentam ainda não desenvolveram nenhuma das composições acima descritas.

Os sóis do quarto Círculo contêm ainda menos calor e luz do que os anteriores, mas mesmo assim a intensidade de cada um é incompreensível à mente. Emanam uma luz ainda mais não-particulada, ao ponto de se tornarem agentes ativos de luz. Após um período inconcebível de tempo e a emissão incessante desta matéria não-particulada pelos sóis que o compõem, foram produzidos sistemas correspondentes de mundos planetários, diminuindo em número e magnitude, mas ainda assim demasiado vastos para serem calculados ou compreendidos. Pela ação do movimento presente em todo este grande sistema de sistemas, e pelas leis de condensação, absorção, gravitação, repulsão e associação de átomos, os planetas formados tornaram-se ainda mais densos em constituição do que os anteriormente descritos.

Os planetas mais próximos destes sóis evoluíram para formações e desenvolvimentos terrenos, enquanto os mais afastados são ainda mais refinados e menos densos nas partículas que compõem a substância terrestre. Os que evoluíram apresentam três formações, sendo a última muito semelhante à aparência atual deste globo, embora não possua a mesma constituição nem qualidade. Os seus materiais são mais refinados e perfeitos, não em qualidade, mas em partículas.

Do mesmo modo, foi trazido à existência o quinto Círculo de sóis, correspondendo às outras criações. Estes são compostos de menos calor e luz relativamente aos anteriores — ainda assim, a sua luz e calor são imensos. E as partículas evoluídas a partir destes sóis são ainda mais refinadas e etéreas. Mas, pela virtude das leis eternas inerentes e imutáveis a esta composição, foi gradualmente e correspondentemente gerado um número imenso de planetas e satélites, cuja magnitude ainda não foi plenamente determinada nem compreendida. Pela operação dessas leis, e após um período inconcebível de tempo, foram criados os planetas que pertencem ao nosso próprio sistema solar. Os planetas mais próximos destes sóis são correspondentemente mais densos do que os mais afastados.

A distância a que a luz dos sóis do quinto círculo se propaga no espaço é demasiado vasta para uma conceção comum, embora ainda assim limitada em comparação com a extensão da luz dos sóis dos círculos anteriores.

A condensação de partículas do sol do nosso sistema solar — que se apresenta como representante geral de todos os outros deste Círculo — produziu vários estratos de formações terrenas. O primeiro planeta é extremamente denso, e a sua superfície é composta de substâncias minerais e rochosas. Apresenta combinações semelhantes às deste globo, mas mais refinadas em aparência, embora não em qualidade. A este planeta foi dado o nome de Mercúrio.

O seguinte apresenta quatro formações, sendo que a última ainda não foi totalmente desenvolvida; a sua densidade é menor do que a do anterior. Este é denominado Vénus.

O terceiro possui combinações de substâncias terrenas ainda menos densas do que o anterior. O número de formações e estratos desenvolvidos é cinco, sendo o último quase concluído. A composição da primeira formação inclui sílica, cálcio e outros elementos minerais. As formações produzidas sucessivamente, conforme a ordem do desenvolvimento, consistem em várias espécies de terra e pedra, até se formarem a quarta e agora quase a quinta camada. Esta última compõe a crosta ou o quinto desenvolvimento geológico do planeta denominado Terra.

O planeta seguinte na ordem tem formações correspondentes. Não é maior, mas é menos denso do que o anterior. Foi denominado Marte.

Aquele que se segue possui ainda um número maior de formações, mais refinadas tanto na qualidade como na constituição. A este chamaram Júpiter.

O planeta que vem a seguir apresenta formações que não têm igual entre as de qualquer outro planeta existente entre ele e o sol a que pertence. A sua composição é ainda menos densa e menos grosseira do que a do anterior. A terra desenvolvida nas suas formações é pura, fértil e de uma delicadeza inconcebível. E, tal como o Grande Sol de onde provém — embora seja, em relação a esse Sol, como a mais pequena partícula que compõe o olho do menor inseto — formou uma zona nebulosa, e depois outra, ambas ainda o rodeando, ininterruptas e apenas ligeiramente condensadas, mas que eventualmente formarão outras massas nebulosas, as quais, no conjunto, acabarão por constituir um globo que assumirá uma trajetória de acordo com a sua gravidade específica, tal como acontece com todos os outros. Este planeta é conhecido por Saturno.

Os planetas que se afastam ainda mais deste tornam-se menos densos e mais refinados do que os que os precedem. Alguns percorrem as suas órbitas sem terem

ainda sido condensados nem estratificados. As suas órbitas são imensas, mas estão em proporção com o grau de refinamento dos seus constituintes, não sendo adequados a associar-se com qualquer composição do sol que os produziu. Por essa razão, são repelidos até à distância extrema que a natureza das suas composições lhes permite ocupar. E estes são os Cometas — cada um dos quais, eventualmente, assumirá a constituição de um planeta da mesma natureza que todos os outros no seu círculo de formação.

Um sexto Círculo de sóis foi então produzido; estes já não contêm fogo, têm menos luz e mais eletricidade. E, não tendo ainda atingido plenamente a condição de sóis, em virtude das qualidades e composições que lhes são inerentes, encontram-se neste momento a percorrer os limites quase extremos do espaço indefinível. A órbita da sua revolução abrange um espaço incalculável.

§6. Assim, o Univercoelum é uma acumulação sem limites de partículas que, por virtude das qualidades que lhes são inerentes, assumiram formas, ordens, graus, associações e correspondências. Cada partícula, desde o primeiro até ao último círculo, gravitou para o centro destinado à sua associação. Desta forma estabeleceram-se formas; e formas perpétuas produziram Ordem. E pela associação de cada partícula, ao longo de todo o vasto Univercoelum, com outras de afinidade semelhante — desde as mais baixas às mais elevadas — estabeleceram-se Graus em todos os domínios da Criação. E houve uma constante gravitação de partículas a acontecer em toda a Massa de composições materiais. E assim, em ordem perfeita, foi produzida esta vasta e universal extensão de mundos e sistemas de mundos por toda a imensidão do espaço.

O desenvolvimento das qualidades inerentes até à sua manifestação externa, e a progressão de todas as coisas rumo ao refinamento e purificação últimos, só se deram em consonância com os correspondentes desenvolvimentos de esferas superiores e agrupamentos mais eternos. E cada partícula foi destinada, em última instância, a ascender até esse grau de refinamento; e cada esfera, sucessiva e incessantemente, emitiu as suas partículas últimas para produzir, sustentar e associar-se com outras de igual afinidade e natureza, que foram expulsas da Massa por serem demasiado puras e não-particuladas para se associarem com as de qualidade mais grosseira e densa.

Por conseguinte, o Grande Sol — esse Oceano inimaginável de matéria líquida — era um Centro do qual, de acordo com o desenvolvimento da sua atmosfera, que se estendia por toda a imensidão, emanou um círculo de sóis até à extensão extrema das partículas capazes de se associar para os produzir.

Assim também se desenvolveram a Ordem e a Forma. Pois a sua distância em relação ao Grande Sol, seu Progenitor, estava em proporção com a densidade da sua

composição; e as suas distâncias entre si eram mantidas correspondentemente pela mesma influência da gravitação eterna. E todos os mundos que emanaram desses sóis eram apenas sóis em combustão e produtivos para outros planetas. E associações e formações correspondentes prosseguiram até que a extremidade da sua emanação resultasse na formação do sexto Círculo.

E assim, os sóis do primeiro Círculo são o último estágio do Grande Sol; e os do segundo Círculo podem ser considerados o último do primeiro. São apenas acumulações de partículas e, portanto, também planetas. O terceiro Círculo de Sóis é o último do segundo; o quarto, do terceiro; o quinto, do quarto; e o sexto, do quinto. Não há, portanto, qualquer desconexão, mas sim uma perfeita harmonia e unidade em todas as produções celestes e terra-materiais. E assim, cada um pode ser considerado uma parte necessária para a conclusão do conjunto do Univercoelum de infinitude sem limites.

Tempo e espaço, altura e profundidade, comprimento e largura são anulados neste vasto sistema de círculos concêntricos e celestes — uma perfeição e um desenvolvimento perpétuo da Grande Fonte da qual todos sucessivamente emanaram. Tentar calcular a imensa magnitude de um destes sistemas seria inútil, pois transcendem os limites da conceção e cálculo da mente humana. Um dos sóis do segundo Círculo é vários milhões de biliões de vezes maior do que o sol do nosso sistema solar, que pertence ao quinto Círculo. Nenhuma combinação de números é suficiente para expressar a magnitude diametral dos que pertencem ao segundo Círculo — e milhões de vezes mais incalculáveis são os do primeiro. E o Grande Sol ou Fonte de onde todos estes brotaram é demasiado infinito na sua magnitude para que possa ser consistentemente meditado; assim, não se pode ter uma conceção definida do Germe que produziu uma infinitude de mundos inconcebíveis.

E o tempo que decorreu durante estas formações é igualmente incalculável; pois ultrapassa as capacidades da mais vigorosa e brilhante imaginação até para conceber um pensamento sobre o tempo que passou entre a primeira assunção de forma por partículas lançadas pela Grande Massa, até à sua produção última. E, no entanto, a seguir a isso, surgiram sóis e sistemas de sóis, constelações e planetas sem número, e formas novas a revelar-se constantemente, até que milhões e milhões de milhões de mundos — uma infinidade de mundos — passaram a percorrer os campos sem fim da imensidão, revelando a mais perfeita ordem, arranjo e organização.

Estes mundos emitiram constantemente novas partículas, sinal e índice de novas e juvenis produções, que constantemente os sucediam. E assim podemos traçar, de forma correspondente, outra quase infinidade de formações e consequentes reformações, até que todos cheguem ao seu estado atual de ordem e ao seu atual refinamento de partículas últimas — tendo-se condensado e consolidado pela associação gradual de partículas inerentes, tanto grosseiras como refinadas, cada

uma das quais gravita para a sua semelhante e possui movimento em proporção com a densidade ou rarefação específicas das substâncias com que está combinada.

E assim, do primeiro ao último, decorreu um período inconcebível de tempo, bem como uma produção igualmente imensa de novas formas, em ordens, graus e associações, por toda a vastidão que preenchem. E, ainda assim, a criação — ou o seu estágio último — estende-se infinitamente para além da sexta Formação! Pois, da Grande Fonte, Germe ou Progenitor destes mundos, há uma combinação eterna de materiais que, uma vez desenvolvidos, estender-se-ão por todo o espaço infinito, iluminando cada recanto do vasto Univercoelum com uma luz inacessível e inconcebível, trazendo constantemente à existência novas formas como resultado das qualidades e combinações inerentes que compõem o Grande Sol Eterno. E as emanações, após estabelecerem o sexto Círculo de formações, exalam ainda dele, e fazem convergir para ele — segundo leis internas e imutáveis estabelecidas no princípio — elementos que, por fluxo e refluxo constantes, estão empenhados em produzir um Universo de grandiosidade e infinitude supremas.

A Criação, então, apenas começou! Pois ela está, como sempre esteve, a manifestar novas formas e a revelar energias imutáveis — a própria essência de todo o poder — o fiat incontrolável da Grande Mente Positiva!

O Grande Sol, assim impregnado da Essência eterna e imutável do divino Poder Positivo, e sendo ele próprio igualmente eterno e imutável, contendo partículas destinadas a tornarem-se infinitamente sublimadas, continuará a produzir as formas mais magníficas e excelsas, revelando beleza, delicadeza e perfeição infinitas, ao longo dos períodos indefiníveis desta Eternidade — uma Eternidade de eternidades que se abre e desdobra num espaço ainda não concebido nem preenchido com a perfeição de que está destinado a transbordar!

É da natureza de todas as coisas — e esta deriva da Grande Origem — assumir formas e características correspondentes às qualidades interiores contidas nas partículas. E as formas assumidas obedecem a uma Ordem perpétua e desenvolvem graus, todos correspondentes a qualidades inerentes e invisíveis que constituem a sua causa e motor. Por conseguinte, a partir dos elementos, essências e atributos interiores e inerentes à Grande Fonte de todas as fontes, foram produzidos mundos e sistemas de mundos correspondentes — demasiado vastos para serem devidamente compreendidos.

§7. Se cada segundo da vida animal que alguma vez decorreu neste globo, desde a primeira produção sensível até ao momento presente, pudesse ser compreendido, ainda assim tudo isso seria apenas um segundo em comparação com o tempo que decorreu entre a primeira assunção de forma pelas partículas e a exalação e estabelecimento do último sistema de sóis. Pois ainda não decorreram segundos

suficientes desde que este globo e tudo o que nele existe teve origem que possam sequer comparar-se com, ou expressar adequadamente, o número de anos — ou mesmo séculos — consumidos na formação de um único dos sistemas aqui contemplados. E ainda assim, a criação — ou a existência e produção de mundos — tem sido apenas um instante em progresso, comparada com a duração das formações que ainda estão por suceder ao longo do tempo e espaço inimagináveis.

Então, todos estes sistemas, com todas as suas emanações e apêndices, originados a partir do Vórtice do Poder Positivo e para ele regressando, podem ser justamente considerados como um único Sistema! Divide-se aqui para facilitar a conceção geral da Estrutura, permitindo à mente associar as diversas ordens e graus de desenvolvimento que é mais capaz de compreender. No entanto, é apenas uma única Evolução geral de mundos a partir do Grande Centro — e, portanto, uma única Produção infinita a partir de uma Origem eterna! E apenas um instante, comparativamente, se passou desde que o primeiro destes vastos e universais sistemas teve existência! Apenas um único momento passaram eles em processo de desenvolvimento a partir da Grande Fonte, atravessando todas as transformações e estados que as partículas de cada um assumiram — em forma, ordem, gravidade específica, desenvolvimentos geológicos, revoluções indefiníveis e inimagináveis, e incessante circulação e permutação recíproca de partes e partículas!

O vasto Oceano de materiais, em movimento e atividade incessantes, do qual estes sistemas foram desenvolvidos e nasceram, e cada sistema inconcebivelmente estendido — e Sistema de sistemas — envolvidos em conjunto, com todas as suas excelências e belezas acompanhantes, são índices eternos de futuras, inevitáveis e correspondentes emanações da grande e inesgotável Fonte de onde todos eles sucessivamente brotaram. Todas estas produções e reproduções — todos estes sóis e sistemas de sóis, com os seus mundos acompanhantes — são apenas como uma partícula, apenas uma expiração das qualidades internas da grande e eterna Fonte, em comparação com os desenvolvimentos grandiosos e gloriosos que ainda estão por ser produzidos e estendidos por toda a altura, profundidade, largura e comprimento do vasto Univercoelum!

Assim, apenas um átomo foi desenvolvido, em comparação com aquilo que ainda será desenvolvido; e apenas um segundo decorreu, comparado com a extensão correspondente do tempo!

Assim, o pensamento não encontra lugar de repouso. Sente a forma material e tem consciência da sua habitação. Medita de forma definida apenas sobre objetos que sejam adequados à sua compreensão e associação. Qualquer coisa além desses objetos é apenas um vácuo onde a imaginação — cujo voo é mais veloz do que um raio de sol — procura um ponto de apoio. Ela explora os aposentos do céu dos céus e vagueia pelos labirintos que continuamente se abrem para novos campos de beleza

celestial que transcendem totalmente todas as mentes, exceto aquela que os produziu. Regressa do seu voo pela infinitude do espaço e pergunta, com um assombro sem fôlego e indescritível: quando foi o princípio, e quando será o fim do tempo eterno e das criações sem fronteiras?

Assim, a mente humana não consegue conceber a eternidade ou a infinitude, pois é limitada na sua natureza, pertencendo e sendo produzida por formas finitas, e existindo entre coisas transitórias. Consequentemente, os seus pensamentos devem ter limites; e os temas também devem ser limitados, ou a mente não os poderá compreender. As criações não podem ser de extensão indefinida, nem compostas de materiais sem paralelo sensível, sob pena de a mente não poder conceber a sua magnitude, os seus elementos ou propriedades. Os limites são, portanto, necessários para que a mente possa conceber corretamente realidades internas e formas e substâncias externas. Pois se à mente for apresentada a infinitude ilimitada, com ela apresenta-se também uma condição de pensamento indefinido. As suas capacidades são finitas, e as suas conceções são da mesma natureza. Por mais elevada que seja, deve conceber limites — ou, de outro modo, não há conceção.

Mas, no seu brilho cintilante, a imaginação parte em direção ao espaço infinito; e, não conseguindo perceber limites, torna-se confusa e desorientada. E, por isso, a questão anteriormente mencionada tem sido feita com tão pouco sentido quanto a mente tem tido capacidade de conceber o espaço infinito.

Nenhum poder ou invenção humanos são capazes de representar uma ideia correta da imensidão dos sistemas que se estendem e expandem por todo o espaço não mensurável. Nenhum cálculo matemático pode ser feito sobre eles, pois os números perdem-se entre mundos cujos números transcendem as conceções da mente humana. Podem-se combinar algarismos até um grau que ultrapasse todas as capacidades de compreensão; e, no entanto, a mera compreensão desses números daria apenas uma compreensão limitada desta imensidão. Por mais extensas e poderosas que sejam as representações numéricas do tempo e do espaço, têm limites — e, por isso, não são comparáveis.

A mente pode contemplar as muitas formações nos céus siderais; pode contemplar as suas circunferências, os seus diâmetros, as suas imensas revoluções; pode ponderar e meditar sobre as composições e combinações que existem em cada formação; pode tentar conceber as diversas formações geológicas de cada uma, à medida que foram sucessivamente desenvolvidas desde a primeira condensação de partículas em mundos, até à expansão quase infinita de sistemas até à sexta formação de sóis — e mesmo que conseguisse abarcar tudo isso, as suas conceções continuariam a ser limitadas — e, portanto, não dariam a menor ideia do espaço infinito!

A mente pode ser suficientemente poderosa para compreender um sistema, com as suas composições, formas, movimentos e todos os objetos e formas — tanto perfeitas como imperfeitas — que existem nas suas superfícies; pode ser suficientemente expansiva para compreender as realidades interiores, invisíveis, e as aparências exteriores de tudo quanto aí existe; pode ser suficientemente penetrante para entender o poder motor e a energia de toda a ação, movimento e sensação que cada uma dessas formas desenvolve — e essas seriam conceções grandiosas, constituiriam o pleno alcance do pensamento humano! Mas ainda assim, quão limitadas e restritas são essas conceções — pois, na realidade, não constituem sequer uma partícula em comparação com metade da primeira formação de sóis!

§8. Assim, a mente humana é absolutamente incompetente para conceber a infinitude; e para a mente, essa palavra vibra e ecoa sem provocar qualquer pensamento correspondente. A palavra "infinito", aplicada ao espaço indefinido, é um termo substituído no lugar de uma ideia. E nunca houve, nem poderá haver, uma conceção adequada da Eternidade; pois o próprio pensamento disso é uma não-entidade, e a palavra não exprime significado algum.

Mas como a mente humana é uma composição dos materiais mais refinados e aperfeiçoados de tudo o que existe, ela recusa associar-se com coisas de ordem inferior e de menor grau de refinamento; tende, antes, a elevar-se para explorar e associar-se com algo de natureza igualmente elevada. Por isso, não procura analisar nem compreender coisas nos graus inferiores da existência; antes aspira a esferas mais altas e sublimes. A mente está, então, apenas a procurar o seu equilíbrio. Gravita em direção à esfera que lhe é atrativa. Procura libertar-se do seu estado presente, aninhado, rumo a uma habitação desconhecida mas atraente, entre as avenidas e câmaras das formas espirituais e celestiais.

Tal é a mente! E tais são as suas inclinações. A quantidade de pensamento que foi despertada em referência ao tema aqui contemplado é incalculável; contudo, se todos os pensamentos que alguma vez existiram, desde a formação e existência deste globo até ao presente momento, fossem combinados, ainda assim não dariam à mente uma conceção correta do número de anos, ou mesmo séculos, durante os quais este globo assumiu a forma que hoje possui!

Como foi no princípio, assim permanece: o vasto e ilimitado Univercoelum — o Grande Sol e Centro de onde todos estes mundos e sistemas de mundos emanaram — continua a ser uma Fonte inesgotável de materiais caóticos e energia viva e inerente, apta a lançar à existência biliões e milhões de biliões de sóis, com todos os seus apêndices, em número superior ao que até agora foi produzido! Pois contém Movimento eterno, e encerra as formas que todas as coisas subsequentemente assumem; e contém leis que se manifestam na estrutura geométrica e mecânica, nas combinações e movimentos dos vastos sistemas que daí emergem. E é deste grande

Vórtice vivo que rolam os elementos, propriedades, combinações, leis, forças, formas e movimentos — inimagináveis — que têm produzido, e ainda produzirão, uma infinitude de sistemas e Sistemas de sistemas, cujos círculos concêntricos são apenas uma expansão a partir do Grande Germe de toda a existência, e estão incessantemente a atuar e reagir, a transformar-se, a harmonizar-se, a organizar-se e a eterealizar cada partícula de matéria caótica e não desenvolvida que existe no Vórtice!

E no entanto, no princípio, era esse o estado dos materiais de todos os mundos que hoje existem. E há agora seis círculos de sóis em combustão — cada um com agrupamentos tão vastos e extensos que não podem ser concebidos pela mente humana!

E as várias produções que resultaram destes corpos organizados, bem como as combinações peculiares que contêm, são igualmente incompreensíveis. Mas mesmo na contemplação desta criação inconcebível de sistemas indefiníveis, a mente é levada adiante a inquirir pelo Fim! Mas porquê interrogar aquilo que não pode ser concebido? E porquê tentar compreender o espaço e o tempo de que a infinitude é feita? Ainda assim, a mente prossegue — para estados mais elevados e pesquisas mais profundas nas regiões indefiníveis da eternidade.

Assim, todos os sistemas que foram produzidos e que existem são, na realidade, apenas um único átomo, ocupando apenas uma polegada, em comparação com aquilo que ainda está por vir. E assim, tempo e espaço são virtualmente anulados; e o Poder e os Materiais são suficientes para preencher os limites extremos da sua indivisível e indistinguível infinitude!

Todos os grandiosos sistemas que foram evoluídos a partir do grande Centro observaram, de acordo com a densidade ou rarefação de cada um, um movimento rotativo e orbicular em torno do Centro de onde emanaram. No exato momento em que uma associação de partículas foi estabelecida, produziram-se ação e reação, condensação, e movimento orbicular e rotativo. E, conforme a densidade ou rareza do planeta, determinava-se a distância entre ele e o sol em torno do qual girava. Nenhuma força desconexa ou impulso externo foi aplicado aos corpos assim formados, para os pôr em movimento harmonioso; nenhum poder estranho os impulsionou ou guiou nas suas respetivas órbitas de revolução; mas desenvolveram-se leis inerentes, capazes de controlar essas manifestações, ativadas em conformidade com o desenvolvimento das formas sobre as quais iriam atuar.

E assim, os grandes mundos distribuídos pela imensidão do espaço estão incessantemente a permutar partículas e substâncias entre si. E conforme a sua densidade ou rarefação, o seu grau de desenvolvimento, mais baixo ou mais elevado,

e a sua condição mais ou menos refinada, determinam-se as suas distâncias e estabelecem-se os seus movimentos.

E os grandes elementos eternos que foram sucessivamente desenvolvidos e evoluídos a partir do Grande Centro que os continha foram: Calor, Luz e Eletricidade. O Calor foi uma emanação do fogo; e a Luz, produzida pelo calor ao tornar-se menos particulada e mais rarefeita e ativa, tornou-se tão sublimada e refinada que o seu último estado era (e é) esse elemento que tudo penetra no Universo: a Eletricidade.

A Eletricidade não poderia ter existido na sua atual condição desde o princípio, pois não havia meios nem substâncias qualificadas para a desenvolver. Mas como o Primeiro existia só, a sua progressão constante até que a Eletricidade fosse produzida como último estado, mostra que esta última era uma perfeição daquilo que existia eternamente. Assim, o inferior continha e desenvolveu o superior, enquanto o mais elevado atua sobre, e permeia, tudo o que se encontra abaixo do seu estado exaltado de perfeição.

Daí que a eletricidade penetre todos os corpos, toda a substância, todos os elementos, e passe livremente por todas as vias e poros que existem em cada partícula do Universo. É a substância elástica que existe dentro e em redor de todas as coisas, e é o agente poderoso do movimento, da vida e da atividade. Está constantemente e incessantemente envolvida no processo de rarefação e purificação de todas as coisas; e serve de meio para transmitir poder e matéria — em partículas — de uma substância para outra, de um planeta para outro, e de cada planeta para o seu sol.

Não existe no sol uma quantidade de eletricidade que corresponda a um poder positivo ou atrativo. Nem existe tal coisa como uma repulsão positiva produzida por quaisquer elementos ou princípios de natureza semelhante; e o movimento não é produzido nem sustentado por quaisquer desses princípios atuantes. Nada é formado, organizado ou existente como efeito de opostos positivos. Pois, se uma substância pudesse ser produzida dessa maneira, existiria num vácuo, entre dois princípios antagónicos; e, consequentemente, não poderia experimentar movimento, ação, troca de partículas, aumento nem diminuição. Seria um objeto imóvel e inalterável, desprovido de vida e utilidade.

Mas, em vez de opostos em conflito, há harmonia em todas as formações e uma necessidade absoluta e positiva de cada produção, segundo as forças e elementos que existem no Vórtice do Poder Positivo e na Fonte de materiais caóticos. Ambos são imutáveis e eternos nas suas adaptações — um para formar, o outro para constituir os materiais das formações. E assim, os sistemas de sóis e planetas, com todos os seus apêndices, e todas as vastas assembleias de mundos pelas regiões siderais,

foram trazidos à existência pela ação unida e harmoniosa de princípios fixos e estabelecidos.

Portanto, o que se entende por atração, gravitação e condensação é uma associação de partículas que possuem afinidades mútuas. E, como há uma constante refinação de partículas inerentes em todos os corpos, há igualmente um constante desprender-se das mesmas, das partículas que se tornaram demasiado refinadas para continuar associadas à composição original.

A atração constante entre todos os corpos no vasto sistema dos mundos planetários deve-se à gravitação mútua de partículas que se tornaram aptas a associar-se à composição umas das outras. E assim foram feitos os mundos — e Mundos de mundos — e assim são sustentados. E assim é desenvolvida a Moção universal, desde o angular até à espiral. E assim o grande Laboratório Eterno produz e reproduz incessantemente, até que todas as coisas e todas as substâncias se tornem rarefeitas, refinadas e aperfeiçoadas, e até que tudo gravite para esferas de atração celestial e associação espiritual.

§9. O grande sistema das formações planetárias e as leis inerentes pelas quais foram produzidas em ordem, harmonia e desenvolvimento progressivo, são agora apresentadas à mente. Assim foram desenvolvidas a partir da matéria primeva, que era o fogo, sendo este atuado pelo Grande Poder Positivo, cujo Vórtice continha esse fogo como única substância. Todas as substâncias e composições materiais eram uma emanação ou uma esfera ou atmosfera progressiva proveniente do grande Atuador interno. E uma progressão — como foi descrita — até à organização e estabelecimento de sistemas de mundos, e uma operação constante de todas as leis inerentes ao Grande Massa, produziram tudo o que hoje existe. E assim a imensidão do espaço foi povoada com mundos, planetas e os seus apêndices, bem como com assembleias ainda mais subtis e remotas, que estão para além do alcance da visão humana.

O plano do grande Sistema, assim apresentado, dá ordem aos pensamentos e auxilia a mente nos seus esforços para compreender a vastidão. Esta ampla generalização é o único meio pelo qual a mente humana pode conceber a infinidade de mundos que estão abaixo, acima e ao redor da sua própria existência.

Os elementos peculiares e combinações existentes noutros mundos são grandemente dissemelhantes de qualquer substância existente nesta esfera material. Se fosse dada uma descrição particular e detalhada desses inumeráveis mundos, estaria para além da compreensão da mente e também além da sua capacidade de formar conceções por analogia. Se fossem considerados os desenvolvimentos geológicos desses mundos, desde a condensação primária das partículas até ao ponto mais baixo de gravitação; e se fossem apresentadas as várias divisões daquilo que é

e daquilo que não é estratificado; e se as suas aparências externas atuais também fossem dadas, juntamente com os seus diâmetros e circunferências — tudo isto revelaria aquilo que a mente não poderia compreender nem associar por qualquer processo de raciocínio analógico ou por qualquer poder de pensamento expansivo.

Se eu falasse dos minerais ou partículas que se tornaram os constituintes desses corpos; e se fosse descrita a época em que foram produzidos, juntamente com os animais peculiares e espécies de plantas — isso também seria desnecessário e inútil. Se todos os seres animados e organizados que existem nesses inumeráveis mundos fossem descritos; e se fosse dada uma descrição anatómica e fisiológica das suas estruturas peculiares, bem como os graus de perfeição que ocupam na escala da progressão universal, relativamente a outros existentes; e se os graus e ordens das suas associações mentais também fossem representados — tudo isso apenas satisfaria o desejo e o amor pelo maravilhoso, criando admiração e espanto, mas nada apresentando de verdadeira aplicação ou utilidade, mesmo que fosse possível compreendê-lo.

Pois, se é impossível à mente humana conceber a vastidão dessa infinidade de mundos, não é igualmente impossível conceber qualquer uma das composições específicas ou corpos que existem nas suas superfícies externas?

Contudo, uma conceção verdadeira do Univercoelum, e das suas formações harmoniosas, levaria a mente humana a conceber sistemas correspondentes entre si, e a fazer generalizações úteis e extensas — cujo resultado seria levar o homem a viver de forma mais harmoniosa, conforme os ensinamentos das belezas que existem no Universo, e a aplicá-las devidamente à sua própria felicidade e utilidade.

O Grande Sol de todos os sóis emanou os três princípios e elementos que são os meios e elos de ligação da moção e atividade universais. A Fonte de onde todos eles brotaram para a existência era uma emanação do Interior, e das qualidades e essências aí existentes. Assim, o grande Corpo era uma atmosfera ou halo que envolvia o grande Centro ou Sol internamente existente. E o Calor, a Luz e a Eletricidade foram desenvolvimentos sucessivos desse grande Massa. Cada um, sendo devidamente desenvolvido, fez do último um agente ativo — um Negativo em relação ao Poder interno e Positivo. E a Matéria, existindo no seu estado não particulado, era o veículo e a substância através da qual e sobre a qual os dois grandes Poderes poderiam atuar para produzir tudo o que foi lançado na imensidão do espaço.

A Eletricidade, portanto, permeia a infinitude do espaço. Penetra todas as substâncias, e existe em e através de todos os mundos, com todas as suas partes componentes. Existe em tudo e em toda a parte; e não há uma única partícula nos domínios do espaço infinito que não tenha, na sua composição, o agente não

particulado e ativo da Eletricidade. Sendo o último desenvolvimento — ou a essência progressiva e aperfeiçoada do Grande Sol Eterno — ela permeia todas as coisas abaixo do seu estado preeminente de perfeição, e assim é um Negativo em relação ao Interno e ainda mais aperfeiçoado — à perfeição de pureza inconcebível — a Grande Mente Positiva!

Estes são os únicos Princípios e Elementos existentes: e todas as outras coisas são meras modificações desses Princípios. Esta emanação do Grande Corpo pode ser chamada de atmosfera, halo ou zona nebulosa, que envolveu a imensidão do espaço com brilho e beleza inconcebíveis. E assim foi originalmente estabelecida a Verdade eterna e a realidade real: de que tudo possui a sua atmosfera peculiar, e consequentemente a sua associação específica e necessária. Pois todo o mundo que foi espontaneamente exalado do Grande Centro, por virtude da sua moção e atividade eternas, possui uma atmosfera ou círculo que se estende até ao ponto extremo da sua influência repulsiva. E todos os planetas e satélites têm as suas respetivas atmosferas — não apenas como emanações das suas superfícies, como todos os outros, mas divididas em estratos de formações, cujo carácter e extensão são determinados pela densidade e circunferência dos respetivos corpos a que pertencem.

Uma atmosfera é uma progressão, ou uma ascensão da massa mais densa de partículas, procurando associação com as de natureza semelhante; e consiste em substâncias que se tornaram demasiado refinadas e não particuladas para continuarem a existir numa qualidade e composição mais densa ou grosseira. A atmosfera estratificada que se forma ao redor de cada corpo, substância ou globo existente, é uma emanação do corpo e uma perfeição das partículas que o compõem.

Existe, portanto, uma atmosfera pertencente a cada partícula existente, cuja composição é mais fina do que aquela da qual emanou. E segundo a qualidade de tal emanação, estabelece-se a sua distância relativa e o carácter da associação que procura. Assim, a partir do Grande Centro há uma expansão infinita de sóis e mundos de sóis que se tornaram organizados e condensados, e atuam e reagem uns sobre os outros; e o seu movimento incessante produziu cada formação planetária em ordem e graus de desenvolvimento e associação de partículas — e cada uma delas foi uma progressão daquela de que proveio, até que uma infinidade de sistemas foi trazida à existência. Por virtude das qualidades inerentes e da ação incessante de leis imutáveis, o sexto círculo foi estabelecido — cujos sóis ainda não estão plenamente condensados e organizados em sistemas como os outros, mas estão ainda num estado semelhante ao dos núcleos cometários. E todas estas criações infinitas foram produzidas por uma expansão dos Princípios inerentes contidos na composição original, e uma assunção natural e consequente das formas que caracterizam cada desenvolvimento!

§ 10. Ao observador, há uma aparente confusão entre os inúmeros corpos visíveis que habitam o oceano do espaço. Não parecem estar em perfeita ordem. Não assumem formas nem se tornam condensados perante o olho humano: e há uma aparência de irregularidade nos céus siderais. Mas essas aparências externas são ilusórias; pois toda a estrutura do Universo não é senão uma composição de partículas, mantendo pontos e localizações relativas que lhes foram atribuídos pelas suas próprias composições e associações naturais. E todas são apenas partes que compõem o grande Todo — o qual, por sua vez, é apenas uma partícula em comparação com os sistemas que existem, e com os novos que se estão a formar como partículas adicionais nos confins mais distantes do espaço infinito!

E todas existem em beleza, ordem e harmonia, aproximando-se constantemente da perfeição. Não há interferência entre si, nem perturbação dos movimentos umas das outras; mas todas avançam com rapidez inconcebível, porém na mais calma e pacífica das maneiras imagináveis. Não só cumprem o propósito para o qual assumiram a sua presente condição, mas quase que reciprocamente, e com inteligência, trocam partículas e essências entre si, disseminando livremente calor, luz e eletricidade — que dão novas e vivas energias às partículas e substâncias com as quais entram em contacto.

E assim, pela influência sempre ativa e pelo poder inconcebível da Mente Divina Positiva, todos esses efeitos são trazidos à existência. E, por leis imutáveis e eternas estabelecidas desde o princípio, continuará a produzir e a recriar novos mundos de supremas excelências e elevados estados de perfeição material — até que cada partícula que compõe cada sol, cada sistema de sóis e cada Mundo de mundos, estendendo-se infinitamente para além do alcance do pensamento humano, e infinitamente além de tudo o que até agora foi produzido e organizado, — até que todas essas partículas se tornem na própria essência da existência vegetal e animal!

E esta última, dotada de energias ativas que lhe são inerentes, não apenas ascenderá à perfeição da essência espiritual, mas exercerá a sua poderosa influência sobre tudo o que estiver abaixo de si, até que todas as coisas alcancem um estado exaltado de perfeição espiritual e celestial!

Assim, toda a matéria passará pelas múltiplas formas e estágios existentes, e tudo será, em última instância, resolvido num estado não particulado, ascendendo para se associar com esferas superiores e mais gloriosas — de constituição espiritual. Então, a Grande Mente Positiva, em torno da qual existe essa fonte inesgotável de materiais, será Positiva em relação ao grande Negativo formado pela perfeição de todas as outras coisas existentes. E então existirão apenas a Divindade e o Espírito!

Na associação, existem o Positivo e o Negativo. Em qualidade, o último de todas as coisas — o princípio espiritual — será semelhante ao primeiro de todas as coisas

— a Grande Mente Positiva; apenas não poderá haver verdadeira associação entre ambos, pois o primeiro é um Todo poderoso e inconcebível, a Essência da Inteligência; enquanto o segundo, ou o último de todas as coisas, será um Negativo dentro da grande Esfera ou Vórtice da Mente Divina. E este será o mais eminentemente perfeito, por ter alcançado o grau de refinação a que as leis inerentes e imutáveis da progressão tendem em última instância a conduzir todas as coisas. Em conhecimento será negativo; mas em afeto será tão puro e inseparável quanto o Sistema de mundos que navega pelos reinos do espaço.

Portanto, o Princípio espiritual — o Destino Último de todas as coisas existentes — será um Negativo em relação à Grande Mente Positiva; e entre ambas emanará um novo mundo — o início de outra Época!

Antes de tal fim sublime e glorioso ser consumado, será formado um número infinito de sóis e mundos, cuja imensidão ultrapassará todo o entendimento e possibilidade de cálculo, e cujas rotações sobre os seus eixos exigirão tantas horas quanto este globo exige minutos. E todos os labirintos e câmaras da infinitude não contraída serão habitados por sistemas de mundos correspondentes.

E depois de a existência vegetal e animal ter sido igualmente disseminada por cada um destes sistemas, como agentes ativos e infalíveis para refinar, apropriar-se de si mesmas, e transferir para existências superiores tudo o que estiver abaixo do seu estado de ser; e quando todo o movimento tiver sido aperfeiçoado ao ponto de resultar em Sensação; e quando todos os elementos se atraírem e associarem reciprocamente; e quando todos os mundos, por se terem tornado demasiado rarefeitos para formar corpos densos e grosseiros, ascenderem e gravitarem para esferas mais elevadas — quando tudo tiver atingido este estado de perfeição exaltada, então dar-se-á o cumprimento do grande e glorioso Fim contemplado!

E é neste ponto que os pensamentos, juntamente com o tempo e o espaço, se perdem e são quase anulados, pela completa impossibilidade de uma conceção adequada. A tendência da mente humana a conceber localizações e limites, e a impossibilidade de conceber o infinito, explicam a obscuridade e a indefinição destas generalizações universais. Se a mente fosse como o Espaço, então o pensamento não teria fronteiras; e se a mente fosse como o Tempo, o Espaço não teria distância. Mas, sendo a morada da mente tão contraída, todos os pensamentos dão, inevitavelmente, uma conceção igualmente contraída do infinito — ou então não há conceção alguma.

O pensamento de que tudo quanto existe — todos os mundos, com as suas diversas composições, até às suas substâncias mais densas e grosseiras — está destinado a tornar-se, em última instância, parte de uma organização animal; de que irá tornar-se um meio de Sensação e constituir um invólucro onde existirá o princípio da vida

espiritual — este pensamento, na sua magnitude, está para além da compreensão de todas as mentes exceto a do Grande Atuador! E a realização da condição última do Positivo e do Negativo, que então serão os únicos a ocupar os domínios do espaço infinito, é igualmente incompreensível.

E a completa resolução de todas as coisas num estado mais elevado de refinação torná-las-á aptas a entrar na composição de novos mundos e sistemas de mundos, que poderão nascer da existência pela espontânea pregação da Fonte na qual nada existe senão aquilo que é eternamente puro e infinito!

Assim foi preenchido, em grande parte, o vasto Univercoelum com conglomerações de partículas que assumiram as formas de poderosos Sóis e mundos. E continuará a sê-lo por toda a eternidade, até que não apenas cada partícula componha alguma parte desses sistemas, mas até que todas sustentem e influenciem, pela sua ação específica, esferas superiores — até que cada partícula existente ocupe uma posição importante no grande Sistema unido, lançado à existência e controlado pelo fiat todo-poderoso do Poder eterno e interior!

Tal é a grande cosmogonia das criações no espaço universal!

§ 11. Torna-se assim evidente para a mente que o grande Interno, Invisível, é a verdadeira Realidade de todas as causas produtoras; que esta é a Verdade Eterna; e que tal é a natureza essencial, específica e a composição da Mente Eterna!

Emanam constantemente desta grande Fonte radiações de Atributos inexprimíveis e inconcebíveis, sendo o primeiro deles o Poder e o Movimento, e o último — o mais elevado e excelente de todos os demais — a Verdade Eterna! E o grande Oceano ardente de Matéria caótica, que deu origem ao grandioso Sistema de mundos, com todos os seus acessórios e excelentes qualificações, foi um Exterior universal ou Forma, e um Veículo de Poder, irradiado a partir do Interior. Foi uma Forma produzida pelo Princípio invisível, embora real — a Mente Infinita.

Portanto, o grande Interior eterno, e o grande Exterior eterno, constituíam o único Princípio e Forma existentes. E à medida que uma atmosfera de elementos eternos foi gradualmente e perpetuamente evoluída, esta constituiu o Grande Sol — que era uma Forma do Interior. O Grande Sol pode ser considerado como uma atmosfera ou Forma que envolve a Grande Mente Positiva; e os elementos que dele emanam podem ser chamados de atmosfera desse indefinido Corpo de fogo líquido!

Assim, todas as coisas possuem um interior e uma correspondente forma exterior. Do mesmo modo, há uma emanação aérea que procede de cada forma e substância no espaço universal. Cada átomo existente possui precisamente os mesmos constituintes que possuía o Mundo ainda não desenvolvido de matéria não-

particulada. Uma única Lei eterna e imutável permeia toda a matéria existente. Uma Lei, em igualdade com a Matéria, produz todas as coisas e gera constantemente novos mundos através dos seus desdobramentos progressivos. Sendo, portanto, imutável, não pode reagir, nem se modificar; nem pode haver qualquer retrocesso. A progressão é o principal atributo, o efeito específico das leis estabelecidas e imutáveis. A atividade em todas as coisas, e através de todos os mundos e sistemas na imensidão, é um resultado inevitável do mesmo Princípio. Ajustamento e harmonia, refinação e purificação, são também efeitos necessários das Leis da Natureza.

E como no princípio existiam apenas dois Princípios — duas Realidades verdadeiras — não pode haver agora número maior no universo. Poder e Matéria, Interno e Externo, Positivo e Negativo, Causa e Efeito, foram os únicos Princípios acoplados existentes — as únicas realidades autênticas que foram, ou que jamais poderão ser, no Universo. Existem, todavia, milhões incontáveis de mundos, e sóis incalculáveis que os produziram, e uma variedade inumerável de composições terrestres e formas minerais. — Existem também muitos elementos gasosos, que, nas suas aparências e qualidades, e nas relações que mantêm entre si e com os corpos que os contêm, são grandemente diversificados; e aparentam ser extremamente dissemelhantes nas suas composições e combinações.

E, por fim, parece haver no Universo um número indefinido de substâncias, essências, qualidades e princípios direta e ostensivamente opostos e antagónicos. Todavia, todos estes não passam de associações peculiares de corpos, átomos e elementos, contidos no grande Todo; e são apenas modificações da qualidade inerente contida no Sol ainda não desenvolvido do Univercoelum.

E sendo o Exterior uma emanação do Interior, ou Centro, aquilo que envolve não é um antagonista de — não é contrário a — mas está em perfeita harmonia com o interior; e ambos, unidos pela sua força inerente, e agindo harmoniosamente e de forma recíproca, produzem o Movimento Eterno. Portanto, não existem opostos — não há princípios antagónicos nos domínios do espaço infinito.

Assim, os movimentos de todos os mundos, e as suas distâncias mútuas e em relação ao Centro, são determinados — não antagonicamente, mas em razão das afinidades internas relativas que sustentam entre si. Não são repelidos — não são rejeitados por qualquer antipatia, mas são harmoniosamente e reciprocamente libertados, para que gravitem em direção a substâncias ou princípios de natureza semelhante existentes nas regiões remotas do espaço.

Desta forma, todas as coisas na Natureza buscam incessante e harmoniosamente o seu equilíbrio. E em todo o vasto sistema das formações planetárias, há constantemente uma reciprocidade universal. E eternamente existirá a mesma

harmonia que agora permeia os mundos do espaço indefinível. E toda a Matéria e Movimento tornar-se-ão, por fim, aquilo que originalmente foram — serão resolvidos num grandioso e glorioso Sol, mais refinado e aperfeiçoado, mais excelente em todas as suas qualidades e composições, para que possa novamente dar origem a um novo Sistema de sóis, e a uma criação infinita e correspondente em todo o espaço!

E como em todas as coisas há um constante desdobramento e emanação, desenvolvimento e progressão, a partir do Centro, de essências refinadas que se dispõem em círculos concêntricos, isso representa os grandes Círculos que rodearam o Sol infinito — e o grande Círculo de desenvolvimento desde o início do tempo (ou da presente formação) até à chegada final de cada partícula ao Grande Centro e Pai de onde todas elas emanaram!

Isto pode ser denominado o princípio e o fim de um tempo: pois esta ideia contraída é a mais extensa que a mente pode possivelmente conceber sobre este assunto. Contudo, é um único e grandioso Círculo de movimento, vida e atividade unidos e harmoniosos. E a resolução final das criações presentes no espaço infinito será a consumação do glorioso Fim contemplado. E então o Grande Sol, tornando-se assim mais aperfeiçoado, respirará novos e mais refinados elementos, e lançará no espaço sucessivamente um Univercoelum correspondente, ainda mais — infinitamente mais — perfeito!

§ 12. A interminável cadeia de causas pela qual o espaço infinito foi preenchido com sistemas de mundos inumeráveis, foi originalmente estabelecida pela força e ação espontânea da Vontade da Mente Eterna! A Sua Vontade é o Poder executivo, que atua em todas as coisas através da eternidade; e, por meio de leis imutáveis e invariáveis, preencheu a imensidão com movimento, vida e atividade. Esta Vontade (como Efeito da Mente Infinita) foi a primeira Causa de todas as coisas; e, estando equilibrada por materiais apropriados, o Todo era suscetível de se desenvolver incessantemente. E este desenvolvimento tem decorrido — e continua a decorrer — sem cessar, por todo o espaço!

Compreender, portanto, que todas as coisas existentes emanaram desta Fonte inesgotável de materiais eternos, e alcançar uma compreensão da natureza, qualidade e essência da Primeira Causa Eterna, oferece à mente humana uma base adequada e indestrutível sobre a qual pode assentar uma compreensão correta da natureza de todos os Efeitos. As inúmeras classificações feitas dos efeitos observados na Natureza; as diversas ciências construídas, tanto com base nas aparências como em hipóteses injustificadas; e os aparentes extremos opostos, como calor e frio, luz e trevas, vida e morte, atividade e repouso, e todos os seus intermediários, devem ser vistos à luz que emerge ao se ter impressa distintamente na compreensão a Lei imutável da Mente Positiva eterna.

E então, tendo como fundamento do raciocínio aquilo que é eterno e infinito, a mente será conduzida a uma compreensão correta de todas as aparências, formas e efeitos que daí emanam.

Cada partícula no ser está constantemente a passar por formas, ordens e graus. Esta é uma Lei universal da Matéria. Cada partícula na existência procura incessantemente associação e equilíbrio. Este também é um efeito imutável das leis imutáveis da Causalidade. Cada forma ou associação de átomos, seja num corpo pequeno ou grande, tem um correspondente anterior. E cada correspondente é um tipo, símbolo e representante de esferas superiores e mais perfeitas do que aquela que ocupa. Este movimento incessante, e os vários estágios pelos quais cada átomo está destinado e compelido a passar, são apenas meios utilizados para produzir estados mais elevados de refinamento e perfeição. Nenhuma qualidade, substância ou essência ocupa jamais um estado inferior àquele que anteriormente ocupava: mas o espaço que anteriormente preenchia é suprido por alguma substância ou elemento afim que se tornou apto a ocupar o mesmo lugar; enquanto a substância ou princípio que ocupava esse lugar progride em frente e para cima, para esferas superiores de pureza e refinamento.

Portanto, ao compreender adequadamente um átomo com todos os seus constituintes, a mente estaria a compreender um globo. E uma conceção apropriada de um globo levaria ao conhecimento do Centro à volta do qual ele gira. E uma compreensão do Sol, com todos os seus apêndices, e das leis que os governam e atuam nos seus movimentos e revoluções, daria à mente uma conceção verdadeira do Grande Sol Eterno e Centro, com todos os sistemas que são controlados pelo seu imenso poder e influência!

Portanto, o mais baixo de todas as coisas contém o mais alto e mais perfeito. E quando o mais alto assim se desenvolve, torna-se capaz de impregnar e compreender tudo o que está abaixo do seu estado exaltado de perfeição.

Assim, o grandioso e glorioso Univercoelum manifesta as substâncias, qualidades e essências existentes na grande Fonte material; e também a pura Inteligência e perfeição infinita contidas no grande Vórtice da Mente Positiva Eterna!

Muitos elementos, combinações e princípios parecem externamente muito diferentes. A desordem e a confusão são aparentemente visíveis em todo o lado. Interferências gerais e especiais parecem existir, quando as coisas são consideradas particularmente ou minuciosamente. Mas quando a grande contemplação geral do grande Sistema de formações eternas com os seus atributos e características é apresentada à mente, transmite a impressão de Verdade, e da harmonia superlativa e tranquila serenidade que existem em cada departamento do Universo e da eternidade! Todas as coisas estão energicamente, mas silenciosamente, a passar de

um estado inferior de ser para um mais elevado e mais perfeito; e todas as qualidades e essências, controladas pelo Omnipotente Ativador, estão igualmente a realizar as suas revoluções com um poder inconcebível, mas que são aparentemente imóveis, calmas e serenas!

E por toda a imensidão há perfeita unidade, harmonia e reciprocidade. Não há absorção injusta; nenhuma atração desigual e desnecessária; nenhuma destruição ou aniquilação de um corpo ou partícula para o fornecimento imediato, isolado e egoísta de outro; nenhum esgotamento inequitativo de quaisquer partes, qualidades ou elementos, para sustentar outros. Mas todos dão a, e recebem de, cada um, apenas aquilo que é necessário e útil para cada um. Todos estão incessantemente a mudar e a trocar, a agir e a reagir, a organizar e a reorganizar, mutuamente, através dos reinos do espaço infinito! Tudo é harmonia, paz e quietude.

Todas as coisas foram eternamente estabelecidas com a perfeição inexprimível destes atributos e qualidades, e consequentemente estão eternamente a manifestar os mesmos através das multiformes da imensidão! Todas as coisas são índices do grande Poder Superno! A perfeição todo-poderosa e eterna que habita no Vórtice da eternidade está constantemente e eternamente a exalar estas excelências inexprimíveis; cujo sopro é como um fiat poderoso, rolando para a existência sistemas inumeráveis de mundos, formas e entidades; e o carácter das suas emanações é expresso nas manifestações tranquilas que se observam em cada forma e movimento no Universo!

E indizivelmente grandioso e glorioso é o Fim contemplado: pois ao considerar todos os mundos como um só Mundo, e o grande Todo como apenas um átomo em comparação com aquilo que há de existir, o desígnio torna-se manifesto, de que o Todo possa, por virtude de atributos, poder e movimento inerentes, vir a tornar-se, em última instância, uma substância, uma qualidade, um princípio de natureza tão refinada e aperfeiçoada que possa associar-se com as formas e Esferas celestiais — sendo um homólogo e igual associado do Grande Poder que forçou todas as coisas desde a sua condição original!

Tal é, pois, o magnífico e harmonioso Sistema instituído pela Grande Mente Positiva; — e enquanto o grande Universo se apresenta à mente, os seus grandiosos atributos e qualidades devem ser igualmente e tão indelevelmente impressos. E isto lançará uma luz sobre a mente humana, que está acima da glória e do brilho de todas as luzes, — o conhecimento da felicidade perfeita e eterna!

Pois enquanto existirem em formas, como a humanidade agora existe, devem conformar-se às leis imutáveis da Matéria. E sendo como partículas que compõem o grande Todo, devem ser governadas e ativadas pelos princípios mais elevados e perfeitos que estão estabelecidos na Lei do Universo material. E ao conformarem-se

a estas leis harmoniosas e imutavelmente estabelecidas, formariam um Sistema perfeito e harmonioso — um verdadeiro correspondente do vasto Universo! Então todo o movimento seria tal que produziria bons resultados. Todas as partes reciprocariam igualmente umas com as outras, como um princípio de interesse universal.

E não haveria isolamento, nem absorção, nem partes e formas estranhas no ser; mas todas seriam necessariamente requeridas e adaptadas para tornar o todo um Sistema perfeito — de felicidade e paz sem fim! E como as formas estariam constantemente a assumir novas esferas e novas posições, de acordo com uma ascensão progressiva, o Todo seria um Sistema unido e organizado, um Círculo, uma representação de tudo o mais em todo o Universo! E como todas estas coisas ocorreriam por consequência inevitável e inalterável de uma lei imutável, a grande Massa seria um Todo harmonioso — composto por partes, cada uma das quais seria absolutamente necessária para tornar o grande Todo perfeito.

E o Todo, existindo assim, receberia a influência tranquilizante da Lei divina, cuja própria essência é a perfeição da Bondade e da Verdade. Então os opostos não seriam conhecidos; pois o Conhecimento e a Verdade aniquilariam para sempre a sua aparência visível e influência aparentemente destrutiva do Universo. E então a Verdade de todas as verdades; o Real de todas as realidades; o fundamento de toda a felicidade e paz, — seria por si só um bálsamo universal de tranquilidade! E o todo seria como um grande Sol, contendo as essências de tudo o mais; e desenvolveria esses atributos indestrutíveis cujo fundamento é eterno, e cuja natureza e Pai são eternos e infinitos. Então todos exalariam aquela reciprocidade espontânea que baniria para sempre da face da terra toda qualidade e princípio de natureza aparentemente oposta. E então fluiria por todo o Universo a evidência da Verdade eterna de que os opostos não existem: e todas as aparências dos mesmos seriam engolidas no grande dilúvio de luz e conhecimento!*

§ 13. O estado original da matéria no espaço, e as suas combinações e características gerais, foram assim apresentados ao mundo para consideração e investigação — juntamente com as leis e princípios gerais indivisivelmente ligados à Grande Massa. E o **modus operandi** geral do Universo; a formação e constituição dos mundos, e as relações que sustentam entre si, foram também apresentados à contemplação.

A base de toda investigação científica e filosófica verdadeira é a Causa original e o começo de todas as coisas (consideradas como um *Univercoelum* de Poder e Materiais), e os efeitos gerais e consequentes resultantes da organização original da Matéria e do Movimento. E tendo sido os pensamentos conduzidos de volta ao Centro do espaço infinito, onde existia apenas o Sol universal do qual todas as coisas surgiram à existência, a mente foi levada a considerar as sucessivas

formações de sóis e mundos inumeráveis em círculos de desenvolvimento. Ao tentar seguir cada formação de mundos, perde-se na imensidão do assunto. Exige-se, portanto, temas de pensamento mais próximos e tangíveis do que aqueles que foram considerados desta forma geral.

Pode-se obter evidência a favor do que foi dito, a partir de todas as verdades bem estabelecidas na ciência e na Natureza. Com efeito, a convicção que a Natureza imprime na mente é irresistível. E a evidência da verdade tem o seu fundamento apenas nas manifestações imutáveis da Natureza; pois todas as verdades, sendo eternas, estão estabelecidas naquilo que também é eterno — e são, consequentemente, aí manifestadas. Os vários factos e verdades científicas e filosóficas, e todas as teorias imutavelmente estabelecidas, convergirão nas suas respetivas conclusões e formarão uma evidência unida da veracidade das coisas aqui apresentadas. Ainda assim, como as causas anteriores são tanto internas como invisíveis, embora produzam efeitos visíveis, estes nem sempre se manifestam corretamente aos sentidos. Pois os efeitos são extremamente alterados na sua aparência por causas incidentais e circundantes. Em certas ocasiões, no entanto, os efeitos são verdadeiramente visíveis; mas apenas quando as condições e circunstâncias são extremamente favoráveis.

Ainda assim, os efeitos ocorrem constantemente; e estes são novamente causa de outros; de modo que todas as coisas são desenvolvidas por uma concatenação de causas estabelecidas, cada uma das quais segue a orientação específica de uma Lei imutável. Portanto, as inumeráveis causas que produzem efeitos correspondentes, são todas referíveis a algum Princípio estabelecido que é demonstrativamente conhecido pelos seus resultados como sendo imutável.

O Clarividente comentou aqui que se deparava com uma multidão de pensamentos que pressionavam a sua mente e que a linguagem era totalmente inadequada para expressar. Mas, disse ele: "estes pensamentos e sentimentos serão, em última instância, conhecidos e sentidos; e então saber-se-á que são absolutamente inexprimíveis." Tendo em vista a harmonia e a justa e benigna reciprocidade que permeiam todo o vasto Universo de mundos e sistemas, o Homem, disse ele, deveria sentir-se profundamente abatido; visto que é o único ser que tem seguido um curso de ação isolada e egoísta, e sido governado por leis que nunca existiram nem jamais poderão existir na Natureza, ou nos planos e instituições da Grande Mente. Das suas muitas observações incidentais intensamente interessantes, o mundo deverá, em grande parte, ser privado. Podemos imprimir algumas pálidas expressões das suas ideias, mas não podemos imprimir a solenidade impressiva e a pureza celestial de maneira com que foram apresentadas.

Este conhecimento da Natureza gera uma confiança repousante nas mentes daqueles que o compreendem, de que todas as leis, princípios, elementos e

composições são uma emanação de alguma grande, imutável e inesgotável Fonte da Verdade! Portanto, nas suas leis — nos seus atributos e manifestações — assentam a confiança e as pesquisas firmes e deliberadas de todos os verdadeiros investigadores.

Ao contemplar criações de magnitude tão indefinida, a mente perde-se nos reinos da imensidão; pois é incompetente para abarcar o poderoso Universo enquanto existir na presente esfera do ser. Assim, o magnífico Sistema Solar ao qual o nosso planeta está imediatamente ligado será o próximo objeto de investigação e revelação. E como foi demonstrado que uma compreensão adequada de uma partícula que compõe o grande Universo levaria a um conhecimento correto do Universo em si, assim uma revelação das criações sucessivas, desde o sol até à condensação deste globo, conduzirá analogicamente a uma compreensão adequada do poderoso *Univercoelum* da eternidade!

E por meio de um percurso de cálculos matemáticos e explicações astronómicas, geológicas e fisiológicas, será revelada a ordem e condição das criações no sistema solar, especialmente no que se refere a este globo. E como a ciência está parcialmente disseminada e geralmente acessível na presente esfera, a criação será considerada cientificamente e filosoficamente, com o propósito especial de gerar uma convicção mais profunda das verdades anteriormente proclamadas!

E como só a Verdade possui um fundamento indestrutível, nada há a temer dos seus resultados inevitáveis; mas podemos, destemidamente, erguer sobre o seu alicerce, um Templo da mais sublime magnificência. Os materiais de que será composto são as evidências universais que fluem por toda veia e avenida indescritível da criação. As suas partes formarão um todo sem imperfeição; os seus pilares serão os volumes unidos da Verdade interminável; e a sua cobertura será um manto de paz e tranquilidade eternas. A sua aparência será como a luz infinita e a grandeza dos atributos sem limites, quando todos unidos e conjugados; e impressionará indelével e imutavelmente o mundo inteiro com o esplendor glorioso e resplandecente da Grande Mente Positiva! E deste grande Templo brotarão aqueles princípios absolutamente sublimes e tranquilizantes que estabelecerão o conhecimento universal, a felicidade, a pureza e a perfeição! Este Templo será um emblema da natureza e dos atributos da Mente Divina; — e toda a grandeza e magnificência desses atributos serão devidamente vistas e sentidas quando se obtiver o conhecimento das suas essências e princípios imutáveis através de uma investigação apropriada e irrestrita.

Assim deixo o vasto *Univercoelum* que preenche todo o espaço (e o espaço é aniquilado nas conceções), e começo a revelar a criação do Sistema Solar e deste mundo.

Os termos Mundo, Universo e Natureza, serão daqui em diante aplicados como significativos do presente Sistema Solar, e dos globos nele existentes. Pois nenhum destes termos é suficientemente forte para abranger, no seu significado, os inumeráveis mundos do espaço! Por conseguinte, o mesmo termo que tem sido usado, deverá continuar a ser aplicado aos temas das investigações que se seguem. E termos científicos gerais e expressões técnicas serão igualmente utilizados.

§ 14. O maravilhoso Sol ou Centro ao qual pertence o nosso Sistema Solar, é apenas um planeta remoto de outro Sistema existente antes da sua formação. E de acordo com a classificação geral dos sóis e mundos no Universo, os seus planetas e satélites podem ser considerados como satélites e asteroides pertencentes a um planeta, e esse planeta como pertencente a um sol.

**A matéria contida nesta e nas três secções seguintes foi transmitida nos dias 16, 17 e 20 de Março de 1846. A afirmação aqui feita acerca da revolução do Sol, enquanto planeta, em torno de um centro nas profundezas da imensidão, foi verificada pelas recentes descobertas de Maedler, um astrónomo russo, das quais o clarividente, no seu estado normal, não tinha qualquer conhecimento, tal como nenhum dos seus associados, até muitos meses após esta revelação! A partir dos movimentos aparentes das estrelas fixas, Maedler deduziu a conclusão de que o Sistema Solar está em movimento em torno de um ponto na direção das Plêiades, exigindo muitos milhões de anos para completar uma única revolução!*

O Sol é uma acumulação e aglomeração de partículas lançadas por outras esferas; e estas tornaram-se unidas de acordo com a lei da atração mútua e inerente. A sua composição ígnea contém Calor, Luz e Eletricidade — os desenvolvimentos sucessivos de toda a matéria primeva existente em estado aglomerado e sujeita à lei geral que governa toda a matéria. Os materiais que constituem o Sol, tal como os que compõem todos os outros corpos, foram lançados de outros corpos durante as suas revoluções em torno do seu Centro comum, por uma força denominada força centrífuga, ou a tendência que um corpo em rotação tem para lançar partículas da sua superfície. Desta forma, e por uma gravitação mútua e consequente congregação de partículas, o Sol assumiu a sua existência e forma distintas. E, sendo governado pela mesma lei, possui os mesmos movimentos que todas as outras esferas celestes, e gira sobre o seu eixo com velocidade prodigiosa, e numa órbita elíptica, em torno do inconcebível Centro ao qual pertence.

Assim, o Sol tem dois movimentos originais: um sobre o seu eixo, e o outro na sua órbita em redor de um Centro maior. As partículas pesadas ou densas que o compõem tomaram o ponto mais baixo do grande Corpo. As mais refinadas assumiram e sustentaram diferentes distâncias e posições em relação às inferiores, de acordo com a densidade ou rarefação de cada partícula. O seu inconcebível centro

ígneo foi uma acumulação dessas partículas cuja densidade não permitia que ocupassem posições mais elevadas.

Portanto, a grande porção interna do Sol é uma massa imensa de fogo líquido, evoluindo sucessivamente calor, luz e eletricidade, como partículas desenvolvidas e purificadas da sua composição interior. A atmosfera evoluída pode ser considerada como parte do grande Corpo — ainda assim, uma emanação do núcleo resultante da sua própria ação espontânea. Esta atmosfera, ou imensa zona nebulosa de partículas acumuladas, estendia-se até à órbita que o planeta mais extremo ocupa, e atravessa-a como um corpo cometário. Este é mais um planeta do que atualmente se conhece, e ainda não foi detetado pelas observações feitas através do mais poderoso símbolo do olho humano.

A existência de oito planetas foi determinada como estando praticamente além de qualquer dúvida.* Ainda assim, o oitavo e o nono não são ainda reconhecidos como corpos pertencentes ao Sistema Solar. Mas a órbita que o último ocupa era a circunferência extrema da emanação atmosférica proveniente do Sol.

Todas as emanações foram governadas pela lei da força centrífuga, e pela tendência natural de cada partícula procurar a sua associação congénere, ou o equilíbrio da sua composição densa ou rarefeita. E o grande Todo girava com um movimento unido sobre o seu próprio eixo, e também em redor da sua inimaginável órbita, no grande plano observado por todos os sóis e planetas desde os primeiros estágios da sua existência. E este era elíptico — tornado assim por virtude da força primária dada a cada átomo que compunha o grande Corpo.

Continha-se neste grande Sol matéria suficiente para compor todos os planetas que posteriormente foram formados, com todos os seus satélites e apêndices; bem como todas as formas possuidoras de movimento, vida e atividade, que estão universalmente disseminadas nas suas superfícies. E todas foram sucessivamente desenvolvidas por virtude de leis inerentes estabelecidas pela grande Fonte original. Passavam incessantemente do grande Centro, auxiliadas por ambos os seus movimentos, partículas, átomos e substâncias que se haviam tornado suficientemente refinados para assumirem esferas superiores na grande Massa.

Sendo a sua magnitude inconcebível, e o seu diâmetro impossível de ser calculado por qualquer processo matemático, era composto por estratificações, ou melhor, por diferentes corpos desenvolvidos uns após outros. Estes grandes desenvolvimentos podem ser generalizados como se segue: Do centro ígneo ou informe foi desenvolvido o calor. O extremo deste foi o início da luz; e esta foi a segunda formação. A eletricidade surgiu em seguida, como desenvolvimento consequente da anterior. E o último fluido ativo estendeu-se até ao extremo mais longínquo de toda a Massa e das suas radiações sucessivas.

Assim, fogo, calor, luz e eletricidade foram os elementos gerais que compõem o Sol. Sem estes, não teria sido um sol.

A princípio, não compreendi esta expressão; e só recentemente me ocorreu que evidentemente faz referência às conclusões que Le Verrier já tinha estabelecido na sua própria mente através de cálculos matemáticos, e que o clarividente viu. Numerosas testemunhas podem atestar que o que é dito sobre um oitavo e nono planeta estava em manuscrito em Março de 1846, e meses antes de os cálculos e conclusões de Le Verrier terem sido anunciados neste país. O oitavo planeta foi observado pela primeira vez em Setembro de 1846. Estes factos não podem deixar de ser considerados importantes, pois provam, como o fazem, a capacidade do clarividente para obter conhecimento de coisas para além do alcance dos sentidos naturais, e por isso infundem confiança nas suas revelações que não podem ser verificadas por nenhum processo de investigação sensorial.

E estes são elementos cuja natureza e relações conduzem a uma compreensão adequada de todos os outros corpos, formas, substâncias e elementos — e também da lei que os rege.

É necessário ter presente a proposição de que a circunferência da atmosfera do sol se estendia até à órbita que é agora ocupada pelo nono planeta do nosso Sistema Solar. E é também necessário compreender os dois grandes movimentos do sol, especialmente aquele na sua órbita elíptica, em redor de um Centro ainda mais inconcebível. E então conceber-se-á que, por virtude da força centrífuga gerada pelo grande Corpo em movimento, átomos serão lançados para fora do centro, na direção do plano que o corpo observa no seu movimento. Também, a acumulação de partículas nos extremos da sua órbita elíptica é maior do que em qualquer outro ponto ou localidade em redor do grande corpo central. Esta aglomeração aproximada de partículas, ao condensar-se, será considerada como seguindo a lei geral que governa o movimento de todos os corpos e partículas.*

E perceber-se-á que, de acordo com a lei da eterna reciprocidade e gravitação das partículas, não teria havido acumulação nestas localidades se as partículas lançadas não se tivessem tornado previamente adequadas para se associarem e unirem com partículas ali já existentes. Portanto, nenhuma lei de atração positiva as atuou, nem as retirou de partículas às quais antes aderiam — nem qualquer lei de repulsão positiva as repeliu da sua estação original. Nem repulsão nem atração, como leis, tal como geralmente se entendem, produziram qualquer efeito sobre essas partículas estranhas. Mas existiu uma gravitação mútua (ou associação) de materiais e átomos adequados para assumirem tal forma.

§ 15. O grande Centro, tendo as suas atmosferas desenvolvidas sucessivamente, ou estratos de elementos, estendendo-se até ao último desenvolvimento da eletricidade

— este mais elevado de todos os refinamentos materiais impregnava os inferiores, penetrando em cada partícula onde originalmente havia sido contido e desenvolvido. E sendo este o agente subtil e ativo contido em cada partícula, penetrava até às profundezas mais baixas do grande Sol então existente, e estendia-se a uma vastidão indefinível por todo o espaço. Sendo assim subtil, ativo e poderoso, tornou-se um agente penetrante, operando sobre cada partícula e substância na vasta composição — transmitindo e intercambiando partículas e as suas qualidades para outras esferas ou posições imediatas que lhes era requerido ocupar.

E sendo este o fluido ativo, energético e omnipenetrante, o princípio último da grande Massa, as partículas que se acumularam e aglomeraram no ponto extremo da órbita elíptica da revolução do Sol foram inerentemente associadas por virtude deste fluido, e pela densidade ou rarefação específicas das partículas que foram lançadas para essa posição pela ação centrífuga que o imenso Sol possuía em ambos os seus movimentos inconcebíveis. A eletricidade era o meio e agente ativo para transmitir e transferir cada substância molecular para novas posições. Pode ser considerada um mediador, ou um princípio associativo que une partículas antagónicas. É nada menos do que uma influência universal, atuando sobre as partículas mais altas e mais baixas de cada estado de associação material. E gira desde o mais baixo até ao mais alto, unindo e associando todas as partículas de acordo com a densidade ou rarefação das mesmas, até alcançar o ponto mais elevado, ou formar uma associação com princípios da sua própria afinidade.

Tal é o elemento invisível e controlador, cujos resultados são conhecidos como leis. É um princípio energético que ativa todo o movimento último no imenso Corpo de constituição material. E por este fluido subtil, e pelo movimento originalmente concedido ao Sol, foi formado, no ponto mais distante da sua órbita elíptica, o corpo anteriormente descrito como o nono planeta, ou antes, o corpo cometário que percorre o círculo mais externo da atmosfera do Sol.

A magnitude da circunferência e do diâmetro do grande corpo é desnecessária de representar, mesmo que fosse possível. É suficiente compreender que o grande Sol, em volume e magnitude, se estendia até à órbita do corpo cometário mais distante. E uma compreensão adequada do *modus alternus* de todo o movimento, e das leis que este desenvolve, deve ser a base sobre a qual todas as investigações científicas e pesquisas filosóficas, relacionadas com assuntos desta natureza, devem assentar.

Tudo aquilo que é conhecido como movimento ou atividade não proporciona à mente uma conceção adequada das leis que produzem tal. Mas como a mente depende de uma compreensão apropriada do movimento para conceber as formações planetárias no Sistema Solar, deve haver uma compreensão da natureza e da causa do movimento, e da lei geral que este inevitavelmente e invariavelmente segue. E os princípios existentes na Matéria, e que são coevos com ela, devem também estar

solidamente fixados na mente. Então, causas gerais serão esperadas produzir efeitos invariavelmente correspondentes; e causa e efeito serão percebidos como existindo enquanto um só Princípio geral.

Ainda assim, existem milhares de movimentos intermédios produzidos por causas incidentais e subordinadas. Mas mesmo que tais movimentos fossem inumeráveis, e que todas as suas manifestações e resultados minuciosos fossem diferentes do que se esperaria da lei geral, não poderiam ser considerados como subversores ou interruptores da ação dos princípios gerais e estabelecidos do movimento na Natureza.

O movimento é o efeito que um corpo produz sobre outro. Se uma substância ou corpo for denso, a sua pressão ou ação sobre outra substância será proporcional à sua densidade, e produzirá efeitos proporcionais. Todas as partículas atuam assim umas sobre as outras, tanto separadamente como combinadas. Portanto, um movimento universal existe: pois a ação de uma partícula colocará em movimento todas as outras partículas, quer singulares, quer compostas, no Universo! Os movimentos de todas as coisas, portanto, são graduados de acordo com a posição da substância e a sua grosseira ou refinada constituição.

E no momento em que foi dado o ímpeto original à Matéria, o movimento incessante de todos os corpos através do espaço ficou eternamente estabelecido! O movimento não pode ser compreendido, ou adequadamente explicado, com base em qualquer outro princípio conhecido que caracterize qualquer forma de elementos combinados: e somente com base neste princípio pode assentar-se uma compreensão da sua causa e manifestações. E devemos considerar o movimento como existente na matéria primeva, ou num tempo tão remoto que escapa à conceção, constituindo o Princípio geral da Matéria, e sendo o atributo mais elevado e perfeito do desenvolvimento interior.

O ímpeto dado à primeira partícula, sendo todo-poderoso, é a causa de todo o movimento subsequente. Portanto, o Movimento é um Princípio eterno existente na Matéria, estabelecido por um Poder infinito. Ao considerar-se os inumeráveis movimentos e manifestações da Natureza, a base da investigação deve consistir neste Princípio originalmente estabelecido; e a partir deste devem esperar-se os desenvolvimentos gerais do movimento, em correspondência com a lei universal.

Ao considerar assim o Movimento, a sua natureza e Causa, a mente será conduzida a uma compreensão apropriada da formação do Sol, e da lei que controlou os seus poderosos movimentos. O movimento grandioso e mais importante pertencente ao Sol é aquele que ele executa na sua órbita em redor de um Centro ainda mais inimaginável. A causa deste movimento estabelecido foi o ímpeto dado ao Sol pelo

poderoso lançamento de partículas desde o Centro ao qual pertence, e pela força incessante e violenta que acompanhou a receção das mesmas.

Esta extensa e poderosa acumulação, ocorrida constantemente através de incontáveis eras, produziu o Sol com dimensões tão imensas como foram descritas. E este ímpeto originalmente concedido produziu um movimento correspondente numa órbita elíptica, a uma distância do seu Sol proporcional à sua densidade e magnitude. E o movimento que possui sobre o seu próprio eixo é o movimento ainda mais violento que lhe foi conferido pela receção de partículas que vieram com tal velocidade que o fizeram girar quase instantaneamente. O movimento que lhe foi dado foi, assim, o resultado do impulso de partículas em movimento, cuja tendência era produzir movimento semelhante. Este movimento foi, portanto, consequência natural de uma benigna reciprocidade de átomos. E a condensação comparativa foi um resultado inevitável, causado não só pela acumulação no centro de partículas densas que se associavam mais intimamente, mas também pela fuga das partes mais refinadas, que assumiram posições mais elevadas no vasto corpo.

§ 16. O nono planeta (ou corpo cometário), sendo composto por partículas acumuladas pelo movimento do grande Sol, observava o mesmo plano pela mesma força específica; e obedecendo à lei da gravitação recíproca, ocupava a sua órbita assumida a uma distância de acordo com a sua rarefação e constituição peculiar.

O oitavo planeta foi desenvolvido em seguida, observando os mesmos princípios de formação e a mesma lei geral de movimento, e situava-se dentro da órbita do anterior apenas porque a sua composição era mais densa do que a do primeiro a ser desenvolvido. O facto de ocupar essa esfera, portanto, está em plena harmonia com os princípios estabelecidos da gravitação, e dos movimentos orbiculares e rotativos. Como o oitavo e o nono planetas ainda não foram reconhecidos como pertencentes ao nosso sistema solar, não pode haver uma conceção da magnitude e diâmetro originais do Sol, enquanto incluindo a sua atmosfera estendida.

Mas, enquanto uma compreensão adequada da lei e natureza do Movimento — e de como a Matéria, em grandes porções, se aglomera e assume posições inferiores ou superiores conforme a sua gravidade ou leveza específicas — é essencial a uma investigação e compreensão adequadas da acumulação e formação da matéria em planetas, satélites e asteroides, isto é igualmente necessário como base sobre a qual a mente poderá assentar investigações geológicas — e sobre as quais, por sua vez, poderá assentar uma conceção apropriada de todos os efeitos e desenvolvimentos ulteriores.

Existem, contudo, elementos que aparentemente não são controlados pela mesma lei geral. Diversas observações feitas por diferentes pessoas sobre o tema do calor, da luz e da eletricidade levaram-nas a diferentes opiniões e especulações em relação

ao carácter, atributos e princípio governante de cada um destes elementos. É oportuno aqui observar que aqueles que formaram teorias divergentes relativamente ao calor e à luz, fizeram-no enquanto estes elementos se manifestavam sob circunstâncias incidentais e modificadoras. E o resultado de tais observações tem sido obscurecer, para a mente, as operações da lei geral que governa todos os elementos existentes.

O calor (ou calórico) foi suposto ser governado por uma lei diferente da que rege a luz; e a eletricidade, sendo ainda um princípio indefinido e incompreensível, foi também designada como uma substância diferente, e suposta ser regida por uma lei distinta das duas anteriormente mencionadas. Daí que se torne evidente, novamente, que observações detalhadas e minuciosas não têm sido suficientes para estabelecer uma realidade universal de leis como governando todos os elementos existentes.

Foi já anteriormente provado por evidência indubitável que o grande Centro ou Sol, enquanto uma substância, desenvolve sucessivamente estes [elementos] como elementos atmosféricos, de acordo com a lei do refinamento e da progressão. Por muito que esta teoria possa diferir de especulações anteriores, isso não altera a sua verdade, nem a evidência que naturalmente a acompanha na mente. Pois está demonstrado para além de qualquer dúvida, que toda a matéria e elementos são fundamental e essencialmente os mesmos, e que nenhuma partícula ou elemento no Universo pode ser governado por uma lei diferente daquela Lei inerente eternamente estabelecida.

Ainda assim, as manifestações e efeitos destes diferentes princípios são extremamente dissemelhantes, de acordo com as circunstâncias sob as quais são desenvolvidos à observação dos investigadores exteriores. Pois as aparências particulares destes, como de todas as outras coisas, são inevitavelmente distintas; e basear conclusões em tais aparências, mesmo que tenham sido sucessivamente observadas durante anos, seria perder de vista o grande Princípio geral do Universo, e tentar estabelecer uma teoria com base em manifestações corpóreas e exteriores. Mas compreendendo-se devidamente que toda a Matéria, no seu estado primevo, era de constituição ígnea, segue-se como consequência que todas as coisas existentes devem participar e ser compostas de materiais provenientes da mesma grande Massa.

Portanto, o calor, a luz e a eletricidade continuam a ser matéria; mas cada um ocupa uma estação diferente, inferior ou superior, de acordo com o seu respetivo grau de refinamento. E as constantes emanações de cada um são governadas pelos atributos originais estabelecidos na lei eterna do movimento, como produtora de desenvolvimento progressivo em todas as coisas. Isto, portanto, constitui a grande Lei geral que governa todos os elementos no espaço.

Mas que se tenha bem presente que as circunstâncias e condições peculiares sob as quais estes elementos podem encontrar-se situados, modificarão de forma correspondente os seus efeitos visíveis. Esta observação conduzirá a uma compreensão adequada da quantidade de calor e luz que o oitavo planeta recebe do Sol. A descoberta final deste corpo celeste, e a especificação da sua revolução e diâmetro, contribuirão grandemente para o avanço da interessante ciência da astronomia, particularmente quando as aberrações e refrações da luz forem conhecidas tal como ocorrem entre ele e o Sol à volta do qual revolve.

A sua densidade é de quatro quintos a da água. É desnecessário determinar o seu diâmetro. O seu período de revolução pode ser inferido analogicamente a partir do período em que Úrano percorre a sua órbita elíptica e quase inconcebível. A atmosfera do oitavo planeta é extremamente rarefeita, contendo pouco oxigénio, sendo composta maioritariamente por flúor e azoto. Nenhuma constituição orgânica que exista na Terra poderia ali existir viva por um só momento. O olho humano seria um órgão inútil; pois a luz ali é de tal natureza que torna a sua escuridão, mesmo no período mais escuro, várias centenas de graus mais clara do que a luz que a Terra recebe do Sol!

Possui, como Úrano, seis satélites. Estes foram evoluídos e formados pelos dois movimentos concedidos a este planeta; o mais afastado do primário sendo o limite da sua composição original, e o mais próximo sendo uma acumulação de átomos mais densos provenientes do planeta. Portanto, sendo o planeta composto por materiais mais densos do que qualquer dos seus satélites, as distâncias respetivas destes ao planeta, com os seus diâmetros e períodos de revolução, são determinados pelas suas composições respetivas, e pelas relações que sustentam entre si.

O período de tempo que decorreu desde que o Sol, por sua tendência inerente, começou a organizar este corpo inimaginável, não pode sequer ser concebido. E o tempo em que os satélites foram produzidos e desenvolvidos, está também para além da capacidade de cálculo do mais erudito matemático. Números podem ser somados a números; triliões podem ser multiplicados por valores ainda maiores, e ainda assim a quantidade de algarismos produzidos não representaria o número de anos, ou mesmo de séculos, em que tal formação poderia ser desenvolvida!

Está completamente inapto à habitação de qualquer constituição orgânica — contudo a vida cobrirá, em última instância, as suas agora superfícies não perturbadas.

§ 17. O planeta produzido como seguinte na ordem foi Herschel, ou Úrano. Durante os seus primeiros estágios de formação, foi uma acumulação de partículas inter-associadas, ígneas e rarefeitas, cuja rarefação as tornava inapta para qualquer outra esfera de associação. O diâmetro do planeta antes de qualquer outra formação

hoje pertencente ao seu sistema era de quase três milhões de milhas! Por virtude de movimento inerente, seis satélites foram sucessivamente desenvolvidos. A acumulação mais rarefeita foi o sexto satélite; e a mais não refinada e densa, foi a que se encontrava mais próxima do planeta. — E cada satélite foi gradual e consistentemente produzido pelas leis estabelecidas da associação e condensação.

O diâmetro do planeta na atualidade é de trinta e cinco mil cento e doze milhas; o satélite mais distante encontra-se a cerca de um milhão e meio de milhas do seu primário. O satélite mais próximo do planeta não está muito mais longe do que a Lua está da Terra.

As revoluções destes satélites em torno do seu centro, tal como observadas pelo telescópio, são muito diferentes das de quaisquer outros satélites pertencentes a qualquer um dos planetas do Sistema Solar. Pois enquanto Úrano gira obliquamente sobre o seu eixo, os seus satélites observam uma rotação angular, inclinada — esta dissemelhança aparente entre os movimentos gerais e rotativos gera espanto e admiração nas mentes dos astrónomos!

Úrano é também frequentemente aparentemente eclipsado pelos seus apêndices extremamente excêntricos. Assim, manchas azuis e escuras são ocasionalmente observadas sobre a sua superfície — sendo a sua luz ligeiramente intercetada por um tom azulado ou carmesim, e raramente por um escuro. Ainda assim, as observações feitas sobre os satélites de Úrano não estabelecem a convicção absoluta de que tais contra-excentricidades existam realmente entre eles; pois, em diferentes períodos, a aparência dos seus movimentos não é a mesma. E este facto foi frequentemente observado pelo seu descobridor; mas mais tarde este ficou convencido dos movimentos angulares e elípticos dos satélites deste planeta.

Estando plenamente convencido de que os verdadeiros movimentos serão ainda descobertos, e de que estes se encontram em uníssono e harmonia com os dos satélites de planetas congéneres, é desnecessário, no presente, decidir sobre o plano e forma exatos das órbitas observadas por estes satélites; pois tal tenderia a retardar investigações astronómicas, e a destruir os esforços que são úteis e necessários à expansão da mente e à devida apreciação da verdade científica.*

A rotação deste planeta sobre o seu eixo ainda não foi descoberta; especialmente o tempo que leva a completar uma única revolução. A velocidade com que gira é absolutamente inconcebível. É por essa razão que ainda não foi determinada — apesar de a sua revolução orbicular e quase incalculável já ter sido estabelecida e especificada. Quanto pensamento calmo e cálculo profundo esta medição exigiu! E quão engenhosas têm sido as invenções do homem, pelas quais ele tem sido capaz de observar, investigar e demonstrar as obras do Poder Infinito, cujas instituições harmoniosas e pacíficas são tão absorventes e atraentes para a mente! Ele revolve na

sua órbita em torno do sol uma vez a cada oitenta e quatro anos; estando a mais de mil e oitocentos milhões de milhas de distância; e move-se a uma velocidade de quinze mil milhas por hora!

Tal é Úrano: e os seus magníficos apêndices, sendo parte da sua própria composição, acompanham-no nas suas maravilhosas revoluções em torno do inconcebível Centro do nosso Sistema Solar. — E a harmonia e sublime magnificência que este planeta e seus acompanhantes manifestam não são superadas por nenhum outro corpo até agora descoberto.

A sua atmosfera tem um aspeto ligeiramente avermelhado. O seu próprio corpo parece extremamente opaco. As suas manifestações gerais são as de um corpo denso, com uma atmosfera densamente correspondente, da cor mencionada anteriormente; e é caracterizado por uma velocidade inconcebível de rotação e pelas excentricidades anteriormente descritas observadas nos movimentos dos seus satélites. A densidade real do planeta é ligeiramente superior à da água; e as constituições dos seus apêndices são correspondentemente mais rarefeitas.

Não está preenchido, como aqueles entre ele e o Sol, com vida e atividade; nem a sua superfície foi sombreada pelo crescimento de plantas ou árvores. Nenhuma forma de vida ali existe; nem poderá existir, até que ocorra maior condensação e desenvolvimento. Pois a sua atmosfera é de constituição ígnea e carbonácea, contendo uma parte de carbono para trezentas e sessenta de oxigénio. Ainda assim, este não é o carbono da mesma natureza daquele desenvolvido pela formação primária da Terra, e é absolutamente diferente de qualquer elemento ou gás conhecido na Terra.

O autor parece aqui exprimir uma opinião por analogia, sem procurar uma impressão superior. Isto pode ser explicado pela observação de que é contrário à sua prática invariável aliviar o esforço mental mediante a transmissão de informação sobre assuntos acessíveis à mente por processos ordinários. A mesma observação explica a razão pela qual ele não define as órbitas, diâmetros, etc., dos oitavo e nono planetas.

Não possui desenvolvimentos geológicos além da cobertura ou crosta ígnea e primária que atualmente o envolve. Mas de acordo com as leis de progressão, reciprocidade e desenvolvimento, ocorrerá condensação de partículas, outras serão evoluídas, e assim a sua superfície tornar-se-á, eventualmente, adequada à habitação de plantas e animais, cuja constituição será firme e poderosa.

Séculos após séculos decorrerão antes que qualquer mudança aparente seja visível na superfície deste planeta. Gerações após gerações passarão, e as suas observações e explorações serão perdidas e esquecidas, e os seus pensamentos e teorias serão

pouco conhecidos, antes que a humanidade venha a observar aparências diferentes em Úrano e nos seus apêndices. Mas embora a mudança seja lenta, é inevitável. Mesmo que não seja observada durante séculos, isso não constitui prova convincente contra o movimento incessante e eterno da Matéria. A observação não descobriu a velocidade da rotação deste planeta (e por isso parece estar imóvel) — pela razão de que ele se move com tal rapidez assustadora e força inconcebível, que a visão humana é incapaz de distinguir os seus movimentos. Tal é o sétimo planeta pertencente ao grande Sol do Sistema Solar!

§ 18. Muitas objeções têm sido feitas contra a ideia de uniformidade e desenvolvimento progressivo nas formações do nosso sistema planetário. Existem muitos pormenores que se consideram contraditórios à veracidade da teoria aqui apresentada. A ciência da astronomia progrediu de acordo com os melhoramentos feitos nos instrumentos de observação. Os primeiros princípios desta ciência foram concebidos indutivamente há muitos séculos, e durante um período em que reinavam extrema desunião e perseguições devastadoras sobre a Terra. Durante as eras em que o homem perdeu a sua ligação com as ciências físicas — cujo conhecimento é necessário para o conduzir a uma verdadeira compreensão da Natureza e da sua conexão inseparável com as leis dela — esta ciência, entre outras, ficou completamente oculta, obscurecida e quase aniquilada da mente dos homens. Mas desde então, muitas descobertas importantes foram feitas; e opiniões e hipóteses foram formadas em correspondência com as diversas observações realizadas.

Foram recebidas muitas impressões vagas e imperfeitas em relação à origem dos materiais que compõem o Universo, incluindo com elas uma conceção da existência nebular primitiva de toda a matéria. Houve numerosas aparências de Matéria em formas nebulares, afastadas de outros corpos, cuja existência os mais poderosos telescópios confirmavam. Mas de acordo com a perfeição desses instrumentos, estas formas nebulosas foram resolvidas em estrelas, ou aglomerados de mundos. Ainda assim, não sendo possível resolver em estrelas todas as formas visíveis, a hipótese nebular permaneceu inalterada até há pouco tempo, quando um instrumento ainda mais poderoso foi construído, o qual resolve ainda mais destas composições supostamente nebulosas em estrelas aparentes. E neste momento, apenas um ponto permanece não resolvido, dentro do alcance das potentes sondagens deste útil instrumento.

As generalizações extensivas, e a doutrina do desenvolvimento progressivo e planeado aqui apresentadas, podem, portanto, ser postas em causa: pois à medida que as aparências nebulosas se transformam em esferas, a confiança na teoria acima diminui naturalmente. E sendo o oitavo e o sétimo planetas descritos, juntamente com as suas composições e constituintes, convém aqui mencionar que as aparentes contradições que existem na uniformidade deste plano podem ser explicadas e

superadas considerando-as como particularidades pertencentes à grande lei geral e ao plano sobre o qual o Todo foi instituído.

Os satélites de Úrano aparentam seguir uma direção diferente nas suas revoluções orbitais daquela seguida por qualquer outro corpo ou seus apêndices. Além disso, o planeta é relativamente menor em magnitude do que outros, segundo a lei de progressão. E os seus movimentos, juntamente com os dos seus satélites, são, nos aspetos acima referidos, dissimilares dos movimentos observados nos outros corpos do Sistema Solar. E como atualmente se está a levar a cabo considerável investigação em relação a estas aparentes anomalias e contradições — e sendo que estas particularidades serão eventualmente compreendidas de forma familiar — não é absolutamente necessário discuti-las aqui; pois não têm qualquer influência sobre o *modus operandi* geral e ordenado.

Devo observar que, em geral, as variações nas densidades dos planetas, à medida que se afastam do Sol, são uniformes; e que, em geral, a sua velocidade orbital está em correspondência com a ordem e distância de cada planeta em relação ao grande Centro. Assim, sendo a Matéria e o Movimento geralmente uniformes e progressivos nas suas manifestações, os pormenores não podem contrariar a veracidade desta teoria. E compreendendo-se o plano universal das formações planetárias, estas particularidades e aparentes contradições revelar-se-ão, em última instância, como manifestações intermédias e subordinadas da lei geral, e portanto perfeitamente conformes a ela. E causas exteriores, que exerceram influência sobre este planeta, e não sobre outros dentro da sua órbita abrangente, produziram estas manifestações e resultados dissimilares. E o esforço que os investigadores ambiciosos estão agora a fazer resultará na descoberta dessas causas incidentais, que — em comparação com os movimentos de todo o sistema planetário — produzem apenas efeitos incidentais.

Portanto, ao questionar-se a veracidade da teoria acima exposta, é absolutamente necessário não depender de aparências minuciosas e detalhadas; pois tais não podem ser tomadas como suficientes para contrariar um princípio geral, que é demonstrado pela experiência universal e por verdades bem comprovadas. Dificuldades desta natureza não devem ser consideradas como interferências nem contradições a quaisquer leis gerais, universais e imutáveis, que estão constantemente e invariavelmente a produzir os seus correspondentes efeitos gerais. E estando consciente de que o resultado último das investigações atuais referentes a Úrano e aos seus satélites em revolução será demonstrar ainda mais claramente a veracidade da presente teoria, considero não ser particularmente necessário fazer mais observações sobre essas dificuldades aparentes, e deixo, portanto, o resultado aos esforços ambiciosos dos investigadores astronómicos.

§ 19. O planeta desenvolvido a seguir foi o sexto, denominado Saturno. A condensação de partículas existentes no grande Sol, cuja circunferência, nessa altura, se estendia até à órbita de Saturno, e uma acumulação adicional de átomos por Movimento original inerentemente existente, produziram este corpo planetário. A composição deste planeta foi, durante muitas eras, extremamente ígnea; ainda assim, uma acumulação gradual de partículas emanadas do Sol acabou por organizá-lo com matéria ainda mais densa do que a composição do planeta anterior.

Incontáveis eras decorreram até que este corpo se condensasse interna e externamente pela ação química e evolução dos elementos. As emanações constantes deste corpo eram excessivas — cuja causa é evidente. Sendo composto de materiais mais densos do que o anterior e possuindo maior magnitude, o seu poder de ação e capacidade para receber partículas eram superiores aos de qualquer outro planeta até então existente. Além disso, a matéria, no seu estado primevo, é incessantemente ativa, conformando-se à lei da gravitação universal; e tal era o estado inicial deste planeta.

A sua composição ígnea, sendo muito ativa na receção de partículas adequadas à sua associação, e na expulsão das partes não associáveis, produziu, pelas suas emanações, as zonas ou cinturas nebulosas que agora rodeiam o primário. Estas zonas (tal como o próprio planeta) existiram durante muitas eras sob a forma de uma atmosfera ígnea, a uma distância do primário naturalmente assumida de acordo com a lei da associação e da força centrífuga. Esta evolução atmosférica de Saturno foi influenciada incidentalmente pelas forças existentes dos planetas previamente formados, e do Sol.

Assim, produziu uma zona atmosférica ativa e aglomerada, de acordo com as leis de associação mútua e condensação. E sendo explicada a formação do primeiro anel, o segundo pode ser inferido como sendo uma emanação correspondente do primeiro, tal como este foi do primário; e assumiu a sua distância relativa conforme influências ativas internas e externas então existentes. Os anéis nebulosos de Saturno, tal como o próprio planeta, tornaram-se condensados junto à superfície, assumindo formas oblatas esferoidais.

O centro de Saturno é ainda uma substância ígnea e não estratificada, sendo que a superfície se tornou quimicamente condensada pela libertação do calor interno, e pela produção de gases organizadores e vivificantes: e assim também existem os seus anéis — estando na mesma condição que teria sido produzida em qualquer outro planeta pelas mesmas causas e sob as mesmas circunstâncias.

As superfícies destes anéis revelam muitas porções aparentemente irregulares, uma aparência de aspereza contrastando ocasionalmente com suavidade e brilho. Estas aparências são produzidas pela reflexão dos seus satélites sobre as diversas partes

dessas cinturas durante as suas revoluções, e por eclipses frequentes; bem como pela sua própria posição, que por vezes é muito desfavorável a uma observação adequada.

Neste preciso momento, esses anéis podem ser considerados como recém-instituídos e desenvolvidos; e tendo sido formados e condensados a partir das diferentes combinações em que existiram em eras anteriores, serão, em última instância, resolvidos numa só esfera, pela constante troca de átomos que agora ocorre, e pelas influências químicas que estão a operar universalmente por todo o espaço. E assim associar-se-ão a corpos e átomos de natureza semelhante e produzirão outro planeta; enquanto Saturno continuará, como outros corpos, a produzir e a reproduzir materiais para a sua própria composição e a de outros.

Mas como a organização humana é extremamente efémera em comparação com materiais mais grosseiros, o homem não existiu tempo suficiente para observar qualquer mudança neste planeta, ou em qualquer outro. Séculos após séculos passam, e tais corpos permanecem, à visão, aparentemente imóveis. Contudo, este mesmo corpo é dez mil vezes mais ativo, como um todo, do que o corpo humano; mas o homem, sustentando relações distintas e sendo composto de materiais menos duradouros, vive e mergulha no repouso antes que ocorra qualquer mudança aparente em qualquer dos materiais grosseiros existentes na Terra. Assim, Saturno mudará; e especialmente os seus anéis nebulosos, que acabarão por ser organizados em globos, segundo a lei estabelecida da ação incessante.

Este planeta, estando situado e organizado de forma diferente dos demais, possuindo zonas que os outros não têm, e contando com um número maior de satélites do que qualquer outro planeta pertencente ao sistema solar, tem sido há muito causa de espanto e admiração entre os observadores científicos. O seu diâmetro, sendo de cerca de setenta e nove mil milhas, excede grandemente o do planeta anterior; e essa dessemelhança tem gerado contestações contra a lei da uniformidade no desenvolvimento geral.

A sua distância ao Sol é superior a novecentos milhões de milhas. Roda sobre o seu eixo em pouco menos de dez horas e meia. E o período de tempo que leva a completar uma revolução em torno do Sol é de cerca de trinta anos. A inclinação da sua órbita em relação à eclíptica é de cerca de dois graus e meio; e o seu eixo também se inclina em relação ao plano da sua órbita. Esta inclinação faz com que a luz do Sol o atinja verticalmente por vários graus a partir do seu equador; onde desfruta de vinte e cinco mil dias e noites num único dos seus anos; enquanto nos polos há apenas um de cada. Move-se com a velocidade impressionante de vinte e duas mil milhas por hora!

A largura do primeiro anel a partir do primário é de vinte mil milhas. Há um espaço entre ele e o anel exterior de três mil milhas. A largura do anel exterior é de sete mil milhas; e o seu diâmetro é de duzentas mil milhas. Tendo densidade próxima da de Saturno, os anéis também giram em cerca de dez horas e meia.

O espaço existente entre o anel exterior e o primeiro satélite é de vinte e nove mil milhas. A distância entre o primário e o seu primeiro satélite é superior a cento e sete mil milhas. E a distância média entre o satélite exterior e o seu primário é superior a dois milhões de milhas. E os cinco satélites que existem entre eles observam distâncias e posições relativas entre si, de acordo com as suas respetivas densidades e diâmetros, e por isso podem ser considerados como sustentando posições conforme a ordem observada pelo desenvolvimento do seu primário.

Assim, os cálculos que foram feitos relativamente a Saturno e aos seus apêndices apenas acrescentam provas mais fortes da lei da uniformidade e do desenvolvimento progressivo em todos os corpos pertencentes ao Sistema Solar. Pois, em primeiro lugar, o diâmetro do planeta, a velocidade do seu movimento e o período da sua revolução estão em perfeita concordância com esta lei, como seria de esperar pela sua densidade e distância comparativa em relação ao Sol.

Em segundo lugar, o primeiro anel mantém uma distância ao primário correspondente à sua magnitude e densidade; e o segundo anel sustenta uma relação estreita com o primeiro, mas apenas em conformidade com as suas qualidades específicas e magnitude relativa. E o diâmetro do todo compreende evidentemente quatro quintos da dimensão original do primário, ou da sua dimensão anterior a tais desenvolvimentos anulares, considerando que os seus satélites foram desenvolvidos muito antes desses anéis. E os anéis agora existentes são prova disso, bem como da origem dos materiais que os compõem, visto que as suas revoluções correspondem (quase) precisamente à de Saturno. Em terceiro lugar, a distância média entre Saturno e o seu primeiro satélite, e entre o anel exterior e este mesmo satélite, demonstra de forma ainda mais evidente a relação e conexão que este satélite mantém com o seu produtor e com os seus anéis.

E a posição específica, distância e magnitude de cada satélite, do primeiro ao mais distante, demonstram uma bela ordem e harmonia de disposição. E a densidade, magnitude e velocidade do satélite exterior, com a sua inclinação orbital e movimento rotativo, harmonizam-se precisamente com o primário. Ele mantém as suas relações de maneira minuciosa e específica, e em todas elas corresponde à magnitude e a todos os movimentos do primário. Pois a revolução da esfera exterior, e a sua densidade, magnitude e situação, mantêm entre si a mesma relação que as mesmas propriedades mantêm em Saturno — as mesmas causas estabelecidas operando sobre cada corpo de acordo com a sua relação com o seu primário.

Portanto, Saturno, os seus anéis e os seus satélites apresentam um sistema de desenvolvimento progressivo, quando considerados de um ponto de vista geral. Mas causas incidentais, produzindo efeitos semelhantes, tendem em certo grau a apresentar uma aparência contrária à uniformidade do todo. Contudo, ao investigar-se os movimentos e desenvolvimentos universais deste planeta, a ideia de tais irregularidades será de imediato banida da mente.

As conceções humanas de ordem estão fundadas na suposta realidade da confusão aparente; e quando confusão e irregularidades aparentes são observadas, a mente concebe instantaneamente a sua ordem oposta. Assim, se a confusão não fosse aparente, a palavra "ordem" não teria significado. Mas onde a ordem existe universalmente, e a confusão é apenas temporária e pontualmente aparente à mente, aí a conceção geral de ordem será evidentemente correta; pois deriva-se da comparação entre a ordem geral e o desordenado de carácter acidental. Portanto, se a ordem é aparentemente universal, isso estabelece de imediato a doutrina da uniformidade; e toda confusão particular e aparente deve ser atribuída a causas locais e incidentais. Mas o grande Todo, quando devidamente compreendido, apresenta um sistema de ordem e harmonia inabaladas!

Assim, deixo este planeta tão maravilhoso à consideração dos investigadores e observadores matemáticos, e inicio a revelação dos desenvolvimentos mais admiráveis que ele produziu. E uma conceção adequada de verdades e factos relativos a esta Terra levará, por analogia, a uma inferência favorável à veracidade da presente revelação no que se refere a este corpo celeste.

§ 20. A geografia deste planeta é muito bela, sendo ele dividido em dois terços de água e um terço de terra. E estando inteiramente livre de todas as ocorrências vulcânicas e catastróficas, apresenta uma superfície plana e não perturbada. Há apenas algumas elevações, e estas localizam-se perto dos polos; o equador é perfeitamente livre dessas elevações, com exceção de alguns promontórios que se ligam a terras mais altas, cujo desfiladeiro formador define o leito de um corpo de água muito extenso. Estas elevações foram formadas pelos desenvolvimentos naturais dos materiais em movimento durante as fases primárias e subsequentes do planeta.

Quanto às formações vegetais e orgânicas deste planeta, muito poderia ser dito numa dissertação abstrata. No entanto, a história rigorosa dessas criações não poderia ser dada minuciosamente; e mesmo que isso fosse possível, não seria útil.

Seres orgânicos habitaram este planeta muitos milhares de anos antes de a Terra sequer existir. Assim, segundo a lei do refinamento progressivo, os reinos orgânicos deste planeta atingiram um grau elevado de perfeição.

Existem aqui quatro classes gerais de desenvolvimento vegetal. Uma classe assume formas elevadas e volumosas, mas só é produzida perto dos polos, onde existe o mínimo de luz e calor. Estas não existem perto do equador, nem na proximidade de água. São desenvolvimentos vegetais gigantescos sob a forma de árvores; mas os tipos de materiais que as compõem não se encontram em nenhuma formação vegetal de ordem superior.

A segunda classe tem um corpo liso e delgado, e os ramos têm o dobro do comprimento do corpo; lançam uma sombra densa. Na aparência, assemelham-se ao upas, mas não na qualidade nem na composição. Produzem frutos deliciosos, longos na forma, internamente brancos e envolvidos por uma espessa camada exterior. Os ramos que primeiro se projetam do corpo estão a vários pés do solo, mas não tão altos como a distância entre esses ramos e o topo da árvore. Esta classe deve ser entendida como a segunda na ordem de formação — como o fim e perfeição da classe anterior.

A terceira em ordem apresenta-se como um vegetal mais perfeito. Eleva-se apenas alguns pés acima da superfície do solo. Tem vários ramos descendentes que, quando desenvolvidos, atuam como novos corpos ao fixarem-se como raízes na terra. Este vegetal é bastante complexo nas suas partes. A sua localização é próxima do equador, e a essa circunstância se pode atribuir a sua peculiaridade. Produz um tipo de fruto leguminoso. Sendo extremamente nutritivo, entra frequentemente na composição das formas animais.

A quarta formação vegetal é a mais recentemente desenvolvida e a mais perfeita. Sendo um desenvolvimento sucessivo de tudo o que está abaixo dela, a sua composição é muito mais perfeita do que a das outras. Por conseguinte, representa o auge do reino vegetal, compreendendo as essências de tudo o que está abaixo da sua elevada ordem de existência. As suas raízes e tronco são muito longos e delgados, e desenvolve, desde a base do tronco até ao desabrochar dos ramos, cálices que correspondem às pétalas do botão e do seu fruto. Não é alta, mas cresce com grande espontaneidade; e está adaptada aos usos do organismo animal. É produzida numa metade de um dos anos, no equador — reproduzindo-se duas vezes num único ano deste planeta. E é o vegetal mais útil sobre a superfície de Saturno.

Existem formações intermédias, desde as mais simples às mais elevadas, no reino vegetal. Mas seria impossível classificar estas espécies intermédias; e as quatro generalizações fornecem uma conceção clara dos desenvolvimentos vegetais deste planeta — sendo o objetivo apenas o de estabelecer uma sucessão progressiva. E sendo esta fundada em leis naturais e invariáveis, a analogia confirma esta revelação.

Existem cinco classes gerais de existências animais neste planeta. Mónadas poligástricas existem em várias formas, desde os articulados até aos vertebrados. Não existe qualquer espécie particular de animais semi-vertebrados. Há poucos articulados; mas as existências animais gerais deste planeta são inteiramente vertebradas. Répteis, saurianos, etc., não existem à sua superfície, sendo a causa disto o facto de os materiais que compõem este corpo serem de natureza demasiado elevada e rarefeita para entrarem na composição de quaisquer formas ou organizações grosseiras.

A **primeira das cinco classes**, portanto, é de uma forma bem organizada, possuindo tecidos vasculares e musculares muito finos. Este animal, sendo uma das classes gerais, requer uma breve descrição. É muito grande e muito forte, tendo articulações apenas nas patas traseiras. As patas dianteiras, compostas por uma substância muscular e óssea muito forte, são elásticas e flexíveis quando a ocasião o exige, mas extremamente fortes e imóveis sempre que operadas pela sua vontade positiva. O seu comprimento é proporcional à sua altura. Sendo um animal de poder extraordinário, é o mais útil de todos para os seus governantes.

Os seus olhos são pequenos; as suas orelhas, estreitas e curtas; a sua cabeça é larga e alta; a sua tromba e boca estão estreitamente ligadas, servindo a primeira como órgão nasal e como instrumento útil para beber e transferir para a boca o fruto comprido e de casca rija que existe na forma vegetal complexa que foi anteriormente descrita. A sua disposição é firme, mas submissa. Possui desenvolvimentos exteriores que correspondem à sua disposição e aos seus afetos naturais. A sua cabeça, sendo larga, dá-lhe uma inclinação para a protecção própria e preservação, ao ponto de construir grandes cavernas e locais de ocultação nos quais reside durante a longa noite que se experimenta no polo. E durante o longo dia que também se verifica na mesma localização, abandona o seu lugar de repouso e percorre as margens das águas, e os locais onde cresce mais luxuriosamente o fruto de que se alimenta.

A **segunda em ordem**, é um animal de formação muito menos complexa. A sua forma não é tão graciosa e agradável como a anterior, mas a sua composição é um grau mais perfeita. Vive em consórcio com o primeiro animal, existe na mesma região, mas é extremamente **anfíbio**, ao ponto de, neste aspeto, ser muito diferente do outro. A sua disposição é de natureza irritável e excitável. O seu sistema muscular e vascular, sendo muito ativo, causa um elevado grau de atividade e irritabilidade nervosa. Isto é provocado pela sua forma peculiar e pelas circunstâncias em que existe. Na forma, tipifica as espécies saurianas — mas apenas neste aspeto.

O orador comentou aqui que este e outros animais eram designados pelos habitantes deste planeta por sons particulares; mas, como seria difícil, assim como inútil, representar esses sons a um habitante da Terra, não faria tal tentativa.

A **terceira em ordem** é composta por materiais ainda mais finos, e o seu poder e celeridade de movimento muscular não são igualados por nenhuma outra espécie existente. Tem quatro patas ou extremidades; as traseiras lembram ligeiramente o pé humano, e as dianteiras tipificam os membros da foca. Ainda assim, estas são perfeitamente adaptadas à situação em que o animal existe. A sua carne é muito tenra em comparação com a dos anteriores, e a sua pele seria impenetrável por quaisquer instrumentos atualmente conhecidos na Terra.

Tem uma estrutura óssea composta principalmente pelos materiais mais duros dos seus ossos, formando uma superfície semelhante a uma complexa malha de escamas; e, por isso, é impenetrável, graças à sua superfície lisa e elástica. O seu comprimento e altura correspondem aos de um animal que existiu anteriormente neste globo terrestre;* no entanto, a sua disposição e atributos frénicos são muito distintos desta espécie. Possuindo grande força, move-se com enorme rapidez. Apesar de ser mestre, pelo seu poder dominador, sobre todos os que estão abaixo do seu grau de existência, não manifesta qualquer disposição destrutiva, perturbadora ou antagónica. Tendo associações peculiares, a sua natureza corresponde a elas. A sua principal característica é uma aparência repulsiva e tirânica, cuja indicação real é firmeza, poder e atividade.

O conferencista comentou incidentalmente que o animal a que se referia era o Iguanodon, ao qual este animal se assemelha bastante em espécie.

A quarta em ordem é uma forma que tipifica ligeiramente o homem natural. A sua composição, sendo uma progressão de tudo o que lhe é inferior, existe como uma espécie distinta, ocupando o lugar condizente com a sua dignidade e natureza superior. Possui quatro membros, dois dos quais servem como órgãos de locomoção e navegação, e os outros são mais braços do que membros semelhantes aos anteriores. É mais altamente vertebrado e possui maior elasticidade muscular do que os que estão abaixo de si. O seu corpo é relativamente largo e não perfeitamente redondo. O osso sacro e os quadris, sendo bastante dilatados, conferem-lhe grande força e poder muscular. Os ombros, sendo altos, e o pescoço proporcional, dão-lhe grande elasticidade nos movimentos do tronco.

A sua organização mental aproxima-se bastante da do ser humano, com a exceção de que o seu conhecimento e capacidade de compreensão exterior ultrapassam os do homem existente na Terra! A sua cabeça, sendo arredondada e longa, mantendo ainda a forma geral da cabeça humana, confere-lhe um alcance mais vasto de compreensão mental do que o homem terrestre possui. A sua disposição geral é

caracterizada por fortes afetos e desejos sociais. Possui grande capacidade de concentração; e o seu sentido do que é naturalmente justo e correto é muito proeminente.

A sua cabeça, não sendo muito alta em proporção ao seu tamanho, provoca ausência de veneração pelo invisível; mas venera as coisas e verdades bem conhecidas e bem atestadas pelas evidências dos seus sentidos. Assim, deduz as suas convicções de tudo quanto vê, e venera conforme a natureza das deduções ou das verdades visíveis que lhe são apresentadas. Tem uma forte inclinação para a alegria e emoções agradáveis, ao ponto de que as suas comunicações são mais subtis, por vezes, quando este desejo se encontra excitado, do que quaisquer comunicações humanas. Possui uma memória poderosamente retentiva ou uma grande suscetibilidade a repetições de impressões anteriores. As suas faculdades intelectuais são tão desenvolvidas que governa outros seres inferiores através da sua engenhosidade mecânica. Em termos gerais, é um ser animal-intelectual da mais alta perfeição.

Contudo, a sua organização mental e física é de tal forma construída que a individualização da vida interior não pode ocorrer; e a sua experiência natural e exterior não é mais do que instinto em comparação com o homem existente neste planeta. E a intuição e os poderes de perceção com que está dotado, são tão inferiores ao intelecto abrangente dos habitantes humanos daquele planeta, quanto o conhecimento do orangotango existente na Terra o é em relação ao Homem, que é o governador de tudo o que está abaixo do seu estado elevado de organização!

§ 21. A classe seguinte, na ordem da organização animal, é o ápice deste planeta e a perfeição de tudo quanto a precede; e essa classe é o Homem. A sua forma é aperfeiçoada nas suas manifestações e adaptações aos seus fins. Os seus membros são muito retos e arredondados. As suas articulações e respetivos apêndices são compostos por materiais finos e revelam, na sua perfeita adaptação, um desígnio original. O corpo tem uma forma perfeita e é caracterizado por uma simetria incomparável com a de qualquer outro ser ali existente. O esterno é oval e cheio, ligando-se às costelas por uma espécie de estrutura de reforço, que proporciona espaço e liberdade de ação ao sistema visceral. Os pulmões, divididos em dois hemisférios, são compostos por uma substância adiposa, elástica e ativa. O coração também tem duas divisões e observa movimentos correspondentes aos dos pulmões. O sistema ganglionar está muito livremente disseminado por todo o corpo, quase conferindo movimento impercetível aos nervos motores dos órgãos.

A cabeça corresponde, em perfeição, ao corpo. O crânio, não sendo composto por uma substância pesada e espessa, confere grande atividade aos sentidos no que toca aos objetos exteriores. O cérebro (cerebrum) é muito grande e cheio; e o cerebelo e suas divisões são ainda maiores. O corpo restiforme, a medula oblonga e a medula

espinal são compostos por substâncias tão sensíveis (em correspondência com a substância cerebral), que todo o sistema forma um conjunto perfeito de movimento e sensação. Sendo o cérebro excessivamente ativo, envia por todo o sistema nervoso um éter refinado de sensação. O cérebro é composto por incontáveis glândulas corticais, cada uma das quais atrai e repele, realizando movimentos sistólicos e diastólicos.

Estas glândulas corticais são os reservatórios de onde procedem as fibras e nervos de sensação; pois são elas que os concebem e produzem. Assim, os nervos da sensação estão ligados às pequenas cavidades do cérebro, tal como as artérias e veias estão ligadas aos ventrículos do coração. Deste modo, a contração e expansão destas glândulas corticais produzem os movimentos involuntários do sistema; enquanto, pelas mesmas forças, o coração impulsiona o sangue por todo o corpo. Os movimentos dos pulmões e do coração são muito vigorosos. O movimento do cérebro corresponde ao destes órgãos, e o movimento de todo o sistema corresponde à força gigantesca do corpo.

A forma do sistema possui grande beleza. A superfície, correspondente aos materiais que compõem todo o sistema, é muito fina e quase translúcida. Os principais movimentos do sistema correspondem aos do corpo humano neste planeta, com a diferença de serem caracterizados por maior precisão, e serem regulados por um julgamento mais firme, que também governa universalmente as suas ações. A sua organização é do mais perfeito tipo, tanto mental como física; e sendo o seu intelecto expansivo e poderoso, o julgamento controla-os inteiramente, ao ponto de não existir fraqueza nem doença entre eles.

As qualidades mais salientes da mente são de natureza moral e intelectual. Possuem fortes laços sociais, mas estes são estritamente governados por um intelecto bem organizado. A sua força de carácter é extremamente elevada, estando também ela sob a direção de uma razão bem conduzida. São firmes de vontade, geralmente submissos, e livres de todas as disposições supérfluas. A veneração, neles, é muito profunda e impressionante. Nada, contudo, é venerado senão aquilo que o julgamento reconhece como verdadeiro. A sua causalidade não está tão plenamente desenvolvida como a comparação, ou capacidade de raciocínio analógico. A perceção é extremamente vívida e penetrante.

As suas cabeças são muito altas e compridas. O poder de generalização e investigação sintética é, neles, quase ilimitado. Raciocinam a partir do interno, recebendo a verdade através das convicções fortemente sancionadas dos seus princípios interiores. A sua organização física, sendo tão perfeita, permite que os seus princípios—ou causas primeiras*—se estendam por todo o corpo, tornando-os altamente sensíveis às impressões.

São governados estritamente pelas leis da sua natureza. A sensação existe, e compreendem as leis e utilidades desta. Da sensação nascem as inclinações. Sendo a sensação uma lei da organização, manifesta-se sobre as fibras e sistema nervoso tal como no homem terrestre. As inclinações que produz são ou atrativas ou repulsivas, e são por eles governadas conforme as impressões interiores que recebem a seu respeito.

Raciocinam indutivamente: e a partir de efeitos e formas externas, induzem um princípio original, e depois raciocinam dos princípios para os seus efeitos. Os assuntos são assim compreendidos num só lance dos seus vastos intelectos.

Com uma mente telescópica, familiarizam-se com os mundos existentes entre eles e o Sol, bem como com os habitantes que neles existem. Contemplam os planetas do espaço com tão pouca curiosidade quanto nós os do Sistema Solar. Estando as suas mentes livres de imperfeição—de tudo quanto se opõe à justiça—associam-se ao que é puro e bom. Conectam as suas mentes com os princípios primeiros e com o interior de todas as coisas. As suas mentes estão dotadas de tal poder penetrante que percebem todas as coisas numa luz geral, e como sendo boas. São diferentes da classe anteriormente mencionada, que raciocina apenas a partir dos exteriores; que deduz o conhecimento e o juízo das coisas visíveis, sem conhecer o interior nem receber qualquer resposta do influxo de princípios internos. Mas o homem, sendo superior a estes, possui conhecimento derivado da experiência e consciência internas, e apenas desta.

Seguem as inclinações, se estas forem aprovadas pelos seus interiores; mas se forem desaprovadas, repelem-nas com o exercício de um julgamento superior: e assim são livres de transgressão e de enfermidade.

*Ou seja, a essência interior do homem como causa anterior da forma exterior, com todas as suas manifestações.

A perfeição do seu princípio interior ultrapassa qualquer classe de seres humanos no nosso Sistema Solar. Associam-se ao conhecimento da Segunda Esfera! Não recebem quaisquer impressões senão as que fluem de realidades internas. São física, mental e moralmente perfeitos.

Habitam edifícios de uma estrutura engenhosa e peculiar, que são também belos e funcionais. São muito grandes e extensos, cobrindo vastas áreas de terra, como uma cidade imensa entre nós. Contudo, existem poucos destes grandes e unidos edifícios à superfície do planeta, situando-se estes próximos do equador, onde a luz e o calor—que correspondem à verdade interior e ao amor—são mais plenamente desfrutados.

Eles formam associações segundo o desejo interno. Eles não são governados pelas inclinações do homem natural, e por isso tomam para si companheiros segundo aprovação interior mútua, e assim estão unidos nos laços de felicidade e paz espirituais. Não existe repulsa alguma entre companheiros associados, porque o amor e a pureza habitam entre eles universalmente.

As suas mentes são suficientemente expansivas para compreender, num só olhar, toda a superfície do seu país. Daí serem conscientes dos movimentos de toda a nação. Todos estão unidos como uma só irmandade, harmonizando-se em todos os seus interesses, embora existam em localizações diferentes no planeta. Existe uma ligação ininterrupta entre nação e nação; e aquilo que constitui o interesse de uma, constitui o interesse indivisível e a paz de toda a raça. Isto é percepcionado por raciocínio interno; e este estado de coisas é sustentado pela aprovação dos seus princípios interiores. Tais são os habitantes de Saturno; e assim se manifestam a pureza e a bondade como resultado do seu conhecimento aperfeiçoado e das suas altamente desenvolvidas faculdades mentais.

É apenas por meio das cinco generalizações feitas sobre os animais de Saturno, que estes puderam ser compreendidos; porque existem espécies inumeráveis de animais neste planeta. Os animais inferiores ao homem são por natureza roedores, com exceção do primeiro, que é ruminante nos seus hábitos. Milhões de seres intermédios existem, e existiram, entre estas classes gerais. Mas, ao organizá-los na ordem de ascensão progressiva desde o mais baixo até ao mais elevado, cada um assumindo uma forma segundo a sua aproximação ao homem, a mente obtém uma conceção geral das produções animais deste planeta.

§ 22. O planeta seguinte evoluído a partir do Sol foi o quinto no Sistema Solar, e chama-se Júpiter. O Sol, neste momento, incluindo a sua emanação atmosférica, estendia-se até à órbita observada por Júpiter na sua revolução. Em virtude das energias inerentes e ativas ainda existentes na composição ígnea do Sol — e dos poderosos movimentos que ele e cada partícula que o compunha possuíam — o quinto planeta foi chamado à existência segundo leis originalmente e eternamente estabelecidas.

Leis e movimentos, conforme anteriormente explicado, serão vistos de forma geral por observadores e investigadores que procuram pelas causas ou princípios vivos que governam toda a matéria. Portanto, compreendendo os movimentos que produziram formações anteriores, nada precisa aqui ser acrescentado em referência à mesma lei, como produtora deste planeta. Por uma associação constante e aglomeração de átomos e partículas repelidas da grande Massa, e procurando associação entre as combinações que haviam sido assim formadas, a acumulação tornou-se, por fim, qualificada para assumir movimentos específicos e uma forma

esférica, cuja magnitude, incluindo as suas emanações atmosféricas, se estendia até à órbita do seu satélite mais distante.

Tal era a condição original de Júpiter. Segundo as leis da evaporação, gravitação e consolidação, o planeta assumiu gradualmente a forma e o volume que agora possui. Partículas perpetuamente emanando deste tornaram-se associadas noutras combinações menores, e a condensação destas produziu os seus satélites; cada um dos quais sustentava uma posição correspondente à sua relação com o planeta e com os outros satélites, e segundo a sua magnitude e densidade.

Os materiais que compõem Júpiter e os seus satélites eram mais densos do que as produções planetárias anteriores. Os materiais que compunham o Sol haviam-se tornado condensados segundo o número de planetas que haviam sido evoluídos da sua composição original. Portanto, os materiais deste planeta eram mais densos do que os anteriores, em correspondência com a densidade aumentada dos materiais do Sol. O todo era uma aglomeração de átomos ígneos: mas, seguindo as leis originalmente instituídas, tornou-se gradualmente consolidado. Ainda assim, passaram-se idades inumeráveis antes que se atingisse a condição atual.

A densidade presente deste planeta é de uma e um quarto em relação à da água, mostrando um aumento de densidade em relação aos outros planetas. A sua distância do Sol é, neste momento, de quatrocentos e noventa milhões de milhas. O seu diâmetro é de oitenta e nove mil milhas. Ele revolve sobre o seu eixo uma vez em cerca de dez horas, e em torno do grande Sol, em cerca de doze anos. Move-se, portanto, com grande velocidade. Quanto mais próximos os planetas estão do grande Centro do qual emanaram, maior é a velocidade do seu movimento nas suas órbitas.

A inclinação da sua órbita ao plano da eclíptica é muito impercetível. Em consequência da sua inimaginável velocidade de movimento rotativo, é algo achatado nos seus polos e cheio no seu equador. Devido à inclinação muito ligeira do seu eixo em relação ao plano da sua órbita, o sol atinge-o verticalmente incessantemente no seu equador, onde há pouca variedade nas estações ou mudanças na duração dos seus dias e noites.

Este planeta, tendo quatro satélites — que são três a menos do que o número dos de Saturno — possui, como consequência, maior volume e magnitude. É catorze mil vezes maior em volume do que a Terra, e contém quase trezentas vezes a quantidade de matéria.

Este planeta também, sendo o maior do nosso sistema solar, pareceria, a uma visão superficial, refutar a doutrina da uniformidade e progressão. As causas que foram postas em ação sobre a acumulação de partículas que compõem este planeta eram muito diferentes daquelas que atuaram sobre Saturno. Havia uma tendência das

partículas associadas a aderirem mais fortemente neste planeta do que no anterior, porque possuíam maior densidade e afinidades mútuas mais fortes. Se assim não fosse, partículas ter-se-iam emanado da massa para produzir outro satélite. Mas esta causa, juntamente com as forças conjuntas que existiam no Sol e nos outros planetas, impediu o desenvolvimento posterior das suas partículas.

Estas foram causas incidentais, e atuaram sobre o corpo apenas porque este se encontrava sob circunstâncias diferentes das que acompanharam qualquer outro planeta criado antes ou depois. Em todas as suas condições gerais, manifesta uma uniformidade geral com todos os outros desenvolvimentos planetários: mas, neste e noutro aspeto, contradiz aparentemente a grande lei estabelecida. No entanto, compreendendo que todas essas discrepâncias devem a sua existência a causas estranhas e incidentais (sendo estas meras negações da grande e eterna lei geral), podem ser devidamente consideradas não como refutações, mas como confirmações absolutas dos princípios e forças originais e universais, como emanando do grande Vórtice ou trono do Poder infinito.

A distância média do primeiro satélite em relação ao primário é de duzentas e sessenta e seis mil milhas; e o seu período de revolução é de um dia e dezoito horas. Este corpo é mais denso do que os que se seguem; por isso sustenta uma posição mais próxima do seu primário.

O segundo satélite existe a quatrocentas e vinte mil milhas do seu primário. O seu período de revolução é de três dias e meio: apresentando um aumento de distância, período e raridade das partículas.

O terceiro satélite é suposto ser o maior pertencente a este planeta. Esta suposição é baseada nas observações feitas pelo seu descobridor, cujo instrumento não era tão aperfeiçoado quanto os que hoje se utilizam. É o maior satélite, mas os cálculos relativos à sua magnitude mostrar-se-ão, no futuro, incorretos. A distância média deste satélite em relação ao seu primário é de seiscentas e setenta mil milhas; e o seu período de revolução é de sete dias. E aqui se observa novamente uma ascensão perpétua de partículas acumuladas, em distância, rotação e raridade.

O quarto e último satélite dista mais de um milhão de milhas do seu produtor, e revolve em dezasseis dias e meio.

Demonstra-se, pois, de forma constante, a grande verdade da ascensão uniforme do mais baixo ao mais elevado; sendo o mais elevado o último termo do mais baixo, e cada partícula sustentando uma posição segundo a sua qualidade específica e magnitude — sendo a sua associação mútua denominada gravitação.

Assim foi produzido, e assim existe, o quinto planeta e os seus apêndices, como evoluídos do imenso Sol, que é ainda uma fonte inesgotável de calor e luz para as formas evanescentes que existem à superfície dos seus planetas. E, se as mesmas circunstâncias tivessem existido em relação a este planeta como existiram em relação a Saturno e à sua descendência, o mesmo efeito e forma ter-se-iam manifestado. Mas, sendo essas circunstâncias incidentais, no que toca ao planeta anterior, também o foram aquelas que determinaram as peculiaridades do seguinte. As influências modificadoras que atuaram sobre eles sendo extremamente dissemelhantes (sendo essa dissemelhança sempre característica do que não é geral nem digno de confiança), causaram uma correspondente diferença nos desenvolvimentos desses planetas.

* Ao falar das distâncias, magnitudes, períodos, etc., dos planetas e dos seus satélites, o autor usa apenas números aproximados, sem descer a minúcias numéricas.

Assim, a generalização deste planeta, quanto à sua magnitude, densidade, movimentos e apêndices, conduz a uma confirmação adicional do princípio estabelecido de uniformidade e harmonia em todos os domínios do espaço indefinível. E aquilo que foi dito acerca dos outros planetas, estando em conformidade com verdades bem atestadas e admitidas, dispensa a necessidade de maior discussão para provar o facto inegável da relação deste planeta com aqueles que foram anteriormente desenvolvidos.

Deixando, portanto, considerações intermédias para o trabalho de investigações científicas (considerações essas que não podem ter qualquer influência possível sobre os princípios fundamentais estabelecidos), começo a dar uma descrição geral das formas vegetais e animais que abundam à superfície de Júpiter. Por dissertações abstratas sobre estas, a mente pode ser conduzida a conceber verdades importantes por analogia; e a aplicação dessas verdades será de valor incalculável na promoção da felicidade e da paz dos habitantes da Terra. E que tal aplicação venha a ser feita, não é de modo algum improvável. E, quando estas coisas forem impressas no princípio interno do homem, o homem tornar-se-á geralmente iluminado; e um conhecimento extenso das coisas existentes unirá os seus afetos à Verdade. E, na medida da extensão da inteligência, prevalecerão a benevolência e a felicidade.

§ 23. As produções vegetais de Júpiter são mais extensas do que as de Saturno. Das várias espécies de plantas existentes à sua superfície, não é necessário dar uma descrição detalhada. Mas será feita uma classificação geral dos tipos mais proeminentes, a fim de que se possa conceber a ascensão perpétua aqui preservada em ordem e harmonia.

Existem neste planeta mais de trezentas mil espécies de plantas. Mas as suas conexões entre si são tão íntimas que permitem apenas cinco classificações gerais.

A primeira destas é uma árvore extremamente grande e volumosa, cuja circunferência varia em tamanho segundo as circunstâncias sob as quais é produzida. É formada das composições existentes nos materiais do planeta; e, sendo a produção mais forte do reino vegetal, é consequentemente a mais imperfeita. Possui veios pesados, formados por fibras complexas, que se desenvolvem totalmente nos ramos em membros finos e projetados, sobre os quais existe uma espécie de fruto. Este fruto é de natureza apropriada para entrar na composição da ordem inferior dos animais, mas é extremamente nocivo para as classes superiores.

A segunda espécie de planta difere da anterior em altura, volume e aparência geral. É envolta por uma casca espessa. As produções desta árvore são limitadas. Produz um tipo de sumo, que flui livremente das cavidades existentes na sua parte exterior. Este é útil, pois é muito nutritivo e revigorante para a economia animal.

A terceira classe de plantas assemelha-se ligeiramente ao trigo — e é mais homogénea com a constituição das ordens superiores dos animais.

A quarta classe aproxima-se ainda mais da existência animal. Sendo mais perfeita na composição do que as anteriores, apresenta uma folhagem variegada, cujos extratos entram essencialmente nas formas dos primeiros animais.

A quinta classe, sendo o termo último das quatro outras descritas, é necessariamente mais elevada na sua composição. Esta espécie é um tipo de zoófito — que pode ser considerado como mediador entre as existências vegetal e animal. Pois, embora sustente uma ligação próxima com o antigo reino, lança tentáculos de sensação para o segundo; e assim participa tanto da vida vegetal como da vida animal.

Os desenvolvimentos animais de Júpiter são um grau menos perfeitos do que os de Saturno. Existem aqui muitas espécies de animais, embora estas não estejam tão amplamente disseminadas quanto as do reino vegetal. Estas admitem apenas quatro classificações gerais.

A primeira destas é por natureza tanto roedora como ruminante. Em tamanho e estatura corresponde ao animal primeiramente descrito como existente em Saturno; mas em disposição e hábitos, é grandemente dissimilar. À superfície deste planeta há muitas convoluções, pois apresenta mais rugosidade do que o anterior. E isto é mais evidente junto ao equador do que nos polos. A substância ígnea existente originalmente no interior do planeta foi incidentalmente afetada por elementos expansivos, cujo resultado foram algumas ocorrências vulcânicas e catastróficas. E

estas desenvolveram montanhas — junto das quais se pode encontrar a espécie de animais acima mencionada.

A seguinte, na ordem, é por natureza quase digitígrada. Esta sustenta uma posição na ordem do desenvolvimento ligeiramente acima da classe anterior. A sua forma corresponde quase à da foca. Possui membros em localização diferente, e move-se com grande rapidez tanto em terra como na água, sendo também anfíbia. A sua disposição é reservada, recatada e aparentemente submissa. É extremamente tirânica com outros animais que estejam ao seu alcance.

O animal seguinte é de uma ordem ainda mais elevada e mais perfeita. O seu tamanho corresponde ao do homem natural, e é composto de materiais mais ativos do que os anteriores. A sua força é quase inacreditável; mas, sendo caracterizado por uma disposição engenhosa e recatada, é muito ativo e vigoroso apenas quando a ocasião o exige. Este animal aproxima-se do Homem — sendo aquele que constitui o elo de ligação entre a organização animal e a humana. A sua disposição é, em termos gerais, combativa, reservada e engenhosa; e essas qualidades, sendo acompanhadas por grande força de vontade e firmeza, conferem-lhe, portanto, uma força e energia maravilhosas.

Possui perceções rápidas e intuitivas, e uma memória retentiva; e os seus afetos são tão puros quanto a forma indicaria. Sendo assim mentalmente organizado, associa-se com todas as coisas que são agradáveis à sua inclinação, sendo essa inclinação sempre qualificada pelo seu sentido de refinamento. E, na medida em que a sua mente é resultado da sua organização, é governado pelos seus instintos naturais; e destes resultam os seus hábitos. Raciocina a partir do que é visto; e esse raciocínio não é propriamente tal, mas antes uma inclinação produzida por substâncias externas que atuam sobre a sensação do corpo. Por conseguinte, este animal existe um grau abaixo do homem na Terra.

§ 24. Sobre os habitantes humanos de Júpiter, há muito que se poderia dizer de grande interesse, pois a sua proximidade às nossas conceções de um ser perfeito é bastante superior à dos habitantes de Saturno. As suas formas são cheias, harmoniosas e sustentadas por forças internas e físicas. Em tamanho, simetria e beleza, superam os habitantes da Terra. A sua estrutura mental acompanha os seus desenvolvimentos físicos, sendo a suavidade e uniformidade características visíveis no seu corpo.

Não caminham totalmente eretos, mas mantêm uma posição inclinada, utilizando frequentemente as mãos e os braços para se moverem. Os seus membros inferiores são relativamente mais curtos do que os superiores, segundo o nosso padrão. Por modéstia e por um desejo de serem vistos apenas nessa postura inclinada, adotaram esse hábito, que se tornou costume entre eles.

Caracterizam-se por uma natureza intelectual e mecânica, acompanhada de fortes afetos e um profundo amor interior uns pelos outros. São moralmente desenvolvidos, submissos, mas ao mesmo tempo firmes e decididos nas suas intenções e nas relações com os demais. A sua inteligência é muito superior à dos habitantes da Terra e vivem num estado intermédio entre a Primeira e a Segunda Esferas, em termos de conhecimento e refinamento.

O rosto deles expressa as qualidades do seu interior. Têm um lábio superior proeminente, composto por uma complexa rede de fibras, cuja movimentação dá grande expressão aos seus pensamentos e sentimentos. Essa expressão é, aliás, o seu principal modo de comunicação, o que significa que não podem pensar uma coisa e dizer outra — o seu rosto trairia os seus sentimentos interiores.

Existe entre eles uma grande gentileza e amabilidade, e como a forma exterior reflete o interior, todas as suas interações são manifestações do seu afeto interno. Sendo sensíveis ao amor universal, expressam-no constantemente através da radiação serena dos seus rostos expressivos.

Raciocinam de forma indutiva, ligando-se ao interior das coisas como única realidade verdadeira do universo. Associam-se entre si conforme a afinidade das suas esferas interiores, o que regula todas as suas relações, tanto conjugais como nacionais. Ligam-se uns aos outros por influxos espirituais de desejo interior, formando uniões perfeitas, fundadas na pureza das suas naturezas interiores.

Conhecendo verdades eternas e imutáveis, submetem-se naturalmente a elas. Cuidam com extremo zelo da geração e saúde dos seus filhos. A saúde, estando profundamente enraizada desde a juventude, fortalece-se com o crescimento, e alcançam um conhecimento pleno desses princípios. Por isso, não conhecem a doença, e sendo livres dessa imperfeição, têm capacidade para se reproduzir com rapidez.

As suas constituições, compostas por partículas leves e voláteis, tornam a sua existência corporal breve. Eles não morrem; antes, entram num estado de repouso, numa transição natural para esferas mais agradáveis, pela expansão dos seus interiores. Encaram esta passagem como uma simples metamorfose, e acolhem-na com alegria. Assim, aceitam a natureza efémera do corpo com serenidade.

As mudanças físicas que enfrentam são vistas como consequências naturais das causas existentes. São poucas, mas quanto mais finas e delicadas forem as partículas do corpo, mais breve será a vida. O que é mais grosseiro e imperfeito permanece mais tempo, por ser menos sensível à ação exterior. Como os habitantes de Júpiter são feitos de elementos mais finos que os da Terra, permanecem pouco tempo na

forma física, devido à sua constituição ativa e mutável. Em média, a sua existência corpórea dura trinta anos.

Dotados de intelecto expansivo, compreendem as leis e relações do ser com um só pensamento concentrado. Quando meditam, essa atividade reflete-se no rosto com uma expressão de doçura que, se fosse vista por um humano terrestre, provocaria lágrimas e uma emoção profunda e inexplicável. O seu modo de comunicar é absolutamente expressivo — dá voz às impressões do seu interior — e irradia tamanha luz e afeto, que desperta resposta direta nos afetos interiores de todos à sua volta. É-lhes impossível fingir, enganar ou abrigar pensamentos impuros ou egoístas. São, portanto, totalmente abertos à receção de luz e verdade, o que corresponde ao fogo da purificação espiritual.

Vivem em habitações bem construídas, que se assemelham mais a tendas do que a casas terrestres. São revestidas por uma casca azulada retirada de uma árvore da segunda classe e tornam-se impermeáveis ao frio, à água e à luz. Embora recebam apenas um vigésimo quinto da luz solar que chega à Terra, essa luz incide verticalmente sobre o equador — onde se concentram as suas moradas — o que lhes permite usufruir de toda a luz possível proveniente do centro do Sistema Solar.

Estão organizados em famílias, associações e nações. As famílias formam-se por afinidade interior e por desejo mútuo de convivência. As famílias crescem em associações, e estas em nações — constituindo uma perfeita e harmoniosa irmandade espiritual.

A causa deste estado de harmonia é a inteligência que entre eles reina. Esta, ultrapassando infinitamente a sabedoria dos habitantes da Terra, permite-lhes compreender os usos e propósitos de todas as coisas. Sabem aplicar corretamente esses usos, o que conduz à sua gloriosa purificação. E como vivem rodeados de vegetais, aves e animais, sabem também aplicá-los adequadamente para promover a sua felicidade e paz.

Raciocinam com perfeição por indução e correspondência, e quaisquer que sejam os seus afetos ou deleites, estes estão sempre centrados numa compreensão profunda do seu estado mental coletivo. Os afetos que brotam do seu interior manifestam-se exteriormente de forma tão encantadora — sendo a própria expressão um símbolo de amor e pureza — que se estabelece entre eles um entendimento mútuo e indizível das suas afeições interiores.

Assim é aperfeiçoado o homem físico e mental — ou natural e espiritual. E ao conceberem a indestrutível relação que existe entre pureza e verdade, as mentes dos habitantes da Terra serão levadas a reconhecer os seus próprios princípios e a rejeitar com total repulsa tudo o que se opõe à justiça. Isso fará surgir esforços no sentido de

criar um estado de coisas melhor, conduzindo ao desdobramento de verdades e princípios interiores que, neste momento, são considerados imaginários e quiméricos. E ao conceberem devidamente a paz e a pureza celestiais que fluem espontaneamente das verdades interiores, as mentes dos homens libertar-se-ão das cadeias externas da corrupção, entrando na luz e liberdade inexprimíveis do amor e da paz celestiais!

Sobre os habitantes espirituais de Júpiter falarei mais adiante, quando esse conhecimento me for transmitido por influxo espiritual da Sexta Esfera. Por agora, deixo este planeta — pleno de tudo quanto atrai os afetos e sentimentos do homem — como objeto dos seus mais profundos anseios ao aspirar a estados superiores de pureza e paz. O desejo humano pela magnificência celeste é a respiração espontânea do seu princípio interior. E as suas aspirações e expectativas não podem ser demasiado elevadas, pois, com base nas evidências agora apresentadas, pode ter a certeza de que as suas expectativas são como um simples pensamento em comparação com a futura expansão dos seus interiores, e com a luz, a paz e a glória celestiais que aguardam não só a composição espiritual da humanidade, mas cada partícula existente no espaço infinito!

§ 25. Ao aproximarmo-nos mais do Sol, o plano da uniformidade parece confundir-se, com a presença de quatro corpos esferoidais. Estes têm sido motivo de muitas especulações e hipóteses quanto à sua origem e possível destino. Como foram descobertos apenas neste último século, ainda não existe uma opinião estabelecida e uniforme sobre eles. Localizam-se entre Júpiter e Marte e apresentam órbitas e movimentos de revolução muito semelhantes.

Quanto aos seus diâmetros e constituição específica, há pouco a dizer. No entanto, uma descrição geral da sua origem e formação poderá satisfazer as mentes curiosas e levar à devida compreensão das suas relações mútuas e com os planetas entre os quais se encontram.

Ceres, Palas, Juno e Vesta são os nomes atribuídos a esses corpos. O facto de as suas órbitas serem extremamente elípticas e frequentemente se cruzarem entre si levou à hipótese de que se tenham formado a partir de um cometa que apareceu no ano de 1770, e cujo desaparecimento foi tão misterioso que nenhuma outra explicação parecia possível para tal fenómeno. Esta ideia ganhou força com a descoberta de que dois desses corpos possuem uma atmosfera luminosa, densa e mutável, que alguns continuam a considerar como o rasto remanescente do corpo cometário original.

Contudo, quase não é necessário afirmar que essa conclusão está incorreta. Um conhecimento profundo das leis da matéria e do movimento, bem como das relações que existem entre todas as partículas do universo, destruiria de imediato tal hipótese.

Os cometas existem como um produto final de um sistema solar, e observam as suas órbitas com tanta precisão quanto os planetas. Ocupam uma posição conforme à sua massa e densidade, e percorrem os seus caminhos de forma ordenada, sem perturbar qualquer outro corpo do universo.

Sabe-se ainda que os cometas levam entre quarenta meses e quinhentos anos a completar as suas órbitas em torno do Sol. Aceleram à medida que se aproximam do astro, mas os cálculos atuais sobre a sua velocidade não são totalmente fiáveis, pois baseiam-se num ângulo formado pelas posições aparentes dos corpos em relação ao Sol. Partindo do pressuposto de que tais aparências variam pouco ao longo do tempo, e sem considerar devidamente as refrações da luz, comete-se um erro que torna tais cálculos duvidosos — tal como também acontece com as estimativas da velocidade da luz. No entanto, ao compreender que os cometas viajam com uma velocidade proporcional à sua densidade e magnitude, e ao observar o aspeto de um desses corpos, podem fazer-se cálculos sobre o seu reaparecimento. Afinal, não se conhece nenhum caso em que tenham alterado as suas órbitas ou apresentado maior excentricidade nos seus movimentos do que os próprios planetas — admitindo que estes últimos fossem sujeitos às mesmas influências.

Assim, os cometas são compostos por partículas não estratificadas, sendo o termo final de um sistema solar. E são governados pelas mesmas leis imutáveis de gravitação — ou de associação — que regulam cada átomo existente no espaço.

Ao contemplar os asteroides e questionar a sua origem, deve ter-se bem presente o plano original instituído para todos os desenvolvimentos planetários. Considerando a magnitude de Júpiter e de Marte, e os volumes combinados desses asteroides, percebe-se logo a relação que existe entre esses planetas e os pequenos corpos situados entre eles. A soma dos diâmetros desses corpos menores ajusta-se à lei do desenvolvimento sucessivo.

Os seus diâmetros específicos ainda não foram determinados, as suas rotações quase não foram medidas, mas os seus períodos de revolução já foram calculados com razoável precisão. Supõe-se que os seus diâmetros variem entre oitenta e dois mil milhas. O primeiro desses corpos encontra-se a duzentos e vinte e cinco milhões de milhas do Sol, e o último a duzentos e sessenta e seis milhões, estando os restantes a distâncias intermédias. O primeiro completa a sua órbita em cerca de três anos e oito meses, o segundo em quatro anos e quatro meses, e os dois últimos em cerca de quatro anos e sete meses. As estimativas astronómicas dos seus períodos de revolução têm sido bastante acertadas, mas os cálculos sobre as suas magnitudes revelar-se-ão muito diferentes daqueles atualmente em vigor, quando estes forem finalmente revelados ao mundo.

A sua densidade é superior à de Júpiter, sendo mais do dobro da da água. Por isso, são constituídos por materiais mais pesados do que os dos planetas formados anteriormente. São também extremamente elípticos, o que resulta da sua densidade e da relação entre si.

Quanto à sua origem: a emanação atmosférica do Sol estendia-se para além da órbita ocupada por Marte, terminando na órbita atualmente ocupada por Palas. De acordo com os princípios já estabelecidos, a associação de partículas produziu uma massa ígnea aglomerada. A densidade desta composição, sendo maior do que a de qualquer outro corpo, impediu que ascendesse a uma posição superior. Essa acumulação de átomos, se tivesse sido devidamente condensada como os restantes planetas, teria tido uma magnitude inferior à de Júpiter, mas superior à de Marte — correspondendo à soma dos volumes dos corpos que hoje existem naquela região do sistema solar.

Como não existia uma associação perfeita entre os materiais interiores, grandes convulsões ocorriam constantemente por toda a sua composição. O calor interno era excessivo e a evaporação não conseguia dar alívio suficiente aos elementos em expansão. Os elementos não conseguiam associar-se quimicamente, nem se estabelecia unidade nas camadas exteriores parcialmente estratificadas. Internamente desunida, e sem que a massa total estivesse ainda totalmente sob a influência das forças de atração e repulsão — ou das emanações provenientes do Sol — toda essa estrutura, por uma incompreensível expansão dos seus elementos internos, acabou por ser lançada em fragmentos!

A associação das partículas, sendo um resultado espontâneo dessa desorganização, deu origem ao que hoje são os quatro asteroides. E como quase de imediato ficaram sob a influência direta de Júpiter e Marte — que então já haviam praticamente assumido as suas formas atuais — acabaram por adotar um movimento uniforme, semelhante ao que existia no corpo primário onde anteriormente residiam. Um sendo mais denso que o outro, e o conjunto mais denso do que Júpiter, impediu-os de se aproximarem mais do que aquilo que hoje observamos. Causas externas também modificaram, em parte, os seus movimentos e revoluções. Assim, a órbita de Palas é a que mais se inclina relativamente à eclíptica — este sendo o corpo que ocupa a posição mais elevada e cujos polos estão mais achatados e o equador mais dilatado.

Eis, pois, a origem destes asteroides. Juntos, formam um único planeta — o que será eventualmente confirmado por investigações astronómicas, abertas à verificação da veracidade desta revelação.

Como estes corpos ainda não desenvolveram nada para além do reino vegetal (embora se aproxime uma era que trará à existência uma classe de zoófitos), uma análise das suas superfícies seria desnecessária e sem aplicação prática. Tendo estes

factos sido agora expostos, passo a falar do planeta a eles aparentado, desenvolvido logo após a sua inconcebível desorganização.

A única reflexão útil sobre estes asteroides, para aplicação aos habitantes da Terra, é que representam o resultado natural de elementos internos em discórdia e oposição. Por estarem desunidos, tornaram-se confusos, e são hoje considerados os menores entre os planetas do nosso Sistema Solar. O mesmo se aplica aos materiais desunidos que existem entre os habitantes da Terra: na medida em que a ordem e a harmonia são resultados naturais de princípios perfeitamente associados, também a desordem e a confusão são os resultados naturais da mistura de elementos opostos e antagónicos. Tal como estes pequenos corpos simbolizam o estado atual do mundo, também o mundo, quando unido, será simbólico daquilo que estes asteroides virão a ser — um planeta perfeito.

§ 26. O planeta Marte sucede a esta última formação, em conformidade com os princípios anteriormente explicados, e também requer uma descrição geral. Demonstrando uma diminuição de magnitude em relação aos planetas anteriores, confirma claramente a uniformidade na ordem do desenvolvimento sucessivo. Não é necessário entrar em pormenores sobre os movimentos e ações dos elementos interiores no momento em que este planeta assumiu a sua forma atual, pois estes não diferem essencialmente dos processos já descritos em outras formações.

Com base nos cálculos realizados por homens de saber e discernimento, falo, como anteriormente, de forma geral sobre a sua posição e grau relativamente aos planetas que o antecederam. A sua densidade é cerca de três vezes a da água. A distância média ao Sol é ligeiramente superior a cento e quarenta e quatro milhões de milhas. Considerando a aparência diversificada nos polos, o seu diâmetro é de cerca de quatro mil duzentas e vinte milhas. Apresenta uma diminuição de tamanho em relação a outros planetas e um aumento de densidade, em conformidade com a sua posição relativa no Sistema Solar. Roda sobre o seu eixo em pouco mais de vinte e quatro horas e meia, e o seu período de revolução à volta do Sol é de seiscentos e oitenta e seis dias — quase dois anos.

Este planeta, estando para além da órbita da Terra, possui naturalmente uma qualidade e constituição superiores. A sua atmosfera extremamente densa proporciona-lhe uma aparência iluminada de tonalidade avermelhada. Isto deve-se ao facto de os materiais que compõem as partes estratificadas do planeta serem altamente atrativos para as partículas de luz provenientes do Sol. Esta atmosfera estende-se, desde a superfície de Marte, cerca de vinte e cinco milhas acima da atmosfera terrestre, o que dificulta o sucesso de observações diretas da sua superfície. Contudo, nos polos registam-se alterações peculiares e irradiações de luz, o que indica diversidade de estações e variações nas zonas frias.

A superfície de Marte apresenta grandes irregularidades e sinais de ocorrências catastróficas. Existem regiões com elevações extremas e formações rochosas que emergem do seu interior, embora nenhuma ultrapasse as formações montanhosas da Terra. Estas elevações não se encontram próximas do equador, mas nas regiões polares.

A superfície é rica em vegetação, mais numerosa do que a de Júpiter, embora menos perfeita — ainda assim, superior à da Terra. As formações animais não são tão extensas, mas seguem um progresso ascendente desde as formas inferiores até ao homem, através de modificações sucessivas que refletem, em geral, os seus princípios interiores. O homem, ali, encontra-se num estado muito mais elevado — tanto física como mentalmente — do que o habitante da Terra, embora não atinja o grau de exaltação e refinamento que caracteriza os habitantes dos planetas superiores.

Mencionarei as espécies vegetais mais utilizadas, sem entrar numa classificação detalhada das espécies vegetais ou animais. Existe entre eles uma árvore de grande utilidade. Germina e desenvolve-se gradualmente numa forma robusta e espiralada. Os seus ramos são longos e estendem-se amplamente em torno do tronco. As folhas são largas, com coloração azulada e avermelhada, sendo o verde a tonalidade dominante. As suas flores são muito belas, e o seu fruto é considerado o mais útil do planeta. A sua forma é arredondada, assemelhando-se ligeiramente a um coco, e é usado pelos habitantes como uma espécie de pão, tendo um efeito altamente revigorante no organismo. A casca da árvore é amplamente utilizada para diversos fins, juntamente com um tipo de resina que provém de outra árvore. Ambos são usados na construção das suas habitações e na confeção de vestuário.

Existe, também, outra planta de baixa estatura que produz fibras muito finas e bonitas, que são tecidas com grande delicadeza e usadas geralmente como principal vestuário entre os habitantes.

Os habitantes estão organizados em famílias associadas, sendo este o modo de vida geral e habitual entre eles. Existem três grandes famílias, ou nações, neste planeta. No entanto, todas são governadas por princípios comuns, fruto de um conhecimento superior e de um forte sentido de justiça.

Há uma proeminência peculiar no topo da cabeça que indica um alto grau de veneração. O cérebro e o cerebelo são semelhantes em forma e tamanho, sendo que este último se estende para cima na junção dos dois hemisférios cerebrais, o que os torna extremamente sensíveis ao afeto verdadeiro e interior. A sua forma aproxima-se muito da do homem terrestre, com exceção de uma simetria mais perfeita. Apresentam uma dignidade peculiar e um certo ar de exaltação em todos os seus movimentos, o que reflete e configura uma realidade interior. Não são de grande

estatura e, tendo um rosto diferente do dos homens da Terra, esse aspeto merece atenção especial.

Verifica-se que a parte superior do rosto tem um tom vivo, amarelado, do qual parecem emanar radiações vindas da testa, dos olhos e do rubor das faces. A parte inferior do rosto tem uma coloração diferente, sendo algo mais escura, com uma mistura das radiações internas da sua constituição física. Não possuem barba, embora haja uma espécie de representação da mesma. Esta substância mais escura envolve a parte inferior do rosto, o pescoço e as orelhas (com a parte posterior do pescoço particularmente saliente), estendendo-se até à parte de trás onde se une ao cabelo, que cobre a zona da nuca — enquanto o topo da cabeça permanece completamente livre dessas características.

Quanto às suas leis e formas de governo, bem como ao seu amor superior e ao afeto pelo pensamento — traços que definem os seus princípios espirituais — falarei mais adiante, quando aplicar estes conceitos aos habitantes da Terra.

Quanto ao seu aspeto físico, a sua beleza é para eles inimitável, embora para nós pudesse parecer extremamente desagradável ou indigna. Contudo, a ideia de beleza é, tanto neles como em nós, o resultado de hábitos mentais adquiridos e não de um conhecimento absoluto daquilo que é intrinsecamente belo e perfeito. Assim, o único padrão de beleza que pode ser estabelecido, seja na Terra ou em qualquer outro lugar do universo, é aquele que corresponde à aprovação geral da sociedade em que existe.

A sua postura é modesta e perfeita, e entre as mulheres há uma grande delicadeza e beleza de forma. Não diferem muito em estatura dos homens, mas sendo extremamente esguias, revelam uma simetria perfeita. A forma como se aproximam e se dirigem uns aos outros é marcada por afabilidade e cortesia.

Existem, neste planeta, seres com diferentes tonalidades de pele e constituições, tal como acontece nos reinos vegetal e animal. Variam significativamente em aparência e composição, dependendo da zona do planeta onde nasceram. Verifico que algumas populações são de tez mais escura do que outras, embora não pareçam ser em grande número.

§ 27. As suas habitações e plantações situam-se junto ao equador. Há um grande número de povoações neste planeta, mas todos os seus habitantes parecem estar unidos numa perfeita concordância e convivência harmoniosa.

Apesar disso, afastaram-se ligeiramente da lei natural que rege a sua existência, e por isso há entre eles alguma imperfeição. No entanto, não existe entre eles qualquer doença, seja moral ou física. Não são governados por leis arbitrárias ou

convencionais, estando por isso livres de todas as desigualdades e imperfeições que essas leis, naturalmente, tendem a gerar. Possuindo, em contrapartida, um elevado princípio moral, obedecem àquilo que esse princípio dita — e essa obediência torna-se ainda mais certa pelo facto de todos os seus interesses estarem unidos e todas as suas afeições e desejos estarem centrados na prática do bem e da justiça. Por conseguinte, a base de todas as suas boas ações reside no princípio de interesse reconhecido, tendente a produzir bons resultados.

As suas mentes estão constantemente abertas à receção de tudo o que é bom. Luz, vida e pureza são, para eles, as mais altas virtudes. Estas estão intimamente ligadas ao seu interior, tornando-os, por isso mesmo, bons em essência.

As ideias que temos sobre o bem resultam, na verdade, da comparação com o mal aparente. As nossas conceções de luz, vida e pureza estão baseadas no conhecimento que temos dos seus opostos aparentes. Pois, se essas imperfeições não fossem visíveis, como poderíamos formar uma ideia adequada daquilo que é bom, puro e espiritual? Os habitantes de Marte, tanto na sua constituição física como mental, são tantos graus mais perfeitos do que nós, como nós somos mais desenvolvidos do que os habitantes de Vénus ou Mercúrio. Assim, para os habitantes desses planetas, a nossa condição — e as peculiares e relativamente elevadas combinações que existem na Terra — pareceriam perfeição. E, para nós, o estado exaltado dos habitantes de planetas mais desenvolvidos pareceria também perfeição. Portanto, as nossas conceções de pureza e refinamento aumentam em proporção ao conhecimento que temos do que é impuro e grosseiro.

Um estado elevado de inteligência produz, naturalmente, conceções igualmente elevadas de perfeição. Tal como os habitantes de Mercúrio possuem conceções de perfeição muito inferiores às nossas, assim também as conceções — grandiosas e sublimes — dos habitantes de Saturno estão muito além das nossas, ao ponto de nos serem inconcebíveis. Aquilo que eles concebem como belo, puro e celestial está muito além do que nós poderíamos imaginar como pertencente às esferas celestes. E estas próprias esferas celestes, com a sua perfeição de formas, são tão magnificamente incompreensíveis que qualquer descrição sobre elas parecer-nos-ia imaginativa ou fantasiosa. Da mesma forma, as conceções dos habitantes de Saturno ficam tão aquém da real pureza celestial das esferas superiores, como as nossas ficam aquém das deles.

Ao falar, portanto, dos habitantes de Marte, digo que são perfeitos comparativamente — pois a palavra "perfeito" só pode ser usada num sentido relativo. Mesmo o significado mais forte que lhe possamos atribuir nunca será suficiente para descrever adequadamente aquilo que é revelado.

Agora, falarei sobre a pureza, bondade, gentileza e ternura que caracterizam os princípios interiores dos habitantes de Marte, bem como do seu afeto pelo pensamento.

O conhecimento que os habitantes de Marte possuem acerca das verdades interiores baseia-se na ciência das correspondências. Observam todas as manifestações eternas e deduzem verdades e princípios por analogia. Assim, a luz que recebem do Sol e o conhecimento que têm das estrelas fixas fornecem-lhes correspondências de verdades imutáveis, e a luz do amor e da paz celestiais. O crescimento das plantas, dos animais e do homem corresponde, de forma geral, à lei imutável da progressão. O primeiro tipifica o segundo; o segundo tipifica o terceiro, e assim sucessivamente. Cada forma é símbolo de essências e qualidades inerentes que constituem a composição material. Por isso, a partir da forma do seu planeta e dos materiais nele contidos, inferem um Princípio Vivo de Movimento. Da forma vegetal, inferem Movimento e Vida.

A partir dos seres monádicos e das existências animais, desde a ordem mais baixa até à mais elevada, inferem Sensação como resultado último daquilo que existia antes da sua formação. Da organização do homem, concebem Movimento, Vida, Sensação e Inteligência. E, a partir destas, procuram compreender o seu princípio espiritual — embora esse princípio, sendo a base de todo o pensamento, seja incapaz de se compreender a si mesmo. Tal como entre nós, o espírito para eles permanece obscuro e ainda indefinido, pois nenhum princípio contém em si o poder de investigação própria.

Cada forma do reino vegetal, desde o grau mais inferior até ao mais elevado, representa um refinamento e uma progressão rumo ao reino animal. E as formas da criação animal, do mais baixo ao mais elevado, correspondem à perfeição das suas essências interiores, representando o homem. Assim, para eles, as correspondências são a base do conhecimento superior.

Esse conhecimento, por ser puro e verdadeiro, gera afeição; e os pensamentos que fluem constantemente do seu conhecimento interior da verdade e da realidade unem-se a essa afeição. Desta forma, a mente corresponde ao conhecimento, e o conhecimento corresponde ao pensamento e à afeição como sua manifestação final. Existe, portanto, entre eles, uma afeição por pensamentos. E as conceções que surgem nas suas mentes são sempre inevitavelmente verdadeiras. Da sua elevada veneração nasce uma afeição pelas verdades, considerada entre eles como um afeto celestial. Esta é, pois, a sua condição interior.

E quão puras e elevadas são as suas aspirações! As mais elevadas conceções que possuímos não ultrapassam a paz espiritual e a pureza que existem entre eles. Quando falamos das terras do universo, e da pureza celeste, do refinamento

espiritual, da sublimidade e magnificência que lhes estão associadas, as nossas conceções revelam-se fracas e superficiais. Nenhuma das nossas ideias mais elevadas pode sequer aproximar-se da beleza, pureza e refinamento inefáveis que existem entre os habitantes deste planeta. A sua afeição por pensamentos é tão pura e elevada que o homem terrestre associaria a sua verdadeira conceção às esferas celestes.

[Nota: Para compreender corretamente esta linguagem, é necessário que o leitor entenda a distinção feita pelo autor entre mente, conhecimento e pensamento. A mente é a essência, o conhecimento é a sua condição, e o pensamento é a sua ação. Quando se diz que a mente corresponde ao conhecimento e o conhecimento ao pensamento, entende-se que a mente implica conhecimento, e o conhecimento implica pensamento, como sequências naturais uns dos outros.]

Os sentimentos que surgem nas suas mentes são de imediato expressos nos seus rostos; e usam a boca e a língua apenas para funções específicas, e não como instrumentos de conversação. A irradiação luminosa que ilumina os seus rostos durante a comunicação é, para nós, inconcebível. Os seus olhos, de um azul suave, são muito expressivos e constituem o seu meio mais poderoso de comunicação. Quando um deseja expressar um pensamento, fixa o seu olhar radiante nos olhos de outro, e os seus sentimentos tornam-se imediatamente compreendidos. Assim, os seus rostos e os seus olhos, juntamente com a sua amável delicadeza, refletem a pureza e a beleza dos seus interiores. Nas suas relações sociais demonstram o mais profundo apego e o mais forte afeto mútuo. A paz, a verdade e o amor abundam entre eles de forma universal; e assim a luz, a vida e o conhecimento servem-lhes de índice e reflexo de esferas mais elevadas e perfeitas.

Tal é a condição dos habitantes do quarto planeta. Quanto às associações espirituais que existem entre eles, mais será revelado adiante. Mas a aplicação prática do que foi dito sobre a sua condição física e mental já pode ser feita, sem necessidade de mais descrições. É necessário que essa condição fique bem impressa nas nossas mentes, para que possamos dela beneficiar.

§ 28. A Terra é o planeta que se segue em ordem e grau em relação a Marte. Mas como é o local onde foram feitas todas as observações relativas ao Sistema Solar — e também o local a partir do qual estas verdades estão a ser reveladas — será deixada de lado por agora, até que se conclua a descrição das restantes partes do Sistema Solar. Quando estiverem terminadas todas as contemplações relativas a estes planetas e às terras do espaço, voltarei para dar uma descrição da criação da Terra, desde as suas origens até ao mais alto grau que os seus materiais produziram.

Ao aproximarmo-nos do Sol, surge Vénus como o planeta seguinte a ser evoluído a partir da grande massa central. Como as leis que originaram os outros planetas já

foram devidamente explicadas, presume-se naturalmente que os mesmos princípios imutáveis deram origem ao planeta Vénus. Assim, não é necessário detalhar os vários estágios por que passou até alcançar a sua forma atual.

Por se encontrar mais próxima do Sol do que os planetas anteriormente descritos, Vénus revela claramente o carácter dos materiais que a compõem, sendo estes mais densos do que os de qualquer outro planeta até aqui abordado. A sua densidade é seis vezes a da água. O seu diâmetro é de quase oito mil milhas. Encontra-se a uma distância de sessenta e oito milhões de milhas do Sol. Roda sobre o seu eixo em vinte e três horas e meia, e completa a sua revolução em duzentos e vinte e quatro dias. O plano da sua órbita não difere muito do da Terra. É o planeta conhecido como estrela da manhã e estrela da tarde. Realiza trânsitos sobre o disco solar, cujas ocorrências têm sido calculadas com exatidão e confiança. Estes fenómenos ocorrem quando o planeta passa pelos seus nós orbitais.

O aspeto físico de Vénus é menos belo do que o de qualquer dos planetas anteriormente descritos. Existem montanhas altíssimas e rochas projetadas que perturbam a suavidade da sua aparência. Algumas dessas formações ultrapassam, em altitude, qualquer montanha existente na Terra — especialmente no hemisfério polar voltado para o nosso planeta. O outro lado, no entanto, apresenta mais suavidade, beleza e fertilidade.

Grande parte deste planeta está coberta por água, e a atmosfera que o envolve é bastante semelhante à que rodeia a Terra, embora composta por partículas menos raras. Recebe uma quantidade de luz do Sol muito superior à de qualquer planeta que dele se afasta.

Existem muitas espécies de plantas à sua superfície. Não é necessário classificá-las, pois isso teria pouca importância ou utilidade prática. As árvores são geralmente baixas, muito robustas e com ramificações extensas. Desde estas até às plantas mais delicadas, observa-se uma progressão constante para formas superiores, conforme os graus ascendentes de refinamento. Ainda assim, existe uma grande variedade de folhagem e muitas plantas úteis e sensíveis a cobrir a sua superfície.

Nota: Os hemisférios polares de cada planeta, cujo eixo não é necessariamente perpendicular ao plano da eclíptica, invertem-se em relação à Terra uma vez durante cada revolução do planeta em torno do Sol. O autor, ao distinguir os lados do planeta como faz no texto e em dois ou três casos seguintes, baseia-se naturalmente na posição particular do planeta no momento em que este texto foi ditado, a 17 de abril de 1846.

Os animais deste planeta não são de tão elevado grau como os dos planetas mais afastados do Sol. No entanto, são muito numerosos, especialmente neste lado do

planeta. Existe uma classe de animais muito fortes e ferozes, que em caráter correspondem ao leão, apesar de terem forma e aparência diferentes. Os animais que habitam o outro lado do planeta são mais dóceis e amigáveis, e são muito úteis como auxiliares dos habitantes daquela região.

Os habitantes desse lado mais distante têm uma forma semelhante à dos seres humanos da Terra, com a diferença de que a sua composição contém materiais mais pesados. Os seus peitos são largos e cheios, os pulmões e o sistema visceral muito ativos e vigorosos — os pulmões, em particular, são adaptados para inalar a atmosfera revigorante que os rodeia. A sua constituição é, em geral, muito saudável. O seu temperamento mental é bastante diferente dos demais habitantes do planeta. Apresentam um sorriso doce e sereno, reflexo de uma pureza interior, e o seu convívio é para nós muito agradável. Os seus afetos conjugais são fortes e genuínos.

Contudo, não têm grandes conceções sobre o universo. Raciocinam sobretudo a partir dos sentidos e do mundo exterior. Procuram conhecimentos e ciência, nas quais são muito esclarecidos. No entanto, possuem apenas uma ténue noção das esferas superiores, com base nas ideias que lhes são proporcionadas pelas suas ciências. Homens e mulheres associam-se geralmente de forma pura, mas ainda existem imperfeições notórias nos seus costumes e nos privilégios nacionais. A sua disposição geral é marcada por um afeto instintivo, resultado direto da lei da sensação; e qualquer sugestão ou inspiração interior que esteja em harmonia com esse instinto é, para eles, conhecimento e refinamento. Deste modo, as suas afeições e conhecimentos unem-se e produzem uma organização mental semelhante à dos habitantes da Terra.

Já os habitantes deste lado do planeta (o lado voltado para a Terra) são extremamente diferentes dos anteriores. São muito altos, corpulentos e energeticamente vigorosos, mas inferiores ao homem terrestre em termos de perfeição. Possuem uma disposição selvagem e feroz, sendo cruéis e desumanos. São desprovidos de qualquer conceção de justiça; não recebem os impulsos e aprovações espontâneas que naturalmente fluem dos princípios espirituais do homem. Ignoram completamente os estados superiores e não conseguem conceber a beleza da bondade e do refinamento. Estão, mentalmente, num estado ainda mais imperfeito do que os humanos mais rudes da Terra; fisicamente, são várias vezes mais fortes. São corpulentos, pesados, gigantescos.

Revelam uma disposição bárbara e selvagem em todas as suas ações. Agrupam-se em bandos e marcham para saquear os recursos de outras nações. Interferem cruelmente com a paz e a tranquilidade dos habitantes de outras regiões. E, ao regressarem dessas expedições degradantes e bárbaras, regozijam-se com satisfação animalesca ao devorar os despojos obtidos injustamente — que, por vezes, incluem

as crias vivas dos povos atacados! Estas, eles torturam e atormentam e, como verdadeiros canibais, devoram-nas com avidez.

Em todas as suas interações uns com os outros, manifestam uma disposição puramente animal. Não procuram a verdade — nem mesmo sobre si próprios — e entram e saem da vida sem conhecerem os verdadeiros usos ou privilégios da existência. Perdem, assim, toda a consolação interior que o homem, por direito natural, poderia desfrutar, em virtude da sua constituição desfavorável. Limitam-se a viver, a cuidar do seu gado e de outros seres forçados a submeter-se ao seu governo tirânico; e não olham mais além nem buscam nenhuma esfera superior àquela que satisfaça os seus impulsos bestiais.

Assim vivem duas nações distintas na superfície de Vénus. Não concebem nem imaginam a beleza e a magnificência dos outros planetas. Contudo, os habitantes do lado mais afastado aproximam-se bastante dos humanos terrestres, tanto na sua condição física como mental. As suas instituições e formas de governo são bastante superiores às da Terra, pois alinham-se melhor com as leis da sua natureza e do Universo. No entanto, apesar de estarem rodeados de muitas belezas e associações puras, não vivem num estado de verdadeira felicidade, dado o seu contexto desfavorável, já antes descrito. E tal como os materiais de Vénus são menos perfeitos que os dos planetas mais distantes, também o são a sua composição e todas as suas manifestações finais.

Sobre os habitantes espirituais deste planeta, mais será dito adiante. No que respeita à sua condição física e material, tudo o que é útil à aplicação apropriada já foi dito. Assim, deixo este planeta e começo a apresentar uma descrição correspondente de Mercúrio.

§ 29. Em conformidade com as leis e princípios anteriormente explicados, Mercúrio assumiu a sua forma e existência atuais. Este planeta é o mais próximo do Sol em todo o Sistema Solar. Ocupa a posição mais baixa entre todos os planetas, por ser composto por materiais mais grosseiros. A sua órbita segue um plano semelhante ao de Vénus e da Terra, embora seja mais elíptica.

Os cálculos feitos sobre Mercúrio estão quase corretos; mas as suposições relativas ao estado da sua superfície não estão totalmente de acordo com a realidade. O seu diâmetro é de cerca de três mil e duzentas milhas. Encontra-se a trinta e sete milhões de milhas do Sol, e o seu período de revolução é de oitenta e oito dias, movendo-se a cerca de cem mil milhas por hora. Roda sobre o seu eixo em aproximadamente vinte e quatro horas. A sua densidade é quase nove vezes a da água, e recebe cerca de sete vezes mais luz do Sol do que a Terra. A sua proximidade ao Sol corresponde à afinidade dos materiais que o compõem com os do próprio Sol. Com um aumento tanto de densidade como de velocidade de movimento, confirma-se o princípio que

se quis transmitir: que todos os materiais do Universo buscam associação de acordo com a sua gravidade específica e quantidade.

Sendo tão próximo do Sol, o planeta nem sempre é visível. O cruzamento das órbitas faz com que passe sobre o disco solar cerca de treze vezes por século. A atmosfera que o envolve é extremamente luminosa, embora a luz e o calor recebidos do Sol não sejam tão intensos como se poderia supor. Isto porque os materiais deste planeta não têm grande afinidade com a luz nem com o calor. Por conseguinte, rejeita parte do que normalmente seria absorvido e retém apenas o suficiente para sustentar a vida e a atividade das formas existentes à sua superfície.

Algumas porções deste planeta são muito irregulares, enquanto outras apresentam uma superfície extremamente lisa e bela. As produções vegetais deste planeta não são muito numerosas, nem tão refinadas na sua composição como as dos outros planetas. Existem apenas três classes gerais de plantas, e da mais simples à mais elevada encontra-se, na Terra, uma correspondência. Contudo, quanto à forma, altura e beleza, não se comparam às de nenhum outro planeta. As maiores produções vegetais raramente se elevam mais do que alguns centímetros acima da superfície. Não existem flores, nem folhagem, nem árvores que proporcionem sombras agradáveis; todas as formas vegetais são densas e grosseiras, erguendo-se pouco acima do solo.

Além disso, existem dois grandes desertos áridos que cobrem quase um terço deste planeta, onde não pode subsistir qualquer forma de vida. O calor subterrâneo excessivo existente neste planeta provoca grande agitação e perturbação entre os elementos aquáticos nas proximidades desses desertos. Alguns respiradouros libertam água a ferver, escaldante para qualquer forma dotada de sensação. Esta excitação estende-se aos elementos atmosféricos, produzindo ventos fortes enquanto estes procuram o equilíbrio. Tais ventos são tão severos que, por vezes, plantas, animais e seres humanos sucumbem à sua força. Estas tempestades ocorrem geralmente nas zonas próximas dos desertos e, transportando consigo o calor abrasador da areia e da água, causam grande destruição entre as habitações e plantações dos habitantes.

Também os animais são muito imperfeitamente formados. Existem poucas espécies, e as que existem seriam, para nós, repulsivas e repugnantes. Demonstram um temperamento combativo e retaliador para com tudo o que encontram, vivendo em constante predação uns sobre os outros, ao ponto de, por vezes, destruírem o seu próprio vigor — o que conduz inevitavelmente à perda da vida. São, na maioria, de natureza anfíbia e digitígrada.

Os habitantes humanos deste planeta são menos numerosos do que nos outros e têm uma organização material muito imperfeita. Ainda assim, manifestam a mesma

atividade incessante que os animais. Possuem uma constituição mental peculiar, cujos traços gerais são: fortes ligações afetivas, grande capacidade de concentração, elevada autoestima e respeito por si mesmos, acompanhados por uma memória extremamente retentiva — sendo esta última a sua faculdade mais marcante. Demonstram grande prontidão em tudo o que depende da memória, pois para eles o conhecimento reside justamente na recordação. Cada um deseja ser considerado mais esclarecido do que qualquer outro ser existente; e, convencidos disso, baseiam-se na sua memória para reivindicar uma inteligência que mais ninguém possui. Não investigam as causas das coisas, mas tentam conceber os fins para os quais tudo foi criado. Tudo o que diz respeito à memória constitui, portanto, o essencial do seu saber.

Não dependem das sensações ou das inclinações como fonte de conhecimento, procurando antes o que está no interior, pouco se importando com os véus que por vezes ocultam as substâncias. Uma pessoa que lhes falasse tentando exibir elegância e beleza na sua expressão seria completamente ignorada, pois, na sua condição desfavorável, rejeitam que se lhes fale aos ouvidos em vez de ao entendimento. Assim, nas conversas entre si, rejeitam totalmente os adornos que possam ser lançados sobre um tema e retêm apenas a substância do discurso. Consideram que palavras e tecnicismos são, muitas vezes, apenas invólucros falsos que ocultam interiores corruptos e imperfeitos. Apreciam apenas a verdade e os bens que dela derivam, rejeitando os véus enganadores com que tantas vezes se tenta encobri-la no momento de a comunicar aos outros e ao mundo. Neste aspeto em particular, superam os habitantes de Vénus e da Terra; mas em todos os outros são imperfeitos, em conformidade com a posição que o seu planeta ocupa em relação às outras terras.

Não possuem sociedades ou comunidades bem organizadas, mas antes são regidos por uma arbitragem ignorante instituída entre eles. Além disso, este planeta não é habitado há mais de oito mil anos, enquanto os restantes planetas habitáveis o são há incontáveis eras.

A guerra e a perseguição têm prevalecido entre eles de forma extrema; o conflito, o ódio e todos os males que resultam da ignorância e da insensatez têm travado o seu progresso durante muitas eras. E neste exato momento, uma dessas batalhas destrutivas está prestes a ser consumada. Manifestam todas as características dos animais mais ferozes. As suas armas são pedras cuidadosamente talhadas, que lançam com fundas uns contra os outros, causando incisões horríveis ao atingir o alvo.

O corpo é coberto por uma espécie de pelo, e o rosto é cheio e escuro; todo o seu aspeto físico seria, para nós, tão pouco atraente como o de um orangotango.

Na condição em que atualmente se encontram, revelam todos os efeitos resultantes de uma situação degradada e de um intelecto oprimido. Estão numa posição mais desfavorável do que os habitantes de qualquer outro planeta. Contudo, na contemplação geral, têm a sua utilidade para a realização de fins mais perfeitos. São materiais rudimentares que estão gradualmente a ascender a estágios mais elevados de refinamento — mas isso apenas acontecerá à medida que os elementos se separem, elevando-se os mais nobres e puros, para entrarem em novas formas mais perfeitas.

Assim, os habitantes de Vénus e de Mercúrio superam os da Terra em alguns aspetos, mas, no geral, são muito mais grosseiros e imperfeitos.

§ 30. No que diz respeito ao Centro luminoso do nosso Sistema Solar, e aos resultados indescritíveis da sua impregnação inerente, muito já foi dito, e muito mais se poderia ainda dizer. Mas, sendo o corpo que continha tudo o que hoje existe sob a sua poderosa influência, foi mencionado em termos gerais antes da descrição dos planetas. Muitas são as conceções formadas sobre o estado atual do Sol; mas como essas conceções têm resultado de um raciocínio analógico nem sempre válido, é apropriado que refira algumas das características gerais deste grande Centro.

O seu diâmetro ainda não foi corretamente determinado. Calculou-se que terá oitocentas e oitenta e seis mil milhas de diâmetro, embora outras estimativas o situem próximo de um milhão de milhas. A sua atmosfera extremamente luminosa deu origem à ideia de que está rodeado por uma acumulação fosforescente de partículas cuja decomposição produz luz. As zonas escuras que por vezes se observam foram interpretadas como regiões não ocupadas pela atmosfera solar. Contudo, tal como a aparência de uma substância nem sempre revela a sua verdadeira realidade, também neste caso, como em muitos outros, as observações externas falharam em fornecer uma conceção fidedigna daquilo que é observado.

A quantidade inconcebível de materiais ainda contidos neste corpo pode ser inferida da descrição previamente dada da sua condição primordial. As partículas que ainda existem no Sol são, em certas zonas, de natureza densa e grosseira, ao passo que, na superfície, liberta constantemente elementos refinados sob a forma de calor, luz e eletricidade. Estes elementos emanam continuamente do seu interior, e a sua combinação impede o sucesso das observações telescópicas.

Quanto às produções últimas deste corpo, mais será dito posteriormente. Mas como não têm relação direta com os objetivos da presente generalização, não é necessário abordá-las agora.

O Sol é, portanto, o corpo central a partir do qual todos os planetas e satélites, dentro da circunferência extrema da sua influência, foram formados. Continua a

emitir partículas, cada vez mais rarefeitas e refinadas, e a exercer uma influência ordenada sobre todas as formas e partículas do sistema planetário. Não pode diminuir de magnitude, pois tornou-se já um planeta com o grau de densidade apropriado, pertencente a um Centro mais interior. E produziu tudo o que a sua substância era capaz de gerar, encontrando-se agora em equilíbrio com a magnitude total do sistema planetário reunido. O conjunto está assim harmoniosamente confluído, e todos os movimentos se alinham com a lei geral e estabelecida da gravitação ou associação.

Torna-se agora necessário instituir uma contemplação geral sobre estas criações, para que a mente possa conceber devidamente o Desígnio original.

Ficou incontestavelmente estabelecido que existe uma ordem e uniformidade na formação do nosso Sistema Solar — desde o primeiro corpo evoluído até ao último, observa-se uma ordem ascendente e um grau crescente de refinamento evidente em cada um. Mercúrio, sendo o último a formar-se, é consequentemente composto por materiais mais densos do que qualquer outro, ocupando o ponto mais baixo e apresentando a maior velocidade de movimento. A observação astronómica confirmou que, à medida que nos afastamos deste planeta em direção a Úrano e além, se verifica um refinamento superior em cada planeta, do mais próximo ao mais remoto, com modificações correspondentes nos seus movimentos e relações mútuas. Além disso, os planetas mais distantes geraram satélites, enquanto os mais próximos não o fizeram — sendo o refinamento e a atividade consequências diretas entre si; e a grossura, imperfeição e relativa inércia, os resultados dos materiais mais pesados que compõem os planetas interiores.

Assim, há uma ordem perfeita na formação dos planetas e na sua relação entre si e com o Sol, bem como uma uniformidade absoluta na ligação do Sol a todos eles.

Estabeleceu-se também a lei da progressão incessante. E embora, tendo em mente Júpiter e Saturno, o estado dos planetas menos perfeitos e formados posteriormente pareça indicar uma regressão, tal não acontece se se compreender corretamente que o mais baixo contém o mais alto, ainda não desenvolvido, e que o mais elevado permeia o inferior, extraindo dele todas as partículas aptas a graus mais altos de associação. A composição de Mercúrio encerra, ainda não manifestamente, tudo aquilo que Saturno já expressou. Mercúrio representa, portanto, uma formação mais elevada. E assim, cada planeta representa graus sucessivos de perfeição. Pois nada existe no Universo que seja tão baixo e imperfeito que não represente uma esfera mais elevada; nem há formas ou substâncias tão perfeitas que não sejam o início de algo ainda mais perfeito. Existe, pois, uma indicação constante de transformação, e uma progressão contínua; sendo impossível, como demonstrado anteriormente, que qualquer átomo desça para um grau inferior ao que ocupa em determinado momento — todos devem, necessariamente, ascender a estados mais elevados.

Além disso, o Sol é um símbolo constante e um embrião de todas as formações materiais. É o Vórtice, o grande Centro que anteriormente continha tudo o que desde então foi gerado no seio do nosso Sistema Planetário. Os materiais ali existentes tornaram-se fecundos e ativos por força de energias inerentes — resultando daí as abundantes produções hoje visíveis. Por conseguinte, é um corpo que corresponde ao Sol do Universo; e todos os seus planetas correspondem aos grandes planetas que esse Sol original emanou. Os satélites, por sua vez, correspondem aos planetas que esses grandes planetas ou sóis produziram. Assim, o nosso Sistema Solar simboliza, ainda que levemente, o inconcebível Sistema Solar do Univercoelum!

§ 31. As formações vegetais de cada planeta indicam o carácter das partículas primárias que lhes deram origem. Representam também fases mais elevadas da formação. E é a partir da existência das plantas, que manifestam Movimento e Vida, que se concebe devidamente o reino animal — pois existe uma ligação estreita entre os reinos vegetal e animal. Sendo este último um grau mais perfeito que o primeiro, caracteriza-se pela Sensação como resultado do Movimento e da Vida. Portanto, os três princípios — Movimento, Vida e Sensação — unem-se num só. E só quando se forma uma noção adequada da Sensação, se compreende verdadeiramente o Instinto.

O reino animal, por sua vez, tipifica estados ainda mais refinados; e há uma ligação ininterrupta entre o animal e o Homem — que representa o culminar de todos os materiais e formas da superfície planetária, expressando a combinação dos princípios de Movimento, Vida, Sensação e Inteligência. O Movimento também simboliza a Vida, a Vida a Sensação, e esta, por fim, a Inteligência.

Assim, os habitantes de Mercúrio representam formas superiores da mesma espécie. E os seres humanos de cada planeta tipificam e indicam a existência de formas mais perfeitas e estados superiores da organização humana. Existe uma cadeia sucessiva de ligação entre o vegetal, o animal e o Homem, enquanto formações de cada planeta, e uma cadeia contínua que une os habitantes do planeta mais inferior aos habitantes espirituais comparativos do mais elevado — pois uns representam os outros, e nenhum deles representa qualquer tipo de regressão.

É com base nestas considerações que se estruturam as nossas ideias de opostos; pois, ao meditar sobre o estado degradado e imperfeito dos habitantes de Mercúrio e contrastá-los com os de Saturno, cuja composição física e mental ultrapassa quase as nossas conceções mais elevadas das formas celestiais, e ao considerar a distância extrema que os separa, observando tudo aparentemente desconexo — a mente concebe, de imediato, a ideia de opostos absolutos. Pois o que poderá ser mais diametralmente oposto do que o grau mais baixo de formação física face ao grau mais alto de refinamento material? Ou do que a ignorância e a debilidade comparadas com o intelecto vigoroso e as conceções espontâneas que emanam do

interior de uma constituição mental aperfeiçoada? Ou ainda, o que será mais contrário do que a morte e a vida, o bem e o mal, ou a luz e a escuridão?

Fica evidente que, para se conceber devidamente a luz, a vida e a inteligência espiritual, é necessário primeiro ver aquilo que parece ser o seu contrário. E é no exato momento em que se vislumbram as condições mais baixas, que se começa a formar uma ideia de esferas superiores — mas isso só acontece quando tais condições se tornam visíveis.

É agora claro para qualquer entendimento expandido que o mais baixo simboliza o mais alto; e no momento em que se concebe tal representação, toda a ideia de oposição é anulada. Pois, assim como o início deve preceder o fim, todas as coisas devem harmonizar-se e conformar-se com a lei estabelecida da progressão universal e eterna. Logo, os opostos não existem verdadeiramente; aquilo que é grosseiro, imperfeito e aparentemente contrário a desenvolvimentos superiores, é apenas aquilo que ainda não progrediu até ao padrão de perfeição que estabelecemos.

As formações vegetais, nas suas adaptações, oferecem-nos igualmente uma verdadeira conceção dos seus usos, com vista ao cumprimento de fins ou últimos mais perfeitos. As plantas não só recebem alimento do reino mineral, como também da atmosfera; e retribuem, de forma ainda mais percetível, fornecendo à atmosfera partículas e elementos que sustentam formas superiores. O reino animal nutre-se do vegetal e da atmosfera que este ajuda a produzir.

Assim, as plantas existem em função do reino animal. Da mesma forma, estes dois reinos estão adaptados para servir os usos do Homem. Aqui, mais uma vez, a lei geral se manifesta: o mais baixo não apenas simboliza e representa o mais elevado, como é absolutamente necessário à sua existência. Sem princípios gerais que gerem usos gerais para alcançar fins universais, nenhuma destas formas existiria. Mas a verdade evidente de que, em tudo, causa e efeito são inseparáveis, não só estabelece uma ligação inquebrável entre cada partícula do Universo, como também revela à nossa mente, e a toda a mente que raciocina por indução, a mais elevada representação do Desígnio original concebido pela Grande Mente Positiva!

Assim, no nosso Sistema Solar, todas as coisas do Universo estão representadas. E sendo impossível à mente conceber algo para além do Sistema harmonioso ao qual pertencemos, este é o campo apropriado para a investigação presente. Pois, ainda que o pensamento seja ilimitado e incontrolável, o pensamento não é conhecimento. É útil investigar aquilo que mantém uma ligação íntima com o investigador, permitindo-lhe a compreensão; e tal conhecimento promoverá a sua paz e felicidade.

A descrição já apresentada da ordem pela qual os planetas se formaram, por evolução a partir do Sol, difere profundamente da descrição da formação do

Univercoelum. O nosso Sol foi apresentado como tendo originalmente estendido a sua substância e atmosfera até à órbita do planeta mais distante; e foi demonstrado que, por contração e condensação, com evolução de partículas, o Sol e os planetas adquiriram a forma e condição atuais. Por outro lado, o Sol do Univercolelum — o Centro inconcebível em torno do qual gira quase toda a infinitude — foi descrito como sendo, inicialmente, a única Forma existente, emanando sucessivas e concêntricas Esferas de Sóis, cada uma das quais produziu outros sóis, planetas e satélites, até que a sexta Esfera fosse formada. Ora, sendo que o mesmo Princípio deve produzir todas as coisas no espaço, torna-se evidente que apenas uma das descrições pode estar correta. Dado que esta discrepância se mostra evidente, torna-se necessário explicar a intenção das descrições anteriores.

O objetivo ao descrever o Univercolelum daquela forma foi o de permitir à mente formar uma conceção mais vasta do espaço infinito. E sendo o Grande Centro inconcebível — e ainda mais as suas emanações — foi necessária tal descrição para que ao menos se pudesse formar uma conceção obscura. Porém, como o Sistema Solar está mais diretamente ligado às observações e investigações da humanidade, tornou-se indispensável, ao tratarmos deste, apresentar uma ideia correta da ordem e do processo das formações planetárias. E é a partir desta descrição que podemos conceber o Univercolelum — e somente através dela. A correspondência geral que existe entre todas as coisas tornar-se-á mais clara adiante, especialmente quando for concluída a descrição da Terra e de tudo o que nela existe. Aí receberei impressões vindas de esferas superiores, onde habita o conhecimento de todas as verdades interiores e eternas.

§ 32. Chego agora à parte desta revelação que está mais diretamente ligada à curiosidade e ao interesse de toda mente esclarecida — o tema sobre o qual um número incalculável de pensamentos e especulações tem sido gerado ao longo dos séculos. É um tema que suscitou a admiração e a investigação de gerações de todas as eras e de povos de todas as partes da Terra; e permanece ainda como uma questão de enorme importância, sem consenso definitivo. Trata-se de um assunto sobre o qual mentes filosóficas e psicológicas têm dedicado todas as suas capacidades investigativas, e em torno do qual tem existido constante antagonismo entre a filosofia e a teologia — entre o delírio e a razão. Esse tema é a origem e o princípio do mundo.

A filosofia tem tentado explicar a origem e a formação do globo com base em princípios naturais e racionais, enquanto a teologia tem envidado todos os esforços para manter as opiniões herdadas das gerações primitivas e validadas pela autoridade religiosa. A filosofia científica demonstrou de forma incontestável a imutabilidade das leis naturais, a imortalidade da Verdade e a natureza inalterável de todos os princípios que regem o Universo. E o pensamento tem, aos poucos, levantado o véu

que durante tanto tempo ocultou a verdade das mentes humanas — feito exclusivamente por meio do pensamento, a mais elevada faculdade do espírito humano.

Contudo, a verdade geral tem sido alcançada através de caminhos tortuosos, serpenteando entre mitologias e superstições de todos os tempos e povos. Mas as veredas que conduzem à verdade pura e sem erro são absolutamente retas; e quem por elas caminha, deixa gradualmente para trás os reinos das trevas e da ignorância que possam ter envolvido o seu entendimento. A cada passo, aproxima-se de uma luz mais bela, e assim chega à Verdade pela luz da Razão e pelas leis imutáveis da Natureza. E ao encontrar a Verdade, vê-se rodeado de uma grandeza e de uma magnificência que só podem ser compreendidas e apreciadas por aquele que abriga dentro de si o mais profundo amor pela Verdade eterna.

As opiniões mitológicas dos povos primitivos foram sendo, ao longo do tempo, modificadas, à medida que o conhecimento se foi revelando na mente da humanidade. Essas mudanças, no entanto, foram tão subtis e progressivas que cada geração subsequente pouco as percebia — até que o século XIX revelou, por contraste, a verdadeira dimensão dessa transformação, evidenciando a luz da verdade, do conhecimento e da razão perante a ignorância e a superstição que caracterizaram as idades extremas da Antiguidade.

Durante muito tempo, acreditou-se — de forma ignorante — que o mundo havia adquirido a sua forma e condição atuais num instante, e que se sustentava em gigantescos seres, os quais, por sua vez, se apoiavam noutros ainda mais poderosos, até que tal construção imaginária se perdia por completo no domínio da fantasia. Esta crença perdurou durante séculos, até muito recentemente, e afirmava-se também que a Terra era absolutamente imóvel e plana. Esta visão prevaleceu de forma quase universal, até que uma mente, iluminada pelo uso da razão, descobriu a verdadeira posição e figura da Terra, e a sua relação com os demais corpos celestes. E tendo demonstrado filosoficamente a correção da sua visão, ousou — com uma coragem sem igual — revelá-la ao mundo. A teologia superficial, que então reinava com toda a força de uma lei omnipotente, viu-se confrontada com uma luz demasiado intensa para as trevas predominantes. A mente humana, envolta nessas trevas, rejeitou a luz, e o descobridor esteve por pouco para ser sacrificado no altar da ignorância, da superstição e do fanatismo.

Mas a luz não se extinguiu por completo — penetrou impercetivelmente a mente de alguns poucos, e, por meio da influência desses, outros também receberam a verdade, até que toda a verdade se fez luz e dispersou as trevas. E o século XIX permanece como testemunho dessa ressurreição intelectual.

Outros, por sua vez, supuseram que, a partir de um Nada incompreensível, surgiu um Algo tangível — e admitir que esse "algo" sempre existiu era contrário às premissas de uma teologia mitológica. E assim, por meio de uma lenta modificação dessas ideias, muitas nações primitivas estabeleceram uma suposta duração desde a criação do mundo, variando entre seis mil e quarenta mil anos. E os registos dos povos antigos foram convocados para sustentar e confirmar essas crenças quanto à origem e à idade do mundo.

Contudo, todas essas conceções foram essencialmente transformadas ao longo do tempo; e as investigações filosóficas e científicas da Natureza serviram para erguer uma doutrina mais sólida — uma que realmente se conforme com os mais elevados ditames da Razão e com a aprovação da Verdade imortal. Ainda assim, os esforços para se alcançar a resposta verdadeira foram, durante muito tempo, imperfeitos, e os caminhos por onde a mente humana percorreu foram tão irregulares e dispersos, que foram precisos muitos milénios para se chegar ao ponto onde hoje nos encontramos.

A teologia e a filosofia aparentaram, durante séculos, estar em oposição. Enquanto uma se esforçava por descobrir uma base indestrutível sobre a qual repousasse uma teoria verdadeira da origem do mundo, a outra impunha todos os entraves deploráveis que naturalmente surgem da ignorância e do fanatismo. E tal era a universalidade deste fervor, que a filosofia durante muito tempo lutou em vão para superar os obstáculos que lhe eram lançados. A mente filosófica tentou libertar-se das amarras da ilusão, a fim de poder procurar o que é firme, imutável e eterno. E esse é o desejo constante de todo espírito que ama a verdade. Já a mente estreita e não desenvolvida, anseia por esconder a luz e as verdades que a Natureza revela, erguendo no seu lugar uma fantasia superficial.

Ainda assim, a questão sobre como surgiram os materiais e essências que compõem este mundo, e de que forma se organizaram na sua condição atual, permanece sem resposta clara e satisfatória. E, por estar intimamente ligada aos anseios de toda mente que busca, é essencial que se ofereça uma explicação adequada — uma que possa ser compreendida de forma clara por aqueles que têm uma conceção alargada das leis físicas do Universo.

Pois este mundo deu origem a todos os pensamentos que alguma vez existiram na mente do Homem relativamente à constituição do real. É o palco da ação humana — a morada da dor e do prazer, da vida e da morte, do saber e da ignorância. Foi nele que nasceram todas as flores belas e variadas, toda a folhagem que embeleza o reino vegetal. É o berço das incontáveis formas animais que vêm à existência e desaparecem diante dos olhos do Homem. E é a Terra, com a Natureza e as suas leis, que deu origem ao Homem — o ponto culminante da perfeição material. A Natureza dotou-o de faculdades, de forças e sensibilidades cuja totalidade ainda não se compreende por completo. Gravou em cada partícula da sua constituição a marca de

um Desígnio eterno. Revela, de forma aberta, as leis imutáveis pelas quais o seu organismo foi gerado. E todas estas verdades inefáveis rendem-se ao poder de uma mente iluminada.

A constituição mental do Homem é, por si só, tão claramente simbólica de esferas mais elevadas de pureza e refinamento, que até o mais degradado dos seres humanos que alguma vez pisou a Terra teve, ainda que vagamente, alguma conceção dessas esferas superiores.

Mas em vez de se deixar levar por sublimes peregrinações pelos campos da Natureza — em vez de acolher o constante e espontâneo influxo de pensamentos acerca da origem e da maravilhosa estrutura do Universo, e de saborear o lento desabrochar da luz e da verdade — a mente desviou-se da Natureza e da Razão, e procurou aquilo que é infundado e profundamente destrutivo para a felicidade do mundo. E assim o Homem perdeu de vista a verdadeira ligação entre a Natureza e a ciência, e entre a ciência e ele próprio. Tão rebaixado e degradado tem sido o estado do mundo, que a linguagem se mostra insuficiente para descrevê-lo; apenas pensamentos e sentimentos conseguem, de algum modo, expressar tal condição.

Tal tem sido — e ainda é, em certa medida — a realidade das coisas que este mundo fez nascer. E o que poderá ser mais valioso e importante do que conhecer a condição original do mundo e o seu destino final? Um mundo no qual a Natureza colocou os seus mais ternos esforços para fazer florescer uma raça feliz. Uma forma em que tudo foi perfeitamente adaptado às necessidades e exigências de cada parte, e ao próprio Homem, para que a justiça recíproca, a felicidade universal e a retidão eterna pudessem prevalecer em todos os seus recantos e caminhos! E tão puras, tão boas e tão indescritivelmente magníficas têm sido as criações deste mundo, que não surpreende que todos os interesses do Homem se centrem na pergunta sobre a sua origem e o seu propósito final.

Que um espírito desprovido de preconceitos e dotado de disposição filosófica guie, então, a vossa mente — de modo que possais seguir com clareza os traços e os sinais deixados pelos princípios imutáveis da Natureza, até aos seus legítimos fins. E que isso seja feito por um profundo sentimento de reverência — por um amor interior e supremo pelo Autor desses princípios — para que vos mantenhais fiéis aos seus ensinamentos autênticos. Que fique bem impresso no espírito que todos os princípios da Natureza são apenas sopros, respirações e emanações de um Princípio Primeiro — de uma Essência primordial — da Grande Mente Positiva! E que a Natureza seja entendida como os pensamentos e efeitos dessa grande Mente. E que todas as suas produções sejam vistas como os mais altos símbolos e representantes das suas energias inatas e imortais, cuja origem está no Princípio Primeiro de todas as coisas.

Ao entrar em generalizações tão vastas e grandiosas como as que este tema exige, é necessário que cada aspeto geral e particular, ligado ao caminho a seguir, seja bem compreendido, para que nada seja mal interpretado ou mal-entendido. E, para se entender tudo adequadamente, é essencial explicar os termos utilizados e a forma como se aplicam.

Quando falo de Matéria, refiro-me às combinações tangíveis e materiais da Terra e de tudo o que nela existe — incluindo as substâncias e essências presentes no Universo físico. Ao falar das Leis da Matéria, refiro-me às suas tendências visíveis, como as que chamamos de atração, repulsão, gravitação, afinidade química e associação. Ao mencionar as leis do Universo, não me refiro às leis da Sensação ou da Inteligência — pois, para o Homem, essas leis parecem situar-se muito acima das que governam a matéria. A mente não compreende, muitas vezes, a ligação entre o inferior e o superior, ou entre o material e o espiritual — embora, na realidade, a lei que rege ambos seja a mesma. A diferença está apenas na composição e organização: a matéria, ao evoluir, eleva-se até à composição espiritual, ficando assim sujeita às leis do espírito, por meio de uma cadeia de desenvolvimento contínuo e ininterrupto.

Este pensamento é demasiado vasto para que a mente humana o compreenda na totalidade, especialmente nas suas múltiplas ramificações. Assim, ao falar de Matéria e de Movimento, a referência será feita às leis físicas gerais do Universo, e é dessa forma que os termos usados devem ser compreendidos. As leis que regem composições mais elevadas não serão consideradas nesta abordagem sobre a formação e a história da Terra.

§ 33. Numa época demasiado remota para ser calculada, houve uma acumulação de magnitude incalculável, formada por átomos e partículas que anteriormente compunham a atmosfera do Sol. Esta acumulação foi o resultado de um tempo igualmente inconcebível, no qual essas partículas, pela sua afinidade e pelo grau de refinação que haviam atingido antes de se afastarem do centro solar, se foram unindo gradualmente. Com o tempo — e tão lentamente que o próprio tempo parece impossível de imaginar — condensaram-se e, movidas por energias perpetuamente ativas, deram origem à forma oblata e esferoidal da Terra e do seu satélite. O diâmetro primitivo deste imenso aglomerado de partículas não pode ser determinado com precisão, pois diminuiu continuamente à medida que a massa se foi condensando e consolidando.

Antes de abordar em pormenor a formação da crosta terrestre, importa contemplar o estado e o aspeto dessa massa, tal como se teria apresentado aos sentidos. Todo o corpo de átomos era sustentado na sua posição adequada pela relação mútua que mantinha com o Sol. As partículas libertadas do Sol associavam-se devido à sua natural afinidade, uma vez que partilhavam um nível semelhante de refinação. A

força com que deixaram o Sol pode ser chamada de repulsão; a força que as uniu, de atração — e a posição da Terra em relação ao Sol resulta da interação desses dois princípios. Estes termos — atração e repulsão — são usados por convenção, embora sejam, na realidade, imprecisos, pois foram concebidos sem um conhecimento profundo das leis naturais que regem a matéria.

As partículas emanadas do Sol, aptas a integrar esta massa ígnea, gravitavam até ela, unindo-se prontamente. Toda a massa encontrava-se em estado de fluidez ígnea, com uma intensidade de calor muito superior a qualquer coisa hoje conhecida na Terra. Era uma esfera líquida imensa, em constante agitação desde o centro até à superfície, apresentando ondulações de proporções indescritíveis, como se esperaria de um oceano de lava em fusão e sem condensação. E, à medida que respondia ao impulso inicial que lhe foi dado, começou a assumir formas que iam dos ângulos para a esfera, desenvolvendo gradualmente diâmetros, eixos e polos. À medida que o desenvolvimento se tornava mais estável, o seu movimento rotativo estabeleceu-se e aperfeiçoou-se. As suas revoluções acompanharam essa evolução, dando-lhe a massa, forma e posição adequadas para seguir o impulso original.

Mas antes que esta condição fosse alcançada, passou-se um período de tempo muito além da nossa capacidade de conceção. Ao referir-me à gradual formação da Terra e ao estabelecimento dos seus movimentos rotativos e orbitais, falo de um processo ocorrido apenas após uma extensa condensação da massa primordial.

O movimento rotativo foi causado pela pressão e impulso das partículas ao se juntarem à grande massa, como acontece com qualquer corpo esférico ao qual se aplica movimento. Já o movimento de revolução da Terra em torno do Sol, numa órbita elíptica com afélio e periélio, foi causado por esse mesmo impulso geral, exercido de forma contínua. O facto de a órbita ser elíptica é prova de que o corpo foi expelido de outro corpo maior, com movimento e imensidão similares.

A proposição de que a condição original da matéria terrestre era de fluidez ígnea parece absolutamente correta, conforme se pode observar pelo estado atual e pelas características do nosso planeta. Não poderia ter sido sólida nem elástica, pois essas formas de matéria não permitem a criação espontânea de formas esféricas. A densidade extrema dos sólidos e a tendência de adesão e repulsão dos elásticos impediriam a matéria de assumir uma forma globular. Isto, entre outras verdades já bem estabelecidas, prova que o estado primitivo da Terra era o de uma matéria ígnea, fluida e ativa.

Seria desnecessário, aqui, referir os muitos ensaios e experiências realizados para confirmar esta conclusão — já quase irrefutável. E, ao ser inspirado a falar com verdade sobre as condições originais e subsequentes do Universo, não seria proveitoso repetir ilustrações já conhecidas ou introduzir novas explicações para

aquilo que já foi estabelecido com segurança. Importa lembrar que a teoria aqui exposta é geral, assim como o são as evidências que a sustentam. Por isso, o argumento não se baseia em fenómenos isolados ou em opiniões particulares, mas sim em sinais e manifestações gerais que, em conjunto, confirmam a veracidade da proposta.

O abaulamento do equador é mais uma indicação dessa mesma verdade. Nem a forma da Terra, nem esse abaulamento, podem ser explicados sem se admitir que a sua massa esteve, originalmente, em estado fluido, sujeita a forças internas atuando incessantemente segundo princípios químicos, mecânicos e geométricos.

§ 34. O facto de que a substância da Terra ocupava originalmente a órbita hoje observada pelo seu satélite, e que houve uma troca constante de partículas entre ambos os corpos, e ainda que ambos mantêm a posição atual relativamente ao Sol por causa das afinidades específicas entre as partículas que os compõem — tudo isso parece incontestável. Que outra lei ou condição da matéria primordial poderia determinar com tal exatidão a distância, densidade, movimento e velocidade que hoje manifestam? E por que outro processo poderiam a Terra e o seu satélite ter assumido a posição exata que ocupam em relação aos outros planetas e ao Sol? Também aqui a proposta é geral, e as evidências a seu favor igualmente abrangentes.

E que a forma original foi angular, ascendendo rapidamente à circular, é também uma verdade geral. Estas formas estão representadas nas primeiras estruturas da Terra, subordinadas à circular e a outras. As rochas de trap e basalto, que foram expelidas do interior da Terra (e isso pela força do calor interno), revelam particularmente estas formas, por serem das manifestações mais proeminentes e ásperas da Natureza. É impossível que qualquer substância adote uma forma superior à angular como ponto de partida. Não importa quão rapidamente essa forma se modifique até tornar-se circular ou espiral; a primeira deve sempre existir antes de qualquer outra. Ainda que a transição seja impercetível aos sentidos, ela ocorre em todos os estados inferiores da matéria. Podem já existir formas mais elevadas, capazes de gerar semelhantes; mas a sua origem, em última análise, remonta sempre ao angular — fundamento de todas as formas.

A proposição de que a massa estava num estado de agitação ondulante — um movimento semelhante a ondas, inconcebível, provocado pelas circunstâncias em que existia o Corpo inteiro — é comprovada não apenas pela história primitiva da Terra, mas também pelo facto de esta apresentar superfícies irregulares e acidentadas, como montanhas e vales. Estas irregularidades são evidentes em diversos locais do planeta, e é impossível explicá-las a partir de qualquer outra condição inicial. Só quando a massa fluida começou a transformar-se, junto à superfície, num estado elástico, é que tal aspereza poderia ter sido produzida. Ainda assim, o corpo principal não revelou mais rugosidade do que qualquer outro que

estivesse submetido a forças semelhantes. Se isto não for prova suficiente do movimento oceânico da massa primitiva, cabe a outros investigadores refutarem esta explicação.

E a ideia de que a Terra mantém os seus movimentos atuais como consequência direta e hereditária do movimento recebido do seu "Produtor", dificilmente pode ser posta em causa. É uma lei reconhecida entre todos os elementos, em todas as relações de causa e efeito, que o objeto atuado reflete a força que o afeta. O efeito deve ser proporcional à causa, e entre ambos tem de haver correspondência perfeita — caso contrário, não se pode afirmar que o efeito teve sequer uma causa. Todo o conhecimento que temos dos efeitos depende da compreensão que temos das causas que os originam. E o satélite (a Lua) manifesta precisamente o efeito das forças aqui descritas: tal como a Terra, com os seus movimentos de rotação e translação, e a sua órbita elíptica, confirma exatamente aquilo que afirmamos ter sido a Causa ou Fonte que lhe deu origem. Se isto não for filosófica e substancialmente correto, então é dever dos especuladores explicar, com maior clareza, a origem dos movimentos da Terra e dos restantes planetas.

Os elementos e componentes que integravam a grande massa terrestre continham, em si mesmos, propriedades e qualidades capazes de gerar — sob condições favoráveis — todas as formas que viriam a surgir, tanto no reino mineral como no vegetal e animal. A beleza e magnificência indescritíveis, encerradas em potência na grande Totalidade, ainda não foram concebidas ou compreendidas. Pois tal como o Univercoelum foi o Embrião de todas as existências, também cada forma, por sucessivas modificações e assimilação, dá origem a substâncias que geram formas e entidades, sejam elas sólidas, elásticas ou fluidas, em todas as superfícies planetárias. E bem no interior da crosta desta vasta massa, existem maravilhas e belezas não desenvolvidas, inconcebíveis mesmo quando comparadas com tudo o que já foi manifestado. Milhares de quilómetros de lava em fusão e fogo inimaginável circulam pelas profundezas subterrâneas da Terra. E neste vasto oceano de matéria ígnea existem maravilhas mais imponentes do que aquelas atribuídas pelo homem a qualquer departamento do Sistema Solar. A aceitação desta verdade — que dificilmente poderá ser negada — obriga a mente a contemplações que transcendem o poder da linguagem e quase excedem as próprias forças da razão.

Mas é necessário prosseguir com a descrição da formação da camada primitiva que recobriu este centro ígneo. As investigações geológicas contribuíram imensamente para familiarizar a mente humana com os verdadeiros princípios da Natureza. Também forneceram uma base sólida e indestrutível sobre a qual podem assentar os raciocínios analógicos e os estudos desta e de futuras gerações, permitindo que, a partir de verdades conhecidas, se alcance a compreensão daquelas que não são ainda visíveis aos sentidos. As descobertas da geologia têm sido tão úteis que promoveram

uma visão mais aberta e especulativa do mundo, dissipando em larga medida a escuridão que ocultava a origem e a história primitiva da Terra.

Além disso, a geologia originou classificações muito proveitosas, tanto na mineralogia como na zoologia, ao ponto de parecer ter descoberto as verdadeiras bases dessas ciências. E até que tais classificações fossem estabelecidas, e a ligação entre uma ciência e outra percebida, a mente humana não era capaz de compreender a adaptação de uma composição à outra, nem de discernir a harmonia existente entre os elementos de todas as ciências e do mundo. Muitos raciocínios felizes foram, por certo, alcançados anteriormente, mas os fundamentos em que se baseavam não eram totalmente válidos até que a Geologia ocupasse o seu lugar de destaque, revelando aquilo que existiu no início e demonstrando as ligações entre todos os desenvolvimentos subsequentes.

A Geologia deu nomes definidos a cada formação, tanto nos reinos mineral, vegetal como animal. Assim, a utilização dessas denominações na revelação que se segue será apropriada e conveniente.

§ 35. Compreenda-se, então, que toda a massa fluida encontrava-se num estado de movimento e agitação, e que abundava em calor inconcebível — o primeiro desenvolvimento do fogo. Enquanto neste estado, os elementos, tanto no seu interior como à superfície, permaneciam incessantemente ativos. A superfície de toda a massa foi-se gradualmente e impercetivelmente aliviando do calor; e, em resultado da contração e condensação das partículas, a totalidade da superfície uniu-se através de uma camada elástica.

É impossível calcular o tempo que decorreu desde que esta condição foi atingida, até ao momento em que a massa se consolidou suficientemente para dar origem à rocha primária — o granito. Tal consolidação deu-se graças ao alívio constante do calor interno, através da libertação daquele elemento que anteriormente mantinha a fluidez da superfície. À medida que o calor se libertava do interior, partículas elevavam-se e uniam-se às partes consolidadas. E, assim, pela constante acumulação e dispersão de substâncias moleculares, desenvolveu-se a formação primária, ou seja, o granito.

Apesar de a superfície já se apresentar extremamente irregular, tornava-se ainda mais assim devido às operações catastróficas e vulcânicas que se seguiram ao encerramento do calor interior. A agitação inconcebível do interior, o poderoso conflito dos elementos em fúria, a expansão do calor e das partículas, e a sua constante luta por alívio, provocaram algumas das mais aterradoras explosões; e rochas foram ejetadas que ainda hoje permanecem como testemunho do primitivo tumulto interior que reinava nas entranhas da Terra.

Todo o domínio da superfície terrestre estava livre da presença de formas dotadas de vida ou sensação. Estas espantosas ejeções de rocha, em muitas partes da superfície, originaram vastos vales, dentro dos quais se alojaram mares de profundidade quase insondável. Alguns destes mares estendiam-se, em profundidade, desde os pontos mais elevados da terra firme por quase quatrocentas milhas. Tais vales eram o necessário complemento de tão estonteantes proeminências.

Neste período, a água cobria quase toda a face da Terra. Este elemento, sendo um agente ativo e causa de ação, iniciou a sua poderosa influência sobre as faces das montanhas e as rochas ejetadas. E pela ação incessante deste elemento excitado, estas porções rochosas da Terra foram gradualmente e impercetivelmente desgastadas. E a mesma causa, produzindo o mesmo efeito, ainda se mantém em atividade por entre os domínios aquáticos de todo o globo.

Menciono a água como tendo sido depositada nestes vastos vales, e como tendo exercido tal influência sobre as rochas que os rodeavam. No entanto, o elemento então conhecido por "água" não existia ainda composto pelas mesmas substâncias substanciais que formam a água atualmente existente à superfície da Terra. Pois, em primeiro lugar, era impossível que o oxigénio e o hidrogénio se tivessem desenvolvido, pelo menos em quantidades suficientes para produzir, em combinação, tais oceanos de água.

Contudo, é sabido por todos os investigadores que o oxigénio compõe uma grande parte de toda a crosta terrestre; que o azoto (nitrogénio) perpassa amplamente a Natureza; e que o hidrogénio, ativamente presente em muitas substâncias, também entra na composição da água. O flúor foi também recentemente descoberto, sendo ele um derradeiro produto do azoto e do hidrogénio nos estados combinados em que frequentemente se apresentam. E o carbono existe sob diversas formas, ainda que não tão extensamente como os outros elementos, sendo raro encontrá-lo puro — apesar de, por vezes, surgir sob formas puras e refinadas, como no caso do diamante. Não há qualquer combinação de partículas na Natureza que não contenha alguns ou todos estes elementos, sendo impossível encontrá-los completamente dissociados.

Por mais inconsistente que esta proposição possa parecer, é todavia verdadeira — pela razão evidente de que, nesta fase da formação, o oxigénio e o hidrogénio não podiam ainda ter constituído água, pois não existia atração suficiente proveniente do exterior para os desenvolver. Permaneciam, assim, numa forma grosseira que será brevemente descrita, cuja decomposição originou um líquido aquoso extremamente denso, com cerca de um quarto da densidade do mercúrio. Teria sido tão impossível que rochas de trap e basalto, ou formações recentes, fossem ejetadas pela ação dos elementos interiores, como seria para estes elementos simples terem sido desenvolvidos nesse estágio.

É apenas por meio de um conhecimento correto das leis físicas que regem a Matéria — ou da tendência constante que esta manifesta — que se pode formar uma verdadeira conceção das qualidades contidas em qualquer composição, simples ou composta. E com um padrão de densidade — um que tenha sido convencionalmente acordado e estabelecido — a densidade de todos os corpos é definida por comparação. Assim, foi acordado que a água possui uma densidade de 1000; e as densidades de todos os outros corpos expressam-se de acordo com a sua relação com este padrão.

Tem sido alvo de grande discussão entre mentes científicas se a matéria é, em última instância, indivisível, ou se é infinitamente divisível. No que toca aos instrumentos e experiências realizados, ainda não se conseguiu determinar a possibilidade de uma divisão ilimitada das partículas. As substâncias têm sido divididas e subdivididas até serem reduzidas a pó fino, fluido ou gás; e, mesmo então, a imperfeição dos instrumentos, incapazes de permitir uma análise mais profunda, tornou a questão ainda mais obscura e incompreensível. Pois mesmo reduzidas ao pó mais fino, ou ao mais subtil dos fluidos, tornou-se evidente para o experimentador que cada partícula assim formada continha em si múltiplas outras, ainda mais minúsculas, para além da capacidade de qualquer multiplicação possível.

E, à medida que o grau de refinamento das partículas aumentava, maior era o assombro; e torna-se agora irresistível a conclusão de que os instrumentos nunca poderão ser suficientemente aperfeiçoados para dividir os elementos ou átomos moleculares que permeiam a imensidão. Pois composição, decomposição e recomposição são tendências que a matéria manifesta em todos os domínios do Universo. Toda a Massa da Matéria, incluindo todos os elementos e princípios, está unida por associação; e este facto — quer em relação a substâncias grosseiras, quer refinadas — desafia todo e qualquer poder de reduzir as partículas de qualquer forma de matéria ao seu estado último de separação.

É sobre este fundamento que assenta, principalmente, a proposição de que o fluido original, ou elemento aquoso que existia sobre a face do mundo, não podia ter sido tão rarefeito como a água formada pela combinação do oxigénio com o hidrogénio.

A substância conhecida como granito é, por si só, uma combinação de outras substâncias, nas quais se podem encontrar uma ou mais das seguintes: a mica, que não é geralmente muito proeminente; mas o feldspato, o quartzo e a hornblenda são mais notórios. E estes, por sua vez, são compostos de um número indefinido de elementos e partículas — e estes ainda de outras moléculas associadas, e assim sucessivamente. A combinação de todo este conjunto origina as substâncias referidas anteriormente.

Ora, é através de uma infinidade de partículas inconcebivelmente minúsculas — as quais possuem em si uma composição ainda mais interior — que as substâncias proeminentes, as rochas ou os elementos nelas contidos são organizados e estabelecidos. E quando as bases das composições que ocorrem incessantemente por toda a Natureza não são compreendidas, como poderá então formar-se uma conclusão que difira daquela que aqui se propõe, a saber: que a densidade do elemento aquoso que cobria a superfície da Terra era proporcional à densidade da composição do granito, o qual, por sua vez, mantinha uma relação semelhante com as substâncias que entravam na sua própria composição?

Tampouco é apropriado que o mundo científico institua questões que ele próprio não consegue responder, como substituto a uma refutação substancial de qualquer teoria. Contudo, tem sido esta a via geralmente trilhada pelos homens ao tentarem levantar obstáculos perante novas teorias — procuram obscurecer e mistificar tudo ao proporem um vasto número de interrogações para as quais a mente humana não tem capacidade de resposta ou sequer de plena compreensão. Assim sendo, limito-me a recordar ao investigador científico a sua incapacidade de declarar errada a proposição, especialmente enquanto não tiver investigado cuidadosamente os argumentos gerais que a sustentam.

§ 36. Matéria é um termo utilizado como equivalente à substância de tudo o que existe no Universo; mas à medida que as substâncias se transformam, também os nomes pelos quais são designadas se alteram. Começando pelo granito, como sendo originalmente de densidade próxima à do mercúrio, deparamo-nos em seguida com um elemento com a densidade do ácido sulfúrico; depois com a água; depois com o éter sulfúrico; segue-se a atmosfera; posteriormente o seu último grau, o flúor; e por fim os elementos imponderáveis conhecidos como magnetismo e eletricidade.

Existe uma diversidade nos atributos e nos movimentos dos elementos imponderáveis — simples e compostos — que ainda não foi minimamente compreendida ou sequer imaginada. Com efeito, só após estes princípios terem durante eras produzido incessantemente fenómenos diante dos olhos do mundo, foi descoberto o princípio diamagnético*; e este não é senão um índice de descobertas ainda mais vastas. Por meio de uma força ainda não inteiramente determinada, a agulha magnética tem revelado uma uniformidade geral na sua posição — cuja causa permanece por explicar cabalmente. E apenas quando uma mente científica descobriu o princípio diamagnético, ou de intersecção, foi sugerida uma conceção apropriada, que levará à verdadeira solução do grande problema. E assim, as leis e princípios físicos do Universo permaneceram, manifestamente, obscurecidos a todos os anteriores investigadores filosóficos.

*As palavras aqui presentes foram ditadas em 29 de Abril de 1846. O que é dito acerca do princípio “diamagnético” era-me então inteiramente novo, nunca tendo

ouvido o termo. Posteriormente, ao solicitar ao orador uma explicação mais pormenorizada, este respondeu, em substância, que tinha sido descoberto recentemente um elemento imponderável, cujo movimento intersectava a corrente responsável pela orientação da agulha magnética. Ao indagar o nome do descobridor, o vidente entrou em estado de transe (isto é, espiritualmente ausente, com o corpo assumindo uma posição inclinada, como explicado na página 38) e, ao regressar, afirmou: "Soa como..." (hesitando e voltando a entrar em transe), "... é conhecido como Professor Faraday." Menciono este fenómeno — aparentemente insignificante à primeira vista — como prova do facto de o vidente receber impressões de sons, para além de factos e coisas. Mais tarde, deparei-me com um parágrafo num jornal que fazia breve referência à descoberta de Faraday de um princípio a que chamou "diamagnético"; sendo certo que o vidente, no estado normal, não possuía qualquer conhecimento prévio desse termo quando este parágrafo foi inicialmente ditado.

Esta digressão do tema principal destina-se a servir de apêndice à nova proposição aqui introduzida, a fim de que mentes precipitadas sejam levadas a ponderar antes de emitirem uma condenação apressada.

Na época anteriormente considerada, toda a face da Natureza revelava convulsões de uma magnitude inconcebível, cujo resultado foi a ejeção de rochas e proeminências montanhosas, entre cujos interstícios se formou um elemento fluido com uma densidade de cerca de um quarto da do mercúrio — ou, por outras palavras, ligeiramente superior à do ácido sulfúrico, cuja densidade é aproximadamente o dobro da da água. Este fluido era o produto do desenvolvimento das formas mais grosseiras de oxigénio, de ácido sulfuroso, de alumina e de carbono. As formas grosseiras destes elementos (únicas formas que poderiam inicialmente ter sido desenvolvidas) foram desdobradas pela ação do invólucro da grande Massa e pela afinidade que as partículas mais leves mantinham com a atmosfera que então envolvia o mundo. A conjugação destas deu origem ao elemento aquoso, cuja gravidade específica correspondia à sua relação com o granito — este último mantendo, também, uma relação proporcional, em termos de densidade, com os elementos ígneos interiores.

A atmosfera que então envolvia a totalidade da Massa era inteiramente distinta daquela que atualmente circunda a Terra. Uma composição atmosférica densa era emanada dos elementos internos. Esta possuía, em termos de gravidade específica, um valor não muito inferior ao da água hoje existente. Nenhuma forma dotada de vida poderia ter subsistido à superfície terrestre enquanto os elementos se encontravam neste estado — e assim permaneceram durante um número de eras que transcende qualquer cálculo. A atmosfera era composta por uma porção muito

reduzida de azoto, um sexto de carbono, e o restante consistia em desenvolvimentos imperfeitos de hidrogénio, enxofre e flúor.

As afinidades peculiares que estes elementos mantinham entre si sofreram desde então alterações profundas; pois, se outrora todos os elementos se apresentavam apenas em estado imperfeito, hoje, certos deles ascenderam até à forma aperfeiçoada da atmosfera como a conhecemos. O carbono, assim como outros elementos simples, foram-se recolhendo gradualmente entre as composições minerais e vegetais da superfície e do subsolo terrestres. Assim, as partículas mais refinadas ascenderam e assumiram a forma das substâncias simples e compostas que agora envolvem o mundo e permeiam a imensidão, enquanto outras ascenderam para preencher os lugares deixados vagos, e outras ainda desceram para se integrarem nas substâncias minerais para as quais possuíam afinidade.

Deste modo, nesta época — e após a formação do granito (uma composição de mica, feldspato, quartzo e hornblenda) — a condensação das partículas últimas produziu o elemento aquoso, cujo último desenvolvimento deu origem ao invólucro atmosférico. Neste período, estava em curso um desenvolvimento sucessivo de uma composição para outra, à medida que uma se tornava capaz de produzir e sustentar a que se lhe seguia. E tais foram, na realidade, os únicos elementos que poderiam ter existido nesta fase da formação terrestre.

Outra evidência da densidade deste elemento aquoso reside no facto de todas as rochas e proeminências originais terem sido desgastadas pela ação da água que então as envolvia. A força da água atual não poderia ter produzido tal efeito, sobretudo num espaço de tempo comparável àquele em que essas rochas foram reduzidas pela ação incessante das ondas e correntes. É verdade que a água ainda hoje produz efeitos semelhantes; mas é importante sublinhar que atualmente se encontra combinada com outras substâncias cuja ação acelera a desintegração.

Uma observação telescópica da Terra, a partir de Marte ou de Vénus, teria, nessa época, revelado uma aparência semelhante àquela que, por vezes, observamos em Marte e Mercúrio. Ter-se-ia apresentado com uma tonalidade vermelha profunda, envolta por um anel escuro de atmosfera — tal como seria natural esperar de um planeta em estado de fusão ou em condição ardente.

À medida que este elemento exercia a sua ação constante sobre as rochas primordiais, partículas iam sendo gradualmente transportadas e depositadas no fundo dos mares sob a forma de sedimentos. Depósitos foram assim formados em todas as fendas, fissuras e cavidades dos leitos oceânicos em todo o planeta. E à medida que essas acumulações aumentavam, o calor que se encontrava por debaixo de toda a crosta terrestre ascendia através das camadas depositadas. E, à medida que o calor subia, os materiais depositados uniam-se entre si; foi assim que se formaram

as rochas estratificadas primárias, conhecidas como gnaisse e micaxisto, intercaladas com xisto micáceo, entre outras.

E, assim como o granito representava um índice das primeiras manifestações aquosas e atmosféricas, também esta segunda formação servia de indicador dos elementos que, por força da necessidade, começavam então a purificar-se e a adquirir um grau comparativo de refinação — visto que cada estrato sucessivo revelava novos princípios, cuja ultimação tendia para o refinamento das composições aquosas e atmosféricas.

§ 37. A ciência da Química forneceu informações muito valiosas sobre os sólidos, líquidos e substâncias gasosas existentes. No entanto, não foi ainda capaz de descobrir todos os elementos que existem na composição da Terra. Mas teve êxito em estabelecer alguns factos de extrema importância, cuja tendência é iluminar o mundo.

Supõe-se que os elementos primitivos sejam em número de cinquenta e cinco, dos quais cerca de quarenta são metálicos, sendo os restantes não metálicos. Estes, em várias modificações, supõe-se que formem não só a substância de toda a Terra, mas também os seus elementos gasosos.

Um facto muito importante descoberto relativamente ao oxigénio e ao carbono é que estes se encontram amplamente disseminados nas substâncias da crosta e da superfície terrestre. O carbono e o gás ácido carbónico predominavam de forma mais extensa durante o período da estratificação primitiva do que em qualquer outro período desde então. O calcário contém, em cada jarda cúbica, dez mil pés cúbicos de gás carbónico; e o carbono entra também na composição do carvão, numa proporção de sessenta a setenta e cinco por cento. Isto prova, de forma evidente, que estas substâncias estavam largamente disseminadas pela superfície da Terra; e se tivessem ascendido na forma de atmosfera, o primeiro fenómeno teria sido a extinção de toda a forma de vida, caso alguma existisse.

Isto equivale a uma demonstração absoluta da proposição relativa à densidade dos elementos que primitivamente rodeavam toda a massa ígnea. Pois a condensação e a sequestração do carbono na substância do calcário e do carvão manifestam o seu estado original de desenvolvimento; e o facto de ter descido para tal estado de consolidação mostra claramente que foi substituído por alguma substância mais rara e perfeita.

Além disso, a acumulação e estratificação de substâncias originalmente contidas na composição do granito provam claramente que cada uma das quatro substâncias — mica, hornblenda, quartzo e feldspato — era composta por partículas que permitiam uma subdivisão adicional. Muitas partes das rochas primárias caracterizam-se por

um ou mais destes compostos, distinguindo-as das partes vizinhas. Tais são as rochas quartzíticas, micaxistos, etc., cada uma podendo, por vezes, ocupar a mesma posição na ordem da formação que estratos compostos por outras substâncias.

O meu objetivo ao destacar isto é preparar o caminho para a aceitação, como provável, do que caracteriza todas as formações subsequentes. Nenhuma substância foi até agora formada que contenha propriedades e elementos que não estivessem presentes nas formações primitivas. E o facto de os primeiros estratos sedimentares terem sucedido a estas como consequência direta da ação das águas contra as rochas ejetadas é claramente manifesto, uma vez que nem esta formação nem a anterior revelam qualquer presença de infusórios ou pólipos marinhos, tão abundantemente evidentes em formações posteriores. O granito e as rochas sedimentares podem, portanto, ser consideradas como constituindo o primeiro revestimento ou cobertura da massa ígnea do mundo.

Mas antes de prosseguir nas nossas investigações sobre os desenvolvimentos geológicos, é adequado compreender as leis da cristalização. E aqui, mais uma vez, o mundo está em dívida para com a química por algumas descobertas muito importantes. É uma verdade bem estabelecida que toda substância em estado de cristalização possui, antes de os seus elementos coesos serem reduzidos a estado fluido ou gasoso, formas que nunca mais voltará a assumir em condensações subsequentes. Os cristais podem ser produzidos pela compressão de substâncias antes de entrarem num estado mais elevado do que o da fluidez. E a cristalização pode ser produzida por outros processos, sendo o mais perfeito deles a sublimação das partículas ao reduzi-las a uma condição última ou gasosa. Sublimado corrosivo, fósforo, platina e diamante exibem todos formas produzidas pela condensação de partículas sublimadas e gasosas. E este fenómeno tem sido tão uniforme que agora desperta a atenção de mentes filosóficas, cujo resultado será uma nova teoria sobre a estrutura atómica do Universo.

Os primeiros estágios de cristalização de qualquer substância demonstram a forma angular de cada partícula envolvida no processo. A primeira congregação de partículas produz a forma menos perfeita de cristalização. E ao dissolver este cristal, fazendo com que as suas partículas ascendam a uma condição fluida ou gasosa e se condensem novamente, produz-se uma forma mais fina e mais perfeita do cristal. Isto prova, portanto, que à medida que os átomos ascendem do estado mais baixo para o mais elevado, assumem formas mais perfeitas. Passando da forma angular para a circular, tornam-se tão perfeitos que, ao condensarem-se, compõem o estado mais perfeito de cristalização. As observações da química conduziram, assim, a esta descoberta, cuja tendência é estabelecer, de forma incontestável, a progressão e perfeição das formas exemplificadas em todos os corpos cristalizados.

O elemento silício, combinado com oxigénio, forma a substância conhecida como sílica, que se encontra no granito. E elementos semelhantes compõem outras substâncias cuja combinação forma as estratificações primárias. E quão fácil é descobrir a razão pela qual uma formação como a do granito foi a primeira a ser produzida! É porque os átomos originais eram angulares. Sendo estes os mais baixos e imperfeitos, ocupam o primeiro ponto na formação; enquanto todas as outras formas estão contidas nestes, ainda não desenvolvidas. Assim, formações mais recentes exibem novos compostos, novas condições e novos aspetos; mas não contêm substâncias que o granito não contenha. Nenhum elemento, portanto, foi trazido à existência durante os estágios sucessivos de formação que não existisse no início; e toda a diferença entre as substâncias superiores e inferiores deve-se a uma mudança nas formas e composição das partículas.

A Terra, primitivamente, estava, então, na condição ainda não desenvolvida anteriormente descrita. E a primeira condensação produziu o granito; o segundo desenvolvimento foi o da massa fluida referida; e o terceiro, sendo o resultado final dos dois anteriores, foi a atmosfera. Todos estes tornaram-se essencialmente diferentes à medida que as circunstâncias se alteraram. Assim, uma sublimação constante ocorreu, e ainda ocorre, sendo a sua evidência claramente manifesta em todas as formas existentes, sejam elevadas ou inferiores.

Na época em que todas as causas químicas e mecânicas estavam em plena operação — das quais a formação da rocha primária foi um resultado — esta, pela fusão e agitação subterrânea, assumiu posições extremamente fantásticas. Nessa altura, a circunferência da Terra era pouco superior a trinta mil milhas. E, ao longo de inúmeras eras, formou-se uma camada de granito com quase cem milhas de espessura, tudo isto antes de o sistema de gnaisse e micaxisto ter surgido. Este último assumiu, por sua vez, uma espessura correspondente à sua posição e relação com o granito, e à poderosa ação do elemento aquático, que também entrou largamente, por condensação, na sua composição.

Pelo trabalho constante dos elementos interiores e exteriores, as camadas inferiores deste sistema tornaram-se modificadas, e as superiores, parcialmente desintegradas, formaram, pela acumulação contínua de sedimentos, o estado argiloso e o sistema de ardósia grauvaca. E este pode ser justamente considerado como a transição da formação primária para a formação fossilífera; pois nela se encontram restos fósseis quase incontáveis. As plantas mal se revelam por outro meio senão pelas impressões deixadas nas rochas. Nesta formação encontram-se fósseis da série conhecida como crinóides, conchíferos, polipários, crustáceos e vestígios indistintos de pólipos marinhos.

É evidente, portanto, que neste período plantas e animais imperfeitos já deviam existir. E os geólogos adotaram, de forma irresistível, a conclusão de que uma modificação da atmosfera e da Terra foi o motivo do surgimento desses seres.

§ 38. Neste período da história da Terra, maravilhas de natureza ainda mais profunda e interessante se apresentam para investigação e contemplação atenta. O revestimento primário da massa ígnea eleva-se até ao sistema de ardósia grauvaca; e a água e a atmosfera transformaram-se essencialmente, alcançando mais um grau de refinamento do que possuíam durante a formação do sistema anterior. E o Movimento também ascende, entrando em formas que possuem Vida. Neste período existiram plantas, cujos vestígios indistintos foram descobertos. Estas eram formas que ainda não haviam evoluído até à floração, sendo, por isso, denominadas plantas sem flor, crinóides, etc.

Ao contemplar esta época, surge uma questão não resolvida que exige resposta: a primeira ascensão do Movimento, ou a origem da Vida, tem sido tema de muita especulação entre mentes filosóficas, precisamente por ser o alicerce sobre o qual deve assentar a solução adequada da questão da criação e organização de todas as coisas subsequentes a esse fenómeno. No entanto, apesar de o tema da origem da Vida ter sido alvo de profunda investigação, nenhum poder de análise científica, nem qualquer especulação humana, conseguiu até hoje resolver o grande mistério envolvido nesta questão. Tem sido, e continuará a ser, alvo de amplo debate, se o Movimento, por algum meio possível ou modificação das suas condições, pode produzir o fenómeno da Vida.

Mas essa questão tornar-se-á facilmente demonstrável, se se considerar devidamente que o Primeiro de todas as coisas é um Embrião de todas as outras existências; que é um Germe, contendo as qualidades essenciais para produzir estados superiores de refinamento; e que, ao ser submetido a condições favoráveis, desdobrar-se-á na sua verdadeira natureza, expandindo-se em novas formas, novas substâncias, novos elementos e organizações. E (como foi sugerido aquando da explicação-chave desta parte da Revelação), o Movimento é o primeiro de todos os Princípios vivos contidos na matéria viva — e o derradeiro resultado deste, juntamente com o do seu veículo, a Matéria, é o Espírito. Portanto, é fácil compreender que mais um passo na ordem de ascensão, a partir da condição indicada pela palavra Movimento, produziria o fenómeno da Vida — havendo igualmente uma ascensão correspondente dos materiais que formariam o veículo adequado para a mesma.

As opiniões geralmente prevalecentes sobre este tema durante muitos séculos têm sido completamente insustentáveis e não filosóficas. Conceberam-se causas que não têm qualquer existência na Natureza, como sendo os agentes imediatos que sopraram o primeiro alento de vida em cada forma. E os pensamentos originados por

tais suposições serviram apenas para limitar a investigação mais abrangente que deveria ser feita sobre este tema em particular. Contudo, as condições requeridas para o desenvolvimento da Vida foram, até certo ponto, investigadas por fisiologistas, que tentaram, através de leis conhecidas, demonstrar os verdadeiros princípios e processos da gestação, bem como os materiais e condições necessários a tal desenvolvimento.

Porém, como regra geral, as experiências realizadas falharam na produção do fenómeno da gestação; e concluiu-se geralmente que esta não pode ocorrer sob quaisquer circunstâncias, a não ser através dos meios ordinários. Há, no entanto, um ou dois casos em que experiências deste género tiveram um certo sucesso: ou seja, ao ser colocado um composto adequado numa posição favorável, e sendo este atuado por forças elétricas, foi produzido um ser vivo, uma espécie animal singular. Mas experiências deste tipo não podem ter qualquer relevância para a questão aqui em análise; pois, mesmo que vida e atividade fossem o resultado de tais experiências em inúmeros casos, isso não resolveria devidamente a questão da origem da Vida.

A Natureza contém todas as forças necessárias para instituir todas as condições e produzir todos os desenvolvimentos que ocorrem na Terra e à sua superfície. E ao concebermos corretamente a uniformidade das leis da Natureza, podemos formar uma conceção adequada dos sucessivos desenvolvimentos resultantes dessas leis. Com base nisto, podemos estabelecer uma lei de *teleologia*; e sobre ela podemos repousar, com plena confiança no funcionamento dos princípios da Natureza, em combinações adequadas, para a produção dos vários desenvolvimentos. Assim, podemos ter um guia firme, constante e infalível, que nos permita associar os nossos pensamentos e aspirações aos estados superiores das leis ascendentes.

Este é, pois, o **período em que o Movimento se torna Vida**, e em que os materiais entram em combinações apropriadas ao seu desenvolvimento — combinações essas das quais as plantas são os tipos e indicadores. Qual terá sido o processo através do qual a Vida poderia ter-se desenvolvido é uma questão da mais alta magnitude, pois envolve, nos seus meandros, os poderes elevados e as capacidades intelectuais do Homem. Pois no exato momento em que uma partícula adquiriu vida sobre esta Terra, nesse momento a Vida, a Sensação e a Inteligência foram determinadas como resultados inevitáveis e eternos. Do mesmo modo que se afirmou anteriormente que, se fosse dado movimento a uma partícula da grande Massa que compõe o Sol do *Universocelum*, tal ato estabeleceria o movimento em cada átomo existente — e esse movimento seria eterno —, assim também, se uma única partícula recebe a qualidade essencial da Vida, desde esse momento está estabelecida a duração infinita da Vida, e dos seus consequentes resultados e manifestações. Quão **inconcebível**, então, é a importância da resposta clara e direta que esta questão exige!

Estou ciente de que as opiniões até hoje existentes sobre este assunto, quando devidamente investigadas, se revelarão para algumas mentes como totalmente repulsivas e irrazoáveis, ao passo que outras continuarão a aderir a elas com toda a energia de mentes ignorantes e mal orientadas. E mentes deste último tipo têm exercido, em todas as épocas até ao presente, mais influência e poder do que todas as forças do Pensamento e da Inteligência. Mas não existirão princípios sobre os quais o verdadeiro investigador possa repousar, sem perturbação? — não haverá sanções de Verdade e Virtude suficientemente poderosas para o sustentar nas suas posições? — não haverá uma base sobre a qual a Verdade e a Filosofia possam manter-se firmes, mesmo perante os elementos conflituosos do fanatismo?

E não existirá poder na verdade e no bem para sustentar o investigador contra os ataques de princípios que a Natureza e o seu Produtor nunca instituíram? Deverá um zelo cego e entusiasta ser permitido esmagar os esforços da mente livre — aquela que, por indução adequada, descobre a Fonte de onde todos os princípios se originaram e venera apenas aquilo que ostenta o selo indestrutível da Mente Eterna e Positiva? Deverá essa mente ser restringida, quando as suas meditações são influxos puros dos princípios e belezas da Natureza, que estão amplamente manifestados por toda a parte? Tem sido a falta do conhecimento adequado dos princípios sobre os quais a Natureza e a Verdade existem que obscureceu este grande tema das mentes científicas durante tanto tempo.

Não é necessário discutir a proposição — ainda por refutar — de que a Vida é um desenvolvimento progressivo do princípio do Movimento, e que as plantas marinhas foram as primeiras formas adequadas a tal desenvolvimento. Pois os animais não poderiam ter existido antes dos vegetais, uma vez que o primeiro é o resultado último do segundo, contendo mais um princípio, o qual a planta apenas simboliza.

§ 39. Têm igualmente surgido discussões muito extensas relativamente às leis de mutação das espécies e ao desenvolvimento progressivo. A opinião geral existente sobre este tema provém das diversas indicações contidas nas rochas primitivas e subsequentes que apresentam plantas e animais, bem como das classificações gerais em que estas parecem naturalmente organizar-se. Essa opinião é a de que toda a criação, desde a formação mais baixa até à mais elevada, procedeu segundo uma ordem sucessiva, de modo a demonstrar uma correspondência geral entre as criações geológica e zoológica. E esta opinião tornou-se muito popular, a tal ponto que outras teorias parecem estar abertamente atacadas por ela. Os defensores dessas outras teorias, por sua vez, tentaram refutar a hipótese anterior — não por amor supremo à verdade, mas porque haviam sido previamente contrariados.

E para se defenderem deste ataque, não se tornou necessário investigar com o puro desejo de revelar a verdade, mas sim com a intenção de sustentar opiniões previamente concebidas. Tais esforços consistiram em reunir uma série de

evidências contrárias, não de carácter geral, mas de natureza assumida, gratuita e incidental, para que a teoria oposta pudesse ser igualmente contrariada. Por tal procedimento, nada foi ganho para o avanço da ciência — e algo se perdeu, nas tentativas incessantes de diferentes indivíduos de refutar as opiniões uns dos outros. Pois, perdendo-se na névoa da contenda, o espírito afasta-se da regra que sempre deveria ser primordial na mente humana: que **a Verdade deve ser o objetivo a alcançar**, e não a imposição de opiniões ou hipóteses.

Assim, o argumento não é necessário, neste caso, para demonstrar a veracidade desta ou de qualquer outra proposição; o que se requer é uma explicação clara e definida da origem e carácter das primeiras formas que a Natureza infundiu na existência antes da formação carbonífera.

Experiências e observações abstratas acerca das leis e princípios que regem as sublimes obras da Natureza têm, gradualmente, preparado o caminho para a revelação do conhecimento acerca do modo como cada partícula assume a sua posição específica e destinada. E aqui, novamente, as ciências da Química, Anatomia e Fisiologia ocupam uma posição de maior utilidade e importância entre todas, especialmente porque demonstraram que, entre muitos corpos, existe uma afinidade química comprovável entre cada átomo que os compõe. Existe, no entanto, um obstáculo à total e completa realização destas investigações, pois é absolutamente impossível ao homem, com o conhecimento atual sobre os princípios fundamentais da Natureza, conceber instrumentos tão perfeitos que permitam submeter a análise minuciosa a partícula mais rarefeita.

O objetivo, neste caso, não é fazer com que as verdades conhecidas da ciência se conformem com o estado original da Terra; mas sim demonstrar que os princípios fundamentais sobre os quais a Natureza desdobra as suas criações grandiosas, devem, através do desenvolvimento progressivo, culminar nas verdades que essas ciências revelaram ao mundo.

A Química revelará o facto de que a luz, quando confinada num certo estado e condensada, pode gerar água; e que essa água, sujeita à ação vertical da luz, produzirá, através do seu movimento interno e de uma condensação adicional, uma substância gelatinosa da composição do *spirifer*, cujo movimento indica vida animal. Esta, ao decompor-se e ser sujeita à evaporação, dará origem a partículas precipitadas que permanecem e produzem matéria putrefacta semelhante à terra, da qual brota a planta conhecida como *fucoides*. É sobre os resultados desta experiência (cuja veracidade, como descrito acima, pode ser universalmente verificada) que assenta a **probabilidade** — embora não a certeza absoluta — da veracidade da descrição que passo a apresentar sobre a **primeira forma possuidora de vida**.

Como já foi referido, todos os elementos haviam sofrido uma modificação material e substancial no final das rochas de transição, ou sistema de grauvaca. E muitas porções dos leitos marinhos estavam, nesta altura, em estado suscetível de gerar novas formas. A alteração do elemento aquático fora generalizada: o carbono tornara-se mais amplamente disseminado, enquanto o oxigénio, em proporções relativamente pequenas, assumia ainda de forma imperfeita o seu atual estado gasoso. A substância conhecida como quartzo, presente no granito — a mais perfeita combinação de oxigénio e silício — estava combinada com o calcário, onde o carbono se encontrava extremamente condensado; e a união destas substâncias, com o calor gerado pela sua combinação, atuando em conjunto com as afinidades da água e da atmosfera, criou, em certas porções dos leitos marinhos e rochas parcialmente expostas, uma composição que parecia estar em estado de repouso, mas em que existia, na realidade, um movimento impercetível — decompondo e unindo partículas, e criando um princípio de **vitalidade interna**, ou *vis vitæ*.

Aqui manifestava-se o poder gerador do movimento, e os fenómenos da vida, da morte e da reorganização. Pois a decomposição de qualquer átomo nestas massas gelatinosas representava a desorganização de todos os corpos, ou seja, a morte; enquanto a sua recomposição representava o princípio cuja fecundação origina o surgimento de novas formas e organizações. A atividade constante existente em toda a massa, unida pelas forças anteriormente descritas como associação ou afinidade, manifesta não apenas as leis imutáveis do Movimento, mas representa claramente todos os fenómenos (ainda não devidamente compreendidos) que ocorrem no processo de gestação. Massas desta natureza existiam em várias partes da Terra e sobre os leitos segregados formados pela ação dos elementos sobre as primeiras porções estratificadas da crosta terrestre. Estas deram origem às formas denominadas plantas marinhas e afloras sem flor, cujo tipo mais elevado é o *fucoides*.

Importa que se fixe bem que a base destas formações consistia principalmente em mica, quartzo e hornblenda, modificadas pelas partículas associadas de calcário — que, ao decompor-se, originavam a partir dos seus próprios elementos as formas acima descritas. Importa ainda reter que o granito e o calcário, incluindo os micaxistos, ainda não haviam entrado em nenhuma composição orgânica específica.

As plantas deste período não estavam completamente formadas, pois eram desprovidas das suas partes finais (como sementes, flores e folhagem), e não eram adequadas a qualquer outro fim que não fosse o de gerar uma ordem superior de formas — representando as primeiras apenas um símbolo das últimas.

Aqui, Movimento e Vida tornaram-se visíveis. O Movimento foi originalmente e eternamente estabelecido; ao passo que a Vida, seu desenvolvimento ascendente, manifestou-se pela primeira vez nas formas imperfeitas das plantas marinhas. Todas

as condições estavam de acordo para essa produção. Nenhuma energia artificial foi necessária para que surgissem. Nenhuma nova força, qualidade ou princípio foi exigido para o desenvolvimento bem-sucedido do que conhecemos como Vida. A Natureza revelou as suas energias vitais nas primeiras formas — ainda que imperfeitamente. Contudo, estas representavam e simbolizavam o mais elevado processo de gestação e reprodução, bem como a mais elevada organização que foi posteriormente produzida, e que agora existe como investigadora desses primeiros tipos.

§ 40. Ascendendo na escala dos seres, surgem em seguida os *radiata* e os *polypária* — estes resultando da decomposição de substâncias anteriores e da combinação dessas com outros elementos, assumindo, como consequência, a forma seguinte na ordem do desenvolvimento. O termo "*radiata*" é aplicado de forma imprópria, pois as formas que este termo implica **não existiam na realidade**. Mas, como não é necessário discutir as definições dos geólogos e zoólogos ou os nomes genéricos atribuídos a formas do reino animal, passarei a descrever diretamente a natureza dos animais assim designados — tanto daqueles que habitavam regiões interiores, como os que proliferavam amplamente nos domínios aquáticos, e as operações por estes realizadas.

Os pólipos (*polypi*) estavam ativos na formação, a partir da solução de calcário e outras composições semelhantes, dos recifes de coral imperfeitos, os quais subsistem hoje como testemunho do engenhoso labor desses animais. Os *radiata* situavam-se abaixo destes, assumindo a forma de musgos suspensos; possuíam uma membrana entrelaçada e complexa, veículo de transmissão de uma sensação imperfeita — ou, mais adequadamente, de vida — que se manifestava através dos apêndices radiantes que emanavam de todas as porções da substância unida. Tais apêndices eram tão perfeitos que qualquer molécula ou substância que passasse próxima era imediatamente capturada e, por meio de decomposição ativa — aquilo a que chamamos digestão —, era integrada na sua própria substância; e por essa razão a sua natureza encontrava-se em constante transformação.

Através da modificação sucessiva destes seres, desenvolveram-se os *articulata* como próxima etapa da ordem. Os *radiata* tipificavam de forma tão perfeita a forma ascendente, que, se todo o seu processo fosse percetível aos sentidos, o assunto tornar-se-ia claro e demonstrável. Esta classe (que ainda pode ser considerada vegetal) era constituída por incontáveis câmaras e porções multiválvulas, sendo toda a massa inteiramente ventral. Os *annelidans* e *serpula* são espécies pertencentes a esta categoria. Associadas a estas sucessivas reconfigurações de forma, estavam as conchas univalves e multivalves, conforme designadas pelos geólogos. Incluem-se no mesmo sistema os *Crustacea*, ou trilobites, e o *spirifer* radiado — espécies que

logo se extinguiram, pois não podiam ser produções permanentes devido à sua relação inseparável com o tipo anterior.

Como elo de transição entre os *radiata* e os *articulata*, surgem o *productus* e a *terebratula*. Estes eram compostos principalmente por partículas que flutuavam na solução de calcário, micaxisto e gnaisse, após estas substâncias se terem modificado nas primeiras formas. Assim, o *productus* tornou-se outro tipo e agente ativo de incessante transmutação, visto que as formas superiores demonstram correspondência com ele, apenas sendo mais perfeitas e complexas nas suas partes — com o propósito de, por meio de uma ascensão adicional, produzirem a classe e espécies seguintes de animais, tão amplamente exemplificados na formação carbonífera.

Na presente classe de formação vegetal (pois, na realidade, ainda não existiam outras espécies)*, formaram-se inúmeras conchas como resultado das atividades da classe de seres então existentes, possuidora do princípio de vitalidade. Estas conchas eram ventrais, valvuladas, com câmaras, e revestidas internamente por uma membrana viva, móvel, gelatinosa e macia, próxima da porção óssea do animal. Muitas das espécies acima descritas extinguiram-se muito antes da conclusão dos estratos carboníferos.

O período ocupado na transição de todo o globo é, para nós, inconcebível; pois a Natureza, nesta época, não manifestava ocorrências impulsivas ou catastróficas, mas era calma e silenciosa — e, aos nossos olhos, pareceria totalmente desolada, uma vez que os únicos seres visíveis seriam as pequenas plantas marinhas. Contudo, como essas formas representam o desenvolvimento progressivo do Movimento para a Vida, e das espécies inferiores para as superiores, estão em analogia com os grandiosos desenvolvimentos da Terra, da água e do ar — havendo uma constante ascensão de cada um para esferas superiores, sendo o vazio deixado por essa ascensão preenchido por partículas que ascendiam a partir de esferas inferiores. E assim, tudo gradualmente se desdobrou, criando condições para a introdução de uma **nova era**. O termo dessa era presente é claramente proclamado pelas organizações mais elevadas, cuja manifestação foi provocada por uma alteração nos elementos, nas condições e nas forças.

Uno todos os desenvolvimentos vegetais dos sistemas de grauvaca e ardósia argilosa numa única classe geral: a dos **invertebrados**.

A razão pela qual denomino todos os desenvolvimentos vivos deste período como vegetais e invertebrados é o facto de que a Sensação ainda não se estabelecera como princípio distinto. Não se pode provar que tal tenha ocorrido, com base em qualquer classe ou espécie de produções até agora descobertas pelos geólogos.

** O clarividente solicitou a inclusão de uma nota indicando que a razão pela qual as suas classificações das produções orgânicas dos períodos antigos diferem ligeiramente, em certos aspetos, das apresentadas pelos geólogos, deve-se ao facto de ter constatado que estas últimas não estavam estritamente conformes à Natureza.*

Os animais não poderiam ter existido antes das plantas, pois a condição da Terra e dos elementos era completamente inadequada para sustentar vida animal, enquanto o carbono predominante e os elementos afins eram capazes de sustentar as criações e desenvolvimentos minúsculos do reino vegetal.

O termo "sensação", quando aplicado à vida, à vitalidade ou a um grau mínimo de movimento, é totalmente impróprio; pois sensação é tão distinta da vida como a vida é do movimento. Sensação é o princípio que liga a vida interior, ou espírito, ao corpo exterior. A vida pode existir onde a sensação ainda não se manifestou. O fenómeno da vida deve ser entendido como uma mera ascensão do princípio do Movimento — o qual desenvolve energias inerentes e causa uma transmutação e reprodução impercetíveis da substância onde esse princípio reside. Tal era, portanto, o carácter e o estado das formas desenvolvidas neste período.

Antes de ascender à formação carbonífera, é necessário mencionar as subdivisões feitas nas camadas ascendentes. A primeira foi denominada "Siluriana" — devido à manifestação deste tipo de rocha numa região do país inicialmente habitada pelo povo assim denominado. A seguinte, imediatamente acima, é conhecida como o "sistema do antigo arenito vermelho" (*old red sandstone system*). É notável, e assim o consideram os geólogos, que não se observa cristalização significativa na composição do arenito. É evidente que esta formação resultou da congregação de partículas finais do micaxisto, gnaisse, calcário e xisto argiloso, cujas partículas haviam sido tão modificadas que apenas o arenito poderia ter resultado dessa transformação. Neste período, as rochas do tipo *trap* e basalto existiam em posições salientes em diversas partes das terras emergidas, mas de forma mais abundante sob a superfície das águas. Estas rochas continham maior quantidade de matéria cristalina, cuja formação foi impedida por circunstâncias que não permitiram o mesmo no sistema de arenito. Esta formação é, em certas regiões do globo, bastante espessa, variando entre três mil e dez mil pés de profundidade.

Este período desenvolveu uma ordem superior de animais, que o sistema siluriano veio a tipificar. Os peixes começaram agora a espalhar-se amplamente pelos mares, e os corais existiam em abundância. A *terebratula* mantém-se com poucas modificações nesta era. O *spirifer* e o *ortho-spirifer* extinguem-se agora, restando apenas traços deles nas camadas superiores, e mesmo esses bastante modificados. O *productus* ascende nos seus géneros. A partir dos géneros inferiores de moluscos, desenvolve-se o *gastropode*, e ainda uma espécie superior — o *cefalópode*. Os *radiata* e *articulata*, na sua progressão, começam agora a assumir a forma de

escorpiões e insetos, entre os quais os *fuci* (algas fósseis), determinados pelos geólogos, ocupam uma posição intermédia. Os mares eram habitados por anelídeos e peixes semelhantes a escorpiões — os quais, no seu grau mais elevado, aproximam-se do tubarão e do esturjão. Os anelídeos eram uma espécie de verme marinho, ainda hoje observável em muitas costas e enseadas, onde existem pedras ou corpos que permitam ocultação. Dentro desta classe existem dois tipos: o branco e o vermelho, sendo o primeiro hermafrodita e ocupando uma posição intermédia entre o tipo inferior e o superior, no qual o *serpula* se torna visível.

§ 41. As plantas, neste período, ascenderam à *sigillaria*, com poucas modificações, embora posteriormente tenham evoluído para a classe das *coníferas*, amplamente evidenciada na formação carbonífera através dos delicados e belos pinheiros cujos vestígios ainda subsistem.

A distinção clara entre as criações vegetal e animal só surge na estratificação carbonífera, quando a desintegração, decomposição e segregação das formações primárias se tornaram muito extensas. Houve também uma ascensão correspondente de todos os elementos, o que se evidencia claramente na formação anterior, contendo peixes, tubarões e outras produções marinhas — cuja origem pode ser traçada até à primeira produção vegetal gelatinosa.

E como este período representa os dois reinos de forma mais distinta do que os anteriores, a linha de demarcação entre eles pode ser corretamente traçada, apesar dos materiais intercalados provenientes dos sistemas siluriano e de arenito, compostos quase inteiramente por conchas, cujas espécies são idênticas aos moluscos primitivos. Estas representações tornar-se-ão mais claras quando for descrita a crosta terrestre tal como existia antes da mudança do elemento denso que resultou na formação do calcário.

Esta era, então, mostra uma ascensão dos animais para um grau acima dos invertebrados. Contudo, se estas formas forem dispostas de forma ordenada, o grau mais elevado revela uma grande diferença e superioridade em relação às primeiras espécies da mesma classe — espécies que designarei como representando o desenvolvimento do peixe ósseo. Pois as organizações musculares e convolutas do período do arenito, das quais o peixe é o tipo, ainda não assumiram as porções posteriores que caracterizam os verdadeiros vertebrados. Nenhuma das espécies de peixe atualmente existentes ultrapassa, em termos de organização, muito além da composição gelatinosa dos anelídeos — exceto na forma e textura, que requerem uma concatenação distinta de forças para produzir atividade muscular e locomoção marinha.

A deposição contínua de partículas, em resultado da ação dos elementos e das marés — que, neste período, cobriam praticamente toda a superfície da Terra, sendo

de força e magnitude excessivas — e de outras causas locais (que em breve serão explicadas), fez com que as extensas soluções de calcário então existentes, ao combinarem-se com outras substâncias, fossem depositadas, originando a grande série de estratos conhecida como calcário carbonífero.

Foi então que animais marinhos e plantas terrestres se desenvolveram. Estas últimas começaram a sombrear pequenas porções da superfície terrestre que, durante eras incontáveis, haviam sido um vasto deserto aquático. A terra firme começou agora a manifestar-se, surgindo então o desenvolvimento de solo, resultado da decomposição de substâncias gelatinosas que anteriormente existiam nessas porções; e deste solo brotaram formas vegetais diminutas. As montanhas então existentes tornaram-se ainda mais proeminentes, e outras surgiram, ejetadas pela constante ação do interior da Terra — que, neste momento, se encontrava agitado pela mudança dos elementos, os quais colocaram o interior e o exterior do globo em condições completamente desiguais. O equilíbrio fora gradualmente destruído pela ascensão e recombinação constante do elemento aquático, cuja densidade anterior equilibrava a força expansiva do interior. Por conseguinte, para restaurar esse equilíbrio, o interior teve de encontrar escape — e isso foi conseguido com o vasto soerguimento das montanhas que hoje conhecemos como os Apeninos e os Andes.

Contudo, a descrição das montanhas anteriormente existentes, e das que foram ejectadas neste período, não deve ser ainda apresentada, antes de algumas observações preliminares, das quais depende a adequada compreensão das desigualdades e dos extraordinários acontecimentos catastróficos que, aparentemente, confundem a ordem geral das leis da Natureza e o seu funcionamento até então harmonioso.

A Terra tinha-se tornado, por condensação, dois mil milhas mais reduzida em circunferência desde a sua magnitude anteriormente mencionada, a qual se verificava durante o estado elástico da camada primária. Os mares já não eram tão profundos como antes, embora a superfície da água fosse mais extensa. Esta alteração foi causada pela expansão de partículas anteriormente condensadas que compunham a água; pois é uma lei bem conhecida da química que, à medida que as partículas se sublimam, expandem-se e, consequentemente, ocupam um espaço maior do que antes. Este período representa, assim, a condição da água no seu estado evoluído e elevado. Estando, portanto, a um nível mais alto do que anteriormente, era visível apenas uma pequena porção das enormes montanhas que hoje se erguem a muitos milhares de pés de altura.

Assim, inúmeras conchas e imensas coleções de todo o tipo de plantas e animais então existentes foram transportadas pelas marés quase até ao topo dessas e de outras montanhas, sendo aí depositadas nas fendas e nas porções onduladas das rochas que as compõem. E porções que agora se encontram proeminentes, tendo

estado anteriormente completamente submersas pelas águas e constituindo o leito do mar, ficaram cobertas de diversas plantas e fósseis que a água e outras substâncias tinham deixado, e ao serem projetadas a tamanha altura conservaram esses fósseis e impressões. — E estes confundiram e, por vezes, destruíram a ordem da criação na mente dos geólogos, porque formações anteriores e posteriores são encontradas lado a lado. Mas sendo estes detalhes e particularidades, o naturalista e o geólogo não deveriam opô-los à lei da ordem e harmonia que o uniformitarista procura estabelecer como constituindo um sistema de desenvolvimento progressivo.

Além disso, as marés nesta época eram maiores do que quaisquer das que agora se verificam. Pois as águas acumulavam-se a alturas imensas a cada catorze horas, sendo elevadas duas vezes durante o período de rotação da Terra sobre o seu eixo.

As teorias apresentadas ao mundo relativamente ao fenómeno das marés têm sido, em geral, bastante incorretas. Foi suposto por um astrónomo de renome que as marés eram produzidas pela lei da atração — pela ação da Lua sobre a Terra. Isto não pode ser verdade; pois a atração não é um princípio estabelecido, especialmente para além da atmosfera de qualquer corpo ou substância. Para mostrar claramente a impossibilidade desta ser a causa das marés, apresentarei algumas das principais considerações que têm importância neste assunto.

Se a Lua exerce alguma influência atrativa sobre a Terra (para além da relação natural existente entre os dois corpos), por que razão, quando a Lua está em conjunção com o Sol, a água não se eleva mais do lado da Terra voltado para estes corpos, como seria de esperar se tal atração existisse? Além disso, as substâncias desse lado da Terra não deveriam pesar tanto como quando a Lua se encontra noutra posição. E ainda, quando a Lua está do lado oposto da Terra, e a Terra se encontra entre ela e o Sol, por que razão a elevação da água não é igual em todas as partes da Terra? Pois se a Lua e o Sol exercem uma influência igual, o resultado deveria ser alturas de água uniformes em toda a Terra.

§ 42. Não compete ao carácter desta obra discutir opiniões anteriores, hipóteses incorretas ou pontos de filosofia considerados estabelecidos; mas o objetivo é prestar a todos os investigadores justiça igual e a mais elevada aprovação, na medida em que as suas investigações tenham contribuído para o avanço da verdade e para o esclarecimento das mentes do mundo sobre os princípios pelos quais a Natureza realiza as suas obras enérgicas e sublimes. Pois, se fosse intenção contestar opiniões fundadas nas aparências que as coisas apresentaram, então a discussão seria quase interminável. Por exemplo, a queda de uma substância anteriormente suspensa no ar foi chamada de gravitação. As marés têm sido consideradas como resultado do mesmo princípio. Todas as coisas foram representadas como possuindo, em maior ou menor grau, os princípios de atração e repulsão — um antagonismo perfeito e estabelecido. E sendo esta a crença amplamente aceite, não é possível que uma

teoria ou hipótese diferente seja aceite a menos que se dirija ao entendimento humano com mais clareza e força do que a teoria anterior.

É uma verdade bem estabelecida na astronomia e nos princípios da mecânica que um corpo rotativo como a Terra, no seu eixo, tem a maior tendência para lançar substâncias na direção em que gira. Como a Terra gira de oeste para leste, e atualmente o faz uma vez a cada vinte e quatro horas, tem necessariamente de produzir duas elevações de água, especialmente porque a água envolve todo o globo. A cada doze horas, a água eleva-se no extremo leste e no extremo oeste, ou seja, em pontos opostos da Terra. A elevação da água a cada doze horas é um resultado da tendência centrífuga que o globo cria em metade do seu período de rotação — sendo assim produzidas marés correspondentes nos lados opostos da Terra.

Existem muitos fatores que atuam incidentalmente sobre a água, produzindo variações nos períodos e nas elevações das marés em diferentes locais da Terra. Um conhecimento correto da lei dos fluidos demonstrará de imediato a causa de todo o fenómeno. E é através da compreensão da tendência natural dos fluidos, e de todas as outras substâncias, quando sujeitas a uma força centrífuga, que a presente explicação do fenómeno se tornará estabelecida para além da possibilidade de refutação.

Assim, na época da terminação do sistema de arenito, e quando os elementos tinham já sido modificados desta forma, a água foi agitada por marés tão extraordinárias que fósseis de todas as descrições foram por ela transportados e depositados nas fendas e fissuras das montanhas, não excluindo as dos Andes. E como já fora descrito, o equilíbrio tinha sido quase destruído pela sublimação das partículas que compunham os elementos, operação essa pela qual o exterior se tornou desigual em pressão face à força expansiva do interior. O resultado foram algumas das mais poderosas e inconcebíveis agitações da massa interna fundida, cujo estrondo teria reduzido a átomos a complexa organização do ser humano.

As convulsões que ocorreram foram tão imensas que apresentavam o aspeto de destruição total, e pareceria que os materiais de toda a Terra haviam colidido num único e universal choque num instante. E foi por estes paroxismos, totalmente indescritíveis, que a crosta da Terra se partiu, sendo massas inconcebíveis de pedra e de substâncias minerais fundidas, juntamente com os restos de seres orgânicos anteriormente à superfície, lançadas a alturas imensas. O levantamento súbito quebrou estrato após estrato em massas grandes e pequenas, enquanto outros estratos foram dobrados e torcidos em todas as posições imagináveis, expondo trap, basalto, granito, arenito, xisto, etc., que pareciam estar desordenados e confusos da maneira mais indescritível.

No exato momento em que esta ocorrência terrível teve lugar, iniciou-se um processo através do qual a grande massa de lava expelida do interior, juntamente com a prévia solução de cal e os recifes de coral, foi rapidamente segregada e condensada; e, sendo atrativa para o carbono então amplamente presente na Terra, resultou na condensação de grande parte dessa massa nas formações de calcário carbonífero e de carvão. O elemento carbono, que anteriormente estava associado a outras partículas na atmosfera, separou-se, em grande medida, através deste processo.

Isto originou, por sua vez, uma modificação na composição da água; cujo resultado foi a ascensão dos elementos primários para se associarem à envolvente formada pela nova e mais adequada atmosfera da Terra.

As montanhas que então foram expelidas do interior da Terra foram posteriormente nomeadas com termos alegóricos, cada um com um significado que será explicado adiante. Entre as montanhas formadas nesse período estão os montes Altai, Urais e Himalaias, na Ásia; os Alpes, sobre os quais se localiza hoje a Suíça; os Apeninos, em Itália; e os Pirenéus, entre França e Espanha; — também a bela cadeia montanhosa que atualmente ladeia o Eufrates, entre outras formações em diversas partes da Ásia (a serem descritas posteriormente); — bem como os montes Grampianos, na Escócia, cuja extensão alcança quase a linha que hoje divide a Rússia das restantes nações europeias; — e ainda os Andes, na América do Sul, que continuam a funcionar como válvulas de escape para o calor interno da massa líquida e ardente que ainda constitui milhares de milhas da substância interior da Terra. As Montanhas Rochosas já existiam há muitas eras.

Os Montes Apalaches tornaram-se mais extensos, e deu-se uma grande divisão da Terra nos atuais hemisférios oriental e ocidental, ou continentes. Um quarto da Terra tornou-se visível nesta época — uma porção maior do que jamais fora manifesta, devido à elevação das águas, que aumentaram em volume, diminuíram em densidade e se aproximaram, na sua composição, daquela que hoje conhecemos.

Assim, o mundo e tudo o que nele existia sofreu uma transformação essencial; e iniciou-se uma nova Era. Estes acontecimentos estabeleceram as divisões e os traços da Terra que ainda hoje não sofreram alterações significativas.

A água tornou-se então grandemente modificada, ao ponto de se tornar apropriada para dar origem a organismos mais perfeitos. A atmosfera que envolvia todo o globo tornou-se igualmente mais perfeita, capaz de sustentar novas ordens de produções terrestres e marinhas, que surgiram como resultado inevitável do que as precedeu. Mares, lagos e rios tornaram-se os meios de circulação em várias partes do mundo, transportando partículas e substâncias de um lugar para outro. Embora possuíssem menos força do que as águas anteriormente existentes, não houve diminuição na

ação necessária para realizar o mesmo trabalho que esse elemento vinha cumprindo há muitas eras.

A água atuava sobre as substâncias e depositava partículas, gerando movimento e vida em todas as composições gelatinosas que estivessem devidamente situadas para a receber. E dava fertilidade às regiões interiores e a lugares que antes estavam ocultos sob as suas vagas transbordantes, mas que agora se tornaram belos prados e vastos territórios — cuja capacidade de revelar as belezas que agora exibem jamais teria sido imaginada pelo homem, se fosse possível ao homem existir durante o desenvolvimento dessas regiões.

Assim, a Terra, a água e a atmosfera tornaram-se proporcionalmente aperfeiçoadas; e a sua ação conjunta foi tal que todas as formações resultantes como culminação de espécies anteriores teriam, inevitavelmente, uma organização comparativamente elevada e refinada.

§ 43. Este é, então, o período, após o decurso de eras incalculáveis, em que a terra firme se tornou visível. E após os inconcebíveis movimentos da Terra, das águas e da atmosfera, o equilíbrio foi restabelecido, e tudo voltou a um estado de calma e tranquilidade. A Terra contraiu-se, e a água, tornando-se menos densa, expandiu-se em maior volume. A atmosfera tornou-se adequada para a ascensão das partículas últimas. No entanto, o carbono ainda existia em grande quantidade, enquanto o oxigénio permanecia praticamente não desenvolvido, e o azoto constituía grande parte do ar, neutralizando a ação dos outros elementos. Pois, se não tivesse havido um elemento associado que contrariasse as tendências tanto do carbono como do oxigénio, tudo teria sido instantaneamente inflamado e dissolvido com enorme rapidez. Mas o equilíbrio assim estabelecido tornou a atmosfera favorável e apropriada para cumprir os seus propósitos.

E o aspeto geral das coisas manifestava o despontar de uma nova Era. Indicava claramente a adaptação de todas as substâncias entre si, e ao conjunto da Massa aglomerada. Revelava nitidamente o desenvolvimento e a preparação das substâncias para organizações mais perfeitas, e mostrava também o estabelecimento de condições mais equilibradas e harmoniosas do que aquelas que poderiam ter existido antes da mudança.

Assim, toda a Natureza, com os seus elementos, leis e princípios, entrou em repouso, para que a criação sucessiva e ordenada de novas espécies de formações terrestres e marinhas pudesse prosseguir.

E esta é a era em que o Movimento transcende a Vida e se torna Sensação, — e em que as formas transcendem as plantas e se tornam espécies animais substanciais: — e a este período os geólogos chamam de "Formação Carbonífera". Pois as espécies

de peixes invertebrados e ósseos avançaram agora para graus superiores de perfeição. E é profundamente tranquilizante para o espírito contemplar o desenvolvimento de tipos distintos e sinais infalíveis de formas superiores, e meditar sobre as perfeitas adaptações mútuas de todas as coisas entre si, e para o contínuo desdobrar de formas mais elevadas — as quais a Natureza indica com evidências que não podem ser mal interpretadas ou confundidas.

Tudo havia sido lançado numa condição caótica, cuja confusão, para algumas mentes, parecia excluir completamente a ideia de que alguma ordem ou lei pudesse estar envolvida na criação do mundo. E muitas mentes nobres e esclarecidas tentaram, com base nesses argumentos, refutar os raciocínios daqueles que investigaram os sublimes mecanismos da Natureza e que, ao observarem uma cadeia ilimitada de causas, procuraram estabelecer um sistema ordenado, para que todas as coisas subordinadas pudessem ser compreendidas por analogia.

As opiniões dos geólogos são, em certos aspetos, bastante divergentes e até incorretas. Mas os geólogos são, não obstante, dignos da aprovação do mundo pelo seu esforço em desvendar verdades que possam conduzir a uma compreensão adequada da origem da Terra. E por isso não me sinto inclinado a contrariar qualquer uma das suas teorias ou proposições, mas apenas a declarar a verdade, para que aquilo que ainda não foi por eles descoberto possa ser corretamente inferido a partir das evidências apresentadas neste curso de generalização — cuja base, certamente, não contestarão.

Eles consideraram este período atual de estratificação como o terceiro da divisão geral, incluindo o primário. Mas sinto-me claramente convencido de que a Sensação não se tornou, antes deste período, um princípio desdobrado da lei original. E, uma vez que a Terra agora assumiu divisões definidas, e a água e a atmosfera ascenderam a um estado mais refinado, este é o momento em que tipos de seres foram introduzidos, ascendendo de forma ininterrupta até à organização do ser humano. E, de acordo com uma declaração anterior, os períodos de tempo inconcebíveis em que o mundo, com todas as formas que havia desenvolvido, existiu antes desta era, constituíram uma noite inimaginável ou um "entardecer" — cujo desdobramento manifesta novas belezas, sendo mesmo a "manhã" de uma nova existência. Portanto, **"a tarde e a manhã foram o primeiro dia."**

Esta é uma era notável na história geológica da formação da Terra. Embora seja impossível para os geólogos determinarem o período cronológico exato destes acontecimentos, a partir de quaisquer indícios que a Natureza apresenta, as aparências naturais serviram como guia para uma inferência geral. Contudo, ainda não se chegou a uma conclusão verdadeiramente precisa.

A terra firme torna-se agora visível. A Terra divide-se em dois grandes continentes, e os rios, lagos, mares e oceanos iniciam a sua operação incessante, realizando o trabalho de decomposição e segregação sedimentar. A Terra assume agora o estado rudimentar do seu desenvolvimento futuro, de tal modo que tudo o que agora se manifesta revela sinais evidentes de uma era muito mais gloriosa.

Antes deste período, a Terra parecia "sem forma e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo"; pois o manto que a envolvia ainda não havia sido iluminado pelo grau de luz que agora dissipava a total escuridão. Isto foi conseguido por uma mudança na atmosfera que, tornando-se mais refinada, ficou também mais suscetível à ação dos raios solares, vestindo assim a Terra com um manto mais sublime e grandioso. A Terra, anteriormente, estava sem forma ou ordem, relativamente falando, porque esta era atual revela a beleza superior, a harmonia e a ordem que os elementos internos foram concebidos para produzir. Assim, a ordem torna-se agora uma marca evidente da Natureza. Formas animadas habitam agora a terra firme, enquanto anteriormente nenhum ser vivo ou rastejante existia à superfície da Terra. A transformação da Terra, da água e da atmosfera foi, portanto, uma mudança de algo que parecia ser apenas uma fonte de materiais caóticos.

Todas as evidências que geólogos e naturalistas apresentaram como prova das condições exatas sob as quais se formou o carvão não transmitem, na realidade, uma ideia correta das causas que produziram esses grandes depósitos carbonosos. Em muitas partes do mundo, o carvão encontra-se sobre a camada primária da Terra; enquanto noutros locais repousa sobre diferentes estratos de rochas de transição, como o quartzo e o xisto, especialmente o calcário. Estas formações também originam pedra de ferro, calcário, arenito e vários outros tipos de depósitos. Alguns destes entram na composição do próprio carvão, enquanto outros formam estratos intermédios entre as camadas de carvão. É evidente, com base nisto, que a substância da pedra de ferro e outras composições tinha uma afinidade particular pelo carbono presente na atmosfera; e sendo este assim atraído e associado a essas substâncias, tudo acabou por se condensar, formando aquilo de que o carvão é parte essencial.

Além disso, várias zonas dos leitos marinhos não foram sujeitas ao mesmo grau de erosão que outras; e por isso tornaram-se recetáculos adequados para a formação do carvão e das estratificações a ele associadas. Nesses locais, a terra firme tornou-se visível; o que resultou num desenvolvimento gelatinoso ativo, originado pela assimilação da luz e do calor com substâncias vegetais previamente decompostas, que ainda possuíam o princípio da vitalidade. E estando sujeitas a tais circunstâncias favoráveis, ocorreu uma fecundação viva, cuja ação reorganizou as partes anteriormente assimiladas.

§ 44. Assim, formações vegetais espalharam-se densamente pelas partes da terra que haviam emergido das profundezas do mar. Formaram-se massas imensas, e árvores ergueram-se a grandes alturas, espécies essas hoje completamente extintas. Existiam em várias zonas onde a humidade predominava e onde havia abundância de elementos necessários. Tão extraordinariamente férteis eram estas regiões vegetais que, no seu crescimento rápido, as plantas extraíam a vitalidade umas das outras, acabando por tombar; e a decomposição sucedia naturalmente.

Esta decomposição originou camadas espessas de musgo; e estas recolhiam constantemente substâncias semelhantes, transportadas pelas marés excessivas desde outros locais; e assim se formaram imensas massas de matéria vegetal. Estas afundaram-se gradualmente sob a superfície, sobre o xisto e o calcário, que formavam fundações adequadas para elas. Ao ficarem assim abaixo do seu nível original, essas massas tornaram-se base para a deposição de outras partículas desintegradas e flutuantes (das quais a solução de cal e o xisto formavam uma grande parte), e com o tempo formava-se assim um estrato superior de xisto.

É bem conhecido entre os químicos que as plantas emitem oxigénio e atraem e assimilam com a sua composição o azoto, o carbono e outros elementos minerais que fazem parte da sua estrutura organizada. Este facto aplica-se às plantas atualmente existentes; mas oferece apenas uma ideia vaga da natureza das produções vegetais que existiram na era que agora consideramos. Eram, de facto, formas adequadas à transformação de elementos inerentes em atmosfera por refluxo, mas estavam ainda mais perfeitamente adaptadas para assimilar com a sua própria composição uma quantidade muito grande de carbono — que, na verdade, entrava quase puramente nas suas formas, tornando-se um ingrediente diferente de qualquer outro agora existente à superfície da Terra. O seu “alimento” era, portanto, o carbono; o seu “solo”, as decomposições vegetais gelatinosas e evoluídas das eras primitivas. Daí que, ao decaírem e condensarem-se, e ao serem finalmente transformadas pela ação dos elementos, essas massas constituíram as formações carboníferas, ou de carvão.

Os geólogos acumularam restos de plantas encontrados nos estratos intermédios de quartzo, cal e xisto, que ocorrem na formação do carvão: e assim ficou provado, para além de qualquer dúvida possível, que, à medida que cada uma destas imensas massas de musgo era coberta por uma camada de substâncias dissolvidas, transportadas pelas águas e depositadas sobre elas, essas últimas camadas tornavam-se, da mesma forma, recetáculos para outras substâncias flutuantes, semelhantes às substâncias gelatinosas, vivas e germinativas inicialmente depositadas.

E à medida que estas se acumulavam sobre os estratos, a ação do carbono, da luz e do calor resultava rapidamente na sua fecundação. Estas germinavam então e produziam um imenso crescimento de vegetação. E pelo mesmo processo observado

nas massas anteriores — crescimento exuberante, assimilação de carbono, decadência e condensação — formavam-se novas massas sucessivas. E estas tornaram-se também fundações de imensas camadas de musgo, recebendo substâncias semelhantes, levadas e depositadas pelas marés, com, ocasionalmente, alguns infusórios e conchas marinhas: e tudo se depositava, decompunha e condensava como antes, formando uma enorme massa de carbono. Esta, pela ação de outras circunstâncias existentes, foi convertida na substância de outro estrato de carvão.

Estas vegetações não se teriam transformado na composição do carvão se tivessem existido outras condições, outros elementos, ou outras circunstâncias — ou se as condições fossem as mesmas que atualmente existem à superfície da Terra. Assim, foi sendo produzido um estrato após outro; e o processo teria continuado até aos dias de hoje, não fosse o facto de as substâncias em solução, então abundantemente presentes nas águas, se terem esgotado, e de os elementos, as condições e todas as coisas terem mudado de tal forma que tornaram impossível a continuação do mesmo processo.

Assim foi consumada a formação do carvão; e assim os seus estratos intermédios foram requeridos e adaptados — concebidos — como base sobre a qual outros estratos de carvão pudessem ser depositados e aperfeiçoados. Se esses estratos intermédios de xisto, calcário, pedra de ferro e arenito não se tivessem assentado sobre cada novo estrato de matéria carbonácea, a substância do carvão não existiria — especialmente na forma em que hoje a conhecemos. Portanto, era absolutamente necessário que existissem previamente as soluções que compõem os estratos intermédios; que a água desempenhasse as suas funções circulatórias (resultando daí a deposição de partículas anteriormente suspensas); e que os elementos e condições gerais envolventes fossem favoráveis, para que todos esses fatores em conjunto pudessem produzir e condensar tanto a massa vegetal como o estrato que a cobriria — sendo um transformado numa substância útil para o Homem, e o outro a base sobre a qual essa utilidade se formaria. E se tudo isso não tivesse existido, uma substância como o carvão não seria conhecida pelos habitantes da Terra.

O carvão, portanto, é considerado a primeira das formações secundárias. E aqui devo dizer que não posso concordar com todas as classificações feitas pelos geólogos em nenhum dos reinos; mas, na medida em que as classes e espécies tenham sido designadas por termos apropriados, é conveniente manter a nomenclatura, em vez de a substituir por expressões e terminologias menos familiares ao leitor científico.

A era do carvão apresenta indícios importantes para uma compreensão apropriada da geologia e fornece também pistas relevantes quanto ao processo da criação. Pois a retirada do carbono da atmosfera — que passou a compor o carvão e o carbonato

de cálcio — teve necessariamente de provocar uma grande transformação na atmosfera, e, por consequência, na Terra e na água. Uma vez que o carbono antes compunha grande parte da atmosfera, a ausência desse elemento teve forçosamente de ser compensada por partículas gasosas ascendentes de natureza diferente. Isso, inevitavelmente, provocou uma mudança significativa nos estratos situados acima do carvão, na terra seca e nas suas produções, e também na composição da água, que passou a conter combinações de substâncias até então não elevadas a estados superiores. A mudança foi gradual e impercetível desde o início até à consumação da era do carvão; mas, uma vez encerrado este período, a transformação foi notável, e os elementos ficaram preparados para conferir vida, forma e textura aos habitantes do mar e da terra — de um carácter completamente distinto de qualquer um anteriormente existente. E estes seres ascenderam a partir de tipos inferiores e assumiram um estado de progressão correspondente a tudo o mais existente no mar, na terra e na atmosfera.

A cadeia não pode ser quebrada, desde a formação primária até à era carbonífera; desde o primeiro até ao último elemento que envolveu a Terra, e desde a primeira organização dotada de Vida até ao pleno desenvolvimento do princípio da Sensação. Pois no exato momento em que se estabelece a existência do primeiro, nesse mesmo instante, segundo a lei eterna do desenvolvimento progressivo, torna-se certa a realização do segundo.

§ 45. Não é adequado que algo seja considerado sagrado e santo apenas porque se perdeu o registo da sua origem entre as revoluções de eras incontáveis. Também não se deve cultivar uma veneração entusiasta pela ideia de "criação" de algo, quando, na realidade, o termo **"criação"** carece de significado, já que a origem de qualquer forma, princípio ou substância existente é sempre consequência de uma causa anterior. Deve-se compreender que **causa e efeito são eternamente inseparáveis**; isto é, inseparáveis desde o início de todas as causas até à realização de todos os efeitos. E, assim, uma era ou período da eternidade está contido no ciclo de uma única Causa eterna e de um único Efeito eterno.

Não se levantem, portanto, argumentos contra a verdadeira e magnífica doutrina do desenvolvimento progressivo. Pois, se esta for refutada, nesse mesmo instante todas as leis e princípios são anulados, e Causa e Efeito já não poderão ser considerados os agentes responsáveis por dar existência às sublimes manifestações que embelezam o seio de uma Natureza terna e acolhedora! É sobre o alicerce imutável desta lei de progressão que assentam todos os argumentos e conclusões que podem ser legitimamente deduzidos de qualquer substância material ou externa que exista em qualquer parte da Terra ou do Universo. No entanto, se houver quem deseje contestar as classificações anteriores do desenvolvimento geológico e orgânico, que a objeção não se dirija a frases ou proposições isoladas e desconexas; que o ataque

se dirija antes ao **fundamento** — à base sobre a qual assenta tudo o que foi e será dito acerca destas verdades indestrutíveis, que são mais vastas do que a mente humana consegue compreender ou verdadeiramente apreciar.

A transformação dos elementos, portanto, em novas formas e combinações, torna-se uma necessidade decorrente do sequestro daquele elemento outrora omnipresente — o carbono — noutras substâncias. E essa transformação representa, por conseguinte, uma mudança clara e decisiva, marcando assim uma nova Era. A descrição das produções vegetais e animais deste período, que em breve se seguirá, evidenciará de forma ainda mais clara a veracidade desta afirmação.

Durante este processo, e nos anteriores, diversas substâncias metálicas — cujas características distintas as identificam como minerais — foram sendo depositadas em várias regiões onde se verificava uma segregação constante. A primeira destas substâncias foi o estanho, que se encontra mais próximo das formações primárias do que a maioria das outras. Subsequentemente, foram desenvolvidos o chumbo, o zinco e o cobre. Estes encontram-se intercalados em diversos estratos com uma relação próxima com o carvão, o calcário de montanha e o arenito vermelho novo; enquanto a prata e o ouro surgem associados à pedra de ferro, que se encontra nas formações carboníferas e em várias outras subdivisões da formação secundária.

Tem-se suposto, por parte dos químicos, que a atmosfera é composta por substâncias verdadeiramente elementares. Isso é verdade; no entanto, os elementos gasosos só poderiam ter tido origem nos minerais da Terra.

São, portanto, moléculas elevadas, que podem ser consideradas como a perfeição dos corpos minerais semelhantes àqueles que ainda permanecem ocultos na crosta da Terra. Por conseguinte, as substâncias conhecidas como carbonato de cálcio e carvão devem ter recebido os seus principais componentes da atmosfera que então envolvia o planeta. E sendo o ácido carbónico extremamente abundante, isso tornava a Terra fértil, produzindo vegetação sem flor em grande exuberância.

E é uma verdade demasiado evidente para ser mal interpretada que, desde as primeiras formas vegetais até à presente era, houve uma ascensão geral e progressiva de cada espécie para formas mais elevadas e correspondentes. Esta realidade seria ainda mais demonstrável se o tipo de vegetação gerado durante a formação carbonífera pudesse agora ser observado entre os estratos desse período. Mas as plantas dessa era assemelhavam-se bastante às equisetáceas, que se decompunham facilmente com a água e sob temperaturas tropicais. Um género desta classe ainda existe atualmente.

As produções vegetais desse período variavam entre musgos e árvores coníferas gigantes, que existiam abundantemente em zonas pantanosas e em terras onde havia

calor e humidade constantes. Também existiam com grande expressão as sigilárias e as monocotiledóneas.

As plantas das primeiras espécies eram compostas por um tecido celular gelatinoso, cujas fibras e membrana complexa constituíam o meio da vida — o local onde residia o poder de assimilação e reprodução. Destas derivaram os musgos; depois, os fetos; e destes, as coníferas — um tipo imperfeito dos pinheiros que hoje existem à superfície da Terra. Algumas destas árvores eram extremamente altas e belas, com alturas entre seis e dezoito metros. Os seus ramos eram direitos e semelhantes a fetos, e as folhas lembravam as das palmeiras. Aproximavam-se mais dos pinheiros do que qualquer outra planta então existente. Algumas eram desprovidas de flor, enquanto outras apresentavam flores de aparência peculiar e colorida. Destas, existiam várias espécies, sendo a mais elevada representativa da palmeira, e a mais baixa com características próximas das plantas endógenas, que crescem por deposição de partículas no interior do caule. As plantas com flores produziam frutos contendo sementes; e poucas possuíam sementes com dois lóbulos, pois as exógenas ainda não estavam completamente desenvolvidas até ao final da era carbonífera.

As várias formas animais que existiam anteriormente tornaram-se agora completamente extintas; enquanto moluscos, cefalópodes, etc., foram reproduzidos em abundância. Estes, juntamente com todas as classes de conchas univalves, bivalves e multivalves, continuaram a sua progressão rumo a espécies superiores dentro das mesmas classes. O género Spirifer extinguiu-se completamente; enquanto a Terebratula, o Productus, entre outros semelhantes, continuaram a existir em grande número ao longo de todas as idades desta era. Os mares eram amplamente habitados por espécies de peixes escorpiões e saurianos, exemplificados hoje de forma modesta no esturjão, que, no seu estado embrionário, não possui vértebras, mas sim um cordão gelatinoso que posteriormente assume a forma vertebral. Tal era a característica comum a todos os peixes que habitavam as águas nesta época. Assim, peixes ósseos e não-ósseos existiam em larga escala; e também as plantas, tanto marinhas como terrestres, eram as únicas que podiam prosperar nas condições então existentes.

Estes habitantes das profundezas aquáticas estavam organizados de forma muito diferente dos que existiram em períodos anteriores. Tal como as plantas, possuíam tecidos vasculares; o que se manifesta nas suas escamas agrupadas em forma de caixas, bem como no tecido em rede entrelaçada, bastante evidente nas espécies de peixes saurianos que habitavam os mares dessa era. E as plantas mostravam o mesmo através da sua natureza exógena, reconhecível pela disposição concêntrica ou espiralada das partículas a partir da camada exterior. No entanto, cotilédones não existiam — exceto os monocotiledóneos, que ocupavam uma posição intermédia

entre os criptogâmicos e os dicotiledóneos, que são o tipo mais elevado do reino vegetal.

§ 46. Os peixes, tendo evoluído a partir daqueles previamente formados — cuja estrutura era inteiramente celular — passaram a possuir tanto tecidos celulares como vasculares, estabelecendo assim superfícies serosas e mucosas imperfeitas, nas quais a sensação teria necessariamente de existir. A sensação tornou-se, deste modo, um princípio estabelecido, embora ainda estivesse imperfeitamente desenvolvida a partir do Movimento e da Vida. Consequentemente, surgiram inclinações como resultado — manifestações instintivas, ou desejos vivos. Este é o primeiro princípio que corresponde ao pensamento. Portanto, o Movimento, a Vida e a Sensação que estes peixes saurianos possuíam representam os mesmos princípios, mas mais aperfeiçoados — cujo grau mais elevado corresponde ao princípio da Inteligência. Assim, os habitantes dos mares desta era revelaram, pela primeira vez, o desdobramento da lei do Movimento, a partir do qual se pode inferir naturalmente uma exaltação mais perfeita do mesmo princípio.

O mesmo se aplica às plantas terrestres: as celulares, desprovidas de flores, eram constituídas por musgos, fetos, fungos e outros, que correspondiam à natureza unicelular e radiante das primeiras espécies animais. E, à medida que essas plantas se iam desenvolvendo gradualmente, originando a forma exógena, passaram a produzir flores belas — um indício correspondente ao da Sensação, apontando para a condição aperfeiçoada do princípio vegetativo. Assim, as plantas revelaram Vida, e os peixes, Sensação; mas, como as suas formas ainda eram imperfeitas, também os seus atributos o eram. No entanto, a cadeia entre espécies anteriores e atuais não se quebrou, em nenhum dos reinos.

Deve notar-se que os desenvolvimentos da Natureza são extremamente distintos em forma, essência e qualidade, conforme mudam as condições — seja no que toca à temperatura, localização ou influências de causas acidentais. Dessa forma, apresentaram-se formas dissemelhantes, que são quase impossíveis de organizar numa ordem perfeita, pois o tempo e as circunstâncias vão além do cálculo natural. Assim, os seres que existiram nesta era diferem consideravelmente em muitas partes da Terra, e parecem até desconectados. Mas não se deve esquecer que há uma correspondência entre todos os desenvolvimentos gerais e as causas específicas que os produzem. Pois, como foi estabelecido na chave: "todas as coisas estão constantemente a assumir formas, e estas estão de acordo com as causas excitantes existentes".

A experiência do ictiologista pode ser invocada como prova da existência das espécies de peixes que viveram durante a era carbonífera, sobretudo na medida em que o seu conhecimento abrange essas criações, a partir das observações sobre vestígios que ainda indicam as classes e espécies que habitavam as águas nesse

tempo. O botânico pode organizar, em ordem de desenvolvimento geral, as produções vegetais originais até às classes e espécies da era atual. E os geólogos conhecem a ordem das formações a que me refiro.

Mas o encerramento da era carbonífera é claramente uma grande consumação, com impacto sobre as formas terrestres, minerais, vegetais e animais. Todas foram modificadas e alcançaram um grau de desenvolvimento superior ao de qualquer era anterior, e por isso constituem um dos elos mais perfeitos e decisivos da cadeia geral da progressão.

Muitas partes da terra firme estavam então cobertas por belas palmeiras, fetos e sigilárias; e a atmosfera, ativa na geração de chuvas, contribuía grandemente para o seu crescimento exuberante. As montanhas, que agora produziam musgos e outras espécies vegetais, conferiam à Natureza um aspeto verdadeiramente magnífico e belo — mais ainda em certas localidades do que aquilo que se observa atualmente à superfície da Terra.

A mudança na atmosfera e na água, provocada pelo consumo do gás carbónico, por recombinações dos principais elementos exteriores, etc., veio perturbar o equilíbrio prévio entre o interior e o exterior da Terra. A pressão externa diminuiu e tornou-se insuficiente para contrariar a expansão da massa ígnea do interior. Consequentemente, a Natureza estava em risco de sofrer uma convulsão súbita.

A face da Terra, naquele momento, pareceria aos olhos humanos como se a Natureza estivesse envolta num manto sombrio, mergulhada num sono semelhante à morte. Não se ouviam insetos zumbindo, nem se viam aves a voar ou a pousar nos ramos; e todas as florestas e pântanos pareciam desolados e abandonados. Não existia nenhum ser vivo com quem comunicar ou partilhar emoções agradáveis. Tudo o que existia pareceria inóspito ao espírito humano, ainda que a Natureza tivesse dado o seu melhor, segundo as condições então existentes. Mas a sua anterior energia viva e ativa encontrava-se agora em repouso. Toda a beleza interior estava oculta, por falta de forças mais enérgicas que a pudessem manifestar. As condições estavam aparentemente paralisadas, e alguma força renovadora era necessária para reanimar as formas e substâncias inertes espalhadas pela Terra. As trevas cobriam novamente a face do abismo, e as águas moviam-se com agitação incessante — ondas violentas e incontroláveis batiam quase contra os topos das montanhas. Era evidente que forças internas estavam em movimento, provocando uma agitação inconcebível em todo o domínio aquático. O equilíbrio fora destruído. A água e a atmosfera já não exerciam pressão suficiente para conter a expansão interior, e uma mudança era inevitável.

Assim, o fluido ígneo assumiu movimentos impetuosos em várias regiões do interior da crosta terrestre. Ocorriam tremores violentos e paroxismos, seguidos por

impressionantes erupções de lava vindas dos Andes e de outras montanhas — mas isso não foi suficiente para restaurar o equilíbrio. Os elementos internos continuaram a colidir e a recuar com agitação incontrolável. O resultado foi uma expansão das partículas interiores que abalou profundamente certas regiões da Terra, elevando rochas primárias, juntamente com rochas magmáticas, xisto, argilito, arenito, e também diversos estratos da formação carbonífera. Estes foram retorcidos e inclinados das suas camadas originais para posições verticais ou oblíquas, quebrando-se e contorcendo-se em todas as formas imagináveis ao longo de várias milhas.

A superfície da Terra apresentou então um aspeto radicalmente diferente de tudo o que já havia sido. Porções de terra que antes estavam submersas foram elevadas a grande altura, e outras foram deprimidas em igual medida. Montanhas e relevos já existentes partiram-se em várias partes, mudando profundamente a sua posição e aparência — formando novos vales e enseadas, os quais se tornaram os leitos e margens de grandes mares. Cadeias montanhosas na Ásia, na Escócia e na Suíça tornaram-se agora permanentemente estabelecidas. Entre estas, na Ásia, estava o Monte Ararate, que anteriormente mal se erguia acima do nível da água. A convulsão da Natureza foi universal, embora tenha afetado algumas regiões mais do que outras, pois já existiam condutas de escape em certas montanhas.

§ 47. O desprendimento dos elementos internos rapidamente acalmou a agitação das águas e da atmosfera, cuja densidade se alterou significativamente, tornando-se ambas equilibradas com a tendência expansiva dos elementos internos; e assim o equilíbrio foi novamente restabelecido. Os resultados desta convulsão incluíram: nova contração da crosta terrestre em direção ao centro, uma reorganização do elemento aquático, uma dissipação ainda maior do carbono presente no ar, e a sua substituição por oxigénio. Assim, oxigénio, azoto e uma pequena porção de carbono, juntamente com as partículas da água constantemente associadas aos elementos últimos, passaram a compor o invólucro atmosférico do globo.

A Terra passou a gerar novas composições à sua superfície como resultado da emissão de substâncias interiores. Assim, uma nova estratificação foi formada — que os geólogos subdividem em três substâncias distintas, todas visíveis em certas partes da estratificação anterior.

É bem sabido que o calcário contém uma grande quantidade de carbono, o que revela a sua afinidade com a formação carbonífera. E o quartzo e outras substâncias, ao combinarem-se com o ferro metálico e este com o oxigénio, produziram uma nova combinação chamada pedra de ferro (óxido de ferro) e também o calcário magnesiano — todos geralmente cobertos por camadas espessas de marga. E é uma verdade bem estabelecida na química que cada um dos elementos originais contidos na composição da Terra (estimados em cinquenta e cinco) combina de diversas

formas com outros por afinidade química; e, assim, os compostos mudam, apresentando mudanças correspondentes na forma, aparência e propriedades. E é apenas através do processo de combinação e recombinação que todas as formas — desde as angulares até às circulares — manifestam, ao longo dos seus processos de cristalização, a mesma lei geral de ascensão progressiva. Assim, novas formas e composições são constantemente produzidas, ainda que os elementos e qualidades essenciais permaneçam inalterados.

Portanto, a formação do novo arenito vermelho revela apenas uma nova substância, resultante da ocorrência anterior e da transformação completa da água e da atmosfera que envolviam e atuavam sobre a Terra nesse tempo.

Assim, toda a massa da Terra foi transformada. O planeta tornou-se menor em diâmetro, a água menos densa e de menor volume, a atmosfera mais leve e refinada — e todas as coisas foram igualmente e permanentemente alteradas em novas formas e composições. Os elementos estavam agora preparados para gerar novas substâncias, tanto no mar como em terra firme. Novas leis, novos princípios e novos elementos estavam agora a manifestar-se, e todos eles deviam resultar numa transformação total das criações terrestres. A Natureza foi despertada de um longo sono. Uma nova luz e novas belezas estavam prestes a ser inspiradas na existência. Pois o firmamento estava acima, e separava as águas das águas, dissipando assim a escuridão comparativa. E novas coisas, que mais adiante serão mencionadas, estavam agora em embrião, destinadas à perfeição final.

Portanto, o que anteriormente foi dito sobre esta era está agora plenamente verificado: pois tudo assumiu um caráter e condição diferentes de qualquer outra era na criação da Terra. Por isso, a expressão ganha clareza e força:

"E a tarde e a manhã foram o segundo dia."

Na medida em que as investigações dos geólogos foram bem-sucedidas na exploração dos fósseis desta era, elas oferecem uma conceção geral das formações reais — embora estas tenham sido muito mais extensas do que as descobertas feitas até agora indicam. A ideia predominante, deduzida das evidências geológicas, é que os peixes e os saurianos eram mais numerosos do que quaisquer outras formas. Supõe-se também que as formas e espécies originais de plantas terrestres tenham sido totalmente destruídas no final da formação carbonífera. Por outro lado, tem sido geralmente aceite que o lepidodendro ainda existe como remanescente das espécies inferiores; e sabe-se que fetos, musgos e fucoides prosperaram nesta era, embora não em grande abundância. Os leitos de marga foram corretamente considerados como resultantes da acumulação de ordens inferiores de moluscos, pois aparentam ser massas de conchas, sendo cada leito representativo dos vários tipos de moluscos formados a partir de carbonato de cálcio cristalizado. Estes leitos forneceram uma

grande variedade de espécies inferiores de musgos, que nunca ascenderam aos fetos superiores ou às coníferas que representam os pinheiros da atualidade.

As plantas não eram nem muito robustas nem muito abundantes. Poucas flores existiam; pois as classes de plantas que mais prosperaram durante esta era eram as plantas terrestres e marinhas mais resistentes, e não as florescentes ou delicadas que existiram em abundância na formação anterior. O único progresso visível no reino vegetal, portanto, reside no desenvolvimento de uma classe mais robusta, que é representada atualmente pelo pinheiro, carvalho, bétula e ácer (bordo).

Nota: A clarividente observou aqui que, embora a palavra shemayim (céus), traduzida como "firmamento" em Génesis, esteja no plural, o seu significado era simplesmente "a atmosfera"; e que este era o verdadeiro sentido das palavras "céus" e "firmamento" na narrativa primitiva da criação.

Mas o espanto dos geólogos aumentou com a descoberta de pegadas, aparentemente deixadas por lagartos imensos, aves e também tartarugas. E a partir da recolha de fósseis, foi possível inferir corretamente várias das espécies que então existiam.

Não é necessário descrever os amonites e calamites, cujas naturezas e modos de existência mudaram proporcionalmente às transformações dos elementos e das circunstâncias. Estas espécies alteraram-se impercetivelmente, nas suas formas, hábitos e constituições. Não se deve imaginar que a ordem do progresso foi interrompida por uma transição súbita de uma classe ou espécie para outra — pois isso é contrário a qualquer princípio ou fenómeno natural. Ainda que a Natureza manifeste por vezes paroxismos violentos, estes não perturbam a ordem da existência. Pelo contrário, como tudo o resto ascendeu, e o equilíbrio entre o interior e o exterior da Terra foi destruído, tais convulsões universais resultam apenas num estado estático. Não alteram a ordem e harmonia das leis estabelecidas, embora modifiquem profundamente aquelas que antes atuavam sobre as formas existentes em terra e no mar. Essa modificação apenas cumpre os requisitos prévios dos vários reinos da Natureza. Assim, nenhuma lei ou princípio é alterado, e todo o processo revela uma ordem ascendente constante de graus, desde o tipo mais inferior até ao mais elevado.

Os geólogos classificaram as espécies que foram descobertas, mas não conseguiram identificar as espécies intermédias entre uma classe e outra, nem as causas da emergência de novas formas. Contudo, ao desdobrar os indícios que esta formação apresenta, não é apropriado referir todas as formas de vida então existentes no reino animal. Mas será dada uma descrição das espécies mais proeminentes, desde o sauriano inferior até ao tipo mais elevado reconhecido pelos geólogos. As evidências que sustentam esta descrição encontram-se nas classificações já feitas, e

nas condições gerais então existentes, que despertaram novas energias, as quais inevitavelmente resultaram na criação de formas completamente diferentes das de formações anteriores.

§ 48. Um conhecimento adequado do tipo de animais existentes neste período depende da densidade da atmosfera. Como a sua densidade atual foi corretamente determinada — pelo menos dentro dos limites dos experimentos realizados —, falo comparativamente sobre a pressão do ar sobre as formas e os seres vivos durante a formação do novo arenito vermelho. O peso total da atmosfera, que, juntamente com a pressão da água, equilibrava a força expansiva do interior da Terra, era de trinta e sete quadriliões, quatrocentos e seis triliões, trezentos e setenta biliões de toneladas — ou mais de trinta e sete libras por polegada quadrada. A partir desta extrema densidade, podemos inferir a natureza e os hábitos dos animais terrestres.

O ictiossauro é uma das primeiras formas deste período a ter despertado atenção, especialmente porque a sua coluna vertebral representa a ossificação de uma substância gelatinosa anterior, ao ponto de não ser completamente vertebrado, exceto junto ao pescoço e extremidades; o centro das costas era inteiramente ossificado. Apresenta a natureza dos saurianos, ou lagartos; lembra ligeiramente o tubarão, e mais ainda o crocodilo moderno. Era um animal carnívoro, capaz de viver tanto na água como em terra — algo que se deduz pela forma do seu tórax e esterno posterior. Estes elementos indicam que possuía ramificações adiposas, que funcionavam como órgãos respiratórios. Assim, podia tanto sobreviver debaixo de água como inalar o elemento que constituía o ar — à época, composto sobretudo por carbono, quase equilibrado por oxigénio.

Este animal ocupa uma posição intermédia entre o sauriano anterior e o lagarto propriamente dito; sendo que este último é representado pela espécie seguinte — o plesiossauro. Este pertence a uma classe superior à anterior, com hábitos ligeiramente diferentes, sobretudo no que diz respeito ao seu meio natural, que era a água. Sendo extremamente carnívoro, alimentava-se de peixes inferiores e de produções infusórias.

A ordem seguinte é representada pelo megalossauro. Este animal (pois assim deve ser considerado) é muito diferente em forma e comportamento das ordens inferiores. Para uma descrição mais detalhada, remeto para as investigações dos geólogos, que fornecem a única base de evidência hoje disponível. Representa um animal completamente vertebrado, com um corpo longo e volumoso, e costelas peculiares que indicam a capacidade de movimento total do corpo. Possuía também duas pernas, que foram por vezes chamadas de “asas” devido à sua extensão e forma complexa. Tinha ainda duas séries de barbatanas, situadas nos lados e no topo do corpo, projetadas para lhe conferir grande força e velocidade nos movimentos. Tinha uma notável capacidade de contração, ao ponto de conseguir elevar-se quase

verticalmente entre três e cinco metros. As suas pernas ou "asas" guiavam os seus movimentos e davam-lhe grande força para atacar outras espécies. Este animal foi chamado de lagarto, e assim continuaria a ser considerado, não fosse o seu revestimento semelhante ao de uma carapaça de tartaruga.

Esta ordem é modificada no *jileitlieosaurus*, e difere apenas no hábito por ser herbívoro. A sua forma é muito alongada e volumosa na cabeça, sendo, neste último aspeto, ligeiramente representada na jovem baleia dos dias de hoje. Possuindo pernas e uma grande capacidade de movimento, deslocava-se extensamente por porções de terra seca; e os fetos constituíam o seu alimento peculiar.

Uma ordem de animais que se associava frequentemente a esta espécie, mas que era formada de maneira muito diferente, é denominada *Maslodonsaurus*. Esta possuía os hábitos e disposições gerais da anterior, com a exceção de que se aproximava mais do tipo digitígrado.

A cor do primeiro animal era escura, com uma mescla de vermelho e verde, apresentando um revestimento duro, semelhante ao de uma tartaruga. O segundo era inteiramente preto, com uma superfície ligeiramente mais elástica. O terceiro possuía um revestimento muito rugoso e complexo, duro e semelhante ao de um tubarão. O quarto apresentava uma superfície de aspeto mais comum, algo elástica, correspondendo quase à da baleia. O corpo do último animal assemelhava-se ao do elefante, com a exceção de ser muito escuro e peludo; e o seu comprimento variava (nas diversas espécies, das mais pequenas às maiores) entre cinco e sessenta e seis pés.

O tipo mais elevado desta última classe é denominado *Iguanodon* — cuja organização colossal tem sido causa de muita admiração e especulação. Contudo, como a inferência nem sempre é correta, a natureza e a disposição do *Iguanodon* ainda não foram devidamente compreendidas. A sua classe era a mais elevada da Terra durante o depósito do novo arenito vermelho; e era superior a todas as outras em tamanho e força.

Assim, a era atual representa uma condição progressiva das tribos marinhas anteriores e das produções vegetais. Pois cada uma havia assumido imperceptivelmente a sua condição atual por força das mudanças experimentadas por toda a Terra, água e atmosfera. As espécies inferiores ainda proliferavam nos mares em grande abundância, enquanto o decurso de incontáveis eras havia produzido as formas gigantescas que existiam na terra firme, e enquanto as produções vegetais inferiores não conseguiam, de forma alguma, preservar a sua ordem e espécie. Pois sabe-se que, no final da era carbonífera, muitas plantas tornaram-se extintas. Mas as substâncias que faziam parte da sua composição ainda existiam, e estas foram reveladas na produção das ordens ascendentes do reino vegetal.

O movimento foi o primeiro a existir: e à medida que as formas assumiam um estado adequado, a Vida tornava-se visível, até que, no fim da última era, a Sensação começou a desenvolver-se imperfeitamente. E neste período, Vida e Sensação revelaram novos princípios, novas formas e novas disposições. Pois os animais de cada classe estão mais perfeitamente organizados, e cada classe revela novos atributos de Vida e Sensação, de tal forma que, quando o *Iguanodon*, com a sua disposição, é comparado com as primeiras formas dos radiados, a analogia perde-se por completo, e a mente humana não consegue conceber que exista qualquer relação entre eles.

Por mais desconectada que a ordem da criação possa parecer a uma mente que se detenha nos pormenores, isto não altera a verdade geral de que o todo revela uma adaptação harmoniosa das partes, cuja sucessão representa as ordens e graus da criação. Pois foi demonstrado na chave que os pormenores não são fiáveis como via para alcançar verdades gerais no que diz respeito às leis, princípios e desenvolvimentos do Universo.

§ 49. As ordens de animais que foram descritas admitem várias subdivisões; e existe uma espécie entre elas superior a qualquer outra até agora descoberta. No final da formação anterior, o peixe tornou-se uma classe amplamente predominante; e com o início da presente, a tartaruga e a ave são desenvolvidas em ordem. A classe de animais conhecida como *Iguanodon* possui várias espécies. A mais elevada destas representa o *Rinocerossauro*, e também o hipopótamo dos dias de hoje. Algumas destas espécies eram digitígradas na natureza; semelhantes à baleia nos hábitos, e ao elefante na disposição. Acima da classe de formas semelhantes a lagartos, existe uma descrição do *ornitossauro* voador (*pterodáctilo*). Estes tinham duas pernas, pés muito largos e complexos, e um corpo grande e algo baixo; e eram extremamente ferozes. As ordens inferiores destes foram descobertas por geólogos pelas suas impressões deixadas nas rochas de arenito durante o meio e perto do fim da presente era. Algumas destas, bem como das aves-tartaruga, também deixaram as suas pegadas em margens inclinadas, aparentando ser frequentadoras das águas. Um animal inferior, de uma espécie entre a tartaruga e a ave, tinha forma semelhante a um morcego, e existem indicações da sua existência nas camadas superiores.

As camadas de marga representam mais dos animais anteriormente descritos do que qualquer formação anterior. A razão para isso é que estes animais existiram muito tempo antes da formação das camadas de marga, mas tornaram-se alterados e parcialmente extintos no final destas e no início do período do oólito. Os geólogos, portanto, descobriram os restos fósseis destes animais onde foram deixados no final do seu período de existência. O maior animal representava uma enorme serpente-lagarto, e ligeiramente alguns dos animais inferiores do período histórico. As maiores aves assemelhavam-se ligeiramente à avestruz, mas mais ao *Congener*,

sendo um tipo imperfeito da criação das aves. Existem várias classes destas, ascendendo do iguana ao *ornitossauro*, ou classe mais elevada. E a descoberta de certos restos fósseis confirma a existência destas espécies distintas, cada uma das quais possuía tamanho e estatura enormes.

Toda a criação animal deste período corresponde propriamente a duas classes distintas — a tartaruga-lagarto e a tartaruga-ave; nenhuma das quais é, de forma significativa, visível na criação animal do presente período. As classes inferiores eram extremamente carnívoras, e as superiores herbívoras. As constituições destas últimas correspondiam às produções vegetais da Terra; enquanto as primeiras apresentavam as formas grosseiras normalmente associadas ao hábito carnívoro. E é de notar que não havia estrutura anatómica entre estas classes, neste período, que não fosse parcial ou totalmente vertebrada; e os seus ossos principais estavam internamente cheios de tutano espesso e cobertos por um periósteo. Assim, vemos que as plantas terrestres e os animais deste período são tais como haviam sido tipificados no fim do período carbonífero; e o mesmo se aplica a todas as outras coisas, ascendendo na escala de refinamento e tornando-se adequados ao desenvolvimento apropriado destas criações.

As razões pelas quais tais formas existiram neste período e não em nenhum outro, nem antes nem depois, são perfeitamente óbvias e passíveis de demonstração. Em primeiro lugar, a condição física da Terra, tanto no que respeita à água como à atmosfera, não permitia produções mais elevadas. A extrema densidade e composição peculiar da água, então fortemente impregnada com várias soluções, não podia sustentar nenhum tipo superior de organização. A atmosfera, com a sua enorme densidade, impedia a formação de ossos leves, músculos ativos e nervos delicados, e impossibilitava por completo as combinações químicas dos sólidos necessárias para torná-los leves e ativos. Por esta razão, a sua anatomia era pesada e extremamente volumosa.

Eram lentos e poderosos, e as suas disposições eram ferozes e inteiramente carnívoras, sendo este um resultado dos mais baixos desenvolvimentos do princípio da Sensação. E os ossos das classes superiores não podiam conter ar em vez de tutano, porque a condição dos elementos impedia a sublimação das substâncias ósseas internas. Embora asas aparentes fossem desenvolvidas, estas serviam apenas como instrumentos para atravessar as profundezas aquáticas e elevar-se alguns pés acima da superfície da Terra; sendo estes os primeiros exemplos de voo. Além disso, os órgãos respiratórios de toda a criação animal eram tais que apenas correspondiam a uma atmosfera muito diferente da atual.

As classes inferiores e superiores, com os seus intermediários, quando consideradas em conjunto como a sublime produção de um dos dias da Natureza, apresentam um espelho distinto das criações sucessivas. E apresentam tipos distintos

das classes superiores que estavam prestes a ser reveladas em seu lugar, por força das constantes mudanças em todas as condições que estão em constante progresso.

Assim, a Terra manifesta neste momento um desenvolvimento de todos os tipos dos períodos anteriores. Revela também novas leis, novos elementos e novos princípios. Tem a aparência de uma criação inteiramente nova.

Mas a Natureza tornou-se agora modificada, e as suas essências e princípios anteriores foram esgotados na produção das manifestações da era presente. O equilíbrio anterior está agora praticamente destruído. As energias estão esgotadas, e não podem ser feitos novos esforços. O todo representa um estado de paralisia. A escuridão começa gradualmente a envolver o aspeto das coisas. A fertilidade da Terra foi em parte destruída, e as formas que revestiam o seio da Natureza na manhã do segundo dia, mergulharam agora num profundo repouso. Assim, cada manhã torna-se uma noite. Assim, cada beleza se torna um tipo de alguma produção última e ainda mais bela.

Assim, vida, beleza e juventude tornam-se idade, repouso e morte! Assim, toda a substância existente, por mais elevada que seja, é necessariamente o símbolo mais baixo de formas ainda superiores. Aquilo que representava um dos processos mais belos de todas as elaborações da Natureza, cede agora a uma consumação final; e todas as coisas ostentam externamente a impressão da regressão, mas internamente e de forma invisível significam a revelação de belezas interiores para produzir um estado mais elevado de organização física e mental.

A sublimação das partículas internas da Terra, das plantas, dos animais, da água e da atmosfera, tornou-se tão generalizada que teria de ocorrer uma época caracterizada pelas mesmas manifestações que marcaram o fim da era anterior. Neste momento, toda a Terra está revestida com o manto crepuscular de um dia de longa duração. E o elemento ígneo no interior da Terra começou a agitar-se. Isto não foi provocado, como se tem suposto, pela água, pelo enxofre ou pela eletricidade; mas sim pela insuficiente pressão dos elementos externos, ou seja, da água e da atmosfera. O resultado foi a elevação de muitas mais porções da Terra. A convulsão não foi tão generalizada nem tão violenta como a anterior; mas as colinas que tinham sido formadas pelas ondulações anteriores da grande Massa tornaram-se muito elevadas, e os estratos foram quebrados e contorcidos em vários locais. Muitas belas grutas e passagens subterrâneas formaram-se no interior dessas porções convolutas. Esta explosão foi relativamente suave em comparação com as ocorrências catastróficas anteriores, e foi sentida geralmente a sul do equador e nos polos.

A Terra diminuiu instantaneamente de volume, ocorrência essa acompanhada pela projeção de várias ilhas que se manifestam maioritariamente nos mares do sul.

Algumas destas eram anteriormente fundos marinhos cobertos por imensas produções de animálculos. Tais eram os imensos recifes de coral, com extensões de vinte a sessenta milhas, e entre três a oito milhas de espessura. Estas vastas acumulações foram formadas por animais tão minúsculos que duzentos deles poderiam habitar uma só gota de água! Assim se verifica o dito da chave: "Que as partes compõem o Todo; e que o Todo deve ter consistido de partes, caso contrário o Todo não poderia ter existido."

§ 50. Toda a Natureza assumiu agora um aspeto diferente. Plantas e animais que anteriormente existiram sobre a Terra, eram agora quase invisíveis: pois durante o longo entardecer do dia anterior, diminuíram gradualmente e mergulharam no repouso. A única evidência então remanescente da sua existência eram os seus fósseis, que atualmente estão a ser descobertos pelos geólogos. A Terra, a água e a atmosfera estavam agora combinadas de modo completamente diferente e muito mais refinado, ao ponto de a densa atmosfera que antes envolvia a Terra, ter assumido agora uma condição adequada à receção de mais luz do sol. E a luz que antes brilhava tornou-se agora escuridão; pois o sol emitia muito mais luz: e o ar, a água e a Terra foram tão alterados que tudo passou a apresentar um aspeto de juventude. E só neste período o sol pôde gerar tanta luz e calor entre as partículas associadas da atmosfera.

Assim, uma mudança universal teve lugar em todas as combinações elementares da Natureza: e este foi o alvorecer de uma nova era, o indício de novas formas, novas substâncias e novas organizações que iriam vestir o seio da Natureza com beleza e magnificência. Todas as leis, condições e circunstâncias tornaram-se, portanto, agentes ativos na criação de novas produções. E como esta entrada de novas combinações constitui o início de uma nova era, é impossível não admirar a passagem vigorosa na história primitiva da Terra, que declara, excluindo todos os pormenores e compreendendo todas as generalidades, que “a tarde e a manhã foram o terceiro dia”.

Chegamos agora à contemplação das produções juvenis de outra manhã na história paleontológica e geológica da criação da Terra — novos fenómenos, que não são menos notáveis do que as criações já descritas.

O primeiro desenvolvimento geológico que se segue à consumação do novo arenito vermelho é o dos leitos químicos de oólito. Os primeiros destes são formados pela agregação de substâncias calcárias em grandes massas, as quais constituem um único estrato. E nele encontram-se substâncias como a argila de alumina, calcário magnesiano, recifes de coral e várias espécies das ordens inferiores de infusórios e moluscos. Em vários locais, estes materiais são encontrados muito abaixo do arenito ou da formação carbonífera, e noutros locais situam-se diretamente sobre o novo

arenito vermelho, como resultado da combinação química das mesmas substâncias associadas em glóbulos que caracterizam a formação oolítica.

A agitação anterior da Terra, do mar e do ar, e a restauração do equilíbrio necessário, constituíram a causa que produziu os primeiros estratos acima do arenito. As substâncias mais calcárias ocuparam os pontos mais baixos destes estratos; enquanto que os níveis superiores são compostos por materiais mais finos, sendo o todo resultado das circunstâncias ocorridas no final do último dia. Por estas e outras causas existentes, a estratificação oolítica tornou-se estabelecida: e todo o processo foi estritamente químico, realizado por força de condições que antes não existiam.

Nenhuma estratificação atraiu tanta atenção entre os geólogos como esta. Pois representa uma formação resultante da decomposição de plantas, animais e moluscos previamente existentes, juntamente com a deposição de soluções de substâncias existentes sobre a terra e na água; e tudo isso torna esta estratificação absolutamente misteriosa e incompreensível. Sabe-se que a cal entra em várias proporções nesta formação; mas a causa ainda não foi descoberta, que possa ter unido as substâncias das formações anteriores com as substâncias vivas da Terra, e transformado o todo numa estratificação agregada. E ao submeter as substâncias dos vários leitos oolíticos a processos químicos, descobrir-se-ão a alumina e outras substâncias; não como ingredientes naturalmente inerentes, mas como condensação das partículas dissolvidas das formações anteriores.

E também tem sido motivo de vasta especulação como é que inumeráveis plantas e animais, que existiram antes desta era, puderam ter sido inteiramente aniquilados, com exceção de alguns poucos fósseis que escaparam incólumes por terem sido protegidos das condições de decomposição que se seguiram ao encerramento do período anterior. Mas, como foi provado na Chave que “as formas estão constantemente a mudar, e todas as partículas que as compõem acabam por compor alguma nova forma ou substância", assim, por esta lei imutável, toda a criação animal, no final do terceiro dia, entrou, por combinação química, na formação da estratificação oolítica. As produções anteriormente formadas continham todas as qualidades e elementos necessários para a produção de formas novas e mais perfeitas; e assim, os tipos grosseiros anteriores foram extremamente alterados por esta nova agregação. Portanto, como resultado de novas energias e elementos, novas condições e circunstâncias, uma nova criação seguiu-se agora como culminar da anterior.

Neste período, o mar estava abundantemente habitado por peixes, que variavam desde o tipo mais inferior até ao mais gigantesco sauriano, tal como os que existiam durante o sistema do arenito. E, neste momento, a terra firme ainda não havia produzido quaisquer novas formações vegetais ou organizações animais. Mas o

manto atmosférico da Terra tinha-se tornado suficientemente adequado para insuflar vida em novas formas, de tal modo que a Natureza teria, por necessidade, de se tornar impregnada e revelar formas mais perfeitas de existência vegetal.

A destruição das espécies vivas no final de cada dia não é mais do que a deposição de um germe vivo, cuja gestação dá origem a produções muito mais magníficas. Assim, cada condição é uma causa que desdobra desenvolvimentos superiores — sendo que cada dia constitui uma grande Causa, e também um grande Efeito e Utilidade; e estas estão unidas numa só. E o todo constitui uma Causa adaptada ao desdobramento de um estado mais perfeito das coisas, pelo qual, novamente, novas utilidades, causas e efeitos são concebidos e gerados. E aqui a Natureza manifesta uma das suas criações mais refinadas, sendo esta muito mais perfeita do que quaisquer produções anteriores de substâncias internas.

As observações acima poderão fornecer sugestões pelas quais os geólogos poderão, no futuro, descobrir a cadeia de desenvolvimento existente e as causas dos novos efeitos que se apresentam neste período da história da Terra, e através das quais poderão compreender devidamente por que razão são descobertos fósseis em certas porções que se formaram após as espécies a que pertenciam terem sido inteiramente aniquiladas — e também como tais estratificações ocorreram. Pois é no conhecimento destas coisas que reside a solução do grande mistério da morte universal e da ressurreição universal, que toda a Terra mostra ter ocorrido em diferentes épocas anteriores ao tempo presente.

§ 51. As plantas que se tornaram agora visíveis pertenciam às classes das *sigillaria* e *coniferae*, bem como à classe mais elevada das fetas (*fetos*) e à mais inferior dos musgos islandeses; e o sistema vegetal estava unido por uma cadeia de ascensão sucessiva desde o tipo mais inferior das plantas marinhas até ao mais elevado e mais perfeito, consistindo em *coniferae*, carvalho e bétula, tal como hoje são conhecidos. Durante a metade e até ao fim do período do arenito, a evaporação das águas produziu chuvas frequentes; e estas eram agora ainda mais frequentes, tornando a Terra muito fértil. Estas favoreceram o crescimento de vastos campos de ervas, variando do tipo mais baixo ao mais elevado, exemplificado atualmente no centeio. Mas a erva e o grão eram muito grosseiros e imperfeitos, a tal ponto que os cardos existentes se tornaram quase seus companheiros imediatos, mais pela natureza do que pela forma.

Assim se revestiu a superfície da Terra, especialmente perto do equador, onde a temperatura sofria poucas variações. E por este processo constante e natural de produção, a face da Terra tornou-se geralmente fértil nas classes inferiores e superiores dos reinos vegetais.

E a Terra também, pelas suas energias vivas, gerou espontaneamente novas formas na criação animal, desde o tipo mais inferior do molusco até às formas imperfeitas dos animais marsupiais — os quais estavam constituídos e organizados de maneira totalmente diferente de qualquer animal que tivesse existido antes desse período. Estes constituíram a classe inferior dos mamíferos, sendo esta classe muito distinta na sua forma, hábitos, disposições e modo de reprodução, de qualquer dos animais ovíparos. Assim, temos agora uma nova classe — um novo tipo, que ainda não havia sido desenvolvido. E isso requer uma descrição mais minuciosa, por estar mais intimamente ligada ao desdobramento de espécies superiores, das quais se pode ainda perceber que o Homem se ergue como representante universal.

É impossível demonstrar, pelas observações dos geólogos, ou pelas indicações da presente série de formações, o tipo distinto de cada classe de animais terrestres que existiram à superfície da Terra antes da produção das espécies da classe dos marsupiais que foi designada. Pois os geólogos não conseguem determinar o período em que os mamíferos foram pela primeira vez desenvolvidos. É pela sua natureza e constituição que concebemos corretamente um tipo verdadeiro onde é primeiramente revelado o princípio da gestação uterina gelatinosa. Os tipos ovíparos, incluindo a ave, o peixe e o réptil, nos quais muitas subdivisões dos saurianos poderiam propriamente ser incluídas, eram muito diferentes no que respeita às suas capacidades e processos de reprodução, a tal ponto que a sua descendência era ocasionalmente diferente de si próprios, partilhando tanto da sua própria natureza como da dos saurianos superiores, conforme as condições sob as quais a reprodução era realizada.

Atualmente existem sobre a Terra, devido à fertilidade da composição calcária do oólito, três classes distintas de formas no reino vegetal. Estas compreendem as classes da formação anterior, incluindo a ordem inferior das *fucoides*, e as plantas endógenas e exógenas, uma das quais recebe substâncias de dentro, e a outra do exterior. E existem duas classes distintas de animais existentes: os saurianos ovíparos e os mamíferos marsupiais — estes com hábitos e disposições diferentes, e observando processos de reprodução muito diversos. E entre a última classe existem os roedores, os ruminantes e os digitígrados. O tipo mais elevado existente neste momento possui as três naturezas combinadas, embora de forma imperfeita. E estas características distintivas representam as diferentes condições a que cada um destes foi sujeito durante o desdobramento das espécies — condições essas que tornaram um tipo mais perfeito do que o outro, sendo o mais perfeito exemplificado nos mamíferos inferiores que existiram sobre a Terra desde o período histórico.

Antes de entrar numa descrição minuciosa das características das criações vegetal e animal, dos meios pelos quais esta mudança no modo de gestação foi realizada, e para mostrar a ligação íntima que esta mantém com o desenvolvimento progressivo

da mesma espécie, é necessário notar mais particularmente as combinações químicas da estratificação do oólito.

É opinião de vários geólogos que esta formação, particularmente a parte que se designa por "camadas de terra" (*dirt-beds*), deve ter sido resultado da agitação dos mares, pela qual ocorreu segregação, e tão extensivamente que as correntes dos mares mudaram das suas direções anteriores para várias outras; e que, nos pontos terminais dessas correntes, a acumulação e condensação de substâncias vegetais e detritos produziram um ou mais estratos de carvão. E esta opinião tem sido mantida porque algumas porções dos estratos inferiores do oólito foram descobertas sob um estrato de carvão. No entanto, o carvão não foi formado (exceto por circunstâncias incidentais) após a consumação da era carbonífera geral.

E os estratos de oólito que foram descobertos sob uma formação de carvão são as partículas associadas de *marlstone*, pedra-ferro e *shale* de arenito — sendo estes os mesmos representados nos estratos inferiores do depósito que sucedeu ao novo arenito vermelho. Em vários locais isto tem sido denominado de "lias" e "marlstone". Como foi anteriormente mencionado, os restos de todos os seres orgânicos cuja dissolução ocorreu por causa da mudança geral da Terra, da água e da atmosfera, entraram, por afinidade química, na formação do oólito. Portanto, esta última contém em substância o germe de existências superiores; e a deposição de plantas e animais anteriores, cuja tendência germinativa foi assistida pelos elementos congeniais então existentes, garantiu o desdobramento de novas formas que expressam juventude e beleza.

E é de notar que a era presente exibe a condensação das substâncias últimas de todas as idades anteriores, as quais, ao se associarem com substâncias superiores, produziram o solo fértil e produtivo que existia à superfície da Terra neste período. É evidente, portanto, que antes desta época não poderia ter sido produzido um tipo de formação e desenvolvimento igualmente perfeito. Mas a substância mais inferior tipifica a mais elevada; e ambas existem igualmente na formação primitiva e atual da Terra, no primeiro e presente desenvolvimento do mineral, no mais baixo e mais elevado do vegetal, e no menos perfeito da criação animal, e no mais elevado mamífero, tal como manifesta a perfeição de todas as circunstâncias anteriormente existentes.

§ 52. As séries e graus inferiores dos reinos vegetal e animal, tais como foram revelados em idades anteriores, estão em marcante correspondência com os da era do oólito. E desde a planta marinha mais diminuta até à criptogâmia ascendente, e desta ao desenvolvimento imperfeito das dicotiledóneas, não há maiores graus de distinção do que os que existem entre a ordem inferior dos infusórios e as espécies mais elevadas dos animais marsupiais agora introduzidos na Terra. E é sabido, pelas indicações dos dias anteriores da criação, que as condições se modificaram de modo

geral à medida que cada lei ascendente assumia novos modos de manifestação, pelos quais, como um todo, novas formas eram insufladas na existência. Na visão geral, tudo está perfeitamente conectado; mas, ao notar particularmente as mudanças incidentais que ocorreram, a mente perde de vista essa ordem universal que, de outro modo, é manifesta.

A indagação sobre os processos pelos quais ocorreu a mudança de forma que estabeleceu os mamíferos marsupiais é de muito difícil resposta, de modo a que se apresente evidência distinta a partir dos factos observados. E é de salientar que as espécies desta era apresentam um tipo elevado como resultado do germe composto quimicamente depositado em toda a formação oolítica. Estas novas condições, portanto, desdobraram um novo tipo e uma representação de ordens superiores. Assim, os ovíparos, os vivíparos inferiores e os superiores ou mamíferos apresentam três processos gerais de desenvolvimento uterino. O primeiro representa o processo rudimentar pelo qual o depósito último do corpo se une a partículas de afinidade semelhante e assume a forma globular. E, pela atividade constante das porções que rodeiam o glóbulo, forma-se uma incrustação ou casca, constituindo o todo um ovo.

E este, por processos que variam segundo as condições imediatamente envolventes, desdobra as suas propriedades rudimentares e manifesta o tipo e o carácter do seu progenitor. A ascensão deste processo apresenta um modo diferente de combinação dos elementos, desenvolvendo novos órgãos e desdobrando uma ordem superior de qualidades interiores. E esta ascensão estabelece os glóbulos do ovário — os quais se representam nas classes inferiores dos animais vivíparos e se desenvolvem visivelmente nos superiores. Portanto, a ordem imediatamente acima dos primeiros vivíparos é a dos marsupiais — cujos hábitos, natureza e disposições apresentam uma mudança completa: e a sua organização revela um maior desdobramento dos compostos ainda não desenvolvidos contidos em todos os tipos inferiores existentes.

Os geólogos descobriram, na primeira e segunda divisões desta formação, algumas espécies distintas deste mamífero, mas não descobriram quaisquer elos de ligação entre essas espécies. As espécies descobertas apresentam uma relação com os animais marsupiais inferiores da atualidade. Mas o seu carácter era muito diferente, e a sua organização muito mais grosseira; contudo, as condições que os rodeavam eram mais favoráveis ao desdobramento das ordens superiores do que as de qualquer era anterior. Mas a conexão existente entre cada classe não pode ser plenamente percebida até que as descobertas que venham a ser feitas noutros estratos permitam determinar completamente toda a classe de animais que perpassava a formação secundária inferior.

As condições a que me refiro, que tornaram o reino animal nesta época tão superior ao seu estado em épocas anteriores, podem ser geralmente compreendidas considerando as modificações que ocorreram nos elementos no final de cada época

de desenvolvimento. Os princípios necessários para uma mudança no processo de reprodução estavam envolvidos nas classes inferiores, mas só se desdobraram nas superiores. Assim, os animais marsupiais possuíam os três princípios — Movimento, Vida e Sensação — num estado mais perfeito do que qualquer outro em que antes tivessem existido. E o instrumento sobre o qual estes princípios atuavam mais plenamente deveria ter sido aperfeiçoado de forma correspondente. Tudo isto corresponde às formas e funções dicotiledóneas do reino vegetal, sendo que o animal possuía, como possuía, as superfícies serosas e mucosas.

Estas superfícies, embora muito imperfeitas na geração das energias vivas e ativas do corpo, desempenhavam o seu papel nas espécies inferiores e superiores, sendo necessárias para o desenvolvimento das secreções seminais induzidas pela sensação do coito. Como estas superfícies, tal como o coração e os pulmões, realizam os movimentos sistólicos e diastólicos, elas geram igualmente, quando em atividade equilibrada, a sensação de combinação química pela qual o processo de gestação uterina se estabelece de forma permanente. E, a cada etapa do desdobramento das qualidades, eram necessárias novas adaptações para que a espécie pudesse viver depois de nascer.

Os animais marsupiais manifestam os princípios envolvidos nas superfícies positivas e negativas de modo mais perfeito do que qualquer outro animal até agora existente. Por essa razão, não podiam continuar o processo ovíparo de reprodução: e sendo inteiramente vivíparos e mamíferos, manifestaram a lei do desenvolvimento progressivo.

Não é necessário apresentar uma descrição minuciosa do processo pelo qual a criação animal assumiu o carácter dos marsupiais; pois isso será mais amplamente revelado mais adiante, quando for necessário abordar mais diretamente o conhecimento e as especulações dos fisiologistas sobre o assunto em questão. Pois os princípios envolvidos no processo de transmutação, e as condições necessárias a este, não são totalmente compreendidos. Com efeito, os animais de cada classe parecem distintos e desligados dos outros, e cada classe sustenta os seus próprios tipos; e não se conhece nenhum que mude o seu carácter ou espécie de forma alguma. Daí a conclusão que tem sido adotada de que cada classe é o resultado de um poder criador imediato, e que todos os tipos de cada criação específica são apenas modelos do que se segue. Nenhuma descoberta foi ainda feita que pareça indicar claramente o processo de transmutação. A transmutação, contudo, é uma manifestação constante na Natureza; e nada existe que não envolva o princípio de ascensão e progressão.

Os elementos que envolvem a Terra devem a sua existência a uma condição aborígene de toda a Massa. A estabilidade da Massa depende agora da estabilidade desses elementos. As plantas requerem, para a sua produção, uma condição

adequada da Terra e dos elementos existentes; e sem estes, não poderiam existir. Os animais necessitam das plantas, e os superiores entre estes necessitam das espécies inferiores. Assim acontece com todos os gigantescos saurianos carnívoros: eles mantêm a mesma relação com as espécies inferiores da mesma classe, e assim todos os que foram primeiros e herbívoros tornam-se adaptados às exigências das ordens superiores.

Assim, cada reino apresenta uma série de passos e graus correspondentes de desenvolvimento. E assim os *marsupialia*, que o período oolítico apresenta, constituem também um passo ou grau ascendente, ainda que conectado com todas as organizações anteriores. Não há qualquer violação de lei ou de ordem neste desenvolvimento superior; mas há uma aparente desconexão entre as primeiras formas desenvolvidas na Terra e os marsupiais, quando os dois são comparados entre si. E ao fazer essa comparação, perde-se de vista os lentos processos de mudança pelos quais todas as formas passaram, desde as mais baixas até ao tipo mais elevado do reino animal.

Uma atenção rigorosa à Causa geral e ao Efeito geral aliviaria a mente desta aparente anomalia, e explicaria estes passos maravilhosos nas revelações da Natureza. A organização de cada animal requer que a composição da Terra e dos outros elementos existentes esteja de acordo com as condições que, pela sua natureza peculiar, ele deve necessitar. E à medida que as partículas da atmosfera, das plantas, dos animais, e todas as partículas que permeiam a Natureza, assumem formas superiores às angulosas, a forma do animal corresponderá, em perfeição, às formas dessas partículas existentes. Portanto, como será demonstrado em breve, toda a classe de animais que a formação secundária apresenta ascende até ao primeiro tipo onde podemos reconhecer os princípios ainda não desenvolvidos que compõem a constituição física e mental da humanidade. Mas, como o processo gradual de assunção de formas sucessivas e correspondentes deve ser descrito, não me sinto impelido a falar agora mais acerca dos princípios de gestação envolvidos nos animais marsupiais.

§ 53. Sinto que as ordens, séries e graus dos animais que existiram durante as eras oolítica, cretácea e terciária são muito diferentes, e de natureza superior, às que são designadas pelos geólogos. Os restos de *plesiosaurus*, *iguana* e *sauridon* foram encontrados entre os estratos superiores do oólito e no início do período cretáceo. Estes eram, na realidade, perpetuações dos répteis que existiram antes da consumação do sistema do novo arenito vermelho. Além disso, os elementos gerais não eram tão favoráveis, em muitas regiões da Terra, à produção dos animais marsupiais, enquanto noutras regiões estes animais existiam antes do início do período oolítico; e os seus fósseis podem ser descobertos nesses locais. Pois a lei

geral da reprodução tinha-se alterado grandemente, cujo resultado foi o declínio de algumas dessas espécies e a perpetuação das ordens superiores.

Os geólogos distinguiram as principais classes, mas não todas as suas variedades e modificações. Pois o *saurocephalus* está entre as ordens inferiores das espécies que existiram neste período. Este é notável por ser o primeiro animal que possuía a divisão adequada entre o cérebro maior e o menor, através da qual a ação sistólica e diastólica foi estabelecida como governando todos os movimentos vitais do corpo.

Como elo de ligação e espécie deste, o *steptospondylis* é um exemplo — possuindo a natureza e hábitos tanto dos carnívoros como dos herbívoros, representando ligeiramente os da ave aquática. Este animal foi descoberto nos estratos do miocénico, e foi considerado um *sauridon*, aparentado com o *monitor* e a *iguana*. Uma ordem superior do *megalosaurus* também existe e forma um elo de ligação entre a ordem inferior e as classes superiores de animais: e desta provêm muitas espécies da classe dos mamíferos.

Todo o reino animal, então, neste período, está dividido em três graus: os saurianos, as tartarugas e os mamíferos — estes últimos abrangendo os roedores, os ruminantes e os digitígrados. O mais elevado destes revela novos princípios e novas forças, o que tudo parece indicar uma ascensão de Movimento, Vida e Sensação. Assim, a natureza altamente carnívora existia como pré-requisito para o desdobramento da classe superior. E aqui se desenvolvem distintamente as duas superfícies e, consequentemente, as forças de contração e expansão.

E o atributo destas é a sensação e as inclinações; e as paixões que delas resultam são as indicações pelas quais se conhecem os caracteres e disposições dos animais. Na classe mais elevada deste período, portanto, podemos considerar que a Sensação se tornou uma lei estabelecida, não estando esta tão perfeitamente desdobrada na constituição dos animais inferiores, como os que existiram antes deste período. Pois é pela perfeição deste princípio — para o qual são necessárias as duas superfícies e duas forças — que foram geradas as primeiras energias ativas e vivas, pelas quais a espécie marsupial e o processo de gestação uterina se estabeleceram.

As espécies de plantas não eram muito numerosas, sendo principalmente do mesmo grau e tipo das que existiam na formação inferior: e entre estas, os fetos e as *coniferae* eram os mais abundantes. Nenhuma lei é mais certa do que a da progressão constante e ascensão de todas as substâncias rudimentares; e nenhum período na história geológica da Terra manifesta esse princípio de forma mais completa do que este. Pois, perto do fim do período secundário, uma mudança total parece evidente em todos os graus, classes e desenvolvimentos dos reinos animal e vegetal.

Os geólogos ainda não descobriram isso plenamente: pois o período terciário parece-lhes uma ascensão muito ligeira em relação ao oólito e ao cretáceo. Mas hão de descobrir essa grande divisão, e especialmente a aparente nova criação, investigando devidamente as combinações químicas de todos os compostos terrosos superiores formados pouco antes do início do período terciário.

Também se tem suposto que a formação cretácea foi o resultado das soluções e detritos contidos no mar, e dos movimentos deste, pelos quais a deposição ocorreu. É evidente que esta formação não poderia ter sido assim realizada; pois é bem conhecido que todas as soluções das quais se supõe que ela tenha sido formada já existiam muitas idades antes desta era. E como o giz é conhecido por ser carbonato de cálcio cristalizado e sublimado, misturado com várias substâncias siliciosas existentes nas carapaças dos moluscos e em estuários — se esta estratificação foi formada por essas soluções existentes, por que não foi então anteriormente produzida? Pois os mesmos materiais existiram durante todas as formações anteriores. Por estas considerações, é claro que a formação desta e das camadas superiores e afins deve ter resultado de outra causa.

Muitas porções manifestam o arrastamento dos detritos existentes nos mares. Ainda assim, estes são resultados de causas locais, semelhantes às pelas quais ocorreram depósitos correspondentes nos estratos inferiores.

A substância diretamente sobre o oólito é um tipo de areia e argila *shale*. Acima desta está um estrato argiloso e azulado. Estas representam as substâncias últimas dos estratos abaixo delas. A substância de cal transformada em corais pelos infusórios, e decomposta novamente, formou, por condensação, os leitos de giz. Nestes depósitos, e acima deles, é frequentemente encontrada a sílica (*flintstone*). Esta é uma substância composta das partículas últimas de sílica ou quartzo. Estas substâncias não foram encontradas abaixo desta formação, embora existam nos estratos inferiores do oólito, onde os estratos subdivididos estão ausentes. E isto não perturba a ordem do desenvolvimento geológico; pois corresponde a todas as descobertas de fósseis em cada departamento do reino animal. Estas irregularidades em cada formação da Terra, das plantas e dos animais, são determinadas pelas circunstâncias peculiares que acompanharam os seus respetivos desenvolvimentos.

O peso da água e da atmosfera determina em parte a força e o carácter dos dois reinos vivos. Assim, as gigantescas tribos saurianas, que habitaram a Terra em épocas anteriores, correspondiam à enorme densidade dos elementos fluidos e gasosos existentes; pois estes eram muito diferentes em qualidade e composição do que vieram a ser posteriormente. E o carácter das produções orgânicas de cada período estava de acordo com as leis e forças que estavam em ação no momento do seu desenvolvimento. E correspondendo às recomposições dos elementos aquosos e atmosféricos, os reinos das espécies vivas também se transformaram, e a

modificação das ordens de plantas ou animais, que exigiu eras para se realizar, é, em certos casos, tal que apresenta uma espécie muito diferente das primeiras formas da mesma classe: e quando se observa essa grande dessemelhança, a mente perde a ligação entre o mais baixo e o mais elevado.

Mas isso não aconteceria se a mente pudesse compreender a verdade eterna de que todas as coisas superiores estão contidas nas inferiores, ainda não desenvolvidas. E sendo a mais baixa o germe, todas as outras, se sujeitas às condições adequadas, ascenderão por todas as formas progressivas até se tornarem um composto aperfeiçoado de toda a massa previamente existente. E a formação cretácea exibe uma evidente ascensão de partículas que anteriormente existiam numa forma mais grosseira.

§ 54. Os rios, mares e oceanos, tais como agora existem, juntamente com diversas elevações na terra, foram, como anteriormente descrito, resultados da última perturbação vulcânica universal — assim, por influência dessa perturbação, ventos excessivos e imensas ondas também foram criados, acompanhados por chuvas muito intensas. Estas foram causadas pelo súbito deslocamento de várias porções da atmosfera, devido à ascensão de vapor para a atmosfera, esse vapor preenchendo um espaço correspondente ao seu volume. Por estes meios, algumas partes da atmosfera tornaram-se densas e outras rarefeitas; e o resultado disso foi a criação de ventos para restaurar o equilíbrio. E estes ventos foram muito fortes e duradouros.

Os corpos de água que foram agitados por estas forças produziram comoção semelhante nos leitos não condensados do mar, agindo também sobre as superfícies baixas da terra, que ficaram geralmente submersas.

Neste período, o mar abundava em infusórios inumeráveis. E, pela atividade dos *polyparia* e também pela agregação das substâncias transformadas por outras classes de animálculos, formaram-se imensos recifes de coral. Estes foram destruídos e reduzidos a completa solução pela constante agitação. E houve uma separação da massa, de todas as partículas incongénitas que flutuavam em solução através da vastidão aquática. A ação de uma era causa de ação semelhante noutra. E assim, por constante fricção e agitação, formou-se uma substância que, quando assim depositada e condensada, produziu, como foi descrito, os estratos superiores do período cretáceo.

Fui minucioso nesta descrição porque ela representa o processo geral pelo qual ocorreram todas as formações subsequentes — e também porque esta formação indica uma clara adaptação ao desenvolvimento de novas formas, aproximando-se mais da organização humana. E isso será descoberto ao analisar as várias porções destes estratos, nos quais se descobrirão pedra-ferro, estanho, cobre (o ferro estando acima de todos) — e a mesma composição que se encontra nas substâncias sólidas e

ósseas do sistema humano. E será descoberto que o giz é precisamente a substância que entra na formação de todos os ossos, tanto das aves como das espécies saurianas daquela era. Agora existe uma forma mais perfeita dessa mesma substância, caracterizada por uma forma mais perfeita de partículas.

É uma verdade constantemente apresentada em todas as investigações analíticas, que o composto que constitui a forma superior é uma unidade das substâncias inferiores e rudimentares, e que as propriedades inerentes destas governam as substâncias superiores quanto às suas propriedades e composição. Estas formações ou estratificações rudimentares podem ser propriamente chamadas de começos ou princípios, nos quais são concebidas e das quais fluem as criações superiores. E ao deixar que este facto se torne um padrão que governe todas as nossas investigações científicas, a mente naturalmente se alargaria: pois é ao conceber corretamente as causas — das quais as formas são efeitos — que o nosso conhecimento da Natureza e das suas produções se aperfeiçoa.

Sinto distintamente que as partes da atual formação cretácea que ainda não foram investigadas indicarão diferentes espécies de animais, cujos tipos ainda existem. Este período tem uma relação mais próxima com a tribo dos felinos, e também está mais intimamente ligado ao homem do que os geólogos têm suposto.

O giz é uma substância que se supõe pouco presente em quase todas as formas sobre a Terra em períodos posteriores. E os mamíferos marsupiais, dos quais o *pleiolotherium* e o *phascolotherium* são exemplos, foram descobertos em algumas partes dos estratos cretáceos superiores. Mas estes não representam o carácter do reino animal durante este período.

Quanto à condição geral da Terra no final do presente período, não é necessário falar, uma vez que o início da formação terciária segue-se quase imperceptivelmente às camadas de giz. Esta, em algumas porções, é composta por calcário desintegrado e soluções marinhas de cal, intercaladas com substâncias margosas decompostas. Todo o processo exigiu muitas idades para a sua conclusão; pois o poder de desintegração não era tão geral nem tão ativo até que ocorreu uma nova catástrofe, sobre a qual mais será dito adiante.

É evidente, pelas indicações dos estratos, que muitas espécies que anteriormente habitavam o mar e a terra tornaram-se agora extintas. Sabe-se que estas deram lugar a outras, correspondentes à nova formação da Terra e dos elementos.

O mais notável relacionado com este período é a mudança parcial de temperatura, a queda de neve, a formação de grandes montanhas de gelo, e, em geral, uma atmosfera mais leve e mais congenial envolvendo a Terra. E as linhas de variação e não variação, que regem as nossas temperaturas árticas e tropicais (sobre as quais

mais será dito), mudavam constantemente, e essas mudanças produziram alterações correspondentes na atmosfera, e consequentemente na temperatura, o que resultou no derretimento frequente dessas montanhas de gelo. E esse derretimento era sempre seguido por um aumento do corpo de água à superfície da Terra.

Só neste período é que as estações se tornaram devidamente estabelecidas. E estas eram muito irregulares, consoante a condição dos elementos de que dependiam as suas distinções. É, pois, natural conceber que a atmosfera fornecia mais luz, mais calor, e consequentemente mais fertilidade, nas regiões equatoriais da Terra, do que em qualquer era precedente.

A mudança ocorrida foi geral. O seu efeito sobre a atmosfera foi tal que a adaptou à admissão de mais calor e luz, facto a partir do qual se gerou maior atividade. E por isso é evidente que a Natureza atravessou, no decurso de inúmeras idades, mais um dia de formação; e o período havia chegado, sobre o qual se diz: "A luz maior governava o dia, e a menor a noite." Foi por este facto que as estações se estabeleceram devidamente. E assim todas as luzes que existiam nos céus, consistindo nos inumeráveis orbes do sistema estelar, deram luz sobre a Terra, na medida em que cada partícula de luz que emanava desses corpos celestes comunicava movimento a todas as outras partículas entre si e a Terra; e assim a Terra e o seu manto atmosférico tornaram-se luminosos e congeniais.

A mente compreenderá agora que esta mudança na Natureza e nos seus elementos deve ter consistido na adaptação de condições e princípios ao advento de uma nova era, caracterizada por desenvolvimentos muito mais belos e perfeitos do que quaisquer outros que a precederam. Portanto, a expressão num relato histórico anterior dado desta consumação é substancialmente verificada, de que "a tarde e a manhã foram o quarto dia."

§ 55. Apresenta-se agora à compreensão que o início do período terciário, com as suas produções, é a manhã de um novo dia das criações da Terra. Não é necessário descrever, em detalhe, o processo pelo qual a formação terciária foi produzida; pois foi descoberto que consiste em depósitos de cal, xisto (*shale*), cal argilosa, marga e areia, com as soluções então existentes no mar. A constante agregação destas várias substâncias produziu os estratos inferiores e intermédios contidos nos depósitos eocénico e miocénico; após os quais, por meios semelhantes, o pliocénico com a sua divisão superior foi formado.

Esta classificação não foi feita em referência aos diferentes estratos terrosos do terciário, mas sim em função dos restos vegetais e animais que contêm. Por isso, prossigo diretamente para a consideração dos fenómenos físicos apresentados antes e durante este período, e também para descrever a ascensão e desenvolvimento dos reinos.

O período histórico manifestou, no seu início, mais do que em qualquer tempo posterior, marcas dos fluxos anteriores e prolongados de massas de água em direção oblíqua do noroeste para o sudeste. Estes são também constantemente representados, pelos desgastes nas rochas, como tendo tomado outras direções durante as grandes agitações que ocorreram durante o quinto dia da criação.

As enormes montanhas de gelo que se formaram pela mudança das estações e da temperatura geral do clima foram, como anteriormente referido, frequentemente reduzidas ao seu estado fluido. E, em cada estação em que este fenómeno ocorria, produziam-se também grandes marés, pelas quais o gelo, e várias substâncias nele embebidas, eram transportados para diversas partes da Terra. Durante este processo, deu-se uma extensa desintegração, e grandes desgastes nas montanhas e elevações sobre as quais o grande corpo de água passava.

Deve entender-se que os oceanos não tinham exatamente as mesmas posições, nem eram tão contraídos como o são agora. E deve ter sido esta agitação, criada pelos ventos poderosos e pelas consequentes tempestades que ocorreram durante este e os períodos anteriores, que produziu as incisões que são visíveis nas rochas, nas montanhas e noutras porções que agora são terra seca, mas que então estavam parcial ou totalmente cobertas pelas águas.

Durante as estações em que a água estava congelada em gelo, o grande corpo desse elemento não estava tão agitado. Mas, quando ocorria a mudança de uma temperatura fria para uma quente, ventos intensos eram produzidos em consequência, e estes causavam grande agitação. Outras causas incidentais estavam constantemente a produzir os seus efeitos, os quais serão mais claramente compreendidos quando eu falar da restauração do equilíbrio da água e da atmosfera no final da presente era.

Algumas porções da terra seca tornaram-se agora muito férteis e produziram abundante vegetação. Todas as espécies inferiores, desde as algas marinhas até à criptogâmia, e também as ordens superiores e dicotiledóneas, foram agora produzidas. Todas as classes das palmeiras e das coníferas, desde as inferiores até às intermédias e superiores, que existiram durante este período, estão exemplificadas na vegetação geral dos nossos dias — com exceção da sua forma e tamanho, pois eram muito maiores — não tão altas, mas mais volumosas, do que quaisquer das que agora se encontram nas regiões férteis da Terra. Uma espécie de árvore semelhante ao carvalho-rochoso (*rock-oak*) foi amplamente desenvolvida nas florestas do período terciário — possuindo tais qualidades que, ou se decompunham, ou se petrificavam após o declínio. Pois não temos quaisquer indicações da existência de árvores desta classe, exceto pelas porções petrificadas que ainda permanecem nos estratos superiores do pliocénico.

As formações vegetais inferiores deste período são agora exemplificadas nos cereais inferiores ao centeio e ao trigo, e em vários vegetais comuns, embora nenhuma espécie pertencente à formação histórica existisse então, com exceção de uma pequena planta semelhante à batata. E a vegetação florestal superior, como o carvalho, a bétula e o bordo (*maple*), estão todas exemplificadas no período terciário. Toda a vegetação desta era, como nas anteriores, é grosseira e volumosa em comparação com as ordens e espécies do reino vegetal do período histórico.

O reino animal apresenta, ao longo deste período, uma correspondência com o vegetal. Os animais, quanto às suas características principais, eram fortes, grosseiros e muito imperfeitos na forma, nos hábitos e na disposição. Ainda existia uma espécie de *megalosaurus* e *plesiosaurus*. E estes ascendem, a partir da espécie sauriana, em forma, natureza e disposição, até ao semi-elefante ou mastodonte, incluindo espécies intermédias, como o hipopótamo, o rinoceronte, o unicórnio, a morsa e várias espécies do enorme preguiça.

Supõe-se, por parte dos geólogos, que este período apresenta de forma absoluta a primeira distinção entre as ordens inferiores e os *ruminantia* e quadrúpedes. Estas últimas classes, juntamente com os *edentata*, formam os traços distintivos do reino animal neste período, cada uma das quais apresenta uma ordem superior de desenvolvimento uterino. Neste período, os marsupiais inferiores tornam-se quase totalmente extintos; e todas as produções animais da era presente representam uma nova criação.

Deve ter-se em mente que cada dia da criação apresenta um novo desdobramento de formas rudimentares e substâncias que compõem, nos seus estados inferiores, as ordens inferiores de animais e plantas. Por isso, as criações de cada dia seguinte correspondem às criações das anteriores, e às ordens de outras formas, mas apresentam um novo desenvolvimento, consistindo em espécies superiores, conforme as condições foram sendo tornadas favoráveis pelo desdobramento progressivo das leis e dos elementos. Assim, neste dia, os *quadrumana* representam o tipo mais elevado e a forma mais perfeita de toda a criação. E é ainda mais notável que o mais elevado desta ordem está muito pouco representado pelo macaco atual.

Os geólogos não possuem meios de chegar a um conhecimento absoluto da forma, ordem e carácter desta classe. Pois foi muitos milhares de anos antes de a história primitiva do homem ser escrita que esta classe representou a ordem mais elevada das produções da Natureza; e posteriormente passaram a novas formas, tornando-se o tipo antigo inteiramente extinto.

§ 56.A condição física da Terra, e a ordem e grau dos seus desenvolvimentos animais durante a formação terciária, distinguem-se por manifestações mais notáveis

do que em qualquer outro período. A mudança do clima e o estabelecimento das estações alteraram, em termos gerais, as produções e o aspeto de toda a Terra.

E é um facto completamente ignorado nas investigações dos meteorologistas que a condição dos graus superiores dos elementos imponderáveis determina por completo a temperatura da atmosfera, desde o seu grau mínimo até ao seu grau máximo de calor ou de frio. Pois deve compreender-se como um axioma estabelecido que o frio é a ausência de calor, e que o calor é a condição última da sua temperatura negativa ou não ascendente. Para se resolver o fenómeno das variações da temperatura, são necessários termos que, na realidade, não expressam verdadeiramente as condições ou o seu significado. Pois, na verdade, não existem formas de expressão nem esforços de linguagem que sejam adequados para transmitir um conhecimento científico dos verdadeiros princípios controladores da Natureza, que constantemente desenvolvem o inferior e o superior, ou a causa e o efeito.

Nesta fase do progresso geológico da Terra, o frio nas regiões árticas era maior do que em qualquer tempo anterior. Pois, perto do final do novo arenito vermelho, e durante todas as eras subsequentes até à consumação do terciário, geadas intensas e neves, e enormes montanhas de gelo, prevaleceram extensamente nas regiões polares. E estas frequentemente se derretiam subitamente em água, que fluía para climas mais quentes. A temperatura das estações era também variada por tempestades intensas de vento e chuva, frequentemente causadas pela perturbação do equilíbrio da atmosfera. Pois deve ficar bem claro que o calor atraía as partículas de água, que constantemente ascendiam e se tornavam atmosfera de carácter denso; e quando estas partículas se condensavam, formavam chuva, que então voltava a descer. As nuvens são o resultado da associação de partículas da atmosfera de densidade igual; e estas, tornando-se demasiado densas para permanecerem na atmosfera, descem para se associarem ao seu elemento de origem. Tal é a causa do fenómeno comum da chuva; e esta nunca ocorreria se a temperatura fosse sempre constante e o equilíbrio do ar permanecesse sempre inalterado.

Tal era, portanto, a condição dos elementos durante o período em consideração; e a consequência foi a submersão frequente e quase total de toda a face da Natureza. Estes acontecimentos são denominados pelos geólogos como “inundações” — e as evidências de tais são recolhidas a partir das manifestações dos depósitos diluviais.

É necessário notar que a opinião derivada dos efeitos visíveis destas tempestades frequentes, tal como se manifestam nestas formações, não é inteiramente verdadeira no que respeita ao período em que essas inundações ocorreram. Pois, no quarto dia da criação, as estações foram estabelecidas através de um desenvolvimento adequado de todas as condições necessárias às mesmas, constituindo isso um desenvolvimento mais definido e formal da Natureza do que poderia ter ocorrido em qualquer período anterior. E, na medida em que esta mudança se tornou universal, e

a temperatura das estações foi mais intensa do que em qualquer outro período, antes ou depois, as tempestades e inundações acima descritas seguiram-se como consequência.

Outra evidência do frio extremo em direção aos polos, e do calor intenso junto ao equador (sendo tudo isto produzido pelas revoluções das linhas de não variação e pela radiação a partir dos polos da Terra), consiste nos abundantes restos de conchas calcárias e de infusórios minúsculos, que, em muitos locais, perpassam os mares e praias do sul. E os leitos de giz aumentam à medida que se aproximam das regiões tórridas, sendo, em alguns locais, quase equivalentes aos estratos que sucederam aos da era carbonífera. Aproximando-se do norte, incluindo a parte superior de ambos os continentes, a marga, o xisto e o calcário são muito mais notáveis, tanto no cretáceo como no terciário, do que o giz ou as outras substâncias afins.

Nas porções da Terra que foram estudadas, verificou-se que os fósseis calcários predominam mais nas zonas tropicais do que nas porções mais a norte da Terra. E foi descoberto (ou antes, inferido) que as geadas que ocorreram durante o período do arenito tiveram lugar durante a total ausência das aves que habitavam partes do continente ocidental. As suas pegadas são encontradas em divisões dos estratos onde não existem marcas de geada visíveis; o que implica que migravam com a mudança das estações. E os seus fósseis não foram encontrados onde as suas pegadas foram descobertas.

Desde esse período até ao presente, as estações tornaram-se gradualmente estabelecidas; e uma diferença extrema é agora apresentada entre o seu carácter atual e o anterior.

E, como já foi referido, os meteorologistas falharam em determinar a causa das frequentes variações das estações desde o início destas inundações até à introdução do período histórico. Ao falar desta causa, não se pretende apresentar cálculos definidos, e assim aliviar os investigadores do esforço mental que de outro modo seria necessário. Mas é necessário indicar a base sobre a qual estas manifestações assentam, e explicá-las de forma geral; e os pormenores podem ser seguidos pelas indicações existentes.

§ 57. A dessemelhança da temperatura nos polos em diferentes épocas deve-se às condições variáveis de um elemento existente nos seus graus inferiores e superiores de desenvolvimento, e que, embora não seja gerado por corpos exteriores, é por estes auxiliado a manter uma ligação com todo o invólucro da Terra, desde os estratos inferiores até aos superiores da atmosfera. O norte tem sido considerado como a localização do polo magnético, emitindo incessantemente fluido elétrico atrativo, que determina a direção da agulha magnética.

Nas porções tórridas da Terra, as partículas lançadas pelo Sol (que, quando decompostas, produzem luz) atuam sobre a água e a atmosfera, ação essa que resulta numa constante sublimação e desenvolvimento de calor, ou do meio magnético. Aqui é denominado "magnético" para distinção; mas, corretamente, é o calor desdobrado contido no meio anteriormente frio. O fluxo imperceptível desta corrente em direção ao norte determina a direção da agulha magnética.

E será descoberto que existem três correntes distintas, correspondentes aos raios que provêm do Sol. O primeiro destes raios é luz sem calor: este produz cor. O segundo é luz sem cor nem calor: este produz ação química; e nele o nitrato de prata branco escurece instantaneamente. E todos os corpos afins, ao sofrerem ação química semelhante, tornam-se suscetíveis da mesma por este raio particular de luz. O terceiro raio não produz cor nem ação química, mas gera calor ao causar fricção entre todas as partículas sobre as quais atua. E este raio de luz atua sobre todas as partículas semelhantes, pelas quais todas são transmitidas para as partículas que compõem o invólucro da Terra, e aí são adequadamente digeridas para o sustento dos reinos vegetal e animal.

O primeiro destes raios é a causa de toda a cor. O segundo é o raio que foi recentemente suposto ser magnetizado. Ele produz a ação química pela qual a cor e outras propriedades se tornam duráveis. E o terceiro compreende ambos — e é a substância ativa e comunicativa que gera calor pela fricção nas partículas da atmosfera. E, pela modificação atómica que sofre ao passar pelos seus diversos movimentos, torna-se adequado para refletir formas na retina e assim transmitir o conhecimento de objetos exteriores ao cérebro de cada animal existente.

Se as partículas de luz não fossem assim modificadas no grande invólucro atómico da Terra, a cor não poderia existir. Pois a cor é a reflexão da luz; e sem luz, como poderíamos conhecer a cor? E sem a ação química minuciosa e imperceptível, como poderia a exalação do reino vegetal tornar-se adequada à inspiração do reino animal? E sem a forma da luz que transmite as imagens de objetos exteriores, o olho seria um órgão inútil.

Existem também três fluidos distintos que atravessam a Terra do sul para o norte, e do norte para o sul, por meio de uma troca mútua de elementos a partir dos polos. Existe também um fluido que os cruza, e este foi denominado “fluido diamagnético”. Os primeiros fluidos mantêm relações de igualdade entre si. A sua terminação no norte é o núcleo do polo magnético. A direção destes fluidos estabelece as linhas de não variação. O movimento dos seus fluidos acompanhantes determina as linhas de variação. Estas linhas giram de este para oeste em metade da circunferência da Terra enquanto o Sol passa por um dos signos do zodíaco. E onde quer que se encontre o meridiano destas linhas, aí está o maior grau de frio. E à medida que estas linhas se aproximam de uma determinada longitude, o clima dessa

parte da Terra muda gradualmente; e, desta forma, algumas porções anteriormente caracterizadas por fértil floração e atmosfera congenial foram transformadas em esterilidade, e estão agora ocultas da luz do Sol por um manto de neve espessa e montanhas de gelo.

Na proporção da prevalência das substâncias cujo movimento constitui estas linhas, é a temperatura tornada fria. E assim, toda a porção da Terra sujeita a invernos rigorosos é afetada por estas linhas; e os locais onde os invernos são mais severos estão diretamente sob a sua influência. E é pela constante emissão de frio no norte que o calor junto ao equador se torna mais intenso; e assim se estabelecem duas condições de equilíbrio opostas — ou positiva e negativa — ou seja, as substâncias elétricas inferiores ou primeiras, e o meio magnético superior.

As violentas tempestades que o período terciário indica, bem como o fluxo de grandes massas de água e gelo contendo outras substâncias, foram resultado das estações estabelecidas conhecidas como inverno e verão, e também das variações de temperatura causadas pelas revoluções destas linhas de não variação. Uma série de invernos tornados extremamente rigorosos pela presença destas linhas formou essas grandes montanhas de gelo nas regiões polares: e a transição da temperatura causou, como anteriormente referido, as imensas e terríveis tempestades, produzindo grandes massas de água que transportaram consigo os enormes icebergs que cruzaram a superfície de toda a Terra na direção anteriormente descrita.*

(*Ou seja, pelo movimento aparente conhecido como precessão dos equinócios.)

Os estratos diluviais foram formados pela deposição dos detritos e várias substâncias dissolvidas carregadas por essas grandes correntes. Pela deposição dos materiais mais finos, formaram-se também muitas porções que são denominadas aluviais, especialmente ao longo das costas marinhas.

Estas submersões quase universais foram seguidas por uma grande diminuição de todo o corpo de água, o que se tornava percetível durante cada estação rigorosa. E, no decurso de muitas eras, dentro das quais estes acontecimentos foram frequentes, a água e a atmosfera começaram a perder a densidade necessária, e isto deveria resultar numa catástrofe semelhante às anteriormente causadas por condições análogas. Antes do início da última formação, ou formação histórica, quase todas as plantas e animais terrestres foram completamente destruídos: e essa destruição ocorreu devido à submersão geral de toda a face da Natureza pelo elemento aquático. Muitas cavernas foram formadas antes deste período; e nelas ainda se encontram os restos de várias espécies extintas de animais.

Pelas grandes modificações que cada departamento da Natureza sofreu, as condições necessárias para o desdobramento das produções subsequentes devem

ocorrer em breve. E isso estabelecerá uma condição geológica e elementar da Terra que poderá ser denominada “muito boa” para os requisitos dos reinos subsequentes. E esta será a grande transição da Terra de um estado de relativa esterilidade e inatividade para uma condição substancial e duradoura, adaptada à existência de novas formas com compostos mais perfeitos e elevados. E as formações geológicas da Terra estão agora quase concluídas — com exceção das formações artificiais que ainda estão em curso. E as novas energias que em breve serão desdobradas estabelecerão espécies sobre a face da Terra cujos tipos existem atualmente. E então haverá uma atividade geral e fecundidade dos habitantes do mar, e das criaturas rastejantes da Terra, estando estes devidamente situados para gerar espécies segundo o seu tipo, e para se multiplicarem abundantemente.

E a frieza da terra, da água e da atmosfera, neste período, tornava-os mais adequados ao desenvolvimento das ordens inferiores da criação do que em qualquer outro período. Por isso, a fecundidade indicada pelo mandamento dado a estas criaturas rastejantes para produzirem abundantemente segundo o seu género, era na realidade um acompanhamento necessário das condições então existentes. E as condições da Terra e do reino animal não devem ser comparadas com as existentes em qualquer outra era.

(*Fomos informados, incidentalmente, pelo clarividente, que estas acumulações de gelo ocorreram nos dois polos da Terra.)

Portanto, a história original dos passos e graus da criação é incontestavelmente verificada: e seria injusto usar qualquer outra forma de expressão senão aquela que diz: “E foi a tarde e a manhã do quinto dia.”

§ 58. Ascendemos agora a um período na criação da Terra e dos reinos que está mais intimamente ligado às ciências do mundo, e que abunda em representações mais distintas de todas as coisas agora existentes do que qualquer dos períodos anteriores. Não existe qualquer história do início do presente período de tempo: e todo o conhecimento que existe a respeito das espécies originais resulta de inferências retiradas da condição atual da criação.

Relativamente aos vários graus de perfeição nos desdobramentos dos dias anteriores, foram oferecidas observações gerais; mas uma descrição das mudanças específicas da Natureza e das suas produções, desde as primeiras condições até ao presente, teria sido impossível. E todo o conhecimento existente sobre as leis da Natureza é derivado dos seus efeitos gerais e universais, e não de manifestações pormenorizadas. E ao compreender princípios gerais, assistidos por uma visão alargada das suas correspondências, a Natureza e as suas leis revelar-se-ão como um vasto laboratório químico, no qual os constituintes mais baixos de toda a composição estão constantemente a ser desenvolvidos e purificados. E o todo é um

composto de glóbulos poligástricos, cujo poder de ação química e princípios de progressão desdobram todas as formas que são desenvolvidas a partir da grande Massa — a qual, por sua vez, produz novas substâncias e novos modos de composição, sendo cada um diferente do primeiro. E cada qualidade interna que está encerrada nas formas atuais está a ser desdobrada, e acabará por progredir até à forma e condição mais elevada de ser.

Os primeiros tipos que surgem sobre a face da Terra no início do **sexto dia** são de organização inferior, mas superiores a todas as formas anteriores. Estes contêm todas as qualidades e princípios das criações anteriores, são representantes das formas mais elevadas do reino animal, e constituem um tipo significativo da organização da humanidade. Mas estão tão abaixo do homem no seu estado aperfeiçoado atual como estão acima de todas as criações e produções das eras precedentes.

A anatomia comparada tem sido muito útil para convencer o mundo científico de que existe uma relação entre todas as formas existentes; mas estabeleceu quase, em algumas mentes, a conclusão de que cada forma e espécie em qualquer dos reinos tem uma origem específica e uma existência exclusiva, de tal modo que não representa um grau superior de formas inferiores, nem evolui para graus mais perfeitos de organização. A anatomia é eminentemente útil como base de indução; mas os anatomistas consideraram a invariabilidade manifestada em cada forma anatómica existente como prova substancial de que estas são produções específicas de algum poder superior e independente daquele que a Natureza possui, e, por conseguinte, têm disputado a opinião de que formas específicas tenham sido, em algum tempo anterior, partículas constituintes de formas inferiores da criação.

Mas é evidente que uma estrutura orgânica, de qualquer tipo ou espécie, deve ter existido previamente num estado diferente de composição. Portanto, as partículas que compõem a estrutura anatómica dos reinos vegetal e animal devem ter sido derivadas das ordens inferiores de formação, e devem ter ascendido para entrar nas organizações nas quais estão agora corporizadas. É, pois, uma congregação de átomos de natureza e qualidade adequadas que produz tudo o que a anatomia do reino animal representa. Pois uma superestrutura não poderia existir antes dos materiais da sua composição. Toda a manifestação da Natureza é, portanto, um resultado positivo dos princípios inerentes contidos em toda a composição. Assim, a anatomia é uma demonstração monumental da perfeição última das partículas inferiores. E a estrutura de qualquer organização mantém uma ligação inseparável com a primeira indicação de uma disposição semelhante de partículas, e com a organização mais elevada existente.

O assunto da presente investigação abrange fundamentos que vão muito além do conhecimento do mundo relativamente aos reinos vegetal e animal; e, por isso, as

descrições presentes serão dadas de modo mais detalhado. Ainda assim, é impossível, por comparação com qualquer coisa agora conhecida, transmitir um conhecimento correto sobre as formas originais e sobre a forma mais elevada existente no início do sexto dia. Mas estamos a emergir dos graus e condições anteriores para um estado onde existe mais luz e mais meios de pesquisa e investigação. E este estado apresenta também uma das belezas desdobradas no magnífico templo da Natureza.

As reflexões sugeridas por uma compreensão alargada da Natureza e das suas leis não podem ser demasiado profundas, nem estender-se demasiado para trás no tempo da existência animada, para que deixem de ser meios de instrução útil. Todas as formas, elementos e composições que abundam sobre a face da Terra neste período podem ser aproveitadas para desdobrar uma compreensão dos desenvolvimentos atuais. Mas só poderão ser úteis desta forma à medida que concebamos a lei da correspondência.

Por uma regra da matemática, a compreensão de certas partes de qualquer forma permite, por indução, obter um conhecimento absoluto das outras partes; e a partir do conhecimento da base e das inclinações de dois ângulos de um triângulo, pode-se determinar positivamente a distância do vértice. E assim, ao provar-se absolutamente que a Natureza, em qualquer dos seus domínios, contém determinadas leis, princípios e composições, poderemos alcançar um conhecimento absoluto das condições anteriores da Natureza, bem como dos seus futuros e transcendentais desenvolvimentos.

Convém assinalar (a título de introdução às considerações respeitantes ao sexto período da criação) que as descrições anteriormente apresentadas foram dirigidas, e as que se seguirão também o serão, particularmente ao poder das mentes do mundo de conceberem verdades por analogia ou correspondência. E se tal poder ainda não se encontra desdobrado em certas mentes, é possível que estas não compreendam as verdades aqui apresentadas; e de facto não o poderão fazer até que atinjam um grau de perfeição apropriado para se associarem a tais verdades interiores e universais.

Cumpre ainda observar que é apenas através da ciência da correspondência matemática que se pode alcançar conhecimento de qualquer coisa na Natureza, de qualquer dos seus motivos e energias vivas ou dos seus efeitos, ou da tendência progressiva de todas as partículas existentes para substâncias mais elevadas, qualidades superiores e interiores mais perfeitos. E o conhecimento obtido por qualquer outro processo não se estende para além da convicção da forma externa. E tal convicção não é absolutamente satisfatória a uma mente indutiva e abrangente; pois tal mente deverá primeiro saber por que poder e princípio se encontra apta a associar-se com formas exteriores. E a mente que compreende apenas aquilo que é visível, pouco entende da Natureza, ou dos princípios do ser. Mas numa mente

expansiva, surge a questão: “Qual é a causa da existência de qualquer forma exterior?” E ao conceber adequadamente essa causa, tal mente é conduzida por uma afeição interior à Causa de todas as causas, através da análise e compreensão das causas e efeitos gerais, tanto visíveis como invisíveis, observando depois a perfeita adaptação e disposição de tudo isso em relação ao Todo, e do Todo em relação ao seu uso último.

Há uma grandeza nas formas visíveis da Natureza que só pode ser percebida por uma mente primeiramente impressionada pelas suas qualidades interiores.

§ 59. O primeiro dia da criação desdobrou uma das leis ou atributos ligados ao grande Todo: o Poder; e este poder manifestou-se em Movimento incessante. Os desdobramentos do segundo dia revelaram o atributo da Sabedoria. E a Bondade foi manifestada na disposição e adaptação de todas as coisas no terceiro dia. As condições peculiares e circunstâncias existentes no quarto dia, e os seus resultados — que foram “muito bons” — manifestaram Sabedoria, e também desdobraram Justiça e Reciprocidade. O quinto dia desdobrou uma nova ordem de seres — dotados de poderes e faculdades, e de um grau de sensibilidade que até então não existia; e, por conseguinte, eram capazes de sentir a diferença entre as formas inferiores e as superiores. — Assim, podiam sentir indulgência.

Pois do conhecimento do seu próprio poder e preeminência, manifesta-se sempre nas formas mais perfeitas uma consideração pelas ordens inferiores. Assim, foi estabelecido um espírito de misericórdia e indulgência entre as tribos animadas. As belezas que se desdobraram no sexto dia, ligadas como estão a todas as formas anteriores, e sendo um desenvolvimento das suas qualidades interiores, correspondem à ascensão última de todas as formas, partículas e princípios, e ao desdobramento de todos os atributos originalmente envolvidos no primeiro Tipo, ou no Germe de todos os desenvolvimentos subsequentes.

E embora o último atributo desdobrado corresponda a todos os demais, a sua grandeza eleva-se acima das mais elevadas conceções das mentes do mundo. E não obstante os árduos esforços feitos para ocultar este princípio em desdobramento, ele está gradualmente a tornar-se cada vez mais revelado à medida que as qualidades interiores da humanidade se tornam capazes de o receber. Este princípio compreende tudo o que se encontra abaixo do seu grau de refinamento, e contém qualidades que se desdobrarão eternamente além. É o meio de associação entre todas as mentes espiritualmente expandidas. Envolve e perpassa toda a Natureza — o mundo inteiro — o Universo.

É o Germe essencial de belezas mais perfeitas — o mais alto atributo da esfera presente. É aquilo que deve ser admirado e adorado acima de todas as outras coisas. Deve iluminar a constituição interior de cada ser, e conferir carácter a cada

pensamento; e à medida que se desdobra mais e mais, há-de gerar na mente uma afeição por um conhecimento interior das coisas presentes e últimas. E é este, pois, o mais alto e mais perfeito princípio desdobrado a partir do Germe original constituído de Poder; e tal é o atributo da Verdade imortal. E sendo este o mais elevado dos atributos presentes, é um Germe que ascenderá, à medida que todas as outras coisas progridam, para manifestações mais perfeitas em esferas superiores.

Este, então, é um índice — uma introdução à revelação de toda a criação do sexto dia. E o seu objetivo é preparar a mente para se associar mais familiarmente com as tendências da era presente para um dia correspondente de uma criação mais perfeita, na investigação da qual toda a ciência do mundo deveria ser devidamente empregada. Mas até agora, aquilo a que se tem chamado ciência tem sido apenas um modo pelo qual o mundo tem tentado alcançar um conhecimento correto das formas externas, e apenas conceber de forma ténue as qualidades mais interiores. Por conseguinte, aquilo a que se tem chamado "ciência" não é nem conhecimento nem compreensão; mas tem tendência para atrair a mente para longe dos princípios fundamentais da Natureza, e de todas as qualidades que perpassam universalmente a sua composição, permitindo-lhe apenas conceber as sombras ou invólucros da verdade. E assim, a causa interior de toda a forma exterior tem sido obscurecida e negligenciada.

Mas pelo processo atualmente adotado, o conhecimento torna-se justiça: pois por ele concebemos tudo o que se encontra num estado inferior ao nosso, e recebemos correspondentemente impressões daquilo que há de vir. Ele gera energia e poder, e desdobra sabedoria e beleza. Ele inspira o espírito de bondade e benevolência, de justiça universal e de reciprocidade. Ele gera uma indulgência digna, desdobra uma consideração pura e reverente por todas as verdades eternas, e estabelece e constitui uma mente bem organizada. Tais são os dotes criados por esse conhecimento que é obtido por uma investigação da composição e dos desdobramentos da Natureza.

Portanto, o verdadeiro conhecimento consiste numa verdadeira conceção das operações grandiosas dos princípios imortais originados na Fonte da Mente Omnipotente!

Ascendemos agora à mais elevada formação geológica da Terra, cujos depósitos foram bem compreendidos e classificados. Convém apenas observar que as condições existentes antes e durante o tempo dos depósitos aluviais eram essencialmente diferentes das atualmente existentes; embora tenham desde então ocorrido formações particulares e incidentais, que foram devidamente denominadas "superficiais". Estas resultaram das deposições dos detritos e de várias soluções que perpassavam o elemento aquático.

As formações de recifes de coral, como obra engenhosa dos infusórios e dos polípodes, continuaram até à presente era — apresentando agora uma textura mais refinada e uma composição mais perfeita do que antes. E todas as outras formações que desde então foram incidentalmente realizadas são, de forma correspondente, mais depuradas.

Na história precedente da crosta terrestre, aderi em geral às classificações feitas pelos geólogos, mas divergi em alguns aspetos importantes no que respeita às mudanças gerais dos elementos interiores e exteriores, tais como ocorreram no termo dos diversos períodos.

§ 60 A condição da Terra no período agora em análise é novamente muito diferente de qualquer uma das anteriores. As muitas vicissitudes das estações eram numerosas e extremas, provocadas pela influência das linhas de variação e de não-variação sobre os elementos fluídicos e etéreos.

Até ao início dos depósitos aluviais, estas inundações excessivas, causadas pela dissolução das montanhas de gelo, mantiveram-se inalteradas; mas com o começo do presente dia, estas montanhas estavam já bastante diminuídas em tamanho, e a sua localização completamente alterada. Convém observar que muitos séculos se passaram entre o estabelecimento da primeira e da atual condição, tanto no que diz respeito às formações glaciais como ao aspeto geral da Terra. A água era diferente apenas na sua combinação, sendo esta mudança o resultado da ascensão das suas partículas últimas. Daí que o peso de toda a Massa tenha sido reduzido. A atmosfera tinha cedido grande parte do seu carbono às formações da Terra, o que resultou no desenvolvimento pleno do oxigénio e do azoto, cujas proporções relativas são praticamente iguais às atuais.

Convém aqui notar que as partículas atmosféricas que compõem o invólucro da Terra, tal como existe agora, são átomos que ascenderam a partir de condições inferiores. E a condição de cada formação terrestre encontra representação na formação atmosférica: e observar-se-á que cada um dos estratos terrestres possui um estrato etéreo ou atmosférico que lhe corresponde diretamente. A atmosfera é composta por tantos estratos, tanto em termos de divisões gerais como de subdivisões, quantos se encontram na crosta terrestre. É evidente, pois, que desde a primeira condensação da camada granítica até ao período em que uma nova substância foi produzida, a água e a atmosfera deviam ser correspondentemente densas e grosseiras na sua composição. E a formação de cada novo estrato, composto por partículas ascendentes do anterior, resultava numa ascensão correspondente das partículas mais densas da atmosfera, evoluídas e desenvolvidas a partir dos elementos interiores da Terra.

Assim, em cada época ou dia da criação, tudo se transformava essencialmente, adaptando-se às exigências das criações desse dia. A Terra e a atmosfera desdobravam as suas qualidades interiores, e novas leis, energias e circunstâncias eram o resultado. E foi em proporção à perfeição dessas condições e dos princípios anteriormente não desenvolvidos que as criações vegetal e animal foram aperfeiçoadas.

Assim, na presente era dos desenvolvimentos terrestres e atmosféricos, a paridade entre ambos mantém-se. As formações superficiais que ocorreram durante o período histórico da Terra correspondem exatamente ao estrato superior da atmosfera. Este é leve, rarefeito, e inadequado à associação de outras substâncias, mas compreende e une tudo o que está abaixo do seu grau de refinamento. Assim, as primeiras partículas da atmosfera encerram de facto as qualidades que se desdobraram nas formações superiores: e essas primeiras partículas giram através de todas as condições intermédias até alcançarem o mais elevado grau, e este último une o inferior e todos os estratos intermédios, aperfeiçoando assim o invólucro atmosférico da Terra. Isto não pode ser demonstrado pela observação sensível, mas pode sê-lo pela análise química e por analogia absoluta: pois cada condição na criação da Terra esteve sujeita a transformação perpétua, ascendendo gradualmente até à presente condição, que representa o ápice dos depósitos terrestres e, consequentemente, o auge da composição atmosférica.

Neste contexto, convém também observar que muitas espécies de aves, saurianos e outras semelhantes agora existentes, embora alteradas na sua forma e organização, ocupam os mesmos estratos atmosféricos que os seus tipos mais primitivos originalmente habitavam à superfície da Terra; e com base nos princípios aqui implicados, pode-se explicar a extinção de muitos animais gigantescos que habitavam a água e a terra durante a formação secundária. Pois é evidente que, se as mesmas condições ainda existissem, as mesmas formas também existiriam.

Portanto, as modificações dos reinos vegetal e animal correspondem às da Terra e da atmosfera. O conjunto, por conseguinte, constitui um sistema perfeito — uma unidade consociada. O todo representa uma Forma viva, ativa e energética — uma fonte que gera as produções mais minuciosas, que giram até às organizações mais complexas, e culminam na individualização do princípio interior do Homem.

A Terra e a atmosfera estão em relações apropriadas para se unirem e produzirem ações químicas; e a atmosfera está suficientemente aperfeiçoada para se unir ao elemento da eletricidade. Por isso, esta última circula através de todas as substâncias inferiores, simpatizando com elas, unindo-as, organizando-as, decompondo-as e recompô-las — sejam elas vegetais, animais ou atmosféricas — existentes sobre e perto da superfície da Terra. E ela une todas as partículas existentes, desde a composição ígnea do interior da Terra até ao mais elevado elemento da atmosfera.

É sabido pelos químicos que a água é apenas uma condensação dos mesmos elementos que compõem grande parte da atmosfera, e que seriam, na realidade, extremamente inflamáveis, não fosse a sua condição combinada torná-los insuscetíveis. Assim, a água é apenas um grau inferior da atmosfera, e a Terra é apenas uma condição inferior da água e da atmosfera — e tudo isto não é mais do que a imperfeição daquilo que a eletricidade representa em perfeição.

Estas observações gerais destinam-se a servir de guia para a compreensão das descrições que se seguem à presente aurora de uma nova era; e a partir destes apontamentos, as produções mais minuciosas das grandiosas e estupendas operações da Natureza poderão ser adequadamente concebidas e compreendidas. Pois este é o período do nascimento de organizações mais importantes, conduzindo a resultados mais significativos do que qualquer outro desenvolvimento anterior na existência da Terra. Estas condições infundiram vida a tudo aquilo que compõe toda a criação tal como esta agora se manifesta. E a importância e grandeza das formas e essências que foram então desenvolvidas são tais que nem sequer são concebidas ou compreendidas pela mais ampla das inteligências.

E é concebendo a forma que compreendemos a ordem; pela ordem, os graus; e pelos graus, as correspondências. E a partir do revestimento — a forma externa e visível — pode-se inferir a qualidade e a essência. Pois é pela essência — a realidade interior e verdadeira — que todas as coisas assumem formas, ordens e graus de realidade tangível. E sendo isto uma proposição exposta e estabelecida na Chave, é apropriado que seja aplicada a todas as coisas que tenham sido desveladas ao entendimento desde que se adotou o novo método de raciocínio. E então poderemos testar o exterior através da realidade interior, e perguntar se não terá sido pelas qualidades inerentes e latentes da Massa ígnea original que a Terra foi formada — e se, pelas inconcebíveis combinações que constituíram o revestimento exterior, a água e a atmosfera, uma forma e substância ascendente, não terão sido produzidas a partir da mesma Massa original; e se a atmosfera não conterá já as propriedades não desenvolvidas do elemento imponderável da eletricidade.

Que o espírito, então, infira a essência interior e a qualidade pela forma externa e visível; mas que não julgue inteiramente pela bainha ou exterior daquilo que, no seu interior, permanece ainda por desenvolver. Antes, deve assentar-se sobre a convicção interior recebida tanto em relação ao exterior como ao interior de qualquer coisa, e assim o julgamento será correto e justo. E sendo absolutamente demonstrado que a causa de todos os efeitos existe anterior a estes, incumbe agora à mente devidamente preparada julgar o interior pela forma exterior. Pois é evidente que, se a essência não existisse, a forma não poderia existir; e se a forma existe, a essência deve, por necessidade, ser a causa da sua existência. A essência, portanto, produz a forma por meio da associação das suas próprias qualidades; e assim se

desdobram todas as formas visíveis. Assim, é o germe que, ao ser sujeito a condições apropriadas, se impregna pelas suas próprias qualidades latentes e desdobra todas as formas e manifestações do mundo exterior.

É, por conseguinte, propriedade do embrião desenvolver uma forma correspondente à sua verdadeira realidade. E é tão impossível que o perfeito exista antes do imperfeito, como que a forma mais elevada de qualquer espécie se desenvolva antes que o germe tenha passado por todos os seus estágios intermédios de desdobramento, sendo cada um destes um tipo do seguinte. E a forma mais elevada que resulta da sua qualidade essencial original não é senão a mais elevada produção das forças e princípios originalmente contidos na essência germinativa. Assim, a Correspondência — pelo menos no que respeita a estes e a assuntos afins — torna-se agora uma ciência estabelecida, cuja veracidade se reconhece por estar fundada na própria natureza das coisas.

§ 61 A transição de substâncias minerais e orgânicas para as primeiras e mais baixas formas orgânicas manifesta-se mais nitidamente na presente era do que em qualquer período anterior. As primeiras classes destas formas consistem nas plantas marinhas e terrestres inferiores: pois a Terra encontrava-se, então, revestida por grande abundância de vegetação. Algumas regiões de terra firme eram mais propícias ao sustento das formas vegetais superiores, originando estas os dicotiledóneas superiores; enquanto outras porções da Terra produziam a classe das criptogâmicas, e formas ainda inferiores, descendendo até ao líquen mais rudimentar.

Todas as classes de vegetação que tinham sido geralmente tipificadas no período anterior estão agora exemplificadas e plenamente desenvolvidas. Diversas espécies de plantas exógenas, de fetos, palmeiras e outras ordens afins, extinguiram-se por completo em diferentes momentos do último dia de formação geológica — enquanto outras se desenvolveram mais plenamente, assumindo formas mais elevadas, modificadas pelas condições a que a vegetação foi sujeita. Todos os vários grãos e cevadas, mesmo até à espécie mais inferior, foram geralmente transformados em relação ao seu estado anterior, tornando-se mais prolíficos e úteis mediante a influência que a cultura exerceu sobre as suas propriedades germinativas.

Pode-se, portanto, afirmar que, na aurora da presente era, as produções vegetais da Terra eram muito diferentes das atuais, na medida em que a mudança de localizações, condições e circunstâncias desdobrou as suas essências interiores, de tal modo que hoje existem mais de duzentas espécies, das mais baixas às mais elevadas ordens, bastante distintas entre si.

Nas regiões meridionais e orientais da Terra, as condições eram mais favoráveis ao desdobramento das produções vegetais do que em qualquer outra parte do globo, ou

em qualquer outro período. As porções orientais eram, de facto, extremamente férteis, e deram origem a quase todos os desdobramentos florais que, desde então, se manifestaram noutras regiões adequadas à sua produção.

Ao oferecer uma visão geral do reino que se ergue como elo de ligação entre os reinos inorgânico e animal, é necessário referir apenas a ascensão geral das formas vegetais, na medida em que tal ascensão possui uma relação direta com as formas correspondentes da criação animal. E à medida que cada uma destas formas no reino vegetal se torna adaptada às necessidades das organizações superiores e mais perfeitas, far-se-á referência a elas; e assim o progresso e as exigências de cada espécie podem ser devidamente compreendidos ao se entenderem as suas relações mútuas e dependências recíprocas.

Um facto manifesta-se de forma geral nos desenvolvimentos vegetais de toda a criação — e esse é a sua ascensão a partir dos endógenos, como primeiros e mais baixos. Estes são formas com apenas uma superfície, recebendo as partículas externas no seu interior tanto por influxo atmosférico como por assimilação geral. Isto exemplifica a única superfície que caracteriza o primeiro estágio da vegetação efetiva, e corresponde às primeiras formas animais que possuíam apenas tecido celular, equivalente a uma membrana mucosa. O termo desta classe de plantas desdobra um novo e distinto revestimento, tornando-se assim a forma mais elevada no reino vegetal. Trata-se da exógena, ou aquela com revestimento externo — existindo uma relação química entre esta e o revestimento interior, pela qual as essências interiores são transferidas para o exterior, realizando-se o trabalho de regeneração. Este revestimento só se encontra nas ordens superiores da criação animal, e é especialmente desenvolvido nos mais perfeitos dos mamíferos. Este é o revestimento correspondente ao tecido vascular.

Deve observar-se que os desdobramentos relativos a estas superfícies estão sujeitos a numerosas subdivisões, e que em cada divisão se representa um novo tipo, e aparentemente uma nova classe de plantas. Mas todas as formas vegetais intermédias são apenas etapas na metamorfose das formas primitivas para os desenvolvimentos subsequentes. E cada uma destas formas observa a mesma lei que rege a forma rudimentar. Assim, a Terra desdobrou e modificou progressivamente as formas primitivas, tendo adaptado perfeitamente a essência e as qualidades de uma planta às necessidades de outras.

As plantas mais simples contêm muito poucas qualidades venenosas; mas, à medida que cada geração sucessiva combina novas propriedades, as essências da planta tornam-se mais complexas e venenosas. Depois, à medida que as propriedades de frutificação se desenvolvem, essas qualidades são tão modificadas que a planta, no período em que a flor se desdobra, emana uma fragrância extremamente agradável. Assim, do doce se desenvolvem qualidades ácidas; e da

essência de uma dessas plantas, desdobram-se as essências de outras mais elevadas e mais perfeitas.

Cada forma da criação vegetal contém, em certo estado peculiar de combinação, as essências encontradas nas substâncias minerais, e que são desenvolvidas no reino animal. É, pois, evidente — pela mesma lei de associação — que as ordens inferiores da criação vegetal, ao se desenvolverem, desdobram essências e qualidades contidas na sua semente. Sendo a flor o resultado último e a perfeição das substâncias interiores da planta, é também o meio pelo qual essas substâncias são modificadas, de modo a assumirem formas sucessivamente ascendentes, unindo, numa cadeia ininterrupta, o simples e rudimentar aos tipos mais elevados e perfeitos: e estas possuem qualidades apropriadas para se unirem, quando devidamente desenvolvidas, às formas mais baixas da criação animal.

A presente época deu origem a muitas novas formas animais. As classificações feitas do reino animal — consistindo nos radiados, articulados, moluscos e vertebrados — são abrangentes e, num sentido geral, verdadeiras; e as relações de qualquer divisão subordinada existente podem ser facilmente compreendidas por um entendimento mais alargado.

O presente dia inaugura formas mais perfeitas nos reinos vivos do que qualquer outro dia anterior da criação. As ordens inferiores não são mais complexas ou perfeitas, mas as superiores são-no consideravelmente mais. Pois temos agora apresentado na Natureza uma manifestação externa das suas qualidades interiores; e, ao observarmos a forma, a ordem e o grau presentes na criação, vemos o reflexo mais perfeito das qualidades não desenvolvidas contidas no seu interior.

§ 62 Convém, então, compreender que a ordem de criação agora apresentada à investigação constitui um desdobramento completo e último de todas as formas inferiores produzidas nos dias anteriores da Natureza. O elemento aquoso, portanto, contém todas as formas das classes dos peixes e dos répteis, correspondendo geralmente às que anteriormente existiram. Embora algumas tenham sido profundamente modificadas de acordo com a alteração dos elementos e circunstâncias envolventes, a cadeia mantém-se claramente preservada, desde a forma gelatinosa mais baixa até à mais elevada produção de peixe e réptil. Estas, por sua vez, conectam-se com as produções terrestres, mantendo uma relação igualmente próxima. Dos peixes derivaram vários répteis — os quais se ligaram à criação das aves; e estas, por uma mudança de forma e constituição — causada apenas pela introdução de uma nova era de existência — transitaram para os mamíferos marsupiais. E assim, os radiados, articulados, moluscos e vertebrados são formas e constituições que marcam os vários estágios de desdobramento e estabelecimento destas espécies distintas.

É também importante assinalar que todas as formas, no seu estado primitivo, manifestam um desenvolvimento imperfeito, mas posteriormente ascendem e desdobram a perfeição da espécie a que pertencem; e que o macho, nas ordens superiores dos animais, manifesta o grau mais perfeito de desenvolvimento. É sabido pelos fisiologistas que estudaram as leis da embriologia que o feto passa por tantas formas distintas quantas as eras ou períodos dos desenvolvimentos geológicos e vitais da Terra, até ao momento em que a mesma espécie se estabeleceu como forma existente no reino animal. As condições mudam no envoltório que rodeia o embrião apenas na mesma ordem sucessiva em que se alteram no mundo exterior. Assim, a mais elevada perfeição do desenvolvimento fetal é caracterizada pela natureza e constituição do macho; enquanto que o desenvolvimento uterino não ascendido, ou ligeiramente interrompido, determina a formação feminina. Esta lei observa-se tanto nas produções vegetais como nas animais. É um leve impedimento no processo de desenvolvimento que determina a forma imperfeita da planta ou do animal.

O pólen, ou partículas últimas da flor, são comunicados pelos elementos envolventes a outras plantas da mesma espécie, sendo recebidos na composição destas últimas por meio das duas superfícies, e por este processo ocorre a fecundação. Assim, por uma associação impercetível e mútua de partículas, as plantas tornam-se fecundas. E como isto ocorre apenas nos graus superiores da vegetação, o processo análogo manifesta-se somente nos estágios mais elevados do desenvolvimento animal.

A mesma lei de reprodução perpassa os reinos terrestre, mineral, vegetal e animal. E nos elementos que rodeiam a Terra, tal processo também se manifesta — embora com designação diferente na linguagem convencional dos químicos. Mas é, na realidade, pela ação química que todas as coisas, sejam dos reinos terrestre, mineral ou orgânico, atravessam os seus diversos estágios de formação e reprodução.

Assim, o sexto dia da criação manifesta claramente uma ascensão perpétua de todas as formas, tipos, graus e séries anteriores de cada reino que existiu sobre a Terra em diferentes períodos ao longo de inumeráveis eras. É evidente que as condições não mudam subitamente, nem mesmo por impulso; antes, modificam-se gradual e impercetivelmente, de tal modo que, por fim, se torna visível uma diferença marcante entre as condições iniciais e as últimas. Não observamos, portanto, uma lei recentemente criada, mas apenas uma diminuição indistinta de algumas espécies, e uma alteração na natureza e constituição de outras. Assim, a criação das aves, dos marsupiais, dos quadrúmanos e, até mesmo, tudo o que se encontra acima destes, incluindo o homem, parece manter os seus caracteres e tipos distintos sem qualquer mudança.

Mas é necessário admitir (pois pode ser provado absolutamente) que as formas animais de todas as espécies atualmente existentes sobre a face da Terra diminuíram em tamanho, força e beleza — existe, aparentemente, uma regressão generalizada. O mamute, por exemplo, é um animal do presente dia — e o elefante é apenas uma forma diminuída da mesma espécie. E o unicórnio, o camelo e todas as formas semelhantes são apenas versões menores de animais maiores e mais gigantescos da mesma linhagem. Assim também o leão, o tigre, a hiena e espécies afins apresentam constituições bastante diferentes das existentes nos primeiros períodos da presente era. Do mesmo modo, o avestruz, a girafa, a zebra, o leopardo e as espécies aquáticas inferiores são, na realidade, muito diminuídos em tamanho e distintos quanto à anatomia, constituição e atributos, em comparação com as formas anteriores das mesmas espécies.

Da mesma maneira, os quadrúmanos — incluindo todas as espécies de macacos, símios e orangotangos — ascendem até ao grau de desenvolvimento em que a anatomia e constituição do negro são tipificadas, tendo degenerado absolutamente em todas as suas naturezas, qualidades, hábitos e caracteres, em relação às que existiam no alvorecer da presente era. Assim também, desde a anatomia da ordem mais inferior da humanidade até ao grau mais elevado da anatomia e constituição humanas, houve uma declinação — uma redução de forma e deterioração da constituição, tornando os habitantes da Terra, no seu conjunto, comparativamente fracos e diminutos.

Isto indica e prova absolutamente a aproximação do entardecer. Demonstra o esgotamento comparativo das energias precedentes e apresenta um mundo de formas desunidas e desorganizadas, que hão de finalmente mergulhar no repouso e dar lugar a desenvolvimentos mais perfeitos de um novo dia.

Fui profundamente impressionado por esta retrogressão comparativa; mas, visto que estas observações são meramente incidentais a uma introdução para uma descrição plena e geral das produções da era presente, não é agora necessário prossegui-las mais além.

Mas importa que fique profundamente impresso na mente de todos os investigadores que existe, na Natureza, uma Lei universal de desenvolvimento, de reprodução e de progressão — e que esta Lei foi estabelecida por virtude de Princípios ou Inícios divinos, sobre os quais mais será revelado adiante. E que se grave, ainda, como introdução à presente análise e generalização da Natureza, das suas leis e dos seus efeitos, que toda a forma existente é governada pelo princípio interior que lhe corresponde, sendo tornada perfeita ou imperfeita conforme a peculiar associação das essências e qualidades que lhe são inerentes. Tais são as leis que regem o mundo material, composto de formas: e as formas nele contidas são as

produções consequentes e inevitáveis das suas qualidades interiores mais desenvolvidas e perfeitas.

Assim, que o espírito filosófico observe a Natureza como um reflexo dos seus princípios interiores, mas que não considere esse reflexo — o exterior — como a realidade. E que se reconheça que todas as essências interiores tendem a revestir-se de formas exteriores, compondo estas, com aquelas — ambas constituídas por partes inumeráveis — um Todo perfeito: e que esse Todo representa graus mais elevados e formas mais perfeitas, ainda não compreendidas.

Vista sob esta luz, a Natureza demonstra os seus próprios princípios, qualidades e essências interiores; e essa demonstração é transmitida por meio do conhecimento das causas reais interiores e produtoras.

Sou levado por este conhecimento da Natureza a não subscrever aos cientificismos exteriores do mundo, porquanto a Natureza deveria revelar as suas próprias verdades interiores — e estas estão representadas em cada movimento, forma de vida e desenvolvimento da sensação. E essas manifestações devem ser os índices exteriores da realidade interior. Procuro, portanto, pelas impressões assim recebidas, transmitir conhecimento a outros por meio dos seus sentidos externos, utilizando os vários saberes do mundo como instrumentos, pelos quais o fundamento — a realidade verdadeira — a única causa produtora de todos os efeitos exteriores — possa ser apreendida. E visto que a causa interior e o efeito exterior se manifestam em toda a Natureza, é justo e útil provar uma pela relação inseparável que mantém com a outra.

Por meio destas observações, enquanto ilustrações das leis gerais e universais, os espíritos que se encontrem em condição apropriada poderão receber as verdades interiores aqui apresentadas e apreciar a sua grandeza e magnificência: e por isso estas reflexões tornam-se geralmente úteis.

§ 63 Tendo estabelecido e tornado clara a lei universal que desenvolve e rege os desdobramentos vegetal e animal, prossigo agora, por um modo conciso de generalização, a descrever as ordens e graus da vegetação existente desde o início do presente dia até à era histórica, ou seja, o tempo em que se iniciaram as observações da humanidade.

A terra abundava em árvores gigantescas, maiores do que quaisquer outras agora existentes à superfície do globo. As classes gerais destas variavam desde as primeiras e mais rudimentares coníferas até ao mais elevado carvalho, ácer e palmeira. A parte oriental da Terra foi o berço dessas formas mais perfeitas; mas, em geral, a vegetação de todo o globo era pesada e imperfeita. Não existiam ainda as

formas mais elevadas e perfeitas, até que as idades subsequentes desdobraram as condições necessárias para o seu desenvolvimento.

Sinto-me impressionado pela ideia de que a Terra produziu estes graus gigantescos e imperfeitos de vegetação durante vários séculos sucessivos antes que viessem a modificar-se distintamente nos tipos do presente período. Contudo, essas produções já tipificavam indistintamente aquelas que atualmente existem. E uma vegetação tão imensa e ainda por desenvolver devia, por necessidade, ter sido a primeira a cobrir a Terra, em correspondência com todos os corpos inorgânicos e inanimados. E à medida que a vegetação se tornava mais perfeita, e as suas formas e qualidades se desdobravam, assim também os corpos inorgânicos mais grosseiros ascendiam a graus mais elevados de exaltação.

O pinheiro, na forma de planta exógena, existia já no início da presente era; e este, em períodos posteriores, assumiu a forma de um pinheiro mais perfeito, com as suas modificações em cedro, abeto, pinheiro-bravo, corniso e o resistente carvalho-das-rochas das montanhas. Estes são, ainda hoje, os tipos mais elevados e permanentes dos desenvolvimentos inferiores e colossais das primeiras idades desta era.

O carvalho mal se deixava ver; pois assemelhava-se mais a espécies conhecidas como o buxo, e a outras que se situavam entre este e o pinheiro, tais como o basswood e outras de natureza semelhante. Mas os carvalhos das terras orientais eram extremamente diferentes dos de qualquer outra região. Estes só se distinguiram como carvalhos negros, brancos e vermelhos à medida que o clima e as condições foram mudando — o que foi obra impercetível de muitas idades. O ácer (maple) também é uma modificação do carvalho: e este assumiu a sua natureza cerca de oitocentos anos depois de estabelecida a variedade do carvalho vermelho. Estes passam gradualmente às formas superiores da mesma classe, tais como a bétula, o castanheiro, a nogueira-branca, a nogueira-hickory, o sassafrás — e também às árvores mais simples, como as samambaias e palmeiras. E passaram-se cerca de mil e novecentos anos após o desenvolvimento da bétula e da vegetação a ela associada até que as samambaias e palmeiras se tornassem perfeitas, tal como hoje as conhecemos. Tais foram algumas das formas vegetais das terras orientais.

Um terço da Ásia, que se estende quase até à linha dos Himalaias e segue numa direção oeste até ao Eufrates (o qual então não existia), e prolonga-se correspondentemente através de África, acompanhando as mesmas formações geológicas, produziu formas do reino vegetal mais numerosas e desenvolvidas do que as que existiram em qualquer outra parte da Terra, ou em qualquer outro período de tempo. As regiões meridionais do continente ocidental também eram extremamente férteis, e deram origem a muitas formas perfeitas — especialmente nas zonas hoje conhecidas como América Central e nos arredores da região de Iucatão. Muitas porções de terra que então se encontravam totalmente submersas sob

o elemento aquático tornaram-se, desde então, secas. Mas as porções que se encontravam em condição apropriada ao desdobramento da vegetação deram origem às classes gerais que ainda hoje existem como tipos estabelecidos sobre as terras emergidas da Terra.

Muitas eras após isto, os prados e cereais, como o trevo, o milho, o centeio, a aveia, o trigo, a cevada e o arroz, começaram também a desenvolver-se nas porções mais férteis e devidamente adaptadas da terra. Estas espécies apresentavam então um grau muito baixo de deformidade e imperfeição, de tal modo que os seus representantes do presente período pareceriam uma criação inteiramente nova. Pois estas formas foram aperfeiçoadas pelas condições envolventes e superiores, e por meio da ação e esforço da civilização inteligente e da cultura, assistidas impercetivelmente por um desdobramento dos elementos internos da Natureza.

A partir destas, surgem novamente as formas inferiores da classe florida ou radiante do reino vegetal. Digo radiante, porque estas correspondem mais de perto ao tipo dos radiata do que qualquer outra forma na criação vegetal — apresentando flores que se desdobram a partir de uma pétala inferior e irradiam em circunferência a partir do eixo da sua forma. Desenvolvem, pois, um disco radiante — uma flor perfeita, desdobrada para receber a luz e o calor dos elementos circundantes. E destas, existem atualmente mais de duzentas e setenta espécies; mas, dispostas segundo uma ordem geral, não apresentariam mais de três ordens ou séries distintas de desenvolvimento.

Convém assinalar que muitas árvores que existiam à face da Terra em idades anteriores do presente dia pertenciam a esta classe das formas floridas. E uma delas, especialmente, levava mais de um século e meio a completar uma revolução, ou período de floração. E o único representante que temos atualmente desse tipo é a planta conhecida como a *planta-do-século*, que cumpre a sua revolução em muito menos tempo. E desde aí há uma gradação contínua até à fértil vinha, que floresce a cada vinte e quatro horas.

As características gerais do reino vegetal tornaram-se extraordinariamente modificadas em relação às das eras anteriores. Contudo, seria impossível, nas nossas descrições, entrar nas minúcias desta transição impercetível, por não haver meios de demonstração adequados ao entendimento geral, dado que o homem é tão fugaz, em comparação com a duração destas formas, como o é o efémero em relação à duração da forma humana sobre a Terra. Assim, o homem, observando a imutabilidade do reino vegetal durante toda a sua vida, conclui que não há — e não pode haver — qualquer mudança nas ordens e espécies estabelecidas da vegetação. E geração após geração passa, e as espécies vegetais permanecem aparentemente inalteradas. E como os relatos históricos e tradicionais da Terra e das suas formas vivas não apresentam indícios da sua real modificação, assim também o efémero, observando

o homem no seu período juvenil e, mais tarde, na sua velhice e declínio, não detetaria qualquer mudança visível. E gerações dessa criatura passariam sem deixar registo, nem perceberiam alteração alguma na organização peculiar do homem. Assim, concluiriam que a forma humana é absolutamente imutável.

Vê-se, por esta correspondência exata, que a observação sensorial não é, por si só, o processo mais correto de busca da verdade. Pois a conclusão do filósofo é tão errada quanto a do inseto fugaz; e é por falta de conhecimento da real duração das formas que ambos não conseguem perceber a verdade da modificação perpétua das substâncias e formas mais lentas e grosseiras que existem sobre a face da Natureza.

§ 64 As criações vegetais têm perpetuado as suas ordens, graus e qualidades desde o início da presente era até ao tempo atual; e uma classificação destas, diferente e mais precisa do que a atualmente aceite, seria desnecessária. Uma investigação diligente e uma análise conduzida pelas energias da inteligência demonstrariam de forma satisfatória o relato aqui dado sobre os desdobramentos vegetais da Terra.

É conveniente, contudo, observar a exata correspondência existente entre as formações minerais e vegetais. Os metais mais grosseiros representam as árvores gigantescas das idades anteriores. E à medida que esses corpos minerais ascendem gradualmente a graus superiores e mais perfeitos de refinamento, assim também os desenvolvimentos vegetais o fazem segundo o mesmo princípio. E no mais elevado grau da composição mineral, observamos uma paridade e ligação com as formas vegetais mais altamente aperfeiçoadas.

E sendo impossível que os corpos sejam completamente imóveis, por mais grosseiros e imperfeitos que sejam, também é impossível que as formas mais baixas e grosseiras do reino vegetal permaneçam imóveis e perpetuamente num estado não desenvolvido. E assim como as formações terrestres correspondem, em todos os tempos, em graus de refinamento e perfeição, ao reino mineral, assim o mineral corresponde ao reino vegetal. E estes três, quando unidos, formam uma unidade perfeita — um universo de estômagos vegetais que digerem substâncias mais elevadas e perfeitas — ao ponto de unirem as suas naturezas mais elevadas às primeiras organizações animais sensíveis.

A Terra, compreendida como um todo, é um estômago — um órgão de digestão imperceptível mas incessante — do qual as substâncias minerais constituem o resíduo final, o excremento. Assim, o grosseiro e o refinado são resultado de uma digestão unida e concertada, realizada por uma organização terrena. E assim os minerais são os corpos poligástricos pelos quais o reino vegetal recebe existência e vida. E o reino vegetal é um universo de partes poligástricas, pelas quais uma criação superior é insuflada à existência.

Esta classificação, que apenas apresenta uma visão geral desde as produções inferiores até às formações vegetais da Terra, não carece de maior ampliação até que observemos as ordens superiores dos desenvolvimentos da Natureza, pois são estas que constituem essencialmente os objetos da presente investigação. E à medida que progrido na revelação sucessiva destas formas superiores, a ciência das correspondências, que foi parcialmente exposta na *Chave*, será estabelecida e aplicada — de modo que a mente humana possa conceber claramente a uniformidade e a harmonia das leis e produções da Natureza. E será uma luz até agora nunca revelada ao mundo, especialmente quando expuser à vista as belezas interiores da Natureza e as perfeições do seu Produtor. E dado que o conhecimento, a verdade, a beleza, o espírito e o céu correspondem mutuamente entre si, formam, portanto, um sistema perfeito e unido, ao qual a mente verdadeiramente desenvolvida será atraída por afeição e amor interiores. E todas estas coisas serão tão perfeitamente irradiadas do semblante da Natureza, que a mente do homem não poderá senão ansiar por uma associação com o seu interior.

Sendo o Todo uma Forma composta por um número infinito de formas, assim também as suas múltiplas e imponentes operações são a exemplificação infinita das suas qualidades e princípios interiores. E estas serão mais nitidamente observadas à medida que ascendermos na escala do desenvolvimento orgânico, observando, ao mesmo tempo, as verdades anatómicas e fisiológicas acumuladas pelos esforços incessantes de alguns bons espíritos, para que não percamos de vista o nosso conhecimento exterior ou sensível ao explorarmos os sublimes recantos do interior da Natureza.

Por estas correspondências universalmente abrangentes é demonstrada a unidade inseparável de todos os múltiplos departamentos das produções da Natureza. E prossigo agora a considerar um grau mais elevado na ordem das formas — não com o intuito de estabelecer uma hipótese especulativa, mas de indicar uma das vagas de desenvolvimento que recuam desde a Fonte interior de toda a vida e atividade. Desta forma, a mente é conduzida adiante sob a orientação da imortal Verdade.

As primeiras formas animais da atualidade são as mais simples, tal como as dos períodos anteriores. E estas foram classificadas em várias espécies, formando um único grupo ou ordem; e são semelhantes aos tipos dos radiados, articulados e moluscos, nos estágios inferiores da criação, tais como os infusórios, polipários, crustáceos, conchíferos e cefalópodes. Estes existiam então e ainda existem. Há várias espécies destas ordens que foram modificadas pelas condições dos períodos subsequentes da presente era.

As de ordem mais baixa possuem uma forma que irradia de modo semelhante ao das flores, tendo um tecido celular e uma substância sensível nas suas partes externas. Por isso, são classificadas entre os radiados.

Os articulados constituem uma forma mais complexa, com várias articulações e um tecido mais denso, cujas diversas partes executam movimentos recíprocos. Esta é a classe da criação animal cujas espécies ascendem desde a primeira ordem até aos moluscos, incluindo todos os variados anelídeos e piceossauros — sendo estes, contudo, os tipos mais elevados.

As regiões orientais e tropicais do mundo abundavam imensamente nestas formas. E contemporâneas a estas estavam todas as ordens superiores, tais como os peixes, aves, tartarugas, roedores, ruminantes, plantígrados e digitígrados, bem como as ordens inferiores dos marsupiais e quadrúmanos. Estes abundavam em várias partes do oriente, especialmente na Ásia e em África, estendendo-se em direção às regiões do norte — com exceção das aves e tartarugas, que, juntamente com outras espécies semelhantes, existiam sobretudo nas zonas tropicais.

Havia muitos animais enormes à superfície da Terra, como o mamute e espécies afins; mas cada um se tornava menor em tamanho e mais aperfeiçoado na organização à medida que uma ordem sucedia à outra. Também havia, na região atualmente conhecida como Arábia, muitos grandes rebanhos destes animais; o mesmo sucedia na região hoje designada por Gronelândia, que então era quente e fértil.

Havia muitos animais na Terra pertencentes à ordem dos saurianos, de natureza e hábitos bastante repulsivos e desagradáveis. Alguns deles eram de um vermelho muito intenso e extremamente venenosos. Estes habitavam tanto o mar como a terra; mas permaneceram na Terra apenas cerca de trezentos e oitenta anos dos nossos dias, sendo destruídos por uma nova associação de elementos, que lhes foi tão destrutiva quanto era adequada aos requisitos e utilidades de formas superiores.

O mamute e formas afins não permaneceram na Terra após os primeiros dois mil anos. Estes diminuíram gradualmente em número, até que toda a ordem se tornou praticamente extinta, restando apenas alguns poucos, cujos fósseis se encontram em cavernas e geleiras.

Existiu um tipo de animal que se assemelhava ao elefante na forma e disposição, mas que era consideravelmente maior, formando uma ligação entre o mamute e o elefante. Foi descoberta uma espécie deste animal, denominada mastodonte. Estes existiram durante cerca de dois mil e quinhentos anos e, tal como os outros, acabaram por se extinguir.

§ 65. Tenho a impressão da razão pela qual estes animais superiores e gigantescos desapareceram da face da Terra em períodos sucessivos. Existiram durante muitas eras, especialmente antes de atingirem o seu grau mais elevado de formação e se tornarem uma ordem estabelecida de animais. E, nos primeiros tempos do sexto dia,

depois de atingirem esse estado, migraram para várias partes da Terra e, por isso, tornaram-se por vezes completamente separados uns dos outros. A reprodução tornou-se assim limitada e, por fim, cessou por completo. E assim, um após outro, morreram, e a ordem extinguiu-se.

Tenho a impressão de que muitas espécies não conhecidas pelos naturalistas, tanto desta como de outras ordens, também existiram na Terra e igualmente se extinguiram.

A opinião amplamente aceite acerca da destruição destes animais inferiores é totalmente infundada e injustificada. Estes não foram varridos da face da Terra por nenhuma ocorrência catastrófica, nem por quaisquer circunstâncias que algumas más interpretações da história primitiva levaram o mundo a crer que existiram. Mas o desaparecimento da sua existência ocorreu pelas causas anteriormente explicadas; e nenhuma outra causa pode ser demonstrada como tendo produzido tal efeito.

Assim, os Radiados, Articulados, Moluscos e Vertebrados existiam, como os geólogos determinaram, sobre a Terra no início da presente era. Estes são, de facto, as quatro grandes classes do reino animal — embora os radiados e moluscos possam ser fundidos numa só, que se poderia chamar molusco-radiada. Isso reduziria o reino animal a três classes gerais, que constituiriam uma unidade perfeita.

Muitas eras se passaram antes que o elefante e animais semelhantes assumissem o seu grau atual e forma de organização. Anteriormente, eram muito maiores, mas não essencialmente diferentes nas suas constituições mentais. Uma espécie após outra destas também desapareceu da Terra, dando lugar a formas novas e afins, antes de assumirem algo próximo da forma e carácter que agora possuem.

Existem hoje muitas cavernas nas regiões orientais e meridionais do mundo que contêm os restos de muitas destas formas de que falo. O mastodonte foi descoberto em posição erecta à entrada de uma caverna; pois era da natureza deste e de outros animais esconderem-se em tais lugares quando se tornavam mais escassos em número.

Houve um certo estado do mar, em determinada época, em que, através de um processo químico estranho e peculiar, substâncias se uniram e acabaram por se condensar, sendo lançadas pelas ondas para as margens. Tais substâncias são hoje chamadas âmbar. Estas contêm muitos insetos minúsculos, sendo transparentes e belamente cristalizadas. Existiram em grande abundância na Terra em certa época. Algumas áreas de praias secas estavam completamente cobertas por estas substâncias cristalizadas, apresentando um belo aspeto perolado. Não deram origem a formas vegetais. Estas formas de âmbar permaneceram inalteradas durante muitas eras, e algumas ainda existem.

Por essa altura, havia várias espécies animais da ordem dos quadrúmanos. Estes admitem várias subdivisões, sendo os mais elevados próximos do orangotango mais perfeito da atualidade. Os indivíduos de toda a ordem eram muito maiores do que quaisquer formas semelhantes atualmente existentes, ultrapassando até a estatura do homem. Estes tinham grande afeição pela água, embora fossem igualmente adaptados à terra por natureza. Não passaram muitas eras até que quase todos estes se extinguissem; e é notável que quase todos tenham morrido no elemento aquático, depositando assim os seus fósseis no fundo do mar.

Havia muito poucos tipos que representassem o leão, o tigre, o lobo e o urso, sendo estes uma criação muito mais tardia. Algumas das tribos saurianas e outras inferiores dos países orientais apresentavam disposições muito semelhantes às destes, mas não representavam, de forma alguma, um verdadeiro tipo destas formas superiores. Os diversos animais de natureza roedora habitavam maioritariamente nas ilhas do sul, onde o fruto de que se alimentavam era mais abundante.

Estou impressionado com as muitas e variadas mudanças que ocorreram nos dois reinos no início da presente era — mais até do que os geólogos conceberam ao considerar todos os dias anteriores da criação. Muitas ordens distintas de animais habitaram a superfície da Terra e desapareceram silenciosamente, sem deixar sequer um vestígio da sua existência. Cada uma destas tornou-se extinta devido a alterações nas condições envolventes, as quais também foram as causas imediatas das suas frequentes migrações para várias partes da Terra.

Para o observador superficial, teria havido uma confusão na criação, devido à dessemelhança de formas, naturezas, disposições, hábitos e várias outras peculiaridades que caracterizavam a criação animal nos primeiros períodos do sexto dia. Alguns eram inteiramente herbívoros, e outros completamente carnívoros; e cada um seguia as suas próprias inclinações peculiares: e um mundo de formas animais enormes e gigantescas apresentava-se, devorando-se mutuamente e às produções vegetais.

Os animais ruminantes não eram inicialmente muito abundantes; mas tornaram-se mais numerosos por volta do quarto período, que corresponde ao terceiro milénio. Os que existiam na Terra encontravam-se sobretudo na Suíça, mas estendiam-se por todos os países europeus. Não formavam um tipo idêntico em nenhum aspeto às formas da atualidade.

Assim, todas as produções animais inferiores e primitivas eram, tal como as primeiras plantas, enormes, gigantescas e subdesenvolvidas — correspondendo à densidade e estado imperfeito da água e do ar que então envolviam a Terra. Essas espécies eram tão numerosas, que seria impossível reduzi-las a qualquer organização definida que permitisse compreendê-las adequadamente. Pois não há hoje nenhuma

existente que se lhes assemelhe, nem nenhuma com que se possa comparar a sua forma externa. Além disso, um conhecimento preciso dessas formas não teria grande importância para o mundo, nem a sua aplicação traria benefício algum, quer para satisfazer as exigências do mundo científico, quer para auxiliar as mentes daqueles que procuram compreender os princípios interiores mais perfeitos.

§ 66. Chego agora a uma etapa da criação em que os tipos inferiores da Humanidade se manifestam de forma distinta. E sobre estes sinto-me impulsionado a falar particularmente, e a traçá-los de forma conectada e com mais minúcia do que os outros graus da criação foram até agora descritos. Isto será feito com o intuito de impressionar o entendimento com a importante verdade revelada na primeira ascensão dos princípios interiores até à individualização do homem interior.

A harmonia das estruturas anatómicas e a semelhança de composições são princípios largamente prevalecentes nos reinos animados. Tem sido objeto de muita discussão entre os estudiosos do mundo, se existe alguma lei estabelecida segundo a qual as formas são recriadas por sucessivas modificações da forma original — e se, por esse mesmo processo, as espécies reproduzidas por todos os reinos vivos se modificam em cada período, de acordo com as condições predominantes. Mas a base de raciocínio assumida relativamente a este ponto não tem sido correta, e os investigadores não têm sido geralmente felizes nas conclusões que deduziram das aparências visíveis da Natureza nos dias de hoje.

Antes de falar sobre o tipo de anatomia que exemplifica parcialmente a forma do homem, convém observar que a Natureza é como o cérebro humano — e está incessantemente a produzir formas, tal como o cérebro produz pensamentos. E cada forma e organização peculiar na Natureza é determinada pelas circunstâncias existentes e controladoras, que foram a causa da criação dessa forma. É, por isso, impossível que qualquer ordem de animais permaneça durante muitos períodos idêntica ao seu estado original: pois são alterados de acordo com as circunstâncias envolventes do momento. Do mesmo modo, os pensamentos gerados pela mente são as formas das causas que os criam. E não é mais impossível para o cérebro produzir constantemente pensamentos idênticos em todos os pormenores, do que é para a Natureza produzir formas semelhantes entre si.

Pois a mente é influenciada por todas as causas imediatas e excitantes que produzem os pensamentos como efeito, e o efeito varia sempre segundo as variações da causa. Assim, as formas são os pensamentos da Natureza, tal como os pensamentos são as formas da mente. E embora exista uma lei geral que governa a criação dos pensamentos, isso não resulta em invariabilidade na forma dos pensamentos. Aqui, então, convém interromper a discussão presente: pois não é útil entrar em minúcias sobre as modificações das formas animais; e estas devem todas

ser entendidas como resultados de causas eficientes, que não se manifestam atualmente à observação sensorial da humanidade.

No presente período da criação, que corresponde à primeira parte do sexto dia, os quadrúmanos que existiam estavam formados de modo muito diferente dos que existem hoje, e a sua estatura e força superavam as do homem atual. Assemelhavam-se bastante aos que foram descritos como existindo no planeta Saturno. O seu corpo era curto e pesado, os membros desproporcionalmente longos e as cabeças muito largas e baixas. A coluna vertebral, nas primeiras espécies, assemelhava-se mais à dos peixes do que a qualquer outra forma. Os ombros eram muito largos e o pescoço muito curto e grosso.

O corpo inteiro estava coberto por um pelo espesso e pesado, como muitos dos plantígrados desse período. Algumas partes do corpo deste quadrúmano assemelhavam-se às dos animais inferiores, como os membros anteriores, que eram sempre usados para caminhar. O tronco lembrava os das espécies saurianas inferiores, e a cabeça representava quase uma combinação de formas então existentes na Terra. Alguns fósseis destes animais foram descobertos, e supôs-se que pertenciam a um ramo da espécie sauriana — ou ainda a alguns dos mamíferos marsupiais. Este animal foi o primeiro tipo, após muitas eras de regeneração, que se assemelhou em qualquer particular à forma humana. E a semelhança estava na forma peculiar dos ombros, costas e ancas; mas assemelhava-se a outros animais nas extremidades e nas principais características.

Este animal, tal como as classes anteriormente mencionadas, desenvolvia as forças positivas e negativas dos órgãos, e as funções próprias de cada órgão estavam também desenvolvidas. Os seus pulmões eram muito volumosos e divididos em dois lobos. O coração possuía quatro cavidades (embora estas estivessem imperfeitamente formadas); o cérebro executava imperfeitamente uma dualidade de movimentos circulares, mas consistia numa massa única sem divisões. O fígado nestes era aquilo a que se chama baço na forma humana; e o estômago assemelhava-se mais aos rins do que ao estômago do homem, sendo parcialmente um órgão de digestão, embora esta função fosse mais executada pela ação geral de todos os órgãos viscerais.

Este animal possuía também as superfícies internas e externas de cada órgão, nervo e músculo revestidas pelas membranas mucosa e serosa, que geram as forças superiores de todo o corpo. O sistema muscular era muito poderoso, as partes ósseas eram de composição muito grosseira, e as partes cerebrais eram daquelas associadas a uma constituição mental subdesenvolvida. Não possuía pensamentos que não fossem provocados pelas sensações do corpo. Assim, embora o movimento, a vida e a sensação estivessem todos presentes na organização deste animal, as faculdades

superiores eram ainda desconhecidas; pois não existia uma organização mental capaz de desenvolver inteligência.

Tenho a impressão nítida de que esta classe de animais permaneceu sobre a Terra durante cerca de novecentos anos, durante os quais os elementos físicos sofreram muitas alterações, que resultaram, por fim, na produção de uma forma superior da mesma classe.

Esta nova espécie, que agora ocupa o lugar da anterior, ascende um grau na ordem do desenvolvimento orgânico. O animal desta espécie possuía uma cabeça muito maior do que a da espécie anterior, embora pouco diferisse na forma. Tinha ombros igualmente elevados, uma espinha alongada, e um osso sacro semelhante ao do ictiossauro. As extremidades assemelhavam-se parcialmente às do urso e parcialmente às do ser humano; mas utilizava todas elas para caminhar, o que o tornava semelhante ao plantígrado nos hábitos, embora em alguns aspetos se aproximasse do bípede. Esta forma não poderia ter existido senão como um desdobramento progressivo da forma anterior.

Após muitas alterações físicas, esta mesma espécie deu também lugar a uma nova forma. Esta, como as outras, era um animal muito escuro, gigantesco e poderoso, mas não tão grosseiro como a espécie anterior da mesma ordem. A anatomia estava algo diferente, adaptada a um novo uso. O funcionamento de todo o sistema visceral era muito aperfeiçoado. A forma apresentava um esterno cheio e arredondado, cabeça e extremidades robustas, como se observam nas ordens inferiores da humanidade. A espinha estava agora mais perfeitamente formada: já não era semelhante às espinhas primitivas em forma de peixe, mas completamente vertebrada, emitindo em cada ponto intermédio nervos ganglionares como recetáculos para fluidos não utilizados; e por meio deles todo o corpo era mantido em estado ativo. Os ossos estavam preenchidos com medula.

O cérebro era muito grande e muito inativo. O coração estava imperfeitamente desenvolvido, mas agia de forma mais eficiente sobre os órgãos a ele relacionados, nomeadamente os pulmões, em comparação com os corações das espécies anteriores. O cérebro, pela sua ação pesada e lenta, dava origem ao fluido nervoso: e pela sua contração, carregava o sistema com energia nervosa; e pela expansão, atraía para si partículas imperfeitas que existiam noutras partes do sistema, para as modificar, gerando assim constantemente nova vida em cada parte. Este animal não desenvolvia as forças necessárias ao pleno desdobramento de todas as qualidades interiores; mas, na medida em que as suas forças tinham ascendido relativamente às da espécie primitiva da mesma classe, estavam adaptadas para se desdobrar e dar origem a formas novas e superiores, como aquelas que foram subsequentemente criadas.

§ 67. A criação de uma nova espécie seguiu-se pouco depois à destruição da que foi acima descrita. Esta, por sua vez, assumiu uma forma mais perfeita, e a sua anatomia assemelhava-se mais à da ordem inferior da humanidade. A sua cabeça e corpo já não eram tão grandes. A espinha e os seus apêndices estavam agora muito diferentemente construídos, e as extremidades haviam-se modificado de tal forma que utilizava apenas dois dos seus membros para caminhar. Na espécie anteriormente existente, as mãos e os pés eram quase idênticos; mas as mãos desta espécie assemelhavam-se às de uma determinada espécie de marsupial então existente — e os pés ainda aos do digitígrado, com exceção de terem partes mais complexas. E assim se formou uma distinção nítida entre os hábitos desta espécie e os das espécies inferiores da mesma classe. Toda a estrutura do corpo manifestava uma adaptação das partes a usos novos e mais aperfeiçoados.

Existe uma lei que perpassa por este sistema de anatomia comparada, não visível numa observação superficial da ordem da criação. Pois o período histórico é o único em que todas as investigações são feitas, e todas as induções e hipóteses são estabelecidas. O investigador, portanto, é como uma pessoa situada na foz de um grande curso de água, questionando a sua origem e a forma como se constituiu enquanto corpo tão vasto. Mas se a mente pudesse ser conduzida até aos princípios iniciais, e seguisse então cada lei e ordem de desenvolvimento ao longo de todas as mudanças sucessivas, a ligação entre o atual grau de organização e as formas animadas inferiores tornar-se-ia claramente visível.

E então cada forma seria, para o entendimento, um índice da sua própria origem, e a partir dela poderia inferir-se o desenvolvimento futuro de formas mais elevadas e qualidades mais perfeitas. Assim, a atividade da criação seria entendida como resultado das energias contidas nos Primeiros Princípios, que anteriormente foram explicados.

Há agora um decréscimo nas espécies dos quadrúmanos; e a diminuição de formas indica uma composição de materiais mais refinados. Assim, a presente classe tem menos pelos à superfície do corpo; os ombros não são tão elevados; a espinha aproxima-se agora da mesma forma, mesmo até ao osso coccígeo, que se liga de forma mais perfeita ao osso sacro, através do qual passam os nervos posteriores que conferem força aos músculos e tendões das extremidades. Além disso, todos os movimentos sistólicos e diastólicos estão agora muito mais em harmonia com o que se concebe como o estado de uma constituição favorável e saudável.

Estes são controlados pelas forças geradas pelas superfícies mucosa e serosa, que estão adaptadas à digestão e geração de um fluido positivo e negativo, e que também desenvolvem o modo mais perfeito de reprodução. A escassez de pelos na superfície corporal indica, tal como a composição geral, ingredientes mais refinados. Assim,

todo o corpo constitui o primeiro tipo de uma espécie muito inferior aos habitantes negros da Terra tal como atualmente existem.

A degeneração desta espécie foi um resultado de períodos posteriores, e por fim esta deu lugar a uma nova espécie. E convém observar que apenas menciono as espécies mais proeminentes de cada classe, e que as subdivisões não são particularmente referidas, visto que, se se entrasse nas minúcias, as características principais e fundamentais destas ordens da criação tornar-se-iam menos evidentes.

A espécie que agora temos sobre a Terra pode também ser devidamente designada como quadrúmana, sendo uma progressão sucessiva da última espécie. Esta habitava as terras orientais, especialmente as partes de África e da Ásia que correspondiam em latitude, e que estavam apenas separadas pelo oceano. Habitava com maior abundância as partes da Terra onde os marsupiais geralmente viviam.

Temos agora um tipo diferente de anatomia e, em muitos aspetos, um novo plano de organização. A cabeça não é tão grande como na espécie anterior, mas assume uma forma mais oblonga, ligando-se muito diretamente à medula oblonga. E a medula espinal procede mais distintamente dessa porção superior, formando quatro nervos cervicais, os quais se estendem por sua vez até aos nervos dorsais e lombares, sendo muito indistintamente ramificados, como acontece na ordem superior dos bímanos. Toda a coluna vertebrada parecia estar mais adaptada a funções superiores do que qualquer forma anteriormente existente à superfície da Terra. Os maxilares eram de grande comprimento, a boca era larga e dilatada, os ossos das maçãs do rosto eram salientes, e a cabeça assemelhava-se bastante à de várias espécies da tribo dos felinos.

O nariz era muito largo e achatado, as sobrancelhas volumosas, e os olhos estavam situados bastante próximos do topo do nariz. O peito e todo o sistema visceral estavam muito imperfeitamente formados, mas representavam nas suas principais características o corpo dos Caffres. Os seus membros eram longos, delgados e algo arqueados. Os pés eram algo mais oblongos, e os tornozelos davam origem a partes que melhor adaptavam os pés à locomoção. O corpo apresentava geralmente um aspeto cheio e grosseiro. Estava quase isento do pelo espesso que cobria as classes anteriores. O cabelo no pescoço e na cabeça era algo mais espesso, mas muito curto e escuro. A sua cor era geralmente um negro inveterado. Esta classe existiu na Terra durante cerca de setecentos anos, período durante o qual todo o reino animal assumiu, de forma impercetível, um grau superior de refinamento.

O grau seguinte proeminente de organização correspondeu a uma forma grande e gigantesca, ascendendo até um grau abaixo dos primeiros habitantes humanos estabelecidos na Terra. Convém observar que as regiões onde estas espécies existiam estavam constantemente a sofrer modificações específicas, conforme a

condição do interior da Terra e dos elementos físicos envolventes. E não é necessário discutir a transformação das cores; pois será explicado mais adiante que todas as cores são homogéneas à primeira e mais baixa — e que, se esta primeira for sujeita às condições adequadas, as cores seguintes manifestar-se-ão (variando apenas conforme as combinações): e assim serão exibidas todas as tonalidades no reino animal e todas as vivas e florescentes belezas do reino vegetal.

Esta nova classe ascende a um grau na escala da formação animal que pode ser devidamente designado como uma representação última de todos os seres vivos. Nesta forma, a organização bímana torna-se mais nitidamente visível. O coração e os pulmões deste animal assumem um grau de desenvolvimento mais elevado do que os de qualquer espécie anterior. Estando bem formados nas suas partes principais, estava ainda mais apto a gerar forças ativas e vivas, aproximando-se, assim, da capacidade de perceção mental e inteligência — embora a sua organização fosse composta, ou mesmo uma ascensão transmutada, de formas inferiores. E por mais indistintas que as modificações possam parecer aos observadores sensoriais, isso não altera a verdade da lei geral pela qual os elementos e as forças se desdobram constante e sucessivamente em desenvolvimentos mais perfeitos e estados superiores de exaltação. É, por conseguinte, fácil perceber a correspondência anatómica e fisiológica que parece manifestar-se em todas as ordens e graus das produções da Natureza.

Para além de um sistema visceral bem formado, este animal possuía uma coluna vertebral mais perfeita — mais minuciosamente vertebrada e com maior emissão de nervos motores, os quais, ao penetrarem parte do sistema ganglionar, contribuíam para o aperfeiçoamento de todo o aparelho interno, permitindo-lhe digerir substâncias mais refinadas como base da sua alimentação. E este é o primeiro tipo pelo qual se transmite uma verdadeira conceção do poder das forças vitais mútuas. Pois há que reconhecer que, à medida que as formas animais se desenvolvem mais plenamente, integram mais forças na sua organização. Assim, a forma corresponde ao poder interior do movimento, o movimento à vida nervosa, e esta à sensação ativa e sensível que permeia os tecidos serosos e celulares de todo o corpo. Estas três forças tornam-se, quando devidamente aperfeiçoadas, o primeiro indício de inteligência, denominado pelos naturalistas como “instinto animal”.

A forma da cabeça deste animal era muito pouco diferente da da espécie anterior. O cérebro era mais pequeno, mas mais complexo, e por isso mais sensível. A cor não se alterou; o cabelo da cabeça e do corpo era semelhante; os membros longos e mal formados continuavam, tal como o corpo curto e cheio. Várias espécies destes animais habitavam a Ásia e África. Continuando a ser animais, eram altamente suscetíveis às influências das circunstâncias externas — mais até do que qualquer outra ordem de animais. Eram de grande estatura, possuíam grande força de vontade

e fortes paixões, devido às inclinações altamente sensíveis inerentes à sua constituição.

É oportuno, aqui, voltar a referir que, onde a Sensação se estabelece plenamente, as paixões, inclinações e a suscetibilidade a todas as influências externas tornam-se maiores do que em qualquer outro estágio inferior do desenvolvimento animal. Pois é através da sensibilidade interior que resulta do meio existente nas superfícies serosas e mucosas que todas as características interiores — que são sensações e paixões — se tornam mais fortes e, por conseguinte, mais amplamente manifestadas.

Aos olhos dos atuais habitantes da Terra, estes animais pareceriam gigantes em forma e estatura. De facto, eram maiores do que qualquer forma semelhante hoje existente em qualquer parte do globo. Foram os primeiros a manifestar qualquer indício de atividade mental. Estavam formados de tal modo que lhes era conveniente utilizar sons distintos, que tinham significado para os que os escutavam. Esses sons eram produzidos pela garganta; mas ainda não possuíam glote nem língua que funcionassem como órgãos vocais. Os sons que emitiam assemelhavam-se, em parte, aos produzidos por algumas espécies da tribo dos felinos, mas em nada se pareciam com os usados na comunicação vocal humana.

Estes animais distinguiam-se de todos os outros em hábitos e disposição. Tinham até a noção de erguer estruturas artificiais onde pudessem residir — e habitavam frequentemente cavernas; mas, em geral, tal como as espécies inferiores da mesma ordem, viviam à superfície da Terra. Não possuíam quaisquer características aquáticas ou anfíbias. Por conseguinte, é evidente que eram mais refinados em forma, grau e disposição do que quaisquer das classes ou ordens anteriores do reino animal. Habitaram pacificamente a Terra durante quase mil anos.

§ 68. O grau de organização que lhes sucedeu foi a primeira forma que se aproximou ou indicou, ainda que minimamente, quaisquer das características peculiares da humanidade; e estes representavam os Jalofs e Mandingas no seu grau mais inferior. Permaneceram na Terra, sem modificação essencial, durante cerca de oitocentos anos.

Após isso, três ordens sucessivas e distintas tomaram o seu lugar. A mais elevada destas aproximava-se, em todos os aspetos, da forma mais perfeita da organização humana. Estas habitaram o continente asiático, enquanto as outras porções da mesma classe se encontravam a sul dessas regiões. Assim, os três continentes — o meridional, o ocidental e o oriental — foram habitados por três tribos distintas, sendo que a mais elevada, existindo na Ásia, aproximava-se mais da manifestação das faculdades intelectuais. E isto leva o período do sexto dia da criação até cerca de três mil e oitocentos anos antes do início da raça a que se faz referência no registo primitivo escrito.

A superfície da Terra, particularmente na Ásia e em África, encontrava-se agora muito mais desenvolvida e, consequentemente, mais fértil e adequada às necessidades da criação animal. E foi nesta altura que os habitantes da Ásia começaram a manifestar uma perceção sensível e distinta, chegando mesmo a representar essas perceções uns aos outros. Não tendo qualquer conceção das belezas superiores àquelas que os rodeavam, permaneceram, portanto, num estado não-intelectual durante quase mil anos, período durante o qual a Terra sofreu uma transformação material que resultou na destruição de quase todas as diversas tribos do tipo bímana e alterou profundamente a condição geográfica e geológica de todo o planeta.

E foi pelo desaparecimento das antigas condições que novas e mais perfeitas vieram a existir, dando origem a uma nova ordem de criação, cujo grau mais elevado ascende ao tipo exemplificado na atual organização humana. Até esse período, a vegetação era relativamente imperfeita e limitada; mas, a partir daí, cada porção da Terra tornou-se fértil e perfumada com beleza viva. A Terra, em nenhum momento anterior, gerara produções tão extensas nem oferecera formas de vegetação tão delicadas; pois agora apresentava uma expressão externa das suas excelências interiores. Toda a Terra era fértil, e os países orientais abundavam em mais beleza e grandiosidade viva do que nos dias atuais. Poder-se-ia supor que tais belezas não poderiam ter existido sem a intervenção do homem no seu cultivo. No entanto, as formas mais belas e complexas do reino vegetal, tal como do animal, desenvolvem-se com maior perfeição quando não são cultivadas artificialmente.

E foi nesta altura que uma nova tribo foi introduzida na Terra — elevando-se completamente acima das características subdesenvolvidas das formas inferiores. Estas constituíram aquilo a que se pode propriamente chamar uma transição do animal para o homem: e foram as primeiras formas que podem ser corretamente designadas como Homem.

E o registo que revela a condição então existente da Terra é claramente comprovado e exemplificado; pois as belezas da criação, manifestas em todas as partes férteis da Ásia e de África, representavam não apenas as qualidades interiores contidas na Terra, mas também a conceção primitiva do jardim do Éden.

E compreender-se-á, a partir disto, que todas as produções vegetais e animais ascendem gradual e impercetivelmente com os desdobramentos da lei da Natureza, desde a composição gelatinosa original até à criação do homem, tal como hoje o conhecemos. E, além disso, é evidente que o homem foi formado “do pó da Terra” — tornado homem apenas pela congregação de inúmeras formas vivas, que assumiram ordens, graus, espécies, associações e correspondências. E assim ocupa um grau de organização preeminente acima de todos os outros domínios da criação, sendo ele uma representação de todos os seres vivos que continham o germe do qual

é o desdobramento. É, portanto, uma combinação de todas as formas, qualidades e essências da Natureza, sustentado por todos os tipos de movimento, vida e sensação que caracterizam os degraus sucessivos da progressão natural. Assim é que o homem está acima de toda a criação. E, à medida que representa as belezas desenvolvidas contidas nas formas inferiores, é também representante do mundo interior.

A história escrita fala da multiplicação de cada forma do mar, da terra e do ar. E todas estas foram sujeitas ao domínio do homem, enquanto o homem, por sua vez, era verdadeiramente dependente de tudo o que estava abaixo e ao seu redor para existir. Pois, embora ele seja o possuidor ilimitado de si mesmo, toda a criação abaixo do seu grau elevado é necessária para a sua subsistência e sustento. E, na medida em que há uma dependência inseparável do homem por todas as formas existentes, e destas mutuamente entre si — assim também a harmonia e a perfeição de todas as coisas dependem da reciprocidade entre os reinos vegetal e animal, e destes com o homem, e do homem com o mundo interior e mais afim.

Aqui, então, repousamos com satisfação. O homem foi criado e exerce poder sobre toda a criação. E os desenvolvimentos atuais de todo o Universo estão em conformidade com todas as leis associadas que fluem espontaneamente da Fonte dos Princípios divinos e vivos. São mesmo os sopros da Grande Mente Positiva que fluíram pelos dez mil canais e formas da Natureza animada, até que soprou no homem o fôlego da vida, e ele se tornou alma vivente!

§ 69. Agora revela-se a utilidade total da Natureza; e agora pode ser percebida a adaptação de cada parte pertencente ao conjunto, para produzir uma forma mais exaltada — que, por sua vez, está adaptada ao desdobramento de belezas muito maiores e eternas. E todas as leis e forças que foram anteriormente explicadas, são agora claramente compreendidas como convergindo para a formação do homem. O homem representa, assim, o desenvolvimento progressivo universal, que é uma lei inerente e eterna da matéria; representa também uma ressurreição de toda substância grosseira existente. E a expressão contida na Chave é agora verificada: que “a Natureza é a Causa; as formas são os Efeitos, e o homem é a Produção Última”; e que “a Grande Mente Positiva, como Causa, usa a Natureza como Efeito, para produzir o Espírito como Último”.

Estas verdades estão representadas em cada partícula do ser, e por isso podem ser compreendidas por uma investigação adequada das leis e princípios rudimentares do Universo — sem os quais nenhuma verdade importante pode alguma vez ser desvendada à mente do mundo.

A obra do presente dia da criação tem sido mais distintamente marcada por unidade de plano e composição, e pela evidência de um fim, causa e efeito gerais, do

que qualquer dia anterior. Uma visão superficial de todo o plano da criação da humanidade, no entanto, conduziria a muitas impressões erróneas e repulsivas. Mas, quando vista com uma mente científica e reverente, todo o panorama apresenta um plano interligado e uma obra sublime e magnífica, na medida em que cada partícula é um fluxo das qualidades interiores das existências anteriores: e cada uma, ao ascender para formas superiores, exibe um grau mais elevado dessas mesmas excelências interiores.

E assim, de uma ordem de criação para outra, nas quais as espécies são apenas meios de transferência de qualidades inferiores para estados superiores, vê-se a mesma atividade unida, as mesmas energias potentes e as mesmas belezas em profusão; e, sendo a confluência de tudo isto o que estabelece e constitui a organização do homem, o homem torna-se a perfeição e o representante de tudo.

Assim, por estes sopros harmoniosos da Natureza, a obra do presente dia torna-se manifestamente um exemplo superior de Amor e Sabedoria divinos e omnipotentes. E este é o encerramento da presente era — a consumação das criações de todo o período e do Fim contemplado; e assim, a Natureza representa uma beleza mais elevada, uma forma mais perfeita e uma organização mais abrangente. Estas coisas, quando observadas em ligação com a harmonia unida do Universo, revelam uma sabedoria que transcende as capacidades da expressão humana. Com efeito, não existe mente capaz de apreender a sabedoria aqui manifestada, exceto a Grande Mente Abrangente, cuja Essência permeia cada partícula em todo o espaço!

E nada é demasiado baixo na escala do ser para deixar de ter uma importância indispensável no lugar que ocupa. Além disso, nada é tão baixo que não seja a perfeição de algo ainda inferior. E a partícula mais ínfima da existência é apenas representante de uma utilidade e adaptação sem fim. Nada, portanto, é inútil: pois aquilo que parece grosseiro e imperfeito é, na realidade, a única fonte substancial dos desdobramentos futuros. Assim, uma condensação de uma congregação inconcebível de átomos produziu apenas a forma imperfeita da Terra. E é evidente que, se tal condição não tivesse existido, o reino vegetal não poderia ter sido desenvolvido. Do mesmo modo, a criação vegetal é uma base substancial para a criação animal, tal como a Terra o é para o vegetal. E o reino animal é a única base sobre a qual o homem poderia ter sido criado, sendo, por isso, absolutamente necessário à sua existência.

E se cada um destes não tivesse sido governado pelas leis imutáveis da Natureza, nada teria assumido ordem ou refinamento. Mas, através da operação dessas leis, toda a criação ascende gradualmente, por passos imperceptíveis, até ao desenvolvimento perfeito da sua própria natureza interior. Assim, o germe da existência está na Natureza, e o seu fruto é o Homem. Assim, o vegetal reflete as qualidades não desenvolvidas da Terra e representa o reino animal. Este, por sua

vez, reflete as belezas do reino vegetal e representa a formação do Homem. E o homem exemplifica o desdobramento perfeito das qualidades interiores da Natureza, representando dentro de si o Universo unido e harmonioso.

Destas correspondências pode-se ver claramente que todas as coisas com forma e existência distinta possuem uma independência interior, mas exteriormente dependem de todas as demais e manifestam uma utilidade universal. E seria tão injusto abominar qualquer um dos reinos inferiores como ter preconceito contra qualquer parte imperfeita da organização humana. Pois as formas são apenas combinações temporais de substâncias materiais; mas a Causa (da qual as formas são efeitos) é invisível e, portanto, eterna. E como formas, cuja utilidade a mente nem sempre compreende, são manifestações constantes da Natureza, também são produções constantes e sucessivas dos seus princípios imutáveis e eternos.

E o primeiro e mais abrangente atributo manifestado nestas formas é a Sabedoria divina. E a sua unidade e reciprocidade harmoniosa provam que a Sabedoria é o atributo mais elevado que flui da Fonte do Amor divino. O Amor, portanto, determina a relação universal, e a Sabedoria a adaptação universal. Estes atributos são assim as leis mais elevadas da Natureza, compreendendo dentro de si várias modificações dos mesmos princípios, todos fluindo da mesma Fonte inesgotável onde reside a Inteligência infinita.

Este é o Vórtice do qual se desdobram sucessivamente as ondas recuadas de um Universo unido. E cada uma destas é um índice das sublimes expansões da seguinte; e assim, os seus fluxos incessantes compreendem todo o Univercoelum. E, sendo estes os fluxos dos materiais gerais no espaço, a Terra constitui um vórtice semelhante de poder, que liberta ondas sucessivas do mineral ao vegetal, ao animal, e ao homem: e os sopros das qualidades inerentes transcendem o Movimento, a Vida e a Sensação, formando um Espírito puro e exaltado. A onda de desenvolvimento não é detida aqui — ela continua através dos esferas inimagináveis do mundo interior, até se aproximar e ser correspondida pela Grande Mente Positiva. Assim se desdobram os círculos concêntricos da criação material — que correspondem e provam absolutamente os círculos concêntricos da criação espiritual e da progressão espiritual sem fim!

§ 70. Assim, o grande Vórtice é uma Fonte viva e inesgotável, onde habitam o Amor e a Sabedoria infinitos, e da qual fluem os mundos indefiníveis que permeiam todo o Univercoelum. E estes são formados por ondas sucessivas e em expansão, sendo o mesmo princípio claramente manifestado em todos os domínios da Natureza animada. O Universo, portanto, é um oceano de atividade, assim como o Univercoelum é um oceano ilimitado de Amor e Sabedoria infinitos.

Os Pensamentos da Mente infinita, por conseguinte, constituem as leis da Natureza: e os resultados desses pensamentos são as formas animadas que existem, incluindo a forma exaltada do homem — que, por sua vez, forma, num princípio correspondente, a existência interior e espiritual. A Natureza é, portanto, apenas um Pensamento da Mente divina, tal como as formas são os pensamentos da Natureza. Assim, as leis universais são apenas expressões infinitas da Grande Mente Positiva. — E assim somos levados a associar o nosso princípio interior com os Pensamentos do seu próprio Criador.

E é apenas através de uma compreensão clara das criações da Natureza que podemos formar uma conceção correta mesmo de um só Pensamento emanado da Mente divina. As leis da Natureza são conhecidas por serem imutáveis; e estas são apenas expressões de Pensamentos divinos. Essas leis são, portanto, emanações da Causa universal; e ao repousarmos nos seus resultados imutáveis e harmoniosos, estaremos a repousar os nossos afetos interiores nos Pensamentos de uma Mente omnipotente, infinitamente perfeita e que tudo permeia.

Disto se conclui que a verdade universal revela uma correspondência universal. Todas as coisas, por conseguinte, existem exteriormente em formas, mas todas as realidades habitam no interior, e são a causa da existência da forma. Assim, é necessário que o princípio vivo do homem possua uma forma externa: pois ambos dependem mutuamente. Sem a forma, o espírito não poderia existir; e sem o espírito, não poderia haver forma. Assim, o interior é a realidade, e a forma é um instrumento rudimentar útil, agente ou meio, através do qual o espírito estabelece ligação com o Universo material.

Assim, as formas animais e vegetais são necessárias para o desdobramento das suas qualidades interiores. O revestimento externo da Terra é uma forma necessária para conter a Massa viva interior; e, sem ele, essa Massa estaria num estado caótico. Da mesma forma, é necessário que o Sol esteja revestido por uma forma semelhante ao sistema planetário, para que um corpo equilibre outro, e para que o todo esteja assim em unidade e reciprocidade. Sendo o Sol a causa interior e produtora, as formas que dele emanam constituem a Forma externa unida. Assim, todo o Univercoelum é necessário enquanto Forma — um Corpo — da Grande Mente Positiva. Este Princípio vivo é a Causa de tudo, e o Univercoelum é o Efeito universal. Assim, o último constitui um Exterior, que é necessário à existência do Interior. E, deste modo, todas as criações do espaço ilimitado são apenas uma Forma externa assumida pelas qualidades interiores da Mente divina.

Se, então, é impossível compreender os usos das formas mais minúsculas da Natureza, não será ainda mais impossível compreender a extensão de um pensamento infinito? — e ainda mais impossível compreender o seu Originador? Não será então desaconselhável duvidar da existência de utilidade em qualquer

domínio da Natureza? Pois tal dúvida seria sinal de que o assunto ainda não foi devidamente compreendido. E é apenas quando o intelecto elevado e expansivo emprega todas as suas faculdades para abarcar o plano global e unido das criações da Natureza que se obtém uma ideia, ainda que muito imperfeita, daquilo que transcende infinitamente qualquer conceção adequada. Nada, portanto, é inativo — nada é inútil — nada é absolutamente imperfeito; tudo sustenta uma posição importante na grande arquitetura do Univercoelum.

Estas meditações são o resultado dos sopros do "esfera das Causas"*, na qual a minha mente se encontra situada, e na qual todos os efeitos se tornam presentes. E estes efeitos manifestam-se em cada minúscula partícula, formando uma cadeia inseparável de correspondências ascendentes até às mais altas esferas celestes, iluminadas apenas pelo Amor e Sabedoria divinos. Tudo o que está ao redor, abaixo, acima, é para a minha mente uma congregação harmoniosa de formas e esferas, de leis e princípios, que, em todos os detalhes, revelam o desígnio original da Mente infinita e omnipotente. Nenhum pensamento é tão vasto ou profundo que possa compreender a imensidão infinita das criações divinas.

*O que se entende por "esfera das Causas" é explicado pelo autor nas suas revelações espirituais, numa parte posterior desta obra.

A Natureza, neste período da criação, apresenta um belíssimo reflexo de todas as criações anteriores. E é agora evidente que o homem foi criado do pó da terra, e que ele é o recetáculo de um dos sopros espontâneos da Grande Mente Positiva. Isto fez dele uma forma perfeita — um agente útil — uma alma vivente. E assim foram criados o homem e a mulher; e ambos estavam qualificados para exercer controlo ilimitado sobre todas as ordens inferiores do ser, mesmo enquanto o homem sente a sua dependência absoluta em relação a elas. E assim, a Terra inteira representava, neste tempo, o fecho de uma criação distinta e preeminente: o povoamento do jardim do Éden. Tal como este representa as belezas vivas do reino vegetal neste período, também os seus habitantes representam a perfeição das formas animadas.

Assim, a Grande Obra está concluída — o grande Fim está cumprido. A Natureza torna-se um Todo harmonioso — a congregação das partes. E assim, a expressão original proferida tendo em vista a consumação geral do presente período da criação é absolutamente verificada. — E como a Natureza é um espelho onde se veem todas as suas excelências interiores, este desenvolvimento último da criação é um espelho onde se reflete a expressão verídica de que "a tarde e a manhã foram o sexto dia."

§ 71. O germe do homem foi assim descoberto nas formas inferiores do reino animal, e foi traçado ao longo de todos os seus estágios progressivos de desenvolvimento, ascendendo desde os graus inferiores através do grande corpo da criação animal, com os seus muitos e variados ramos e modificações, até à perfeição

florescente da árvore viva cujo fruto é a organização do homem. E assim como o homem é o fruto de toda a criação viva, também é o ser rudimentar que possui aquelas dádivas não desenvolvidas que, posteriormente, civilizaram muitas regiões da Terra e também abriram à mente a realidade de um mundo interior e mais perfeito.

A existência atual do homem deu-se dentro e nas imediações da região da Ásia que mais tarde seria denominada Turquia, estendendo-se até às regiões dos rios Eufrates e Tigre, unindo-se em duas linhas distintas ao local onde foi edificada Jerusalém. Como foi referido, o tipo inferior existia em certas partes de África, mas era tão inferior em comparação como o eram os felinos e mamíferos em geral dessas regiões. O grosso da população das formas mais perfeitas — as que verdadeiramente eram homem — habitava assim, originalmente, nas margens e no interior da Ásia.

A sua forma era muito grande, a sua força era proporcional à grande densidade da sua composição óssea, e os seus movimentos eram governados pelo plano peculiar das suas estruturas anatómicas. A coluna vertebral era perfeitamente vertebrada. O esterno e as porções intercostais estavam dispostos de forma a conferir grande elasticidade às partes interiores e inferiores. Eram marcados por uma peculiar gentileza e humildade, resultantes dos instintos mais agradáveis das formas inferiores e aparentadas.

Ainda havia uma certa delicadeza e forma imperfeita dos membros, sendo estes algo curvados e ainda assemelhando-se às extremidades das classes anteriores. As suas constituições mentais (das quais se falará mais adiante) não eram tanto intelectuais como sociais, mas caracterizavam-se por grande poder de perceção e memória. Não manifestavam quaisquer qualidades morais nobres como as que se evidenciaram nas raças subsequentes.

Masculino e feminino existiam assim, diferindo apenas em estatura e força, de acordo com os planos das suas respetivas organizações. Esta foi a primeira classe de seres que poderia propriamente ser denominada humanidade: pois exemplificavam agora, embora imperfeitamente, tudo aquilo que a organização humana veio a revelar nas eras seguintes.

A porção da Terra onde habitavam era, nessa altura, muito fértil, produzindo muitas espécies de vegetação. Assim, esta parte da Terra era mais adaptada às necessidades do homem do que qualquer outra; e correspondendo à sua condição avançada estavam os seus desenvolvimentos animais.

Esta, juntamente com as raças inferiores e aparentadas, foi designada pelo termo abrangente Adão — assim como a tribo associada foi compreendida pelo termo Eva

— sendo estes termos representativos do início e da base dos habitantes mais perfeitos.

As suas disposições eram extremamente gentis e sociais, variando em alguns aspetos, devido à reprodução imperfeita da sua espécie. A Ásia foi assim povoada durante muitas eras, durante as quais não houve quaisquer melhorias mecânicas. Não possuíam conceções das artes e ciências, nem das realizações intelectuais possuídas pelas ordens subsequentes e superiores da mesma classe.

Ao início, e por muitas eras contínuas, comunicavam as suas ideias através de expressões faciais e sinais físicos exteriores; e enquanto permaneceram não corrompidos pela arte de revestir as ideias em sons verbais, estavam livres de toda a cobiça e de qualquer tipo de engano.

Após a consumação de muitos períodos, avançaram em realizações engenhosas, e começaram a trocar pensamentos entre si através de sons vocais rudimentares, consistindo em monossílabos. Nessa época não conheciam nomes, adjetivos e verbos, e por isso a sua linguagem não apresentava inflexões distintas.

É importante observar o progresso das suas qualidades intelectuais, e notar os resultados distintos daí advindos. É bem sabido pelo observador crítico da fisionomia natural que os pensamentos, quer surjam de causas interiores ou externas excitantes, devem necessariamente iluminar os olhos, os traços, todo o semblante, com a expressão exata do seu significado. Tal era o modo de expressão entre os primeiros habitantes da Terra durante a sua condição não adulterada. Expressavam vividamente e sem repressão os seus pensamentos interiores nos rostos, e assim comunicavam entre si.

Mas quando avançaram um pouco mais, e provaram um pouco do fruto da árvore do Conhecimento, começaram a ocultar os seus verdadeiros sentimentos, e a revesti-los com um som vocal arbitrário — que não possuía o poder de comunicar a verdadeira realidade das suas ideias e afetos uns aos outros, mas antes era suscetível de transmitir impressões enganadoras.

É importante compreender devidamente a origem e os rudimentos da linguagem vocal; mas isso não se pode fazer sem compreender a ação do som sobre a atmosfera, e as suas vibrações entre as câmaras intrincadas do ouvido.

Os primeiros habitantes não possuíam plenos poderes vocais. Isso devia-se a uma deformidade da traqueia, laringe e glote. Estas, quando perfeitamente organizadas, atuam em conjunto para produzir as variações do som, de acordo com a influência da vontade sobre as partes. Se a atmosfera não tivesse sido quimicamente assim constituída, e composta por partículas de forma e subtileza superiores às partículas

da água, o som não teria sido conhecido exceto como uma sensação indescritível. Isto é confirmado pelo facto de que o som transmitido pelas partículas da água é muito indistinto em comparação com o que é transmitido pela atmosfera. As partículas de água não são tão perfeitas em forma e refinamento como as partículas da atmosfera. Cada um destes elementos ascendeu além das formas angulares e circulares, e ocupa uma posição intermédia entre as formas espiraladas e vorticosas — possuindo aquelas formas que são adequadas à transmutação do inferior e imperfeito para o superior e mais perfeito.

A água, portanto, é um meio pelo qual partículas grosseiras são transferidas para a sua própria composição, pelo seu poder de atração devido à sua forma espiral. E a atmosfera, sendo um grau superior do elemento aquoso, e tendo a forma vorticosa, possui ainda maior poder de transferir o elemento aquoso para a sua composição. Assim, um está disposto de forma a ser adaptado à perfeição do outro. E estes devem ser considerados como devendo a sua origem às formas rudimentares.

Por este conhecimento da constituição da atmosfera pode compreender-se o fenómeno do som vocal. É evidente que, quando a vontade excita os órgãos vocais, há uma comunicação de poder positivo constituído por partículas mais perfeitas do que aquelas que anteriormente permearam os mesmos órgãos. E quando os órgãos vocais são assim excitados, tornam-se meios para a descida da vontade. Isto produz uma ação correspondente sobre as partículas da atmosfera; e as primeiras partículas excitadas comunicam a sua excitação às que lhes são adjacentes, e assim a ação prossegue de partícula em partícula, cada uma modificando a anterior, até chegar ao labirinto do ouvido, onde é devidamente modificada para produzir uma vibração entre as câmaras desse órgão, e uma impressão é assim produzida na mente de outro. Assim, foi apenas pelas delicadas modificações do som, que é inicialmente apenas uma excitação, que um processo como a comunicação vocal foi alguma vez descoberto.

§ 72. Os habitantes da Terra vieram assim a possuir um novo poder, apenas como consequência do desdobramento das suas faculdades mentais. Descobrem-se, assim, os rudimentos da linguagem vocal. Os seus sons, consistindo apenas em monossílabos, eram imperfeitos — não o eram aos seus próprios olhos, mas sim aos olhos das nações subsequentes que estabeleceram as leis gramaticais da linguagem.

A linguagem, portanto, é um resultado do desenvolvimento progressivo; e existiu num estado imperfeito desde o desenvolvimento da lei da Sensação. A partir desse momento, sinais instintivos foram usados pelas criações animais; e estes continuaram a tornar-se cada vez mais perfeitos até ao estabelecimento e condição presente dos habitantes humanos da Terra. A comunicação vocal e verbal não poderia ter ocorrido antes deste período: pois anteriormente a atmosfera era demasiado grosseiramente constituída.

Não muito tempo após a introdução de sons verbais como sinais de impressões, os habitantes tornaram-se desunidos no afeto social em consequência dos mal-entendidos transmitidos por esses sons. Acabaram por já não conseguir desfrutar da companhia uns dos outros; pois toda a expressão da mente, que originalmente era pura e não adulterada, estava agora revestida de uma falsa cobertura; e isso criou desunião e confusão entre todos os habitantes.

Antes disto, a humanidade encontrava-se numa condição inocente e pura; mas com o aumento constante destas causas, tornaram-se desunidos e repulsivos entre si. Isto foi distinguido, na história original, como um estado de depravação. Foi desta forma que os seus olhos se abriram; e assim foram capazes de ver os seus próprios enganos e imperfeições. E, possuindo agora um novo poder de conversação, passaram a revestir os seus pensamentos reais e imperfeitos com falsas coberturas ou aventais enganosos de obscuridade.

Assim, toda a raça tornou-se abatida e depravada: não porque tivesse violado qualquer faculdade constitucional, física ou mental, mas porque as suas faculdades foram desenvolvidas de forma errada e imperfeita. Tal é a origem de todo o engano — de toda a imperfeição. A partir deste momento, a miséria e as associações impuras tiveram origem. Pelo desenvolvimento contínuo e mal orientado das faculdades, o vício e a miséria aumentaram. Os habitantes agiam cada vez mais contra os interesses uns dos outros, e assim tornaram-se desorganizados e inteiramente miseráveis e infelizes.

No período em que esta miséria prevalecia de forma mais extensa, foram obrigados a abandonar as felizes associações dos seus dias passados, mesmo o belo Éden da Terra, e dispersaram-se por outras terras. Três nações distintas acabaram por se estabelecer como derivadas desta fonte rudimentar. Uma delas fixou-se no interior da Ásia; outra nas suas fronteiras orientais; e outra na parte inferior de África.

Os habitantes da Ásia, que então se dividiram em duas nações — a original e o seu ramo — mantinham uma relação próxima entre si e com a nação em África. De facto, eram todos filhos legítimos dos habitantes originais. Mas eram muito diferentes nas suas constituições e disposições, ao ponto de não conseguirem harmonizar-se em sociedade.

Num dos povos havia uma disposição para a paz, a unidade e a ação concertada. Viviam em harmonia; eram gentis e bondosos entre si e para com a sua nação irmã, ao ponto de serem comparados a um pastor, e as suas disposições afáveis e doces à inocência das ovelhas.

A nação oposta, que habitava nas fronteiras da Ásia, possuía várias das disposições dos habitantes primordiais. Eram imperfeitamente organizados nas suas

constituições mentais, físicas e sociais. Manifestavam paixões de inveja e retaliação. Permaneciam, tal como os habitantes anteriores, num estado mal orientado e mal desenvolvido. Disto surgiu todo o tipo de engano, tirania, ambição falsa e arrogância impura. Eram uma nação imperfeita e mal organizada. Eram enganadores e universalmente egoístas; altivos e inconciliáveis em todas as suas relações sociais e intelectuais. E existia entre eles tal desunião que foram comparados, pela história primitiva, a um homem impuro, chamado Caim.

E o ramo oposto desses mesmos habitantes originais era, como foi descrito, inteiramente diferente em todas as suas características naturais e sociais, e mais perfeito nas suas constituições gerais. Estes foram, na linguagem da correspondência, comparados a um homem amável, bem organizado e virtuoso, chamado Abel. Assim, as duas nações eram filhos ou ramos legítimos do mesmo germe original; e foram designadas como Caim e Abel.

Como esses nomes se tornaram agora familiares, não será impróprio usá-los para designar os movimentos dessas duas nações. Caim era muito versado nos conhecimentos científicos. Afirmava, com ar de autossuficiência e falsa dignidade, possuir o conhecimento de todas as coisas, e sentia-se assim muito acima do seu irmão Abel. Abel era um ser modesto, bondoso e gentil. Não exibia os conhecimentos externos e enganadores que caracterizavam todas as ações do seu irmão. Era uma pessoa pacífica, boa e honesta, sem arrogância, mas sustentava o princípio da justiça e da reciprocidade em todos os aspetos da sua constituição. Toda a sua forma era bela e refletia uma beleza interior: pois manifestava uma simetria geral e uma expressão brilhante de princípios interiores, que superavam amplamente as elevadas pretensões do seu irmão Caim, e mostravam que ele se associava com aquilo que era mais puro e sem mácula.

Essa paz e harmonia habitavam no seio de Abel; enquanto um ar de pompa e egoísmo poluído era visível na pessoa e nas ações de Caim. Assim viveram juntos durante um longo período; um possuindo uma disposição mansa e amável, o outro uma disposição presunçosa e dominadora. E após conviverem durante o tempo referido, Caim, como tirano egoísta, sem qualquer simpatia interna pura, ergueu-se com todas as suas forças reunidas contra o seu irmão Abel. E este, sendo tão manso, gentil e submisso, cedeu sem retaliação, e assim caiu vítima de um ser altivo e exaltado — o seu próprio irmão!

Assim as duas nações guerrearam entre si. A devastação foi o resultado: mas em breve o terrível combate terminou; e Caim, a nação dominante, usurpou o vasto domínio de toda a Terra!

Este foi o primeiro estágio da civilização imperfeita. Corresponde precisamente à segunda e terceira ordens da criação animal. Estas últimas eram grosseiras e

imperfeitamente formadas, e manifestavam uma disposição impura, feroz e repulsiva. Estavam nos estágios iniciais do desenvolvimento animal, tal como estas duas nações estavam nos estágios iniciais da civilização: e variavam em inúmeros aspetos, assim como as diferentes nações da Terra viriam a variar posteriormente.

§ 73. A nação (Caim) que suplantou a outra era muito versada no conhecimento sensorial, e conservava hereditariamente todas as imperfeições dos habitantes anteriores. O seu povo cedo se apercebeu da sua condição corrompida. Tornaram-se extremamente depravados e miseráveis, sendo este o fruto legítimo das violações físicas, mentais e sociais. Representavam um ser em desespero, sofrendo as plenas consequências das suas transgressões: e assim Caim foi representado como dizendo: *"O meu castigo é maior do que posso suportar."* Esta foi uma humilde admissão — uma verdadeira confissão de depravação.

E assim se vê que os estágios não desenvolvidos e iniciais da civilização ergueram um monumento demonstrativo das inevitáveis consequências da violação social e nacional. Esse monumento, de facto, estende as suas torres para além do século XIX. E que todas as violações são sempre acompanhadas por consequências correspondentes é evidente em todos os domínios da Natureza, sejam orgânicos ou inorgânicos, animados ou inanimados. E assim, estando o germe da civilização imperfeitamente depositado, desfavoravelmente situado e imperfeitamente desenvolvido, transformou as verdadeiras faculdades, as verdadeiras paixões e as associações puras do homem em caminhos impuros e profanados!

Aqui está, pois, a origem e a causa de toda a imperfeição: e aqui foi erguido o monumento. E os habitantes da Terra, ao longo de muitas eras até ao século XIX, não foram capazes de descobrir a causa da imperfeição existente, nem de remover os alicerces deste terrível monumento e, em seu lugar, erguer um templo de paz universal, harmonia e reciprocidade. Será possível que o mundo ainda necessite de uma advertência bondosa mas firme para os guiar e orientar no caminho pacífico da retidão?

Depois de a nação ter conquistado tudo o que era bom e amável, transferiu-se para outra porção da Terra, mais a ocidente, quase no continente europeu. Aí tornaram-se gradualmente imperfeitamente organizados do ponto de vista social: e como era uma terra infértil, foi chamada "Nod"; pois isso corresponde à esterilidade.

Ali multiplicaram-se gradualmente e tornaram-se uma grande nação. Melhoraram também na sua condição interna, instruindo-se até certo ponto sobre princípios naturais e imutáveis. Mas, devido à sua condição anterior degradada, à medida que se multiplicavam, aumentava também a sua tendência hereditária para o engano. Formaram assim uma nação externamente brilhante e tirânica, mas com poucas qualidades interiores da mente em qualquer grau elevado de desenvolvimento.

O jardim do Éden corresponde literalmente à paz e à beleza. Os cursos de água descritos como fluindo pelo jardim eram rios cujos percursos foram, desde então, alterados pela ação vulcânica da Terra. Esses rios correspondem à fertilidade. Adão e Eva correspondem a duas nações distintas — que, em última instância, se associaram e formaram uma só, no interior da Ásia. A árvore do conhecimento corresponde ao embrião ainda não desenvolvido da perfeição e da inteligência. Os termos *bem* e *mal* são usados como expressão dos frutos legítimos dessa árvore: o mal sendo o grosseiro, o imperfeito e o não desenvolvido, e o bem sendo a perfeição do mal.

O animal da espécie sauriana, representado como sendo mais subtil do que qualquer outra besta da Terra, corresponde ao progresso secreto e impercetível de um desenvolvimento mental desfavorável e infeliz. E comer do fruto da árvore do conhecimento — do bem e do mal — representa a experiência dos frutos do bem, que imediatamente gera o conhecimento do mal. Assim é que a experiência gera conhecimento: e, se os habitantes da Terra não tivessem conhecido os mais baixos graus do mal e da miséria, as nações subsequentes não teriam conhecido nem valorizado aquilo que é o seu contrário.

As nações (que eram duas unidas como uma só) obtiveram assim o conhecimento do bem e do mal; e esse conhecimento corresponde ao "abrirem-se os olhos". E, tomando consciência das suas más disposições, procuraram escondê-las fazendo vestes exteriores: assim, os aventais correspondem a um medo secreto e a um receio de que os seus caracteres corrompidos fossem abertamente revelados. Isto, por sua vez, corresponde à depravação: e assim começaram a conversar de forma enganosa uns com os outros.

A partir daí, a nação, que perdera então o seu elevado grau de inocência e pureza (apenas porque estava desfavoravelmente situada, ao ponto de a sua condição se tornar extremamente má e corruptora), afundou-se num grau inferior de incivilização. Dela surgiram as duas nações designadas na história primitiva como Caim e Abel — sendo a primeira distinguida pela ostentação exterior e arrogância, e a segunda uma nação mansa e simples, cujos princípios correspondiam à inocência das ovelhas. A guerra e devastação que surgiram após muitas eras (depois de se tornarem homens ou grandes nações) correspondem ao predomínio da ignorância e da insensatez sobre a paz e a bondade. A terra de Nod corresponde à esterilidade: e a multiplicidade da nação que habitava essa parte da Terra corresponde à prevalência da artificialidade universal sobre tudo aquilo que é naturalmente puro e justo.

Chegámos agora à base de todas as especulações teológicas do século XIX, e daquelas que motivaram os esforços dos mais eruditos homens de todas as épocas e nações. E muitos especuladores, devido à antiguidade impenetrável das doutrinas

que investigaram, foram completamente enganados quanto à sua origem e aos fundamentos sobre os quais assentam.

Já foi revelado que na constituição do ser humano existiam paixões e princípios que, em si mesmos, eram bons. Mas, após o avanço das nações, estas, ao conceberem mal os verdadeiros elementos da sua natureza, criaram circunstâncias desfavoráveis, pelas quais o desenvolvimento das suas paixões e princípios foi completamente desorientado; e, consequentemente, tornaram-se uma raça degenerada e miserável.

Eis, pois, a causa da imperfeição atual do mundo. Tendo sido mal orientada nos seus estágios iniciais e rudimentares, a civilização tomou gradualmente diversos caminhos, e estes foram sujeitos a muitas modificações, até que, no presente período, a desorganização é tão radical e universal que nenhum investigador conseguiu encontrar os seus alicerces. Mas vimos que isso se deveu às várias condições que foram incidentalmente estabelecidas entre os homens em consequência do estado inculto das suas faculdades mentais e morais, e da má orientação das mesmas. Destas causas surgiu uma incompreensão universal e uma absoluta desorganização daquilo que, de outro modo, teria sido bem sustentado e controlado, e que também constituía a própria essência ainda não desenvolvida da moralidade pura e indefinida. Tal é, então, a origem do mal; e dessa origem seguiram-se muitas consequências distintas, variando de acordo com o grau de civilização ou incivilização das nações subsequentes.

§ 74 A África continha, nesta época, duas nações distintas — sendo uma delas o ramo original dos habitantes primitivos, e a outra uma parte da mesma nação, apenas desligada por uma diferença de disposição e de governo. E a Ásia continha três nações distintas — a maior delas situava-se no interior, estendendo o seu domínio até à Turquia; outra encontrava-se nas margens do continente; enquanto a terceira existia na região de Jerusalém. Estas nações, que assim se separaram, tentaram viver afastadas dos interesses umas das outras, gerando, nas suas próprias comunidades, uma hostilidade mútua. Isso resultou em guerras sucessivas e destrutivas — não conduzidas por combates abertos com instrumentos de destruição, mas antes por meio de despotismos engenhosos e fanáticos, que devoravam uns aos outros.

Não seria apropriado mencionar as nações descendentes como distintas dos habitantes primitivos: pois, na realidade, a África continha uma nação geral, tal como a Ásia, após o assentamento da nação na terra de Nod. Estas, contudo, dividiram-se em três ramos distintos, um dos quais se localizou numa porção da Terra hoje conhecida como China, e alguns desses, por sua vez, estabeleceram-se na América Central.

Tornaram-se desunidos na medida da dissemelhança das suas disposições, sendo desde o início influenciados pelas condições desfavoráveis que os rodeavam. Algumas destas nações (ou melhor, partes da primeira nação) progrediram até certo ponto em realizações sociais e intelectuais — estas, contudo, estavam livres das conceções imaginativas que tanto marcaram as mentes das nações posteriores.

Ainda não tinham erguido casas; habitavam em tendas engenhosamente construídas com a folhagem abundante dessas regiões da Terra. Ainda não haviam cultivado o solo; mas alimentavam-se de formas vegetais e animais que, por consciência instintiva, reconheciam como adequadas para sustentar as suas constituições físicas.

Muitas eras passaram após este período até que atingissem um grau suficiente de inteligência para construir habitações a partir das árvores muito grandes desses continentes. Mas podia observar-se um progresso constante em realizações naturais e sociais; pois foi nesta altura que começaram a organizar os seus sinais vocais de forma ordenada e gramatical. Com o aperfeiçoamento da linguagem, as faculdades intelectuais foram-se desdobrando gradualmente; e então conceberam os rudimentos das artes mecânicas, e depressa foram capazes de lhes dar aplicação útil.

Pouco tempo depois, a nação que habitava na América Central começou a melhorar de forma mais extensa do que qualquer uma das nações mais antigas e aparentadas. Tendo ascendido a um grau superior de desenvolvimento intelectual, começaram a cultivar a terra anteriormente inculta. Reconheciam uma adaptação natural dos materiais ao desdobramento de princípios interiores, que contribuiriam para os seus interesses comuns; e eram parcialmente guiados por essa convicção em todas as suas melhorias artificiais e mecânicas. As pedras foram rapidamente reconhecidas como materiais úteis para a construção de habitações mais cómodas e agradáveis.

Permaneceram nessa condição durante alguns séculos, durante os quais houve um desenvolvimento gradual do conhecimento entre eles. E, por fim, existiu na América Central uma cidade belamente construída, formada inteiramente segundo as conceções de beleza próprias dos seus então incultos intelectos.

Os habitantes da Ásia e de África permaneceram numa condição degenerada. Estando universalmente desunidos em consequência das suas instituições sociais imperfeitas, tornou-se necessário, para controlar o povo, estabelecer sobre eles um governo arbitrário — nomear um governante que exercesse domínio despótico e tirânico; e o povo aceitava, como ainda hoje, submeter-se a esses governos antinaturais e impuros.

Estes habitantes começaram gradualmente a diminuir em estatura e força, de acordo com a mudança dos elementos que os rodeavam. Eram anteriormente um povo alto e atlético, possuindo constituições poderosas e exercendo controlo ilimitado sobre todas as espécies inferiores do reino animal. Mas acabaram por se tornar uma raça degenerada tanto nas suas organizações físicas como sociais.

Os habitantes da Terra ainda não apresentavam uma cor de pele mais clara do que aquela que pode ser observada nos Jalofs e Gafres. A condição das suas constituições devia-se ao desdobramento lento de todas as suas qualidades essenciais — que, se tivessem sido devidamente orientadas e colocadas no caminho da prosperidade e do desenvolvimento, teriam feito deles (como também teria feito da humanidade atual) uma Irmandade brilhante e harmoniosa.

§ 75 O grau atual de desenvolvimento moral, social e intelectual envolve temas de profundo interesse para as mentes mais profundamente inquisitivas, entre as quais os teólogos ocupam uma posição proeminente. E na medida em que as suas inúmeras opiniões são geralmente modificações subsequentes das conceções dos habitantes primitivos e incultos da Terra, sentirão um interesse marcado nas revelações seguintes, por envolverem a verdade ou falsidade dos elementos fundamentais das suas teorias psicológicas.

Pois, tendo agora subido até à origem de toda a mitologia, de todo o paganismo, de toda a civilização e do verdadeiro desenvolvimento intelectual, torna-se altamente necessário observar distintamente a origem de todas as conceções importantes que levaram as mentes do mundo, ao longo das gerações sucessivas, a muitas opiniões impuras e imperfeitas.

É evidentemente claro para a mente observadora e investigadora que toda a divergência de opiniões deve, na realidade, ser devida à diferença nos graus em que diferentes mentes se desenvolveram para a receção da verdade. Todas as mentes parecem convergir para um único centro, no qual será desenvolvido o conhecimento perfeito da verdade psicológica e eterna. Esta será a fundação de um sistema vasto, abrangente e unificado de teologia — um que sustentará uma ligação inseparável com os elementos naturais e interiores do homem, e com as leis universais da Natureza, e que também revelará as verdades consoladoras relativas a um mundo interior e futuro.

Será uma teologia aperfeiçoada pelo conhecimento das verdades científicas, que são os rudimentos de verdades superiores e maiores, e pelo conhecimento da natureza espiritual não pervertida nem corrompida do homem como sendo representativa da perfeição que caracteriza as criações universais.

No tema que temos diante de nós concentram-se, então, as indagações dos teólogos da atualidade. E a descoberta da origem de onde surgiram todos os diversos sistemas de teologia demonstrará que os muitos caminhos até agora trilhados pelos especuladores teológicos são apenas diferentes graus de desenvolvimento mental, cada um determinado pelas circunstâncias peculiares à influência das quais as mentes dos homens foram sujeitas. E esses caminhos são, por si mesmos, linhas indistintas de verdade, ao longo das quais as mentes de todas as nações passadas trilharam; e por linhas semelhantes as mentes de todas as nações futuras terão de necessariamente caminhar para chegarem corretamente à Fonte do verdadeiro conhecimento científico e teológico.

E não há divisão entre ciência, filosofia, metafísica e religião. Pois a primeira é o rudimento e base da segunda. A segunda ilustra a primeira e simboliza a terceira. A terceira une-se à segunda e flui espontaneamente para a quarta. A quarta perpassa e compreende todas as anteriores, fluindo também espontaneamente para um grau ainda mais elevado de conhecimento e perfeição.

Assim, nada é natural que não seja moral. Assim, o natural e o moral são princípios unidos que habitam na Natureza e fluem da verdade. Todas as coisas, portanto, são boas em si mesmas, mas consistem em diferentes graus de bondade, sendo cada uma necessária para formar o todo como uma unidade harmoniosa.

O metafísico entrou em muitas investigações profundas sobre a constituição mental do homem. Procurou descobrir a origem das paixões que constituem os elementos da mente; a origem da Sensação (que é um princípio da organização, originando-se na sua essência intrínseca); e das afeições e amores (que são os elementos de toda a associação interior); bem como da Inteligência, que consiste nos pensamentos da substância da mente. E, tentando desvendar as relações existentes entre estes elementos diversamente modificados, chegou a várias conclusões ilegítimas. Não sendo capaz de descobrir a origem dessas coisas, nem a natureza da composição espiritual, os metafísicos raciocinaram inteiramente a partir de uma base assumida, e as suas conclusões foram, assim, conformes com a base sobre a qual foram fundadas. E assim, todas as investigações teológicas importantes da atualidade estão envolvidas, quanto à legitimidade dos seus resultados, numa exposição adequada e verdadeira das imperfeições imaginativas que tiveram origem neste período da história do mundo.

Alguns dos habitantes da Ásia não haviam feito qualquer progresso significativo nas suas formas de comunicação vocal. A sua linguagem verbal consistia apenas em sons incoerentes, produzidos pela concussão da laringe e da glote; e como esses sons não eram variados segundo a razão, tornaram-se socialmente confusos e acabaram por dividir-se em muitas tribos. Estas estabeleceram-se no oriente da Ásia, no interior, e nas margens que confinam com o continente africano. Estavam numa

condição muito incivilizada, sendo geralmente governados por uma disciplina sanguinária que expressava características pouco acima das ordens superiores dos animais, e encontravam-se completamente desconectados das nações do continente europeu e da América Central.

Aqui manifesta-se, então, toda a desunião que resulta legitimamente de uma má organização e de situações imperfeitas — uma desunião de sentimentos, de interesses sociais, de realizações intelectuais, e uma ausência de todos aqueles princípios elevados e nobres que caracterizam uma irmandade unida e feliz.

Os habitantes da América Central tinham avançado mais do que as outras nações nas artes, nas ciências e nas invenções mecânicas; mas as suas mentes permaneciam incultas em todas as áreas superiores do conhecimento e do refinamento. Haviam também progredido na linguagem. Cada século trazia uma modificação distinta na sua forma de comunicação vocal: e falavam uma língua tão primitiva que ainda não foi encontrada nenhuma analogia entre ela e os elementos das línguas orientais ou subsequentes. Possuía, contudo, algumas inflexões, embora mais imperfeitas do que as que existem na fala dos habitantes das ilhas Sandwich.

Os habitantes do continente europeu (que se haviam multiplicado até formar uma grande nação) não haviam ascendido a qualquer grau relevante de refinamento; pois, em todos os aspetos, estavam muito abaixo da condição da nação da América Central. E os de África estavam, se possível, num grau ainda mais baixo de incivilização do que os habitantes africanos dos dias de hoje. Estavam, contudo, acima dos habitantes mais brutos, divididos em castas e tribos, que se encontravam no continente asiático.

Neste período, os habitantes da Terra viviam todos sem casas, com exceção das nações europeia e centro-americana. Os sons vocais eram tão diferentes quanto os seus desenvolvimentos sociais e intelectuais. Assim, os habitantes estavam divididos em todos os graus de desunião física e mental; e esta é a base da desunião que ainda hoje existe entre a humanidade — embora os habitantes da Terra estejam agora, visivelmente, a convergir para um grau superior de unidade de interesses.

Por esta altura, a imaginação das nações mais avançadas tornou-se muito fértil, e era de um caráter correspondente ao estado não desenvolvido das suas mentes. A crença imaginativa começou então a tornar-se uma característica proeminente no funcionamento da mente humana; e é importante mencionar como essas alucinações se estabeleceram.

Depois de os primeiros habitantes da Terra terem descoberto o processo de expressar pensamentos através de sons, a confusão de entendimentos rapidamente se tornou permanente. A terra da Ásia, anteriormente — e, de facto, até esta altura —

apresentava uma paisagem belíssima de fragrância em flor, na medida em que essa porção geológica da Terra havia avançado em composições rudimentares muito além de qualquer outra parte. Após esta confusão de línguas, os habitantes tornaram-se desunidos devido aos enganos que praticavam entre si — os quais surgiam inteiramente de mal-entendidos quanto às suas relações interiores uns com os outros. Daí surgiu a inveja, a crueldade e a miséria entre eles. Tornaram-se ciumentos e invejosos uns dos outros, e perderam completamente todos os princípios pacíficos que anteriormente os uniam instintivamente. Estas coisas resultam de uma perversão ou má orientação das paixões puras do homem e de um desenvolvimento desfavorável.

Como consequência dessas confusões sociais e dos sentimentos adversos entre si, conceberam a existência de um inimigo impercetível, que supunham estar a instilar nas suas mentes um espírito de vingança e retaliação, e a gerar o mal absoluto. Esta crença espalhou-se grandemente entre eles. Atribuíam essa influência maligna à atmosfera peculiar que envolvia a Terra, acreditando que a luz que emanava do sol possuía o poder de lhe transmitir tais influências malignas. E esta fantasia impressionava ainda mais as suas mentes pelo facto de que sentiam aversão uns pelos outros sempre que o sol parecia surgir das profundezas e brilhar sobre eles. Assim nasceu um medo — cuja existência o mundo ainda hoje pode testemunhar.

Em períodos posteriores, depois de as nações se tornarem tão hostis ao ponto de guerrearem entre si, os conquistadores, estabelecendo-se a oeste do Éden, passaram a possuir, de forma ainda mais definida, as opiniões gerais dos seus antepassados. Mas essas opiniões foram então modificadas em certos aspetos. Contudo, todos os habitantes temiam o sol, e especialmente a luz que dele emanava. Assim surgiu o temor da luz — mesmo de qualquer luz interior ou mental, que, de outro modo, poderia ter iluminado as suas mentes e melhorado a sua condição social. Foi a propósito daqueles que ainda estavam impregnados desse sentimento que se proferiu a linguagem que diz: **"Os homens amam mais as trevas do que a luz, porque as suas obras são más."**

Importa compreender que os habitantes temiam a luz literal do sol. Esse mesmo medo, quando modificado, gerou o medo do próprio sol. E isso corresponde ao medo de receber demasiada luz mental — embora essa luz, se tivesse sido adequadamente recebida, tivesse iluminado o princípio interior do homem e o tornasse num representante adequado da esfera que está destinado a ocupar.

Os ramos subsequentes desta nação, que necessitaram de muitas gerações e séculos para se estabelecerem plenamente, também modificaram substancialmente as crenças dos seus antepassados.

É oportuno observar que esta é a verdadeira base da mitologia: contudo, encontra-se demasiado remota para ser conhecida pelo mundo nos dias de hoje.

Eles acreditavam agora que o sol surgia de um abismo indescritível, do qual era o representante. Vestido, como estava, com uma túnica de fogo consumidor, e apresentando-lhes tais declarações aterradoras, tremiam perante a contemplação daquilo que supunham que o sol representava — algo inconcebivelmente mais ardente. Nada despertava tamanha atenção profunda e generalizada entre os primeiros habitantes da Terra como o sol — que parecia erguer-se verticalmente sobre a orla do solo onde habitavam, observando-os com um olho fixo e flamejante durante muitas horas, para depois se afundar, de forma correspondente, no lado oposto. Acreditavam que então ele perdia todas as suas vestes ígneas e regressava à fonte do fogo para ser novamente revestido, subindo depois do lado oposto. Por isso, acreditavam numa fonte inconcebível de fogo em fúria. Consideravam isto absolutamente demonstrado pelo seu representante, o sol, que era um temor para todas as gerações anteriores. Isto, juntamente com as opiniões outrora sustentadas, constituía a fé da nação da América Central.

É oportuno observar (e tal observação aplica-se aos dias de hoje) que uma alucinação grosseira e imaginativa, resultante apenas do estado desordenado e confuso das faculdades mentais, se modifica de acordo com o desenvolvimento da inteligência. E, na proporção da fertilidade das faculdades conceptuais, assim é a sublimidade das imaginações supersticiosas. Eis, pois, um ponto importante para consideração do mundo teológico.

Sinto-me profundamente impressionado com a veracidade deste relato da condição original dos habitantes da Terra. Assim, linguagem, artes, ciências, convivência social e teorias teológicas avançam na proporção do avanço da civilização.

§ 76 Aproximamo-nos agora do período sobre o qual existem registos na história primitiva da Terra e dos seus habitantes. E antes que se desse uma mudança decisiva na condição do mundo, ocorreram várias transformações geológicas e catástrofes vulcânicas, que alteraram as características de muitas partes da Terra e modificaram também os cursos de muitos rios e as posições de muitos mares. E, sendo esta a última das ocorrências na história geológica, e aquela que deu origem ao que os geólogos denominam de *formação aluvial*, é apropriado mencionar os acontecimentos importantes desse período.

A mudança foi evidentemente necessária para as exigências dos habitantes subsequentes. Mas, ao observar um fenómeno superficialmente, a mente não reconhece a ordem e harmonia das leis da Natureza em funcionamento. No entanto,

mesmo que a utilidade de um acontecimento não seja evidente, não é apropriado questionar a sabedoria da causa que o produziu. Pois a harmonia de todo o grande plano que une numa só Estrutura um *Univercéu* de Universos só é visível e sentida quando observada na sua perspetiva geral. E, por mais que um acontecimento nos pareça o resultado de uma falha num dos departamentos do plano geral, tal não prova que assim seja, nem constitui uma base real sobre a qual fundar qualquer teoria.

Antes do período aqui contemplado, a Terra apresentava um aspeto geográfico diferente do que assumiu após a consumação dos acontecimentos vulcânicos referidos. O norte de Inglaterra e da América encontrava-se então totalmente submerso, tal como as regiões da Austrália. Uma grande parte das águas do oceano Pacífico, que separa o continente americano da Ásia, formava então os mares das regiões árticas, estendendo-se para sul numa estreita faixa de água em forma de rio, que se unia ao golfo do México e ao mar das Caraíbas.

Assim, os habitantes da Ásia podiam, seguindo o percurso dessas faixas estreitas de terra, alcançar a porção do globo atualmente conhecida como Iucatão. Uma nação isolada estendia-se também por essa ligação terrestre até à América. E desses povos originaram-se os habitantes inferiores encontrados neste continente, conhecidos como os índios americanos, cuja origem suscitou tantas interrogações.

Muitas das ilhas das partes meridionais e ocidentais do globo estavam, nesta altura, completamente submersas pelo mar que passa entre e separa os hemisférios oriental e ocidental. Importa referir que as ilhas Sandwich, as ilhas Friendly e a ilha da Nova Holanda são as três principais que desde então emergiram e se tornaram férteis.

Como anteriormente referido, a condição da atmosfera era tal que favorecia a formação e acumulação constantes de enormes glaciares, principalmente nas regiões setentrionais e submersas da Terra. Estes persistiram durante muitos séculos após as submersões que ocorreram no final do período cretácico e durante o terciário. Desde o final do terciário até ao presente período, não ocorreu outra inundação semelhante. Pois as mudanças de temperatura foram graduais, e as grandes montanhas de gelo derreteram-se tão gradualmente quanto se formaram. Assim, a Terra foi preservada de outra submersão universal semelhante até ao presente período, que se distingue por manifestações mais nítidas e violentas do que qualquer das catástrofes anteriores.

Desde a consumação da formação cretácica até ao presente momento, decorreu um número incalculável de eras — durante as quais o reino animal alterou as suas formas principais várias vezes, mudanças essas marcadas pelo desaparecimento completo de certas ordens de animais e pela formação de novas e mais perfeitas organizações. Estas modificações ocorreram entre as ordens inferiores da criação

animal, e, a partir delas, houve um progresso ascendente até à produção dos *quadrumana* (primatas); e destes, novamente, através de muitas formas ascendentes, até à introdução das tribos inferiores dos *bimana* (bípedes humanos); e, destes, por sua vez, até à criação do homem no fim do sexto dia.

Importa compreender que uma dessas mudanças essenciais exigiu quase um século inteiro — e que as mudanças foram inúmeras, e por isso decorreram eras incontáveis durante a ascensão das primeiras formas do quinto dia até às organizações do período aqui em consideração. É, portanto, para além das capacidades comuns de cálculo determinar o número exato de anos que decorreram entre a última submersão da Terra e as mudanças que agora se anunciam.

Durante este longo período de tempo, a atmosfera e a água tornaram-se, como nas instâncias anteriores, desiguais em densidade face à força expansiva dos materiais ígneos do interior da Terra. Isto é, em si, um efeito da lei universal da ascensão progressiva. Pois a água e a atmosfera, juntas, constituem o invólucro fluido e gasoso da Terra. A ação de uma determina a ação e constituição da outra. E se há mudança nestes elementos, deve ser pela ascensão de partículas rudimentares para entrarem numa forma superior de combinação. A atmosfera, neste período, havia sido modificada pelas modificações da água — e esta, por sua vez, pelas mudanças sofridas pela Terra, e estas, pela modificação do seu interior. Assim, é importante compreender que a composição ígnea interior é equilibrada e contrariada, quanto a todas as suas forças expansivas e eruptivas, pela pressão da água e da atmosfera. A crosta sólida da Terra é o meio pelo qual essas duas composições extremas se mantêm em equilíbrio.

Esta pressão externa foi diminuída pela sublimação e recomposição de cada elemento. Muitas eras se passaram até que toda a Massa perdesse completamente o seu equilíbrio; e o período atual é o ponto no tempo em que essa desigualdade ocorreu. O resultado foi inevitável: a massa no interior tornou-se rapidamente confusa e universalmente agitada. Todo o oceano ígneo encontrava-se em estado de agitação inconcebível. Todas as partículas assumiram movimentos impetuosos e precipitaram-se em direções diversas dentro da grande massa, sendo movidas pelo calor expansivo da composição interior. Isso resultou numa expansão inimaginável das partículas que tocavam a crosta terrestre.

O resultado foi a grande catástrofe da qual toda a Terra agora carrega os vestígios. Foi um levantamento das partes superiores de Inglaterra e da América, juntamente com todas as zonas adjacentes. Os vulcões que anteriormente davam saída aos elementos em expansão do interior tornaram-se, nesta altura, completamente inúteis; e as explosões que se seguiram abalaram a Terra até ao seu centro, rompendo, em certas partes, toda a estratificação combinada, algumas das quais afundaram e outras elevaram-se a alturas imensas. Assim, os geólogos observaram muitas saliências em

que as camadas soerguidas parecem abruptamente quebradas de um lado, enquanto do outro lado se encontram suavemente inclinadas. Estas podem ser observadas nas terras altas da Escócia e nas montanhas Grampian, bem como nas zonas superiores do continente europeu.

§ 77 As mudanças na superfície da Terra, nesta época, estabeleceram novas posições para as águas, que anteriormente constituíam um corpo unido, estendendo-se através de muitos vales, por meio de riachos que se uniam ao mesmo corpo de água noutras partes. Mas a grande alteração ocorrida nesta altura, em ambos os lados do equador, formou novas ilhas, novas terras e novos corpos de água. Foi então que o oceano Pacífico se estendeu subitamente sobre uma região que anteriormente era um vale extenso e, ao ter-se esta afundado, permitiu a entrada das águas; e desde essa altura este oceano separa os dois continentes. Também o Mediterrâneo e o Atlântico adquiriram, nessa altura, as formas que hoje possuem. E desde então até ao presente, a Terra não sofreu alterações no seu aspeto geral ou nas suas características geográficas.

Os enormes glaciares que existiam nas regiões setentrionais da Terra dissolveram-se subitamente com a evolução de calor nessas zonas. Isto resultou numa inundação geral de todas as terras baixas e secas da Terra, embora a água não tenha atingido o topo das montanhas comuns. Os habitantes que estavam nos continentes anteriormente descritos foram parcialmente destruídos. Os habitantes da Europa, tal como antes estabelecidos, foram quase inteiramente aniquilados. Os da Ásia e África, no geral, não foram afetados, embora em algumas partes — como, por exemplo, onde hoje se encontra o mar Cáspio — habitasse uma multidão que foi tragada pela grande convulsão; assim como uma pequena nação na foz do Ganges e outra próxima da sua extremidade superior. Esse rio, aliás, não existia em grande extensão até que algumas porções próximas das suas margens então existentes afundaram com os seus habitantes; e assim se formou o rio tal como hoje o conhecemos.

Os habitantes de Iucatão, que então se estendia até ao golfo do México, foram também parcialmente destruídos; pois o golfo e o mar das Caraíbas formaram-se com o afundamento de regiões habitadas, enquanto os que viviam inteiramente em Iucatão permaneceram incólumes. Cerca de metade dos habitantes da Ásia e de África foram enterrados no interior da Terra.

Assim, aproximadamente dois terços dos habitantes da Terra foram destruídos pelo grande terramoto e pela inundação. Poucos sobreviveram na Ásia, e mais alguns em África; e estes, juntamente com os habitantes de Iucatão, foram os únicos sobreviventes da Terra, com exceção de três tribos isoladas na América do Norte.

Este acontecimento provocou uma mudança em todos os domínios da Natureza animada e inanimada. A água e a atmosfera ficaram então permanentemente estabelecidas, compostas pelos mesmos elementos e em proporções quase idênticas às que apresentam atualmente. A atmosfera, sendo um produto final da água e envolvendo-a, tornou-se um agente útil para a transferir para a sua própria composição; e, pelo mesmo processo, a Terra é refrescada pela chuva. E, por virtude da luz proveniente das partículas que constituem a atmosfera do Sol, a atmosfera da Terra tornou-se apropriada a todas as formas de vida; e, pelos mesmos meios, a água tornou-se igualmente adequada para sustentar e nutrir os seus habitantes. E pela ação conjunta de todos estes elementos, a Terra tornou-se fértil e florescente.

Assim, a atmosfera e a água passaram a estar constituídas de modo a equilibrar a força expansiva da substância interior da Terra. E, desde esse tempo, a Terra manteve-se em estado estável até ao presente, desde o período dessa mudança universal.

Muitas formas do reino vegetal foram destruídas; mas os seus lugares foram rapidamente ocupados por formas semelhantes e mais perfeitas. Contudo, não é necessário entrar em descrição pormenorizada das condições dos reinos vegetal e animal: a atenção volta-se para a condição dos habitantes da Terra. Este período é representado como a purificação da Terra de todas as suas formas impuras e injustas. O dilúvio, no entanto, é descrito na história primitiva como sendo mais universal do que realmente foi. É denominado de *dilúvio* e representado como um cataclismo universal — o que corresponde a uma mudança geológica e geográfica total em muitas partes da Terra, juntamente com a destruição completa de muitos habitantes que estavam infeliz e imperfeitamente desenvolvidos.

Os habitantes que são representados como tendo sido salvos eram aqueles que viviam na terra de Iucatão. Os restantes foram, em geral, destruídos, ficando poucos em comparação com a vasta população dos dois continentes.

A descrição original do dilúvio é, porém, inteiramente uma *correspondência espiritual* — representando de forma imperfeita esta grande catástrofe, que foi a base de toda a ilustração. A correspondência exata será mais tarde descoberta e exposta; mas importa referir que foi por esta ocorrência vulcânica e esta grande inundação que a correspondência foi sugerida, tendo um significado interno; pois é impossível que o relato tenha um significado puramente literal. E como esta parte da história da Terra não tem uma ligação direta com o sentido da linguagem da história primitiva, não é necessário, neste momento, reconciliar a aparente discrepância entre a descrição original e a atual. Sinto que o significado interno de muitas expressões que parecem literais ainda não foi devidamente nem amplamente compreendido pela humanidade, apesar de o seu verdadeiro sentido ter sido compreendido por quem as

escreveu, e desde então ter sido revelado ao mundo por uma inteligência expandida e apropriada.

Os habitantes de Iucatão estavam muito mais avançados nas artes, ciências e realizações intelectuais gerais do que qualquer outra nação sobre a Terra. Esta terra não foi a primeira a ser habitada, mas foi povoada por uma nação derivada que viera da Ásia. Os que existiam na Ásia estavam ainda num estado inculto e incivilizado. O mesmo se passava com os de África. Os que habitavam a América do Norte encontravam-se também muito pouco desenvolvidos nas suas condições físicas, mentais e sociais, sendo os antepassados dos posteriores povos indígenas. Estes eram, nesta altura, os únicos habitantes da Terra. E é a partir deste período que se deve datar a história inicial da raça humana — considerando todos os habitantes anteriores apenas como estando nos estágios iniciais desta condição da humanidade, a qual representa todas as condições subsequentes da raça ao longo de toda a Terra.

§ 78 Pouco depois deste período, como será descoberto, as nações começaram a conceber sinais substanciais como representantes e correspondências de coisas e pensamentos. Estes são os hieróglifos; e foi a partir deles que os historiadores posteriores derivaram os seus conhecimentos e impressões. Não existe conhecimento real a ser obtido a partir de hieróglifos ou da história no que toca à Terra ou aos seus habitantes anteriores a este período. E as impressões teológicas e mitológicas tiveram a sua origem aproximadamente nesta mesma época, a partir da qual os habitantes da Terra, nos dias de hoje, datam a sua origem.

É também nesta altura que tem início a história da linguagem; e, a partir daqui, pode-se traçar o seu percurso pelas várias e sucessivas nações até à sua condição atual. Este é, portanto, um período na história da Terra marcado por considerações mais importantes do que quase qualquer outro: pois agora ascendeu-se até à base de todas as condições subsequentes do mundo, até aos dias de hoje. E é dentro deste período que o homem se aperfeiçoou ao ponto de desenvolver todas as suas faculdades e poderes, e adquiriu a capacidade de compreender as verdades importantes reveladas no progresso gradual de cada nação — verdades pelas quais poderá compreender outras mais interiores, que, até ao século XIX, permaneceram inteiramente ocultas da mente humana.

Será um alívio universal para a humanidade libertar-se das suas conceções erróneas atuais, ao compreender as verdades importantes sobre a vida interior e última. Descobrir-se-á então que as nossas ideias não fluem do exterior para o interior, mas sim que fluem espontaneamente do interior através da organização, para o mundo exterior, onde percebem e raciocinam sobre os vastos e prodigiosos processos da Natureza, tornada fértil, bela e harmoniosa pelo refluxo dos princípios interiores. As nossas conceções procederão, então, de dentro para fora — e não serão, como se tem pensado, criadas pela intrusão de coisas exteriores. Pois que esta ideia seja tão

universal quanto verdadeira: **os pensamentos não são gerados pelas coisas externas, mas sim evoluem do princípio vivo interior**. Assim, tornar-se-á evidente às faculdades racionais do homem que todas as formas externas — desde o mais pequeno inseto, ao homem, à Natureza, ao Sistema Solar, ao *Univercéu* — não são mais do que imagens que refletem as causas interiores e criativas: os princípios essenciais, a Mente divina — e que todas as formas são apenas recipientes dos princípios vivos e ativos que geram, dentro delas, Movimento, Vida, Sensação e Inteligência.

Assim como o reino vegetal recebe alimento da luz e do calor emanados do sol, também o reino animal, incluindo o homem, recebe luz e vida espirituais da **Luz que é o Amor da Mente divina**, guiado pela Sabedoria: e assim, **o Amor é a Vida, e a Sabedoria é o Organizador**.

Quando concebemos uma organização, somos imediatamente impressionados pela existência de partes e qualidades necessárias para a constituir. O todo é composto de partes, e as partes são necessárias ao todo; contudo, estas, por si sós, não constituem uma organização perfeita. Uma abóbada pode ser composta por um número indefinido de pedras — sem as quais não existiria a abóbada; mas suponha-se que esta abóbada é desorganizada: tal não alteraria o facto de que as pedras são as partes, permanecendo inalteradas na sua substância. Assim, para formar uma organização perfeita, não é apenas necessário que cada parte esteja adaptada ao todo, e que cada uma cumpra uma função e realize um propósito, indicando uma causa final — é também necessário que essas partes tenham **vida e movimento**, e entrem em **relações mútuas** entre si, formando assim um todo, uma unidade combinada, na qual um uso se torna evidente. E **o uso realizado é o fim da organização**.

A organização do homem é, por si só, perfeita. Em cada domínio há uma adaptação igual — um número infinito de utilidades — que convergem para tantos fins; e, quando reunidos, estes revelam um único **Uso e Fim perfeitos**, para os quais o todo foi criado.

Assim o homem existe. É composto por um número infinito de partes; ele é um **microcosmo**, uma Unidade Total. Não poderia sê-lo se não existisse um propósito no plano, ou um fim a ser realizado. É, por isso, o recipiente adequado das respirações espontâneas da Grande Mente Positiva, através da Natureza, pela Sabedoria, para formar e individualizar o espírito imortal destinado a habitar o mundo interior.

Deste modo, o homem é uma organização, **não composta por um acordo mútuo de partes através do funcionamento indefinido de uma Natureza impetuosa**, mas sim **a forma perfeita, a imagem suprema, a organização intencional da Mente divina que perpassa a imensidão**!

§ 79 Torna-se agora necessário abandonar todas as reflexões sobre o uso e o fim da organização humana, e concentrar as descrições naquilo que flui legitimamente das condições físicas aperfeiçoadas desta era. Não direi, por agora, nada sobre o desenvolvimento moral e intelectual da raça humana, nem sobre a conceção das opiniões teológicas e a sua confirmação gradual nas mentes dos homens, nem sobre as modificações dessas opiniões por cada nação ao longo dos períodos subsequentes, até se perder a identidade das conceções originais. Assuntos relacionados com o dilúvio universal e outros acontecimentos gerais serão também postos de parte até que surjam no decurso da explicação das suas origens teológicas.

O objetivo das descrições que se seguem será apresentar o **curso da humanidade**, desde a sua origem, através das suas muitas vias sinuosas, até que cada nação, como ramo do curso original, tenha contribuído para estabelecer a condição geral do mundo no século XIX. Começarei, então, no local de nascimento dos tipos humanos mais inferiores, e seguirei os seus vários desenvolvimentos, até que formem o que se poderá designar por um **Homem perfeito** do período atual.

A Ásia, como todas as tradições mitológicas verdadeiramente indicam, foi o berço dos primogénitos da espécie humana, e alimentou-os desde os estágios mais baixos da inocência infantil até à fase de expansão das suas capacidades e faculdades, e até à mudança das suas habitações locais para várias outras partes do mundo. Para descrever esses desenvolvimentos e mudanças de forma ligada, desde o momento em que o animal assumiu a forma humana — num período já referido — será necessário começar pela **primeira evolução, a partir de um único germe**, das formas e propriedades de uma raça posteriormente distribuída.

No início, existia no interior da Ásia oriental uma associação composta pelos primeiros seres humanos que habitaram a face da Terra. Paralelamente a esta família, localizou-se mais tarde outra, de tipo semelhante, mas de natureza mais fraca e mais efeminada; não eram tão altos nem tão numerosos como os primeiros. Estas duas famílias foram-se gradualmente conhecendo, seguindo as inclinações naturais da sua constituição, que as levavam a procurar associação umas com as outras.

Sinto-me impressionado pela razão pela qual duas famílias foram assim congregadas em locais diferentes, inicialmente sem conhecimento da existência uma da outra. Verificar-se-á, através da investigação das espécies mamíferas mais próximas do homem, que existiam originalmente dois moldes ou formas distintos, ascendendo ao mesmo tempo quase até ao tipo de organização humana. Uma dessas formas existia nas regiões árticas e nas zonas superiores da Ásia desde a grande revolução nos tipos do reino animal, ocorrida no fim do quinto dia da criação. Desde essa altura, essas formas ascenderam gradualmente ao tipo humano que caracterizava os que existiam no interior da Ásia oriental. Por uma modificação

correspondente, os mamíferos existentes na porção ocidental da Ásia evoluíram para o tipo mais efeminado anteriormente descrito. Estes localizaram-se na Ásia ocidental, e os primeiros, na Ásia oriental.

Mas não descobriram a localização uns dos outros até que, por meio do trabalho e da indústria, acumularam abundante riqueza social. O alívio que então sentiram nas suas condições sociais despertou, nos membros mais velhos de cada família, o desejo de explorar novas e mais agradáveis partes da terra onde habitavam. E sinto de forma clara que foi essa raça mais efeminada e ainda por desenvolver que descobriu originalmente a localização dos habitantes mais velhos e amadurecidos do interior da Ásia oriental. O período de tempo decorrido é-me apresentado de forma indefinida; mas não foi mais do que um século e meio desde que se estabeleceram separadamente até se tornarem unidos uns com os outros. Então, os dois formaram uma só família.

No decorrer de mais um século, dois ramos nasceram dessa família e espalharam-se: um dirigiu-se para a parte inferior da Ásia, hoje conhecida como Egito, e o outro para o interior de África. Em cinquenta anos após esse momento, esses desdobramentos transformaram-se em grandes famílias e uma delas cresceu até se tornar uma nação poderosa. Os que se estabeleceram no Egito, no entanto, provinham de um ramo mais amadurecido da família primitiva e, assim, conservaram todas as características peculiares das suas constituições corpóreas — que eram vigorosamente energéticas, cuja força se determinava pelo grande desenvolvimento das fibras musculares e dos tecidos sólidos dos seus corpos. Possuíam também grande energia nervosa, sustentada por uma rigorosa obediência às exigências do seu organismo e por uma abstinência de violações orgânicas — razão pela qual também não padeciam de doenças. Mas eram distintos daqueles que se estabeleceram em África, os quais continuaram a apresentar todas as características imperfeitas e delicadas das partes mais imaturas da família original.

E por volta dessa época (cerca de meio século depois de se terem fixado permanentemente), os habitantes do Egito levantaram-se contra a outra nação, em África, com toda a fúria da brutalidade enfurecida, e guerrearam com ela até destruírem quase três quartos da sua população, dispersando os restantes por várias partes do mesmo continente. Esta batalha é quase perfeitamente representada pela que se disse ter ocorrido no planeta Mercúrio: pois lutaram com o mesmo tipo de instrumentos (isto é, pedras afiadas) e manifestaram todas as disposições ferozes que se observam em algumas classes de animais — embora aqui modificadas e um pouco mais aperfeiçoadas no homem. Estas foram então demonstradas com toda a engenhosidade de que eram capazes as suas faculdades mentais e com toda a força das suas poderosas constituições físicas. Dos que ficaram dispersos no continente africano, perco o rasto, pois evidentemente extinguiram-se.

§ 80 Agora, mais uma vez, restavam apenas duas nações à face da Terra — uma no Egito e outra na Ásia oriental. A minha impressão leva-me agora a um período cem anos à frente deste. E agora a nação que habitava o Egito passou a localizar-se na parte sul da Europa. Nesta altura já tinham avançado tanto na vida civilizada que construíram, de forma muito excêntrica, uma bela cidade. Não usaram pedra, mas sim árvores, que colocaram umas sobre as outras, apoiadas em grandes árvores já crescidas. As copas destas foram quebradas ou curvadas umas sobre as outras e depois cobertas de forma singular — assim formando os telhados das suas habitações. Deste modo, construíram residências em número suficiente para albergar todos os membros da sua nação; e esta foi, segundo a impressão que tenho, a primeira conceção de arquitetura nas mentes incultas dos habitantes primitivos.

Nessa altura, a Europa produzia um tipo rudimentar de aveia e centeio, que, no entanto, não pode propriamente ser assim designado, pois pouco se assemelhava às formas atuais desses cereais. Utilizo estes termos apenas para transmitir à mente a ideia do tipo de alimento que, naquela época, era produzido em várias partes do continente europeu.

Esta nação cresceu desmesuradamente em número, tornando-se, por fim, uma massa de intelectos incultos que, não tendo orientação nem capacidade de se dirigirem a si mesmos, acabaram por desunir-se. E, cerca de um século mais tarde, ramos desse mesmo povo fundaram, na América Central e do Sul, duas cidades ainda mais belas.

Entretanto, os habitantes da Ásia empreenderam uma nova viagem de descoberta: nessa altura, o oceano Pacífico ainda não existia como tal, o que tornava possível a travessia do hemisfério oriental para o ocidental — ou alcançar em segurança as partes superiores da América. Supôs-se, no entanto, que os habitantes aborígenes deste continente teriam atravessado o estreito de Bering; mas tal hipótese não necessita de refutação direta, pois é evidente que aqueles que a propuseram estavam apenas a tentar imaginar a possibilidade da migração deste povo.

Mas prossigamos para observar os habitantes da parte sul deste hemisfério ocidental, que, nessa altura, albergava uma nação avançada da família original. As regiões onde esta nação se localizou, dividindo-se em vários ramos, são hoje conhecidas como Espanha e Iucatão, estendendo os seus ramos menores até à zona hoje ocupada pelo golfo do México, e também ao Brasil e Buenos Aires. Construíram ali, conforme descrito anteriormente, as suas cidades de pedra e outros materiais duráveis, com edifícios baixos e extensos, com divisões semelhantes às das habitações atuais. Ainda não haviam atingido as conceções arquitetónicas desenvolvidas pelos habitantes dessas regiões após o decurso de cinco séculos, durante os quais partes da América do Sul sofreram grandes catástrofes vulcânicas que formaram o golfo do México, o mar das Caraíbas e o oceano Pacífico. Durante

esses acontecimentos impressionantes, nação após nação foi destruída, provocando a despovoação de quase toda a região.

Mas, desde o tempo que mencionei como início da existência dessas cidades até cinco séculos depois, os seus habitantes evoluíram imensamente no que respeita ao conhecimento exterior, ao saber científico e à arquitetura hieroglífica.

Foi então que se fundaram as cidades de Herculano, Iucatão e uma cidade primária próxima do local onde mais tarde se situaria Pompeia. No entanto, como os detalhes sobre as condições sociais e físicas desses habitantes são irrelevantes para o objetivo das minhas impressões atuais, nada mais direi sobre eles por agora — e prosseguirei com o tema geral já delineado, observando a edificação, o florescimento e o progresso de cada nação, cidade e reino, bem como a sua posterior queda.

Passo, então, ao período da construção da cidade de Pompeia e do estabelecimento permanente de cinco nações que surgiram sobre a face da Terra por essa altura.

Os habitantes de Iucatão estenderam os seus direitos de posse quase até às ilhas hoje conhecidas como Índias Ocidentais, estando uma parte da mesma nação estabelecida em Herculano. E Pompeia povoou várias regiões a sudeste e a norte dessa cidade, enviando um ramo que povoou o Brasil, até aos seus limites extremos. Mas Pompeia, enquanto grande cidade, e os seus habitantes, enquanto grande nação, sucumbiram com toda a sua beleza, grandiosidade e magnificência — juntamente com a sua ignorância, orgulho e arrogância — à mão aniquiladora da ação vulcânica. E foi por esse meio que ela e os seus bens foram enterrados — os topos das habitações mais altas ficaram cobertos por muitos metros dos materiais lançados por uma cratera em erupção.

Chamo-lhe Pompeia apenas por distinção; mas, na realidade, uma cidade posteriormente fundada nas proximidades viria a adotar, pela primeira vez, o nome de Pompeia. A cidade de que falo só pode ser reconhecida como tendo existido através de descobertas de alguns dos seus materiais ainda existentes, que podem ser encontrados um pouco a norte da cidade que mais tarde foi destruída de forma semelhante. Contudo, ainda não atingi o período da cidade que é conhecida por Pompeia pelos homens do século XIX.

O orador pede-me aqui que diga que os nomes modernos de cidades e territórios são usados apenas para designar as localidades, e para efeitos de distinção; mas que tais lugares, com esses nomes, não existiam na época referida.

Mas venho agora falar de várias outras regiões que foram, de forma semelhante, despovoadas — e também de Iucatão. E foi nesta parte do mundo que existiu o mais elevado grau de engenho e refinamento na arte da arquitetura e em várias outras

artes ornamentais e hieroglíficas que alguma vez existiram, quer antes da fundação destas cidades, quer desde esse período. Que fique, no entanto, perfeitamente claro que essas vastas conceções e realizações continuaram a florescer de igual modo durante quase sete séculos.

Avanço agora mais um século e descrevo novos ramos da família humana — habitantes que partiram da Ásia em direção à América — alguns dos quais chegaram a este continente, e outros fixaram-se em porções férteis intermédias que lhes agradaram e se adaptavam às suas preferências. E estou distintamente impressionado de que, enquanto formavam famílias e nações associadas nessas regiões, o oceano Pacífico se estabeleceu na sua forma atual, formando as ilhas hoje conhecidas como Filipinas, ilhas da Sociedade, ilhas Sandwich, etc. E a população dessas ilhas, rodeada por um corpo de água intransponível com os meios de navegação de que então dispunham, viu-se impossibilitada de mudar de habitação. Mas felizmente essas terras eram férteis e produziam sustento adequado à sua subsistência. E esses mesmos habitantes transformaram-se gradualmente nos que atualmente vivem nessas ilhas, cujas características e disposições podem ser compreendidas consultando as páginas da geografia moderna.

Os que permaneceram no continente europeu fixaram-se, nesta época, em certas partes do norte de França. E os que ficaram na Ásia haviam, como descrevi, começado a distribuir-se por outras partes da Terra; e um traço deles é ligeiramente visível nos habitantes aborígenes da América, bem como nas ilhas Sandwich e nas Filipinas. E, na conclusão do período que acabo de referir, uma tribo poderosa e distinta, separando-se das nações do sul, percorreu o continente europeu, atravessando África e Ásia, e fixou-se precisamente onde anteriormente existiram os indo-europeus, na região que modernamente se tem denominado Egito.

§ 81 Passo agora ao final de mais um século. E este século caracteriza-se mais nitidamente pelo rápido avanço da civilização e da inteligência. O Egito foi fundado, povoado e consolidado tal como ficou conhecido dos historiadores posteriores. Do Egito surgiu um ramo ou tribo que fundou Jerusalém e Jericó; e destas, juntamente com o Egito, partiu uma colónia que descobriu a Grécia e ali fundou e edificou uma cidade. A partir da Grécia, outras regiões da Europa foram permanentemente povoadas.

Assim, depois de o Egito ter sido estabelecido, fundaram-se Jericó, Jerusalém, Grécia e outras nações — todas elas derivadas diretamente dos colonos originais do Egito. De outras partes da Europa surgiu um fluxo que reocupou a região atualmente conhecida como Espanha.

No final do século anterior, os hieróglifos haviam-se tornado suficientemente perfeitos para representar de forma inteligível o objeto, substância ou pensamento

que os habitantes desejavam expressar. E foi apenas no final do último século e na entrada do presente que se iniciaram os registos a partir dos quais o mundo obteve qualquer informação correta ou definida sobre os primeiros habitantes da Terra e a sua história antiga. Descubro ser impossível, segundo as impressões corretas que possuo neste momento, encontrar, mesmo examinando todos os registos escritos de todas as épocas e gerações, uma única indicação verdadeira da condição dos habitantes da Terra — das suas evoluções sociais e realizações intelectuais, ou de qualquer parte da sua história antiga — que remonte mais para trás do que o fim do último século, ou do período de estabelecimento permanente das várias cidades no hemisfério oriental. Ainda assim, reconheço uma conexão ininterrupta entre as condições efetivas anteriores e aquelas de que temos conhecimento através das tradições hieroglíficas e mitológicas.

Assim, no final do século de que acabo de falar, encontramos o planeta habitado da seguinte maneira: uma tribo inculta e não civilizada vivia no continente ocidental ou americano; duas grandes e prósperas cidades existiam na parte sul do mesmo continente — ou seja, na América Central e do Sul — cujas dependências incluíam as ilhas das Caraíbas, onde algumas tribos sobreviviam; a Espanha e Portugal eram habitadas por uma pequena tribo oriunda dos gregos do continente europeu; o norte da França e a Bretanha acolhiam uma pequena nação destacada, vinda igualmente dos gregos; e a Grécia, Jerusalém, Jericó e o Egito estavam habitados conforme já referido. A China, o Japão, a Dinamarca, a Suécia, a Prússia, a Rússia, a Noruega e a Sibéria, cada uma dessas regiões albergava comunidades destacadas provenientes de diversas partes da Terra. Estas várias regiões, cidades, reinos e impérios — que aqui designo pelos seus nomes modernos — foram assim, uma após outra, descobertas, fundadas e povoadas pelas diversas e heterogéneas tribos que então existiam à superfície da Terra.

Foi devido à dissemelhança das constituições, adaptadas ao clima e ao alimento*, às diferenças nos hábitos e modos de vida, aos diferentes níveis de progresso em ciência e arquitetura, aos distintos graus e tipos de ambição, e ao desenvolvimento geral e superficial das suas qualidades, que os habitantes de todo o mundo se distribuíram dessa maneira. E assim, nessa altura, a raça humana era extremamente diversa na aparência e constituição. Desde então, os homens foram classificados e reclassificados de acordo com cada modificação do tipo original; e, ainda hoje, mesmo o antiquário e o filólogo que mais profundamente pesquisaram todas as ciências paleológicas são — segundo me impressiona distintamente — incapazes de formar uma conclusão correta acerca da história da Terra anterior ao período considerado.

Contudo, alguns fizeram poderosos esforços para conciliar as supostas condições anteriores com a hipótese a priori de que cada uma dessas espécies deveria

necessariamente ter tido um tipo original exclusivo, do qual os que hoje existem seriam representantes imutáveis.

Mas sendo este o período em que começaram os primeiros registos históricos sobre o estado inicial da Terra e dos seus habitantes, sinto-me impulsionado a tratar com mais detalhe todas as condições, circunstâncias e desenvolvimentos que derivaram do estado desta época e que moldaram a raça humana ao longo de todas as idades subsequentes, até ao século XIX. No entanto, não me compete recapitular o que já é conhecido do mundo, mas apenas apresentar aquilo que não foi corretamente obtido através da tradição oriental, e classificar distintamente a espécie humana de forma a compreendermos adequadamente a origem da linguagem. E, ao compreendermos devidamente a origem da linguagem, a compreensão da origem das conceções teológicas surgirá de forma natural e legítima.

Os registos tradicionais das nações primitivas da Ásia estão entre os primeiros relatos históricos de que dispomos sobre os povos originais. E sabe-se que a China possui um registo do mundo que remonta a quarenta mil anos antes do século XIX. Diversas partes da Ásia testemunham um desenvolvimento longo e contínuo da ciência e da civilização, ainda que outras revelem as mais incultas e bárbaras condições da humanidade. Porém, informações históricas fiáveis sobre as artes e refinamentos das nações primitivas, bem como sobre os seus conhecimentos mecânicos e arquitetónicos, não vão além do povoamento do Egito. Ainda assim, os traços da sua distribuição e civilização a partir desse momento são nitidamente discerníveis nos registos históricos de cada nação, desde o período aqui revisto até ao século XIX — embora, em algumas, surjam de forma conectada, e noutras se revelem como tradições indefinidas ou puramente mitológicas.

Foi-me dado a conhecer que a América do Sul e o México estavam habitados muitos séculos antes de a Península Ibérica ser povoada, tal como é conhecido pelos historiadores. Esses habitantes do sul cultivaram altamente as capacidades de construção mecânica; e esses conhecimentos foram retidos por gerações subsequentes, quando um ramo desses habitantes migrou para o Egipto, onde se tornou uma nação grande e avançada. Depois, do Egipto surgiu a Grécia; e da Grécia foram colonizadas muitas regiões da Europa; e destas, por sua vez, Roma, bem como outras cidades dentro do seu vasto império, foram fundadas e habitadas. Os colonos de Roma continuaram a florescer em todas as realizações mecânicas e arquitetónicas, tal como os antigos da Grécia; mas deixaram por cultivar todas aquelas faculdades elevadas e sublimes das quais surgem os pensamentos e sentimentos mais nobres e verdadeiros, e que, se devidamente aplicadas, teriam redimido a humanidade dos então despóticos domínios da artificialidade externa.

Desta forma, as várias regiões do continente europeu de que falámos tornaram-se habitadas e povoadas.

É desnecessário mencionar as guerras devastadoras, fomes e pestes, e as invasões destrutivas através de engano, fraude e estratagema, que acabaram por assolar cada nação em todo o hemisfério oriental, surgidas das disposições incultas e bárbaras que caracterizavam os povos de cada nação, e que elevavam o soberano de cada uma ao mais alto grau de arrogância e egoísmo. Uma direção errada e uma inveja antinatural, que se enraizou profundamente no seio de cada nação, envenenaram os afetos mais ternos de cada uma ao mais alto grau possível, difundindo entre elas o ódio e a miséria. Assim, guerras incontáveis invadiram os reinos orientais — todas resultantes da má orientação do pensamento e julgamento humanos. O resultado dessas guerras desoladoras e destruidoras da paz foi que as nações obrigadas a ceder se dispersaram entre outras nações, e assim a identidade de muitas tribos, e até tipos, da espécie humana foi completamente destruída.

Algumas dessas invasões e perseguições prolongaram-se durante quase um século, durante o qual se realizaram incursões noturnas entre si, conforme o seu habitual modo de guerra. Durante essas guerras, muitas cidades que exibiam beleza e grandeza, devido ao alto cultivo das belas artes e das invenções mecânicas, foram destruídas. Não só cidades foram assim varridas da face da terra, mas nações inteiras sacrificaram-se perante outras mais poderosas. E de modo semelhante, essas guerras continuaram durante muito tempo.

Mas houve um período em que as nações se estabeleceram numa condição mais harmoniosa e unida, o que por um tempo acalmou as disposições antinaturais para a guerra e inspirou simpatia geral, paz e reciprocidade. Contudo, pouco depois desse período, nação após nação voltou a envolver-se em conflitos, algumas das quais foram bem-sucedidas, e outras quase banidas da face da terra.

Segue-se agora um evento que serve para ilustrar o carácter dessas guerras impetuosas. Depois de a Judeia ter sido povoada, os habitantes, não possuindo discernimento suficiente para se governarem a si próprios, escolheram um chefe presunçoso como seu líder e colocaram-no na sua cidade para exercer poder e influência sobre toda a nação. Após este chefe ter guerreado com partes do seu próprio reino, e incitado hostilidade e derramamento de sangue em muitas zonas até então pacíficas, morreu. E assim também Saul ascendeu ao trono da Judeia; assumiu o carácter de rei tirânico e guerreou com os jebuseus na Palestina, que, após serem dispersos, se misturaram com outras nações.

Eventualmente, David usurpou o trono e mudou a sede do governo para Jerusalém, que à época se tornara numa cidade bela e magnífica. Aqui, com a ajuda de outros, guerreou com os sírios, caldeus, amalequitas, edomitas, amonitas e persas, e conseguiu destruir a identidade de algumas dessas nações e das tribos que existiam ao longo das margens do Eufrates. Em breve, estendeu o seu reino desde o Eufrates até ao Mediterrâneo, e desde o território fenício até ao Golfo Árabe. Este é, então,

um exemplo dos resultados de um julgamento humano mal orientado, caracterizado por todas as facetas da tirania, arrogância, despotismo e fanatismo.

Quando o povo de Inglaterra era governado pelo Rei Alfredo, o Grande, os dinamarqueses ou normandos revoltaram-se contra os saxões com sentimentos de amargura e hostilidade persecutória. Conseguiram dominar os saxões e exerceram domínio sobre eles. Mas Alfredo, possuidor de um julgamento mais culto e também de um mais elevado sentido de honra e justiça, inventou meios para recuperar o seu reino, dispersando os normandos que então detinham o poder. Nesta empresa foi eminentemente bem-sucedido, ao ponto de conquistar os normandos, obrigando-os a pedir clemência. Para conhecimento deste episódio, consulte a história antiga dos saxões.

Sinto-me impelido a descrever estes acontecimentos distintos para mostrar a grande diferença entre os habitantes dos primeiros períodos e os dos tempos atuais. Os saxões, quando foram invadidos, não possuíam a arte e os instrumentos de guerra num estado tão aperfeiçoado como os israelitas quando lutaram contra as nações vizinhas e as submeteram. Assim, torna-se visível a diferença entre as paixões incultas e antinaturais das nações primitivas e as paixões mais avançadas mas ainda mais corrompidas que caracterizam as nações dos períodos subsequentes.

Uma grande parte da Ásia esteve, em diferentes períodos, sob posse dos assírios, caldeus, persas, mongóis, sírios, tártaros e turcos. Assim, a Ásia, e também outras regiões do mundo, estiveram em várias épocas sujeitas às lutas e guerras de nações sucessivas pelo domínio umas sobre as outras, e às erupções de todas as paixões antinaturais e impuras provocadas por essas guerras. Tudo isto resultou inteiramente da má orientação das mentes das gerações jovens. Assim ocorreram várias mudanças nas condições sociais e morais dos primeiros habitantes da Terra. Mudaram e voltaram a mudar os seus locais de habitação até que o hemisfério oriental ficou povoado tal como hoje é conhecido.

Agora sou orientado a falar sobre o hemisfério ocidental, ou a parte da Terra que era desconhecida de qualquer outro povo do mundo há apenas alguns séculos, exceto para aqueles que nela habitavam desde o momento em que imigraram do interior da Ásia. Esta parte do mundo era, em épocas remotas, fértil em muitos dos tipos inferiores do reino vegetal e deu origem, nas suas regiões norte e sul, a muitas formas enormes e ferozes do reino animal, algumas das quais percorriam também as florestas do interior do continente. Não me é dado conhecer o número exato de habitantes que viveram nesta terra, mas parece-me claramente que existiam três tribos, ocupando diferentes zonas da região. Todas elas, contudo, preservaram o tipo e as características gerais dos habitantes originais, que, segundo me é dado saber, atravessaram da Ásia para a América por volta da época em que uma tribo desceu

para as regiões do sul. Isto parece ter ocorrido cerca de nove mil anos antes do presente dia.

E assim viveram (tendo, pouco depois de se estabelecerem, sido separados do restante dos habitantes da Terra pela submersão da terra ou formação do oceano Pacífico), cultivando formas vegetais que mais tarde viriam a ser designadas por centeio e milho. Outros frutos, que posteriormente receberam nomes próprios, também faziam parte da sua alimentação. Multiplicaram-se e, em cerca de um século e meio, formaram três tribos ou semi-nações distintas.

Subsequentemente, tribo após tribo foi sendo formada; e cada uma, possuindo o mesmo desejo inato de descoberta, viajava para várias regiões do hemisfério. Mas, por estarem desligadas das nações que já eram civilizadas e esclarecidas nas artes e ciências, conservaram toda a rusticidade dos seus antepassados não evoluídos, com exceção das ligeiras melhorias decorrentes da experiência gradual que cada tribo e geração acumulava em resultado das condições e circunstâncias a que eram sujeitas, e das manifestações limitadas de génio natural que ocasionalmente surgiam entre eles.

E assim habitavam, incentivando conceções espontâneas de uma teologia mais verdadeira do que a existente entre quaisquer outras nações da Terra — retirando essa inspiração da imponência, beleza, formosura e majestade de todas as coisas na Natureza, e da magnífica arquitetura estelar sob a qual viviam e que podiam contemplar com admiração, reverência e adoração. Tenho a impressão de que chegaram mais perto de uma conceção verdadeira sobre os planos superiores do que os habitantes de qualquer outra parte do mundo, em qualquer época ou geração. Mas como este assunto se relaciona com as nossas investigações teológicas, não é adequado revelar mais neste momento.

Assim existiram os habitantes aborígenes deste continente durante muitos séculos, avançando muito lentamente em relação às realizações naturais e superficiais de outras nações. E foi assim que estavam quando esta parte do mundo foi descoberta e colonizada por um grupo proveniente do norte da Europa. A partir desse momento, a população de origem europeia aumentou rapidamente; e à medida que cresciam em número e poder, os habitantes originais fugiam da sua presença. Sentiam que os recém-chegados da Europa possuíam uma natureza e disposição que lhes eram antagónicas e repulsivas; e assim, no início, tinham medo. Mas, ao habituarem-se aos costumes e maneiras dos colonos, acabaram por se acomodar e até admirar os seus bens, embora mantivessem o mesmo receio reverente ao aproximarem-se deles.

Contudo, os europeus, ao descobrirem rapidamente que podiam, através da força e perícia superiores, apoderar-se das colheitas e reservas alimentares em posse dos indígenas, insurgiram-se contra os índios e dispersaram-nos por outras regiões da

terra. Foi isso que, pela primeira vez, despertou no seu íntimo sentimentos de hostilidade, vingança e retaliação; o que os levou a uma perseverança incansável em derramamento de sangue e invasões. Muitas tribos perderam assim a sua identidade. Assim se tornou hostil a relação entre os habitantes aborígenes e os europeus.

Mais tarde, os habitantes do hemisfério oriental imigraram em grande número para esta parte do mundo, fundando e estabelecendo cidades que exibiam um elevado grau de desenvolvimento nas artes e ciências, adquiridas por influência e cultura desde os tempos iniciais. Por esses meios, o povo conseguiu acumular riqueza e melhorar consideravelmente a sua condição social, tornando-a muito superior à dos primitivos habitantes que os antecederam; e essas vantagens resultaram de um elevado sentido de justiça, discernimento, economia, laboriosidade e magnanimidade.

Mas, na mesma proporção em que fluíam essas bênçãos das condições e circunstâncias muito mais felizes em que se encontravam os habitantes desta terra, também cresciam nos seus países de origem sentimentos de inveja e ciúme. Não conseguiam manter-se tranquilos perante o grande contraste entre o governo despótico e o liberal. E, movidos por esses sentimentos, foram incitados a exigir a renúncia dos direitos deste povo, procurando neutralizar os privilégios então existentes, semeando entre eles o germe da tirania e usurpação, e assim sujeitar toda a nação à dor, pobreza, miséria e servidão despótica.

Mas esse povo já se tinha tornado uma grande nação, embora pequena comparada com a sua nação-mãe. Contudo, as suas condições naturais e vantagens superavam amplamente as da nação que se voltou contra eles; e, impelidos pelo pensamento inspirador da liberdade, lutaram contra a injusta invasão do seu próprio país de origem e triunfaram sobre o despotismo dominante.

Assim têm as nações guerreado entre si — mesmo nações que deram origem a outras levantaram-se em violenta hostilidade contra os seus próprios descendentes legítimos! E cada uma, possuindo um sentido de dignidade natural, reagiu à invasão. E assim têm os homens derramado o sangue uns dos outros, sem tirar lições da tranquilidade inalterada da Mãe Natureza que os gerou; sem reconhecer elevados princípios de justiça e reciprocidade; antes, sacrificando todos esses princípios essenciais, têm lutado uns contra os outros como se a Natureza, ao criá-los, tivesse errado e mal adaptado os seus princípios harmoniosos, divinos e imortais!

O hemisfério ocidental foi assim povoado, cujos pormenores históricos podem ser encontrados nos escritos dos historiadores modernos. Também a história nacional de outros países está registada e fala, de forma demasiado clara, dos erros dos tempos passados.

Quem pode agora ler, sem sentimentos de perturbação, os registos dos massacres bárbaros, perseguições desumanas e condições antinaturais e corruptas que constam da história de todas as nações à face da Terra? Quem pode contemplar as perseguições de séculos passados com prazer ou complacência? Quem, entre todos os habitantes do mundo, pode ler com prazer os registos dos atos destrutivos e imorais de chefes, potentados, reis, papas e imperadores, que se elevaram a si mesmos e exerceram quase omnipotente influência através de uma teologia superficial e fantasiosa? Não têm homens engenhosos e ardilosos recorrido aos deuses mitológicos das suas respetivas nações para santificar os seus governos despóticos? Não têm sucessivos chefes agido da mesma forma para levar a cabo os seus desejos erróneos e antinaturais, sacrificando por completo toda a moralidade, e todos os princípios naturais e divinos? Ó Homem, que a Natureza criou pelas suas energias imortais! Não vês agora os monumentos elevados com os materiais da história passada, a lembrar às gerações futuras os resultados da má direção das faculdades humanas e da corrupção do íntimo do ser humano?

Não vês que esses monumentos continuarão a erguer-se, ainda mais altos, pelas gerações vindouras, se não exerceres os teus poderes para remover as suas fundações e erguer, em seu lugar, o templo da luz, da liberdade, da paz e da retidão? Se permaneceres imóvel, o grande oceano da ignorância, da loucura e da imbecilidade atingirá o seu ponto mais alto, e tu serás apenas uma partícula à superfície. Mas, se exerceres os teus poderes como a verdade e o dever exigem, o riacho cintilante do progresso humano deslizará através dos muitos recantos da existência social, e os seus múltiplos afluentes convergirão para formar um grande rio de pensamento e afeição naturais, que fluirá até se fundir no grande oceano do conhecimento e da paz universais. E este oceano fluirá para sempre, com uma maré que jamais recuará, pelos domínios das esferas imortais!

O germe da pureza e da bondade, do amor e da sabedoria, da moralidade e da felicidade, reside no homem. Instrui-te, portanto, quanto à sua existência e qualidades essenciais, para que possa ser acarinhado, fomentado e cultivado — para que lance raízes que recolham alimento dos elementos afins que o rodeiam, e que desabroche espontaneamente num corpo substancial, que não possa ser abalado nem removido. Que esse corpo, por sua vez, faça brotar ramos delicados que se estendam por todas as avenidas da Natureza; e que esses ramos revelem os botões da inocência e as flores da beleza e da retidão, que exalem o perfume do amor e da sabedoria celestiais, ascendendo até ao mais alto ponto da perfeição.

§ 34. O mundo inteiro encontra-se agora povoado por seres com os mais diversos caracteres e disposições, sendo cada nação e tribo distinta das demais nos seus hábitos, costumes e formas de governo — cada qual consumindo diferentes tipos de alimento, respirando atmosferas distintas, apresentando variadas características

anatómicas e níveis de desenvolvimento fisiológico, possuindo diferentes tonalidades de pele, falando diferentes línguas e dialetos, guardando tradições primitivas próprias, sustentando opiniões políticas e teológicas distintas, e sendo movidas por diversos motivos e conceções sobre o que é justo e bom. Assim está povoada a Terra: e assim a Natureza deu os seus mais ternos esforços para gerar uma raça feliz.

Mas, sendo que a história de cada nação expõe a sua própria experiência, não me sinto impelido a entrar nos seus pormenores. Contudo, com o objetivo de oferecer um vislumbre sobre o vasto campo da história humana, generalizei assim a raça desde o momento em que assumiu a forma humana — e foi propriamente chamada Homem — até à presente distribuição dos ramos da família original sobre a superfície da Terra.

Ela foi devidamente classificada em cinco variedades distintas, embora não seja verdade que existam cinco tipos da família humana. Pois pode ser demonstrado, com base em princípios anatómicos e fisiológicos, que a raça humana tal como hoje existe — com todas as suas condições e desenvolvimentos diferenciados — ascende a partir de um único tipo original.

As variedades da humanidade foram classificadas da seguinte forma: primeiro, os caucasianos, que se estendiam da Índia até ao norte de África e Europa (e por isso são designados indo-europeus); em segundo lugar, os mongóis, que existem na Ásia oriental e também se estendem em direção a África; em terceiro, os malaios, que existem na Índia, África e noutras partes do hemisfério oriental, incluindo as ilhas do sul; em quarto lugar, os negros, confinados a África; e em quinto, os índios americanos. Esta classificação é bastante adequada e não necessita de modificações, pois representa, de facto, todos os traços e complexões existentes. Os índios são vermelhos, os malaios castanhos, os mongóis amarelos, os negros pretos, e os caucasianos brancos.

Contudo, pouco argumento é necessário para demonstrar a origem comum destas cores tão diferentes. Os habitantes originais eram pretos; as nações subsequentes tornaram-se castanhas; os ramos destas tornaram-se vermelhos; destes surgiram os amarelos; e, por fim, os brancos. O branco e o preto são, portanto, aparentes opostos. Nunca se conheceu um caso em que aquilo que era completamente branco tivesse gerado o seu oposto, o preto. Já ocorreram casos em que o preto gerou branco, ou algo próximo disso. Existem vários relatos de brancos gerando filhos escuros ou pretos, mas esses relatos não admitem análise rigorosa.

Tais factos alegados não ocorreram sob a observação direta de um investigador, mas foram relatados pelos próprios pais, e por isso não podem ser aceites como válidos. Note-se ainda que tal ocorrência contrariaria todas as leis do

desenvolvimento. Esses casos terão ocorrido apenas parcialmente, como resultado de uma interrupção no processo gestacional, que levou os componentes finais do sangue a assimilarem-se com os tecidos celulares e serosos do feto, dando origem a colorações variadas — preto, castanho, vermelho ou cor de cobre — consoante o ponto da gestação em que a interrupção ocorreu. Quaisquer factos observados entre os Jalofos, Mandingas, Cafres ou Albinos não têm qualquer peso contra o testemunho universal da Natureza nos seus diversos domínios de desenvolvimento natural.

Mas descreverei agora o processo de transformação da cor, os meios requeridos e as condições necessárias para tal transformação, bem como as circunstâncias locais de que depende a cor da pele. Para compreender isto adequadamente, é necessário primeiro compreender as leis que regem a cópula e a reprodução da forma humana. Como não é adequado ao carácter desta obra entrar em detalhes sobre esta parte das operações da Natureza, sou compelido a falar sobre o assunto de forma breve e geral.

Em primeiro lugar, deve entender-se que a conceção nunca ocorre sem que exista uma simpatia mútua e uma unidade de propósito. Esta é, pois, a primeira condição necessária para uma impressão adequada do tipo humano, e para a produção de uma organização correspondente. As partes que se excitam recebem de imediato as partículas conjugadas e assimiladas, provenientes de todos os departamentos do sistema humano — e isto por força da simpatia, que também determina a qualidade dessa assimilação. Essas partículas contêm não apenas a impressão simpática da organização humana, mas de todas as suas partes essenciais, incluindo a cor da pele. Esta é apenas uma manifestação mais perfeita do que é conhecido pela medicina como "nævus maternus". É completamente dependente da condição anteriormente mencionada. Desta forma, portanto, são reproduzidos o tipo humano e até mesmo a sua cor.

Sendo assim no caso dos habitantes originais da Terra, a cor preta não poderia tornar-se mais escura. Mas, no decurso de quase dois séculos, a tez da geração então existente foi profundamente alterada, tornando-se permanentemente castanha, devido à mudança de atmosfera, clima, alimentação e condições locais. Do mesmo modo, cada cor foi sendo estabelecida de forma permanente por alterações dissimilares mas igualmente eficazes. As complexões assim estabelecidas não são imutáveis, mas manter-se-ão como são em cada uma das classes, até que novas e remodeladoras condições sejam geradas, quer na sua existência local, quer nos seus hábitos e costumes, bem como na terra e atmosfera, das quais dependem, em certa medida, a estatura, simetria, força e cor.

Tal é a forma atual da raça humana; e tais são as classificações sob as quais pode ser compreendida. E fui instruído a não falar mais sobre estas coisas — pelo menos

até que seja oportuno fazê-lo, a fim de corrigir certos equívocos quanto a estes modos de desenvolvimento progressivo, por parte daqueles que queiram investigar as grandiosas manifestações da Natureza com base apenas nas suas perceções sensoriais.

§ 85. Agora torna-se claro o motivo pelo qual as ciências paleontológicas e a ciência das correspondências foram introduzidas e abordadas na *Chave*. Pois compete agora a estas ciências desvelar a condição física primitiva da raça humana, e ilustrar o seu avanço e progresso através de correspondências e representações simbólicas.

Ao analisar os elementos essenciais da linguagem, é necessário descer até às condições a partir das quais emergiu a primeira conceção de um processo de comunicação de ideias. Em articulação com o que já foi dito sobre este tema, procederei agora à análise da linguagem, desvendando a sua origem e evolução.

A palavra *linguagem* deriva do latim *lingua*, que significa língua. Contudo, sinto que isto não transmite a ideia essencial da comunicação mental ou vocal. Pois, como já foi dito, os habitantes originais concebiam pensamentos, e estes eram expressos nos seus rostos, nos olhos, nas expressões faciais, através de gestos manuais, e por sinais exteriores e símbolos sugeridos pelo carácter dos pensamentos concebidos. Impressões eram feitas sobre os seus sentidos, as quais eram transferidas de forma correspondente ao princípio interior que gera o pensamento. Esse pensamento, para ser transmitido à mente de outro, precisava de ser claramente expresso, tipificado ou exemplificado, através do olhar, da expressão facial, dos gestos ou por representações simbólicas. Esta, portanto, é a filosofia da expressão vocal ou física dos pensamentos, sentimentos, emoções ou afetos do princípio interno e vivente.

Dessa forma, os habitantes originais começaram a transmitir entre si os seus pensamentos rudimentares e confusos. Como o seu interior estava imperfeitamente desenvolvido, isso impedia o desabrochar espontâneo de pensamentos perfeitos e distintos, que pudessem ser expressos por representações exteriores uniformes e substanciais. Daí que rapidamente surgisse desunião entre eles, devido à dessemelhança das expressões verbais e físicas. Contudo, não me deterei sobre os efeitos que daí resultaram, mas prosseguirei com uma exposição coerente sobre o progresso e modificação da linguagem interna das correspondências.

A humanidade começou por expressar os seus pensamentos através das configurações do rosto. Quando sentiam amor, o rosto mostrava um sorriso de prazer, semelhante a uma iluminação brilhante. Quando os pensamentos se voltavam para coisas ocultas aos sentidos e à compreensão, os olhos baixavam; e, quando se elevavam, os olhos voltavam-se para cima. Os rostos também expressavam prazer, medo e raiva. Para descrever velocidade, corriam com a mesma rapidez do

pensamento. Para exprimir apatia e tédio, repousavam de modo correspondente ao pensamento que sugeria essa expressão. Quando tinham fome, demonstravam fraqueza e abatimento. E assim, de modo semelhante, comunicavam-se por sinais naturalmente sugeridos pelo pensamento que fosse despertado, seja pela ação de objetos exteriores nos sentidos, seja pela influência das consciências internas.

Enquanto esta forma de linguagem se manteve inalterada pela invenção de faculdades engenhosas, mantiveram-se em união pacífica; mas quando os sinais artificiais começaram a sobrepor-se a estes modos de expressão, foi então que as suas comunicações se tornaram enganosas e irreais: e assim dissolveu-se grandemente a unidade de pensamento e as relações sociais harmoniosas que antes existiam entre eles. A partir desse momento, as nações derivadas começaram a construir objetos correspondentes às ideias que pretendiam transmitir. Criaram figuras e representações simbólicas para exprimir de forma distinta os pensamentos gerais que concebiam, sem ainda recorrerem à voz como forma de expressão. Assim, a linguagem evoluiu do manual e corporal para a representação instrumental.

Contudo, depressa sentiram os inconvenientes de não possuírem um modo mais perfeito de expressar os muitos pensamentos menores que lhes ocorriam constantemente, tanto na presença uns dos outros como nas suas condições sociais e nas exigências físicas. Perplexos por essa limitação, começaram a representar esses pensamentos menores com sons distintos, completamente governados pela sugestão natural do pensamento que se queria comunicar. Para que esses sons transmitissem sempre a mesma ideia, tentaram estabelecer uma regra comum para orientar a expressão vocal de cada um.

Esta foi a conceção rudimentar dos princípios gramaticais; pois, por meio desses princípios, os sons ou palavras passam a transmitir, sob quaisquer circunstâncias, os mesmos pensamentos ou ideias. A regra adotada entre as nações primitivas, para garantir que os sons vocais exprimissem sempre as mesmas ideias, revelou-se de grande utilidade na preservação da unidade da sua existência, proporcionando também o prazer de comunicar claramente, por via vocal, os pensamentos menores uns com os outros.

Depois disso, quando as nações se dispersaram por outras partes da Terra, como já foi descrito, esses sons passaram a ser representados por caracteres hieroglíficos, ou por pequenas figuras e traços. A mesma regra determinava ainda o significado do som; e a impressão sonora era fixada em alguma substância material, para que as ideias assim rapidamente expressas pudessem ser conservadas para instrução das gerações futuras. Tal era o estado da linguagem à época do povoamento da península do Iucatão e das regiões adjacentes.

Durante um longo período após essa época, a linguagem simbólica e de correspondência permaneceu inalterada entre os habitantes da Terra. Durante muitos séculos, não houve progresso notável nesse campo. Mas o desenvolvimento seguinte da linguagem deu-se entre os habitantes da Península Ibérica e da Ásia. Os primeiros modificaram as representações externas das ideias concebidas pelas nações anteriores, transformando-as em formas hieroglíficas mais perfeitas, embelezadas pela perícia mecânica que haviam alcançado. Começaram também a desenhar figuras em superfícies lisas — o que constitui a primeira sugestão da arte da pintura. Levaram esta prática a tal grau de perfeição em Espanha, que as suas representações poderiam ser designadas por "linguagem por imagens".

As nações asiáticas, por outro lado, preservaram a forma verbal e gramatical de expressão, melhorando-a de tal modo que vestígios dessa linguagem ainda subsistem entre vários povos da Ásia na atualidade. Os habitantes da China consolidaram-se mais do que qualquer outro povo na linguagem monosilábica das nações do sul. Também exprimiram os pensamentos na linguagem das correspondências, ou seja, através de representações em forma de imagens e hieróglifos. Os chineses mantiveram inalterado o seu modo de comunicação vocal; ao passo que outras línguas foram sendo formadas pelas nações derivadas e distribuídas noutras partes do hemisfério oriental.

§ 86. É impossível traçar a etimologia de cada idioma, visto que existem tantas variedades de idiomas, dialetos e até mesmo conceções e pensamentos que influenciaram a formação etimológica. E seria inútil recorrer às pesquisas dos glossologistas e etimologistas, pois cada um deles, nas suas investigações, apenas reuniu factos locais e superficiais, com a intenção de sustentar determinada hipótese. As conclusões extraídas de tais factos não são fiáveis nem úteis como guia para investigações sobre a origem e forma primitiva da linguagem, nem sobre o processo pelo qual esta assumiu as suas atuais e incontáveis variações.

Observe-se, então, que os primeiros elementos da linguagem rudimentar e monosilábica estavam contidos nas representações hieroglíficas que expressavam os sons usados entre os habitantes anteriores, como um avanço na forma de expressão. Foi desta fonte que brotou a língua chinesa. Enquanto esta nação se consolidava na sua forma de expressão derivada dos hieróglifos originais, outras nações, aperfeiçoando o estilo original, adotaram uma forma totalmente nova de comunicação gramatical, mecânica e vocal. Assim, a partir da impressão dos sons, estabeleceu-se a ortografia da língua grega — uma língua caracterizada por uma forma de expressão sintética diferente de qualquer outra, regida por regras gramaticais completamente distintas. Substantivos, verbos e adjetivos, pela regra gramatical ascendente dos gregos, eram organizados em sintaxe; e assim se estabeleceram como partes distintas da fala.

Assim, pois, a classificação dos sons determinou a classificação dos nomes, verbos, adjetivos e preposições entre os Gregos. Cada sinal sugeria um som vocal de acordo com o uso primitivo, e, ao associá-los entre si segundo essas formas gramaticais, podiam transmitir uns aos outros ideias distintas sobre objetos, substâncias, qualidades, ações ou motivos, acerca dos quais desejassem comunicar conhecimento ou impressões. Assim, a língua grega nada mais é do que um conjunto de símbolos minuciosos ou caracteres distintos, cuja combinação forma a palavra; a palavra associa-se ao som, e o som evoca a ideia que se pretende exprimir. E de que serve o sentido da audição, senão para receber impressões através do som, tal como o sentido da visão recebe impressões da forma de uma palavra, objeto ou substância?

De uma outra nação distinta, originou-se, a partir do seu costume hereditário de comunicação verbal, uma nova língua ou estilo de expressão: o hebraico. Depois, de forma semelhante, surgiu o latim, bem como todas as línguas, dialetos e modos de expressão corpórea e hieroglífica que distinguem as diversas nações sobre a face da Terra.

É oportuno agora falar dos habitantes aborígenes da América. Estes assimilaram a forma primitiva de expressão após terem chegado a esta parte do mundo; mas era então imperfeita, sem regras gramaticais para reger o som, o gesto ou a representação. Posteriormente, formaram um conjunto de sons em figuras que marcavam em árvores, cascas, pedras e outros materiais apropriados. Abandonaram depois essas figuras em favor da invenção mais eficaz de caracteres minuciosos que, por causa de um intelecto pouco desenvolvido e de faculdades imperfeitas de individualização, compuseram em expressões compostas, como se verifica na fala polissilábica atual dos índios. Acumulam muitas dessas pequenas figuras numa expressão composta para transmitir um único pensamento — sendo que uma só dessas partes não transmite por si qualquer ideia, nem representa algo para a sua própria mente ou para a de outros.

Em contraste com isto, cada carácter da língua chinesa é um representante substancial de um pensamento; e por isso a sua linguagem é composta apenas de caracteres monossilábicos; ao passo que o grego, o hebraico e o latim empregam figuras compostas, letras ou caracteres para escrever ou expressar uma ideia — distintos entre si e diferentes dos usados por qualquer das outras nações.

Tudo isto prova que a expressão externa do pensamento, do sentimento e da emoção teve origem nas configurações naturais e corpóreas dos primeiros habitantes, que, após se separarem e isolarem uns dos outros, conservaram as correspondências primitivas e, a partir delas, originaram os vários e distintos modos de expressão que hoje existem no mundo.

A história primitiva não transmite relatos fiáveis sobre a linguagem dos habitantes da Terra antes da consolidação da dos habitantes da China. Contudo, chegou-se a supor, em certa altura, que o grego teria sido a primeira língua falada, dado que todos os escritos sagrados originalmente em posse dos judeus estavam em grego.* Mais tarde surgiram os escritos judaicos em hebraico; que, como se verá adiante, foram posteriormente traduzidos para o latim e depois para as línguas indo-europeias e para o inglês.

Importa observar que, apesar das conclusões de filólogos e linguistas modernos que estudaram profundamente o assunto, e que defendem que os hieróglifos serviam como representações alfabéticas e não como formas separadas de transmitir ideias, a verdade é que, nas idades mais remotas, os hieróglifos exprimiam pensamentos substanciais. Só mais tarde assumiram a forma de representações alfabéticas, que nada mais são do que formas sintéticas ou compostas de expressão.

Fica assim claro que a linguagem é uma invenção externa e artificial — nada mais do que um modo hieroglífico de exprimir sons por meio de sinais compostos. Dos caracteres minuciosos surgiram as letras. Estas começaram a ser usadas como tal devido à sua capacidade de representar sons distintos; antes disso, cada letra era uma palavra; depois disso, as letras, combinadas, passaram a formar sílabas ou palavras, que transmitem uma ideia simples ou composta através do som que, na mente, se associa ao pensamento.

A expressão verbal, física e hieroglífica é externa, superficial, enganadora e prejudicial à espécie humana. As línguas e dialetos atuais das várias nações do mundo surgiram inteiramente como consequência da má orientação das faculdades sensoriais e do julgamento — um infortúnio que acometeu os primeiros membros da espécie humana. Mas, como a linguagem está inseparavelmente ligada à origem dos pensamentos, ela será ainda abordada no decurso desta obra, quando for discutida a origem dos muitos pensamentos superficiais, antinaturais e mal orientados que hoje impedem a maré ascendente do progresso humano. E, nesse contexto, a origem da linguagem — bem como as suas tendências impróprias, profanas e corruptoras — será explicada mais a fundo.

§ 87. Desejo que todas as mentes, cujos sentidos materiais possam comungar com os pensamentos e princípios aqui apresentados, compreendam plenamente o carácter das minhas impressões. Desejo que todo o mundo me compreenda corretamente, para que possam ver com clareza as exposições que faço de todos os revestimentos externos, superficiais e ilusórios da verdade. Para que o leitor compreenda a origem das minhas impressões, seria necessário dar uma explicação que ultrapassaria o âmbito do assunto que agora se trata. Contudo, desvelarei brevemente a natureza dessas impressões, para evitar qualquer equívoco decorrente das generalizações sem

reservas que faço de coisas que considero irreais, ilusórias, superficiais e contrárias aos princípios divinos que permeiam o Universo.

Pede-se ao leitor que suspenda o seu juízo em relação a este paradoxo até ler o que se segue.

Ao examinar o que foi dito acerca da história física e paleontológica da nossa Terra, ver-se-á que desço até ao germe da existência humana, e passo a descrever as ondas sucessivas de desenvolvimento em cada época e geração. Não começo pela ordem atual das formas materiais e criações exteriores, nem coleciono factos como provas de coisas anteriores ao presente, com a intenção de defender alguma hipótese pré-concebida. Por isso, as minhas observações e argumentos devem diferir, em maior ou menor grau, dos de qualquer outro autor e das opiniões já estabelecidas da presente geração.

Os homens têm apenas conseguido traçar, a partir do exterior da ordem presente da criação, o que existiu no interior da história do mundo; e assim a história do mundo, da humanidade, das diversas ciências e da teologia é compreendida apenas à luz de evidências superficiais. Pois é-lhes impossível penetrar o interior da história primitiva do mundo e obter conhecimento das coisas de que falo, visto que os registos históricos de tudo isso são limitados, ambíguos, indefinidos e, em muitos pontos, completamente inúteis. Mas eu sou movido por uma impressão de conhecimento sobre a história interior e germinal de cada coisa que descrevo. Por isso, desço até aos pontos mais elementares dos assuntos que abordo, e prossigo as minhas descrições segundo os desenvolvimentos ascendentes que inevitavelmente fluem desse germe — desenvolvimentos que, por fim, entram no campo do conhecimento histórico e da experiência real.

E, conforme foi indicado na *Chave*, não me sinto impelido a descer aos pormenores de nenhum assunto, visto que “os pormenores são as ramificações irreais de princípios gerais, desdobrados à observação externa da humanidade.” Assim, as minúcias são, segundo as minhas impressões, irreais e supérfluas, embora muitas vezes sejam reunidas como provas para sustentar hipóteses metafísicas. E, sendo irreais, sou obrigado a desconsiderá-las; procuro, portanto, estabelecer apenas princípios gerais, com base em evidências universais.

Tais são os impulsos das impressões ou direções interiores que recebo. E quaisquer que sejam as preferências ou aversões de entre os muitos que venham a ler estas palavras, estas não poderão, de forma alguma, influenciar a natureza ou a expressão das minhas impressões, pois estas são-me demonstradas como reais e, consequentemente, justas.

Assim, introduzo os meus comentários gerais sobre bagaiografia, bibliografia, arqueologia e outros ramos distintos da teologia — cujo desdobramento requererá um apelo direto à ciência que denomino *Correspondências*. Sinto-me compelido a descer aos departamentos subordinados do pensamento humano mal orientado e da teologia errónea; e, ao fazê-lo, descreverei os efeitos que emergiram desta última, efeitos que têm contribuído em grande medida para dissipar a veneração profunda que tende a preencher o espírito ao contemplar este tema, mostrando que, afinal, este não é digno do nome de teologia.

Inúmeras obras foram escritas sobre este assunto — obras que ocuparam o tempo e os talentos de muitos homens iluminados — e que exigem ser tratadas com grande prudência e respeito, mas que devem ser veneradas apenas na medida da sua pureza e veracidade interior. Contudo, o tema em si é um dos que mais vidas humanas sacrificou do que alguma vez beneficiou, ainda que minimamente. É um tema que desuniu pensamentos, sentimentos e afetos entre pais e filhos, e que insuflou elementos de loucura, imbecilidade e superstição no seio das famílias, das comunidades e de reinos outrora pacíficos e unidos.

Trata-se de um tema entrelaçado com os próprios elementos da imperfeição; e, à medida que esses elementos se foram desenvolvendo, a loucura e a escuridão interior passaram a dominar todas as mentes sob a sua influência. E a loucura e a inveja que daí advieram disseminaram uma miséria indizível pelo mundo. Daí também surgiram sentimentos de raiva e outras paixões corruptas e corrosivas. A raiva alimentou o vício e a transgressão generalizada dos princípios morais. Essa transgressão envolveu toda a raça humana numa manta de intolerância sectária, ignorância degradante e superstição revoltante ao juízo. A superstição inspirou chefes com espírito de tirania e despotismo, sustentou soberanos, elevou pastores teológicos, e lançou os habitantes desinformados da Terra nos mais profundos abismos de pobreza, obscuridade mental, imbecilidade e fanatismo.

O mundo inteiro, assim desunido nas suas relações sociais e teológicas, tem manifestado apenas os extremos do pensamento mal orientado e da imaginação antinatural. Toda a tendência natural da mente humana para respirar um elemento de amor universal, unidade, paz e harmonia tem sido, assim, travada e interrompida. Os elementos espirituais dentro do homem ainda não desabrocharam plenamente nas suas doces lições, salvo em algumas almas nobres, que se ergueram para proclamar: “paz na Terra, e boa vontade entre os homens.” Mas a maioria desses foi interrompida no seu percurso de pureza e reforma, forçada a ceder perante a injustiça inefável dos governantes enfurecidos e fanáticos, que empunhavam nas suas mãos a espada devoradora da perseguição!

Em tempos mais recentes, intelectos grandiosos e dignos desceram aos domínios da história primitiva e revelaram as advertências selvagens e horrendas contidas na

experiência das gerações passadas, apresentando-as ao mundo. Esses homens foram movidos por impulsos de simpatia espiritual e benevolência universal. Procuraram apresentar a verdade revelando a tendência do seu oposto. Mas os seus intelectos estavam presos por erros herdados, por uma educação imprópria, e por impressões irreais, exteriores e superficiais. A influência das suas obras históricas e metafísicas foi assim enfraquecida, e diminuiu ainda mais ao colidir com preconceitos locais, nacionais e universais — preconceitos que, em grande parte, ainda hoje envolvem as mentes livres dos homens.

Esses autores apresentaram nas suas obras uma mistura heterogénea de cerca de cinco partes de erro e três de verdade. No entanto, demonstraram um genuíno interesse em banir o erro e em edificar e promover a verdade e a virtude. Sendo este um forte indício de bondade inata, merece a devida admiração e simpatia de todos os que se empenham na causa comum da reforma. Tal era o carácter dos primeiros reformadores.

Ao prosseguir na investigação do tema que me proponho abordar, é, portanto, exigido o mais profundo respeito por esses intelectos profundos, embora mal orientados, e uma devida atenção a todos os seus pensamentos, escritos ou não. E é apenas por essa razão que me sinto impelido a tratar o assunto geral sobre o qual escreveram com reverência — mas não com base em qualquer pureza intrínseca ou valor prático que nele se encontre.

§ 88. Agora desço ao nascimento da teologia mitológica — uma teologia que, ainda hoje, obscurece os princípios mais elevados e puros da natureza interior do homem, destrói todos os elementos da verdadeira moralidade natural e leva os homens, de forma absoluta, a todo o tipo de vício, loucura, desunião de interesses e, como consequência, à miséria.

Comecemos por analisar a palavra *teologia*, já que a sua compreensão está na base de uma investigação adequada do tema que temos diante de nós. A palavra *Theos* é um termo grego que significa o mesmo que o latino *Deus*, e pretende representar — como pode ser constatado no *Zend Avesta* de Zaratustra (Zoroastro) — o Espírito Supremo e em movimento que permeia o Universo, a quem chamamos Deus. Os termos gregos *Theos* e latinos *Deus* derivam de sons destituídos de significado, cuja origem é impura.

Aqui, então, manifesta-se a imperfeição e a tendência prejudicial da expressão vocal ou escrita. Pois nunca foi formado um som, nem proferida uma palavra, que pudesse transmitir sequer a mais ínfima conceção daquela Essência que tudo penetra — esse Grande Princípio Espiritual, essa Grande Mente Positiva e Omnipotente, que habita no Vórtice de onde fluem milhões e milhões de Sóis, de Sistemas, de Universos, que se estendem pelo espaço indefinível até quase o preenchimento do

espaço em si — e que não constituem mais do que a expressão de um único Pensamento emanado do vórtice inesgotável de infinita Pureza e Perfeição! Nenhuma palavra ou frase alguma vez proferida — e não faço exceção à que me foi dirigida para empregar — alguma vez transmitiu à mente humana, nesta sua primeira esfera de existência, a mais pequena conceção do Princípio Divino e Infinito. Associo, portanto, às palavras *Theos* e *Deus* nenhum pensamento elevado que brote do espírito como elemento de verdadeira veneração.

Relativamente às múltiplas conceções nascidas dos intelectos juvenis e mal orientados dos primeiros da espécie humana, muito poderia ser dito se entrássemos nos pormenores. Mas, sendo o objetivo relatar a origem da teologia mitológica, devo falar em termos gerais; contudo, indicarei especificamente o nascimento das conceções mais proeminentes — aquelas que foram perpetuadas até aos dias de hoje sob diversas formas, e que continuam a restringir e paralisar as faculdades do homem, a embaraçar as suas relações sociais e a obstruir o seu desenvolvimento espiritual.

Quando os primeiros habitantes estavam num estado juvenil (ou seja, quando ainda eram ignorantes dos princípios que regem a sua existência), os seus intelectos frágeis e incultos tornavam-nos suscetíveis à influência nociva do erro, e, por consequência, à ilusão e à desunião. Em ligação com o que já foi relatado, falarei agora da condição social e das infelizes circunstâncias físicas que rodeavam a família primitiva.

Durante muito tempo, viveram pacificamente e em harmonia uns com os outros, e assim permaneceram enquanto observaram a linguagem natural do princípio interior — por meio de figuras, movimentos, gestos e expressões faciais — que eram tão reais e tão verdadeiramente expressivas dos pensamentos e afetos interiores da mente. Mas, ao descobrirem a capacidade de produzir sons vocais, aproveitaram-se dessa descoberta e começaram a comunicar os seus pensamentos dessa forma, pois acharam-na nova, agradável e conveniente.

Depressa abandonaram o hábito primitivo da expressão irradiada, e com ele a pureza perfeita dos seus pensamentos interiores. Passaram a não compreender os pensamentos e intenções uns dos outros, devido à dessemelhança dos sons utilizados, e tornaram-se invejosos, cruéis e enganadores, porque os sons podiam exprimir pensamentos completamente diferentes dos que realmente habitavam o interior de quem falava. Eram, assim, diferentes dos habitantes do planeta Mercúrio: pois estes, como já foi dito, desprezam os exteriores do pensamento (isto é, as palavras), e rejeitam o encobrimento da verdade com expressões falsas e enganosas.

E, uma vez que os habitantes se tornaram socialmente miseráveis devido à desunião de sentimentos e à desorganização, começaram a interrogar-se sobre a

origem desse mal. Não tinham ainda discernimento intelectual suficiente para descobrir a verdadeira causa no seu seio, e então um deles, mais inteligente que os restantes, começou a proclamar uma descoberta supostamente revelada, sendo visto pelos seus parentes como um chefe inspirado. Este afirmou ter descoberto (relatando-lhes com a expressão solene condizente com a sua posição assumida) que os "sopros" (ventos) vindos de cima traziam entre eles um elemento maligno. — E esta foi a primeira conceção da origem do mal. Esta ideia prevaleceu por muitas eras, durante as quais os habitantes se dispersaram conforme já foi descrito.

Mas, noutras povoações da família original, intelectos mais avançados começaram a investigar mais a fundo, questionando a origem desses "sopros". Como não compreendiam os desequilíbrios constantes da atmosfera, atribuíram então a causa desses ventos a um espírito maligno, invisível e indefinível, que supunham pairar sobre a paisagem ou disco terrestre em que habitavam. Imaginavam que a atmosfera constituía esse espírito. Esta foi, pois, uma evolução na teologia predominante entre eles.

As gerações seguintes não podiam aceitar que a causa do mal estivesse apenas aí (pois a inveja, a guerra e o engano tinham claramente aumentado); abandonaram então a ideia herdada dos seus antepassados de que a atmosfera era a causa, e adotaram a crença de que (como um filósofo entre eles procurou demonstrar através de ilustrações hieroglíficas) o Sol era o rosto de um ser colérico, impuro e disseminador de males, que insuflava esse mal nas suas mentes. Este filósofo foi então adorado como um filho inspirado das gerações anteriores. Começaram a temê-lo. Tremiam diante das imagens que ele desenhava em hieróglifos; prostravam-se e adoravam-no com todas as expressões de veneração que mais tarde caracterizariam a idolatria.

Construíram um edifício grande e imponente, com compartimentos de acordo com a sua vontade, e elevaram-no ao lugar mais alto desse templo — e ele tornou-se o chefe, o profeta, o imperador e o deus de todas as nações e tribos sob a sua influência. Pois ele tinha "descoberto" o grande inimigo deles, o seu *deus ígneo*, o seu antagonista colérico e devorador, que, segundo ele, consumiria o disco onde viviam — queimaria os seus corpos e engoliria os seus espíritos no invólucro invisível que cercava o globo. Tal aconteceria, ensinava ele, se não fosse pela sua presença quase omnipotente. E há um trecho que se aplica a eles tão justamente quanto aos habitantes da Terra na presente era, que diz: **"Os sacerdotes dominam, e o povo gosta que assim seja."**

§ 89. E agora seria prudente suspender por um breve momento as nossas investigações arqueológicas, para observar o progresso físico e social da raça humana, juntamente com o desenvolvimento do modo primitivo de expressão. Pelo que já foi relatado, entende-se que haviam cultivado as capacidades de construção

mecânica. Inventaram instrumentos para facilitar os trabalhos em que se envolviam; e, na medida em que esses instrumentos se aperfeiçoaram, puderam produzir criações mecânicas e arquitetónicas. Com a ajuda de camelos e outros animais, construíram grandes cidades, mansões elegantes, edifícios majestosos e templos imponentes — assim como todos os tipos de construções menores que lhes foram sugeridas pelos seus desejos.

O mais notável de tudo é que os seus edifícios representavam os seus pensamentos. Dessa forma, eram instruídos por correspondências, tanto sobre a história das famílias anteriores como sobre as novas revelações feitas pelo seu supremo potentado. As pequenas construções correspondiam, de formas diversas, a desejos por certos tipos de madeira, vegetais, animais e aves — os quais constituíam o alimento dos seus antepassados, e pelos quais continuavam a sentir apetite. Assim, uma construção podia representar a forma exterior de um fruto delicioso que admiravam; e, quando alguém desejava esse fruto, apontava para a sua representação. O mesmo se aplicava aos outros edifícios menores, que correspondiam a objetos específicos pelos quais pudessem ter desejo.

Os edifícios eram construídos de modo a representarem as impressões teológicas que existiam entre os habitantes que os precederam. Erguiam, pois, estruturas com interiores abobadados e formas enormes e assustadoras, com bocas abertas — representando o sopro do mal e o seu poder controlador. As suas mansões eram construídas num estilo vortical, com aberturas através das quais se via no interior a representação do rosto do suposto espírito maligno invisível, que acreditavam ser a própria atmosfera. Os seus altos e ambiciosos templos correspondiam, tanto por dentro como por fora, à vingança inconcebível e consumidora do Sol — o ser que tanto abominavam. Ao redor destes templos colocavam imagens de bronze e as cabeças dos monstros mais terríveis que se podiam imaginar; e o maior de todos os templos continha o seu grande chefe, diante do qual se prostravam com temor e com uma aparência externa de humilhação. Os templos menores abrigavam os oficiais subordinados, ou os escolhidos do potentado, que ascendiam à sua presença para transmitir ordens aos fracos, imbecis e ignorantes habitantes sob o seu governo.

Esta foi a primeira linguagem hieroglífica; pois as suas cidades eram a sua história, a sua escola e a sua doutrina. E tudo era construído para representar algum objeto exterior, ou alguma conceção da mente — por mais irreal e efémera que fosse, tal como as partículas de pedra e barro que constituíam as suas cidades imensas. Assim foi com os habitantes originais da América Central e de Pompeia.

Eventualmente, o seu governador — ao perceber que era possível conceber o local de repouso do Sol, o seu deus — procurou aperfeiçoar a opinião longamente estabelecida, proclamando uma nova descoberta: o Sol era apenas o representante de uma fonte inconcebível de fogo que existia nos domínios inferiores do enorme

animal sobre cujas costas, dizia ele, eles habitavam. Esta ideia, nas eras seguintes, consolidou-se sob a forma de crença de que o Sol surgia após o espírito das trevas se retirar, e durante muitas horas representava a grande fonte de onde provinha — e para onde inevitavelmente desceriam, caso não obedecessem a todos os mandamentos e exigências do seu poderoso governante. Após falar-lhes em linguagem ardente, acreditava-se que o Sol descia para se revestir do conteúdo do abismo ígneo, para então, no dia seguinte, poder disseminar entre os habitantes a atmosfera, o calor, o espírito invisível, ou "sopro", que lhes anunciava a destruição eterna, caso ousassem violar sequer uma vez as ordens despóticas do seu potentado.

Assim se vê que, mesmo quando o intelecto melhora — ainda que inicialmente mal orientado — a investigação, verdadeira ou não, acaba por ocorrer como consequência.

Vede agora o aspeto avassalador de um erro grosseiro e sem sentido! Vede as faculdades aperfeiçoadas das gerações posteriores a compor, a partir dos materiais brutos da família primitiva, uma crença gigantesca e imperativa — uma que reclamava autoridade para governar as mentes livres da humanidade! Primeiro o vento, depois a atmosfera e, por fim, o calor e a luz do Sol foram culpabilizados por algo que resultava apenas da desunião dos interesses sociais e, consequentemente, dos sentimentos, afetos e intenções dos primeiros habitantes da Terra! E à medida que a inteligência avançava, tornou-se necessário afastar a fonte do mal do Sol para reinos inconcebíveis abaixo da superfície — onde os olhos e o conhecimento humanos não pudessem provar a sua inexistência! O Sol era um objeto demasiado evidente para continuar a ser considerado a origem do mal: pois, se através das investigações de alguns tivesse sido descoberto que o Sol não era, na verdade, a fonte do mal — e que não inspirava pensamentos malévolos e enganosos — então o grande erro teria sido exposto para sempre, e os habitantes da Terra teriam sido libertos da sua escravidão corrupta para entrarem na gloriosa luz e liberdade dos filhos da pureza e da inocência.

Mas o potentado — suficientemente astuto e instruído na arte do engano — percebeu que este seria o resultado inevitável de tal revelação. E, temendo que o seu poder diminuísse, que a sua influência se perdesse, que o seu governo fosse derrubado e o seu império arruinado, foi impelido pelo desejo de evitar esse infortúnio a remover a origem do mal para um lugar tão profundo, tão distante e tão obscuro que seria, segundo julgava, impossível que a fraude fosse alguma vez descoberta ou exposta. E assim conseguiu estabelecer uma sublime quimera, cujos elementos modificados ainda hoje penetram profundamente nas doutrinas teológicas do presente.

Sinto-me impelido a falar com clareza sobre este assunto, para que o germe do erro depositado no mundo pelos primeiros habitantes não continue a crescer com tal exuberância nas mentes da humanidade.

§ 90. Prossigo agora para descrever a cultura mental dos habitantes do interior da Ásia e daqueles que viviam nas fronteiras do continente africano. Convém desde já referir que é-me impossível empregar nomes ou palavras que possam designar de forma mais precisa para o leitor as tribos de que falo. Pois tratamos aqui de um período da história do mundo em que cidades, localidades, nações, tribos e outras entidades específicas ainda não haviam recebido nomes — ou pelo menos não nomes que hoje nos sejam conhecidos. Deve lembrar-se que a família primitiva habitava na Ásia, e que foi das suas mentes que surgiu a conceção irreal da origem do mal. E passo agora a relatar o progresso dessa falsa impressão entre as tribos e nações orientais.

Depois da dispersão dos elementos mais avançados da família original por outras regiões, os que permaneceram não tinham faculdades suficientemente desenvolvidas para aperfeiçoar a conceção original — até que, numa geração posterior (que continuava a absorver essa ideia primitiva), surgiu uma mente capaz de a desenvolver. Mas a sua mitologia seguiu numa direção oposta à das nações europeias. Não conhecendo as doutrinas uns dos outros, e estando tão separados, era impossível que as nações comunicassem entre si ou que, por esse meio, influenciassem de alguma forma a evolução das suas respetivas teologias. Assim, as tribos orientais subsequentes originaram uma doutrina distinta da das outras nações, com base nas ideias que lhes chegavam, geração após geração, desde a família primitiva.

Naquela época, a tradição era o meio de transmissão da informação histórica. Por tradição entenda-se o modo vocal de expressão pelo qual os primeiros habitantes comunicavam as suas opiniões e experiências a cada geração seguinte. A mente iluminada de que falo, entre as tribos orientais, concebeu uma doutrina que ensinava ao povo, afirmando ter sido impressa no seu espírito por alguma influência benéfica de um espírito bom que habitava num desses "sopros" que os seus antepassados haviam sido ensinados a considerar como a origem do mal.

Sobre a condição social dessas tribos, há coisas que seria proveitoso mencionar; e ver-se-á que esses fatores foram manifestamente a razão pela qual uma teologia diferente floresceu no seu seio. Três tribos habitavam a Ásia, ocupando, respetivamente, os locais que hoje conhecemos como o território dos Japoneses, Malaios e Indo-Persas. A primeira dessas tribos deslocou-se em direção ao continente africano e depressa descobriu um belo vale, que viria a ser denominado Sinear*. Enviaram então mensageiros às tribos irmãs, o que resultou na vinda destas

também para o vale, onde, unidas, formaram uma nação jovem e viveram juntas durante muitas gerações em perfeita paz e harmonia.

Seria conveniente observar as causas dessa feliz convivência consocial. As regiões circundantes de África e da Ásia eram muito férteis em produções úteis do reino vegetal. Várias árvores produziam um tipo de leite que era amplamente aproveitado. Com os seus utensílios de caça, conseguiam também abater certas espécies de animais que constituíam parte essencial da sua alimentação. Estando assim providos de todas as necessidades físicas, voltaram-se para o cultivo das suas faculdades e tornaram-se exímios na construção de objetos belos e delicados. Convém aqui referir que os atuais chineses exibem a perfeição de todas aquelas invenções delicadas, excêntricas e fantásticas que foram inicialmente concebidas por este povo. Começaram por criar artigos de bordado feitos de ervas e fibras de uma certa espécie de árvore. Entre outras coisas, fabricavam singulares coberturas para a cabeça e vestimentas feitas de erva entrelaçada e fibras, forradas com peles de animais. Estas eram as artes que cultivavam.

** Ver Génesis 11:2.*

A sua condição social, sendo favorável, originava como consequência um grau mais perfeito de tranquilidade mental; e, em resultado disso, ideias teológicas mais elevadas e nobres emergiram entre eles. Assim, enquanto tudo se encontrava neste estado, a mente de que falei apresentou uma nova conceção. Transmitirei agora as suas palavras, embora não tenham sido registadas:

"As grandes águas," disse ele, "conservavam o espírito do qual os vossos antepassados falaram. E, nessa época, apenas a água existia. O grande espírito formou esta terra, e estas muitas coisas à nossa volta, e os muitos deuses acima de nós e os seus domínios, bem como as terras que se estendem para além do que o grande espírito pode ver. Este espírito estava então, enquanto nas águas, adormecido. E chamavam-lhe *Paramo*. Mas, ao desejar que alguns seres vivos o adorassem, despertou do seu repouso e soprou um espírito por todas as águas, e as águas moveram-se desde as suas profundezas. E a esse espírito que moveu as águas chamaram *Narasayana*."

Nar, na antiga língua indiana, significa *água*; e *sayana* significa *poder de mover*; assim, os dois termos juntos significam "águas em movimento". Nas profundezas das águas, ensinava ele, foi criado um grande ovo. Este, pelo movimento das águas, expandiu-se finalmente, libertou o seu conteúdo e formou instantaneamente a terra sobre a qual viviam. Assim, dizia ele, foi o mundo criado.

Juntamente com a Terra, dizia ele, o espírito Vishnu (que era o segundo espírito) criou a forma humana — a qual colocou, como os seus antepassados ensinaram,

num belo jardim repleto de frutos deliciosos, do qual fluía um rio que se dividia em três, correspondendo aos grandes espíritos Parama, Narasayana e Vishnu. Depois, dizia que o grande espírito deixou as águas (pois estas haviam-se tornado em terra firme), e ascendeu a reinos para além daquilo que o conhecimento humano poderia alcançar, e que apenas se manifestaria a ele (o chefe inspirado), sempre que o povo consentisse em oferecer uma das suas mulheres mais admiráveis como sacrifício à sua glória.

O espírito que procedeu de Parama (Vishnu) permanecia ainda junto da Terra, e não era um espírito tão bom como aquele que o enviara para criar o homem. E o terceiro espírito — o que habitava nesses "sopros" — era o mais maligno de todos, e tentava provocar uma separação eterna entre o espírito que habitava no homem e o grande espírito Parama. "E," dizia ele, "sou eu quem vos preserva da ira deste espírito. E, se consentirdes em oferecer sacrifícios, isso ajudar-me-á a aplacar a sua fúria, e não sereis lançados nas entranhas da Terra, onde ainda permanece outro ovo, e onde habita o espírito que produz estes 'sopros', de quem ouvimos falar pelos nossos antepassados, e que será forçado a viver para sempre entre os espíritos que enganou e aprisionou." Assim, dizia ele, viveriam, conforme o modo de vida que tivessem seguido, ou próximos do trono de Parama, ou dentro desse grande ovo, com o espírito que levara os seus antepassados a tornarem-se maus, ao soprar o mal nas suas mentes.

Peço àqueles que desejem ser instruídos sobre a veracidade desta exposição, que consultem os escritos de mentes posteriores e mais amadurecidas — ainda que igualmente mal orientadas — tais como Hesíodo (a quem Homero se refere amplamente, e de quem obteve muitas das suas comparações ambíguas e alegóricas), Tales, Pitágoras, e também o *Zend Avesta* de Zaratustra (Zoroastro), que recebeu, pela tradição destas nações, os rudimentos da sua filosofia.

§ 91. Apesar de ser um avanço em relação ao tema sob consideração, exporei brevemente o sistema de Zaratustra, no qual se podem perceber as mesmas ideias, embora mais claramente expressas e organizadas de forma mais sistemática.

O grande espírito reconhecido pela tribo oriental sob o nome de *Parama* (posteriormente chamado *Brahma*) é denominado por Zaratustra *Ormuzd*. Este ser, ensinava ele, era aquele que existia em reinos para além da conceção humana. Era um ser bom; e, constantemente, ascendiam à sua presença e dela desciam espíritos bons subordinados (*elohins*). Estes ocupavam uma esfera ou domínio um pouco abaixo de Ormuzd. Abaixo destes encontrava-se outro círculo de anjos ou espíritos, ainda menos bons do que os anteriores. Estes eram os primeiros ou inferiores *elohins*; e os superiores, designados *amshaspands*, eram anjos que, por serem superiores em bondade, tinham permissão para ascender à presença de Ormuzd. Este último, sendo um espírito bom, era um eterno inimigo do mal.

Nota do autor: Quando posteriormente questionado sobre esta passagem, o autor afirmou que Homero e Hesíodo foram contemporâneos, e que Hesíodo recolheu tradições da demonologia dos antigos, que Homero poetizou. A expressão "de quem Homero fala" deve, portanto, entender-se simplesmente como "a quem Homero se refere ou cita", embora eu mantenha a expressão tal como a encontrei nas minhas notas. Voltarei a fazer alusão a este assunto mais adiante.

Em contraposição a este ser, Zaratustra elevou o espírito Vishnu e Narasayana do teólogo oriental a uma posição tão elevada e dominante quanto a de Ormuzd. A este chamou Ahriman. Era um espírito maligno e um eterno inimigo de toda a bondade. Numa esfera ou círculo inferior a este espírito, Zaratustra também situou uma legião de espíritos subordinados — e ainda outra esfera de espíritos malignos abaixo destes, de acordo com o grau da sua maldade.

Pelo poder de Ormuzd, a Terra e o Homem foram criados. Pelo poder de Ahriman, o mundo e a humanidade tornaram-se pecaminosos e repulsivos aos olhos dos bons espíritos; e ele também impedia que o espírito dentro do homem fosse puro e bom, conforme o desejava o ser benevolente. Zaratustra concebia também que estes dois seres, juntamente com os seus exércitos poderosos, estavam envolvidos numa grande guerra. E profetizou que, por fim, o espírito maligno e o seu reino seriam destruídos para sempre, e que o mundo e a raça seriam então tornados bons aos olhos de Ormuzd, o qual, depois de toda a raça se ter tornado em amshaspands, exultaria pela conquista por toda a eternidade.

Consulta também os ensinamentos de Xenofonte, Sócrates e Platão, e aprende com eles a demonologia dos primeiros habitantes da Terra. Aprende igualmente as modificações posteriores do idealismo teológico, resultantes do progresso intelectual. Mas sinto-me impelido a retomar e continuar a descrição anterior.

As tribos subsequentes tornaram-se firmes na opinião avançada por este chefe instruído — que agiu com muito mais acerto ao apresentar as suas conceções ideais aos seus irmãos do que muitos teólogos estudiosos, eruditos e bem-intencionados da atualidade. E há um ponto proeminente na doutrina deste teólogo oriental que produz mais consequências benéficas do que muitas opiniões de eras posteriores.

Eles pouco haviam avançado na arte de escrever ou de gravar os seus pensamentos em objetos externos. Assim, ele apenas podia proclamar as suas ideias verbalmente, e não podia registá-las por escrito nem transmiti-las a gerações futuras. E de facto, é lamentável que a escrita tenha sido posteriormente utilizada como meio para transferir conceções grosseiras e cruas às mentes de geração após geração, perpetuando-as até aos nossos dias.

O erro começou com o homem — por causa da sua inocência e faculdades não instruídas; porque não observou as condições necessárias para a sua felicidade; e porque cultivou uma artificialidade enganadora em vez da pureza e elevação interiores. E de um pequeno fio de água, o erro humano cresceu até se tornar um vasto oceano, sendo as muitas nações da Terra os seus afluentes. As contaminações e sofisticações destas fluíram para o grande curso da iniquidade humana. Este cobriu toda a face da Terra; lavou cada seio de paz, deixando apenas os resíduos de miséria e imbecilidade. Prostrou e devastou nações; consumiu e engoliu os princípios de moralidade e refinamento que são naturalmente próprios ao homem. E a geração atual encontra-se também, em parte, imersa neste grande oceano de iniquidade e desorientação. A sua verdadeira condição é-lhes desconhecida; mas estão dentro e à beira do grande mar do vício e da miséria, e serão submersos pelas ondas da desgraça, se não receberem agora instrução e não se esforçarem por alcançar a arca da verdade e da proteção eterna, que ainda flutua sobre a maré.

Destas coisas pode ver-se claramente que a origem do mal está nos erros da associação humana, e não nesses "ventos", espíritos, deuses, demónios ou potentados supremos a quem o homem, desde o início até ao presente, tem falsamente atribuído a culpa.

Mas, como relatei, essas tribos orientais continuaram a existir com unidade de sentimento e interesse, e acolheram e preservaram as novas doutrinas do seu líder. Contudo, as coisas não se manteriam sempre assim: pois, por volta do meio da quarta geração, essa nação dividiu-se devido a alguma discrepância social, e uma tribo partiu rumo ao oriente e instalou-se onde hoje é a China; outra foi para o leste da Ásia; outra para onde hoje é o Egipto; e os restantes permaneceram como antes.

Sinto que a teologia da nação do sul da Europa, bem como a destas tribos, permaneceu aproximadamente inalterada até ao evento na história física da Terra conhecido como o dilúvio.

À medida que prosseguimos, mencionarei a origem da "história primitiva" de que antes falei. Mas é necessário, antes de descrever o dilúvio agora iminente, abordar a origem de certas passagens dessa mesma história registadas antes do relato do dilúvio. E sinto fortemente que o mundo deveria reconhecer com gratidão o autor do livro do Génesis, por ter transmitido uma história clara e verídica de toda a teologia tradicional primitiva e das impressões mitológicas da antiguidade.

§ 92. Convém mencionar que o livro do Génesis foi escrito pelos judeus na Pérsia, numa altura em que uma parte desse povo se encontrava em cativeiro*. E os relatos nele contidos são extremamente fiéis, pois refletem a teologia dos persas, recebida da história tradicional e sistematizada por Zaratustra.

Para que se possa perceber o paralelismo entre a conceção anterior do chefe da tribo oriental e a generalização final da mesma narrativa, contida no primeiro capítulo do Génesis, recorde-se que esse chefe proclamava ao seu povo que Parama habitava nas grandes águas, e ali repousava há muitas eras: o que corresponde à passagem da "história primitiva" que diz: "E a terra era sem forma e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus movia-se sobre a face das águas." O filósofo oriental dizia que "Brahma soprou um espírito" (o qual era Narasayana, significando águas em movimento). E a passagem que diz "E as trevas cobriam a face do abismo" foi derivada do trecho em sânscrito que diz: "E Brahma estava nas grandes águas e dormia"; a palavra "dormia" foi traduzida como "trevas" na outra passagem.

Na mitologia oriental, o relato prossegue: "E Brahma saiu das águas, e o ovo formou os terrenos e os sopros"; enquanto que, em paralelo, a "história primitiva" assim o relata: "No princípio, Deus (significando Brahma) criou os céus e a terra." — "Céus" é, na linguagem sânscrita, traduzido por "sopros"; em hebraico, "shemayim" — significando a atmosfera. E segundo a versão sânscrita do mito oriental, "o espírito" que estava a dormir (isto é, as trevas) "saiu das águas, e a luz apareceu: e Brahma viu que era bom."

Além disso, este chefe oriental reteve as impressões iniciais da raça, que lhe chegaram por tradição através das gerações anteriores, embora de forma imperfeita. E tendo perdido parte da impressão original sobre a condição dos primeiros habitantes, relatou-a de forma modificada, tal como a recebeu, na narrativa da criação feita pela sua divindade. E isso sugeriu-lhe os seguintes pensamentos: que depois de Parama mover as águas, e estas darem origem ao mundo por meio do desenvolvimento das qualidades do ovo, elas também, ao mesmo tempo, formaram o homem, e o colocaram num lugar belo e fértil, segundo o conhecimento que tinham da história dos seus antepassados: e ele apelou ao saber da geração então viva, o que confirmou nas suas mentes não apenas a veracidade da sua cosmogonia, mas também a do relato transmitido pelos seus antepassados.

Em resposta a uma pergunta, o autor afirmou posteriormente que se tratava do cativeiro de uma pequena parte de uma tribo judaica, ocorrido muito antes do cativeiro babilónico, mas do qual não temos registo histórico. O leitor deve também ter presente que aqui se fala particularmente da origem da primeira parte do livro do Génesis, contendo a história da criação, do dilúvio, etc.

E o relato da "história primitiva" apenas mostra uma transição da forma crua e específica como ele expôs a sua teoria, para uma descrição mais geral — como se segue: "Façamos o homem" (*isto é*, significando Brahma e Vishnu, o espírito supremo e o espírito subordinado). "Assim Deus criou o homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se alma vivente." Isto é traduzido da

mitologia oriental para a língua sânscrita da seguinte forma: “Com a terra, o homem foi formado; e os ‘sopros’ despertaram-no, e ele era mau.”

“E Deus plantou um jardim, e colocou nele o homem que havia criado.” Isto traduz-se na língua sânscrita, segundo a tradição desta nação oriental, por: “E ele [isto é, o homem] foi colocado numa porção de terra onde cresciam árvores, flores e frutos deliciosos; o que tornava felizes os nossos pais, e agradava ao grande espírito Brahma.”

Mais adiante, a “história primitiva” relata que “Deus viu que não era bom que o homem estivesse só. Então fez cair sobre Adão um sono profundo, e tomou uma das suas costelas, fechando o lugar com carne. E da costela fez uma mulher, e entregou-a ao homem.” Isto o chefe oriental ensinou da seguinte forma, e assim está escrito em sânscrito: “E enquanto os nossos pais se deleitavam na beleza do bom espírito ao seu redor, sentiam-se sós; e enquanto assim se sentiam, Parama fê-los adormecer. E enquanto ainda eram como as grandes águas, o bom espírito enviou-lhes da sua mão um número mais fraco de mães e outros irmãos. E o bom espírito fez os pais despertar: e eles contemplaram-se mutuamente, e os nossos pais amaram-nos. E então passaram a viver juntos, uns com os outros: e o bom espírito Parama ficou satisfeito.”

Conforme descrito anteriormente, estas duas tribos ou famílias estabeleceram-se em locais separados, sem saberem da existência uma da outra. O povo de uma das tribos, sendo maduro, forte e de constituição gigantesca, foi chamado pelo chefe oriental de “seus pais.” Estes habitavam a Ásia oriental. E a outra tribo era uma de constituição imperfeita e efeminada; e por fim, como foi relatado, descobriu a tribo mais madura, e ambas se uniram como uma só família. Dessa família brotaram todas as impressões tradicionais que o chefe oriental recebeu; e sobre elas ele edificou e refinou a sua teologia, até que se estabeleceu a língua sânscrita, e o prácrito e o magadhi, cujos rudimentos entraram na língua indo-chinesa. Da mesma fonte comum vieram os rudimentos do grego; altura em que o hebraico estava quase perfeitamente estabelecido — e também o latim.

Assim, estas impressões demonológicas tradicionais foram preservadas em caracteres até ao estabelecimento da língua sânscrita — foram traduzidas por algumas tribos germânicas* para o grego — e essas traduções chegaram às mãos dos judeus — foram compiladas e transcritas para o hebraico — e posteriormente levadas por uma parte destacada de uma tribo para o reino persa — ali permaneceram durante vários séculos, até que Zaratustra sistematizou finalmente a teologia crua dos manuscritos originais, a qual era também a teologia dominante entre outras nações além dos persas. E por meio do exército persa, ao sitiar partes da nação judaica, estes últimos ficaram exacerbados contra os persas, o que culminou na perda da sua liberdade, sendo mantidos sob domínio persa em cativeiro. Foi então

que os judeus reescreveram o conteúdo desses manuscritos na sua própria língua, levando-os consigo ao fim do seu cativeiro. Depois, o grego recebeu-os do hebraico; o latim, do grego; e o inglês, do latim.

Assim, a "história primitiva" deve ser profundamente respeitada pela veracidade que preservou na narração da tradição oriental, da mitologia e da teologia, tendo em conta que foi transmitida de geração em geração; que algumas passagens foram alteradas e outras apagadas; que houve alguma compilação imperfeita, e que tantas pessoas interessadas estiveram envolvidas na sua transmissão às gerações subsequentes!

§ 93. Deve compreender-se claramente que ascendeu-se agora, na história hagaiográfica e arqueológica das primeiras tribos da humanidade, ao período de um acontecimento na história física da Terra conhecido como o dilúvio. Descrevi as ideias primitivas dos habitantes do sul da Europa e da América do Sul, com as suas modificações ascendentes. Dei também uma visão do estado e progresso das primeiras tribos dos continentes asiático e africano, que no seu avanço estabeleceram uma teologia distinta da de outras nações. Não conceberam novos e relevantes conceitos mitológicos após o estabelecimento daqueles de que falei. E assim permaneceu tudo até ocorrer a transformação física denominada dilúvio.

Este termo provém do latim *diluvio*, que significa "transbordar", e *diluvium*, uma inundação. Torna-se necessário observar as diversas impressões que este poderoso acontecimento produziu nas mentes da humanidade.

Entre aqueles que dependem da história superficial para o seu conhecimento, crê-se que o dilúvio tenha sido uma submersão universal da face da criação. Muitos têm empregado as mesmas nobres faculdades para propagar este equívoco como o fariam se se tratasse de uma verdade divina. Mas a razão é evidente para toda pessoa que possua perceção e discernimento interior, quanto ao porquê de tais homens, ao longo de todas as eras até aos nossos dias, terem depositado a sua fé em evidência superficial, e nela confiarem profundamente. Portanto, tais mentes nobres e bem-intencionadas devem ser amadas e tratadas com brandura: pois são apenas vítimas de um equívoco; e nas teorias que absorveram, tornaram-se profundamente instruídas.

Mas há outro grupo de mentes, que, insatisfeitas com as primeiras impressões e filosofias ilusórias, as abandonaram, passando a investigar as operações naturais de todas as leis físicas e princípios do Universo. Estas mentes descobriram, segundo os ensinamentos divinos e imutáveis desses princípios, que uma inundação universal era fisicamente impossível: pois o envoltório atmosférico não conseguiria sustentar vapor de água em quantidade suficiente para cobrir toda a Terra ao condensar-se.

As investigações geológicas também revelam evidência contra tal possibilidade. Além disso, não há razão substancial para que ocorresse um dilúvio universal. Seria irrazoável supor que a Natureza, tendo desenvolvido o mais elevado tipo de organização física — o Homem — isto, inclusive, por meio das operações das suas leis imutáveis, da sua Essência divina e viva, e da sua obediência constante ao Grande Espírito Positivo — tenha, após criar todas as coisas, decidido aniquilá-las. Pois o homem não é responsável, da forma como essa hipótese implicaria, pelas suas imperfeições originais ou presentes; essas surgiram necessariamente da sua situação social e moral inculta. Na verdade, é apenas com o auxílio dessa imperfeição que o homem pode conhecer e valorizar devidamente a pureza e a perfeição. Assim, essa imperfeição constitui uma utilidade indispensável aos habitantes da Terra neste momento, por meio da qual poderão obter instrução e ser inspirados a avançar rumo a uma condição física mais verdadeira e à conquista de uma espiritualidade mais elevada.

Assim, evidências físicas e morais opõem-se à possibilidade de uma inundação universal. E mentes devidamente constituídas e orientadas repousarão inteira confiança nesses ensinamentos imutáveis da Natureza, do Universo, da Mente Divina.

Contudo, aqueles que foram educados a crer de modo contrário têm-se oposto à divulgação dessas evidências com tanta veemência quanto a que demonstram na disseminação das suas próprias convicções. Homens assim instruídos desde a juventude, absorvem hereditariamente as opiniões dos seus antepassados, e veneram-nas por terem sido as primeiras a imprimirem-se no seu espírito — o que gera, na mente, a convicção da sua veracidade.

Tais mentes devem ser admiradas por todas as nobres qualidades e faculdades que possuem: mas se essas faculdades estiverem cercadas por um muro de preconceito e afeição sectária, então dever-se-á apresentar a evidência apelando às suas qualidades mais interiores e puras; e assim as suas mentes tornar-se-ão expandidas e libertas de toda a intolerância, superstição e preconceito antinatural. Fazei com que os homens amem a verdade fazendo com que os seus interesses se alinhem com a verdade, e então esta será recebida como um influxo natural proveniente da sua situação superior. Mas deixai os homens numa condição inferior quanto aos seus assuntos sociais e exteriores, e todas as suas opiniões corresponderão exatamente ao estado inferior em que vivem.

Portanto, os homens não devem criticar os pensamentos alheios com juízo superficial; ao invés disso, devem apresentar a verdade na sua nativa simplicidade, e deixar o erro e todas as influências opressoras do mundo físico e mental por si mesmas: pois o melhor antídoto contra o erro é a apresentação da verdade. Não vos maravilheis, então, com as coisas superficiais de que falei, nem acuseis falsamente

os sentimentos alheios. Antes, respeitai a afeição pelos pensamentos, venham estes de que mente vierem; mas não os absorvais, a menos que sejam verdadeiros e em consonância com os mais profundos impulsos interiores do princípio vivo dentro de vós.

§ 94. Antes de prosseguir para falar da origem da ideia da universalidade do dilúvio, falarei do dilúvio em si, em ligação com o que já foi dito sobre o mesmo tema.

Em observações anteriores sobre a formação do oceano Pacífico, do mar das Caraíbas, do golfo do México e da Guatemala — bem como da consolidação das águas do Atlântico e do Mediterrâneo nas suas formas atuais — mencionei o vale que hoje constitui o leito do oceano Pacífico; os habitantes dessas regiões agora conhecidas como ilhas Sandwich e Filipinas; e também aqueles das férteis regiões hoje conhecidas como Antilhas, do que é agora o golfo do México, e das tribos que se estendiam para os férteis interiores. Descrevi, em termos gerais, como estas regiões foram povoadas; e uma descrição mais particular não se faz necessária. Tendo em mente, então, todas as condições de que anteriormente falei, prossigo para algumas considerações gerais sobre o fenómeno, a causa e o resultado do dilúvio que então estava prestes a ocorrer.

Não é necessário aqui explicar as causas físicas primárias envolvidas nesta terrível catástrofe: já falei anteriormente da transformação de partículas de substâncias inferiores no elemento aquoso e na atmosfera, e do equilíbrio entre as porções internas e externas da Terra. Também falei dos estupendos glaciares que se formaram nas regiões árticas. E sugeri que as regiões superiores dos dois hemisférios ainda se encontravam submersas, pois ali a terra era mais baixa do que em qualquer outro lugar da Terra, com exceção dos leitos do Atlântico e do Mediterrâneo, que então estavam parcialmente formados, segundo a tendência niveladora do elemento aquoso. Sobre isso, nada mais acrescento.

Foi pela perda do equilíbrio entre as forças interiores e exteriores que o conteúdo incandescente do centro da Terra se excitou de forma inconcebível. E como ocorrera em ocasiões anteriores, os Andes, o Vesúvio e muitas outras aberturas de alívio foram agora incapazes de restaurar o equilíbrio. Assim, a voz do terramoto trovejou nas entranhas da Terra.

Foi mais poderosa do que o mais poderoso terramoto, e mais estrondosa que o mais estrondoso trovão. Irrompeu, e a Terra tremeu até ao seu centro. Fogo, fumo, névoa e chuva envolveram toda a Terra. As tribos que viviam nas regiões intermédias entre os atuais hemisférios oriental e ocidental foram quase todas destruídas; e os sobreviventes tombaram como mortos, prostrados no solo. O pensamento não se pode vestir de palavras suficientemente expressivas para descrever os sofrimentos e

os clamores dos habitantes. Cerca de três dias se passaram até que o equilíbrio fosse restaurado — ao fim dos quais, estando as regiões do norte elevadas e outras partes rebaixadas, as águas escoaram das primeiras e preencheram os vales que antes eram terra seca, e os oceanos, mares, lagos, golfos e rios ficaram estabelecidos como hoje os conhecemos.

Sinto agora o impulso de relatar acerca dos habitantes sobreviventes, e do efeito que este grande acontecimento teve nas suas mentes.

A tribo que permaneceu até então no vale de Sinear, juntamente com cinco pequenas tribos separadas, foi destruída: mas aquelas que se separaram anteriormente e se haviam instalado na China e no Japão permaneceram incólumes. Retiveram a teologia e as doutrinas que lhes haviam sido ensinadas pelo chefe de quem falei. E passarei a relatar o efeito que este evento teve sobre eles, e a interpretação do mesmo dada pelo seu líder e governante.

Logo que tudo se acalmou, enviaram mensageiros para averiguar o que teria acontecido aos seus irmãos mais velhos no vale de Sinear. Não os encontrando, e vendo um rio onde outrora viviam, regressaram e relataram isto ao seu governador. E como desconheciam a existência de outras nações na Terra, concluíram que eram o único povo salvo da grande catástrofe. Assim, o chefe começou a instruí-los que, como os outros não haviam sido bons, nem oferecido sacrifícios para satisfazer as exigências de Brahma — "Brahma, vendo que a maldade sobre a Terra era grande, e que as imaginações dos pensamentos dos seus corações eram continuamente más, começou a arrepender-se de ter ordenado a Vishnu que criasse os seus antepassados e eles mesmos. E, vendo que a Terra estava cheia de maldade e abominação perante Brahma, disse que faria com que as grandes águas, das quais havia feito a terra e eles, os varressem da face do solo."

Assim, o governador e profeta desta tribo oriental transmitiu a impressão de que foi por ele próprio, e pela sua tribo, serem melhores do que os seus antepassados, que Brahma os deixou viver. Representou estas ideias por sons e hieróglifos. Instruiu-os a construírem uma imagem de bronze que representasse, segundo dizia, o deus do Sol. A cabeça dessa entidade assemelhava-se muito à de um unicórnio, e o corpo ao de um peixe; colocaram-na dentro de uma tenda de pedra, e todos os anos a visitavam e ofereciam sacrifícios. Fizeram-no movidos pelo sentimento de terem sido poupados. E desde esse momento começaram a adorar o Sol, a Lua, as estrelas e a Via Láctea, os quais supunham ser as habitações de espíritos, cujo número representavam como sendo trinta e três mil — sendo cada um desses espíritos um deus para a sua esfera ou planeta correspondente.

Ainda não se designavam mutuamente por nomes próprios, mas apenas por famílias ou estados de associação. No entanto, o homem que era seu governador e

profeta, ainda sem nome, foi posteriormente designado por escritores como Fohi. Tal pode ser verificado nos registos chineses da atualidade. E este homem foi tomado, por escritores mais recentes, como sendo o **Noé** referido na "história primitiva".

Os persas caldeus, ou a tribo japonesa de que falei, preservaram na sua mitologia toda esta narrativa, com muito pouca modificação. Contudo, o pai da família que fora poupada por Brahma foi chamado por eles Xisuthrus — sendo também ele, segundo historiadores modernos, o mesmo que a figura referida na narrativa judaica do dilúvio.

As seitas conhecidas como os budistas e os jainistas guardaram com grande zelo a mesma tradição, a qual acabou por integrar a história e teologia oriental dos gregos, onde esse mesmo ser é nomeado Deucalião. Esta é a conclusão da tradição referente ao dilúvio, conforme interpretada pelo líder da isolada tribo oriental de que se falou.

§ 95. Agora prossigo para falar dos habitantes aborígenes da América, e do efeito que essa mesma catástrofe produziu nas suas mentes.

Com a formação do oceano Pacífico, foram separados e perderam toda a comunicação com as tribos que então habitavam as atuais ilhas Sandwich. E nada sabiam sobre as tribos e nações do continente sul-americano. Poucos índios escaparam à inundação — a qual lhes pareceu universal, pois habitavam mais nas regiões atualmente submersas pelo Pacífico do que a leste dos seus atuais limites. Por isso, acreditaram que eram as únicas tribos salvas, e que viviam sobre a única terra restante na Terra, supondo que todas as demais porções haviam sido tragadas pelas grandes águas.

E agora devo falar das suas conceções originais do Grande Espírito.

Eram distintos dos seus irmãos, tanto na disposição como na condição social; pois estavam unidos por um afeto bem orientado, e por uma unidade e harmonia em todos os seus planos e atos. Eram profundamente dedicados à caça, atividade que julgavam justa — pois, se não o fosse, os seus antepassados que a praticavam não teriam habitado um jardim tão belo. Assim, inventaram instrumentos e cultivaram o gosto de vaguear e caçar pelas florestas, armando as suas tendas de casca onde bem desejassem.

Por estarem assim socialmente unidos, não eram inclinados a conceber erros grosseiros — pois os erros surgem da desunião social, da desorganização e da má compreensão da causa do mal existente. Retendo as impressões herdadas dos seus primeiros antepassados, procuraram conciliar essas ideias com as manifestações de tudo o que os rodeava e sobrevoava. Assim, perceberam que os "sopros" não eram

maus, como os seus pais haviam ensinado, mas que provinham de um espírito bondoso, que desejava refrescar-lhes as frontes ardentes após as jornadas e fadigas sob a luz do Bom Espírito. E, fatigados pelas suas viagens, repousavam confiantes sob a proteção do Grande Espírito que formara o seu mundo, recebendo com alegria o seu sopro refrescante, o qual, segundo supunham, era enviado por espíritos bons e subalternos.

Reconheciam que esses "sopros" lhes faziam bem, e essa manifestação de bondade despertava a ternura dos seus corações — e viviam em amor uns com os outros. Tais conceções verdadeiras e os seus efeitos apaziguadores desceram inalterados por todas as gerações deste povo até ao presente.

Acreditavam que o olho, a língua — assim como as plantas, os animais e todos os astros celestes — tinham espíritos a acompanhá-los. Julgavam que o dom da fala lhes era concedido pelo espírito da língua, e o da visão pelo espírito do olho. Amavam, adoravam e veneravam o Sol, por fertilizar a sua terra e todos os seus cultivos. Veneravam a Lua, por ser um espírito bondoso que lhes dava luz quando o espírito mais quente e luminoso descansava. Contemplavam as estrelas com reverência e admiração, pois viam nelas pequenas luzes seguradas por bons espíritos para lhes iluminarem a terra, e para a tornar mais bela quando o Sol e a Lua repousavam.

Acreditavam que, ao morrerem, o espírito dos olhos e da língua conduziria o espírito interior até às belas moradas da terra dos espíritos. Sentiam que essa terra era semelhante à que habitavam, nas suas produções e paisagens, onde poderiam caçar, louvar os bons espíritos e amar-se uns aos outros. Para eles, era um lugar de beleza e esplendor transcendente. Ali não mais veriam o espírito das águas. Ali não morreriam mais, nem se hostilizariam, nem se feririam mutuamente — mas viveriam junto às águas tranquilas, entre riachos serpenteantes, florestas e jardins de prazer e formosura. Ali veriam os peixes cintilantes, os pássaros dourados, e os animais mansos, que não resistiriam ao seu toque. Ali contemplariam o Bom Espírito, sob câmaras celestes resplandecentes com toda a grandeza e magnificência concebíveis.

Essa conceção verdadeira e as suas influências pacificadoras ficaram solidamente enraizadas nas mentes e nos corações de cada geração desta gente até hoje. Eis o primeiro exemplo, desde que a forma humana teve existência, em que o pensamento humano seguiu um rumo verdadeiro, natural e reto. Foi o ensino espontâneo da Natureza envolvente, e o impulso correspondente do princípio interior, que os ensinou sobre a terra dos espíritos. Não havia desunião entre eles; e por isso o mal e a abominação eram-lhes desconhecidos. Os seus pensamentos eram naturais, espontâneos, verdadeiros e celestiais.

Aprendei com isto, ó homens de erudição, e deixai que as vossas sublimes aspirações se prostrem até ao mais humilde grau de abatimento. Aprendei com isto, ó teólogos, filósofos e metafísicos, e que os vossos pensamentos agora ambiciosos se apaguem tão profundamente que gerações futuras ignorem a sua existência. Aprendei com isto, ó historiadores tradicionais, governantes, chefes, profetas e potentados, e rejeitai prontamente tudo quanto foi, e recomeçai, trilhando o caminho da sabedoria e da virtude. Aprendei com isto, vós classificadores, comentadores, e mestres externos e artificiais, e que a tinta que desperdiçastes ao escrever os vossos pensamentos nada seja em comparação com a abundância de lágrimas que deveis verter em sinal de humildade!

Que o orgulho externo e a consequente arrogância caiam para sempre. Que a altivez e a pretensa iluminação deixem de oprimir o vosso princípio espiritual, e que este então busque a verdadeira sabedoria, derivável das inefáveis belezas de uma Natureza sorridente!

Os índios supunham que apenas eles haviam sido poupados sobre a face da terra; e acreditavam que o espírito das grandes águas engolira os seus irmãos por causa da sua maldade, e os havia deixado com vida por serem bons, e favorecidos aos olhos do Bom Espírito. Deram ao chefe que existia entre eles aquando desse acontecimento o nome de Sottavarata. Esta tradição, com muito poucas modificações, tem descido pela mente de cada geração subsequente. E este personagem tem sido considerado, por alguns escritores modernos de cronologia e de exegese bíblica, como sendo o Noé da "história primitiva".

Passo agora a falar da nação e das tribos colaterais que habitavam a América Central e o sul da Europa. Sendo que estas haviam avançado mais do que qualquer outra nação nas artes e ciências, a sua linguagem e teologia eram, necessariamente, mais sublimes. Refiro-me aqui àquela sublimidade fugidia e efémera que sempre acompanha um idealismo irreal. Recordar-se-á que haviam atribuído a origem do mal a um abismo inferior, do qual o Sol era um representante; mas tornava-se agora necessário ao seu inspirado chefe interpretar e explicar esta assombrosa catástrofe com os materiais teológicos ao seu dispor.

Refiro-me agora a um chefe que sucedeu ao anteriormente mencionado. Este dizia — sendo que os habitantes da cidade onde viviam eram os únicos sabidos como tendo sido poupados, com exceção de três tribos que habitavam as regiões mais interiores — que o ser irado que havia criado aquele grande e ardente abismo se enfurecera por causa dos atos depravados e maldosos dos seus irmãos, das tribos que habitavam o golfo do México e outras regiões adjacentes às ilhas das Caraíbas.

E dizia ele que este ser colérico havia conversado com o anterior governador, por cuja presença as tribos haviam, por muito tempo, sido poupadas. E como esse era o

único justo entre todas as tribos, foi-lhe permitido dialogar com o espírito que se opunha àquelas abominações. E entrou em aliança com esse ser irado (pois este lamentava ter criado tantas tribos) para permitir que aquela tribo e ele próprio sobrevivessem, por ser necessário que a terra fosse povoada por aqueles que fossem tão bons quanto eles. Assim, um dos seus edifícios vorticais continha a promessa ou aliança hieroglífica feita com esse potentado de quem falei, e que foi confirmada por aquele de quem agora falo.

Convém assinalar que este chefe ensinava e estabelecia tradições com três gerações de anterioridade — a geração que viveu aquando do dilúvio. Pois a teologia não fora definitivamente confirmada e proclamada até à terceira geração após o acontecimento. Mas aquele edifício vortical continha representações hieroglíficas que o então chefe interpretava como uma demonstração de que o antepassado conversara com o ser irado. E foi por causa disso, ensinava ele, que foram poupados; enquanto os seus irmãos, que eram perversos aos olhos do seu deus, haviam descido aos reinos ardentes do subsolo.

Passo agora a seguir essa ideia até ao seu reaparecimento nos dias modernos.

Recordar-se-á que esta nação acreditava serem os únicos seres humanos salvos, por não conhecerem outros habitantes — e acreditavam que o seu deus se arrependera de ter criado tantas tribos, por causa da sua maldade, e as destruíra por essa razão. O chefe que transmitiu esta tradição desde o tempo do dilúvio não recebeu nome senão muitas gerações depois. E não encontro qualquer traço absoluto de um nome até traçar estas ideias nos manuscritos que referi, em posse dos judeus: e ali ele é chamado Noé.

Desta forma tracei a mitologia chinesa até aos gregos — e a mitologia destas tribos do sul até aos judeus. E encontro os relatos da seguinte forma: os bons, salvos e favorecidos entre os chineses foram Fohi e a sua família; entre os caldeus-persas, Xisuthrus e a sua família; entre os gregos, Deucalião e a sua família. Na mitologia indiana, os salvos foram Sottavarata e os seus. E todos acreditavam que o mundo inteiro fora submerso, com exceção de si mesmos. Nos manuscritos dos judeus, os salvos foram Noé e a sua família.

Nos escritos dos comentadores modernos de mitologia oriental e pagã, estas várias tradições são frequentemente referidas como forma de estabelecer a veracidade do relato contido na "história primitiva" — pressupondo-se que a narrativa em posse de cada nação teve origem numa mesma fonte e numa experiência tradicional real de um homem e da sua família, como ali se relata. Tal suposição, porém, não é justificável; pois não se pode traçar todas as tradições detidas pelas várias nações até uma única origem.

No registo judaico, o relato geral é o seguinte:

"E a maldade do homem era grande sobre a terra, e toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era continuamente má. E Deus arrependeu-se de ter povoado a terra — mas Noé achou graça aos seus olhos."

E foi-lhe ordenado construir uma arca de madeira de gofer, com dimensões específicas e prescritas; e Noé, com a sua família, e os animais da terra, e as aves do céu, entraram, macho e fêmea, na arca, e foram salvos. Depois disso, apareceu terra seca, como Noé deduziu pela evidência trazida por uma pomba. E logo a arca repousou sobre o monte Ararat, e os animais nela contidos saíram para multiplicar-se e reanimar a face da Natureza; e Noé e os seus também saíram para multiplicar-se e povoar toda a terra.

Na mitologia chinesa — ou melhor, na das tribos mais recentes daquela nação — encontra-se o seguinte relato:

"E Brahma, vendo a maldade dos antepassados, lamentou que estes não oferecessem os seus sacrifícios, e começou a lamentar ter ordenado a Vishnu e Narasayana que os despertassem das profundezas das grandes águas. Mas Fohi podia falar com Brahma por causa da sua bondade. E Brahma ordenou a Fohi que se dirigisse àquela terra alta e lá habitasse. Então Vishnu fendeu o fundo do grande abismo, e abriu as janelas de cima: e as grandes águas cobriram toda a terra, e também os nossos antepassados, que foram levados pelos espíritos malignos."

Já relatei a mitologia das tribos do sul, bem como a modificação da chinesa em caldeico-persa e depois grega. E a impressão que foi transmitida às primeiras tribos judaicas, e o relato contido na tradição persa, foram fundidos; e depois, sendo reescritos, compilados e recompilados ao longo das sucessivas línguas, acabaram por aparecer na versão inglesa tal como pode ser encontrada na leitura da "história primitiva". O relato está bem preservado, considerando os incontáveis fatores que regem todas as coisas circunstanciais. E é apenas uma representação exagerada e poética daquilo que é substancialmente verdadeiro — e, por essa verdade, merece o mais elevado respeito da parte da história.

§ 96. Sinto-me impelido a prosseguir com outro conjunto de ideias e a falar da sua origem e modificações sucessivas até surgirem na forma que hoje assumem. A primeira delas pode ser encontrada nos primeiros manuscritos da "história primitiva", revestida das seguintes palavras:

“E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.”

Na tentativa de estabelecer uma interpretação superficial deste tema, muitos intelectos nobres e altamente cultivados estiveram envolvidos. Tempo, talento e riqueza foram empregados na disseminação de tais opiniões superficiais — o suficiente para instruir e cultivar as potências morais e intelectuais de muitas nações. Os desejos e preconceitos dos homens têm guerreado contra os impulsos do seu juízo, e têm restringido o alcance da razão, tanto a própria como a alheia, ao círculo limitado de uma crença sectária e hereditária.

No esforço de confirmar opiniões pré-concebidas, os homens romperam os laços afetivos da comunhão fraterna que deveriam unir a humanidade como uma só grande irmandade; e implantaram uma impressão profundamente enraizada que apenas alimenta contendas sectárias e hostilidades locais. Não se dedicaram a investigar a origem interior dos pensamentos — de que as palavras são apenas invólucros — mas presumiram a divindade desses invólucros, e combateram os ensinamentos do juízo, da Natureza, e do seu Autor!

Mas se a mente buscar a fundo a causa dos pensamentos, poderá então julgar a forma exterior com que se revestem — seja ela humana ou daquele Princípio Divino que fala apenas manifestando, com um só pensamento, milhões de sistemas adornados com vida, beleza e grandeza! Que procure, pois, a mente, o âmago real de todas as coisas: e se encontrar qualidades e princípios bons, divinos e indestrutíveis, o juízo os aprovará, e a Natureza selará a sua verdade com o seu universal consentimento.

Estou profundamente impressionado com o facto de que volume após volume tenha sido escrito sobre este e assuntos semelhantes, sem produzir o menor alívio para um mundo deprimido e ignorante. Pensamentos como os agora em questão, revestidos de palavras, têm ocupado a atenção de uma inumerável hoste de escritores teológicos. O seu labor, o seu tempo e os seus talentos têm sido assim empregados em edificar, sobre um alicerce superficial, uma superestrutura teológica que em nada melhorou a infeliz condição social e nacional dos seus irmãos — a humanidade!

As muitas teorias deste género existentes no mundo são invasões externas, interruptivas e impuras sobre os afetos e o juízo humano. São inúteis e prejudiciais à raça; são locais, isoladas, sectárias, e totalmente contrárias ao bem supremo de todos os seres vivos. São irreais, impuras, iníquas. Corrompem e viciam todos os afetos puros da natureza humana. São o alicerce da hostilidade sectária e da superstição universais. Estão em guerra com todos os interesses sociais e morais puros do homem, os quais, se não perturbados, uniriam toda a raça inteligente num só corpo.

Na promoção desses pensamentos exteriores e efémeros, o mundo físico foi deixado ao abandono e permanece ainda uma espécie de deserto. Se os homens que nisto se ocuparam tivessem sido empregados segundo o desígnio e intenção de um

Governador imutável, os desertos não habitados teriam sido tornados férteis, floridos e perfumados; e os seus talentos e poderes teriam então sido verdadeiramente valorizados. E a paz e unidade de sentimento que teriam então perpassado por toda a raça humana ter-lhes-iam falado com uma voz de gratidão — e grande teria sido a sua recompensa.

As tribos que se haviam reunido no vale de Shinar, conforme anteriormente descrito, receberam a primeira impressão dos seus antepassados sobre a criação, assim como os aperfeiçoamentos feitos por um suposto chefe inspirado. Na sua cosmogonia, invocava, das profundezas das águas, a divindade de que antes falei, posteriormente chamada Parama, Vishnu e Siva.

Esse chefe concebeu primeiro um espírito original. Essa conceção sugeriu-lhe a ideia de um segundo espírito; e essa, por sua vez, de um terceiro. O primeiro, supunha ele, era o grande espírito bom, que repousara desde o princípio eterno no seio das grandes águas. E concebeu que, ao despertar para a atividade, esse espírito respirara outro, encarregado de realizar a obra que ele (Parama) havia idealizado. Vishnu foi o espírito subordinado assim criado; e era, segundo o chefe, uma parte da própria alma de Parama. Este moveu as águas e continuou a fazê-lo até que criou, com os materiais superiores do ovo, a terra e o homem.

Depois, supôs que o espírito Siva era o causador daqueles "sopros" que inspiraram os peitos deles próprios e dos seus irmãos mais velhos com inveja, ódio e engano. Aqui, então, teve origem o pensamento que viria a revestir-se da palavra *Trindade*.

Não observo qualquer mudança essencial nesta parte da mitologia oriental durante muitos séculos; e por fim, ela caiu na posse das tribos persas, que a conservaram até que Zoroastro a sistematizou, juntamente com outras tradições, no seu Zend-Avesta. Ele transformou as divindades nas personagens de Ormuzd, Amshaspands e espíritos inferiores. Assim formou, a partir dos três, uma trindade de espíritos bons, celestiais e santos — entre os quais Ormuzd era o supremo.

Observando tanto mal e miséria entre os habitantes da Terra — vendo guerra, perseguição e tirania — Zoroastro começou a refletir sobre as suas causas. Isso sugeriu-lhe uma trindade correspondente de espíritos infernais. O maior deles era Ahriman, acompanhado por espíritos subordinados e inferiores, e por milhões de *deevs*.

Assim, Zoroastro apresentou a trindade sob nova forma. E foi a partir daí que ela se transplantou para os manuscritos judaicos, sob a expressão breve e abrangente:

“E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem.”

Mais tarde, essa expressão surgiria também como:

"Pai, Filho e Espírito."

A frase *"Façamos o homem"* deriva do antigo mito oriental no qual o *"nós"* significa Brahma, Vishnu (ou Narasayana) e Siva. Corresponde também ao Maior, Menor e Mínimo; ao Pai, Filho e Espírito; a Ormuzd, Amshaspands e os subordinados superiores.

Na conceção original, as personagens eram distintas e singulares; mas Zoroastro classificou-as e dividiu-as em plurais. E estas foram expressas de forma sucinta no texto primitivo judaico, conforme a conceção original.

§ 97. Mas foi-me dado saber, através de impressões superiores, que a expressão "à nossa imagem e semelhança" representa de facto uma ideia substancial e verdadeira, verificada tanto nas esferas naturais como espirituais. Os termos "imagem e semelhança" sugeriram a um intelecto altamente exaltado* uma conceção que, após pesquisa e investigação espiritual, acabou por confirmar; e os traços gerais das suas impressões estavam corretos. Isso tornar-se-á evidente à medida que eu prossiga para uma compreensão das esferas espirituais — das quais, sinto profundamente, fluíram impressões elevadas e verdadeiras para o interior expandido deste filósofo sueco. Mas é impossível encontrar nestas palavras, tal como originalmente utilizadas na "história primitiva", uma única partícula de significado espiritual.

Não é verdade que ele, com toda a sua iluminação, tenha revelado uma verdade interior expressa nestes ditos primitivos. Em vez disso, ele revelou uma correspondência extraordinária — não a partir do seu interior, mas a partir das sugestões externas. E é agora demonstrado, pela irrealidade do exterior das coisas que ele tão profundamente rejeitou, que esses registos primitivos não contêm, como de origem divina, um significado ou aplicação espiritual minuciosa. É absolutamente demonstrado nas suas investigações filosóficas e analíticas que os aspetos exteriores são meras indicações superficiais e efémeras do interior, e, por isso, devem ser considerados apenas como vestes ou revestimentos ilusórios da verdade.

Assim, atribuir um significado interior a uma passagem cujo exterior não o indica é, de facto, fabricar algo irreal e absolutamente inútil. O exterior do registo escrito, quando observado por um intelecto puramente espiritual e elevado, não mostra qualquer indício de significado espiritual. E se o exterior dá testemunho do interior, por que razão tentar atribuir a uma passagem um significado diferente daquele que o exterior manifesta?

O revestimento externo da "história primitiva" interpreta o seu próprio significado interior. Declara ser uma história verdadeira e abrangente das opiniões sobre a

criação antes do dilúvio, e dos costumes, modos de vida, disposições e movimentos das nações subsequentes; da repopulação da Terra e da distribuição das primeiras tribos; dos seus líderes, chefes, profetas, reis e imperadores. Declara relatar a história das guerras; da subjugação e cativeiro de tribos; da edificação e queda de reinos e impérios; do vício, da miséria e das imaginações de muitas nações da Terra. Estas coisas estão aí registadas no estilo habitual dos primeiros escritores, sendo as formas de expressão utilizadas adequadas à educação dos primeiros habitantes da Terra.

É isso que declara ser; o seu exterior comprova a sua declaração, e o seu interior é o seu próprio expositor. Se mais é declarado, então tal declaração surge dos seus divulgadores e não está de acordo com as suas intenções originais. Assim, embora esteja profundamente impressionado a venerar a veracidade dessas tradições históricas, estou ao mesmo tempo impulsionado a expor e rejeitar todas as interpretações teológicas falsas e todas as pretensões irreais e impuras. Coisas desta natureza devem ser amadas conforme a veracidade das suas afirmações, e não de acordo com as más interpretações das suas pretensões, que revestiram esses simples escritos mitológicos e primitivos com um manto misterioso e impenetrável.

A próxima ideia, cuja origem deve ser rastreada, é a opinião tradicional sobre Caim e Abel. Recordar-se-á que falei de forma abrangente sobre as tribos derivadas como descendência da primeira família, e relatei que uma conquistou e destruiu a outra — a nação vitoriosa tendo depois viajado até ao continente europeu. A história disso foi transmitida, juntamente com outras impressões semelhantes, através de gerações e séculos, até que a encontramos expressa pela primeira vez por um escritor entre os antigos egípcios. Foi associada a esta tradição uma correspondência, com o seguinte significado (pois os primeiros habitantes conheciam as coisas pelas suas correspondências e representantes evidentes):

A tribo mais jovem e mais fraca (que era Abel) correspondia à luz, pureza e inocência. Caim (que era a nação mais forte e grosseira) correspondia às trevas, à maldade e à abominação. Pois, segundo a teologia primitiva, as trevas foram o primeiro princípio do ser, e por isso eram mais antigas e poderosas; enquanto a luz foi criada depois, e consequentemente era fraca e imatura. E assim a comparação foi registada entre os egípcios do seguinte modo:

"E dos antepassados nasceram dois filhos, cujos nomes eram Osíris e Tifão. Osíris era um irmão bom e gentil, e era amado por Brahma. Tifão era um irmão forte, e cultivava as coisas da terra. Pois Tifão é o filho das trevas, que existia sobre tudo e para sempre; mas Osíris era filho da luz, porque a luz foi permitida por Vishnu, o espírito bom." Mas Tifão, que representa as trevas, foi retratado como atacando e subjugando Osíris, que representa a luz e a inocência. Esta é a primeira descrição escrita correspondente a esta tradição primitiva.

Descubro que isto foi admitido noutros manuscritos, e apareceu entre os escritos caldeus. Posteriormente, foi transcrito para o grego, e finalmente para os oráculos e manuscritos hebraicos; e por este meio foi transmitido às gerações seguintes, que o admitiram na "história primitiva", na qual as personagens são nomeadas como Caim e Abel.

§ 98. A próxima ideia a ser analisada e rastreada na sua origem é a dos sete dias que se diz terem decorrido durante a formação da Terra e de tudo o que nela existe, sendo referido que o sétimo dia sorriu sobre a consumação da grande obra e proporcionou descanso a Brahma, que o abençoou.

Muitos séculos decorreram antes que os primeiros habitantes começassem a fazer observações astronómicas. Mas, a partir das indicações dos ventos, da atmosfera, do calor, da luz, do sol, da lua, das estrelas e de todos os objetos visíveis que supunham ser deuses, começaram finalmente a aprender a contar, a determinar as estações, a reconhecer a sua chegada, e também a saber quando visitar uns aos outros. Os primeiros habitantes sabiam bem quando esperar a escuridão, pelo recuo periódico do sol para trás das terras ocidentais.

Também sabiam quando esperar a luz, pela iluminação das colinas orientais. Durante algum tempo, não tinham a certeza se estas coisas continuariam assim ou não; mas em breve ficaram convencidos de que sim, pela aparição e desaparecimento constantes do sol. Assim, fizeram com que uma das primeiras tribos representasse a escuridão e outra a luz. Até esse ponto, tinham avançado no conhecimento astronómico — sabiam da periodicidade dos dias e das noites.

Mas, por enquanto, apenas conseguiam perceber correspondências gerais, que representavam através de caracteres hieroglíficos. E assim continuaram durante vários séculos, até que descobriram uma nova e valiosa verdade — que a lua era criada e destruída doze vezes enquanto o sol passava uma vez pelo círculo do zodíaco. Isso estabeleceu nas suas mentes a primeira ideia de um ano com as suas subdivisões. E criaram um deus para representar e corresponder precisamente a esse acontecimento: e no final e início desse período realizavam grandes festividades e ofereciam ao deus do ano inúmeros sacrifícios.

Os doze períodos de destruição e renascimento da lua correspondiam aos meses — embora estas divisões tenham sido obra de gerações posteriores à descoberta do ano. E assim continuaram durante muitas estações, até que as suas faculdades de discernimento melhoraram e descobriram que a lua crescia, diminuía, estava meia destruída, quase destruída e totalmente aniquilada, em períodos regulares, que mais tarde se verificou serem exatamente de sete dias e nove horas. Mas as horas foram desconsideradas, pois só conseguiam distinguir números inteiros. Isto deu origem à

conceção das semanas; e assim esta divisão do tempo foi estabelecida entre os egípcios, chineses, persas e judeus.

Gerações posteriores subdividiram as semanas em dias, porque havia sete destes num dos períodos da transição lunar. Os dias foram então classificados em horas, pela mudança da sombra de um objeto imóvel situado à luz do sol. Desta forma, os anos, meses, semanas, dias e horas tornaram-se estabelecidos.

E "domingo" é um nome de data mais recente, instituído pelos dinamarqueses, adotado pelos saxões e transplantado para a língua inglesa. Em saxão, a palavra era Sunnedag: *sunne* significando "sol", e *dag* significando "dia". Em dinamarquês, escreve-se Sonedag, significando "dia do sol". E isto era aplicado ao primeiro dia da lua nova, em glorificação ao sol. E o dia seguinte, com o avanço da lua, passou a chamar-se *Moon's-day* — sendo um dia atribuído à lua. E terça-feira recebeu o nome do deus Tuisco; quarta-feira do deus Woden (ou Wodnes); quinta-feira do deus Thor (Thursco); e os restantes dias foram nomeados de forma alegórica semelhante.

De maneira semelhante, a divisão dos dias foi introduzida nos escritos históricos judaicos — onde os dias eram apenas designados pela expressão "a tarde e a manhã". E como o sétimo dia era o último, ou o grande "dia do Sol", os judeus passaram a considerá-lo como sendo de origem divina. E adquiriram a impressão de que a luz nesse dia era particularmente pura e serena. Assim, seis dias eram observados como tempos de trabalho, e o sétimo era dedicado ao descanso — como havia repousado o bom espírito Parama, depois de ter terminado a criação do mundo e do homem, segundo a mitologia oriental.

Mas fui inspirado, ao descrever as épocas geológicas da criação do globo, das plantas e dos animais, a usar a expressão "a tarde e a manhã", etc., porque a correspondência entre essa expressão e a realidade física era perfeita.

Desta forma, os habitantes, em todas as épocas primitivas e subsequentes, fizeram dos céus estrelados o seu campo de observação; e dele recebiam instrução e sabedoria infalíveis, que se corporizavam na linguagem das correspondências.

Da mesma forma, o sistema de enumeração foi estabelecido. Todas as nações e tribos da face da Terra revelam uma uniformidade nas suas regras de contagem, sendo que o número mais elevado da série unitária nunca ultrapassa o dez. A razão pela qual isto se tornou tão generalizado e confirmado entre todos os povos é evidente: parece que as tribos primitivas contavam com os dedos, que durante muito tempo foram o seu único instrumento de aritmética. E sendo a mesma regra depois reconhecida nos registos escritos de todas as nações, acabou por formar o modo

estabelecido de enumeração entre todos, sendo ainda hoje universalmente reconhecido pelas nações atuais.

§ 99. A próxima ideia desta classe a ser analisada é a da origem da linguagem, como é sugerida pela tradição mitológica contida na "história primitiva", segundo a qual "toda a Terra tinha uma só língua e uma só fala".*

Quando a família primitiva percebeu que possuía o poder da comunicação vocal, e começou a transmitir os seus pensamentos através desse meio, supôs que esse poder lhe tinha sido concedido pelos "sopros" (ou espíritos), e que, por isso, deveria ser usado e cultivado. Mas as gerações seguintes, ao descobrirem que essa faculdade havia produzido desunião entre os seus antepassados, acreditaram, segundo a tradição transmitida pelos seus irmãos anteriores, que os "sopros" eram espíritos malignos, e que tinham dado ao mundo uma só língua e uma só fala para que se pudessem enganar e odiar mutuamente. Esta foi a opinião prevalecente durante muitas eras, tanto antes como depois do dilúvio, e entre todas as tribos da Terra. Todos admitiam isto como parte da sua teologia sagrada, porque lhes havia sido contada pelos antepassados, e era confirmada pela sacralidade que as suas mentes associavam à sua antiguidade.

Esta opinião continuou a prevalecer até que, a partir dos hieróglifos e das correspondências terrestres e astronómicas, adquiriram instrução suficiente para, conforme descrito anteriormente, construir uma linguagem que deu origem ao posterior sânscrito.

Nessa altura, usavam a casca macia de árvores e folhas de palmeira como materiais onde podiam imprimir, nessa linguagem, os seus pensamentos. Esta arte permaneceu assim durante muito tempo, estando sobretudo nas mãos de governadores, chefes e legisladores, que acreditavam e ensinavam, segundo a impressão primitiva, que a sua linguagem era de origem divina.

Encontro o desenvolvimento seguinte desta ideia (estritamente mitológica) entre os chineses, caldeus, brâmanes e outras tribos hindustânicas. Estes acreditam que os Vedas e os Brahmanas que possuem são oráculos sagrados, escritos por seres celestiais numa linguagem divina; e estes são conhecidos coletivamente como o Shaster.** Os Vedas compõem a primeira parte do Shaster — que significa e representa vida, luz, verdade, fogo, inteligência, lei, ordenança e conhecimento celestial. Os Brahmanas são a segunda parte, compostos por hinos órficos, que acreditam ser celestiais, e que se assemelham aos cânticos poéticos das tribos egípcias primitivas. Estes eram entoados aos deuses, elevando as vozes em louvor e agradecimento ao grande e bom espírito que havia formado a língua sânscrita. Para melhor se entender o carácter destes hinos órficos, seria útil ler os Salmos e o Livro de Job, pois estes foram imitações dos hinos órficos do Shaster, que existiam em

manuscrito entre os egípcios e os caldeus-persas. As tribos hindustânicas acreditavam que a sua língua fora dada a Brama* pelos céus, pelo próprio Deus; e daí a suposição de que o Shaster, composto pelos Vedas e Brahmanas, era uma emanação das esferas celestes e uma materialização dos pensamentos dos seres celestiais.

** Génesis 11:1*
*** Esta é a "Bíblia" hindu.*

Durante muitas eras consecutivas, o sânscrito foi a linguagem mais perfeita conhecida pela humanidade. Tendo sido aperfeiçoado pelas gerações anteriores, foi depois cultivado e tornado mais rico por sucessivos chefes, até que finalmente foi aperfeiçoado por Brama, o seu legislador e profeta sagrado, que se acreditava manter comunicação com os deuses.

Um desenvolvimento adicional desta tradição teológica é encontrado entre os persas. Sou forçado a passar por cima de muitos séculos, durante os quais outras tribos migraram das regiões do sul da Terra para a Ásia e África, trazendo consigo diferentes modos de expressão. Pois a língua caldaica ou persa tem origem numa forma diferente de fala, que mais tarde foi aperfeiçoada e estabelecida pela união com um dialeto rudimentar do sânscrito.

E por volta do tempo em que essa linguagem se tornou assim estabelecida e confirmada, os seus utilizadores estavam igualmente convencidos de que ela era de origem espiritual, segundo a tradição sagrada dos seus antepassados. Zaratustra (Zoroastro) então vivia, sendo o legislador persa. Escreveu o Zend Avesta, que dizia ser um dom dos deuses: e o povo acreditava que isso lhe havia sido dado, tal como o brâmane acreditava em relação ao Shaster, por comunicação com a divindade. Supunham que a sua língua se originara da mesma forma.

Os judeus também acreditavam que o conhecimento e a direção recebidos por Moisés, o seu legislador, provinham diretamente da Divindade. Do mesmo modo, os seguidores de Maomé acreditavam que o Corão fora escrito nas esferas celestiais por Deus, e entregue a Maomé enquanto este se encontrava numa caverna.

Assim, ao emitir uma opinião sobre o estado original da linguagem, afirma-se que "toda a Terra tinha uma só língua e uma só fala. E aconteceu que, ao viajarem desde o oriente, descobriram uma planície no vale de Shinar, onde habitaram."*

É de notar que este excerto provém de um manuscrito cujo conteúdo ocupa uma posição na "história primitiva" após o relato do dilúvio. No entanto, esse episódio não deveria ser colocado aí, pois refere-se a um acontecimento que teve lugar algumas eras **antes** do dilúvio.

** Este Brama foi um legislador entre os antigos hindus, e fundador da ordem sacerdotal conhecida como os Brâmanes — observação incidental do autor.*

Sinto-me profundamente impressionado com o facto de que os habitantes da Terra, nos dias de hoje, não estão, em geral, melhor informados quanto à origem da linguagem do que estavam as tribos primitivas da China, Egipto e Hindustão. Pois continuam a acreditar, tal como o brâmane, o egípcio, o caldeu, o persa, o judeu e o grego, que a linguagem foi comunicada aos antepassados diretamente pela Divindade. Muitos homens eruditos e iluminados ainda sustentam esta ideia pagã e retrógrada. Não conseguem, devido à sua educação inicial, conceber devidamente o desenvolvimento natural e progressivo. Mas, se pudessem apenas reconhecer e compreender este princípio divino e imutável do Universo, abandonariam por completo a crença na ideia mitológica de instrução direta vinda de Deus.

Em vez de empregares as tuas forças para sustentar essas quimeras superficiais, investiga a realidade interior, da qual todos os dotes e desenvolvimentos naturais são representantes. Suspende os teus preconceitos e pergunta ao elemento mais interior e racional do teu ser se a linguagem é de origem celestial ou se não será, antes, algo que se desenvolve naturalmente — começando de forma rudimentar no reino animal e atingindo o seu desenvolvimento pleno no homem. Considera se os efeitos não correspondem sempre às suas causas interiores e incitadoras; e depois pondera seriamente esta questão: “Se a linguagem fosse um efeito de uma causa celestial, e se a sua origem fosse divina, não deveria então ser ela própria pura, celestial e isenta de engano?”

A natureza da constituição mental e física da humanidade é divina, perfeita e harmoniosa. Esta nunca engana. É inteiramente boa e representa a divindade do seu grande Princípio e Causa. Contudo, existe engano no mundo, bem como toda a espécie de dissimulação. Mas essas coisas não fluem do interior da natureza humana, surgem antes como consequência do seu estado impuro, imperfeito e corrompido, em relação aos seus semelhantes. Situações impuras produzem efeitos impuros. Mas o princípio interior, que é de origem divina, não pode tornar-se mau, nem pode ser corrompido. Todo o mal tem origem externa e superficial, e é sentido por todos como sendo externo; por isso, para se banir o mal da Terra, tem de ocorrer uma mudança na condição social de todo o mundo. Entre outras coisas superficiais, a linguagem existe; e como os seus efeitos são manifestamente imperfeitos, é evidente que ela deve ter tido origem numa fonte igualmente imperfeita.

§ 100. A próxima ideia nesta sequência é a teoria mitológica da origem do mal. Já falei extensamente sobre a causa geral e natural da existência do mal no mundo. Mas como aquilo que disse não corresponde à conceção teológica predominante sobre a sua origem, torna-se necessário abordar a conceção primitiva e mencionar brevemente os seus desenvolvimentos subsequentes.

Os primeiros habitantes acreditavam que os “sopros” (ou espíritos) lhes inspiravam pensamentos maus; o que deu origem e reforçou a crença na existência de uma divindade maligna que lhes era oposta, e que destruía o amor social e espalhava entre eles um espírito de inveja, ódio e engano. Esta conceção foi modificada pelas tribos do sul, que transferiram a origem do mal para a luz e o calor da atmosfera — e até para o próprio sol —, concebendo ainda que o sol era o representante de uma fonte correspondente de fogo incessante. Mas a ideia não foi além disto entre essas nações.

Contudo, as tribos do oriente concebiam que existia um espírito entre elas e a divindade benévola, o qual impedia a sua comunhão divina. Esta crença existia de forma semelhante entre todas as tribos do Oriente até à época de Zaratustra (Zoroastro), que estabeleceu no mundo a crença em duas divindades eternas, antagonistas e invencíveis: uma, o deus do mal; a outra, o deus do bem. O trono de cada uma destas entidades era rodeado por espíritos subordinados, de carácter correspondente à divindade a que estavam ligados. Assim, concebeu-se uma hoste inumerável de *deevs* (ou demónios), associados à divindade maligna, sendo estes os seus agentes para disseminar pensamentos e desejos malignos e injustos na mente de toda a humanidade.

Os escritores rabínicos judeus não estavam livres destas imaginações mitológicas: adotaram a opinião persa e expressaram-na nos seus escritos. Daí a origem da passagem na “história primitiva” que fala da aparição de um espírito maligno sob a forma de serpente no jardim do Éden, e afirma que a mulher, sendo gentil e ingénua, foi enganada por ele e levada a comer do fruto da árvore do mal; que ela transmitiu o fruto proibido ao seu companheiro Adão, o qual, também encantado e fascinado, o comeu — e que assim ambos se tornaram pecadores, quando antes eram puros e imaculados.

Os rabinos também transmitiram a ideia de que Deus plantou o Jardim do Éden, criou o homem e o colocou lá, e depois lhe ordenou que não comesse do fruto da árvore do mal, sem lhe revelar plenamente as consequências que adviriam dessa participação. Representaram a Divindade como colocando diante das jovens mentes do primeiro casal uma tentação irresistível, sem lhes dar força constitucional suficiente para resistirem ao seu atrativo.

Representaram a Divindade como dizendo: "No dia em que comeres dela, certamente morrerás", e um dos *deevs* da divindade infernal de Zoroastro como contradizendo as palavras do Ser Divino, dizendo-lhes: "Certamente não morrereis." Apesar das promessas desse espírito maligno, são representados como caindo de um estado de inocência para as profundezas do mal — do qual se supõe que o mundo, até hoje, ainda não ressuscitou. São também descritos como sendo expulsos do belo jardim e da presença da Divindade, para vaguearem, abandonados, pelas selvas de

uma terra inculta. Esta é uma descrição abrangente do conteúdo do **Zend Avesta** de Zoroastro, e não vai muito além da mitologia das primeiras tribos orientais e pagãs.

A palavra *diabolos* (diabo) é apenas outro nome para os *deevs* de Zoroastro; e *deevs* é outro nome para "sopros" (ou espíritos). Na versão inglesa, o mesmo é expresso pelas palavras “trevas”, “morte”, “pecado”, “diabo”, “Satanás” e “mal”.

É profundamente lamentável que esta simples história da mitologia oriental tenha sido a base de uma tão vasta quantidade de especulação teológica imprópria. Os homens não investigaram a origem das ideias nem o seu significado interno, mas mergulharam nas línguas estrangeiras para tentar descobrir a aplicação original de meras palavras. E assim surgiram as ideias de “morte temporal”, “morte moral” e “morte espiritual” em toda a especulação teológica derivada daquele simples verso do relato tradicional que diz: “Certamente não morrereis” — e da sua declaração oposta por parte da Divindade.

Segundo uma lei que governa todas as substâncias organizadas, cada partícula que as compõe deve necessariamente passar por uma mudança específica e decomposição. E quando a matéria forma uma organização em qualquer departamento da Natureza, essa organização é sustentada e perpetuada pela lei da associação, ou por uma troca recíproca de partículas com outras substâncias. Assim, as partículas que entram numa organização devem ser extraídas e recebidas de outras substâncias, das quais anteriormente faziam parte. E ao entrarem numa nova organização, recebem nova vida, segundo a que se encontra no corpo do qual passam então a fazer parte. Assim, os corpos ou organizações são incessantemente produzidos, sustentados, desenvolvidos e perpetuados, em todos os departamentos do Universo.

Portanto, não existe tal coisa como a morte natural: pois a troca de partículas de uma forma de vida para outra não é mais do que o requisito necessário de toda substância organizada em existência. O que se chama de morte natural não é morte, mas uma simples mudança de organização. Porque não analisastes o funcionamento interno da Natureza e as suas leis imutáveis, e por elas aprendestes a rejeitar para sempre todas as especulações teológicas quiméricas e antinaturais? A morte natural tem sido a base de muitas controvérsias; mas agora está claramente demonstrado que tais discussões se baseavam numa má interpretação e foram inúteis, pois uma coisa como a morte natural nunca ocorreu em qualquer recanto do grande Universo.

Passo agora a falar da morte moral. A ideia de morte moral surgiu de uma visão superficial da desunião social, e da desunião de pensamento e ação. A divindade inata do espírito humano proíbe a possibilidade de maldade espiritual ou injustiça. Os desejos e afetos do espírito provêm de dentro e de fora. Os desejos nascem da relação material que o homem mantém com o seu irmão e com o Universo. Esses

desejos procedem da sensação, que gera inclinação, a qual exige gratificação. Depois, há outro tipo de desejos, que são afetos que surgem do interior e dirigem e controlam os desejos exteriores.

Esses afetos são os elementos do espírito, que anseia por pureza e perfeição. É o princípio interior que ilumina o exterior, sempre que um pensamento ou princípio puro e divino é apresentado à contemplação. Este é o elemento que reconhece a bondade, a gentileza e a pureza; é o elemento do amor; é o princípio imortal. Os seus efeitos e manifestações são a moral e os afetos do ser humano — e são imortais e não podem morrer. A moralidade, então, é consequência da divindade imutável do espírito, e é tão eterna quanto as leis imutáveis que governam todas as organizações subordinadas. "Morte moral" é, por conseguinte, uma expressão fabricada, sem significado real.

A morte espiritual é apenas outra forma da expressão anterior — e nunca teve, nem pode ter, a menor parcela de significado. A palavra "morte" pode ser usada como correspondente à ideia convencional de "trevas", e a figura de linguagem é válida. Mas trevas naturais, morais ou espirituais são impossíveis: pois a treva é uma expressão que pressupõe a existência da luz. E o homem não regrediu da perfeição da sua organização espiritual e natural até ao ponto mais baixo da imperfeição; pois isso seria, mais uma vez, uma impossibilidade absoluta. *Retrocesso* é uma palavra, tal como *morte*, desprovida de sentido. Tudo está a desabrochar em vida e beleza, segundo a lei do desenvolvimento progressivo e eterno.

Que a Natureza, então, seja escutada enquanto proclama as suas instruções divinas, ainda que toda a artificialidade tenha de ser sacrificada pela sua autoridade omnipotente. Ama o que é amável, e trata com gentileza o que foi mal orientado ou imperfeitamente desenvolvido. E, ao mesmo tempo, ama, adora e expressa a Verdade, porque a Verdade é um princípio que une e harmoniza todo o Universo!

§ 101. Passo agora a considerar a origem das ideias sobre os oráculos e profetas, tal como são referidos na "história primitiva" e compreendidos pelos escritores teológicos dos tempos modernos.

As faculdades de raciocínio dos primeiros habitantes permaneceram durante muitas eras incultas, indisciplinadas e não desenvolvidas; ao passo que os seus poderes de imaginação e amor pelo maravilhoso eram altamente sensíveis à influência, tornando-se assim muito fecundos. Os produtos da sua imaginação forneceram material para especulação a todos os escritores sagrados e teológicos que se dedicaram ao estudo da mitologia. Os seus poderes imaginativos e conceptuais eram extremamente suscetíveis a impressões e propensos a interpretar mal todos os fenómenos físicos notáveis e manifestações observáveis no seu ambiente.

Acreditavam que cada aparência externa era um bom ou mau presságio, e que todas essas aparências eram provocadas pelos espíritos e deuses invisíveis, mas numerosos, cuja existência aceitavam. Desde que se estabeleceu a opinião de que os "sopros" eram espíritos malignos, passaram a crer que todas as outras manifestações eram presságios de mal ou indicadores de bem. Os seus poderes de imaginação e os elementos rudimentares do seu juízo eram excitados e desenvolvidos por tudo o que os rodeava; e a sua notável memória permitia-lhes formar qualquer tipo de descrição ou conceção quimérica. Tudo o que se imprimia nas suas imaginações sensíveis penetrava profundamente na memória — e foi desta fonte geral que surgiu toda a mitologia tradicional.

Assim, entre a família primitiva, como já foi referido, um indivíduo cuja organização o qualificava para o cargo de governador e conselheiro, concebeu que a causa da desunião e contenda entre eles era a influência dos espíritos malignos dos "sopros". Acreditava ter recebido essa informação através de um sonho impressionante. Convencido de que isso lhe fora revelado por ser melhor e mais sábio do que os demais, divulgou a mensagem às mentes já predispostas das pessoas. Foi imediatamente elevado pelos seus irmãos e considerado como alguém de santidade superior, em comunicação com as divindades.

O sonho, então, passou a ser considerado como o meio de comunicação e ligação com o mundo celestial. E aquele que tivesse um sonho importante era chamado a contá-lo, sendo este depois interpretado pelo seu governador. Também viam os diversos elementos do reino vegetal e animal como presságios de grandes catástrofes ou de grande bem. O carácter do presságio era sempre determinado pelo governador, perguntando àqueles que tinham visto os animais em que direção iam, em que posição foram vistos, qual era a sua cor, tamanho, aparência geral, etc. O voo de aves grandes era considerado prenúncio de mal, e isso dependia da direção, maneira, altura e distância do voo.

Também os órgãos internos dos animais eram tidos como representações de eventos bons ou maus que poderiam ocorrer. Além disso, acreditavam que as nuvens, o sol, a lua e as estrelas eram todos sinais evidentes, e os significados desses sinais eram decididos pelo chefe ou governador. As suas faculdades de raciocínio não eram utilizadas — admitiam nas suas mentes tudo o que fosse divulgado pelo seu líder. Tudo para eles era uma correspondência ou representação; e por meio dessas correspondências e representações, tornavam-se conscientes dos pensamentos e intenções uns dos outros, bem como das interpretações do seu governador sobre todas as manifestações físicas.

Durante muitas eras, esse modo de interpretar os fenómenos físicos manteve-se; e seria apropriado designar esse período como a *era da imaginação*.

Mais tarde, em várias regiões da Terra, homens com faculdades altamente desenvolvidas perceberam que estas coisas eram irreais — mas não conseguiam instruir o mundo sobre essa importante descoberta. Assim, a ignorância geral continuou a prevalecer entre as nações da Terra; e o governador ou chefe de cada nação, possuindo mais inteligência do que os outros, podia exercer enorme poder e influência sobre o povo.

Nessa época, era comum os reis terem junto de si pessoas que professavam interpretar sonhos, os seus conselheiros; e essas pessoas eram também consideradas como estando em comunicação com os seres celestiais, podendo por isso prever acontecimentos e interpretar todos os sinais. Este era um costume generalizado entre as tribos e famílias orientais; e ainda conservavam todas as impressões tradicionais das gerações anteriores. Os indivíduos que afirmavam possuir esses poderes peculiares não eram enganadores, mas estavam eles próprios enganados quanto à extensão do seu conhecimento e à fiabilidade das suas impressões imaginativas.

Cada rei tinha conselheiros que profetizavam de forma favorável sobre a prosperidade e perpetuação do seu reino, e a paz e felicidade do seu povo. Se houvesse fortes indícios de guerra ou hostilidade, faziam profecias vagas sobre o conflito e o seu desfecho. Quando algum rei sonhava, os conselheiros ou profetas eram chamados para revelar o significado do sonho. E as suas interpretações eram muito indefinidas, mas suficientemente específicas para estabelecer, nas mentes daqueles que procuravam os seus serviços, a probabilidade de certos acontecimentos se concretizarem.

Posteriormente, surgiram muitos profetas entre os persas, chineses, caldeus e egípcios, que registaram as suas supostas comunicações com as divindades em materiais impressíveis, sendo estes cuidadosamente preservados devido ao seu conteúdo tido como divino e celestial. Esta situação prolongou-se por muitas eras, podendo-se justamente designá-la como a *era dos oráculos*.

§ 102. Mas o mundo acabou por se tornar, de forma geral, mais iluminado e mais consciente das manifestações contínuas da Natureza. Começou, então, a abandonar muitas das suas conceções originais e a exercer as faculdades de raciocínio, o que os levou a uma conceção mais elevada e verdadeira do Grande Espírito que criou e governa o Universo. Nessa altura, algumas mentes nobres e expandidas, aproveitando os avanços da arte da escrita, passaram a raciocinar profundamente e a registar os seus pensamentos; e as suas produções representam os primeiros indícios de uma ressurreição mental.

Muitos filósofos chineses, egípcios, persas e gregos conceberam e divulgaram princípios puros de moralidade e conceções elevadas e verdadeiras sobre a grande e essencial Causa do Universo — e também acreditavam e ensinavam a doutrina da

imortalidade. No entanto, essas mentes estavam ainda aprisionadas por impressões iniciais herdadas dos seus antepassados, e foi com extrema dificuldade que conseguiram libertar as suas faculdades e seguir o julgamento natural até ao ponto indicado pelas suas obras.

Ao mesmo tempo, noutras regiões do mundo, ainda existiam pessoas que diziam profetizar e receber instruções divinas. E foi nessa altura que os egípcios e outras tribos orientais descobriram o poder e a arte de induzir *anormalidade*, através de vários gestos e manipulações. As pessoas mais suscetíveis de serem influenciadas dessa forma eram selecionadas e levadas à presença dos conselheiros do rei, que as afetavam fisicamente, fazendo-as parecer mortas — induzindo um sono que julgavam necessário para que pudessem ter contacto direto com os deuses e receber conselhos deles. Como nem sempre podiam sonhar quando queriam, criavam assim artificialmente um estado semelhante à morte, e ouviam das bocas dessas pessoas, nesse estado, expressões vagas sobre os seus sonhos, as quais eram então interpretadas pelos conselheiros ou profetas e divulgadas como sendo verdadeiras e divinas.

Este costume manteve-se até que se percebeu que tais agentes não estavam a ser utilizados de forma proveitosa. As visões e conceções das pessoas nesse estado eram irreais e infrutíferas, porque estavam a ser usadas de forma inadequada; e assim, o poder e a sensibilidade (que eram reais) tornaram-se instrumentos de contínua ilusão. Deste modo, os sonhos, visões e profecias foram, nas primeiras gerações, agentes e causas de imensa desunião, engano e maldade.

Sinto-me impressionado pela ideia de que algumas dessas profecias orientais foram absorvidas e, ainda hoje, fazem parte da *História Primitiva*. E é oportuno referir que o *urim* e o *tumim* entre os egípcios não eram mais do que um meio modificado de obter conhecimento sobre o futuro, servindo assim para sustentar aqueles cujas vidas e talentos estavam dedicados à ocupação da profecia.

Todas as manifestações físicas na Natureza eram entendidas pelas nações primitivas (de acordo com a interpretação dada pelos seus profetas) como sinais de acontecimentos futuros, consoante o agrado ou desagrado das divindades. Por não compreenderem que a luz possuía a propriedade da refração e que se decompunha em diferentes cores quando sujeita a certas condições, conceberam que o arco-íris era a expressão, por parte da Divindade, de uma promessa de que a terra não voltaria a ser submersa por águas. Assim, viam o arco-íris como um sinal infalível e uma promessa eterna de que a humanidade nunca mais pereceria afogada.

Apesar das convicções profundamente enraizadas na veracidade dessa conceção original, está claramente demonstrado, para aqueles que possuem conhecimento sobre as propriedades da luz, que o arco-íris não tem qualquer significado profético

— é simplesmente um fenómeno meteorológico. E também é evidente que os primeiros habitantes, não compreendendo esses fenómenos, tenderiam naturalmente a criar hipóteses imaginárias para explicá-los e atribuir-lhes significados. Pois a mente humana busca investigar todas as manifestações e atribuir uma causa a cada ocorrência física; e, não conseguindo descobrir a causa real, inventa uma causa irreal. Daí nasceu a palavra "sobrenatural" — mas, como essas conceções originais não contêm qualquer verdade interior, também essa palavra não possui qualquer significado real.

Outro tipo de profecia tem a mesma origem; e isso exemplifica-se na expressão: “o verão e o inverno, o tempo da sementeira e da colheita, nunca deixarão de existir.” Para se poder ter uma visão antecipada do futuro, é necessário compreender as leis imutáveis que governam a Natureza e tudo o que nela é constante. Assim, para se profetizar que o verão e o inverno, a sementeira e a colheita jamais cessarão, é necessário que a mente esteja perfeitamente familiarizada com os princípios invariáveis que determinam as estações do ano. Esta profecia, portanto, é verdadeira e perfeitamente natural — sendo o resultado de um juízo convencido de que aquilo que é, e sempre foi desde tempos imemoriais, continuará a existir eternamente.

Existem várias outras formas de profecia, algumas das quais estão fielmente representadas na “História Primitiva.” Alguns dos autores dessas profecias dedicavam-se a proteger reis e reinos contra as invasões que se esperavam de outras nações. Profetizavam ruína e desgraça como destino das nações adversárias, enquanto estimulavam as suas próprias com promessas de prosperidade e vitória final. Outros executavam obras maravilhosas para inspirar confiança em reis e povos, convencendo-os de que estavam assistidos pelos deuses e que possuíam sabedoria inigualável. Outros levavam famílias e nações em longas e penosas expedições, profetizando para elas, governando-as e controlando-as, até que, sob a direção do profeta, atacavam outras nações e tribos, destruindo-as ou dispersando-as, estabelecendo depois ali as suas próprias cidades e lares.

Outros profetas ou chefes profetizavam contra ou a favor de reis e reinos, incitando à guerra e ao derramamento de sangue, em busca de glória ou recompensa. Os mais engenhosos apenas profetizavam aquilo que estava ao seu alcance realizar e fazer acontecer. Outros condenavam os descrentes, ou aqueles cuja mente era demasiado bem estruturada para se deixar governar por eles, ao fogo daquele abismo que o sol simbolizava. Mas *sheol*, *hades*, *tártaro* e *gehena* eram originalmente usados para significar morte, escuridão, sepultura, dor, miséria e moradas fúnebres. E como essas palavras aparecem hoje na História Primitiva, expressam apenas aquilo a que os judeus e gregos as aplicavam: vales sombrios e repugnantes, abismos intransponíveis e horríveis, túmulos escuros e lúgubres — em suma, escuridão, morte, ignorância e sofrimento. Os profetas condenavam os descrentes e rebeldes ao

vale temível de *gehena*, bem como ao *hades*, à cova ou sepultura. E alguns continuavam a falar do abismo imaginado e divulgado pelo potentado daquelas tribos do sul que deram origem aos judeus.

§ 103. Todas as profecias contidas na História Primitiva são aquelas que foram preservadas entre os inúmeros manuscritos dos antigos profetas, e que pareciam manter entre si uma certa ligação, bem como com as doutrinas que os judeus estavam ansiosos por sustentar, de modo a suplantar completamente os gentios com a força da sua mitologia previamente concebida. Muitas outras que hoje não constam da História Primitiva foram rejeitadas por serem consideradas inúteis e irrelevantes — e isso aconteceu antes de serem compiladas as que agora fazem parte do registo. A segunda parte da Bíblia, alguma da qual não tem ligação direta com os registos primitivos, também é composta por uma seleção de manuscritos feita pelos concílios de bispos reunidos em Niceia e Laodiceia.

Os escritos sagrados de cada nação durante a era dos oráculos eram quase incontáveis. E após o fim da era da profecia, foram feitas seleções desses materiais por várias nações, que assim formaram os seus próprios registos sagrados. E de todos eles, os judeus copiaram extensivamente; e todos os escritos que estavam em perfeita harmonia com a sua própria teologia mitológica preconcebida, foram preservados; e os que não estavam, foram rejeitados por três vezes e lançados às chamas. Esses manuscritos eram sem nome nem data, e desconectados de qualquer circunstância que indicasse a sua origem. Foram escritos na casca macia das árvores e em caracteres hieroglíficos e pictóricos.

Os rabinos judeus conhecem bem a origem do Talmude; os muçulmanos conhecem a origem do Corão; os brâmanes conhecem a origem do Shaster; os persas conhecem a origem do Zend Avesta; mas os especuladores teológicos modernos não sabem a origem da "história" que têm defendido com a pena, com a fogueira e a chama — e, mais poderosamente ainda, com a espada.

Durante muitos séculos, a História Primitiva não estava condensada na sua forma atual; e os manuscritos então reunidos eram suficientemente numerosos para formar um volume três vezes maior do que o livro atual. Nenhum deles tinha nome de autor, mas quase todos foram escritos por pessoas diferentes; e os períodos em que foram compostos variavam entre seis mil e mil e quinhentos anos antes da nossa era.

Os manuscritos originais que os judeus possuíam estavam escritos em grego. Para além desses, foram também reunidos manuscritos de outras nações e escritores, e os seus conteúdos foram igualmente transcritos. Foi nessa época que muitas partes da História Primitiva foram levadas para a Pérsia; e aí permaneceram durante vários séculos, até que os judeus foram levados para o cativeiro — altura em que transcreveram alguns desses textos, e trouxeram o restante consigo quando

regressaram ao seu país. Foi neste período que muitos dos escritos originais, por se oporem às suas doutrinas peculiares, foram rejeitados. E os que foram preservados constituíram aquilo que os rabinos judeus passaram a considerar como o testamento final da Divindade.

Essa coleção permaneceu inalterada durante quase um século e meio — após o qual ocorreu uma nova revisão, que resultou na rejeição de alguns dos manuscritos então existentes, bem como na divisão dos que foram mantidos em livros. Estes foram, posteriormente, divididos em capítulos, sendo cada livro nomeado segundo a pessoa que se supunha ter escrito o manuscrito. Os capítulos foram depois divididos em versículos; mas todas estas divisões são de data recente.

Em algumas passagens do Antigo Testamento que parecem proféticas e que aparentam corresponder a acontecimentos que realmente ocorreram, os compiladores mudaram ocasionalmente o tempo verbal, para fazer com que a profecia parecesse mais definida. Existem muitos casos em que o tempo presente foi alterado para o passado, e o futuro é usado em vez do passado ou do presente. Esta fase pode ser corretamente denominada uma era de teologia heterogénea, intercalada com tolices, ignorância, preconceito e fanatismo.

A origem dos oráculos e dos profetas é, então, claramente compreendida. São um efeito da ignorância, do julgamento não cultivado e da imaginação. Senti-me inspirado a falar brevemente sobre eles, pois são irrelevantes relativamente ao grande propósito que estes escritos visam alcançar.

§ 104. Mas é adequado que eu fale brevemente sobre as possibilidades e probabilidades de uma profecia verdadeira.

O modo da profecia oriental consistia em interpretar sinais como indicações de acontecimentos futuros. Contudo, os seus sinais raramente correspondiam àquilo que era antecipado. O sinal deve sempre corresponder ao que se propõe significar, ou então não é sinal. Os profetas e sonhadores tinham o hábito de produzir sinais simples e vazios de significado para representar grandes e gloriosos acontecimentos, ou catástrofes terríveis e assustadoras. Por isso, as suas profecias eram irreais, mesmo que o que fora profetizado acabasse por ocorrer — pois não havia, nem podia haver, qualquer ligação entre o acontecimento e o seu suposto sinal.

Muitas profecias pareceram cumprir-se substancialmente; mas eram acontecimentos específicos e ocasionais, e não derivavam das profecias como se fossem os seus cumprimentos naturais. Coisas profetizadas com base em probabilidades existentes por vezes aconteciam; mas não há evidência de cumprimento real das muitas profecias ambíguas contidas na História Primitiva. Além disso, muitas dessas profecias eram impuras e profanas, prejudiciais à

moralidade e à felicidade da sua própria nação, e tendiam a incitar à hostilidade, à inveja e à vingança sectária nos corações daqueles a quem eram desfavoráveis.

Não transpiravam qualquer pureza ou refinamento celestial; todos os seus atos e palavras estavam manchados pelo fanatismo sectário. Não estavam a enganar, mas eram enganados. Não devem ser condenados, mas é lamentável que não tenham sido libertos da escravidão da corrupção sectária e levados à atmosfera harmoniosa da luz, da razão e da felicidade.

Para profetizar ou prever um evento com verdade, a pessoa tem de estar em comunhão com o desígnio original do Criador Divino, e com as leis que realizam esse desígnio. A mente, ao compreender corretamente essas leis, torna-se capaz de prever acontecimentos ao longo de toda a eternidade. Não pode haver profecia verdadeira a menos que essas leis que cumprem o desígnio sejam compreendidas intimamente pela pessoa que profetiza. É impossível prever um acontecimento com certeza absoluta com base em qualquer sinal ou circunstância externa. Nunca foi feito, nem pode ser feito por nenhum ser no Universo. Tudo o que é verdadeiramente previsto acontece como resultado de leis imutáveis, e não por causa de meras circunstâncias passageiras e efémeras.

Sinto-me inspirado a apelar brevemente à natureza das minhas próprias impressões proféticas, tal como me são apresentadas quando estou em comunhão com a realidade interior e as causas produtoras de todas as coisas. Quando falo do que há de vir, não apresento nenhum sinal ou evidência externa para confirmar a minha previsão. Não indico nada para que a profecia seja acreditada por quem a ouve. A razão disso é simples: não consigo conceber nenhum sinal externo que demonstre o acontecimento profetizado. É impossível que exista um sinal externo que corresponda ao que se prevê. A única evidência externa da veracidade de qualquer profecia é o seu cumprimento real. Fazem-se profecias verdadeiras sobre os movimentos do sistema planetário e sobre eclipses que estão por vir; mas não pode haver um sinal que demonstre a ocorrência de um eclipse antes de este realmente acontecer. E, quando acontece, o eclipse é a sua própria demonstração externa. Mas a profecia baseia-se em leis imutáveis — e é por essa razão, e só por essa, que ela é infalivelmente verdadeira.

Além disso, é impossível que qualquer mente seja iluminada pelas esferas superiores sobre circunstâncias externas e acidentais; pois todas essas circunstâncias são passageiras e mutáveis, não ligadas a nenhum desígnio, não produzidas por nenhuma causa interior, e não governadas por nenhum princípio geral. Por isso, são igualmente desconhecidas tanto para as mentes expandidas das esferas superiores como para as mentes não instruídas do estado atual de existência. Prever com precisão uma guerra, um acidente ou qualquer circunstância incidental é,

positivamente, impossível; pois não é possível a nenhum princípio interno e geral antecipar à mente um acontecimento puramente acidental.

Só sobre princípios interiores pode uma profecia ser feita com certeza absoluta quanto ao seu cumprimento; e, portanto, se fosse possível que esses princípios previssem circunstâncias externas e acidentais, então a profecia sobre essas coisas poderia ser digna de confiança. Mas, como tal não está na natureza dos princípios gerais e está além do poder da influência individual, é impossível a qualquer ser — quer neste mundo, quer em esferas superiores — proclamar as circunstâncias específicas de um acontecimento com absoluta certeza de que se concretizarão.

Não me sinto inspirado a falar sobre os inúmeros volumes que foram escritos sobre este tema; pois estes derivam de uma compreensão das profecias da História Primitiva ainda mais superficial do que a própria natureza dessas profecias.

§ 105. Antes de falar sobre muitos verdadeiros profetas e profecias verídicas, farei um breve apelo às verdades reveladas na *Chave*, relativas às leis imutáveis e aos seus efeitos como manifestações constantes da Natureza e do Universo — e também relativamente às causas artificiais que continuam a produzir efeitos irreais, sendo estes últimos as circunstâncias passageiras e efémeras associadas à existência física e social.

Por *leis imutáveis*, entendo aquela tendência universal de todas as coisas que não pode, por qualquer meio possível, ser interrompida, alterada ou frustrada.

O processo pelo qual o homem pode tornar-se conhecedor destas leis é através da análise das manifestações físicas externas, descobrindo-lhes a causa interior e o princípio que as rege. Já ficou estabelecido que os efeitos externos e visíveis não podem ser considerados indicadores fiáveis da sua causa interior; para conhecer a causa, é necessário analisar o efeito ou a forma. Ao tomar conhecimento dos princípios interiores e motores da Natureza, passamos a conhecer os elementos da Mente Divina, bem como os desígnios universais desta. Esses desígnios são os efeitos e desenvolvimentos constantemente manifestados em toda a Natureza.

Ao conhecermos a causa, familiarizamo-nos automaticamente com o efeito; e se for nas leis que a mente se basear, então os efeitos e manifestações externas podem ser profetizados com a mais absoluta certeza — mesmo milhões de anos antes da sua ocorrência. Pois as leis e princípios são as causas geradoras de todos os efeitos; e todos os efeitos físicos, desenvolvimentos e manifestações são as consequências reais e inevitáveis da Causa divina, interior e criadora. Assim, no princípio, uma Causa gerou um Efeito, que se tornou a causa de outro; e assim, causa e efeito tornaram-se universais e eternos, de acordo com os impulsos da Causa divina interior, a qual há de produzir um único e geral Efeito externo e celeste. Sinto-me

inspirado a falar desta forma para que os teólogos compreendam a única base sobre a qual repousa toda verdadeira e infalível profecia.

Muitas das condições que rodearam os primeiros tipos de humanidade eram desfavoráveis ao desenvolvimento adequado das suas faculdades mentais. O resultado foi uma inclinação incorreta dessas faculdades e impulsos, que, de outro modo, teriam sido perfeitos e justos no seu funcionamento. Foi dessa ternura juvenil que surgiram todas as impressões grosseiras e imaginativas que, ainda hoje, revestem a mente humana com um manto irreal e infeliz. A primeira má orientação nasceu de condições desfavoráveis e não estava ligada a nenhuma Lei, Desígnio ou Princípio que governe o Universo.

Portanto, aquilo a que chamo *irreal* e *superficial* são as circunstâncias criadas por condições anteriores e correspondentes — circunstâncias estas que estão dentro do poder do ser humano para criar, controlar ou eliminar. Se os efeitos superficiais e circunstâncias que marcam os movimentos ocasionais da sociedade, as vicissitudes dos governos, ou qualquer outra realidade externa que tenha causado tanta pobreza e miséria no mundo, fossem o resultado de Lei, Desígnio e Princípios estabelecidos — então o mundo humano estaria para sempre em cativeiro, pois tais influências seriam incontroláveis. Mas a verdade é que o Homem criou essas circunstâncias, e tem o poder de as remover. E como essas circunstâncias só acontecem quando milhares de contingências concorrem para a sua concretização, é absolutamente impossível prevê-las com certeza absoluta.

O que entendo por *circunstâncias*, portanto, são aqueles acontecimentos contingentes que estão completamente desligados de qualquer Desígnio ou Lei, sendo criados e desenvolvidos pelo homem. E o que entendo por *manifestações físicas externas* são os efeitos constantes e inevitáveis de uma Causa interior, divina e imutável.

Muitos dos antigos profetas pretendiam prever guerras, fomes e pestes, e produziam sinais simples que ensinavam como sendo correspondentes e anunciadores desses acontecimentos. Outros previam, do mesmo modo, a destruição de cidades e a queda de nações, e falavam de muitas outras coisas que viriam a ocorrer no futuro, as quais contribuiriam para o seu próprio benefício e o daqueles para quem profetizavam. Muitas dessas profecias constam na *História Primitiva*.

Algumas cumpriram-se; mas isso não constitui prova de que os seus autores fossem divinamente instruídos: pois todas as circunstâncias externas que dependem de contingências favoráveis estão fora do alcance de qualquer mente profética ou ser iluminado por Deus — uma vez que essas coisas não são determinadas, mas resultam das tendências corrompidas e efémeras da sociedade humana e da existência física. Por isso, sinto-me profundamente convencido da veracidade da

proposição de que é absolutamente impossível para qualquer ser — neste mundo ou em qualquer esfera superior — receber instrução sobre contingências efémeras de modo a prever com certeza a sua ocorrência.

§ 106. O objetivo de esclarecer estas questões é estabelecer a *probabilidade* de profecias verdadeiras e defender a *História Primitiva* das muitas interpretações falsas e fantasiosas que lhe têm sido impostas. A obra original apresenta um relato simples e conciso das profecias de homens que viveram antes da sua compilação, mas muitos desses não reivindicaram qualquer dom profético para além do seu próprio tempo.

Outro objetivo em esclarecer estas questões é estabelecer uma distinção clara entre profecias reais e irreais. Pois existem profecias na *História Primitiva* que são verdadeiras, divinas e justas; e os homens que as proferiram estavam instruídos sobre o funcionamento interno e as tendências da Natureza, proclamando, com base nos princípios imutáveis de causa e efeito, muitas verdades grandiosas e sagradas — acontecimentos que acontecerão, efeitos que se concretizarão. Esses homens tinham os seus princípios internos de pensamento tão expandidos que eram capazes de reconhecer o funcionamento interior de todas as leis divinas e, por isso, podiam proclamar com segurança verdades grandes e gloriosas.

Alguns dos ensinamentos desses homens foram, por comentadores e teólogos modernos, injustamente deturpados. Pois estes, tendo sido mal orientados na sua educação religiosa, não conseguiram descobrir as verdades reais, simples e puras que estão contidas em muitas das profecias que enriquecem as páginas da *História Primitiva*.

Mas essas profecias foram mal colocadas e mal compreendidas; e entre elas estão entrelaçadas muitas palavras profanas, bem como relatos de atos injustos praticados pelos primeiros habitantes da Terra. Há muitas interpolações, embora estas não tenham sido introduzidas com más intenções, mas porque os compiladores acreditavam sinceramente que tais adições eram necessárias para que a história completa apresentasse um relato coerente e abrangente das coisas a que fazia alusão.

Outro objetivo desta clarificação é libertar a mente do afeto antinatural e do preconceito sectário (o que é o primeiro passo necessário para a reorganização da sociedade e do mundo), e inspirá-la com amor à Verdade — e apenas à Verdade.

É, portanto, importante compreender isto: muitas profecias locais que se encontram na *História Primitiva*, referentes a circunstâncias que se cumpriram, não provam, por si só, que os seus autores tenham sido instruídos por uma fonte celestial, nem que possuíssem uma teologia superior. E, na medida em que essas profecias são externas e superficiais, devem ser descartadas por aqueles que aspiram a alcançar

uma ordem mais elevada de entendimento e existência. Também é importante entender que muitas dessas profecias — mesmo as que são verdadeiras — têm o seu próprio valor de prova, e além disso são, na verdade, inúteis.

Por outro lado, é importante assinalar que aquelas profecias fundadas nos princípios da Natureza — e que se hão de cumprir — devem ser consideradas como provas substanciais do discernimento iluminado e da elevada espiritualidade dos seus autores, e devem ser admiradas e valorizadas. É igualmente apropriado que essas profecias sejam proclamadas ao mundo — mas apenas à medida que a humanidade for compreendendo as causas que trarão à realidade o acontecimento profetizado, e se disponha a envidar esforços vigorosos para a sua concretização.

Quando esses nobres e esclarecidos espíritos proclamaram que "o pecado e a transgressão teriam fim, e que a justiça eterna seria instaurada", estavam inspirados pela grande e brilhante verdade de uma ressurreição universal de toda a imoralidade e de todas as condições sociais antinaturais. E aquele espírito que previu que "a morte seria destruída, e aquele que tem poder sobre a morte, que é o mal", foi movido por uma convicção elevada e verdadeira — uma verdade que a Natureza, por todo o lado, testemunha. Esse espírito concebeu ainda que esta corrupção mortal e efémera, que fere a paz e felicidade da sociedade, seria substituída pelos princípios genuínos da Natureza, tornando o homem incorruptível. Ele viu também que chegaria o tempo em que essas influências corruptoras e viciantes, que envolvem todo o mundo mental e social, desapareceriam — e que a sociedade e o mundo se vestiriam de felicidade e imortalidade.

Estas verdades foram proclamadas por todos os profetas puros e inspirados desde que começou o mundo da desunião social — anunciaram a restituição final de todos os seres inteligentes à inocência primitiva e à harmonia universal. E viram claramente que, quando tal se cumprisse, já não haveria dor nem tristeza, pois todas as coisas antigas e corrompidas que destruíam a paz da sociedade teriam passado, e tudo se teria tornado novo. Viram que essa grande renovação constituiria "um novo céu e uma nova terra, onde habita a justiça". Viram os males da sociedade — as situações imorais e corruptas da humanidade — e profetizaram, conforme a lei imutável do desenvolvimento progressivo, que o mal acabaria por ser banido da terra, que o "sol da justiça se levantaria com cura nas suas asas", e que a bondade e o amor fraterno reinariam universalmente. Estes espíritos estavam ligados ao interior de todas as coisas, e recebiam impressões divinas de verdades eternas. Não falavam de esferas superiores, pois o mundo ainda não estava preparado para acolher tais verdades. Mas falavam sobre o mal presente e a mortalidade, e sobre a bondade futura e a restauração permanente da raça humana à paz e à harmonia.

Previram que um grande Exemplo das verdadeiras qualidades morais e espirituais do homem acabaria por surgir. Viram que ele, pelas suas qualidades superiores,

manifestaria toda a pureza e doçura de espírito, e toda a bondade e sociabilidade, tornando-se um modelo de harmonia social e perfeição espiritual. Viram que ele possuiria todas as capacidades naturais e dons superiores para os quais a humanidade, inevitavelmente, progrediria. Viram nele o desenvolvimento de toda a pureza moral e espiritualidade que existe, ainda que latente, em todo o ser humano. Este ser seria um símbolo simples de bondade espiritual e de qualificação social perfeita. Isto proclamaram ao mundo, porque assim foram inspirados pelos ensinamentos dos seus princípios interiores — que comungavam com os Princípios divinos que sustentam e governam o Universo, emanados do inexprimível Vórtice do Amor e da Sabedoria celestiais.

Estas profecias mostram que os seus autores tinham um conhecimento verdadeiro dos Princípios da Natureza, e do Desígnio divino que esses princípios constantemente manifestam. Demonstram que as suas mentes estavam amadurecidas e eram recetáculos adequados à afluência de sabedoria e conhecimento.

Foi assim que previram o que já se cumpriu — e o que ainda está por acontecer. E as suas profecias são passíveis de demonstração, porque assentam em leis infalíveis que inevitavelmente conduzirão aos efeitos profetizados. Viram (como foi dito na *Chave*) que a Verdade é um princípio positivo, e que o Erro é negativo e superficial; e perceberam que aquilo que é positivo e eterno há de, por natureza, transcender e vencer o que é apenas passageiro e ilusório.

§ 107. Passo agora a considerar uma nova ideia desta série — a que se refere ao nascimento e ao propósito daquele ser que foi a mais elevada personificação de virtude, pureza e bondade. Mas antes de tratar das profecias e dos relatos sobre essa nobre personagem que se encontram na *História Primitiva*, introduzirei algumas reflexões importantes sobre a origem divina da Verdade, a sua imutabilidade e omnipotência.

Deve ser evidentemente claro para qualquer mente que o homem não se criou a si próprio, nem criou os reinos vegetal e animal. Também não planeou nem executou a criação da Terra ou do sistema solar. Nem teve qualquer envolvimento na produção ou estabelecimento da harmonia do Universo. E tampouco está ele a desenvolver qualquer novo Princípio divino, ou a fazer emergir, do Vórtice da Mente Divina, leis ou princípios que antes não existiam.

Mais ainda, não pode ele, com todo o seu orgulho e presunção, aniquilar ou alterar um único traço ou qualidade de uma só partícula que compõe o harmonioso Universo. Nem é capaz de modificar a Verdade depositando confiança no seu oposto. E, embora tenha a capacidade de crer ou descrer, e de nutrir afeto por ideias pré-concebidas que ele considera como verdade, a Verdade em si permanece

inalterável, e não é influenciada, positiva ou negativamente, pelas opiniões efémeras do Homem.

A Verdade é um elemento da Mente Divina, e manifesta-se pela sabedoria, uniformidade e harmonia que caracterizam e aperfeiçoam tudo o que foi criado. Tem, portanto, origem divina e celestial, e é revelada à mente humana através das múltiplas expressões da Natureza e do Universo. Sendo um elemento interno e governante, perpassa igualmente todos os domínios do *Universo-Cósmico* (Universcoelum).

É, por isso, um Princípio necessário e imutável — e, consequentemente, eterno. E enquanto todas as formas criadas habitarem em unidade e harmonia, dispostas nas suas respetivas esferas de existência; enquanto todas as produções rudimentares continuarem a ser emanadas e perpetuadas pela Natureza e suas leis; e enquanto todas as esferas celestiais e sistemas de vida, beleza e perfeição continuarem a manifestar e desenvolver a mesma ordem e harmonia — a Verdade continuará a proclamar a sua omnipotência divina e eterna.

Quando todas as coisas criadas forem restauradas à unidade e estiverem nas suas devidas e recíprocas relações, então o homem poderá contemplar a plena manifestação daquela Verdade que emana do Vórtice celestial do Amor e da Sabedoria.

Assim, a Verdade é divina na sua origem, eterna e imutável na sua natureza, e omnipotente na sua constituição.

Os primeiros habitantes da Terra concebiam que viviam sobre uma esfera achatada, sustentada por tantos monstros vivos e colossais quanto a imaginação podia conceber. Procuravam compreender, como é hábito na mente humana, as causas das coisas manifestadas. E assim formaram essas conceções quiméricas, pois não estavam ainda suficientemente iluminados para compreender a verdade, ou para perceber os princípios sobre os quais eles e o Universo existiam. Tornou-se então uma crença universal que a Terra era completamente imóvel, não apenas porque todas as evidências externas pareciam confirmar essa conclusão, mas porque não conseguiam acreditar que uma esfera daquele género pudesse girar e, ainda assim, manter-se na mesma posição, sustentada por nada.

Muitos dos autores dos livros da História Primitiva acreditavam sinceramente nesta ideia, e por vezes a integravam em descrições poéticas nas suas composições sagradas. Era uma opinião que nem por um momento foi posta em causa, até que um filósofo grego e outro egípcio expressaram publicamente a sua convicção de que a Terra girava. Esta opinião ganhou alguns adeptos, mas eram poucos em comparação com aqueles que acreditavam piamente em todas as tradições dos seus antepassados.

Assim, a mesma impressão continuou a prevalecer quase universalmente durante muitas gerações, até que um conhecido filósofo da época moderna descobriu aqueles princípios interiores de movimento que, para a sua mente, constituíam uma demonstração incontestável de que a Terra e todos os corpos afins giravam incessantemente em harmonia em torno do Sol, seu astro-pai. Ele assim descobriu a verdade — mas essa verdade existia tal qual desde toda a eternidade!

As nações da Terra opuseram-se a ele, pois tinham oráculos e profetas sagrados que ensinavam doutrina diferente. Todos os eclesiásticos e potentados do país, incitados por uma repulsa superficial e infundada à sua heresia, opuseram-se aos seus esforços e estiveram prestes a condená-lo às chamas. Esses homens acreditavam estar a defender aquilo que julgavam ser verdade sagrada, e sentiam que, sendo sustentados pela verdade, também deveriam sustentá-la em retorno. Essa impressão errada envolvia as suas mentes numa hostilidade fanática contra todas as novas teorias e descobertas que pudessem, de algum modo, desviar a atenção da humanidade daquilo que eles defendiam com tanto fervor.

Importa assinalar que a Terra já girava antes de alguém acreditar nisso — e que a descoberta do facto não a tornou mais verdadeira. A informação, no entanto, foi proveitosa, na medida em que o conhecimento da Natureza e das suas leis inspira no entendimento iluminado confiança no Universo e no seu Criador. Atualmente, os modos e hábitos de pensamento da humanidade mudaram em vários aspetos importantes; porém, no geral, o povo pouco avançou em termos intelectuais para além daqueles que se opuseram à divulgação das novas descobertas astronómicas.

Portanto, embora me sinta impelido a falar da História Primitiva com cautela e gentileza, também estou impressionado com o facto de que ela não merece mais veneração do que os ensinamentos de muitos outros bons espíritos que viveram e escreveram. E embora eu descubra verdade interior e imortal em muitas das expressões, preceitos e exemplos ali registados, sinto que devem ser amados e admirados pela sua realidade e utilidade — não meramente por estarem contidos nessas páginas escritas ou impressas, mas porque são Verdade, e sempre foram, e sempre serão.

§ 108 A razão pela qual me sinto impelido a falar particularmente sobre esta "história" é que, a partir da sua existência no mundo, surgiram enormes monumentos de ignorância, superstição e má interpretação. Por isso mostrei que algumas das suas partes são compêndios de mitologia oriental — judaica, egípcia e persa — bem como produções das brilhantes imaginações de mentes desinformadas. Há muitas pessoas nobres e esclarecidas representadas nessas páginas, cujas capacidades de pensamento e imaginação merecem, com justiça, a mais profunda estima e admiração.

Muitas das representações alegóricas e simbólicas ali contidas são de extraordinária beleza e suscetíveis de ser interpretadas de forma brilhante e grandiosa. Contudo, o mundo reveste essa história de mais divindade do que aquela que ela própria reclama, e assim encobre o todo com um manto de obscuridade e misticismo impenetrável, que agride o juízo e distorce as faculdades mentais da sua condição e ação naturais.

Quando homens bons e esclarecidos expõem os seus pensamentos ao mundo, e quando as suas nobres obras apelam ao respeito e aprovação da humanidade, deve ser feita uma devida distinção entre estas e as injustas. Mas os homens devem amar apenas aquilo que são compelidos a amar pela força da verdade — e rejeitar aquilo que é repulsivo e contrário à sua natureza e suscetibilidade mental. A História Primitiva dá-nos a conhecer alguns desses homens e ensinamentos do primeiro tipo: e esses devem ser admirados na medida daquilo que é intrinsecamente digno de aprovação.

Mas os homens bons e as boas obras devem ser igualmente amados fora dessas páginas como dentro delas. E não se deve estabelecer qualquer distinção de carácter superficial entre membros, classes ou nações da família humana. Assim, respeitar excessivamente esses escritores — para além do que é admissível segundo os princípios universais que regem a Natureza e o Homem — seria violar as mais claras leis da equidade e abandonar os princípios divinos da harmonia em favor do que é desunido, irreal e confuso.

Estando numa posição que me permite reconhecer as causas das coisas, não posso deixar de notar aquilo que está a semear a desunião e a corrupção por todo o mundo. E quando investigo a origem da teologia alegórica e mitológica, sou obrigado a falar dela segundo a natureza das minhas impressões. E mesmo estando consciente de que os sentimentos, afetos e julgamentos dos homens estão profundamente envolvidos neste assunto — e de que, por este livro, os homens exercem amor e admiração como se ele fosse ainda mais verdadeiro do que os próprios Elementos e Corpo da Mente Divina — ainda assim sinto-me compelido a falar com seriedade e franqueza acerca da verdade ou falsidade de muitas das suas partes.

Ainda que essas afeições por princípios erróneos surjam apenas de impressões precoces, é adequado que lhes seja feito um apelo gentil, de forma a que o julgamento possa reconhecer a verdade importante de que, se todas essas profecias e declarações são divinas e eternas, elas permanecerão inalteradas e serão perpetuadas por todas as gerações — enquanto todas as teorias e hipóteses invasivas serão destruídas e esquecidas para sempre.

Que aquilo que estou impelido a afirmar seja, pois, aceite como verdadeiro ou rejeitado como falso, segundo a sua correspondência com o vosso julgamento. E se

o que relato não for verdade, não prejudicará aquilo que o é. Não temais, portanto, que a verdade venha a sofrer com estas investigações, mas depositai confiança na sua imortalidade e omnipotência, e tende a certeza da fraqueza e transitoriedade do erro. Sede, contudo, cautelosos nas vossas decisões, e não aceiteis aquilo que não se dirija aos vossos afetos e julgamento com a voz da razão, nem aquilo que não receba aprovação espontânea dos vossos princípios interiores.

Se a *História Primitiva* é um Oráculo da Verdade, nenhuma assistência humana poderá torná-la mais verdadeira. Não temais, pois, que a verdade possa sofrer com as invasões do erro e da injustiça. Aqueles que se esforçam por defender as palavras contidas nesse livro são pessoas que nutrem mais afeição pelas impressões precoces do que pelas descobertas progressivas nos labirintos inexplorados da sabedoria e da justiça. São indivíduos receosos quanto aos resultados de uma investigação rigorosa — não apenas sobre este tema, mas sobre muitos outros — e que não procuram conhecer o que é a verdade, mas apenas desejam que prevaleçam as suas convicções atuais.

Tendo estas considerações em vista, julgo apropriado reforçar a necessidade de investigar todas as coisas, sem recear minimamente pela incorruptibilidade e imortalidade da verdade. E é igualmente apropriado abandonar toda a forma de condenação, ainda que o mundo possa opor-se à verdade agora apresentada com a mesma hostilidade infundada e preconceituosa que foi demonstrada contra o distinto e venerável filósofo da astronomia. Mas lembrai-vos de que a Terra continuou a girar, mesmo quando tal facto era totalmente desacreditado pela humanidade.

Lembrai-vos também de que a verdade continuará sempre a viver — seja ela acreditada ou não, tanto pelas classes instruídas como pelas não instruídas da sociedade. E àqueles que tremem pela verdade — quer seja a que supõem encontrar-se na *História Primitiva*, quer em qualquer outro domínio do Universo — peço que suspendam por um momento a sua agitação e inquietação, e contemplem a sua própria tolice e impotência — enquanto a Verdade, por sua vez, ilumina o seu semblante com um sorriso de beleza imorredoura!

Que a Natureza, o Universo e a Mente Divina sejam, então, a fonte do vosso ensinamento. Mas se desejais contemplar exemplos da fraqueza humana, lede os comentadores desta História.

Buscai, explorai e descobri a verdade, e colocai nela os vossos afetos, por ser um elemento da Sabedoria Divina. Não os coloqueis sobre aquilo que o vosso juízo reprova, ou contra o qual as vossas sensibilidades espirituais se revoltam. Não acrediteis numa verdade apenas por ter sido acreditada e ensinada antes de vós, mas por ser verdade — e por conduzir a mente a esferas mais elevadas de grandeza e beleza. Lembrai-vos de que a mente, no seu verdadeiro estado, é livre para pensar e

agir — livre de todo o jugo sectário e superstição. Contudo, considerai que, presentemente, a mente não age livremente nem expressa as suas convicções profundas, porque a si mesma se aprisionou e já parece não desejar libertar-se.

A mitologia resultou de ignorância e má compreensão anteriores; e a superstição, o sectarismo e o preconceito nasceram da mitologia. Todos estes afetaram as mentes desinformadas das gerações passadas, e são herdados por milhões de espíritos livres da era atual. Daí o vosso apego intransigente às primeiras impressões; ao que vos ensinaram os vossos pais; à interpretação sectária da *História Primitiva*; e a cerimónias hipócritas e vazias — as quais têm vindo, e continuam hoje, a erguer muros de separação entre marido e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs, nações e nações, e entre a Natureza e a teologia, destruindo assim a felicidade da humanidade. E esses efeitos são uma prova viva, para qualquer entendimento esclarecido, de que qualquer sistema que os tenha causado não é divino — não provém da Natureza nem do seu Criador — e é, por conseguinte, prejudicial e inequivocamente injusto.

Aprendei, então, com estas coisas, a moderar as vossas primeiras afeições, para que a razão possa gerar sentimentos bons e verdadeiros, e para que possais tornar-vos recetáculos dignos das respirações espontâneas da Mente Divina, que é Amor e Sabedoria, e que incessantemente evolui o Princípio Omnipotente da Verdade Eterna.

Estas reflexões são apresentadas como um apelo aos vossos afetos interiores, e especialmente àquele princípio divino — a Razão — que constitui a natureza interior de todo o ser humano.

§ 109 Prossigo agora com a comunicação das minhas impressões acerca das profecias e opiniões relativas àquela adorável personagem que viveu sobre a Terra, e cuja história tem sido, por muitos escritores, descrita de forma imperfeita e injusta — injusta por não corresponder à verdade. Esses escritores falaram tal como se fala ainda hoje: a partir de convicções precocemente adquiridas. Muitos dos relatos que nos foram deixados acerca dele estão entremeados de contradições evidentes relativamente aos princípios fundamentais da Natureza. Convém, por isso, esclarecer a origem desses diversos relatos antes de considerar especificamente a pureza superior e a majestade da grandeza daquele que veio iluminar o mundo.

Para compreendermos devidamente a origem de muitas doutrinas relacionadas com este assunto — doutrinas que foram herdadas dos ensinamentos de homens denominados profetas — torna-se necessário ponderar um pouco sobre os cinco livros atribuídos a Moisés, bem como sobre outros escritos que com o tema se relacionam.

O primeiro livro, chamado *Génesis*, não foi escrito por Moisés. A sua primeira parte consiste em alegorias tradicionais dos tempos primitivos, que já existiam no mundo muito antes de Moisés ter vivido. A descrição da formação do mundo, da criação de Adão, do jardim do Éden e da árvore do conhecimento, são figuras utilizadas pelas antigas nações do Oriente. Este livro apresenta indícios externos claros quanto à sua verdadeira origem.

No entanto, os teólogos têm assumido que Moisés teria sido instruído sobre tais acontecimentos muitos séculos depois de estes terem ocorrido. Alguns chegaram mesmo a supor que a Terra não é mais antiga do que aquilo que a cronologia da *História Primitiva* indica. Acreditaram, ainda, e tentaram provar, que as alegorias registadas no livro do *Génesis* eram verdades literais e fatuais. Importa reter este ponto, pois é com base nesta suposição que todos os escritores cristãos fundamentaram as suas interpretações dos relatos do *Génesis*, relacionando-os com o nascimento, vida e missão de Jesus, o grande Reformador Moral. Procuraram, assim, estabelecer um nexo entre a alegada queda do homem no Éden, conforme relatado no *Génesis*, e uma posterior restauração — que, segundo supõem, seria concretizada pelo triunfo final dos princípios divinos ensinados por Jesus de Nazaré.

É, no entanto, nitidamente evidente que esta ideia não poderia ter sido concebida por aqueles que redigiram os livros de nenhum dos dois Testamentos. Os apóstolos, ao narrarem o nascimento, a vida e a pregação de Jesus, não deixam, ao longo de todos os seus escritos, sequer uma única insinuação de tal conceito. Não falam da pureza original do homem, nem da sua queda, em relação ao propósito do nascimento e da vida daquele que tanto amaram. Nada dizem sobre o jardim do Éden, sobre a queda do homem, nem sobre nenhuma das alegorias contidas no livro do *Génesis*. Aqueles que escreveram sobre Jesus deviam conhecer o objetivo do seu nascimento e da sua pregação — e, por isso, se o plano de "redenção" criado pelos teólogos representasse efetivamente a verdade, teria sido mencionado por eles como um dos primeiros e mais essenciais pontos a compreender no que toca ao nascimento e vida daquele que trabalhou pela ressurreição moral da humanidade.

É evidente, por muitas expressões no *Génesis*, que este livro não poderia ter tido origem em Moisés. Foi, antes, escrito por um homem que compilou de forma sagrada a mitologia tradicional dos antepassados. Estou perfeitamente convencido, pela natureza das minhas impressões, de que os outros livros atribuídos a Moisés foram, na realidade, escritos por ele. A história contida nesses quatro livros é, de um modo geral, muito verdadeira; e, pela sua veracidade, devem esses livros ser estimados e valorizados.

É-nos apresentado um relato do nascimento de Moisés, ou, mais precisamente, das circunstâncias da sua infância. Esse relato, sendo verdadeiro ou não, não tem qualquer influência sobre a generalidade da história contida nesses livros. Parece

que a narrativa romântica do seu nascimento e da sua situação invulgar na infância é verídica. E o facto de ter sido descoberto naquela condição inusitada provocou grande espanto entre os habitantes da terra; e, à medida que tal episódio era contado de forma maravilhosa pelos que o encontraram, ele rapidamente se tornou numa figura proeminente. As coisas maravilhosas que se diziam a seu respeito foram acreditadas e engrandecidas por muitas tribos do Oriente, incluindo os egípcios. Tornou-se, assim, notório entre todos, e, por conseguinte, foi levado a tentar corresponder à impressão geral que existia quanto às suas capacidades superiores.

Isto levou-o a adotar hábitos de estudo, o que desenvolveu e aperfeiçoou imensamente a sua mente. Foi, de facto, uma circunstância feliz para ele o facto de esses relatos maravilhosos estarem associados ao seu nascimento; pois, dado que todos acreditavam que ele estava destinado a alguma missão elevada e sagrada, não desejava perder o apreço que lhe era concedido por esse motivo. Acabou também por acreditar, tanto quanto os outros, na ideia da sua alta vocação. Estas coisas agiram sobre o seu amor-próprio, e, consequentemente, ele empenhou-se na busca da sabedoria e do conhecimento, aspirando, se possível, a superar todos os outros homens do seu tempo.

Convém aqui observar que, naquela época, era quase universal entre as nações orientais a expressão "o Senhor dirigiu", "o Senhor falou", etc., sendo tal frase usada para indicar o surgimento de um pensamento. Os primeiros habitantes acreditavam que os "sopros" criavam os seus pensamentos; e, por isso, diziam que os "sopros" os haviam instruído a agir de determinada forma, a empreender determinada tarefa ou jornada — e todas essas inspirações eram obedecidas com rigor, se fossem claras e convincentes. Esta expressão foi sendo modificada ao longo das gerações em várias formas, até se tornar numa frase feita; e, devido à sua frequência, difundiu-se amplamente pelos escritos sagrados.

Os povos antigos — e mesmo os que viveram muitos séculos depois — não conseguiam conceber que os pensamentos pudessem surgir dentro de si sem o influxo de algum espírito exterior e invisível. O fenómeno do pensamento levava-os a especulações mais imaginativas do que qualquer outra coisa que observassem. Por isso, tornou-se comum entre os escritores proféticos dizer que o Senhor lhes falara — que construíra planos, colocara questões, sugerira sinais, etc. — pois acreditavam que tais coisas provinham de um influxo direto do pensamento da Mente Divina. A conceção de que o pensamento tinha origem invisível era uma consequência natural da ignorância em que se encontravam quanto às causas dos fenómenos mentais.

Eles usavam o termo "Senhor" no mesmo sentido em que eu uso a palavra "impressão"; pois os seus pensamentos eram gerados por associações com verdades semelhantes às que hoje reconhecemos. Assim, se, em vez de dizerem "o Senhor

falou", tivessem dito "estou impressionado com tal ou tal pensamento", os teólogos de hoje compreenderiam o mistério.

Moisés, ao atingir a idade adulta com uma constituição robusta e saudável, e dotado de superiores capacidades intelectuais, começou a ensinar com profundidade, atribuindo as suas impressões à influência do espírito invisível do Senhor, conforme a convicção geral da época. Esta era, na verdade, a primeira ideia inculcada na sua mente desde a juventude, e que, na maturidade, se desenvolveu plenamente. Apesar deste erro, Moisés era intelectualmente muito superior a quase todos os homens do seu tempo.

§ 110 Não me é necessário entrar em pormenores sobre a sua longa e prolongada expedição à frente dos israelitas, nem analisar particularmente os relatos que se fazem dos muitos feitos milagrosos que lhe são atribuídos. O meu principal objetivo é abordar algumas opiniões teológicas que foram extraídas dos seus escritos.

Se foi ou não designado para ser líder e governador dos israelitas, é uma questão que não deve suscitar discussão, pois não envolve nenhuma verdade importante nem princípio de aplicação útil. No entanto, muitas impressões erróneas foram retiradas dos milagres que ele supostamente realizou durante a jornada com os israelitas. O relato da sua travessia do Mar Vermelho com os exércitos de Israel em terra seca é, de facto, verdadeiro. Mas o que se refere às causas que produziram a separação das águas é inteiramente figurativo, exprimindo apenas a forma exterior que Moisés adotou para louvar a origem das impressões que o guiavam — acreditando, como acreditava, que o Senhor era o inspirador.

A travessia do Mar Vermelho em terra seca, com as águas de cada lado, não foi apenas realizada pelos israelitas sob o comando de Moisés, mas também já fora feita anteriormente, e voltou a ser feita depois do tempo de Moisés. Naquela altura, as águas haviam simplesmente recuado de uma elevação do fundo do mar sobre a qual atravessaram: pois, com a maré baixa, aquele local — sendo um banco de areia — ficava a descoberto, como uma praia, permitindo assim uma passagem segura.

Era costume agitar uma vara sobre algo, ou beijar, ou golpear qualquer coisa de que se esperasse auxílio. Estes gestos eram também formas de expressar gratidão e reconhecimento. O relato não indica mais do que isso; a vara foi agitada, e as águas foram simbolicamente tocadas com a veste, porque a praia estava seca e era possível atravessá-la em segurança.

O autor comentou, na presença de quem assistia à transmissão desta mensagem, que percebeu que esta travessia do Mar Vermelho foi realizada da mesma forma que por um dos cinco reis referidos no capítulo 14 do Génesis, acompanhado pelo seu exército. Acrescentou ainda que Napoleão Bonaparte também atravessou, da

mesma forma e no mesmo local, o fundo seco do mar com a maré vazia. Desde então, contudo, o fundo marinho naquele local alterou-se substancialmente devido ao deslocamento das areias.

O relato de que foram perseguidos por Faraó e os seus exércitos é igualmente verdadeiro, assim como a destruição do seu exército: pois, ao tentar atravessar, foram, devido ao seu grande número, severamente retardados; e, quando já se encontravam quase todos na passagem, a maré regressou e acabaram por morrer afogados. Moisés atribuiu esta libertação à intervenção direta da Mente Divina; e assim tem sido interpretado por muitos escritores teológicos.

Outros acontecimentos igualmente notáveis são também referidos, como a obtenção de água ao golpear uma rocha; a vara que se transforma em diversas formas; a alimentação com o maná que caía do céu; entre outros factos maravilhosos. Se estes relatos são verdadeiros ou não, é uma questão que não deve ocupar o tempo e os talentos da humanidade, pois a sua resolução não traria qualquer benefício real para a renovação física e moral da raça humana.

Moisés também fala de ter recebido alguns mandamentos divinos enquanto estava no Monte Sinai, e de ter recebido instruções do Senhor a partir de uma nuvem escura e imóvel. Relata que uma voz lhe surgiu da nuvem enquanto se encontrava no monte, e que lhe transmitiu aqueles mandamentos severos que deveriam constituir a lei que governaria os israelitas. Há muitas figuras muito belas e representações alegóricas sugeridas pelo relato deste encontro tão novo e misterioso; mas o meu objetivo neste momento é falar sobre a origem deste relato, que nos seus traços gerais é substancialmente verdadeiro.

Moisés, depois de ter convivido com os israelitas durante muitos anos e constatando que muitos deles estavam extremamente desejosos de mudar de situação e governo, considerou adequado que tivessem algumas leis específicas e rigorosas. Ao perceber que era impossível inspirar-lhes qualquer princípio moral real e substancial, concebeu como apropriado obter por algum meio um código pelo qual pudessem ser governados, e cuja origem não lhes fosse conhecida. Pois, sendo eles fanáticos e supersticiosos, ele não os conseguia instruir como desejava; acreditavam em todo o tipo de fantasias — e nelas confiavam até mais do que confiavam, por vezes, no seu próprio líder.

Perante isto, Moisés sentiu-se divinamente inspirado a afastar-se do povo por algum tempo e procurar um lugar solitário e recôndito no monte que estava próximo, onde pudesse escutar o influxo do Ser Divino e receber os princípios que formariam a lei para os que liderava. Obedeceu a essa sugestão e retirou-se em silêncio para o monte. Ao subir, detinha-se ocasionalmente para meditar sobre as exigências apropriadas para aqueles que via espalhados pelos vales abaixo; e, antes de chegar

ao topo, muitos pensamentos importantes lhe foram sugeridos pela imponência da paisagem diante de si. Sentou-se, então, absorvido em contemplação durante muitas horas, e, no fim desse tempo, os Dez Mandamentos formaram-se na sua mente, e ele escreveu-os sobre pedras que pudessem ser transportadas até ao vale, e que fossem facilmente inscrevíveis.

No momento em que começou a escrever, uma nuvem foi vista no monte, imóvel devido à quietude da atmosfera, permanecendo assim até ele terminar os mandamentos. Acreditando, desde jovem, que os pensamentos eram provocados por um influxo de seres invisíveis e celestiais, julgou que todos aqueles pensamentos provinham do Senhor, que estaria envolto naquela nuvem. Escreveu, portanto, a sua opinião sobre toda a instrução divina e sobre o modo como recebera os mandamentos. Moisés, sendo mais esclarecido do que qualquer outro homem, foi capaz de conceber e formar aqueles mandamentos com base no conhecimento que tinha das necessidades dos que governava.

Alguns escritores teológicos julgam que estes mandamentos só poderiam ter origem divina; e, em defesa dessa opinião, dizem que, se tais leis — de tão elevada moralidade — tivessem sido instituídas apenas por Moisés, ou forjadas por qualquer outro escritor, não teriam sido tão justas ou tão severas: pois, se tivessem sido compostas por um homem, teriam consistido nas regras fáceis que os desejos humanos habitualmente inventam para se regerem. Mas esse raciocínio não é conclusivo. Sabe-se bem que as nações criam frequentemente leis severas e compulsivas, e que as tribos hindus possuem códigos e exigências legais muito mais rigorosas do que aquelas instituídas por Moisés.

Era política comum entre as nações anteriores a Moisés terem as leis mais severas e rígidas, cuja violação era punida com a morte como sacrifício aos deuses, que julgavam ser os seus legisladores. Moisés também herdou a ideia de que tais formas arbitrárias de governo eram necessárias; e o seu foi o código mais judicioso e apropriado que jamais foi criado por qualquer governador da época. Assim, o relato de Moisés é verdadeiro, e escrito exatamente de acordo com a sua crença. Era o melhor código de leis morais e sociais que poderia ter sido inventado nas circunstâncias existentes, e a eficácia desses mandamentos foi demonstrada em todas as épocas subsequentes.

§ 111 Muitos escritores supuseram que a lei de Moisés foi instituída para governar o mundo até que o grande Reformador Moral aparecesse. Esta opinião é, num certo sentido, verdadeira — embora os dois sistemas de governo moral não estejam tão intimamente ligados como muitos foram levados a acreditar. Não percebo que fosse intenção da Mente Divina chamar à existência um espírito mais puro com o objetivo de abolir a antiga lei e estabelecer uma nova. Pelo contrário, foi através do progresso

do refinamento e do desenvolvimento intelectual que a nova reforma foi determinada.

Teria sido desnecessário instituir princípios mais elevados ou refinados para governar os israelitas do que os instituídos por Moisés; pois se os seus mandamentos tivessem sido suaves, gentis e altamente refinados, os intelectos ainda toscos e pouco desenvolvidos da época não teriam compreendido os seus ensinamentos — e disso resultariam desordem e desunião. Mas o princípio de "olho por olho, dente por dente" era-lhes compreensível, e podiam obedecer aos seus preceitos sem dúvida quanto ao seu sentido; e esse já era um elevado padrão moral em comparação com aquele pelo qual antes haviam sido governados. Assim, esse código representou mais um passo no progresso do desenvolvimento intelectual e foi uma melhoria sobre os modos de governo grosseiramente imperfeitos do passado.

A lei de Moisés, portanto, não tem verdadeira ligação com qualquer sistema teológico, a não ser no sentido de indicar um progresso moral, intelectual e social constante na condição do homem. Não consigo conceber outra utilidade que tenha tido, além de servir como linha condutora para levar as gerações passadas a formas de governo mais verdadeiras e justas — e ainda hoje deveria ser para o mundo uma lição de instrução. É meramente um mapa onde se representam vários caminhos de política social, alguns dos quais conduziram ao mal e outros ao bem — todos eles já foram percorridos, e não devem ser trilhados novamente. Assim, os escritos de Moisés são úteis para o mundo atual, mas apenas como meio de esclarecer os ignorantes e prevenir iniciativas impróprias na criação de leis morais e formas de governo arbitrárias.

Os antigos tinham por hábito compreender todas as coisas por correspondências e alegorias; e, ao relatar acontecimentos, falavam como se os correspondentes e representações alegóricas fossem eles próprios verdadeiros. Este costume observa-se claramente nos escritores da História Primitiva, particularmente no autor do livro do *Génesis*; pois os escritos do Antigo Testamento são amplamente marcados por descrições alegóricas e altamente figurativas, sendo as figuras relatadas como se fossem verdadeiras em si mesmas, em vez de representações simbólicas segundo a intenção dos seus autores.

Esta, então, é a minha impressão sobre Moisés: tendo sido encontrado entre os juncos, sendo por todos tido como destinado a uma missão elevada, e crescendo com o conhecimento dessas expectativas — que também ele acreditava —, procurou corresponder às opiniões que os outros tinham dele. Desenvolveu grandes conhecimentos intelectuais. Com as suas faculdades naturais assim desenvolvidas, foi capaz de conceber mais verdades do que os demais, e tornou-se, assim, o chefe e governador das tribos de Abraão. A estas liderou para fora do Egipto, atravessando o

estreito do Mar Vermelho em direção ao deserto, onde uma geração pereceu; e a geração seguinte, herdando as opiniões dos seus pais, tornou-se fanática e entusiasta.

Moisés, inspirado com pensamentos mais brilhantes e verdadeiros do que os outros — graças às suas capacidades naturais —, produziu a lei e os Dez Mandamentos, acreditando estar a receber um influxo divino. Era também capaz de prever certos acontecimentos (capacidade que surpreendia os seus companheiros), porque possuía luz suficiente para os inferir com exatidão a partir das tendências das circunstâncias existentes. Recebia também informação do seu auxiliar Josué, sobre quem, por meio de manipulações, induzia um estado anormal, de modo a que este pudesse sonhar e relatar as suas visões.

De um modo geral, as profecias de Moisés foram verdadeiras, e ele fez aquilo que sinceramente sentia ser seu dever; embora muitas das suas guerras, perseguições e invasões sejam repulsivas aos sentimentos mais refinados de uma mente esclarecida. Escreveu os quatro livros numa linguagem adequada aos costumes da sua época, e não teve qualquer intenção de forjar ou enganar, pois acreditava estar a ser inspirado por ensinamentos divinos que emanavam do fogo, da fumaça e do trovão no Monte Sinai. E, pelas suas narrativas históricas e proféticas, deve ser aprovado, admirado e apreciado, pois são substancialmente verdadeiras. Mas, para além disto, os seus escritos estão desligados de qualquer sistema teológico que tenha sido posteriormente inventado. Assim, aquele que deseja ser sábio deve libertar a sua mente, se possível, de todos os sistemas teológicos fundados numa base tão absolutamente inadmissível.

Estes escritos, portanto, não têm qualquer utilidade em comum com o nascimento e os ensinamentos do Grande Reformador, de quem falarei mais adiante.

Moisés utilizou as formas de expressão e os modos singulares de representação alegórica que eram comuns entre os egípcios e outras tribos orientais. E algo que merece particular atenção é o facto de essa prática consistir em relatar a alegoria de tal maneira que deixasse a impressão de que o próprio símbolo era a coisa significada. Ele usava frequentemente a terceira pessoa — costume igualmente seguido por outros escritores — o que naturalmente poderia levar à impressão de que não foi Moisés o autor, mas outra pessoa qualquer.

Existem também muitos exemplos, no livro do Deuteronómio, onde o pronome na primeira pessoa do singular foi riscado pelos compiladores e substituído pela terceira pessoa. Além disso, nalguns casos o tempo verbal presente foi alterado para o futuro; e, assim, com base na atual versão inglesa, torna-se impossível, segundo as regras gramaticais, determinar se foi ou não Moisés o autor, ou se os livros eram originalmente anónimos e só mais tarde receberam o seu nome.

Descubro, após investigação, que o último capítulo de Deuteronómio foi escrito por outra pessoa, que se propôs relatar as tradições relativas à descoberta da terra prometida por Moisés, às suas instruções divinas, e à sua morte e sepultura. Os aspetos gerais desse relato são estritamente verdadeiros e não carecem de qualquer correção.

Aarão, contemporâneo e assistente de Moisés, foi, segundo o relato, quase tão útil como o próprio Moisés na liderança e governação dos filhos de Israel. Mas o que Moisés escreveu sobre si próprio revela uma grandeza de espírito superior à de qualquer outra pessoa viva à época; foi declarado o maior profeta que jamais existiu em Israel, e que "o Senhor o conheceu face a face" (Deut. 34:10). Apesar de essa ser uma descrição exagerada das suas capacidades de conceção mental e da sua sensibilidade a impulsos internos, é certo que era o homem mais esclarecido que existia então, tanto entre os egípcios como entre os israelitas.

Assim conduziu Moisés os filhos de Israel através de inúmeras vicissitudes e profundos sofrimentos, até que se aproximaram da terra que contemplavam como o seu futuro lar. Mas antes de ver realizadas todas as suas antecipações proféticas, cessou de viver; e Josué, que já se encontrava preparado, avançou para ocupar o seu lugar como profeta e governador.

§ 112 Josué era, por natureza, bem constituído, tanto física como espiritualmente; e a sua mente tornava-se ainda mais fecunda e recetiva a instruções corretas por ter sido influenciado pelas manipulações de Moisés. Isso encontra-se claramente expresso no último capítulo do Deuteronómio, versículo nove, onde se afirma que Josué, filho de Nun, estava "cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés lhe impusera as mãos". Assim, foi capacitado para desempenhar os deveres do seu novo posto com a mesma exatidão e prontidão que caracterizavam os atos do seu antecessor. Josué tornou-se então o chefe e governador daquela expedição.

É-nos relatado como foram feitas investidas contra os habitantes da terra prometida, e como os israelitas acreditavam firmemente que, por serem sustentados pelo Senhor nas suas ações, seriam plenamente bem-sucedidos. Movidos por essa crença profana, lutaram de forma desesperada, e aparentemente sacrificando por completo toda a sensibilidade natural, bondade fraterna e afeto humano. Este espírito caracterizou os seus atos mesmo sob a liderança de Moisés, e continuou sob a orientação e autoridade de Josué.

O objetivo de referir este episódio é expor, perante um certo grupo de homens tidos como verdadeiros teólogos, o carácter absurdo e destrutivo daquela doutrina que supõe que tais invasões sangrentas e desumanas foram sancionadas por uma Inteligência Divina que nada conhece de contrário às indicações indestrutíveis da Natureza. Visa também transmitir a convicção de que planos e meios como os

utilizados para obter a terra prometida só poderiam ter origem na imperfeição dos intelectos não instruídos e na má orientação das afeições humanas. É blasfemo acreditar e pregar que esses actos inumanos foram autorizados por um desígnio divino.

Por certas expressões usadas por Moisés, Josué e outros escritores do Antigo Testamento, poder-se-ia supor (admitindo a sua origem divina) que estas guerras, perseguições e devastações foram não só incitadas, como também consideradas boas pela Mente Omnipotente. Mas essa ideia resulta de uma má interpretação da forma peculiar de expressão presente nesses livros. E é conveniente que os homens não presumam com base no que é duvidoso, nem tentem edificar um sistema de teologia sem antes indagarem se os alicerces são sequer capazes de sustentar tal estrutura.

Josué, tendo-se tornado recetivo a impressões interiores por ter sido submetido a estados anormais, podia profetizar com facilidade e precisão muitos acontecimentos que se viriam a cumprir, quer a favor, quer contra os filhos de Israel. Não vislumbro qualquer utilidade em continuar a relatar os feitos de Josué e dos que estavam sob o seu governo.

Mas como há uma aparente continuidade na sucessão profética, é apropriado passar a uma visão geral de cada profeta, na ordem em que surgem no Antigo Testamento.

Não é claro, neste momento, se foi Josué quem escreveu o livro que lhe é atribuído; mas tudo indica que os factos ali relatados, no que respeita a Josué e aos israelitas, são verídicos e o relato não carece de qualquer comentário. Naqueles tempos, a nação israelita não tinha rei. Assim, após a morte de Josué, foram governados por uma série de Juízes; e daí a origem do Livro dos Juízes, que se segue ao de Josué.

Parece que existia uma grande animosidade entre os cananeus, amonitas, edomitas e outros povos em relação aos filhos de Israel. Isso foi causa de frequentes guerras entre essas tribos e os israelitas. Apesar da liderança dos Juízes e do aconselhamento de muitos profetas, as tribos não estavam devidamente protegidas contra invasões, sofrendo antes algumas das mais inconcebíveis aflições. Percebo que nada de extraordinário ocorreu durante o período dos Juízes, exceto o facto de os israelitas se tornarem idólatras e entusiastas, o que conduziu a uma hostilidade fanática entre os governantes e várias partes da nação. As tribos foram subsequentemente obrigadas a admitir que estavam a adorar deuses falsos e imaginários.

A crença predominante entre os israelitas era de que existia apenas um Deus, a quem chamavam o Deus de Abraão, Isaac e Jacob; mas onde ou como Ele existia, era para eles um profundo mistério.

Moisés ensinara-lhes que, com o auxílio da Divindade, transformara as águas em sangue e que a sua vara se convertera em serpente, como sinal de poder diante de Faraó. Ensinou também que os magos teriam sido assistidos pela mesma Divindade para realizarem maravilhas semelhantes às suas, de forma a que Faraó duvidasse do poder superior de Moisés, vendo que os magos conseguiam fazer o mesmo por meio de magia. Para exibir a sua preeminência, a sua vara, enquanto serpente, foi feita para engolir com facilidade todas as outras serpentes dos magos!

Por quais princípios de força motora a vara assumiu vida, não se explica; e de que modo a serpente de Moisés pôde engolir e digerir todas as demais serpentes permanece um mistério ainda por desvendar pela mente racional — mistério que também escapa às especulações teológicas. Do mesmo modo, como a água foi decomposta e transformada em sangue, é um problema fisiológico ainda não resolvido.

Moisés também ensinou que falava com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, face a face; que Deus se manifestara numa sarça ardente; que estava envolvido na nuvem no Monte Sinai; e que se manifestava sempre que Moisés desejava a Sua presença. Aarão transmitia os mesmos ensinamentos, que foram depois propagados por Josué e aceites pelos Juízes e por todos os filhos de Israel.

Temos aqui exemplos marcantes de linguagem alegórica. A história das serpentes, bem como a transformação da água em sangue como manifestação do poder divino, são representações criadas por Moisés para simbolizar a superioridade da sua posição e qualificações, bem como da suposta assistência sobrenatural que legitimava a sua autoridade sobre o povo. No entanto, ao escrever estas coisas, apresentou a alegoria como sendo literalmente verdadeira — o que era prática comum entre os povos orientais.

Também era crença entre os judeus e israelitas que o bem e o mal provinham da mesma fonte divina. Daí que, nas suas expressões, insinuavam que o Senhor dizia que se fizesse determinada coisa, e depois revogava essa ordem, como se Se tivesse arrependido. Assim diziam: “quando um profeta for enganado, é o Senhor quem o enganou” (*Ezequiel 14:9*). E por vezes perdiam toda a confiança no Senhor por causa das suas aflições opressivas, irrompendo em exclamações, perguntando ao Senhor: “Queres ser totalmente falso connosco, enganando-nos e conduzindo-nos à aflição?” Representavam o Senhor como instituindo leis num dia, e no seguinte revogando-as com pesar.

Atribuíam ao Senhor todas as suas fraquezas, aflições, perseguições e desilusões, acreditando que todo o mal provinha da mesma Fonte de onde vinha todo o bem. Supunham que o Senhor era o originador de todos os pensamentos, sentimentos e

impulsos — bons ou maus, puros ou impuros — pois, como já disse, não conseguiam conceber outra explicação para a origem dos pensamentos.

Era, portanto, natural que Moisés, Josué e os Juízes intercalassem a história das suas aflições, ações e expedições com todo o tipo de linguagem alegórica e formas de expressão convencionais. Para além do que estes comentários já indicam, não há instrução útil que hoje se possa extrair da teologia ou das ações dos judeus — ou filhos de Israel — e dos seus governantes.

§113 O livro que se segue ao dos Juízes parece ter sido escrito pela mesma pessoa que redigiu os livros de Josué e Juízes, pois há uma ligação clara entre eles, e a composição é uniforme e de carácter histórico. Quanto à sua veracidade, nada precisa de ser dito, pois não encontro discrepâncias significativas entre os manuscritos originais deste livro e as versões atuais mutiladas, ao contrário do que acontece com outros livros.

O Livro de Rute é útil, pois contém manifestações muito belas de devoção, bondade e afeição refinada. Descreve os costumes particulares relativos ao matrimónio que então prevaleciam universalmente, mas que posteriormente foram reformados e substancialmente modificados. Representa ainda o costume das moças colhendo nos campos, bem como os hábitos dos lavradores da época. Retrata a separação e o sofrimento da mãe e das noras, o casamento de Rute com Boaz, e a unidade e amizade afetuosa que existia entre a sogra e as noras.

O objetivo deste livro parece ser, não só ilustrar os costumes das nações orientais, mas também estabelecer a genealogia de David e dos seus sucessores até ao cativeiro na Babilónia. Esta linha continua no primeiro livro das Crónicas. É evidente que os compiladores erraram ao colocar esses livros fora de ordem, bem como na sua cronologia; pois o livro de Rute nada mais é do que uma introdução ao livro das Crónicas. Fala de acontecimentos ligados à cronologia e genealogia, e parece ter sido concebido como introdução a uma história concisa dos judeus, desde David até Nabucodonosor, que subjugou Jerusalém e levou os judeus cativos para a Babilónia.

Após Rute, segue-se o livro atribuído a Samuel. Samuel era também um filho de origem judaica, muito amado por ser tido como o escolhido do Senhor, que supostamente o fortalecia e acarinhava desde a infância. Durante a sua vida, os Juízes deram lugar ao estabelecimento de reis, à semelhança do que acontecia noutras regiões do oriente.

A transição de Samuel da infância para a juventude foi considerada surpreendente; rapidamente alcançou um elevado grau de honra, e a sua posição trouxe-lhe não apenas prazer, mas também benefício pessoal. No entanto, Samuel era uma pessoa

refinada, pois possuía uma combinação de qualidades morais e sociais superiores. Contudo, não encontro nada de particularmente importante a relatar sobre ele, exceto que foi considerado um dos que pertenciam a uma linhagem contínua de profetas. Isto, no entanto, é irrelevante, visto que o **Livro de Samuel**, tal como o de Rute em relação ao de Crónicas, é apenas uma introdução ao **Livro dos Reis** e uma continuação da narrativa histórica imediatamente após o Livro dos Juízes.

O livro dos **REIS** é de facto um índice que aponta a todos os governantes a fonte da terrível miséria resultante da tirania e da opressão, ou as correntes puras e prateadas do governo social bem ordenado e de uma moralidade pura e refinada. O livro dos Reis apresenta evidências distintas de ser uma compilação de materiais abundantes, entre os quais terá existido o livro de Isaías. Pois o capítulo trinta e sete de Isaías é perfeitamente idêntico ao capítulo décimo nono capítulo do segundo livro de Reis; o qual mais tarde parece ter sido copiado de Isaías, que deve ter escrito anteriormente e cujos escritos devem ter estado associados aos que precederam o seu livro.

Verifico que o livro dos Reis é uma descrição confusa, embora concisa, dos movimentos e jurisdições dos reis dos Israelitas e Judeus; e que foi escrito pela mesma pessoa que escreveu Josué e Juízes. O capítulo trinta e sete de Isaías não derivou do dos Reis, mas foi inserido como o décimo nono capítulo de segundo Reis, a partir de uma séria convicção do compilador de que pertencia lá; e parece que os livros foram originalmente compilados na época em que os Judeus estavam sob a escravidão Babilónica.

** Observar-se-á que, ao falar dos livros de Samuel e dos Reis, o autor emprega o algarismo singular, pretendendo em cada caso incluir os dois livros num.*

Não há profecias contidas nos livros de Samuel e Reis que possam ser de qualquer uso possível a aplicar ao mundo dos dias atuais; pois todas as profecias nele contidas estão confinadas à época em que foram elaboradas e estão relacionadas com os movimentos de reis e nações, com guerras, devastações, fomes e pestilências. Todas essas profecias foram verdadeiras, por causa do poder superior de perceção e compreensão interior dos seus autores; e constituíram, conforme insinuei, um avanço daquelas profecias grosseiras e imperfeitas que eram comuns entre as nações orientais, cuja multiplicidade de relatos dos quais vinham contidos naqueles livros que foram rejeitados nos concílios de Niceia e Laodiceia como sendo não divinos e não canónicos. No entanto, como os livros revelam a verdade, podem ser lidos com proveito por aqueles que desejarem obter informação sobre os assuntos a que se referem.

Em seguida, siga os livros das **CRÓNICAS**, que se explicam por si só e, por conseguinte, requerem muito poucas observações. As coisas nele narradas também

são em geral verídicas, à exceção de algumas expressões particulares e isoladas que são tão insignificantes e sem importância que não é necessário prosseguir com uma investigação generalizada. No entanto, parece que os últimos versos do segundo livro das Crónicas têm uma conexão íntima com o livro de Esdras, que se segue.

Os escritos de **ESDRAS** contêm algumas instruções muito valiosas. O livro que leva o seu nome, conforme apresentado na História Primitiva, é dedicado particularmente a uma relação de eventos e ocorrências relacionadas com o retorno dos Judeus da Babilónia e à reconstrução da sua cidade e templo.*

** Recorde-se que o autor nas páginas anteriores fala de se encontrar na "esfera das causas," ou em condições de reconhecer a "realidade interna" ou "princípios germinais" das coisas de que fala. Consequentemente, ao falar dos diversos livros dos quais a Bíblia é composta, a tendência mais forte do espírito do autor foi observar os manuscritos originais, em vez dos escritos na forma em que são agora apresentados na Bíblia. Daí as observações que faz sobre os escritos e tradições primitivos dos quais a primeira parte do livro de Génesis foi compilada. Pela mesma razão, ao falar do livro de Esdras e de três ou quatro dos profetas menores, a atenção do autor foi atraída para os* ***próprios escritores*** *em quem esses livros tiveram origem: e ao falar deles, ele falou resumidamente de algumas coisas que eles escreveram que não estão registadas na Bíblia na sua forma atual. Algumas insinuações, por exemplo, foram dadas a respeito das produções de Esdras, que só podem ser verificadas por uma referência aos livros de Esdras, que afirmam ter sido escritos pelo mesmo autor. Mas, ao revisar os manuscritos antes de os entregar finalmente ao meu encargo para publicação, o autor observou em substância que, embora visse o objetivo de ser inspirado a falar como o fez a respeito de três ou quatro dos escritores menos importantes do Antigo Testamento, ele viu que não seria necessário publicar qualquer coisa que ele dissesse sobre as suas produções, exceto o que se referisse aos seus livros na sua forma atual, conforme registado na Bíblia. Ele apenas me autoriza, pois, a publicar as observações conforme* ***aparecem****: e o objetivo principal desta nota explicativa é o de excluir qualquer ideia de supressão ilegal que, de outra forma, possa surgir na mente daqueles que possam agora, ou futuramente, estar meramente parcialmente informados com respeito aos factos mencionados.*

§ 114 Em seguida, segue o livro de **NEEMIAS**. Esta é uma continuação da história de Esdras que fala da reconstrução do templo e outras ocorrências nacionais, e sustenta o carácter da história profana e eclesiástica. Neemias foi um homem bom e amável e foi amado pelo povo, apesar da sua situação infeliz. E ele foi igualmente iluminado interiormente a respeito de muitos eventos e ocorrências que na realidade ocorreram muitos anos depois que ele deixou de viver.

Mas como o livro de Neemias está relacionado apenas com as circunstâncias da época em que foi escrito, é desnecessário que eu entre em mais explicações a respeito dele ou aponte as interpolações que (o seu texto) sofreu posteriormente às mãos dos compiladores de livros sagrados. E se não fosse pelas meditações e história contidas em Neemias, é-me claramente impressionado que nunca teria sido visto pelas gerações subsequentes: pois tal como sucedeu, escapou por pouco do mesmo destino que muitos dos manuscritos seus associados experimentaram.

Para uma compreensão verdadeira do conteúdo de alguns dos livros anteriores, deste e dos seguintes, eu remeto o leitor aos escritos teológicos de Swedenborg, o filósofo iluminado - especialmente a um valioso trabalho intitulado *"Summaria Expositio Sensus Prophetici."* Devo observar, entretanto, que ao ler o trabalho mencionado, a fim de compreender adequadamente o significado do autor, deve-se ter muito cuidado na distinção dos *princípios proeminentes* que ele desenvolve. Porquanto se verificará uma aparente discrepância entre as coisas que relato e as escritas por esse filósofo Sueco: e essa discrepância parecerá notável quando somente o exterior do relato for visto, mas não quando as suas interpretações e correspondências forem devidamente compreendidas.

Os seus escritos não revelam um germe de verdade espiritual naquelas páginas primitivas, porque é impossível que o contenham, visto que são apenas relatos históricos, e não revelações espirituais. Portanto, ele não revela um significado *interior* desses escritos, mas desenvolve uma nova aplicação e significado *exterior*, que furta ao Antigo e o Novo Testamento a sua roupagem atual e os reveste de uma vestimenta de beleza espiritual da qual não são dignos. Portanto, captem as coisas que relato e saibam que estou a falar com respeito à questão da origem de certos relatos bíblicos, e não a respeito dos milhares de credos, doutrinas e comentários, que foram baseados numa visão ainda mais superficial da questão.

Em seguida, segue o livro de **ESTER**. Esse também está associado à história nacional dos tempos a que se refere. Mas, como não está conectado com nenhum sistema teológico e não oferece nenhum suporte ou fundamento para o suporte de qualquer especulação teológica, é apropriado que eu evite mais comentários a respeito.

A seguir vem o livro de **JÓ**. Este livro apresenta exemplos conspícuos (notáveis) de esperança, louvor e veneração, juntamente com desconfiança, desconsolo e aflições opressivas. O livro traz evidências externas de origem Egípcia; pois nele é feita uma distinção entre o espírito maligno, ou tentador, e o Senhor, cuja distinção não é reconhecida nos livros anteriores. Isso mostrava-se concordante com a teologia Egípcia tradicional - Osíris sendo o espírito ou Senhor da luz, bondade e prosperidade, e Typhon o espírito das trevas, do mal e da adversidade.

O livro de Jó apresenta um personagem que sofre indizíveis aflições. Com este, muitos outros personagens são apresentados, que representam respetivamente os papéis de consoladores, tentadores e perseguidores - alguns dos quais se esforçam por adicionar mais dor e criar maior angústia, enquanto outros atuam como moderadores, e manifestam simpatia e afeição espiritual, e se esforçam por consolar o sofredor.

Este livro deriva de modo imperfeito do manuscrito original, contudo responde ao propósito para o qual foi destinado, que foi o de representar alegoricamente as grandes aflições e opressões a que o homem estava sujeito, e como ele deveria buscar o Bom Espírito, ou a Mente Divina, para socorro e consolo. Ensina a submissão, a pureza e a humilhação. Também aconselha à afetuosa devoção à verdade e à virtude, e a uma confiança inabalável naquela Mente Divina que deu origem à terra, às plantas e aos animais, assim como ao Homem e aos céus estrelados.

Prega sobre as más consequências de situações viciadas e profanas; a horribilidade dos pensamentos injustos; e a escravidão e prisão daquela mente e consciência que não conhecem o bem. Entretanto, prega uma resignação devocional ao Amor e Sabedoria Divinos que prevalecem universalmente, e ao Desígnio Divino, ou leis e princípios, que criam, governam e controlam todas as coisas. Ensina que a mansidão, a caridade, a paciência, a perseverança e a virtude devem caracterizar a disposição e as ações de cada todo ser suscetível às dores e prazeres normalmente relacionados com a vida humana.

Tal evidentemente terá sido a intenção do livro de Jó. As suas instruções são puras e boas; o seu estilo, embora vigoroso, é delicado e atraente, e a sua tendência é evidentemente adequada e útil. O livro de Jó, no entanto, apresenta alguns personagens que são posteriormente negligenciados e esquecidos; enquanto outros são mantidos ao longo da relação histórica e alegórica. Visto a essa luz, o livro de Jó pode ser útil. Mas este livro mostra-se desconexo com todas as outras partes do Antigo Testamento. Não descubro em nenhum desses livros nenhum dito profético que faça a menor alusão àquele que veio informar o mundo sobre os seus pecados e trazer paz à terra e boa vontade aos homens.

§ 115 Se eu continuasse com o presente tema sem apresentar algumas reflexões em revisão de ditos anteriores e costumes primitivos, o assunto seria deixado em meio a uma certa obscuridade. Será de recordar que, ao falar sobre as nações que existiram sobre a terra na época do dilúvio, e especialmente aquelas que se localizavam nas Américas Central e do Sul, afirmei que elas concebiam o sol como a face de uma divindade que disseminava o mal entre eles por causa das suas abominações.

Eles acreditavam que o sol era o grande vórtice de poder central, ao redor do qual girava o Universo; e isso constituía a conceção peculiar que faziam da grande Causa Criativa. Não é necessário que eu entre em detalhes sobre os diversos movimentos dessa nação, ou sobre a sua divisão em tribos e famílias - e como, após a descoberta da arte da navegação, eles migraram para o hemisfério oriental, onde (como me é nitidamente impressionado) eles formaram assentamentos no Egipto e também perto da antiga Jerusalém.

A Bíblia não dá um relato relacionado da origem da nação Judaica após o dilúvio, mas fala simplesmente da instrução de Abraão pelo Senhor, num sonho, para viajar com a esposa para outra parte da terra, de onde surgiram as diversas tribos da nação Israelita. Esse relato é no geral acertado: pois fala de uma daquelas tribos que vieram do sul e se estabeleceram no leste perto do Egipto, do qual Abraão era um membro distinto. A partir dele, a história é correta em todos os seus detalhes essenciais.

O primeiro relato de construção e arquitetura após o dilúvio, e de quando a terra ficou seca, foi a respeito da construção da torre de Babel. Esse relato representa os descendentes de Noé reunidos numa bela planície onde todos os materiais necessários à construção e estabelecimento de uma cidade eram abundantes e acessíveis. Mantendo a impressão que tinham sobre o dilúvio e todos os seus horrores, eles conceberam a ideia de construir uma torre tão alta quanto possível que as águas não pudessem subir até a sua exaltada habitação. Parece que eles não estavam inteiramente convencidos da imutabilidade da promessa que Noé acreditava ser indicada pelo arco nos céus (arco-íris). O mundo foi representado como sendo "de uma só língua e de um só discurso," e assim entre essas tribos reinava a unidade de intenção, que era facilmente comunicada verbalmente entre si.

Eles são representados como dizendo: "Vá, vamos construir uma torre cujo topo alcance o céu"; e supõe-se que o objetivo dessa torre fosse o de os proteger de nova destruição. A narrativa representa que o Senhor sancionou esse movimento prometendo que tudo o que eles desejassem e empreendessem não seria proibido e que não haveria interferência na realização das suas intenções. Assim, a edificação progrediu, e pedras maciças foram transportadas para o local, e foram ajustadas com uma uniformidade que caracteriza uma ordem arquitetónica superior. E enquanto eles estavam satisfeitos e exultantes com o seu progresso e exultavam com a probabilidade do cumprimento das suas expectativas, o relato representa o Senhor dizendo: “Vá, vamos confundir a linguagem deles!”

Assim, a narrativa faz com que o Senhor sancione os seus actos e prometa que eles não devam receber d’Ele a menor interrupção; e a seguir representa-O como que a revogar a promessa que fizera e a enviar o seu poder para destruir os seus meios de

comunicação vocal! E isso é entendido pelos teólogos e os seus seguidores como sendo a origem da grande diversidade de línguas e idiomas existente entre a humanidade.

Aqueles que tiverem examinado os escritos teológicos de Zoroastro estarão cientes de que seis mil anos são mencionados no seu Zend Avesta, em relação à sua Cosmogonia, de maneira a tornar claramente visível a afinidade existente entre o seu relato e o relato dos seis dias da criação mencionados no livro de Génesis. Entre as escrituras dos Gregos, dos magos Persas e dos sacerdotes Egípcios do sol, podem ser encontradas alusões alegóricas a uma tradição oriental sobre a construção de um templo Jaina e como ele foi construído para que os habitantes pudessem escapar de outro dilúvio. Agora estou claramente convencido de que o relato da construção dessa torre derivou de uma alegoria oriental; pois não consigo encontrar em todas as minhas pesquisas uma única indicação de que tal ocorrência como o relato literal representa, tenha realmente ocorrido.

Após o período da construção da torre de Babel, conforme mencionado no livro do que comentei resumidamente. O meu objetivo agora é mostrar a origem da seita chamada ZENDS, ou os adoradores do fogo e do sol.

Era teologia dessas nações do sul, depois que se estabeleceram assim posteriormente, que o sol não era apenas o centro de todo o Universo, mas que era o trono e a morada do Governante Omnipotente de todas as coisas. Tal era a teologia dos Egípcios, Judeus, Caldeus e alguns dos Persas. Para confirmar essas afirmações, gostaria de encaminhar o leitor para as obras históricas de Heródoto.

Em geral, existia muita antipatia entre os Israelitas e os Egípcios, por causa da diferença das suas crenças: uns acreditavam que o Senhor residia num lugar e os outros noutro; ao passo que os Zends e outras seitas adoravam o sol e prestavam homenagem aos diversos corpos celestes. Havia também uma seita de DRUIDAS que eram semelhantes aos druidas das tribos germânicas, originalmente chamadas de teutões. Essa seita tinha muita formalidade no seu modo de adoração; pois usavam insígnias e vestiam-se com roupas que traziam representações do sol, da lua e das estrelas, junto com os signos e personagens do zodíaco.

Estes adoravam secretamente o sol nos seus templos ou nos santuários isolados nos quais se congregavam. A sua forma de convénio e modo de reconhecimento eram inteiramente constituídos de representações alegóricas da torre de Babel, dos diversos materiais empregues na sua construção e dos diversos graus de trabalho mecânico e maçónico. Assim, cada membro da seita ou associação era estimulado de forma a corresponder aos homens que estavam empenhados na construção do templo (ou torre) cuja instituição correspondia ao próprio templo. Mas após a

construção do templo de Salomão, as associações dessa seita mudaram a sua instituição para uma representação do templo construído por Salomão. Essa seita surgiu, pois, com base numa fundação inteiramente alegórica. Mas como o tempo santifica qualquer instituição, eles foram finalmente levados a supor que a sua origem era de natureza divina.

Pode-se ver, no quinto capítulo do primeiro livro dos Reis, que os Judeus não eram por si só capazes de construir o templo de acordo com o desejo de Salomão; e que ele foi obrigado a enviar uma representação a Hiram, rei de Tiro, para que alguns dos sidónios viessem (por serem hábeis em alvenaria) construir o templo. Salomão declara que os Judeus não eram hábeis na arte da arquitetura e eram incapazes de construir o templo como ele desejava.

Assim, foi com a ajuda dos sidónios que Salomão construiu o seu templo. O interior desse templo exibia toda a grandeza e magnificência que a arte do homem poderia produzir a partir das mais sublimes conceções de arquitetura. No domo ou centro havia um sol resplandecente, que brilhava com o ouro mais fino e que irradiava a mais requintada beleza. Além disso, o interior representava a lua e as estrelas, e os signos e constelações do zodíaco.

Junto a isso, havia uma representação geral dos animais mais gigantescos e pusilânimes (?) então conhecidos e venerados; assim como porções do reino vegetal e floral que eram mais estimadas pelos antepassados de Salomão e daqueles que construíram o templo. Assim pode-se dizer, de acordo com o relato de Heródoto, que o templo era um complexo representante de toda a criação, e do sol, como o poder central do Universo.

No capítulo 23 de II Reis, pode-se ler que Josias ordenou que todas as abominações do templo e dos seus construtores, e daqueles que adoravam o sol e a lua, fossem destruídas e abolidas. Tudo isso ele fez por não simpatizar com as seitas dos Druidas e Zends, nem com nenhumas outras abominações pagãs. O meu objetivo ao falar dessas coisas, conforme relatado na História Primitiva, é deixar clara a afinidade existente entre as opiniões daquelas tribos do sul cuja origem eu revelei, e as modificações das mesmas opiniões existentes entre os Judeus e Egípcios. Disso a própria História Primitiva oferece uma confirmação.

§ 116. Durante o reinado de Josias, diz-se que a lei de Moisés foi descoberta e assuas regras adotadas e aplicadas à nação de que Josias era rei. Hilquias e outros empenharam-se em estabelecer e promulgar a lei de Moisés.* Nos livros dos Reis, é frequentemente feita menção à veneração e abominações pagãs que predominavam, assim como à adoração do sol. As Plêiades (mencionadas no livro de Jó) também eram naqueles dias objeto de culto e veneração. Para uma classificação e aplicação

concisa dos números, conforme antigamente sugerido pelos movimentos dos céus, seria bom consultar uma obra publicada por Scaliger, um escritor que descobriu o período Juliano.

** Ver Segundo Reis xxii. 8, 10, e seguintes; assim como cap. xxiii. 4, 5.*

Todas essas seitas eram existentes e, consequentemente, a sua imensa correspondência e representações alegóricas, antes de Homero ou qualquer outro poeta Grego incorporar qualquer das suas ideias em verso. Mas Hesíodo, que foi contemporâneo de Homero, transmitiu muitos desses personagens demoníacos à imaginação prolífica de Homero, daí a razão da demonologia e da alegoria tão intercaladas nos escritos desse poeta.

Eu também referiria o relato que Josefo fez sobre o templo de Salomão e a magnificência do seu exterior e interior. Portanto, fica claro em termos de demonstração que muitas das coisas relatadas nos livros que foram examinados devem ter derivado da tradição oriental e da demonologia, que, na época em que esses livros foram escritos, formavam a fundação e a teologia de muitos seitas e, consequentemente, foram objeto de aludidos por parte de Moisés, Josué, Salomão, Ezequias, Josias e outros.

Em confirmação do que foi dito sobre o assunto, gostaria de referir os exploradores dos labirintos da antiguidade às imagens e os hieróglifos do Egipto, assim como as suas escrituras primitivas, que descem ao âmago do tempo muitas eras anteriores à cronologia do História Primitiva. Também referiria as tradições e escritos dos Chineses, e as suas escrituras, que se estendem ininterruptamente trinta e quatro mil anos além da cronologia da Bíblia. Também recomendaria uma observação atenta da matéria e estilo das Escrituras do Antigo Testamento, que exibirão inegáveis indícios de conceção figurativa e alegórica, facto esse que explica as múltiplas expressões indefinidas e ambíguas que ocorrem entre as escrituras desses livros.

É igualmente claro, a partir de diversas evidências externas que apontam todas para a mesma conclusão, que os relatos contidos nesses livros são geralmente baseados em factos históricos reais, apesar do grande ceticismo que surgiu do estilo ambíguo em que esses livros são escritos. Mas não é de admirar que tenha existido ceticismo em relação a tal combinação de impossibilidades como a que uma visão literal desses escritos viria a apresentar. E seria igualmente natural esperar que uma imensa quantidade de superstição e especulação teológica surgisse de uma visão superficial de tão maravilhosa revelação. O ceticismo surgiu por alguns espíritos serem superiormente iluminados e não poderem depositar confiança naquilo que não lhes apela nem ao discernimento nem às afeições. Mas ao serem levados a descartar esses

ensinamentos, eles também se tornaram incrédulos com respeito à grande verdade da imortalidade.

Isso é injustificável e aquele espírito que, com base em tais premissas, se precipitar para tal conclusão, é tão desprovido de razão quanto aquele que acredita na imortalidade apenas porque lhe foi ensinado pelos seus antepassados. E espíritos desta última classe foram levadas a acreditar na divindade e na santidade de cada palavra registada naquelas antigas escrituras que agora compõem a Bíblia. E eles acreditam nisso não pela razão ou pelo entendimento, mas e função da *educação* inicial que tiveram e da sacralidade que a *ancestralidade* atribuiu a essas escrituras.

Mais acreditam na origem divina dessas escrituras pela educação, do que por qualquer outra razão; mas mais ainda são os que acreditam nisso que não conseguem compreender o conteúdo de um único capítulo, do que aqueles que creem nas mesmas coisas entre aqueles que são superficialmente iluminados.

Tais acreditam implicitamente em todos os ditos desse livro e nas muitas doutrinas que lhes parece ensinar, juntamente com as cenas lisonjeiras de imortalidade que eles imaginam que enuncia, sem terem competência para dar uma razão substancial para a esperança que alimentam. Assim, pessoas de uma classe raciocinaram indevidamente e chegaram a conclusões ilegítimas, e não têm esperança de que apresentar uma razão; enquanto outros não raciocinaram de forma alguma, mas receberam implicitamente o todo, que está além da capacidade dos seus poderes mentais digerir e, portanto, não têm razão em que possam fundar uma esperança. Gostaria, pois, de referir A Chave, para uma exposição adequada do verdadeiro curso do raciocínio; e o correto disso pode ser percebido observando a superioridade da sua tendência e aplicação.

Quando ocorrem passagens no Antigo Testamento que mostram o Senhor a dizer uma coisa e a fazer outra; quando, como na causa de Saul, um espírito maligno é representado como procedente da Mente Divina; e quando ocorrem muitas expressões de carácter semelhante, algumas das quais são encontradas em Jeremias, é bom saber que elas têm a sua explicação no facto de que as diferentes tribos e nações originalmente supunham que a evolução das *ideias* procedia de um influxo do espírito do Senhor. Portanto, eles usavam nas suas escrituras expressões como: "O Senhor falou" - "O Senhor ordenou" etc., a fim de representar essa opinião, e sempre escreviam como se realmente acreditassem nessa maneira de receber instrução.

Quando Saul desejou a presença da bruxa de Endor, ele apenas desejou ver uma experiência realizada que surpreendesse e aterrorizasse aqueles que viesse a ter conhecimento ou testemunhassem a ocorrência. É claro para todo espírito que reflita

que nem Samuel nem nenhuma outra organização física, após terem permitido que o seu princípio de movimento interior ou essência espiritual se associasse a esferas superiores, poderia realmente experimentar uma ressurreição, com um retorno daqueles poderes vitais e faculdades mentais que antes lhes tinham caracterizado a organização. Poder-se-á perguntar:

"Como alguém saberá, pelo conhecimento limitado que tenha das leis naturais, que tal ocorrência nunca ocorreu?" Em resposta a isso, eu observaria que as leis da Natureza e o Universo são os meios pelos quais os desígnios são realizados - e que cada lei que existe no tempo presente deve ter *sempre* existido: caso contrário, a unidade de planos e desígnios não teria sido completa. Portanto, se evento desses alguma vez ocorreu, deve ter sido *planeado* e, portanto, deve ter sido o resultado de uma *lei eterna*. E se essa lei nesse caso cumpriu um desígnio eterno, outros exemplos de natureza semelhante teriam sido subsequentemente inúmeros, conforme todas as coisas na Natureza gradualmente assumissem graus mais elevados de refinamento. Mas aquela lei que fosse impregnada de qualquer intenção final desse tipo haveria de produzir desenvolvimentos incessantes de natureza similar, como resultado consequente e inevitável.

Apresentei essas reflexões com o objetivo de servirem não apenas como um comentário sobre as coisas faladas, mas também como uma interpretação de todas as coisas que podem vir a seguir-se no curso das minhas observações relacionadas com esses escritos e as especulações dos teólogos.

Este relato de Saul, Samuel e da bruxa de Endor derivou de uma ocorrência que me é distintamente apresentada ao espírito, mas que seria inútil explicar. Mas direi, com permissão das impressões que recebo, que o relato da transformação da areia no Egipto num certo tipo de inseto que infestou toda a nação, assim como de muitas outras coisas como tendo sido realizadas pela intervenção do Poder Divino, deve ser atribuído apenas ao estilo de expressão e às opiniões predominantes das nações e dos escritores cujas ideias são comunicados na História Primitiva.

§ 117. Passo agora a considerar o livro que sucede a Jó, intitulado "OS SALMOS DE DAVI."

Parece que logo após o declínio do rei Saul, Davi se tornou o eleito do povo e foi, em geral, amado. David possuía muitas qualificações sociais e morais superiores. Ele era geralmente inclinado a ideias e ideais sublimes, que procediam da sua elevada bondade moral e espiritual, e afeição social e amizade. As suas meditações eram inteiramente um refluxo das suas suscetibilidades morais. Ele possuía muito do espírito de sabedoria e entendimento. As suas faculdades interiores expandiram-se

muito, e assim ele tornou-se um recetáculo adequado de sentimento puro e conhecimento profético.

Ele amava os bosques silenciosos e imperturbáveis, para onde se podia retirar e comungar com aquelas associações mais interiores e verdadeiras do pensamento e sentimento que exalavam louvor à Inteligência Divina. Ele considerava um grande privilégio estar sozinho e, nessas ocasiões, compunha e dirigia os seus salmos de louvor e ação de graças à Mente Divina. Esses salmos foram bafejados no ar sereno da floresta sombria pelos seus músicos favoritos e seletos. Ele viu que os céus proclamavam a sabedoria do Senhor, e de dia para dia mostrava as suas obras. Ele amava o homem e adorava e venerava a Natureza, o Universo e o Criador. Ele era um homem bom e um exemplo de boas ações e adequadas. A sua bondade transmite instrução e é digna de imitação.

Assim me sinto inspirado a falar de Davi, porque ele proferiu muitas profecias verdadeiras sobre a prosperidade de Sião e o ingresso no mundo de um grande reformador, que haveria de possuir combinadas todas as perfeições físicas e espirituais nesta esfera rudimentar.

Gostaria de conduzir a atenção do leitor para uma profecia contida no segundo salmo, versículos sétimo, oitavo e nono. Pode-se provar com absoluta demonstração que uma profecia como essa, a respeito do nascimento, pregação e reino espiritual de Jesus, foi feita antes do período cronológico da criação conforme estabelecido no livro de Génesis e, consequentemente, mais de quatro mil anos antes de Jesus nascer. Mas antes de falar mais das profecias de Davi sobre esse personagem exaltado, direi que muitas porções dos Salmos são muito imperfeitas, irrelevantes e inúteis; e que o presente livro de Salmos contém apenas uma porção muito pequena daqueles hinos Órficos que foram compostos por Davi.

Os louvores Órficos Egípcios são todos semelhantes aos de Davi, mas não tão grandiosos. E que Davi compôs muita poesia e muitos louvores Órficos, pode ser claramente provado pela pesquisa entre manuscritos primitivos. Muitos dos ditos de Davi não foram adquiridos pelos Judeus: e alguns dos que foram, foram votados como não canónicos e entregues às chamas.

Existem certas coisas relatadas nos livros de Reis e Crónicas sobre a vida, governo e atos de Davi, que são inconsistentes com a bondade superior que é relatada com respeito a ele em outros lugares. Dizia-se que o dele era um tipo do coração da Deidade, contudo a pureza do seu carácter é despedaçada no espírito de muitos leitores por alguns atos que lhe são atribuídos. Ele por vezes era desafortunadamente posicionado, e esse facto levou ao desenvolvimento de algumas sensualidades grosseiras que não teriam ocorrido em circunstâncias superiores.

DAVI alude mais em definitivo ao nascimento e ao reino de Cristo do que qualquer outro escritor do Antigo Testamento e, portanto, requer mais atenção; pois a alusão que faz é distinta e óbvia, e não poderia ter referência a nenhum rei que surgisse posteriormente em Israel. Quando Davi, no sétimo verso do segundo salmo, proferiu o decreto, ele próprio (em linguagem supostamente proferida pela Mente Divina) personifica o Filho que havia de nascer. E ele prossegue afirmando que o seu reino haveria de compreender os pagãos, que viriam a tornar-se posse sua, e que ele haveria de herdar os confins da terra. Ele relata isso de maneira ambígua, mas a linguagem é suficientemente distinta para se aplicar apenas ao reino espiritual de Jesus, que foi composto de paz e justiça. Davi
também alude a esse período nos capítulos seguintes, embora com menos nitidez; no entanto, as suas alusões fornecem evidências decididas de seu próprio amor e sabedoria espirituais.

David foi um homem dado à meditação devota, e possuía os mais refinados e requintados sentimentos, afeto e amizade. As meditações dele nos últimos três capítulos dos Salmos dizem respeito ao louvor que deve ascender de todo coração Àquele que governa com uma majestade divina, o Universo. Ele apela a que todas as coisas louvem o Senhor. Ele considerou os céus enquanto evidência da Sua enorme bondade e resistência eterna. Ele contemplou o sol enquanto exibição das Suas maravilhosas obras para os filhos dos homens.

Ele cantava nem que fosse sobre a lua prateada; pois era para a sua mente evidência da grandeza e indulgência do Criador. As estrelas do firmamento e todos os objetos visíveis proclamavam no espírito dele que o Senhor era bom para todos e que as suas ternas misericórdias estavam sobre todas as suas obras. Nos seus cânticos de louvor e adoração, ele também cantava sobre o templo e a Sião espiritual. Ele apela enfaticamente a todos para louvar o Senhor, porque Ele é abundantemente justo, e a sua misericórdia durar para sempre; e ele termina exclamando com a mais profunda emoção: "Louvado seja o Senhor!"

Quando David falou sobre a misericórdia do Senhor que dura para sempre, foi de uma convicção inevitável que repousou no seu espírito decorrente da contemplação séria e verdadeira da natureza ao seu redor. Ele, tal como outros, havia sido levado a supor que o aparente mal existente no mundo havia sido disseminado por um espírito maligno procedente da Mente Divina - resultado de uma obediência que haveria de banir para sempre o transgressor da Sua presença. Mas ele foi constrangido a reconhecer, das dez mil vozes vindas de todos as áreas da Natureza, que essa opinião não poderia ser inteiramente verdadeira: então ele frequentemente proclamava com grande fervor que "a misericórdia do Senhor dura para sempre."

O livro dos Salmos contém muitas imperfeições; mas em geral é de aplicação útil. Não encerra importância a ser atribuída além das verdadeiras instruções proféticas que contém, as suas expressões superiores de ação de graças e louvor e as suas contemplações bem orientadas e úteis. Visto a essa luz, o livro dos Salmos pode ser lido com proveito. Mas é um livro desprovido de todos os *princípios gerais*, necessários para criar uma confiança na mente do homem na imutabilidade da Natureza, das suas leis e do seu Criador.

§ 118. A seguir ao livro dos SALMOS, veem os muito úteis e sábios Provérbios de Salomão. Este escritor obteve experiência da natureza mais diversificada e instrutiva, em cuja reflexão criou conhecimento e se tornou sábio. Ele era um homem de capacidades superiores, detentor de uma organização perfeita, que se caracterizava por saúde e energia física. Ele não possuía aquelas qualidades refinadas e elevadas, que tinham caracterizado o seu pai Davi, em grau muito elevado. Mas algumas das suas faculdades foram grandemente desenvolvidas, o que lhe deu grande poder de discernimento e o predispôs à meditação.

As afeições sociais e naturais dele foram plenamente desenvolvidas e exercidas. Esse facto, junto com o seu temperamento peculiar, tornaram-no suscetível a todas as influências que surgiam da sua situação peculiar e até certo ponto viciante. Ele tinha grandes poderes de construção, o que lhe permitiu planear e dirigir a construção do templo; assim como grande altivez, que se manifestava na grandeza, perfeição e magnificência excessivas que caracterizavam o templo, desde a base até a cúpula, tornando-a uma obra de design e arquitetura superiores. Era-lhe necessário experimentar tudo o que fez, a fim de desenvolver aquela sabedoria e compreensão que ele possuía além de qualquer outro rei existente antes ou depois da sua vida. Levando, pois, em consideração o temperamento particular e a organização de Salomão – a sua situação elevada e viciada, as influências físicas que o cercavam e a vasta experiência que possuía – ele deve ser considerado um homem verdadeiramente iluminado em assuntos sociais e gerais, cujo estudo será de proveito para todos os homens.

Os seus provérbios dizem respeito à obtenção da sabedoria e às vantagens da sobriedade, tanto no início da vida quanto na velhice. Ele dá muitos conselhos apropriados e verdadeiros, cujos bons resultados serão experimentados, mas somente quando o mundo descartar todo governo arbitrário e superficial e se reorganizar de acordo com os princípios que governam a Natureza e a humanidade com um governo infalível.

Dificilmente será possível a alguém obter a mesma sabedoria e entendimento que Salomão possuiu; porque isso exigiria a mesma situação, influências e constituição física que o rodearam e caracterizaram. Todos os homens são constituídos de

maneira diferente e as suas experiências externas são extremamente diversificadas; mas todos experimentam os sussurros do seu princípio interno da mesma forma, e todos obedeceriam de bom grado aos seus ensinamentos se fosse possível. Não perguntem, pois, por que nem todos são justos, mas procurem a razão entre os milhares de situações viciosas e miseráveis ocupadas pelas diversas classes da família humana. Para remover essas influências destrutivas mais os seus efeitos profanos, aprendam com Salomão a ser sábios; pois somente assim o mundo pode se tornará sensível às causas que produzem tantos resultados terríveis e injustos.

No livro de Provérbios há uma ou duas insinuações muito leves sobre o tempo em que a sabedoria e a bondade se tornarão universais; mas isso é proferido de maneira ambígua e indefinida e, portanto, nenhum comentário ou aplicação se faz necessário.

O livro de Provérbios é uma personificação concisa dos resultados da experiência de Salomão; e enquanto compêndio que é de ideias e ensinamentos práticos, é útil ser lido como tal, e os seus ensinamentos devem ser aplicados à raça humana. Para além disso vejo que não há qualquer utilidade a derivar desse livro. E que essa é a sua intenção fica evidente pelo seu estilo de expressão, pela natureza do seu conteúdo e pela posição que entre os livros do Antigo Testamento.

Em seguida, vem o ECLESIASTES, OU O PREGADOR. Este livro exibe uma vasta quantidade de erudição e conhecimento absoluto. Parece ser uma continuação do livro de Provérbios. Contém muitas instruções importantes e valiosas e pode ser lido com proveito e prazer; e os fragmentos de expressão verdadeira que ele contém são dignos de séria consideração. Mas não observo nada neste livro especialmente aplicável à introdução do grande reformador, ou relacionado com os seus ensinamentos espirituais ou reino. O uso, pois, deste livro, consiste em algumas valiosas instruções e admoestações que serão cumpridas quando a sociedade for reformada.

O livro seguinte consiste em meditações poéticas semelhantes às contidas no livro dos Salmos, com exceção da sua imperfeição e carácter sensual. Supõe-se que os Cânticos de Salomão façam uma leve referência à beleza e harmonia que resultariam dos princípios de Jesus e do estabelecimento do seu reino espiritual. No entanto, não descubro nenhuma referência desse tipo; pois Salomão não possuía o espírito de profecia. Existem muitas expressões ambíguas e exageradas contidas neste livro, que não envolvem nenhuma figura útil, nem qualquer princípio de verdade ou moralidade. Algumas das canções são bem compostas, e participam muito do estilo órfico de David, e também exibem o espírito de sabedoria. O livro, entretanto, é inútil, pois é vazio de quaisquer princípios exaltados que possam instruir a raça e conduzi-la a um grau mais perfeito de unidade social e refinamento mental.

Portanto, os Cânticos de Salomão podiam ter partilhado o destino que muitos livros semelhantes tiveram, sem constituir a menor perda para o mundo.

§ 119 Em seguida vem o livro de Isaías. Sinto um influxo da maior veneração por este escritor e sinto-me atraído por ele mais fortemente do que por qualquer outro que examinei. Sinto-me constrangido a falar dele com o maior respeito. Ele possuía naturalmente uma organização excelente e bem constituída. Possuía um temperamento caloroso e sentimentos sociais afetuosos; além disso teve todas as suas faculdades morais e intelectuais altamente desenvolvidas. As investiduras dele eram de carácter tal que o tornavam um recetáculo adequado do espírito da profecia. O seu espírito era constituído de tal forma que ele era capaz não apenas de receber conhecimento, mas também de se associar-se aos princípios da Mente Divina existentes na Natureza, que são os agentes e meios pelos quais o Desígnio eterno é realizado. Por ser assim qualificado espiritualmente, ele pôde e profetizou aquilo que foi cumprido somente quando o Messias veio para enunciar pureza, unidade social e consequente retidão.

Isaías não falou sobre o dia e a hora nem as circunstâncias que estariam relacionadas com o nascimento e o estabelecimento do reino espiritual desse nobre carácter. Ele não falou sobre nenhum evento contingente, externo e circunstancial, que viesse a servir como uma indicação dessa ocorrência; porque ter-lhe-ia sido impossível a ele ou a qualquer outro ser humano falar com certeza sobre isso. Mas ele podia falar com a maior confiança a respeito de qualquer evento que resultasse das manifestações da intenção divina com respeito à natureza de que ele foi esclarecido.

Ele, então, como todos os outros profetas, estava preparado para o uso a que estava destinado. Não era um *mérito* dele nem de qualquer outra pessoa cair por vezes na posse do espírito de profecia, visto que um influxo da intenção divina é resultado de uma organização superior, não prestada pela própria pessoa, mas pelas influências superiores, tanto internas quanto externas, que o governaram e desenvolveram desde o nascimento.

Considerando a conexão inseparável que é mantida entre o Universo e o Divino, e o todo forma um grande Sistema, é impossível a qualquer espírito racional conceber algo como "livre arbítrio" ou volição independente. Pois se tal coisa existisse, então o Universo estaria desunido, e a Mente Divina seria incapaz de comunicar vida e animação aos seus diversos recessos e labirintos. A cadeia de causa e efeito e o vínculo de unidade, harmonia e reciprocidade seriam quebrados, e o Universo não seria mais um sistema organizado de beleza e grandeza, mas um oceano incompreensível de caos e confusão.

O Universo deve ser animado por um Espírito Vivo, para formar, como um Todo, Um Grande Homem. Esse Espírito é a Causa da sua presente forma organizada e é o Disseminador de movimento, vida, sensação e inteligência, através de todas as ramificações desse Grande Homem. Esse Espírito é o Espírito da Verdade, do Amor, da Sabedoria e do Conhecimento inefável; e esta é a Grande Mente Positiva. Depois, mais uma vez, este Espírito interior deve ter uma Forma, através da qual os seus atributos possam ser desenvolvidos, a fim de que possa ser chamado uma Organização perfeita; e essa Forma é o Universo expandido. Portanto, existem apenas dois Princípios: um é o Corpo, o outro é a Alma; um a Mente Positiva Divina, o outro o Univercuelum (Todo o Universo). O homem é uma parte deste grande Corpo da Mente Divina. Ele é uma glândula, ou órgão diminuto, que desempenha funções específicas e recebe vida e animação do Princípio Divino interior, em movimento.

Eis, pois, o resultado destas considerações: que o Homem é um órgão produzido e desenvolvido por uma lei que permeia toda a organização da Mente Divina, lei que continuará, pois, a governá-lo por toda a eternidade. E se fosse possível conceber uma glândula ou qualquer órgão da forma humana como existente independentemente das outras partes, então seria possível conceber a propriedade do termo independência aplicado ao homem, vendo-o em conexão com a vasta Organização da Mente Divina. Se puder ser provado que existem órgãos na forma humana que não dependem da forma para movimento, vida ou existência, então pode ser provado que o homem é um ser independente e exerce o que foi chamado de "livre arbítrio."

Mas se a primeira não pode ser provada, então é irresistível a conclusão de que a Mente Divina criou a organização universal da Sua Própria Essência e instituiu leis para a governar, com o desígnio positivo de que cada partícula deveria depender do todo, que todas as partículas devem manter relações recíprocas e que o todo deve, assim, formar um Sistema uno e harmonioso. Se essa conclusão for negada, seria bom que aquele que a nega provasse a existência de uma independência real em qualquer parte da forma humana. Quando isso for feito, a grande questão pode ser considerada como eternamente decidida respeitando as doutrinas do *livre-arbítrio* indefinido e da *necessidade absoluta*.

As muitas qualidades elevadas e nobres que Isaías possuía tornaram-lhe o espírito adequado para o influxo de conhecimento profético, que ele proclamou com grande perspicácia ao mundo. Mas isso não foi um mérito dele, mas uma consequência natural das relações que ele manteve com as leis que ele sentiu que desenvolveriam o evento que ele foi obrigado a profetizar. Quisera que todas as ideias de *mérito* fossem para sempre dissipadas do espírito humano, e que a mente pudesse

racionalizar sobre este assunto. Então muito conhecimento relativo às Leis da Natureza e aos Desígnios da Mente Divina seria revelado; e isso elevaria a mente geral e produziria um concerto na família humana santificada pela Natureza como estando de acordo com as suas leis imutáveis.

§ 120 Tendo Isaías sido superiormente iluminado, foi capaz de falar com segurança profética sobre as belezas que surgirão de uma elevação social e espiritual da raça conforme determinado pelo triunfo dos princípios morais e naturais. Ele estava convencido, pelas suas meditações proféticas, de que o mundo da humanidade passaria por uma mudança tal que a unidade, a paz e a retidão se espalhariam por toda a terra. As ideias dele não foram circunscritos a nenhum dogma sectário, nem a qualquer forma externa de culto, mas eram tão expansivas quanto os vastos campos da Natureza e os céus abertos.

Ele falou sobre a montanha da casa do Senhor e a santa magnificência que caracterizará o grande templo da Humanidade, depois que a bondade e a virtude se tiverem desenvolvido plenamente. Ele viu que o germe da retidão estava depositado na Natureza e existia igualmente no Homem. Ele viu que isso lhe haveria de desenvolver as qualidades divinas em raízes, e que essas, uma vez mais, produziriam um corpo, que ascenderia e lançaria ramos por todo o mundo - que, novamente, brotaria e floresceria no monte do Senhor, na colina de Sião. Assim seria revelada a beleza da árvore da justiça cujos ramos eternos haveriam de ascender por todas as esferas celestiais, com beleza continuamente crescente, até que ficassem imersos na Fonte celestial onde habitam o Amor e a Sabedoria ilimitados.

Ele viu que surgiria alguém que “julgaria entre muitas nações” e que depositaria um germe cujo crescimento resultaria numa ressurreição social e moral de todo o mundo para a harmonia e a justiça. Viu que viria alguém que “repreenderia muitos povos”, revelando os princípios adequados à natureza do ser humano, cuja plena realização aniquilaria para sempre o erro e os falsos ensinamentos. Viu que isso levaria todas as nações a “converterem as suas espadas em arados, e as suas lanças em foices”; e que então existiria paz na terra e trabalho universal. Viu que, quando isto acontecesse, “nação não se levantaria mais contra nação, e não aprenderiam mais a guerra.”

Viu que o erro e a ignorância — causas dos diversos sistemas existentes — seriam banidos da terra, e que toda hostilidade sectária e local seria aniquilada. Viu que, quando essa unidade de intenção e ação se tornasse universal, “o deserto e os lugares solitários se alegrariam, e o ermo floresceria como a rosa.” Viu que o mundo deixaria de ser sombrio e desconfortável pela prevalência da artificialidade sectária, e seria transformado num Éden cuja fragrância espalharia felicidade universal. Viu

que isto se realizaria como consequência inevitável dos ensinamentos morais e espirituais de princípios que existem na Natureza desde que o Universo foi criado.

Viu que a unidade social faria desabrochar a retidão espiritual, que se tornaria como uma grande montanha — um santuário no qual o mundo inteiro se congregaria, e onde o verdadeiro adorador adoraria a Mente Divina em espírito e em verdade. Viu que chegaria o tempo em que nem Jerusalém nem qualquer outra cidade ou templo onde se proclamam ensinamentos sectários seriam o santuário do verdadeiro adorador, mas sim a terra expandida e os céus desvelados. Viu que o homem adoraria porque cada flor o convidaria; e viu que cada rosto seria iluminado com fraternidade, de tal forma que os elementos aspirantes da alma ascenderiam até aquele Espírito Divino que procura tais para o adorarem. Viu que a Natureza sancionaria então o estado social e espiritual do mundo, e que, na excelência das suas belezas superiores, todos os homens seriam unidos e felizes.

Isaías falou com bondade dos reis e reinos que então existiam, e dos que existiriam sobre a terra, e ao mesmo tempo exortou-os à sabedoria com toda a gentileza, humildade e mansidão. Pois viu que surgiria alguém que "não falharia nem se desencorajaria", mas que "exerceria juízo entre as nações, e que as ilhas aguardariam o cumprimento dessa lei." Viu que esse grande Reformer moral "veria o trabalho da sua alma" — ou seja, o desenvolvimento do seu governo social e espiritual — e "ficaria satisfeito." E viu que chegaria o tempo em que, perante esses princípios divinos, "todo o joelho se dobraria, e toda a língua confessaria que neles havia justiça e força."

Isaías esforçou-se por consolar os reis, pois muitas nações então temiam invasões e destruição. Era tido por todos como um consolador geral, e procurava convencer as mentes dos reis através de representações externas, que, embora não tivessem ligação com o evento profetizado, satisfaziam-nos quanto à veracidade das suas promessas. Para Isaías, esses sinais eram apenas representações externas, e não confirmações do que estava por vir. Mas, possuindo o espírito da profecia, por causa do influxo dos princípios divinos, sabia que os muitos acontecimentos que profetizava se cumpririam inevitavelmente. Previu o nascimento, a vida e a pregação de Cristo, e o triunfo final dos princípios que ele ensinaria — mas não lhe era possível falar do tempo, nem de qualquer incidente ou circunstância que acompanhasse a realização daquilo que via com certeza.

§121. Verdadeiramente iluminada devia ser aquela mente que, em meio a todas as artificialidades do mundo, e a toda a hostilidade sectária e miséria local e nacional que então predominava, conseguiu ver que tudo isso seria destruído para nunca mais ser conhecido, e que então a Terra e o Universo seriam o grande Templo de adoração, em que haveria apenas um Eterno Pregador e Admoestador — e esse seria a Mente Divina! Viu que este grande e infalível Pastor disseminaria pelo mundo,

através dos seus ensinamentos, os princípios de amor, unidade e reciprocidade; e que tornaria cada riacho silencioso eloquente, cada flor convidativa, cada bosque um santuário de oração e devoção, e toda a Terra um redil de paz e segurança onde todos pudessem ser reunidos, e de onde ninguém se desviaria.

A Natureza exala os seus ensinamentos interiores e imortais, pois ela é filha da grande Divindade. Comunica esses ensinamentos ao homem, que os sente como os inefáveis impulsos do seu ser interior, pois ele é filho da Natureza, assim como esta o é da Mente Divina. Assim, o espírito recebe a verdade, devido à sua suscetibilidade ao influxo divino. E, no entanto, no mundo, o espírito encontra-se rodeado por toda a espécie de materialidade grosseira, e por isso ainda não desenvolveu plenamente as suas qualidades interiores — o que fará quando novas e superiores influências forem desveladas no mundo social. A Natureza, segundo as profecias de Isaías, está a cumprir o desígnio supremo da Mente Divina através das suas leis eternas, cujo cumprimento revelará com clareza a perfeição infinita dos atributos divinos.

Assim sou levado a falar das profecias de Isaías: pois são verdadeiras e firmes; e, se o mundo aceitar a sabedoria, todas se cumprirão. Não abandonareis então toda a afeição sectária e orgulho impuro? Não procurareis tornar-vos esclarecidos, e esforçar-vos por banir da Terra toda a ignorância, superstição e hostilidade? Não desejais tornar-vos recetáculos apropriados ao influxo da Intenção Divina, para que esta possa desenvolver a vossa natureza interior, e vos capacite a associar-vos com o conhecimento de esferas superiores, e assim serdes felizes para sempre? Não repudiareis as influências profanas e viciantes que agora dominam as vossas relações sociais, para que espadas e lanças se convertam em instrumentos de trabalho, pelos quais se satisfaçam as necessidades físicas da humanidade, e o mundo se eleve ao mais alto grau de unidade social e bondade espiritual?

Vós, que sois defensores das profecias — não vos esforçareis com vigor para comprovar os seus ensinamentos, e assim demonstrar que a vossa defesa é pura e genuína, através de uma manifestação concreta? Vós, que empunhais a pena da polémica teológica e a espada do fanatismo sectário — não abandonareis esses instrumentos inúteis, para sair ao mundo e pregar a doutrina do Teólogo Divino, tornando-vos instrumentos úteis na realização dos desígnios do Criador, tal como se manifestam nas Suas leis imutáveis?

Eis aqui, então, um critério: aquele que ama e aprecia as profecias de Isaías (ou de qualquer outra natureza semelhante), já não procurará sustentar instituições sectárias, nem perpetuar um estado de coisas que necessariamente produz desunião, tristeza e miséria social — mas sim sairá a proclamar a redenção universal da pobreza mental, da imbecilidade e da desunião social, para que se cumpra a profecia.

§ 122. O livro que se segue a Isaías é o das profecias e registos históricos de Jeremias. Jeremias era muito diferente de Isaías na sua constituição física e mental, pois não possuía tanto daquele refinamento espiritual e devoção à verdade e ao conhecimento como este último. No entanto, as suas qualidades sociais eram muito ativas e os seus afetos extremamente fortes. Os seus sentimentos abrangiam toda a humanidade, mas as suas profecias referem-se principalmente aos acontecimentos da sua época e contêm poucas alusões ao grande e glorioso período de que Isaías profetizou com tanto sentimento. Os seus poderes morais não estavam tão desenvolvidos a ponto de permitir a entrada de verdades de carácter muito elevado; mas as suas capacidades de observação eram completas e adequadas ao desempenho do cargo que ocupava.

O seu tempo e talento foram principalmente dedicados a admoestar, instruir e consolar os judeus, cuja servidão previu com bastante precisão. Como pode ser observado em várias expressões do seu livro, sentiu-se compelido a profetizar sobre a invasão, subjugação, escravidão e sofrimento dos judeus, sob a administração severa e poderosa de Nabucodonosor. Jeremias viveu até ao momento em que este acontecimento terrível teve lugar, e esteve, portanto, envolvido nas provações e sofrimentos dos judeus, o que, por necessidade, limitou as suas visões proféticas a ocorrências que então se desenrolavam.

Descubro apenas uma alusão neste livro ao grande Reformer Moral e ao seu reino social e espiritual, e essa alusão é bastante breve. É, no entanto, suficientemente clara para demonstrar a sua perceção profética e poder de visão espiritual. Pode ser encontrada no capítulo vinte e três, versículos cinco e seis. A referência feita por Jeremias às coisas futuras não foi percebida por Mateus, nem por nenhum dos outros historiadores de Jesus.

Há uma passagem no capítulo trinta e um, versículo quinze, que se tem suposto referir-se claramente à vinda e reinado do Messias. O próprio Mateus cita esta passagem ao falar das crianças supostamente mortas sob o reinado de Herodes, pretendendo dar a entender que este acontecimento foi previsto por Jeremias naquele capítulo, onde se lê: "Ouviu-se uma voz, lamentações e pranto; Raquel chorando os seus filhos, e recusava ser consolada, porque já não existiam." Mateus terá confundido a alusão de Jeremias ao regresso dos israelitas à sua terra natal com o acontecimento que, diz-se, teve lugar sob o reinado de Herodes.

Neste livro, não encontro princípios úteis ou expansivos, nem qualquer referência concreta à grande e gloriosa era que o mundo agora aguarda com ansiosa expectativa. No entanto, Jeremias fala muito claramente sobre falsos profetas e profetisas. E isto pode ser considerado como uma confirmação do que afirmei acerca da prática comum naqueles tempos, em que os reis tinham conselheiros que se diziam profetas, e estes tinham sob sua guarda pessoas suscetíveis à anormalidade

(transe ou êxtase), as quais proferiam, em nome do Senhor, muitas falsas e enganosas profecias. Para confirmação disso, leia-se os capítulos xiv, versículos 14 a 16, e xxiii, versículos 25 a 35. Estes trechos mostram que Jeremias ficou profundamente indignado e sentiu-se compelido a falar e profetizar contra os falsos e enganadores profetas que fomentavam e perpetuavam o vício e a miséria.

Cada um profetizava em nome do Senhor, acreditando que o Senhor lhes falava através do influxo do seu espírito. Leia-se também outras partes de Jeremias, e tenha-se em mente que muitas destas profecias foram posteriormente incorporadas na Bíblia, estando atualmente dispersas por diversos livros do Antigo Testamento. Certamente ninguém poderá duvidar do que aqui é relatado, ao encontrar as mesmas afirmações confirmadas no próprio livro de Jeremias.

Este livro contém muitas expressões de profunda e sentida tristeza pelas aflições infligidas aos judeus e a outras tribos por guerras, perseguições, fomes e cativeiro. Jeremias fala com grande emoção sobre a destruição de Jerusalém, simbolizando a sua queda através de muitas representações significativas e marcantes, o que demonstra com certeza a sua visão profética. Do mesmo modo, profetizou sobre o cativeiro na Babilónia e também sobre a libertação final dos judeus e o seu regresso à terra natal.

Muitas partes deste livro foram revistas por escritores posteriores, sendo o tempo futuro trocado pelo passado, o que dá a entender que muito do que está neste livro foi escrito depois de os judeus terem sido libertados.

Nabucodonosor, o grande rei da Babilónia, era para Jeremias um dos homens mais desagradáveis e inconciliáveis da terra. Por isso, falou dele e do seu reino com grande indignação, ao passo que manifestou profundo afeto pelos judeus, por quem nutria um amor e amizade hereditários.

O livro que se segue é denominado Lamentações de Jeremias — sendo motivado pela realização do cativeiro que antes antecipara, e contendo reflexões sobre o alívio que se previa ser dado aos judeus. Estas lamentações nasceram principalmente das simpatias sociais de Jeremias, que se viram intensamente agitadas pelos sofrimentos e aflições então experimentados pelos seus irmãos e pela sua nação. Diante das muitas ocorrências horríveis que se abateram sobre a nação judaica, só lhe restava lamentar e chorar em solidariedade. E, sentindo-se profundamente deprimido diante destes cenários de desolação, procurou afastar a tristeza alimentando esperança profética, a qual se expressa em diversos trechos do livro de Lamentações.

Os escritos de Jeremias não são úteis nem importantes em relação ao objetivo contemplado neste volume. Referem-se principalmente às guerras e sofrimentos dos judeus, ao seu cativeiro na Babilónia, à queda da Babilónia, e a muitos choques e

catástrofes que ocorreriam em diversos reinos e nações do Oriente. São escritos num estilo figurativo e indefinido, quase na linguagem imperfeita das correspondências simbólicas. Não se ligam a nenhum sistema teológico e são, em absoluto, irrelevantes para o mundo atual — com exceção de alguns registos históricos figurativos neles contidos, que são verdadeiros, e que, se lidos com discernimento, podem não ser totalmente inúteis.

§ 123. O livro seguinte é o de Ezequiel. Este autor teve, da juventude à idade adulta, uma trajetória semelhante à de Jeremias, partilhando com ele muitas qualidades físicas e espirituais. No entanto, possuía muito pouco do verdadeiro espírito de profecia; embora, em algumas ocasiões, se manifestasse sob o impulso da elevação espiritual, proferindo declarações indefinidas, mas verídicas, acerca de Sião do Senhor e da Árvore da Justiça, cujo germe seria depositado por Jesus — o nobre Exemplo de pureza e refinamento — e cujas qualidades e princípios viriam a ser desenvolvidos pelas gerações futuras, inclusive as do século XIX.

Os escritos deste livro referem-se, na sua maioria, ao período em que foram compostos, e ao que o precedeu. Não me sinto atraído pelo conteúdo deste livro, pois contém muitas expressões grosseiras e blasfemas — mais do que seria permitido em qualquer outro livro amplamente lido. No capítulo nove, há coisas expressas que são bastante repulsivas a qualquer mente refinada, ou a qualquer pessoa que nutra afeição pela edificação espiritual.

Ezequiel também manifesta aquilo que já foi anteriormente declarado: que os que profetizavam tinham o hábito de fazer o Senhor dizer aquilo que eles próprios pensavam e escreviam, atribuindo profecias falsas e enganosas à influência supostamente inspiradora da Mente Divina. No capítulo catorze, Ezequiel fala de profetas verdadeiros e falsos, e afirma: “Se um profeta for enganado numa coisa, eu, o Senhor, é que enganei esse profeta.” Ezequiel também escreve como se tivesse recebido instruções do Senhor quanto à cozedura do pão — e sobre como deveriam obter, cozer e comer um cordeiro — e ainda sobre como deviam escolher a cor, cortar o tecido e confecionar as vestes para os sacerdotes, etc.

Importa referir que não se deve imputar culpa ao autor deste livro por estas expressões pouco proveitosas, visto que, à semelhança de outros, estava habituado a tais formas de linguagem. O que é, sim, injusto e injustificável são as interpretações arbitrárias dessas expressões, e o invólucro irreal de divindade que os teólogos especulativos lhes impuseram, obscurecendo o seu verdadeiro significado perante a mente. Este livro não professa ser mais do que uma coleção de descrições figurativas, alusões proféticas e registos históricos sobre as numerosas aflições experimentadas pelos judeus, tanto na Babilónia como em Jerusalém. É útil, na medida em que apresenta uma história verídica dos acontecimentos e sofrimentos

vividos por gerações passadas, bem como da forma de profecia e expressão então universalmente em uso.

Segue-se o livro de Daniel, que contém mais representações históricas, alegóricas e mitológicas, bem como visões proféticas, do que qualquer dos livros sobre os quais até aqui comentámos. Daniel era de constituição bastante excêntrica. Possuía algumas boas qualidades sociais, mas era sobretudo caracterizado pelas suas faculdades percetivas e morais, estas últimas muito desenvolvidas. No entanto, encontrava-se apenas ligeiramente acima do estado rudimentar de desenvolvimento mental e, por isso, percebia e ensinava apenas aquilo que era exterior e material. As suas visões eram de natureza das mais excêntricas e ambíguas, algumas suficientemente definidas para não se aplicarem aos acontecimentos então em curso, e outras suficientemente indefinidas para se aplicarem a quase qualquer catástrofe material — assemelhando-se, neste aspeto, a várias passagens do Apocalipse.

Daniel, dotado de forte capacidade de analogia e comparação, profetizou o surgimento e queda de diversos reis e reinos, representando as suas visões através de animais muito singulares, alguns dos quais se assemelhavam mais ao ictiossauro e ao iguanodonte do que a qualquer outra espécie. Algumas dessas bestas metafóricas possuíam mais cornos do que qualquer animal que alguma vez tenha existido sobre a Terra. Ainda assim, as comparações eram verídicas — embora animalescas. Daniel simbolizou vastas monarquias que mais tarde dominariam a Terra com uma imagem composta por diversos metais, representando o carácter de tantos reis e as diferentes eras em que reinariam. Todas as suas profecias se referem a reis que surgiriam e desapareceriam, sendo substituídos por outros. Estas profecias são verdadeiras, na medida em que se cumpriram nos sucessivos governos tirânicos que existiram posteriormente no mundo.

As profecias contidas neste livro são tão excessivamente ambíguas e superficiais que não justificam aquela interpretação elevada e espiritual que muitos comentadores bíblicos e espiritualistas lhes atribuíram. Todavia, são suscetíveis de serem interpretadas como representações de quase qualquer coisa que se ajuste ao gosto do intérprete. Contêm algumas figuras bastante belas, ainda que terríficas, que de facto encerram grande significado; mas não podem ser usadas para representar aqueles princípios grandiosos e divinos que, unicamente, podem provocar a ressurreição da humanidade para a unidade social e a felicidade espiritual. Portanto, são infrutíferas no que diz respeito ao conhecimento de que o mundo necessita para alcançar esse fim tão grandioso e desejável.

É humilhante refletir sobre o grande número de interpretações falsas e fantasiosas que foram atribuídas às imagens cruas e correspondências imperfeitas contidas no livro de Daniel. Muitos creram — mesmo neste século — que nesse livro se encontra tipificada, e até afirmada categoricamente, uma conflagração geral deste

globo terrestre. Acreditaram nisto apesar de a Natureza, as suas leis e os ensinamentos imutáveis da Mente Divina terem revelado uma verdade diferente, da qual tudo o que existe é testemunho. Não é de admirar que pessoas que não compreendem a estrutura do Universo, nem percebem as leis imutáveis que o regem em harmonia, tenham sido imbuídas dessa crença imaginativa, derivada das interpretações teológicas do livro de Daniel, juntamente com outros livros que contêm dizeres de natureza semelhante.

Contudo, o Amor e a Sabedoria Divina desenvolveram o Princípio ainda mais sublime da Verdade — que sobreviverá a todos os erros e imperfeições do mundo exterior, e conservará a sua omnipotência para todo o sempre. Que aquele que for capaz de receber as verdades consoladoras que a Natureza em toda a parte manifesta, repouse confiadamente: e assim poderá repousar, pois aquilo em que confia é divino, celeste e eterno. Tais princípios não são oriundos dos livros que comentámos mais recentemente; e por isso, embora esses livros devam ser considerados verdadeiros do ponto de vista histórico, não devem ser tidos como reveladores da pureza celeste e da grandeza d'Aquele que reina eterno e omnipotente.

Muito tempo e talento têm sido despendidos a tentar elucidar a vasta quantidade de figuras e correspondências contidas nos livros de Jeremias, Ezequiel e Daniel. Este último, porém, contém mais profecias locais e figurativas, e mais matéria ambígua e inútil, do que qualquer dos outros. No entanto, há neste livro algumas afirmações bastante evidentes e categóricas, que foram intensificadas por revisores e compiladores, mais do que o foram as afirmações de qualquer outro escritor sobre os quais até agora fui impelido a falar. Não necessito mencionar figuras específicas aqui registadas, nem prosseguir a demonstrar a sua ausência de relação com o "Sol da Justiça" tão brilhantemente evocado por Malaquias e tão perfeitamente exemplificado na vida e nos ensinamentos de Jesus. Pois é desnecessário provar aquilo que não tem opositores; e quando tais dizeres forem contestados, então será tempo de os verificar por outras considerações.

§ 124. Passo agora a falar do livro que sucede ao de Daniel, intitulado **Oseias**. Este livro começa com o relato de uma ordem do Senhor a Oseias para que tomasse uma esposa. A representação aqui registada, quanto à forma como o Senhor o dirigiu na escolha da esposa e quanto aos nomes que deviam ser dados aos filhos, é de pouca ou nenhuma utilidade e, na verdade, repulsiva aos sentimentos de qualquer pessoa verdadeiramente refinada.

A todos os que refletem com interioridade e sinceridade, parecerá altamente improvável que Oseias alguma vez tenha recebido um influxo de instrução divina para escolher uma esposa como ali se descreve, ou quanto aos nomes pelos quais os filhos deveriam ser conhecidos. Estas coisas tendem a diminuir o carácter elevado da

Mente Divina e a abalar a veneração que é próprio que todo o ser cultive e que toda a criança aprenda. Tais considerações tornam claro que estas expressões devem ser falsas, ou, mais propriamente, devem corresponder à forma primitiva de expressão escrita.

Não é necessário falar particularmente sobre Oseias, pois ele não faz qualquer pretensão à profecia, sendo apenas um observador geral, contemplador, admoestador e instrutor. Observava a depressão e desolação que então envolviam muitos reinos dentro do seu conhecimento, especialmente os judeus e a casa de Israel, que estavam sob a sua observação direta. Viu os sombrios presságios de vingança por parte dos medos, persas e babilónios sobre a nação judaica; e, ao ver cada vínculo outrora existente entre as nações ser substituído por vingança e retaliação, estremeceu perante a perspetiva do que estava para acontecer.

Diante destas coisas, sentiu-se compelido a falar contra as idolatrias do seu povo e contra as suas muitas excentricidades, que contrariavam os mandamentos da Mente Divina e punham em risco a sua paz e prosperidade futuras. Sentiu também que era seu dever falar de forma indireta e comparativa sobre os judeus e os israelitas, procurando incutir-lhes uma séria e profunda convicção de que, se não abandonassem o culto dos ídolos e a prática de abominações, seriam finalmente subjugados, a sua nação dispersa, e a sua bela cidade arrasada.

Em confirmação destas advertências, ofereceu muitas ilustrações simbólicas e falou em parábolas, como afirma ter sido ordenado a fazer, para que as suas mentes fossem devidamente impressionadas com a terrível catástrofe que pairava sobre a sua nação. Ao contemplar estas coisas, como toda a mente tende a fazer em circunstâncias semelhantes, profetizou uma melhoria futura, tal como sugerido pelos anseios da esperança.

Há neste livro algumas alusões indefinidas a uma Sião de justiça que viria a existir; mas estão tão entrelaçadas com os acontecimentos então iminentes, que se tornam sem importância. Além disso, estão desligadas da cadeia geral de profecias sob consideração especial. Assim, não encontro neste livro nada que permita uma aplicação decidida a qualquer coisa para além do período em que foi escrito. Pois os sentimentos do autor estavam imersos nas circunstâncias infelizes da época, e o seu juízo excessivamente limitado por elas, impedindo o desenvolvimento de qualidades mais elevadas e espirituais.

O livro de Joel, que se segue, é na sua essência uma recapitulação de temas tratados por Oseias, com exceção da introdução de novas figuras e de uma expressão dissemelhante. Joel também exortou os filhos de Israel ao arrependimento e insistiu na necessidade de serem reformados, para escaparem aos juízos terríveis do Senhor de Israel, o qual, segundo ele, visitaria a sua terra com vingança consumidora e

dispersaria a sua nação até às terras dos gentios. Introduziu representações novas e convincentes do grande e terrível dia em que a terra então fértil, rica em beleza e abundância, se tornaria um deserto desolado e inabitado; e em que a sua cidade, cujas ruas e edifícios bem construídos eram outrora palco de felicidade e ausência de temor, seria destruída e deixada em ruínas.

Seria uma revolução terrível, e, por isso, muitos, como Joel, sentiram ser seu dever falar e profetizar sobre os meios mais apropriados e eficazes para escapar à magnitude da calamidade, bem como falar do grande e glorioso dia em que a escravidão seria desconhecida, e a nação restaurada à prosperidade, unidade e afeto fraternal.

Joel apresenta também descrições de manifestações muito assustadoras do juízo divino, que são propensas a afetar fortemente os sentimentos de temor e de maravilhamento, excitando a superstição ao mais alto grau possível. Assim, falou de um dia em que o Senhor derramaria o seu Espírito sobre eles, e os seus filhos e filhas teriam visões, e os seus anciãos sonhariam sonhos; em que o sol deixaria de brilhar, a lua escureceria e se tornaria em sangue, as estrelas recusariam a sua luz, a terra tremeria até ao seu âmago, e as trevas reinariam universalmente.

Esta representação muito indefinida mas poderosa tem toda a aparência de uma profecia literal ainda por cumprir. Mas qualquer entendimento esclarecido perceberá que todas essas transformações físicas são totalmente contrárias a toda a lei e à harmonia do Universo; e, portanto, se entendidas de forma literal, as figuras são falsas e insignificantes. Tratava-se apenas de um modo de expressão destinado a despertar a apreensão da nação judaica e a impressioná-la com a terribilidade das calamidades que evidentemente a aguardavam.

Joel diz ainda: “O Senhor mostrará prodígios nos céus e na terra — sangue, fogo e colunas de fumo.” É realmente inútil considerar estas afirmações como tendo procedido da Mente Divina, pois estão infinitamente abaixo da sua suprema dignidade e majestade divina, e é inconcebível que se tenha dignado a apresentar ao homem tais figuras aterradoras e panoramas sublimes. Não encontro neste livro qualquer referência clara ou previsão da vinda do grande Reformador.

O livro de Amós é um documento profético acerca de diversos reinos e cidades também mencionados no livro de Daniel. Pode ser considerado como uma coletânea de meditações privadas e reflexões sobre eventos históricos mencionados em livros anteriores, os quais já existiam à data em que este foi escrito. E, por estar ligado a registos e profecias posteriores, não é necessário tecer comentários adicionais sobre ele.

Passo, portanto, ao livro intitulado Obadias — que contém as impressões e profecias de um pastor, o qual, evidentemente excitado pelas circunstâncias então vigentes, não conseguiu, devido à sua constituição mental particular, abster-se de exprimir as suas opiniões e reflexões. Também falou de forma simbólica, mas de maneira muito breve e concisa, sobre coisas já referidas em livros anteriores. E como não se percebe qualquer utilidade evidente nestes dizeres, nem uma aplicação proveitosa, não é necessário que me detenha mais sobre este livro.

§ 125. O livro que se segue intitula-se *Jonas*. Este livro, de forma abrupta e fragmentada, começa relatando que Jonas foi ordenado pelo Senhor a ir a Nínive e pregar contra ela, denunciando a sua destruição. Representa os habitantes de Nínive como sendo ignorantes, idólatras e perversos, ao ponto de o Senhor se ter exasperado pelas suas contínuas abominações, decidindo, na sua vingança, destruir a cidade. Para profetizar contra eles, Jonas foi escolhido. Parece que o Senhor falou a Jonas e lhe deu instruções; e Jonas, para escapar, dirigiu-se ao litoral, onde encontrou um navio no qual embarcou com destino a Társis.

Isto dá a entender que Jonas estava profundamente contrariado e emocionalmente oposto ao que lhe fora ordenado pelo Senhor: e tal facto parece constituir uma evidência externa da incapacidade do Senhor em escolher uma pessoa adequada para executar a sua vontade. Depois de Jonas ter pago a passagem e embarcado, adormeceu sob o peso de uma pesada convicção de transgressão. Seguiu-se então uma intervenção do Senhor, que é descrita como tendo perturbado o equilíbrio da atmosfera e provocado uma violenta e tempestuosa tormenta. Jonas é apontado como a causa dessa terrível tempestade, e, ao ser isso descoberto, foi lançado ao mar por vontade própria.

A narrativa também descreve que o Senhor preparou um peixe com um estômago suficientemente grande para conter Jonas, de modo a preservar-lhe a vida. Como o peixe foi levado a aproximar-se do navio no momento exato em que Jonas foi lançado ao mar, não é explicado; pois só pelo desejo, originado na sensação corporal, qualquer ser com sensibilidade se move em direção ao objeto desejado. Assim, o peixe teria de estar consciente da queda de Jonas no mar para ali estar presente e engoli-lo de forma tão deliberada.

Relatam-se vários aspetos das convicções de consciência de Jonas enquanto esteve no "ventre do inferno" (ou *hades*), e também como foi finalmente lançado ileso em terra firme. Após passar por tantas provações e transições, sentiu-se persuadido a realizar a viagem de três dias até Nínive e lá proclamar a mensagem que lhe fora ordenada: “Ainda quarenta dias e Nínive será destruída.”

Uma declaração tão inesperada, não antevista pelos habitantes, provocou neles tal medo e superstição, que, por ordem do rei e dos governantes, abandonaram todo o

labor, jejuaram e se arrependeram profundamente em pano de saco e cinza. Entretanto, Jonas retirou-se para uma pequena distância da cidade e repousou sob uma cabana, com a maior satisfação pessoal, na expectativa de assistir a um maravilhoso espetáculo de vingança divina — o que, para ele, seria uma gratificação pela sublimidade da cena.

Mas não tardou até que a sua profecia se revelasse falsa, e Jonas enraiveceu com indignação e desilusão. Ficou profundamente agastado com o facto de o Senhor ter arrependido, e sentiu-se francamente irritado com essa fraqueza indulgente. Então, uma planta foi criada e destruída diante dos seus olhos, simbolizando o perdão, o que originou uma discussão entre Jonas e o Senhor. Este último é representado como consolando os sentimentos perturbados de Jonas e deixando-o aprender, a partir da experiência, lições de submissão e perdão.

O livro apresenta a Mente Divina como alguém que se arrepende — e que amaldiçoa um povo que, como depois se admite, nem sequer sabia distinguir a mão direita da esquerda. Representa a sua suposta incapacidade de escolher os agentes adequados para executar os seus desígnios, e retrata Jonas como desejoso de ver a sua profecia cumprida — ao ponto de ansiar, no seu íntimo, assistir à aniquilação de uma cidade repleta de ignorância, sim, mas também de beleza e vitalidade.

Não me impressiona a ideia de que um ser como Jonas tenha alguma vez existido. Contudo, percebo distintamente a origem deste livro; mas, como não é particularmente necessário revelá-la aqui, deixo isso de parte, e avanço para algumas considerações úteis sobre o espírito que se diz ter movido Jonas na sua pregação, e sobre a aplicação do seu relato.

A humanidade de hoje assemelha-se bastante aos cidadãos de Nínive. São ignorantes, incapazes de distinguir o interior do exterior, ou a mão direita da esquerda. Possuem uma superstição profundamente idólatra e uma imaginação profundamente distorcida. Vivem rodeados por coisas grandiosas e belas. Têm cidades belas e bem construídas. Mas têm também leis e governos arbitrários e corruptos, que exigem do homem aquilo que a sua natureza e a constituição do Universo absolutamente proíbem. Têm templos dedicados à adoração de seres imaginários, não superiores aos de Zoroastro. Possuem ídolos e imagens esculpidas, que transmitem pensamentos mitológicos e supersticiosos pouco superiores ao culto do Ganges ou do Juggernaut. E, devido a essa ignorância e desorganização, abrigam antros e covis de abominável iniquidade, onde habitam todas as espécies de miséria e perversidade; e assim, toda a raça encontra-se perigosamente doente — tal como os habitantes de Nínive.

Há por todo o lado quem pregue nesses santuários exteriores, dia após dia e ano após ano: “Arrependei-vos, ou sereis brevemente visitados com a vingança divina e

consumidora.” E, se lhes é dito que o Senhor se arrepende e que salvará a humanidade por causa da sua ignorância e falta de instrução, eles demonstram, pela sua indignação, que prefeririam ver toda a raça humana afundar-se nos abismos da escuridão eterna do que ver as suas pregações e proclamações desmentidas! Vede, pois, vós que assim pregais, a vossa própria insignificância! Vede a vossa negra e antinatural ingratidão perante essa Mente Divina e Imutável, que em todo o seu vasto Sistema respira perdão e reconciliação! Vede ainda o vosso reflexo, contemplando Jonas na sua satisfação pessoal e na sua frustração — pois ele é um espelho fiel da vossa insignificância.

Estes pregadores, então, são como Jonas: prefeririam que a grande Nínive do mundo e os seus habitantes sofressem todas as calamidades que anunciaram, a admitir que a sua profecia fosse falsa ou que os seus atuais sentimentos fossem infundados. Portanto, alguma instrução pode ser extraída do livro de Jonas; e nesse aspeto, é uma representação bastante perfeita da condição mental da humanidade no século XIX. Mas além disso, o livro é inútil, e poderia ter sido destruído, como muitos outros da sua espécie, sem causar qualquer prejuízo ou perda ao mundo.

§ 126. Segue-se o livro de *Miqueias* — que é dedicado a meditações semelhantes às contidas nos livros anteriores, sobre as imensas aflições que estavam prestes a ser impostas aos judeus e israelitas, que, por frequentes idolatrias, haviam sido contaminados. Este livro é escrito num estilo de lamentação, ligeiramente figurado e muito pouco profético. Não pretende relatar qualquer ocorrência que não seja aquilo que se esperava que sucedesse à nação judaica e às cidades a ela associadas. Refere-se à imensa quantidade de mal e miséria que, continuamente, se abatia sobre os judeus e a casa de Israel. Não descubro, neste livro, qualquer princípio ou figura que permita uma aplicação útil.

§ 125. Passo, então, ao livro intitulado *Naum*, que se segue.

A profecia registada no capítulo iv, versículos 1 a 4, sobre o que aconteceria nos últimos dias, parece ter sido extraída, quase palavra por palavra, de Isaías ii, 2-4. Suponho que é por essa razão que o autor não considera essa profecia como pertencente ao livro de Miqueias.

As calamidades pressagiadas daqueles tempos foram também o tema das meditações deste autor. Ele fala muito brevemente sobre os assuntos acerca dos quais se sentiu impelido a profetizar. O seu livro, tal como hoje se encontra, refere-se particularmente aos males que se abateriam sobre Nínive — cidade que lhe parecia estar sob a maldição direta de uma Divindade encolerizada e vingativa.

Segue-se o livro de *Habacuque*. Este autor fala sobre as abominações passadas e presentes que permearam a nação judaica, chegando mesmo à adulteração do templo

e das formas de culto — corrupções idólatras que, no seu entendimento, eram verdadeiros degraus rumo à destruição. Recapitula em substância os ditos de outros escritores sobre a destruição iminente da nação judaica e a esperança de uma melhoria futura. Contudo, neste livro — como nos anteriores — não encontro qualquer alusão ao tempo em que o grande Reformador viveria: o livro permanece confinado, como os outros, a eventos e circunstâncias que ocorriam no âmbito daquela era tão tumultuosa.

Segue-se o livro de *Sofonias*. O estilo desta obra é mais simbólico e contém severas denúncias contra profetas e sacerdotes que profetizavam falsamente e que haviam profanado os seus santuários de devoção. Nas visões de Sofonias existem algumas alusões vagas a um tempo futuro em que a felicidade voltaria a abençoar os judeus, e em que a casa de Israel e a casa do Senhor seriam purificadas, estando esta última novamente apta para acolher uma congregação de fiéis. Contudo, não encontro qualquer menção ao tempo em que o Reino de Cristo seria estabelecido na Terra, nem à floração da Árvore da Justiça com beleza e fragrância de harmonia e felicidade.

As mesmas reflexões sobre os judeus e a sua infeliz condição, presentes noutros registos, aparecem também aqui — embora expressas com vocabulário diferente. Ainda assim, há frases agradáveis e poeticamente belas neste livro, que podem ser lidas com proveito, embora não sejam de molde a servirem de base a longos discursos teológicos, pois referem-se a circunstâncias do tempo em que foram escritas, e seria injusto forçá-las a referirem-se a outra realidade que não essa.

O livro seguinte intitula-se *Ageu*. É composto principalmente por advertências e comentários sobre a reconstrução do templo após o regresso dos judeus do cativeiro babilónico, e não possui importância teológica considerável.

§ 127. Mas sinto-me impelido a falar do livro seguinte, intitulado *Zacarias*, com mais cautela e ternura, por causa da visão muito bela e verdadeira que o autor teve sobre Aquele que havia de vir. Parece que Zacarias era geralmente estimado por causa do seu carácter afável e do seu discernimento superior. No entanto, todas as suas emoções e afetos estavam profundamente envolvidos no sofrimento do seu povo. Regista as suas reflexões proféticas com calor de sentimento e demonstra uma força peculiar na sua expressão. Parece ter escrito sob o influxo de um espírito ardente, marcado por uma determinação positiva, ainda que suavizada por um temperamento bondoso e afetuoso. Relata também uma variedade de visões; porém, estas têm um carácter local, embora sejam de natureza tal que permitem aplicação além do contexto imediato em que surgiram.

Cerca de um terço deste livro está intimamente ligado aos assuntos tratados em livros anteriores; os restantes dois terços são dedicados à meditação e à alusão

profética ao nascimento de Jesus — essa personagem pura e perfeita que, embora surgida entre a nação judaica, veria os seus ensinamentos aplicados e realizados apenas em gerações futuras, mesmo até aos nossos dias. Remeto o leitor para o capítulo sexto, versículo doze, onde se encontram registados alguns pensamentos breves sobre ele e sobre esta era. Remeto também para o capítulo nono, versículos nove e dez, que aludem de forma bastante clara ao alívio final dos judeus, dos gentios e de todos os habitantes da Terra da ignorância, da escravidão mental e da desunião física.

Seria proveitoso que os que têm especulado sobre o assunto lessem com cuidado e refletissem sobre a expressão aqui utilizada para representar Jesus e o seu governo social e espiritual. Ele é chamado aqui de **"O Ramo"** — uma das expressões mais perfeitas e verdadeiras de toda a História Primitiva.

Muitos teólogos, baseando-se em passagens isoladas da Bíblia, conceberam superficialmente que Jesus foi um ser criado e destinado exclusivamente a redimir a humanidade de um estado decaído. Outros pensaram que ele veio apenas para estabelecer uma ligação entre a natureza espiritual do homem e a Mente Divina, funcionando como um meio através do qual os espíritos deste mundo rudimentar pudessem aproximar-se da presença Daquele que, a partir da Essência interna, criou o Universo.

Outros ainda supuseram que ele era uma organização material capaz de receber a Mente Divina em si mesma, vindo assim reconciliar e elevar a natureza espiritual do homem até um estado de comunhão perpétua com a santidade e a justiça.

A primeira opinião é, em certa medida, verdadeira. Ele foi de facto um médium e agente destinado a revelar um grau mais elevado de perfeição do que aquele até então alcançado pelo homem. Mas, para esse fim, foi criado tal como todo o género humano é criado — pelas leis e elementos da Natureza. Porém, a suposição de que veio para redimir o mundo de um estado decaído é profundamente contrária às leis da Natureza e aos ensinamentos da História Primitiva, sendo até ofensiva à perfeição inefável dessa Essência que insuflou vida e movimento em todo o espaço.

A palavra "redenção" leva imediatamente o pensamento a conceber algo perdido ou resgatado. No entanto, estou convencido de que nada foi perdido quanto à natureza espiritual do homem que exigisse uma restauração sobrenatural para recuperar uma posição outrora ocupada. Se a humanidade alguma vez tivera união social baseada no conhecimento das leis que promovem unidade, harmonia e felicidade, teria perpetuado essa união até aos nossos dias. Mas como o homem nunca esteve previamente nessa posição, não é verdade que a raça tenha caído ou degenerado — apenas foi mal dirigida na juventude e, agora, precisa apenas de instrução gentil e do acesso a um conhecimento puro e útil para alcançar a elevação.

Portanto, é infundada a ideia de que a raça foi outrora pura, perfeita e unida, e que degenerou por ter provado um pouco do fruto da Árvore do Conhecimento. Igualmente falsa é a ideia de que um ser tenha sido especialmente designado para destruir os efeitos desse suposto pecado e restaurar a humanidade ao seu antigo estado.

A segunda opinião — a de que Jesus é um mediador através do qual o homem pode, eventualmente, receber perdão e ascender a esferas superiores — também é infrutífera. Não se pode conceber que uma obra criada por Amor e Sabedoria Divinos seja tão imperfeita que perca ligação com a lei do desenvolvimento progressivo.

A terceira opinião é profundamente desrespeitosa para com o carácter da Mente Divina e atribui-lhe, na prática, falta de previsão e determinação, como se ele, após criar e organizar o Univercoelum, se tivesse dado conta de que as leis por si instituídas eram insuficientes. Tal suposição é completamente indigna e oposta à sua sublime dignidade, e deve por isso ser rejeitada e nunca mais ensinada à humanidade.

Mas Zacarias falou a verdade ao chamá-lo de **Ramo** — ou seja, um Ramo da Grande Árvore, cujo corpo é composto por toda a Humanidade. Ele é um Ramo da grande Criação, um desenvolvimento das qualidades interiores do ser. E o que o mundo deve verdadeiramente agradecer e celebrar é que este Ramo tenha produzido frutos tão deliciosos. Isso não implica que o Ramo tenha criado ou controlado a Grande Árvore da Existência Humana, mas sim que foi gerado pelas qualidades contidas no germe do mundo, absorvidas pelas raízes dessa Grande Árvore, que se desenvolveu através de todas as etapas do crescimento, até estar pronta para fazer brotar um Ramo que floresceria com a fragrância imortal da pureza interior e da mansidão exterior. E esse Ramo é Jesus — cujos elementos de alma difundiam paz na terra e boa vontade para com os homens.

Este, então, é o Ramo a que se alude com tanto sentimento e elevação de pensamento no livro de Zacarias. E esta deve ser considerada a expressão mais verdadeira e significativa que se pode aplicar ao grande Reformador moral.

§ 127. Sucede ao livro de Zacarias o de Malaquias. Nele está contida uma profecia superior a respeito desse Ramo que despontou na Árvore da Humanidade, cujas raízes se estendem por todas as criações inferiores até ao incompreensível Vórtice de onde fluem perpetuamente o Amor e a Sabedoria. Esse grande Ramo é chamado por Malaquias de “Sol da Justiça”; e bem poderia ter sido chamado de flor da perfeição material e espiritual, que haveria de florescer com qualidades curativas, cuja aplicação exaltaria e traria felicidade a todo o Corpo da Humanidade.

Expressões como “Vem o dia que arderá como um forno”, entre outras, são comparações ambíguas, concebidas para simbolizar a grande calamidade que se abateria sobre a nação judaica aquando da destruição de Jerusalém. Estas denúncias, severas e indefinidas, têm transmitido ao mundo muitas impressões inúteis, pois foram interpretadas de forma profundamente injusta. Expressões como “o Dia do Senhor”, “a visitação do Senhor”, “o dia do juízo”, “a vingança”, e “o fogo consumidor do Senhor”, entre muitas outras semelhantes, eram utilizadas pelos escritores antigos — e em particular pelos autores dos manuscritos que hoje compõem a Bíblia — de forma muito imprudente e vaga. Os judeus, estando há tanto tempo em servidão e tendo experimentado invasões devastadoras sucessivas, haviam perdido a capacidade de confiar no próprio poder de obter alívio. Assim, buscavam refúgio no Deus de Abraão, Isaac e Jacob, que acreditavam possuir o poder necessário — e o espírito de retaliação suficiente — para vingar-se dos seus inimigos. Daí resultam essas expressões recorrentes por todo o Antigo Testamento, especialmente em passagens do livro de Malaquias.

Malaquias dá a entender que alguém seria criado para ser rei sobre todas as nações, e que haveria de libertar os habitantes então escravizados do seu sofrimento extremo e da sua miséria. A essa figura chama Elias, o qual se supôs representar o grande Reformador de que tenho falado. Contudo, não vejo utilidade nesta aplicação, nem descubro tal sentido interior na passagem referida.

Renuncio, pois, a qualquer outro comentário sobre os livros do Antigo Testamento. Examinei cuidadosamente todas as alusões proféticas ao nascimento e ensinamentos de Jesus, e mostrei que são todas de natureza geral e antecipatória, e não particulares, isoladas ou circunstanciais. Ter sido estas últimas teria estado além do alcance dos poderes proféticos.

Cumpre ainda observar que todas as alusões à vinda do Messias foram sugestões nascidas da situação então deprimente das diversas nações da Terra. E foi, principalmente, com o intuito de consolar os espíritos oprimidos pela aflição generalizada que esse evento foi invocado: tal perspetiva, em certa medida, restaurava a confiança e a energia, e inspirava as suas mentes com esperança e antevisões brilhantes. Para além disso, os escritores do Antigo Testamento pretenderam sobretudo relatar factos históricos; e muitas das suas expressões e ilustrações são nitidamente **mitológicas**, derivadas, como vimos, de opiniões teológicas mais antigas e absorvidas precocemente.

Vimos também que muitos livros do Antigo Testamento são absolutamente inúteis, pois promovem antes princípios imorais e injustos do que aquela pureza e refinamento celeste que naturalmente se esperaria da Mente Divina.

Nalguns livros, porém, existem conceções muito belas — imagens que admitem correspondências literais ou espirituais, nas quais os antigos descreviam a si mesmos e a todas as coisas criadas. A este estilo de comunicação estavam universalmente habituados; e exprimiam todos os seus pensamentos de forma alegórica, sempre narrando o símbolo como se fosse a realidade, em vez daquilo que representava.

No entanto, mesmo que todos os dizeres do Antigo Testamento fossem revestidos de uma interpretação espiritual, isso não traria qualquer benefício prático ao mundo, já que o que o mundo necessita são instruções novas e elevadas, capazes de produzir resultados concretos, influenciando as relações físicas e espirituais do ser humano. Uma interpretação meramente espiritual dessas passagens seria absolutamente inútil, por carecer de aplicação proveitosa. A Bíblia, assim vestida, não supriria as necessidades físicas da raça humana; não consolaria os aflitos, nem alimentaria a viúva ou o órfão. Tampouco reformaria os governos arbitrários e profanos que ainda imperam em várias regiões da Terra. Não seria capaz de enxugar lágrimas de todos os rostos, nem de banir a dor e o sofrimento do mundo; nem tampouco poderia produzir uma ressurreição social, cujos resultados superiores se expressariam em felicidade e elevação espiritual.

Além disso, uma interpretação literal de todas as passagens do Antigo Testamento, com o propósito de construir uma teologia injusta, não teria tendência alguma a gerar os bons frutos de que carece, com urgência, todo o mundo civilizado e incivilizado. Porém, as vozes e súplicas da Natureza não se calarão até que aquilo que é reclamado seja concedido em abundância. A Natureza, presente nas formas vivas, fala e clama vigorosamente por alívio da ignorância, do vício, da debilidade e de toda espécie de iniquidade, transgressão e desorganização social. Ela tem revelado as suas qualidades mais nobres em algumas formas superiores da família humana, que respiram os próprios elementos da caridade e da filantropia. Estes exercem uma benevolência sem limites — uma afeição e simpatia que abarcam as inúmeras necessidades de todos os que sofrem na dor e na pobreza.

Assim sendo, uma vez que o Antigo Testamento pretende ser apenas um registo histórico das circunstâncias e acontecimentos dos tempos em que foi escrito, e dado que os homens chamados profetas não alegavam mais do que a esperança e a antecipação de alívio — algumas dessas expressões podendo ser aplicadas distintamente à vida e carácter de Jesus —, e considerando que os livros foram compilados e organizados por agentes interessados, e que a fixação da sua cronologia, a disposição das obras, e a divisão em capítulos e versículos resultaram unicamente do trabalho de indivíduos mandatados por governantes para o efeito — sendo certo que, apesar de geralmente verdadeiros, não podem beneficiar essencialmente a humanidade em ponto algum —, seria prudente considerar a História Primitiva segundo o seu verdadeiro sentido, e deixá-la repousar.

A humanidade deve abandonar todo o dogmatismo, toda a sectarismo, toda a mitologia e toda a injustiça — e tornar-se, de imediato, ramos associados da grande Árvore da Justiça. Então, o mundo inteiro poderá enfim experimentar as consequências enobrecedoras que advêm de um justo desenvolvimento das qualidades inerentes ao ser humano. Então, de facto, a terra produzirá as suas belezas mais puras, e o homem será competente para reconhecer a excelência das suas dádivas — e, com isso, será feliz.

§ 129. Entre os hindus e outras tribos orientais, o *Shaster* é tido como de origem divina. Consequentemente, veneram os seus conteúdos, seguem fielmente os seus ensinamentos, e esforçam-se, por todos os meios de persuasão, por inspirar fé na mente dos incrédulos, bem como por difundir amplamente os seus dogmas e preceitos. Nutrem o mais elevado respeito pelos autores do seu livro sagrado, acreditando que foram inspirados por bons espíritos para comunicar tal revelação divina. Supõem que o mundo recusa aceitá-lo porque está alienado do favor das suas divindades, e, por isso, não está autorizado a entrar no gozo da sua religião sagrada — que eles veneram com a mais profunda devoção.

Assim também é o caso dos persas em relação ao seu livro sagrado; dos muçulmanos; e das porções do mundo civilizado que aceitaram, e depositaram confiança, na interpretação superficial da História Primitiva. Todas as seitas que fundamentam a sua origem nas coisas contidas nesta história supõem que a razão pela qual nem todos são como eles, reside no facto de terem ascendido a um grau superior de conhecimento e, por isso, lhes ser permitido gozar exclusivamente desses ensinamentos divinos — enquanto os demais vagueiam nas trevas de um carácter profundamente degradante, desprovidos da força e assistência daquele Espírito que os criou, juntamente com o Universo. Todas as seitas veem a superioridade das suas próprias posses religiosas e julgam que a sua luz transcende tanto a dos outros que a destes últimos se torna absoluta escuridão.

Tem-se, portanto, seriamente acreditado e promulgado — por parte dos adeptos de todas as seitas e sistemas religiosos — que a razão pela qual os outros não são como eles, se deve ao facto de estarem sob a indignação do Espírito Divino que instituiu a sua própria seita ou religião.

É, pois, impróprio — como se deduz claramente destas considerações — conceder maior estima e afeição aos crentes na História Primitiva do que àqueles que acreditam seriamente no *Shaster*, no *Corão* ou no *Zend-Avesta*, pois todos estão igualmente devotados à fé que lhes foi impressa desde cedo na mente, e são, por isso, igualmente sujeitos ao costume, à educação e ao desvio de entendimento.**

Prosseguirei agora com uma consideração de muitos princípios e ensinamentos registados no Novo Testamento, os quais têm sido interpretados de forma

profundamente injusta, sendo as interpretações em causa sementes de erro e dissensão sectária, espalhadas por todo o mundo, tanto o civilizado como o não civilizado.

A primeira ideia que convém investigar é a de que o Novo Testamento foi sugerido pelo Antigo — de que os profetas o previram e profetizaram, e de que ele surgiu para abolir a antiga lei e estabelecer uma nova em seu lugar.

Ao examinar cuidadosamente os escritos do Antigo Testamento, não se encontrará uma única insinuação que sustente essa ideia. Os profetas em parte alguma falam de uma nova lei que viria a ser assim escrita e apresentada ao mundo como diretriz universal para a humanidade. Em parte alguma sugerem que tal coisa tivesse sido alguma vez tencionada, nem que fosse minimamente útil às gerações futuras, cujos sofrimentos sociais e mentais eles tão sentidamente e com clareza profetizaram. Quando aludiam aos prenúncios de uma nova era, e ao estabelecimento de uma Sião espiritual, no cume da qual floresceria a Árvore da Justiça, nunca insinuaram que tal se daria por meio de qualquer registo escrito como o Novo Testamento.

Além disso, não é correto nem proveitoso acreditar que a Mente Divina alguma vez instituiu leis que depois revogou. Não existe qualquer evidência capaz de convencer um espírito atento de que alguma das leis que uma vez governaram e animaram a Natureza tenha jamais sido anulada ou modificada: pelo contrário, existe testemunho universal e inequívoco — tanto nas manifestações gerais da Natureza como na experiência comum da humanidade — de que nenhuma lei estabelecida, seja física ou mental, jamais se alterou, nem sequer minimamente.

Seria tão sensato e justo acreditar que a Mente Divina criou leis físicas para reger gerações passadas, e que mais tarde descobriu que eram incapazes de cumprir os fins originalmente previstos, decidindo então destruí-las e instituir novas leis para governar os mesmos seres. Seria como supor que as leis fisiológicas que regem o corpo humano são agora inteiramente diferentes daquelas que controlavam os corpos das gerações anteriores — como se a lei da digestão tivesse sido inicialmente grosseira e imperfeita, adaptada a um alimento rudimentar, e que agora tivesse sido transformada numa engrenagem de delicadeza extrema para exercer a mesma função, apenas porque o alimento é agora composto de maneira diferente.

Se tais mudanças tivessem ocorrido, constituiriam uma prova incontestável de que uma lei instituída pela Mente Divina pode ser substituída por outra, desempenhando a mesma função.

Portanto, a crença de que a lei dada por Moisés para governar os israelitas teve origem divina — e que depois foi revogada e aniquilada para dar lugar a uma nova e diferente combinação de princípios reguladores — é uma crença contraditória à

pureza celestial do Criador Divino, que, como as suas leis, é imutável. Nada é mais injusto do que limitar o alcance da sabedoria divina, ou constranger os movimentos daquele que comunica vida e animação a todo o Universo.

Ademais, se as leis instituídas por Moisés tivessem origem celestial, os seus efeitos teriam, necessariamente, sido condizentes com tal origem. É pertinente questionar aqueles familiarizados com a história eclesiástica primitiva do mundo: terão tais efeitos sido universalmente experimentados e manifestados? Se essas leis tivessem emergido do Vórtice do qual nasceu a Natureza, então os seus efeitos seriam tão divinos quanto a Causa — do mesmo modo que a Natureza comprova ser o caso consigo mesma. Mas se, pelo contrário, essas leis tiverem origem humana e imperfeita, então os seus efeitos devem manifestar essa imperfeição. E é justo inquirir junto daqueles que reflectem: não é isto exactamente o que confirma a experiência constante de todos os que vivem sob leis humanas e arbitrárias?

Logo, a proposição de que o código legal contido no Antigo Testamento foi instituído pelo Senhor, e de que, ao deixar de ser útil, ele sugeriu o estabelecimento de novos preceitos, agora presentes no Novo Testamento — não passa de uma especulação metafísica sobre a relação entre os dois Testamentos, fundada numa compreensão superficial dos seus ensinamentos. Além disso, o conhecimento parcial relativo aos ensinamentos da Bíblia prejudica fortemente a validade dessa proposição.

Pois, ao mesmo tempo que os teólogos defendem a doutrina da origem divina do código legal primitivo, também limitam a sua aplicação às nações favorecidas dos judeus e israelitas, enquanto, paralelamente, a grande maioria dos habitantes da Terra era regida por princípios totalmente distintos.

Admitir tais pontos de vista seria confinar o Amor e a Sabedoria da Mente Divina a uma esfera extremamente estreita; enquanto, pelo contrário, a Natureza rejeita categoricamente tais ensinamentos e crenças.

Muitos supuseram que estas leis e costumes arbitrários foram estabelecidos pela Mente Divina apenas entre aqueles que eram capazes de receber os seus ensinamentos e obedecer aos seus preceitos, enquanto todo o mundo asiático (que compreendia mais de duzentos milhões da população terrestre) teria sido deixado na ignorância e na imbecilidade, e por isso excluído do favor Divino. Mas é evidente para qualquer pessoa de discernimento que qualquer sistema de adoração que produza tais efeitos, e que seja desfrutado com tão marcada exclusividade, deve ter tido origem na mente humana, e não na Mente Divina. Aqueles que gozam desses supostos privilégios celestes acreditam que é por causa de uma parcialidade do favor Divino para com eles que se encontram tão iluminados e abençoados.

É claro que, se tais leis tivessem vindo do próprio Espírito Criador, elas fluiriam diretamente entre os que mais necessitam de instrução, e portanto a porção do mundo não iluminada tornar-se-ia em breve receptáculo de sabedoria e de governo divino, cujos efeitos corresponderiam em pureza e perfeição.

Tampouco é justo acreditar que a Divindade teria inspirado pensamentos a um número restrito de pessoas na Terra com o intuito de que esses pensamentos fossem universalmente aceites e úteis, enquanto deixava a sua disseminação sujeita às dezenas de milhar de contingências que controlam tudo o que é circunstancial, as quais, embora geralmente dominadas pela humanidade, não são controláveis por nenhum indivíduo em particular.

Também não é correto acreditar que qualquer sistema de ensinamento divino possa existir num país, e ser completamente desconhecido e inacessível noutro; ou que, caso se venha a estender a outros povos, essa propagação dependa de papel, da precisão da impressão, da prudência dos homens, de embarcações bem construídas, do bom tempo, ou de quaisquer outras contingências capazes de impedir que ensinamentos artificialmente reunidos ultrapassem os limites de uma pequena parte da população do planeta.

Aqueles que possuem uma conceção elevada do carácter e governo da Divindade confiam apenas naquilo que está para além da influência das circunstâncias e que nem a própria constituição da Natureza pode contrariar ou rejeitar. E tais pessoas acreditam que todas as leis que emanam do Criador Divino são tais que abrangem todos os seres vivos inteligentes, que não conhecem fronteiras nem manifestam qualquer exclusividade na sua aplicação, mas que sopram segurança universal e benevolência divina.

§ 130. Foi também frequentemente suposto que a História Primitiva tem origem divina, e que é o centro de toda a verdade moral e recta, à qual até a Razão — as mais puras manifestações do juízo — a Natureza, e todas as coisas, deveriam ser consideradas subordinadas; e que a verdade aí contida não é universalmente ensinada nem acreditada porque o maior número dos habitantes da Terra permanece na ignorância.

Essa suposição assenta também na falta de confiança no poder da Verdade. Pois qualquer lei, substância ou organização que tenha origem divina, será a mesma sob todas as circunstâncias, e manifestar-se-á igualmente, em todo o universo.

Recorde-se que a Terra já girava mesmo quando a totalidade da humanidade ignorava esse facto. Mas seria tão razoável afirmar que a Terra não girava até que o homem tivesse atingido um grau adequado de refinamento mental para aceitar essa

verdade, como seria afirmar que outras verdades tenham estado ocultas pela falta de capacidade mental para as acolher.

É igualmente importante observar que os produtos dos reinos vegetal e animal são constantes e infalíveis, e não são minimamente influenciados pelas convicções mentais do homem. Nenhuma lei fisiológica foi jamais detida ou alterada no seu funcionamento devido à ignorância generalizada da sua natureza ou do seu modo de ação. As leis que regem o Sistema Solar, que desenvolvem os reinos vegetal e animal, e que mantêm em funcionamento as operações fisiológicas no corpo humano, são divinas e eternas — não dependem da crença nem da descrença — e proclamam os princípios universais e imutáveis que emanam do seio do Criador imutável. Se algum sistema religioso tiver a mesma origem que essas leis, então os seus efeitos serão igualmente puros, constantes e universais.

Todas as leis arbitrárias que alguma vez existiram na Terra tiveram origem na mente humana. E não excluo as leis dos hindus, derivadas do *Shaster*, as leis dos muçulmanos, derivadas do *Corão*, as leis dos medos e persas, derivadas do *Zend-Avesta*, nem as leis de Moisés, derivadas da História Primitiva. Também não é apropriado excluir quaisquer das diversas modificações destas leis, existentes noutras regiões do planeta: pois a sua influência é parcial, e a sua tendência é restringir os ensinamentos da Lei Universal, tal como esta se manifesta na Natureza e no Homem — e por isso são leis imperfeitas, impuras e claramente inúteis.

Estas considerações levam-nos a uma conclusão igualmente justa: todas as religiões e todos os sistemas superficiais de adoração tiveram origem também na mente humana. E não excluo o sistema dos chineses, dos hindus, dos muçulmanos, dos persas, dos judeus, nem de qualquer outro que derive as suas impressões distintivas dos ensinamentos da História Primitiva.

Qualquer crença que tenda a destruir a benevolência natural de um espírito nobre, ou a restringir os seus movimentos e circunscrever as suas simpatias e afetos — ou qualquer crença que atente contra as altas suscetibilidades morais da humanidade, e que force o homem a abandonar os puros e divinos impulsos da Natureza, ou aquelas manifestações da Mente Divina que são universais e não restritas — é, evidentemente, demoralizante, prejudicial ao progresso mental e espiritual, geradora de sectarismo e injustiça, e não merece sequer o mais ínfimo lugar no coração humano, nem lugar algum entre os princípios aceites pelo juízo.

Aqueles que especularam sobre a relação imaginária entre os ensinamentos do Antigo Testamento e os do Novo, devem refletir seriamente sobre todos os fundamentos dessa especulação. Devem também considerar que, se a Bíblia é de origem celeste, os seus efeitos teriam de ser puros e celestiais. E se é de origem humana, então os seus efeitos devem corresponder, em exactidão, a essa origem.

Tais reflexões devem sempre preceder a entrega dos afetos a qualquer sistema, bem como o assentimento do juízo à verdade ou falsidade de qualquer produção.

As investigações anteriores mostraram claramente que o Antigo Testamento não contém qualquer indício da produção ou revelação do Novo; que os profetas nunca insinuaram que tal livro viria a ser escrito, nem mencionaram o nome de Jesus, nem se referiram ao relato sobre ele que seria posteriormente apresentado ao mundo no Novo Testamento.

Tampouco há qualquer alusão à tese defendida por teólogos, segundo a qual a lei de Moisés, dada pelo Senhor de Abraão, Isaac e Jacob, foi estabelecida apenas para vigorar até que uma nova lei e um novo conjunto de princípios a substituíssem.

Esta é, pois, a conclusão inevitável e legítima destas investigações: a Mente Divina jamais institui uma lei num tempo para depois ser substituída por outra noutra época; a Natureza proclama e demonstra esta verdade de forma inequívoca; e a própria Bíblia não reivindica o contrário.

Assim, a opinião dominante só pode ter surgido por desvio da mente humana através de impressões precoces, educação, e interpretações erradas e falsificadas da História Primitiva.

§ 131. O primeiro livro do Novo Testamento afirma ser segundo, embora não escrito por, Mateus. Este facto, no entanto, não envolve qualquer consideração útil, embora se possa afirmar, em relação a isso, que os ditos de Mateus foram subsequentemente transpostos e modificados substancialmente por revisores e compiladores.

Este livro começa com uma história genealógica das gerações sucessivas desde Abraão até ao nascimento de Jesus. Depois, prossegue de forma muito séria e despretensiosa a relatar o nascimento de Jesus. Não me sinto impelido a entrar em pormenores ao relatar essa história, nem a citar a narrativa; é apenas necessário considerar as manifestações internas da verdade ao falar das coisas aqui relatadas.

É útil consultar o livro de Eclesiástico para uma declaração adequada e verdadeira quanto à importância dos sonhos.* Tendo isto em mente, importa observar que José é dito ter recebido instrução em sonho, por um anjo, acerca da santa e imaculada conceção — o que surpreendeu José, por ser contrário à sua experiência. E foi também dirigido da mesma maneira nos seus movimentos futuros.

*Eclesiástico xxxiv. 1-7.

Se José tivesse apresentado o seu próprio testemunho de que tivera este influxo de instrução divina, então seria mais adequado depositar confiança na narrativa.

Mas o livro não foi escrito até muito tempo depois desse alegado acontecimento, e após a morte de Jesus.

Além disso, não é razoável acreditar que um sonho seria o único meio para declarar um acontecimento tão maravilhoso e incompreensível. Se a Mente Divina tivesse intenção de produzir convicção no mundo de que esta criança era do seu Espírito, teriam ocorrido manifestações mais grandiosas e nobres — que fossem convincentes pela sua própria natureza — altas, sublimes e magníficas, condizentes com o carácter do Pai Omnipotente.

O mundo inteiro teria recebido um impacto de convicção — e de tal natureza, que o juízo o aprovaria, e a Natureza, por toda a parte, o sancionaria.

Em vez disso, o que acontece é que uma parte do mundo é levada a crer que houve uma violação da lei fisiológica, e que os princípios reprodutivos estabelecidos pela Natureza foram completamente anulados; além disso, essas pessoas acreditam que a conceção foi produzida e determinada por uma Causa invisível e desconhecida.

E assim, o acontecimento é chamado de milagre, por causa das causas estranhas e incompreensíveis e das violações envolvidas na sua realização.* Os homens acreditam nisto porque está relatado no primeiro livro do Novo Testamento, e porque foi acreditado pelos seus antepassados e confirmado por comentadores. E está hoje imerso nos afetos hereditários dos homens, mas não é de forma alguma sancionado por um juízo bem constituído e desenvolvido. É uma hipótese especulativa, mas não uma convicção bem fundamentada.

* O autor observa incidentalmente que a palavra “virgem” significava apenas “jovem mulher” na linguagem destes escritos.

Investigadores e filósofos não acreditam em qualquer lei que rege a Natureza, o sistema planetário ou o Universo, apenas porque os seus antepassados acreditaram — mas porque os seus juízos estão convencidos, e a Natureza demonstra incessantemente a verdade dessa convicção. Se assim fosse com os investigadores teológicos, então os afetos hereditários por modos peculiares de fé seriam banidos, e o juízo aceitaria e acolheria apenas aquilo em que tudo ao redor e acima fornece evidência.

Não é necessário apelar à experiência unânime da humanidade para provar que uma conceção preternatural não é verdadeira: basta contemplar a majestade celestial da Mente Divina, e as suas leis imutáveis, para saber que ele jamais se envolveria

numa transgressão tão evidente da sua própria natureza e dignidade, ou que se rebaixaria a produzir uma evidência tão trivial do seu propósito divino, e do carácter superior do seu Filho.

As ideias predominantes sobre esta conceção não podem, de modo algum, ser aceites por toda a mente humana; e é evidente para todos os que possuem algum grau elevado de discernimento espiritual, que qualquer opinião incapaz de entrar na mente universal e de ser sancionada pela sublime faculdade da Razão, deve ser uma falsidade.

A mente humana aceita tudo o que concorda com a sua natureza, e é congénito às suas exigências. Mas nenhum homem (observe-se bem a afirmação) alguma vez acreditou verdadeiramente na conceção milagrosa conforme relatada no primeiro livro do Novo Testamento. Os homens alimentaram essa opinião, não por convicção de juízo, mas por afecção aos sentimentos herdados. Assim, a fé nesta ideia nunca subiu ao trono da Razão; e quando as faculdades do raciocínio voltam a sua atenção para essa fé dos afetos, inevitavelmente descobrem uma crença irreal e imaginária, e recuam dessa visão como que por repulsa positiva.

A faculdade da Razão é uma flor do Espírito: ela desabrocha, e a sua fragrância é liberdade e conhecimento. Mas os afetos fluem apenas da sensação, sobre a qual está impressa a fé hereditária. Essa fé existe apenas como uma direção irreal dos desejos e afetos; e do funcionamento destes, alguns acreditam que os seus juízos estão convencidos. Isto é apenas sustentar fé com fé, e tentar enganar o juízo. É estar em reverência, temendo que a Razão quebre os grilhões, descubra o engano e rejeite toda crença herdada para sempre.

Deve ser bem ponderada a proposição de que nenhum juízo jamais foi, ou poderá ser, convencido da veracidade da conceção miraculosa. E isto é uma evidência presumível sobre a qual se pode basear a conclusão de que a ideia em questão é falsa. Pois a faculdade do raciocínio é desenvolvida como resultado de uma lei imutável, uma lei que é pura e divina. Consequentemente, o juízo — a razão — o intelecto do homem — devem ser, correspondentemente, divinos; e por isso, tudo o que eles não possam sancionar, jamais foi criado pela Mente Divina.

O relato do nascimento de Jesus, segundo Mateus, não indica qualquer intenção, da parte de José e Maria, de fazer compreender ou acreditar que ele fosse o legítimo Filho da Divindade, assim depositado e desenvolvido numa forma material, como afirmam os teólogos. Se esse relato do nascimento fosse a base sobre a qual deveria assentar toda a evidência da encarnação divina, então José teria proclamado tais factos de forma tangível ao mundo, e Maria também teria proclamado o seu conhecimento absoluto do mesmo; e isto teria estabelecido a verdade nas mentes de muitos que viviam nas proximidades do acontecimento. Tal conhecimento não teria

sido retido do mundo por vários meses, enquanto a própria indicação física da conceção existia, durante os quais milhares de testemunhos teriam surgido para produzir convicção e conhecimento universais.

§ 132. Mateus, depois de ter relatado o acontecimento conforme o recebeu por tradição, termina dizendo — *"E tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, dizendo: 'Uma virgem conceberá e dará à luz um filho.'"* Esta passagem está inteiramente desconectada do assunto de que Mateus tratava, e não pode, de modo algum, ser interpretada como a intenção de Isaías de profetizar sobre tal circunstância, nem como afirmação da sua veracidade, embora o acontecimento seja apresentado como cumprimento da profecia.

Além disso, uma manifestação divina de intenção original não teria sido fundamentada num apelo a uma evidência tão superficial como prova de presciência ou como demonstração do seu cumprimento. Esta citação é retirada do capítulo sétimo, versículo catorze de Isaías, e é usada para um propósito para o qual manifestamente não foi concebida. É importante compreender a origem desta expressão em Isaías, e assim perceber quão absolutamente desconexa ela é em relação à circunstância relatada por Mateus.

Após a morte de Salomão, a nação judaica dividiu-se em dois reinos ou monarquias. O reino de Judá tinha Jerusalém como centro e capital, e na altura em que esta passagem foi escrita, Acaz era o seu rei.

O outro reino chamava-se reino de Israel, com capital em Samaria, sendo Peca o seu rei naquele tempo. A nação de Judá seguia a linhagem de David, enquanto a de Israel seguia a linhagem de Saul. Na mesma época, Rezim era rei da Síria. Peca e Rezim travavam várias batalhas entre si, mas ambos alimentavam intenções hostis contra Acaz e o seu reino, que se mantinha em paz. Posteriormente, Rezim, rei da Síria, e Peca, rei de Israel, uniram os seus exércitos e invadiram o reino de Judá, contra Acaz.

Isaías, que era um residente de Jerusalém, muito estimado pelas suas afeições sociais e pela simpatia que demonstrava pelos aflitos, foi chamado por Acaz para profetizar sobre o resultado desse conflito iminente. Após alguma conversa, Acaz pediu um sinal como prova da verdade da profecia de Isaías. E Isaías respondeu: *"Eis que uma virgem está grávida e dá à luz um filho. Manteiga e mel comerá, e antes que saiba rejeitar o mal e escolher o bem, esses dois reis serão removidos."*

De acordo com a cronologia bíblica, mais de setecentos anos se passaram entre esta profecia e o nascimento de Cristo relatado por Mateus. Mas, como já foi referido, o significante deve preceder o significado — caso contrário, não há significação. Logo, se Isaías se referia ao nascimento de Cristo, o sinal não teria sido válido nem

teria significado algum para Acaz, pois o evento que deveria ser significado ainda não tinha acontecido. É evidente que Isaías não se referia ao nascimento de Cristo; e é incorreto considerar tal citação superficial como sustentação de algo que os comentadores supuseram ser de origem divina.

Quando Isaías profetizou sobre o estabelecimento do reino da paz e o crescimento da Árvore da Justiça, ele utilizou expressões gerais e ilimitadas. Não apresentou sinais, salvo aqueles existentes na tendência dos acontecimentos, e na natureza das suas intuições interiores.

Nada é mais lesivo ao carácter e à dignidade de qualquer indivíduo do que relatos injustos e erróneos sobre o seu nascimento e vida. Os relatos feitos sobre Jesus, nesse sentido, rebaixam a sua pureza e refinamento — aos olhos de quem reflete com discernimento — e diminuem também o carácter da Mente Divina, retirando-lhe a sua dignidade celestial.

Mateus continua com a narrativa de uma estrela avistada no Oriente pelos magos, os quais vieram a Jerusalém; e estes foram instruídos por Herodes a procurar o local onde se encontrava a criança, para que ele próprio também a pudesse adorar. Diz-se que seguiram a estrela, que teria sido um indicador silencioso do local onde a criança se encontrava.

O orador comentou, incidentalmente, que Isaías utilizou o tempo presente nessa profecia.

Convém notar que não é fácil ver uma estrela durante o dia, nem é provável que qualquer sistema solar fosse perturbado ou que os seus movimentos fossem alterados ao ponto de uma estrela desempenhar o papel de mensageira. Contudo, esta narrativa é apresentada apenas como uma impressão tradicional recebida por Mateus.

Depois de encontrarem a criança, os magos ofereceram presentes preciosos — ouro, mirra e incenso — e partiram, guiados por uma direção interior, para outra região, de forma a não revelarem a Herodes o local onde estava a criança.

Mais uma vez, diz-se que José teve um sonho, e por meio desse impulso, partiu com a sua esposa e o menino para o Egito. Contudo, é importante lembrar que a proclamação de Herodes, para matar todos os meninos do sexo masculino, já havia sido amplamente divulgada antes da partida de José; e não demonstra muita capacidade de discernimento que alguém, em circunstâncias perigosas, permaneça imóvel até ser advertido num sonho para fugir.

Partiram então para o Egito, e ali permaneceram até à morte de Herodes. Mateus tenta confirmar este acontecimento citando uma passagem do capítulo onze, versículo primeiro de Oséias. Basta ler essa passagem para se perceber que ela não se refere, de forma alguma, ao que lhe está aqui a ser atribuído, sendo portanto inútil e imprópria a aplicação feita.

Percebe-se, também, que a cronologia de Mateus e o relato da morte de Herodes contradizem inteiramente o registo do mesmo acontecimento no evangelho de Lucas. Pois, em Lucas, capítulo três, versículo vinte e três, lê-se que *"Jesus tinha cerca de trinta anos quando começou a pregar, sendo, como se supunha, filho de José"*; e, mais adiante, no capítulo treze, versículo trinta e um, relata-se que alguém veio ter com Jesus e lhe disse: *"Sai e parte daqui, porque Herodes quer matar-te."*

A linguagem que se segue é pouco condizente com o espírito gentil de Jesus. Ele é representado a chamar Herodes de raposa, e a enviar uma mensagem que dificilmente poderia ter sido inspirada pela sua alma refinada. Assim, Lucas representa Jesus como tendo trinta anos quando começou a pregar, e que naquela altura Herodes procurava matá-lo; enquanto Mateus afirma que Herodes morreu antes de Jesus regressar do Egito. Esta discrepância tem sido resolvida por comentadores ao sugerirem que o Herodes mencionado por Lucas seria um sucessor com o mesmo nome. No entanto, não há provas históricas seguras, nem profanas nem eclesiásticas, que sustentem esta distinção, visto que estes manuscritos permaneceram não compilados por mais de trezentos anos após o nascimento e vida de Jesus.

§ 133. Mateus passa então a falar da profecia no livro de Oséias, capítulo onze, versículo primeiro, onde se lê: *"Do Egito chamei o meu Filho."* Esta passagem só tem significado quando lida no contexto dos versículos que a precedem e seguem.

Então, novamente, em relação ao relato da morte de todas as crianças do sexo masculino ordenada por Herodes, é feita uma citação do capítulo trinta e um, versículo quinze, de Jeremias, que diz: "Em Ramá ouviu-se uma voz, pranto e grande lamentação; Raquel chorando pelos seus filhos, e recusando ser consolada, porque já não existem." É de recordar que Jeremias foi um retratista comovente do sofrimento, um simpatizante dos seus irmãos e da sua nação, e que ele próprio sofreu numerosas aflições, às quais os seus lamentos evidentemente dão testemunho. Esta passagem deriva-se de uma das suas reflexões dolorosas ao meditar sobre um tema que nada tem a ver com a destruição das crianças por Herodes.

Mais adiante, Mateus refere-se ao regresso de José do Egipto e à sua ida para a cidade de Nazaré, dizendo que tal se deu "para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno." (Mateus 2:23). Na altura em que esta passagem foi registada, esta expressão existia num dos livros dos Salmos, mas este

foi mais tarde considerado não canónico; e por isso, atualmente, tal livro não faz parte da Bíblia.

Mais à frente (cap. 8:16-17), há uma citação das profecias de Isaías, capítulo cinquenta e três, versículo quatro, que Mateus associa à cura de doentes e à expulsão de demónios, dizendo: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças.” Isto não se aplica de forma alguma aos actos de Jesus ao expulsar demónios e curar doentes; pois, embora Isaías não mencione nomes, as suas palavras aplicam-se claramente e exclusivamente aos sofrimentos e aflições de um certo Jeremias, que viveu na época em que tais palavras foram escritas.* Ainda que a alusão seja indefinida e obscura, é decididamente a ele que o texto se refere. Não pode referir-se a Jesus nem ao seu tratamento gentil e bondoso dos doentes, pois Ele não tomou sobre si as enfermidades de outros, nem carregou as suas doenças, mas limitou-se a aliviar pessoas dessas aflições que nem eles, nem Ele, nem ninguém depois, voltou a possuir.

* Em resposta a uma pergunta, o clarividente informou-nos que este Jeremias foi amigo e companheiro de Isaías, homem de carácter muito amável e grande simpatia pelo sofrimento humano — mas que, por várias razões, foi alvo de perseguições e aflições.

Mateus também cita uma profecia como sendo referente à residência de Cristo em Cafarnaum.* Mas, uma vez analisada, essa citação não revela evidência clara de ter sido destinada ao fim para que Mateus a utiliza.

Ainda, Mateus relata que Pedro puxou da espada e cortou a orelha de um dos servos do sumo sacerdote. Foi-lhe ordenado que parasse e deixasse que os inimigos de Jesus procedessem como quisessem, para que outra profecia nas Escrituras se cumprisse (Mateus 26:51,56). No entanto, ao ser analisado, tal cumprimento não é identificável em qualquer profecia. Também não é justo associar os atos de caridade, pureza e benevolência realizados por Pedro a um acto como o que lhe é atribuído aqui; pois Pedro foi um discípulo muito dedicado ao grande Reformador. Espadas e o seu uso não têm qualquer ligação com caridade, pureza e justiça.

De novo: uma citação de Zacarias (11:12-13) é usada para se referir às trinta moedas de prata com que foi comprado um campo do oleiro para sepultar estrangeiros (Mateus 27:5,9). No entanto, este não é o sentido do texto original, onde todo o relato é claramente dado como não tendo qualquer referência a um campo de oleiro, mas apenas a um oleiro; enquanto Mateus faz parecer que as trinta moedas de prata em posse de Judas foram gastas nesse campo.

Mateus também (cap. 21:1-5) relata o episódio em que Jesus entra em Jerusalém montado num jumento como cumprimento de outra profecia (Zacarias 9:9).

Comentadores têm interpretado este ato como uma demonstração da gentileza e humildade de Jesus. Contudo, não há razão manifesta para tal conclusão, visto que os jumentos eram os animais normalmente usados para esse tipo de transporte, enquanto camelos e dromedários eram usados para labores mais pesados.

Mais uma vez, ele cita (Mateus 27:35) os Salmos (22:18) ao referir o sorteio das vestes de Jesus para se decidir a quem pertenceriam. Isto não serve de sustentação ou confirmação da profecia; nem a alusão nem a citação podem ser usadas como prova de conhecimento prévio do acontecimento: o sorteio de roupas em situações semelhantes era um costume universal da época.

* Mateus 4:15-16, tirado de Isaías 9:1-2.

No total, Mateus faz doze citações das profecias do Antigo Testamento, cada uma das quais está tão desconectada do assunto que pretende elucidar como o nascimento de Cristo está desconectado do facto de que o reino de Acaz não deveria ser invadido ou derrubado. Estas são frases colaterais e abstratas contidas em diversos livros do Antigo Testamento, que, quando descontextualizadas, perdem qualquer significado. E é profundamente injusto que qualquer história, registo ou sistema se apoie em evidências tão superficiais e efémeras para se sustentar. E nada pode fornecer uma prova mais forte e inequívoca contra qualquer sistema, história ou suposto acontecimento do que a descoberta de que é sustentado por provas superficiais e meramente aparentes, todas elas, ao serem analisadas, indignas da séria reflexão de qualquer mente, para não falar do carácter desse Ser Divino que reina omnipotente nas esferas superiores.

Não encontro qualquer alusão no Antigo Testamento a circunstâncias isoladas que tenham ocorrido no nascimento ou durante a vida de Jesus. E mesmo que essas passagens citadas por Mateus aparentem, pela sua forma, aplicar-se a alguma circunstância que de facto tenha ocorrido, isso não prova que sejam divinas ou genuínas. Pois esses acontecimentos registados por Mateus eram menores e isolados, sem ligação a qualquer lei geral, e, portanto, não poderiam ter sido verdadeiramente preditos por alguém com instrução interior ou divina. Para compreender o alcance e a aplicação dos comentários anteriores sobre a probabilidade de profecias verdadeiras, seria conveniente comparar as citações superficiais feitas por Mateus com a explicação anteriormente dada sobre a natureza e o propósito de toda profecia ou instrução interior.

§ 134. Tendo falado brevemente sobre as evidências superficiais reunidas por Mateus para validar a sua história tradicional, passarei agora a abordar a origem de muitas doutrinas importantes, pelo menos tidas como tal pelos teólogos, como sendo derivadas do livro de Mateus. Este livro contém muitas palavras que é justo e proveitoso analisar e explicar, dado que mantêm uma relação próxima com factos

reais e concretos, a partir dos quais os materiais do seu registo foram superficialmente recolhidos.

Mateus continua a relatar, de forma historicamente dispersa, a escolha dos apóstolos que iriam seguir Jesus, auxiliando na sua obra e também divulgando a sua existência, carácter e ensinamentos a várias nações da Terra. Dá igualmente conta do sermão proferido no monte, da influência que este teve sobre os ouvintes, das observações feitas pela multidão relativamente aos seus pontos mais marcantes, e dos princípios nele inculcados. Relata também a profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém e o fim dessa era, época, mundo ou dispensação. Sobre a origem e a veracidade destes relatos, não pretendo, neste momento, debruçar-me; o objetivo é antes analisar algumas das mais proeminentes especulações teológicas que se baseiam nesta narrativa meramente histórica de Mateus.

A primeira dessas especulações é a opinião relativa ao propósito e intenção do nascimento e dos ensinamentos de Cristo. Supõe-se que ele foi um instrumento deliberado, possuidor em espírito das qualidades divinas do Criador, com a missão de redimir a humanidade de um estado de miséria física e morte espiritual, de modo a que pudesse ser restaurada a uma condição outrora ocupada, tornando-se novamente alvo do favor e da bondade da Mente Divina.

Esta especulação assenta na suposição de que o homem, em tempos, foi puro e inocente, e muito mais avançado em termos físicos e intelectuais do que na época presente. É claro que esta ideia tem uma base extremamente duvidosa e infundada, por ser de natureza mitológica — uma opinião que surgiu das primeiras conceções sobre a origem do mal. Trata-se de uma ideia inteiramente imaginária, transmitida de geração em geração, sofrendo sucessivas alterações, até ser introduzida historicamente no Antigo Testamento, de onde foi amplamente disseminada pelos teólogos. Além disso, a crença num defeito tão profundo da raça humana — numa regressão absoluta — constitui uma negação virtual da harmonia superior da Criação e da perfeição e conhecimento universal da Causa Divina; e assim se imputa à Divindade uma falta de Sabedoria — uma incompetência em produzir um Efeito (o Universo) à altura de Si próprio, que é a Causa. Daqui se conclui claramente que esta especulação acerca do desígnio da vinda de Cristo é apenas atribuível à fértil imaginação daqueles que restringiram as suas observações espirituais e naturais às inconsistências superficiais decorrentes da existência humana.

Supõe-se ainda que Jesus veio transmitir ao mundo princípios nunca antes ensinados, através dos quais a humanidade pudesse ser restaurada à inocência primitiva e à perfeição espiritual. Esta proposição é igualmente infundada: pois não se pode provar, nem através dos seus ensinamentos nem de qualquer história eclesiástica, que ele tenha proclamado princípios que não existissem já nas mentes de muitos homens esclarecidos de eras anteriores. Além disso, tal ideia atribui-lhe o

poder de criar aquilo que não podia ser criado, e de revelar algo que não tinha qualquer ligação com a natureza e constituição do homem, nem mesmo com o pré-conhecimento da Grande Mente Positiva. Se ele veio ensinar algo cujo germe nunca antes fora depositado na mente humana, então os seus ensinamentos seriam inúteis e impossíveis de pôr em prática. Se fossem inteiramente novos — desconectados dos ensinamentos da Natureza — então o homem seria incapaz de compreender a sua importância, pois não teriam qualquer afinidade com os princípios inerentes à sua constituição.

Além disso, supõe-se que ele veio ser e agir como mediador entre a Mente Divina e os seus filhos. Ou seja, ser o criador de uma afinidade mútua que unisse as criações universais ao seu Criador! Estabelecer uma ligação entre a Causa e o Efeito, de modo que passasse a existir uma relação entre ambos que até então não existia! Se ele foi designado como mediador, então era totalmente incapaz de desempenhar a função para a qual teria sido separado. Pois como pode um médium ser acrescentado a um sistema já unido, cujas relações são as relações de Causa e Efeito? Também esta proposição assenta em fundamentos superficiais; e tende a destruir, na mente humana, a ordem e uniformidade das vastas criações do Universo, todas elas surgidas espontaneamente de um Vórtice inconcebível pela força de uma Causa Eterna.

A crença de que Cristo foi um meio através do qual o homem poderia ascender a esferas superiores é uma crença profundamente injusta, com tendência para gerar hostilidade, sectarismo exclusivo e arrogância presunçosa. Eleva uma pessoa acima das outras e tende a estabelecer privilégios exclusivos. Incute nos ignorantes a ideia de que são, por natureza, profundamente pecadores, depravados e desprezados por Aquele a quem chamam Criador. Esta crença inspira inveja, fanatismo e superstição no coração humano, no seio da sociedade, e leva até o juízo humano a aceitá-los. É uma crença que despreza a constituição da Natureza, do homem e dos seus princípios espirituais, bem como da Causa que lhes deu origem. É, de facto, uma crença indigna do afeto humano; demasiado impura para ser acolhida mesmo pelos povos não civilizados da Terra; deveria ser banida para sempre do mundo, por ser destrutiva para o conhecimento verdadeiro da origem da existência humana, das características do homem, das suas possessões espirituais e do seu destino imortal.

§135. Supõe-se ainda que Jesus veio trazer à luz a vida e a imortalidade; e que, ao revelar essas verdades ao homem e usar meios para convencer da sua veracidade, a humanidade foi instruída, passando assim a conhecer a vida espiritual e a existência imortal. Esta proposição não pode ser legitimamente derivada do Novo Testamento; pois aí surge como um comentário incidental e emotivo, e não como um elemento essencial da missão de Cristo. Se a revelação dessa verdade fosse o objetivo, e Cristo o meio utilizado para tal fim, então o meio foi inadequado ao fim; pois vida e

imortalidade não estão demonstradas nem claramente ensinadas em qualquer dos livros, quer do Novo quer do Antigo Testamento.

A convicção da vida e da imortalidade provém apenas do conhecimento da natureza e constituição da matéria, e da Essência Divina que a anima e a todas as formas existentes: também dos ensinamentos espontâneos do Espírito, e das sanções correspondentes da Natureza, da Mente Divina e dos princípios imutáveis que regem e fazem do Universo um Todo perfeito e harmonioso. Jesus não revelou o conhecimento destas coisas; e, por isso, não se pode dizer, com verdade, que tenha sido designado para trazer a vida e a imortalidade à luz. Além disso, a doutrina da imortalidade e a crença na vida espiritual existiam no mundo muito antes de serem escritos o Novo e o Antigo Testamento.

Poder-se-ia então argumentar que ele veio confirmar e desenvolver aquilo que já estava implantado na mente humana. Mas nem isso é verdade: pois ele nem confirmou nem desenvolveu as convicções anteriores dos homens sobre este tema; nem os ensinamentos de qualquer parte da Bíblia o fizeram; pelo contrário, têm, conforme interpretados, lançado um véu de escuridão entre os anseios naturais do espírito humano e a beleza resplandecente do lar celestial. A Bíblia chegou mesmo a obscurecer o caminho que outrora era iluminado pelos impulsos espirituais da humanidade. Impediu o progresso do desenvolvimento físico e espiritual, e, por conseguinte, agiu contra o suposto objetivo de informar o homem sobre as relações da sua existência presente e de ilustrar e demonstrar a vida futura e imortal. Falhou nesse propósito e, por isso, a proposição aqui analisada é mais filha da imaginação do que de um espírito humano devidamente iluminado.

Mais uma vez: supõe-se que Cristo foi concebido como um meio através do qual o homem poderia escapar à condenação eterna. Esta é, na verdade, uma opinião que não ultrapassa a teologia dos primeiros povos. E o que é ainda mais notório é que essa crença é sustentada e floresce com maior vigor onde abundam a tolice, a ignorância e a superstição. É igualmente evidente que, à medida que a mente humana rejeita opiniões preconcebidas e se torna mais esclarecida, esse dogma horrível e injusto desvanece-se; e encontra-se tão distante de um juízo iluminado quanto a inteligência está da ignorância. A sua origem está mergulhada nas trevas — desenvolve escuridão — e é, em si mesma, tão profundamente obscura, que não pode aproximar-se da luz serena e brilhante que envolve o trono da razão esclarecida.

Os homens foram levados a acreditar na existência de um oceano de chamas incessantes, onde uma vaga de fogo sucede a outra, alimentadas pelo combustível de espíritos humanos rejeitados e condenados, cujos sofrimentos aumentariam a glória e majestade da Mente Divina, que, com toda a complacência, acolheria o perfume desses tormentos como se fossem a fragrância de uma flor desabrochada! Supõe-se

que foi Ele quem criou esse abismo em chamas; e que é d'Ele que emanam os dardos de fogo lançados pela omnipotente vingança da condenação eterna. De facto, acredita-se que Ele é o grande Acendedor do Fogo, que sopra sobre as chamas com o seu próprio fôlego e consome inúmeros espíritos por Ele mesmo criados, no seio desse terrível abismo que se originou de forma tão divina e apropriada!

Não há verdade alguma, nem sequer um grão de pensamento puro, na proposição de que Cristo veio pagar uma dívida contraída pela humanidade. Se isso fosse verdade, até o próprio abismo de fogo supostamente criado perderia os seus ocupantes; e, por conseguinte, o Criador estaria implicado na criação de algo absolutamente inútil e, assim, acusado de imperfeição absoluta. Sendo esta crença popular e imaginativa oriunda do seio da escuridão, ignorância e imbecilidade, não é apropriado deter-se longamente sobre a sua monstruosidade e absurdo, pois há-de perecer no lugar onde nasceu, sacrificada no altar da pura Razão e Inteligência.

Cristo, ao prever a destruição de Jerusalém, segundo o registo de Mateus, utilizou muitas ilustrações e expressões metafóricas para esclarecer o tema da sua profecia. Recorreu a parábolas pagãs e ilustrações assustadoras porque estas estavam em uso, e os seus ouvintes conseguiam compreender o seu significado. Isto constitui prova clara de que os seus ouvintes não estavam muito além da teologia supersticiosa de épocas anteriores e esquecidas. Utilizou termos como "inferno", "anjos", "escuridão", "choro e ranger de dentes", "malditos", "o verme que não morre", "o fogo que não se apaga", e, em associação com o castigo, empregou palavras como "para sempre", "eterno", etc. Estas eram expressões comuns, por vezes aplicadas ao grande abismo, representado pelo Sol.

Noutras ocasiões, aplicavam-se à escuridão, morte, sepultura, dor, miséria e a um vale perto de Jerusalém que era usado simbolicamente para representar imundície, repugnância, doença, dor perpétua, morte e espíritos ou ações malignas. O termo *Sheol* era sinónimo, originalmente, da primeira destas expressões; e *Hades* é um termo grego com o mesmo significado. *Geena* é um termo totalmente insignificante e uma corrupção completa de duas palavras desconexas. Deriva de *Gai*, nome do vale junto a Jerusalém, e *Hinnom*, seu proprietário. Assim unidos, formam, em grego, *Geena*; e, por conseguinte, é uma palavra cuja origem é tão corrompida como o vale que a inspirou, e tão fictícia quanto o abismo imaginário (o inferno) a que é hoje associada.

Aqueles que defendem a antiguidade da crença no inferno como prova da sua santidade e veracidade deveriam parar um momento para refletir que, quanto mais fundo se investiga na antiguidade, mais profundamente se encontram a tolice, a ignorância, a superstição e a imbecilidade da mente humana da época. E bem se pode dizer que esta doutrina tem uma tal antiguidade, que desafia qualquer ceticismo sobre esse ponto e qualquer tentativa de rastrear a sua origem. Não é, de todo,

surpreendente que tal doutrina tenha surgido tão cedo, dado que todas as superstições mais repulsivas nasceram aproximadamente na mesma época e têm existido desde os mais remotos tempos da antiguidade nacional. Visões mais desenvolvidas e consistentes, originadas apenas nos ensinamentos puros do juízo, não são encaradas com a mesma veneração, nem consideradas tão sagradas, justamente porque começaram há pouco a combater todas as superstições antigas e os sistemas teológicos rudimentares.

Cristo, ao empregar amplamente alegorias orientais e expressões comuns da sua época, foi interpretado como ensinando esta doutrina; e supõe-se que a sua inculcação fazia parte da sua missão particular à humanidade. Apesar de os termos usados por ele terem sido, originalmente, aplicados a um abismo literal de chamas, e embora sejam em certos casos assim utilizados na Bíblia, a doutrina é tão falsa quanto as superstições das gerações passadas. De facto, é tão obviamente e absolutamente incoerente que a mente esclarecida dificilmente concebe como tal crença grosseira possa ainda subsistir.

Eis, portanto, mais uma proposição teológica baseada unicamente na imaginação, sem qualquer fundamento racional.

§136. Os teólogos têm o hábito de fabricar credos engenhosos e astuciosamente elaborados, alegando que se baseiam na Bíblia. Estes são apresentados ao mundo acompanhados de exigências severas e imperativas de que sejam aceites como verdadeiros. Para sustentar tais exigências, os teólogos citam uma passagem do Novo Testamento que diz: *"Aquele que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado."* Esta estratégia é semelhante à de Mateus, que procurava confirmar a veracidade do seu relato citando de forma indiscriminada as profecias.

Povos de muitas nações curvam-se em silêncio quando os seus soberanos exclamam: "Sou o vosso rei." Outros tremem quando o seu rei sentencia: "Sereis decapitados." Os medos e persas estremecem perante as leis imutáveis do *Zend Avesta*. Os chineses vivem num estado semelhante de medo, servidão e opressão. Os hindus prostram-se e adoram os *Shastras*, tremendo intensamente quando o brâmane aponta para eles e, depois, para um relâmpago, como forma de impor fé e submissão. E o que é ainda mais lamentável é que todo o mundo cristão pode ser levado a tremer, a rejeitar os ditames da sua razão e quase a abdicar da sua autonomia pessoal, quando o pregador teológico aponta para a Bíblia e exclama: *"Aquele que não crer será condenado."* É profundamente de lamentar — até às lágrimas — que se chame "cristianização" a esta realidade, enquanto professores públicos continuam a ser exemplos de tolice, ignorância e fanatismo, indignos de existir no século XIX.

Assim, existe no mundo uma teologia efémera e irreal, porque os homens se encontram em circunstâncias e sob influências que os tornam intérpretes e comentadores superficiais. Esses homens são, com efeito, designados muito injustamente como teólogos; pois está absolutamente demonstrado que o Universo, ou a Natureza, é a Grande Revelação da Mente Divina, sendo o seu intérprete, comentador e pregador universal e eterno. Para que alguém possa ser verdadeiramente chamado teólogo, deveria tomar o seu texto no livro universal da Natureza; e o seu santuário deveria ser a terra expandida e os céus desdobrados.

A partir destas considerações, torna-se evidente que nenhuma das proposições sobre a missão de Cristo pode ter o mínimo fundamento na verdade. Os testemunhos universais da Natureza e das suas leis justificam plenamente a firmeza desta afirmação.

Além disso, afirma-se que Cristo recebeu uma missão Divina, para provar e estabelecer a qual realizou muitos milagres incompreensíveis. Como tal opinião pode ser derivada dos ensinamentos literais do Novo Testamento é algo difícil de conceber; pois, embora Mateus e os apóstolos acreditassem seriamente nos milagres, não indicam em nenhuma das suas obras que estes tinham por objetivo confirmar a missão de Cristo, nem o retratam como alguém que alguma vez tenha feito tal declaração.

Mateus relata alguns milagres realizados por Cristo após descer do monte, e durante as suas viagens por diversas regiões. Convém ler atentamente esses relatos. Esses milagres aparentemente só foram realizados porque Cristo foi insistentemente solicitado por aqueles que desejavam alívio e ajuda. Ele é retratado como recompensando a fé e confiança que depositaram nele, atendendo aos seus pedidos. Mas, se os milagres tivessem sido concebidos como prova da elevação da sua missão, teriam sido realizados noutras circunstâncias, e não apenas em momentos motivados pela sua compaixão e pelos rogos dos necessitados.

Assim, a interpretação bíblica tem excedido o significado das expressões que interpreta, carecendo, portanto, de sugestão válida ou verdadeira, e baseando-se apenas na imaginação e em equívocos.

Mais ainda: afirma-se que nenhum sistema religioso é sustentado por milagres, salvo o que se encontra na Bíblia. Isso não é verdade. Maomé, autor do Corão, recorre aos milagres para justificar a veracidade da sua revelação — milagres, segundo ele, realizados por si próprio. Afirmou ter sido transfigurado e ter passado por noventa céus numa só noite — tendo mantido uma longa conversa com a Divindade e regressado à Terra na manhã seguinte! Certamente nunca foi registado milagre maior. Zaratustra também apelava constantemente à capacidade maravilhosa da mente humana para fazer crer nas suas extraordinárias e milagrosas conversações

com os deuses. Além disso, a doutrina dos milagres, tal como a do sofrimento eterno e da condenação, pode orgulhar-se de uma origem muito remota; e por isso, os argumentos dos teólogos baseados neste ponto merecem, no mínimo, o mesmo respeito, pela antiguidade da sua origem.

Diz-se ainda que os milagres não tinham apenas por fim demonstrar a missão divina de Jesus, mas também estabelecer, de forma incontestável, o sistema teológico cristão, e que tanto a sua missão como a Bíblia foram confirmadas por provas e manifestações sobrenaturais. Assim, os milagres são considerados obras realizadas por uma potência sobrenatural. No entanto, é claro que nada existe — nem pode existir — a não ser a Mente Divina, que é a Causa, e o Universo, que é o Efeito. Como Causa e Efeito se unem e harmonizam num só Sistema, segue-se que tudo o que ocorre em qualquer parte do Universo tem de ocorrer por instigação natural. Nada, portanto, pode ocorrer no vasto império da criação universal que seja contrário aos princípios da Natureza ou que os transcenda.

Tudo, quer seja organizado ou não, desenvolvido ou por desenvolver, tem de ser estritamente e inequivocamente natural. Se algo transcende a Natureza ou os movimentos naturais do Universo, é efeito de absolutamente nada. O termo *sobrenatural*, indicando algo acima da Natureza, é um contrassenso; e nada é mais evidente do que a falsidade da proposição teológica de que os milagres foram realizados por um poder sobrenatural: pois isso implicaria que tiveram origem no nada, e, consequentemente, que nunca existiram. É, de facto, notável que qualquer sistema religioso tenha sido estabelecido com base em manifestações apresentadas como provas da sua veracidade, causadas por um Omnipotente Nada! Por outro lado, seria realmente um milagre se tais sistemas de crença não existissem em locais onde predominam a ignorância e a tolice, e onde surgiram condições favoráveis ao florescimento de tantas ideias supersticiosas.

§137. Diz-se ainda que os apóstolos foram escolhidos para testemunhar ao mundo. Supõe-se que fariam isso com verdade, porque seriam homens bons e desinteressados. Esta é uma proposição que mal merece comentário. Se estes apóstolos foram escolhidos, não se tornaram logo profundamente interessados? E se eram homens tão bons e justos como se diz, não deveriam ser tão puros e pacíficos de espírito que não andassem armados? Pois é evidente para qualquer mente que espadas e bondade não têm grande afinidade. E o que impediu Pedro, ao puxar da espada e cortar a orelha do servo do sumo sacerdote, de lhe cortar também a cabeça, não é claramente explicado. É óbvio que o mesmo espírito que levou a cometer o primeiro ato poderia tê-lo levado ao segundo com igual indiferença.

Se os apóstolos foram escolhidos para comunicar ao mundo o conhecimento dos milagres e dos ensinamentos de Cristo, não teriam redigido um relato minucioso dos milagres realizados, relato esse que teria atravessado todos os canais da dispensação

cristã? E esse documento não permaneceria até aos nossos dias como evidência monumental de uma intenção divina, associada a esses atos, da verdade absoluta da religião cristã e do conhecimento inequívoco dos que foram testemunhas oculares desses eventos? Em vez disso, não fazem qualquer menção de uma tal intenção de Cristo, nem demonstram convicção disso nas suas próprias mentes. Nos seus escritos do Novo Testamento, relatam os milagres como acontecimentos meramente acidentais nas suas jornadas; e os milagres realizados por Cristo não foram vistos por nenhum dos apóstolos, nem pelo próprio Cristo, como algo além de episódios ocasionais da sua vida.

Mateus certamente não podia ter sido testemunha ocular das obras milagrosas que relata, pois era funcionário do governo romano muitos anos após a morte de Jesus e só se tornou apóstolo quando já se encontrava bastante avançado em idade. Escreveu então apenas alguns relatos e acabou por morrer mártir na Pérsia. Os historiadores eclesiásticos tentaram fazer parecer que foi ele quem escreveu os primeiros capítulos do livro que lhe é atribuído; mas falharam, simplesmente porque isso não é verdade. Além disso, nenhum historiador contemporâneo fornece qualquer informação sobre Mateus, pois este abandonou a religião judaica e adotou o cristianismo na parte final da sua vida, não alcançando grande notoriedade, a não ser pelo facto de ter sofrido o martírio sob o governo persa.

Assim, a proposição em análise não pode ser comprovada, nem através da história eclesiástica, nem da profana. Além disso, essa ideia nunca foi ensinada por Jesus, mal foi sugerida pelos apóstolos, e foi totalmente rejeitada por toda a nação judaica — que se encontrava em posição privilegiada para testemunhar os acontecimentos — e que, caso estes fossem convincentes, ter-se-ia convencido deles.

Mais uma vez: afirma-se que, dado que os milagres tinham como propósito confirmar e estabelecer a religião cristã, e como realmente teriam sido realizados e presenciados há mil e oitocentos anos, é absurdo e até injusto duvidar da sua intenção original ou da sua ocorrência real. Esta proposição carece de coerência, pois exige, de forma arbitrária, uma fé universal. É impossível que o princípio divino da razão seja convencido de qualquer coisa sem um conhecimento positivo de alguma base onde a verdade possa assentar. A fé pode existir como uma convicção passageira do coração; mas o julgamento não reconhece fé nem crença senão aquela que flui a partir de conhecimento absoluto e inequívoco. Assim, para que seja legítima a exigência de uma fé universal nesta proposição, deve ser apresentada uma evidência igual a todas as mentes, em todas as épocas; caso contrário, a humanidade não poderá ser convencida.

A proposição, tal como se apresenta, é equivalente a afirmar que, como o sol emitiu luz, calor e uma atmosfera fértil há seis mil anos — e depois disso deixou de brilhar; e como aqueles que então viviam registaram esse acontecimento, juntamente

com a descrição de toda a fertilidade produzida pela influência solar — então o homem deve acreditar que ele uma vez brilhou; e que, por isso, os produtos da terra continuarão a ser os mesmos. Isto seria tão lógico quanto exigir fé da mente humana num acontecimento cujas probabilidades, possibilidades e testemunhos universais da Natureza são todos contrários.

Seria como pedir ao homem que desfrutasse da luz e do calor do sol agora, porque esses foram desfrutados há seis mil anos; ou que acreditasse que a terra continua fértil, porque o era quando abençoada pelos sorrisos do sol. A crença nos milagres deve cessar com a cessação da evidência — da mesma forma que a terra se tornaria estéril se o sol deixasse de brilhar. A aceitação da presente proposição seria tão impossível para o julgamento esclarecido (dada a evidência universal contra ela) como seria acreditar que o sol parou no seu curso, enquanto a Harmonia Divina continua a permear e a unir inseparavelmente todas as coisas criadas.

§138. Os milagres registados no Novo Testamento são de tal natureza que apenas despertam medo e espanto nas mentes daqueles que os possam testemunhar, bem como nos que escutam ou lêem os relatos desses acontecimentos. Não são apresentados de forma condizente com o objetivo que supostamente teriam, e estão totalmente desprovidos daquela dignidade elevada e celestial que se esperaria encontrar se fossem de origem divina. Nada pode ser mais injusto do que interpretar esses relatos do Novo Testamento como tendo importância decisiva na questão da veracidade ou falsidade da messianidade de Cristo; pois carecem totalmente das manifestações elevadas e sublimes que são constantemente e invariavelmente exibidas na imponente arquitetura do Universo.

Neles não existem princípios grandiosos ou elevados — nem beleza intrínseca ou excelência que tenha qualquer tendência para beneficiar ou reorganizar a Humanidade. Vale a pena perguntar: que bem poderá advir de um pequeno "experimento" como o de transformar água em vinho, ou de outros de natureza semelhante? Além disso, qualquer pessoa com conhecimento das relações químicas das substâncias e das leis da sua combinação perceberá de imediato que tal ocorrência seria totalmente contrária a essas leis e, portanto, impossível de ter acontecido.

Outro relato fala de dois homens "possuídos por demónios" que se apresentam a Jesus em busca de alívio. Os demónios são representados como, nesse momento, suplicando a Cristo que lhes permitisse sair dos corpos humanos e entrar numa vara de porcos que se encontrava nas imediações. Jesus é representado como concedendo esse pedido; e de imediato os demónios saem dos homens e entram nos porcos — que, perturbados por esta intrusão injusta, precipitam-se por um despenhadeiro e são destruídos. Aparentemente, nesta situação, o homem era pouco superior, em natureza e organização, aos animais cujas vidas foram destruídas: pois os

"demónios" não teriam desejado mudar de habitação, passando imediatamente e diretamente dos corpos humanos para os porcos, se não existisse alguma afinidade entre os dois. E dificilmente poderia ter sido concebido um plano melhor ou mais eficaz para eliminar uma multidão de demónios tão incómodos e intrusivos do que o plano aqui descrito.

Não há qualquer registo que diga se os demónios saíram do interior dos porcos durante a descida até à água, ou se pereceram juntamente com os animais. Certamente, ninguém se atreverá a afirmar que este não é um dos milagres mais "úteis" e "importantes" registados no Novo Testamento.

Além disso, esta maravilhosa ocorrência causou tal espanto e excitação entre os habitantes do local, que se diz que persuadiram Jesus a afastar-se da sua região. Com efeito, nada poderia ser mais justo e natural do que isso; pois que homem, ou que comunidade, não recearia grandes prejuízos e injustiças com a presença de alguém entre eles que se envolvesse ativamente na destruição dos seus rebanhos? É reconfortante pensar que isto é apenas um registo de Mateus e não um acontecimento real.

O carácter e a natureza dos milagres relatados excluem por completo a possibilidade de terem tido uma intenção divina, como é concebida pelos teólogos, porque foram extremamente limitados e o seu efeito restringiu-se exclusivamente às pessoas que receberam a ajuda médica que lhes foi prestada. Tais atos de caridade, simpatia e benevolência são dignos de admiração no carácter de qualquer pessoa que tenha vivido ou venha a viver na Terra; mas para além disso, não têm importância maior, nem exigem veneração ou aprovação especial. São simplesmente atos bons e justos que qualquer pessoa, naturalmente dotada, poderá realizar.

Contudo, surgiu uma enorme incompreensão em relação a esses milagres, devido ao estilo do registo escrito. Mateus, tal como os outros apóstolos, apresenta a causa e o efeito como ocorrendo em sucessão rápida — quase simultaneamente. Expressões como: “Pôs-lhe as mãos, e ele foi curado” surgem frequentemente. Assim acontece em todos os casos mencionados de paralisia, claudicação, cegueira, surdez e outras enfermidades físicas curadas por Jesus — sendo o efeito narrado como se seguisse imediatamente à causa.

Todos os que conhecem os princípios fisiológicos e os movimentos calmos, suaves e enérgicos da organização humana sabem — e estão mesmo convictos — de que nenhuma causa pode produzir um efeito imediato de cura em casos de doenças estabelecidas. Portanto, ainda que os factos relatados possam ter acontecido, ocorreram por causas coerentes com a natureza do corpo humano; e a restauração da saúde, que efetivamente se verificou, deu-se de forma gradual e por meios adequados ao temperamento do indivíduo e à natureza da doença.

Mas Mateus e os outros transmitiram uma ideia errada ao narrar esses acontecimentos de forma tão absoluta. O seu modo de expressão assemelha-se a dizer: “O sol pôs-se atrás dos montes do ocidente, e tudo ficou envolto em escuridão”; ou: “Alguém aplicou tal remédio, e ficou curado”; ou ainda: “Plantei uma semente na terra, e eis esta bela árvore!” ou: “Semeámos o grão, e colhemos a ceifa.” Isto é deixar, como Mateus fez, todo o período intermédio entre causa e efeito completamente sem menção, registando o acontecimento de forma geral e resumida — estilo de narrativa frequentemente usado pelos apóstolos. Não faço esta observação para desculpar a inconsistência desses trechos (ainda que os seus autores acreditassem sinceramente no que escreviam), mas apenas para revelar a causa e origem de tais expressões.

Se milhares de experiências semelhantes tivessem sido realizadas — como a expulsão de demónios, a transformação de água em vinho, a destruição de porcos inocentes, ou o murchar de uma figueira viçosa — que possível utilidade, que grande propósito, que resultado celestial poderia ter sido alcançado? Não seriam tais meios totalmente inadequados ao cumprimento do fim para o qual se supõe terem sido concebidos?

Não serão manifestações inúteis e insignificantes, que tendem a corromper uma fé justa nas obras da Grande Mente Divina? Não são, de facto, indignas da dignidade de qualquer ser humano — quanto mais da Grande Causa, que é a própria Essência da Perfeição Infinita? Têm elas algum efeito no sentido de extirpar o mal da Terra? É evidente que a humanidade não foi beneficiada quando esses atos ocorreram, nem foi impedida de, posteriormente, tornar-se profundamente desorganizada e injusta. E não terá a própria existência desses relatos causado guerras, perseguições, martírios e mortes?

Não têm eles separado nações, criando antagonismos entre interesses pessoais e nacionais que deveriam uni-las como uma fraternidade? Acaso o chamado mundo cristão não tem estado dividido, com cada pessoa a erguer a espada do sectarismo contra outra? Serão estes os efeitos celestiais que indicam que a causa foi de intenção divina e nasceu do seio da Perfeição Celestial? Se essa foi a causa, correspondem os efeitos? Se estas coisas foram destinadas a produzir a convicção da messianidade de Cristo, será possível que os esforços da Sabedoria e do Poder Divino tenham sido assim tão completamente desorganizados e frustrados? E se visavam convencer a humanidade, por que razão cresce o ceticismo à medida que o conhecimento avança?

É absolutamente claro que produziram exatamente os efeitos que naturalmente se esperariam do seu impacto nas mentes supersticiosas e ignorantes das gerações que tão prontamente nelas acreditaram. Foram escritas sob o impulso de um julgamento

mal orientado; e tendo assim surgido, os seus efeitos têm-se mantido em cada geração, até à maturação da mente humana no século XIX.

As proposições teológicas, baseadas na suposta realização de milagres sobrenaturais, são tão completamente transparentes, que uma mente perspicaz não pode deixar de reconhecer a sua total nulidade. E embora volume após volume tenha sido escrito para explicar essas opiniões de forma metafísica, sinto-me compelido a deixá-los sem atenção, porque me parecem sombras, e não substância.

§ 139 Passo agora a uma investigação dos princípios fundamentais e essenciais do que se pretende ser uma teologia pura e celestial, ou melhor, dos quatro pilares sobre os quais se sustenta a superestrutura teológica. E eu gostaria de dirigir uma atenção especial a esse ataque, por poder ser que ele destrua todo o sistema e não deixe nada além de uma massa de lixo nojento. O primeiro aspeto é o do: "Pecado Original"; o segundo, o da "Expiação"; o terceiro, o da "Fé"; e o quarto, o da "Regeneração."

1º O Pecado Original. Dissecar esta proposição em todas as suas inúmeras formas e modificações, seria interferir naquilo que não é capaz, por causa da sua inconsistência, de receber qualquer interferência. Mas o tema envolve um princípio, pelo qual a mente humana foi injustamente pervertida, e esse princípio exige um breve reparo. Representa o homem como sendo originalmente puro quanto à sua natureza física e espiritual, mesmo qual flor do botão da criação divina; e que ele possuía praticamente todas as características de um ser celestial, puro, imaculado, sem sofisticação. Enquanto assim existia, foram-lhe colocadas diante dele tentações, de natureza tão cativante que ele foi incapaz de lhes resistir.

Ah, quão injusto é acusar a Mente Divina de criar o homem e de o dotar de todos os atributos de pureza e bondade e, ao mesmo tempo, negar-lhe a competência de resistir à tentação! Quão profano acusá-lo de criar o homem um ser perfeito e, ao mesmo tempo, instituir uma conspiração mais destrutiva para prejudicá-lo para toda a vida, e talvez para sempre! Uma conspiração que também envolveria uma raça não nascida por milhares de anos!

O pecado original baseia-se, pois, nessa grande mas injusta impugnação da Sabedoria e do Amor do Criador. Presume que o homem foi tentado, que cedeu e que a morte espiritual se seguiu; uma morte tão terrível na sua influência, que uma criação não nascida e inocente estava necessariamente envolvida nos seus horrores inconcebíveis! Mais ainda, desconecta todo o mundo da humanidade de qualquer comunicação espiritual com aquela Essência Sagrada que os trouxe à existência - e até mesmo os bane inteiramente de todos os favores parentais e os pressiona até a borda de um terrível abismo ardente! Ainda mais horrível, ensina que milhões e milhões estão, devido a essa maldição *divina*, destinados a contorcer-se nas ondas da

escuridão - no seio de um abismo ardente, cujos fogos de dissolução foram transformados em chamas pelo próprio sopro do - Divino Amor!

Assim, de acordo com a doutrina em análise, um homem inocente, que não teve nenhuma experiência - que era puro e imaculado - caiu sob a ira e a maldição daquele Ser cuja própria essência é Amor, Sabedoria e Perfeição celestial. Nisso, a sua posteridade também está inevitavelmente implicada e, portanto, é acusada de uma dívida que eles não foram agentes na contratação e que foi contraída antes de nascerem! Aqui está uma acusação muito injusta e ímpia; e a proposição que o envolve é demasiado corrupta e prejudicial para as sensibilidades morais dos homens, para ter existência mesmo no recesso mais sombrio de uma imaginação distorcida.

Esta grande dívida, provocada pela morte espiritual, diz-se que toda a raça ficou a dever àquele que falou, e eles viveram! Diz-se que a *Mente Divina* assumiu a *forma humana*, na qual ele chama a si mesmo de *Filho*, com o propósito de aliviar a raça dessa dívida, que ele próprio criou - ao viver na terra, sofrer perseguições de toda a descrição de por, finalmente, morrer uma morte ignominiosa! Ele próprio sofre inocentemente para remover efeitos que devem ter tido origem na sua própria *Sabedoria Infinita!* E isso é chamado de “A Expiação.” Tudo isso equivale a dizer que o Criador instituiu um plano celestial para enganar e envolver a humanidade, do qual posteriormente se arrependeu, e não poderia aniquilar as suas terríveis consequências sem o seu Filho - até ele próprio - morrer a morte de um mártir perseguido! Natureza, preserva a tua complacência! Continua a revelar os teus encantos! Perpetua a tua beleza e grandeza imorredouras, mesmo que o homem na sua audaciosa loucura te tenha vestido com um manto de escuridão, terrível como a vingança de uma Divindade exasperada!

Teólogos, contemplem agora as vossas a vossa especulação! O vosso "pecado original" é detetado como uma blasfémia repugnante; e a vossa "expiação" é o próprio clímax de uma imaginação perturbada, e uma que é do carácter mais injusto e imoral. A primeira é diametralmente oposta a toda justiça distributiva – aniquila toda conceção de sabedoria – bane da alma do homem toda valorização do Amor celestial – dissipa toda sede de conhecimento e progresso – e cerra os próprios portais da razão pela mão da vingança omnipotente e ao apontar para uma fonte de fogos infernais!

Escuridão mais terrível - conceção mais revoltante - exibição mais miserável da loucura humana, não poderia ocorrer em nenhum dos vastos campos e esferas da criação. A *segunda* proposição envolve uma acusação de injustiça indigna dos atos e do carácter de um potentado pagão. A sua tendência é gerar imoralidade absoluta no mundo, e até agora tem sido em absoluto uma maldição para o homem. Mas o poder

deletério que tem é limitado, pois não pode deter o funcionamento sublime de *leis* estabelecidas e imutáveis.

O terceiro elemento essencial da teologia recebida, chama-se Fé. Esta, como muitas outras supostas virtudes Cristãs, não é capaz de se manifestar, nem sequer se sabe que existe até que o seu detentor dê a conhecer verbalmente o facto ao mundo. É como muitos dos assim chamados princípios Cristãos que nunca são manifestados por atos ou ações apropriadas, mas só são conhecidos quando o mundo é informado acerca deles.

Fé — o que é? Certamente que se trata de convicção decorrente do discernimento, decorrente de provas cabíveis e adequadas. Assim, é um efeito derivado do conhecimento. É, portanto, nulo de todo mérito ou demérito, na medida em que é uma consequência natural de factos conhecidos, e não uma aquisição voluntária da mente. Será apropriado exortar o homem a acreditar numa inconsistência para que ele possa escapar de uma condenação irrecuperável? Essa, de facto, é a exigência mais antinatural que a loucura pode exigir.

Deverá um homem ser aprovado por ter fé na existência de quaisquer coisas externas recebidas pelos canais dos sentidos? Deverá ser considerado *mérito* um homem acreditar que o sol brilha e que a terra se torna fértil por meio disso? Ou que a terra, juntamente com todo o sistema solar, gira? Deverá a fé ser considerada um mérito, quando é resultado de uma convicção do juízo? É claro, pois, que a exigência religiosa comum de fé é injusta, falsa, *imoral* - porque se opõe a todas as leis de causalidade e a todos os ensinamentos do mundo interior e exterior. *

O quarto ponto é a *Regeneração*. Isso se baseia na suposição da degeneração e, por conseguinte, a doutrina é apenas um efeito evanescente e irreal, procedente de uma causa igualmente irreal e insubstancial. A regeneração é considerada um efeito resultante da *fé*; esta última resulta de - é impossível dizer do *quê!* E é inteiramente inútil insistir num termo que não tem significado interior e que gerou e continuará a gerar, a menos que seja abandonado, toda espécie de superstição e ideias injustas.

Tais, pois, são os elementos substanciais e intrínsecos que constituem e sustentam a grande superestrutura teológica. As suas qualidades são impuras, a sua composição acha-se deteriorada, eles estão a realizar a obra da sua própria destruição; e eis que o templo cai: e quem permanecerá, as gerações subsequentes testificarão.

** Nota do tradutor: O trecho que se segue é de outra obra, mas alude ao tema, pelo que aqui resolvi incluí-lo.*

Pergunta: "Em alguns de seus escritos, você diz: 'O que conhecemos agora, no entanto, é exatamente aquilo em que acreditamos, e não acreditamos em mais nada.'

Agora, se um homem não puder acreditar em nada além do que ele conhece, isso deve travar a marcha do progresso, de modo a praticamente, se não inteiramente, deter o avanço da mente. Estarei certo nesta conclusão? Se não, eu desejaria mais luz."

Resposta: O valor relativo da Fé e do Conhecimento foi considerado longamente no 5º volume do Harmonia e, por sinal, em diversos dos nossos trabalhos anteriores. Talvez possamos tornar o nosso significado ainda mais transparente com algumas frases adicionais.

Primeiro: É proposição fundamental da Filosofia Harmonial que a essência-espírito -interior do homem é composta de todos os princípios infinitos. Considerado espiritualmente, o homem é um representante finito — um microcosmo — da totalidade infinita da Natureza e da Divindade; "a imagem e semelhança" (no que diz respeito aos princípios construtivos e essências imortais) do universo imensurável, tanto material quanto espiritual. Com esta proposta o nosso Irmão está bastante familiarizado. Talvez ele acredite nela.

Segundo: Enquanto corolário do princípio fundamental anterior, ensinamos que o que é verdade e realidade fora da mente humana, é igualmente verdadeiro e essencialmente tão real na sua constituição espiritual. O universo externo e o universo interno mantêm a simpatia privada por meio da sua correspondência e geminação essenciais - tal como uma minúscula gota de água é uma semelhança essencial do oceano ilimitado e vice-versa, que traduz o fundamento da simpatia existente entre eles.

Terceiro: Agora segue-se ainda, enquanto corolário do que foi dito anteriormente, que a mente humana não pode "acreditar" de forma inteligente ou proveitosa em nada diferente das quatro fontes do seu "conhecimento," a saber: Intuição, Reflexão, Perceção e Testemunho. E deveríamos ter dito que depositamos fé apenas nas afirmações das quatro fontes de, Conhecimento (e Sabedoria). "Intuição" inclui tudo o que é espiritual e eterno; "Reflexão," tudo que é lógico e razoável; "Perceção," tudo o que é externo e sensacional; "Testemunho," tudo o que é histórico e extra com relação à consciência privada.

Quarto: Acreditar, ou tentar investir *fé*, no que "não é afirmado por uma ou mais das fontes privadas (ou interiores) de conhecimento, é ser supersticioso e absurdamente infundado. A história religiosa do mundo está a transbordar de loucuras excessivas e guerras sangrentas - tudo quanto tem origem na "fé" arbitrária (sem conhecimento) em certos dogmas e doutrinas, que foram e são *contrariados* pela experiência privada (ou espiritual) do mundo. Por exemplo: milhares de seres humanos foram perseguidos por não poderem acreditar numa *impossibilidade*, como a da imaculada conceção (literalmente entendida), ou a paragem do sol, ou a ressurreição física, ou o sacrifício de um homem em paga de dívidas morais contraídas pela família universal, etc., etc.

- Tal "crença" supersticiosa e "fé" arbitrária não podem encontrar acolhimento na consciência humana. Algumas crianças, infelizmente, nascem com um peculiar desvio no sentido de alguma superstição particular — herdada da ignorância dos pais, junto com outras enfermidades e fraquezas morais. Assim, existem mentes organicamente Presbiterianas, ou Metodistas, ou Maometanos, ou Brâmanes. Mas outras crianças, nascidas livremente em matéria de distorções religiosas, são subsequentemente psicologizadas e induzidas a uma forma qualquer popular de superstição, que tais mentes nutrem durante anos como se fosse a verdade de Deus. Mas o nosso Irmão sabe que repudiamos perentoriamente todas essas "formas de fé" como menos que inúteis.

Quinto e último: Existe, no entanto, uma Fé essencial - uma convicção interior da verdade, que se eleva acima de todas as fontes do conhecimento científico e se projeta muito antes de toda experiência externa - que constitui para a alma um ímã irresistível, atraindo-a para dentro, para frente, para fora e para cima. A possibilidade lógica de uma questão pode animar a mente muito, muito antes da realização e incorporação. Este tipo de "Fé" é homogéneo e idêntico à consciência da humanidade. Não é arbitrário e educacional, mas intuitivo e inseparável da constituição da alma.

Foi com base nessa espécie de Conhecimento, como fundação da nossa crença, que nos apoiamos ao responder à pergunta a que nosso correspondente refere. O que sabemos (na definição dada acima das fontes do Conhecimento) também acreditamos, e em nada mais acreditamos - nada de arbitrário e estranho à Intuição, Reflexão, Perceção e Testemunho.

§ 140. Nenhuma classe ou série de expressões tem estado associada na mente enfraquecida do homem a mais medo e pavor deprimente, do que algumas daquelas que se dizem terem sido usadas por Cristo enquanto pregava e profetizava. Tem sido uma fonte de espanto e extrema perplexidade que um ser representado como detentor de tanto refinamento espiritual e bondade fraternal, tenha empregado tal violência e termos indelicados ao falar daqueles que meramente se opunham às doutrinas que ele promulgava! Porquanto deverá ser claro para todo espírito puro, benevolente e filantropo, que a constituição mental daquele que apontasse defeitos aos semelhantes, e acusasse a debilidade de uma humanidade falível, e nesses termos acusasse os próprios irmãos: – “Serpentes, geração de víboras;” ou, “Escribas e fariseus hipócritas!” - forçosamente deveria ser realmente impura, porquanto esses eram apenas irmãos desencaminhados, cuja condição mental não foi causada por eles próprios, mas por circunstâncias inferiores e desfavoráveis.

A mente bem informada é pessoalmente consciente de que as causas do mal não estão no homem, mas ao seu redor; e esse conhecimento imediatamente cria um perdão universal e proíbe a aplicação de quaisquer termos duros para com um irmão

- muito mais para com uma irmandade. Pessoas que não familiarizadas com a causa do mal moral, têm o hábito de acusar uns aos outros falsamente e aplicar uns aos outros termos não menos injustos tais como: “Serpentes, geração de víboras! Como poderão vocês escapar à condenação do inferno?" Certamente uma sentença mais injusta não poderia proceder de um devoto ignorante do Colosso implacável e cruel!

Se for dito que essas expressões atribuídas a Cristo têm um *significado interior* que não é descoberto pela rama, então ainda mais deverá a linguagem ser descartada: pois ela não responde mais ao propósito para o qual foi projetada. Se as expressões têm um significado que não é percetível, então elas não devem ser proferidas, por serem, para dizer o mínimo, completamente inúteis.

Talvez nenhum termo tenha oprimido a mente com mais pessimismo e pavor do que os termos "fogo do inferno," "fogo eterno preparado pelo diabo e os seus anjos," "choro, lamento e ranger de dentes," etc. Precisam recordar que é a expressão, e não o significado, que aterroriza a mente fraca e desinformada: pois sendo *sheol* uma palavra Hebraica, não tem aplicação específica, mas era usada promiscuamente entre os primeiros habitantes em aplicação a quase tudo de que eles não gostassem. E *hades* é termo Grego que é aplicada da mesma maneira.

Mas como *gehenna* é uma palavra Grega que derivou de duas expressões Hebraicas, não se pode dizer com verdade que qualquer uma dessas palavras mereça a menor consideração, muito menos que elas devam produzir medo e, assim, circunscrever os movimentos e as elevadas aspirações do Espírito humano. É-me profundamente impressionado, e isso igualmente por um influxo de informações superiores, que se estas observações ajudarem os esforços de outros no sentido de rasgar a cortina escura da superficialidade das janelas da alma, uma grande e gloriosa conquista será realizada, e a luz iluminará as posses espirituais de cada forma humana. Um personagem notável e suspeito, que pode ser considerado um interno desse templo teológico, eu ainda não realcei em especial. Eu aludo ao ser chamado O DIABO. Esse poderoso personagem tem sido tão ativo em estabelecer a sua porção do reino quanto qualquer influência que já tenhamos considerado. Mas é bom que analisamos o termo "diabo," para que possamos chegar a um conhecimento mais familiar da sua origem e carácter. Esse termo é sinónimo de *satanás*, que por sua vez derivou de *shaitan*.

Originalmente, isso não significava praticamente *nada*, mas em geral era usado de maneira vaga e descuidada, significando homem vivaz e devoto, espírito divinizado, doença, monomania, malfeitor etc. Todas esses significados constam em várias expressões na Bíblia, como satanás, morte, diabo, etc. Mas mesmo na Bíblia, *diabo* significa mal, maldade, abominação. E quando esta divindade maligna é representada a "subir e a descer a terra" ou a "andar como um leão que ruge à

procura de quem possa devorar," o termo "diabo" nada mais é do que uma personificação figurativa do mal. Como prova disso, toda pessoa perspicaz poderá ver que ele criará o maior tumulto e perturbação onde abundarem a ignorância e a superstição.

É bem sabido por parte dos comentaristas bíblicos, ou pelo menos daqueles que investigaram a aplicação inicial dos termos, que os antigos magos divinizaram um Princípio do Mal e que a sua teologia foi sistematizada por Zoroastro, que possuía todos os materiais existentes anteriores à sua vida, com base no que ele erigiu a sua revelação sobrenatural. Como ao termo *shaitan* significava pouco mais que nada, certamente o princípio maligno imaginário divinizado ao qual agora é aplicado não pode significar muito mais.

Mas os termos "inferno," "diabo," "satanás," etc. criaram mais medo e apreensão supersticiosa do que quaisquer outros contidos em toda a História Primitiva. Mas conforme foi mostrado, eles pretendiam expressar apenas aquilo que os habitantes incultos da terra criaram por meio de falsas conceções das manifestações da Natureza, e do carácter e atributos do homem. Portanto, eles deviam ser considerados com pelo menos tanto respeito quanto qualquer mito poético oriental, meramente por causa das conceções imaginárias e incríveis que representam.

Enquanto falo assim, sinto um anseio constante e irreprimível pela elevação de todo espírito aquele grau de discernimento mental em que estas coisas que relato possam ser igualmente do seu conhecimento e ser igualmente descartadas por eles. Isso seria um benefício para o homem, porque ele seria então restaurado à comunhão com os ensinamentos sublimes da sua natureza interna e externa, cujos afortunados resultados seriam não só experimentados no presente, mas mais perfeitamente nas esferas superiores.

A maioria da humanidade também supõe, especialmente aqueles familiarizados com os ensinamentos do Antigo e do Novo Testamento, que a *Ressurreição* e o *Juízo Final* nunca foram apresentados ao mundo antes da vida e revelações de Jesus; e que a "Regra de Ouro" tenha sido promulgada pela primeira vez por Jesus, e nunca tenha sido concebida ou expressa por nenhuma mente anterior. Isso não é verdade. É bem sabido por alguns que exploraram as páginas da antiguidade, que Confúcio, o filósofo Chinês, expressou a Regra de Ouro quase seiscentos anos antes de Cristo viver - época em que também floresceu Zoroastro, que conseguiu estabelecer em todo o mundo oriental o doutrina de uma ressurreição física e de um juízo final. Zoroastro até *profetizou*, com muita perspicácia, engenhosidade e veracidade. Apesar das suas conceções de ressurreição e julgamento final derivarem de muitas conceções de eras anteriores, elas são apresentadas de forma mais sistemática e

racional do que aquelas que o Novo Testamento encerra, e que os apóstolos se esforçaram por promulgar sob a autoridade da doutrina e martírio de Cristo.

§ 141. Mateus, depois de ter relatado a profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém, e muitos outros ditos promíscuos, termina a fazer uma descrição das provações, sofrimentos, condenação e crucificação de Cristo, que era uma pessoa notável e de excelência em todas as suas posses físicas e espirituais. Mas, como vou falar sobre esse assunto a seguir, descarto-o presentemente, e avançar para algumas observações de Mateus sobre essa crucificação bastante injusta.

Ele relata que Cristo era extremamente detestado pela nação Judaica e que ele foi acusado, preso e levado à presença de Pôncio Pilatos - que não tinha muita ânsia por condenar, mas foi compelido pela multidão vociferante a ceder o consentimento e a decidir a condenação; após o que uma cruz foi preparada, a qual Jesus foi obrigado a carregar, coisa ele fez com muita docilidade e humilhação, até chegar ao local onde iria ser sacrificada a sua nobre e digna pessoa. Eles colocaram-lhe uma coroa de espinhos na cabeça e deram-lhe uma bebida impura e amarga a beber para lhe saciar a sede; e o que é ainda mais lamentável é que eles o pregaram na cruz e depois lhe perfuraram o corpo com as lanças, para que o seu sofrimento aumentasse e o exaspero deles fosse gratificado. Ele é representado como tendo apenas alguns seguidores, que vieram e o choraram debaixo do seu corpo.

Depois que ele foi tirado da cruz e depositado no sepulcro, diante de cuja entrada foi colocada uma pedra, ele é representado como tendo sido guardado por três dias, e então saiu e apareceu a três dos seus discípulos. Depois disso, ele foi visto, dizem, por mais de quinhentas almas; e não muito tempo depois ele ascendeu entre as nuvens e desapareceu, para ocupar uma posição como Juiz nas alturas.

Isso, conforme será lembrado, é registado por Mateus, Marcos, Lucas e João. O registo não é uma demonstração da sua ocorrência real, embora aqueles que o escreveram fossem homens puros e inofensivos, cujos testemunhos são dignos do mais alto respeito e consideração. Explicarei a seguir como esse parecer foi criado, as causas empregues em produzi-lo e por que essa gente escreveu com tal pureza e simplicidade. Mas de momento estou apenas a investigar as especulações teológicas baseadas nesses registos.

Este martírio de Jesus é chamado de "expiação indireta"; isto é, o seu sofrimento pelos pecados do mundo - sofrer uma morte inocente e ignominiosa por aquilo que a sua morte não pôde alterar, e aquilo que é representado como tendo sido instituído pelo Divino Criador! Por que deveriam os Judeus ser perseguidos por crucificar Jesus, se de facto foi originalmente planeado que este último que deveria sofrer pela redenção da humanidade? O mérito não consistiu na sua morte independentemente,

porque ele não teria sido perseguido nem condenado à morte se os Judeus não tivessem exercido esse ofício. Então, por que não dizer que os Judeus foram os meios essenciais empregues na realização dessa expiação vicária? E por que deveria o todo deveria ser atribuído ao objeto sacrificado?

Os Judeus, porém, são acusados de extrema crueldade, injustiça e perseguição profana. Eles são acusados de todas as maneiras possíveis e com um grau de virulência que se volta muito contra os seus acusadores; mas como eles poderiam ser culpados quando foram feitos agentes da Mente Divina para cumprir um de seus desígnios originais? Assim, os Judeus deveriam receber uma grande parte da adoração e louvor: pois foi por eles que esse grande fim foi alcançado, e não tanto pelo sacrifício ou expiação vicária, que foi apenas o efeito da sua congregação de esforços. Porquê, pois, colocar mérito, adoração e louvor, onde eles não pertencem? - pois é manifestamente injusto adorar e venerar um *efeito* mais do que a sua *causa*.

Mas a morte de Cristo não teve nenhuma relação possível com os pecados do mundo, nem com a causa do pecado. Com efeito, na aceção comum do termo, o pecado realmente não existe; mas o que se chama pecado é apenas um desvio das forças físicas e espirituais do homem, que gera consequências desafortunadas. Jamais a morte de um ser extirpará essas consequências más. Nada menos que um conhecimento geral das *causas* desses males e das capacidades gerais da humanidade restaurará a permanente harmonia e a felicidade da raça. Tampouco será possível que quaisquer princípios envolvidos na ideia de uma expiação vicária produzam o trabalho de reorganização geral; mas a *rejeição* dessa doutrina será um dos passos mais potentes em direção à melhoria final e consequente felicidade.

Mais: não há nenhuma lei que governe qualquer composição que admita a sua ascensão acima das formas da Natureza, antes que cada parte dessa composição se ache adequada para a ascensão. Assim, o corpo de uma pessoa não pode ascender enquanto a lei da associação existir e governar a Natureza de forma universal. No entanto, supõe-se que a composição que constitui o corpo de Cristo possa ter sofrido um processo de refinamento adequado para tornar possível uma ascensão. Mas aí deve ter-se tornado completamente intangível e não poderia ter sido visto por aqueles que estavam presentes na ascensão. Mas essa suposição não se baseia no conhecimento de leis gerais nem dos seus efeitos invariáveis, conforme manifestados em todas as áreas da Natureza. Tal ascensão teria sido realmente impossível: porque não poderia ter-se dado um processo de refinamento tão acelerado que aperfeiçoasse qualquer composição no espaço de três dias.

Além disso, o termo *anastasis*, traduzido como *ressurreição* no Novo Testamento, não expressa originalmente tal ascensão. Nele, significa uma ascensão, uma subida, uma regeneração progressiva, uma ressurreição, um aprimoramento gradual e

constante. Deve-se acrescentar que a doutrina de uma ressurreição geral é fundada apenas na suposição de que a Bíblia a pregar, o que não pode ser provado; mas tampouco está tal significado associado à expressão original *anastasis*. Caberá observar, entretanto, que Paulo, que filosofou sobre a questão, realmente acreditava numa ressurreição corpórea generalizada. Ainda assim, todas as suas expressões, assim como as dos outros escritores, admitirão um significado diferente; pois os termos se modificaram muito desde que a linguagem se tornou tão copiosa e supérflua e, por isso o que eles significam agora nem sempre é o que significavam originalmente.

Mas depois, mais uma vez, Mateus relata um fenómeno maravilhoso sobre o templo sendo despedaçado, a terra tremer, as sepulturas abrir-se e seus inquilinos ser vivificados e aparecer a muitos na cidade. (Mateus, xxvii. 51-53) Isso não teria sido digno de crédito nem por um momento, se tivesse sido relatado em qualquer parte do Zend Avesta - embora haja coisas mais notáveis nele registadas do que essa. Quando tais coisas são apresentadas à credibilidade, será sempre apropriado refletir sobre a provável origem de tais relações - o seu uso, se verdadeiro, e de seguida indagar se são suscetíveis de aplicação. Se essas questões fossem instadas com respeito a esse relato, a sua verdade ou inverdade não haveria de ser considerada como consequente em termos de importância; pois é manifestamente uma confusão da ordem da Natureza e desprovida de toda utilidade prática.

Quanto ao dia do Juízo Final, não se fazem necessários muitos comentários; porquanto não é ensinado nem nas Escrituras, nem objeto de crença da parte de nenhum investigador de mente superiormente esclarecida. Uma observação feita até aqui responderá em vez de um argumento prolongado: "Tudo o que o juízo não puder sancionar, a Mente Divina nunca criou."

§ 142. Como o livro de Mateus compreende tudo o que é relatado nas escrituras seguintes, dei atenção ao seu conteúdo de modo a excluir, até agora, todas as evidências colaterais encontradas nas outras escrituras a favor ou contra as proposições abordadas e analisadas. Mas passarei a uma reflexão geral sobre cada uma dessas escrituras, pela ordem em que são colocados, e falarei igualmente da sua origem e princípios proeminentes. Antes de fazê-lo, porém, vou expor alguns factos da história de Mateus.

Mateus tornou-se um oficial do governo Romano algum tempo antes da morte de Cristo, ocupação em que continuou por um longo período, até mesmo à velhice, época em que Paulo, Dionísio e outros pregavam as importantes doutrinas de Cristo. Mateus abandonou os Judeus e abraçou a religião Cristã, não muito depois da conversão de Paulo, e logo começou a escrever sobre as coisas ouvidas e vistas como pertencentes a Cristo e os seus ensinamentos.

Ver-se-á, por uma revisão do livro dele, que ele aparentemente agrupou as palavras de Cristo, não na ordem em que ocorreram, mas apenas na forma como lhe foram apresentadas à mente; pois, em muitos lugares, ele evidentemente compreende numa frase um relato histórico dos milagres e palavras de Jesus que aparentemente ocuparam muitos meses. Além disso, os manuscritos dele nunca foram do conhecimento do mundo. Os únicos vestígios deles estão contidos num manuscrito Grego. Mas eles foram, conforme os comentaristas admitem, originalmente escritos em Hebraico e para uso expresso de alguns Judeus convertidos.

É evidente que não existia nenhuma intenção da sua parte, nem da parte daqueles que transcreveram os escritos dele, de os fundir num livro canónico. Certamente ele nunca foi instruído por Cristo para escrever e apresentar esse manuscrito ao mundo com tal propósito. Tampouco poderá ser provado que ele próprio alguma vez tenha tido tal intenção, seja pela natureza da sua escritura, seja pela maneira muito insatisfatória pela qual a mesma foi compilada, aceite como canónico e votada como o primeiro livro do Novo Testamento.

Nada poderia ser mais apropriado do que o título dessa obra, que a designa como "segundo," embora não como escrita por Mateus. Os que lhe atribuíram esse título duvidaram da sua origem. A história eclesiástica prova que a sua cronologia apresenta discrepâncias com a das escrituras anteriores e posteriores; e muitos até admitem que os dois primeiros capítulos são extremamente duvidosos, e ninguém mostra muita ânsia por atestar a sua veracidade. Depois de escrever alguns manuscritos Mateus foi capturado por dois oficiais da alfândega Persa, levado ao governador, declarado culpado de heterodoxia, condenado e morto como mártir.

Alguns homens sábios redigiram profundas críticas ao conteúdo do Antigo e do Novo Testamento e pareceram apresentar evidências equívocas de serem contra, e não a favor, das escrituras dos apóstolos; especialmente onde ocorrem expressões descuidadas, ou citações do Antigo Testamento, ou relações históricas que na realidade se opõem aos escritos de outros escritores. O livro de Marcos contém muita coisa discrepante com relação ao conteúdo do livro de Mateus. Mas isso não é evidência de que eles pretendessem impor-se ao mundo. Nem é de forma alguma contra a pureza moral e retidão dos seus escritos históricos; mas manifesta um desígnio puro em dar ao mundo aquilo em que eles acreditavam seriamente e que era igualmente objeto de crença da parte de outros.

Isso prova que não existiu nenhum enredo planeado - nenhum conluio, pelo qual todas as coisas relacionadas pudessem ser juntas e confirmadas de maneira a excluir a possibilidade de deteção e exposição. Prova igualmente que eles escreveram apenas com base num influxo de impressões externas; e a refluência delas deu

origem aos manuscritos do Novo Testamento. Prova, também, que eles escreveram com total desconhecimento das opiniões particulares ou pontos de vista concorrentes; e que eles escreveram livres de qualquer intenção, exceto a de apresentar um relato puro e verídico.

§ 143. O livro de Marcos começa de modo diferente do de Mateus; pois, em vez de introduzir uma genealogia, começa com citações do livro de Malaquias, terceiro capítulo e primeiro versículo, uma profecia a respeito de alguém que viria (e veio) preparar o caminho para a introdução dos ensinamentos de Cristo ao mundo. Veremos, ao ler a citação em Malaquias, que é posta na primeira pessoa e não tem nenhuma ligação com o futuro. Mas a expressão é aplicável ao facto de João pregar e preparar o caminho para a introdução do evangelho. Considerado como uma *profecia*, porém, a expressão não é aplicável.

Este livro contém menos referências às profecias do que o de Mateus, e limita-se particularmente a uma relação abrangente de muitas coisas que também são registadas no de Mateus, e com muito pouca diferença. Marcos faz menção ao pequeno jumento que Jesus montou a caminho para Jerusalém, e acrescenta ao relato, o que Mateus não mencionou, que era um jumento "que nenhum homem havia montado" e à exceção dessa ligeira variação, que deveria fazer da ocorrência o que mais se aproximasse de um milagre do que o simples relato de Mateus, os dois relatos coincidem.

Ele menciona igualmente o sorteio que foi feito a fim de determinar quem deveria ficar com as vestes de Jesus. Isso também vem relatado de maneira diferente do que encontramos em Mateus. Porquanto em relação a isso, Mateus faz uma citação que ele parece ter considerado como uma confirmação da ideia sobre a presciência dos primeiros redatores. Tais citações consistem em expressões acessórias que ocorrem no Antigo Testamento, que têm em todos os casos uma relação com os eventos ou circunstâncias históricas referidos nesses livros.

Marcos então passa a citar do capítulo quinquagésimo terceiro de Isaías, nas palavras: "E ele foi incluído entre os transgressores." Isso aplica-se à crucificação de Cristo entre os dois ladrões. É bom lembrar, uma vez mais, que foi a *expressão* que eles citaram, e que para relatar a circunstância na linguagem de outros, em vez de empregar a sua própria - do mesmo modo que alguém hoje em dia citaria de um poema, produções teológicas ou filosóficas de qualquer escritor anterior, quando são encontradas passagens aplicáveis, a fim de incorporar ou confirmar os próprios raciocínios ou impressões. Se Marcos e os outros escritores do Novo Testamento tivessem usado a frase "para que a expressão se comprovasse" em vez de "para que a

profecia se cumprisse," o leitor não seria levado acreditar em tantas ideias injustificadas sobre a presciência desses profetas.

A expressão que tem lugar em Isaías, "Ele será contado junto com os transgressores," aplica-se apenas, e originalmente pretendia representar, os sofrimentos e provações de Jeremias. Pois embora ele fosse um homem muito carinhoso e amável, e em geral amado, ele foi, não obstante, contado com os transgressores muitas vezes e, portanto, frequentemente desprezado. É verdade que Isaías não menciona nenhum nome, mas uma leitura cuidadosa determinará que a alusão foi a algo desse tipo, embora feita de maneira indefinida e obscura.

O livro de Marcos não contém doutrinas distintas que não estejam contidas em Mateus. Está escrito de maneira mais condensada e sinóptica (clara) do que o livro de Mateus. É geralmente considerado favoravelmente pela sua brevidade e clareza de detalhes históricos e biográficos.

O escritor fecha o livro relatando uma ordem dada aos apóstolos para irem por todo o mundo e pregarem o Evangelho; e, de acordo com o que se segue, o seu testemunho deveria ser estendido ao mundo em termos os mais severos e absolutos. Não parece possível que qualquer ser detentor de um grau muito elevado de conhecimento espiritual pudesse ter proferido uma sentença como "Aquele que não crer será condenado." Esta declaração é contrária aos ensinamentos de todas as leis de causa e efeito. Aquele que acredita em qualquer princípio, fé ou filosofia, deve acreditar como resultado de uma convicção profunda e inabalável do discernimento. Certamente, o mero facto da *pregação* dos apóstolos não poderia ter sido suficiente para produzir a fé exigida. A fé não poderia ser esperada quando não existisse causa suficiente para a produzir.

Uma vez amais: a *recompensa* pela fé deveria ser uma salvação - uma salvação, porventura do pecado, do ceticismo, da destruição pela morte moral ou física, ou de uma morada de sofrimento e miséria. Nenhum deles é mencionado de forma distinta; mas se se tratava de uma salvação de uma ou de todas essas calamidades, seria bom indagar: Como será possível que a fé, por qualquer processo natural, produza tal efeito como o que aqui é declarado? O efeito da fé passa apenas por uma tranquilidade mental, da qual fluem intensas esperanças e antecipações. Portanto, a fé não pode salvar do pecado, nem da dor, nem da miséria, nem da morte moral ou espiritual. Para que o mundo seja salvo de tais males terríveis, as leis da sociedade e os governos arbitrários das nações devem ser mudadas, de modo a coincidir com os princípios da Natureza, com a constituição do homem e com todos os seus requisitos físicos e espirituais.

As bênçãos que haveriam de se seguir a uma organização tão harmoniosa da Humanidade não poderiam ser propriamente consideradas uma recompensa ou efeito da fé; porque a fé é apenas um consentimento involuntário do juízo e produz aquela calma e tranquilidade de espírito que constituem a felicidade. Essa felicidade está confinada à mente cujo discernimento é assim decidido e não é capaz de ser comunicado a outro, nem pode suprir as necessidades físicas ou espirituais do seu detentor. Como poderá, pois, a salvação ser um resultado da *fé*? E que poderá ser mais injusto do que a severidade e positividade daquela afirmação que diz: "Aquele que não crer será condenado"? Um homem não pode acreditar ou desacreditar *à vontade*.

Ele não pode controlar as convicções do seu próprio juízo, mas é obrigado a submeter-se para ser controlado. Ele não poderá ter mais fé em qualquer questão à vontade, do que pode, pelo exercício da vontade, ter um sentimento quente ou frio, ou de amor ou ódio, ou de deleite ou desprazer. Quão injusto é, pois, pedir ao homem que faça algo que está tão além do seu poder! Seria igualmente apropriado e consistente jogar um homem numa pilha de chamas e ordenar que ele vivesse, sob pena de ser condenado para sempre se ele não obedecesse; ou lançar um homem nas águas de um oceano espumante e pedir-lhe que preserve a existência, enquanto ao mesmo tempo todos os meios de salvação estivessem além de seu alcance; ou colocar um homem sob a guilhotina de gume afiado e, no momento marcado para a incisão do instrumento de corte, exclamasse - "Resista e evite o golpe, ou você ficará perdido para sempre nas profundezas de um abismo ardente!" Qualquer ser que fizesse essas coisas seria chamado pelo mundo de tirano, pagão, um ser indigno da forma humana ou das suas posses sublimes.

Ouçam, pois, vocês que admiram o sentimento expresso no livro de Marcos, enquanto eu indago: "Como poderá existir o menor grau de justiça no carácter absoluto dessa exigência que atribui a pena de danação ao não desempenho daquilo que está além dos poderes da natureza do homem realizar?" Se, pois, essa expressão alguma vez foi proferida por Cristo, ela carrega todas as marcas de crueldade e iniquidade pagã. Não seria menos assim se procedesse da boca de qualquer outro ser. Mas fico feliz por dar conta de que, embora isso conste do livro de Marcos, não foi pronunciado na pregação de Jesus.

§ 144. A passagem seguinte declara uma série de evidências a serem manifestadas por aqueles que verdadeiramente creram. Diz o seguinte: "E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes sem dano; e se beberem alguma coisa mortífera, não os prejudicará; imporão as mãos sobre os enfermos, e eles serão curados." Esta é uma das passagens mais desafortunadas que poderia ocorrer para teólogos e seguidores da sua filosofia

e pregação. Não se pode dizer com verdade que *qualquer* um possua o poder de expulsar demónios, no sentido em que a frase é usada aqui.

Se a passagem dissesse: "Eles hão de lançar dentro os demónios" (ou males), então ter-se-ia verificado em todo o mundo pagão e cristão; pois nada é mais evidente do que o facto de que os próprios crentes e propagadores deste sistema teológico lançaram males, ou demónios, no seio do homem e no coração da sociedade, numa medida impossível de calcular. Os crentes, então, lançam os demónios para dentro, não para fora, ao pregarem as doutrinas que se supõe terem sido ensinadas por Cristo. Mas não se pode afirmar com o mesmo grau de verdade que alguma vez tenham conseguido banir efetivamente um único demónio, ou mal, do mundo.

A frase que imediatamente se segue foi plenamente confirmada, a saber: "Falarão novas línguas." Já foi demonstrado, ao longo das investigações anteriores, que os teólogos (pelo menos muitos deles) empregam frequentemente palavras nas quais nem eles, nem qualquer outra pessoa, conseguem encontrar o mais ínfimo vestígio de significado. Portanto, falam verdadeiramente em línguas novas. Termos como "satanás", "inferno", "recompensa", "castigo", "involuntário", "sobrenatural", "desinteressado", entre outros, são expressões que se aproximam o mais possível da sombra de nenhuma substância — tanto quanto a mente consegue conceber.

E não hesito em afirmar com toda a convicção que esses termos, juntamente com muitos outros, não significam qualquer ideia real e são incapazes de se aplicar a qualquer princípio, fenómeno ou manifestação real em qualquer domínio da Natureza ou do Universo. Qualquer pessoa que tenha a mais leve dúvida quanto à veracidade da citação do evangelho de Marcos, deve refletir sobre estas coisas e banir imediatamente toda a dúvida; pois é evidente que esses teólogos falam em línguas novas, já que nem eles próprios, nem mais ninguém, os compreende verdadeiramente.

Não posso deixar passar a oportunidade sem observar certos desenvolvimentos recentes entre os seguidores de novas fés. Estes ocorreram no último século, pelo que não é necessária nenhuma descrição histórica detalhada. Assim, passo a mencionar os feitos da seita conhecida como os Mórmons. O fundador desta seita apresentou ao mundo não apenas o seu próprio testemunho, mas também o de muitos outros, relativamente à sua fé religiosa e aos feitos milagrosos que afirmavam ter testemunhado. Declararam curar os doentes com a "imposição de mãos", expulsar demónios e falar em línguas desconhecidas.

Conseguem apresentar provas artificiais dessas práticas e da sua ocorrência real. Mas não existe qualquer evidência interior, qualquer probabilidade ou utilidade nesses atos, e, por isso, não devem merecer a crença de qualquer mente racional. Há, no entanto, uma coisa que poderiam produzir em abundância como prova de que

possuem a fé correta: saber falar em línguas desconhecidas. Tal afirmação é absolutamente verdadeira, pois alguns dos dissidentes dessa fé não hesitam em admitir que falavam, de facto, numa linguagem desconhecida para si mesmos e para qualquer outra pessoa!

Os seguidores de Ann Lee, também, cuja história é bem conhecida, fazem as mesmas alegações e apresentam as mesmas provas; e os seus dissidentes fazem exatamente a mesma admissão, sem hesitação.

Portanto, devemos ter cuidado com testemunhos superficiais, com aparências externas, com evidências visíveis, palpáveis, sensoriais — pois essas são invariavelmente suscetíveis de engano e muitas vezes injustas. Cautela também com a natureza de qualquer testemunho exterior. Investigue-se bem a causa da sua existência. Reflita-se com atenção sobre os meios externos usados para gerar crença relativamente a qualquer fenómeno — qualquer circunstância maravilhosa — qualquer desenvolvimento milagroso, quer na Natureza, quer no homem — e também sobre os usos que lhes são dados; porque existe uma forte probabilidade de estarem associadas intenções ocultas a essas evidências, que constituem os próprios elementos da ilusão.

§145. Muitos, em tempos passados, acreditavam que o elefante era um prodígio ou milagre da Natureza. Alguns antigos supunham que não era apenas o resultado de uma conceção milagrosa da Natureza, mas que possuía um espírito e uma capacidade de raciocínio iguais, ou até superiores, às do próprio homem. Além disso, acreditava-se que os seus hábitos sociais eram estabelecidos, dirigidos e controlados por espíritos das montanhas, florestas e outros lugares que frequentavam. Os antigos acreditavam também que os espíritos comunicavam com os elefantes e influenciavam os seus pensamentos; e que espíritos, fantasmas, bruxas, anjos, demónios e outras entidades semelhantes existiam em grande abundância. Não existem, porventura, testemunhos a favor dos mais maravilhosos acontecimentos envolvendo anjos, demónios, fantasmas, bruxas e outros seres ativos e invisíveis? — testemunhos, diga-se, de carácter aparentemente irrepreensível?

Existem hoje em dia pessoas que acreditam que o homem está em constante comunhão com espíritos, de carácter bom ou mau; sendo os primeiros a causa de todos os pensamentos bons, e os segundos, de todos os pensamentos maus. Acreditam também que o homem possui o poder de se dirigir para o abismo do mal ou para o trono da bondade. Esse poder é chamado de “livre arbítrio.” Assim, fazem do homem uma criatura independente e existente por si só, tentando incutir-lhe a ideia de que, se é pecador, tal resulta apenas da sua vontade ou da sua afeição pelo mal — uma qualidade que ele não teria de possuir, se desejasse libertar-se dela.

Além disso, diz-se que pode aproximar-se do trono ou da esfera da bondade celestial pelo mesmo exercício da sua própria vontade. Tal atributo daria ao homem controlo ilimitado sobre as leis, forças e princípios atuantes do Universo. Torná-lo-ia capaz de resistir a toda a tentação e a todas as influências das leis eternas. Dar-lhe-ia poder de comandar e ensiná-lo-ia que existe sem ser comandado. Dar-lhe-ia poder de controlar, sem ser, ele próprio, suscetível de ser controlado, influenciado ou movido!

Mas poder-se-á dizer que o homem tem "livre arbítrio" apenas num sentido qualificado. Ora, o momento em que é necessário qualificar esta doutrina, é o momento em que se demonstra que ela é falaciosa, e que o poder do homem é limitado. Se ele não pode, em todas as circunstâncias e condições, resistir a ser influenciado ou movido, então a filosofia em causa não é verdadeira; porque o simples facto de o homem ser influenciado uma única vez comprova que é movido por forças adequadas e que é, por toda a eternidade, governado por leis imutáveis.

Outros acreditam que o homem pode reproduzir em si mesmo o poder de realizar milagres, e dizem ter conseguido apresentar essa demonstração. Outros ainda, nos dias de hoje, acreditam que o homem não possui qualquer princípio espiritual que preserve a sua identidade após a dissolução física. Estes raciocinam por dedução, mas não por análise; e por isso a conclusão é ilegítima e errada. Existem inúmeras seitas, cada uma com as suas próprias opiniões, e todas desejosas de sustentar o seu credo particular.

Os seguidores de Ann Lee acreditam e ensinam seriamente que certas pessoas entre eles comungam com os espíritos que habitam esferas celestes. Com frequência induzem, por meio de excitação, um estado cataléptico no corpo, sendo então declarados como estando no céu, a caminhar entre os anjos e a conversar com eles. E quando regressam à consciência exterior, relatam estas peregrinações maravilhosas com toda a seriedade e solenidade da verdade — porque acreditam verdadeiramente nelas. Seguramente, então, os milagres existem entre nós com o mesmo carácter dos mencionados no evangelho de Marcos, como sinais que seguiriam todos os verdadeiros crentes.

Não será tão razoável considerar a credulidade pagã, antiga, chinesa, persa ou muçulmana tão respeitável quanto a dos que acreditam e ensinam cegamente as doutrinas da História Primitiva? Não será justo olhar para as evidências e credulidade dos Mórmons e dos Shakers, que existem entre nós, com o mesmo grau de veneração que os relatos que se encontram apenas nos livros do Novo Testamento, e nos quais muitos acreditam por todo o mundo? Certamente, a credulidade moderna merece tanto respeito como a antiga. Então, por que limitar a crença, quando existem à nossa volta e entre nós tantas evidências exteriores de "fés verdadeiras"?

A frase seguinte refere-se ao ato de manusear serpentes sem sofrer dano. Infelizmente, existe grande perigo real neste tipo de experiência; e por isso é menos frequentemente tentada do que as anteriores. Há provas de que mais homens, quase sem fé alguma, manusearam serpentes em segurança, do que crentes dotados de fé tão poderosa que, segundo se diz, seria capaz de mover até uma leve montanha.

Ademais, é dito: "Beberão veneno mortal e não sofrerão dano." É curioso como algo mortal pode ser ingerido sem pôr em risco a vida! Não é necessário entrar em detalhes sobre como o corpo humano reage ou se submete àquilo que é contrário à sua natureza ou constituição. Um veneno pode ser absorvido em doses muito pequenas sem causar lesão; mas se a dose for demasiado grande, é incapaz de se integrar nos elementos do corpo, e assim constitui uma violação (ainda que não uma suspensão) da lei natural, cujo resultado inevitável é a cessação da vida. Um verdadeiro crente, então, poderá talvez ingerir uma pequena dose sem sofrer dano; mas isso não corresponde ao sentido da frase referida. Além disso, um descrente poderia ingerir a mesma dose e também não sofrer dano. Mas é claro que tanto o manuseamento de serpentes como a ingestão de veneno são experiências demasiado pessoais para serem frequentemente tentadas.

Ai dos teólogos e daqueles que se julgam crentes infalíveis! Pois as evidências que conseguem apresentar são tão escassas e intangíveis, que a mente humana é incapaz de perceber a sua existência. Lembrem-se de que estas evidências exteriores não devem nunca ser tidas como provas decisivas de qualquer coisa a que se apliquem. Se aquilo que eu revelo necessitasse de testemunhos externos para comprovar a sua verdade, então, com razão, essa verdade poderia ser posta em causa. Mas se, mesmo vestida com roupagens sensoriais e superficiais, essa verdade penetra profundamente no julgamento, até ao âmago do espírito humano, e aí recebe uma resposta, então a sua veracidade é imediatamente colocada fora de dúvida e estabelecida como uma demonstração. É desta forma que todas as coisas deveriam ser postas à prova; e então a verdade, a bondade e a tranquilidade seriam as consequências legítimas.

Com estas observações, deixo os conteúdos do livro de Marcos para falar do seu autor pessoalmente. O seu nome era João Marcos. Nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida na cidade de Jerusalém. Viveu na época em que João Baptista e Jesus pregavam. Era um crente e sentia grande desejo de ver a nova fé propagada e aceite; mas não pode propriamente ser chamado apóstolo. Tinha uma pequena família e vivia confortavelmente, tanto em termos de residência como de situação financeira. Costumava manter a sua casa aberta como local de receção e convívio para Jesus e os apóstolos; e assim permaneceu durante toda a vida pública de Jesus, especialmente desde o início da sua pregação até à crucificação. Após esse acontecimento, João Marcos compilou algumas das palavras de Jesus e algumas impressões sobre ele, a partir de notas que havia registado, formando um manuscrito

que destinava apenas à leitura de alguns convertidos, sobretudo vindos do paganismo.

Mas deve lembrar-se que os manuscritos da época, escritos em casca ou em materiais semelhantes, nunca eram copiados como os escritos modernos. Por isso, ele era o único possuidor desse registo, e ele foi praticamente desconhecido e não lido por outras pessoas, a não ser por aquelas para quem fora imediatamente concebido, até muito tempo depois da sua morte. E que direito tiveram Constantino e os bispos reunidos em Niceia e Laodiceia para votar a inclusão do livro de Marcos no cânone, é algo difícil de explicar; tanto mais que muitos manuscritos e epístolas semelhantes foram rejeitados e queimados, conforme os julgamentos mal orientados dessa assembleia. Marcos nunca deu a entender que desejava ou pretendia que o mundo do século XIX viesse a ler as suas impressões históricas registadas; nem foi alguma vez instruído por Jesus para as escrever ou publicar. Donde vem, então, esta veneração supersticiosa por algo que nunca foi destinado — nem por Jesus, nem pelos apóstolos — a ser assim crido supersticiosamente e santificado pelas gerações futuras?

§ 146. Passo agora a uma breve consideração do livro de **Lucas**, que se segue:

Lucas foi um autor muito sincero, digno e bem instruído. Os seus escritos revelam grande clareza, sinceridade e uma intenção evidente de veracidade. É sério em todos os aspetos e merece o mais profundo respeito; e a confiança não deve ser-lhe negada pelas suas narrações históricas. Ele inicia os seus comentários com uma descrição muito clara e lúcida do carácter das suas impressões sobre Jesus e os apóstolos, falando especificamente da fonte da informação a partir da qual escreveu. Dá a entender que escreveu aquilo em que ele próprio e muitos outros "criam com plena certeza". Não atribui inspiração sobrenatural ao seu conhecimento. Não procura o favor de ninguém. Não exige que se acredite nele só por escrever; pelo contrário, toda a sua introdução revela uma simplicidade e uma franqueza admiráveis, que não podem deixar de recomendar o autor ao respeito e à estima.

E o mais notável é que ele rejeita aquilo que os comentadores e todos os que professam acreditar que ele, tal como os seus colegas escritores, foi inspirado sobrenaturalmente, afirmam sobre si. Que injustiça, que prejuízo para a humanidade é que os homens reivindiquem para a Bíblia esse temor, essa veneração supersticiosa e irreal, que a própria Bíblia não exige de si mesma!

Alguns poderão considerar estas afirmações como sendo desrespeitosas para com a santidade da Bíblia — especialmente para com a suposta "pureza" que os intérpretes lhe atribuem, mas que não se encontra nesse livro. Contudo, em vez de me opor à Bíblia, defendo os seus autores — tanto do Novo como do Antigo Testamento — contra as falsificações supersticiosas impostas às suas obras por aqueles que

afirmam ser os seus intérpretes. Sinto-me impelido a afirmar que a Bíblia, como todos os outros livros, deve ser respeitada pelo valor intrínseco e pela verdade que possa conter — e por nenhuma outra razão.

Além disso, ao falar de interpretações supersticiosas e falsas, refiro-me ao facto de que se ensina, com grande ar de santidade, que os seus conteúdos resultam de uma influência direta da Mente Divina sobre os autores humanos. Estou profundamente convencido de que nenhum livro — nem qualquer outra produção superficial do homem — pode, com legitimidade e verdade, reivindicar tal inspiração. Pois nada pode ser de origem divina se não estiver inseparavelmente ligado às leis, qualidades e princípios contidos na grande Árvore da causalidade universal, e constantemente desenvolvido por elas. E já demonstrei que aquilo que o homem cria ou inventa apenas pela sua imaginação efémera não pode ser mais do que um amontoado de imperfeições. Assim, mesmo que esses livros contenham verdades, nenhum é digno da veneração que o muçulmano dedica ao Alcorão, o brâmane ao Shaster, o persa ao Zend Avesta, ou o cristão à Bíblia.

Fiz estas observações de forma clara, para que não haja qualquer equívoco quanto ao que me proponho dizer, e para que não exista qualquer obscuridade ou contradição nas mentes daqueles que refletem seriamente, que investigam com sinceridade e que não temem ler sem o peso do preconceito sectário.

O livro de Lucas é muito isento de citações de profecias. As que são feitas, no entanto, são semelhantes àquelas que já comentei anteriormente. Este livro não apresenta nenhuma doutrina específica que necessite de explicação ou comentário. Tampouco descubro que os seus ensinamentos diferem, em particular, dos livros anteriores — salvo por algumas novas parábolas, mudanças na expressão e também na organização dos relatos históricos da vida, pregação e crucificação de Jesus. E os temas que nele são apresentados já foram, de forma geral, comentados ao longo da análise das proposições derivadas do livro de Mateus. Por isso, concluo aqui todas as reflexões sobre este livro e passo a fazer algumas observações sobre o seu autor.

Lucas também era de origem judaica, tendo sido educado na religião judaica, na qual permaneceu até perto da conversão de Paulo do judaísmo ao cristianismo. Lucas aprendeu um ofício na sua juventude — o que era costume entre os judeus, quer os pais fossem ricos, quer não. Foi bastante bem-sucedido na sua profissão, que era a de artista. Diz-se que pintou o primeiro retrato de Cristo, o qual poderá ainda hoje ser visto na Academia Romana de Belas-Artes.

Depois de ter abraçado a fé cristã, Lucas foi um colaborador constante de muitos dos apóstolos e crentes em várias regiões do oriente. Obteve a sua informação principalmente por meio de comunicações recebidas de pessoas que foram

testemunhas oculares dos factos que relatou sobre Jesus. Não escreveu a partir de conhecimento direto, mas a partir daquilo que lhe foi contado por outros.

Um dos seus amigos íntimos era Teófilo, que ele desejava muito convencer da veracidade do cristianismo. Foi para ele que escreveu este evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos; e esses escritos foram feitos com o único propósito de gerar em Teófilo uma convicção semelhante à que ele próprio sentia. E é legítimo perguntar: com que autoridade foram estes escritos considerados canónicos, quando muitos outros manuscritos igualmente dignos foram rejeitados e perderam a sua existência?

Importa recordar, leitor, que Lucas tencionava apenas convencer o seu amigo, escrevendo e transmitindo os seus pensamentos de forma ordenada — e não tinha a intenção de que o mundo inteiro viesse a ser ensinado a acreditar naquilo que pretendia apenas expor a Teófilo. Pode ser que desejasse que isso viesse a acontecer, porque todos os que estão profundamente convictos de uma fé desejam vê-la tornada universal. Mas uma coisa é absolutamente certa: Lucas nunca alegou estar inspirado, nem previu que viria a ser classificado, como o foi, numa enciclopédia teológica de referência. Nem sequer deu a entender que alguma vez pensara na distinção que os seus escritos viriam a receber nas gerações futuras.

Lucas também escreveu sobre a origem da igreja de Éfeso: como foi fundada, que ensinamentos e cerimónias foram adotados, e como ele e os irmãos da igreja se regozijaram e se felicitaram mutuamente pela posse da sua nova fé. Os seus livros estão repletos de informação e merecem respeito e aprovação pela simplicidade e fluidez de expressão — pelo menos tanto quanto os escritos de qualquer outro homem bom e digno.

§ 147. Passo agora ao livro de João. Este livro demonstra grande calor afetivo, ternura e um profundo apego social e religioso. Revela uma elevada reverência e sentimentos nobres e aspiracionais — traços que caracterizavam a vida, a disposição e a constituição espiritual do seu autor. Os seus conteúdos são, na sua maioria, uma repetição de coisas já registadas nos livros anteriores, e contém poucas referências dispersas às profecias.

Não estabelece nenhuma proposição que difira daquelas já analisadas, pelo que não requer comentários adicionais.

No entanto, não posso deixar de fazer uma observação sobre uma frase ocasional e pouco cuidada no final do livro, em que João expressa a suposição de que, se tudo quanto Cristo fez fosse escrito, “nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se escreveriam.” Embora seja verdade que milhares de coisas foram ditas e feitas por Jesus e não foram registadas por João nem por outro escritor, é evidente para qualquer mente que, se essas coisas fossem escritas, o mundo teria espaço para as

conter. Esta frase é prova do amor ilimitado e entusiástico de João pela fé que abraçou. E mesmo uma pequena hipérbole por parte dos apóstolos, ao escreverem as suas impressões, exclui de imediato a possibilidade de que as suas mentes estivessem sob o controlo da inspiração da Mente Divina. Tudo o que for verdadeiramente divino — de origem celestial — deve apresentar provas irrefutáveis da sua natureza sagrada.

João nasceu e viveu a maior parte da sua vida em Éfeso. Na juventude, teve poucas impressões religiosas. Quando estes temas lhe foram apresentados, refletiu e ponderou bastante sobre o seu valor, e depois adotou-os e propagou-os com grande entusiasmo e convicção. Os seus manuscritos, tal como os de Marcos, permaneceram durante muito tempo fora da vista do público, mas foram posteriormente traduzidos para o hebraico, sancionados no concílio de Niceia, canonizados por Constantino, e assim apresentados ao mundo como o quarto livro do Novo Testamento.

O quinto livro, que se segue, intitulado "Atos dos Apóstolos", é um comentário histórico e registo cronológico escrito por Lucas. Contém apenas um relato de acontecimentos, experiências, viagens, debates e vicissitudes dos apóstolos; um registo da formação e estabelecimento da Igreja; e descrições da unidade, paz, serenidade e amor fraternal que prevaleciam entre os crentes. Não contém qualquer princípio que exija comentário ou explicação. E, sendo um livro de natureza histórica, reclama para si apenas esse carácter. Se forem atribuídas a este livro outras pretensões quanto à sua origem, conteúdo ou importância, tais reivindicações são infundadas — e o próprio Lucas, como autor, anula completamente tais pretensões. De facto, contém muitas expressões belas e vigorosas de sentimento, mas não apresenta princípios novos. Por isso, passo à consideração dos livros seguintes.

§ 148. Chego agora à reflexão sobre o nascimento, vida, pregações, experiência, disposição e morte de um escritor muito instruído e muito amado. De facto, não consigo resistir à atração exercida por uma mente tão digna — uma alma de tamanha pureza e magnanimidade elevada.

Antes de abordar as suas muitas epístolas amigáveis dirigidas a irmãos e igrejas estabelecidas em várias partes do Oriente, detenho-me no seu nascimento, vida, carácter e experiências.

Os historiadores eclesiásticos recolheram informações bastante fiáveis sobre o nascimento e a vida de Paulo; e os seus registos históricos merecem crédito. Paulo nasceu em Tarso. Viveu durante grande parte da sua juventude em Roma, onde era muito estimado como cidadão altamente talentoso e respeitável. Após receber uma educação superior por meio de vários métodos de instrução, submeteu-se a um longo e exigente curso de estudos sob a orientação de Gamaliel em Jerusalém. Gamaliel

era professor de literatura antiga, filosofia natural e ciência tradicional, sendo reconhecido como um mestre exímio em várias línguas. Era um rabi judeu. Dele, Paulo recebeu muitos ensinamentos e hipóteses religiosas, que mais tarde influenciariam parcialmente as suas meditações espirituais e escritos.

Depois de completar a sua educação, Paulo era, sem dúvida, um homem esclarecido — pelo menos no que diz respeito ao conhecimento das ciências externas e da filosofia, entendida como iluminação. Estava também familiarizado com os poetas e filósofos **gregos**, dos quais absorveu muitas ideias sublimes e uma filosofia racional. Isto é evidente em parte dos seus escritos incluídos no Novo Testamento, onde muitas das suas expressões e pensamentos morais revelam uma notável semelhança com as ideias e o estilo dos poetas e metafísicos gregos.

Paulo cultivou muitas qualidades sociais úteis. A sua vida social era complexa, interligada com diversas experiências — tanto agradáveis como desapontantes — que moldaram constantemente novos traços na sua constituição mental. Tal como Lucas, aprendeu um ofício útil, **o de fabricante de tendas**, o qual mais tarde viria a ser de grande utilidade para si. Sendo cidadão romano durante grande parte da sua vida, o seu carácter, religião, filosofia e comportamento assemelhavam-se bastante aos daqueles com quem convivia regularmente; por isso, não se pode afirmar que tivesse uma predisposição natural para se tornar o que acabou por ser. Também não se pode dizer que tenha necessitado de uma revelação espiritual de verdades superiores para escrever a sua filosofia moral; pois estava altamente instruído em todas as áreas relevantes do saber — como artes, ciência, lógica, metafísica, filosofia física e religião.

Mas pode-se afirmar — e os seus próprios escritos atestam isso plenamente — que ele era um homem puríssimo, digno, benevolente e devoto, dotado de todas as qualidades superiores necessárias para constituir uma mente verdadeiramente grande e nobre.

Durante o tempo em que Jesus viveu, e enquanto as suas doutrinas eram disseminadas, Paulo foi um dos mais ferozes opositores, rejeitando e desprezando completamente os ensinamentos que mais tarde abraçaria com tanto entusiasmo. Esta oposição manteve-se durante muitos anos após a morte de Cristo, período durante o qual aderiu à filosofia farisaica, que, apesar de conter alguma verdade, escondia essa mesma verdade sob uma enorme quantidade de erro, nascido exclusivamente da observação externa e material. E depois de se juntar a essa seita, Paulo assumiu o papel de comandante de um grupo ou exército da mesma fação, marchando contra os cristãos e perseguindo-os de forma injusta e desmedida.

Durante esse tempo, todas as suas ações eram marcadas por uma intenção violenta e sanguinária contra os seguidores de Cristo. As suas atitudes revelavam uma grande

firmeza e uma determinação inabalável de fazer prevalecer as suas ideias e princípios.

Conta-se que, a caminho de Damasco, Paulo teve uma súbita mudança nas suas intenções e motivações, e este acontecimento foi relatado de forma a sugerir uma intervenção miraculosa ou sobrenatural da Mente Divina. Estou plenamente ciente do acontecimento, e também das razões que levaram a que fosse percecionado dessa forma. Um conhecimento real do que verdadeiramente se passou dissipa de imediato todas as ideias supersticiosas sobre uma intervenção divina.

A partir desse momento, as faculdades de Paulo tomaram uma direção diferente, e ele entregou-se à religião cristã, passando a condenar veementemente as doutrinas e perseguições da sua vida passada. Assim se revelaram os extremos próprios de um temperamento nervoso-sanguíneo: pois rejeitou os fariseus com o mesmo ardor e firmeza com que antes combatia o cristianismo, agora esforçando-se por o sustentar e propagar.

A partir daí, dedicou toda a sua vida e talentos à divulgação do evangelho. Esta missão ocupou-o durante trinta anos, período no qual viajou e pregou pela Arábia, Grécia, Ásia Menor e várias ilhas do Mediterrâneo. Foi muito ativo na formação de comunidades e associações religiosas, aproximando os fiéis da nova fé para que pudessem congregar-se e adorar segundo os princípios que haviam adotado. Nesta missão, revelou grande zelo, devoção e dinamismo.

Adotou também o costume da correspondência epistolar, já iniciado por outros apóstolos e convertidos. As suas epístolas eram geralmente dirigidas aos membros mais destacados das igrejas, mas destinavam-se também, de forma indireta, a toda a congregação das localidades onde procurava lançar o "gérmen" do cristianismo. Algumas dessas cartas foram preservadas, compiladas e integradas no Novo Testamento, na seguinte ordem:

1. Epístola aos Romanos – Dirigida à igreja de Roma, à congregação reunida para partilhar a fé que ele e eles tinham abraçado.
2. Epístolas aos Coríntios – Escritas para os irmãos crentes em Corinto, associados na mesma fé.
3. Epístola aos Gálatas – Carta de exortação, amizade e fraternidade dirigida à igreja da Galácia.
4. Epístola aos Efésios – Uma mensagem afável e fraterna aos crentes de Éfeso, que buscavam o encorajamento e aprovação de Paulo.
5. Epístola aos Filipenses – Carta de congratulação e encorajamento dirigida à igreja de Filipos pela posse da nova fé.
6. Epístola aos Colossenses – Expressa simpatia espiritual e afeto para com os crentes de Colossos, com sinceros desejos de sucesso na propagação do evangelho.

7. Duas epístolas aos Tessalonicenses – Exortações devotas e afetuosas à congregação de crentes em Tessalónica.
8. Epístolas a Timóteo – Enviadas ao seu querido amigo e colaborador, que ocupava na igreja uma função semelhante à de diácono e que transmitia os conselhos de Paulo à sua comunidade.
9. Epístola a Tito – Destinada a outro amado irmão e cooperador, em funções semelhantes às de Timóteo.
10. Epístola aos Hebreus – Onde Paulo expressa toda a sua simpatia devocional pelas doutrinas que guardava na memória, bem como a sua constante bondade e perseverança na defesa e expansão da fé cristã.

§ 149 Assim, as cartas de Paulo ocupam e compõem uma grande parte do Novo Testamento. Ao investigá-las, torna-se evidente que nunca foram escritas com a intenção ou expectativa de serem lidas universalmente. Não apenas a evidência interna (isto é, o significado e origem dos pensamentos escritos) apoia esta conclusão, como também a evidência histórica demonstra plenamente a sua veracidade.

Por "evidência interna", refiro-me à ligação direta entre as ideias expressas e a origem de onde surgiram — a base sobre a qual o pensamento ou a expressão repousa. Alguns acreditam que todas as expressões da Bíblia possuem um significado interior, acessível apenas a quem possua elevado discernimento espiritual; ao passo que outros, cuja compreensão está limitada à observação sensorial e superficial, interpretam literalmente o conteúdo da Bíblia.

Contudo, atribuir a um texto um "significado espiritual" não é descobrir o seu verdadeiro conteúdo interior, mas sim revesti-lo com um novo traje simbólico — cobrindo ou ocultando expressões que, por vezes, são vagas, imprecisas ou mesmo indignas e irrelevantes. Para realmente compreender o gérmen de um pensamento, é preciso conhecer as causas que lhe deram origem e o desenvolveram até à forma escrita. E é absolutamente impossível atribuir um significado autêntico a expressões cuja essência deriva de uma teologia e mitologia formadas numa era dominada pela superstição, desorientação e ilusão coletiva.

A linguagem muda com o tempo. Por exemplo, os povos antigos, ao referirem-se a Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno, Juno, Palas, associavam-nos a deuses invisíveis, cuja história estava registada em hieróglifos. Hoje, porém, esses nomes remetem-nos diretamente para planetas do nosso sistema solar. Assim, a aplicação dos termos alterou-se profundamente com o passar dos séculos.

Consequentemente, o que Mateus, Marcos, Lucas, João, Cristo, Paulo ou qualquer outro autor bíblico escreveu pode ter tido, naquela época, um significado completamente diferente daquele que hoje é compreendido através das mesmas

palavras. Mesmo que o uso moderno atribua outro valor semântico aos termos usados por escritores orientais antigos, isso não altera o facto de que os seus escritos nasceram de causas específicas, as quais devem ser analisadas e compreendidas antes de se atribuir qualquer verdadeiro significado às suas palavras.

Desejo ser corretamente compreendido ao fazer esta distinção importante entre o significado interior real de uma expressão e a aplicação espiritual que muitos lhe atribuem. Reafirmo que nenhuma mente pode verdadeiramente descobrir o conteúdo interior de palavras ou expressões sem investigar profundamente as causas e circunstâncias que lhes deram origem. E, quando tal análise é feita, chega-se inevitavelmente à conclusão de que o conteúdo da Bíblia, como o de qualquer outro livro, nasceu de múltiplas causas humanas, todas as quais devem ser consideradas antes que qualquer validade lhe possa ser atribuída.

Nenhuma mente verdadeiramente analítica pode chegar a uma conclusão diferente da que aqui é exposta. E quero deixar claro que não me detenho nas palavras, nos sermões nem nos comentários infindáveis que resultam de supostos significados ocultos da Bíblia. Analisar esses textos seria como dissecar sombras, formas irreais compostas por inúmeras interpretações de um livro que se proclama aquilo que na verdade nunca foi nem afirma ser.

Sabe então, leitor, que o meu objetivo é analisar e investigar o gérmen destas construções teológicas. E o resultado dessa análise rigorosa é o seguinte: os elementos contidos na Bíblia — o gérmen desta grande árvore teológica — são impuros, e não merecem as interpretações nem a veneração que têm recebido sob a forma do livro ao qual deram origem.

Este livro não pode, de forma alguma, ser provado como contendo as qualidades puras e celestiais que residem no Amor e Sabedoria Divinos — princípios que constituem o gérmen verdadeiro do Universo, o qual é sublime, harmonioso e grandioso, e do qual o Homem é um ramo e um reflexo perfeito. Sendo esta a verdadeira teologia, então uma teologia que se lhe oponha não pode, ao mesmo tempo, ser considerada verdadeira.

Estas considerações — cuja veracidade dificilmente pode ser negada sem investigação séria — demonstram que é impossível atribuir um significado espiritual interior a algo que não contém, em si mesmo, um elemento divino e celeste.

Assim, a doutrina que observo no mundo como resultado de comentários espirituais sobre a Bíblia não revela nem desenvolve qualquer essência interior do livro, mas apenas reveste-o com um traje atraente e novo, escondendo da mente — tanto do leitor casual como do mais atento — a verdadeira natureza confusa e contraditória do seu conteúdo.

Dito isto, deixo uma palavra de consolo àquele que lê com entendimento e coração generoso: a Razão e a Sabedoria, tal como o sol, brilharão e trarão consigo todos os resultados desejáveis e harmoniosos — assim que as nuvens da obstrução e do erro forem dissipadas para sempre!

§ 150 Nas dez epístolas de Paulo, não descubro qualquer doutrina distinta que ainda não tenha já mencionado e comentado, de forma geral, nas observações anteriores. O meu objetivo atual é tornar claro para o leitor que Paulo era um homem bom, digno de grande estima e confiança, e que abraçou a sua fé e escreveu sobre ela como qualquer outro homem o faria, caso estivesse convencido de que a fé que adotara merecia ser amplamente aceite.

Paulo é o único escritor de toda a Bíblia que tenta fundamentar a sua fé com base na Natureza. A sua filosofia foi-lhe claramente impressa antes de ter abraçado o Cristianismo; e ele recorre a manifestações externas e visíveis para ilustrar ou demonstrar as suas doutrinas. Estas ideias eram apresentadas aos irmãos com quem mantinha correspondência frequente e familiar. No entanto, ele nunca escreveu um sistema de filosofia moral destinado a ser ensinado e aceite pelas gerações futuras, nem há qualquer evidência nas suas cartas que sugira essa intenção.

A doutrina da ressurreição — entendida como uma ressurreição literal do corpo físico — é, por alguns, considerada como ensinada e demonstrada por Paulo. Contudo, isso não é verdade, ainda que as suas expressões reflitam uma crença nesse conceito. Assim, ele diz:

"Somos semeados num corpo natural, e ressuscitados num corpo espiritual; somos semeados em desonra, e ressuscitados em glória." (1 Coríntios 15)

É evidente, nestas expressões, que Paulo utiliza os termos natural e espiritual, desonra e glória, em contraste entre si, de forma a elevar o superior através da comparação com o inferior. Assim, os seus pensamentos eram animados por uma grande esperança e expectativa. No entanto, os que reflectirem cuidadosamente perceberão que estas ilustrações e apelos aos fenómenos naturais são, por parte de Paulo, de carácter superficial.
Embora, num certo sentido, sejamos semeados num corpo natural e ressuscitados num corpo espiritual, estas palavras representam mais a ação do que propriamente o princípio da ressurreição. Da mesma forma, ser semeado em desonra e ressuscitado em glória representa o fenómeno externo da morte, e a elevação do verdadeiro ser interior para uma esfera mais elevada. Paulo relata o facto, mas não revela os princípios interiores e produtivos que originam a elevação, transformação ou ressurreição. Por isso, afirmo que a sua filosofia externa sobre a ressurreição não possui a profundidade nem o rigor que um espírito racional exigiria para aceitar a realidade de uma existência futura ou espiritual.

Mais ainda: Paulo dedicava-se frequentemente à meditação interior, na medida em que o seu temperamento e disposição o permitiam. Às vezes, os seus pensamentos eram de grande valor instrutivo e moral. Mas por vezes confundia-se ao tentar distinguir entre as influências externas (do mundo sobre os sentidos, afetos e paixões) e os impulsos internos de pureza, justiça, elevação e retidão. Daí a sua célebre afirmação:

"Quero fazer o bem, mas o mal está comigo."

Ao proferir tal exclamação, ele procurava distinguir as origens das duas forças influenciadoras: uma em direção ao bem, outra ao mal. No entanto, os teólogos especulativos construíram a partir destas palavras teorias refinadas, afirmando que existe um espírito maligno omnipresente, ou os seus agentes, que constantemente influenciam o homem; e que, do lado oposto, o bem provém da Mente Divina. Partindo dessa ideia, declaram que o homem deve distinguir entre o bem e o mal — entre o caminho largo que conduz ao abismo ardente da destruição eterna e o caminho estreito que se afasta o mais possível desse lugar temível. Com isso, acabam por atribuir ao homem a culpa e a responsabilidade pela imoralidade, ao mesmo tempo que ensinam que este está submisso a milhares de influências que atuam sobre ele, quer para o bem, quer para o mal.

É evidente que tais interpretações revelam um grande desconhecimento não só das palavras de Paulo, como também da própria natureza, constituição e características da humanidade.

Depois de pregar durante trinta anos, Paulo consola-se com o pensamento de ter anunciado o evangelho sem reservas. Acabou por ser capturado e levado perante um cônsul romano e, mais tarde, perante Festo, que, comovido pela sua eloquência, o absolveu das acusações. No entanto, como Paulo já havia apelado a César, foi enviado para Roma, onde acabou por morrer como mártir do Cristianismo.

A seguir às epístolas de Paulo, surgem as cartas de Tiago, Pedro, João e Judas. O conteúdo destas é muito semelhante às cartas de Paulo, pois visam estabelecer os mesmos princípios nas mentes dos indivíduos e congregações a quem foram dirigidas. Não introduzem nenhum novo princípio que exija comentário, e os seus ensinamentos não têm qualquer influência significativa sobre os temas abordados nos livros anteriores.

§ 151 Após estas epístolas, o conteúdo deste livro pareceu a todos os comentadores completamente enigmático, além de toda possibilidade de receber uma aplicação útil, e tão excessivamente indefinido e obscuro que quase desafiou qualquer tentativa de análise. Em verdade carrega todas as marcas de uma revelação; tampouco se pode duvidar desse facto quando é lido com cuidado e refletido com

idêntico cuidado. As características proeminentes dele são obscuridade, ambiguidade e todos os tipos de expressão fantástica e figurativa. No entanto, algumas das imagens que encerra são bem aplicadas, embora a sua aplicação seja dificilmente detetável. De facto, nada pode ser mais obscuro do que esta revelação, pois o seu conteúdo desafia a interpretação, embora ao mesmo tempo exija seriamente a fé mais sem reservas.

O livro proíbe mesmo a eliminação ou a interpolação de uma única frase, sob ordens de carácter mais imperativo, cuja desobediência pressupõe uma condenação. Tal demanda por si só remove toda aquela pureza celestial que deveria caracterizar um influxo espiritual da verdade celestial; pois a demanda é estritamente dogmática e injustamente imperativa. Este livro encerra o Novo Testamento.

Deve-se observar que os livros de Tiago e Judas foram recebidos com muita dúvida quanto à sua autenticidade por aqueles que se aventuraram a investigar a origem dos manuscritos. Além disso, será de lembrar que, juntamente com o Apocalipse de São João, eles não foram recebidos no Novo Testamento como puros e canónicos até quase trezentos anos após o concílio de Niceia. O Apocalipse e os livros de Tiago e Judas, junto com o segundo capítulo da segunda epístola de Pedro, foram votados puros e canónicos no ano 633, no concílio de Toledo; em que eles, no seu décimo sétimo cânone, decidiram unanimemente que o Apocalipse fora escrito por João, e que os livros de Tiago e João deveriam ser compilados e incluídos no Novo Testamento, e selados com o selo sagrado, e considerados a *Palavra de Deus*!

De facto, teria sido uma sorte para muitos teólogos profundos, que esse concílio, como os concílios de Niceia e Laodiceia, tivessem rejeitado este livro como não sendo a palavra de Deus; pois assim provavelmente muito tempo e nobre talento teriam sido gastos em algo que teria sido útil e importante no sentido de melhorar a condição de uma humanidade sofredora e ignorante. Na medida, porém, em que o Apocalipse foi decidido como a palavra de Deus em 633, é apropriado instituir algumas considerações sobre os ensinamentos e conteúdos enigmáticos, fantásticos e espirituais que encerra.

É uma verdade digna de nota que muitas coisas nele contidas são suscetíveis de serem confirmadas por um apelo às aparições e manifestações reais do mundo interior* ou espiritual. Panoramas e representações em dissolução, como as que este livro apresenta, podem ser observados no mundo dos espíritos por espíritos se uma perceção interna aberta, e que têm o exterior envolto num manto aéreo de imaginação. Tais representações são testemunhadas no que pode ser chamado de estado de transição entre as esferas externa e interna da constituição espiritual.

Para uma solução verídica das múltiplas exibições grandiosas de fantasmas registadas no Apocalipse, e transmitir uma impressão de ser reais, eu remeteria o leitor para uma bem escrita produção Latina de Emanuel Swedenborg, intitulada "Apocalypsis Revelata;" assim como para uma outra produção do mesmo autor, referente à mesma temática, intitulado “Apocalypsis Explicata"- que lhe elucidará claramente as opiniões sobre o uso e aplicação deste livro.

Gostaria, uma vez mais, de proteger o leitor contra o perigo do equívoco inerente à leitura das referidas obras. porquanto se torna distintamente claro que o seu autor se achava na mesma condição generalizada, tanto física quanto mentalmente, do redator do Apocalipse. Veremos que ele confirma o seu conteúdo geral como apelos a revelações e manifestações espirituais que ocorrem num estado intermediário ou de transição entre as esferas rudimentar e espiritual. Gostaria que fosse entendido que ambos os redatores tinham uma perceção daquilo que se situava entre o real e o irreal. Devo observar, contudo, que o autor do "Apocalipsis Revelata" por vezes se encontrava numa condição de elevação espiritual que o capacitava a chegar com precisão às verdades mais importantes relativas aos estados espirituais, ou esferas do mundo interior. Mas é apropriado afirmar distintamente que as conclusões às quais ele em tais momentos chegava, embora verdadeiras, não são resultados legítimos da sua filosofia.

** Por "mundo interior," o conferencista disse que pretendia aqui representar aquele que é invisível - ou melhor, acima, porém, não percetível aos sentidos naturais; mas não à segunda esfera da existência humana no seu estado real.*

Parece que o espírito dele recebeu a orientação de uma impressão originalmente recebida sobre um significado interior da Palavra, ou Bíblia. O resultado disso foi levar o pensamento dele a um modo correspondente de filosofar sobre as ideias, desejos, paixões, afeições e estados de juízo dos homens, considerando-os representados por várias espécies de animais, vegetais e até minerais. De acordo com a filosofia dele, o reino animal era apenas uma transcrição ou representação universal dos vários pensamentos, desejos, paixões e julgamentos da humanidade. Ele aplica esse modo de filosofar na interpretação o conteúdo do Antigo e do Novo Testamento, e representa as figuras nele contidas como tendo uma relação inseparável e correspondente com várias verdades no exterior, bem como no mundo interior.

Ele ensina que no mundo espiritual, da mesma forma, existem representações, que tanto cabem como deixam de caber ao alcance dos espíritos infernais tornar aparentemente real e substancial aos espíritos não iniciados e desinformados. Assim, a mente dele fluiu da Bíblia para o mundo natural, não com o propósito de testar a sua veracidade pela instituição de uma investigação desinteressada dos

ensinamentos da Natureza, mas mais com o propósito de interpretar manifestações físicas ou externas de modo a levar a Bíblia e a Natureza a confirmar-se mutuamente.

Depois, do mesmo modo a mente dele fluiu da Palavra ou Bíblia para o mundo espiritual ou interior, onde a mesma orientação mental produziu um desejo de levar cada manifestação a concordar com os preconceitos que tinha em favor da Bíblia como sendo o grande Centro e Fonte da Verdade. Assim, ele fez da Palavra, ou Bíblia, o foco ou centro da verdade divina, em relação ao que os ensinamentos da Natureza deveriam ser considerados subordinados; e ele supôs que as suas produções não eram nada além de correspondências particulares, ou melhor, confirmações da verdade da Bíblia – assim como representantes das ideias e características espirituais do homem.

Assim, segundo ele, o mundo material é apenas um reflexo, um microcosmo, uma representação da Bíblia, das suas verdades e do mundo interior ou espiritual. E conquanto o mundo natural deva ser considerado inferior, inferior e subordinado à Bíblia, o mundo espiritual deve ser considerado nada mais do que uma resposta a essa filosofia bíblica. Desse modo une ele o mundo natural e o espiritual, fazendo do "Verbo" o fulcro, o mediador, o centro e a fonte, de onde procede todo o conhecimento natural e espiritual digno de ser alcançado, e para o qual os dois mundos convergem: de modo que em torno da Bíblia todo o natural, e pode-se dizer, o mundo espiritual gira.

Terei, a seguir, ocasião de recorrer aos principais ensinamentos espirituais deste autor, que, nas suas características proeminentes são substancialmente verdadeiros, embora precisem do mesmo tipo de interpretação que os leve a corresponder aos poderosos movimentos do princípio universal da Mente Divina que ele concedeu à Bíblia, à Natureza e ao mundo espiritual.

§ 152 Já referi a maneira pela qual esses três livros do Novo Testamento foram decididos como canônicos e como sendo a palavra de Deus. Em conexão com o que eu disse sobre este assunto, eu perguntaria: "Por que não eram eles tanto a palavra de Deus quanto outros manuscritos de carácter semelhante - e por que não foram eles recebidos como canônicos no ano 325, quando se reuniu o concílio de dois mil bispos ferozes e exasperados?" Que seja igualmente lembrado em conexão com esta importante investigação, que os bispos estavam tão interessados em fazer prevalecer as suas opiniões teológicas peculiares, que chegaram perto de criar uma arenga generalizada; e mais de mil e quinhentos deles foram, em consequência, desqualificados para votar. Apenas alguns mais de trezentos, junto com Constantino, finalmente permaneceram!

Gostaria agora de propor outra questão, para a qual não estou ansioso por receber uma resposta pessoal, mas desejo que a resposta seja apresentada plena e verdadeiramente ao mundo: "Por que motivo aqueles mil e quinhentos bispos que foram descartados não foram bem qualificados decidir quais livros eram a palavra de Deus, como aqueles que permaneceram? Porque aqueles que votaram se encontravam sob as ordens imperativas de Constantino - de pelo menos não transgredir as regras do conselho. Terá a justiça prevalecido quando o fanatismo imoral, a loucura e a injustiça, tomou posse da mente daqueles bispos?"

Lembre-se igualmente, leitor que, quando você lê a enciclopédia de conhecimento religioso chamada Bíblia, você está apenas a ler um livro declarado a palavra de Deus por trezentos bispos exasperados, e selado pelo seu imperador Constantino! Além disso, reflita que quase outros tantos manuscritos quantos os que se acham agora incorporados no Antigo Testamento foram votados ao martírio! E porquê, ou como, ou por ordem imperativa de quem, deveremos nós acreditar que aqueles que foram salvos constituam mais a palavra de Deus, do que aqueles que foram destruídos?

Encerrarei estes comentários sobre os livros da Bíblia apresentando algumas considerações que devem orientar todo espírito no seu amor pelas muitas verdades e na sua antipatia pelas muitas falsidades que existem no mundo. Quando pela primeira vez fui inspirado a revelar as minhas convicções a respeito da História Primitiva, fui levado a considerar esta importante questão: "Qual será a utilidade de tal livro para cumprir o fim para o qual a humanidade foi criada?

Suponha que cada frase que consta, por exemplo, no *Apocalipse*, seja verdadeira e possa ser verificada na terceira esfera da existência espiritual, que possível uso ou benefício poderá derivar de verdades que são apenas verdades em esferas além da compreensão de qualquer ser humano na terra? É-me claramente impressionado o facto de que os ditos do Apocalipse, assim como os ditos de muitos indivíduos nos dias atuais, podem ser verificados e provados como verdadeiros. Isso, porém, não é evidência conclusiva de que mesmo aqueles que proferiram essas palavras estivessem conscientes da sua verdade ou da sua suscetibilidade de serem verificados em graus mais elevados de desenvolvimento.

Assim, todos os espíritos devem deixar-se influenciar pela indagação: "Que benefício possível uma revelação de qualquer tipo poderá trazer à humanidade na sua esfera rudimentar, quando os princípios apresentados em tal revelação estão além da possibilidade da prática humana? A verdade ou falsidade do conteúdo do Apocalipse não pode, minimamente que seja, acelerar os movimentos da humanidade em direção à meta da felicidade social, ou à elevação das constituições espirituais dos homens a um alto grau de refinamento e conhecimento. Qualquer

coisa que não tenha uso de natureza prática, não vale o espaço que ocupa no mundo; pois todas essas coisas são produtos do equívoco dos homens e, portanto, irreais e impraticáveis. Portanto, a importância de uma verdade deve ser determinada pela investigação quanto ao seu uso e da capacidade que apresente de uma aplicação benéfica.

§153 Em conclusão das observações anteriores que fiz sobre o conteúdo e os ensinamentos da História Primitiva, descobri que será útil inserir algumas observações sintéticas importantes, e recomendá-las ao pensamento e à consideração universais.

1. Quanto à origem das conceções de Adão e Eva, o Jardim do Éden, a Queda do Homem e o Pecado Original. A primeira indicação de tais conceções, encontro nas minhas impressões a respeito dos primeiros habitantes da Terra. Elas não foram objeto de crença nem impregnadas em grande medida senão até várias gerações depois que a tradição foi totalmente estabelecida. Continuou a ser uma tradição durante várias eras, sem qualquer modificação particular, até que finalmente se tornou parte da religião dos Hindus, e especialmente dos Persas, que as redigiram, e preservaram sob a forma de manuscrito. Mal foi pregado ou objeto de crença entre os Judeus até que os manuscritos Persas tivessem sido traduzidos para o Hebraico, durante o seu cativeiro na Babilónia. Depois disso, foi considerado uma alegoria, e muito venerado pelos Judeus e outros, como uma representação simbólica de algo substancialmente verdadeiro: mas quanto ao seu significado, eles nada sabiam.

Ainda assim, a *antiguidade* da tradição sacralizou-o no espírito deles; daí que seja apresentado no livro do Génesis. Desde a sua introdução nesse livro, isso foi interpretado e revestido de toda a seriedade e veneração que deveriam ser devidamente estar associadas às belezas da Natureza, do homem e do céu. Desde esse período, sucessivas modificações desta suposta relação divina tanto têm ocultado a sua simplicidade original da humanidade em geral, que se mostram incapazes, por meio do medo, do pavor e do preconceito, de instituir uma investigação adequada a respeito dos seus reais méritos. Portanto, reside inteiramente no poder daqueles que o apresentam ao mundo para obter crédito, e é inteiramente afastado da massa da humanidade.

2. A conceção de um espírito maligno ou demónio também pode ser atribuída à história interior da humanidade. No início era chamado de *"sopro,"* e era atribuído ao calor e à luz do sol. Isso continuou a ser objeto de crença em várias formas em cada geração subsequente, até que foi sistematizado conforme narrei, quando recebeu o nome de *Shiva*. Este foi promovido, pelos magos da Pérsia, ao cargo de princípio deificado do mal, e foi elevado por Zoroastro a uma posição tão elevada, tão grande e tão poderosa quanto o Criador, na época era chamada de *Ahriman*.

Os primeiros escritores Cristãos não acreditavam que fosse nada mais do que um influxo do mal, ou de um espírito de maldade; que era semelhante à crença da humanidade nos primeiros tempos. E quando os primeiros Cristãos empregaram o termo *Satanás*, eles o usaram de forma descuidada, e não como significando qualquer princípio de existência definido e estabelecido. A mesma coisa foi igualmente designada por *Shaitan*, que é traduzido como "satanás," "diabo," "escuridão," "mal" e por termos indefinidos similares, que não significam em nenhum caso um ser maléfico ou anjo caído, mas representam apenas aquele que interferiu com a sua paz e tranquilidade de espírito.

3. A conceção de um inferno teve origem entre os habitantes da América Central e foi estabelecida por um chefe muito engenhoso e esclarecido. A tradição disso finalmente alcançou a nação Judaica, e foi fortemente nutrida por diversas seitas entre eles, embora por outros tenha sido tenazmente descartada, até que o significado do termo original foi alterado de um local, um abismo ardente, para uma condição de escuridão, sepultura, sepulcro, morte e coisas semelhantes, que são expressas pela palavra Hebraica *sheol* e pelas palavras Gregas *hades* e *gehenna*. Esses termos tinham um significado sinónimo, mas todos eles foram empregados nas escrituras sagradas dos Judeus de uma maneira metafórica, como significando não mais do que os termos anteriormente mencionados. Em nenhum caso essas palavras na Bíblia pretendem significar uma fonte do mal, pecado ou fogueira, como se supõe que significava a palavra "inferno." Esse termo em si, no seu sentido mais estrito, significa ocultação, invisível, escuridão, subterrâneo, abismo, sepulcro e todas as coisas que se opõem à luz da investigação.

4. A doutrina de uma Ressurreição Generalizada e de um Juízo, era objeto de crença entre diversas seitas de Judeus e Persas, há mais de mil e quinhentos anos antes de Cristo, e foi firmemente estabelecida em todo o mundo oriental por Zoroastro, o criador da Bíblia Persa, seiscentos anos antes de Cristo começar a pregar. No Novo Testamento, essas doutrinas de Zoroastro são usadas de maneira simbólica, por Cristo e outros, como representando estados de espírito e várias outras coisas, a fim de que os seus ouvintes, e o mundo oriental em geral, pudessem compreender os ensinamentos apresentados. A ressurreição generalizada e o juízo não são ensinados em uma só das páginas da Bíblia; e mesmo se fossem, esse facto não seria prova da sua verdade, enquanto a Natureza continuar a existir e desdobrar e manifestar as suas leis imutáveis.

5. A conceção da Profecia existia entre os Egípcios e as tribos orientais, muitos séculos antes de o Antigo ou o Novo Testamento existir; e assim a palavra profecia não implica necessariamente, como nem mesmo na Bíblia, o anúncio de uma ocorrência futura, ou a revelação de qualquer coisa prevista por aqueles que eram impressionados a falar ou escrever, e que posteriormente fosse cumprida. Nesse sentido, a palavra "profecia" não tem lugar na Bíblia.

Foi então usada no sentido de termos empregues modernamente, tais como, "falar," "relacionar-se" ou expressar a opinião de alguém; e a frase, "profetize-nos," significava simplesmente "deixe-nos ouvir as suas razões" - "o que pensa?" - "expresse as suas ideias livremente," etc. Portanto, 1 Samuel, x. 5, fala-se de uma escola de profetas que "profetizavam" com diversos instrumentos musicais; "profetizar" significa, neste caso (como em todos os outros) nada mais do que uma execução ou anúncio de qualquer ideia, som, ação ou uma relação de qualquer ocorrência tradicional. Nos dias modernos, os comentaristas supõem que o termo *profecia* tenha sido empregado para expressar conhecimento (derivado da inspiração) de alguma grande ocorrência que ocorreria no futuro. Consequentemente, eles mudaram o termo do seu significado original para uma significação que ele nunca teve a intenção de encerrar.

Quando os escritores do Novo Testamento citavam os escritos do Antigo, eles meramente apelam a expressões que parecem aplicáveis a ocorrência que eles registavam, da mesma forma que um autor de hoje citaria uma frase de Homero, Cícero, Xenofonte, Confúcio, Pope, ou qualquer escritor poético ou teológico, usando uma linguagem que parecesse corresponder ou comprovar as ideias que ele poderia estar a expressar. Portanto, eu afirmo positivamente, sem entrar nos detalhes da evidência, que o termo *profecia*, no seu significado original, se aplica apenas ao mero acto de expressar ou anunciar pensamentos ou ideias; e em nenhum caso era usado para representar um pré-conhecimento de uma ocorrência futura.

6. O termo Expiação é uma expressão inteiramente fabricada, que não tem qualquer relação com os princípios puros e reformadores de Jesus ou de qualquer outro ser bom e filantrópico. É impossível a qualquer espírito conceber qualquer propriedade na sua presente aplicação.

7. Os termos "Fé" e "Regeneração" são termos sugeridas por princípios previamente assumidos de forma injustificada. Consequentemente, eles se aplicam apenas a um sistema de invenção do homem, mas não à grande constituição de uma criação divina, da qual o homem é uma flor e uma organização perfeita.

§ 154. Assim, descubro que as opiniões do mundo com respeito a Adão e Eva, ao jardim do Éden, à queda do homem, ao diabo, ao inferno e a muitos outros assuntos mencionados na Bíblia são mais ou menos mitológicas e parabólicas, e eram tradicionais entre os habitantes orientais até serem introduzidas, de uma forma bastante modificada, nos escritos da História Primitiva, onde agora é suposto por muitos bons espíritos, mas mal orientados e incultos, serem as ideias reveladas daquela Grande Essência Divina, cuja própria vida anima o homem e a Natureza, e faz de todas as coisas um grande, sublime e harmonioso Sistema!

Assim, descubro igualmente que as opiniões com respeito a uma ressurreição generalizada e juízo são igualmente mitológicas no sentido mais estrito possível - e não contêm a mais pequena partícula de verdade útil ou substancial e, portanto, não

podem ter a tendência de elevar e purificar a raça. A conceção original da Trindade surgiu dos três supostos seres chamados Parama, Vishnu e Siva, que não são nem mais nem menos do que o que alguns teólogos chamam de "Pai," "Filho" e "Espírito Santo." Essa trindade não foi estabelecida no mundo até que os sacerdotes Egípcios do Sol e os magos Persas promoveram os três seres a um grau de potência superior ao que possuíam originalmente; e a conceção foi apreendida por Zoroastro, que imediatamente os converteu em três seres unidos, iguais e infinitos em poder, e iguais em essência e constituição.

Posteriormente, eles foram introduzidos nos escritos sagrados dos Judeus, ou na Bíblia, mais como representação simbólica do que como doutrina real a ser ensinada e objeto de crença. Mas o credo de Atanásio erigiu deles três deuses infinitos, iguais aos de Zoroastro. Nesse sentido eles são denominados "Pai, Filho e Espírito Santo"; e é dito que o Pai é infinito - o Filho é infinito - o Espírito Santo é infinito: contudo, estes não são três, mas um. Mas, desde logo, as pessoas que se acham familiarizadas com o cálculo aritmético perceberão que isso é uma violação de todas as regras numéricas: pois três em nenhum caso pode ser considerado um, nem um pode ser igual a três. Portanto, o credo neste particular deve transcender toda a razão comum! Pode-se ainda observar que três Infinitos não podem existir, porque Um Infinito compreende o Todo. E se um ser for maior do que outro, então o credo deve ser falso - contudo, tal conclusão pode interferir na tranquilidade daqueles que atualmente depositam confiança na sua verdade.

A doutrina da trindade derivou, pois, da conceção inicial de três seres originais que se supõem tenham tido parte na criação da terra e do homem - sendo a terra, naquela época, considerada o centro de todo o Universo. Mas, conforme percebo claramente a origem dessa doutrina, não hesito em declarar que é estritamente um mito; e não é tornado mais sagrada ou digna de veneração por a fantástica conceção original nos dias modernos ter sido perfeitamente sublimada. Além disso, sinto-me satisfeito por estar em condições de apurar que todas as coisas na Bíblia que não são históricas, são, com poucas exceções, inteiramente alegóricas e mitológicas, e não valem o tempo que foi empregado na sua investigação por tão vasta quantidade de teólogos bons e justos que poderiam ter sido muito melhor empregues e assim merecido e recebido a gratidão e a aprovação de uma raça aprimorada e beneficiada.

Eu não desço ao detalhe para coletar provas externas das aparentes meras afirmações que foram feitas; pois isso não seria compatível com o uso e o objetivo dessas revelações concernentes às leis e exigências da Natureza.

Mas que fique bem claro que sou impressionado a manter a responsabilidade das declarações aqui apresentadas; e num período futuro eu irei descer às minúcias dos diversos assuntos generalizados neste livro, com o único propósito de apresentar uma enciclopédia incontestável na qual toda conceção irreal e errónea possa ser exibida na sua luz adequada, e na qual possam ser estabelecidas todas as verdades

importantes que atualmente não são conhecidas ou compreendidas pela humanidade em geral. *

* Diversas vezes durante o período em que este livro estava em processo de ditado, o autor incidentalmente observou em substância, que, visto que este trabalho se destinava apenas a estabelecer princípios gerais, seria inapropriado entrar em minúcias; pois isso não seria apenas aumentar este volume a um tamanho irracional, mas desviar a mente dos leitores de questões mais significativas, importantes e essenciais, por uma multiplicidade de particularidades que, verdadeiras ou falsas, podem ser de pouca importância, até que as grandes verdades gerais sejam devidamente estabelecidas, as quais constituem o fundamento de todos os particulares e a base de todo o raciocínio verdadeiro.

Observar-se-á que, nas páginas anteriores, o autor promete uma revelação ou discussão das particularidades de várias coisas, as quais, afinal, não são posteriormente mencionadas neste livro. As impressões proféticas que recebia deram-lhe a conhecer que ele deveria ser o instrumento da revelação ao mundo das coisas às quais se referia; mas de acordo com as explicações que ele apresentou nas páginas anteriores, tais impressões não tomam conhecimento dos *tempos* nem *circunstâncias*.

Ele não sabia, pois, que questões específicas na sua revelação proposta deveriam ser incorporados neste livro, e o que deveria ser reservado para outro, até que este livro fosse concluído. Ele nem mesmo professava saber quando o livro seguinte seria comunicado: mas diz que sabia que seria inspirado a iniciá-lo no momento adequado e que seria apresentado ao mundo assim que fosse necessário. Ele prometeu-nos no livro seguinte uma discussão mais completa e minuciosa de todas as questões importantes introduzidas neste, particularmente dos assuntos de cosmogonia, geologia, arqueologia, etnologia, linguagem, mitologia, hagiografia, teologia e as esferas espirituais.

A estrutura do Universo, por exemplo, será mais particularmente desenvolvida à visão mental, e cálculos com relação a distâncias, magnitudes, números, períodos, etc., serão introduzidos. Além disso, as leis da aglomeração nebulosa e do movimento planetário serão explicadas em mais detalhes; os habitantes dos planetas do nosso Sistema Solar, mais as suas instituições e costumes, serão descritos mais minuciosamente; e outros assuntos serão ampliados de maneira semelhante. Também os detalhes do novo Sistema Social proposto na terceira parte deste livro (e que é o grande objetivo de todo o trabalho), serão então apresentados, e todas as outras regras necessárias serão "estabelecidas, cuja observância se destinará a assegurar o estabelecimento permanente do reino dos céus na terra.

§ 155 Em conclusão das minhas observações sobre a Bíblia, falarei historicamente sobre a sua origem e formação. Observe-se primeiro que muita veneração é atribuída à palavra *Bíblia* - mais, na verdade, do que deveria ser atribuída a uma grande parte

do seu conteúdo. A palavra *Bíblia* significa meramente um livro. É derivado do Grego *biblos*, que significa a casca macia de uma árvore sobre a qual os antigos escreviam as suas ideias. A isto foi subsequentemente prefixada a palavra *"sagrada,"* termo empregado pelos Judeus para expressar *excelência*. Assim, os termos "Bíblia Sagrada" podem ser traduzidos como *"excelente casca macia";* e então o mundo entenderia o seu significado original.

Os livros que compõem o Antigo Testamento foram originalmente redigidos por vários autores Judeus e Egípcios. Cada livro leva o nome do seu escritor, à exceção dos livros de Génesis, Reis, Crônicas, Jonas e uma parte dos Salmos. Estes foram originalmente escritos em casca macia, folhas de palmeira, pedras macias e impressionáveis, e várias composições, entre as quais aquelas com as quais os Egípcios faziam as suas figuras hieroglíficas e trabalhos em cornija, como eram exibidos no interior dos seus templos e do templo de Salomão. Existiam muito mais manuscritos do que os que foram preservados, ou aqueles dos quais qualquer conhecimento pode ser obtido nos dias atuais. Os manuscritos que compõem o Novo Testamento foram produzidos e preservados de modo semelhante, e todos eles foram coletados cerca de trezentos anos depois de Cristo.

Houve, no entanto, antes de Cristo, um concílio de rabinos Judios, no qual foi decidido que todos os manuscritos de carácter sagrado e tradicional que pudessem ser encontrados na posse de qualquer nação deveriam ser imediatamente coletados. Naquela época, o interesse por manuscritos de carácter sagrado era tal que jamais encontrou paralelo, exceto num período subsequente, quando passou a existir uma mania real sobre o mesmo assunto, e cujo período foi distinguido por alguns escritores como o era da *bibliomania*. Os Judeus conseguiram coletar uma enorme quantidade de escritos, que preservaram por vários séculos. A esses foi acrescentada uma coleção de cerca de cinquenta evangelhos, ou livros relativos a Cristo e aos apóstolos, juntamente com outros registos históricos e sagrados. Alguns deles podem agora ser vistos no Novo Testamento. Elas foram assim preservados até o ano 325, quando sob o comando de Constantino dois mil e quarenta e oito bispos se reuniram em Niceia.

Caberá observar a esse respeito que esses bispos nada mais eram do que seres humanos organizados, e não eram suficientemente refinados para ser merecedores de elogios muito elevados. Depois de se reunirem, eles mostraram-se tão violentos e vociferantes que, se não fosse pela presença do imperador, ter-se-iam envolvido numa batalha declarada. Porquanto cada um deles abraçava fortes preconceitos em favor de certas doutrinas peculiares, e todos estavam tão ansiosos por que as suas pré-convicções prevalecessem, que a justiça e a pureza foram inteiramente excluídas dos seus procedimentos e ficaram tão longe das suas deliberações quanto a mitologia está das verdades da Mente Divina.

Constantino foi obrigado a desqualificar mil setecentos e trinta bispos de ter voz na decisão de quais livros eram e quais não eram a palavra de Deus: e de todos sobraram apenas trezentos e dezoito. Estes decidiram que os livros que compuseram a Bíblia, conforme posteriormente conhecida, eram a palavra de Deus. Vários livros, entretanto, desde então foram rejeitados. Dos cinquenta evangelhos então existentes, eles decidiram que somente os de Mateus, Marcos, Lucas e João eram dignos de ser preservados, e rejeitaram inteiramente os livros de Tiago, Judas e o Apocalipse. Após essa decisão, Constantino levantou-se e declarou solenemente que tal deliberação deveria ser considerada como sancionada pela Vontade Divina; e que os livros assim fixados deviam, a partir de então, ser implicitamente objeto de crença como a palavra de Deus. Aqueles manuscritos que foram rejeitados (entre os quais estavam três evangelhos bem escritos) foram devotados às chamas.

Nesta condição geral a Bíblia permaneceu até o ano 633. Durante o intervalo houve frequentes convocações de concílios, que frequentemente anulavam as decisões uns dos outros — cada qual estabelecendo novas proposições e aprovando novas regras a serem observadas até a assembleia de outro concílio. Assim foram produzidas, de tempos a tempos, modificações na forma da Bíblia, bem como na quantidade de livros que deveriam ser considerados que deviam compô-la.

No concílio de Toledo, no ano 633, os livros de Tiago, Judas e o Apocalipse de São João foram recebidos no cânone. Então, o Antigo e o Novo Testamento foram estabelecidos quase da mesma forma em que existem nos dias atuais. Entretanto, eles continuaram, durante muitos séculos inacessíveis e desconhecidos da massa da humanidade; e não foi senão até o século XIV que a primeira versão em Inglês foi produzida. Durante o período intermédio, partes da Bíblia foram copiadas para os idiomas Alemão, Dinamarquês e Saxão. Mil anos se passaram após o concílio de Niceia, antes que a Bíblia se tornasse amplamente conhecida; e provavelmente teria caído no esquecimento se a arte da impressão não tivesse sido estabelecida nos séculos XIV e XV. Isso imediatamente proporcionou um meio pelo qual aqueles que estavam ansiosos pela sua circulação e por fazer prevalecer as suas doutrinas pudessem realizar os seus anseios.

É bem sabido, no entanto, que os sacerdotes da Igreja Católica Romana mantiveram isso, o que pode ser chamado de "excelente casca macia" na sua posse pessoal, e estavam muito ativamente empenhados em promulgar as suas doutrinas para o mundo, muitos deles acreditando seriamente que esses escritos foram inspirados. Eles acreditaram que eles próprios eram os apóstolos designados dessa grande fé; e ensinaram os seus seguidores a considerá-los como instrumentos para perpetuar o poder apostólico, a sabedoria profética e o ensino celestial. Por conseguinte, reivindicavam o poder de curar os doentes e de serem autorizados a

conseguir crentes, se não pela pregação, mas pela espada, pela estaca, pela tortura, ou de maneira mais honrosa, pelas suas sagradas inquisições! Assim, essas doutrinas continuaram a prevalecer até que surgiu um reformador.

E gostaria de observar aqui que, se o papa estivesse disposto a conceder a esse reformador satisfação de um simples pedido, a Reforma não teria ido longe ou interferido em qualquer extensão com a santidade do Catolicismo. Mas pela ocorrência de uma simples circunstância, este dissidente ou protestante foi alçado, e conseguiu estabelecer a sua causa por uma decisão peculiar de carácter e perseverança, que brotaram mais da ira e da indignação do que de uma solene convicção da justiça do trabalho em que estava envolvido. Assim surgiu o primeiro reformador (Lutero), que protestou abertamente contra as iniquidades do sistema religioso então predominante.

Depois dele surgiu outro, que diferiu ligeiramente da fé e do credo do primeiro, e interpretou, de acordo com as conceções que tinha da verdade, os ensinamentos dos oráculos sagrados admitidos. Esse conseguiu igualmente estabelecer a *sua* amada fé, que em certos aspetos é verdadeira, especialmente naqueles relacionados com o conhecimento e sabedoria da Mente Divina, no seu desígnio original e predestinação. Mas que ele estava errado em alguns aspetos é claro para toda mente esclarecida.

Assim, Lutero e Calvino abraçaram doutrinas essencialmente diferentes da religião há tanto tempo estabelecida, tão tenazmente crida e tão engenhosamente promulgada pelos padres Católicos. Desde a época de Lutero e Calvino, muitas modificações significativas foram feitas nas opiniões, regras, costumes, ordenanças, cerimônias e organização eclesiástica Cristã, e estas têm operado de forma mais eficaz na destruição da harmonia e paz da humanidade, e em lançar um manto de sectarismo sobre o mundo que é quase o último indício da morte e sepultamento da inteligência racional!

O mundo inteiro, física, moral e espiritualmente, parece-me neste momento como imerso nas águas escuras e turvas do sectarismo, nas quais a luz da razão e da verdade divina mal lança um raio de alívio! O todo é sombrio, desolado e desagradável. O homem, é verdade, é o senhor da criação, a flor da natureza; mas, infelizmente, quão mal ele sustenta a sua posição e quão humilhante é reflectir sobre o estado atual das suas posses mentais!

§ 156 Assim, leitor, você acredita num livro como sendo a palavra de Deus, que foi votado por trezentos e dezoito bispos, e selado como verídico pelo imperador Constantino! Entende, agora, a origem e formação do que é chamado de "Bíblia Sagrada," que significa excelente casca macia. Entende, agora, como aquilo que

pode se orgulhar da antiguidade pode assumir o fundamento de ser sagrado e como, sendo defendido por uma multidão de promulgadores interessados, pode desafiar os anseios das suas ideias de serem livres e reduzir a nada todas os suas tentativas de investigação. Agora será capaz de ter em mente que o Hindu tem uma Bíblia que ele venera tanto quanto você. Assim também o Maometano e o Persa. Cada qual igualmente impelido pelo preconceito e afeição hereditária, indagará,

"Se nos privarem da nossa Bíblia, o que teremos em seu lugar?" Prezado leitor, existe um Livro em que as belezas e as verdades divinas são inesgotáveis; um livro repleto de textos que nenhum sacerdote ou teólogo Egípcio, Judeu, Persa ou Hindu pode falsificar; um Livro que não pode ser ocultado — cujas doutrinas não podem ser objeto de má interpretação e cujos resultados serão pureza, virtude, moralidade e retidão celestial; um Livro do qual o mundo inteiro pode derivar consolo indestrutível e aprender sobre aquela Essência Divina que é a Causa e o Pai da existência humana. Desdobrará ao mesmo tempo a grandeza indescritível das suas moradas celestiais, cada uma das quais será apenas uma esfera ou degrau na grande e magnífica galeria que conduz à Flor da Beleza Celestial, cuja fragrância é a perfeição de um Universo imutável.

Perguntará, então, o leitor, o que lhe será dado em lugar de um livro material, composto de papel e impresso por tipografia, quando um Universo estiver aberto às pesquisas da sua mente aspirante? Certamente nada pode ser mais irracional do que as alegações supersticiosas que existem no mundo sobre os ensinamentos de um simples livro, que podem ser alterados de mil maneiras ao passar pelas operações de uma prensa! Mas existe um Livro que ensina pureza, moralidade e imortalidade, e demonstra a beleza do Grande Criador - um Livro, que é igualmente tão indestrutível e invariável quanto a constituição e as qualidades divinas da Natureza.

Tenho apenas mais algumas observações a propor sobre a Bíblia, que são as seguintes: Ela não ensina aquela moralidade pura que pertence à natureza do homem e que resultará de uma condição superior da raça. Desta observação devem ser excetuadas algumas expressões acessórias que dizem ter sido usadas por Jesus - como a "Regra de Ouro" - que foram amplamente ensinadas seiscentos anos antes, por Confúcio, o filósofo Chinês. Mais uma vez: ela não prova a imortalidade; nem ensina as poderosas verdades contidas nas sucessivas esferas ou graus da existência futura. Tampouco apresenta qualquer prova substancial da passagem desta condição rudimentar, para um grau superior de organização material e física; ou, por outras palavras, não demonstra uma ressurreição rumo a uma vida futura.

Tampouco apresenta uma conceção adequada da constituição, carácter, grandeza, omnipotência e majestade da Mente Divina. Nem faz justiça às suas obras, exceto naquelas meditações sobre as quais comentei até agora. Tampouco contém uma

prova substancial de uma lei invariável sobre a qual fundar uma esperança de ser regenerado ou de ascender a uma esfera de existência mais perfeita e harmoniosa. Tampouco ensina aquela sagrada virtude, moralidade e refinamento, que deveria receber o nome de religião.

Este termo religião, porém, é bastante inexpressivo e necessita, para ser compreendido, de uma breve definição. O termo *ligo* é uma palavra do Latim que significa atar ou amarrar. *Re*-ligo significa religar ou amarrar de novo, e tornar ainda mais forte. Ao se anexar o *n*, forma a palavra religião, que significa ligar e religar, e tornar seguro. É bom que se diga que, entendido nesse sentido, desempenhou o seu cargo com mais eficácia. Pois o termo "religião," de facto, implica pouco mais do que estar sagradamente ligado ao *sectarismo*. A palavra usada pelos comentaristas é muito potente e muito expressiva; e poderá ser visto por essas observações que é *bastante aplicável*.

Assim, a "História Primitiva" é útil como uma história da mitologia, teologia antiga, divindades falsas e imaginárias - como contendo relatos de guerras, pestilências, perseguições, desolações de cidades, falsas profecias, longas e tediosas expedições, os mais injustos assassinatos, homicídios, adultérios, abominações, provações, aflições, imaginação, fantasmas, rebelião; como apresentando informações sobre costumes orientais, expressões, ordenanças, preconceitos, guerras religiosas, martírios e todos os tipos de injustiça, imoralidade e injustiça. Visto à luz de uma *história*, digo, os seus escritores devem ser respeitados e seu conteúdo preservado. Mas enquanto livro teológico não deve ser lido; pois não contém nenhuma doutrina absoluta - e todas as doutrinas que deveriam ser ensinadas nele, são apenas as falsas interpretações dadas por diversos comentadores de todas as eras desde que o livro foi compilado para uso exclusivo dos adeptos do Catolicismo.

Das *falsificações* resgataria os ensinamentos que encerra. Portanto, digo que o livro é bom como um história, mas não teria feito o menor dano no mundo, se não tivessem sido dadas interpretações forçadas do seu conteúdo, e não tivesse sido defendidas reivindicações em seu nome a uma sacralidade que não reivindica para si e, como posso dizer positivamente, intrínseca que não possui.

Mas pode surgir a objeção de que algumas tribos e nações da terra não saibam nada sobre esse livro e, ainda assim se revelarem míseras, ignorantes e desprezíveis ao extremo. A resposta a isso será dada e compreendida a seguir na terceira parte, ou na Aplicação, desta parte do trabalho.

SOBRE JESUS

§ 157. Passo agora a dar uma história verdadeira de Jesus, desde o seu nascimento até a sua morte, e a expor as causas de tantas palavras injustas contidas no Novo Testamento a respeito dele e de outros. Em Nazaré, na Galileia, morava uma família, mas pouco conhecida do mundo ou dos habitantes da cidade em que residiam. O pai, cujo nome era José, era um mecânico muito ativo e trabalhador. Ele era entalhador e escultor, e dedicava-se com frequência a vários ramos da carpintaria. A companheira dele, Maria, era uma mulher muito amável e bondosa. Viviam eles em geral desconhecidos, por causa do retiro doméstico e amor pela quietude que permeava um lar tranquilo e feliz. Eles não possuíam nem afeição pela literatura, nem pelo estudo de qualquer ciência ou filosofia que então fosse cultivada entre os habitantes, derivada dos Gregos e de outras nações esclarecidas. Foi nesta família que nasceu aquele pequeno personagem sobre cujo nascimento, vida e morte, tantos relatos maravilhosos foram escritos.

Não muito tempo depois do seu nascimento, José e a esposa foram deserdados da casa que ocupavam, por causa de um relato desfavorável que veio a público, por meio de algumas pessoas intriguistas e maliciosas. Antes de deixarem a casa, porém, José sonhou que seria apropriado que ele e a família viajassem para o Egipto. Antes dessa jornada, uma circunstância necessária forçou Maria a colocar o filho numa manjedoura, onde, conforme me é claramente impressionado, ele não ficou mais de quarenta minutos. Não sabendo mais o que fazer, José obedeceu à sugestão do impressionante sonho que teve e partiu para o Egipto. Não levou muito tempo a que um alívio oportuno fosse obtido para eles, o que induziu o seu retorno e o estabelecimento de novo confortavelmente na sua habitação anterior.

É bom que todos tenham em mente que os sonhos eram considerados naqueles dias algo mais do que a operação dos elementos e imaginações da mente, e em especialmente que as sugestões desses sonhos eram altamente impressionantes, pelo que eram obedecidas como a voz de um anjo da Mente Divina. Isso é relatado no Novo Testamento, de maneira verídica; e o relato dado está correto, à exceção da interpretação que era dada a tais ocorrências simples, pelas pessoas em geral e especialmente pelos redatores dessa história.

Mas o Novo Testamento deixa dois abismos na vida de Cristo, que são de grande importância, visto que são períodos da vida humana que tanto quanto qualquer outro requerem atenção. Mateus e outros falam do seu nascimento e depois ficam em silêncio até que o apresentam à presença de doutores e filósofos eruditos, no templo. E nenhum relato é feito sobre ele depois disso, de novo, até que ele completasse trinta anos de idade; altura em que se diz que terá iniciado a pregação. É claro que desde o nascimento até a idade de doze anos, assim como dos doze aos trinta, muitos acontecimentos importantes podem ter ocorrido, dos quais o mundo, por meio desses historiadores sagrados, não obtém o menor indício. Depois que José

regressou com a família, todos os seus assuntos seculares e domésticos se tornaram agradáveis e fáceis; e ele viu igualmente a sua condição restaurada no seio da sociedade e amado como um cidadão digno.

Nenhuma impressão particular corria entre os habitantes a respeito do seu jovem e belo filho, exceto que ele era no geral admirado pela perfeita simetria da forma e estrutura cerebral que tinha.

Não me é apresentada nenhuma ocorrência como a ordem que Mateus reportou como tendo sido emitida por Herodes. Mas à medida que prossigo, a origem desse relato aparece de forma distinta. A criança recebeu o nome de Jesus - um nome que era ocasionalmente usado, mas raramente admirado, por causa da associação na mente com o suposto espírito de uma divindade Egípcia, muito adorada pelos sacerdotes do Sol e mencionada em várias partes do mundo segundo livro de Reis. A constituição física dele era lindamente proporcionada e ele possuía uma beleza correspondente em termos de faculdades mentais.

A organização geral dele era realmente notável, visto que ele combinava a perfeição da beleza física, dos poderes mentais e realizações refinadas. Em geral, ele foi amado durante a juventude pelo grande poder de discernimento, sede de conhecimento e disposição para investigar as causas dos fenómenos mentais, das condições da sociedade e das manifestações visíveis da natureza que apresentava. Era igualmente muito amado pela pura simpatia natural que tinha por todos os que padeciam de aflição física ou mental.

A benevolência e amor que expressava para com todos sem distinção, o desejo constante de companhia daqueles que eram considerados bons e justos, o marcado respeito e afeto que sentia por aqueles que eram muito mais velhos do que ele, as visitas constantes que faia àqueles que requeriam alívio das aflições que os acometiam e as palavras amáveis de consolo que proferia àqueles que enfrentavam a depressão por doenças ou circunstâncias sociais infelizes - tudo contribuiu para o tornar num objeto de amor e afeto geral. Essas eram as peculiaridades que o distinguiam de todas as outras pessoas vivas à época.

É verdade que com a idade de doze anos foi admitido na presença dos doutores e eruditos. Lá ele manifestou alguns dos seus poderes de discernimento, filosofia interior e natural, amor inocente, simplicidade de expressão, disposição amável e simpática e benevolência universais. Isso ele exibiu com toda a naturalidade e espontaneidade resultantes dos sussurros de um princípio espiritual incorrupto e organizado com base na pureza. Ele respondeu às perguntas pertinentes que lhe lançaram com grande benignidade, prontidão e liberdade de conceção e expressão. O que mais surpreendeu os médicos foi a demonstração das conceções filosóficas e

poderes matemáticos dele - todos combinados num sistema perfeito pelo elemento penetrante da mente dele, que era AMOR.

§ 158 Eu gostaria que o leitor entendesse a razão pela qual essas coisas deveriam ser esperadas e foram manifestadas por ele. Relatei que Jesus era perfeitamente constituído, tanto na sua organização física quanto espiritual. Sendo este o caso, as faculdades mentais dele logo se desenvolveram a um grau que transcendia até mesmo as capacidades daqueles filósofos em cuja presença ele demonstrou as suas maravilhosas aptidões mentais. Ainda hoje existe um jovem cuja mente se desenvolveu prematuramente de maneira similar, especialmente as faculdades de perceção e causalidade, e os poderes de cálculo matemático que possui. Ele reside em um dos estados do leste - e já está a surpreender os doutores de erudição os e filósofos com os seus poderes astronómicos e matemáticos.

Frequentemente surgem pessoas que têm uma ou mais das faculdades mentais inteiramente desenvolvidas enquanto ainda estão num estado juvenil. Muitos possuem igualmente o poder de perceber substâncias materiais ou cores, ou de ler sem empregar os órgãos naturais da visão. Outros são capazes de ter as faculdades interiores da mente abertas ao serem lançados numa condição anormal (transe mesmérico), o que alivia a mente de grande parte da sua pesada obstrução e a adequa para o influxo de conhecimento superior. Atualmente, esse facto está a chamar a atenção de muitos doutores e filósofos observadores da região.

Aquando jovem, e especialmente na idade de doze anos, Jesus possuía todas aquelas aptidões superiores que muitos mal possuem quando o seu íntimo é expandido pela moderna descoberta da manipulação. Por isso descubro que ele se tornou notável, por causa dos seus poderes de discernimento superiores e altamente refinados, juntamente com a amabilidade, bondade e doçura de disposição que demonstrava. Depois de ter manifestado os seus maravilhosos poderes aos doutores instruídos neste caso, ele não mais cortejou a presença deles e viveu principalmente entre os seus irmãos, gastando grande parte do seu tempo a visitar os habitantes enfermos, deprimidos, desconsolados e sofredores em várias porções da região.

Ele parecia possuir um conhecimento intuitivo das propriedades medicinais das plantas, das substâncias minerais e animais - do seu uso e do período e maneira adequados à sua aplicação na cura de diversas doenças. Essa qualificação, entretanto, ele adquiriu-a durante o período que decorreu dos quinze aos trinta e três anos. Ele também possuía um grande *poder lenitivo físico* sobre as forças desordenadas ou desconcertadas do sistema humano. Isso devia-se aos dotes físicos superiores que possuía. Daí que tenha sido relatado em vários lugares do Novo Testamento que ele impunha as mãos sobre as pessoas e elas eram curadas.

No alívio da paralisia, ele dizia: "A tua fé te curou: levanta-te, arruma a tua cama e anda." Também é dito que ele colocava areia molhada ou argila sobre os olhos dos cegos e, assim lhes restituía a visão. E em vários outros casos ele é representado como tendo feito uso de meios físicos para produzir as curas que os seus biógrafos e outros denominam insignificantemente de *"milagres."*

A razão é clara por que aqueles historiadores sagrados empregaram expressões tão misteriosas e ambíguas - expressões que frequentemente violentavam o julgamento humano ao transmitir ideias que a razão nunca pode sancionar. Foi impressão geral, depois que ele se tornar tão conhecido pelos seus múltiplos atos benévolos e caridosos, que ele deveria ser movido pelo Espírito do Deus de Abraão, Isaque e Jacó, ou pelo Maligno, que a sua imaginação havia promovido a igual grau de omnipotência. Finalmente, tornou-se crença tão generalizada que ele era movido pelo primeiro, que o designaram pelo título de "o Filho de Deus." Então os ignorantes e desinformados curvaram-se em trêmula veneração à mera menção do nome de "Jesus, o Filho de Deus," embora muitos deles nunca o tivessem visto.

Os habitantes daqueles dias eram sobremodo inclinados a extremos de fé e incredulidade. Se uma qualquer teoria, princípio ou filosofia particular lhes fosse apresentada à consideração, eles estavam acostumados a adotá-la ou a combatê-la violentamente. Foi assim que a maioria dos Judeus chegou a *desprezar* Jesus, enquanto outros *adoraram-no* e acreditaram em todas as maravilhas que haviam sido relatadas sobre ele. É bom observar que Jesus nunca professou ser o que eles o fizeram dizer que era. Era um ser generoso, afável e modesto, rejeitado por muitos por seus traços superiores e benévolos, e igualmente querido por aqueles a quem imediatamente beneficiava com os sorrisos da sua bondade e o seu poder calmante.

Frequentemente, durante a sua juventude, assim como depois de atingir a idade adulta, pregou com o propósito de consolar e instruir multidões daqueles que estavam deprimidas em espírito e desafortunadamente situados no mundo. Uma dessas belas lições de consolo e exortação vem registada nos capítulos quinto, sexto e sétimo de Mateus - onde, com toda a simplicidade de uma disposição confiante, ele consola a multidão dizendo: "Felizes os que choram, porque serão consolados; felizes são os pobres de espírito porque eles verão a Deus; felizes são os pacificadores, porque 'herdeiros são do reino dos céus'; e da mesma maneira ele procede com as suas expressões de bondade e de todos os sentimentos que podem ser esperados da atividade de uma mente tão bem constituída. Na sua pregação ele empregava os termos então em voga, e professava ser nada mais do que um mestre de amor puro e não adulterado, assim como um simpatizante geral de todos os que precisavam de alívio, consolo e simpatia.

Sinto-me extremamente atraído pela pureza da sua vida, disposição, ensinamentos e espírito de reforma. Ele viu distintamente e percebeu plenamente a infeliz situação dos seus semelhantes; e ansiava pelo tempo vindouro em que haveria um novo céu e uma nova terra, onde viria a haver justiça. Ele ansiava pelo predomínio de uma harmonia geral de interesses e ações tal que juntasse toda a raça da humanidade. Ele desejava que a prudência e a diligência reinassem em toda esta esfera material, de modo que a mata pudesse florescer como a rosa, e o deserto florescer com uma beleza sorridente e convidativa. Assim, ele deleitava-se em contemplar o estabelecimento da Sião espiritual - o grande Templo do Conhecimento e da Justiça, de quem se fala com tanto sentimento e é tão sinceramente desejado por aquele bom e digno escritor Isaías. Tais são os anseios de todos os seios de natureza filantrópica. Tais são as aspirações daquelas mentes exaltadas que contemplam a raça humana como um Todo, e na sua benevolência superior não nutrem qualquer egoísmo ou orgulho.

§ 159 Assim Jesus viveu, fazendo o bem aos que vinham e precisavam de ajuda, exortando os que não tinham instrução e pregando às multidões - *não* no templo nem na sinagoga, porque esses lugares eram *puros demais* para os seus atos e a sua filosofia - mas nos montes e à beira do caminho; erguendo assim a sua voz no que já foi chamado de "o santuário da terra expandida e dos céus abertos." Ele ensinava assim por sentir ser um dever imperativo instruir os ignorantes e depositar, se possível, aquele puro espírito de reforma no mundo social que poderia resultar no estabelecimento das belezas da Sião espiritual e no aperfeiçoamento das qualidades de a Árvore da Justiça.

Ele sentiu-se inspirado a pregar o que havia sido concebido anteriormente, para que os homens fizessem aos outros o que gostariam que os outros lhes fizessem a eles; e ele desejava que a influência simples, boa e tranquilizante desse princípio pudesse ser depositada e desenvolvida no seio de toda forma humana. Ele desejava que o dia da retidão chegasse, em que não houvesse mais dor, tristeza nem choro, em que todas as coisas velhas tivessem passado e tudo se tivesse tornado novo. E na realização dos seus desejos, o pecado seria destruído, junto com aquilo que tem o poder do pecado, isto é, as trevas, a ignorância, a tolice, a fantasia, a imbecilidade e toda espécie de sectarismo e filosofia profana.

Jesus continuou a obedecer àquelas benéficas instruções do seu espírito (que passavam por curar os enfermos, visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e pregar a paz na terra e a boa vontade aos homens) até que o preconceito se tornou tão *forte* contra ele que ele se viu incapaz de prosseguir na sua carreira de pureza e benevolência. Ele foi censurado por diversos eruditos e, conforme eles eram considerados, teólogos muito conceituados, e foi perseguido em grande parte pelas

multidões, que estavam irritadas pelas maquinações do preconceito religioso contra ele.

Assim, ele foi capturado, levado perante um conselho de juízes, todos quantos estavam dispostos a condená-lo sem uma audiência, por perturbação da paz, por interferência com as suas crenças religiosas há muito acalentadas, a sua organização social, os seus modos de culto, os seus ritos e cerimónias, as suas longas e altas orações Àquele que eles supunham ser o Senhor de Abraão, Isaque e Jacó, pela alegada blasfémia e por praticar boas ações no dia de sábado. Todas essas e muitas acusações similares foram feitas contra ele; e eles exibiram um espírito de perseguição que em breve será plenamente exemplificado neste século dezanove.

Com base nessas acusações, eles condenaram-no a morrer como um mártir! E como era costume em casos de acusações semelhantes naqueles dias, eles o crucificaram, junto a outros dois que partilharam do mesmo destino com ele. Durante a imposição dessa pena mais que injusta, os Judeus manifestaram o mesmo espírito de vingança sectária e o mesmo desejo de destruição de toda filantropia invasiva e pureza de princípios, que em breve será exibido de novo* Assim será demonstrada a existência precisamente do mesmo espírito que caracterizou os Judeus da antiguidade, e a influência disso há de envolver o surgimento da geração que está a nascer e que há de nascer com a armadura do preconceito, hostilidade e fanatismo!

**(NT: Assim profetizou o autor, em 1845, a erupção da guerra civil que iria dar-se em 1861.)*

Assim, JESUS foi um homem bom, um Reformador Moral nobre e inigualável, considerando-o desligado de todas aquelas coisas injustas que veem registadas a seu respeito no Novo Testamento. Ele não professava ser o Filho de Deus em nenhum outro sentido senão o de um ramo, como todos são, da grande Árvore da Causação universal e eterna. Ele não professava ser orientado nem impelido por nenhum outro espírito senão o do amor divino, cujo germe reside em todos os outros seres não desenvolvidos. E a esse princípio, conforme existe em outros, ele apelou com tanto sentimento, com a finalidade que as suas qualidades pudessem ser reveladas e pudessem avançar até o grau de refinamento em termos de amor e sabedoria então alcançado por ele. Ele foi, pois, UM TIPO DE HOMEM PERFEITO, tanto em qualificações físicas quanto espirituais. Mas aquelas representações que o tornam mais do que isso, eu descubro que são inteiramente *falsas* e expressam apenas o que foi *professado*, mas jamais *por* ele.

Assim, pois, ele morreu como mártir dos princípios da verdade, da razão e da virtude. O mesmo fizeram Mateus, Paulo e outros. E é lamentável refletir que o

mundo tenha sido culpado de tão flagrante injustiça que até mesmo muitos nas gerações subsequentes foram submetidos à tortura, à estaca e às chamas!

Os homens até correram para o campo de batalha, e ali, impelidos pela inveja e pelo preconceito sectário, derramaram o sangue da vida de cada um deles, fazendo com que a Natureza enrubescesse de vergonha pela degradação dos seus filhos! Os irmãos uniram-se uma hostilidade aberta, movidos por nenhuma outra causa senão os elementos terríveis e ardentes da inveja sectária, preconceito e afetação local! Quão terrível, de facto, é a escuridão do pensamento sombrio de que o homem morreu mártir em comparação com as sugestões naturais do espírito interior e dos princípios de virtude, moralidade e amor!

Eu vejo, pois, Jesus como um grande e ótimo reformador; como desligado de qualquer aristocracia maravilhosa ou misteriosa, mas como nascido de pais humildes e criado no seio da sua habitação doméstica; como detentor de inteligência num grau incomparável; como tendo manifestado um amor ilimitado, benevolência e simpatia; como tendo curado os enfermos, como tendo restaurado a visão aos cegos, curado os coxos e visitado os desconsolados nas suas aflições; como tendo pregado amor, moralidade, paz na terra e boa vontade entre os homens; como tendo instruído as multidões nos caminhos da agradabilidade e da paz; e como tendo amado a todos e não tendo deixado de gostar de ninguém. Eu vejo-o como tendo sido condenado, pregado na cruz e morrido como mártir pela causa do amor, da sabedoria e da virtude! Tal é uma das partes do grande monumento que um mundo ignorante e desorientado ergueu à sua própria vergonha e loucura!

§ 160 Passo agora a explicar a origem daquelas declarações injustas feitas com respeito a ele que veem registadas no Novo Testamento. Primeiro, porém, será apropriado introduzir algumas considerações sobre os hábitos, costumes, leis, decretos e estados da sociedade então existente: porquanto deve ficar claro para toda espírito que a linguagem e as formas de expressão são governadas pelos hábitos generalizados, ordens, e pelas circunstâncias de qualquer nação ou sociedade, e que as primeiras são alteradas para corresponder às mudanças das últimas.

Era costume naqueles dias obedecer às sugestões principais de qualquer sonho impressionante, com enorme cuidado. Os sonhos eram considerados, por entre todas as classes, como um influxo dos pensamentos de anjos ou seres invisíveis, que eram monitores e instigadores para aqueles que habitavam a terra. Portanto, eles acreditavam que os sonhos eram induzidos e desígnios de Deus com o propósito de fazer com que os homens obedecessem à sua vontade. Destas coisas já falei em diferentes lugares antes: ainda assim, gostaria de remeter o leitor aos manuscritos mais antigos da Bíblia já que contêm muitas ilustrações com reação a isto. Além disso, era costume escrever ou expressar uma imagem, uma parábola ou

representação como verdadeira, em vez da *ideia* que sugeria a figura ou representação ao espírito.

Além disso, era regra naqueles dias, especialmente entre os Judeus e os Samaritanos, admitir sempre uma proposição ou declaração quando a mesma parecia ser demonstrada pelo apelo a vários factos secundários e conhecidos; e se qualquer narrativa ou proposição diferente fosse apresentada por uma pessoa diferente, ela seria rejeitada sem investigação. Prova disso, remeto o leitor a um trabalho muito valioso escrito por Plutarco, no qual ele diz que, se qualquer pessoa apresenta uma proposição contrariada por outra, a primeira deve em todos os casos ser considerada verdadeira e válida, e a última rejeitada, por não ter sido a primeira apresentada à consideração. Essa, diz Plutarco, era a regra reconhecida pelos estoicos, sempre que eram chamados a investigar relatos ou proposições conflituosas.

Será bom acrescentar que este é precisamente o curso seguido por muitos nos dias atuais. Eles presumem e acreditam que as suas *primeiras impressões*, ou *opiniões hereditárias*, são verdadeiras, e rejeitam todas *as novas, inéditas*; ao mesmo tempo que fazem das suas opiniões anteriores o padrão pelo qual todas as proposições subsequentes devem ser testadas. Portanto, dificilmente será necessário fazer referência aos primeiros historiadores em função da verdade dessa relação, quando a mesma é inteiramente confirmada em todas as áreas do mundo teológico, científico e filosófico nos dias atuais.

Outro costume era considerar a impressão universalmente predominante sobre qualquer pessoa ou coisa, como sendo criada e sancionada pela vontade da Divindade. Essa crença imediatamente desencadeou o carácter prodigioso e a credulidade para um exercício ilimitado sobre qualquer questão que parecesse assim inteiramente sancionada; e isso eles sentiram ser seu dever venerar e promulgar sem restrições. Também era crença predominante naqueles dias, especialmente entre as classes mais baixas, que a terra era o centro do universo, e que as estrelas, a lua e o sol eram apêndices necessários à terra, e que nenhuma outra terra existia além dessa. Com base nisso, eles respondiam com tanta atenção, instigação e orientação quanta a que supunham ser-lhes concedidas pela Deidade; pois eles supunham que ela ocupava uma posição invisível no firmamento com o objetivo de os guiar em todos os caminhos adequados, fossem eles relativos à paz ou à guerra.

Além disso, existiam muitas seitas naqueles dias, cada uma das quais se distinguia por alguma peculiaridade, fosse quanto à fala, à vestimentas, aos hábitos de vida ou alguma outra marca, que servisse em todos os casos para designar e estabelecer a sua exclusividade. Os Druidas* eram conhecidos pela sua peculiar simplicidade de vestimenta e por realizarem as suas reuniões em locais isolados. Os adoradores do Sol, e caracterizados pela torre de Babel e templo de Salomão, distinguiam-se por

usar vestes que indicavam o grau de alvenaria ou de perfeição mecânica a que cada um havia chegado.

Os samaritanos distinguiam-se pelo comprimento das barbas que usavam e pelo estilo em que usavam os cabelos, assim como pelos sentimentos religiosos peculiares. Os Judeus eram distinguidos por seus semblantes, pelas suas roupas e pela marca da aliança, chamada circuncisão. Assim, classes exclusivas foram estabelecidas; e cada nação, e em especialmente a dos Judeus, desejava fervorosamente ser considerada a favorita de Deus - a última classe que afirmava ser descendente de Abraão, Isaque e Jacó, em prova de que a circuncisão era apresentada. Além disso desejavam monopolizar o favor geral supostamente transferido diretamente de Deus para a humanidade na terra.

Tal era a condição das coisas quando Jesus nasceu; e o mesmo continuou durante a sua vida e por muitas gerações após a sua morte. E foi em certa medida devido aos costumes da sociedade - às regras e decretos das nações, e aos modos e hábitos de pensar, que tantas coisas muito misteriosas, injustas e irracionais foram eram objeto de crença, e eram propagadas e escritas, a respeito de Jesus, e das suas manifestações peculiares de energia física na cura dos enfermos, assim como em relação ao seu amor e sabedoria superiores que foram expressos com tanta gentileza, bondade e humilhação. Estou extremamente ansioso por dar a entender à mente do leitor a importância dessas considerações, visto que elas constituem a chave pela qual pode ser desvendado o grande mistério que por tanto tempo encobriu o nascimento, a vida e a morte de Jesus.

** O conferencista observou a propósito, que estes eram da mesma cepa que os Druidas da Gália e da Grã-Bretanha.*

§ 161 Muito tempo se passou depois que Jesus tornou-se conhecido pelos seus ensinamentos morais e atos benevolentes, antes que quaisquer investigações fossem instituídas sobre as peculiaridades do seu nascimento e infância, ou sobre as circunstâncias que os tinham acompanhado. Caberá dizer que as principais investigações e a reunião de factos relativos ao nascimento, vida e ações de Jesus não foram empreendidos senão muitos anos após a sua morte. Portanto, as impressões generalizadas dos seus primeiros seguidores foram assumidas como uma base sobre a qual os seus historiadores e seguidores subsequentes afirmaram a sua fé e doutrina. O relato desfavorável a respeito de José e Maria, até aqui mencionado, deu origem à primeira impressão quanto à ilegitimidade de Jesus. Foi em consequência desse relato que José foi deserdado por um tempo; mas depois que o relato diminuiu, ele voltou para a sua antiga casa e todas as impressões anteriores foram inteiramente apagadas, e nada mais foi pensado sobre o assunto.

Quando as primeiras indagações foram feitas acerca do nascimento de Jesus, a conclusão, que derivou do testemunho superficial, foi a seguinte: Que, por fazer o bem, realizar muitas curas e manifestar grandes poderes de intelecto, Jesus devia necessariamente ser considerado o Filho do Espírito Bom, ou Deus. Em confirmação disso, supunha-se que existisse prova no referido relato; e Maria, a mãe de Jesus, deveria ter concebido, na sua virgindade, pela influência do sopro do Espírito Santo. E soube-se que José tivera um sonho que o levou a partir para o Egipto; e acreditava-se que isso era uma instrução angelical. Jesus, pensava-se, não poderia ter sido tão perfeito quanto tinha sido, sem ter uma origem diferente da dos demais.

E como ele havia manifestado bondade fraternal e realizado atos benevolentes, isso foi considerado evidência conclusiva de que a sua origem deve ter sido *pura*. A conclusão, pois, foi irresistível, que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria e, portanto, era o Filho de Deus. E eles supunham que ele se chamara Jesus por ter sido enviado para salvar o seu povo dos pecados deles. Todas essas coisas foram vistas em retrospeto pela geração que se seguiu à morte de Jesus e foram consideradas evidências inegáveis da sua conceção milagrosa, da sua pureza imaculada e de que ele deve ter sido o Filho de Deus. Tudo isso estava em perfeita harmonia com os preconceitos mentais deles.

Aqui o Novo Testamento deixa a história de Jesus até ele atingir os doze anos. Mas certamente algumas coisas devem ter ocorrido relacionadas com a sua vida durante esse período. Mas os relatos coletados pareceram demasiado grosseiros e imperfeitos para receber sanção canónica; e foram, por conseguinte, rejeitados por causa da sua inconsistência e da maneira doentia em que foram registados. Alguns dos livros rejeitados ainda existem e estão cheios de relatos maravilhosos sobre a infância de Jesus e as peculiaridades que distinguiram toda a sua vida. Algumas dessas histórias não merecem um instante de consideração, na medida em que derivam das impressões fantásticas e exageradas recebidas hereditariamente pelas pessoas que as redigiram.

Entre outras coisas, é relatado que, enquanto Jesus era um garotinho e se associava com outras crianças, as estrelas eram vistas a seguir o seu curso, enquanto os seus companheiros não eram nem um pouco assim honrados; e que a lua parecia traçar e refazer os seus passos, seguindo os vários movimentos do menino Jesus: assim como uma iluminação peculiar era visível no seu semblante, o que haveria de cegar os olhos daqueles que estavam perto dele: e que, enquanto um menino muito pequeno, ele com outros meninos se aproximava dos riachos e da argila humedecida fazia pássaros e outras pequenas formas; e conta-se que as que foram feitas pelos outros meninos permaneceriam inanimadas, enquanto as formadas por Jesus seriam imediatamente animadas e transformadas em belos pássaros! Também é relatado que as sementes que eram depositadas na terra pela sua mão germinavam e cresciam no

espaço de trinta horas até a maturidade plena. Muito também é falado de muitas visões e sonhos que ele teve, tudo quanto tendia a confirmar a opinião de que ele era o Filho de Deus.

O relato sobre a introdução de Jesus entre os doutores eruditos é estritamente verdadeiro, mas só foi escrito depois da sua morte. Todas as coisas realizadas por ele, chamadas de *milagres*, foram relatadas como tal principalmente por aqueles que receberam as tradições daqueles que eram os seguidores imediatos e companheiros de Jesus. Era crença generalizada que ele era o personagem que muitos dos primeiros historiadores e profetas tinham profetizado. Portanto, em vários casos, são feitas citações de seus escritos que pareciam apresentar uma relação imediata ou conexão com as coisas que ouviram dizer sobre o nascimento, a vida e os atos de Jesus.

Os escritores dos livros do Novo Testamento não resistiram à convicção de que Cristo nasceu por via milagrosa; e que, visto que ele realizou tantos milagres, discursou com tanta eloquência, não prejudicou ninguém, mas praticou o bem junto de todos e morreu de forma ignominiosa por sua causa, ele deve ter sido o Filho de Deus - título cuja aplicação está de acordo com o modo geral de expressão e crença. Eles também nutriam a convicção de que ele deve ter sido previsto pelos profetas das gerações anteriores. Portanto, de uma pesquisa de entre os seus escritos, foram encontradas passagens que aparentemente apresentavam uma relação com as circunstâncias proeminentes da vida de Cristo, que eles estavam a registar. Portanto, eles fizeram essas citações com uma convicção séria de que faziam referência imediata às coisas que estavam a relatar.

§ 162 A história das façanhas realizadas por Jesus, dos doze aos trinta anos, foi registada de forma promíscua em diversos livros, alguns dos quais são hoje chamados de Apócrifos do Novo Testamento. Estes relatam mais manifestações milagrosas dos poderes físicos e mentais de Jesus do que os registados no Novo Testamento. No entanto, eles foram escritos mais por ouvir dizer do que por conhecimento real. E é-me impressionado dizer que o relato da ascensão também foi transmitido por outros àqueles que o redigiram, à exceção de um relato preservado em casca de árvore, e dito ter sido escrito por Marcos, que estava presente como testemunha ocular da ocorrência.

Pois deverá ser lembrado que a arte da escrita era então compreendida apenas por muito poucos, e que o papel, a tinta e a arte da impressão eram desconhecidos para eles. Portanto, os relatos impressos em cascas e outras substâncias permaneceriam, em alguns casos, não transcritos por um, dois ou três séculos. Alguns deles foram preservados até que foi inventado uma espécie de papel no qual o seu conteúdo foi transcrito. Muito poucas pessoas sabiam escrever; enquanto a vasta multidão era

somente capaz de transmitir as ideias verbalmente: e o constante fornecimento verbal desses relatos sujeitava-os a constantes modificações. Contudo, a partir das impressões assim tradicionalmente transmitidas, os escritores subsequentes produziram os registos que o mundo possui atualmente.

Ainda mais enfaticamente me é impressionado dizer que o nascimento de Cristo conforme relatado, as histórias correspondentemente inconsistentes da sua juventude, os relatos das curas instantâneas efetuadas por ele, as pretensões que são feitas em seu nome em relação à sua mediação e de ele ser num sentido superior o Filho da Deidade - assim como o relato da sua ascensão literal - são tudo estritamente impressões tradicionais absorvidas e escritas sobre ele, nenhuma das quais é verdadeira conforme são relatadas. É impossível estar em comunhão e possuir conhecimento dos princípios infalíveis e imutáveis da Mente Divina e, ao mesmo tempo, admitir a verdade desses escritos tradicionais. E é-me dado a saber que aquele que acredita plenamente na sua verdade não está em comunhão com as leis, propósitos e Essência da Grande Mente Positiva. Mas aquele que é interiormente esclarecido com respeito a isso, não hesita em declarar, por uma séria convicção do juízo, que tais coisas não podem ser verdadeiras; pois a sua própria natureza exclui a sua possibilidade.

Enquanto sou assim impelido a falar, tenho não obstante consciência de ter suposto essas coisas como verdadeiras, e de ter acreditado nelas com um vasto grau de veneração, se bem que a minha mente, como outras, estivesse emaranhada em opiniões e filosofia sensuais. Contudo, agora com os sentidos externos fechados e os poderes percetivos dos sentidos internos abertos, sou familiarizado com aquelas coisas que na vida externa pareciam mistérios inexplicáveis. Esses relatos históricos, sobre os quais eu em comum com outros, tive impressões misteriosas, agora parecem inteiramente translúcidos até mesmo à sua origem, e comprovação nas mentes da humanidade. E agora me regozijo ao apurar que esta teologia superficial não tem a menor relação com a Essência Divina, ou Grande Causa Criativa, com as suas leis, nem com o grande sistema de mundos materiais e espirituais. E a crença nessas coisas não faz parte da teologia que cada área da Natureza e do Universo demonstra e estabelece de forma inequívoca.

Agora o meu afeto é dirigido inteiramente por aquela sabedoria que descarta uma teologia tão impura e superficial. Contudo, quando eu voltar de novo ao mundo exterior e conheço as coisas apenas por impressões sensuais, também os meus afetos retornarão e controlarão a minha sabedoria superficial; e esses afetos irão imediatamente ligar-me de novo com todas aquelas visões, teorias e filosofias superficiais, que neste momento presente não ocupam posição tangível nas minhas conceções da estrutura do Universo, ou do carácter da Grande Mente Positiva.

Daí que, enquanto me encontro nesta condição, entenda aquilo que se opõe aos atuais afetos dos homens, nas áreas da teologia e da filosofia. Contudo é, não obstante, apropriado - ou melhor, é um dever imperativo - que eu desenvolva o que agora percebo que interfere seriamente em toda a felicidade social e progresso mental. Que se tore, pois, sério esforço de todas as mentes vigorosas, aprender logo a modificar os seus afetos por supostas verdades, de modo que e sua razão, e não os seus preconceitos, possam em todos os casos ser o princípio governante da sua mente. Esses desenvolvimentos logo perderão a sua aparente irreverência e se tornarão imediatamente um veículo para transmitir ao discernimento a verdade e a sabedoria. Terei oportunidade de falar de novo sobre este aspeto quando tratar da constituição física e espiritual do homem; mas de momento é necessário ainda mais confinar a atenção àquelas coisas investigadas até agora.

§ 163 Os homens que são chamados de *profetas* foram reformadores e filósofos com respeito a assuntos relativos aos sofrimentos da humanidade. Portanto, enquanto posicionados entre esses sofrimentos, eles consolavam-se a si próprios e aos outros esforçando-se por esquecer o passado ou considerando-o como um indicador para uma nova e mais desejável era. Os seus escritos são, pois, proféticos com base no mesmo princípio em que todos os raciocínios indutivos o são; e com base nesse princípio, eles anteciparam um dia de diligência humana, de retidão e de conhecimento geral. E como eles estavam sujeitos à tirania de governantes despóticos, o seu espírito buscava refúgio na esperança de que um novo rei dos Judeus aparecesse, cujo reinado lhes desse alívio e mudasse a sua condição física. Daí o rei dos Judeus de quem eles falavam, e a cuja geração Isaías dedicou grande esperança de contemplação, fosse exemplificado no grande reformador, Jesus.

Mas eles não o viram, nem ao *período* distinto da melhoria; contudo, foram interiormente iluminados o suficiente para reconhecer o progresso daquelas leis que, enquanto consequência necessária, introduzir o Rei ou Reformador que eles contemplavam, e que eles tão ardentemente desejavam. Daí que Cristo no Novo Testamento seja chamado de "o rei dos judeus"; mas este último não acreditava que ele fosse o rei previsto. No entanto, os escritores do Novo Testamento supuseram que Cristo deveria ser assim designado e promovido, porque nenhum outro ser jamais vivera entre eles que tivesse exibido todas aquelas qualidades justas e aquelas manifestações de amor supremo que de alguma forma correspondiam às previsões ou impressões das gerações anteriores.

Entendam, pois, que o Novo Testamento foi escrito de maneira a transmitir a impressão de que Jesus era o ser realmente previsto pelos escritores anteriores - em confirmação do que são citadas as palavras desses escritores. Entretanto, lembrem-se de que os homens chamados profetas não conheciam *a* pessoa, nem *o* período, mas tinham conhecimento de *uma* pessoa e de *um* período que, de acordo com o

progresso de todas as coisas, devia inevitavelmente marcar isso. Mas distinto parece que Jesus possuísse aquelas características reformadoras que o conformavam como um homem perfeito; e que ele representa bem o Rei ou Reformador mencionado pelos profetas como sendo a Árvore da Justiça e o fundador da Sião Espiritual. Mas a época em que esses princípios que ele exemplificou se desenvolveriam não foi quando ele viveu, mas há de situar-se no futuro. Mas isso só poderá ocorrer quando a sociedade atingir aquela simetria perfeita de forma e estrutura que foi exemplificada no corpo de Jesus, pois somente então as posses espirituais serão correspondentemente perfeitas.

De acordo com o costume daqueles dias, Jesus enunciava parábolas que pareciam aludir a acontecimentos posteriores que ocorreriam de maneira correspondente à *letra* dessas parábolas. A predição registada em Mateus sobre a destruição de Jerusalém e do templo contém muitas expressões e ilustrações ambíguas. Estes envolvem a profecia num manto muito misterioso que para a mente comum se torna ainda mais importante por vir registada no Novo Testamento. As parábolas das ovelhas e das cabras, do homem rico e do homem pobre, da geena de fogo, etc., são todas relatadas como sendo ditas por Jesus em representação de ocorrências literais que afetam o homem no mundo material e espiritual. E eles transmitem essa impressão simplesmente porque vir expressa num estilo como se a própria parábola ou ilustração fosse a ocorrência real mencionada. Esse era um modo habitual de representar uma ocorrência ou discursar sobre qualquer princípio naqueles dias.

Mas uma coisa é clara: nenhum espírito bom e bem informada jamais traçará linhas de demarcação entre quaisquer seres humanos. Portanto, é uma grande injustiça que é feita à bondade amável e à compaixão ilimitada de Jesus acreditar que ele tenha empregue tais expressões com a intenção de que fossem literalmente entendidas; pois, como já foi dito, ele era um daqueles seres plenamente desenvolvidos cuja compaixão e benevolência brotavam espontaneamente e fluíam independentemente por todos os recessos da existência humana.

Nisso, uma vez mais, assenta o teste de conhecimento e retidão: Aquele que é ignorante e cujas simpatias são contraídas pelo preconceito; cuja benevolência é circunscrita pelo círculo ocupado por qualquer seita ou instituição; cujos sentimentos, pervertidos pela afeição e preconceito locais, permanecem inamovíveis aos apelos da humanidade para melhoria - designarão a linha de eterna distinção entre a humanidade e presunçosamente designarão uma classe de "perversos," "pecadores," "abandonados," e a outra como "justos," "filhos de Deus," "eleitos." A todos as outras, exceto esta última classe, ele chamará de hipócritas, enganadores e todos os tipos de nomes profanos, que naturalmente são concebidos por uma mente ignorante e mal orientada.

Mas aquele cujos movimentos no mundo do pensamento são sem restrições; cujas simpatias fluem na direção de todos sem distinção, estimulados por um conhecimento da fraqueza e desorientação humana; cujos sentimentos e afetos são apenas aspirações que jorram pela paz universal e pela atividade; cujas energias da alma se concentram na grande era de liberdade e exaltação física e mental - esse é verdadeiramente e puramente iluminado. Tal indivíduo não conhece qualquer aristocracia, nem distinção, nenhuma condenação como punição, nenhuma beatitude como recompensa; mas reconhece a verdade de que todas as causas inevitavelmente produzem efeitos correspondentes. Portanto, ele não faz distinção, exceto aquela que a Natureza estabelece pelas suas leis de associação. A mente que reconhece todas essas coisas constitui o maior desenvolvimento da Natureza e deve ser admirada por causa da sua pureza e falta de sofisticação.

Assim, eu digo, se Jesus, por convicção do seu juízo, fez qualquer distinção efetiva, como a linguagem atribuída a ele haveria de indicar se entendida literalmente, ele deve ser contado junto com os ignorantes e os incultos, que não ocupam posição muito elevada na esfera do pensamento e da sabedoria. Por outro lado, se ele não pronunciou expressões como as que lhe são atribuídas, exceto para fins de *esclarecimento,* então ele pode ter sido aquele ser puro e verdadeiramente iluminado que o mundo atualmente está a esforçar-se por conhecer, apreciar, e seguir.

§ 164 Para falar ainda com mais franqueza: todas as mentes impuras, ignorantes e pouco instruídas podem, sem hesitação, condenar uma parte da raça e atrever-se a estigmatizá-la como Fariseus, hipócritas, malfeitores e obreiros da injustiça. Mas aquele espírito que é puro e devidamente educado nos caminhos da sabedoria só pode reconhecer a humanidade como uma Fraternidade; e considerará as suas imperfeições como devidas apenas à desorientação das suas faculdades físicas e mentais. O conhecimento dessa verdade inspira compaixão e perdão universais; e o espírito que possui compaixão não pode deixar de reconhecer o princípio de fazer o bem a todos e amar uns aos outros.

Quem quer que diga, pois, que Jesus alguma vez usou tais expressões num sentido literal, como geralmente é ensinado pelos teólogos, acusa-o virtualmente de ser um indivíduo impuro e injusto. Mas aquele que não acredita nessas coisas poderá de forma consistente admitir que Jesus foi um bom homem e um filantropo natural.

Descubro, entretanto, que essas coisas não foram registadas senão volvido algum tempo após a morte de Jesus, e então foram escritas de acordo com os relatos tradicionais recebidos pelos escritores; e foram expressos de maneira correspondente aos costumes, crenças e modos de expressão predominantes naqueles dias. Percebo que é apropriado afirmar que essa linguagem foi empregue por Jesus para transmitir as conceções que tinha num estilo adequado a ser entendido pelas multidões que

escutaram a sua pregação. A linguagem não apresenta princípios particulares passíveis de serem aplicados ao mundo de hoje. E seria realmente marca de sabedoria e um bom sinal de uma ressurreição mental da ignorância e da superstição se os teólogos e comentaristas descartassem todos os esforços adicionais para extrair instruções daquelas ilustrações que só foram úteis há quase dois mil anos.

No que diz respeito à origem do relato sobre a ascensão de Jesus, de momento não é importante que eu entre em detalhes; especialmente porque os comentários anteriores levam a uma solução para esta questão e também excluem a possibilidade de tal ocorrência real. Contudo, remeterei, para uma consideração detalhada deste e de assuntos afins, para um trabalho que será dado a seguir, por se dedicar a uma discussão de opiniões e princípios menores e gerais.

Aqui segue, pois, um resumo do que já foi relatado a respeito de Jesus: O relato de seu nascimento decorreu de um relato desfavorável no bairro onde Jesus nasceu, a respeito da sua ilegitimidade. Esta é a sua *origem*; mas o *estilo* em que se encontra registado é uma criação que surgiu daquelas impressões gerais a respeito dele entretidas por aqueles que escreveram. As alegadas profecias a respeito dele, citadas no Antigo Testamento, não se destinavam originalmente a serem aplicadas; mas elas foram citadas pelos biógrafos de Jesus porque aparentemente se adequavam a algumas das circunstâncias da sua vida. Elas foram sugeridas aos escritores do Novo Testamento como fazendo uma alusão a Cristo, porque eles acreditavam que as revelações passadas e presentes formavam um sistema perfeito de inspiração e teologia, derivado do Ser Divino. Isso era apenas uma convicção do espírito deles provocada pela aparente evidência fornecida por todas as indicações externas, superficiais e tradicionais. Os relatos feitos de milagres também derivaram no seu carácter do uso habitual da linguagem naqueles dias, que era de associar causa e efeito numa frase, sem aludir ao período intermediário que transcorria entre a aplicação e o resultado. Disso, também já falei antes.

Aquelas passagens que falam de Jesus enquanto o Filho de Deus, e de ele estabelecer essas vastas distinções entre os homens, são meramente expressões empregadas por aqueles que redigiram as suas convicções a respeito dele, e não merecem mais atenção do que poderá advir do facto de que eles incorporam as opiniões de homens que viveram há muitas centenas de anos atrás.

Além disso, torna-se necessário assinalar a grande injustiça que tais relatos fazem ao carácter e à vida de Cristo. Certamente não é bom para ninguém reivindicar para si uma origem ilegítima ou sobrenatural. Tampouco dá crédito ao seu carácter relatar as muitas coisas inconsistentes que são relatadas sobre a sua juventude, os atos que praticou, a sua pregação e a sua morte. Além disso, é absolutamente inconsistente com as altas sensibilidades morais de um juízo esclarecido, envolver a vida e as

pregações de Jesus com as coisas que agora se sabe serem objeto de crença apenas da parte daqueles que são ignorantes, mal orientados ou preconceituosos.

Uma crença em muitas coisas relacionadas com Jesus, não apenas faz injustiça ao seu nascimento, vida, sabedoria e benevolência, mas afasta o Grande Princípio Motriz do Universo da sua posição exaltada para um grau apenas digno de um potentado ignorante e caprichoso. Deprecia o carácter da Mente Divina, levando-a a instituir um sistema de teologia apenas para mudar aquilo que ele próprio criou imperfeito no início da existência humana. Faz do Universo uma massa inconsistente, desorganizada e profana de criações. Destrói a harmonia dos Planos Divinos, ao ensinar que a Deidade interferiu nas suas leis estabelecidas, instituindo novas para destruir aquelas que já havia estabelecido.

Da mesma forma, ensina que a Mente Divina e o seu Filho falharam em realizar o Fim para o qual são representados como tendo feito esforços ativos. Pois a "conceção milagrosa" nunca poderá tornar-se objeto de crença enquanto a Natureza continuar as suas manifestações invariáveis; e esta doutrina nunca poderá ser da menor utilidade possível para efetuar uma elevação física ou mental da raça. Em vez disso, tem uma tendência *contrária*, na medida em que inspira mentes débeis com admiração, medo e superstição. E se os "milagres" pretendiam provar o poder divino de Cristo e estabelecer uma teologia divina no mundo, então eles mostraram-se ineficazes; porque na mente iluminada eles nem estabelecem uma crença num poder divino conforme o possuído por Cristo, nem transmitem nenhuma convicção em favor do que se supõe ser a verdadeira teologia.

E se Cristo foi o que eles representam que ele foi, e se todo o conteúdo do Novo Testamento é verdadeiro, os milagres não poderão torná-lo ainda mais verdadeiro. Por outro lado, se eles *não* é verdadeiro, nenhum milagre ou qualquer outra coisa poderá torná-los verdadeiro. E, além disso, se todas essas coisas relacionadas com ele forem literalmente verdadeiras, então prova-se que ele era um ser impuro e subdesenvolvido, mesmo desde o nascimento. Ademais, se forem verdadeiros, aquilo que estou agora a dizer não pode afetar a sua veracidade intrínseca.

Uma coisa, entretanto, é bom saber: aquilo que a Razão e a Natureza sancionam deve ser objeto de crença preferencial ao que é contraditório a todas as leis conhecidas e é incompatível com a harmonia que permeia o Universo. Portanto, seria cometer uma injustiça para com Cristo acreditar a seu respeito em tudo o que vem relatado no Novo Testamento. No entanto, aqueles que escreveram essas coisas foram perfeitamente honestos e foram impelidos apenas por um senso de dever e zelo a escrever as suas sérias convicções e apresentá-las àqueles que desejavam saber em que acreditavam eles e de que fonte brotavam as suas convicções. Mas não

há nenhuma evidência relacionada com a origem desses registos que justifique a crença de que eles se destinavam à leitura e comentário universais.

§ 165 Não existe nenhuma história ou relato do nascimento e ensinamentos de Jesus que corresponda ao que vem registrado no Novo Testamento, à exceção do relato em Josefo; e esse não ocupa posição de destaque, mas é meramente registado como uma observação passageira sem grande importância. Alguns supuseram que esta passagem fosse uma interpolação. Não descubro que essa suposição seja verdadeira; pois o registo é genuíno, embora não esteja contido em algumas das primeiras versões de Josefo. No entanto, é claro que esse historiador não deu tanta importância à vida nem ao carácter de Cristo conforme a que foi atribuída por aqueles que escreveram os evangelhos. É razoável supor que, se o nascimento e a vida de Cristo possuíssem um carácter tão sobrenatural, mais historiadores teriam desenvolvido a convicção correspondente e teriam devotado porções consideráveis dos seus escritos a um relato das suas manifestações milagrosas, e exposto a importância do seu nascimento, morte e ressurreição.

Mas, como nenhum outro historiador se dedicou a tal tarefa, a conclusão inevitável a tirar é que poucos, se é que algum, acreditava firmemente nessas coisas, exceto aqueles que redigiram os manuscritos primitivos do Novo Testamento; e que estes últimos acreditavam porque receberam uma massa de evidências evidenciais que nenhum outro estava em condição de receber.

O objetivo de falar sobre essas coisas consta de libertar as mentes dos homens de todo preconceito supersticioso relacionado com a crença nelas, preconceito esse que tende a retardar o desenvolvimento físico e espiritual da humanidade. A sociedade não pode ser reorganizada em harmonia com as leis e requisitos da Natureza, até que sejam removidos todos os obstáculos que obstruem os desdobramentos da mentalidade generalizada, e se interpõem no caminho da ação universal: e essa crença supersticiosa numa teologia irreal é um daqueles obstáculos que serão, de entre todos os outros, o mais temido e o mais repelido do seio da humanidade. Tais obstáculos só podem ser removidos por uma revelação cuidadosa das causas envolvidas na sua criação; e um conhecimento disso fará com que a mente possa repelir e descartar os seus efeitos, porquanto existem atualmente por todas as partes do mundo.

Por conseguinte, desci às causas que estiveram envolvidas na criação do livro que agora é chamado de *Bíblia*; e um conhecimento destes remove de vez toda aquela superstição a seu respeito, e todas aquelas ideias sobre o seu carácter sobrenatural, que o preservaram no seio do fanatismo desde o período da sua origem até os dias atuais.

Os efeitos dessas causas têm passado pela loucura, ignorância, preconceito, fanatismo, superstição, injustiça, infelicidade, imoralidade e distinções aristocráticas entre as várias nações da terra. Agora, aquele que puder simpatizar com esses *efeitos*, ainda poderá continuar a valorizar as suas *causas* originais; mas aquele que sente repulsa interior só de pensar na sua existência, certamente demonstrará a sua nobreza de espírito ao descartar para sempre as causas profanas que os produziram, bem como os próprios efeitos, e começará a viver uma nova vida no corpo físico e mundo mental, e assim estar preparado para ascender ao ponto mais alto na segunda esfera de conhecimento e compreensão.

Ainda assim, nada deverá ser mais venerado do que as belas e verdadeiras meditações proféticas dos primeiros escritores a respeito de uma libertação universal da tirania, servidão e miséria. E os múltiplos preceitos morais úteis e belos contidos no Novo Testamento, conforme enunciados por Jesus, exigem igual reverência. Todos esses ensinamentos morais devem ser considerados com profunda veneração, especialmente quando essa veneração é fruto do discernimento, e não dos afetos; porquanto os afetos não são os princípios desenvolvidos, mas apenas os elementos do discernimento.

E será percebido que a nobreza daqueles primeiros escritores e os dotes físicos e mentais superiores de Jesus ainda são preservados como uma fonte de instrução, e que eles até mesmo brilham com um esplendor que nunca antes exibiram, porque terem sido tão obscurecidos sob uma massa heterogénea de materiais injustos e inúteis. Mas o que foi preservado do seu carácter e doutrina é capaz de ser aplicado ao grande tema da Reforma Moral, que só deve ser afetado reformando primeiro as condições físicas e sociais dos homens. A beleza da sua vida e carácter, a perseverança que distinguiu os seus esforços e a sua adesão aos princípios da virtude, bondade e retidão, até o martírio — tudo se destaca como exemplos notáveis pelos quais todos os homens poderão lucrar.

E que se saiba que Jesus foi o maior deles todos neste grande campo de trabalho - nesta grande vinha de cultura natural (não desnaturada). Ele possuía por excelência aqueles atributos enobrecedores que são dignos de uma imitação viva na vida e atos de todos os homens. Portanto, coloco Jesus e esses primeiros escritores ou profetas na mesma categoria daqueles dignos e nobres filantropos que viveram desde a sua época e daqueles que ainda vivem para adornar o mundo. Eles foram simpatizantes gerais das aflições dos homens, agentes gerais do bem público, agentes procuraram aliviar viúvas e órfãos, pregadores gerais dos grandes princípios que controlam o Universo e o Homem com um governo infalível, e provedores gerais no desânimo e infelicidade mental, que revelaram à mente do homem a grande e gloriosa era em que viria a existir paz universal, diligência e retidão.

E é uma honra para a raça humana familiarizar-se agora com os personagens puros dos dias anteriores, desligados de todas as obscuridades estranhas que lhes bloquearam o carácter real da perceção mental do mundo. É uma honra agora conhecer e apreciar a veracidade, bondade, fraternidade e benevolência de Jesus, desvinculada de todas as falsificações que até aqui obscureceram as suas aptidões físicas e espirituais intrínsecas.

Assim encerro todas as reflexões sobre o carácter e aplicação dos princípios dos primeiros escritores, e de Jesus, até a terceira parte desta obra.

§ 166. As considerações anteriores referentes à teologia e aos equívocos existentes no mundo avançaram suficientemente o tema, tornando agora necessário refletir sobre diversas revelações feitas em épocas passadas por várias pessoas qualificadas para a receção e expressão exterior das verdades. Em todas as épocas da humanidade ocorreram revelações de importância variável, embora muitas vezes o mundo não as tenha reconhecido. Constato que foram dadas mais revelações do que aquelas registadas na Bíblia, sendo algumas delas de natureza extremamente importante e instrutiva, embora a Bíblia contenha várias revelações dificilmente ultrapassadas em qualquer época anterior ou posterior.

É apropriado que cada mente venere todas as revelações na medida em que estas se alinham com os ensinamentos uniformes da Natureza e com os mais altos critérios de um julgamento bem constituído. Em ligação com esta observação, volto a insistir na absoluta importância de não atribuir mais veneração às revelações da Bíblia do que às encontradas nas obras de outros autores.

As revelações mais úteis contidas na Bíblia foram dadas por David, Isaías, Jeremias, Zacarias, Malaquias e Jesus. A mente de Isaías era tão expandida que o conhecimento da libertação definitiva da miséria física e social fluía-lhe naturalmente, sendo por ele facilmente comunicado ao mundo. Mas, como a aplicação das suas revelações será feita posteriormente, não é necessário agora prolongar-me sobre elas. Deve, contudo, ser reconhecido aqui como um daqueles homens espiritualmente iluminados cujos ensinamentos ainda não foram devidamente apreciados ou interpretados justamente pela sociedade.

Também David produziu meditações proféticas dignas da mais profunda atenção e respeito. Jeremias e Zacarias revelaram igualmente muitos aspetos relacionados com esta mesma ressurreição social, e com os grandiosos e sublimes resultados no mundo moral que surgirão naturalmente da harmonia e unidade de ação que acabarão por prevalecer no mundo físico. Malaquias falou brevemente, mas com verdade, acerca da grandiosa era ainda não alcançada pelos habitantes da Terra, mas que, segundo a lei do progresso, poderá ser antecipada com entusiasmo.

Convém referir, para evitar mal-entendidos, que uso os termos revelação e desenvolvimento como sinónimos; pois uma revelação não é mais do que o desenvolvimento exterior das verdades que fluem para a mente.

Nenhum ser antes de Jesus possuía o mesmo grau de elevação espiritual e refinamento, pois ele atingiu o mais elevado desenvolvimento das capacidades físicas e mentais. É evidente que ninguém revelou tanta verdade pura e substancial, suscetível de aplicação imediata e útil. A sua mente, como antes referi, estava devidamente constituída para receber verdades do mundo natural e espiritual. Por isso, o seu superior discernimento levou-o a revelar apenas verdades úteis e naturais relativas às condições sociais e materiais dos homens. Pois, como foi demonstrado, não ensinou a doutrina da imortalidade, referindo-a apenas incidentalmente para inspirar esperança e confiança. Jesus deve ser mais respeitado, mais valorizado, e os seus princípios mais praticados do que até agora têm sido. A beleza dos seus princípios naturais ainda não foi devidamente reconhecida por ter estado sujeita à influência obscurecedora das interpretações teológicas.

E considero importante afirmar que a beleza da sua vida e caráter nunca foi nem será plenamente conhecida e exemplificada pelos homens enquanto não forem abandonadas todas as especulações psicológicas e teológicas associadas. Quanto mais se persistir nisso, mais a sua vida, caráter e princípios se afastarão da compreensão e prática da humanidade. Deve estabelecer-se a distinção entre a verdade natural e a imaginação espiritual antes que exista paz universal na Terra e boa vontade entre os homens. Mesmo que Jesus tivesse revelado apenas este objetivo final, já estaria amplamente demonstrada a elevada iluminação da sua mente, pois falou não do que era, mas do que ainda está por vir.

Assim, a aplicação dos seus princípios ainda não foi compreendida por aqueles que afirmam possuir maior conhecimento sobre a sua utilidade. Agora é crucial que os homens descartem interpretações anteriores dos seus ensinamentos e avancem para a consumação, altura em que a sua verdade será demonstrada triunfalmente. Reconheço as revelações feitas por Jesus como mais úteis, verdadeiras e naturais do que quaisquer outras que tenham sido apresentadas como verdades diferentes ou superiores. Por verdades superiores entendo aquelas envolvidas nas alusões metafóricas do Apocalipse, incapazes de beneficiar diretamente a humanidade, embora possam ser verificadas plenamente na terceira esfera da habitação espiritual. Apesar da sua verdade, são impraticáveis, não exigindo a atenção e veneração dadas por muitos comentadores eruditos. Está provado que o Apocalipse não contém princípios intimamente relacionados com qualquer outra revelação, exceto a de Emanuel Swedenborg.

§ 167. Muitas revelações foram feitas por indivíduos entre chineses, hindus e persas. Confúcio revelou princípios morais sem paralelo noutras revelações, exceto nas de Jesus. Também Brama revelou muitas verdades interiores que ainda não

foram verificadas, mas sê-lo-ão no mundo social e espiritual. Muitas verdades são obtidas inconscientemente pela pessoa que as recebe, através da implicação, indução e pensamento progressivo. Da mesma forma, os homens tornam-se por vezes agentes de revelações que desconhecem e não acreditam, mas que, em eras posteriores, se revelam verdades de impressionante relevância e valor intrínseco.

Assim foi com Zoroastro, que revelou e ensinou ao mundo oriental que o pecado acabaria por ser abolido e uma justiça eterna estabelecida; então, a Divindade (Ormuz) rejubilaria eternamente com uma alegria inexprimível. Nunca foi proclamada aos habitantes da Terra uma verdade maior, sendo necessário envidar esforços ativos para alcançar tal finalidade. Contudo, esta verdade não é venerada apenas por ter sido apresentada por Zoroastro, que foi meramente agente ou intermediário desta importantíssima revelação.

Também Maomé declarou muitas verdades espirituais — verdades que têm sido verificadas pela investigação psicológica, e igualmente pelos desenvolvimentos espirituais de Swedenborg. Contudo, estas verdades não são veneradas apenas porque a revelação foi feita por Maomé, e porque as impressões hereditárias e a educação impedem toda a afeição pelas verdades e pelo seu revelador.

Há alguns séculos, muitas verdades físicas foram reveladas por Galeno — verdades também suscetíveis de aplicação muito útil. Estas referem-se à trindade de princípios ou substâncias que formam qualquer composto ou organismo. Esta trindade é observável em todas as áreas da Natureza e do Universo. No entanto, isto de forma alguma demonstra a suposta Trindade espiritual que tem sido tão seriamente defendida, habilmente discutida e reverencialmente estimada. Galeno revelou, portanto, aquilo que nenhum outro médico ou investigador físico revelou; e merece ser classificado entre aqueles reveladores que ocupam a posição mais elevada no domínio das verdades naturais e úteis.

Encontro também muitas descobertas e revelações importantes entre os alemães, devido especialmente ao seu modo peculiar de pensar e de investigar todas as leis e operações visíveis e invisíveis da Natureza; e entre eles têm surgido pessoas cujas perceções interiores se desenvolveram a ponto de lhes permitir reconhecer a realidade do mundo espiritual e a sua estreita ligação com esta esfera rudimentar. Uma deve ser especialmente mencionada, porque a sua mente estava num estado semelhante ao de todas as pessoas no momento da morte ou transformação. É conhecida como a Vidente de Prevorst — e revelou muitas verdades sobre a ligação entre o mundo natural e espiritual, e entre a alma e o corpo; bem como sobre os poderes da perceção espiritual e o meio pelo qual o espírito está unido à forma. Estes assuntos são demasiado importantes para escapar à atenção de qualquer mente curiosa; pois envolvem manifestamente evidências de que a humanidade atualmente necessita para se convencer dos poderes da alma e de outras verdades fisiológicas.

Martinho Lutero revelou igualmente algumas verdades muito úteis, práticas e importantes. No entanto, o erro predomina nas suas produções, e por isso estas não são dignas de um grau tão elevado de atenção e estima. A sua mente, tal como a de Calvino, foi alterada por uma súbita conceção de que nem tudo o que lhe haviam ensinado era verdadeiro. Esta conceção despertou imediatamente novas faculdades da alma, resultando no desenvolvimento de muitas verdades que, embora misturadas com erros, merecem o título de revelações.

§168 Os franceses também produziram mentes desenvolvidas, cujas revelações exigem igual atenção e respeito. O sistema da Natureza e a filosofia da existência e harmonia social humana, de autoria do Barão D'Holbach, são dignos de atenção e respeito, pela beleza da sua expressão, pela sublimidade do sentimento e pela amplitude da sua filosofia. E não hesito em afirmar que ele é o autor de muitas revelações capazes de uma aplicação benéfica demasiado importantes para serem esquecidas. Contudo, nem todas as suas conceções são verdadeiras, nem todas as suas conclusões perfeitamente legítimas a partir da base que assumiu, que é verdadeira. Portanto, a sua obra contém uma mistura de erros e verdades. Ainda assim, predomina a verdade; e esta deve, portanto, ser reconhecida, valorizada e devidamente aceite.

França produziu muitos homens muito instruídos em conhecimentos superficiais da vida. E as suas filosofias não são da ordem mais pura e elevada, precisamente porque participam demasiado do externo e sensorial nos seus processos de investigação. Este método de investigação não é em grande medida adequado para revelar as verdades morais e princípios progressivos que harmonizarão a família humana e revelarão as belezas do mundo espiritual.

Existe, no entanto, um cujos ensinamentos não posso deixar de reconhecer como sendo os mais úteis, verdadeiros e extremamente sublimes, ao nível e confirmados pelos ensinamentos de Jesus. Trata-se do grande e nobre reformador, Charles Fourier — cuja capacidade espiritual e extensão das revelações ainda não foram devidamente reconhecidas pela humanidade. A sua mente era superiormente constituída e desenvolvida; como prova disso, vejam-se as suas incomparáveis revelações sobre a indescritível harmonia que permeia o Universo e sobre a ação recíproca de todos os corpos, que, segundo as suas próprias palavras, "respiram uma melodia de sons harmoniosos, como um instrumento bem afinado, onde cada nota é tocada em unidade pela sabedoria."

E diz ele que a harmonia do Universo é desenvolvida e demonstrada no sistema planetário; pois cada planeta ocupa uma posição e desempenha um papel no grande sistema de ação unificada, como as notas de um instrumento bem afinado. Tal como uma melodia não pode ser tocada a menos que cada nota esteja devidamente ajustada e posicionada relativamente às restantes para produzir harmonia, quando tal melodia é tocada, o Universo é simultaneamente representado.

Depois prossegue revelando a importantíssima verdade de que, assim como existe harmonia entre todos os corpos do Universo, também pode prevalecer entre os habitantes da Terra, unindo-os inseparavelmente. E continua, assegurando ao mundo, através de demonstrações matemáticas, que todas as notas existem nesta esfera animada; e que cada nota necessita apenas de ser corretamente colocada, para que toda a humanidade possa, como um instrumento perfeitamente afinado, mover-se em harmonia, melodia, felicidade e unidade de ação.

Vejam, humanidade, estas verdades sublimes e eternas esmagadas e quase sepultadas na massa obscura da ignorância, preconceito e fanatismo dominantes! Não ouvem, quando uma mente nobre e expansiva como a de Charles Fourier demonstra a verdade interior, mesmo aos vossos sentidos, que o mundo humano é composto pelas notas necessárias para executar uma melodia perfeita de paz e harmonia? Observem como gentilmente, seriamente e cuidadosamente ele informa o mundo de que estas notas apenas podem ser corretamente colocadas seguindo a luz da sabedoria e do conhecimento!

Ele também analisa matematicamente o desenvolvimento de cada planeta no nosso sistema solar, provando que o avanço mental dos seus habitantes constitui necessariamente uma fraternidade e uma associação de partes afins, resultando numa existência harmoniosa como aquela que se esforçou por alcançar na Terra. E posso afirmar que as suas conceções gerais são verdadeiras em relação aos habitantes dos planetas do nosso sistema solar, confirmando o que ele provou por um método diferente de indução matemática.

Afirmo, portanto, que as suas declarações relativamente à harmonia e unidade existentes entre os habitantes dos planetas, no que concerne à sua condição social e cultura mental, são decididamente e inequivocamente verdadeiras — não sendo, em nenhum pormenor essencial, discrepantes com aquelas coisas que revelei acerca do mundo, da Natureza e do Universo.

Sinto-me atraído por aquela pessoa cujas forças físicas e espirituais foram inteiramente dedicadas à grande obra da reforma moral. Tal foi Charles Fourier: e aquelas coisas que ele revelou são capazes de ser aplicadas para melhorar a condição social do homem, e a sua verdade será demonstrada nas consequências morais da perfeita restituição da paz, da harmonia e dos puros princípios pelos quais ele trabalhou.

Sobre esta muito nobre personagem e a sua filosofia, mais será posteriormente relatado, especialmente quando os princípios da sua microcosmogonia aparecerem de forma destacada na terceira parte, ou aplicação, deste trabalho.

§ 169. Sinto-me também impelido a reconhecer as importantes revelações feitas por e através de Emanuel Swedenborg, o filósofo e psicólogo sueco.

A sua mente possuía muitas dotações superiores, e ele apresentou ao mundo muitos princípios puros e saudáveis. Algumas das suas revelações, contudo, só serão aplicáveis quando a raça humana avançar para um alto grau de refinamento social e mental. A sua mente estava interiormente expandida, facto que lhe permitiu receber e expressar muitas verdades interiores ligadas tanto ao mundo material como espiritual.

Descubro maior utilidade prática nas suas revelações científicas e filosóficas do que em quaisquer outras das suas produções. Nenhuma obra deveria ser mais estimada e lida geralmente do que um livro por ele escrito intitulado "A Economia do Reino Animal", em dois volumes. O primeiro volume apresenta uma rigorosa e profunda investigação analítica das três funções executadas por todos os corpos animados; na qual ele desenvolve aquela ordem de "fim, causa e efeito" que é igualmente observável em todas as porções das criações da Mente Divina. Ele revela claramente que o fim, ou desígnio último, é a causa primária de todo o movimento.

O conhecimento do fim incita e obtém os meios, que são as causas secundárias: e a ação destas produz os efeitos, que são os fins predeterminados a serem realizados. O fim ou objeto a ser realizado é em todos os casos o criador das causas e efeitos instituídos — ou dos meios e efeitos combinados como um só na realização daquilo que foi a causa original da instituição de ambos. Tudo isto é claramente revelado na primeira parte da sua obra; é verdadeiro, útil, e será reconhecido e aplicado às necessidades da existência humana.

A segunda parte é dedicada à consideração das três funções do reino animal — as suas qualidades interiores, mediadoras e exteriores, enquanto desempenham os seus respetivos ofícios e manifestam as suas peculiares forças espirituais, com uma dependência mútua entre si. Na verdade, as suas revelações acerca das origens do poder no sistema humano estão, atualmente, além de toda a compreensão geral. Ele discorre profundamente sobre a composição cortical do cérebro, descrevendo as glândulas ou "pequenos corações" (como ele lhes chama), como constituindo a causa de todo o movimento ou exercício espiritual na forma material, e descreve como elas se expandem e contraem tal como os movimentos do peito e do coração. E demonstra a reciprocidade dos movimentos sistólicos e diastólicos das glândulas corticais do cérebro, e que são estas as origens e causas de todos os movimentos correspondentes pertencentes à economia animal.

A última porção desta valiosa obra dedica-se a algumas indicações muito racionais e verdadeiras de caráter psicológico, e relativas aos poderes da alma humana. Contém uma explicação muito clara e lúcida da distinção entre a natureza e os poderes da alma e do espírito ligados à forma humana; e apresenta igualmente uma transição muito suave da esfera material para a esfera espiritual do pensamento e investigação.

Sinto-me também levado a notar um desenvolvimento espiritual ainda mais elevado do mesmo género, que se apresenta na última parte do seu "Reino Animal": e este encontra-se na sua obra intitulada "Verdadeiro Culto e Amor a Deus". Nada pode demonstrar mais substancial pureza de meditações e conceções superiores da mente do que esta obra muito impressionante e bem construída. Ela fluiu, por assim dizer, espontaneamente da sua elevada reverência por essas verdades silenciosas contidas nas criações animais. E esta obra é, de facto, uma revelação muito para ser lida, apreciada e praticada.

Após o período ocupado na escrita destas obras, a sua mente tornou-se extremamente exaltada, e todas as suas capacidades de conceção foram completamente absorvidas nos fenómenos e verdades do mundo espiritual. As verdades que assim revela sobre estas coisas são, em muitos aspetos, suscetíveis de beneficiar a raça humana — embora isto não possa ser dito de todas as características gerais do seu sistema psicológico. Revelou aquelas verdades espirituais que serão verificadas em palestras subsequentes: mas apenas de forma geral e correspondentemente. Pois descubro agora que muitas das suas revelações interiores não são minimamente compreendidas nem mesmo por aqueles que atualmente as defendem mais ativamente.

E sinto-me impelido a afirmar que se, em vez de transmitir a ideia de que revelou os ensinamentos espirituais e interiores da Bíblia, tivesse afirmado revelar os ensinamentos espirituais e interiores da Natureza, o mundo teria mais rapidamente alcançado a sua esfera de razão e conhecimento: pois então a ligação teria sido mais distintamente observada entre o mundo material e espiritual. Mas não consigo descobrir tal significado interior em nenhuma parte do conteúdo da Palavra como ele representa. E se objeções forem feitas a estas afirmações, baseadas na falta de perceção interior que aqui possa parecer ser reconhecida, solicitaria ao leitor que reconsiderasse a explicação que dei sobre as qualidades interiores da Bíblia. Se, no entanto, a objeção persistir, remeto para futura demonstração à Enciclopédia que sucederá este livro.

Sinto-me muito atraído pelo espírito puro, gigantesco e poderosamente intelectual de Swedenborg. As suas revelações filosóficas são de vasta importância, devido à sua verdade; e as suas revelações espirituais e psicológicas são também qualificadamente verdadeiras, podendo ser verificadas nas esferas espirituais e sê-lo-ão nas revelações que em breve se seguirão.

Reconheço, porém, excesso de expressão — demasiada repetição de correspondências e princípios estabelecidos — em várias partes das suas obras. Há demasiada intensidade de ardor, e demasiada obscuridade, ambiguidade e conceção espiritualmente inflacionada nas suas obras psicológicas, para serem de alguma utilidade particular ao mundo social no momento atual.

Mas um fornecimento apropriado e abundante das exigências sociais da humanidade elevará de tal forma as suas perceções morais e espirituais, que facilmente descobrirão o significado dos seus ensinamentos espirituais, os quais, presentemente, à massa da humanidade parecem as mais loucas alucinações de uma mente extraviada e inflada. Assim, perante estas considerações, é impossível conceber a utilidade prática das suas revelações espirituais no presente estado desordenado do mundo. O facto de não poderem ser compreendidas é pelo menos evidência presumível de que não são as verdades atualmente necessárias para beneficiar o mundo social.

Portanto, observo esta mente gigantesca nas suas conceções transcendendo completamente os poderes comuns, mesmo dos homens interiormente iluminados, e consequentemente sendo removida das esferas naturais para as espirituais. Assim, algumas das suas poderosas revelações só serão reconhecidas como verdadeiras quando o homem ascender a um grau superior de sabedoria e conhecimento. E sendo estas coisas assim, observo apenas aquelas partes das suas revelações que estão adaptadas às necessidades do mundo social, para que a humanidade possa ser, como Fourier expressou, organizada segundo as melodiosas e harmoniosas reciprocidades de uma Fraternidade.

§ 170. Muitas revelações foram feitas em épocas anteriores, às quais não posso agora deter-me a observar. E todas estas são, em maior ou menor grau, importantes e proveitosas ao contribuírem para o acervo geral de sabedoria de que a humanidade necessita.

É adequado, no entanto, refletir brevemente sobre as revelações de Platão relativas à identidade espiritual do homem e a uma vida futura: Não pode ser duvidado, considerando toda a sua filosofia, que ele revelou algumas leis muito importantes da Natureza e muitas verdades psicológicas. Estas, contudo, ficaram muito obscurecidas pela mistura de evidências externas e internas: as primeiras sendo principalmente o desenvolvimento das circunstâncias, e as últimas os movimentos invariáveis presentes em todas as partes da Natureza que ele investigou. A sua mente estava muito enevoada e as suas perceções muito obscurecidas por um vasto número de impressões hereditárias. Contudo, as suas revelações psicológicas manifestam-se mesmo através das muitas evidências superficiais que ele acumula a seu favor.

Também aquelas coisas reveladas pelas reflexões interiores de Xenofonte possuem um alto grau de beleza, verdade e proveito. Nenhuma mente foi jamais tão profundamente impressionada pelas verdades da imortalidade como a dele, pois as suas convicções procediam das aspirações vibrantes do princípio vivo dentro dele. E a sua filosofia contém razões mais substanciais para esta doutrina do que qualquer parte do Antigo ou do Novo Testamento. Os seus escritos são, portanto, úteis e importantes para o mundo devido às suas muitas sugestões verdadeiras, que indicam verdades superiores.

Nas revelações de Sócrates não descubro tanta perceção interior dos princípios, mas uma maior abrangência na observação das evidências superficiais; e as ideias deduzidas destas são, em muitos casos, verdadeiras, embora ilegítimas.

Cícero foi também um defensor daqueles princípios invariáveis que governam o Universo, cuja consciência da verdade o obrigou a descartar todas as teorias superficiais que então dominavam a mente geral, sob a forma de uma teologia mitológica. E ele, tal como os anteriores escritores, deve ser profundamente estimado e apreciado pelas suas revelações puras e importantes, cuja confirmação pode derivar das perceções interiores de todo o juízo esclarecido.

Descubro uma harmonia nas revelações de cada época, desde a primeira conceção decidida e expressão da verdade, até às revelações da presente geração. Contudo, descubro que cada revelador apresentou a verdade na proporção das circunstâncias favoráveis em que a sua mente estava colocada e dos desenvolvimentos favoráveis que atingiu. Porém, essa verdade que se descobre entre os escritos de cada um é confirmada com grande simplicidade nos ensinamentos morais e sociais de Jesus, e nos ensinamentos correspondentes de Charles Fourier, que sistematizou esses princípios puros para que pudessem ser reduzidos à prática, produzindo assim uma renovação moral da raça.

De seguida, descubro as modificações mais superficiais destes princípios nos escritos de Swedenborg, que procede ao interior não tanto dos princípios, mas das suas partes detalhadas. Assim, nos seus escritos expõem-se as inumeráveis ramificações, tanto de coisas e princípios pertencentes ao mundo natural, como das correspondentes possessões literais do mundo espiritual. E, como afirmei, não descubro suficiente clareza ou naturalidade nos escritos deste filósofo que os torne suscetíveis de uma aplicação prática às exigências sociais da raça humana. É justo, em tais casos, colocar a questão: "De que possível utilidade pode ser qualquer revelação que não possa ser compreendida nem aplicada?" Uma revelação que não desenvolva princípios práticos existentes no mundo natural adaptados à vida social não pode ter qualquer utilidade possível para o mundo social ou moral.

Destas considerações, torna-se aparente o objetivo de observar brevemente os escritos de cada filósofo. É indicar as partes boas e práticas de cada um, para que possam ser preservadas para aplicação futura; e se estas forem devidamente distinguidas e preservadas, todas as partes irreais e supérfluas de cada revelação e filosofia serão imediatamente desconsideradas devido à sua falta de importância.

Desde a existência desses homens, muitas teorias, hipóteses e revelações novas e diferentes surgiram no mundo científico e teológico. Estas têm sido de tal natureza que desuniram os modos da vida natural e social dos princípios morais do homem. Este facto demonstra novamente a inutilidade de tais revelações, já que são destrutivas da harmonia social da humanidade e daquela pura moralidade que está inseparavelmente ligada a ela.

Novamente: Qualquer teoria ou hipótese que tenha tendência para desunir o material do espiritual, o social do moral, ou para dividir de qualquer maneira a raça humana, é inteiramente inútil e deve ser descartada para sempre. Pois é evidente de investigações anteriores que uma moralidade perfeita não pode ser desenvolvida, salvo se a condição rudimentar e social da raça for primeiro tornada adequada para o seu desenvolvimento espontâneo.

Portanto, é absolutamente inútil promulgar sistemas teológicos de moralidade quando as causas relacionadas são diretamente opostas ao resultado desejado. Assim, para beneficiar o mundo, em vez de investigações psicológicas, os homens deveriam imediatamente virar a atenção para o estabelecimento de condições superiores no mundo social, cujos efeitos transcenderão em muito as suas atuais expectativas.

É claro para toda a mente que este último deve ser alcançado antes de os resultados morais tão admirados poderem, como consequência, ser permanentemente obtidos. Por outras palavras, o social e o natural têm de estar superiormente situados e organizados, antes que os elementos morais e espirituais do homem possam possivelmente ser desenvolvidos até um grau apropriado. As muitas revelações que existem agora nos departamentos científicos e teológicos são de menor importância comparadas aos grandes e essenciais princípios que devem ser descobertos e reconhecidos antes que essa condição social e moral da raça possa ser alcançada, pela qual todos deveriam esforçar-se.

É próprio compreender que o influxo de princípios na mente de uma pessoa ou pessoas é um resultado da constituição peculiar e desenvolvimento dessas mentes; e não que revelações de qualquer carácter procedam diretamente de uma Fonte Divina. Portanto, aquele cuja mente está desdobrada, ou cujas perceções espirituais são estendidas a uma esfera superior de conhecimento, compreende mais do que as mentes comuns, porque percebe aquilo que existe abaixo da sua elevada esfera de investigação. Estes veem, também, aquilo que seria útil e importante para o mundo, e revelam-no para que possa ser aplicado.

Assim, cada mente concebe e exprime a verdade em proporção ao seu grau de desenvolvimento, ou de elevação espiritual. Então, revelações como o Apocalipse e aquelas contidas em muitas outras partes do Novo Testamento, juntamente com muitas partes dos escritos de Swedenborg, não podem, embora verdadeiras, ter qualquer possível utilidade para a humanidade no seu estado natural. Quer sejam ou não verdadeiras, portanto, são irrelevantes. Daí que seja próprio para cada teólogo e comentador, antes de dedicar muito tempo a tais, indagar a sua utilidade, mesmo admitindo que sejam da origem mais pura e da mais alta verdade.

Há muitas pessoas dignas que se distinguiram em vários departamentos do pensamento, que me vejo obrigado a deixar sem mencionar, pela razão de que as suas cogitações são subordinadas ao objeto das presentes considerações. Sinto-me,

no entanto, levado a dizer que aqueles que estiveram ativos em desdobrar os ensinamentos de outros serão especificamente mencionados mais adiante.

§ 171. Estas revelações tendo avançado até aqui, um assunto diferente, embora ligado, pode agora ser introduzido. Eu desci até à história interior da humanidade, descobri a origem da desunião social, falsas impressões, teologia irreal e consequente mitologia, e considerei especificamente as sucessivas modificações de cada uma, até que o todo se apresenta às gerações do presente século. Falei do homem, física e mentalmente, apenas na medida necessária para elucidar as muitas causas das condições existentes no mundo.

Não falei particularmente da produção física e constituição do homem, nem daqueles elementos peculiares, qualidades e princípios essenciais, que o elevam acima da criação animal, e que constituem e caracterizam aquele princípio animado conhecido como a Alma, Espírito ou Mente. Acho necessário generalizá-los, a fim de estabelecer a conexão entre a Natureza, com as suas várias formas inferiores, e o Homem, e entre o homem e as esferas superiores. Uma unidade inseparável e reciprocidade de ação devem ser descobertas e estabelecidas entre estas, e então o mundo social inteiro pode tornar-se futuramente uma verdadeira representação dos grandes e harmoniosos movimentos da Natureza e do Universo.

Subi, então, à importante questão: O que é o Homem materialmente? E a resposta é: Ele é a sabedoria, cabeça e Rei de todas as formas animadas. — Ele é uma perfeição da matéria.*

Prossigo a provar esta proposição descendo até às formas e substâncias interiores que constituem os rudimentos de todos os seres orgânicos, e seguindo-os de forma interligada até que ascendam e se aperfeiçoem na organização humana.†

As primeiras formas ou partículas que surgiram após a condensação da matéria que compõe a Terra foram aquelas que constituem o reino mineral. Este é composto por partículas de matéria nas suas formas rudimentares. Estas são angulares, amorfo-angulares e multiangulares. Estas formas, quando associadas, compõem os vários corpos minerais na terra. As primeiras destas partículas são as mais perfeitamente angulares; as formas ascendentes são as amorfo-angulares, e as formas perfeitas entre estas são as multiangulares.

A primeira é o progenitor e medida da segunda, e esta, novamente, é o início da terceira, que completa uma trindade e também permeia as formas inferiores. Assim, a segunda e terceira formas são cada uma graus mais elevados de desenvolvimento a partir da primeira. As mais elevadas procedem das mais baixas e, quando desenvolvidas, permeiam e compreendem todo o corpo, que assim forma um composto mineral.

* A palavra "perfeição" é aqui usada no sentido absoluto, embora relativamente. † Nota do autor: Para uma demonstração das coisas que agora relato, faz-se

referência às verdades estabelecidas no departamento de geologia, assunto sobre o qual tratei mais minuciosamente. E aqui é desenvolvido o uso das verdades reveladas nas partes geológicas desta obra; pois estas são agora aplicadas como meio pelo qual as minhas presentes revelações possam ser elucidadas e demonstradas como verdadeiras. Instituirei também ilustrações e comparações muito familiares, para que os princípios principais apresentados possam ser facilmente concebidos e compreendidos.

Será visto, também, que o seguinte mantém uma relação estreita com as partes científicas desta obra; e mutuamente se explicarão e confirmarão. Gostaria, portanto, que a memória do leitor fosse devidamente impressionada com as anteriores investigações filosóficas, para que ele possa perceber a conexão e prontamente apreender as coisas que se seguem.

Então, novamente, as **Séries** são estabelecidas pelas sucessivas manifestações das formas. Estas séries são camadas de partículas associadas, como se exemplifica nas camadas da Terra e de diversos corpos que possuem revestimentos sucessivos, todos necessários para formar um único corpo, substância ou composto. Estas séries são **três**; e são elas que caracterizam os diversos compostos do reino mineral.

Mais ainda, as Séries desenvolvem **Graus**. Estes são os estados sucessivos de pureza das partículas e da sua aproximação à perfeição, tanto na forma, como na série e na associação. O grau mais elevado no reino mineral aproxima-se e funde-se inseparavelmente no reino vegetal. Pois o grau mais elevado da substância mineral exemplifica tanto as partículas inferiores da sua própria natureza como as primeiras partículas do composto sucessivo — a criação vegetal. A forma mais elevada do mineral, que é a multi-angular, flui diretamente para, e torna-se a origem, o progenitor e a medida das primeiras formas do reino vegetal. Da mesma forma, as Séries mais elevadas prolongam-se na formação vegetal, através dos graus de associação determinados pelas formas ascendentes, pela sequência de séries e pela manifestação progressiva das mesmas.

Assim, as formas do mundo mineral possuem **três graus de desenvolvimento**. Deste modo, constituem um só composto — que desenvolve séries, associações e graus, todos necessários para estabelecer os vários corpos minerais, para designar o seu grau de refinamento e para determinar com que ordem de partículas ou elementos podem ser assimilados. As formas, séries e graus no mundo mineral desenvolvem-se, assim, em perfeita harmonia. O mais elevado de cada um, em todos os casos, perpassa os inferiores e, ao mesmo tempo, torna-se o progenitor e a medida das produções rudimentares do mundo vegetal.

Nos compostos vegetais existem formas circulares — que são as formas desdobradas da angular aperfeiçoada. Então, o circular rudimentar desenvolve

diâmetros e formas circulares ascendentes que muito ligeiramente se aproximam da espiral. Assim, também no mundo vegetal são identificáveis **três formas distintas**: a angular aperfeiçoada (ou multi-angular); a primeira forma circular, que desenvolve diâmetros; e ambas estas ascendem e representam, ainda que de forma subtil, as formas espirais, que fluem diretamente para o mundo animal. Na criação vegetal também existem as três **Séries**, ou os três graus de perfeição nas formas. Estas Séries representam igualmente os **Graus** que se desdobram pelas séries ascendentes de formas que derivam da forma progenitora ou de medida, composta pelas formas inferiores. Entretanto, formam um composto perfeito, que no seu conjunto constitui a Criação Vegetal.

A forma mais elevada, que é o circular ascendente, torna-se a forma de ligação entre o vegetal e o animal; e, neste último, torna-se o espiral perfeito. Também os graus mais elevados dos compostos vegetais tornam-se os primeiros graus da organização animal. E cada série e associação de formas, de modo semelhante, ascende progressivamente até à primeira série e graus das formas animais; e todas passam a compor-se no germe, progenitor, medida e substância de todo o **Mundo Animal**. As primeiras formas detetáveis no animal são as partículas espirais ou progressivas, que desenvolvem os movimentos recíprocos de todo o corpo. As segundas formas são a espiral desdobrado, que corresponde às formas espirituais ou partículas ativas que se tornam recetáculos de todo o movimento progressivo. As formas mais elevadas da criação animal são as **espirituais aperfeiçoadas** — que ligam o composto animal à organização material do Homem.

Aqui, então, as formas espirituais introduzem as partículas que compõem a **organização do Homem** — que, quando aperfeiçoada, desenvolve as formas mais elevadas ou **celestiais** da matéria. Assim, o espiritual perfeito torna-se a primeira forma celestial, cuja perfeição estabelece a organização humana. O que se entende por formas celestiais são aquelas partículas de matéria que contêm em si, aperfeiçoadamente, todas as espécies de formas dos reinos subordinados e, ao mesmo tempo, se tornam recetáculos de todos os graus de vida espiritual, que não apenas estão contidos nelas, mas são por elas desenvolvidos de modo tão perfeito e correspondente que todas as formas inferiores — do animal, vegetal e mineral — são por elas governadas, refletidas e vividamente representadas.

Além disso, as séries ou camadas mais elevadas de formas do mundo animal fluem diretamente para as formas rudimentares da humanidade. Estas estabelecem as diversas séries, camadas ou associações da **família humana**. Também o grau mais elevado no animal, entendido como a estrutura mais perfeita, não apenas tipifica, como se torna o progenitor, medida e germe do **Mundo Humano**.

§ 172. Assim, no Homem, estas formas inferiores são plenamente desenvolvidas e aperfeiçoadas: pois nele existem as formas espirituais, espirituais perfeitas, e

celestiais das partículas da matéria. As celestiais são as partículas mais elevadas e subtis da organização humana — existentes nos reinos inferiores apenas de forma imperfeita e por desenvolver.

O Homem também possui os três graus das formas ascendidas. Estes graus estabelecem e preservam a individualidade de cada Forma no mundo humano; enquanto, ao mesmo tempo, cada Forma se desenvolve em perfeita harmonia, com séries, graus, associações e representações, em total unidade, harmonia e mútua dependência.

Verifica-se, portanto, que as partículas angulares da matéria desenvolvem as circulares — que, por sua vez, desdobram planos retilíneos, diâmetros, eixos e polos — tudo isto descoberto de forma imperfeita no Mundo Vegetal.

Depois, novamente, as formas circulares progressivas desdobram-se e tornam-se espirais, que representam um estágio mais importante no processo de desenvolvimento progressivo. O espiral contém o circular e todas as suas propriedades; e tudo isto é observável no Mundo Animal. Depois, as formas espirais sucessivas desdobram o espiritual — que, de igual modo, desdobra o celestial, ou formas perfeitas da matéria rudimentar. Assim, o angular desenvolve o circular, este o espiral, este o espiritual, e este o celestial — todos contidos nas Formas Perfeitas do Mundo Humano.

Disto se conclui que o angular é o progenitor de todas as formas superiores, e contém todas por desenvolver; enquanto o mais elevado, quando desenvolvido, perpassa todas as formas inferiores e une-as como um Todo Perfeito. Por isso, as formas celestiais da matéria que compõem a organização humana são a flor da forma germinal — ou semente — que é o angular. Pois a semente de todos os compostos materiais está envolvida no estádio mais baixo da matéria, que germina e dá origem ao Mundo Mineral. Este, por sua vez, adiciona ao corpo da grande Árvore da Criação, cujo próximo estágio de desenvolvimento se manifesta na forma do Mundo Vegetal. A expansão seguinte do corpo desta grande Árvore desenvolve o Mundo Animal. Agora, ela lança ramos, que brotam, e a flor é o Mundo Humano. Assim, a Árvore Material da Causalidade deu sucessivamente novos frutos, que correspondem em todos os aspetos gerais a germe, corpo, ramos, botões e flores.

Estas considerações tornam evidente que a matéria é a mesma em todos os departamentos do Universo, mas forma organizações distintas à medida que, em diferentes graus de desenvolvimento, se combina de diferentes formas. Verifico, então, que todas as coisas são constituídas pelos mesmos materiais, mas que estes se combinam em diferentes formas e proporções. Deste modo desenvolvem-se, sucessivamente, uniformemente e progressivamente, formas, Séries e Graus; e todos são necessários para que cada composto e cada organização animada possa

desempenhar o papel de órgão de transição do que está abaixo para um grau mais elevado de associação material. É por esta diversidade de formas que os diversos Graus da criação são tornados perfeitos, recíprocos e harmoniosos.

As combinações dissemelhantes da matéria são, portanto, os meios intencionalmente concebidos pelos quais todas as várias formas podem, em séries e graus, ser desenvolvidas progressivamente. E, no momento em que tal desenvolvimento se completa, uma Forma combinada da mesma, capaz de preservar a sua identidade, é imediatamente estabelecida, assim como a sua dependência absoluta das formas inferiores para a sua existência.

Assim, o Homem é a mais elevada e perfeita combinação de matéria organizada. Exerce, portanto, um direito de domínio ilimitado sobre tudo o que se encontra abaixo da sua posição exaltada, sendo o governador, diretor e senhor de todas as criações subordinadas. Neste sentido, ele perpassa tudo o que está abaixo de si. Ao mesmo tempo, depende do cumprimento perfeito de todas as funções desempenhadas pelos reinos subordinados; e sem eles e as suas contribuições perpétuas, não poderia existir. O Homem, então, não é apenas a forma mais elevada, mas compreende igualmente as formas mais inferiores; e sem as inferiores, as superiores não poderiam existir. Por isso, deve reconhecer, na prática, essa dependência; e, ao fazê-lo devidamente, aperfeiçoará a sua sabedoria a tal ponto que poderá ser, com verdade, o diretor, governador e senhor de todas as coisas.

Os compostos minerais, vegetais e animais entram todos na composição da forma humana — embora sejam essencialmente modificados no processo, de acordo com a lei da progressão. Assim, o homem é um representante de todas as formas subordinadas; pois nele existem as suas propriedades e princípios essenciais, embora desenvolvidos e modificados de forma distinta do seu estado original. É, portanto, um microcosmo perfeito — e representa a perfeição de todos os compostos materiais.

A formação mineral é, para a grande Forma ou estrutura da Natureza, o que o osso é para a organização humana — uma base ou estrutura sobre a qual o edifício pode assentar e ser aperfeiçoado. As formas do reino vegetal são, para a Natureza, o que os vasos absorventes são para o corpo humano; ou seja, recetáculos para o influxo e órgãos para o refluxo de partículas circulantes e ascendentes. As formas do reino animal são, para a Natureza, o que o sistema visceral é para o corpo humano; ou seja, órgãos por meio dos quais as partículas rudimentares podem ser segregadas, decompostas, recombinadas e sublimadas: e são, por isso, partes necessárias para desempenhar as várias funções de uma única Estrutura harmoniosa. O Homem é, para a Natureza, o que a cabeça é para o próprio homem; isto é, um trono de onde emanam sabedoria, poder, direção, governo e justiça distributiva para todos os departamentos inferiores, úteis e subordinados deste mesmo Todo perfeito.

§ 173. Vê-se, com estas considerações, que existe uma trindade, composta por três graus de formas, numa única substância — sendo esta necessária para que tal substância se constitua como uma criação perfeita. Importa recordar que toda e qualquer forma no mundo mineral, vegetal e animal é determinada e estabelecida pelas formas peculiares dos átomos ou partículas de matéria que entram na sua composição. É a esta especificidade das formas atómicas que os mundos mineral, vegetal, animal e humano devem a sua existência. Pois, se as partículas da matéria não fossem essencialmente modificadas em forma, por ascensão uniforme através de séries e graus sucessivos de desenvolvimento, estes vários mundos da criação não poderiam ser desdobrados. Que isto, então, seja a fórmula padrão que expõe os graus relativos de perfeição na matéria, para que a mente possa conceber a relação existente entre os desenvolvimentos mais baixos e mais elevados da Natureza. E, conhecendo isto, os princípios fundamentais envolvidos na criação material do Homem são claramente compreendidos; a partir dos quais a mente será conduzida a graus superiores e correspondentes do mesmo tipo de conhecimento.

Uma trindade existe em cada substância e de todas as formas possíveis, tanto em termos de formas, séries e graus, como das suas relações com criações subsequentes. Primeiro, no mundo mineral, existem formas interiores, mediadoras e exteriores: ou seja, os corpos ou partículas de matéria mais baixos, os de transição e os aperfeiçoados. O mais baixo contém o mais elevado; e até que o mais elevado seja desenvolvido, um composto mineral não está formado. Mas quando o mais elevado está perfeitamente desdobrado, forma o selo e a coroa, sendo a propriedade governante que constitui, do todo, uma composição perfeita.

Depois, existem as Séries, e estas são três em número. A primeira série compreende as formas angulares inferiores, até que estas mudem progressivamente e fluam para as formas de transição ou mediadoras. Em seguida, a segunda série compreende essas formas intermédias, até que fluam para as formas mais elevadas, ou multi-angulares. A terceira série compreende estas formas superiores, e também perpassa e atua sobre as formas inferiores, unindo o todo como um único composto. Da mesma forma, as formas inferiores e as séries inferiores formam um grau, ou parte distinta — o que também explica o segundo grau, que compreende a segunda forma e a segunda série. E o terceiro grau, que é o mais elevado do reino mineral, inclui a terceira forma e a terceira série. Os graus, em todos os departamentos da Natureza, determinam os estados de perfeição que se exemplificam nas formas exteriores e manifestas. Apresentando as descrições desta forma, a mente pode perceber o fundamento racional de todo o assunto. Tal como é no mundo mineral, assim é em cada aspeto do mundo vegetal e animal.

Para tornar o assunto ainda mais claro, explicá-lo-ei de forma diferente: a forma interior ou primeira é a alma ou princípio movente do composto, contendo em si

todas as formas e propriedades que se manifestam nos graus superiores da mesma substância. A forma mediadora é o elo de ligação entre a alma e a forma exterior, que é o corpo aperfeiçoado. Assim, a forma exterior é a forma manifestada em perfeição, exibindo minuciosamente as qualidades que estavam contidas, de forma não desenvolvida, nas formas rudimentares — que agora se sabe serem as criadoras do exterior. Assim, forma-se um Todo perfeito, composto de Alma e Corpo.

Ao ascender ao reino vegetal, encontramos as mesmas formas, séries e graus, desdobrados e manifestos de maneira absolutamente correspondente. E, mais uma vez, se não houvesse uma mudança nas formas das partículas de matéria, a criação vegetal não poderia existir, pois não teria tido um criador com ação uniforme, como é o mundo mineral com as leis que possui.

Ao ascender ao reino animal, deparamo-nos com novas formas externas, que apresentam variedades semelhantes às do reino mineral. E no animal não apenas se manifestam novas formas, como também novas séries e novos graus. Mais ainda: o mundo animal não poderia ter existido se o mundo vegetal não tivesse atingido tal grau de perfeição que pudesse tornar-se o criador e medida de um desenvolvimento mais elevado.

Assim é que o reino mineral, quando aperfeiçoado, se torna a alma, medida e criador do vegetal; e este último, ao atingir a perfeição, torna-se o progenitor, alma e criador do animal. Do mesmo modo, o animal torna-se a alma, medida e criador da organização humana.

Fica agora claro que a forma, o tamanho e a simetria das criações específicas de cada reino, incluindo o Homem, são determinadas unicamente pela perfeição das criações anteriores das quais dependem. E é a partir das formas mais baixas, grosseiras e aparentemente disformes, que a organização humana foi estabelecida, com toda a sua beleza, simetria e perfeição de constituição. Desejo chamar especial atenção para este facto, pois ele mostra que a mente só pode conhecer a perfeição comparando formas, séries de formas e os seus graus — os quais permeiam igualmente os domínios inferiores e superiores da Natureza animada.

Temos, assim, uma demonstração irrefutável de que a forma mais baixa é a alma interior, o progenitor e a medida de todas as formas superiores — até à organização perfeita e simétrica do Homem; e que ele é o grande efeito ou desígnio final da Natureza. Isto torna-se evidente pelo facto de que todas as formas fluem progressivamente para a organização humana, e por ela são compreendidas. O Homem é, portanto, a flor da criação, possuindo todas as essências, propriedades e características das criações inferiores, que, por sua vez, contribuem para as suas necessidades — enquanto ele, de forma subtil, exerce um papel análogo em relação a elas.

Mais ainda: as formas angulares correspondem ao mineral; as formas circulares, ao vegetal; as formas espirais, ao animal; e as formas espirituais e celestiais simbolizam e correspondem ao mundo humano — enquanto este, por sua vez, simboliza, representa e corresponde a todas as formas subordinadas neste espaço rudimentar de desenvolvimentos sucessivos.

Além disso: o mundo mineral é o interior; o mundo vegetal, o mediador; e o mundo animal, o Corpo perfeito de todo o sistema da criação. Ou seja, o mineral é a alma ou criador de onde flui, espontaneamente, o elo de transição — o vegetal; e este, por sua vez, conduz à conclusão do Corpo perfeito, que é o reino animal.

Fica assim evidente que os três graus da criação (Mineral, Vegetal e Animal) fluem para, e desdobram-se, como que espontaneamente, na criação humana; e que os três são necessários para o desdobramento de uma organização completa e simétrica. E essa organização é a grande Cabeça, Flor e senhor da criação, chamada Homem.

§ 174. Agora, uma Trindade é desvelada em cada departamento da Natureza: pois é descoberta na forma das partículas, nas séries ou associações dessas partículas, e no grau de cada forma e série; e tudo isto pode ser identificado em qualquer substância estabelecida e organizada. Esta verdade é igualmente exemplificada nos três grandes mundos da formação — ou seja, os reinos mineral, vegetal e animal. Estes, quando compreendidos em termos gerais, constituem uma Trindade perfeita, e estão todos envolvidos no desenvolvimento do Homem.

Contudo, é oportuno introduzir mais algumas ilustrações. A primeira encontra-se na Chave, e está firmemente estabelecida em considerações científicas subsequentes: a saber — “O interior é a verdadeira realidade, e a causa produtora de todos os efeitos externos.” E esta proposição está aqui demonstrada além da possibilidade de dúvida ou refutação. Pois agora descobrimos que a causa interior e real das criações mineral, vegetal e animal encontra-se apenas nas formas rudimentares ou primeiras partículas de cada grau específico de formação e desenvolvimento.

Por conseguinte, é impossível descobrir as causas de efeitos visíveis da mesma forma visível como os próprios efeitos se manifestam. Para compreender a natureza e causa de um efeito, é necessário analisar a substância que o constitui e descobrir o princípio que o anima. Não há outro modo de adquirir conhecimento absoluto sobre a natureza e causa de qualquer dos efeitos que se manifestam aos sentidos naturais no mundo exterior.

Os ossos no sistema humano correspondem, nas suas funções, à estrutura mineral. Os vasos secretórios e absorventes do corpo humano correspondem e desempenham uma função semelhante à da estrutura vegetal. As vísceras ou órgãos internos do corpo humano cumprem um papel análogo ao da estrutura animal no mundo

exterior, em relação ao grande Sistema das organizações divinas. A cabeça, ou sede do governo pertencente ao sistema humano, corresponde — pela função que desempenha — à criação humana na sua ligação com o Corpo inteiro da Natureza animada. Por outras palavras, os graus mineral, vegetal e animal da criação compõem uma Forma humana perfeita. Estão dispostos de forma harmoniosa uns em relação aos outros, tão interligados que executam todas as funções, possuem todas as partes, expressam toda a justiça distributiva e harmonia, desenvolvem todos os movimentos recíprocos, exemplificam toda a simetria e, por fim, representam e correspondem absolutamente à organização humana.

Há mais sublimidade nesta visão dos grandes princípios ativos, governantes e produtores da Natureza do que em qualquer sistema superficial que hoje predomine no mundo.

Provei que o Homem possui uma forma tão bela na sua simetria e perfeita na sua constituição, porque todas as formas subordinadas das partículas da matéria ascenderam progressivamente até, por fim, se desenvolverem na forma do ser humano. E provei também que as séries ou associações de formas desdobram, de forma espontânea, todas as partes inumeráveis que compõem a constituição do Homem; e que os graus de forma ou de perfeição nas substâncias criaram e desenvolveram o Homem de maneira correspondente. Perante tudo isto, repito a pergunta:
"O que é o Homem, materialmente?"
— e afirmo como resposta:
"Ele é a perfeição da matéria, a flor da criação, e o senhor de todas as coisas animadas."

Pelas lições constantes destas verdades, comprova-se que o Homem é um Todo unido — uma congregação de formas aperfeiçoadas que existem no mundo material. Com isto quero dizer que todas as formas inferiores das partículas da matéria ascenderam progressivamente até integrarem a organização humana. E, como foi dito, as formas mais perfeitas do universo atómico são as celestiais. Estas são as últimas formas da matéria rudimentar, pois uma nova mudança imergi-las-ia numa outra esfera de existência e composição material. Para provar estas afirmações, convido a mente reflexiva a reconsiderar as formas interiores e exteriores que existem agora sobre a Terra — sendo o Homem a mais elevada de todas.

Vê-se, portanto, que, se a matéria em estado rudimentar avançasse para além das formas celestiais, que constituem a forma humana, novas formas inevitavelmente seriam desenvolvidas, mesmo acima do homem, e existiriam como seres organizados. Mas, como não existem seres organizados acima do homem no estado rudimentar, isto equivale a nada menos do que a uma demonstração de que não há formas superiores às celestiais no mundo rudimentar. E, sendo composto por estas, o

homem ergue-se como representante, correspondente e governante de todas as coisas materiais.

Fica, pois, estabelecido que o Homem é a perfeição de todas as formas, e dos seus respetivos graus; e que todas estas formas ascenderam, de maneira uniforme e progressiva, até à forma humana, que é o grande resultado de todas as criações subordinadas.

Mais ainda: o mundo mineral é como um estômago, cuja função é receber, digerir e transferir partículas de substâncias ainda mais imperfeitas da terra. O reino mineral, portanto, logo que estabelecido, iniciou o seu trabalho de atividade incessante. É um recetáculo para o influxo de partículas ainda inferiores, e um agente de modificação e transferência destas, através de um processo de refluxo, para a forma das primeiras partículas capazes de se associarem ao mundo vegetal. Este, por sua vez, desempenha a mesma função: recebe partículas, modifica-as com as suas qualidades e propriedades, e transfere-as ao mundo animal. Este, de modo semelhante, digere, recombina e prepara substâncias para entrarem no mundo humano.

Assim, o mundo humano compreende todos os departamentos inferiores da criação, e é um recetáculo para o influxo das essências e propriedades de todas as organizações subordinadas. É também um microcosmo das energias e criações unidas da Natureza. E, ao mesmo tempo, permanece como representante indestrutível da intenção original da Mente Divina, pela qual leis imutáveis foram instituídas para governar a matéria com o objetivo de produzir este fim. Assim, a Lei e a Matéria realizaram o primeiro propósito para o qual foram inseparavelmente criadas.

Além disso, os vários reinos e formas deste espaço rudimentar são todos órgãos cuja finalidade é transferir, aperfeiçoar, elevar e sublimar todas as partículas das formas inferiores da matéria, de modo a que possam unir-se em harmonia e produzir o Homem. Mais ainda: os reinos subordinados são formas indispensáveis para comunicar a energia e qualidade adequadas a cada partícula de matéria, a fim de a tornar própria para se associar e assimilar com a forma humana. Todas as partículas devem ser modificadas, recompostas e aperfeiçoadas, caso contrário a forma humana não poderia receber alimento nem ser sustentada pelas formas inferiores da Natureza. Isto é mais uma prova de que o Homem é a perfeição da matéria, em todas as suas formas e graus de sublimação, e que ele é a grande Flor do Germe vivo deste espaço rudimentar, sendo um centro de onde e para onde fluem, espontaneamente, graças e influências para todas as formas inferiores.

* Sou orientado a dizer que os termos "angular", "circular", "espiral", etc., são usados comparativamente, devido à imperfeição da linguagem; e que, para

distinção, as mesmas classificações poderiam ser aplicadas a formas superiores às que pertencem ao mundo rudimentar.

Aqui se revelam a ordem, harmonia e perfeição dos movimentos da Natureza, até um grau de beleza e grandeza que a mente humana não é capaz de compreender pelos sentidos exteriores. Mas o homem poderá fazê-lo quando as qualidades mais interiores da sua mente forem despertas. Assim se prova, novamente, que o homem é uma organização perfeita de todas as formas atómicas existentes na Natureza e no Universo.

§ 175. Fica agora claramente estabelecido que o Homem, materialmente, é o senhor e governante da Natureza animada. Estando isto firmemente demonstrado, surge agora a questão mais importante — ainda por responder plenamente:
O que é o Homem, espiritualmente?

Respondo: Ele é a perfeição do Movimento, ou do grande Princípio motor do Universo. Em outras palavras, ele é a Sabedoria do Amor.

Até agora, considerei a Natureza, as suas formas e desenvolvimentos apenas sob o ponto de vista físico, e não as associei à Alma viva e motora que anima cada partícula nos seus movimentos progressivos rumo à perfeição. Mas agora chegamos diretamente à consideração desses princípios vivificantes, que são as almas de todas as formas que existem.

Comecemos, então, no germe de toda a vida, ou nos rudimentos do Movimento. O movimento penetra cada partícula de matéria primordial, gera uma atividade incessante, cria novas qualidades, tendências e esferas de associação e, por fim, entra e torna-se a Alma viva de todo o Mundo Mineral.

Inicialmente, o Movimento apresentava-se sob a forma angular; ou seja, manifestava variações excêntricas, passando de um extremo ao outro de forma impulsiva e desorganizada. As suas irregularidades eram incompatíveis com uma ordem uniforme, embora manifestasse todas as propriedades ativas que então poderiam, de qualquer forma, ser desenvolvidas. O Movimento ainda não tinha formas adequadas para desdobrar princípios vivos mais perfeitos; nem as formas da matéria possuíam movimento para lhes conferir novos caracteres e novas tendências de refinamento.

* Ou seja, do Universo material.

A segunda forma de Movimento era semelhante às formas angulares da matéria, que designámos como mediadoras. O Movimento ascendeu igualmente ao multi-angular; e isso constituiu o Movimento como a Alma perfeita do reino mineral.

O Movimento, tal como as partículas da matéria, possui séries de formas e graus de formas e séries — todas estas se revelam na constituição atómica das substâncias. Após ter ascendido até um grau perfeito, o Movimento começou a manifestar novos poderes, forças, tendências e leis ativas. Isto é, desdobrou o movimento circular — que passou por todos os graus desta forma até se tornar o círculo perfeito — durante o qual desenvolveu diâmetros, eixos, polos, movimentos retilíneos, e forças centrípetas e centrífugas. Com todos esses atributos, o Movimento, nas três unidades de grau desta forma, tornou-se um novo princípio, que é a Vida: e esta é a Alma do Mundo Vegetal.

A Vida, portanto, é um desenvolvimento do Movimento. Esta vida, agora exemplificada na criação vegetal, evoluiu do circular para o espiral. E, depois de ter ascendido por todas as modificações dessa forma, desenvolveu uma nova tendência — um novo princípio — que se manifestava de forma diferente. Esse princípio era a Sensação; e esta é a Alma do Mundo Animal.

Fica assim claro que o Movimento apenas foi organizado como tal depois de ter desenvolvido plenamente as propriedades do Reino Mineral; e só então se tornou a alma permanente e o princípio ativo deste reino. Do mesmo modo, o Movimento passou pelas etapas sucessivas da forma circular; e até que se tivesse aperfeiçoado nessa forma específica, não poderia ter desenvolvido aquele princípio essencial que se tornou a Alma da Criação Vegetal. De igual forma, a Vida, assim estabelecida, ascendeu através de todas as suas formas subsequentes — as formas espirais — e desdobrou aquele novo princípio de vida e energia, que é a Sensação, e que se tornou a Alma e o princípio motor do Mundo Animal.

Fica também claro que o Movimento, a Vida e a Sensação — que formam uma unidade, pois estão incluídas na última — progrediram até ao espiritual, e através deste até ao espiritual perfeito, que é a forma celestial. A Sensação, tornando-se assim aperfeiçoada, constitui a Alma do Homem, que é a Inteligência.

Deste modo, o Movimento continha em germe todas as partes e formas essenciais que, ao ascenderem e se aperfeiçoarem, constituem a Alma do Mundo Humano, que é a Sabedoria e Inteligência de todo este sistema rudimentar de criações. Assim:

- o Movimento é a Alma do Mundo Mineral;
- a Vida é a Alma do Mundo Vegetal;
- a Sensação é a Alma do Mundo Animal;
- a Inteligência é a Alma do Mundo Humano.

§ 176. Convém ao leitor recordar as observações sobre as formas exteriores da matéria, para que possa reconhecer a relação entre os princípios motores de cada forma e entender como determinam e confirmam a existência individual uns dos

outros. Demonstrou-se que o Movimento só se estabelece como tal dentro de uma ordem indestrutível, depois de ter passado por todas as inúmeras formas nos desenvolvimentos angulares da matéria. Pois quando o Movimento e a Matéria ascendem a um grau que confirma a sua existência organizada — e já não podem ascender mais sem mudar totalmente o seu modo de existência e a ordem da forma — é então que ambos se tornam perfeita e indestrutivelmente organizados, sem que a sua estrutura rudimentar ou capacidade de desenvolvimento externo volte a mudar.

Importa fixar bem esta ideia: o Movimento torna-se um princípio perfeitamente organizado e individualizado, quando a Matéria assume uma forma de existência da qual nunca se conhece alteração — e isso é plenamente exemplificado no Mundo Mineral. É neste ponto que o Movimento se torna a Alma imortal desta estrutura mineral. Apesar de mudar constantemente os elementos do seu ser, nunca altera a sua constituição essencial.

Do mesmo modo, quando a Vida se estabelece de forma semelhante, torna-se também uma organização indestrutível. E a Vida só é desenvolvida quando as partículas da matéria ascendem e desenvolvem plenamente a estrutura vegetal. Nesse momento, a Vida é estabelecida como Vida eterna. Não sofre qualquer mudança constitucional e preserva a sua identidade para sempre.

A Sensação apenas é reconhecida como tal após a Vida ter ascendido por todas as formas do mundo animal até à mais elevada delas; e quando isso se cumpre, a Sensação torna-se também um princípio invariável e imutável. Adquire uma identidade que preserva eternamente — e torna-se assim a Alma imortal da estrutura animal.

Do mesmo modo, a Inteligência só se estabelece após a Sensação ter ascendido por todas as formas do Mundo Humano até ao tipo mais elevado e à organização mais perfeita. Aí, torna-se um princípio organizado e imortal, assume uma identidade indestrutível, e continua assim para sempre. É então que a Inteligência se torna a Alma imutável da estrutura humana.

Depois de o Movimento ter ascendido até à Inteligência, esta compreende todos os graus inferiores do mesmo princípio vital. Permeia igualmente todos os princípios motores interiores que animam todas as formas de matéria, nos seus vários graus de atividade, força, refinamento e animação. Assim, a Inteligência é a perfeição do princípio do Movimento — e isto responde à questão:
“O que é o Homem espiritualmente?”

O Movimento é o Germe,
a Vida é o Corpo,

a Sensação são os Ramos,
e a Inteligência é a Flor.

Ou seja:

- o Movimento é o progenitor e alma da Vida;
- a Vida é o progenitor, medida e criador da Sensação;
- a Sensação é o progenitor e criador da Inteligência.

Assim, cada um torna-se criador do seguinte. Em outras palavras: a partir das posses interiores do Movimento, desdobra-se a Vida; a partir das suas propriedades interiores, desdobra-se a Sensação; e, das suas atribuições inconcebíveis, flui espontaneamente a perfeição de tudo o resto, que é a Inteligência.

Mais uma vez:

- o Movimento corresponde ao Mineral;
- a Vida, ao Vegetal;
- a Sensação, ao Animal;
- a Inteligência, ao Humano.

E ainda: os rudimentos do Movimento — os movimentos excêntricos — são o interior; os movimentos de transição, ou mais uniformes, são o mediador; e o movimento perfeito ou exterior é o Corpo. Isso completa a organização, e constitui, no seu todo, um princípio de Movimento imortal.

O circular rudimentar é o interior; o movimento ascendente é o mediador; e o exterior é o Corpo, que confirma o Movimento como princípio de Vida eterna. Estes movimentos interior, mediador e exterior são descobertos na forma organizada da Sensação; e da mesma forma, são identificáveis no princípio individualizado do Homem — a Inteligência.

Falando mais amplamente: o espírito do Homem está estruturado da seguinte forma:

- o interior, ou Alma, é o Movimento;
- o mediador ou transição, é a Vida;
- o exterior é o Corpo perfeito, que é a Sensação;
- os elementos combinados de todos estes formam a estrutura espiritual do Homem, que é a Inteligência.

E como os desenvolvimentos subordinados destes princípios não mudam em nenhum pormenor, isso constitui prova conclusiva de que o mais elevado de todos

— a forma espiritual do Homem — não pode alterar a sua constituição essencial, nem perder a sua identidade absoluta.

§ 177. A verdade fundamental a fixar na mente é que a essência interior é a alma e criadora de todas as formas externas — as quais determinam e manifestam o modo de existência dessa alma. A forma que cada partícula de matéria assume é aquela criada e determinada pela essência peculiar que está latente na própria partícula.

O conhecimento desta verdade transmite à mente uma conceção perfeita da Causa criativa interior de todas as coisas, e dos seus atributos enquanto se manifestam nas formas exteriores. O Movimento, sendo o primeiro princípio omnipresente, derivado da Grande Mente Positiva, torna-se o criador de todas as substâncias rudimentares e elementares. Assim, o Movimento é o princípio que dá aos compostos minerais a sua forma específica, textura e modo de existência.

O Movimento, assim, desenvolve formas materiais, que são meramente o efeito da essência e do seu uso em relação a graus superiores da sua própria constituição. As formas, então, são o modo pelo qual o Movimento, nos graus mais baixos da Natureza, entra em contacto e estabelece relação com graus superiores de desenvolvimento exterior. Do mesmo modo, a Vida é a essência, alma e criadora de toda a formação vegetal; e é através desta que se manifesta o uso da Vida, e a sua relação com os graus inferiores e superiores da estrutura orgânica. Assim também a Sensação é a alma, essência e criadora do Mundo Animal; e é nela, por ela e através dela que todas as qualidades e atributos essenciais do seu interior se tornam visíveis ao mundo exterior. Além disso, estabelece aqui uma relação com as estruturas inferiores e superiores das mesmas combinações de matéria.

Portanto, Movimento, Vida e Sensação, enquanto três, fluem para e tornam-se uma única essência estabelecida e criadora, pela qual a organização humana é desenvolvida e aperfeiçoada. E o mais elevado atributo desta forma é a Inteligência; e esta estava contida e é desdobrada a partir das propriedades germinais existentes na essência peculiar da qual toda a estrutura humana é desenvolvida como uma Forma perfeita. Assim, todas as coisas se desdobram para o mundo exterior por meio da atividade incessante das qualidades, atributos e tendências imutáveis da essência interior ou alma, que é a vida de todas as existências externas e materiais.

Percebo que os metafísicos e teólogos têm restringido a sua atenção, e baseado as suas teorias, nas manifestações superficiais da mente humana; e com isso, inevitavelmente interpretaram mal a verdadeira relação entre a causa interior, ou motivadora, e a forma através da qual e sobre a qual os efeitos da mente humana se tornam visíveis. Em quase todos os casos, confundiram efeito com causa, e frequentemente interpretaram mal a verdadeira causa, sobre o conhecimento da qual deve repousar a validade de todas as teorias metafísicas e psicológicas. Nenhum

desses investigadores foi capaz de demonstrar a existência da alma ou essência da forma humana como separada da própria forma. Toda a filosofia que dirige a atenção apenas ao exterior priva a mente humana das evidências necessárias para alcançar uma perceção mais interior da verdadeira essência, que se manifesta ao mundo exterior na forma da estrutura humana.

O Movimento, sendo a alma do Mundo Mineral, torna-se — como já foi exposto — um princípio estabelecido e imutável, confinado de modo específico a esse modo de existência externa. Com isto, quero dizer que toda a criação mineral é o modo externo e a forma pela qual o Movimento existe e se manifesta ao mundo exterior. O Movimento, sendo o princípio criativo, desdobra a essência num Corpo material, composto de combinações inumeráveis e dissemelhantes de átomos, todos eles participantes da constituição total, com uma variedade inconcebível de afinidades e atrações mútuas entre partículas.

Enquanto isso, torna toda a estrutura adequada ao desenvolvimento e comunicação das suas posses interiores a tantas formas análogas num plano superior de criação. É importante relembrar que estou a falar do mundo mineral como um Corpo único, cuja alma é o Movimento, esse princípio incessante e invisível, cujos atributos apenas se conhecem pelos efeitos percebidos na constituição física da Natureza. O primeiro atributo desdobrado do Movimento é descoberto no primeiro grau das formas minerais.

Do mesmo modo, a Vida é uma essência que desdobra ao mundo exterior as suas posses interiores; e esse desdobramento é toda a Criação Vegetal — o conjunto como uma Forma perfeita. Compreende-se, então, que todo o conhecimento sobre as qualidades interiores da Vida só pode ser obtido através do seu modo exterior de existência. Pois, sendo a Vida a alma e criadora de toda a Forma vegetal, esta torna-se o modo de existência material da Vida. A incontável variedade de formas que constitui o reino vegetal são apenas graus sucessivos de desenvolvimento modificado — sendo cada forma, ao mesmo tempo, elaborada como uma existência exterior pelas energias interiores e impulsos da essência da Vida.

Este mundo vegetal como um todo, enquanto forma perfeita, é, então, um modo material da existência da Vida; pois é através deste desenvolvimento material que a Vida pode comunicar as suas posses desdobradas a graus superiores de matéria, que se tornam os recetáculos de uma nova forma de existência — um novo elemento vital, que é a Sensação.

Tendo em mente, então, o desenvolvimento uniforme do interior para o exterior, é possível adquirir conhecimento sobre o desenvolvimento correspondente do mundo animal. Pois, assim como ao compreender uma partícula de matéria com todas as suas propriedades, tendências e capacidades, obtém-se conhecimento sobre a

estrutura do Universo inteiro, também ao compreender o modo de existência da Vida, estabelece-se imediatamente uma compreensão dos graus superiores e modos semelhantes de existência, conforme determinados pela sua alma ou essência.

E, do mesmo modo que conhecendo a medida de uma polegada se obtém uma regra pela qual se pode medir o comprimento e a largura de toda a existência material, também é evidente que, ao compreender-se a existência da Vida e da Sensação, as mesmas leis e princípios que as regem introduzirão a mente a graus superiores e planos correspondentes de desenvolvimento exterior.

O modo pelo qual a Sensação existe em relação ao mundo exterior consiste unicamente na estrutura de toda a criação animal. E o modo pelo qual Movimento, Vida e Sensação existem como uma essência e Alma unificada, em relação ao mundo material, consiste unicamente na estrutura perfeita da organização humana. Então, não é o corpo, a forma ou a matéria que desenvolve os princípios espirituais — pois, se assim fosse, a mente humana não poderia manter a sua identidade separada do instrumento que a desenvolveu. E o mesmo seria, inevitavelmente, verdadeiro para todas as organizações materiais e os seus princípios vitais.

§ 178. Os mundos, corpos ou formas de existência mineral, vegetal e animal, têm cada um, como sua essência, uma Alma viva geral, que pertence ao corpo como um todo, e só existe no mundo exterior à medida que o Corpo se desdobra. Por isso, quando digo que o Movimento se tornou uma Alma organizada, ou um princípio imutável, refiro-me à sua conexão com o corpo ou forma total do mundo mineral. O mesmo se aplica aos mundos vegetal e animal. Não que cada forma individual, no vegetal ou animal, possua uma alma imortal e distinta, mas sim que todo o reino, como Corpo, tem como Alma a essência que o impele — sendo, no caso do vegetal, a Vida, e no caso do animal, a Sensação.

Mas o mundo humano constitui um grau de existência material extraordinariamente superior às formas inferiores que cada alma viva geral desenvolveu. É no mundo humano que Movimento, Vida e Sensação se unem e se aperfeiçoam como uma só essência viva e organizada — uma Alma individualizada, a partir da qual e pela qual cada forma humana é criada. Cada estrutura humana individual possui também uma alma organizada, composta pelos atributos subordinados existentes nos planos inferiores das formas materiais.

Portanto, essa essência desdobra-se e revela as suas qualidades interiores na forma humana, que é o Homem. Assim, a forma exterior do homem é o representante perfeito da constituição e qualidades da sua essência espiritual ou alma. Por outras palavras, é um reflexo exato de todas as tendências, atributos, qualidades e propriedades da sua essência interior, alma e criadora.

A verdade deste princípio manifesta-se em todos os departamentos do Universo material, especialmente nos diversos domínios da vida material. O Corpo mineral, ou mundo, exibe a compleição perfeita da essência que o impulsiona. O vegetal manifesta, corresponde e representa o carácter e a qualidade da sua Alma, que é a Vida. O mesmo acontece com todo o Corpo animal; e assim também com o Homem.

A essência interior, ou alma, em todos os casos e sem variação, é a substância, criadora e causa de todos os efeitos, que são as formas visíveis no mundo exterior. A evidência exterior desta verdade encontra-se na aparência de todas as formas exteriores: na relação que mantêm entre si; nas suas manifestações e desenvolvimentos constantes; e na relação geral que todas sustentam com a grande estrutura do Universo material.

As evidências do Movimento encontram-se nos compostos minerais da Terra; pois é através deles que o Movimento é representado e manifestado ao mundo exterior. No entanto, o Movimento não é um Princípio organizado em cada composto individual, visto que os indivíduos são imperfeitos na sua estrutura e modo de existência. Mas o Movimento é um princípio vivo e causa atuante em todo o plano da criação mineral, porque o conjunto total das formas forma um Corpo perfeito — embora imperfeito na sua relação com combinações superiores de matéria.

A evidência da Vida está na estrutura exterior do mundo vegetal; porém, a Vida não é uma alma organizada e aperfeiçoada nas formas individuais que compõem o grande Todo, pois estas revelam sempre alguma imperfeição. Mas, ao considerarmos a estrutura total da criação vegetal, temos diante de nós uma Forma perfeita, que é evidência de que a Vida é a causa e o princípio ativo; e este Todo é a representação exterior perfeita dessa essência.

A evidência da Sensação está confinada e só é descoberta na vasta Forma da existência animal. Ainda assim, a existência individualizada deste princípio não é estabelecida pela perfeição de nenhuma organização isolada, já que todas revelam formas, inclinações e hábitos excêntricos e irregulares. Porém, quando observamos o mundo animal como um todo unificado, contemplamos uma Forma perfeita — que serve como evidência da estrutura perfeita do princípio da Sensação, pois é por ele que o exterior se desenvolve.

Mas quando ascendemos ao Mundo Humano, a evidência que transmite à mente uma perceção correspondente, embora indefinida, da essência interior e criadora, muda essencialmente: pois cada forma humana individual é, por si só, uma organização perfeita, não sendo em parte alguma superada por qualquer outra forma. Pelo contrário, é composta por uma combinação de todas as formas e estruturas materiais inferiores da Natureza.

E sendo cada forma humana uma congregação de todas as formas subordinadas, torna-se também uma organização perfeita do Universo material, um recetáculo dos graus inferiores da matéria, um microcosmo onde o Universo se reflete em miniatura. Assim, a forma humana é uma representação perfeita de todas as existências materiais. É reflexo, cumprimento e demonstração do desígnio final da Mente Divina, concebido e estabelecido nas profundezas daquele Vórtice inconcebível do qual flui incessantemente uma infinidade de coisas perfeitas.

Temos aqui, então, a evidência sensível de que a forma humana é determinada por uma essência criadora correspondente, que é a alma organizada e imortal do homem. E esta Inteligência não é apenas reconhecida quando consideramos o Mundo Humano como um todo, mas em cada estrutura individual se encontram todas as qualidades necessárias para demonstrar uma individualização absoluta da essência criadora interior.

O Mundo Humano, como um todo, é por si só a criação perfeita da Natureza — o que não pode ser dito dos reinos subordinados. Além disso, cada forma humana individual é uma organização perfeita, representante e reflexo de todos os compostos inferiores da Natureza. Assim, o homem é a flor perfeita, desenvolvida progressivamente a partir de todas as partes inferiores da grande Árvore da Causalidade incessante.

Está aqui, portanto, a evidência exterior de que o homem possui uma essência atuante e organizada que nenhuma outra forma possui. E essa essência retém a sua individualidade, pois é a forma e alma perfeitas de todos os graus inferiores de Movimento, Vida e Sensação, sendo estes apenas os elementos do germe que, quando aperfeiçoados, fluem e se fundem num Todo perfeito e indestrutível, que é a alma ou essência espiritual do homem.

§ 179. Como já foi dito: se a forma humana fosse o instrumento através do qual a mente é criada, então seria impossível que a mente existisse separada da forma que a produziu. A opinião de que a mente assim se origina tem prevalecido no mundo durante muito tempo, porque a observação sensorial tem sido a base da especulação metafísica. Mas aqueles que assim creram foram levados a erro; e foi essa convicção que levou a que se acreditasse pouco na identidade espiritual do homem após a morte do corpo.

Essas impressões resultam não de uma investigação profunda, mas de uma investigação limitada às evidências superficiais das leis da Natureza e do Homem. Outro grupo, por meio de uma interpretação superficial dos escritos teológicos, acreditou fortemente na sobrevivência do espírito humano após a rejeição do corpo, mais do que os seus próprios fundamentos justificavam. Tudo isso é consequência

do estado não instruído da mente, e da tendência das suas faculdades para preferirem o imaginário ao real.

No entanto, em vez de o corpo criar e desenvolver o espírito, é o espírito que primeiro é organizado, individualizado e potencializado. A partir dele, desdobra-se o exterior, ou a organização corporal. Esta torna-se então um instrumento através do qual o princípio ou forma interior comunica com o mundo material. O corpo é, portanto, apenas um modo, uma forma pela qual o espírito ou essência se manifesta ao mundo exterior.

Assim, o corpo está constantemente em subordinação. Embora o espírito se envolva numa forma material, também exerce um poder absoluto sobre cada porção da sua forma exterior, distribuindo incessantemente movimento, vida e sensação por todos os canais e recantos do mesmo.

O Movimento é o mais baixo e primeiro atributo da alma humana. Ele percorreu todos os reinos de forma uniforme, até e dentro da forma humana; e aí, como elemento subordinado do espírito, executa todos os movimentos correspondentes visíveis no corpo humano. A Vida é um elemento superior do espírito, e comunica de modo semelhante à sua forma exterior todos os movimentos incessantes e recíprocos a que cada minúscula partícula do corpo está sujeita — movimentos que manifestam uma precisão e perfeição de ação que não se encontram em nenhuma outra constituição material.

A Sensação flui também espontaneamente da Vida, como a Vida flui do Movimento. É um elemento ainda mais elevado do espírito. Existe nas superfícies externas dos sistemas visceral e muscular, e perpassa as superfícies serosas de cada órgão em todo o corpo. Serve como mediador que liga a forma material às substâncias exteriores. E funciona também como alavanca sobre a qual o espírito atua para produzir as suas várias manifestações no mundo exterior.

Noutras palavras: a Sensação, sendo o mais elevado dos elementos subordinados do espírito, torna-se o elo de ligação entre a constituição material e espiritual. Pois, se não existisse um meio consciente e penetrante, que perpassasse de forma igual todas as partículas do corpo humano, a organização espiritual não poderia, de forma alguma, manter ligação com a constituição material do corpo humano.

Assim se torna manifesto porque é que a Sensação é a mais elevada Alma dos reinos subordinados: pois é através da sensação que o espírito se liga às partículas inanimadas da matéria, que constituem o seu corpo e a sua forma exterior. A Sensação é o meio universal entre espírito e matéria; e a matéria não exibiria movimento, vida ou sensação, se não fosse pelos elementos indestrutíveis e ascendentes, dos quais o espírito individualizado do homem é o resultado último.

Deste modo, o Movimento anima o Mundo Mineral, no qual cria, determina e manifesta o seu próprio modo de existência material. A Vida é o criador e animador do Mundo Vegetal; e a Sensação, o criador e animador do Mundo Animal. E todos estes, combinados e aperfeiçoados, desenvolvem a Inteligência — que, como alma, essência e criadora do Homem, anima todo o Mundo Humano.

Aqui temos, pois, a demonstração de que a essência determina e desdobra-se na sua forma material; e esta revela a utilidade e o fim para os quais a forma foi criada. E visto que a essência é o progenitor e animador das organizações materiais, segue-se que cada corpo é uma representação exterior da sua essência interior e causa criadora. O Homem, na sua forma material ou exterior, é uma representação perfeita da essência, qualidade e estrutura individual do espírito no seu interior. Assim, o corpo é apenas um invólucro, um manto, uma bainha do princípio espiritual, através do qual este último pode comunicar-se com todas as coisas materiais dentro do seu plano de existência — sendo, ao mesmo tempo, o tipo imutável do grande Fim determinado pela Mente Divina.

Portanto, o espírito, ou alma, ou essência, que aqui são considerados como um só, não depende da organização física para a sua identidade e existência. Ao contrário, o corpo está subordinado ao espírito, e depende deste para o movimento, a vida, as energias, a animação, e até mesmo para a sua existência — sendo a identidade contínua do espírito determinada por uma lei eterna, segundo a qual a matéria é sempre apenas a representante e o desenvolvimento exterior desse princípio interior.

§ 180. A forma, então, é o único modo exterior pelo qual todas as essências existem, e é o estado que estas assumem em relação a todas as coisas materiais. A planta mais delicada estende os seus gavinhas, fibras e substâncias entrelaçadas com finura, unicamente por virtude da essência que se desdobra do interior para o exterior nesse formato. E a rosa, com toda a sua beleza, delicadeza e fragrância, é uma representante perfeita da essência interior que a desenvolveu. Todas essas formas, por mais complexas ou variadas que pareçam, manifestam apenas as qualidades essenciais da sua alma criadora.

O exterior, em todos os casos, é um tipo perfeito, uma imagem e correspondente do interior, do qual proveio. A forma animal mais delicada é também uma representação da sua essência interior viva e princípio atuante; e a forma animal mais gigantesca é apenas um grau superior de desenvolvimento — um representante mais elevado de qualidades correspondentes que constituem a sua alma e criadora.

Ainda assim, os mundos animal, vegetal e mineral, como um todo, são uma só Forma perante o corpo do Homem; pois coletivamente possuem apenas o que a organização humana possui individualmente. Assim, a forma humana é a perfeição de todas as formas. E sendo isto estabelecido, torna-se igualmente claro que a sua

alma ou essência é uma estrutura correspondente, da qual o exterior é o modo manifesto de ser e o seu representante exato.

É importante que se compreenda bem, e se retenha, que a forma não é a criadora da vida, nem dos seus atributos, mas que a forma, em todos os departamentos da Natureza, é o modo exterior da existência de cada alma viva. Mas nos reinos inferiores, as formas não possuem, individualmente, um princípio organizado de vida interior — apenas o possuem coletivamente, enquanto constituem um plano perfeito de forma e criação.

Já a forma humana possui um princípio organizado individualmente, porque cada organização humana é uma congregação de todas as formas e substâncias subordinadas na matéria, sendo também uma representação indestrutível de todas elas. Assim, o corpo humano é um Universo, que subsiste e existe com base em todas as formas inferiores de vida orgânica, sendo por si só uma criação completa, na qual e pela qual os trabalhos da Natureza e o desígnio último da Grande Causa Eterna são tipificados e absolutamente cumpridos. E a forma humana é a demonstração clara e viva de tudo isso.

A utilidade de cada substância organizada manifesta-se nas suas relações externas com todas as constituições materiais inferiores e superiores; e depende dessas relações para a sua existência, e para a capacidade de cumprir o seu propósito e alcançar o fim para o qual foi concebida. As formas de todas as séries e classificações contêm em si mesmas evidências da sua utilidade para o mundo material; e também determinam os graus específicos de progresso uniforme e incessante. Uma série de formas é simplesmente uma congregação de seres orgânicos de um mesmo tipo, desde a forma mais inferior, passando pelas sucessivas modificações, até à mais elevada — todas compondo um grau completo e definido de organização.

A utilidade de todas as coisas no mundo exterior só é descoberta nas relações inseparáveis que sustentam com todas as outras coisas, e nas funções que cumprem incessantemente. Assim, há uma utilidade no reino mineral, vegetal e animal; e os seus modos exteriores de existência demonstram as suas funções, provando que são desenvolvimentos indispensáveis para o desdobramento e aperfeiçoamento da forma humana. Esta última é, para todos os anteriores, um selo, uma coroa e um trono de poder; é um centro em torno do qual gira toda a criação da Natureza, no seu progresso ascendente.

Três usos distintos podem ser identificados nas formas do mundo exterior. O primeiro e mais subordinado uso é o de estabelecer o modo pelo qual toda a essência pode existir e preservar a sua identidade de vida e energia incessante. Também serve para constituir o mundo material como um Sistema grandioso, perfeito e

harmonioso, que é, no seu todo, uma demonstração exterior da harmonia interior contida em todos os elementos essenciais do Amor Divino, da Vida Divina e da Sabedoria Divina.

O segundo uso reside no facto de que cada forma é um recetáculo do influxo de partículas inferiores de matéria, para a sua recombinação e posterior efluxo na primeira fase das formas superiores. Assim, cada forma, em cada reino da criação, é uma composição poligástrica, que cumpre o propósito de receber, digerir e transferir partículas, para que se tornem constituentes de organizações superiores. Cada forma é, por si só, um estômago perfeito — e cada partícula que entra nas formas estabelecidas da Natureza assume a semelhança e as qualidades da forma que a recebe. Por conseguinte, cada partícula de matéria progride, por e através do meio das formas da Natureza, até ao mais elevado grau de matéria orgânica, numa rotação incessante. E cada mudança de forma na matéria é, para o mundo exterior, o que se chama de morte ou desorganização — pois a morte nada mais é do que uma mudança no modo de existência de uma forma organizada. Porém, considerando todo o Sistema da criação organizada, a morte de uma forma ou princípio é impossível: pois uma mudança na forma da matéria não é morte nem aniquilação, mas apenas uma ascensão e recombinação, constituindo uma nova organização, formada a partir das formas ascendentes da Natureza.

Deste modo, o segundo grau de utilidade das formas reside na sua capacidade de transportar partículas inferiores de matéria, que constituem a sua própria composição e as composições inferiores, para planos superiores de desenvolvimento orgânico. As formas, em todos os casos, são meios de comunicação entre os graus inferiores de matéria e a mais alta organização da Natureza, que é o Homem. E, formando este meio, compõem, no seu conjunto, um sistema harmonioso e inseparável do mundo exterior, cujas partes são mutuamente dependentes entre si.

O terceiro uso das formas manifesta-se na sua tendência constante a aperfeiçoar e sublimar todas as partículas de matéria que recebem. Todas as formas são, assim, órgãos estabelecidos pelos quais as partículas grosseiras e inferiores são purificadas e refinadas, para que se tornem adequadas a entrar, criar e sustentar a forma mais elevada da matéria, que é o Homem. Assim, o reino mineral auxilia no aperfeiçoamento das partículas pelas quais o vegetal é criado, sustentado, desenvolvido e aperfeiçoado. Por sua vez, o reino vegetal purifica e recombina átomos de matéria, que, tornando-se impróprios para permanecer no vegetal, ascendem imediatamente ao reino animal — que, assim, é também produzido, sustentado e aperfeiçoado. O mesmo ocorre no plano animal: cumpre a sua função específica, tornando as partículas aptas a entrar na organização humana. Esta última forma compreende e subsiste de todas as anteriores, recebendo constantemente, na

sua composição, as partículas purificadas e refinadas que fluem através de todas as formas subordinadas até si.

Outro aspeto deste uso nas formas animadas é o de que estabelecem um princípio perfeito de afinidade, afeição, associação, reciprocidade, harmonia e unidade de ação, exibindo uma relação inseparável entre si — tudo o que, unido, mantém a Natureza como um Grande e Estupendo Todo.

§ 181. Fica assim claro que todas as coisas materiais são formas, sendo cada uma apenas um modo exterior pelo qual a sua essência interior estabelece uma comunicação com o mundo exterior — a forma é o meio entre o interior e o exterior. A Natureza é, portanto, composta por estas incontáveis combinações de matéria, sendo um tipo manifesto de todo o Universo.

A Grande Mente Positiva é a Essência Interior e Divina — a Causa Criadora de todos os efeitos exteriores. A Grande Mente Divina é uma Alma, que existe como uma organização perfeita de propriedades, essências e atributos essenciais; e o modo pelo qual esta Essência ou Alma existe é a Forma ou desenvolvimento exterior de todo o Univercelo. A Essência Divina é a Alma, e o Univercelo é o Corpo. Este último é um representante perfeito ou, por outras palavras, uma expressão clara e viva das posses interiores da Mente Divina. O Universo é o modo pelo qual a Essência Divina existe — e esta não poderia existir como Organização sem ser aperfeiçoada por uma Forma exterior correspondente, tal como se revela no Universo grandioso, poderoso e indescritivelmente harmonioso.

Assim, a forma é a imagem expressa do seu princípio interior, ou primeiro princípio de vida e de ser. E a utilidade de cada coisa é determinada pela especificidade das suas posses interiores, e especialmente pela sua relação, em forma, em série e em grau de perfeição, com todas as outras essências vivas da Natureza e do Universo.

É por esse mesmo princípio que a forma humana é a imagem expressa da qualidade da sua alma interior. E ficou absolutamente demonstrado que o homem, materialmente, é a perfeição de toda a matéria da Natureza; e que espiritualmente, é a perfeição de todo o Movimento. Por conseguinte, o Homem, como um todo, constitui um sistema completo de espírito e matéria organizados; e é assim que o princípio espiritual do homem é individualizado, sendo expresso pela forma humana ao mundo exterior. E é assim também que o corpo é desdobrado pela essência específica e potencial da sua alma interior.

O homem está acima de todas as formas existentes, e de todas as congregações de formas; pois é o ponto, o centro e o fim para o qual todas as outras formas

convergem, sendo nelas aperfeiçoadas, refinadas e tornadas úteis à constituição total da Natureza e do Universo.

Entretanto, o homem, na sua realidade, é invisível aos sentidos materiais; pois tudo o que os observadores sensoriais percebem do homem é obtido apenas a partir do seu representante exterior e imagem expressa — a forma exterior que o seu ser interior assume.

A partir destas considerações, torna-se claro que toda a forma humana possui um princípio interior organizado, através do qual o exterior é determinado e desenvolvido. E tal como o corpo realiza a sua função, considerado como meio pelo qual o homem interior comunica com o mundo exterior, assim também o princípio interior realiza a sua função, ao estabelecer uma ligação com o mundo interior. Assim, o corpo humano individualiza o espírito na sua relação com o mundo exterior, enquanto que o espírito, agora ligado ao corpo, determina a perpetuidade e a existência idêntica do espírito na sua ligação com o mundo interior, sendo a forma espiritual também uma expressão da sua alma interior. Assim se compreende que a alma é uma organização prévia; e ao manifestar-se ao mundo exterior, apenas assume um invólucro, um corpo, uma forma, apropriada à sua existência neste espaço rudimentar de criação material e espiritual.

Como tudo está constantemente a assumir forma – a qual é imagem expressa da sua causa interior – também a alma está constantemente a evoluir pensamentos, quer sugeridos por influências do exterior, quer pelas motivações dos seus próprios princípios internos: e o pensamento é a forma dessas sugestões. As formas dos pensamentos são as palavras – sendo estas sempre o reflexo expresso do pensamento gerado. Não que qualquer forma existente – especialmente a forma humana – seja uma expressão exacta, em aspeto ou feição, da forma e constituição da sua alma – mas a forma geral é sempre a imagem expressa da alma que a produziu. O aspeto ou as feições de uma forma não são a forma em si; antes, são apêndices colaterais, que por si só não expressam nada decisivo, a não ser quando animados e moldados pelas sugestões ativas do espírito interior. Mas é importante compreender que a forma exterior do homem é a representação expressa da sua essência produtora – a alma.

Portanto, a forma não é a aparência ou feição de uma substância, cuja forma geral se manifesta uniformemente. Pois, se a forma é o modo pelo qual a essência existe, e é o tipo dessa essência, o aspeto, a forma e as feições são apenas particularidades exteriores da estrutura estabelecida, e em nenhum caso expressam decisivamente a imagem da essência interior.

§ 182. Elevámos agora estas investigações psicológicas a uma consideração dos atributos específicos da alma humana, das suas relações internas, e dos seus modos de manifestação do interior para o exterior. A questão – *"O que é o homem*

espiritualmente?" – está agora total e irrefutavelmente respondida. Do mesmo modo, está provado que a alma do homem é uma organização distinta e estabelecida, que preserva a sua identidade em virtude do carácter peculiar da sua própria constituição, e da ausência de afinidades que pudessem absorvê-la noutra coisa qualquer.

Ficou claro que cada alma é construída de forma diferente, o que é evidente pela variedade e particularidades da espécie humana. Cada alma é, portanto, individualmente organizada, e não pode, por nenhum meio possível, fundir-se com outras, nem perder a sua existência individual numa vasta massa informe de substâncias móveis e intangíveis. A lei da associação determina a perpetuidade da identidade de cada alma, tanto no mundo material como no mundo espiritual: pois sendo em constituição dissemelhantes umas das outras, não podem ser aniquiladas nem desorganizadas.

A lei da progressão eterna também governa o desenvolvimento constante de todas as formas, tanto materiais como espirituais. E é dessa lei que fluem todas as afinidades, afetos, relações, formas e graus de refinamento. Cada lei, portanto, desenvolve forças e tendências correspondentes às particularidades das formas que necessitam de ser ativadas e governadas de forma imutável. Fica assim provado que a alma do homem (que é o próprio homem), juntamente com a sua forma (o corpo), é uma essência organizada, que não pode ser aniquilada nem perder a sua identidade.

A diversidade entre os homens, além de estabelecer a identidade no plano exterior, prova também a identidade interior. E, sendo assim combinados de modo diferente, não podem associar-se uns aos outros de forma a perderem a individualidade, numa mistura generalizada. Antes, cada um, segundo a lei da associação eterna, deve necessariamente preservar a sua própria identidade. E os homens apenas se aproximarão mutuamente na medida em que forem congéneres no plano exterior, em todos os mundos espirituais, assim como no mundo físico.

Tudo é desenvolvido em Ordem e Forma, e todas as coisas unidas constituem uma expressão externa imensa da Sabedoria Infinita – um dos atributos essenciais da Mente Divina. Tudo é ativado, em primeiro lugar, pela Luz e pela Vida; que são também uma expressão externa do Pensamento Divino, ou da essência potencial que é o Amor. Assim, Luz e Vida são Amor, e Ordem e Forma são Sabedoria.

Estas considerações, repito, transportam o tema para uma nova linha de pensamento, que será agora dedicada exclusivamente à alma humana em si mesma. E verificar-se-á que as revelações anteriores contêm em si argumentos latentes, cuja força e alcance ainda não foram plenamente percebidos.

Foi dito que a sensação é o mais elevado dos elementos subordinados da alma, e que, por isso, se torna o meio de comunicação entre a alma e a forma, e, por meio da forma, com o mundo material. Esta verdade é plenamente exemplificada na criação animal; pois o elemento mais elevado da sua constituição é este princípio ou meio da sensação. Assim, todos os animais são governados pelos impulsos da Natureza; ou seja, recebem sugestões apenas do exterior, às quais obedecem invariavelmente. Todos os seus movimentos são mecanicamente gerados, em cada caso resultantes de influências exteriores que atuam sobre a sensação. Esta, ao ser afectada, gera inclinação; e esta atua sobre a vontade, para que esta satisfaça o impulso.

O animal, no entanto, possui uma vontade definida, que serve de moderadora, e atua fortemente sobre as sugestões externas, modificando-as: esta vontade, combinada com a sua engenhosidade mecânica, observável na evitação de perigos e na procura de satisfação, tem sido designada como instinto, e por vezes até como sabedoria absoluta. Contudo, o animal não possui faculdades mentais suficientes para ser o seu próprio governante; pois todas as causas dos seus movimentos, da sua engenhosidade, da sua experiência, do seu instinto e da sua sabedoria, são de origem exterior. São influências que atuam sobre a sensação, criando assim um desejo de satisfação – e este desejo pode ser chamado de o amor dominante dos animais. Pois aquilo que eles desejam ou escolhem fazer, visa apenas satisfazer o elemento da sensação, que é a alma ativa e o impulsionador de todos os seus movimentos externos.

A planta possui movimento e vida. Assim, as suas partículas estão em constante mutação, e toda a estrutura passa continuamente por vários estágios de desenvolvimento. Mas o animal possui movimento, vida e sensação, combinados. O movimento regula a ação constante das partículas constituintes do seu corpo; a vida manifesta-se na energia e animação da forma; e a sensação é a alma ou princípio motor que o faz agir, e do qual evoluem todas as inclinações e desejos.

O movimento pode existir sem que haja vida e sensação; mas a vida não pode existir sem movimento, nem pode haver sensação sem vida e movimento. Isto deixa claro que cada um se desdobra a partir do anterior; e a sensação, sendo o mais elevado de todos, e estando ligada à alma humana, constitui o princípio atuante do animal, e estabelece uma perfeita adaptação entre a sua organização — com os seus afetos e paixões dominantes — e tudo aquilo em que habitualmente se entrega.

Sendo a sensação a mais elevada propriedade da essência espiritual do animal, ela torna-se a mais baixa da essência espiritual do homem. Assim, como foi anteriormente referido, ela estabelece uma ponte entre o princípio interior do homem e a Natureza exterior. Por isso, digo que a sensação é o elemento mais baixo da alma humana, e é o princípio animador que flui espontaneamente do animal para a forma humana.

§ 183. Torna-se agora necessário classificar as partes da alma, a fim de se conceber a relação que elas mantêm entre si, e os três grandes elementos essenciais, que correspondem ao fim, causa e efeito. O fim ou desígnio último é sempre a causa em perspectiva; e esta causa estabelece um efeito; e ambas cooperam para a realização do fim.

Descubro, então, que a alma é composta por três partes distintas: Amor, Vontade e Sabedoria.

- Amor é o primeiro ou elemento rudimentar da alma humana. É aquele elemento líquido, envolvente, delicado e inefável, que se sente nas profundezas de todo o espírito humano, porque é a sua essência germinal.
- Vontade é uma força viva, que serve de elo de ligação entre o Amor e a Sabedoria, estando sujeita à influência e sugestões de ambos. É a consciência inata de energia ou força; e tem-se acreditado que seria um elemento absolutamente independente da mente, além da possibilidade de ser influenciado por encantamentos externos.
- Sabedoria é a perfeição do Amor. É o elemento selador da alma humana; é o estabelecimento da constituição perfeita da alma. A Sabedoria flui do Amor, é dirigida pela experiência, modificada pela Vontade e aperfeiçoada pelo conhecimento. É o princípio pensante, a faculdade que cogita, investiga, busca e explora os campos da existência terrestre e celestial. É a faculdade que analisa, calcula, e imperativamente exige obediência de todas as posses subordinadas da Vontade e do Amor.

Tendo designado estas três partes da alma humana, descerei agora a algumas considerações relativas ao modo como se manifestam através do corpo no mundo exterior, a fim de que a grande questão acerca dos poderes e princípios atuantes da alma humana possa ser esclarecida e igualmente compreendida por todos.

O Amor, sendo o primeiro elemento — a essência da alma — é, por conseguinte, imperfeito, não guiado, e, tal como as formas inferiores na Natureza, desenvolve-se de forma angular. É o progenitor da excentricidade, do impulso, da fantasia, da imaginação, e de conceções inflacionadas sobre tudo o que é invisível, intangível e irreal. Ao mesmo tempo, o Amor é também o elemento da ternura, da bondade, do afeto, do apego, e de todos os sentimentos puros e não corrompidos, que brotam espontaneamente das profundezas da alma, e que se expressam em música, em linguagem, em pintura, na folhagem, no bordado, e em todas as belezas indescritíveis que revestem as câmaras abobadadas dos céus expandidos.

O Amor é o elemento que concebe tudo quanto é amável, o que é gentil, doce, perfumado, e belo, nas suas diversas formas de manifestação exterior.

O Amor gera um afeto por outras formas, ou por toda a humanidade. Para satisfazer esse afeto, os homens formam sociedades, associações, comunidades, irmandades, seitas e congregações, como se observa no mundo exterior.

O Amor também se manifesta em apego conjugal, expresso através da união individual e do matrimónio. Esse mesmo amor, depois modifica-se para um amor pela humanidade em geral, e este gera famílias, seitas e associações.

O Amor nutre ainda um afeto pela música. Este manifesta-se até mesmo nas confusas sonoridades inventadas pelos habitantes mais incultos da Terra, os quais tentam exprimir esse impulso utilizando instrumentos imperfeitos e dissonantes. Os sons criados estão sempre em conformidade com a sabedoria desse amor; e assim, por outro lado, essa insaciável afeição pela harmonia musical levou também à invenção de instrumentos delicados e minuciosamente construídos, com os quais o Amor se expressa por meio dos sons mais subtis e harmoniosos, que influenciam de forma correspondente os pensamentos e conceções da alma.

O Amor também envolve um afeto pelo Belo. E este expressa-se no mundo exterior pela construção de formas de simetria perfeita, bem como pela criação de representações ideais do angélico e do celestial. Expressa-se igualmente na linguagem, por meio de combinações superiores de palavras, que traduzem a eloquência da alma e revelam as conceções interiores do belo.

Erguem-se estátuas e formas simétricas de toda a variedade; constroem-se mansões, edifícios e templos conforme as conceções mais perfeitas do sublime, do belo e do magnífico. Planeiam-se jardins de arbustos e flores segundo uma ideia de ordem perfeita e beleza. E tudo isso não é senão expressão do Amor quando assume essa direção específica.

O Amor também possui um afeto pelo invisível e pelo sublime — cuja expressão exterior são as muitas conceções ideais que se revestem de palavras, e que infundem nos outros afetos um elemento de castidade, refinamento e amabilidade. Esse afeto confere graça, leveza e elegância a cada expressão exterior dos restantes sentimentos do amor.

E o Amor tem ainda um afeto por si mesmo — expresso nos planos engenhosos, secretos e por vezes injustos inventados com o objetivo de auto-benefício; e também nos muitos distúrbios que ocorrem na sociedade; …pela destruição da vida; pelo uso de expressões enganosas; e por todas aquelas formas irreais e não santificadas, e

invenções corruptas, que, pelo desvio desta afeição, prevalecem em toda a irmandade humana.

O Amor envolve a afeição da benevolência ilimitada. Esta expressa-se abertamente na formação de sociedades e instituições, e em todos aqueles grandes e poderosos movimentos tão admirados por todas as mentes elevadas, pela sua tendência para a melhoria da condição humana, e para o estabelecimento final da justiça distributiva e da rectidão universal.

O Amor possui também uma afeição pela justiça. Esta manifesta-se abertamente em todas as relações conscienciosas entre homem e homem, e nas trocas que são justas e recíprocas. Este amor é o amor pelo moral, pelo sagrado e pelo justo. É o amor que concebe toda a perfeição divina, e que dá origem a todos os anseios de pureza, refinamento e bondade distributiva. É aquele que inspira afeição por tudo o que procede da Mente Divina, e por todos os sentimentos exaltados e morais que constituem os atributos mais elevados do ser humano.

Outra afeição do Amor dá origem à esperança. Esta reveste-se com um manto aéreo de contemplação, antecipação e expectativa de tudo aquilo que é desejado pelas outras afeições do Amor.

O Amor abraça também uma afeição pelo alimento que entra na forma material do homem. Este amor manifesta-se externamente na obtenção e na delicada combinação dos alimentos, e no seu envio ao estômago. Leva ao cultivo das porções do reino vegetal e animal que mais contribuem para a sua satisfação. Leva igualmente a uma grande variedade de preparações culinárias, e está constantemente a exprimir-se através da atribuição de sabores deliciosos às substâncias vegetais e animais que são agradáveis aos seus desejos e adequadas às necessidades do corpo humano.

Assim se vê que o Amor, sendo o gérmen da alma humana, possui diversos modos de manifestação; e estes consistem nas engenhosas invenções e estruturas exteriores que existem no mundo. Compreender-se-á melhor o Amor, mais adiante, quando eu considerar a tendência moderadora da Sabedoria, que é a influência adequada para controlar todas as afeições incluídas no princípio do Amor.

§ 184. Da faculdade do Amor, como base da alma, flui a faculdade da Vontade. Esta torna-se, então, a faculdade mediadora da mente humana, e é o meio utilizado pelo Amor para realizar qualquer fim que deseje. Aqui se tornam claros os três princípios motores envolvidos na concretização de qualquer fim concebido e desejado. O Amor percebe e concebe aquilo que é congénito às suas afeições. O fim a atingir é a causa que leva o Amor a impulsionar a Vontade a agir sobre o corpo,

para o concretizar. Por outras palavras, a Vontade é o instrumento de que o Amor se serve para alcançar o objetivo ao qual aspira.

A Vontade, em todos os casos, está sujeita às sugestões do Amor, e todos os seus actos têm origem nessas sugestões. A Vontade é a faculdade utilizada para mover o corpo na realização de qualquer ação exterior, cujo fim o Amor tenha desejado. O Amor concebe o fim ou objeto que satisfaria a sua afeição, e seria agradável aos seus desejos; e essa perceção é a causa primeira de o Amor incitar a Vontade à ação para a sua concretização.

No entanto, a Vontade é uma força viva, uma faculdade perfeita, e uma parte determinada da alma. Por meio das suas propriedades e influência inerentes, o corpo é levado a mover-se; e todas as atitudes variáveis do mesmo são as formas exteriores e projecções da faculdade da Vontade. Por outras palavras, a Vontade evolui pensamentos, à medida que estes são sugeridos pelas operações do Amor e das suas afeições; e esses pensamentos da Vontade são expressos em formas manifestas ao mundo exterior — isto é, nas posturas assumidas, nos movimentos corporais e em todas as ações externas que o corpo executa. Tudo isto são as formas exteriores dos pensamentos gerados pela Vontade. Sendo a Vontade o meio de que o Amor se serve para instituir, construir ou criar qualquer forma pela qual tenha afeição, é por isso o elo de ligação e instrumento através do qual se produz todo o movimento, toda a construção e toda a manifestação exterior.

A Vontade não possui ação independente, e não pode iniciar movimento por si própria: ela só atua quando excitada e impulsionada pelo Amor. O Amor, portanto, é a causa primária da ação exterior; e a Vontade é o efeito imediato; sendo que os resultados produzidos por esta são os efeitos exteriores visíveis. Por outras palavras, a Vontade é utilizada pelo Amor para exteriorizar a expressão dos seus próprios pensamentos.

Se um homem concebe a construção de um belo edifício, cujas partes interiores e exteriores estão claramente delineadas na mente, é porque primeiramente concebeu os usos que o edifício e as suas diversas divisões podem cumprir. E como é o uso que planeia e organiza toda a construção, pode-se dizer que o plano do edifício, quanto à sua forma e aparência, corresponde e representa fielmente o uso que o originou.

Mais ainda: pode afirmar-se que o uso a que o edifício se destina corresponde precisamente à forma das suas afeições, ou aos desejos que brotam do Amor. Tendo o uso e o plano bem fixados na mente, o seu amor pela concretização do fim incita a Vontade à ação, que prontamente obedece — e movimentos exteriores são imediatamente instituídos com vista à construção e conclusão do edifício. Nesse sentido, o edifício, nas suas partes, corresponde também aos movimentos isolados da

Vontade entre os materiais adaptados à sua estrutura, e que contribuem para a formação do Todo perfeito.

Tal como o uso concebido sugeriu a forma e a estrutura do edifício, assim o edifício corresponde ao uso a que está adaptado; e o edifício, juntamente com o seu uso, representam a afeição ou conceção do Amor. Assim, o Amor expressou abertamente o seu pensamento; e essa expressão consiste no edifício que foi erguido. Vê-se, pois, que a causa do edifício está envolvida no uso a que é destinado. Este uso atua sobre o Amor; e este, por sua vez, incita a Vontade — e assim, o fim é alcançado.

§ 185 A terceira faculdade da alma evolui da Vontade e do Amor, sendo a mais elevada e perfeita de todas; e esta junta-se e permeia as outras, de forma que as três formam um Todo perfeito. Essa faculdade é a Sabedoria.

A função da Sabedoria é ouvir silenciosamente as sugestões do Amor e da Vontade, e modificá-las segundo a razão, a forma, a ordem e a harmonia perfeita. O Amor, sem a Vontade, seria excêntrico, impulsivo, desordenado e confuso — a tal ponto que todo o sistema da Natureza não passaria de uma vasta congregação de formas desorganizadas. Tudo estaria deslocado, mal formado, mal construído e inútil às necessidades do homem. Mas, sendo o Amor modificado pela Vontade, passa a estar limitado no seu raio de ação, e confinado nas suas conceções a uma esfera definida.

Contudo, o Amor e a Vontade seriam ambos excêntricos e desgovernados nos seus movimentos entre as coisas materiais, se não estivesse presente a Sabedoria, que sobre eles preside e os orienta. A Sabedoria está contida no gérmen da alma, que é o Amor — desenvolve-se no corpo, que é a Vontade — e perfecciona-se na flor, que é ela própria. Assim, a Sabedoria permeia, orienta, modifica e governa as duas outras, pois é a faculdade coroante da alma, e o atributo mais perfeito de todos.

A Vontade, então, é a perfeição do Amor, e por isso recebe, contém e manifesta constantemente todas as qualidades, pensamentos, afeições e desejos do Amor. A Sabedoria é a forma perfeita de ambas, pois é o progresso último que delas resulta; sendo também a representação de todas as suas qualidades latentes e afeições não expressas. A Sabedoria é a faculdade da alma que dá ordem e forma a todas as coisas no mundo exterior; ao passo que o Amor concede à ordem e à forma luz, vida, gosto, graça e elegância. E a Vontade é a faculdade executiva entre a Sabedoria e o Amor, obedecendo continuamente às sugestões do Amor, quando sancionadas pela Sabedoria.

A excentricidade do Amor e da Vontade é largamente moderada pela influência permeiante e controladora da Sabedoria, que se torna diretora, governante e senhora

das duas. Se não existisse a Sabedoria, ordem, forma e adaptação não seriam conhecidas, nem no mundo natural nem no artificial. Assim, a forma exterior da Sabedoria é a ordem perfeita e a uniformidade exibidas no mundo externo. Já a forma perfeita do Amor é o uso para o qual todas as coisas exteriores são concebidas e adaptadas. O Amor também se manifesta na vida, graça e elegância, que tornam cada forma exterior bela e admirável.

Deste modo, vê-se que a Sabedoria é o cume e a flor da alma humana, estando constantemente ocupada em evoluir pensamentos, que se revestem de coisas materiais no mundo exterior. Quanto mais se permitir à Sabedoria atuar, maior será o seu campo de ação, e mais o mundo natural e artificial manifestará beleza, ordem e harmonia. Mas quanto mais for restringida, e menos se atender aos seus ensinamentos, mais a Natureza e as criações humanas se tornarão num sistema desorganizado e inútil, em vez de expressarem paz, ordem, beleza e reciprocidade universal.

O Amor é apenas a vida das coisas; a Vontade é o meio usado para alcançar um fim desejado; mas a Sabedoria é a ordem, beleza, harmonia e perfeição de todas.

O Grande Espírito Divino, em essência, é Amor: este é a luz e a vida do Universo. O Universo, por sua vez, é o Corpo do Amor, e a sua forma perfeita. Mas a Sabedoria é o atributo supremo, e o grande fim último do Desígnio eterno. E a Sabedoria confere ao Amor (luz e vida) um corpo, e a este corpo, ordem e forma. O conjunto é, assim, transformado num Sistema harmonioso, onde cada forma exterior é uma representação perfeita da sua causa criadora.

As três partes do grande Sistema universal são, portanto:

- A Mente Divina, ou Amor, que é a Alma;
- O Universo, que é o Corpo, Meio, Mediador e Forma;
- E o Espírito, que é a Ordem, a Forma, a Sabedoria, e o Grande Desígnio do todo do Univercelo.

O fim primário concebido era a individualização do espírito humano; e, para alcançar esse fim, a Causa e o Efeito foram postos em ação. A Mente Divina é a Causa, o Universo é o Efeito, e o Espírito é o Fim último. Esta verdade é demonstrada em cada departamento deste espaço terrestre, e exemplificada particularmente na natureza e desenvolvimento da alma humana, que corresponde exactamente ao grande Sistema do Universo.

Tudo manifesta, perpetuamente, nos seus movimentos interiores e exteriores, Fim, Causa e Efeito; e Luz e Vida são Amor, enquanto Ordem e Forma são Sabedoria.

§ 186 Os metafísicos têm dedicado muito tempo à discussão de questões relativas à consciência inata da alma, ao chamado "livre arbítrio", à "necessidade", e à natureza e relações das suas faculdades. As faculdades que se considera comporem as diversas partes da alma foram cuidadosamente classificadas sob as categorias gerais de tendências, sentimentos e faculdades intelectuais. As primeiras são apresentadas como estando relacionadas com o eu e com as coisas do mundo exterior; as segundas, como geradoras de conceções morais e do sentido de justiça; e as terceiras, como englobando os poderes da razão, da análise e da investigação.

Muitos desses classificadores atribuíram à alma a faculdade do livre arbítrio absoluto—isto é, o poder de agir ou não agir de um determinado modo, sem influência de qualquer causa interior ou exterior. Atribuíram-lhe ainda faculdades inatas inclinadas continuamente para a maldade e a abominação, encontrando prazer em todo o tipo de males e licenciosidades, ansiando prejudicar o próximo, destruir a vida, e procurando, mesmo à custa de todos os princípios morais, o próprio benefício.

Entretanto, esses metafísicos creram que a mente humana possuía uma independência absoluta nas suas ações, separando-a de qualquer influência do mundo material.

Descubro agora a razão pela qual todas estas opiniões surgiram e por que motivo se enraizaram nos sistemas filosóficos e metafísicos mais amplamente aceites. A explicação está no facto de que a mente não consegue analisar nem compreender a si própria.

Além disso, descubro que a alma não possui tais propensões ou desejos inatos para o mal ou para a injustiça. Ela não deseja ferir, enganar, nem dissimular. Também percebo que a alma não tem independência absoluta e que todas essas teorias metafísicas são profundamente falsas, porque surgiram de conceções superficiais da mente, e não de um verdadeiro conhecimento da sua essência interior e divina.

Foi-me concedido compreender que a alma humana é, em grau inferior, a imagem e semelhança da Grande Mente Positiva, sendo um produto dos desenvolvimentos incessantes e sucessivos daqueles atributos sublimes que, interligados, são a causa de todas as coisas.

Repito: a origem destes equívocos metafísicos está no facto de que nenhuma substância, composto ou mente possui em si mesma a capacidade de auto-investigação. A semente não pode compreender as suas próprias qualidades, mas a sua forma desenvolvida pode—porque representa um estado mais elevado e desdobrado dessas qualidades e, assim, tem capacidade para compreender tudo aquilo que se encontra abaixo de si no estado de ser.

Assim também, a mente humana pode compreender tudo o que lhe é inferior, mas não pode compreender-se a si mesma, nem graus mais elevados de existência. E se não me fosse permitido ocupar uma esfera superior de pensamento e observação, a alma também me pareceria uma consciência indefinida e ambígua, sem forma, ordem ou substância tangível aos sentidos.

O homem, ao investigar as faculdades, tendências e impulsos da alma, olha para fora de si—e, portanto, a evidência sobre a qual poderia basear conclusões legítimas escapa-lhe completamente. Essa evidência brotaria dos impulsos do seu próprio interior, proclamando conclusões verdadeiras e demonstráveis.

Eis, então, a razão pela qual o homem ainda não compreendeu a sua verdadeira natureza e constituição. O motivo pelo qual se atribuíram à alma humana essas propensões malignas, é porque os homens se limitaram ao plano exterior de observação, onde só veem os desvios fantásticos do amor humano—amor que não é guiado nem modificado pelas advertências da Sabedoria. Julgam apenas pelos aspetos exteriores das coisas, e com base nisso acusam os afetos da alma de estarem degenerados, corrompidos e essencialmente maus.

Ao observar os movimentos incoerentes dos homens, a mente percebe imediatamente o desvio do Amor e da Vontade, e a sua má aplicação no que toca ao benefício individual e coletivo da humanidade. E para que se instale a harmonia em todas as coisas, e beleza e utilidade em todas as formas exteriores, é necessário esclarecer e desenvolver a Sabedoria humana. Isso dissipará de imediato toda a confusão e desordem no mundo exterior, e tornará todas as coisas úteis, harmoniosas e recíprocas.

§ 187 Lembra-te de que as formas exteriores correspondem ao estado do homem interior. Lembra-te também de que a Sabedoria é a grande faculdade da alma humana, e que deve ocupar uma posição de comando e supremacia. Ela deve exercer influência sobre todas as faculdades e afeições subordinadas da alma, as quais devem (e acabarão por) se submeter às suas orientações.

A Sabedoria é a senhora da criação: pois é por ela que os campos do reino vegetal se tornam férteis e úteis, e que as formas no mundo animal cumprem a função para a qual foram concebidas, contribuindo para o bem-estar da raça humana. É também pela Sabedoria que o Amor é orientado, e todas as suas afeições são modificadas e tornadas úteis. É por ela que os vários objetos criados pelo Amor são adaptados a fins úteis e tornam-se benéficos à humanidade.

O Amor usufrui do contacto com o mundo exterior através do meio da sensação. Sem esta, não haveria comércio, pois é por meio da sensação que a alma humana pode simpatizar com as coisas exteriores, e conceber finalidades que se adaptem à

sua natureza e constituição. É por esta via que a alma experiencia o fluxo constante dos elementos das coisas materiais. É por ela que o Amor emana afeto pelas coisas externas, e é por ela que o interior e o exterior podem relacionar-se mutuamente.

Portanto, é pela Sabedoria que o Amor deve ser orientado; e, embora as suas conceções e afeições possam ser ambíguas, excêntricas e imaginativas, uma Sabedoria bem desenvolvida jamais permitirá que a Vontade entre em ação antes de tais afeições serem essencialmente modificadas de acordo com princípios de utilidade.

A Vontade, por sua vez, está também sob a direção potencial da Sabedoria. Sempre que a Vontade é instigada pelo Amor a realizar um ato externo, a Sabedoria percebe a sugestão, compreende a sua utilidade e orienta a força volitiva para a sua concretização.

§ 187 Por vezes, a Vontade é ativada apenas pelo Amor; e isto acontece quando a faculdade da Sabedoria está ainda por desenvolver—e então as manifestações exteriores da Vontade são impulsivas, irrefletidas e, frequentemente, prejudiciais ao bem-estar do homem. Quando a Vontade atua desta forma, as consequências são nocivas para a harmonia geral e para a unidade necessária de todas as coisas. O conhecimento deste facto demonstra a importância da elevação universal da mente humana, e da educação adequada quanto à sua natureza interior e também quanto à sua relação com o mundo exterior.

Mostra também que o corpo ou forma deve encontrar-se numa posição elevada a fim de provocar um desenvolvimento apropriado da inteligência; e isso só pode ser alcançado seguindo os ditames de uma Sabedoria bem constituída e bem desenvolvida.

A causa da desarmonia nas ações, sentimentos e afetos dos homens encontra-se na condição não educada e na má direção das faculdades da alma humana, e não na sua depravação inata ou tendência natural para o pecado. A origem de todas as formas de licenciosidade, imoralidade e da ação desenfreada das chamadas paixões inferiores da alma reside unicamente na ignorância, na insensatez e na debilidade de mentes não orientadas pela faculdade da Sabedoria.

Logo, torna-se evidente que tais comportamentos não existiriam se a raça humana estivesse espiritualmente elevada, e se as suas faculdades estivessem tão expandidas que nada existisse senão a perfeita Ordem e Forma da Sabedoria. Tal realidade (e ela virá) representará harmonia universal, justiça distributiva, amor ao próximo, fraternidade e caridade.

Que cada um, então, cesse de proclamar hipóteses metafísicas que rebaixam a divindade inata da alma humana, e que se eleve ao plano do pensamento interior e natural—e que, depois disso, todas as suas ações exteriores correspondam não às afeições e crenças hereditárias do Amor, mas às aprovações livres de uma Sabedoria bem instruída e desenvolvida.

Eis, então, a razão pela qual os homens aderiram durante tanto tempo às crenças imaginativas do Amor, em vez de ouvirem os ensinamentos espontâneos do seu julgamento. Todas as opiniões hereditárias são meramente impressões precoces sobre o Amor. Mas os homens que rejeitam qualquer afeição hereditária quanto ao pensamento são aqueles em quem se desenvolveu a mais elevada faculdade da alma—a Sabedoria. É por meio dela que recebem e transmitem instrução, por ela são guiados todos os seus movimentos exteriores, e todas as suas criações e invenções, embora motivadas pelo Amor, são tornadas perfeitas em Ordem e Forma graças à Sabedoria.

§ 188 Os homens, em geral, acreditam que possuem poder para agir independentemente de todas as influências, sejam elas de impulsos interiores ou de sugestões do mundo exterior. Supõem ter uma consciência interior da veracidade disto—sentindo que têm um poder que existe por si só para agir segundo o desejo da Vontade, a qual lhes parece nascer por si mesma e reger-se sem interferência. A razão dessa convicção é clara: nenhum homem possui, em si mesmo, a capacidade de perceber a relação e conexão entre as partes da alma; e, portanto, todas as conceções que possa formar sobre o seu interior são vagas, intangíveis e insatisfatórias.

O homem sente uma convicção de que existe e atua independentemente de todas as outras formas visíveis, e que não é influenciado por nenhuma causa aparente. Sente que tem poder para fazer ou não fazer qualquer coisa que surja à mente. Acredita que possui força e independência para aceitar ou rejeitar, agir ou não agir; e foi-lhe ensinado a crer que é um "agente livre", não influenciado, nem governado ou restringido por coisa alguma nas suas ações.

A origem dessa convicção interior está nos movimentos próprios das três partes da alma—o Amor, a Vontade e a Sabedoria. Já foi demonstrado que o Amor é quem inicia a ação, tanto por impulsos internos como por desejos excitados pelas coisas materiais que têm relação com a sensação do corpo. O Amor é, assim, a causa primária de toda ação, de toda vontade e de todo pensamento na alma humana.

A transição do pensamento do Amor para a Vontade é imperceptível; e, no momento em que o pensamento desperta a Vontade para a ação, o homem sente consciência de ter poder para resistir ao impulso e manter-se imóvel. Esta convicção é verdadeira; mas isso não prova que a força volitiva da alma seja independente: pois a Vontade é

sempre uma faculdade passiva, nunca atuando a não ser que seja estimulada por influências exteriores ou por causas interiores.

Além disso, o homem não consegue perceber a transição do pensamento da Vontade para a Sabedoria; e no momento em que esta última faculdade é convocada, o homem experimenta aparentemente uma força acrescida, e sente uma convicção de poder independente de ação. A razão disto é igualmente clara: a Vontade raramente atua sem primeiro obter a aprovação da Sabedoria; e a hesitação que ocorre na mente entre o momento da sugestão do Amor e o da aprovação da Sabedoria imprime no pensamento a convicção de que existe uma escolha ou liberdade de ação dentro da própria Vontade.

O homem sente um impulso para agir, mas hesita—e essa hesitação é um sinal das deliberações da Sabedoria. E quando esta dá o seu aval, a mente sente-se impelida para a frente, e a pessoa manifesta firmeza e força, avançando com convicção interior de prudência, justiça e verdade, sentindo uma aprovação interna. Isto acontece sempre com mentes bem estruturadas e altamente desenvolvidas.

No entanto, a Sabedoria em si não é uma faculdade formada por si própria nem isenta da influência de coisas interiores ou exteriores; pois o julgamento desenvolve-se por meio da experiência interna e externa, da qual aprende política, prudência, ordem, harmonia e propriedade, relativamente aos seus movimentos em relação às faculdades associadas e à sua orientação interior no que respeita à ação externa.

Quando a Vontade é afetada por um impulso irresistível proveniente do Amor, por vezes atua sem consultar ou escutar as advertências da Sabedoria. Quando tal acontece, o homem sente uma consciência interior de violação, e um sentimento paralisante de impropriedade e injustiça. Experimenta uma convicção íntima de culpa e de ingratidão para com os constantes, embora silenciosos, impulsos da Sabedoria. E a condenação interna que sente resulta das desaprovações do julgamento; e os efeitos de uma consciência violada são expressos nas feições do rosto.

Assim, compreende-se que a Vontade é uma faculdade passiva, sujeita ao comando e ação do Amor e da Sabedoria. Existe uma luta constante entre as sugestões do Amor e as aprovações do julgamento. Esta luta não existiria se os homens cultivassem as suas faculdades interiores, de modo a reconhecerem os grandes princípios do Universo, e assim aprenderem a viver, no seu plano exterior de ação, de maneira correspondentemente harmoniosa. Então, o julgamento tornar-se-ia sempre a faculdade suprema e governante entre os departamentos da alma humana; e então, todas as coisas no mundo exterior corresponderiam com precisão aos seus ditames. Quando a Sabedoria assume uma posição inabalável no trono do mundo

interior, ou da alma, todas as outras faculdades, como súbditas, serão influenciadas, dirigidas e governadas por um governo justo.

Dessa forma, a convicção da independência da alma surge de um desenvolvimento insuficiente da faculdade da Sabedoria, da má direção das demais faculdades, e especialmente dos métodos muito superficiais de as educar, que atualmente prevalecem.

Repito: a Vontade é uma faculdade passiva. É, no entanto, não só recetáculo de pensamento, mas também uma faculdade de pensamento em si mesma; e é ainda um meio de comunicação entre o Amor e a Sabedoria. Daí que, quando os pensamentos são evoluídos a partir da força volitiva, o homem sente que possui uma independência de ação, e uma "vontade livre" não influenciada. Digo que isso ocorre quando os pensamentos são gerados pela Vontade, e não apenas quando esta incita o corpo ao movimento exterior, que o homem concebe a liberdade da sua própria Vontade. Pois quando a volição ocorre, o julgamento toma consciência das operações da Vontade.

Ainda assim, o homem sente por vezes uma convicção de "livre arbítrio" quando o julgamento é quem gera o pensamento, e enquanto a Vontade está envolvida em volição constante.

As combinações da alma são, por si mesmas, um enigma que nenhuma mente pode resolver. E é a natureza fugaz da ação de cada faculdade que dá origem à convicção interior de "livre arbítrio". Outra causa dessa convicção é que o homem não distingue claramente os impulsos e sugestões específicos do seu interior. Por isso, fica confuso com a evolução geral do pensamento, precipita-se em conclusões erradas, e adota princípios falaciosos de especulação metafísica.

O homem está constantemente sujeito às sugestões do Amor, e aos pensamentos que a Sabedoria desaprova. Assim, sente uma luta interna constante entre os afetos e desejos inferiores do Amor e as aprovações da Sabedoria. Entretanto, a Vontade, como mediadora entre as duas outras faculdades, é passiva. Um homem pode sentir-se impelido a agir de determinada forma, e ainda assim não obedece ao impulso, dizendo:

"Não o farei, até que o meu julgamento me convença da justeza da ação."
Isto é, certamente, uma clara demonstração de dependência absoluta, e é uma expressão que nasce de um julgamento ainda indeciso. O homem usa sempre o pronome "eu" como sujeito da ação, ou como aquele que sofre a ação, sempre que o julgamento aprova ou ordena uma ação exterior. Na expressão

"Eu não agirei até que o meu julgamento aprove", o pronome "eu" representa a Vontade, a faculdade passiva; enquanto "o meu julgamento" representa a faculdade superior, que é a Sabedoria. E como a Sabedoria depende das experiências e influências exteriores, bem como da qualidade dos pensamentos interiores, não se pode dizer com verdade que esta possua um poder independente que se possa, com propriedade, chamar de "livre arbítrio".

Portanto, a ideia da existência de “livre arbítrio” provém de uma consciência indistinta que permeia o funcionamento da alma. A crença também surge da confusão entre as ações das várias faculdades, sem perceber as relações que mantêm com o mundo exterior, com as formas que habitam, ou umas com as outras. Assim, não existe qualquer lei, princípio ou facto que ofereça a esta crença a mínima prova concreta.

Alguns metafísicos — especialmente Locke e Platão — afirmaram que o “livre arbítrio” do homem está demonstrado pela sua superioridade sobre todas as outras formas na Natureza; que os animais são governados por impulsos instintivos e por influências que provêm das coisas que os rodeiam, enquanto o homem é movido por um impulso, mas tem liberdade para recusar agir. Assim, dizem eles, o homem age sob uma liberdade manifesta da vontade.

A mente perspicaz perceberá imediatamente que isto indica uma visão muito superficial da causa da ação no corpo animal e humano; e a hipótese é assumida sem analisar as faculdades individuais da alma humana, e os seus modos específicos de ação. O homem é apenas uma forma elevada entre todas as formas da Natureza; e da variedade da qual ele faz parte, resulta um sistema completo, no qual se podem observar séries, graus e estados de progressão, tanto no que diz respeito à essência como à forma, ou seja, à alma e ao corpo. Mas não existe qualquer prova de que a superioridade percetível do homem sobre as criações inferiores indique que ele possui um poder independente de ação, enquanto todas as outras coisas no Universo estão inseparável e imutavelmente unidas.

É evidente, de facto, que há um certo tipo de independência inerente a cada partícula de matéria existente; e isso consiste apenas no facto de as formas possuírem uma existência individual. Neste sentido, o termo independência pode ser aplicado a todas as coisas. Mas, referindo-nos ao Sistema total da criação divina, não se pode afirmar que exista algo como uma independência absoluta; pois todas as coisas são apenas partes de um Todo grandioso e estupendo – e é justamente a partir disso que se demonstra a unidade e a interdependência de todas as coisas.

As numerosas classificações que têm sido feitas do desenvolvimento frénico da alma não têm ligação direta com os princípios aqui avançados, na medida em que se fundam na constituição anatómica do cérebro, sendo, portanto, externas, e não

verdadeiramente ligadas a nenhuma das realidades interiores ou do princípio pensante.

§ 189. A seguir, procederei à consideração dos Sentidos espirituais e materiais, e das suas relações com o mundo exterior. Mas descubro que dois sentidos foram atribuídos ao homem, os quais ele apenas possui de forma qualificada, e mesmo assim apenas como ramificações de outros.

O Tato (ou sensação) é um sentido distinto, e mantém uma estreita ligação com a faculdade do Amor.

A Audição, ou sentido do som exterior, também é um sentido distinto, e está ligada à ação combinada do Amor e da Vontade, especialmente à Vontade, pois é por meio desta que tal sentido se torna um delicado meio de comunicação entre o interior e o exterior.

O sentido da Visão está relacionado com a faculdade da Sabedoria; e, por isso, encontra-se subordinado à Vontade. Ver é sempre um ato da Vontade, aprovado ou permitido pela Sabedoria; pois a pessoa pode ou não usar os seus olhos para observar as coisas materiais.

Já a Audição é um sentido relacionado com o Amor e a Vontade; e, por isso, a Vontade não tem poder para impedir o fluxo de vibrações sonoras. E o Tato é um sentido ligado apenas ao Amor, sendo um elo de ligação entre as faculdades humanas e os instintos da criação animal. Daí que a Vontade e o Amor não têm poder sobre ele, não podendo governar a sensação que dele resulta, nem modificar as intrusões das coisas exteriores sobre a sua suscetibilidade.

Outros dois sentidos têm sido reconhecidos como pertencentes ao homem: o Paladar e o Olfato. Mas essa classificação não pode ser verdadeira; pois o paladar e o olfato estão confinados ao sentido do Tato, e os seus órgãos são apenas canais por onde sensações peculiares são recebidas. O olfato não está sujeito nem ao julgamento nem à vontade; nem o está o paladar; pois cada um deles, ao contrário dos restantes, é passivo e não possui capacidade para resistir às invasões externas.

Pode-se demonstrar que o sentido da Audição depende apenas primariamente do Tato como meio de comunicar o som ao interior, e que os detalhes da sua ação, e os seus efeitos no interior, são em grande parte governados pela influência da Vontade e da Sabedoria. Ou seja, o som é regulado não tanto pela estrutura do ouvido, mas sim pela ação da Vontade e da Sabedoria sobre ele. Assim, o som é tornado, pelo julgamento, suave, agradável ou repulsivo – e isso mediante o chamamento à ação da força volitiva. Digo, portanto, que isto pode ser demonstrado; e isso estabelece a posição deste sentido entre o Tato e a Visão: pois a Audição é um sentido mediador.

O homem, então, possui três sentidos distintos:

- O sentido subordinado ou sugestivo, que é o Tato;
- O sentido passivo ou modificador, que é a Audição;
- O sentido superior ou protetor, que está acima e sobre todos os outros, e este é a Visão.

A Visão está especialmente relacionada com a Sabedoria; e ambas são vigilantes e cuidadosas na proteção de todas as posses subordinadas da forma interior e exterior. A Audição é um sentido intermediário, ligado à Vontade e ao Amor, e é passiva. Por conseguinte, está sujeita a receber todos os sons criados ou desejados pelo Amor, admitindo-os no interior de acordo com a tendência modificadora da Sabedoria. E o Tato é o sentido germinal ou rudimentar, sujeito às sugestões do Amor, e à influência das coisas exteriores sobre o corpo.

Agora se torna evidente por que a forma exterior do homem corresponde e representa o seu ser interior. Pois compreende-se que há uma trindade em todas as coisas, e que existe uma semelhança perfeita entre a forma exterior do homem e a forma e estrutura da sua alma. A alma do homem é, assim, provada como sendo uma realidade tangível; pois ficou claramente demonstrado, mesmo para o observador sensorial, que as formas são criadas e determinadas apenas pela sua essência. Esta verdade de extrema importância aplica-se tanto ao homem como a todo o Universo. Para contemplar a alma ou o espírito do homem, então, observa-se o seu modo material de existência. E, ao mesmo tempo, considera-se que o verdadeiro homem é o interior, sendo este que anima a forma material, a fim de aperfeiçoar a sua constituição, preservar a sua identidade, e também estabelecer uma ligação inseparável entre o mundo material e o espiritual.

Nota editorial: Pode não ser despropositado assinalar um fenómeno que aqui ocorreu. Após cerca de três horas a discursar, e dado o cansaço causado pela posição sentada prolongada dos presentes, o orador fez uma pausa e comentou com o seu magnetizador: “Percebo que terei agora de me ausentar (isto é, do corpo) durante cerca de seis ou sete minutos, período durante o qual o escriba e os demais poderão esticar os músculos com algum exercício.” Assumiu então a sua habitual posição reclinada, permanecendo imóvel e rígido como uma estátua, respirando muito levemente, durante aproximadamente sete minutos.

Regressou depois com convulsões musculares ligeiras e sob emoções mentais que não pôde suprimir totalmente. Disse então: “Vejo que tenho ainda pouco a dizer antes de abordar um assunto totalmente distinto e de uma ordem superior; e como as minhas impressões fluem com facilidade, vou agora transmitir tudo o que antecede as revelações sobre as esferas espirituais.” Prosseguiu depois, com clareza e

determinação, o que antecede as suas considerações sobre o processo da morte. Toda a sessão teve uma duração superior a quatro horas.*

§ 190. Pelas considerações anteriores, fica claro que o homem materialmente é a perfeição de toda a Matéria na Natureza; e que o homem espiritualmente é a perfeição de todo o Movimento no Universo, ou seja, da Primeira Grande Causa do Movimento, que é a Mente Divina, cuja Essência é o Amor: e que o homem, em espírito, é constituído pela sabedoria do Amor.

Foi igualmente demonstrado que toda forma se desenvolve progressivamente, desde as partículas inferiores da matéria até à simetria perfeita da organização material do homem; e que a forma ou essência seguiu, do mesmo modo, uma trajetória de desenvolvimento até à organização espiritual perfeita.

Mais ainda: foi demonstrado que o exterior ou a forma é a imagem expressa da sua essência interior, que se desdobra de dentro para fora segundo o princípio de fim, causa e efeito.

Desejo, portanto, enfatizar essa grande verdade espiritual e eterna, que é necessária ao homem para que ele conheça a si mesmo e alcance a felicidade:

Que todas as substâncias manifestas, todas as formas, todas as composições — em suma, todas as coisas visíveis — são expressões de uma causa produtiva interior, que é a essência espiritual.
Que o Reino Mineral é uma expressão do Movimento;
Que o Reino Vegetal é uma expressão da Vida;
Que o Reino Animal é uma expressão da Sensação;
E que o Homem é uma expressão da Inteligência.

Do mesmo modo, os planetas do nosso sistema solar são expressões perfeitas do Sol de onde emergiram; os vários corpos e sistemas planetários do Universo são expressões perfeitas do Grande Sol do Univercoelum; e este Grande Sol é expressão perfeita do Sol Espiritual dentro dele; e o Sol Espiritual é, por sua vez, expressão perfeita da Mente Divina, do Amor, da Essência.

Assim, o Sol Espiritual é o Centro e a Causa de todas as coisas materiais. Ele é uma esfera radiante, ou atmosfera divergente da Grande Causa Eterna. É um aroma, uma veste, uma irradiação perfeita da Essência mais interior, que é a Alma Divina e Criadora.

Contemplai, pois, a verdade: que o Universo Material é a representação perfeita do Universo Espiritual, no qual nada existe que não seja eterno e infinito; que todo o

Sistema Material é o Corpo da Alma Criadora; e que a Essência Espiritual se desdobrou e manifestou em uma Forma Material!

E esta Forma é a Ordem e Sabedoria da Mente Divina.

A Luz e o Amor constituíram o primeiro desdobramento do Sol Espiritual; e essa foi uma Luz e Vida inconcebíveis — um brilho que se estendia por toda a altura, profundidade, largura e extensão do espaço — e tornou-se o próprio espaço iluminado. E, ainda assim, o espaço não é limitado, nem poderia ultrapassar as expansões luminosas do Grande Sol Espiritual.

E quando o Universo foi completado, a Ordem e a Forma reinavam de forma omnipresente em todo o Univercoelum!

Tal foi o grandioso e maravilhoso Desdobramento do Grande Sol Espiritual — este que desenvolveu o Sol Material, e este, por sua vez, o Universo expandido!

O PROCESSO DO MORRER

Todas as coisas que o homem cria são tais que representam as ideias que tem. São apenas as expressões externas das ideias da sua alma. Ele nada cria além do que é uma evidência viva e representação de uma ideia previamente concebida. Esta verdade é útil como um guia para a mente; porque quando a investigação é feita com respeito ao que é a alma, onde reside, em que condições existe e que evidências - as evidências tangíveis da sua existência - esta verdade, que agora é provada ser uma verdade universal, deve ser trazida à mente: que todas as coisas tangíveis são, na realidade, as evidências vivas da alma interior, manifestadas aos sentidos materiais e úteis às exigências do mundo exterior.

Toda mente deve conceber a existência de uma Causa como causa de quaisquer efeitos visíveis aos sentidos. E a causa deve ser admitida como correspondente ao efeito, caso contrário o efeito não poderá ser atribuído a nenhuma causa que o produza. Daí resulta que todas as coisas externas e visíveis são efeitos, induzidas, criadas e desenvolvidas no mundo externo por uma causa interna correspondente; e essa causa deve constituir a realidade efetiva, ou então os seus efeitos tangíveis não poderiam ter sido produzidos. Assim, todas as coisas materiais criadas pelo homem são as formas dos pensamentos que tem; e estes são os descendentes da alma. A forma do homem é uma similitude, um tipo, uma representação da causa ou alma que o anima e desenvolve para o mundo exterior. Os sentidos externos são típicos dos internos; pois eles brotam das partes correspondentes da essência interior.

E sinto-me autorizado a afirmar, pela natureza das impressões que recebo, que se o homem tivesse uma situação diferente e uma educação superior, não estaria tão distanciado do mundo espiritual como está agora na sua esfera de pensamento. E,

além disso, ele haveria de reconhecer o uso adequado de todas as coisas e de as aplicar aos seus desejos, conforme orientado pelo fator que governa todas as coisas, que é a Sabedoria. E haveria de reconhecer a relação que existe entre o mundo natural e o mundo espiritual; e isso igualmente sem experimentar uma metamorfose ou transformação do homem real do mundo exterior para o mundo interior.

Além disso, descubro agora que, com respeito à alma e à forma o homem se torna individualizado nesta esfera e preserva a sua forma doravante, e não conhece mudança; e que o homem existe no outro mundo numa forma humana perfeita e entre tantas formas expressas da essência e tantas projeções do pensamento quanto existem nesta esfera do ser. Descubro que a Segunda Esfera se desenvolve a partir desta, a primeira, e que é a forma perfeita desta sua causa e criadora.

§ 191. Quero que o leitor compreenda a forma como emprego as palavras para expressar o pensamento; pois é apropriado evitar toda obscuridade e pensamentos indefinidos ou imaginativos. Saibam, então, que utilizo os termos "essência", "espírito", "alma" e "ser interior" como sinónimos, significando a forma que anima o corpo, sendo este corpo uma expressão exterior daquela. Emprego os termos "espiritual", "celestial" e "celeste" como representações de graus distintos de refinamento material. Uso a linguagem num sentido relativo, embora intencione que cada expressão seja entendida no seu sentido absoluto, sendo relativa apenas em relação ao Sistema Universal, do qual esta filosofia pretende ser uma expressão tangível e verbal.

Ao empregar os termos "espírito" e "alma", adapto-me às formas de expressão impostas à filosofia pelas mentes especulativas, com o intuito de comunicar as suas ideias.

Desejo também que todos compreendam que considero (porque percebo) que todas as coisas, sejam tangíveis ou intangíveis, são materiais; que não existe tal coisa como “imaterial” ou “imponderável” — quer sejam elementos, gases, ou meios que se julga que perpassam a matéria. E afirmo que não existe qualquer perfeição absoluta, salvo a Essência Divina, que é composta de Amor e Perfeição infinita.

Portanto, ao falar das Esferas Espirituais, falarei como se todas as coisas fossem visíveis aos sentidos materiais — pois assim são para os sentidos libertos de obstáculos exteriores. Conservarei uniformidade na forma de expressão e naturalidade em todas as descrições das coisas que doravante venha a conhecer e relatar. Muitas coisas que ainda não expliquei sobre as manifestações da alma, serão mais tarde referidas como complementares às descrições gerais. Empregarei os termos “homem” e “forma” de modo intercambiável em todas as relações futuras, para que não surja qualquer confusão nos termos.

Vejo já as objeções que serão levantadas contra os relatos anteriores e os que estão por vir. A primeira está contida na pergunta: "Que prova temos de que esta descrição do mundo espiritual é verdadeira?"

E percebo a resposta: Reconhecei a tendência imutável das leis e princípios universais que regem todo o Sistema da criação; e, por meio deles e dos seus ensinamentos constantes, a mente poderá julgar da verdade ou falsidade de todas as afirmações que vão além da possibilidade de demonstração sensorial. Se forem reconhecidos como imutáveis, então uma constância no seu curso deve manifestar-se em todas as partes da estrutura geral do Universo; e toda a filosofia que for verdadeira deverá corresponder a isso.

Se proclamam uma associação universal, então esse mesmo princípio deve ser considerado como vigente em todos os departamentos da Natureza e do Univercoelum. Se proclamam um desenvolvimento universal, então este deve ser perpetuado desde o ponto mais baixo no tempo até ao ponto mais alto da eternidade. Sobre esses princípios universais e eternos de progressão repousa a verdade daquilo que será mais tarde afirmado. E o que foi já afirmado, em grande parte, receberá a aprovação dos juízos mais esclarecidos, e encontra-se demonstrado por analogia nos campos visíveis da criação.

A segunda objeção é: “É ímpio, presunçoso e incompatível com a natureza das coisas, que qualquer ser pretenda possuir conhecimento das coisas celestes. Logo, o que é dito deve ser uma invenção engenhosa ou uma elaboração fantasiosa de coisas irreais e quiméricas.” Esta objeção provém apenas de um julgamento mal orientado e não instruído, e por isso merece o mais amplo perdão.
Pois é evidente que nenhuma mente esclarecida apresentaria uma objeção fundada numa presunção tão superficial.

A prova de que isto não é uma invenção fantasiosa nem engenhosa reside na forma exterior da obra, e na apresentação imparcial da verdade, sem cortejar os preconceitos ou crenças atualmente dominantes no mundo. E de que não é imaginário, existem evidências na ordem de toda a revelação, e na naturalidade das expressões, das aplicações e das conclusões, as quais são irresistíveis para as perceções superiores de qualquer intelecto expandido. A terceira objeção é a mais poderosa de todas, e deve ser mais temida do que qualquer outro inimigo, por mais formidável que seja:
“Não acredito.”

Certamente, esta é uma objeção que nenhum argumento ou razão pode alcançar, porque nasce das profundezas da ignorância. E a tais objetores, apenas direi: Abandonai essas expressões insignificantes, ou a vossa ignorância tornar-se-á

imbecilidade; e avançai para alcançar o grau de conhecimento que vos permitirá compreender se estas coisas são verdadeiras ou quiméricas. Doravante, não empregarei argumentos para provar as coisas que relato; mas utilizarei ilustrações para tornar os relatos inteligíveis à mente no seu atual plano de pensamento. Com estas considerações, estou preparado para afirmar as verdades que se seguem, sem receio quanto à sua justa compreensão.

Agora, pois, ascendo ao segundo mundo da existência humana. Entretanto, reconhecerei a veracidade do ensinamento: "Luz e Vida são Amor, e Ordem e Forma são Sabedoria." Que o homem, internamente, é constituído da Sabedoria do Amor; E que ele é o desígnio final da Natureza, do Universo, e da sua Causa Eterna.

§ 192. As ideias associadas ao processo do morrer e ao estado da morte são, para certas mentes, sombrias, duvidosas, tristes e desconsoladoras; enquanto para outros a morte parece um estado de bem-vindo, produtor de paz, tranquilidade, bênção, e elevação. É, em certa medida, aterrorizante para todos e, para muitos, parece ser a mais temida e a evitar. É geralmente temida pelos bravos e tímidos, pelos sábios e tolos, pelos velhos e pelos jovens. É para todos um processo temível, tornado muito mais ainda pela perspetiva de uma sepultura fria e implacável! Isso, percebo eu, é consequência da apreensão errónea do processo do morrer, e do desconhecimento das belezas inefáveis que rodeiam o homem vivo quando este escapa à forma exterior.

Assim que a organização humana é aperfeiçoada na sua forma, tamanho e desenvolvimento geral, e assim que chega o período em que o espírito exerce o seu controlo total sobre o corpo, o processo de transformação tem início. A mudança é imperceptível, contudo, é incessante e progressiva. O corpo não morre por algumas horas apenas, mas durante muitos anos -- durante os quais as faculdades e poderes do ser interior gradualmente libertam a posse que têm da forma, e a alma continua as suas aspirações para as esferas superiores.

Quando a forma é ainda uma criança, ela manifesta todos os traços angulares, excêntricos e irregulares de carácter, tendências e mudanças. Quando a infância avança para a juventude, a excentricidade dá lugar a uma maior uniformidade, e a seguir é exposto a circular, em todas as modificações possíveis dessa forma. Quando a juventude ascende à idade adulta, o círculo e a espiral perfeitos aparecem e são exibidos uniformes nas inclinações e características desse estágio avançado de desenvolvimento. Nesse período, o processo de morte ou transformação começa. O espírito está continuamente a desenvolver e a expandir suas faculdades, e colocá-las como antenas nas esferas superiores. As tendências do espírito não são mais descendentes, mas ascendentes, e isso, também, me medida incomensurável além do poder que a linguagem tem de expressar, ou que o intelecto mais exaltado tem de

compreender. E à medida que a idade adulta avança para a velhice, o corpo torna-se gradualmente incapaz de desempenhar a função exigida pelo espírito.

Consequentemente, quando as pessoas envelhecem, suas faculdades parecem enterradas sob os materiais gastos e inúteis do corpo. Parecem fracos em intelecto, imbecis e antissociáveis em relação a todos ao seu redor que sejam jovens, florescentes e aparentemente perfeitos. Uma faculdade após a outra retira-se da forma material, e a sua energia, brilho e suscetibilidade parecem entrar em declínio. Por fim, o corpo acha-se praticamente desligado do espírito que o anima; e então o corpo é um habitante da esfera rudimentar, e o espírito é um habitante da vida interior, ou do mundo espiritual. E quando o momento da dissolução ocorre, a *sensação*, ou meio de vestimenta do corpo, é atraída e absorvida pelo espírito, que então se torna a *forma material*. Nesse instante, o corpo manifesta movimentos débeis e quase impercetíveis, como se buscasse a vida que fugiu; e apresenta contorções do semblante, contrações espasmódicas dos músculos e aparentes esforços de todo o corpo para recuperar a alma que o animava.

Esses são os aspetos visíveis que estão relacionados com o processo da morte. Mas são enganosos: pois o processo que ocorre no interior é muito mais belo do que se pode descrever. Quando o corpo contrai os músculos e aparentemente manifesta os esforços mais agonizantes e contorcidos, é apenas uma indicação manifesta da alegria indescritível do ser interior e do êxtase desconhecido de todos, exceto dele próprio. Quando o semblante se mostra distorcido, não está a ser sentida dor; mas trata-se de uma expressão de inefável deleite. E quando o corpo emite o seu último estertor, é impresso um sorriso no semblante, que por si só é um indicador do brilho e da beleza resplandecente que permeia o lar do espírito! Nos últimos momentos da vida exterior, as perceções são enormemente expandidas e iluminadas, e o espírito torna-se assim competente para contemplar as imensas posses da sua segunda morada.

Foi-me dado conhecer essas verdades experimentando-as diariamente e tendo-as verificado nas frequentes transições que ocorrem no meu íntimo, do mundo exterior para o interior, ou das esferas inferiores para as superiores. Falo, pois, por experiência pessoal, que é o conhecimento plenamente confirmado pelas invariáveis sensações e fenómenos que ocorrem.

A borboleta escapa do seu corpo grosseiro e rudimentar e voa para o caramanchão ensolarado, e aprecia a sua nova existência. A gota de água que repousa sobre a terra torna-se invisível pela ação dos convites absorventes do sol e sobe a associar-se e a repousar no seio da atmosfera. O dia que é conhecido pelo seu calor e iluminação, dispensa as suas bênçãos às formas da terra e afunda-se no repouso no seio da

noite. A noite é, pois, o indicador de um novo dia, que começa por ser embalado no horizonte e depois se aperfeiçoar à luz, beleza e animação do meio-dia.

A flor, ao se desdobrar do interior em virtude da sua própria essência e do sol, é matizada de todas as maneiras possíveis, e assim torna-se numa representação de luz e beleza; mas uma vez alcançada a sua perfeição, logo começa a mudar a sua forma, cor e beleza do seu ser externo. E quando a própria flor não existe mais, a sua fragrância avança e impregna todas as formas agradáveis e simpáticas, e sua beleza fica indelevelmente impressa na memória do seu observador e admirador. A folhagem, tingida com o sopro do inverno, não mais retém a sua beleza exterior: mas é um indicador de nova vida e animação, que é perfeitamente exemplificada no retorno da folhagem da época da juventude. Como acontece com elas, assim é com o espírito. O corpo morre no exterior, ou melhor, altera o seu modo de existência, enquanto o espírito ascende a uma habitação superior, adequada à sua natureza e necessidades. E assim é com eles, assim acontece comigo, e as transições que experimento continuamente.

A transição do meu ser do mundo externo para o interno é produzida pela ação de forças contidas num outro corpo, forças semelhantes contidas na minha própria forma material. O processo é o da destruição da sensação do exterior, ou melhor, transformá-la na sensação do espírito -- momento em que o meio que liga o meu corpo a outro é sustentado por uma mistura das forças dos dois corpos, enquanto o a sensação real deixa o corpo e se torna na Forma do meu espírito. Essa Forma, pois, é o corpo que possuo enquanto ocupo posições mais elevadas na existência material.

Na medida, pois, em que o corpo é assim abandonado, sou habilitado, por causas não relacionadas, a contemplar as posses da Segunda Esfera, e a comungar com o conhecimento lá existente, junto com o da terra. Essa elevação ajuda-me a penetrar com perceção espiritual em todos os arcanos das diversas terras do Universo. Assim, estou constantemente a experimentar uma transição da esfera externa para a interna do pensamento, existência e investigação. Esta mudança será experimentada por todos, embora os meios pelos quais ele venha a ser realizada possam parecer, em alguns casos dolorosos, aterrorizantes, e tristes. A morte, ou a transição assim chamada, é, no entanto, a mais admirável de todas as coisas, e a sua perspetiva é a primeira coisa a ser prezada e apreciada.

Nessas relações os habitantes da terra podem depositar confiança; e, enquanto isso, devem esforçar-se por ter todas as faculdades e poderes do espírito desenvolvidos de forma a serem capazes de perceber e apreciar a grandeza daquela existência superior à qual todos devem inevitavelmente ascender.

§ 193 Agora vejo as formas da terra e os corpos dos homens, incluindo o meu, a uma luz e com um grau de perceção nunca antes apresentado. Descubro que só posso ver as formas julgando o que são e onde se encontram, à luz do espírito: pois o corpo exterior está além da minha perceção, e só vejo espíritos bem constituídos e vivos. Por possuir essa perceção, sou capaz de comungar com todas as posses desta Segunda Esfera, e agora contemplar os campos alargados e as moradas vivas desta existência elevada.

Há a observar três graus específicos de forma e desenvolvimento: as jovens e imaturas; os estágios avançados destes até o grau mediador da maturidade; e as mais elevadas de todas, que é a forma perfeita e o mais desenvolvido de todos os espíritos ali existentes.

Eu percebo que sempre que uma *criança* morre em qualquer uma das terras, o germe ou corpo subdesenvolvido do seu espírito é depositado nesta esfera, e é inteiramente desenvolvido no intelecto e altamente esclarecido em relação à sua própria existência e situação anterior. A criança que tiver vivido, e morrido na infância é, conforme percebo, nesta Esfera, inteiramente desenvolvida e aperfeiçoada. Assim é com todos os espíritos não-formados que escapam do corpo em qualquer terra: pois cada um aqui é educado nas verdades e belezas de toda a existência. O mesmo ocorre com os inteligentes e altamente cultos; pois eles estão aqui mais avançados e ocupam uma posição mais elevada e refinada.

Além disso, descubro três sociedades ou *associações* distintas de homens e mulheres, cada qual ocupando uma posição determinada pelo seu grau de cultivo, simpatia uns pelos outros e poder de abordar a esfera de conhecimento e realização uns dos outros. E o que é melhor de relatar é que cada sociedade está envolvida por uma esfera ou atmosfera peculiar, que é uma exalação da qualidade específica do seu carácter interior ou espiritual. Todo espírito tem uma esfera peculiar própria, assim como uma esfera geral na qual pode existir de forma aprazível.

E os espíritos conhecem-se e associam-se entre si de acordo com a qualidade da esfera que é exalada do seu interior. Eles associam-se apenas na medida em que as esferas são agradáveis e são capazes de se aproximar pela satisfação.

O mesmo se verifica com a humanidade na Terra. -- Eles vivem na sociedade uns dos outros apenas na medida em que podem se aglutinar-se e aproximar-se uns dos outros pela satisfação. Do mesmo modo, existem na terra os três graus específicos de desenvolvimento, que são a juventude, a virilidade e a idade madura. Mas eles encontram-se numa condição rudimentar, e não situados em ordem como se encontram na Segunda Esfera.

Percebo que os espíritos se aproximam de acordo com os graus relativos de brilho que os cerca e envolve. Assim, a associação é determinada e aperfeiçoada pela lei da simpatia e afinidade, ou afeição. Eles têm afeição uns pelos outros na proporção da semelhança que têm nos termos do amor e da pureza que tiverem alcançado. Assim são estabelecidos os três estados ou sociedades.

Na *primeira* sociedade existe uma quantidade imensa de crianças e espíritos incultos, que se encontram em diversos graus de avanço e cultivo, conforme tenham saído da terra. No *segundo* grupo ou sociedade, encontram-se aqueles que se tornaram altamente instruídos nos princípios e verdades da Mente Divina. E nesta sociedade emergem todos os que morrem na terra com mentes devidamente desenvolvidas, por aí eles poderem associar-se de forma agradável. Na *terceira* sociedade, descubro espíritos do carácter mais esclarecido. A maioria deles procede dos planetas Júpiter e Saturno, e também de planetas que existem noutros sistemas solares. Esta sociedade é tão altamente iluminada com sabedoria, que é quase impossível aos espíritos das sociedades inferiores aproximarem-se dela. Se eles se esforçarem para entrar no seu meio, isso é imediatamente superado pela forte repulsão decorrente da falta de afinidade existente entre eles e as suas respetivas esferas.

A atmosfera que flui, envolve e protege a primeira sociedade, tem uma aparência mesclada e de certo modo pouco iluminada. O seu brilho é bastante fraco em comparação com aqueles que se encontram acima dela. Parece sombrio, escuro e um tanto incompatível, por ser uma emanação de intelectos incultos. No entanto, existe uma pureza -- uma pureza excessiva entre eles, vista me relação à que existe na terra.

A *segunda* sociedade é envolvida por uma atmosfera de variações muito mais afins, e apresenta um brilho resplandecente que indica pureza e elevação. Parece a mistura de muitas cores, como não são conhecidas na terra. E tudo isso está tão perfeitamente conjugado e misturado em tal harmonia, que todo o *aroma* é por si só uma representação de pureza e refinamento. No entanto, é uma esfera que emana de todo o corpo da sociedade, que indica a sabedoria dos espíritos que a compõem. A sua sabedoria consiste no conhecimento das verdades e princípios relativos às coisas materiais e rudimentares; e nelas eles são altamente iluminados. E a diversidade inconcebível de cores que os rodeia surge dos seus diferentes estágios de desenvolvimento intelectual. No entanto, eles encontram-se todos no mesmo plano de sabedoria e, assim, formam uma sociedade, envolvida por esta atmosfera bela e refinada.

A *terceira* sociedade também está envolvida por uma veste etérea, que é uma representação perfeita do carácter e perfeição do seu íntimo. Eu vejo nela todas as

cores e uma variedade de reflexos procedentes das sociedades subordinadas; e esses reflexos tornam a sua emanação espiritual tão bela que a linguagem é inadequada para a descrever.

Os da *primeira* sociedade encontram-se no plano do pensamento natural; isto é, eles estão apenas a emergir das instruções e impressões da terra, para a sabedoria das sociedades superiores. A *segunda* sociedade encontra-se no plano ou esfera das *causas*; isto é, elas estão apenas a emergir de um conhecimento superior dos efeitos visíveis apresentados na terra, para uma perceção das suas causas interiores: e a sua sabedoria estende-se à causa mais baixa, à causa primeira de todas as coisas materiais. Por conseguinte, eles têm um conhecimento de todas as causas interiores, essências e dos seus modos de manifestação externa: mas eles não estão na posse da sabedoria superior com respeito aos *usos* por que as causas e efeitos foram instituídas.

A *terceira* sociedade situa-se no plano dos *efeitos*; e aqueles que a compõem têm uma perceção de todos os desígnios finais e da adaptação universal das coisas umas às outras. As suas mentes são extremamente luminosas. Com os poderes de penetração que têm, o exterior das coisas é-lhes exposto e eles percebem apenas o carácter e a qualidade interior. A sua visão estende-se a cada recanto da sua própria habitação e o seu conhecimento abrange todas as existências materiais subordinadas. Eles têm uma apresentação completamente ilimitada de todas as coisas criadas abaixo da sua posição elevada; e a sua sabedoria é luz, e amor e brilho, e até êxtase, numa medida que transcende toda descrição. Com os poderes espirituais desenvolvidos que têm, eles contemplam as vastas paisagens do lar espiritual, extensas demais para serem compreendidas pelos homens na terra e belas demais para serem apreciadas ou desfrutadas por eles.

A terceira sociedade está não só num estado de emergência do plano das causas para o dos efeitos, mas também da sua esfera para o terceiro mundo da existência humana.

§ 194. E o que cabe aqui relatar é que, não obstante a diferença que existe entre as três sociedades, há uma perfeita unidade entre elas e uma dependência mútua entre si; mas existe uma aspiração contínua de afeição que gira do intelecto menor até à sabedoria elevada e superior da terceira sociedade. Existe uma unidade de ação, uma agradável situação e uma propriedade de posição, que faz com que todos vivam uns para os outros, como uma fraternidade.

Além disso, é proveitoso observar que cada sociedade ou grupo se encontra bem situado, bem condicionado e bem cultivado, com respeito ao estado específico que cada um é obrigado a manter. As situações são perfeitas em proporção ao grau de sabedoria e refinamento que cada uma alcançou. A mais baixa parece inferior em

comparação à mais elevada e superior; embora mesmo primeira, para o homem na terra, pareça ser um elevado estado de perfeição. Pela diversidade de condições e desenvolvimento, as sociedades aperfeiçoam-se. Elas são, pois, como uma fraternidade, unidas por afeições e ações mútuas, e perpetuadas na bondade pelas influências benignas e gentis que procedem da sociedade mais elevada para as inferiores, e destas para ela de novo.

As sociedades da Segunda Esfera devem ser admiradas, por causa da perfeita harmonia que as permeia, e da melodia e concerto perfeitos de conhecimento rudimentar e aperfeiçoado que manifestam. De maneira correspondente, existe um concerto de ação, uma unidade de sentimento e um amor universal, uns pelos outros.

Os habitantes não conversam *verbalmente*, mas imergem os seus pensamentos uns nos outros, irradiando-os sobre o semblante. E percebo que o pensamento entra no espírito por um processo de sopro, ou melhor, é introduzido por influxo de acordo com os desejos daqueles que conversam. Eles percebem o pensamento por e através dos olhos, na medida em que *estes*, como o semblante geral, são um indicador da qualidade e funcionamento do interior. Eles aparentemente *escutam* a sua conversa mútua; mas isso deve-se a um conhecimento prévio do som, pelo qual as palavras são distinguidas e o seu significado apreendido.

Eles percebem as coisas fora deles pelo sentido de *visão*; mas têm consciência de que é o *reflexo* que percebem, e não a *substância*. Portanto, eles exercem o discernimento com respeito a tudo o que percebem -- não julgam pela observação sensorial, mas pelo carácter da substância observada.

Também descobri que os espíritos nesta Esfera se aproximam e se associam uns com os outros de acordo com a afinidade mútua que existe entre eles, tal como fazem os habitantes da terra; mas a diferença está no *modo* de associação. Os homens na terra associam-se uns aos outros pela orientação de seus sentidos grosseiros e rudimentares, visto que estes são produtores de inclinação e desejo. Em vez disso, os homens se associam nesta Esfera superior pelo conhecimento da pureza intrínseco uns dos outros e do estado de afeição que uns têm pelos outros.

Além disso, percebo que a *experiência anterior* de toda pessoa, homem e mulher, é guardada na memória, de onde podem extrair representações daquilo que previamente conheceram ou experimentaram. Tudo parece indelevelmente impresso na memória e é refletido com uma nitidez proporcional à força da impressão. Por conseguinte, qualquer pensamento que entre na mente humana na terra, torna-se um residente na memória e é aqui gerado com a aparência de novidade que o torna tão interessante quanto instrutivo. Aquelas coisas experimentadas que são desagradáveis

à memória, são depositadas nas profundezas e ocultadas da visão de qualquer outro ser, pela prevalência daqueles eventos e experiências que agrada à mente recordar, e que a mente se deleita em contemplar.

Consequentemente, é apropriado que todos os homens na terra façam e pensem apenas o que mais lhes agrada (de acordo com a sabedoria), e que eles mais sinceramente desejariam recordar; e *não* fazer aquelas coisas, ou encorajar aquelas ideias, que se opõem aos deleites superiores da mente. Se isso não puder ser feito na atual condição social e mental do mundo, então será apropriado *mudar* essas condições, de modo que mesmo esse grande bem e prazer possam ser obtidos.

Quando os espíritos em conversa apelam à memória uns dos outros, a memória espelha uma representação perfeita da coisa lembrada, que é percebida e compreendida pelo outro. Contemplo belas representações na memória dos que se situam nas sociedades superiores. Essas representações são do carácter mais requintado, por procederem da memória de intelectos altamente iluminados; e são, por conseguinte, encantadoras, convidativas e instrutivas.

Percebo que tudo nessa Esfera é criado e manifestado apenas por e através do exercício e direção da *Sabedoria*. Daí a ordem e uniformidade perfeitas que subsistem, e a felicidade inefável que flui em consequência dessa harmonia e unidade de ação tão requintadas. Tudo é apreciado como uma bênção que lhes é conferida pela luz e vida do Amor Divino, e pela ordem e forma da Sabedoria Divina.

É agradável contemplar essas sociedades celestiais: pois eu as vejo neste momento existindo no mais perfeito grau do amor fraterno e unidas inseparavelmente por afeições ascendentes e descendentes constantes. Quão claros e brilhantes não são os seus semblantes e expressões! Eles são sem mácula de artificialidade e não são poluídas por intrusões rudimentares e grosseiras -- por se encontrarem acima destes, e serem altamente desenvolvidos.

A primeira sociedade é realmente baixa em comparação com a mais elevada; não obstante, a diversidade e os graus formam toda uma fraternidade perfeita. A diversidade consiste nos diferentes graus de desenvolvimento; e o mais baixo não pode se aproximar do mais alto, por causa da dissemelhança de qualidade e esferas. Mas a mais baixa contém e envolve a mais alta, enquanto esta última, por sua vez, compreende e permeia toda a Esfera, manifestando graça e beleza além do poder de descrição da linguagem. Mas existe praticamente uma infinita variedade de disposições, de amores, de afetos e de sabedoria entre elas; no entanto, cada modificação das condições anteriores da mente é apenas um grau ascendente de refinamento em direção à perfeição.

O todo é belo -- de uma beleza incomparável e sublime! -- pois existe aquela emanação contínua de amor e sabedoria das sociedades e formas individuais, que exibem um brilho de uma luminosidade além de qualquer luz ou cor na terra. É mesmo tão brilhante e belo que aqueles nas sociedades inferiores que se aproximam são quase arremessados para o êxtase de deleite. Eles sucumbem e aparentemente caem de cara, por causa da beleza e brilho do *aroma* que envolve as sociedades superiores do lar espiritual.

Assim é que todos preservam uma ordem nas suas vidas e situações; e assim é que a sua abordagem mútua é graduada de acordo com o desdobramento dos sentidos espirituais e faculdades para com o exterior. Eles representam as formas circular e espiral; pois existe entre eles um movimento uniforme assim como ascendente. E um está continuamente a desenvolver os pertences de um outro, assim como do germe se desdobra no corpo e na flor. E assim como a flor perpetua as espécies da planta, a sociedade superior impregna as inferiores e está constantemente introduzi-las nos seus vastos pertences; e assim todos prosseguem para uma Esfera ainda mais elevada de elevação espiritual e intelectual.

§ 195 - Passo agora a narrar as belezas externas que dizem respeito a essa Segunda Esfera da existência humana, por ser necessário que todo o aspeto do lar espiritual seja vividamente representado aos habitantes da terra, de modo que possa ser um incentivo para que avancem na sua condição social e espiritual.

Eu vejo a Esfera *espiritual* como contendo todas as belezas da Esfera *natural* combinadas e aperfeiçoadas. E em cada Esfera natural essas belezas são representadas, embora no primeiro grau rudimentar; de modo que cada terra é, em si própria, um índice e um indicador da beleza e grandiosidade que existem na Segunda Esfera. Porquanto o espiritual se desdobra ou manifesta a partir do natural.

A superfície estendida desta Esfera, percebo eu, apresenta ondulações regulares e suaves, que tornam o todo diversificado e extremamente convidativo. E se apresentar planícies muito extensas, revestidas de grande fertilidade, e com inúmeras variedades de formas de modo a embelezar o seio da terra quando tudo é favorável a uma produção económica. Nessas vastas planícies acha-se representada a mais perfeita ordem. Jardins, típicos da pureza, unidade e do amor celestial. Os seus caminhos diversificados levam continuamente a porções novas e estruturadas, todas úteis à exibição do Amor e da Sabedoria Divina, que geram unidade e afinidade em todas as coisas criadas. Todas as flores, e mesmo as suas *folhas,* são observadas como múltiplas vozes que proclamam a beleza da perfeição interior e a fonte infinita da qual brotam. Toda planta, flor, pássaro e árvore são percebidos e apreciados como a criação expressa do amor Divino e da ação Divina.

E há uma beleza no exterior de todas as coisas criadas, que é em si uma expressão aberta de amor e sabedoria celestiais. As flores e a folhagem têm a aparência mais diversificada; e a sua variedade torna-as instrutivas e impressionantes, na medida em que agem como encantamentos nas mentes daqueles que os contemplam e induzem a pensamentos belos, elevados e edificantes. Ascende uma fragrância perpétua dessas vastas planícies da criação, que confere vida e brilho à atmosfera, que é assim convenientemente adaptada para ser inalada como o sopro do amor e exalada como as ideias da sabedoria. Toda coisa criada possui dentro de si um amor e afeição vivos; e isso é comunicado de umas coisas para as outras, tornando-se assim todas as coisas como que quem diz, electrificadas e iluminadas. A beleza de uma flor é transmitida a outra, que por sua vez comunica uma cedência igual às demais. E assim, as planícies são uma representação viva do Amor e da Sabedoria Divina.

Existe, entre as diversas coisas convidativas dessa Esfera, uma mistura peculiar de afetos inerentes que as diferentes formas possuem. Esta observação aplica-se a todas as coisas nas Esferas espirituais. O começo e término das coisas não surge; mas a sua *existência* real manifesta-se com todas as suas belezas vivas.

A sabedoria aqui existente não consiste em palavras, nem nas profundezas da memória; mas na manifestação real de que tudo exibe de forma vívida. Por outras palavras, instrução e admoestação não derivam da fala, mas da ação e da representação. E tudo aqui é lucrativo e prático -- nada é inútil ou imaginativo.

Os da *primeira* sociedade residem muito nas delícias dessas planícies e da sua folhagem diversificada, com base num sentido e suscetibilidade de amor, mas não de uma apreciação da sabedoria: e são, desse modo, estruturadas, desenvolvidas e purificadas. Aqui é exibida uma adaptação perfeita; pois conquanto sejam irresistivelmente atraídas para as belezas assim apresentadas, essas belezas por sua vez insufla neles o sopro do amor vivo, que acende a chama da sabedoria perfeita, que então arde até à pureza. Todas as coisas são adaptadas às necessidades do homem; e isso eles sentem, tanto de uma consciência intrínseca, como de um desejo vivo de serem instruídos nos caminhos do bem, que são aqueles caminhos que conduzem ao longo das múltiplas partes dessa Esfera.

Os da *segunda* sociedade desfrutam muito da unidade demonstrada entre os do primeiro grupo, assim como das delícias cortejadas pela primeira. Além disso, eles estão continuamente a investigar, analisar, explorar e cultivar aquelas muitas coisas que se encontram dentro da vossa esfera de compreensão, e assim produzem evidências vivas da sua sabedoria e engenhosidade conjuntas.

Os da *terceira* sociedade são para os restantes anjos auxiliadores, espíritos diretores e exemplos perfeitos de sabedoria exaltada. Pelo seu conhecimento, as sociedades inferiores, e mesmo as posses espirituais de toda a Esfera, são iluminadas e tornadas resplandecentes, belas e encantadoras.

Também fluem por esses jardins rios de águas límpidas e plácidas; e mesmo neles são exemplificados as incessantes correntes de Amor e Sabedoria, que são aspiradas, não apenas para o céu, mas para o Universo, e se tornam a luz e a vida de todas as coisas criadas. O Amor de cada sociedade, como a água parada agitada por um seixo lançado, expande-se e ondula por todas as esferas inferiores e superiores até que a onda quase atinge os limites do espaço, que então se enche de amor. Não há limites para a extensão da onda de água, nem o desabrochar do amor pode ser circunscrito. E como as águas correrão suavemente contra a costa, assim o Amor flui e se desdobra até se fundir com a Sabedoria, que então se torna incomparavelmente bela, por o Amor ser a sua alma criativa e princípio vivo.

Esses rios são representações da criação Divina. Eles também representam a Vida: pois assim como o rio corre do riacho, a Vida corre do germe que se encontra depositado nas profundezas do Universo; e como o riacho corre e se torna um imenso oceano, também a Vida flui e se torna a alma que anima e incentiva todas as coisas. Esses rios são tão claros e translúcidos, que o brilho dos céus azuis se reflete neles vividamente. E como a noite faz com que as estrelas surjam no firmamento, essas águas representam todo o cenário celestial acima delas.

Esses rios correm por *vales* abundantes pelas mais belas e variadas criações, e por todas as espécies de folhagens diversificadas que também adornam aquelas vastas planícies; e o todo apresenta a representação mais exaltada da vida e da Sabedoria.

Vejo, também, *bosques* que são do carácter mais fascinante e encantador. É impossível contemplá-los sem ficar impressionado com novas e belas ideias, que eles naturalmente sugerem. Nesses bosques repousam aqueles que investigam e que têm supremo amor pela sabedoria e pela Mente Divina. E aqueles que residem na primeira sociedade, ou no Amor apenas, cortejam as sombras revigorantes desses bosques, e aprendam com docilidade e ainda assim com dignidade, com respeito às belezas que estão ao redor e acima deles, e são instruídos pelos comentadores dessas belezas.

§ 196. Percebo que todos os espíritos estão se empenham em amar os seus vizinhos, e em fazer avançar o seu bem-estar; e aqui existe boa vontade sem distinção. Percebo que os espíritos estão empenhados em explorar os campos do Pensamento e em pesquisar profundamente as *causas* das coisas; e assim eles aprendem sobre o amor e acumulam sabedoria. E não existe inércia, nem

estagnação, mas a atividade e a indústria são visíveis em todos os departamentos desta Esfera celestial. E cabe aqui relatar que cada um se encontra envolvido com aquilo que lhe interessa e, portanto, não há confusão. Tampouco há quaisquer condições incapacitantes, mas cada um está habilitado a trabalhar naquilo que lhe interessa. Os afetos variam de acordo com o grau em que cada espírito, da primeira à mais alta sociedade, tiver avançado nos estágios de desenvolvimento. Daí que a indústria seja igual, útil, harmoniosa e recíproca; pois cada um gravita para a situação que está de acordo com o seu desejo e predisposição.

Além disso, vejo aqui algumas das mais magníficas criações de Vontade e da Sabedoria. É bom ressalvar que tudo o que é criado nesta esfera é sugerido pelo Amor e aperfeiçoado pela Sabedoria -- e é, pois, uma projeção viva das suas mentes. As coisas são criadas pela Vontade; e descubro que eles estão distribuídos de maneira uniforme pelas planícies, vales, rios e bosques do lar espiritual. Eu descubro construções do mais grandioso e magnífico carácter, cada qual detentora de um brilho e iluminação de acordo com o estado avançado da sociedade em que se encontra.

A primeira sociedade tem criações que são representações do seu Amor, Vontade e da sua Sabedoria inculta; e isso eles veem como representações dos seus pensamentos íntimos. As criações da segunda sociedade exibem uma maior uniformidade, ordem e utilidade; e assim prestam-se aos propósitos da primeira sociedade e a eles próprios. A terceira sociedade tem construções esplêndidas, demasiado vastas e elegantes para serem descritas, e a imaginação mais ambiciosa não poderia transcendê-las nas suas conceções. Pois eles são na realidade muito perfeitos e demasiado magníficos para serem concebidos por qualquer mente no seu estado rudimentar de existência.

E existe entre eles uma felicidade dominante; um elemento calmante e tranquilizante de perdão e amor universal; cordialidade na concessão de amor intrínseca uns aos outros, e uma mistura, e ainda assim perfeitamente harmónica, de deias, tudo o que é encantador de contemplar. Todas essas manifestações proclamam a divindade da vida e do amor que fluem e animam todos os céus.

Os bafejos do pensamento de uma mente para outra são tais que podem ser sentidas, e no entanto nenhum espírito recebe ideia incompatível com a sua qualidade e ser. Esses sopros são lufadas que são inaladas por espíritos desenvolvidos dispostos a recebê-las. É como se as ideias estivessem continuamente a descer até os recessos da existência espiritual menos avançada, e a ascender por todas as esferas superiores até as mais elevadas, que são sede e Trono da Mente Divina.

Aqui conhece-se verdades do tipo mais fora do vulgar e misterioso; mas essas não estou autorizado a revelar neste momento; pois eles não são importantes para a raça humana. No entanto, há uma classe de verdades que é proveitoso mencionar -- e essas dizem respeito às experiências, opiniões e crenças que existem entre os habitantes desta Esfera espiritual.

Percebo que, quando os bebés são remetidos das raças humanas para a primeira sociedade, se acredita que tenham nascido entre eles: pois o seu surgimento para eles são os mesmos que para as famílias da raça humana. Depois que a criança é introduzida no seu seio, eles contemplam-na e a admiram-na; por mostrar ternura, bondade e pureza imaculada. As crianças são, pois, acariciadas, nutridas, guiadas e admoestadas por eles, de acordo com o alto grau de amor e sabedoria que existe entre as várias sociedades. A criança é vista como constituído apenas de amor e como detentor de qualidades inerentes que se desenvolverão e conduzirão à perfeição. Todo o seu objetivo é produzir
um desenvolvimento adequado das qualidades germinais que o amor encerra; e isso eles fazem-no por processos do carácter mais simples e gentil.

E o mesmo ocorre com os espíritos da raça humana que se desenvolveram de forma imperfeita enquanto estavam no corpo e com aqueles que tiveram as suas faculdades e princípios espirituais mal direcionados, obstruídos
ou confundidos. Assim, eu percebo que as pessoas imbecis, especialmente no caso em que se tornaram assim por acidente ou doença, são recebidas nesta Esfera como espíritos de *crianças*, e então são desenvolvidas e aperfeiçoadas até à beleza.

Além disso, percebo que aqueles que carregam deformações internas desde o nascimento, não têm identidade, nem mesmo nascem na Esfera superior. E assim acontece com todos os organismos não organizados; pois esses não serem capazes de desenvolver as qualidades e faculdades do espírito e, portanto, não preservam a sua identidade.

Espíritos da raça humana que desde o nascimento sofreram desânimo
e desapontamento, e que sofreram provações e aflições do carácter mais severo, são recebidos no seio da primeira, segunda ou terceira sociedade, com excessiva grande alegria -- tão grande é o amor por eles e o desejo de os deixar felizes. São recebidos no seio do seu afeto e na vida do seu amor, tal como a mãe recebe e abraça o filho. Eles são estimados e amados com todo o afeto combinado que reside nas profundezas de todo espírito. Quão rejubilante não é ver as boas-vindas e aqueles afetos calmantes e tranquilizantes a ser insuflados naquele espírito que sofreu provações e aflições na raça humana!

A qualidade de um espírito é imediatamente percebida, e acima de tudo, é que os habitantes desta esfera não julgam por manifestações externas ou superficiais, como paixões ou impulsos da alma, mas pela qualidade e estado avançado necessário do próprio espírito; e é de acordo com isso que eles amam o espírito introduzido no seu meio. No entanto, a força do seu amor é proporcional à capacidade que o espírito introduzido tiver de o apreciar e desfrutar. O amor não é concedido com demasiada abundância, nem é concedido qualquer privilégio que não seja útil; mas tudo dessa natureza é graduado de acordo com as capacidades. Assim é que "a quem muito é dado, muito é exigido." Esta é uma verdade que é do conhecimento dos anjos; e palavras de uma sabedoria superior.

E o que pode parecer estranho é que, muitas vezes, quando um espírito deixa a forma humana e é introduzido nesta Esfera, por um momento não consegue perceber a mudança, por ser impercetível. Os espíritos retêm a mesma forma corporal na Esfera espiritual; e a princípio eles sentem-se como se tivessem sido transferidos para um país que não conheciam. Contudo, não muito tempo após a transição os seus sentidos interiores abrem-se; e então eles contemplam e apreciam a mudança e as belezas das quais se acham cercados. E alguns espíritos parecem maravilhar-se por não o terem visto antes e por não acreditarem enquanto se encontravam no corpo; por agora parecer tão tangível e perfeitamente compatível com os ensinamentos universais da lei natural.

Indivíduos que receberam, na Terra impressões quanto a certas doutrinas com respeito à outra vida, parecem sorrir para si próprios, maravilhados por terem sido tão desencaminhados e tão fáceis de ser mal interpretados. Alguns que tenham acreditado na ressurreição literal do corpo material, sentem-se de tal modo envergonhados dessa convicção que se esforçam por esconder a sua memória da perceção dos demais. E alguns esforçam-se por modificar as crenças anteriores que tiveram de modo a harmonizá-las com o que agora vivenciam e sabem ser verdade.

E tal é o caso daqueles que assimilaram doutrinas grosseiras enquanto estavam na terra, e que ainda as têm gravadas na sua memória; pois imediatamente após a transição, eles reconhecem a falsidade das suas convicções anteriores e, durante um tempo, se esforçam para as ocultar e modificar. Esse desejo, descubro eu, continua apenas por um curto espaço de tempo; porque, ao ser facilmente perscrutado pelas perceções dos outros, leva-os a descartar com prazer as impressões da memória e a afeição hereditária que têm pelas doutrinas; e então eles são iluminados com a luz e o amor do céu, e começam o seu progresso ascendente em direção à sociedade mais elevada do seu novo lar.

§ 197. A *primeira* sociedade é do Amor, a *segunda* é da Vontade e a *terceira* é da Sabedoria. Essas sociedades são compostas por famílias, grupos e associações. E elas vivem numa forma harmoniosa umas com as outras, exibindo uma ordem perfeita, forma e séries de desenvolvimento e posição. E todos são assim como uma FRATERNIDADE.

Até mesmo *uma* dessas sociedades é composta de mais indivíduos do que os existentes em todos os planetas do sistema solar e mesmo em todas as terras pertencentes ao quinto Círculo de Sóis. A sua quantidade transcende o cálculo. E eu descubro que a primeira Esfera da existência espiritual se desdobra da última Esfera da criação material, que é o Círculo de Sóis já referido. Parece-me agora um pouco estranho que os homens não tenham concebido esta verdade antes. Mas quando o homem se encontra no corpo humano, com os seus sentidos *materiais* recetivos, ele percebe as *coisas materiais*, por ele ser animado do mundo interno para o *externo*; mas quando ele escapa do corpo, pela morte, embora a forma não sofra mudança, nem qualquer das suas qualidades ou propriedades, em vez de ele ver com os seus sentidos *materiais*, ele percebe com os sentidos *espirituais*; e o mundo *espiritual* é-lhe revelado à visão. A transição é impercetível.

Eu descubro que a maioria dos habitantes de Mercúrio, Vênus, e da Terra e Marte, estão habitam a primeira sociedade da Segunda Esfera; e que os dos outros planetas externos ocupam posições mais elevadas no plano do pensamento e da sabedoria. E uma quietude sagrada permeia todo o mundo espiritual. Há felicidade do carácter mais inefável -- e o êxtase, o júbilo e a glorificação ascendem continuamente. Há tanta pureza e santidade que o meu espírito mal é capaz de suportar o movimento da sua influência, por poder instantaneamente aniquilar todo o discurso. No entanto, agora possuo uma força que não conhecia antes. I posso receber os afluxos destas verdades, e contemplar essas belezas sagradas e celestes, sem ficar desconcertado ou incapaz de falar.

Eles possuem um sentido de música, mas ele não procede da *audição*, pois eles *percebem* a harmonia, e a *alma* da harmonia, que é música. Ele flutua ao longo dos estratos da atmosfera e é levado até à alma como a fragrância de uma flor aos sentidos. Eu não *ouço*, mas *vejo* música. Vejo isso nas vozes unidas das flores, que falam, contudo não fazem barulho -- nos arbustos e nas folhagens que proclamam verdades, mas não falam -- e na harmonia de cada sociedade celeste: pois essa harmonia é música celestial. A música é percebida pelos sentidos abertos e apreciada pela Sabedoria. É a essência da alma, a criadora de toda harmonia e melodia celestial.

A música assim percebida penetra nas profundezas da alma e revela sentimentos de que só o lar do espírito é digno. Não há um só labirinto ou avenida da terra dos

espíritos que não seja penetrada pelas vibrações e ecos silenciosos dessa harmonia viva. Não há um pensamento oculto na alma que não seja vivificado e despertado para o ato de glorificação por meio disso. Não há recesso no Universo material ou espiritual que não seja vivificado com vida e iluminado com luz, até mesmo com o Amor Divino; e onde quer que exista, a música flui e é agradável. Daí que tudo ame e aprecia a música; mas isso é aperfeiçoado apenas na Segunda Esfera.

Existe uma tal beleza translúcida, glória, santidade e felicidade que permeiam e despertam para a vida o lar espiritual, que desafiam toda expressão verbal. Existe uma tal especificidade manifestada em todas as coisas, e ainda assim tal unidade inseparável e amor fraternal como não são passíveis de ser descritas, mas precisam ser conhecias somente quando experimentadas. É impossível retratar as delícias, os êxtases e os encantos que fluem para a mente quando ela é imersa nessa bela Esfera da existência espiritual.

Posso ler da memória de qualquer espírito, tanto na forma humana quanto nesta Esfera espiritual, com tanta facilidade quanto se lê num livro. Posso conversar distintamente com os espíritos e aprender com eles as impressões e afetos peculiares das suas almas; e isso consigo comunicar a qualquer pessoa na forma humana. Mas isso não tenho permissão de fazer em todos os momentos, visto que isso revelaria algo de que a raça humana não deve ter conhecimento.

Caberá referir mais uma verdade importante; que é, que aqueles que formam um apego mútuo enquanto na terra, que seja puro e verdadeiro, continuam a preservar uma afeição um pelo outro através das Esferas espirituais. Se o apego for puro, será o seu afeto conjugal, do mais alto grau de refinamento. E se um deixar a forma antes do outro, isso não fará diferença: pois quando ambos se encontrarem fora da forma, eles se reconhecerão da mesma maneira que os amigos na raça humana. E se um tiver progredido mais do que o outro, aquele que possui sabedoria impregnará e cultivará o amor do outro, até que as suas naturezas sejam assimiladas e eles se tornem inteiramente adequados para se associarem um com o outro. Todos as ligações dizem respeito ao Amor; e todo amor é modificado e aperfeiçoado pela Sabedoria. Por conseguinte, enquanto toda afeição conjugal na terra é do Amor, todo afeto conjugal no céu é da Sabedoria, fortalecida e animada de vida pelo Amor que deu origem à ligação anterior.

As *criancinhas* são igualmente reconhecidas e amadas aqui como na Terra. Os pais que amam seus filhos, enquanto na forma, continuam a amá-los nesta Esfera; e o seu amor é aqui fortalecido pela sabedoria superior. Se uma criança deixar a forma ainda muito jovem, quando os pais envelhecem, a criança deve necessariamente estar bem avançada, tanto no seu tamanho externo quanto no seu desenvolvimento interno. Mas quando os pais dão entrada na mesma Esfera, eles *reconhecem* o filho

por um sentido peculiar de amor rudimentar -- por uma relação de carácter constitucional que eles percebem instantaneamente; e eles correm (com sabedoria) para o abraço um do outro. Todos se unem de acordo com a pureza e a realidade do seu apego. Graus de *refinamento* não determinam tanto o apego quanto a *qualidade* da constituição espiritual; e isso está em conformidade com uma lei que permeia todas as coisas materiais e espirituais.

Assim é a segunda esfera da existência humana; e tais são substancialmente as suas verdades. A relação entre ela e a terra, e todas as terras, pode ser percebida pela similitude de manifestações externas, que diferem apenas em graus de pureza e desenvolvimento. E é apropriado e vantajoso que a raça humana conheça e aprecie essas verdades, de modo que possa ser induzida a avançar para a frente e para cima na escala ascendente de progresso em direção à grande Fonte de Amor e Felicidade. Esse é o objeto da presente relação, e pode muito bem não deixar de cumprir a sua missão: e quando ela é cumprida, a raça será elevada a um elevado grau de moral social e de cultura e, por conseguinte, todos como um serão santos, felizes e perfeitos.

§ 198. Na medida em que nas várias terras nascem vários milhões de espíritos num segundo, a partir de cujo facto ocorrem necessariamente também muitas mortes, de modo que a cada segundo entram uma quantidade igual na Esfera espiritual. E como existe esse influxo incessante da esfera natural para a espiritual, também se dá um refluxo igual da Segunda Esfera para a *Terceira*, que é a *Esfera Celestial*. Assim, os movimentos que ocorrem de forma incessante e impercetível, estão em quantidade além da compreensão de qualquer um, exceto aquela Mente grandiosa que se tiver movido, e todos eles passam a existir!

Há, pois, uma transição incessante da *Segunda* para a *Terceira* Esfera; mas as trevas que nele incidem são luz, e a morte é vida inconcebível. A dor é um índice vivo de prazer, e o amor é a primeira indicação de sabedoria superior. Os espíritos altamente cultivados da Segunda Esfera contemplam essa transição com um deleite que ultrapassa toda a fala humana. Não há mais morte para eles, pois morte é vida, e apresenta-se-lhes e desabrocha na Esfera acima, com uma beleza mais brilhante e uma sabedoria mais encantadora.

É impossível descrever as sensações de deleite que invadem o íntimo daquele espírito que se deita para repousar na Segunda Esfera, para ser vivificado na novidade da vida na primeira sociedade no terceiro céu. Eles experimentam êxtases que só os espíritos conhecem; e o que é mais bonito do que tudo é que eles governam os seus deleites com a mais transcendente sabedoria. Eles apenas migram da morada do segundo estado para os climas mais agradáveis da Esfera

acima. "O aguilhão da morte" perde-se nas paixões da vida e da beleza, e aí é essa passagem inteiramente comprovada que fala dessa consumação.* Essas são as visões que os espíritos têm na Segunda Esfera com respeito à sua passagem para moradas mais altas, que ocorre de acordo com as operações da lei natural. Nesta Esfera percebo também três sociedades distintas e três aromas do brilho mais inefável: e percebo que correspondem ao perfeito Amor, à perfeita Sabedoria e à pureza celestial.

A *primeira* sociedade é composta por aqueles cujo último estágio de existência tiver sido na terceira sociedade na Esfera abaixo. Eles possuem Amor, Vontade e Sabedoria combinados e num grau de perfeição que transcende todo pensamento humano. O seu amor é tão puro que chega a notar-se uma irradiação visível do seu rosto e um halo de pureza ao redor deles que possui atrações inexprimíveis. Sim, é como o fogo elétrico: pois é instantaneamente comunicado de um para outro; e assim todos emitem sorrisos de deleite, até que toda a sociedade fique *extremamente* encantadora. É atraente contemplar a perfeita Vontade que apresentam, ou a santa passividade dessa faculdade, que não é induzida a um ato impróprio ou a fazer algo depreciativo ao bem-estar geral. E é mais do que belo contemplar a sua Sabedoria altamente cultivada; pois ela floresce e exala uma fragrância que nenhuma flor pode mais do que vagamente imitar. E essa fragrância alegra todos os espíritos no céu.

** "A morte foi tragada pela vitória," etc., 1 Cor. xv. 54-57*

A *segunda* sociedade está ainda mais avançada, na medida em que transcende toda descrição humana. Eles encontram-se tão perfeitamente coligados uns aos outros, e os seus afetos recíprocos são tão absorventes e penetrantes, que requer um alto grau de discernimento estabelecer qualquer distinção entre eles.

E a *terceira* sociedade é a mais elevada da Terceira Esfera; e nela eles apresentam uma pureza celestial. Eles são tão puros que todo espírito subordinado é repelido com uma consciência intrínseca de falta de associação. A sua pureza emite uma radiação mais brilhante do que o sol mais intenso. É até uma luz de amor, de sabedoria e de pureza celestial, que dá vida a todos os espíritos nas sociedades inferiores. Eles são anjos da guarda para aqueles abaixo deles, para junto de quem eles estão constantemente a baixar, sem outro fim em vista que o da satisfação dos seus anseios de pureza, e dos seus desejos santos e celestiais.

Eu percebo aqui igualmente aquelas *planícies* onduladas como as ondas suaves do oceano. Percebo uma fragrância celestial que surge de cada flor que desabrocha no jardim da Mente viva com uma beleza imortal. Contemplo essas criações

diversificadas; e cada uma é como um anjo que proclama verdades imortais no santuário da Mente Divina.

Será de referir aqui que tudo tem um *uso* e um *desígnio*, com que é aplicado com presteza: e assim se cumprem fins da mais inconcebível importância. Isso melhora a condição e a qualidade de cada espírito; e todas as coisas criadas são apenas um passo para perpetuar a progressão infinita. Tudo é como um acto da Mente Divina, e toda representação é como uma palavra adequadamente proferida. Todas essas coisas são *percebidas* pelos seus poderes ampliados. É assim que a *audição* é transformada em *visão*, e a visão é correspondentemente elevada, e inclui todas as faculdades dos outros sentidos combinadas. Eu contemplo igualmente aqueles vales. A extensão deles é de perder de vista, e a sua excelência não podem ser apreciada, exceto por aqueles que residem entre eles. Cada vale é como um volume cujo conteúdo é sublime além da conceção, e cada planície é como um campo ilimitado de conhecimento.

E contemplo igualmente aqueles *rios* muito plácidos -- cujo poder de reflexão parece apenas adequado para representar a grandeza inefável que impregna a atmosfera do céu celestial. Uma santa melancolia parece manifestar-se por aqueles rios e pela atmosfera; e eles parecem acolher-se e abraçar-se mutuamente. As águas paradas parecem brotar para a vida eterna; e parecem brincar e divertir-se com a atmosfera brilhante, como se houvesse uma simpatia mútua e viva entre eles.

Uma vez mais, contemplo aqueles *bosques* -- e como se estendem para, e delimitam as margens da rebentação dos rios de vida: e as suas raízes e folhagens são batizados nelas, e purificadas para glória da Mente Infinita. Verifica-se precisão em todas as formas, em cada botão, folha e flor que guirlanda e em beleza aqueles bosques celestiais. Em verdade, a sua sombra lança um frescor que inspira toda forma viva que nela repousa com vigor e vivacidade; e assim são os meios empregados pela Mente Divina para refinar as faculdades dos seus filhos espirituais e os preparar para uma morada nas mais altas Esferas.

§ 199. Na medida em que o *conhecimento* desta Esfera se encontra inteiramente além da compreensão da raça humana, não tenho permissão para me alongar sobre ela em qualquer medida. Pois percebo que todas essas relações são permitidas apenas como meio de elevação dos habitantes da terra e purificação de todos os seus sentimentos espirituais. Mas agora percebo a verdade de uma passagem na História Primitiva, da autoria de um dos espíritos encantadores que habitam na Esfera celeste, assim como a sua aplicação. Pois aqui existem inúmeras belezas, todas as quais são meios empregados pela Sabedoria Divina para perpetuar a progressão infinita, e pela qual os seus filhos espirituais de todas as terras e de todas as Esferas podem habitar na "Casa do Pai não feita por mãos, mas eterna nos

céus." E percebo que "na casa do Pai há muitas mansões," todas quantas são iluminadas pelo Amor Divino, animadas por espíritos aperfeiçoados, e que emitem um brilho que se amplia por todo o espaço, que é a ordem, a forma e alma, da Sabedoria Divina.

Os habitantes da Terceira Esfera transmitem conhecimento e expressam amor uns pelos outros, tal como o sol concede vida e beleza às formas na terra. E nessa Esfera são igualmente transmitidos graça, sossego e elegância, que embelezam e sublimam cada espírito.

É encantador além de toda a descrição contemplar as palmeiras imponentes e como elas, com cada movimento proclamam a humildade -- e ver com que graça inclinam as suas majestosas copas aos sopros da Sabedoria divina! E enquanto os espíritos buscam repouso sob seus ramos amplos, eles aprendem uma lição de graça, docilidade e suavidade, indestrutível. Além do mais, é encantador contemplar a fertilidade, tão expressiva do Amor divino, e perceber a fragrância tão típica da pureza celestial.

Todo espírito apresenta uma exalação ou atmosfera corporal que é indicação exata da qualidade e pureza do seu íntimo, e pela qual todos se distinguem. Pois as esferas são de toda a variedade de cores possível, de acordo com as qualidades dos espíritos de que emanam. Alguns apresentam misturas de cores e outros possuem apenas uma. Mas é-me igualmente dado saber que toda terra natural, e que todo mineral, vegetal, animal, homem e espírito -- sim, que toda partícula de matéria no universo, tem uma esfera peculiar, pela qual pode ser designada e reconhecida -- mais, que toda esfera *espiritual*, da mais baixa à mais alta, possui uma emanação esférica que lhe descreve o interior. É extremamente encantador ver aqueles aromas e halos de pureza que envolvem cada espírito.

Tanto é verdade que todas as coisas possuem uma *linguagem*, que até mesmo os espíritos aprendem como crianças num livro, a partir das vozes unidas provenientes de todas as coisas criadas. O todo forma um Volume cujo conteúdo é celestial e cuja filosofia é do Criador Divino. Cada passagem que contém proclama uma bondade infinita e cada página revela volumes de imenso amor. Todo o Livro é fruto da Sabedoria. Sim, foi escrito no grande templo da Verdade e na ‘casa’ de muitas mansões. A nascente, o ribeiro, o riacho e o rio são apresentações desse grande Volume. Os arvoredos, desfiladeiros e bosques são margens que refletem o seu conteúdo e falam apenas de harmonia e de afeição intrínseca.

Os vales, planícies e belos jardins, abundantes em todas as criações luxuriantes e imensas do lar dos espíritos, são as palavras impressas nas folhas desse Livro divino. E os anjos são os destinatários da instrução dos mesmos, através do qual os

seus poderes interiores são expandidos para a glória da Mente Divina para todo o sempre . Eles bebem da fonte da Sabedoria e caminham nos campos e jardins do Amor celestial. Acham-se incessantemente empenhados em conceder bênçãos aos que precisam e, enquanto isso, recebem em troca os sorrisos e a aprovação de um céu encantado. Sim, nisso se regozijam os anjos e entoam cânticos de graças e louvor que ascendem a todas as esferas, para serem reconhecidas por Aquele que falou, e todas as coisas se ganham vida!

Esta é a combinação de encantos da Esfera Celestial: mas o que foi dito sobre a Natureza, o Homem, a Segunda Esfera e o Universo não é nada em comparação com o que pode estar relacionado com *esse* estado único da existência espiritual. Ainda só entramos no *vestíbulo* que apresenta à mente o grande Templo da Verdade divina, cuja fundação tem lugar nas profundezas do Universo, e cuja imensidão enche todo o espaço, e cuja aspirantes cúpulas se perdem nas alturas do infinito! Não, as suas alturas e profundidades, comprimentos e larguras, podem ser conhecidos apenas pelo seu Criador e Construtor, que é a Alma Vivente de todas as coisas. Este templo possui esplendor e uma magnificência deslumbrante que nenhuma mente pode conceber ou apreciar salvo a do Divino Arquiteto que a enche e anima com o fogo vivo do seu próprio Amor, e a embeleza com as energias da sua própria Sabedoria!

O que foi dito sobre a Terceira Esfera, e todas as anteriores, é, pois, apenas uma partícula em comparação com aquilo que é, e permanecerá para sempre, sem referência. Expandam o Universo de uma forma que supere o espaço, e componha esferas tão numerosas que desafiam todo cálculo -- e ainda existirá um Univercoelum (*Universum coelum* = todo o céu) sobre o qual nem uma só palavra pode ser proferida, ou ideia concebida. Se todas as ideias sublimes dos residentes da terra fossem combinados, a sua magnitude não seria nada em comparação com a extensão da beleza e grandeza, do céu celeste. Não, todos os pensamentos, exceto os pensamentos daquele Ser que essas coisas representam, seriam como *um átomo* em comparação com o que está acima, abaixo e ao redor daquelas coisas de que falei. A raça humana não pode conceber essa imensidão; mas O! quão belas, quão puras, e quão duradouras são essas verdades!

No entanto, a mente inquieta do homem deixa terra e paira pelas regiões das esferas celestes; esforça-se por se familiarizar com todas as suas criações e emprega toda a habilidade matemática que pode ser útil para marcar e mapear a estrutura do Universo; e enquanto se esforça por compreender essas coisas, as ideias expandem-se até a tensão máxima, e a dúvida e o medo repelem-na de volta à terra. Não encontra lugar de descanso e retorna ao seu estreito invólucro insatisfeita. Consequentemente, eu digo de novo, se todos as ideias dessa natureza que alguma vez fossem concebidas pelo homem, combinadas, elas não seriam

adequadas a uma compreensão da grandeza até mesmo da *Terceira Esfera* da existência humana.

Percebo, pois, que acabamos de entrar no *vestíbulo* que conduz a apartamentos demasiado vastos e imensos para serem descritos. No entanto, é-me permitido ascender à **QUARTA ESFERA** e observar a perfeição relativa que nela existe, com respeito àquela das habitações inferiores. Assim ascendo e sou imerso na *quarta* habitação dos espíritos e anjos que já pertenceram à raça humana.

§ 200. Percebo agora a *ordem* das esferas; que é a seguinte: A primeira Esfera é o Natural; a Segunda é a Espiritual; a terceira, a Celestial; a quarta, a Sobrenatural; a quinta, a Espiritual Superior; e a sexta, o Celestial Superior. Agora estou autorizado a falar de matérias pertencentes à esfera Natural Superior. Nesta esfera existem igualmente três sociedades e três graus distintos de Amor, Vontade e Sabedoria -- sociedade essas que se desdobra da próxima abaixo. Percebo que se verifica igualmente um trânsito incessante da Terceira para esta Esfera, assim como uma transferência tão intensa desta para uma ainda mais elevada.

Nesta Esfera tudo é ainda mais adorável: e mesmo aqui todas as coisas parecem ter atingido a maior beleza e exaltação possíveis. Tão verdadeiro é isso, que os habitantes da esfera imediatamente anterior, em toda a sua pureza cintilante, chegam mesmo a parecer subdesenvolvidos. A esplêndida emanação que envolve e reveste cada sociedade é de uma luz tão intensa que é impossível aproximar-nos dela, nem examinar o íntimo dos habitantes. Cores de todas as descrições concebíveis cercam a sua habitação local, cada qual uma indicação brilhante de pureza, bondade, felicidade e sabedoria. Cada forma e coisa estão constantemente a tornar-se mais lindas e encantadoras, e cada esfera mais bela e pura. Cada uma indica uma progressão em espiral, e que estão a ascender até o trono do Alfa e Omega. Cada coisa mostra a sua própria pureza e fala a sua própria linguagem celestial. Cada objeto é distinto nas suas proclamações, e cada lição de instrução é como uma palavra do Altíssimo!

A primeira sociedade é em quantidade praticamente infinita: e dela flui espontaneamente um elemento de amor que é mais claro que a água mais límpida e mais brilhante que o cristal mais brilhante; e o seu reflexo reveste as sociedades superiores com uma aparência de alvor pura como as joias que adornam a coroa do Rei dos reis e do Senhor dos senhores. E da sociedade intermédia flui um fluxo constante de Vontade passiva e ativa, sujeita em todos os momentos aos impulsos vivificantes do Amor, e que recebe as altas promessas da Sabedoria. Essa está constantemente a descer e a subir, à medida que a luz sai do sol para avivar a terra e retorna para ser revivificada.

A *Sabedoria* nessa Esfera sobrenatural, é como uma fonte que está constantemente a brotar e a fluir sobre todos as subordinadas. É como um grande recipiente no qual são depositados as ideias selectas e memórias dos anjos e espíritos dessa exaltada Esfera. É como um tesouro cujo conteúdo são depósitos para os anjos inferiores que ascendem e os destravam, e extraem das suas profundezas belas ideias, e sobre elas ponderam e meditam. Eles têm contemplações tão extremamente imensas, que o Amor e a Vida do Universo parecem abertos às suas ideias, e eles bebem das suas profundezas e não têm sede. Num grau mais exaltado, eu contemplo aquelas planícies -- enfeitadas com vida e beleza inconcebíveis; e sobre elas é difundida um elemento todo-predominante de pureza que aparece como a vida, e disso eles vivem e florescer em beleza.

Num grau diferente e mais elevado, também percebo aqueles incessantes *fluxos de água viva*. As suas suaves emanações falam apenas de tranquilidade e de felicidade sem fim; enquanto a fonte inesgotável da qual eles brotam proclama a constituição e infinitude da Mente Divina. E aparecem aqueles *vales* ondulantes, ou variações em forma de ondas, apresentam grandeza e beleza indescritíveis. Transcendem todos os conceitos possíveis de adorável e belo; e as suas vozes unidas afundam nos recônditos da alma, mas permanecem em silêncio e não são ouvidas. Elas são tão penetrantes quanto o fogo elétrico, contudo, suaves como o ar da montanha. São dignos no seu tom e, além disso, impressionantemente melancólicos. Eles não *compelem*, mas provocam uma submissão *voluntária* aos seus ensinamentos imorredouros.

Mas, uma vez mais, esses bosques são apresentados -- e surgem num grau mais elevado de beleza. Eles são como a árvore da Justiça, e florescem e desabrocham como a rosa. Proclamam a glória e honra, até mesmo na sua sombra refrescante, e inspiram os que repousam neles com pensamentos dignos de um lar celestial. E os *habitantes* são da mais requintada pureza e beleza; e com uma voz unida -- uma voz que não vem da palavra, mas da *ação* -- proclamam glória, honra, imortalidade e vida eterna. Eles estão a caminho da cidade do Deus vivo.

Iluminam o vestíbulo da verdade e o arco que conduz à vida imortal. Permeiam tudo abaixo deles com as santas influências de sabedoria, e com o mais simples amor. Tão afáveis quanto a pomba inocente, eles emitem as boas-vindas a todos abaixo do seu exaltado estado; e com um sorriso amável, pacífico e convidativo, eles chamam todos para os seguirem, e ir com eles até à Fonte da pureza nas alturas! A *atmosfera* dessa morada espiritual está envolta em arco-íris e é revestida de brilho resplandecente, como o que reflete a bondade de todas as coisas e o uso a que se aplicam. Sim, é um espelho em que são representadas as belezas vivas do céu e da terra -- até mesmo de todas as coisas abaixo desse exaltado estado de perfeição. Tal é a beleza, bondade e sabedoria da Mente Divina, que nada é feito em vão; mas tudo é como uma ideia viva, e todo pensamento é uma representação da

Sabedoria perfeita. Tudo é, pois, admirado, apreciado, e aplicado em todos os graus de existência material e espiritual; e nessa Esfera Natural Superior esta verdade é especial e perfeitamente manifestada.

§ 201. Uma vez que a vida é universal, a morte não pode prejudicar a constituição divina das coisas; e em virtude disso, os habitantes da Quarta Esfera, como os das outras, repousam por um instante em silêncio, e despertam como seres da **QUINTA ESFERA** aqui ou morada Espiritual Superior. E por meio desse processo, sou habilitado a contemplar as vastas propriedades da quinta secção do grande Templo da Verdade. É praticamente impossível acercar-nos, mas eu aproximo-me e vejo com humildade a paisagem extensa e a felicidade viva, que são aqui tão extraordinariamente encantadoras, que tudo o que vi anteriormente parece nublado por uma relativa imperfeição. A vasta paisagem desta morada espiritual reflete-se nas perceções do meu espírito com uma impressão que revela todas a linguagem inadequada para expressar as belezas aí existentes.

A primeira sociedade, como na terceira e quarta esferas, é produto da sociedade mais elevada na esfera abaixo. E aqui o Amor, a Vontade e a Sabedoria apresentam o encanto mais atraente. O Amor surge como a perfeição da Sabedoria, enquanto a Sabedoria parece maior e mais extensiva do que todo o Amor e Sabedoria anteriormente descritas, combinadas.

E caberá bem referir que, à medida que as Esferas se aproximam da Mente Divina, se tornam mais simples e adoráveis, mais modestas, e mais puras. Quanto mais se aproximam da Fonte de pureza, mais transparentes se tornam e mais os seus habitantes parecem existir por assim dizer sem corpo e sem vestes externas e artificiais. Eles aparecem despidos e eminentemente purificados. Há uma exalação de cada sociedade que forma um halo abrangente de glória, que ultrapassa todo o brilho do sol material e todo o brilho que ilumina qualquer porção do Universo material.

Cada espírito parece tão puro, e os pensamentos de todos parecem tão celestiais, que é quase impossível resistir à atração assim apresentada. Existe uma tal mistura de ideias, e um tal afeto manifestado uns pelos outros, que parece estar além de todos os fascínios imagináveis. Cada mente é como uma flor que se abre, e cada pensamento é como a sua fragrância. Todo amor é como um botão de flor e a sua expressão é como a rosa. A sua sabedoria é como as fontes do céu que não secam e que perpetuamente correm para todo aqueles que têm sede, e que cura todos os feridos, e limpa todos os que não estão purificados.

Contemplo a sua Sabedoria em cada pensamento em todo movimento e em toda expressão de Vontade e Amor. E é deveras bela! -- e o que é de lamentar é que a

língua deva ser empregada para falar daquilo que desafia toda expressão. O, pudesse o silêncio expressivo lançar por diante uma eloquência que penetrasse as almas dos homens, e lhes elevasse devidamente a compreensão; e que eles pudessem ser induzidos a abandonar a expressão onde a expressão é vã, e estender as suas conceções às esferas brilhantes do amor eterno!

Aqui, na Esfera Espiritual Superior, o cenário possui uma grandeza e uma beleza redobrada. Ainda mais percetíveis os pensamentos da Mente Divina impressos em todas as coisas criadas. As planícies, vales, bosques e correntes de água viva são todos instrumentais na grande obra de purificação e refinamento. Todos eles são representantes brilhantes da indústria espiritual e do amor universal, e são advogados vivos da perfeição d'Aquele que os exalou e a todas as criações vivas.

Os espíritos aqui são tão amáveis e atraentes que é necessário um esforço para evitar sermos, por assim dizer, absorvidos e nos tornarmos parte deles. Aqui eu percebo outra verdade vividamente manifestada, que é a de que todas as coisas possuem afinidades mútuas, e que as coisas diferem apenas em graus e estados de desenvolvimento. Assim é estabelecido, o que foi declarado antes, que os contrários ou princípios antagônicos não podem existir; que todas as coisas foram criadas e animadas por uma Essência viva; e que é uma injustiça ao carácter dessa Essência Divina os homens na terra dizerem ou acreditarem que existe um princípio ou morada que se oponha à felicidade generalizada, ou àquela pureza celestial que une numa todas as coisas criadas. Esta Esfera acha-se tão intimamente ligada ao Sol Espiritual, que se torna incompreensível para os habitantes da Terra - - cuja esfera de existência nada mais é do que um átomo no grande Corpo de construções materiais e espirituais.

§ 202. Conforme foi referido sobre a transição dos espíritos e anjos das Esferas abaixo, assim também aqueles da Quinta Esfera ascendem e se tornam habitantes do **SEXTA**, ou morada Celestial Superior.

Aí tem lugar a consumação de toda perfeição concebível! Aí tem lugar a sublimação de toda pureza, de toda bondade e de todo refinamento que diga respeito aos espíritos de toda raça humana no Universo. Todos os espíritos e anjos são das raças humanas, e estes ocupam inúmeras terras, de onde ascendem por todas as esferas até esta, a morada Celestial Superior. Aqui, eles combinam todas as perfeições que foram uniformemente desenvolvendo ao passarem pelas Esferas ascendentes ou estágios de progressão eterna. Esta Esfera é o supremo de toda a beleza, e a coroa de todo encanto e pureza. Sim, é o ponto mais alto da beleza angelical.

Incontáveis milhões habitam cada sociedade e cada esfera dessas -- mais do que os números podem expressar. No entanto, a quantidade combinada dos que habitam todas as Esferas subordinadas não formariam qualquer comparação com *metade* de *uma* sociedade que reside neste lar Celestial Superior! Quão inconcebível, pois, não deve ser a imensidão de cada sociedade nesta Esfera, para que *metade* de *uma* sociedade compreenda mais indivíduos do que todas as formas criadas que animam todas as Esferas subordinadas do espaço universal! No entanto, a criação *apenas começou*: o Amor está a nascer, a Vontade mal foi concebida e a Sabedoria encontra-se no germe, ainda por desenvolver!

Aqui têm lugar os campos do Paraíso; e neles é erguida a casa de muitas moradas. O esplendor e a beleza interiores afetam todos os espíritos e anjos aí, e brilham através deles com um brilho de luz celestial, assim como a luz da Mente Divina penetra toda a sua Estrutura material. E a beleza, grandeza e magnificência exteriores desta mansão celeste, expressam numa linguagem inequívoca que não foi feita por mãos, mas é eterna nos céus. É o grande Albergue onde todos são acolhidos, amados, inspirados e aperfeiçoados. É o lar de todas as coisas celestiais. Todas as coisas são divinas, tanto no Universo material quanto espiritual; e todas se tornam celestiais.

Assim, todo espírito criado é convidado pela lei progressiva do Pai para a sua morada; e quando entra e se torna sensível à sua beleza e pureza, glorifica o Pai, não pela oração, mas pelo *pensamento* e *ação* para todo o sempre. Cada um, pois, é um filho imortal do Eterno, que é o Pai de todos: e ninguém é tão baixo, que não seja o mais alto de alguns ainda mais abaixo, e ninguém se encontra tão alto, que não seja o mais baixo de alguns ainda não desenvolvidos. Um espírito não pode dizer a outro: "Não preciso de ti," pois cada um é o sustento do outro, e a dependência mútua constitui a harmonia e sabedoria de todas as coisas.

Neste lar Celestial Superior encontram-se todas as belezas da terra e do céu combinadas, desenvolvidas e aperfeiçoadas. Encontra-se assim afastada da compreensão humana e não pode, pois, com proveito permanecer ou ser impresso na memória para meditação. Não obstante o que possa ser dito sobre isso serem verdades legítimas, elas são demasiado elevadas e refinadas para serem compreendidas pela raça humana -- ou melhor, mesmo por aqueles da *Terceira Esfera* da sabedoria e do conhecimento. Ninguém pode dizer com propriedade: "Por que não contar-nos tudo?" se considerar tão só a incapacidade que tem de compreender o que já foi relatado.

O brilho neste estado de pureza celeste excede toda a conceção -- e a elegância, majestade, poder, grandeza, bondade e felicidade transcendem todo pensamento humano. E aqui os espíritos e os anjos regozijam-se com extrema alegria e ação de

graças: e isso por *ação*, e não pela fala -- por Sabedoria, e não por Amor. Contudo, o Amor é o elemento que tudo anima e que dá vida.

Tal é, pois, a imensidão dessas coisas, e tal é a grandeza e a glória da habitação Celestial Superior. Mas será apropriado não confiar naquilo que se oponha a esse alto grau de pureza angelical, mas encorajar a esperança quando brota da Sabedoria e a crença quando bem concebida; e então essas coisas descerão e iluminarão a mente humana, e darão vida eterna àquilo que agora parece mortal e mutável.

§ 203. Da posição que agora ocupei posso perceber, e em certa medida compreender, a **SÉTIMA ESFERA**, ou o Vórtice Infinito de Amor e Sabedoria, e o grande Sol Espiritual da Mente Divina que ilumina todos os mundos espirituais. -- Mas olhai, o sol natural é o sol do Universo *natural*, enquanto o Sol Espiritual foi e é o Sol do Universo espiritual! O *material* só pode iluminar o *natural*, mas o espiritual ilumina o espiritual. Do corpo e da constituição do sol material, nasceu o Univercoelum (Universo Todo) e foi afagado, nutrido, iluminado e aperfeiçoado, na ordem e harmonia universal. Da constituição do Sol espiritual, todos os céus foram criados; e por ele são sustentados, controlados, purificados, aperfeiçoados e iluminados: e cada sopro espontâneo de luz e amor é como um sorriso do Pai e Criador omnipresente elaborado a partir de tudo o que existe, e de tudo o que não existe.

Assim, são as Esferas Espirituais afins do Sol espiritual, enquanto as esferas naturais se aproximam do sol material. Assim, o espiritual é como uma alma, e, no entanto, uma veste, para o natural, enquanto os dois se acham unidos como uma só criação. E a *segunda*, ou Esfera Espiritual, mantém uma relação com o quinto Círculo de Sóis, e os seus inúmeros planetas -- e é como que uma alma para ele, e compreende o todo como uma criação. Assim, a terceira Esfera é aliada ao quarto Círculo; e a quarta Esfera, do terceiro Círculo; e a quinta Esfera, do segundo círculo; e a sexta Esfera, do primeiro Círculo: e a **SÉTIMA ESFERA** é o Grande Sol e Centro de todo poder, e o Vórtice de todas as criações! Isto mostra a ordem e Harmonia da Mente Divina, e é um corpo de uma **ALMA IMORTAL**!*

** Na manhã seguinte após a narrativa do exposto, o clarividente foi lançado no estado anormal de transe com o propósito de examinar alguns pacientes que estavam sob seu tratamento médico: mas uma vez as manipulações concluídas, ele permaneceu imóvel e sem fala durante cerca de quinze minutos, quando, num sussurro débil, ele proferiu as palavras: "É doloroso." Foi-lhe, então rapidamente restaurado a condição normal. No final da palestra subsequente, ele referiu essa circunstância e disse que, devido à empolgação que lhe ficara na mente da palestra anterior, a sua mente fora, na ocasião mencionada, elevada a tal proximidade da Esfera do Sol Espiritual, que a luz estava além do limite da*

resistência; e que se ele não tivesse sido prontamente aliviado daquela condição em que se encontrava, as suas faculdades teriam, por um tempo, abeirado a loucura.

Muito poderia ser dito sobre a Sétima Esfera, ou o Sol Espiritual do Universo -- mas tudo seria inconsistente com a ordem e o poder da mente humana. Pois a linguagem é vã, e tudo o que pudesse ser dito sobre a incompreensibilidade, a magnitude e a infinitude da verdade centrada no Sol Espiritual consistiria apenas em *palavras*; e essas seriam inúteis proferir e imprimir na mente humana. Tampouco seria apropriado falar das essências, qualidades e atributos que residem no Vórtice do qual surgiu o Universo, visto que cada átomo possível compreende mais do que a mente humana é capaz de compreender. Mais, pois seria supérfluo e estéril. Porquanto a palavra *"incompreensível"* está longe de transmitir uma ideia definida da sua imensidão; e essa palavra implica até mesmo a impossibilidade da compreensão humana.

Só se pode dizer o seguinte: É um Vórtice inesgotável de Vida e Luz que são Amor, e de Ordem e Forma que são Sabedoria -- que fluem não apenas para o Céu, mas para o Universo material: e tudo é assim insuflado para a existência. Mas o Grande Centro e Sol Espiritual é a residência e o trono da **MENTE DIVINA**, o Grande e Positivo Poder Central do Universo e de todo movimento eterno! E é uma Fonte na qual nada existe, exceto o que é puro, divino, eterno e infinito!

§ 204. O Universo natural corresponde ao espiritual; e um está tão intimamente relacionado com o outro quanto o corpo está com a alma. Pois cada Esfera espiritual é o criador, sustentáculo, e impregna uma esfera natural; e essa ordem é preservada em todos as áreas da criação.

Uma mente foi suficientemente iluminada para obter um conhecimento real da relação e afinidade existente entre as Esferas natural e espiritual, e das Esferas entre si, que foi Emanuel Swedenborg. Ele, no entanto, empregou termos para expressar as mesmas coisas que me tenho esforçado por incutir pelos termos de uma maneira diferente e mais agradável. Ele avançou a verdade de que existiam diferentes graus de bondade e que o mais baixo era tão imperfeito quando comparado ao mais alto, que um parecia mau e o outro bom; um perfeito e o outro imperfeito. Por isso, ele descreve as três primeiras esferas como três *infernos*, habitados por espíritos inferiores e anjos; enquanto as três Esferas superiores eram os três céus em que os espíritos superiores e anjos residiam.

Ele representou as primeiras Esferas como estando sob a desaprovação do Juiz omnisciente, mas como amadas com uma afeição infalível -- enquanto as Esferas superiores ficavam perto do Grande Sol Espiritual, e os seus habitantes viviam sob o sorriso da aprovação Divina. E também referiu a verdade de que os habitantes dessas

esferas não podiam aproximar-se uns dos outros, por causa da dissemelhança das suas posições e graus de refinamento -- tal como o mal não pode aproximar-se do bem, nem as trevas podem aproximar-se da luz.

Tudo isso, posso afirmar, é verdade, não em *absoluto*, mas sim no sentido relativo. Existe uma diferença aparente entre o inferior e o superior em todas as coisas; contudo, a mais alta, como foi provado, é uma representação que se desdobrou do que o mais baixo possui em substância, não desenvolvido. É, pois, o uso dos *termos*, e a sua aplicação particular, que apresenta a aparente discrepância existente entre as suas relações e estas. Mas posso, com segurança, afirmar que as conceções são as mesmas em substância e *verdadeiras* -- como é demonstrado pela ordem e harmonia de todas as coisas visíveis; e que uma unidade de pensamento surgiu, por processos independentes, de nenhuma outra causa que os influxos das verdades da Natureza visível e invisível. A partir disso, como uma fonte comum, e a partir de uma iluminação da mesma, derivou a relação de cada; e os dois relatos dessa causa se substanciam mutuamente. A respeito disso, pois, não digo mais nada.

§ 205. Os espíritos dos diversos planetas no nosso sistema solar encontram-se em diferentes estágios de refinamento. E aqueles que estão nos superiores têm o privilégio de descer aos planetas inferiores e imergir os seus pensamentos nos espíritos dos habitantes à vontade, embora estes últimos em muitos casos não saibam disso. Desse modo, os espíritos descem e habitam a terra, quando sentem uma atração peculiar por algum parente ou amigo; e eles estão sempre prontos para lhes apresentar à mente ideias de coisas superiores e sugestões que são puras, embora possa parecer à pessoa que fluam independentemente das operações do seu próprio espírito. Os espíritos de qualquer esfera podem, *por permissão*, descer a qualquer terra do Universo e inspirar sentimentos nas mentes de outros que sejam puros e elevados. Consequentemente, há ocasiões em que a mente parece viajar na companhia daqueles que ela não conhece, e tem visões nos seus sonhos que são realmente verdadeiras e que por vezes se veem a dar com uma precisão notável.

Outras vezes, os sonhos são estimulados pelo influxo de pensamentos dos espíritos, mas não são *definidos*, porque não serem devidamente direcionados. Existe, porém, uma espécie de sonho que não é causado por nada, exceto uma excitação do meio nervoso ou da consciência do corpo. Esses sonhos são apenas pensamentos impróprios, e formações malucas e fantásticas de ideias pré-impressas em visões e ideias vagas.

É uma verdade que os espíritos comungam uns com os outros enquanto um está no corpo e o outro nas Esferas superiores -- e isso também, quando a pessoa no corpo não tem consciência do influxo e, portanto, não pode ser convencida do facto; mas

essa verdade em breve se apresentará na forma de uma demonstração viva. Mas o mundo há de vir a saudar com deleite o início daquela era em que o interior dos homens se abrirá, e a comunhão espiritual será estabelecida como agora está a ser desfrutada pelos habitantes de Marte, Júpiter e Saturno, por causa do refinamento superior que alcançaram. A respeito dessas coisas e dos seus detalhes, pode-se obter conhecimento disso examinando as relações estabelecidas por Swedenborg durante o período de sua iluminação mental.

§ 206. A estrutura do Universo é agora apresentada à mente, e todas as suas belezas vivas, junto com a Essência Divina que lhe dá vida e a anima. Apresenta uma base indestrutível de esperança e fé, e um fundamento correspondente à ação humana. É como um espelho no qual são refletidas todas as belezas correspondentes ainda não criadas, mas que deram prova de estar em embrião pelos ensinamentos universais da lei natural. O todo é **LINDO**. O todo é um só **CORPO**, e **DEUS**, a **ALMA** e **PAI** de todas as coisas vivas e não vivas. Tudo é perfeito na sua forma e estado de ser. Tudo é necessário -- *indispensável* até. Tudo é puro, até mesmo divino e celestial. Tudo ensina harmonia e reciprocidade universal por uma manifestação infalível do mesmo. Tudo é da, na, através e para a Mente Divina. Todas as coisas são partes Dele; e essas são como um **TODO**, mesmo a **NATUREZA**, o **HOMEM** e o **CÉU**.

As terras, ou a primeira Esfera, constituem o germe; a segunda Esfera constitui as raízes; a terceira, o corpo; a quarta, os ramos; a quinta, os botões; a sexta, a flor; e a sétima é a **BELEZA** -- beleza que floresce com uma fragrância imortal. Aqui está a Árvore da *Justiça* -- justiça porque tudo está certo e nada errado. É a Árvore do *Bem* -- porque nada é mau. É a Árvore da *Vida* Imortal -- porque não há morte, É a Árvore da *Perfeição* Divina -- porque não existe nada imperfeito. É a Árvore da *Verdade* -- por não existir falsidade nas criações divinas. É a Árvore da *Causa* eterna -- porque nada é senão o que antes era noutra forma. É a Árvore do *Amor* e da *Sabedoria* -- por não haver confusão nem desunião; pois todas as coisas estarem a trabalhar juntas para o bem, bem esse que é a elevação de todas as coisas baixas e subdesenvolvidas para um alto grau de refinamento a partir do qual um Universo ainda por nascer será conduzido à existência para exalar o sopro do céu.

Aqui, pois, está a Árvore cuja fundação repousa nas profundezas do Tempo, e cujo topo se estende até as alturas da Eternidade. Ela estende ramos por toda a extensão e largura do Universo, e lança uma sombra refrescante sobre os labirintos do espaço cujos limites nenhum pensamento pode definir.

Considerações posteriores sobre essas criações inconcebíveis estariam sobrecarregando a mente além das faculdades de pensamento que ela tem, e não tenderiam para a utilidade. No entanto, uma palavra proferida apropriadamente, por

meio de admoestação, pode não perder a sua influência até que alguns dos resultados mais desejáveis sejam alcançados. Lembrem-se, pois, que o *germe* desta grande Árvore se situa na *Primeira Esfera*, que abrange todas as terras e os seus habitantes. Cientes disso, que cada um se esforce diligentemente por cultivar o germe, e fazer aperfeiçoar as suas intenções. Esforcem-se para dar às suas propriedades e essências uma orientação adequada e verdadeira. Apliquem todo o amor, energia e sabedoria para realizar o que é mais desejável -- aqueles, cujos princípios são vistos na natureza de todos os homens, e que os incitam à ação lucrativa; e, lembrem-se, isso é Unidade: e **UNIDADE** é **FELICIDADE**.

Em vista destas coisas, é manifesta a importância e veracidade do ditado, que diz: "As coisas que se veem são temporais; mas as que não se veem são eternas;" assim como, as coisas visíveis são terrenas; ao passo que as coisas que são invisíveis são celestiais. Como essas verdades se apresentam em alto-relevo, a mente humana deve envidar esforços para compreender o seu significado e importância. Ao fazer isso, a humanidade descobrirá que a mente deve estar *refinada e aperfeiçoada*, e que, quando isso for devidamente realizado, o mundo social será correspondentemente elevado e, assim, avançará para a honra, a bondade e a PAZ UNIVERSAL.

PARTE III
A APLICAÇÃO; OU, UMA VOZ PARA A HUMANIDADE

A raça humana é composta por três partes, classes ou grupos distintos. As classes pobres, ignorantes, escravizadas, oprimidas e trabalhadoras constituem o estrato inferior da sociedade. As classes semi-abastadas, instruídas, opressoras, escravizadoras e dominadoras formam o segundo estrato ou estrato de transição; e os ricos, inteligentes, ociosos, opressores e escravizadores compõem o terceiro estrato, completando assim o corpo da Humanidade.

Os pobres estão distribuídos por todas as nações da Terra. São aqueles que nascem em circunstâncias contrárias à sua natureza e às suas necessidades. São aqueles cujas necessidades não são supridas, cujos desejos permanecem insatisfeitos e cujos afetos são ignorados. São os degradados, os pisados, os abandonados e os não valorizados da sociedade. São os desprezados, os fracos, os miseráveis e os rejeitados entre todos os que compõem a raça humana. Circunstâncias inferiores produzem efeitos inferiores; por isso, os pobres também são ignorantes. E por serem ignorantes, são mais facilmente acorrentados pelas grilhetas degradantes da superstição e escravizados por leis impostas pelos governos. São fracos e, por isso, tornam-se sujeitos aptos a suportar o peso e o fardo das classes superiores; e, acreditando estarem a cumprir o seu dever, submetem-se a governos arbitrários e tirânicos.

As circunstâncias inferiores não apenas criam estes efeitos, mas também geram a escravidão. Milhões pertencentes à primeira parte da humanidade vivem sob as

formas mais opressoras de escravidão e são forçados a prestar honra àqueles que os oprimem. Os seus pensamentos são restringidos e as suas capacidades inatas esmagadas por aqueles que os mantêm em cativeiro, com o intuito de perpetuar a escuridão da degradação à qual estão submetidos. São também cruelmente afligidos, de formas desumanas e antinaturais. A harmonia dos seus corpos é desfigurada; as qualidades constitucionais do seu ser são impedidas de se desenvolverem devidamente; e as suas faculdades espirituais são obscurecidas desde o nascimento até à morte por vícios, miséria, superstição e todo o tipo de imposições imagináveis.

Os pobres são assim oprimidos (ainda que os oprimidos nem sempre sejam pobres); e a opressão é uma política de proteção adotada por aqueles que ocupam posições superiores na escala das circunstâncias sociais.

Os pobres são também as classes laboriosas e produtivas. A riqueza do mundo foi acumulada através do labor incessante daqueles que, forçados pela mão da opressão, trabalham continuamente para garantir a sua subsistência — e ainda assim, o seu trabalho não é devidamente recompensado. Em todas as partes do mundo, é um facto geral que aquele que mais trabalha é quem menos recebe. E quanto mais árduo é o trabalho em que o homem se empenha, mais é ele escravizado, degradado e não recompensado.

Os pobres são os sustentadores da sociedade, porque são os trabalhadores. São os produtores da riqueza e de todas as bênçãos que circulam pelas outras e mais altas camadas da sociedade — e, ainda assim, são os esquecidos, os desprezados e os não instruídos!

A pobreza é uma aflição tão universal que muitos acreditam que ela é um meio ordenado pela providência com o propósito de induzir submissão na natureza humana, para que assim o homem possa receber, em última instância, recompensa e consolo. Alguns esforçam-se por consolar os pobres com estas promessas ilusórias; e, movidos pelo interesse, desejam que essa opinião prevaleça entre eles, para que a pobreza e a ignorância sejam perpetuadas e, com isso, se mantenha o seu domínio despótico e tirânico. Em todas as partes da Terra, os pobres são ignorados, e raramente as suas circunstâncias são aliviadas. Contudo, são eles a base de tudo aquilo que abençoa a raça humana e de tudo aquilo que a humanidade desfruta.

Os semi-abastados são aqueles que se encontram desde o nascimento até à morte em circunstâncias superiores; e, por estarem assim posicionados, tornam-se a classe mediadora, instruída em todos os ramos da arte e da agricultura. São os empregadores e governantes diretos das classes inferiores. Exercem uma influência contínua sobre aqueles que empregam, forçando-os a trabalhos que não são compatíveis com a constituição humana, e por esse labor concedem pouca recompensa. Esta classe mediadora, assim, escraviza e oprime os que estão abaixo

de si. São forçados a agir assim pelo interesse próprio, que guia todos os seus atos; e, ao mesmo tempo que procuram a sua subsistência, afligem os outros, pois o seu bem-estar e os seus interesses dependem de muito trabalho e pouca retribuição. São extremamente opressores, pois a sociedade está estruturada de tal forma que o interesse de um homem entra diretamente em conflito com o interesse de outro: aquilo que é benefício para um resulta na desgraça de outro.

A classe superior é composta pelos ricos e poderosos — que mantêm nas mãos as produções daqueles que estão abaixo deles, e só distribuem felicidade quando esta é extraída dos oprimidos e degradados. São os capitalistas; pois a riqueza criada pelos pobres é acumulada por eles e mantida sob o seu domínio. A riqueza que pertence por direito àqueles que a produzem é assim concedida àqueles que não a conquistaram, e que, portanto, não têm qualquer título natural sobre ela.

As classes superiores são aquelas que vivem do esforço e do trabalho da maioria da humanidade. Por isso mesmo, são simultaneamente opressoras e escravizadoras, devido à sua dependência dos outros e à influência dominante que exercem — influência essa injusta e destrutiva para a paz e felicidade que, de outra forma, poderiam ser usufruídas pelas classes mais baixas da comunidade. Estas classes superiores são as instruídas, pois vivendo em circunstâncias superiores, beneficiam de todas as conquistas e habilidades mais avançadas existentes no mundo. Esta inteligência é a única garantia de um eventual progresso do mundo em direção à libertação do vício, da miséria e da degradação. No entanto, essa inteligência está atualmente a ser mal direcionada; e, em vez de iluminar as massas, está a envolvê-las em obscurantismo, superstição e preconceito! Está a tornar ainda mais ignorantes as classes já ignorantes, confirmando-as nas suas condições inferiores e infelizes. Ao mesmo tempo, está a dividir a família humana em seitas e classes exclusivas, criando todo o tipo de desunião e insatisfação.

As classes pobres e moderadas não governam, mas são governadas. Não são as que escravizam, mas sim as que são escravizadas. Não são impuras ou profanas por natureza, mas tornam-se assim pelas ações daqueles que estão acima delas. Não nasceram fracas ou deformadas, mas tornam-se frágeis e desfiguradas sob o peso da responsabilidade que lhes é universalmente imposta.

Os ricos, sendo os poderosos, são a origem de toda a arbitragem, opressão e miséria absoluta que existe no mundo. É dessa classe que nasce a exclusividade e o sectarismo, que se espalham como uma maré por todas as classes abaixo delas.

Os ricos, na sua situação privilegiada, são exemplos do que a raça humana poderá ser quando a riqueza e a justiça forem igualmente distribuídas no mundo social. A inteligência será então o governador e administrador de todas as leis e princípios necessários à constituição da família humana. Nesse tempo, todos poderão beber na

fonte do conhecimento, e não mais terão sede. Mas, devido à desunião que reina na sociedade, as necessidades das classes mais baixas não são satisfeitas, e os desejos das classes mais altas são supridos com tal abundância, que se tornam incapazes de valorizar as bênçãos da vida e os prazeres naturais que advêm de um desejo bem orientado e da sua justa satisfação.

Estas três classes constituem a raça humana, e cada uma delas continuará a existir na sua condição atual enquanto a inteligência for exclusiva, o trabalho for mal recompensado e a riqueza estiver nas mãos daqueles que a detêm injustamente.

§2. Os pobres são aqueles cujos desejos permanecem insatisfeitos. Assim, tornam-se miseráveis, e a sua existência é completamente desvalorizada. São aqueles que suportam toda a pressão e aflição da humanidade; e, pela sua ignorância, são forçados a permanecer nessa condição. Não conseguem expressar com eloquência os vícios e a miséria que os rodeiam; não conseguem libertar-se das correntes que os prendem e esmagam contra o chão. Não conseguem escapar à prisão do sectarismo, nem erguer a sua voz contra os muitos atos desumanos que lhes são impostos.

Os pobres estão no ponto mais baixo da sociedade e, por isso, sustentam, com o seu trabalho incessante, o enorme peso do mundo que assenta sobre eles. Não têm meios de se libertar, nem de progredir, pois tudo à sua volta impede o avanço e bloqueia a ascensão. Não conseguem, por si só, acumular força e poder, porque cada pessoa está a lutar pela própria subsistência, tentando suprir as suas necessidades crescentes. O poder coletivo perde-se e dissipa-se entre os indivíduos, impedindo-os de agir em conjunto para melhorar a sua condição.

A sociedade mais elevada comporta-se como se não tivesse sentimentos nem afeto por aquilo que é justo, bom e virtuoso. Parece alheada da simpatia, incapaz de reconhecer a causa do mal e da miséria que predominam. Embora aparente procurar o bem comum, aquilo que parece beneficiar muitos acaba por prejudicar ainda mais os trabalhadores. E cada ato isolado de caridade, embora bem-intencionado, resulta em aflição; e todo o esforço de melhoria gera hostilidade sectária e termina numa opressão ainda mais tirânica!

A sociedade está construída desta forma. A sua estrutura manter-se-á formalmente intacta para sempre; mas os seus desenvolvimentos constitucionais irão mudar em breve de forma substancial — o que resultará numa justiça distributiva e numa nova harmonia.

A causa de toda a ação humana reside em três coisas: Amor (ou desejo), Necessidade e Interesse. Os desejos nascem do amor, ou das exigências do corpo. A necessidade é o desejo não satisfeito, ou a exigência não atendida; e o interesse é o

motor da ação, sendo o meio pelo qual o amor é recompensado, os desejos são satisfeitos e as necessidades supridas.

O interesse, então, é o modo de ação humana, e a causa final de toda a indústria, invenção, movimento e inteligência no mundo. O interesse é o instrumento utilizado para satisfazer as necessidades do corpo humano. Onde não há interesse, não pode haver ação; onde não há desejo, não pode haver interesse; e onde não há amor, não pode haver desejo.

É impossível um homem agir sem ter um interesse. O seu interesse pode consistir na gratificação pessoal ou ganho material; no avanço de uma seita; na usurpação local; na benevolência geral, bondade fraterna e caridade; no amor universal, ou na busca do conhecimento. Mas, seja qual for o centro do seu interesse, é por isso que ele agirá exclusivamente; e enquanto o fizer, na sociedade como ela existe atualmente, irá prejudicar uns e beneficiar outros, agradar a uns e causar indignação noutros. — E assim é que os interesses (sendo a causa da ação humana), quando não são devidamente orientados, conduzem inevitavelmente a consequências infelizes.

Os interesses dos pobres consistem em tornar a si próprios e às suas famílias felizes. Para esse fim, empregam todas as suas forças para extrair da terra e absorver das classes superiores uma recompensa suficiente pelo seu trabalho. Os seus interesses estão em oposição aos interesses daqueles que os empregam; e isto cria uma luta entre o trabalhador e aquele para quem ele trabalha. Um está diametralmente oposto ao outro. Por isso, enquanto o trabalho se torna cansativo e repulsivo para o trabalhador, o empregador pressiona-o para mais e mais trabalho, reduzindo ao mesmo tempo a recompensa ao mínimo possível. O trabalhador sente-se desencorajado a trabalhar com entusiasmo, e o empregador sente-se desencorajado a recompensar com generosidade. O interesse do trabalhador reside na recompensa; o interesse do empregador está na quantidade de trabalho produzido: logo, um está a extrair do outro; e essa extração gera distinção, obstáculo e desunião. Vivem, assim, em oposição direta um ao outro.

Assim, o trabalho é desprezado e evitado pela família humana porque não é valorizado. Daí a pobreza prevalecer no mundo; e isso perpetua-se pela desunião de interesses e pela ausência de sentimentos e afetos solidários entre os homens. Os pobres não se interessam pela situação dos ricos, nem os ricos pela dos pobres; e, assim, desprezam-se e repelem-se mutuamente. As circunstâncias infelizes que rodeiam e limitam os pobres desde o nascimento encorajam os monopólios das classes superiores, cujos interesses consistem precisamente na distinção que essa desigualdade cria. Torna-se, portanto, impossível encontrar harmonia entre os interesses dos pobres e dos ricos, ou qualquer afinidade entre as suas condições.

Um homem pode estar intelectualmente convencido do que é o seu dever; mas, se os seus interesses estiverem em oposição a esse dever, o resultado é a imoralidade e o caos social. É essencial que todos estejam em situações em que o trabalho seja uma necessidade, e a recompensa por esse trabalho, legítima e proporcional.

Se existisse uma indústria universal, todos seriam ricos, e todos valorizariam e celebrariam a própria existência. Não haveria sequer tanta necessidade de trabalho, pois uma quantidade pequena de esforço, se devidamente orientada, contribuiria mais para a riqueza geral do mundo do que o dobro desse esforço nas condições atuais da humanidade. Um terço do trabalho individual atualmente realizado, se fosse igualmente distribuído e corretamente recompensado, proporcionaria mais felicidade e prosperidade à humanidade do que todo o trabalho existente hoje; e então as recompensas seriam justas, os interesses recíprocos e todas as ações beneficentes para todos. Como os interesses estão hoje em oposição mútua, a ação entre o trabalhador e o empregador só pode existir em oposição correspondente.

A hostilidade surge constantemente da indiferença mútua quanto ao bem-estar de cada um, originada precisamente por essa falta de afinidade de interesses. Cada pessoa tem desejos ignorados pelos outros e necessidades que só ela conhece, e cuja satisfação depende apenas dela. O que precisa é retirado dos outros, em vez de lhe ser dado livremente, como deveria acontecer numa sociedade verdadeiramente humana. Assim, o interesse de um reside naquilo por que nenhum outro se sente atraído.

E são tão conflitantes as situações dos homens nas camadas inferiores da sociedade, que não há senão vício, miséria, descontentamento, hostilidade e vingança. Os seus interesses assemelham-se a elementos em choque, que ao encontrarem-se destroem mutuamente o seu poder. Por isso, a harmonia que existiria se os interesses fluíssem suavemente uns para os outros é desfeita. E é por isso que se encontra moralmente desajustado aquele cujo dever lhe indica um caminho, mas cujos interesses o empurram noutro.

§3. O trabalhador, tendo interesse apenas na recompensa pelo seu esforço, não tem interesse nas melhorias mecânicas que visam aliviar ou reduzir o trabalho. O trabalho deve ser valorizado e devidamente remunerado para que haja prazer na indústria e interesse geral nos avanços mecânicos e agrícolas. Para que a inatividade seja expulsa da Terra, o trabalho deve ser compensado com maiores recompensas. Não é só necessário atribuir um valor mais elevado à indústria, mas também demonstrar maior respeito por quem trabalha, de forma a fazer com que todos sintam interesse na atividade, e que ninguém se sinta atraído pela ociosidade e especulação. As classes laboriosas sustentam os que não trabalham, e os ociosos, em troca, desprezam e oprimem os trabalhadores, pois o seu interesse não reside no trabalho, mas na especulação fria e insensível.

O interesse do trabalhador devia centrar-se na própria atividade que desempenha. Assim, ele aplicaria o seu esforço físico e mental em melhorias de grande valor, que não só melhorariam a sua própria condição, mas também abençoariam o mundo inteiro. Tal como está agora, o trabalhador interessa-se apenas pela recompensa, e não pelo trabalho em si. Por isso, o trabalho é visto como algo penoso e repulsivo, e só a recompensa o move; o que inibe e impede o desenvolvimento adequado das suas capacidades físicas e intelectuais. O trabalhador não sente interesse no progresso do seu empregador, mas apenas na quantia que dele consegue extrair para sobreviver.

Por sua vez, o empregador não se preocupa com os pobres ou com as suas necessidades, mas usa o seu poder e engenho para os pressionar ao limite, recompensando-os segundo o que lhe convém. O empregador não remunera o trabalhador por se preocupar com ele ou com a sua família; antes, depois de o forçar a trabalhar em excesso, paga-lhe como alguém que alimenta os seus animais à noite. E muitas vezes, aqueles que especulam com a miséria alheia não hesitam em arrancar o trabalhador da sua casa numa hora que todos os ritmos do corpo humano dedicam ao descanso, levando-o ao campo ou à oficina, onde o obrigam a trabalhar até à exaustão — e depois recompensam-no como se fosse um animal de carga: à medida dos seus próprios interesses e ganhos.

Assim são os pobres oprimidos, e o trabalhador injustamente recompensado. Não têm interesse nas inovações mecânicas, nem na sua própria educação e desenvolvimento; pois toda a sua energia física é diariamente gasta na luta pela sobrevivência, e as suas capacidades mentais estão limitadas ao ciclo estreito do seu ofício degradado.

Os homens deveriam ser recompensados de acordo com o trabalho que realizam, e assim sentiriam interesse pela indústria em si, e não apenas pelo seu fruto. No entanto, atualmente, quem mais trabalha e mais sofre é quem menos recebe; quem é ocioso e vive do trabalho alheio é amplamente recompensado e até valorizado por uma suposta virtude e bondade.

É verdade que a virtude só existe onde não há vício; e também é verdade que quem é ocioso é, por consequência, vicioso — e não passa de uma partícula desnecessária (ou pessoa inútil) na constituição da família humana. Tal indivíduo é um corpo estranho na sociedade, e um entrave ao bem-estar e à felicidade dos que trabalham e produzem. Nada pode ser mais prejudicial à humanidade do que uma população inativa, ou uma classe de pessoas que desprezam, mas vivem e lucram com o trabalho dos outros — dos que se encontram degradados.

A colmeia de abelhas simboliza aquilo que a humanidade deveria — e um dia será. Na economia da colmeia, há algo digno de nota: toda abelha inativa é considerada

um fardo para a comunidade e, por isso, perde o afeto e o apoio dos demais; todos concordam que essa abelha é um obstáculo ao bem comum e que deve ser excluída do grupo para sempre. Cada abelha é obrigada a contribuir com a sua parte para a riqueza e elevação do todo; e são educadas a sentir um afeto instintivo pelo bem-estar coletivo. Com os seus interesses centrados no bem comum, nada consegue travar a sua atividade em prol uns dos outros e da comunidade inteira; nada impede a acumulação de riqueza nem destrói a felicidade que todos desfrutam. Eis, então, representada a filosofia da harmonia social; e tudo o que a família humana precisa de fazer é adotar um sistema correspondente.

A pobreza é a necessidade não suprida; e, por isso, ela indica uma doença na organização da sociedade. Pois, se todos os homens estivessem devidamente situados, a carência não existiria em parte alguma, enquanto a abundância pertenceria ao corpo social como um todo; e não haveria absorção injusta enquanto cada um criasse a sua própria felicidade e, ao mesmo tempo, a felicidade dos outros.

O vício, a degradação, a necessidade e a miséria dominam a sociedade apenas porque não existe unidade nos interesses e movimentos dos homens. Aquele que tem uma família para sustentar procura servir alguém que possa recompensá-lo de forma adequada às suas necessidades. Mas se não há qualquer simpatia dirigida à sua condição, ele afoga os sentimentos esmagados e os embaraços familiares nas profundezas da embriaguez. Entrega-se a esse vício extremo apenas para entorpecer as suas sensibilidades, para não ouvir os clamores dos filhos, nem sentir os apelos da esposa!

Fica abatido e incapaz de trabalhar, mesmo que o trabalho esteja disponível; e, antecipando a miséria iminente da sua família, recorre aos bens de outros, usando de engenho para levar algo aos seus. Assim, comete-se um roubo; e só então a comunidade se dá conta da existência daquele ser miserável! Recorre-se às leis convencionais, analisa-se o seu caso, e empregam-se magistrados insensíveis para decretar o seu encarceramento. Ninguém se interessa pelo seu bem-estar; todos se regozijam com a sua captura, condenação e exclusão do seio da sociedade e da luz do sol, que deveria sorrir a todos, para que todos fossem felizes!

Pouco tempo depois, uma família é lançada às instituições de caridade, desprovida de todas as necessidades físicas, força corporal e energia mental. As crianças crescem rodeadas por circunstâncias das mais degradantes e corruptoras. A mãe, incapaz de cumprir o seu dever, vê os filhos enveredarem por caminhos de vício, ignorância e prostituição. Procuram desesperadamente qualquer meio de suprir as necessidades imediatas e melhorar a sua condição externa. Sob essas condições, esses filhos chegam à idade adulta e são então lançados sobre a sociedade, na esperança de encontrar algum emprego para sobreviverem, se tiverem sorte e êxito. Pode ser que um deles consiga alcançar uma posição que lhe permita desenvolver as

suas capacidades físicas e mentais, revelando um génio inato e uma alma magnânima.

Outro poderá procurar trabalho doméstico, mas, por estar incapacitado, fracassa, desanima e é descartado pelo empregador, abandonado num mundo desunido e hostil! Esse acabará por procurar refúgio nos caminhos do vício e da miséria — irá abrigar-se onde nenhum ser humano deveria viver, mergulhando em vícios até perder toda a sensibilidade — e talvez termine como o pai, um desonra para a sociedade e um escândalo moral para a consciência humana!

Outro poderá ter um destino diferente, mas continuará exposto a influências corruptoras que desvirtuam o rumo adequado das suas faculdades. Pode tornar-se egoísta, feroz e brutal ao ponto de tirar a vida de outro ser humano — e acabar exposto ao olhar público como um reflexo da corrupção, ignorância e fanatismo da própria sociedade!

Outra, sendo mulher e desprezada por ter nascido em circunstâncias adversas, poderá procurar esconder-se do escárnio do mundo insensível nas profundezas da iniquidade e da prostituição — vivendo ali como um símbolo de desunião social, discórdia, degradação e interesses individuais em conflito.

Eis, portanto, uma família desconhecida do mundo, até que um dos seus, pressionado pela pobreza, comete um ato de desespero; e só então a comunidade mostra interesse — não pelo infeliz, mas por aquele que sofreu uma perda em benefício daquela família desolada! Um a um, os seus membros tornam-se conhecidos — e desprezados! Toda energia inata é esmagada pelos olhares gélidos do mundo social! Todo impulso puro é sufocado na alma, por lhe faltar um ambiente de luz, liberdade e felicidade social.

A chama do génio é abafada pelas circunstâncias inferiores que cercam e impedem o seu florescimento. E todas as qualidades puras e naturais da alma humana são estagnadas no seu crescimento, porque a sociedade não sorri à sua ternura, não alimenta as suas raízes, nem ajuda, através de circunstâncias superiores, o seu desenvolvimento. Tudo contribui para apagar o sol da esperança e do futuro; e onde não há luz nem calor, a alma humana não pode germinar nem florescer — pois o solo onde está é estéril e hostil!

§4. Os interesses estão assim mutuamente em oposição; e os efeitos dessa oposição são o mal e a miséria que dominam o mundo. Ninguém agiria mal se não tivesse interesse nisso. Ninguém beberia em excesso se não fosse para satisfazer um desejo doentio, criado pelas influências e condições em que muitos vivem. Ninguém enganaria ou roubaria o próximo se todas as necessidades fossem supridas e os desejos satisfeitos. Ninguém causaria dano ou tiraria a vida do outro se não fosse por

alguma necessidade ignorada pela sociedade. Da mesma forma, ninguém prejudicaria o próximo se os seus interesses consistissem no bem-estar desse próximo. Ninguém enganaria ou mentiria se os seus interesses estivessem enraizados na honestidade e na benevolência irrestrita. E, por fim, nenhum homem ou mulher cometeria um ato impuro se os seus interesses estivessem alinhados com o interesse comum — abrangendo tanto a felicidade individual quanto a universal.

A comunidade toma consciência de todos os atos impuros apenas depois de cometidos; e não manifesta qualquer simpatia pelo autor do ato, mas sim interesse na sua condenação e castigo. Se a sociedade realmente se importasse com o bem-estar dos indivíduos, os homens não seriam colocados em situações viciadas, mas sim em ambientes mais elevados, sendo assim beneficiados e tornados úteis às necessidades da comunidade em geral.

Todos estes males têm uma única raiz: o trabalho não é valorizado nem recompensado; e, por isso, o trabalho torna-se repulsivo para quem o realiza e absolutamente detestável para aqueles que vivem à custa da indústria dos pobres e oprimidos. Não se tem qualquer interesse no trabalho em si, mas apenas no seu lucro. Não se exerce interesse pelo bem comum, pois todos os interesses são isolados, corruptores, opressores e desorganizadores. Nenhum interesse está centrado no progresso e felicidade geral da humanidade, mas apenas na obtenção individual de riqueza, poder e status aristocrático.

Ninguém demonstra interesse pela situação daqueles que vivem infelizes desde o nascimento até à morte; tudo está contra o desenvolvimento das suas capacidades, contra o usufruto da sua existência, contra a utilidade e proveito das suas vidas. Não há interesse algum por parte daqueles que poderiam ajudar os que não se conseguem ajudar a si próprios e que têm direito às bênçãos da vida. Pelo contrário, todos lutam para conquistar poder, honra e benefício pessoal — e estão dispostos até a exercer domínio sobre os que se encontram deprimidos e indefesos face à tirania. Não existe um interesse universal — todos os interesses são isolados, egoístas e corruptores. E tudo isso persiste porque o trabalho não é reconhecido como uma bênção universal, nem estimado de acordo com a sua capacidade de elevar a raça humana.

O trabalhador tem direito a algo mais do que levantar-se ao nascer do sol, ir para o campo e labutar até anoitecer, para depois regressar ao seu leito de palha, acordando novamente com o corpo exausto e faminto. A indústria merece mais do que isto; pois a atividade é a riqueza do mundo, e é a essência e o destino do homem. No entanto, é um facto que, em várias partes do mundo, os trabalhadores estão confinados à subsistência mais miserável, e os seus corpos são sacrificados em benefício das especulações escravizadoras e degradantes de homens ociosos. São forçados, quase desde o berço, a trabalhar nas plantações ou nas fábricas, obrigados a laborar enquanto houver luz do dia, e depois regressam a lares desolados, exaustos

e sem recompensa. Enquanto são condenados a esta vida, aqueles que vivem à custa do seu trabalho seguem indiferentes à miséria que os rodeia.

Os interesses são tão conflitantes que os homens sacrificam a sua verdadeira dignidade e valor moral, envolvendo-se em todo o tipo de fraudes, imposições e especulações cruéis — tudo isso dirigido contra uma multidão de seres não instruídos, presos ao trabalho mais opressivo, seja nos campos ou nas oficinas. Aquele que, pelas circunstâncias sociais, nasce num contexto de opressão e escravidão, desconhece o valor do seu próprio ser e dos prazeres a que a Natureza e as suas amplas dádivas lhe dão direito.

Nos diversos países e reinos da Terra, governos monárquicos e leis arbitrárias e exclusivistas são instituídos como política de proteção da aristocracia e do despotismo. E essas leis funcionam como muralhas que protegem a riqueza acumulada dos ociosos contra qualquer absorção pelos pobres sob o seu domínio. Cada reino, com toda a sua riqueza, deve a sua origem à indústria incessante dos pobres injustiçados e não recompensados. O mais imponente dos lordes não passa de um parasita, sustentado por aqueles forçados a cultivar a terra e a extrair dela a sua riqueza e excelência. — E enquanto a terra estiver carregada de lordes e homens inativos, os pobres continuarão a ser degradados e privados dos seus direitos justos; e onde tais elementos inúteis existirem, lá também estarão o vício, a pobreza e a miséria. Estes são, inevitavelmente, o reflexo da indolência, da aristocracia dominante e dos governos despóticos. Onde houver mais sofrimento, aí estará o peso da ociosidade e da inutilidade. E esse sofrimento na sociedade é sempre um sinal seguro da existência de interesses em conflito, que constantemente violam o mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

É impossível traçar uma distinção essencial entre a natureza ou as necessidades de diferentes homens; a diferença está apenas no grau em que estas se manifestam. Alguns necessitam de mais alimento físico ou mental do que outros; mas todos têm direito a quanto desejarem — sobretudo quando esse desejo é guiado por uma Sabedoria bem ordenada.

§5. Tal como aquele que cultiva a terra não sente verdadeiro interesse na sua produção, mas apenas no escasso salário recebido pelo seu esforço, também a ciência da agricultura não progrediu até ao grau de perfeição de que é capaz. Todas as melhorias resultam de esforços isolados e, por isso, não beneficiam visivelmente a humanidade — os seus frutos são dissipados pela especulação fútil.

Os mecânicos não se interessam pela melhoria da maquinaria para além do que isso possa representar em riqueza individual. Não há interesse geral pelo alívio do trabalhador nem pela recompensa que isso deveria trazer. Assim, se os mecânicos avançam em artes e ciências que reduzem o trabalho manual, acabam também por

tirar o sustento àquele cujo ofício é eliminado. Fica claro, então, que os interesses do trabalhador estão em oposição aos do mecânico; e esse conflito gera ódio e perseguição local.

Cada nova invenção deveria ser recebida com alegria por todos, como uma libertação do trabalho penoso e um passo no progresso da humanidade. Mas, em vez disso, cada inovação é encarada com desconfiança, fruto dos interesses desunidos. Assim, o génio é sufocado, e as energias do homem pobre são esmagadas pela rejeição da sua invenção e pela falta de valorização da sua criatividade.

Se um homem inventa uma arma flutuante para destruição, ou propõe outro método qualquer de aniquilar vidas humanas e interesses nacionais, então sim, os elogios públicos serão calorosos e entusiásticos. Qualquer novo instrumento de morte é saudado por todos como alívio das hostilidades nacionais, e até como um benefício indireto para os pobres e desafortunados. Este é um reflexo do sentimento público que caracteriza todas as nações da Terra — e quão impuros são os sistemas que geram tal sentimento! Tais condições alimentam o ódio e a miséria no coração de todos os seres sensíveis, espalham o veneno da inveja na taça de cada vizinho; e quando dela bebem, todos os tipos de preconceito, hostilidade, disputa, perseguição e fanatismo emergem das suas mentes embriagadas!

A comunidade está assim em desordem, mesmo nos seus setores de indústria mecânica. Cada nova invenção para destruir a vida é acolhida com agrado pelas massas; mas cada inovação voltada para a eliminação do trabalho degradante e para a elevação da humanidade só é saudada com entusiasmo por poucas mentes boas e benevolentes. A maioria, sentindo que tal progresso ameaça os seus interesses, rejeita-o e reprime-o, para que não se volte contra si própria. O trabalhador opõe-se assim à melhoria mecânica. Qualquer esforço nesse sentido dá início a um conflito entre o inventor e a massa de trabalhadores.

Os comerciantes estão todos envolvidos em atividades isoladas, que são diametralmente opostas umas às outras. Cada um estabelece o seu capital e negócio onde possa tirar maior vantagem do seu vizinho e da comunidade. Este sistema de negócios isolados conduz à mais engenhosa forma de engano e mentira. Aquele que sabe conversar com mais desenvoltura, e que consegue apresentar os argumentos mais apelativos, conquista vantagem sobre os seus concorrentes, acumulando riqueza extraída da comunidade. Enquanto isso, o comerciante menos hábil acaba por falhar no seu empreendimento — e a sua única consolação é o escárnio demoníaco dos colegas do seu ramo.

É justo e benéfico expor as corrupções da sociedade e apresentar um espelho no qual as ações e a situação de cada pessoa possam ser visivelmente e justamente representadas. Nada é mais prejudicial à moral da comunidade, nem mais

escravizante para o homem pobre, do que a vasta aglomeração de comerciantes, cujos interesses se opõem entre si com a mesma intensidade com que a escuridão da meia-noite se opõe à luz do meio-dia. Mais vício existe neste setor da sociedade do que em qualquer outro.

Estão interligados localmente e unidos exteriormente para extrair um lucro desmedido daquele que compra — mas interiormente são ferozmente hostis ao bem-estar uns dos outros; e cada um é compelido, pelos seus interesses, a enganar e ultrapassar o próximo. O facto de serem movidos por interesses mal direcionados gera todo tipo de vício e desunião entre si e na sociedade como um todo. O comprador entra no estabelecimento do comerciante com a convicção de que este o enganará se puder. Portanto, os interesses do comprador e do vendedor estão em oposição direta. E o que é ainda pior, é que uma desconfiança da virtude e da moralidade está alojada no coração de cada homem em relação ao seu próximo e ao mundo.

Na sociedade atual, um homem é considerado ignorante se não tiver uma perceção aguçada das falhas e tolices do seu vizinho ou se não estiver constantemente preparado com planos ardilosos para contrariar as intrigas e enganos dos outros. Se um homem crescer numa comunidade pacífica, onde reinam harmonia e confiança, sem suspeitar do mal e acreditando na pureza das relações humanas, e se entrar de repente numa sociedade de homens desesperados e mal situados, será cruelmente enganado. Tirar-lhe-ão os seus bens por metade do valor, corromperão o seu espírito puro, trairão a sua confiança e sufocarão o seu génio natural — e por toda essa perda, receberá apenas os risos malévolos dos comerciantes, que o acusarão de não estar "educado" e de não conhecer a sua astúcia! Assim, poucos estão em posição mais viciosa do que os comerciantes, e nenhum outro grupo causa tanto prejuízo direto às necessidades sociais de toda a humanidade.

O homem pobre tem direito a alimento e vestuário em igual, ou até maior, abundância do que aquele que vive do trabalho do pobre. Mas que tarefa inglória é para um homem honesto reivindicar esse direito, ou mesmo tentar conseguir roupas dignas! Em primeiro lugar, a matéria-prima para as roupas provém da terra que ele próprio cultiva. O dono dessa matéria cobra um lucro ao fabricante — que, por sua vez, pressiona os operários a trabalhar por pouco, para maximizar o seu próprio lucro ao vender os produtos ao comerciante. Quando o comerciante finalmente recebe o tecido, os lucros acumulados já excedem o valor original. No entanto, o comerciante exige também o seu lucro — e este o comprador terá de pagar. O homem pobre, então, recebe do comerciante a sua peça de roupa, sendo forçado a pagar os custos combinados do agricultor, do fabricante e do comerciante!

Assim, a partir do trabalho do homem pobre sustentam-se todas estas diferentes e conflitantes posições, e todos os envolvidos nelas são constantemente mantidos. Não

é de estranhar que a pobreza exista onde o capital é tão fragmentado e os interesses tão desarmoniosos.

Os próprios comerciantes competem entre si sacrificando os interesses uns dos outros; e, ao fazê-lo, afetam o fabricante, os operários, os agricultores, e todos os que trabalham do amanhecer ao anoitecer sem recompensa.

Não deveriam existir estabelecimentos locais e isolados como os que hoje existem, mas sim um armazém comum para cada comunidade e cada cidade — abastecido pela indústria coletiva de toda a população. Nenhuma lágrima deveria ser derramada por causa da fome; nenhum coração deveria sofrer por dor ou desespero. Nenhuma criança deveria tremer de frio ou ver as suas necessidades naturais negadas; nenhuma mãe deveria lamentar a miséria dos seus filhos, de si mesma ou do seu companheiro. Nenhuma vida deveria ser sacrificada no altar da carência, nem ceifada pela fome desesperada; pois esses armazéns de riqueza e abundância deveriam garantir sustento a todos os que vivem em forma humana. Nesse cenário, os interesses dos comerciantes consistiriam apenas em ajudar os outros a aceder ao que lhes é naturalmente devido — e não, como hoje, em reter e controlar os bens essenciais ao conforto e à sobrevivência.

§6. O interesse do advogado é contrário à paz e à justiça genuína. Os advogados ocupam posições que os tornam interessados nas perturbações que assolam a sociedade, e não na tranquilidade comum. Os seus interesses estão centrados nas inúmeras disputas originadas pela perseguição e hostilidade. Onde o vício existe, aí existe também a pobreza; e onde há vício e pobreza, aí o advogado é fortemente atraído. Em vez de pacificadores, tornam-se agentes da discórdia, pois toda questão legal deve ser resolvida a favor de uma parte e contra a outra. Isso gera inveja oculta e uma vontade secreta de vingança — planos que a própria lei não consegue detetar nem impedir.

Cada ato de julgamento dentro do sistema legal é o início de ódio e hostilidade interna. E mais: cada homem recorre às leis do estado para se proteger contra os danos do próximo — e isso é um dos sinais mais evidentes de que há doença na constituição da sociedade. Pois disputas e conflitos locais são como feridas abertas que afetam a sociedade, da mesma forma que úlceras afetam um corpo doente. E fica claro que tais feridas não surgiriam se os componentes interiores — os valores e princípios fundamentais — da sociedade fossem puros, unidos, e circulassem pelo todo com perfeita harmonia. Os males sociais são como partes doentes do corpo humano; e os conflitos públicos originados pelo vício são como dores físicas que anunciam corrupção interna. O verdadeiro pacificador é, portanto, aquele que atinge a raiz do mal social — e que destrói o fruto da árvore contaminada.

Se os pobres do mundo fossem instruídos e os seus sentimentos refinados, não haveria espaço para o vício da mentira e da falsidade; tampouco existiria tanta desunião que obriga os advogados a intervir, aplicando os códigos legais estabelecidos. Cada decisão judicial, assim, torna-se uma espécie de protesto contra a prevalência da moralidade e contra a unidade dos interesses humanos. Se o mecânico trabalhasse em cooperação com o agricultor, e os seus esforços fossem mutuamente benéficos, não haveria disputas nem litígios entre eles. Se os comerciantes agissem de acordo com as necessidades do mecânico e do trabalhador, a sua ação recíproca geraria harmonia — e o advogado ficaria sem trabalho.

O interesse do advogado, portanto, é claramente oposto a esse estado de harmonia; e como exercem influência excessiva na sociedade, a sua oposição tende a atrasar o progresso da reforma social, moral e universal. Os seus interesses estão ligados à existência da ignorância e da fraqueza, ao maior número possível de conflitos, contendas e enganos, e a toda espécie de corrupção e degradação que transformam a sociedade num corpo repugnante — como um sepulcro caiado, cheio de ossos de mortos!

Os advogados, enquanto indivíduos, são tão bons e honestos como qualquer outro ser humano; mas é lamentável refletir sobre a natureza corruptora da posição que ocupam. Desses lugares emanam as influências mais insalubres sobre o seio da sociedade; e, em vez de reformarem e igualarem os homens ou resolverem amigavelmente os seus conflitos, limitam-se a encobrir os defeitos por meio de processos legais superficiais, enquanto aquilo que escondem está cheio de extorsão, malícia e excesso. Nenhum veredito é dado sem ferir tantos sentimentos quanto aqueles que possa satisfazer. Daí resultarem tantos sentimentos antagónicos e em conflito no mundo — pois os julgamentos das leis convencionais favorecem ou prejudicam os interesses ou os preconceitos de uma ou mais pessoas.

Não se pode dizer que a advocacia esteja a aliviar os males da sociedade enquanto os seus veredictos forem isolados e superficiais. As leis da Natureza não são assim. Os seus veredictos são visíveis a todos os seres, todos reconhecem a sua justiça e são inspirados pela sua constante e imparcial distribuição de justiça a cada forma criada.

O interesse do advogado, portanto, está ligado à quantidade de vício e miséria que existem — e não à paz, unidade e felicidade que o mundo anseia alcançar. A posição do advogado é, assim, das mais desdenhadas — superada apenas pela do clérigo. No entanto, os advogados serão em breve libertos das suas funções, ao sentirem no íntimo a verdade dos princípios naturais e ao responderem ao apelo incessante da Natureza por reforma social e justiça distributiva. É reconfortante imaginar o dia em que os homens abandonarão teoria, seitas, filosofia, preconceitos e posições sociais, com o único objetivo de cumprirem o seu papel natural — e assim estabelecerem a

felicidade em todos os cantos do mundo: pois cada um ocupará uma posição conquistada pelo seu próprio trabalho.

§7. O interesse do médico está na quantidade de violações orgânicas que ocorrem e na abundância de sofrimento e miséria física que se encontra nos quartos de doentes, hospitais, asilos, prisões, quartéis e por toda a nação. Médicos, enquanto homens fora do exercício profissional, expressam a mais ampla benevolência e verdadeira empatia pelo sofrimento existente. Demonstram todo o anseio de mentes nobres por melhorar e educar os pobres e ignorantes, e por proporcionar melhores condições ao lar do pobre e à constituição do rico.

Mas, no exercício da profissão, o médico não sente interesse por nenhuma nova invenção, sistema ou composto que possa curar doenças com eficácia. Não se interessa pelo avanço do conhecimento em anatomia e fisiologia, porque uma compreensão generalizada da estrutura do corpo humano levaria à promoção da saúde — já que todos passariam a evitar violações do seu organismo. Não se interessa, portanto, pela disseminação do conhecimento fisiológico, nem por reformas que erradiquem o vício, a devassidão e os abusos físicos. A doença e a dor existem porque a ciência da vida e as necessidades do corpo humano são desconhecidas da maioria da humanidade.

O homem pobre é forçado a empregar todas as suas energias físicas para garantir a subsistência da sua família. Com isso, está sujeito a todas as formas de exposição e a sofrimentos intoleráveis. Uma mudança no clima pode trazer-lhe doença; o trabalho excessivo e desproporcional pode causar deformidades, inflamações, contraturas e colapso muscular — todos eles parte da sua "recompensa". Assim exposto, ele sucumbe à doença; e quando jaz doente entre a família cujas necessidades continuam por satisfazer, ousa dirigir a sua voz à riqueza e à filantropia da sociedade, suplicando alívio. Que resposta recebe? Apenas os olhares reprovadores e os abusos silenciosos da comunidade — e percebe claramente que o mundo não se importa com ele. Abandonado, languisce e morre sem ser valorizado. Casos como este, com nuances distintas, são visíveis em todo o mundo.

O médico não sente interesse na saúde desse doente; e pouco lhe importa se as dores são aliviadas ou se a situação melhora. Não procura o homem pobre, porque este não tem nenhum atrativo — nenhum valor monetário — que o interesse. Assim, o pobre é negligenciado, porque o interesse do médico não está na prevalência da saúde, mas sim na quantidade de doença entre aqueles que podem pagar pelos seus serviços.

A esposa e os filhos deste pobre homem também estão expostos a todas as intempéries e a todo o tipo de privações imagináveis. A esposa, consumida pela tristeza e o luto, enfraquece, emagrece, e acaba por ocupar o leito recém-abandonado

pelo seu infeliz e negligenciado companheiro. Também ela é envolvida em sofrimento e aflições que a sociedade ignora. Rodeada pelos clamores dos filhos, afunda-se numa tristeza irreversível; e fecha os olhos ao mundo com medo, angústia e dor que só ela conhece — e o último som que ouve é o choro de fome do seu filho mais novo! Assim morre, como um sacrifício à injustiça humana e à desorganização social.

As crianças, uma a uma, são levadas para o asilo e lá cuidadas apenas na medida da recompensa dada ao médico e ao responsável da instituição. São tratadas como estranhas, crescem como plantas não cultivadas e acabam por se tornar um fardo para a comunidade e para o administrador do albergue que as acolhe.

Se o médico estivesse bem situado e justamente recompensado, procuraria os doentes, aliviaria as suas dores e empenhar-se-ia em ensinar verdades fisiológicas que permitissem evitar a doença e as violações desnecessárias ao corpo. Se fosse recompensado de acordo com a quantidade de saúde existente, desejaria que cessassem o vício, a miséria, a degradação e a devassidão — e que a saúde abençoasse a existência de todos os homens. Estas corrupções giram por todas as classes e setores da sociedade — e o médico, no seu exercício atual, tem interesse nelas. Onde houver abundância de doenças, ali ele será atraído — não porque se interesse pela saúde e prosperidade dos seus pacientes, mas sim pelo que pode receber em troca das suas intervenções.

Nada pode ser mais desonroso para as convicções do médico do que a situação corruptora que ele ocupa, pois é forçado a seguir os ditames do seu interesse, enquanto o seu dever e as suas sensibilidades mais elevadas lamentam profundamente os caminhos mal orientados que é obrigado a seguir. O dever do médico, assim como o do advogado e do clérigo, está profundamente gravado no seu julgamento pela própria Natureza, e ele obedeceria de bom grado a esses impulsos se não estivesse tão infeliz e viciosamente colocado. Mas o interesse continua a ser o princípio dominante da existência humana; e o grande objetivo a alcançar é mudar as circunstâncias dos homens de modo que os seus interesses correspondam às advertências do seu juízo esclarecido.

O médico tem uma convicção interior, que não pode suprimir, de que aquilo que é forçado a fazer na sua profissão vai diretamente contra o seu dever. Não pode resistir a essa verdade — e o mesmo se aplica ao advogado, ao operário e ao trabalhador. Esta realidade revela um facto terrível sobre a condição da raça humana: os homens não estão apenas em conflito uns com os outros nas suas ocupações sociais, mas vivem num constante antagonismo entre o interesse e o dever no mais íntimo do seu ser. Os seus interesses dizem-lhes uma coisa, enquanto o dever diz outra. Os interesses nascem das necessidades do corpo e das suas inclinações; e, para

satisfazer essas necessidades, os homens são frequentemente obrigados a silenciar a consciência sob o denso nevoeiro da guerra social e dos interesses em conflito.

Um terço da população mundial está acorrentada pela doença, simplesmente porque é ignorante, vive em condições precárias e é injustamente tratada pela exclusividade das classes e das aristocracias. Esse mesmo terço é esmagado pela pobreza, alimentada por engenhosas especulações sobre o seu trabalho. Vivem, muitas vezes, vidas infelizes e inúteis, e morrem sem nunca compreenderem o sentido da sua criação. Vivem, sobretudo, num deserto de dor, fome e insatisfação — e é inegável que os médicos raramente se aventuram nesse deserto de desespero. Não exploram as regiões da miséria e do sofrimento, pois os seus interesses falam mais alto, e os seus passos são dirigidos para o leito do rico — aquele cuja riqueza é feita da produção acumulada por essas mesmas almas doentes e desesperadas! A injustiça de tudo isto é imensa — e estas verdades precisam de ser reveladas, mesmo que causem um arrepio na alma de cada pessoa verdadeiramente esclarecida, tal a força e a importância que contêm!

A humanidade está doente. A humanidade, como corpo coletivo, precisa de um médico. Precisa de atenção eficaz, de cura permanente, de energia e de felicidade restauradas. A raça humana deve, então, ser educada. Os fundamentos dessa educação devem começar por cada um conhecer a si mesmo — em todos os detalhes anatómicos e fisiológicos. Quando isso acontecer, o mundo deixará de estar amaldiçoado com a ignorância, o vício, a doença e a miséria. Então, os médicos serão verdadeiramente úteis e benéficos; pois o seu tempo e talento estarão dedicados à grande obra da reforma social e moral, e os seus interesses estarão alinhados não com a doença, mas com a saúde, a destruição da ignorância, a cessação da violação do corpo e o fim da miséria local.

§8. De todas as profissões e posições ocupadas pelos homens, nenhuma é tão absolutamente infeliz e corruptora quanto a do clérigo. É um facto lamentável que todas as misérias, os conflitos, as guerras, as devastações e os preconceitos hostis existentes no mundo tenham origem, em grande parte, na posição corruptora e na influência do clero. Desde o início da história humana até à metade deste século, nada foi mais evidente do que o fervor sectário e a guerra teológica. Desde o mais remoto período da humanidade, houve sucessivas modificações do poder clerical — mas cada nova forma apenas reforçou o erro e tornou o mal mais sólido e difícil de erradicar. Os clérigos, como outros profissionais, abafaram as suas consciências sob a nuvem escura do sectarismo. São todos bons em espírito, mas impuros na posição e influência que exercem. E nada pode ser mais repulsivo e desencorajador — até mesmo para o seu próprio julgamento obscurecido — do que a injustiça que emana da influência que exercem sobre uma raça ignorante e débil.

Cada clérigo, tal como o médico, opõe-se a qualquer novo sistema de prática ou modelo profissional. Os médicos não aceitam novos métodos e sistemas porque isso significaria afastar-se dos sistemas consolidados e tradicionais, estabelecidos por gerações anteriores. E esses sistemas são defendidos por uma muralha de termos técnicos, latim e jargão inútil, tornando impossível a entrada de quem não tenha gasto grandes somas em instituições médicas ou técnicas. A muralha é tão intransponível que a maioria da humanidade é forçada a permanecer do lado de fora, sem conhecimento sobre a sua própria natureza e ignorante dos caminhos que conduzem à saúde e à felicidade.

O clérigo está, talvez, ainda mais enclausurado — tão protegido contra qualquer invasão da inteligência natural ou das descobertas feitas por estudiosos da verdade de Deus e da Natureza (de que tanto falam) — que ergueram um sistema consolidado de erro, disfarçado sob o nome de "ortodoxia", que significa “o caminho certo”. Mas é o caminho certo apenas num sentido: o de defender o sectarismo contra os seus opositores!

Os clérigos criaram um sistema de prática guardado por comentários vastos e por sentinelas numerosas, de modo que este sistema dificilmente pode ser derrubado ou substituído por algo novo. Contudo, não foram totalmente bem-sucedidos nisso, pois quase todas as gerações geraram novas práticas teológicas. O mundo de hoje é um testemunho claro desta verdade — com inúmeros sistemas sectários e métodos de “curar” a alma doente. Existem clérigos a operar em cada uma dessas vias de “salvação”. Alguns oferecem rituais mais convenientes e atraentes, e por isso atraem mais fiéis. É assim que novas seitas e novos preconceitos religiosos são formados.

O seu interesse está em silenciar a consciência dos homens — da mesma forma que o interesse do médico está em ignorar as leis orgânicas. Se os clérigos puderem manter uma ignorância psicológica generalizada, ficam satisfeitos. Se conseguirem manter a submissão mental e o conformismo, prosperam. Se houver sectarismo submisso, ainda que ignorante, então sentem-se seguros quanto à continuidade das suas recompensas e ao sucesso da sua profissão. Os clérigos não podem negar que os seus interesses residem na manutenção da ignorância e do preconceito sectário — não na liberdade de pensamento e na investigação teológica. Sabem bem que, se a mente humana fosse liberta das algemas do preconceito, não descansaria até que todo vestígio de filosofia ou teologia quimérica fosse varrido da face da Terra.

A política dos clérigos revela que têm plena consciência desta verdade assustadora. Retraem-se, como crianças, da investigação séria, e procuram proteger a sua posição com uma vida mais "santa" e uma devoção ainda mais intensa aos preconceitos religiosos dos seus fiéis.

Investigação anterior sobre a condição do homem e da sociedade demonstrou que o homem, estando bem situado e rodeado pelos frutos da sua própria indústria, começou a exercer as suas faculdades mentais sobre assuntos espirituais e os mais profundos mistérios. Inicialmente, os seus pensamentos estavam limitados à sua condição social e às coisas próximas e tangíveis que proporcionavam prazer e satisfaziam as necessidades do corpo. E, uma vez eliminadas todas as influências que causavam dor ou desagrado, ele viveu feliz, sustentado por produções boas e compatíveis com a sua natureza. Porém, rapidamente a mente afastou-se das coisas visíveis e passou a buscar aquilo que lhe era incompreensível.

Curiosamente, o primeiro a aventurar-se nestas imaginações celestes foi um chefe tribal, figura que hoje se poderia comparar a um clérigo. Este, como tantos outros depois dele, sentiu-se inspirado por conceções novas, e por não entender a sua origem, assumiu que eram divinas. Desde o início, esses chefes foram adorados como mestres celestes e verdadeiros intérpretes de todos os mistérios que, sem eles, permaneciam inexplicáveis. Tornou-se então necessário estabelecer uma distinção entre esses homens exaltados e os seus adoradores, subjugados e humildes. Além disso, passou a ser considerado uma virtude — uma prova de devoção religiosa — o trabalhador pobre entregar todas as suas produções excedentes aos sacerdotes e chefes. Estes, assim elevados e mantidos pela esmola, passaram a exercer um poder sobre os seus seguidores que deu origem imediata ao governo despótico e à usurpação sectária.

Os clérigos têm estado há tanto tempo envolvidos na sua profissão — perpetuando as doutrinas primitivas entre o povo, preservando cuidadosamente cada mistério, e estabelecendo linhas de separação entre o bem e o mal na sociedade — que as suas capacidades racionais tornaram-se completamente obscurecidas. Sentem-se, contudo, conscienciosamente empenhados, impelidos por um profundo sentido de dever, a continuar a pregar essas doutrinas herdadas. A sua visão do dever está hoje moldada pela sua profissão. Por isso, até a mente mais brilhante, a consciência mais sensível, o homem mais digno, exerce o seu papel clerical sob o peso de uma convicção misteriosa que acredita ser divina. Sentem ser impossível estarem enganados. Acreditam que, por a profissão ter sido instituída há tantos séculos, é natural que deva continuar a ser perpetuada.

O seu interesse reside na manutenção da ignorância sobre assuntos psicológicos. E estão conscientes disto. Sempre que surge uma nova descoberta que contraria os seus princípios fundamentais, sentem-se obrigados, por dever e zelo religioso, a defender a sua profissão contra tal "invasão profana". O mesmo se passa com os médicos: todas as novas abordagens, invenções ou medicamentos são por eles combatidos, porque colidem com os seus interesses e educação profissional. O sucesso de qualquer novo remédio reduziria a sua prática e ameaçaria os seus

preconceitos. Assim também os clérigos, em qualquer posição, resistem à disseminação de novas verdades, pois cada nova verdade lançaria luz sobre os seus próprios erros e fraquezas, revelando à humanidade confiada a fealdade da sua corrupção e impotência.

§9. Sob a influência desse despotismo ignorante, o mundo tornou-se desorganizado, mergulhado em elementos conflituosos, corrosivos e corruptores. O clero exerce domínio sobre os preconceitos de todas as sociedades do mundo. Desde o berço, as suas doutrinas moldam as mentes; na juventude, tornam-se enraizadas; e na idade adulta, o espírito encontra-se aprisionado por um preconceito sectário e por rituais vazios de benevolência. O trabalhador, o mecânico, o comerciante, o advogado e o médico estão todos sob o controlo direto da influência clerical, e todos se submetem a ela como escravos obedecem ao comando de um soberano. Tal como os medos e persas não ousavam violar as suas leis seculares, estes também não ousam levantar a voz contra as restrições impostas pelo clero. Uma denúncia aberta, ou mesmo a expressão sincera de uma convicção em novas e mais elevadas verdades, atrairia sobre si as ameaças do clero — e não tardaria até que o peso do preconceito geral o esmagasse.

Que qualquer homem ouse expressar pensamentos que contrariem a religião vigente, e verá todas as forças do clero unirem-se contra ele. Todas as seitas se juntarão num único corpo para calar e esmagar essa mente livre. A sua voz será silenciada, a sua influência interrompida, e os seus ensinamentos benevolentes serão engolidos pelas trevas da ignorância e do fanatismo religioso.

Quando o trabalhador está a alimentar as plantas, a embelezar a terra, a trazer à perfeição a colheita — ou seja, quando está em comunhão com os ensinamentos e as exigências da Natureza — ele concebe um Criador benevolente, que é bom para todos, sem favoritismos; um Criador que preparou os mesmos recursos para o cristão, o trabalhador e até para o canibal. A experiência do homem pobre está mais próxima da verdade do que a de qualquer outro, pois a sua mente está em contacto constante com a Natureza, com as suas leis e com as dádivas evidentes que esta lhe oferece. As suas convicções, livres da influência dos dogmas clericais, são puras e irresistíveis. Mas, quando ele se afasta do campo e volta à sociedade, essas melhores convicções são instantaneamente esmagadas pelas trevas das doutrinas religiosas.

Além de suportar todas as vicissitudes da vida, ele é ainda vulnerável à contaminação do pensamento sectário. E se as suas convicções naturais forem fortes demais para aceitar os dogmas eclesiásticos, o clérigo considera-o um perdido, por não conseguir acreditar nos seus ensinamentos incoerentes. Pior: o clérigo tenta sufocar o pouco de esperança que lhe restou através da razão, mergulhando-o a si e à sua família em desespero. Impelido por interesse, o clérigo aproxima-se do trabalhador e procura salvar a sua alma "manchada" da condenação eterna.

Começa por exigir que acredite. O trabalhador hesita. Pergunta: "O que devo acreditar?" O clérigo apresenta-lhe então um profundo mistério — tão absurdo quanto as crenças dos antigos caldeus ou dos sacerdotes do Jugernauta! O trabalhador percebe que não consegue acreditar. Então, para o clérigo, a sua salvação está perdida. Lança uma oração melancólica pela sua alma perdida, e — para consolo próprio e da sua família — condena-o deliberadamente a um abismo eterno de tormento!

Clérigo, vê o que fizeste, e contempla a tua iniquidade! O homem que visitaste estava livre das corrupções do sectarismo. Sentia prazer na sua ligação à Natureza; via nela os sorrisos de um Criador divino. Mas agora, vacila: deve ele regressar ao campo onde outrora encontrava alegria, ou procurar nas tabernas um refúgio para sufocar a sua dor? Vê como o lançaste ao desespero! Já não ama o seu próximo, a sua família, nem a sua pátria. Com revolta, amaldiçoa a terra que o viu nascer, e o Deus que o lançou numa existência tão cruel. Amaldiçoa a Natureza, os homens e o Céu — pois tudo lhe parece escuro e incoerente com aquilo que lhe apresentaste como “revelação divina”.

Vê como corre agora para a taberna! E ali, perde-se num torpor. Os seus sentimentos — tanto a alegria como o sofrimento — afogam-se na embriaguez. As suas forças físicas extinguem-se, a sua energia dissipa-se. Violou todas as leis do seu ser, e agora, contorcendo-se de dor, exala um último suspiro de maldição à sociedade — e morre na mais profunda degradação. A sua família também sucumbe à epidemia: espalham-se pelos asilos, pelas prisões… e pelas sepulturas.

Exemplos como estes existiram em todas as gerações. E quem causou esta desgraça e destruiu os prazeres naturais que pertencem justamente a esta família, tal como a todos os homens?

O operário, ocupado com o seu trabalho, não consegue dedicar os seus pensamentos às várias causas existentes na sociedade que se opõem à sua felicidade e contentamento. Assim, trabalha intensamente durante a semana, abandona o seu ofício (que se tornou repulsivo) e procura o santuário, na esperança de encontrar algum consolo que alivie as suas angústias e dê algum sentido à sua existência. É conduzido pelo clero e não ousa pensar ou dizer aquilo que não é sancionado por eles. As mentes dos operários estão geralmente esclarecidas quanto aos princípios básicos da Natureza e da mecânica, mas não questionam a teologia dos seus antepassados. Submetem-se às restrições sectárias e, assim, são uma classe digna na sociedade, mas mentalmente escravizada.

O comerciante é forçado a silenciar os avisos da sua consciência durante os dias úteis, pois é compelido, por interesse próprio, a recorrer a todo o tipo de artifícios e enganos para ter sucesso na sua atividade. Certamente, viola o seu dever ao seguir os

seus interesses. Enfraquece o seu juízo devido à intensidade da aplicação prática. No entanto, pode despertar a sua consciência adormecida ao entrar no santuário, e absorver cada palavra agradável do clérigo que alivie o peso da sua consciência e o encoraje a continuar o seu caminho comercial.

O comerciante também contribui generosamente para o sustento do sectarismo local, o que lhe garante um lugar de destaque na sinagoga; é geralmente visto como um dos "eleitos". Mas essa distinção é algo que ele próprio suspeita, e nem mesmo o clérigo ousa revelar as suas dúvidas mais profundas. O clérigo vê-se assim obrigado a enganar os seus ouvintes, apenas para manter o seu ofício. E, enquanto conseguir obter conversos submissos para os mistérios que proclama, fica satisfeito; pois esta é uma das exigências do mundo como prova de pureza religiosa e salvação futura.

Os homens vão à igreja com os seus interesses fechados e a razão aberta. Ouvem princípios bons e práticos e admiram-nos. São ensinados a amar o próximo e a fazer aos outros aquilo que gostariam que lhes fizessem. São princípios morais e positivos, e os homens admiram-nos. Mas, ao regressarem ao seu quotidiano, descobrem que esses princípios são impraticáveis; lembram-se do velho ditado entre os comerciantes: “quem é honesto não tem sucesso”. Assim, operários, comerciantes e advogados preservam esses ensinamentos morais na teoria, mas continuam a praticar o velho ditado na realidade.

Os clérigos ensinam, por vezes, o que é bom, mas não o que é exequível. Dizem o que os homens devem fazer, pensando na sua profissão, mas não estão dispostos a seguir o seu próprio conselho. Encorajam o trabalhador, mas evitam o trabalho. Incentivam o operário, mas não têm simpatia pela sua ocupação. Aconselham o comerciante, mas não ajudam a reformar a sua condição injusta. Aprovam a profissão jurídica, mas estão profundamente conscientes da sua prática corrompida. Admoestam-se entre si, e por vezes discordam, mas são cuidadosos em preservar a sua profissão, opondo-se vigorosamente à luz do conhecimento. Têm medo do fogo elétrico da inteligência e encolhem-se perante a sua penetração. Estão conscientes da base nebulosa sobre a qual assentam, e da esterilidade inata do seu sistema. Por isso, a tocha da sabedoria é demasiado brilhante, e a benevolência do coração humano demasiado ampla, para os seus sistemas religiosos estreitos.

Os clérigos encontram-se numa posição extremamente infeliz. Merecem a simpatia de todo o mundo, embora a sua ocupação deva ser substituída o quanto antes. A sua influência deveria tender para a sabedoria, e não para a ignorância; para a benevolência, e não para a restrição; para a luz, e não para a escuridão; para a Natureza, e não para um livro; para Deus, e não para o diabo, que hoje é uma das figuras mais importantes no apoio e proteção dos seus sistemas vacilantes contra a invasão da moralidade natural e da inteligência humana!

Os clérigos criaram uma teologia cujo autor é um Deus de atributos inconcebíveis, mas que estão abaixo das características naturais do homem. O Deus que inventaram é apenas um grande potentado humano, suscetível à dor e ao prazer, ao impulso e à razão, à justiça e à injustiça, à exclusividade e à benevolência. O diabo que inventaram não é menos humano, exceto na sua anatomia. As suas paixões são tão intensas quanto as do seu Deus; a sua razão e engenho são superiores, e a sua influência sobre a humanidade é muito mais poderosa. Embora a administração esteja dividida entre ambos, a do diabo é a mais eficaz, pois supõe-se que a maioria da humanidade busca a sua presença e, por fim, habita o seu iluminado domínio!

Eis, então, as criações do homem: um Deus à sua imagem, um diabo à sua semelhança, uma teologia ao seu interesse, e um sistema de prática baseado nos seus preconceitos!

Os clérigos estão interessados em restringir e suprimir o pensamento; e, para se defenderem, invocam o seu diabo em auxílio imediato. E, graças à sua influência, a voz da razão é silenciada, os santuários enchem-se, os cofres são abastecidos e a sua profissão prospera. Não consegues, leitor, perceber que és compelido a amar o Deus deles porque és amedrontado pelo seu diabo? Não vês que esse amor nasce do ódio, do medo e de uma consternação misteriosa? Não percebes que os teus pensamentos são esmagados e que o exercício da tua razão é proibido porque o clérigo o chama de carnal? Não percebes que é o interesse deles que os leva a restringir os impulsos espontâneos do teu peito por comunhão com a Natureza e com o Céu? Não vês que o clero se encontra numa posição moralmente reprovável, embora professe a mais elevada moralidade e iluminação espiritual?

Leitor, o teu interesse está no livre exercício das tuas capacidades morais e intelectuais — na investigação sem restrições e no progresso intelectual constante. A tua felicidade reside na luz, na unidade e na alegria do mundo inteiro. O teu interesse está em seres livre como o ar da montanha — livre para exprimir os teus pensamentos, tal como o sol é livre para abençoar a vegetação da Terra. Os teus interesses, então, estão em oposição aos do clero; pois eles restringem as tuas perguntas e tentam esmagar os impulsos espontâneos da tua benevolência. Dizem-te que deves acreditar e mover-te dentro do círculo que traçaram para ti.

Esse círculo é uma denominação, marcada por hostilidade local, aparente pureza e preconceitos corruptos. Prendem-te nesse círculo com as correntes do sectarismo, que trancam com a chave do medo, e ligam a um monumento da imaginação. Esse círculo é murado com preconceito, tirania eclesiástica, opressão e despotismo. Só um portão permanece aberto, por onde a fuga seria possível — e lá está... o diabo! Ele franze o sobrolho ao teu aproximar, e tu corres para o santuário e para o pastor em busca de proteção! Leitor, os teus interesses estão fora; os do clero estão dentro.

Cabe a ti e às tuas convicções decidir se a escravidão sectária continuará a oprimir a mente livre, ou se o conhecimento e a felicidade universal hão de abençoar a Terra.

Mas há um grande consolo para a mente escravizada que ousa escapar pelo portão desta imensa muralha e cidade sectária — e para desfrutares desse consolo, lembra-te que a corrente que te prende, com o seu cadeado, é apenas o medo; o monumento é só imaginação; e o porteiro satânico não passa de um fantasma sectário! Nada, portanto, impede a tua fuga. Avança! — e, quando tiveres alcançado o campo da Natureza, eleva os teus pensamentos Àquele cuja essência é o amor e cuja sabedoria é justiça, benevolência e reciprocidade universais!

O despotismo clerical e sectário envolve os habitantes da Terra. Como um manto, estende-se sobre todas as nações; e assim o mundo vive em cativeiro, sem conhecer o reino dos céus, que é a paz na Terra e boa vontade entre os homens. Os preconceitos estão tão enraizados em cada ser que o mundo vive num estado de confusão. Os homens aproximam-se apenas quando os seus preconceitos coincidem. Isto é seguir em demasia os impulsos do corpo, ignorando as direções do intelecto.

Todo o mal surgiu de uma fonte intimamente ligada à influência de chefes e potentados religiosos — e esses continuam a sustentar e a moldar esse mal, consolidando-o em diferentes graus em todas as partes do mundo. Os homens são enganados por si próprios. Primeiro, aceitam, por medo, os ensinamentos do seu chefe, potentado ou clérigo, e depois acariciam essa fé com grande afeição, prontos, a qualquer momento, para a defender com amargas anátemas e condenações injustas aos seus semelhantes. Primeiro são enganados, e depois parecem encontrar prazer em enganar os outros, com consciência tranquila. Depois de adotarem uma fé — seja ela ou não coerente com a sua razão — sentem-se impelidos a sustentá-la. Daí que existam na sociedade conflitos, contendas e preconceitos religiosos. Todas as nações os possuem combinados; e manifestam-se sempre que são confrontadas com alguma oposição.

Imagina-te, leitor, entre os seguidores de Maomé. Caminha pelo deserto e, lá, levanta a tua voz contra o Corão. Se quiseres ver o Génio do sectarismo, basta pronunciares estas palavras: "Não acredito no Corão." E eis que surge ao longe uma nuvem escura e ameaçadora, da qual emerge uma carruagem puxada por corcéis enfurecidos, dentro da qual está sentado um vulto gigantesco, de rosto tão negro quanto a meia-noite, e vestes feitas com as riquezas das nações. Observa! Aproxima-se a uma velocidade aterradora. Ao seu lado, vai sentada uma criança adorada cujo nome é Ignorância; e, na fronte daquela figura monstruosa, está escrito em letras de fogo — "Maometismo"! Avança, derrubando nações no seu caminho. A guerra e a perseguição acompanham-no, e a miséria, a desolação e a ruína completam o cortejo. Por cima, tremula a bandeira do fanatismo; e, por baixo, corre o sangue como um rio!

Essa forma desapareceu. O deserto está deserto — e tu estás abandonado. Leitor, medita sobre a causa de tudo isto e partilha com o mundo as tuas convicções. Não foi ao condenares o Corão que despertaste os preconceitos daquela nação, que em troca te lançou a sua fúria, ruína e indignação? E não foi esse preconceito um atributo do grande Génio do sectarismo, estabelecido e sustentado por um chefe religioso? Não viste como a nação se empenhou com fervor em esmagar e silenciar os teus pensamentos? E não foi isso porque te consideraram um inimigo daquilo a que chamam verdade e religião? Reflete sobre estas causas — e deixa que a razão proclame o seu veredicto ao mundo.

Mas esqueceste-te, leitor, de que és cristão, ou de que vives numa terra cristã, onde os habitantes são civilizados, onde a verdadeira religião existe, onde tal fanatismo não pode ser, e onde tais ruína, desespero e preconceito não podem existir! Estás convencido disso — e, para o demonstrares, avança pelos campos da ciência e do conhecimento que se estendem diante de ti. Bebe dos riachos de sabedoria que brotam por toda a parte. Sacia cada necessidade natural — cada paixão que ali encontra alimento. E agora, abre a tua boca e diz: "Não acredito na teologia desta terra." E eis que, ao longe, surge um exército de clérigos enfurecidos e exasperados, armados com lanças de indignação e machados de batalha de — pureza cristã! Os seus passos são apressados, os seus movimentos confusos, e os seus rostos escurecidos pelo medo, enquanto proclamam: “Não penses o mal.” Vê como marcham e erguem uma bateria de comentários, preparando-se para o combate! Que estranho é ver que cada um está armado de forma diferente! Cada qual tem o seu modo particular de lutar, mas todos se unem contra ti.

Observa outra vez! Justamente quando estavam prontos para te destruir, surge uma disputa entre eles; e repara na confusão miserável que se forma! Em vez de te combaterem, estão a discutir entre si; e o mais estranho é que... as suas armas não funcionam! Agora, nas zonas onde houve confusão, reina novamente a paz, e estão outra vez preparados para disparar uma salva sobre ti. Ai da tua reputação, da tua felicidade, da tua vida! Pois agora a tocha acende o rastilho. Vem aí a explosão — e onde estás tu?

Recuperaste da consternação — e percebes que todo o fogo e oposição não passam de uma nuvem densa e repugnante de fumo! Nenhum disparo fez estrago. Cada canhão de ira e cada lança de destruição foi apontado à tua pessoa, à tua reputação e à tua vida — e não é estranho que estejas ileso? Medita. — Agora a razão torna-se clara: eles tinham pólvora, mas não tinham balas! A tua destruição era incerta para eles, e começaram a lutar entre si. E percebes que, apesar de tudo ter sido dirigido ao teu peito, nada te feriu — porque és imortal. A sua bateria destruiu-se com a sua própria explosão; e o que antes era guerra e contenda, são agora apenas os restos daquele velho sectarismo corrupto, que podes depositar no túmulo do fanatismo,

erguendo sobre ele um monumento à ignorância — para ser interrogado pelas gerações que ainda hão de vir!

A guerra terminou; lutaste o bom combate; permaneceste sozinho — e saíste ileso! E agora que tudo está claro, e os campos da ciência e do conhecimento florescem diante de ti com beleza e felicidade viva, podes repousar e contemplar a força desse poder que te preservou. Percebes agora, ao refletires, que estavas revestido com uma armadura através da qual as lanças e os raios do sectarismo não podiam penetrar. Que armadura era essa? — Leitor, com alegria exclamas: "Era a Verdade imortal!"

Desde os primórdios da humanidade que uma luta religiosa e o antagonismo entre fações têm assolado a Terra; e cada geração sucessiva apenas tem vindo a modificar e a confirmar os dogmas anteriores, até que, nos dias de hoje, reina uma discórdia universal. Essa discórdia deve-se à disseminação de doutrinas anteriormente concebidas, em detrimento de todas as outras, ou de novas verdades que poderiam iluminar o mundo.

Entre os povos antigos, uma distinção de classes era imposta por aqueles que dirigiam os seus sentimentos religiosos e controlavam os seus pensamentos. Esses eram os chefes, supostamente dotados de um misterioso poder sobre os súbditos sob o seu domínio. Em todas as épocas e países, essa distinção sectária tem sido a característica mais proeminente da sociedade; e nos dias de hoje continua a gerar novos e mais corruptos preconceitos. — E tudo isto é obra de papas, bispos, governantes e clérigos.

Alguns homens conceberam ser seu direito exercer a razão e acreditar naquilo que ela sanciona: mas os que conceberam esta verdade vêem-se forçados a reprimi-la por falta de um ambiente de luz e liberdade. Esses homens também são obrigados a refrear os seus pensamentos e a limitar a sua influência a um círculo restrito, porque a hostilidade sectária e os preconceitos locais obscurecem o ambiente do pensamento livre, tornando a sua existência sombria, árida e inóspita.

Há nações neste mundo tão acorrentadas pelas cadeias do sectarismo, impostas por governantes religiosos e despóticos, que são obrigadas a pensar apenas aquilo que os seus sacerdotes permitem, tornando-se assim escravas da tirania e do fanatismo religiosos. Nenhum entre eles ousa expressar as mais profundas convicções do seu juízo; pois à sua frente ergue-se a prisão temível, o suplício, e a fogueira, em torno da qual se ateiam chamas devoradoras para forçar a submissão e deter os pensamentos da sua mente livre! A Inquisição, então, é reconhecida como um método de converter almas à religião e ao amor ao próximo!

Sabe-se que, em gerações passadas, essas torturas desumanas foram impostas por chefes investidos de autoridade apostólica — cuja função era governar o povo e

forçá-lo à submissão, se não por decretos opressivos, então mais eficazmente pela tortura ou pelo caldeirão a ferver. Certamente não é natural que a mente humana seja convertida à religião através da mutilação e destruição do corpo — muito menos que se venha a amar o papa e os seus mandamentos por se ter sido queimado ou fervido até à submissão.

§ 12. O muçulmano é seriamente devoto aos ensinamentos do seu chefe, e denuncia deliberadamente todos os dissidentes como infiéis e descrentes. Tem um profeta cuja vida está revestida de milagres, cujos ensinamentos são inigualáveis em mistério, e cuja carreira jamais foi superada. O muçulmano invoca o poder miraculoso de Maomé e, com base nessa autoridade, exige a fé e a convicção dos outros. Diz-te que o seu legislador inspirado atravessou o sol e a sua atmosfera brilhante sem lançar sombra, que separou deliberadamente a lua com uma faca, e que percorreu noventa céus numa só noite, montado num animal metade mulher, metade cavalo!

O muçulmano afirmar-te-á que deves visitar Meca pelo menos uma vez na vida, doar um décimo de tudo o que possuis ao sacerdote, e que, ao fazê-lo, escaparás a um oceano de chamas inconcebíveis, atravessando uma ponte tão imensa quanto um único fio de cabelo humano! — e assim viverás eternamente no paraíso, onde todos os bons muçulmanos conservarão a juventude para sempre! Nenhum milagre pode ser mais inexplicável do que estes; nenhum mais inconsistente com as leis da Natureza; e, leitor, tu não acreditas neles: pois estão escritos no Corão por Maomé, e nas obras dos seus seguidores!

Mas lembra-te: também tu tens um livro que proclama mistérios quase tão inconsistentes — e nesses tu acreditas! Reflete um momento, e perceberás que o muçulmano rejeita os dogmas da tua religião e os seus milagres porque estão escritos na Bíblia, e por autores desconhecidos. O muçulmano chama-te “cão infiel” com grande autocomplacência, e com séria aprovação da sua consciência; e tu retribuis o favor chamando-o de “árabe ignorante”, sem esperança nem luz no mundo!

Mas as convicções do muçulmano, do caldeu, do persa e do cristão derivam todas apenas de impressões herdadas, e de circunstâncias que não merecem veneração distinta, nem uma fé sectária exclusiva. Todos estão seriamente convencidos — e todos estão, com igual seriedade, enganados.

A guerra, o derramamento de sangue, a crueldade e a perseguição são todos efeitos legítimos da usurpação sectária e do governo clerical. Os clérigos estão, de facto, numa posição profundamente injusta. A sua influência corrompe a moral estabelecida imutavelmente na Natureza, e a benevolência distributiva contida na constituição do Deus da Natureza. Os homens que se esforçam por reformar a

humanidade destruindo todas as distinções sectárias são piedosamente combatidos pelos pastores teológicos do país, que se dizem arautos da mais elevada moralidade e defensores da mais universal reforma. Que uma mente livre exprima as suas convicções, e os clérigos do país apressam-se a denunciá-la piedosamente como um "cão infiel", tal como o muçulmano denunciaria os clérigos. Quão inconsistentes são os conflitos sociais e gerais gerados pelo sectarismo, face aos ensinamentos da Natureza e às suas exigências divinas! Pois o clero ensina esse exclusivismo que sustenta o sectarismo, e fomenta a hostilidade religiosa, cujos frutos são a desunião local e a confusão social. Até a felicidade doméstica se converte em miséria, e os afetos entre pais e filhos, irmãos e irmãs, são esmagados e desfeitos. Já não se amam — pois o clero transformou-os em fanáticos!

Leitor, tens um companheiro? Se sim, quando chega o dia de visitar o santuário, não sais tu, após anos de felicidade social e doméstica, lado a lado da tua habitação, para depois vos separardes numa qualquer esquina do caminho e seguirem para templos diferentes? Não estão unidos nos vossos lares tranquilos, e em tudo o mais exceto nas impressões religiosas da juventude e nas suas confirmações nas vossas mentes? Não se separam e procuram modos e santuários distintos de adoração? E, ao mesmo tempo, não se retiram o afeto e a amizade mútuos, ficando espiritualmente separados por um muro de divisão construído pelo sectarismo vigente? E não foi esse muro erguido pela classe clerical? E não vos disseram eles que devíeis abandonar uns aos outros, as vossas casas, a vossa pátria, os vossos companheiros e filhos, por amor a uma devoção mais rigorosa àquilo que vos ensinam como sendo uma vida santa e justa?

As famílias deviam ser uma só na sua busca pela verdade e na obediência à moralidade da Natureza; mas, em vez disso, receiam aproximar-se umas das outras, por causa das suas convicções religiosas!

O filho, rodeado por circunstâncias diferentes daquelas que rodearam o pai, adere a uma doutrina religiosa distinta, e daí nasce entre ambos um receio mútuo — deixando de haver afinidade ou afeto. A mãe, também, opõe-se ao pai, e as filhas encontram-se, da mesma forma, mergulhadas em confusão, deixando de se amar com a força de outrora que as unia em paz.

Assim, a sociedade encontra-se desorganizada, tanto nos seus aspetos gerais como particulares. A influência corruptora dos clérigos estende-se às famílias, a todas as profissões da atualidade, e a todos os governos; e, como resultado, toda a humanidade se assemelha a um rebanho de ovelhas sem rumo definido, cujas relações já não são harmoniosas. Esta condição social perdurará enquanto o interesse dos clérigos residir na manutenção da ignorância sobre temas psicológicos e sobre os testemunhos da Natureza.

Os seus interesses devem ser transformados, para favorecerem o conhecimento e o progresso intelectual. Só então a sua influência será elevadora, e a sua posição na sociedade será útil e produtiva. Devem aprender a reconhecer a importância da investigação livre sobre as causas do mal, e da análise geral de todos os princípios que regem a Natureza e o ser humano com um governo infalível. Devem compreender e valorizar esses princípios, aplicando os seus ensinamentos às necessidades da sociedade — e assim estabelecer uma moralidade tão indestrutível como as leis que governam o Universo. Desta forma, melhorarão a humanidade; e isso trará felicidade e paz.

§ 13. Qual é a causa da ignorância que envolve o mundo? — do despotismo bárbaro que existe entre as nações? — da guerra, do derramamento de sangue, das perseguições e da intolerância que existiram em todos os impérios e recantos da Terra? Para que propósito foi criado o calabouço, construída a roda de tortura, inventadas a fogueira e o suplício? Qual a causa das guerras religiosas, das revoltas e contendas que tanto afligiram as nações em todas as épocas e gerações? Qual é a causa de cidades outrora bem construídas e esplendorosas, que mostravam toda a riqueza e beleza da terra, agora jazerem em ruínas? Porque razão, onde antes palpitava um coração alegre e se ouvia a doce voz do afeto e da amizade, se escutam agora apenas os uivos horrendos das feras do bosque? Porque razão, onde antes havia beleza, opulência e esplendor, há agora um amontoado de ruínas, habitado apenas por répteis e outras formas que causam repulsa ao olhar humano?

Qual é a causa de vastos impérios, após terem sido estabelecidos e vivido em abundância por um tempo, acabarem por desaparecer, sendo apenas recordados quando a lâmina fria de um guerreiro há muito esquecido ou a lança de algum potentado furioso são desenterradas entre os escombros? Qual é a causa da travessia dos israelitas, e das leis dadas por Moisés no monte? — das leis imutáveis dos medos e persas? — do culto ao sol e ao Jugernauta? — da origem do catolicismo e do protestantismo, que hoje exercem o seu poder sobre as sociedades e nações sob as suas respetivas influências?

Qual é a causa de toda esta dissemelhança, desta confusão, guerra, perseguição, fanatismo e intolerância religiosa? Qual é a causa até da separação entre membros da mesma família, e do desprezo mútuo? Qual é a causa da pobreza, do vício e de todas as infrações às leis físicas e morais da natureza humana? Qual é a causa da aristocracia, do orgulho e da arrogância? Qual é a causa das demoníacas exultações de um homem ou de uma seita perante a destruição ou o fracasso de outro? Qual é a causa dos teus preconceitos, e por que tremes e recuas perante a investigação?

Leitor, fala e proclama as causas disto tudo. Não temas o olhar severo de nenhum homem da lei. Sorri diante da fogueira e da chama. Enfrenta a tortura sem te moveres: não temas a vara da perseguição, pois a verdade e a pureza proteger-te-ão.

Fala com ousadia e sem receios as tuas convicções mais sinceras e profundas: e a Natureza sorrir-te-á com a sua aprovação divina; os anjos rejubilarão, e a Mente Divina abençoará a tua mente com conhecimento celestial.

Não temas o clérigo (pois tal como o médico ou o advogado, também ele tem diferentes modos de prática), pois, ainda que domine o saber da sua profissão, não poderá calar os testemunhos de uma Natureza divina, nem as convicções correspondentes de uma mente nobre!

O clérigo poderá tornar-se mais devoto da sua denominação, e adotar uma expressão mais santificada, mas lembra-te, leitor, que o exterior não é a realidade, e que o interior do prato pode estar cheio de extorsão e excesso! Novos concílios poderão ser organizados, novas convenções convocadas. Resoluções temíveis poderão ser aprovadas, e orações solenes poderão ser feitas pela tua destruição — e também pela tua salvação. Mas lembra-te de que essas orações são por vezes os desejos espontâneos de uma paixão mal orientada. — E, além disso, lembra-te de que a verdadeira homenagem à Mente Divina não é feita em oração ou súplica vã, mas sim na atividade harmoniosa e na ação universal.

A teoria pode ser a profissão de alguns, mas a prática deve ser a manifestação de todos. Investiga bem, portanto, as causas destes males; e, depois de concluída a investigação, pergunta àqueles mestres religiosos que te contestam piedosamente, se o despotismo sectário e o preconceito não envolveram a humanidade como “um véu lançado sobre todas as nações”? E depois diz-lhes que esse véu foi agora removido, e que vês claramente as corrupções do mundo inteiro. Não conheças o medo — nem a dúvida; mas avança e explora o campo da ciência e o livro infalível da Natureza. E deixa que uma única coisa te sirva de consolação e esperança — que a maré da inteligência está a subir, e está a alastrar por todas as nações, como um imenso oceano de verdade e conhecimento. Ela continuará a fluir até atingir a sua universalidade predestinada — e LEMBRA-TE: NÃO RECUARÁ JAMAIS!

As linhas de distinção sectária estão tão visivelmente traçadas nas famílias, nas sociedades, nos estados e nas nações, que ninguém no mundo pode deixar de as perceber, nem de admitir livremente a sua influência deletéria e corrosiva sobre a verdadeira moralidade divina. Nação guerreia contra nação; uma subjuga a outra e confisca a sua mais preciosa riqueza — aquela que confere honra às nações e elegância e beleza às suas cidades. E essa destruição de uma nação pela outra, da sua riqueza e da sua existência, provém do impulso de preconceitos locais e de usurpações religiosas.

Do mesmo modo, a sociedade está dividida em castas, grupos, seitas exclusivas, denominações e instituições, cada uma das quais ensina princípios diferentes de fé e

de moralidade. A influência dessas divisões estende-se também ao seio das famílias, separando os seus membros uns dos outros.

Todas estas guerras nacionais têm origem legítima nas impressões locais disseminadas pela classe clerical. Essas várias seitas e instituições na sociedade são também descendentes vivas do mesmo pai; pois cada uma delas é uma expressão aberta de afeto sectário, de amor à distinção partidária e à aristocracia.

Pergunta ao pobre se as simpatias das classes altas se estendem até ele, na sua condição inferior. Pergunta ao viajante, que abandonou os amigos e o lar, se encontra simpatia na sociedade ou se há uma vontade geral de suprir as suas necessidades. E pergunta também ao operário, se pode circular nas esferas mais elevadas, ou se estas descem até ele com sorrisos e aprovação — ou se, pelo contrário, ele é ignorado e desprezado por aquele que tem lacaios de libré e cofres cheios com os produtos do trabalho do operário e do artífice. Na ordem presente das coisas, cada homem deseja obter ascendência sobre o seu próximo. Deseja exibir maior dignidade e acumular mais riqueza, para assim, defendido contra a pobreza, poder olhar de cima para o que trabalha com um triunfo e exultação que não deveriam jamais habitar no coração humano.

§ 14. Em todas as nações, existe, em maior ou menor grau, a mesma exclusão, a mesma opressão e escravidão. Este sentimento exclusivista, sectário e preconceituoso é criado pelos agentes clericais; pois são eles que pregam doutrinas de parcialidade, até mesmo relativamente à natureza da Mente Divina. Eles, com uma audácia sem paralelo, chamam a uma parte dos seus irmãos “pecadores”, enquanto aqueles sob sua imediata influência são considerados “os justos” ou “os eleitos”. Estabeleceram duas classes distintas na sociedade, a que chamam de “bons” e “maus”.

Aos bons (segundo o seu julgamento) é dito que desprezem os maus e os deixem nas suas margens de desolação. Assim, aquele que é chamado de mau torna-se exasperado, e, em retaliação, entrega-se sem freios às suas inclinações mais instintivas. Desta forma, cria-se uma distinção imposta pelo clero, cuja influência enche as prisões, dá sustento à profissão jurídica e alimento ao carrasco! Cria também a prostituição, enche os asilos e as casas de caridade, lança os pobres à sociedade sem amparo, leva-os a abandonar o lar e os amigos, e desce-os à sepultura pelos caminhos da miséria, do desespero e da embriaguez!

Os clérigos criam esta distinção. Traçam uma linha entre o bem e o mal e, com uma licença apostólica, condenam uma classe às regiões das trevas, da miséria e da dor, enquanto elevam a outra à mais alta morada do céu, para que ali tenha os seus prazeres intensificados ao contemplar as misérias das almas condenadas! Enquanto existir esta distinção sectária entre o bem e o mal, continuarão a existir a guerra, a

perseguição, a ignorância, o vício, a miséria e a degradação. Continuarão a existir os autojustificados, os autoproclamados santos, os “nascidos de novo”, e os hipócritas religiosos, cujas imperfeições estarão ocultas aos olhos naturais por um manto de riqueza faustosa e piedade fingida. Enquanto se depositar confiança nas interpretações sectárias, continuarão os governos a ser exclusivos nas suas leis e privilégios. E com eles a igreja se aliará, confirmando um despotismo profundamente injusto que escraviza e corrompe a moral da sociedade, fazendo com que a miséria levante a sua cabeça horrenda por toda a parte, chorando em angústia indizível!

O preconceito partidário e as denominações isoladas continuarão a escravizar a sociedade enquanto o interesse do clérigo lhe disser para preservar a ignorância e reprimir a luz do conhecimento. A sua profissão gera uma cobiça latente que penetra todos os recantos da sociedade e perpassa toda a nação. E mais: é uma cobiça iludida e universal. — E isto, também, é fruto da política clerical e o primogénito da Ignorância e da Hipocrisia.

Lastimável é o estado da sociedade em todo o mundo! Cada lar está desprovido daquela moralidade pura que reconhece todos como irmãos, e estéril dos princípios elevados que são ensinados pela Natureza como leis de Deus. Cada denominação “sabe” que a sua doutrina é a correta, e cada uma está empenhada em denunciar e expor as demais; e assim perpetuam-se o conflito e a guerra sectária. E quem são os campeões desta batalha? Serão eles senão os gladiadores teológicos, que influenciam as vossas mentes e afetos, ao mesmo tempo que se dizem mestres da paz e da pureza divina?

Não são estes os pastores da terra, cujos rebanhos são as sociedades sobre as quais exercem domínio? Mas, ai de nós! O rebanho é tosquiado das suas riquezas e dos frutos do seu trabalho — e tudo isso para sustentar um exército de homens inúteis e nocivos, em esplendor e ostentação. Esses homens são inúteis na sua atual função — são até prejudiciais à paz e à saúde da comunidade. Quanto precisam, por isso, da compaixão do mundo — e quanto o mundo deveria esforçar-se por mudar-lhes a situação, para que se tornem verdadeiramente úteis à espécie humana!

Enquanto os clérigos pregarem a distinção, continuará a existir o vício; e enquanto incitarem a mente da comunidade contra o livre exercício das faculdades mentais, permanecerá o preconceito, e a humanidade continuará a desprezar-se e a odiar-se mutuamente. Enquanto houver quem se atreva a dizer: "Sou mais santo do que tu", o fanatismo e a intolerância continuarão a destruir a felicidade da humanidade. Enquanto os clérigos continuarem a dizer, na sua aplicação habitual da linguagem: "Os bons estarão à direita, e os maus à esquerda", continuará a prevalecer a corrupção na sociedade, e a hostilidade local continuará a cobrir com sangue e carnificina as belezas da Natureza. Enquanto os homens pregarem verdades, mas

não as praticarem nem ajudarem os outros a praticá-las, continuará a existir uma degeneração na condição moral da humanidade, que nenhum pregador ou sistema será capaz de regenerar e tornar perfeita.

Tal como a sociedade está organizada, é impossível que um homem ame verdadeiramente o seu próximo ou sinta um interesse sincero na elevação universal da humanidade. Tampouco pode fazer aos outros o que gostaria que lhe fosse feito, pois todas as leis e doutrinas sectárias se opõem a tal princípio; e assim, o interesse de cada homem entra em conflito direto com qualquer manifestação genuína de benevolência. Os homens podem pregar à humanidade e exortá-la à felicidade, mas nada fazem para que ela se concretize, sendo evidente que todas as circunstâncias se opõem a essa paz universal.

Seria o mesmo que os clérigos pregarem a um grande rio para que este detivesse a sua corrente ou mudasse o seu curso — ou à vegetação da Terra, para que floresça em todas as estações e sob todas as circunstâncias — ou dizerem ao homem negro que pode escolher a sua cor, ou ao pobre que pode ser rico apenas por querer, ou ao rico que pode ser bom ou mau à sua vontade. Em todas essas situações, o clérigo falharia no seu intento, pois é impossível que o ser humano seja moral e bom quando todas as influências são corruptoras e degradantes — ou que seja mau quando todas as influências são elevadoras e purificadoras.

Os clérigos deveriam aprender esta verdade: a humanidade não pode ser aquilo que deseja à sua vontade, em nenhum aspeto; pois vive, desde o nascimento até à morte, em meio a circunstâncias incontroláveis, criadas por todas as profissões, todos os governos e todas as impressões herdadas que moldam a constituição física e mental do homem. Além disso, os clérigos devem compreender que estas circunstâncias, que governam o mundo, são criações do próprio homem — e que ele possui o poder de as destruir para sempre, e de criar em seu lugar outras superiores, que abençoem a sua existência. Por isso, é mais do que insensato proclamar, a partir do púlpito, aquilo que é absolutamente impraticável, a uma raça desviada pelas próprias circunstâncias que criou. Os homens não deveriam alimentar preconceitos uns contra os outros, enquanto o sol continuar a brilhar para abençoar a Terra e todos os seres humanos, e enquanto as leis da Natureza forem imutáveis e eternamente imparciais nas suas manifestações.

§ 15. Uma parte do mundo é chamada de “terra cristã”. Considera-se que está abençoada com verdades celestiais que nenhum outro país possui; e esta é a afirmação constante daqueles mais empenhados na divulgação de doutrinas sectárias. Mas, leitor, nesta “terra cristã” existe o erro consolidado e sublimado; e há também uma hostilidade latente que, não fosse a liberdade garantida ao pensamento público e o privilégio político de livre expressão, explodiria e alastraria por toda a

nação. Estas considerações são perturbadoras, mas são verdadeiras — e manifestam-se claramente em todos os sectores da sociedade desta terra "civilizada".

Uma manifestação ainda mais evidente de intolerância está para vir: contempla aquela capela, entra nela e escuta o que lá se diz. Todos os bancos estão ocupados, e todos olham para o púlpito com emoção, reverência e temor! Todos estão em silêncio, e parecem mergulhados em profunda meditação. Um homem levanta-se e dirige-se à assembleia da seguinte forma:

"Talvez muitos de vós tenham ouvido falar da audácia e presunção de um membro da nossa comunidade que afirma realizar milagres e revelar verdades que sabemos ser falsas e condenatórias…"

Leitor, este homem é seguido por outro, que aparenta idade e cujo semblante expressa erudição. O seu porte revela um esclarecimento superficial, e a sua aparência geral sugere devoção e seriedade. Ele dirige-se agora ao público:

"Muitos de vós, meus amados, já leram e ouviram dizer que, nos últimos dias, surgirão falsos profetas; que serão como lobos em pele de cordeiro, afirmando realizar grandes prodígios, procurando assim corromper o povo de Deus. Recentemente, tal indivíduo apareceu. Ele está a semear a discórdia, a corrupção e a infidelidade no mundo; e cabe-nos, enquanto cristãos e homens justos, rejeitar este mestre e afastar todos os disseminadores dos seus erros das nossas mesas de comunhão e do assento no nosso santuário.

Pois está escrito: 'falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes sinais e maravilhas, de modo que, se possível fosse, enganariam até os eleitos.' Meus amados amigos, quão claramente esta profecia se cumpre nos nossos dias! Oponhamo-nos vigorosamente à invasão de tais princípios anticristãos, reunindo-nos frequentemente e invocando a força do nosso Deus, que visitará tais enganadores com vingança consumidora! E repelamos os ensinamentos deste homem das nossas famílias, para que não poluam as gerações futuras, e assim não condenem eternamente as suas almas!"

Leitor, o orador terminou e voltou a sentar-se. — E agora, vê como a assembleia se alegra e exulta entre si, convencida de que derrotou o espírito do maligno. Vê com que ar de precaução se erguem e partem. Regressam a suas casas e recolhem-se, cada um com uma impressão nebulosa na mente, cuja origem não compreende — e, assim, são enganados. Acreditando que a sua devoção aos ensinamentos do clérigo é sinal de pureza e segurança da alma, e acreditando que tudo o que ouviram é verdade, passam a temer olhar para aquilo que o seu clérigo condenou como erro.

Tais são — e continuarão a ser — as manifestações da influência clerical nesta "terra cristã". Certamente, se não fosse designada por esse termo, ninguém suspeitaria que nela habita o espírito do Cristianismo. E o mesmo acontece com aqueles que se convertem a qualquer fé sectária: chamam-se a si próprios de "justos"; e não fosse essa designação, os seus próprios vizinhos não teriam conhecimento da sua pretensa retidão. Na maioria dos casos, os que dizem estar "salvos" precisam anunciar o facto antes que qualquer pessoa na comunidade o perceba. Não é estranho que alguém "nasça de novo" de forma tão misteriosa, e ainda assim os seus amigos não notem qualquer mudança visível no seu comportamento?

Então, a que são os homens convertidos? São convertidos aos preconceitos sectários; a uma fé misteriosa; a uma impressão indefinível e a uma inimizade declarada contra o irmão não convertido, fora da denominação a que pertencem. São convertidos ao sectarismo, e não à moralidade divina; convertidos ao preconceito, e não ao livre e irrestrito exercício das faculdades espirituais; convertidos à exclusividade, e não à benevolência universal; convertidos a uma fé enigmática, e não às revelações abertas da Natureza, que são o pensamento expresso da Divindade!

Os homens assim se enganam a si próprios — e estão constantemente a suspeitar que os outros praticam o engano. Percebem que são continuamente enganados, e por isso sentem-se impelidos a enganar também. Tais homens, muitas vezes, tornam-se misantropos e acabam por abandonar a sociedade, por suspeitarem da sua pureza e se sentirem desgostosos com os seus elementos contraditórios.

Clérigos, quais são as causas que contribuem para produzir e perpetuar estas coisas? Quais são as causas das "distinções evangélicas" e da crença de que uns são maus e outros bons? Quais são as causas destas desuniões na sociedade? Quais foram as causas da crucificação, da Inquisição, das Cruzadas e do martírio de homens bons e iluminados? Quais foram as causas do massacre de São Bartolomeu? Quais são as causas da guerra, da devastação e da pobreza nacional? Porque é que os homens, em cada nação, amam as suas associações locais e desprezam todas as outras? Porque existe o vício e a miséria? — e porque existem a ignorância, o preconceito e a limitação do pensamento? Porque temeis, ó clérigos, que a "razão carnal" descubra demasiada verdade? Porque advertis os vossos ouvintes a não pensarem nem lerem muito sobre temas elevados e edificantes?

Clérigos, considerai estas interrogações. Lembrai-vos de que o mundo exige uma decisão plena e sincera; e lembrai-vos também de que a linguagem é insuficiente para expressar a importância destas perguntas — e das suas respostas. Se não decidirem com sinceridade perante o mundo, será o mundo a decidir por vós — e em breve. E então, as vossas posições serão alteradas: a vossa influência será travada, e

as vossas existências pessoais tornar-se-ão úteis. E se não quiserem, voluntariamente, consentir em ser felizes, serão compelidos a respirar felicidade — através de um trabalho constante — para os habitantes de toda a Terra.

§ 16. "Mas como!" — exclamais — "Quereis que abandonemos os nossos esforços espirituais para elevar os degradados e reformar uma raça pecadora? Quereis que retiremos as nossas simpatias desta grande obra de reforma espiritual e negligenciemos as necessidades humanas, para que elas se tornem ainda mais corrompidas? Quereis que desertemos os nossos santuários e templos de culto sagrado, consagrados a Deus e à sua revelação divina, e abramos as comportas da incredulidade, permitindo que esta afogue o mundo religioso e desole a Terra? Quereis que aprovemos uma investigação irrestrita sobre aquilo que os homens ignoram — cujo efeito seria uma presunção universal e uma blasfémia generalizada? Quereis que suspendamos os nossos labores benignos na grande vinha espiritual, e deixemos as vinhas, as flores e os arbustos murcharem e apodrecerem?

Acaso não temos visitado viúvas e órfãos nas suas aflições, chorado por eles e orado por eles, invocando as bênçãos do nosso Pai para que repousem sobre eles e abençoem a sua existência? Acaso não temos lamentado a condição dos pobres e necessitados? Não os temos encorajado, oferecendo o bálsamo de Galaad aos seus corações feridos e lacerados? Não proclamámos dos nossos púlpitos: 'Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados; bem-aventurados os pacificadores, porque verão a Deus'? Não oferecemos esperança, descanso e consolo ao peito desolado? Não revelámos as bênçãos da bem-aventurança celeste, indicando claramente o caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna?

Olhai para tudo isto," exclamais de novo, "e perguntai: não estamos nós a ser profundamente deturpados? Os nossos labores têm sido incessantes; sofremos privações e perigos por terra e mar. Abandonámos amigos e lares e partimos como missionários para terras estrangeiras, a fim de instruir e alertar o pobre pagão sobre o seu perigo iminente, e sobre os meios para escapar a esse destino. Fizemos estimativas do número de almas salvas e perdidas entre eles. Concluímos que cinquenta mil almas afundam-se no inferno todos os dias! Esta estimativa matemática apresentámo-la ao mundo cristianizado e esclarecido, pedindo-lhe recursos para que possamos trabalhar por estas almas pobres, ignorantes e abandonadas. Temos missionários espalhados por todos os cantos da Terra, devotados com seriedade e constância às suas tarefas. Sofrem crueldades e perseguições indescritíveis. Renunciam a todo o prazer e enfrentam toda a dor para levar a cabo a grande obra da reforma espiritual.

Com surpresa, exclamais novamente: "Quereis que retiremos as nossas simpatias dos pagãos e os deixemos à destruição irremediável?"

Depois, continuais: “Estais a interpretar mal a nossa santa religião, e chamais-lhe ‘fabricada’, enquanto sabemos que é uma revelação expressa de Deus ao homem. Os efeitos da nossa santa religião (como dissestes aos vossos leitores) são evidentemente justos, como se comprova pela grande diferença entre as nações pagãs e as cristãs. Os hindus são extremamente ignorantes. Fazem longas peregrinações; expõem-se a perigos extremos — prostram-se na areia e deixam que homens e cavalos passem por cima deles; rastejam sobre as mãos e os joelhos, e arrastam-se com uma veneração idólatra em direção ao templo de Juggernaut. O pesado carro do seu deus pagão rola sobre os seus corpos e esmaga-os. Suportam tudo isto com uma confiança e devoção à sua religião que não tem paralelo em nenhuma nação do mundo. E quando um marido amado morre, constrói-se um altar sobre o qual é colocado, e a viúva é obrigada a acompanhá-lo como sacrifício sobre a pira em chamas. As crianças são colocadas junto dos pais; a tocha é acesa, e a chama consumidora destrói vivos e mortos!

E tudo isto porque não têm a religião cristã! Então,” dizeis novamente, “refleti — pois o mundo pagão é, em geral, como estes, na sua devoção sensorial a um sistema de idolatria poluído e sem sentido.”

Referis-vos também aos filósofos pagãos e apontais as suas iniquidades infames. Afirmam que a sua moral era degradante ao mais baixo nível; que todos os princípios de virtude foram esmagados; que todos os privilégios das mulheres eram restringidos; que a sua castidade era profanada e que a sua existência era miserável. Dizeis que nunca existiu mestre algum que tenha promulgado a mesma moralidade, virtude e elevados princípios de pureza celestial como aqueles que escreveram o livro cujas verdades proclamais nos vossos púlpitos e nos vossos santuários de culto divino e instrução moral.

Mais uma vez dizeis: “Os nossos esforços são mal interpretados, e a nossa nobre vocação é injustamente falada: vede o que a nossa religião realizou! Ao emergirmos do paganismo para o mundo cristão, vemos riqueza, sabedoria e felicidade espalhadas por todo o lado. Cidades bem construídas e opulentas, governadas pelos nossos princípios morais, são visíveis, e aldeias felizes abençoam a terra, cujas torres apontam para o céu como sinal de pureza cristã e de uma nação justa. Todas as artes são cultivadas; todos os privilégios são concedidos para promover o progresso do agricultor; são oferecidas todas as facilidades para desenvolver e aperfeiçoar a navegação e todos os meios de transporte rápido. Cada homem tem liberdade de pensamento e expressão, exceto o homem negro, que permanece escravizado — porque a escravatura é sancionada pela nossa religião. E contemplai a riqueza e prosperidade da nação americana! Tudo nela floresceu desde o início, e continua a prosperar, com todas as bênçãos que uma nação pode desejar.

Vede, então, o que a nossa religião — os nossos princípios — a nossa sublime vocação — fizeram pelas nações civilizadas da Terra! E, perante tudo isto, ergueis-vos em rebelião contra os nossos esforços e a nossa profissão! Mal interpretam as nossas intenções mais sagradas, os nossos anseios mais profundos e a nossa séria devoção aos princípios da moralidade e da melhoria humana!"

A voz da Natureza responde: Abandonai os vossos esforços atuais e fundai novos, pelos quais o mundo social possa harmonizar-se, e a moralidade floresça como uma rosa, nas alturas da verdadeira elevação humana. Não cultiveis a flor da moralidade antes de plantardes a semente da indústria humana. Não comecem a construção pelo telhado, antes de terem fundado as bases na terra. Abri as comportas da infidelidade contra todas as profissões inúteis e injustas da vossa época, e estabelecei, em seu lugar, uma fidelidade às leis indestrutíveis da Natureza, e à sua moralidade divina. Deixai de lamentar pela viúva e pelo órfão — ide e trabalhai para suprir-lhes as necessidades. Cessai as longas e vãs orações e invocações, e honrai o Deus da vossa existência trabalhando na vinha de uma terra fértil — e assim abençoareis a vossa vida e a do vosso próximo com abundância e felicidade. Não há um só caso em que um suspiro tenha curado um peito ferido, ou uma oração tenha saciado um faminto.

Irmãos, as vossas intenções são boas — mas os vossos esforços são inúteis e empobrecedores para a humanidade. Depositais uma confiança ilimitada na Mente Divina e na sua providência para com as suas criaturas — e esperais que o vosso Pai celeste faça aquilo que vós mesmos podeis fazer. Pedis auxílio quando sois confrontados com as aflições dos que vos rodeiam. As vossas súplicas são puras — mas, infelizmente, são inúteis — porque, embora sérios, estais ocupados de forma imoral!

§ 17. Aprendem ainda esta verdade: que a moralidade não reside nos vossos sistemas religiosos, mas está firmemente estabelecida na Natureza e no Homem; e, se desejais elevar a humanidade, esforçai-vos por criar condições adequadas ao seu verdadeiro desenvolvimento. As orações verbais são insignificantes, ineficazes e infrutíferas — mas toda oração verdadeira e justa consiste numa devoção inabalável aos princípios da Natureza e aos ensinamentos de um Pai benevolente. Rezai, pois, em ação e em gesto, mas não com a língua, ainda que a seriedade vos incite a falar. Sede religiosamente devotos à prática — e não à teoria. Não digais mais ao homem o que ele deve fazer — ide e ajudai-o a fazê-lo.

A voz da Natureza responde novamente: o vosso sistema e profissão não estão a ser mal interpretados — pois neles residem os elementos do mal e da desunião. Observai, por exemplo, como o hindu é mais devoto à sua religião por odiar a vossa. Ele despreza as vossas ofertas hipócritas e rejeita todas as vossas inovações missionárias. É esse antagonismo que retarda o abandono do seu culto pagão e idólatra. Ele vê outras nações submersas numa fé sectária imposta por um Deus que

ele não conhece — e, por isso, sente por elas repulsa e desprezo. Os pagãos concentram o seu afeto e restringem o seu pensamento aos princípios divinizados de um deus sem voz — e tudo isto para expressar uma devoção ainda maior, em retaliação contra os invasores cristãos e os seus ensinamentos misteriosos.

Os filósofos pagãos ensinaram algumas coisas boas — mas muito mais nocivas. Acreditavam que tudo o que ensinavam era a mais alta moralidade; mas, ao mergulharem na observação sensorial, tiravam conclusões erróneas e impuras. As suas mentes acabavam de emergir de um vasto oceano de ignorância e fanatismo — e lançaram-se impulsivamente na indulgência do prazer animal desregrado. A sua sabedoria era inculta; as suas perceções, embora agudas, eram moralmente subdesenvolvidas.

Entre esses dois extremos surgiu o sistema modificado e racional contido no livro que vós, clérigos, estais a divulgar. Daí que esse livro contenha mais princípios reais e úteis do que qualquer outro conjunto de manuscritos na Terra. Aqueles que os escreveram estavam iluminados, porque os extremos da ignorância e da filosofia pagã foram um índice infalível a partir do qual se puderam deduzir verdades centrais e úteis. Nada há nesses escritos que não seja de extrema importância para a humanidade — e isto é especialmente verdade nas passagens que indicam a moralidade que nasce da indústria universal e da justiça recíproca. São simples — todos os podem ler — não precisam de ser interpretados. Foram concebidos como incentivos a um fim que todos devem ajudar a alcançar: amor ao próximo, paz na Terra, e boa vontade entre os homens. A pregação nunca realizará isso — mas a ação pode alcançá-lo em pouco tempo.

A voz da Natureza responde novamente, afirmando que os efeitos do vosso sistema, e da sua divulgação, não têm sido justos. Mas como se pode provar isto? Não é a distinção entre o mundo pagão e o mundo cristão claramente visível? — E poderá negar-se que foi o Cristianismo que causou a grande elevação de uns, tornando mais evidente a degradação dos outros?

Leitor, ao longe vislumbra-se uma figura. — É um homem idoso, cujo semblante irradia pureza e benevolência de alma. Parece um dos habitantes primitivos. O seu passo é lento e firme; a sua figura, bem proporcionada; e, com um sorriso no rosto, aproxima-se de ti. Pergunta-lhe sobre o seu nascimento e experiência, sobre o seu conhecimento das nações pagãs e civilizadas — e sobre as causas que levaram à manifesta diferença entre elas.

Em resposta, ele diz que é anglo-saxão; que conhece as causas da civilização e que pode dar-te conselhos úteis, para que possas reconhecer e perpetuar essas causas — para que os seus efeitos se tornem, no futuro, ainda mais evidentes.

Ouve agora enquanto o venerável homem partilha a sua experiência:

"Desde o início, o ser humano teve necessidades, que procurou suprir com trabalho. As suas crescentes carências levaram ao desenvolvimento das suas faculdades físicas e mentais; e isso permitiu-lhe realizar muitas invenções úteis. Impulsionado por um forte desejo, perpetuou a sua espécie — sem saber que essa era uma finalidade sábia da Natureza. No entanto, cada novo ser era útil no cultivo da terra. Os desejos naturais foram satisfeitos, as exigências sociais amplamente supridas, e a felicidade doméstica do homem tornava-se, em parte, completa — graças à sua própria indústria, invenção e desenvolvimento."

"Não passou muito tempo até que o homem lançasse a sua mente no oceano da imaginação! Sem sabedoria como leme para guiar os seus pensamentos, acabou por encalhar entre baixios, rochedos, ilhas geladas e regiões estranhas, até que, infelizmente, a sua mente, como um navio, naufragou numa costa de filosofia obscura e sombria — de onde nasceu a teologia."

"As nações continuaram, então, a melhorar fisicamente e a trabalhar, ao mesmo tempo que preservavam os destroços mentais daquele naufrágio, os quais formaram os diversos modos peculiares de adoração quimérica e imaginativa. Cada geração sucessiva confirmava as opiniões da anterior, até que as diversas nações se tornaram presas de preconceitos e ilusões, apegando-se devotamente aos seus ídolos e formas de veneração religiosa. Sacrificaram as suas vidas, os seus lares e a sua paz em defesa da sua religião.

A hostilidade sectária alastrava como fogo destruidor por toda a Terra, o que levou à invenção de armas de guerra e de todos os instrumentos de destruição pessoal e nacional. As faculdades morais e sociais do homem foram esmagadas e corrompidas. A pouca sabedoria que possuíam foi convertida em astúcia e engano — os afetos transformaram-se em amargura e vingança vingativa. E assim, o mundo ficou dividido por muros de inveja sectária e fanatismo religioso. Os pagãos, exasperados, combatiam os que se encontravam em situação mais favorável, aparentemente abençoados com um Deus e uma religião superiores."

"Os que tinham desenvolvido o intelecto e suprido plenamente as suas necessidades físicas fundaram cidades de grande riqueza e esplendor; e acreditavam que essa prosperidade vinha de Deus — não deles próprios. Com essa convicção, investiam contra os pagãos e procuravam subjugar os seus sistemas de governo social e devoção religiosa. Desta forma, nação após nação era destruída, e novas eram fundadas. Cada nação era como uma seita; cada domínio, um mundo exclusivo; e cada um empunhava a espada da vingança contra o peito do vizinho. Os homens tornaram-se tão desconfiados uns dos outros, que ergueram fortalezas, castelos e mosteiros, e construíram cidades rodeadas de muralhas intransponíveis."

§ 18. "Assim o mundo se degradou interiormente — e essa degradação expressou-se exteriormente em todas essas instituições exclusivas, castelos de defesa, cidades de suspeita e muros de vingança, sobre os quais estavam postados canhões de destruição. Tudo isto era a manifestação exterior do estado do mundo mental."

"Enquanto o mundo se encontrava nesse estado, vários manuscritos foram reunidos, provenientes de escritores diversos, historiadores e pessoas interessadas no bem-estar social da humanidade. Após essa recolha, foram votados e revotados como sendo celestiais por diversos concílios. Foram finalmente adotados como canónicos; e, desde esse momento até ao século XIX, os seus conteúdos foram depositados nos afetos, mas não no julgamento dos homens. Como os afetos são passionais, originaram um preconceito religioso que foi — e continua a ser — quase impossível de dissipar com a luz generosa da Sabedoria."

"Tal era a condição do mundo religioso, que persas, hindus e muçulmanos detestavam os cristãos, tal como os cristãos os detestavam a eles. Assim se estabeleceram linhas de demarcação entre os interesses das nações e das famílias da Terra; pois todas se opunham umas às outras, porque o Preconceito empunhava o seu cetro, e as nações curvavam-se em submissão."

"A religião cristã era, de longe, a mais aceitável aos iluminados, pelas suas puras máximas e pelos seus princípios de verdade e simpatia. Mas, pouco depois de ter sido adotada, foi mesclada com as relações sociais dos que a receberam — e assim começou a hostilidade local. Surtiram seitas, credos e denominações das muitas interpretações da Bíblia. Esta, como uma árvore, lançou ramos que se estenderam pelo ar mental, absorvendo os sentimentos, interesses e afetos dos homens. Contudo, as nações continuaram a ser laboriosas; e, por isso, uma parte do mundo progrediu imensamente. — E foi assim que a minha nação se firmou na sua condição atual."

"Assim estavam as coisas quando um homem se propôs a descobrir outras partes da Terra. Nessa altura, a navegação encontrava-se grandemente aperfeiçoada; e Cristóvão Colombo, movido por um desejo explorador, descobriu o continente americano. Estabeleceu-se o primeiro assentamento no Novo Mundo. A imigração, desde então, foi imensa. As famílias com bons hábitos sociais tornaram fértil aquela terra, dando-lhe produções úteis. Mas não tardou até que a intolerância religiosa e o despotismo em potência procurassem esmagar os direitos livres e iguais dos americanos, tentando destruir a sua paz e prosperidade com reivindicações injustas sobre os seus bens.

Inspirados por um sentimento de justiça e amor à liberdade, os habitantes prepararam-se para defender os seus direitos. Foi convocado um conselho, e um espírito nobre foi incumbido de cumprir os seus decretos. Chamaram-lhe o Filho da

Liberdade, e é conhecido e amado pela sua vigilância e pela incansável dedicação à missão que lhe foi confiada.

O conselho declarou que “todos os homens nascem livres e iguais, e são dotados de certos direitos inalienáveis, entre os quais se contam a vida, a liberdade e a busca da felicidade.” A partir daí, avançaram para quebrar as correntes do despotismo e conquistar o adversário da sua liberdade. E conseguiram. O governo republicano foi adotado pela voz do povo, e o povo ficou feliz e unido. Entretanto, surgiram várias seitas, tentando dividir os afetos da nação. E em certa medida conseguiram — prova disso são as nações civilizadas da Terra!"

Leitor, observa como o pai puritano empalidece e a sua voz vacila ao proferir esta última frase! Mas escuta — ele fala novamente:

"Irmãos e clérigos, o vosso sistema não causou esta civilização; ela foi causada pela invenção primitiva estimulada pela necessidade, e pelo posterior cultivo das faculdades sociais e intelectuais. Foi a indústria concreta, e não a pregação, que construiu as vossas belas cidades, acumulou a vossa riqueza, espalhou o vosso esplendor e desenvolveu a vossa elegância e fertilidade mental. Foi isso que desabrochou o génio das vossas naturezas e vos deu os vossos cidadãos ilustres. Mas toda a vossa desunião, os conflitos de interesses, os preconceitos, o medo de pensar e o sectarismo devem-se ao sistema que estais a promover localmente, e que procurais impor às nações pagãs.

Irmãos, deixo-vos apenas uma pergunta, e exijo uma resposta: Devem-se as causas da civilização à prevalência dos princípios cristãos? — ou à indústria concreta daqueles que mal os sabiam ler? Foram as guerras causadas pela indústria, ou pela intolerância religiosa e fanatismo? Se foi a indústria que criou a civilização, será que a propagação dos vossos princípios contribuirá para esse progresso — ou irá travá-lo? Se não, como podeis afirmar que o pagão é pecador por não ter religião, e que vós sois justos porque fostes abençoados pelo favor parcial de um Pai universal?"

O velho virou o rosto e partiu. A sua experiência e o seu conhecimento da história civil e religiosa são valiosos para a humanidade. Leitor, reflete profundamente sobre estas revelações — e decide depois se o clero e o seu sistema estão ou não mal representados.

§ 19. Muitas pessoas acreditam que os males da sociedade se devem aos vícios pessoais e às tendências constitucionais individuais, e assim impõem ao ser humano uma responsabilidade injusta, porque ele não a pode assumir. Pode até acreditar nesses princípios — mas não os consegue praticar, pois não se encontram na Natureza, nem no Homem, nem em parte alguma da constituição das criações divinas. Devido à ignorância dos pais quanto à sua própria natureza e às suas leis, a

geração seguinte cresce imperfeita, pois absorve hereditariamente vícios ou inclinações impróprias. Só nesse sentido os males da sociedade podem ser atribuídos a vícios pessoais.

Mas é verdade que o carácter humano é moldado — favorável ou desfavoravelmente, de forma perfeita ou imperfeita — pela influência das condições sociais e religiosas que o rodeiam. O ser humano é sempre um reflexo do solo que o viu nascer e da atmosfera em que se desenvolveu. Sendo assim, como pode o homem assumir a responsabilidade de ser um agente livre e autónomo, se não cria a sua própria existência, nem o seu carácter, nem a sua disposição?

A humanidade é feita dos mesmos materiais, combinados de formas diferentes, e das mesmas essências, distribuídas de modo variado — e são essas diferentes combinações que explicam a variedade entre os homens, bem como as diferenças nos seus desejos, nas suas necessidades e nas suas capacidades espirituais.

O homem não pode pensar o que quiser, quando quiser; é obrigado a criar ou procurar as influências antes de poder organizar e concentrar o seu pensamento. Para ler, é necessário um livro; para conversar, é preciso outro que escute e responda. O mesmo se aplica a todas as suas tendências físicas e mentais. Não pode amar ou odiar à vontade — pois é compelido a amar o que é amável, e não pode amar o que lhe repugna ou não se adequa à sua sensibilidade emocional. Não pode acreditar ou deixar de acreditar por simples desejo — pois a sua mente decide segundo o peso da evidência apresentada aos seus sentidos.

Assim, o homem não pode ser bom quando está rodeado de más influências. Não pode ser perfeito quando está constituído de forma imperfeita. Não pode amar quando os seus afetos são contrariados. Não pode pensar sem causas internas ou externas que estimulem o pensamento. Não pode crer sem provas suficientes; e não pode descrer quando as provas são esmagadoras. Assim, o homem é filho da Natureza, tal como a Natureza é filha da Divindade. É governado pelos seus princípios, pois eles entram na sua constituição e a compõem.

A única forma de livre-arbítrio que o homem possui é aquela que obedece à Sabedoria, dom que lhe é peculiar. E é essa Sabedoria que lhe permite agir sobre os seus próprios sentimentos, inclinações e sobre tudo aquilo que está abaixo dele na Terra. Dentro desse limite, ele é livre para agir ou não agir — e isso faz dele um ser passivo, sujeito a influências exteriores e interiores.

Então é justo que toda a humanidade conheça esta verdade importante: que o homem, na sua essência natural, é passivo, por causa da sua Sabedoria, que atua como contrapeso à Vida e ao Amor de todas as coisas criadas; e que, para tornar o homem moral, todas as influências, internas e externas, devem estar em harmonia

com a natureza da sua constituição e com as mais elevadas sugestões de uma Sabedoria iluminada. Assim é o homem, e assim é a sua relação com a Natureza, com as suas leis, e com a Mente Divina.

Leitor, se estás elevado a uma posição de honra para governar e dirigir os teus irmãos — o povo —
então o teu interesse, como as coisas estão, reside numa distribuição exclusiva de favores e privilégios para os que estão sob o teu governo. Para estares em conformidade com as leis da Natureza, a tua posição deveria ser determinada pelas tuas superiores qualificações constitucionais,
e o teu governo deveria contemplar os interesses de todos os seres vivos, sendo os privilégios distribuídos segundo as necessidades particulares de cada um. Deverias ajudar a todos — com um sentimento de benevolência irrestrita, e com uma distribuição sábia e imparcial de justiça, liberdade e direitos iguais.

Se és representante do teu Estado ou de alguma parte da Terra, o teu interesse passa por defender as medidas que beneficiam aqueles que te elegeram, legislando para as classes exclusivas e para o engrandecimento destas. Mas para estares em harmonia com a Natureza, deverias ser como um espelho imaculado, no qual se refletisse vividamente tudo o que existe no Estado ou região que representas. Então o teu governo seria igualitário, e cada pessoa teria confiança ilimitada na outra.

Se és um homem rico, o teu interesse tende a ser o de estabelecer um monopólio que mais ninguém consiga ultrapassar — para acumular ainda mais riqueza. E com isso, cometes injustiça para com os direitos dos teus semelhantes, mesmo que contribuas generosamente para o sustento de instituições educativas, para as artes, a literatura, a elegância, os asilos, os albergues e as prisões. Todo esse apoio pode vir de ti, e ainda assim não compensar a injustiça que perpetuas sobre os teus irmãos mais desfavorecidos. Para estares de acordo com a Natureza, não deverias alimentar o espírito monopolista, nem gastar tanto em instituições locais isoladas — pois cada uma delas, estando isolada, custa pelo menos um terço a mais do que custaria se fosse organizada com base num sistema de interesse recíproco e numa alma verdadeiramente benevolente.

Se és clérigo, o teu interesse está muitas vezes em limitar o pensamento e restringir a investigação espontânea e natural da mente humana. És também forçado a sufocar as tuas próprias convicções sob o peso dos preconceitos da tua congregação e da sociedade em que te inseres. Não ousas expressar as mais profundas verdades do teu julgamento — pois, se o fizesses, perderias influência, e a tua função deixaria de garantir sustento e prestígio. Para estares de acordo com a Natureza, deverias ensinar aquilo que a própria Natureza ensina, e explicar aquilo que a humanidade ainda desconhece. Deverias libertar a mente humana cultivando-lhe a Sabedoria, e não impor mistérios que ela não pode — ou não precisa — resolver.

Mesmo que verdadeiros, tais mistérios são desnecessários para os habitantes deste mundo. Deverias ensinar apenas aquilo que é praticável, que beneficia o todo, e nunca restringir a mente que tem capacidade de raciocínio. Se os pensamentos dos homens não são bem dirigidos, é teu dever cultivar-lhes a Sabedoria, para que pensem corretamente. Deverias tirar os teus textos do simples e bem-escrito Livro da Natureza, cuja linguagem todos compreendem e cujos ensinamentos todos podem receber — e então, sim, serias um verdadeiro mestre. E a tua influência purificaria e elevaria os elementos espirituais de toda a humanidade.

Se és advogado, o teu interesse depende dos vícios e distúrbios que ocorrem na sociedade.
Não estás tão dedicado à justiça, como estás a servir quem te paga melhor. Para estares em conformidade com a Natureza, deverias estar constantemente empenhado em equilibrar os movimentos da sociedade, ensinando ao mundo o valor da justiça e do amor. Deverias dedicar-te a dar justiça a quem mais dela necessita, elucidando os seus princípios a todos. E então serias uma bênção para a sociedade, e honrado com o título de pacificador — um título que ainda não podes reclamar. Deverias interessar-te pela paz e pela justiça universal; e então os princípios da Natureza estariam plenamente alinhados com os teus esforços, sancionando as tuas atividades úteis.

§ 20. Se és médico, o teu interesse está na doença e no vício, em todas as formas de infração das leis físicas, e nos abusos sociais que geram doença e fazem prosperar a tua profissão. Para estares em harmonia com a Natureza, deverias ser um bom médico, interessado na saúde do mundo inteiro, empenhado em estudar o bem dos outros, melhorando-lhes o entendimento, desvendando os mistérios do seu corpo, e dedicado diariamente a curar e a prevenir a doença. Então, espalharias cura e bênção por onde passasses, e serias abençoado por abençoares a existência dos teus irmãos.

Se és mecânico, o teu interesse reside nas invenções que reduzem e depreciam o trabalho humano.
Desejas adquirir conhecimento técnico suficiente para garantir o teu monopólio e vencer a competição do vizinho. Por isso, os teus estudos e invenções são egoístas e isolados. Para estares de acordo com a Natureza, deverias estudar as propriedades geométricas e o mecanismo de todas as coisas, e aplicar as tuas descobertas a máquinas e a tudo o que beneficie a humanidade como um todo. O trabalho não deveria ser isolado, mas coletivo. Não deveria haver rivalidade, mas sim um desejo constante de melhorar o mundo. Deste modo, supririas as tuas próprias necessidades e as dos outros, e a tua existência seria uma bênção, o teu trabalho um prazer, e a tua ocupação uma fonte de felicidade.

Se és um homem pobre, o teu interesse está num cultivo apressado e inferior da terra,

pois até os teus movimentos laborais são determinados pela recompensa que recebes.
Não tens interesse pelo trabalho em si, nem pela melhoria, nem pelas ocupações dos outros:
por isso, a tua existência é penosa e infeliz. Para estares de acordo com a Natureza, deverias sentir atração pelo trabalho, por ser ele justamente organizado e repartido. Deverias interessar-te por todas as invenções dos outros, e por tudo aquilo que embeleza e torna a terra produtiva.

A humanidade tem interesses opostos entre si, e é precisamente daí que nascem todos os incontáveis males que imperam na sociedade, manchando a beleza e a utilidade da raça humana. Sois como um homem cujos órgãos estão doentes, com necessidades que se contradizem entre si. Sois como um corpo doente por dentro, cuja enfermidade não é visível aos sentidos comuns dos homens. Esforçais-vos por manter a superfície saudável e fazer parecer que está sã e perfeita, enquanto a doença alastra entre os órgãos de forma invisível, absorvendo-se mutuamente as forças, com cada um a tentar sobrepor-se e dominar o outro.

Mas é impossível continuar com esta política de curas superficiais por muito mais tempo. As doenças e corrupções da sociedade estão a irromper e a contaminar o corpo com chagas e abominações doentias. Esforçar-se por curar essas erupções e feridas seria como um médico tentar sarar uma úlcera quando o sangue está envenenado. A humanidade, enquanto um só corpo humano, precisa de uma limpeza e renovação constitucional. Só então o corpo se erguerá até à plenitude da estatura de um homem perfeito, e tudo será saúde no interior e paz no exterior. Esforçai-vos, pois, por sentir estas verdades e aplicar os seus ensinamentos.

Não vos empenheis em manter a superfície intacta quando a doença é de raiz; renovai antes o vosso sistema, equilibrai as vossas condições, e assim harmonizai-vos uns com os outros. Sede uma irmandade e amai-vos mutuamente. Fazei isto tornando todas as coisas atrativas e a existência uma bênção. Fazei isto cumprindo o vosso destino e, assim, honrando a criação do vosso Pai que está nos céus. Fazei tudo isto, e sereis uma raça moral, unida nos sentimentos, elevada nas afeições, refinada nos sentimentos e perfeita na sabedoria. Fazei isto, e não haverá mais distinções, pois os vossos interesses e a vossa existência pessoal fundir-se-ão num Todo harmonioso. Fazei isto, e a bondade será o fruto dos vossos esforços, e a justiça o templo da vossa habitação.

Assim se prova que a sociedade e a raça humana estão doentes; e passo agora a prescrever o remédio.

Existe uma afeição mútua e constitucional entre cada partícula e cada composto do ser. Esta é a lei da associação — o princípio rudimentar da Natureza estabelecido

por Deus, que é Amor. Esta lei cria, desenvolve e aperfeiçoa o Homem — e distribui a raça, juntamente com todas as coisas criadas, por porções da Terra compatíveis com as suas respetivas naturezas e qualificações. Cada forma do mundo vegetal é distribuída segundo esta lei de afeição mútua. As árvores gigantes enraízam-se em solos e crescem em climas onde a flor delicada não consegue subsistir. Um jardim não pode existir onde há selva, pelo menos até que o solo seja cultivado e tornado fértil. Também no mundo animal, as formas delicadas não podem viver entre aquelas que são grandes, gigantescas e com hábitos distintos. O peixe não pode viver com o pássaro, nem o pássaro com o quadrúpede. Ou seja, um não pode viver do que sustenta o outro: cada um precisa de alimento diferente, o que distingue as suas necessidades e hábitos individuais.

O mesmo acontece com o mundo humano: os homens estão distribuídos por diferentes regiões da Terra e em climas distintos, sendo todas as coisas que os rodeiam adaptadas às suas constituições particulares e compatíveis com as suas exigências físicas. A lei da associação, sendo a lei rudimentar da Natureza e fluindo para dentro de todas as coisas, unindo-as, está plenamente desenvolvida na forma humana. Ela constitui os homens de modo diferente, dá-lhes diferentes paixões, inclinações e essências, e propriedades da alma. Cria a diversidade, a multiplicidade manifestada no mundo humano. Mas, embora torne os homens diferentes entre si, essa variedade é necessária para harmonizar e unir o todo. A diversidade manifesta a ordem do desenvolvimento. É o modo de progresso contínuo, a causa da felicidade e a fonte de toda a vida e energia, de toda a paixão e da sua satisfação. Por isso, a diversidade é a ordem da Natureza, a necessidade do homem e o fundamento da harmonia.

A humanidade herda os seus atributos diversos do ventre da Natureza, onde foram depositados e impregnados pelo Amor e Sabedoria de Deus. Estes atributos constituem a afinidade que o homem tem com a Natureza e com as suas dádivas, às quais tem direito. Não há paixão ou desejo humano que a Natureza não tenha providenciado meios de satisfazer, especialmente quando tais paixões ou desejos são governados pela Sabedoria, pela qual também deve ser regulada a sua satisfação. O homem tem direito à liberdade, à abundância e à felicidade, por via da Natureza. Ela lega-lhe estas coisas, apresenta-lhe a sua despensa repleta de generosas provisões, e convida-o a recebê-las, desfrutá-las e cultivá-las, sendo aquilo que ela pretendeu que ele fosse.

Esta relação inseparável entre o homem, a Natureza e os Princípios de Deus é estabelecida pela lei da associação. Não há forma de anular esta relação recíproca, nem de escapar à obrigação de obedecer às leis que a regem. Esta lei da Natureza é divina, pois é o Amor e a Vida da Divindade. Ela distribui bênçãos de forma imparcial a todos, e por cada ação proporciona uma recompensa ou punição

adequada. Não pode ser negada o absoluto desta ligação, nem é possível fugir aos efeitos provocados pela aplicação destes princípios.

O homem é, então, um filho da Natureza, acarinhado e guiado em toda a sabedoria pelas suas dádivas imutáveis. Está bem formado, bem construído e bem distribuído no seio da Natureza; e, como filho obediente, deve reconhecer essa relação e submeter-se aos seus sábios mandamentos e dispensações.

Sendo que a lei da associação une assim a Natureza ao homem e estabelece características diversas e poderosas na raça, é sobre essa base indestrutível que repousa a lei da justiça recíproca e, consequentemente, da moralidade e da felicidade. Cada ser tem, pois, direito natural à liberdade e à felicidade; e se nem todos recebem esses direitos, há injustiça em alguma parte do mundo humano. Se os desejos de um único ser não são satisfeitos, então existe uma absorção injusta e isolada nalguma parte do grande Corpo, o que constitui um prejuízo tanto para quem absorve como para os que são absorvidos.

Nem todos os homens têm os mesmos desejos, nem necessitam das mesmas formas de satisfação. Cada indivíduo possui necessidades próprias, e estas variam em grau de desenvolvimento. Daqui decorre que a felicidade deve ser concedida proporcionalmente à capacidade de cada um para apreciar e usufruir dessas bênçãos. Aqueles que possuem gratificações em excesso são tão infelizes quanto os que não têm as suas necessidades minimamente supridas. Num caso, os desejos tornam-se mórbidos, doentios e corruptos; no outro, tornam-se impetuosos e geram constantemente vícios, doenças e infelicidade. Por isso, é prejudicial a qualquer pessoa possuir mais do que pode realmente utilizar, apreciar ou tornar útil; e, por outro lado, é injusto privar alguém daquilo que é essencial à sua existência, ou de qualquer bênção que lhe seja naturalmente devida.

Para evitar a absorção injusta em qualquer parte do grande Corpo Humano, a Sabedoria dos homens deve reconhecer a lei divina da Associação. Esta lei deve ser aplicada tornando todas as posições e graus da atividade humana coerentes com os seus requisitos universais. Aqui está, então, o primeiro passo no remédio para a doença do mundo social.

Humanidade, lembrai-vos de que é necessário conhecerdes a vossa própria natureza, o vosso Criador e as leis que inseparavelmente unem e harmonizam todas as coisas criadas. Deveis iluminar-vos e sentir a força desta verdade divina; e, ao fazê-lo, começareis a remover parte da doença que agora corrói a vossa constituição mental.

A lei da Associação estabelece, assim, a harmonia e proíbe imperativamente qualquer injustiça contra tudo aquilo que está sob o seu domínio — domínio esse limitado apenas pela vastidão do espaço inconcebível.

Surge, portanto, outra verdade que deve necessariamente ser reconhecida: cada homem não tem apenas direito à liberdade, à abundância, à justiça e à felicidade, mas possui também um papel importante a desempenhar, um fim a alcançar e um destino a cumprir. Cada homem deve, portanto, ter uma posição distinta na grande estrutura da sociedade humana, e essa posição deve ser determinada pelas qualificações da sua constituição e pela sua capacidade de cumprir as obrigações que dela advêm. Deve gravitar para o seu próprio centro, de acordo com a lei da associação — isto é, para o solo, clima, ocupação e situação que mais se coadunem com as suas inclinações naturais, moldadas e guiadas pela Sabedoria.

Hoje, os homens ocupam posições para as quais não estão capacitados; por isso, tudo o que fazem é prejudicial para uns, benéfico para outros, e repugnante para si próprios. Ser forçado a ocupar-se de algo para o qual não se está preparado gera descontentamento e injustiça para com todos os que dependem do seu trabalho. No entanto, cada um tem direito a uma posição determinada pela qualidade e pelas capacidades da sua constituição.

Cada homem é, pois, um órgão do grande Corpo Humano. No estado atual das coisas, um órgão opõe-se a outro e absorve-lhe a força e a felicidade. Isto gera todos os tipos de males, dores, misérias e desorganização. Mas seria apropriado que cada indivíduo, como órgão do corpo, ocupasse uma posição em harmonia com as exigências da sua própria natureza e com a dos outros; e assim surgiria uma justiça distributiva e imparcial, que removeria a doença, renovaria e aperfeiçoaria o corpo, promovendo unidade e felicidade.

Suponhamos que um homem sofre de uma doença que afeta cada órgão por obstrução, absorção e desequilíbrio nas suas forças e essências: não seria correto remover a obstrução, eliminar a absorção e equilibrar essas forças para restaurar a saúde? Se assim é, não será igualmente correto eliminar toda absorção, obstrução e desequilíbrio na sociedade — de forma que cada homem, como um órgão do corpo, possa cumprir as suas funções próprias, ser feliz e gerar felicidade para os outros?

Um dos efeitos da lei da associação é a harmonia; e a harmonia é a alma e o elemento da música. A música representa a Ordem divina; e a Ordem é a Sabedoria da Divindade. Para estabelecer harmonia na sociedade, cada homem deve ser devidamente instruído e corretamente situado, de modo a que os seus movimentos estejam em concordância com os movimentos do todo; e assim os movimentos da humanidade serão em concerto.

Imaginemos um instrumento musical bem construído, capaz de produzir uma melodia perfeita e bela. Suponhamos também que todas as notas estão presentes, mas dispostas de forma confusa. Pensais que dessa confusão pode surgir harmonia? Ainda que todas as notas existam, se não estiverem bem posicionadas, temporizadas e concertadas, o resultado será a mais repugnante e aterradora dissonância. O mesmo se passa com a raça humana: a estrutura está perfeita; as notas estão todas presentes; mas estão mal colocadas. E disso resultam o vício, o antagonismo e a imoralidade.

O instrumento da sociedade não pode ser afinado senão por uma Sabedoria iluminada. A Sabedoria poderá organizar a sociedade e colocar cada homem numa posição compatível com a sua natureza e com as necessidades universais da humanidade. Assim que a humanidade se encontre devidamente situada, a discórdia deixará de existir, e prevalecerão a harmonia mais feliz, a moralidade, a virtude e a justiça.

O homem não tem desejos que não possam ser satisfeitos. Não possui nenhuma peculiaridade que não possa ser tornada agradável e adequada numa dada posição. E essas peculiaridades devem ser consideradas como as notas numa melodia, que o músico compõe cuidadosamente. A Sabedoria deve organizá-las em concerto, para que a melodia se revele plenamente. Não há — nem jamais haverá — um ser a mais. Mas, para que o homem cumpra o seu destino, é preciso colocá-lo na posição certa para o fazer. Torne-se a indústria atrativa; torne-se cada dispensação justa; e determine-se cada posição por qualificações específicas. Eleve-se a camada inferior da sociedade através da penetração da Sabedoria e de influências puras. Então, cada homem cumprirá a função para a qual foi destinado, e toda a contenda que hoje impera desaparecerá na harmonia do todo.

A humanidade deve ser distribuída de tal modo, e cada pessoa situada de tal forma, que a posição de cada um corresponda e esteja em harmonia com a Lei divina, tal como foi estabelecida por Deus na Natureza e no Homem, de forma imutável. Cada indivíduo deve gravitar para a posição sugerida pela sua natureza e pelas suas necessidades, assim como pelos requisitos dos seus irmãos, tanto superiores como inferiores, na Irmandade. Não deve haver restrições aos movimentos individuais, sobretudo quando esses movimentos são guiados pela sabedoria e justiça do supremo governador e diretor da sociedade humana. Cada pessoa deve estar tão harmoniosamente situada como as notas de uma peça musical bem composta; e então todo o sentimento, inclinação, julgamento, trabalho, progresso e realização intelectual corresponderão perfeitamente à lei do desenvolvimento uniforme e aos interesses combinados do Todo.

Nenhuma pessoa sobre a Terra deveria existir em situação inferior, pois isso não está de acordo com a natureza e a ordem das criações divinas. Nenhuma faculdade deveria ser reprimida por falta de liberdade mental; nenhum poder de tendência

mecânica, matemática ou filosófica deveria ser obstruído, pois a Natureza prescreve liberdade e ausência de restrições ao pensamento. O homem, portanto, deveria estar situado de tal forma que todas as suas qualidades e faculdades espirituais pudessem desenvolver-se livremente e sem limites. Para que isso se realize, os homens devem ocupar apenas aquelas posições para as quais são verdadeiramente capazes e nas quais se sintam felizes e em harmonia consigo próprios. No entanto, na realidade atual, há quem ensine sem ter tanta capacidade como muitos dos seus próprios alunos. Há quem ocupe cargos importantes por vontade do povo, mas sem possuir tanta capacidade de governar quanto aqueles que são governados possuem para se autogovernar.

E uma verdade notória entre todas as nações e em todas as épocas do mundo é que os homens mais úteis, puros, benevolentes e inteligentes são aqueles que, recebendo uma constituição perfeita ao nascer e estando naturalmente bem situados, desenvolvem um intelecto fértil que jamais provém de qualquer instituição ou método de educação superficial. Fica assim claro que os verdadeiramente bons e perfeitos, e os que mais se aproximam da verdade, são os filhos não corrompidos da Natureza. Esses espíritos possuem todas as qualificações de mecânicos, filósofos e filantropos, e amam a verdade e a sabedoria por elas mesmas, não para alcançar fama de erudição ou ascender a posições de prestígio e lucro. Por conseguinte, é justo que todos estejam perfeitamente organizados e bem posicionados, de modo que todos os movimentos humanos, quer industriais, quer mentais, correspondam à sua própria natureza e aos interesses da sociedade como um todo.

Os homens devem conhecer a lei da associação e as suas distribuições antes de poderem formar uma irmandade harmoniosa sobre a Terra. Quando os homens estiverem corretamente posicionados, de modo que o todo corresponda a um sistema de harmonia inabalável, será então revelada a lei da Ordem. Esta Ordem os unirá e refletirá também a mesma que se manifesta na estrutura do Universo. Assim, os mais imperfeitos ocuparão as posições mais baixas na sociedade; e um desenvolvimento gradual caracterizará os grupos ascendentes, até que alcancem o mais alto ponto da perfeição humana. Então, aquele que for o mais perfeito na sua constituição física e espiritual ocupará a posição mais elevada na sociedade, como governador, e infundirá Sabedoria a todo o corpo social, orientando-o com justiça de acordo com a harmonia divina e a ordem universal.

Haverá, então, uma ordem na sociedade humana em que cada grupo poderá representar um planeta. E os grupos poderão ser organizados de tal forma que os seus interesses gravitem em torno do seu próprio centro de atividade e do Templo do Conhecimento. Que o Sol da raça seja o centro de toda a sabedoria humana, cuja influência vivificante gere indústria, abundância e felicidade. Que cada grupo, sociedade ou estado seja como um planeta; e que todos se relacionem com esse Sol

central por trocas recíprocas e harmoniosas, de modo a que não haja inércia, restrição, pobreza ou infelicidade. Além disso, que cada grupo, enquanto planeta, gire dentro ou ao redor das órbitas dos outros, de acordo com a sua relação com o Sol do Conhecimento e o Centro da felicidade universal.

Cada grupo ocupará uma posição relativa ao Centro ou Sol da sociedade, determinada pelo seu grau de progresso e pelo seu ramo de atividade, para que os seus movimentos sejam úteis e bem definidos. E haverá um movimento uniforme de todos os grupos, tanto no seu interior quanto nas suas revoluções em torno do seu governador central ou Sol de atração.

As várias divisões da sociedade representarão também o Sistema Solar nas suas trocas mútuas de partículas purificadas e aperfeiçoadas. Ou seja, as pessoas que, num grupo inicial, evoluírem e se tornarem capazes de integrar outro mais avançado, devem ter permissão para ascender e ocupar as posições para as quais se tornaram aptas na escala do desenvolvimento progressivo. E essa troca mútua deve continuar por todos os grupos até ao centro de poder. Aquele que ali chegar primeiro, por qualificação natural, sucederá ao trono do governo. Assim haverá um fluxo constante de partículas (ou pessoas), tanto no centro de governo como nos extremos da sociedade.

O progresso individual, para ser puro, deve ser incessante e perpétuo. Uma pessoa na sociedade mais baixa girará por todas as posições que ali for capaz de ocupar, ascendendo da mesma forma por todas as sociedades até ao Sol ou trono da Sabedoria. Esta reciprocidade constante será uma consequência inevitável da organização da sociedade segundo a lei divina da associação. Por isso, um progresso contínuo caracterizará a sociedade humana e todos os seus elementos.

Esta troca mútua de partículas, ou indivíduos, resultará naturalmente da ordem de refinamento existente em cada grupo ou sociedade; pois o seu grau ou proximidade do centro será determinado pelas capacidades inatas e pela relação absoluta com o centro da Sabedoria. Assim, cada indivíduo sentirá uma atração natural pelo centro, e todos os seus esforços estarão concentrados em alcançar esse ponto elevado. O seu interesse residirá na pureza do seu progresso, pois a falsidade ou uma iluminação impura apenas o tornariam mais denso, fazendo com que permanecesse mais tempo numa sociedade inferior. Além disso, os indivíduos prestar-se-ão ajuda mútua, pois um auxílio recíproco, sem absorção isolada, acelerará significativamente a purificação de todos, e realizá-la-á mais de acordo com a lei natural.

Cada grupo será, por si só, um pequeno mundo — uma congregação de indivíduos afetuosos e inseparáveis, que trabalham pelo bem comum. Acumularão riqueza para o usufruto mútuo, trocarão favores entre si com o propósito de fazer com que o seu grupo supere tanto quanto possível os níveis inferiores e se aproxime, em

refinamento, dos mais elevados. Assim, estabelecer-se-ão interesses inferiores e superiores.

Cada grupo deve assemelhar-se a um planeta em todos os aspetos; pois cada planeta é uma acumulação de partículas mutuamente compatíveis, que se ajudam no processo de refinamento universal. E, assim associados, giram em uníssono ao redor do Sol ou Centro da sua existência — o mesmo deveria acontecer com cada grupo no Sistema Solar da humanidade na Terra. Cada grupo, sociedade ou estado, enquanto planeta, deve ser constituído por partículas (ou pessoas) mutuamente colaborativas, compatíveis entre si e com o sol ou centro em torno do qual todas as sociedades devem girar nos seus movimentos e esforços para avançar e atingir a perfeição.

Esta, então, deveria ser a ordem da sociedade. A humanidade passaria a representar a harmonia do Sistema Solar, no qual não se descobre qualquer perturbação, porque o grande Sol central é simultaneamente pai e governante, cuja influência penetrante mantém um equilíbrio indestrutível.

Uma vez estabelecida esta Ordem, desenvolver-se-á uma Forma. Esta será a expressão da sabedoria humana e revelará a beleza da felicidade social plenamente desenvolvida. Essa forma será como um corpo humano nas suas disposições internas e movimentos interiores, mas corresponderá externamente à estrutura do Universo. Por "Forma" entende-se o modo de preservar e perpetuar a Ordem, funcionando como um mapa onde estará registada a posição de cada pessoa na sociedade e a sua relação com o poder central.

Esta Forma não servirá apenas para manter a Ordem externa, mas também para aperfeiçoar a indústria interior e o carácter individual. Será o Corpo da Humanidade — uma representação perfeita da ordem interior, da harmonia e da associação. Será o meio pelo qual toda a humanidade poderá associar-se às belezas da Natureza e às leis de Deus, da mesma forma que o homem se relaciona com o mundo exterior através dos sentidos do corpo. E a raça humana terá uma Forma que representará perfeitamente a pureza interior, a harmonia e a beleza espiritual — um reflexo exato do seu interior, tal como o corpo humano é imagem da alma.

A humanidade sempre teve e sempre terá um Corpo, o qual representa o interior; e, por isso, é possível conhecer a Alma da sociedade observando cuidadosamente a sua Forma. Atualmente, esta forma é muito imperfeita e bastante desordenada.

Eis, pois, o plano para reorganizar a sociedade e o mundo humano: primeiro, desenvolver a Luz — ou seja, a lei da associação. Revelar os seus ensinamentos e aplicá-los à humanidade. Por esse meio, estabelecer-se-á a Vida — que é indústria,

harmonia e felicidade. Depois, o Amor perfeito reinará; pois Luz e Vida são Amor — e associação e harmonia são os efeitos legítimos do Amor, e o Amor é Deus.

Uma vez desenvolvidos estes princípios, uma Ordem será revelada na estrutura da raça humana. Esta Ordem será a norma e a lei da atividade humana e da qualificação mental. Confirmará a unidade de interesses e uma recíproca e constante troca de sentimentos, afetos e associações mentais, desde o nível mais baixo até ao mais elevado do progresso humano.

A partir disso, o mundo humano receberá uma Forma — que será a plenitude da estatura de um Homem perfeito. Esta Forma será o grande representante exterior do amor e da atividade interior, e também o meio pelo qual a grande Alma da Humanidade se poderá comunicar com as excelências das Esferas superiores. Então, estabelecer-se-ão a Ordem e a Forma, que são representantes da Sabedoria — emanando do centro do governo social e espalhando justiça distributiva pela Terra.

A sociedade encontrar-se-á, então, neste estado: Luz e Vida perfeitas, que são associação e harmonia, compondo o Amor perfeitamente desenvolvido; e Ordem e Forma, que são movimento e modo, compondo a Sabedoria plenamente realizada. Assim, a raça humana manifestará Luz e Vida, que são Amor, e Ordem e Forma, que são Sabedoria. E será estabelecida a felicidade universal — porque toda a humanidade representará a harmonia de todas as coisas criadas e expressará a majestade do Criador Divino.

§ 24. A sociedade humana não só pode representar os movimentos harmoniosos do nosso Sistema Solar e do Universo, como também pode corresponder, em todas as divisões e detalhes, aos reinos e criações uniformes da Natureza. A camada inferior do mundo humano, quando devidamente organizada, ocupará o ponto mais baixo e corresponderá à estratificação primária da Terra. As camadas ou grupos da sociedade poderão, então, ser organizados sucessivamente, uns sobre os outros, conforme a pureza e capacidade inatas, tal como é representado nas formações geológicas da esfera terrestre. E o grupo mais elevado poderá, com todas as suas excelências intelectuais e brilhantes, corresponder ao seio da Natureza, ou à última camada da Terra.

Mas a sociedade humana pode ser organizada com um plano ainda mais definido. O primeiro grupo — ou o grupo incapaz — poderá ser estruturado de forma a representar o reino mineral. Isto é, poderá ter três divisões: a primeira, a mais baixa; a segunda, intermediária; e a terceira, a mais elevada — formando um todo coeso, ao mesmo tempo que se funde naturalmente com o grupo imediatamente superior. Cada partícula do reino mineral está em constante atividade, pela qual se estabelece mutuamente o bem-estar de todas, criando um interesse recíproco que permeia o conjunto. Assim poderá funcionar o primeiro grupo ou camada inferior da

sociedade: cada um auxiliará no sustento e desenvolvimento do outro, que, por sua vez, influenciará positivamente os demais; e desta forma estabelecer-se-á uma indústria interna tão bem organizada que ninguém precisará de suportar excessivo trabalho, responsabilidades injustas ou carência das suas necessidades físicas e mentais.

O segundo grupo poderá ser estruturado de modo a corresponder ao reino vegetal, e isso pode ser alcançado mediante a compreensão das relações mútuas entre todas as plantas, e da forma como colaboram inevitavelmente para o bem comum, observando uma reciprocidade justa entre si. A sociedade, então, no seu segundo nível, será uma representação do reino vegetal.

O grupo seguinte, ascendente, poderá corresponder e representar, em todas as suas dimensões, o mundo animal e a sua harmonia. Assim, o grupo mais elevado ou central poderá corresponder à Humanidade, na sua relação com a Natureza e os diversos reinos. E como o homem é o senhor de todas as criações subordinadas, como possui a sabedoria do amor e é a coroa da perfeição material, é natural que o grupo central da sociedade humana manifeste toda a inteligência e perfeição da raça, concentradas. Esse grupo poderá ser o trono do governo humano e a fonte infalível de justiça, benevolência e liberdade. Será o centro de atração para o qual todos devem tender, e pelo qual todos serão ajudados a atingir o mais alto grau de elevação possível ao desejo da Sabedoria.

A sociedade poderá ser dividida e subdividida em tantos grupos ou famílias quanto a Sabedoria e as circunstâncias o sugerirem; e cada grupo poderá corresponder à infinita variedade contida em cada reino da Natureza. Ou seja, a camada inferior da sociedade poderá englobar tantas cidades, distritos ou estados quantos forem desejados e justificados por uma avaliação justa do carácter humano e das suas qualificações; e esses poderão, por sua vez, ser subdivididos em diversas famílias ou associações. Então corresponderão com precisão aos compostos específicos contidos no reino mineral. Há uma variedade infinita nesse reino, e cada forma possui uma existência distinta. Assim também poderá ser estruturada a sociedade: e a harmonia será a consequência inevitável, visto que a harmonia é invariavelmente manifestada no reino mineral, como resultado da sua estrutura.

Do mesmo modo, a segunda camada poderá abranger tantas partes de cidades, distritos ou estados quantas forem necessárias para se harmonizarem com a situação da camada inferior; e esta poderá representar o reino vegetal. Contudo, deve distinguir-se da inferior e da superior apenas por uma estrutura diferente — uma estrutura, porém, concebida para perpetuar o progresso individual.

Assim também com o terceiro estrato; e igualmente com o quarto, que poderá constituir o centro da família humana — quer num único continente, quer em ambos

— situado onde existam, ou possam ser criadas, todas as condições necessárias para que a sua influência se propague por todos os estratos inferiores e contribua para a sua saúde, felicidade e progresso. A partir deste centro, deverá emanar uma administração justa, pois ninguém poderá ser governador, imperador ou senhor da raça humana sem antes ter alcançado o mais elevado grau possível de sabedoria humana. Tal pessoa será capaz de dirigir e governar todos os departamentos da atividade humana, organizar e aperfeiçoar a criação de todas as conveniências, explorar e investigar todos os fenómenos, e distribuir paz, justiça e harmonia a todos, sem distinção.

A sociedade pode ser organizada desta forma, pois a estrutura e as leis da Natureza sugerem esse plano. Além disso, essas leis constituem um alicerce sobre o qual poderá ser erguido um edifício indestrutível. E todas as suas partes poderão estar unidas pelas mesmas leis, movidas pelos mesmos interesses comuns e conservadas numa harmonia constante e inalterada.

Eis, portanto, a anatomia da sociedade apresentada à contemplação e análise humanas. Trata-se apenas de uma proposta geral; e, embora verdadeira, poderá parecer impraticável a muitas mentes boas e inteligentes. A essas cabe analisar cuidadosamente os aspetos desta proposta; e se ela não se revelar verdadeira, ou mais sugestiva do que parece à primeira vista, deverá pelo menos conduzir à construção de algo melhor — e assim o seu impulso será puro, útil e um remédio para o estado atual de desorganização da sociedade humana.

Eis a cura para a doença corrosiva que habita o âmago da raça humana e que está presente em todas as sociedades, estados, nações e impérios da Terra. A doença foi revelada sem exageros; o remédio é simples e será eficaz, se for bem aplicado.

Tendo sido apresentada a sociedade na sua condição desorganizada, bem como os princípios para a reorganizar, é agora adequado explicar como esses princípios poderão ser compreendidos em breve e aplicados com eficácia — e de que modo os homens poderão avançar, sem destruir demasiados interesses ou ferir os preconceitos locais, rumo à reorganização. Isto pode ser feito sem alterar os elementos que compõem a sociedade atual, e também sem deslocar as pessoas das suas posições atuais ou destruir os seus contextos — exceto num grau limitado, ao qual estas acabarão por aderir de forma voluntária, realizando assim um verdadeiro milénio social. É importante lembrar que toda esta harmonia pode ser estabelecida sem provocar um conflito ou perturbação significativa na atual organização dos assuntos sociais.

Contudo, para que isso se concretize, uma energia viva deve inspirar todos os filantropos e todos os educadores iluminados — e estes devem dedicar-se intensamente, por algum tempo, a proclamar entre os habitantes da Terra:

"Arrependei-vos, pois o reino dos céus está próximo." Pois todos devem arrepender-se — ou seja, devem reconhecer que a justiça distributiva tem de prevalecer no mundo social antes que o reino de Deus possa vir, e que a sua vontade possa ser feita na Terra assim como é feita no céu — ou seja, em todas as esferas superiores da felicidade celestial. Tendo isso em mente, passarei agora a indicar como o grande remédio pode ser alcançado, como a doença pode ser detida e o sistema renovado, e como o reino divino pode ser estabelecido, tornando-se compreendido, aplicado e firmado entre toda a raça humana o novo céu e a nova terra, onde habita a justiça.

§ 25. Para se alcançar esse objetivo, os primeiros movimentos para elevar as relações sociais e estabelecer uma indústria individual eficaz poderão começar da seguinte forma: seis agricultores, movidos pelos princípios da caridade e pelo espírito de progresso, e desejosos de se associarem, poderão formar entre si uma associação ou corporação, com interesses combinados e um desejo mútuo de prosperidade. Devem conhecer-se bem uns aos outros, tanto nas suas qualificações físicas como mentais, e compreender até que ponto podem aproximar-se de uma unidade de interesses e quanto cada um pode contribuir para o bem-estar da associação.

Poderão estabelecer um acordo que os constitua formalmente como corporação. Este acordo deve basear-se num diagrama simples que represente as posses individuais de cada um, os seus interesses, intenções e o modo proposto de condensar e organizar o trabalho. Este instrumento de acordo deverá funcionar como um mapa, apresentando as propriedades agrícolas, os seus valores, as suas localizações, a qualidade dos solos quanto à fertilidade ou aridez, as diferentes localizações e a posição relativa de cada propriedade em relação à aldeia mais próxima, aos rios ou portos comerciais e às facilidades existentes para aceder às cidades mais populosas e prósperas. Além disso, deverá representar todos os tipos de solo, com as suas condições específicas para a produção de vegetais, aveia, centeio, trigo, cevada e milho, bem como indicar a quantidade e o estado das terras de pasto e das florestas. Será necessário realizar uma investigação clara, precisa e bem fundamentada sobre a quantidade de trabalho necessária em cada divisão de uma ou mais propriedades, a fim de as tornar férteis, produtivas, acessíveis e rentáveis.

Cada indivíduo deverá declarar com verdade e clareza os seus atuais encargos, obrigações e despesas, bem como o montante estimado de investimento necessário para elevar o estado da sua propriedade a um nível elevado de cultivo.

Este acordo deverá ser a expressão espontânea das suas mentes benevolentes e unidas, imbuídas do desejo e da intenção de remediar a separação que sofrem nas suas atividades produtivas e, ao mesmo tempo, beneficiar a comunidade.

Seis homens que possuam propriedades agrícolas em relação apropriada entre si são o número mínimo capaz de concentrar e gerar, entre eles, um poder que se faça sentir de forma clara por todos à sua volta. A este grupo inicial, poderá juntar-se qualquer número adicional, desde que a terra por eles ocupada esteja em ligação contínua e não interrompida por proprietários ou agricultores exteriores à associação.

Depois de decidirem sobre a estrutura da sua corporação, deverá ser escolhido, entre os membros, aquele que for mais competente para assumir o papel de governador, ou presidente, e também secretário responsável pelos registos. Este deve possuir qualidades para sugerir melhorias e para decidir sobre a forma mais adequada de organizar e distribuir o trabalho de forma vantajosa. Esse indivíduo deverá ser o centro à volta do qual os restantes membros gravitam ou agem em unidade, e a quem recorrerão em busca de justiça nas suas deliberações e de sensatez nas suas propostas e planos de trabalho e progresso. Este será o gestor dos assuntos da associação e funcionará como referência para toda a corporação.

Depois de se associarem espiritualmente, definirem o plano de acordo, e organizarem tudo de acordo com a situação e os interesses de cada um, torna-se adequado proceder às investigações mais rigorosas quanto ao que poderá embelezar as suas terras e restaurar a fertilidade das zonas áridas — e também quanto aos métodos mais eficazes para organizar e condensar o trabalho necessário à realização desses fins. Devem compreender a ciência da química orgânica em todas as suas ramificações, de modo a conseguirem restabelecer o equilíbrio de matéria orgânica nos solos empobrecidos e, assim, fertilizá-los e torná-los produtivos. Devem também conhecer e aplicar os ensinamentos da geologia e do magnetismo modernos à lavoura das suas terras. Precisam de aprender a não esgotar o solo das suas propriedades químicas essenciais, como infelizmente é hábito entre agricultores menos instruídos.

O solo só poderá manter a sua fertilidade e capacidade produtiva se lhe for restituída tanta matéria elementar quanto a que dele for retirada. Para sustentar a produtividade da terra, é necessário entender os princípios da geologia e da química, as qualidades dos depósitos marinhos e aluviais, a ação dos compostos de origem vegetal e animal em decomposição, a constituição da terra e da atmosfera, e a relação mútua entre ambas — bem como a sua cooperação no sentido de tornar fértil um solo pobre. Compreendendo estes princípios fundamentais e percebendo a sua aplicabilidade prática, estarão em condições de encontrar as formas mais adequadas para os pôr em prática, tornando-os rentáveis e úteis para o enriquecimento pessoal e o progresso coletivo.

Devem depois investigar os diferentes métodos de organizar e combinar o trabalho: quanto esforço deve ser investido em cada objetivo, qual o momento mais adequado

para o realizar, e quantas pessoas podem trabalhar de forma eficiente para acelerar a sua conclusão. Conhecendo estas informações e adotando os planos adequados, devem chamar em seu auxílio tantos trabalhadores quantos possam ser corretamente e lucrativamente empregados.

O tempo de trabalho não deverá ultrapassar três quartos do período de luz solar, e a função de cada trabalhador deve estar de acordo com as suas aptidões naturais e com aquilo em que deseje envolver-se.

Organizado assim, o plano de trabalho semanal poderá ser definido no final da semana anterior, permitindo a cada pessoa conhecer a tarefa que lhe será atribuída, a posição que ocupará e a quantidade de trabalho que lhe caberá realizar. Os trabalhadores deverão ser agrupados segundo a quantidade e força necessárias para concluir as tarefas estipuladas para a semana.

Cada membro da associação deverá manter um registo rigoroso das suas despesas pessoais e gerais, da quantidade de trabalho realizado em cada período de seis dias na sua propriedade, e do número de trabalhadores envolvidos. Ao fim da semana, cada um deverá apresentar ao governador um relatório fiel do trabalho recebido pelos grupos da associação.

O quarto de tempo que não for dedicado ao trabalho agrícola poderá ser reservado ao lazer individual, ao estudo, à instrução e à contemplação. Este tempo deverá ser inteiramente consagrado ao desenvolvimento mental e moral. Assim, quem trabalha, fá-lo-á com prazer e com benefício para o seu corpo, e trocará o labor manual pelo progresso mental em todos os domínios da ciência, da arte, da agricultura e da verdade espiritual.

Desta forma, o trabalho pode ser condensado, tornado atrativo, rentável e edificante. Este é o primeiro passo fundamental para estabelecer, entre os lavradores, um movimento recíproco e a possibilidade de ajudarem a si próprios e à comunidade a alcançarem uma existência mais harmoniosa e útil. Esta iniciativa poderá ser designada como uma “Associação Agrícola”. Os seus membros descobrirão que têm vantagem sobre todos os trabalhadores individuais em situação semelhante na sociedade, e que conseguirão satisfazer as necessidades de uma vila populosa com mais facilidade e rentabilidade do que qualquer comerciante, negociante ou especulador.

§ 26. A Firma, situada numa vila, povoação ou cidade próspera e populosa, deverá construir um armazém amplo e espaçoso, devidamente planeado e adaptado para receber os diversos produtos da sua atividade. Este armazém deverá estar bem localizado e preparado para acolher, da melhor forma possível, as produções abundantes dos associados, que serão distribuídas conforme as necessidades da

comunidade. Neste espaço, deverão ser depositados, com ordem, os frutos do seu trabalho, com valores correspondentes aos que a comunidade atualmente paga a comerciantes e merceeiros sob o sistema tradicional de trocas. Este armazém e os seus vastos recursos, pertencentes à Firma Agrícola, seriam um exemplo vivo das vantagens do trabalho organizado e justamente recompensado — e uma bênção para a comunidade.

A gestão deste estabelecimento poderá ser confiada a qualquer pessoa devidamente qualificada, escolhida pela associação, sendo os seus assistentes por ele indicados. Todos devem pertencer à associação e ter, em maior ou menor grau, interesse direto no seu capital e riqueza — de modo que cada indivíduo esteja comprometido com a prosperidade tanto das propriedades agrícolas como do estabelecimento. Assim, haverá uma unidade de ação que surgirá naturalmente da situação de cada membro, eliminando a fraude e promovendo a justiça e a honestidade em cada ser.

Cada agricultor deverá receber crédito proporcional ao valor do produto por si depositado e será recompensado em conformidade com o crescimento das receitas geradas. O valor de cada artigo deverá ser definido pelo consenso da totalidade da Firma. Esta será a base pela qual cada lote será avaliado ao entrar no estabelecimento, sendo o respetivo crédito atribuído ao depositante. A quantidade de produtos no armazém dependerá da produção das propriedades, e a recompensa de cada trabalhador estará relacionada com a quantidade de bens disponíveis e os benefícios daí derivados. Assim, estabelecer-se-á uma troca recíproca de interesses que garantirá a estabilidade da associação e tornará inesgotável o capital da Firma Agrícola.

O conteúdo do armazém poderá ser vendido à comunidade conforme a procura, a um preço determinado pela benevolência da Firma — que, nestas circunstâncias, poderá vender os mesmos produtos por pelo menos quinze por cento menos do que os praticados por comerciantes individuais em vilas e cidades. Ainda assim, essas produções proporcionarão aos produtores um lucro de, no mínimo, vinte e cinco por cento. E, conforme a distribuição do trabalho seja mais eficiente, esta margem poderá aumentar, podendo até duplicar.

Estabelecer-se-á assim uma deposição mútua de capital e um interesse correspondente, formando uma associação consolidada — uma espécie de monopólio justo — que forçará uma mudança na ordem vigente da indústria, do comércio e das trocas. A influência de uma associação deste tipo, bem situada, estender-se-ia naturalmente às freguesias e concelhos vizinhos, sendo sentida em várias regiões do estado. Isso atrairia outros agricultores, um após o outro, a integrar-se na associação, como forma de travar a desvalorização das suas terras e o declínio do rendimento proveniente das suas produções. Nenhum agricultor

individual conseguiria competir com a associação, e, por consequência, a sua influência expandir-se-ia continuamente, integrando cada vez mais membros.

A influência exercida sobre os membros da associação alastrar-se-ia também às populações das vilas e concelhos vizinhos; assim, por uma expansão gradual mas firme, este sistema de trabalho agrícola acabaria por abranger todo um estado. E outros estados não resistiriam à sua influência pacificadora, adotando um modo semelhante de combinar riqueza com trabalho, e interesse com energia e conhecimento.

No início, o ideal seria que associações com um mínimo de seis membros se formassem em diferentes partes das vilas, concelhos ou estados, onde existissem as condições necessárias e as circunstâncias fossem favoráveis à iniciativa. Uma vez fundadas, estas pequenas associações cresceriam até que os interesses de umas se fundissem com os de outras. No final, todo um estado poderia tornar-se uma única Firma, regida pelos mesmos princípios de justiça e trabalho, movida pelos mesmos interesses e comprometida com o progresso físico e intelectual.

O primeiro grande objetivo de tal associação seria unir interesses, riqueza, poder, simpatia e benevolência — aproximando os homens na sua natureza social e intelectual. Os interesses dos membros não estariam centrados na acumulação de riqueza desnecessária, mas sim na felicidade — que cada um alcançaria por estar inserido numa estrutura que promove a felicidade dos outros. A associação não trabalharia com o propósito de especular sobre a comunidade, mas sim para melhorar a condição dos operários e dos diversos profissionais, fornecendo-lhes aquilo de que precisam em abundância e a um preço justo, dentro das suas possibilidades.

O segundo objetivo seria combinar o trabalho de forma tão equilibrada que um homem, trabalhando o mesmo que trabalha hoje, pudesse produzir o dobro e gerar mais alimento para consumo geral. Assim, provar-se-ia que a indústria organizada é o único meio eficaz de suprir as necessidades dos consumidores, tornando o trabalho agradável, saudável, educativo e recompensador.

Outro objetivo seria aumentar a procura por mão de obra e melhorar a sua remuneração — garantindo emprego àqueles que atualmente estão desempregados, e providenciando sustento adequado para os imigrantes estrangeiros que se tornam cidadãos dos Estados Unidos e são distribuídos por vários locais do país, frequentemente sem propriedade, saúde ou alimento. Ao aumentar a procura e o valor do trabalho, a indústria tornar-se-á atrativa para quem precisa dela para sobreviver. E ao distribuir esse trabalho de forma equitativa, sábia e científica, o solo tornar-se-á mais produtivo, conseguindo, mesmo sob condições climáticas adversas, gerar colheitas suficientes para satisfazer as necessidades de toda a

associação (incluindo os trabalhadores), abastecer o armazém, cobrir todas as despesas e proporcionar uma recompensa justa e gratificante a cada membro.

Outro benefício significativo será obtido: seis quintas de dimensão média, convenientemente localizadas em relação aos portos comerciais ou às cidades, poderão produzir tanto quanto dez quintas de tamanho e qualidade equivalentes sob o sistema agrícola atual. Com uma gestão adequada, pode-se extrair de uma só propriedade três quartos a mais do que se obtém atualmente com os métodos rudimentares de cultivo. A aplicação dos princípios da química à agricultura devolveria ao solo uma produtividade e riqueza surpreendentes. Em pouco tempo, ele poderia ser restaurado ao ponto de manter o seu equilíbrio de humidade e fertilidade, e ainda suprir as necessidades crescentes da associação e da comunidade.

§ 27. Se seis quintas podem produzir tanto quanto dez produzem hoje, será então razoável supor que os diferentes imprevistos das estações do ano não destruirão mais do que aquilo que quatro quintas normalmente produzem. E, mesmo assim, as colheitas das seis ainda permaneceriam — o que asseguraria uma ampla recompensa tanto ao trabalhador como ao investidor. Nenhuma estação, por mais adversa que seja, destrói mais do que metade da produção normal dos campos. E mesmo o que resta numa colheita fraca, numa associação bem organizada, seria mais do que suficiente para satisfazer todas as necessidades e manter intactos todos os investimentos individuais.

Os homens que se dedicarem a este empreendimento não devem ter como objetivo a acumulação de dinheiro, mas sim a maior quantidade possível de felicidade. Por isso, os seis agricultores devem ser homens de elevado sentido de justiça, benevolência e simpatia — não apenas entre si, mas também em relação à situação social da comunidade em geral. Devem compreender que o dinheiro não é fonte de felicidade, que não é garantia contra a doença, a pobreza ou a miséria; que não é um verdadeiro benefício nem para os seus filhos, nem para a comunidade, nem para o mundo. Devem sentir que o dinheiro é hoje apenas objeto de fascínio individual e coletivo — uma substância inútil, que não deve atrair a atenção das mentes nobres, nem comandar a obediência da alma digna que vive por sabedoria e felicidade, e não por servidão degradante.

Com esse espírito, juntarão os seus bens individuais com o propósito de aumentar o poder, a caridade, a benevolência e a felicidade. Não devem unir-se para enriquecer individualmente ou para especular sobre os trabalhadores ou a comunidade, mas sim para aumentar a procura e a justa remuneração do trabalho, embelezar a terra aplicando princípios científicos e, assim, aperfeiçoar as suas qualidades férteis.

Esses homens devem compreender profundamente os seus próprios juízos, os seus sentimentos de benevolência e o seu desejo de união. E se cada um chegar à

conclusão de que está neste mundo para viver novamente, e que os seus verdadeiros desejos e destinos visam a obtenção da felicidade, então poderão formar uma associação invulnerável a qualquer inovação egoísta ou aristocrática. Não devem unir as suas quintas com o objetivo de obter os mesmos lucros que auferiam individualmente, mas para se sentirem como uma família, unidos nos seus interesses e no seu empreendimento — e unidos na intenção de beneficiar as classes trabalhadoras, a si próprios e a toda a comunidade.

Em justiça, não há direito a exigir um juro estipulado pela apropriação de qualquer parcela de terra, visto que o solo é uma dádiva e uma disposição da Natureza, não merecida pela existência, engenho ou esforço de qualquer ser humano. Na verdade, o trabalho é o uso e o destino do homem na Terra — especialmente quando esse trabalho é atraente, bem distribuído e justamente recompensado. Assim, a associação deve existir nos seguintes termos:

A existência, a pessoa ou o corpo de cada trabalhador deve ser considerada o único investimento real e natural no capital da Firma. A indústria de cada indivíduo é a sua contribuição pessoal de capital, pela qual ele tem direito a todas as bênçãos e necessidades reais da vida — e por essa entrega, a associação, enquanto corpo coletivo, é responsável. Desta forma, cada indivíduo sentirá interesse no trabalho realizado e nos seus resultados, e consequentemente no sucesso da ação coletiva. Somente o trabalho deve ser remunerado; o capital deve ser considerado um auxiliar — uma dádiva da Natureza — e o alicerce sobre o qual pode assentar e ser estabelecida com êxito a superestrutura proposta.

O objetivo de atribuir um valor fixo a cada artigo, e de estabelecer uma regra convencional para a criação, depósito e distribuição das produções, é facilitar o registo das transações e adaptar-se, tanto quanto possível, às práticas comerciais existentes. Além disso, tal sistema permite atribuir um valor definido a cada bem, ao trabalho e às mercadorias ou propriedades que cada membro se apropria das produções coletivas. Estas regras seriam convenientes para acompanhar, em certa medida, os costumes atuais, os preconceitos culturais e a relutância geral em transições demasiado abruptas para um novo modelo de associação baseada no trabalho e no interesse comum.

O trabalho deve ter uma recompensa definida nas regras do pacto, que seja proporcional à quantidade e natureza do trabalho realizado, bem como às circunstâncias em que o mesmo é executado — sendo cada um colocado numa função para a qual esteja capacitado. Esta regra deve aplicar-se a todos, desde o que cava a vala até ao governador da associação; e a recompensa, em todos os casos, deve ser determinada pela quantidade de trabalho cumprido por cada indivíduo, sob a sabedoria dos membros esclarecidos e com a sanção do governador.

Lembrem-se: cada membro deve estar bem situado, quer nos campos, quer nos demais departamentos da Associação Agrícola. Que seja a Sabedoria a governar a distribuição e remuneração do trabalho — não o desejo ou o impulso. Assim, o trabalho será recompensado com justiça e proporcionalidade, por meio de uma quantia convencional determinada pela sabedoria, justiça e benevolência dos primeiros associados. Estes devem ter mais interesse na alegria e felicidade do trabalhador do que no seu próprio lucro pessoal.

Compreendam, pois, que cada homem deverá trabalhar três quartos do dia, sendo creditado por isso, e terá direito a tudo o que for necessário ao seu conforto, sendo por isso devidamente debitado. Ao fim de cada estação, deverá ser apresentado a cada membro um balanço geral, indicando a quantidade de trabalho executado, a sua recompensa, os produtos recebidos, e o saldo restante após a dedução das despesas. E depois de cada trabalhador ser justamente recompensado, a riqueza restante será distribuída com justiça entre os que investiram propriedades, como justo retorno pelo seu investimento inicial.

O trabalho é a única coisa que exige, por natureza, recompensa. Um juro deve ser pago sobre o esforço despendido; e só depois disso, os capitalistas poderão receber alguma quantia — mais ou menos — como juro sobre o capital inicialmente investido. A terra não pode ser destruída, não perderá o seu valor, e nunca deixará de ser uma garantia concreta contra a pobreza. O corpo humano — o trabalhador — é o verdadeiro capital que exige remuneração da riqueza, força e abundância da associação. É o homem e o seu esforço que devem ser valorizados — não o solo, que nenhum homem pode, por direito natural, reclamar como sua propriedade exclusiva.

§ 28. E para se alinhar com o estado atual da educação e com os movimentos sociais em vigor, é necessário que a criação de um "novo céu e nova terra" seja feita com a maior prudência, suavidade e discernimento, tanto no que diz respeito à realidade presente como ao desejo de um sistema social e intelectual melhor. Por isso, é indispensável que sejam homens bons e benevolentes a dar o primeiro impulso — o que, por sua vez, obrigará o restante da sociedade a considerar e a adotar um novo modelo de organização social. Um sacrifício inicial será necessário para alcançar uma recompensa gloriosa e uma nova ordem desejável.

A maioria das pessoas opor-se-á a este sistema benevolente, considerando-o impraticável; mas isso não deve impedir os esforços de seis agricultores bem associados, nem a influência que eles exercerão sobre todos os segmentos das suas vilas, concelhos, estados, reinos e continentes.

Estes são os movimentos iniciais necessários para transformar o velho mundo num novo — em termos de interesses sociais e felicidade humana. Após funcionarem por

algumas estações, essas iniciativas tornar-se-ão sistemas plenamente concebidos e parcialmente consolidados. Novas sugestões surgirão, levando a melhorias em todas as áreas da agricultura, ciência, reforma social e bem-estar. Com o tempo, cada pessoa perceberá como pode melhorar e desenvolver os seus interesses pessoais, assim como os objetivos da benevolência universal. Assim, a sociedade passará gradualmente e quase sem notar do sistema atual para o mais elevado patamar de cultivo físico, social e intelectual — e, finalmente, atingirá a perfeição que estabelecerá a paz na Terra, o amor ao próximo e a boa vontade entre todos os homens.

Este é o princípio rudimentar sobre o qual a associação pode ser concebida e estabelecida. E ela evoluirá de um sistema para outro, em progresso contínuo, demonstrando a tendência natural da humanidade à elevação — até que a Terra produza em abundância, as quintas se assemelhem a jardins, o trabalho seja reconhecido como uma bênção, e cada membro, participando da sua bondade, cumpra o destino da sua criação. Todos associados em interesse e sabedoria, praticarão justiça distributiva — e serão felizes!

Amor, unidade, paz, poder, sabedoria, riqueza e felicidade serão os atributos naturais da constituição assim formada. E esses atributos brotarão e espalhar-se-ão pelos vários e mais elevados ramos da arte, da ciência e da mecânica. Uma vez estabelecida tal associação, haverá maior procura pela invenção, aperfeiçoamento e fabrico de instrumentos agrícolas. Isso despertará o génio de todas as mentes inventivas, pois os homens verão a necessidade de ferramentas que lavrem, embelezem e tornem fértil o solo. Essa influência estender-se-á a todos os mecânicos e aos seus variados ofícios. Consequentemente, será necessária uma associação correspondente entre os mecânicos, para que estes possam suprir as necessidades do agricultor — e para que ambas as associações possam trocar livremente os seus produtos e riquezas.

Uma associação de mecânicos, voltada para o aperfeiçoamento e aplicação de maquinaria, poderá ser composta por quinze a trinta membros. Um acordo deverá uni-los em unidade, especificando os seus investimentos, a forma de distribuir o trabalho, os tipos de tarefas, as qualificações de cada membro para as diversas áreas de trabalho mecânico, o número de horas de trabalho por dia (que, para eles, não deverá ultrapassar dois terços do período de luz solar), as vantagens comerciais e a localização da associação, que deverá ser conveniente e acessível. Tudo isto deve estar claramente estipulado no acordo.

Devem também possuir princípios mecânicos bem definidos, a serem transmitidos a todos os trabalhadores e ensinados igualmente a noviços e aprendizes. Devem compreender as necessidades do agricultor, bem como a relação entre os princípios químicos e mecânicos. Devem estudar cuidadosamente como adaptar cada

movimento do seu ofício às diversas tarefas do agricultor. E devem aprender a aperfeiçoar e condensar o trabalho, inventando e implementando maquinaria adequada aos interesses agrícolas — como serrarias, moinhos de farinha, fábricas e oficinas para a construção de utensílios agrícolas.

Uma associação de mecânicos poderá reduzir significativamente os seus encargos e despesas individuais, tornando a maquinaria acessível a todos os que dela necessitam, a um preço proporcional à acessibilidade dos produtos do solo. Atualmente, os mecânicos perdem todos os benefícios da invenção e da riqueza porque operam de forma isolada, cada um tentando competir com — ou tirar vantagem de — seu vizinho. Possuem um imenso poder e riqueza em potencial, mas, por estarem dispersos, perdem influência e rentabilidade: são fortes, mas fracos; unidos na ocupação, mas divididos na prática.

A associação resolverá todos esses males. Em vez de cada mecânico ter o seu próprio estabelecimento, assumindo despesas individuais, poderão unir-se, combinar os seus recursos, sabedoria e capacidades, e organizar os seus trabalhadores de forma conjunta. Assim, os custos de uma grande associação não ultrapassariam os de cinco oficinas independentes tal como existem hoje. Ao invés de oficinas dispersas, teriam todas concentradas num único estabelecimento bem construído, erguido pela associação, sustentado por capital conjunto e abastecido pelas vastas produções da Associação Agrícola.

Cada trabalhador poderia, com facilidade, obter sustento para si e sua família, sem receio de carência, pois haveria abundância. Impulsionado por esse espírito coletivo, cada mecânico gravitaria naturalmente para o estabelecimento comum, encontrando prazer no trabalho. A sua mente estaria livre do peso do medo, da pobreza e das necessidades domésticas. Trabalharia durante o tempo estipulado e dedicaria o restante do dia ao lazer, ao estudo, à contemplação e à investigação. Sentiria, assim, um verdadeiro interesse pelo seu labor — tanto pessoal quanto coletivo. Não se sentiria fatigado por excesso ou repetição, pois as horas de trabalho seriam um alívio dentro de uma rotina rica e diversificada. A variedade daria sentido à existência, tornando-a uma bênção. Esta seria a situação de cada membro da associação.

§ 29. Cada membro deve sentir-se envolvido no seu sucesso individual e no sucesso de todo o estabelecimento. Deve considerar o seu corpo — a sua pessoa — como capital vivo investido: o trabalho é o juro desse capital, que deve satisfazer as suas necessidades e contribuir para a riqueza da associação. Pois é importante lembrar que o trabalho, quando bem organizado, valorizado e recompensado, gera mais riqueza real do que aquilo que o sistema atual de emprego fatigante e desmotivador consegue produzir. Um homem, nesta nova estrutura, conseguiria realizar em dois terços de um dia o equivalente ao trabalho de três homens no

sistema atual. Assim, a recompensa proporcional seria suficiente para suprir todas as suas necessidades, enriquecendo também o tesouro comum da associação.

Atualmente, na forma como o trabalho está distribuído entre os mecânicos, pelo menos um terço do trabalho aparentemente feito não resulta em benefício algum — antes gera prejuízo. Existem sempre alguns que atrapalham o processo produtivo e neutralizam o esforço dos outros: o que um faz, o outro desfaz. São como uma máquina avariada, sem força motora suficiente — seja externa ou interna. Os trabalhadores são as peças dessa máquina. Como engrenagens de um sistema, devem ser organizados de forma a trabalhar em harmonia, gerando movimento útil e poder eficaz. Cada homem, como uma roda dentada na grande máquina da indústria humana, deve ser colocado com sabedoria, a fim de garantir a harmonia e a eficiência do trabalho coletivo.

Este deve ser o princípio orientador da organização laboral: no estabelecimento mecânico, cada membro terá o seu posto e função atribuídos pelo discernimento do governador, ou por um juiz qualificado em justiça e indústria. Assim, cada trabalhador assumirá uma função na máquina viva do trabalho humano, podendo auxiliar os que estão abaixo e acima dele, contribuindo para a força, riqueza e harmonia de todo o sistema.

Este estabelecimento deve estar localizado próximo a uma vila próspera ou cidade opulenta, e acessível a um porto marítimo, de modo a facilitar o comércio com as regiões fornecedoras de matérias-primas e com os centros de produção do estado ou de outros estados do continente.

O objetivo principal dos mecânicos deve ser apoiar o agricultor na sua nobre missão. Devem sentir-se envolvidos no embelezamento e aperfeiçoamento do solo, assegurando que todas as necessidades sejam satisfeitas. Uma associação assim constituída rapidamente veria os seus interesses entrelaçarem-se com os da Associação Agrícola. Os agricultores, instruídos na ciência da cultura, reconheceriam a importância imediata da invenção mecânica e da aplicação de princípios e equipamentos ao cultivo da terra. Veriam que máquinas ainda não disponíveis poderiam ser grandes aliadas. Assim, a procura por trabalho mecânico aumentaria — o que estimularia a associação a estudar, desenvolver e aperfeiçoar maquinaria para responder às exigências do solo e dos seus cultivadores.

Essa procura criaria vasto trabalho para os mecânicos, fazendo-os sentir-se parte integrante do sucesso agrícola. Esse envolvimento recíproco resultaria numa união de forças e riquezas — uma verdadeira condensação de poder — transformando tudo numa Associação Agri-Mecânica.

As necessidades físicas das multidões empregadas criariam um centro real de interesse para os diversos artífices e produtores mecânicos que atualmente operam de forma isolada na sociedade. A abundância de gado e criação resultante da agricultura beneficiaria enormemente os fabricantes de couro. Estes, por sua vez, ao adotarem princípios e melhorias semelhantes, organizariam as suas atividades de modo a acompanhar a oferta crescente e os preços proporcionais à abundância da matéria-prima. Descobririam que, dentro deste novo sistema, poderiam fabricar os seus produtos com mais facilidade, eficiência e prazer, fornecendo à comunidade artigos de qualidade a preços justos.

Os fabricantes de calçado reconheceriam, então, a conveniência e rentabilidade de se organizarem também numa associação semelhante. Uma única associação nessa área poderia ser composta por setenta e cinco a cem membros. Com uma distribuição equitativa do trabalho, conforme as capacidades e vontades de cada um, poderiam unir os seus recursos, esforços e movimentos, produzindo um terço a mais do que a mesma quantidade de homens hoje, mesmo nas melhores circunstâncias. A cada membro seria atribuída uma função específica, e ninguém seria forçado a fazer mais do que aquilo que o seu próprio interesse ditasse — sabendo que o interesse de cada um deve ser o interesse da associação.

Deveriam adotar princípios semelhantes de trabalho e investimento, como nas demais associações; e o objetivo do seu labor e produção deveria ser o de satisfazer, com a maior abundância possível, as necessidades da Associação Agri-Mecânica e dos mais desfavorecidos da sociedade. Dado que as despesas seriam reduzidas entre um terço e metade, esta forma de associação permitiria que os produtos circulassem com espontaneidade e generosidade, encorajando cada trabalhador e abençoando cada ser em carência.

Do mesmo modo, poderá formar-se uma associação de chapeleiros — com o mesmo número de membros — baseada nos mesmos princípios de investimento pessoal, interesse partilhado e trabalho. Deve igualmente estabelecer-se um movimento recíproco e harmonioso, e o seu objetivo deve, em todos os aspetos, ser semelhante ao dos fabricantes de calçado.

Do mesmo modo, os alfaiates e fabricantes de vestuário podem unir-se e tornar-se produtores de riqueza e felicidade, assentes nos mesmos princípios de reciprocidade.

Existem ainda outras ocupações de menor escala, todas as quais devem ser integradas nas três grandes associações. Essas podem ser organizadas de forma a terem os seus interesses alinhados com os das estruturas organizadas principais, conforme for delineado por aqueles que estudem profundamente os princípios da indústria social, do interesse, da riqueza e do poder.

Os homens poderão transitar do presente sistema para este novo sem sacrifícios significativos, mantendo as suas posses atuais e, com empenho e dinamismo, terão boas hipóteses de alcançar muito mais.

§ 30. No início, não há ainda meios efetivos para melhorar a condição e aliviar o trabalho das mulheres. Atualmente, cada mulher com família realiza, sozinha, um volume de tarefas que, com propriedade, poderia ser partilhado por três pessoas. A razão é clara: cada mulher vive isolada no seu esforço doméstico, enfrentando sozinha constantes desafios. O trabalho necessário em cada lar é equivalente ao de três casas, se estas estivessem mais próximas umas das outras — de tal forma que uma única máquina bem construída, operada por um pequeno grupo de mulheres, poderia realizar toda a lavagem para várias famílias.

O mesmo se aplicaria à cozedura, costura, bordado, horticultura e a toda e qualquer atividade adequada a cada mulher, consoante as suas capacidades. Tudo poderia ser feito com maior facilidade, menos constrangimentos e até com prazer. Estas melhorias fazem parte dos passos progressivos a alcançar, e ainda não devem ser plenamente exigidas, pois resultarão naturalmente dos movimentos primários propostos aos agricultores e aos mecânicos.

A ordem, estrutura e influência destas associações cooperativas estender-se-ão, inevitavelmente, às fábricas de tecidos de algodão e lã. O impacto será benéfico e transformador. Estas fábricas acabarão por reconhecer que não podem subsistir sob o atual sistema laboral, pois o poder e a riqueza das Associações Agri-Mecânicas demonstrarão a viabilidade de fundar fábricas mais humanas e produtivas. Assim, os industriais serão impelidos a agir com razão e justiça — o que, aliás, se revelará mais proveitoso e agradável do que as operações isoladas que hoje conhecem.

O resultado será uma reorganização e concentração do trabalho entre os trabalhadores fabris, com uma remuneração que lhes proporcione interesse, dignidade e felicidade.

Proprietários de quatro a seis fábricas poderão associar-se, unir os seus capitais, juntar forças e tornar-se uma poderosa entidade, cuja influência se alastrará por todos os estados e até além-fronteiras. Tal como os demais membros de associações, estes industriais reconhecerão os meios adequados para estabelecer os seus interesses e organizar o trabalho em harmonia com os dos agricultores e mecânicos.

Nos reinos estrangeiros, muitos operários são forçados a trabalhar entre dois terços e três quartos de cada dia, sem justa recompensa. A sua energia física é exaurida, o trabalho é mal direcionado e a produção pouco dignifica quem a encomenda, pois está associada a miséria, doença e morte. Uma associação poderá reorganizar essas atividades, tornando-as produtivas, agradáveis e bem remuneradas. Cada membro

terá uma posição adequada às suas aptidões em ramos distintos do trabalho, e todos poderão ser organizados em grupos, séries e funções específicas. Assim unidos, formarão uma máquina humana em movimento, altamente produtiva dos artigos que se propõem a criar.

Nas fábricas, este sistema de trabalho já alcançou certo grau de perfeição. Os industriais, por regra, aplicam mais sabedoria na distribuição de trabalho do que outros sectores. No entanto, operam ainda sob pressões e monopólios imediatos e externos, que os forçam a exigir mais trabalho do que é justo, e a reduzir a compensação — tudo em nome da sobrevivência no seio da concorrência e do mercado monopolizado.

A sua forma de associação será inspirada nas anteriores. Devem empregar os meios mais eficazes, aplicar engenho iluminado e cultivar sentimentos de justiça e benevolência. Isso assegurará harmonia nos processos, sucesso no empreendimento e unidade nos recursos, no trabalho, na riqueza e na visão coletiva.

Os interesses destes fabricantes estão tão ligados aos dos produtores de lã e algodão que não poderão prosperar sem que essa ligação se mantenha mutuamente benéfica. O aperfeiçoamento da ciência agrícola e o conhecimento das propriedades vegetais e animais darão ao cultivador um novo poder sobre o mecânico e o industrial. Ele saberá produzir com qualidade, em abundância e a baixo custo — de tal forma que nem sentirá o peso da produção.

A lã, separada por diferentes graus de qualidade, poderá ser fornecida pela Associação Agrícola em condições ideais para entrar nas máquinas e sair transformada em tecidos úteis à comunidade.

Se os industriais se recusarem a unir-se aos cultivadores, os próprios mecânicos — sendo tão próximos deles — unir-se-ão para criar as suas próprias fábricas, com fins benéficos e solidários. Assim, forçarão os restantes, mesmo os relutantes, a adaptar-se e a integrar-se na estrutura cooperativa.

Basta unir o agricultor e o mecânico em ação solidária e benevolente para que todo o mundo social se veja obrigado a seguir o exemplo ou a estabelecer ligação com as associações já em funcionamento.

Deste modo, o espírito de solidariedade irradiará da associação agrícola para os diversos sectores do comércio, da mecânica e da indústria. Uma vez lançada a semente sobre o seio fértil da terra, ela crescerá sem entrave, até que todos os demais sectores da sociedade se alinhem numa ação e interesse comuns.

§ 31. O próximo e mais importante movimento ocorrerá entre as várias profissões. O grande fardo de corrupção e doença social, originado pelas suas situações viciadas, estará então quase totalmente removido, e cada membro tornar-se-á uma engrenagem útil na grande máquina da humanidade. Os efeitos imediatos das associações precedentes far-se-ão sentir sobretudo na profissão jurídica, pois os homens terão aprendido a aplicar os princípios da justiça legal e moral nas suas próprias vidas e nas atividades dos seus diversos estabelecimentos. Já não haverá necessidade de longos e enfadonhos processos judiciais sobre propriedades pessoais ou imóveis. O volume de trabalho nos tribunais de equidade será reduzido. O exercício da justiça superficial será abandonado e desprezado; e a profissão orgulhar-se-á da queda daquilo que agora se reconhece como sendo nem justo nem benéfico na sua influência.

Poderá então formar-se uma associação desta profissão, composta por setenta e cinco a cento e cinquenta membros — cada um contribuindo com capital sob a forma de informação valiosa para o tesouro do conhecimento, o qual deverá ser preservado pela mente mais capacitada e qualificada. Estes membros não devem restringir a sua atenção exclusivamente aos princípios da jurisprudência legal e social, mas devem investigar e acumular conhecimento útil para benefício do agricultor, do mecânico e do fabricante. Devem promover a justiça na descoberta e aplicação de princípios práticos, sendo este o objetivo principal da associação jurídica. Poderão criar, segundo a sua sabedoria coletiva, uma constituição social agradável semelhante às já existentes.

É apropriado que cada membro tenha o seu próprio campo de investigação, e todos devem observar as várias mudanças de ocupação necessárias à manutenção da saúde física e ao cultivo da saúde intelectual.

O seu trabalho poderá ser distribuído da seguinte forma: quatro horas de cada dia serão dedicadas à demonstração da viabilidade dos princípios descobertos. O seu trabalho deve passar por várias Séries, umas superiores às outras, para crítica e aperfeiçoamento, até chegar ao seu governador, que terá o poder de rejeitar ou aprovar as conclusões. Numa só associação, poderão existir seis Séries. A primeira, ou Série rudimentar, deverá trabalhar nas áreas úteis da ciência elementar e da literatura. O trabalho desta Série deverá ser corrigido pela segunda, ampliado pela terceira, demonstrado pela quarta; as suas várias ramificações poderão ser desenvolvidas e a sua aplicabilidade determinada pela quinta; e tudo poderá ser rejeitado ou sancionado pela sexta, composta pelo governador e seus associados.

Assim, os princípios e descobertas fluirão, aperfeiçoados, para o agricultor e o mecânico; a sua aplicação enriquecerá o solo, abençoará o labor do agricultor, inspirará confiança ao mecânico nas bases do seu trabalho e tornará os seus esforços bem-sucedidos. A sua influência geral será adaptada às necessidades da comunidade

e os seus resultados trarão honra à profissão jurídica, ao demonstrar justiça distributiva e harmonia nos seus mais elevados modos de expressão.

Esta associação deve estar atenta e envolvida nos vários movimentos dos associacionistas. Devem esclarecer e explicar todos os princípios de justiça e cordialidade a cada membro; fazer palestras e instruir as suas mentes nos mistérios da Natureza, nas suas belezas, dádivas, ensinamentos e exigências — e em todos os princípios que cada indivíduo precisa compreender para alcançar a felicidade.

Quatro horas de cada dia devem, assim, ser ocupadas pelas várias Séries da associação jurídica. O governador deve ser o juiz supremo de equidade e harmonia, que deverá distribuir livremente entre os vários grupos de cada associação sempre que necessário. Ele e os seus associados devem ser jurados ou juízes justos de qualquer discrepância aparente que possa surgir. Todos devem confiar neles, pois os seus objetivos e interesses serão recíprocos. Não devem descansar enquanto houver qualquer elemento de insatisfação em qualquer dos diversos grupos da comunidade.

Não devem, como hoje acontece, esperar que tais distúrbios envolvam famílias e propriedades em longas e cansativas disputas; devem ser pacificadores — e agir para extinguir todas as desavenças corruptoras antes que sejam atiçadas até se tornarem chamas dissolventes de paixão e conflito social. Deste modo, não apenas ensinarão, mas praticarão os princípios da justiça distributiva, cuja influência tranquilizadora lhes trará honra e elevará cada membro nas várias associações.

O trabalho, nesta associação, será assim distribuído por quatro horas de cada dia. O restante do tempo com luz solar será dedicado ao cultivo do reino das flores, às artes belas e refinadas, aos divertimentos — a qualquer ocupação que beneficie o corpo físico e eleve o ser moral.

Uma associação assim estruturada não tardará a ser atraída pela beleza da terra. Apreciarão as suas bênçãos, e recorrerão a ela como forma de lazer e prazer, e como alívio das fadigas incessantes da satisfação material e do cansaço da atenção e emulação mental. Descobrirão no trabalho uma atração, e dedicar-se-ão, conforme a sua inclinação, às atividades agrícolas, mecânicas e de manufatura. Alguns terão uma predisposição para a invenção de maquinaria, à qual dedicarão parte do seu tempo com prazer e proveito. Outros interessar-se-ão por atividades artísticas, ocupando-se com escultura, pintura de retrato e de paisagem, e também com a expressão dos seus instintos, afeições, génio e inteligência nas diversas criações que fluirão espontaneamente da sua associação e unidade geral de interesses.

Tudo o que deve ser feito para legalizar e demonstrar os princípios de justiça à comunidade pode ser realizado no breve período de quatro horas por dia. E, em quaisquer outras atividades em que se envolvam, o seu tempo e talento serão

recompensados de acordo com todas as suas necessidades físicas e mentais, lembrando sempre que é a Sabedoria quem administra. A sua existência será útil, honrada, elevada e, em geral, purificadora para todas as classes laboriosas, ainda que humildes, mas felizes.

De imediato, o fogo desta associação será transmitido aos médicos — que formarão uma associação ou instituição semelhante, composta por um número semelhante de membros afins e bem qualificados. Esta instituição médica será dedicada à descoberta e prevenção da doença, e não à prática cansativa de curar doenças já contraídas, como sucede atualmente.

Esta instituição deverá também ser composta por seis Séries, ou estados, ou partes, tendo no centro o seu Professor e Juiz. O trabalho será distribuído entre as várias Séries de acordo com a qualificação e vontade de cada um. Os seus interesses, como um todo, corresponderão aos interesses das outras associações e das associações subordinadas.

O trabalho da primeira Série deve consistir em explorar a condição e estrutura física de cada indivíduo, comunicando as suas descobertas à segunda Série. Esta será responsável por investigar os factos e colocá-los em devida relação com o nome do indivíduo doente ou com deficiência, bem como com o grupo a que pertence. Estas informações devem ser transmitidas à terceira Série, que as analisará e entregará à quarta; esta, por sua vez, deverá indicar os tratamentos e remédios adequados e passá-los à quinta Série — que decidirá quanto à adequação do remédio à causa e natureza da doença. A sexta Série, composta pelo Juiz e pelos Professores, sancionará ou desaprovará o tratamento proposto e enviará os membros apropriados para aplicar os remédios ao paciente.

Desta forma, cada doença poderá ser descoberta, compreendida corretamente e curada de forma duradoura — o que jamais poderá ser alcançado sob o atual sistema de investigação e prática isoladas. Então todas as discussões profissionais, anátemas e condenações serão abolidas, e deixarão de existir sistemas médicos conflitantes: pois tudo será combinado num único e verdadeiro sistema, ensinado e estabelecido de acordo com a própria natureza das coisas.

§ 32. Quatro horas de cada dia podem ser assim dedicadas. O objetivo principal deverá ser manter o povo longe da transgressão, ensinando-lhes a constituição do seu ser, a necessidade de obediência e a importância da limpeza, do exercício e do discernimento, nas suas relações individuais e sociais. Cada indivíduo deve compreender a importância de exercer uma sabedoria clara e eficaz na sua vida e ocupações; e as várias associações devem providenciar todas as comodidades para o banho, a lavagem e a limpeza completa, conforme as orientações dos médicos. Devem ser regidos nas suas relações domésticas, na alimentação, e em todos os

aspetos relativos à saúde, segundo a orientação dos médicos. Tal deverá ser o trabalho dos médicos — e tais deverão ser os seus resultados.

Cada associação recompensará as instituições jurídicas e médicas proporcionalmente ao bem que realizarem nas suas quatro horas de trabalho, o qual será vasto e apreciado. O talento será profundamente valorizado e devidamente remunerado. Cada associação reconhecerá que não poderá prosperar sem a existência das profissões médica e jurídica; pois a primeira disseminará os princípios da justiça, e a segunda os benefícios da saúde e o conhecimento da fisiologia pessoal. Uma será indispensável à outra; e assim, aprovar-se-ão, ajudar-se-ão e abençoar-se-ão mutuamente nas suas atividades.

Outro objetivo da instituição médica deverá ser investigar os princípios da química, fisiologia, alopatia, homeopatia, hidropatia, magnetismo, eletricidade atmosférica e solar, e tudo o que diga respeito ao corpo humano, direta ou indiretamente. Descobrirão que cada um dos diversos sistemas de prática médica atualmente existentes contém alguma, mas não toda a verdade, apesar de cada um ser defendido como totalmente verdadeiro pelos seus respetivos profissionais. Perceberão que cada sistema reconhece certos princípios suscetíveis de aplicação altamente benéfica.

Devem então combinar todas as descobertas e ciências médicas e, a partir de uma investigação rigorosa, produzir um único e inequívoco Sistema de prática médica. Que a sua sabedoria superior direcione a aplicação de cada descoberta, princípio, prescrição, regime e método terapêutico. E, com a aprovação convencional do juiz e dos professores, será estabelecido um sistema irrefutável, capaz de prevenir, superar e erradicar todos os tipos de doenças, sejam elas orgânicas ou funcionais.

Cada Série e grau de membros deve ter o seu campo de trabalho e investigação cuidadosamente adaptado às suas capacidades, de modo que a distribuição do trabalho em toda a instituição corresponda precisamente à das associações das quais dependem e entre as quais operam.

O resto do dia pode ser dedicado a festividades sociais e a todo o tipo de exercícios ginásticos destinados a promover o vigor físico e a energia intelectual. Ou poderão participar nos vários e agradáveis ramos da agricultura, da mecânica e das artes. Poderão envolver-se em todo o tipo de divertimento, desde que uma Sabedoria lúcida sancione a justiça, conveniência e utilidade desses atos.

Deste modo poderá ser criada uma associação jurídica e médica unificada, que constituirá um centro de poder estabelecido e atraente, impossível de ser ignorado. A sua influência estender-se-á a todas as profissões relacionadas, formando com elas uma comunidade semelhante em riqueza e elevação.

E agora, será a mais elevada das profissões — pois não se moverá sem que seja compelida — obrigada a formar uma constituição semelhante, para a livre disseminação do conhecimento, o esmagamento dos preconceitos e o avanço do mundo moral e intelectual? A profissão clerical deve formar uma instituição com o propósito de promover a cultura moral e o progresso espiritual. E sendo, ou devendo ser, a mais digna de todas as profissões e indivíduos dentro da estrutura da sociedade, é necessário delinear um plano viável e adequado para a sua reforma, de modo a que possa reformar a própria sociedade.

Clérigos, reunidos em grupos de cinquenta a setenta e cinco, poderão organizar uma instituição em que cada membro (todos divididos em classes) ocupará uma posição de acordo com as necessidades do instituto e o propósito que este pretende alcançar. Esta instituição deverá ser estruturada segundo princípios semelhantes aos das demais — com membros dispostos de forma a gerar um movimento harmonioso, tanto entre si como em relação à comunidade. Deverá ser um seminário de instrução, sobretudo nas áreas mais elevadas do saber.

Deve concentrar toda a literatura, ciência, filosofia e teologia que atualmente existe nas universidades e instituições superiores de ensino. O seu objetivo deverá ser compreender a profundidade e a extensão das leis e da ciência naturais; analisar e examinar todos os “ismos” teológicos existentes; rejeitar o mal e preservar o bem contido no vasto conjunto de sistemas; compreender a teologia da Natureza e a constituição manifesta da Mente Divina; e fundir ciência, teologia, razão e filosofia num grande sistema educativo.

Devem rejeitar toda e qualquer limitação ao pensamento e à investigação, todos os preconceitos restritivos, todos os ensinamentos e sistemas profanos que atualmente permeiam o mundo intelectual; e, por fim, rejeitar tudo o que conduza à criação de seitas ou que promova distinções e preconceitos, aceitando apenas aquilo que flui espontaneamente das indicações da Natureza e das aprovações de um juízo livre e bem estruturado. Este deve ser o propósito incutido num número adequado de clérigos antes que possam reformar eficazmente o mundo social e moral e formar uma instituição sólida de conhecimento e retidão.

Com este objetivo devidamente em vista, a instituição poderá ser estabelecida nesta ordem e forma, para que tenha êxito e abençoe a sociedade: setenta e cinco membros são o número ideal para formar uma associação. Estes podem ser divididos em seis classes. Para preservar a forma e a ordem, devem estar organizados de forma progressiva uns em relação aos outros, de modo que as seis Séries representem seis degraus de desenvolvimento literário, científico e teológico, começando na classe primária e ascendendo até àquele que preside no santuário do povo.

A primeira classe deve ser composta por indivíduos qualificados, cujo grau estará acima do cargo do mais elevado médico da instituição anterior. Estes representam a etapa de transição do campo jurídico e médico para o científico e filosófico. Devem retomar os diversos temas onde os médicos os deixaram. Os resultados acumulados por eles devem ser transmitidos à segunda classe — e assim sucessivamente até à sexta, que será o imperador da justiça social. A partir daí, as vastas acumulações científicas e espirituais fluirão para as associações inferiores, que as compreenderão, adaptarão às suas necessidades, concretizarão e tornarão eminentemente úteis e práticas.

§33. Os seis Graus são todos etapas de perfeição relativa. Cada pessoa, consoante o seu avanço, poderá ser distinguida pelo brilho, gosto e elegância particulares dos seus trajes. Esta distinção deve existir para criar um atrativo pela posição de cada indivíduo, o qual se refletirá e elevará também as classes inferiores. Os membros dos vários graus devem ocupar posições de acordo com os seus desejos mais sábios e com as suas capacidades para se manterem úteis.

O edifício a ser erguido por esta instituição poderá, nas suas qualidades arquitetónicas, refletir todas as combinações superiores de beleza, utilidade, ordem, forma, adequação, harmonia e magnificência. Pode ser adornado com exemplos de todas as invenções mecânicas e arquitetónicas. A sua estrutura externa poderá representar a soma das contribuições da arte, da ciência e da arquitetura, tornando-se um modelo de magnificência — e tudo isto com o propósito importante de simbolizar o avanço desta era em relação às anteriores, e de indicar o progresso da humanidade. A estrutura deverá cativar todos os gostos e afetos, e satisfazer todos os desejos relativamente à ordem, à forma e ao esplendor; deverá ser uma representação permanente da sabedoria, riqueza, força, opulência e refinamento de toda a nação.

No seu interior, deverá possuir os atributos da alegria, do encanto, do esplendor, da conveniência e do requinte, e incorporar todas as conceções arquitetónicas do que deve ser o santuário da sabedoria e retidão humanas.

Deverá conter seis aposentos, cujas estruturas devem corresponder aos graus dos seus respetivos ocupantes. Cada câmara ou sala deve ter todas as comodidades apropriadas ao departamento da associação a que pertence; e a aparência de cada membro deverá estar de pleno acordo com a sua posição. Assim, o edifício, tanto interna como externamente, deverá estar adaptado e corresponder ao fim a que se destina — tal como os seus ocupantes aos cargos que lhes são atribuídos. Assim, toda a instituição demonstrará a harmonia da Sabedoria em plena manifestação.

O imperador, juntamente com os seus conselheiros e assessores, deverá legislar para as várias associações dentro da circunferência de ação da instituição. Devem

distribuir, sem exceção, justiça e juízo a cada indivíduo — e ser governadores, presidentes, reis ou senhores que exercem justiça e sabedoria, com base na ciência e nas sínteses de sistemas reunidos, analisados, refinados e aplicados na prática. Serão os governantes em tudo o que as classes subordinadas necessitam para serem abençoadas e felizes. Devem ter plena confiança no povo, e este, como irmãos, retribuirá esse sentimento.

As associações inferiores representarão os desenvolvimentos sucessivos da grande máquina humana de indústria e felicidade; e a mais elevada, ou instituição clerical, deverá ser a força penetrante que ativa incessantemente todos os departamentos subordinados da sociedade. Devem legislar e aplicar os princípios da moralidade, da ciência e do refinamento a cada indivíduo que deles necessite, mantendo vigilância sobre todo o "rebanho", desejando aperfeiçoar e perpetuar a unidade social, contribuindo assim para os interesses e necessidades do Todo.

Os seminários e universidades atualmente existentes não transmitem o tipo de conhecimento que a humanidade realmente necessita. Além disso, como estão isoladamente localizados e convencionalmente sustentados, não são acessíveis às classes que mais precisam de educação e refinamento. Portanto, para evitar a perpetuação desse sistema educacional, deve ser criada uma instituição conforme a proposta. Que os recursos atualmente entregues aos pastores pelas suas congregações, e os fundos investidos na construção e decoração luxuosa das igrejas e dos sistemas religiosos — individual ou coletivamente mantidos dentro de um dado território — sejam combinados e concentrados, com a força e a inteligência do povo, numa única instituição de setenta e cinco membros. Esta poderá ser sustentada com os mesmos montantes que hoje são destinados a sociedades individuais, clérigos e universidades.

Este projeto poderá ser facilmente realizado apresentando ao público um cálculo claro e uma explicação dos fundos necessários, das ações exigidas e dos benefícios que daí advirão para todos. Em cada município, condado, estado ou reino, há riqueza suficiente a ser aplicada para organizar e manter mais instituições deste género do que aquelas que serão de facto necessárias. Assim, os títulos académicos passarão a ser conferidos apenas àqueles que estejam preparados para os valorizar e aplicar de forma justa e eficaz.

Porém, a identidade das atuais instituições será dissolvida, e as suas riquezas isoladas serão redistribuídas entre os indivíduos merecedores. Essa redistribuição alcançará os asilos, os hospitais, as associações de marinheiros e os pobres de cada vila e estado; e não perderá a sua força até que, pelo trabalho de cada ser restaurado e elevado, desça até à terra — de onde brotará uma abundância em retorno para todos. Tudo isto poderá ser feito sem prejudicar seriamente o capital ou a riqueza de

qualquer pessoa na sociedade. Pelo contrário, tal enriquecerá e elevará todos à honra e à felicidade.

A única mudança necessária, por agora, é esta: as várias seitas religiosas e os seus clérigos devem, em vez de se dividirem, unir as suas forças e riquezas, bem como os seus donativos a missionários e instituições educativas isoladas. Assim, uma aliança deverá ser firmada entre todas as seitas. Os seus clérigos devem reunir-se, recebendo a mesma compensação que atualmente obtêm — ou outra quantia justa — como recompensa pelo seu labor, e formar uma instituição baseada nos princípios da justiça distributiva e da sabedoria. Aqueles que atualmente sustentam sistemas religiosos e instituições de caridade reconhecerão as vantagens de investir os seus recursos num tesouro comum como este; pois todos serão proporcionalmente enriquecidos e elevados por tal empreendimento. Deste modo, os clérigos poderão melhorar a sua posição e ascender à honra pessoal e geral, à sabedoria e à retidão.

§34. A forma e estrutura da sociedade está agora revelada. A criação dos graus ou associações agrícolas, mecânicas e industriais representa os três movimentos essenciais à sociedade, para que esta preserve a sua identidade e estabeleça uma base sólida para existir e prosperar amplamente. Estas são as formas rudimentares que devem ser consolidadas. Juntas, constituem o corpo do Amor, ou do movimento recíproco. O agricultor, o mecânico e o fabricante compõem uma trindade que forma um único corpo de indústria e de distribuição equitativa do trabalho. Estão na base, sustentam tudo o resto, e, por isso, correspondem ao princípio do Amor contido e demonstrado na natureza das criações divinas.

Então, as associações jurídica, médica e clerical formam uma trindade que compõe um Todo único, correspondente à Sabedoria. A primeira organiza todos os movimentos convencionais com base nos princípios de equidade, harmonia e viabilidade. Restaura todos os corpos pessoais e convencionais que estejam em desequilíbrio ou defeituosos, conduzindo-os a um estado de saúde e harmonia e, assim, são os agentes do reconhecimento e da manifestação da justiça imparcial nas suas diversas atuações. A segunda busca e restaura todos os sujeitos afetados por doenças, sejam elas pessoais ou coletivas, conduzindo-os à saúde e à força — e assim auxilia a profissão jurídica no seu propósito e influência. A terceira acumula ciência, arte, teologia e filosofia, tornando-as perfeitas e práticas. Estas são então disseminadas e aplicadas livremente aos membros de cada associação, conforme a sua sabedoria, desejo ou necessidade.

Por isso, a instituição clerical será o grande tribunal da justiça, o templo da liberdade e o santuário do conhecimento e da retidão. A sua influência, na prática, proclamará: "Não temais, pois trazemos boas novas de grande alegria para todo o povo." A resposta será: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade entre os homens."

Assim, as associações jurídica, médica e clerical são três partes de um único sistema que corresponde à Sabedoria. A estrutura da sociedade será, portanto, uma imitação da estrutura do Universo; e a sua Alma será semelhante à estrutura da Mente Divina, que é Amor e Sabedoria. O reino dos céus estará na terra, e sob o seu domínio cada um poderá repousar com confiança inabalável, cumprir o destino do seu ser e glorificar as bênçãos ilimitadas dos planos superiores.

As formas, simpatias e relações familiares devem ser preservadas — pois não é necessário alterar os laços conjugais existentes para que os princípios e movimentos de uma associação sejam bem-sucedidos. As diretrizes sobre estes assuntos surgirão naturalmente da sabedoria e da investigação que decorrerão dessa organização social.

Contudo, a educação, tanto primária como científica, precisa de ser essencialmente reformulada: não devem existir tantos métodos díspares de inculcar doutrinas em vez de práticas úteis nas mentes juvenis, nem princípios inúteis em vez de princípios aplicáveis. Deve haver uma unidade na educação e um progresso contínuo na forma de ensinar os jovens. E, em conformidade com as simpatias e os preconceitos atuais de cada família, o sistema educativo atual pode ser modificado de forma essencial e proveitosa do seguinte modo:

A Associação Agrícola poderá ter um departamento e sistema de instrução rudimentar para os seus jovens, no qual sejam ensinadas as regras primárias de ortografia, etimologia, sintaxe e prosódia. Este departamento deve garantir a plena formação nesta etapa inicial.

A Associação Mecânica poderá possuir um sistema educativo alinhado com o anterior, assumindo a responsabilidade da educação das crianças provenientes do nível rudimentar. Esta fase abrangerá desde a educação primária até à geografia, aritmética e matemática, compreendendo também os princípios básicos da mecânica e os fundamentos gerais da associação agri-mecânica.

Os fabricantes adotarão igualmente um sistema educativo para os seus jovens — que evoluirá a partir da educação geral da classe anterior e abrangerá diversas especializações, consistindo também em demonstrar na prática os princípios apreendidos na escola dos mecânicos.

A associação jurídica poderá ter um seminário para desenvolver os conhecimentos adquiridos nos sistemas anteriores, avançando para as matérias elementares da sua própria área.

Do mesmo modo, as associações médicas e clericais deverão avançar — sendo a última responsável por transmitir todo o tipo de conhecimento valioso possuído pela

humanidade. Deverão ensinar apenas princípios sólidos, imparciais e práticos de vida e felicidade. E as instruções fornecidas neste setor deverão ser consideradas a conclusão de toda formação útil e adequada.

As várias associações poderão estabelecer sistemas sucessivos de tal modo que, desde o agricultor até à instituição mais elevada, se complete um sistema de educação perfeito.

Será descoberto (conforme diversos autores sobre educação) que as crianças não devem ser mentalmente fatigadas com instruções oriundas de livros, monitores ou qualquer outro meio que interfira com o processo natural de desenvolvimento das suas faculdades delicadas; e que a idade ideal para a introdução formal da criança na educação escolar é entre os seis e os oito anos. Desta forma, evita-se a fadiga e preserva-se o interesse natural dos jovens pela aprendizagem.

Aos oito anos, as predisposições naturais e qualificações mentais e físicas de cada criança já estarão suficientemente desenvolvidas para indicar aos pais o tipo de educação ou ocupação mais adequada e satisfatória. Verificar-se-á que algumas crianças passarão da família de agricultores por todos os sistemas até alcançarem um alto posto no santuário do povo. Isso será determinado pelas aspirações inatas da mente, já evidentes na infância. Se uma criança nascer no seio de uma família agrícola e, à medida que as suas faculdades se desenvolvem, demonstrar interesse pela ciência e pela filosofia, e manifestar uma reverência natural, deverá passar diretamente da escola primária para a jurídica, e desta para a clerical. Se uma criança se inclinar para a profissão médica, tal inclinação deverá ser cultivada e ela deverá passar diretamente da escola primária para a instituição médica, onde receberá a formação adequada. Uma predisposição ou vocação natural nunca deverá passar despercebida pelos pais em relação a qualquer dos seus filhos. As suas convicções devem ser comunicadas à instituição para a qual a criança se sente naturalmente atraída, e esta deverá fornecer-lhe educação livremente.

§ 35. Também será constatado que algumas crianças, mesmo nascidas em famílias das profissões jurídica, médica ou clerical, poderão não ter vocação para essas áreas e, por natureza, tenderem para ocupações mecânicas ou agrícolas. Assim haverá uma troca justa e equilibrada de desejos e aptidões entre as crianças de cada associação, o que alegrará os pais e eliminará todo tipo de perturbação social da comunidade.

Com base nestes princípios, a educação em todos os níveis — baixos e elevados — será aperfeiçoada, distribuindo igualdade ou preferência a todos, de acordo com a capacidade inata e a atração natural de cada um.

Tal como os homens estão atualmente situados, a educação causa, em muitos casos, violência tanto ao corpo como à mente. Muitos dos que hoje se encontram em

funções humildes — cavando trincheiras, erguendo muros ou cultivando a terra de forma exaustiva — são, por natureza, mais aptos a ser médicos ou professores de ciência do que muitos dos que atualmente ocupam esses cargos. Muitos dos que hoje são clérigos estariam mais realizados se estivessem numa oficina ou num campo. O mesmo se verifica entre médicos, advogados, fabricantes e mecânicos. Os homens são hoje forçados, pela necessidade de subsistência, a envolver-se em atividades para as quais não têm nem vocação nem inclinação natural.

É esta a razão pela qual tantas profissões têm entre os seus membros indivíduos que desonram o ofício e prostituem a sua educação superficial. Da mesma forma, há trabalhadores rurais ou industriais que não têm êxito nas suas funções, vivem insatisfeitos, esforçam-se por fugir das suas posições e, sendo forçados a permanecer nelas, perdem todo o interesse pelas suas ocupações — deixando de ser úteis a si mesmos e à sociedade. Detalhes sobre estas verdades podem ser encontrados nos escritos de pensadores valiosos que analisaram as causas da desunião social e expuseram os erros da educação atual. No entanto, não é necessário multiplicar aqui os exemplos. Estas situações são facilmente percebidas por qualquer mente esclarecida que saiba distinguir a relação entre causa e efeito.

A associação resolveria todos estes males — não apenas cultivaria todos os interesses nobres da alma humana, mas também lhes daria uma direção verdadeira e apropriada. Os homens, atualmente dispersos em diversas formas de trabalho, seriam naturalmente atraídos para aquilo que mais se adequa à sua natureza e capacidades. As crianças seguir-se-iam inevitavelmente por esse mesmo caminho; e assim, a igualdade tornar-se-ia o mais elevado resultado de tal organização social e educativa. Toda e qualquer ferramenta necessária ao ensino e ao refinamento de cada criança e dos seus pais deve ser concebida e aplicada pelas associações superiores.

As mulheres, em cada associação, devem exercer tanto gosto e influência quanto os homens — pois são elas que inspiram os impulsos vitais ao setor masculino. Devem cultivar e expressar a sua visão do belo, como se manifesta nas artes e ciências delicadas, que devem ser objeto de especial atenção por parte das associações mais elevadas. O reino floral pode ser grandemente desenvolvido em beleza, ordem e capacidade de instrução. Todos os mais altos graus de beleza que possam ser expressos no vestuário, nos ornamentos e em diversas posses, sancionadas pela sabedoria do governador, podem ter origem nas texturas delicadas das flores. Este poderá ser o campo inicial da mulher.

A partir daí, poderão ascender às artes refinadas da pintura, bordado, e a todos os ramos superiores ligados à beleza e à grandeza, cultivando as conceções mais encantadoras da Natureza e da arte. Estas devem ser as atrações essenciais da

mulher. E ela deverá receber todas as realizações que uma sabedoria superior possa oferecer, e que instituições bem organizadas abundantemente detenham.

Assim poderá ser conduzida a educação dos jovens, tanto rapazes como raparigas; e o resultado será a completa eliminação de toda desunião atualmente causada por indivíduos colocados em posições para as quais, por natureza, não estão minimamente qualificados.

Tal deverá ser o Corpo, e os movimentos dentro dele deverão ser a Alma da sociedade. A associação superior ou clerical deverá ser o centro da justiça, da legislação e da distribuição, enquanto todas as associações subordinadas desempenharão os importantes papéis que lhes forem atribuídos. E da harmonia e unidade do todo, nascerá a **felicidade social e a elevação espiritual**.

Uma ferramenta, um dos instrumentos mais poderosos de liberdade e disseminação do pensamento, deve estar ligada à associação superior e ser parte integrante dela — trata-se da **Imprensa**. Esta empunha um cetro omnipotente sobre a mente pública e é o veículo legítimo para a disseminação de informações pessoais, locais, científicas e gerais. Um departamento de impressão deverá, assim, ser composto por um conjunto dos atuais proprietários, e operar segundo os princípios mais eficientes que a ciência da mecânica possa facilmente proporcionar. Uma grande quantidade de impressoras pode ser comandada por uma única máquina bem construída, e o trabalho pode ser distribuído de forma a que o mesmo volume de trabalho hoje realizado possa ser feito em um terço do tempo.

Isto deverá formar uma parte importante da associação superior. Os interesses dos tipógrafos devem ser concentrados no grande objetivo da unidade social e na distribuição equitativa do conhecimento. Enquanto não concordarem com este princípio, continuará a haver tanta desunião nas suas atividades como existe atualmente. Aqueles que são competentes para dirigir a mesa editorial devem perceber, de imediato, a coerência deste sistema proposto. E mais: devem usar a sua influência para divulgar os elevados princípios de magnanimidade e benevolência de espírito.

Contudo, há uma verdade particularmente marcante: se aquele que escreve para informar o público, seja em jornais ou livros, não compreende a importância destes princípios de reforma social, então não está verdadeiramente qualificado para o cargo que, por circunstâncias, se vê forçado a ocupar. Não se pode esperar que o movimento se inicie nesta classe — ele só poderá nascer das classes laboriosas, os agricultores e os mecânicos, que, uma vez organizados, atrairão o mundo social para o seu abraço associativo.

O comércio tal como hoje existe será profundamente transformado. Os bens vendidos pelo merceeiro serão fornecidos diretamente pelos estabelecimentos agrícolas. Isso forçará os profissionais deste ramo a reunir-se numa grande associação, ou a integrar os vários tipos de trabalho praticados pelas seis associações. O mesmo acontecerá com os que atualmente vendem produtos manufaturados: pois os fabricantes terão também os seus próprios estabelecimentos, a partir dos quais distribuirão os seus produtos consoante as exigências crescentes. Isto será mais conveniente e lucrativo do que fazer com que os seus produtos passem pelas mãos dos comerciantes, que apenas acrescentam margens de lucro até que os preços finais quase duplicam o custo original dos bens.

Os mecânicos dispersos nas vilas e cidades também serão atraídos para as associações — pois não conseguirão existir separadamente delas.

§ 36. Finalmente, os movimentos rudimentares da associação devem começar com base nestes princípios suaves e progressivos; e, assim, modificarão gradualmente o sistema atual até que ele se transforme num novo. Este plano não ofenderá os preconceitos estabelecidos, nem perturbará as relações atuais entre famílias, amigos ou organizações sociais; pelo contrário, dirigirá-se àqueles que já estão preparados e dispostos a embarcar imediatamente neste grandioso e edificante projeto de reforma social e moral.

Não me compete agora entrar em detalhes sobre as fases avançadas da reorganização ou os movimentos que serão necessários — pois estes pertencem ao futuro e ao estudo atento dos seus divulgadores. A sabedoria e as circunstâncias regerão os detalhes das várias associações; e, por isso, seria prematuro tentar agora expor o assunto em maior profundidade.

A maquinaria, a estrutura e os movimentos iniciais foram aqui sugeridos e explicados; e se forem obedecidos nas suas orientações essenciais, as consequências legítimas serão a **paz e a felicidade** que a humanidade tanto deseja.

Esta será a era da paz. E, por mais notável que pareça, é verdade que os escritores mais proeminentes, desde os tempos de Confúcio e Zoroastro até ao século presente, falaram deste período com grande júbilo profético. Cada um contribuiu com princípios verdadeiros e aplicáveis. Estes princípios descem desde os filósofos pagãos, fluem pelo Antigo e pelo Novo Testamento e continuam a ser apresentados sob diversas formas nos dias de hoje.

Swedenborg foi aquele que mais fez para reunir, filtrar e preservar os ensinamentos úteis de cada nação, formando com eles um sistema praticável e acessível a toda a mente. No entanto, esse sistema ainda não pode ser plenamente compreendido nem

aplicado até que a Associação Superior esteja formada e a sua sabedoria seja canalizada com o propósito de acumular e aplicar todas as verdades.

Anteriormente, referi-me às várias revelações oferecidas por homens em cada século, dentro dos limites da cronologia nacional. Os seus ensinamentos, no essencial, são importantes. Mas só podem ser comprovados e aplicados com proveito após a sociedade se ter reorganizado numa relação mais próxima, harmoniosa e coerente.

Agora, torna-se evidente que os ensinamentos de Jesus descreviam os efeitos que fluirão naturalmente de uma organização social como a aqui proposta. Também os profetas partilhavam essas antecipações gloriosas de efeitos a serem um dia vividos na Terra. No entanto, os homens não souberam distinguir, ao examinar os seus ensinamentos, a diferença entre causa e efeito. Confundiram-nos, e, geralmente, tomam os efeitos descritos por ele como se fossem causas fundamentais para reformar a sociedade. A regra de ouro, o sentimento de fraternidade, o amor ao próximo — tudo isso não são causas, mas efeitos que se concretizarão em breve no mundo.

Jesus ensinou o que *deveria* existir, não aquilo que *o produziria*; falou de efeitos, não de causas. Falou de unidade, de consolação espiritual, de elevação e felicidade — mas não abordou diretamente os males sociais, as suas causas, nem os meios para os remover.

Assim, aquele que ama e admira os ensinamentos desse grande e glorioso Reformador deve abandonar de imediato a pregação apenas dos efeitos, e aplicar a sua sabedoria na reconstrução da sociedade — introduzindo as causas que harmonizarão os interesses sociais, de forma que esses efeitos tão desejados possam finalmente tornar-se realidade. Quem quiser honrar o seu Mestre (ou seja, o símbolo da humanidade, que é Jesus), deve abandonar o discurso vazio e passar à ação. Pregar com ações, não com palavras. Cessar as orações sem sentido e descer aos abismos do sofrimento social e da desolação para estender a mão ao necessitado — esse gesto é uma oração divinamente manifesta.

Deve-se distinguir entre as *causas* do mal social e os *efeitos* da bondade fraterna e da caridade, os quais foram os únicos verdadeiramente descritos pelo elevado Reformador moral. Quando isso for compreendido, ninguém será chamado herege por propor movimentos de reforma que não estejam diretamente mencionados nas palavras de Jesus — pois é certo que ninguém pode ultrapassar, mesmo nas mais elevadas imaginações sobre paz e unidade social, os princípios que ele ensinou, pois estes são os mais elevados princípios de reciprocidade social e moral. Uma vez reconhecido isto, ficará claro que honra os ensinamentos de Jesus aquele que age na

criação de princípios e movimentos de reforma com vista a estabelecer, de forma plena e duradoura, o grande efeito do amor ao próximo.

É necessário recorrer aos escritos de Charles Fourier, para apresentar o seu sistema social ao mundo, de modo a que a humanidade o possa investigar e emitir um juízo justo sobre a sua veracidade, moralidade e viabilidade. É impossível evitar a conclusão de que ele revelou muitas causas e princípios verdadeiros de reforma que, em certa medida, deverão ser praticados antes que o reino dos céus possa ser estabelecido na Terra. Sinto-me, então, compelido a sugerir que todos os que se dedicarem à reforma social devem reunir os diversos princípios e sugestões dos autores morais e filosóficos. Devem descobrir quanta verdade real cada autor contém, como essa verdade se relaciona com os males atuais, qual o alcance da sua aplicação e que resultados podem ser obtidos com a sua prática.

Os grandes movimentos da atualidade estão todos a conduzir o público a esta desejada realização. Os esforços pela abolição da escravatura; os movimentos pela revogação da pena de morte; a reforma da disciplina prisional; a causa da temperança; a crescente tolerância entre as diversas seitas; a exigência pública por alívio das angústias sociais e mentais; as agitações em várias partes da Europa; a elevação da moral pública; as crescentes simpatias para com os pobres e marginalizados; o clamor dos escoceses em favor dos seus necessitados; a situação da França; as investigações liberais na Alemanha; as escavações e estudos dos túmulos e monumentos do Egito, revelando verdades da antiguidade nacional; a supremacia dos factos sobre a imaginação, e da verdade sobre o erro; a condição geral do mundo pagão; e, por fim, os movimentos sociais, científicos e espirituais em todas as nações do globo — todos anunciam a chegada desta era sublime.

O nosso país, os seus interesses, a sua riqueza e o seu governo estão profundamente envolvidos numa guerra que destrói a paz — cujas consequências provocarão uma poderosa reação na mente pública; e isto apressará a aceitação e aplicação destes princípios. A era está próxima: o dia do juízo, em que a sabedoria dominará, está prestes a chegar — e com ele desaparecerão a ignorância, o erro, o preconceito e o fanatismo da face da Terra. Uma revolução geral está iminente. Ela já começou — e a Sabedoria avivará as faíscas até se tornarem chama, e essa chama consumirá a discórdia e o pecado, trazendo uma humanidade purificada, elevada, feliz.

Essa é a chama do Amor — a vingança consumidora da Verdade e da Bondade. Pois é um facto: sempre que uma nova verdade é apresentada ao mundo, por mais gentil, bela e fascinante que seja, ela inevitavelmente confronta-se com preconceitos enraizados, que ardem como um fogo de vingança. Daí a sua oposição: e esse conflito demonstra claramente a diferença entre a verdade e o erro, entre a razão e o fanatismo. Mas o horizonte está limpo — o fogo purificador do Amor, da Verdade e

do Conhecimento consumirá tudo o mais, e a vingança só será vista no choque dos preconceitos que se dissolvem perante a luz.

§ 37. Tal é a era prevista por David, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Zacarias e Malaquias. Tal foi o período impresso nas mentes de Confúcio, Zoroastro, Brama, Jesus, Maomé, Fourier, e de escritores — homens e mulheres — em todos os séculos até aos dias de hoje. Foi cantada nos hinos órficos do Egito, descrita pelos poetas e filósofos pagãos, pregada e antecipada por Paulo, e simbolicamente retratada por João no Apocalipse. É essa era que consola todos os que anseiam por uma reforma social, que inspira os corações dos filantropos, que consola os oprimidos, dá esperança aos inquietos, promessa aos filósofos e refúgio aos admiradores da Natureza e adoradores das suas manifestações.

Inúmeros estímulos foram apresentados para aspirar a esta sublime realização: pois os recantos mais profundos e secretos da Natureza foram explorados e as suas imensas riquezas reveladas. A magnificência do Universo material — as suas energias eternas, qualidades, essências e combinações de beleza — foram desvendadas sem exagero. Desde o poder central da criação terrestre, passando pelos graus sucessivos de desenvolvimento, as manifestações de cada etapa, os resultados de cada criação, até à constância e aplicabilidade das suas leis e ensinamentos, tudo foi apresentado na sua grandiosidade encantadora. A criação da Terra; a forma, essência e produção de cada reino; a concentração geral do poder na criação do ser humano; os seus atributos, qualificações sociais e espirituais; o seu exercício justo e ilimitado de autoridade sobre as criações inferiores; as posições relativas entre o homem e as restantes criaturas — e a unidade, ordem, sabedoria e excelência de todas as manifestações divinas — tudo isto foi revelado ao homem.

Mais ainda: a grandiosidade assombrosa das moradas espirituais foi refletida sobre a sua visão interior. As suas atrações celestiais, as suas dádivas e exigências, foram apresentadas ao intelecto desperto e recetivo. A arquitetura sublime de tudo o que é terrestre e celeste foi apresentada de forma verdadeira, com o propósito de impulsionar o homem para cima, no aperfeiçoamento da sua vida natural e do seu ser espiritual.

As leis da Natureza foram claramente expostas, e delas pode extrair-se um código justo e virtuoso de governo social. Estas leis foram aplicadas à sociedade, e foram dadas orientações para a sua prática. A sociedade foi estruturada para refletir as criações materiais e espirituais da Mente Divina — de forma que uma harmonia igual possa envolvê-la, restaurando a raça humana, desunida e em conflito, ao seio da Natureza, aos seus princípios e ao amor de Deus.

Então, cultivadores da terra — agricultores — quem, entre vós, será o primeiro a lançar o germe da felicidade social e a abençoar os seus irmãos? Tantos como sois,

não haverá entre vós seis prontos, no cultivo social e moral, para embarcar nesta gloriosa missão? Mecânicos, quem de vós demonstrará primeiro a justiça da vossa causa, o valor da vossa arte — como expressão da própria arte da Natureza? Quem entre vós defenderá a justiça distributiva, o trabalho atrativo, e uma compensação justa? Fabricantes, não concentrareis a vossa riqueza e poder para o bem comum, e para ajudar todos os que trabalham no campo da indústria e da felicidade?

Advogados, quem de vós dará o primeiro passo e promulgará estes princípios de associação, justiça e fraternidade humana? Quem está pronto para ocupar o honroso lugar de governo, para ser juiz supremo? Quem trará à luz as suas energias e força mental para alcançar este fim tão desejado? Médicos, entre vós, quem será o grande professor e governador desta elevada e útil profissão? Quem ascenderá aos vários graus de honra e utilidade? Clérigos, qual entre vós está capacitado para ser o grande rei e senhor da retidão social — tal como será derivada das leis da Natureza e abrangerá todo ser humano sobre a Terra? Quem serão os que se reunirão para legislar pelo povo? Quem demonstrará, por atos concretos, que é nobre por natureza e filantropo na ação? Quem entre vós sairá para disseminar os princípios da reforma social, pregar o reino dos céus, espalhar conhecimento e elevar os oprimidos? De vós e dos vossos santos atos depende o sucesso desses ensinamentos que têm sido o fardo das mentes mais lúcidas — e que tantas vezes foram reprimidos por falta de liberdade mental.

Agricultores, mecânicos, fabricantes — não sentis a importância de mudar a vossa situação e a dos vossos trabalhadores? De suprir todas as necessidades e estabelecer uma indústria universal? Advogados, médicos, clérigos — não sentis o poder das verdades da Natureza? Não vedes que elas são imortais e não podem morrer? Dai ouvidos às suas proclamações e advertências, e começai por mudar as vossas posições na vida, procurando representar na Terra as sociedades celestes. A Natureza exige obediência. Dela e das suas leis depende a vossa felicidade ou miséria. Ela proclama por toda parte esta verdade: que em suas mãos está a punição de cada vício e a recompensa de cada virtude; que em seu seio existem provisões e sustento inesgotáveis para todas as criaturas — mas estas devem curvar-se em submissão às suas ordens para receber as suas dádivas espontâneas.

Por fim, deixo-vos a interrogar a Natureza e a Mente Divina, para decidirdes se o erro reinará no lugar da verdade, o vício em vez da virtude, a miséria em vez da felicidade, ou a contenda em vez da harmonia. Vejo que as vossas perguntas serão plenamente respondidas, a vossa razão convencida, as vossas mentes elevadas, os vossos movimentos justos, rápidos e imediatos. E o resultado será o desaparecimento de toda a tristeza e o surgimento de uma alegria indizível e bênçãos imensas. Uma vez isto cumprido, eis que os campos incultos, as florestas densas e sombrias, os pântanos intransitáveis, os desertos áridos e as selvas sombrias tornam-

se belos jardins, cheios dos mais sublimes frutos da Terra. Aldeias felizes multiplicam-se em todas as direções. Os vales estão repletos da abundância da vida e do labor. Até os vales são elevados, os caminhos ásperos são suavizados, os tortuosos tornados retos e belos, e todas as nações rejubilam em unidade social e retidão.

Inúmeras contribuições de ciência e arte emergem de cada aldeia. Em cada continente, as nações comunicam entre si pelo fogo elétrico. Máquinas poderosas estão em ação, aperfeiçoando o comércio, a conveniência, a segurança, a riqueza e a ciência. Todos os portos estão abertos, e cada região usufrui das bênçãos do livre intercâmbio com todas as outras. Trocas mútuas são feitas, a justiça recíproca é visível, e uma auréola de paz coroa cada nação. Os desertos são cultivados e produzem com abundância. O ermo floresce como a rosa. A Terra é um paraíso terrestre, povoado por seres elevados que, nas suas vidas, tipificam a grandeza e a santidade do Paraíso. Toda a contenda, todo o conflito e animosidade entre nações cessaram para sempre. A bandeira da Liberdade está hasteada, o oceano da Verdade eleva-se, e a fonte do Amor brota na Terra, fluindo para a vida eterna.

Eis que cada filho do Eterno trabalha com prazer — seja no campo, nos laboratórios da ciência, nos tribunais de justiça, no templo da saúde ou no santuário da paz e do amor fraterno! Cada um está no lugar que lhe é designado por Natureza e pelo seu Criador. O seu reino veio, a sua vontade é feita na Terra como no Céu — e todos descansam mesmo enquanto embelezam e cultivam o solo. Força, opulência, grandeza e glória são visíveis em todos os domínios da vida social. Ninguém está fraco, deprimido ou doente: todos são fortes, elevados, saudáveis. O milénio — o dia da paz — a era da justiça — está estabelecida. Tudo proclama glória, honra e vida imortal. Nada se perde — tudo é salvo. Aquele que reina omnipotente falou desde os desertos solitários, desde os monumentos e perseguições dos tempos antigos. Revelou o seu carácter em cada partícula, folha, flor e árvore, e arcou os céus com a sua glória. Imprimiu no homem a imagem viva da sua natureza e atributos. Coroou-o como senhor da criação. Elevou, refinou e aperfeiçoou a outrora mal dirigida raça humana, conduzindo-a à plenitude da estatura de um ser perfeito!

Tal será a aparência da Terra dentro em pouco! A visão anuncia prosperidade e paz. É por este objetivo que todos devem trabalhar; é um fim ainda por alcançar — mas que será alcançado. E quem, entre vós, irmãos, lançará a semente, estabelecerá o núcleo — o poder central — da justiça? A vossa razão, os vossos intelectos límpidos, vos conduzirão. Para provardes a vossa superioridade, a vossa nobreza inata e a bondade de alma, não permaneçais inertes na dor, quando podeis ser ativos em alegria eterna. Tudo o que foi prometido ao longo dos séculos a este século será plenamente realizado. Quando a justiça distributiva envolver o mundo social, então a virtude e a moralidade florescerão com uma beleza imortal. O Sol da Justiça

surgirá no horizonte da indústria universal e espalhará os seus raios benéficos sobre todos os campos da paz, da abundância e da felicidade humana!